



O MUNDO
DO LIVRO

11-L. da Trindade-13
Telef. 36 99 51
Lisboa

RB77962



Library
of the
University of Toronto

Handwritten signature or scribble in ink, possibly reading "L. J. ..."

O B R A S
D O G R A N D E
L U I S D E C A M Õ E S ,
PRINCIPE DOS POETAS HEROYCOS,
& Lyricos de Hespanha,

NOVAMENTE DADAS A LUZ COM OS SEUS LUSIADAS
COMMENTADOS PELO LECENCIADO

MANOEL CORREA EXAMINADOR SINODAL
do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S. Sebastião da Mouraria,
& natural da Cidade de Elvas,

COM OS ARGUMENTOS DO LECENCIADO

J O A M F R A N C O B A R R E T O ,

E agora nesta ultima Impressão correctã, & accrescentada com a sua Vida escrita

Por **MANOEL DE FARIA SEVERIM,**

OFFERECIDO AO SENHOR

ANTONIO DE BASTO PEREYRA,

DO CONCELHO DE EL-REY NOSSO SENHOR, E DO DE SUA

Real Fazenda, seu Secretario, & Juiz da Inconfidencia, & das Justificações,

& Secretario da Augustissima Raynha Nossa Senhora, Vedor de sua Fa-

zenda, & Estado, Chanceler mór de sua Caza, & da da Suppli-

cação, Prezidente do Concelho da dita Senhora, & dignis-

simo Regedor das Justicas, &c.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de **JOSEPH LOPES FERREYRA,** Impressor da Serenissima
Raynha Nossa Senhora, & à sua custa.

M.DCC.XX.

Com todas as licenças necessarias.



A O S E N H O R
A N T O N I O D E B A S T O P E R E Y R A ;

Do Concelho de El-Rey Nosso Senhor, & do de sua Real Fazêda, seu Secretario, & Juiz da Inconfidencia, & das Justificações, & Secretario da Augustissima Raynha Nossa Senhora, Vedor de sua Fazenda, & Estado, Chanceler mór de sua Caza, & do da Supplicação, Prezidête do Cócelho da dita Senhora, & dignissimo Regedor das Justiças, &c.



USCA esta nova Estampa das *Lusiadas*, que escreveu o *Virgilio Portuguez*, o *Grãde Luis de Camões* Principe dos Poetas de Hespanha, (já sem a notta do *Escuro* pois vão cõmentados por seu amigo, & com temporaneo o *Lecenciado Manoel Correa*) o amparo de *V. Senhoria* não como azilo de defeza, mas como *Oraculo vivo da Justiça*; porque se esta faltou antigamente em remunerar aquelle grande espirito, que unido hum, & outro ministerio de *Palas* foy terror em *Africa*, assombro em *Europa*, & admiração na *Asia*; protegidas agora suas obras por hum *Illustrissimo Mecenas Regedor das Justiças*, conhecerá o mundo satisfeyta a queyxa de quando consagrados pelo seu *Autor* ao *Serenissimo Rey D. Sebastião* forão menos estimados pelos que assistiaõ àquelle Principe, vendo já na protecção de *V. Senhoria* emendada a injuria tão indisculpavel (qual a de *Ajax* morto na restituição das armas de *Achilles*) pelo primeyro

Morerl
in Dici-
onar.

Ministro, que rege as Justiças, & que ao lado do mais perfeyto, & Soberano Monarcha estima os bons Engenhos, & favorece as boas Letras, porque em a Escola de Minerva com tantos estudos as adquirio V. Senhoria, & com tanta comprehensão as professou, que admirão em V. Senhoria todos o q̃ de Hercules fabulou a antiga Grecia acõpanhando a melodia das Muzas com a valentia da Massa; pois qual outro Hercules na fortaleza da Justiça, despedaçã V. Senhoria com o bastão os delictos quando mais ferozes, que o Dragaõ de Lerna, infestão a armonia da Republica, vinculando o temor com a docelidade, & o respeyto com o amor, virtudes tão admiraveis em V. Senhoria como proprias de seo emprego, & do seo nascimento; pois não s̃o he V. Senhoria vigilantissimo Secretario de ambas as Augustissimas Magestades, & Ministro de Graduação tão altissima, que como Athalante sustenta na Justiça, & Concelho todo o Luzitano globo, mas também he V. Senhoria esclarecido tronco das Illustrissimas Familias dos Bastos, Pereyras, Prestellos, Rágeis, & Melios, enlaçadas todas na antiga, & elevada Arvore da ascendência de V. Senhoria, qualidades q̃ vencendo os mayores Elogios ao mesmo tempo, que tornão problematico o que escreveo S. Joã Chrisologo. Major est innata gloria quam quæsitã; faz em certo o que por V. Senhoria disse Cassiodoro Cum multa trahas ab antiquis, meruisti placere de propriis. Mereça pois a aceytação de V. Senhoria huma obra, que por tantos titulos lhe he devida, como também a larga vontade com que sou obrigado a dezerar continue o Ceo a V. Senhoria vida, & Successão tão dilatada como seus mais affectuosos criados deprecamos

Chriso-
log. Serni
89.

Cassiod.
Ib. 3.
Epilt. 5.

DE VOSSA SENHORIA

O mais obzequiozo, & obrigado

MANOEL LOPES FERREYRA.

PRO-



PROLOGO

A O LEYTOR.



MIGO ou inimigo Leytor quem quer que fores, que para esta Obra te escuzo inclinado faberàs, que vendo o muyto cuydado com que todos procuravaõ as Obras do nosso Grande Portuguez Luis de Camões, & a falta que havia dellas; determiney (por fazer serviço à Patria, & aos amigos, que com grande ancia me pedião publicassê novamente as suas Obras) de as mandar ajuntar todas quantas o nosso Insigne Poeta compoz, & dalas à estampa: pondo-as na fórma que veràs, & os Luziadas Commentados pelo Lecenciado Manoel Correa o mais fiel, & verdadeyro Commentador dellas, pois era muyto amigo, & contemporaneo deste nosso

Príncipe da Poezia, & com quem continuamente conversava, & me certificarão, que por ser taõ verdadeyro fora muyto estimado o dito Commento.

Tambem entre tantos Escriptores, que o fizeraõ da Vida do nosso Poeta, se estimou por unica naõ só no estillo douda, mas verdadeyra na Historia a que compoz Manoel de Faria Severim, & esta achey ter de mais agrãdo para os curiozos, como o de fazer aos meimos, o gosto de que estas Obras se imprimissem de folio naõ reparando no custo da Imprensa, só para que elles como me diziaõ acreditarem as suas Livrarias pondo nellas este taõ superior Volume, o qual leva no principio deste Livro o seu Retrato verdadeyro, feyto ao natural, & de corpo inteyro até agora naõ visto em Livro algum: & assim te offereço esta Obra, naõ temendo, como disse às tuas Censuras se fores inimigo; porque a tua mordacidade naõ pôde entrar, nem subsistir à vista de tantos Varões Sabios, que o aplaudem naõ só Naturaes, mas Estrangeyros; pois para estes terem tambem a gloria de as logra-rem as verterão nos seus proprios Idiomas, em que mostraõ o grande apreço, que fazem de taes Obras, & o quanto as acreditão; & assim ficaràs com a tua malevolencia reprehendido; com a nota de ingrato pelo que desprezas, & com a de ignorante pelo que calumnias; & se fores amigo, já sey que es douto, & que me hades rogar muytos bens por te fazer patente o que hà tanto apeteçias, & hà tanto dezejavas.

Vale.

L I C E N C A S

DO SANTO OFFICIO.

PO'de-se tornar a imprimir os Lusíadas de Camões de que trata esta petição, & impressões tornarão (pelo Mestre Frey Pedro Monteyro Qualificador, conferidas) para se lhe dar licença, que corraõ, & sem ella não correrão. Lisboa 21. de Mayo de 1715.

Haffe. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Barreto. Fr. Lencastre.

DO ORDINARIO.

Confirmamos a licença concedida para a impressão do Livro de que se tratta, & tornará, para se dar licença que corra sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 30. de Julho de 1720.

D. J. A. L.

DO PACO.

Que se possa tornar a imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornem à Menza para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 21. de Agosto de 1715.

Costa. Andrade. Botelho. Galvão. Noronha.

EMINENTISSIMO SENHOR.

Por ordem de V. Eminência conferi as Lusíadas de Camões cõmentadas pelo Licenciado Manoel Côrea, & as mais Obras de Camões unidas neste Tomo, & estaõ conformes com o seu original. S. Domingos de Lisboa Occidental 19. de Agosto de 1720.

Fr. Pedro Monteyro.

Visto estar conforme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 27. de Agosto de 1720.

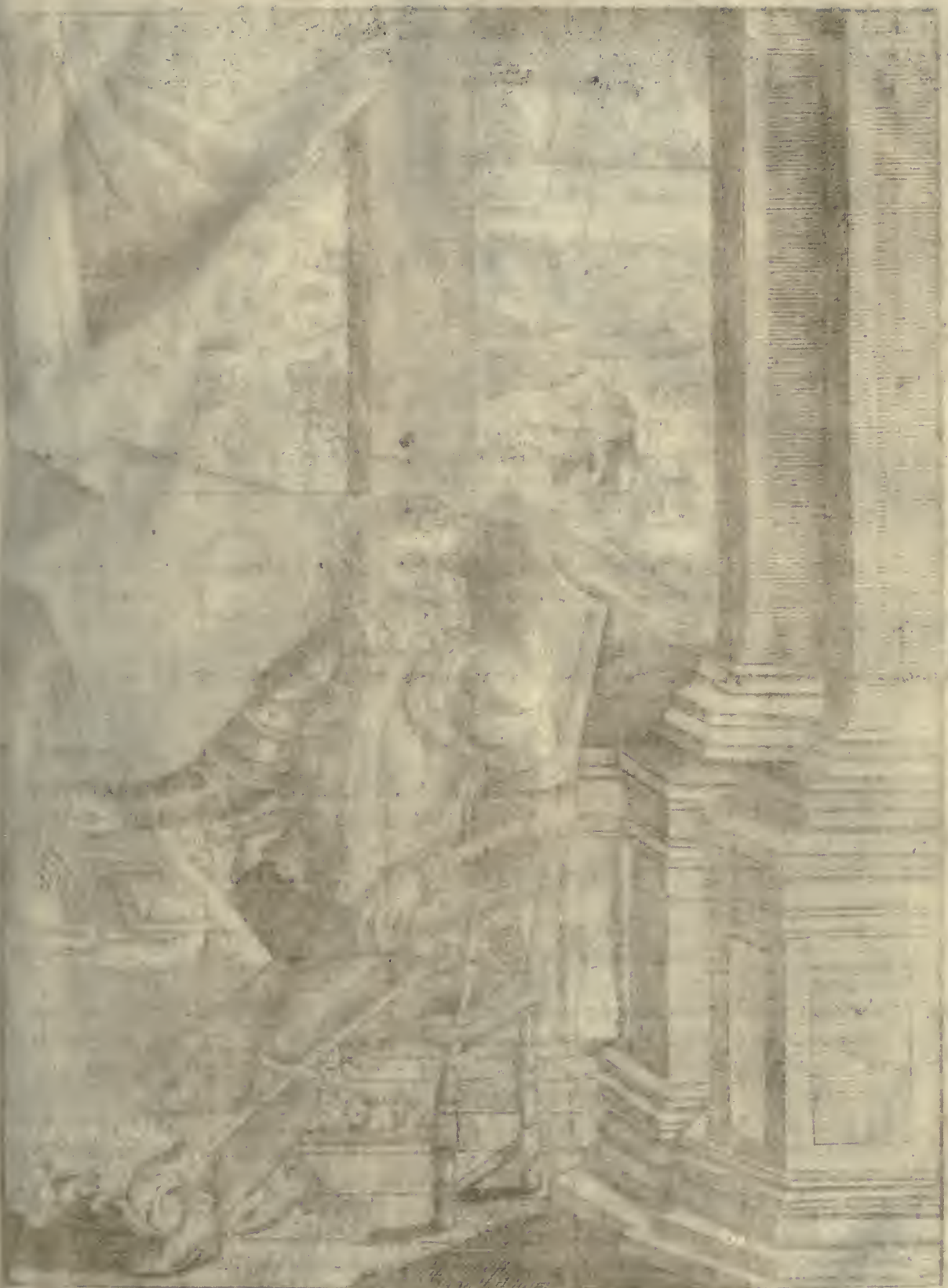
Rocha. Fr. Lencastre. Cunha. Teyxeyra.

Visto estar conforme, pòde correr. Lisboa Occidental 29. de Agosto de 1720.

D. J. A. L.

Taxaõ este Livro em dezoyto tostoens. Lisboa Occidental 29. de Agosto de 1720.

Botelho. Pereyra. Galvão. Oliveyra. Noronha. Teyxeyra.



Printed and Sold by J. B. Smith, at the
Sign of the Three Crowns, in Pall Mall.



London: Printed by J. B. Smith, at the
Sign of the Three Crowns, in Pall Mall.



Corpore quis fuerit Camões tibi præbet Imago,
 Mentis etiam qualis nobile monstrat opus.



Ense velut Mavors, calamo sancti Phabus utrumque

Hæc prior ad reliquas pagina junctæ dabit.



VIDA

DO GRANDE

LUISECAMÕES

PRINCIPE DOS POETAS DE HESPAÑHA.



LULGA VA Plinio por a mayor felicidad da vida fazer hum homem taes Obras, que todos dezejassẽ saber qual fosse o Autor dellas: *Ut equidem arbitror (diz elle) nullum est felicitatis specimen, quam semper omnes scire cupere qualis fuerit aliquis.* Nasce este dezejo da condiçãõ do entendimento humano, o qual como seu fim seja o conhecimento da verdade, não se satisfaz, como diz o Filosofo, até não alcançar a cauza verdadeyra das couzas. Daqui tiverão seu fundamento todas as disputas, & questões das Sciencias, querendõ mostrar cada qual, que a sua noticia està mais

Plin. liv.
35. cap. 2.

ajustada com a razaõ natural de cada couza. Daqui nasceo escreverem-se sobre huma materia tantos livros. Daqui tambem comporem-se tantas historias da vida de hum mesmo Principe, ou Varão illustre, nas quaes o que ultimamente a refere, procura apurar a verdade com mais particulares circunstantias, contando não sòmente os cazos, & successos das couzas, mas os concelhos, & razões com que foraõ feitas. Pelo que por satisfazer a este tão dividido dezejo, nos pareceo, deviamos tambem escrever a Vida do nosso Poeta Luis de Camões Principe dos Heroicos de Hespanha, por quanto o que delle anda impresso he tão pouco, & diminuto, que não satisfaz em muyta parte com o que todos pretendem saber de semelhantes Varões; como he a qualidade, vida, costumes, engenho, feyções, & outras particularidades sem as quaes fica muyto imperfeyta a noticia que se requiere na historia de hum homem insigne. De todas estas couzas vay acrescentada esta Relaçãõ quanto foy possivel à boa diligencia que sobre isso se fez, aproveytando-nos principalmente do que o mesmo Luis de Camões de si refere em seus versos, onde ordinariamente os Poetas deyxão escritas suas vidas; porque he natural aos homens deleytarle de contar os trabalhos, que padecerão, depois de escaparem delles. E como Luis de Camões passou a mayor parte da vida em peregrinações, & successos varios, não he muyto que os deyxasse postos em memoria; & porque a pobreza com que viveo tinha escurecido em parte a clareza de seus antepassados começaremos esta Relaçãõ de sua Vida, dando-a hum pouco mais larga de sua familia, para que so-

Familia
dos Ca-
mões.

bre este illustre fundamento fique mais estimado seu engenho.

A familia dos Camões, he natural do Reyno de Galiza; seu appellido dizem alguns, que he alcunha tomada do passaro Camão, a quem os antigos chamãrao *Prophyrio*, celebrado de muytos Autores pela admiravel propriedade de morrer vendo commetter adulterio contra o senhor da casa. Alciato o traz no Emblema 47. por simbolo da vergonha, & honestidade, com estes versos.

*Prophyrio, Domini si incestit in ædibus uxor,
Despondet que animum, praeque dolore perit.
Abdita in arcanis naturæ est causa: sit index
Sincera hæc volucris certa pudicitia.*

O mesmo refere Camões n'humã carta em verso, que anda nas suas Rimas terceyra parte dizendo:

Exprimentouse algum' hora, &c.

Porèm o mais certo he nam ser este sobrenome alcunha, se nam appellido, tomado do Castello de Camões, tam antigo no Reyno de Galiza, q' já se faz delle mençam na Chronica de S. Maximo, situando-o junto do promontorio Nereo, que agora se chama Cabo de Finis terra. Deste territorio hã noticia, que tomãram nome os Perros chamados Camoeses, tam conhecidos em toda Hespanha, & que daqui se levãram para as outras Provincias della, onde hoje se vem em grande copia, & o que mais he:

Melhor tornados no terreno albeyo.

Principalmente neste Reyno, porque sam os nossos muyto aventajados no labor, & suavidade aós de Galiza, & por isso muyto mais prezados. O primeyro da familia de Camões, que passou a Portugal foy Vasco Pires de Camões em tempo d'El-Rey Dom Fernando, por ter seguido suas partes contra El-Rey Dom Henrique de Castella o bastardo. Deu El-Rey Dom Fernando neste Reyno a este Fidalgo em lugar do que deyxara em Galiza, as Villas do Sardoal, Punhete, Marão, & Amendoa, com o Concelho de Gestacò, & as herdades, & terras, que foram em Estremos, & Avis da Infante Dona Beatriz; & o fez Alcayde mór de Portalegre, & Alemquer, & hum dos principaes Fidalgos de seu Conselho. Obrigado Vasco Pires destas mercès te-guiu depois as partes das Raynhas Dona Leonor, & Dona Beatriz contra El-Rey Dom Joam o I. de Portugal, como largamente se contem tudo nas Chronicas do mesmo Rey. Pelo que sendo prezo na batalha de Aljubarrota perdeu todos os Vassallos, & fortalezas, que tinha no Reyno, & sòmente lhe deyxou a benignidade Real as terras, & herdades de Estremos, & Aviz, & outros bens particulares, que tinha em Alêquer, & Lisboa de que seus descendentes instituiram depois morgados ren-

Chronic.
d'El-Rey
D. Joã o
I. p. 1. c.
30. & 160
& 168.
179. & p.
2. c. 39.
46. 62. &
Registos
d'El-Rey
D. Fern-
nando.

dozos, principalmente em Aviz, & na Cidade de Evora, onde possuem algumas herdades, às quaes pelo appellido dos possuidores deu o povo nome de Camoeyras. Foy cazado Vasco Pires de Camões com humã filha de Gonçallo Tinreyro, a quem El-Rey Dom Fernando fez Capitam mór das Armadas de Portugal, & El-Rey Dom Joam o I. sendo ainda defensor do Reyno lhe deu a Capitania de Lisboa. E depois seguindo as partes da Raynha Dona Beatris se intitulou Mestre de Christo. Deste matrimonio teve Vasco Pires a Gonçallo Vaz de Camões, Joã Vaz de Camões, & Constança Pires de Camões mulher de Pero Severim Fidalgo Francez, de quem se faz mençam na tomada de Ceuta. Gonçallo Vaz, que foy o filho mais ve-

Chronic.
d'El-Rey
D. Joã o
I. p. 2. c.
62. & Re-
gistros
d'El-Rey
D. Fernã-
do, & D.
Joã o I.

lho cazou com Constança da Fonseca, filha de Afonso Vasques da Fonseca, Alcayde mór de Moreyra, & Marialva (filho de Vasco Fernandes Coutinho Moeyrinho mór, & senhor de Liomil, progenitor dos Condes de Marialva) da qual teve Antonio Vaz de Camões, o qual foy pay de Lopo Vaz de Camões, & de Dona Aldonça Annes de Camões molher de Ruy Casco Alcayde mór d' Avis.

Lopo Vaz de Camões casou com Ignês Dias da Camera, filha de Diogo Afõso de Aguiar da Ilha da Madeyra, & de sua primeyra mulher Izabel Gonçalves da Ca-

mera,

ao Tejo, patrio, & invoca no principio dos seus Lusíadas as Ninfas do mesmo rio, dizendo:

E vós Tagides minhas, pois criado, &c.

E no Canto 3. estanc. 2. quando pede favor a Caliope:

Poem tu Nympha em effeyto meu desejo, &c.

Porém não foy só Coimbra à que contendeo sobre ter por seu filho tão excellente engenho; pois antigamente as sete Cidades Gregas pertenderão com não menores invejas o nascimento de Homero, querendo cada qual, ser sua patria. Sendo moço foy estudar a Coimbra, q̄ então começava a florescer em todas as Sciências por beneficio de El-Rey Dom João o III. condufindo este excellente Principe para mestres dellas, Varões insignes, & dos mais peritos que então avia em Europa; dos quaes elle aprendeo a lingua Latina, & Filosofia, & mais letras humanas com tanta perfeição, como mostrão seus escritos; & adiante diremos. Desta estada em Coimbra face menção em alguns dos seus versos, & em particular na Canção q̄ na segunda parte das suas Rimas he a 2. & começa:

Vão as serenas agoas, &c.

O mesmo se ve no Soneto 139. da primeyra parte das Rimas que diz:

Doces, & claras agoas do Mondego, &c.

Destes, & outros versos que fazia naquelle tempo se vê bem quam cedo começou a exercitar a Poesia, & com quanta perfeição; & como esta arte seja às vezes mais estimada nas Cortes dos Principes, que nas escolas, parece que esta o trouxe outra vez a Lisboa, onde continuou algum tempo, até que huns amores, que (segundo dizem) tomou no Paço o fizeram desterrar da Corte. Desta ausencia parece se queyxa naquella sua Elegia que começa:

O fulmonen se Ovidio desterrado, &c.

Onde depois de descrever o sentimento que Ovidio tinha no desterro, diz assi:

Desta arte me afigur a a phantasia, &c.

E mais abayxo:

Ali me representa esta lembrança, &c.

E porque não cuydemos que falla de alguma das suas peregrinações fora do Reyno diz logo abayxo as cousas que via do lugar onde estava degradado:

Vejo o puro suave, & brando Tejo, &c.

Neste comenos devia de passar a Ceuta, onde esteve algum tempo, como se vê da sua Elegia, que começa:

Aquella que de Amor descomedido, &c.

Onde abayxo dis:

Anido gastando a vida trabalhosa, &c.

E logo:

E com isto afiguro na lembrança, &c.

Aqui parece teve sua primeyra milicia, E que n'algum recontro com os Mouros, foy ferido de hum pelouro no olho direyto, com que o perdeu, como elle toca na Canção que começa:

Vinde qua meu tam certo secretario.

Onde depois de cantar os sentimentos de sua afeição, diz assi:

Desta arte a vida noutra fuy trocando, &c.

Que lhe acontecesse isto em Africa, & não na India, se mostra pela carta primeyra que escreveo da India a hum amigo. Ao qual, dando novas de hum Manoel Sartão; diz *Que sicut, & nos, manqueja de hum olho*, como couza já antiga, & notoria nelle em Portugal. Esta ferida lhe afiou notavelmente o rosto, por onde era chamado das Damas, Diabo, & Cara sem olhos, a que elle respondeo muytas vezes cortesam, & graciosamente como se vê de seus versos. Porém ainda que a falta da vista lhe tirou a gentileza exterior com as Damas, não a perdeu no conceyto dos que o vião affina-

lado

Plut. in
vit. Ho-
mer.

He de-
sterrado
da Corte.

Affite
em Atri-
ca.

Principe dos Poetas de Hespanha.

lado no rosto da mão dos infieis; porque semelhantes finaes de Marte fazem as faces mais fermosas, que os de Venus. E assi se na Poesia o podemos comparar a Homero, que tambem, segundo alguns, careceo da vista) nas armas não irá menos ufano, que Felipe, Antiocho, Annibal, & Sertorio; que de perderem huma vista na guerra te nao gloriãrao pouco. Tornado ao Reyno; ou por causa dos amores da Corte, ou por ver que as flores de sua poesia lhe não davão fruyto (como costumão) ou por os reipeytos que na primeyra carta que anda nas suas Rimas aponta, determinou de se paular à India, por ser esta (segundo elle diz) sepultura de todo o pobre honrado, & sem duvida que elle levava pensamento de a escolher por sua; porque além de se embarcar dizendo aquellas palavras de Sipiã: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea*, como refere na sua Carta, não se veyo da India acabados os annos da milicia ordinaria mas depois de 16. de assistencia como veremos adiate. Não achey em seus versos, nem em memoria alguma o anno em que se embarcou; fõmente escreve que tão to chegou a Goa sahio o Viso-Rey cõ huma grande Armada sobre El-Rey da Pimenta. Foy esta empresa segundo refere as historias da India no fim do anno de 1553. Pelo que consta que partio de Lisboa no Março de 1553. com Fernando Alvres Cabral, que indo por Capitão mór de quatro naos, fõ elle chegou á India nos primeyros de Setembro do mesmo anno. Era entã Viso-Rey, daquelle Estado Dõ Afonso de Noronha, com o qual logo no Novembro seguinte Luis de Camoes se embarcou em hũa grossa Armada, em que o Viso-Rey foy ao Malavar, para favorecer El-Rey de Cochim, & o de Porcã, & outros amigos do Estado, a que El-Rey da Pimenta (que por outro nome Chamão de Chembè) tinha apertado, & tomão algumas Ilhas. Tanto que o Viso-Rey furgio no porto mandou sair a gente nas Ilhas, & com morte de muytos Malavares forão destruidas, & queymadas pelos nossos o que obrigou a pedir pazes ao Rey da Pimenta, como largamente se conta na Chronica d'El-Rey Dom João o III. & na Sexta Decada de Diogo de Couto. Esta primeyra jornada descreve Luis de Camões breve, & elegantemente na Elegia da sua viagem, que começa:

O Poeta Simonidis fallando, &c.

Onde depois de contar como partira de Lisboa, & passara o cabo de Boa Esperança, diz assi:

Destã arte me chegou minha ventura, &c.

Provasse tambem passar neste anno à India, porque no mesmo tempo succedeo em Ceuta a perda de Dom Pedro de Meneses, a quem El-Rey Dom Joao o III. mandara por Capitão daquella Cidade no anno de 1549. em lugar de Dom Afonso de Noronha quando foy para Viso-Rey da India, & entre outros fidalgos, a quem os Mouros matãrao naquelle recontro; foy Dom Antonio de Noronha sobrinho do mesmo Capitão, filho do Conde de Linhares Dom Francisco de Noronha, o qual tinha sido particular amigo de Luis de Camões no Reyno. Chegãrao estas novas à India, juntamente com as do falecimento do Principe Dom Joã que foy em Janeyro de 1554. no Setembro do mesmo anno, & deraõ occasião a Luis de Camões compor a Egloga de Umbrano, & Frõdelio que anda nas suas Rimas, como elle mesmo diz na sua primeyra carta que escreveo da India no Janeyro de 1555. em que lamenta estas duas mortes. Neste mesmo anno de 1555. mandou o Viso-Rey Dom Pedro Mascarenhas (que já succedera a Dom Afonso de Noronha) huma Armada ao Estreyto de Meca, de que deu a Capitania mór a Manoel de Vasconcelos, o qual partio de Goa em Fevreyro, & levou ordem do Viso-Rey que se fosse pdr nas portas do Estreyto, junto do Monte Felix, a esperar as naos dos Mouros. Esteve neste porto Manoel de Vasconcellos atè se lhe gastar a monção, & depois se foy invernãr a Ormus, donde dando guarda à frota, tornou a entrar em Goa nos primeyros de Outubro. Nesta Armada, parece foy Luis de Camões, & que na estancia do monte Felix compõs aquella sua Canção em que descreve particularmente aquelle monte, & paragem, como

Chronica
d'El-Rey
D. Joã o
III. 4. p. c.
103.

Chronica
d'El-Rey
D. Joã o
III. p. 4.
ubi sup.
Couto
Decad. 6.
liv. 10. c.
16. & 17.

Chronica
d'El-Rey
D. Joã o
III. p. 4.
c. 69.

Couto
Decad. 7.
liv. 1. c. 32

como se della vê, que diz assi:

Junto de hum seco, fero, & esteril monte, &c.

Chegado a Goa, diz Pero de Maris que o mandou o Viso-Rey por Provedor mór dos defuntos da China, o que parece não pôde ser; porque o Viso-Rey Dom Pedro Mascarenhas, falleceo em Goa, aos dezaseis de Junho deste anno de 1555. & a Armada do monte Felix tornou àquella Cidade no Outubro seguinte do mesmo anno em que já governava havia quasi quatro mezes Francisco Barreto; pelo que mais certo parece o que outros affirmão, & he que chegando Luis de Camões a Goa fez aquella Satira, que anda na terceyra parte das suas Rimas, contra alguns moradores daquella Cidade, com titulo, de festas que se fizerão à successão do Governador, do que sentindose Francisco Barreto, ou por zello da justiça, ou por queyxas dos motejados, o mandou prender, & desterroou para a China, no anno seguinte de 1556. em que despachou alguns Capitães para o Sul. A isto favorecem os versos do mesmo Poeta, o qual se queyxa deste desterro, & prisaõ mandada fazer pelo Governador, & de hum terribel naufragio que padeceo na costa de Camboja, junto do rio Mecom, como diz na estanc. 128. do Cant. 10.

Couto
Decad. 7.
liv. 4. c. 3.

Este receber à placido, & brando, &c.

E no Canto 7. estanc. 81. onde pede favor às Nymfas do Tejo para cantar os Varões Illustres que finge levava Dom Vasco da Gama pintados nos toldos, & bandeyras, & mostrava ao Catual, seu irmão Paulo da Gama. Entre outras queyexas que da dos poucos premios que recebia de seus versos diz assi:

E ainda Nymphas minhas não bastava, &c.

Ena Canção 15. da segunda parte das Rimas:

Em fim não ouve transe de Fortuna.

De maneyra que esta jornada nam foy por despacho se não por pena, & degredo, pois dis que a fez quando foy contra elle o injusto mando executado. Neste tempo em que andou pelas partes do Sul esteve nas Ilhas de Moluco, & particularmente na de Ternate, de quem, & do seu Vulcão que está no fim do monte faz particular mençam na sua Canção 14. que diz:

Com força desusada, &c.

Affiste
em Ma-
cão.

A assistencia de Macão parecê que foy a ultima do tempo que andou no Sul, pois vindo de là padeceo o naufragio, que foy o derradeyro trabalho antes de chegar a Goa. Em Macão teve o officio de Provedor mór dos defuntos, & com a comodidade do lugar devia de compor aqui alguma boa parte dos seus Lusíadas, pois de là os trouxe consigo. Acabado o seu tempo se embarcou para Goa com esperanças de lograr algum descanso nella; porque vinha rico do que houvera do cargo, & dos amigos; porém succedeolhe ao côtrario, como acontece às mais das esperanças do mundo. Porque navegando pela Costa de Camboja se perdeu na paragem da Foz do Mecon, Rio que nascendo na China, corre por muyta distancia de terras, & dividindo pelo meyo a Camboja, crescido com as grandes correntes de outros rios que recebe, vem sair ao mar em hum lago de mais de sessenta legoas de Comprido. Aqui deu a sua nao em huns bayxos onde se fez em pedaços padecendo todos hum miseravel naufragio: Luis de Camões se salvou em huma taboa, & em taõ apertado, & manifesto perigo sò teve lembrança dos Cantos dos seus Lusíadas para os levar consigo, esquecendo-se de tudo o mais que trasia, no que não merece menor louvor, que o que se dà a Cesar, quando escapou no porto de Alexandria nadando com huma mão, & levando os seus Cômentarios na outra. Deste naufragio se queyxa Luis de Camões muytas vezes, & em particular no Canto 7. estanc. 80. referindo-o entre outros trabalhos seus:

Agora com pobreza aborrecida, &c.

E na Canção 15. das Rimas:

Apiedade humana me faltava, &c.

Principe dos Poetas de Hespanha.

No porto deste Rio esteve Luis de Camões algum tempo reparando-se da perda do naufragio, & com esta occasiam, dizem que compoz aqui aquella sua traducçam do Psalmo: *Super flumina Babylonis*, que começa:

Sobolos rios que vão, &c.

Na qual acomodando a si aquelles trabalhos, & sentimento de que trata o Psalmo, mostra bem o que padecéo, & como recorreo logo a Deos por remedio de seu mal, conformando-se Christãmente neste, & nos outros infortunios da vida, com o que delle deipunha a Divina Providencia, como se vê da sua Cançam já referida onde diz:

Já de mal que me venha não me arredo, &c.

Reformado deste naufragio se veyo a Malaca, & dahi a Goa, onde chegou Governando o Viso-Rey Dom Constantino, & nam Francisco Barreto, como diz Pero de Mariz. O que além de constar pelo seu Comentador Manoel Correa, se prova tambem pela rezaõ dos tempos. Porque vindo Luis de Camões da Armada do montê Felix em Outubro de 1555. não podia partir para o Sul se não já no anno de 1556. em que o Governador Francisco Barreto despachou os Capitães das viagens para aquellas partes, como temos dito. E acabando o governo de Francisco Barreto a 3. de Setembro de 1558. em que chegou o Viso-Rey Dom Constantino a Goa, não podia ser, que em espaço de dous annos somente fosse a Malaca, estivesse em Maluco, & voltasse à China, & exercitasse lá o cargo de Provedor mór, & tornasse a Goa. Por onde o certo parece, que veyo a Goa depois que o Viso-Rey Dom Constantino entrou no governo daquelle Estado. Ajudam tambem a estas conjecturas as oytavas que fez ao mesmo Viso-Rey estando já em Goa, que começam:

Como nos vossos hombros tam constantes, &c.

Nas quaes Oytavas se trata já da tomada de Damaõ, & jornada de Jafanapatam, feytas pelo Viso-Rey. Pelo que segundo isto chegou Luis de Camões a Goa depois do anno de 1560. em que o Viso-Rey Dom Constantino tinha já acabadas estas emprezas. Pouco mais durou o governo ao Viso-Rey, em cujo tempo nam parece, que Luis de Camões teve prizam alguma, pelo officio que administrou na China, antes mostra nas Oytavas referidas, estar favorecido delle, & parece que devia ser seu antigo Mecenas, como tambem o tinha sido antes no Reyno o Duque Dom Theodolio seu irmão. Além disto consta que neste tempo foy o seu gracioso banquete, para o qual convidou a Dom Francisco de Almeida, Dom Valco de Ataide, Eytor da Silveyra, Joã Lopes Leytão, & Francisco de Mello, & depois de os receber em huma casa bem adereçada, & os sentar à meza, que tinha muyto composta, descobrindo-se os pratos achãraõ nelles versos escritos, em lugar de iguarias, como se vê na terçeyra parte das suas Rimas; com o que o banquete ficou affaz festejado, & celebrado entaõ, & depois em toda a parte. Todos estes Fidalgos andavam em Goa no ultimo anno do Viso-Rey Dom Constantino, & na setima Decada de Diogo do Couto, se faz entaõ menção delles. Deste tempo saõ tambem as Oytavas que fez do desconcerto do mundo a Dom Antonio de Noronha, q depois governou aquelle Estado, & outros muytos versos a varios fidalgos, que estaõ nas suas Rimas; dos quaes se vê bem quaõ estimado andava o nosso Poeta de toda a fidalguia da India, & não com novas molestias. Aqui gastou liberalmente o que trouxe do Sul, & lhe dêraõ seus amigos, & foy nisto tam largo que em breve tempo tórnoy à pobreza com que começara; o que lhe aconteceu por vezes, com alguma nota dos que por isto o tinham em conta de mal considerado, nam atentando que os generozos espiritos padeceram muytas vezes esta falta, porque nam lhe sofre a grandeza do animo applicarse às couzas inferiores, & de interesse; assi lemos de Homero, Socrates, Crates, Marcial, Valerio Flaco, & outros sublimes engenhos, que nunca curãram de ser ricos, mas de enriquecer a todos com suas obras.

Em Setembro de 1561. teve successor no cargo o Viso-Rey Dom Constantino.

E

Couro
Decad. 7.
liv. 5. c. 8.
o Com.
de Cor.
Cant. 7.
estãc. 81.
& no Cãr.
10. estãc.
128.

Autores
varios
em suas
vidas.

E diz Diogo do Couto, que até seu tempo durou naquelle Estado a primitiva India, em que os homens pretendiam somente ser valerosos, & honrados, & desprezavam o interesse; & que dalli, por diante começou a ser idolatrada a avareza, ao qual vicio chama a Sabedoria Divina, Raiz de todos os males, & como este se foy apoderando daquelle Estado, tem introduzido nelle tantos, que parece já agora irremediavel sua cura, se Deos milagrosamente lhe nam acode.

Começou logo Luis de Camões a sentir esta declinação, porque nam lhe valeo o favor que o Conde do Redondo novo Viso-Rey lhe fez (como se vê dos versos, que lhe compôs) para deyxar de ser em seu tempo prezo: & segundo parece pelas culpas de que foy acúsado na administração do officio da China. E nam bastou livrarle desta acufação para sair do carcere, onde esteve algum tempo, porque Miguel Rodrigues Coutinho fios secos, pessoa nobre, & rica o embargou na prizaõ por certo dinheyrõ que lhe tinha emprestado. De maneyra, que lhe foy necessario a Luis de Camões soccorrerse de novo ao Conde Viso-Rey, como se vê daquellas Redondilhas que andaõ na terceyra parte das Rimas, & começaõ:

Que Diabo hà tão aãado, Sc.

Livre desta prizam continuou depois alguns annos em Goa invernando em terra, & embarcando-se os verões nas Armadas onde compoz as mais de suas Odes, & Canções como se dellas vê, que todas falaõ com Neptuno com as Nereidas, & outras Nymphas, a quem a Gentilidade venerava por Deidades maritimas. Nos successos de guerra em que estas Armadas se acharaõ, se mostrou sempre valeroso Soldado, como quem nam sabia voltar as costas aos inimigos. Nem lhe empataram as letras a lança antes lhe accrescentaram o valor, porq̃ por isso fingiam os Antigos, q̃ a mesma Pallas era Deosa das Sciencias, & das Armas; & Luis de Camões servio nestas occasiões de maneyra que sempre se louvou disso, como se vê nõ Canto 10. estanc. penult. falando com El-Rey Dom Sebastiaõ onde diz:

Para servir vos braço às armas feyto, Sc.

E no Canto 7. estanc. 79.

Agora o Mar, agora experimentando, Sc.

He esta abonaçam que Luis de Camões dà de seu esforço de grande credito, pelas muytas testemunhas vivas que tinha naquelle tempo, & os Portugueses tão taõ rigorosos censores da verdade, que não consentem, a seus visinhos gabarfe do que não tem, mas ainda às vezes lhe confessaõ difficilculosamente o que na verdade possuem. Tinha já neste tempo composto o seu Poema Heroico dos Lusíadas, & como elle conhecia o grande preço desta obra, determinou de se embarcar para o Reyno a oferecela a El-Rey Dom Sebastiam (ainda que então por ser de pouca idade não governava.) Porém Pero Barreto o tirou deste pensamento, por o levar consigo a Moçambique, onde hia entrar por Capitam de Sofalla. Foyle com elle Luis de Camões móvido de suas promessas, mas em breve tempo se vio defenganado dellas. Pelo que chegãdo àquella Ilhá a nao Santa Fè, que vinha para o Reyno se quiz nella embarcar. Acodio a lho impedir Pero Barreto, & õu movido do desejo de o ter consigo, ou por qualquer outros respeytos lhe pedio duzentos cruzados que gastara com elle na matalotagem de Goa até Moçambique. Vinham naquella nao muytos fidalgos amigos de Luis de Camões, em que entravam Eytor da Silveyra, Antonio Cabra!, Luis da Veyga, Duarte de Abreu, & Antonio Sarraõ, aos quaes deu noticia do que passava, & elles fintando-se entre si, pagáraõ esta quãtia, & o trouxeraõ à sua conta até o Reyno. Vinha tambem nesta nao Diogo do Couto, que depois foy Chronista, & primeyro Guarda mór do Tombo do Estado da India, o qual diz em huma carta, que no anno de mil & feiscentos & onze escreveo a hum amigo seu deste Reyno, que por o fer grande de Luis de Camões lhe comunicou ellè a obra dos seus Lusíadas, & que lhe pedio os quisesse comentar, o que Diogo do Couto fez depois em parte, como em sua vida se yerà.

Principe dos Poetas de Hespanha.

Chegou Luis de Camões a Lisboa na mayor força da peste, que chamão grande correndo o anno de mil & quinhentos sessenta & nove, & assi lhe foy necceffario esperar que acabasse aquelle mal para poder pôr suas coufas em ordem, & imprimir o seu Poema; em que se passaram, quasi dous annos, porque no de mil & quinhentos setenta & dous sahio a lus com esta admiravel obra; & porque de sua milicia, & peregrinações está bastantementê dito, falaremos agora da excellencia de seu engenho, & doutrina, que nos varios doutos he o que principalmente se considera.

Para poder explicar as perfeções deste Poema são necessarios mais livros que os que gastou Macrobio em apontar as das Eneadas. Porque este genero de poema, assi como tem o principal lugar na poesia, assi he tão difficulto na composição, se se houverem de guardar perfeytamête todos os preceytos da arte, que desde o principio do mundo até o tempo do nosso Poeta não houve mais que quatro a quem se pudesse dar este louvor. Estes forão Homero entre os Gregos, Virgilio nos Latinos, Torquato Tasso entre os Italianos, & o nosso Poeta em Hespanha. Com tudo entre estes, merece Luis de Camões particular louvor, porque ainda que não excedo em tudo a todos, ao menos se aventejou a cada hum em alguma parte, como logo veremos.

O Poema heroyco, a que os Gregos chamão Epico, tem cinco partes essenciaes (a q parece se reduce em todas as mais) que são: ser Imitação de huma acção heroyca, honesta, util, & deleytosa. O ser huma sô acção he cousa tão importante, que no poema Epico se tem por sua sustancia, como se vê de toda a Arte poetica de Aristoteles, & fundase este preceyto na razão natural da imitação, & pintura, que mostra não se poderem imitar duas acções juntamente, & esta he a diferença que ha entre o Poeta Heroico, & Historiador, porque o Historiador escreve a narração das coufas como acontecerão successivamente, mas o Poeta escolhe huma sô acção de hum Heroe, & essa refere, não pontualmente como foy, mas como convinha ser, ornando a narração com varios Epifodios, que são digressões de fabulas, acontecimentos, & enredos, com que com suavidade presuada aos que o lerem, & ouvirem: *Opor tet igitur*, diz Aristoteles, *quem admodum in alijs imitatricibus, una imitatio unius est, sic, & fabulam, quia actionis imitatio est, uniusque esse, & hujus totius.* E noutra parte: *Fabula quidem est una, non quem admodum nonnulli arbitrantur, si circa unum fuerit; multa enim, & infinita genere contingunt, ex quibus nonnullis nihil est unum: sic autem, & actiones unius multæ sunt, ex quibus una multa fit actio: quare omnes videntur peccare quicumque poetarum Heraclidem, & Theseidem, & hujusmodi poemata fecerunt, putant enim, quia unus erat Hercules, unam, & fabulam esse oportere. Homerus autem quem admodum, & cæteris rebus antecellit, & hoc videtur pulcher vidisse, sive propter artem, sive propter naturam, Odysseam enim faciens non complexus est carmine illo omnia quæcumque illi contigere, &c. Verum circa unam actionem, qualem dicimus Odysseam mansit, eodem pacto, & Iliadem.* O mesmo resolve Horacio na sua Poetica dizendo:

Denique, sit quodvis simplex duntaxat, & unum.

Por faltarem neste essencial fundamento de huma sô acção Ovidio, Silo Italico, & Lucano, senam tem por Poetas heroicos; & entre os Modernos cahio tambem neste defeyto Ludovico Ariosto, que no seu Orlando seguio, & propoz taõ multiplicadas acções; cousa tanto contra os preceytos da Arte, o que verdadeiramente he muyto de sentir em tão florido, & ornado Poema, como o de Ariosto, hum dos mais engenhosos, & abundantes entendimentos que até seu tempo houve, porque por errar esta acção, não tomou a palma a muytos dos antigos, & modernos, & se propusera, & seguira perfeytamente o furor de Orlando, que elle fez acção secundaria, ainda tivera desculpa, mas propondo tantas acções, como são:

*Le done, i cavalier, l'arme, gli amori,
Le cortesia, l'audaci impreso io canto, &c.*

Errou

Macrobius
à liv. 3.
Satur.
usq. ad
totum
textum.

Scaligerus
Poes.
tices. lib.
I. c. 13.

Partes
do Poema
Heroico.

Aristoteles
in
Poet.

Erro de
Lucano,
Silo Ovi-
dio, &
Ariosto
na multi-
plicação
das ac-
ções.

Vida do Grande Luis de Camões,

Errou muyto, assi em as multiplicar, como em as propor primeyras. E se o que disse por acção secundaria de Orlando.

*Dirò de Orlando en un medesimo tratto
Cosa no detta inprosa, mai ne in rima,
Che per Amor veñe in furore, & matto
Huomo che si saggio era stimato prima, &c.*

O propusera por primeyra, pudera defenderse, & forão então menos, & mais curtos os episodios, que por razão, das acções multiplicadas accumulou, com que o poema ficara mais proporcionado, & fermoso: ainda que sempre lhe faltara o principal, que he a qualidade da acção, pois por ser Furia nascida de causa tam indigna, como os amores de Angelica, não, deve ser imitada. Tanto perdem ainda os grandes engenhos faltos de Arte avendo, como disse Horacio de foyeytar a fertilidade do engenho aos preceyts della.

Horat.
de Arte
poetica.

*— Ego nec studium sine divite vena,
Nec rude quid prosit video ingenium: alterius
Altera poscit opem res, & coniurat amice, &c.*

Acçã
dos Lu-
siadas.

Este preceyto de seguir huma sò acçam guardou excellentemente o nosso Poeta propondo o descobrimento da India, o qual fez Dom Vasco da Gama com seus soldados, como se vê do discurso do poema, que começa navegando Vasco da Gama junto a Moçambique: & acaba, quando o Capitam entrou em Lisboa. Porém na proposiçam, & titulo (como esta obra era de outros segundos Argonautas) seguiu a Appollonio Rhodio a quem se dà o primeyro lugar entre os Gregos depois de Homero, o qual intitoulou o seu poema, dos Argonautas, & na proposiçam nam nomeou a Jafão Capitam da jornada, se nam a todos os que commetteram aquella empreza, & assi começa:

Apollon.
Rhod. liv.
I. Argo-
naut.

*A te principium ò Phæbe, prisorum laudes virorum
Memorabo, qui Ponti per os, & petras
Cyaneas regis mandato Peliae,
Aut eum ad vellus probè instructam transtris impulerunt Argo.*

Depois desta primeyra acçam tocou tambem Luis de Camões alguns dos principaes episodios do Poema, o que por ser depois da principal acçam proposta, nam he defeyto, segundo se vê em Homero, & Virgilio, que tambem propuleram estas acções secundarias como julgarà facilmente quem os bem considerar.

Acçã
heroica
honestã.

Erro de
Estac. &
Claudia-
no na
qualida-
de da
Acçã.

A segunda condiçam do Poema heroico, he ser acçam honesta, & digna de se imitar, por quanto o fim da poesia, & principalmente heroica, he ensinar, incitar, & mover deleytando. Nesta parte excedeo muyto Luis de Camões a Estacio na sua Thebaida, & a Claudiano no seu Rapto de Proserpina, porque ainda que estes Poetas acertaram mais que os outros em escolher huma sò acçam com tudo faltaram na qualidade della; porque as suas acções nam sam verdadeiramente dignas de se imitar, que he o fim, & intento de toda a poesia, pois o Argumento de Estacio foy o odio dos dous irmãos Etheocles, & Polynices, acçam indigna de ser fabida, quanto mais imitada; & a de Claudiano he o roubo de Proserpina, tanto mais aborrecivel, quanto mayor foy o roubador delle. O argumento do poema heroico ha de ser honesto para se imitar, & admiravel para mover, & deleytar, no que Homero he digno de louvor em quanto conta os trabalhos que Olysses padeceo até tornar à sua patria, mas não na conclusam do Poema, com as mortes que deu privadamente aos pretendores de Penelope desfarmados. A esta materia se avantajã pouco a chegada de Eneas a Italia, & guerras sobre o Cervo, que andando à cassa ferio Ascanio, acções em que hà pouco do grande, & admiravel. E assi fica muy superior a todas ellas o argumento do nosso Poeta, que trata do descobrimento da India, em que Vasco da Gama rodeou a mayor parte da terra, vencendo com singular valor as forças dos elementos, as treyções, & armas dos inimigos, fomes, sedes, estranheda de climas,

Principe dos Poetas de Hespanha.

climas, injurias dos tempos, & mostrou ao mundo o verdadeyro conhecimento de si mesmo, em que desde seu principio até entam estivera ignorante achando novas estrellas, & novos mares, communicando o Oriente com o Occidente, de que se feo guio dar aos povos de Europa a noticia de tantas drogas, fruytos, & pedras em que a natureza se mostrou maravilhoza, & benigna para com os mortaes, & aos moradores de Asia o conhecimento das Artes, policia, Sciencias de Europa, & sobre tudo do verdadeyro Deos, de que os mais delles estavam totalmente ignorantes. Por onde na qualidade da aççam heroica fica o nosso Poema superior a todos os Antigos, & modernos.

Nem obita contra isto, dizerem alguns, que profanou o Poeta esta honestidade, & grandeza da aççam com nam guardar à Religiam o decoro devido, invocando Musas, & fingindo Concilios de Deoses, indecentes a Poeta Catholico, & que como tal devia antes invocar os Santos, & usar nas ficções de milagres, & aparecimentos de Anjos, como alguns modernos fizeram. Porque a isto se responde; que notorio he, nam fer a poesia outra cousa se nam huma imitação, ou fabula, a qual traz sempre consigo, como parte essencial a invocação das Musas do Parnaso, segundo a divisão dos poemas, em que a Caliope coube o Heroico, & por isso he invocada nos poemas epicos, & esta fabula pertence tõmente à poesia, & sò pelos Poetas foy inventada. De maneyra, que até os Antigos que adoravam aos outros Deoses Gentilicos por verdadeyros, tinham as Musas por fingidas, porque bem sabiam, que nunca no Parnaso houvera taes Deosas, nem por ellas eram tidas, nem adoradas das Republicas; sendo pois isto assi, claro fica, que nam usou Luis de Camões de termo algum supersticioso pedindo ajuda a divindades gentilicas (pois estas foram sempre conhecidas de todos por fabulosas) mas que guardou o estillo do Poema heroico segundo os Latinos, que he invocar as Musas depois de propor a aççam, & assi continuou a poesia com os termos até entam costumados de poetas Catholicos, & gravissimos, como foram Senasaro no poema de *Partu Virginis* o Bispo Hieronimo Vide em quasi todas as poesias mayores, Bautista Mantuano Religioso Carmelita nas suas vidas dos Santos, Juviano Pontano, Angelo Policiano, Miguel Marulo, & outros que seria largo referir. Porém em nam introduzir Luis de Camões Anjos, & Santos nas fabulas que fingio, mais parece digno de louvor que de reprehensam, porque he indecencia grandissima usar dos nomes dos Santos para fabulas profanas, com a mesma facilidade com que os Gentios o faziam, & assi he muyto de calumniar, que nos poemas de Torcato, & Ariosto andem os Anjos, & Santos fallando com os Cavalleyros andantes, trasendolhes recado do Ceo, & que Sam Joam Evangelista leve a Astolfo sobre o globo da Lua, a mostrarlhe o siso de Roldam, que estava metido em huma redoma de vidro. Não se ham os Santos de tomar na boca, nem na historia para materia de entretenimento, mas ha de se escrever delles com toda a reverencia, & decencia devida, que nam se compadece misturar as cousas Sagradas, com as profanas. A'lem de fer inconveniente grande em hum livro que trata de argumento verdadeyro, & em que se haõ de referir verdadeyros milagres, escreveremse milagres fabulosos, sem se differencearem huns dos outros, com que os leytores ignorantes, pòdem cair em erro de nam conhecerem quaes devem de ser cridos. Por tanto querendo o Poeta evitar tam grandes inconvenientes, usou dos nomes dos Deoses gentilicos por materia commua, & notoria de fingimentos poeticos, com que ninguem se podia enganar, mas nas couzas verdadeyras, guardando inteiramente o decoro à Religiam, introduzio sempre a Vasco da Gama, fallando com toda a piedade Catholica; de maneyra que os milagres verdadeyros, & cousas fantasmaticas, as trata com a decencia, & gravidade divida, & as ficções ficam conhecidas de todos vendose que sam fabulas notorias. Este mesmo estillo guardaram os mais dos Poetas acima nomeados, a quem podemos acrescentar Claudiano, que segundo a melhor opiniaõ, & mais universal foy Catholico, & usou destas invocações, &

Just.in.
cap. I. I
Epist. 2.
Petr.
vers. 15.
n. 36.

concilios de Deoses com mayor liberdade do que vemos nos Lusíadas. Quanto mais que Luis de Camões não fez estas ficções dos Deoses a caso, senam com muyta consideração, introduzindo debayxo destas fabullas huma excellente Alegoria, (a que os Poetas chamão a alma da fabula) & assi entendeu debayxo do nome de Jupiter, & Deoses, a Divina Providencia, & os espiritos Angelicos, porque governa o mundo, dos quaes os bons nos ajudam, & os maos nos empecem. E he tam antigo este pensamento, que até alguns dos primeyros Filósofos, que estas deydades inventarão, não quizerão entender outra couza nellas, como se vê largamente de Santo Agostinho na sua Cidade de Deos, & ainda da Canonica de S. Pedro que por razão do tal intentô (segundo S. Hieronimo alegado neste lugar por o Padre Justiniano) chama a estas fabricas doutas; porém como estes Filósofos pela falta do lume da Fè cairão em muytos erros, & derão com estas fabulas causa à Idolatria, forao condenadas do Apóstolo no dito lugar dizendo: *Non doctas fabulas secuti notam fecimus vobis Domini nostri Jesu Christi virtutem, & presentiam &c.* mas hoje que não hà este perigo, com os exemplos, & razões já alegadas tem lugar a Alegoria que o Poeta nellas entêdeo como imitando Virgilio no fim do texto da Encida, explicou nestas Oytavas em que introduz a Tetis declarãdo a Esphera a Dom Vasco da Gama, onde fallando do Ceo Impirio, diz assi:

Aqui sô verdadeyros gloriosos, &c.

Por tanto assi pelas razões, como pelos exemplos fica Luis de Camões nesta parte livre de toda a calumnia.

o Com tudo outra nos resta ainda neste ponto a que responder, & he dizerse tambem que foy o nosso Poeta pouco honesto nos episodios de tam honesto poema, o que tem facil reposta, porque como o argumento dos Lusíadas era tão grave foy necessario varialo com alguns episodios alegres para entreter os leytores, & para isto fingio a deleytosa Ilha de Santa Elena, & os esporios que nella celebrãdo Vasco da Gama, & seus soldados com as Ninfas do Oceano, imitando os Poetas antigos, & modernos, que todos meterão nos seus poemas estes Episodios amatorios, como se vê em Homero nos amores de Calipso, & de Venus, & Marte, em Virgilio nos da Raynha Dido, & em Appollonio Rhodio, & Valerio Flaco nas Damas de Lemnos com os Argonautas, & finalmente nos mais de Trocato Tasso do seu poema Heroico. Mas nesta parte levou ainda Luis de Camões grande ventagem aos referidos, por quanto elles não pertendêrão declarar algumas Alegorias debayxo destas fabulas (que como dissemos he a alma do poema) antes se vê que não tiveram nellas outra tenção, senão deleytarem aos leytores (posto que a fabula de Calipso sofra mais Alegoria que as outras) & o nosso Poeta debayxo dos nomes daquellas Ninfas quis entender a gloria, fama, memoria, honra, maravilha, & todas as mais preheminiças, que participão os Varões illustres, & esforçados por premio de suas obras com os quaes seus nomes ficão perpetuamente unidos na lembrança dos homens, como se vê nestes versos canto 9. estanc. 89.

Que as Nynfas do Oceano tão fermosas, &c.

Como com estas palavras ficava a alegria tão clara, não se podem imputar por indecencia ao Poeta os termos dos esporios com que a trata, porque esta participação da immortalidade da fama significarão sempre os antigos por casamentos com que fingião todos os Heroes ou casados, ou aparentados com as Deosas.

A utilidade que deste poema se alcança não se pôde explicar em poucas palavras, porque não hà ninguem que o lea, que não fique inflamado de hum admiravel desejo de gloria, & de empregar a vida em feytos illustres, aventurandoa pela Fè pelo Rey, & pela patria. Aqui se vem as partés, & experiencia que haõ de ter os conselheiros, o zello com que os Ministros supriores devem entender no bem publico, & o premio que se deve dar aos que bem trabalham. Na Pessoa de Vasco da Gama se representa hum excellente modello de prudente, & heroico Capitaõ,

Principe dos Poetas de Hespanha

& nas dos Reys de Portugal , o exemplo de hum perreyto Principe. E se não deu este louvor a todos os que reynarao neste Reyno , toy porque o poema heroico quando se funda em hiitoria verdadeyra , que he mais perreyto, ainda que põe accreicentar a verdade do que passou, nam pôde contrariar ao que pallou na verdade, de maneyra , que nem Virgilio pudera dizer que Achilles fora morto por Heytor, nem Homero, q Achilles matara a Pariz, & assi referem ambos estes Poetas muytos vicios dos seus Principes, & Rainhas, por nam ser licito à poesia encótrar nesta parte a verdade da hiitoria, da qual guarda este, & outros muytos preceytos. Pelo que deste poema se podem tirar excellentes regras para a vida politica, & moral.

O estillo deleytoso com que estes preceytos vam acompanhados não reconhece em toda a antiguidade superior, & difficulosamente lhe poderemos dar semelhante , porque deyxando a dissonancia que os antigos achavam nos versos de Homero, como refere Jolefo liv. 1. contra Apianum , & os muytos, que deyxou Virgilio por acabar na sua Eneida, a facilidade, & consonancia deste nosso poema he tal, que não parecem os versos compostos por artificio mas ditados da mesma natureza. E naquelles lugares que em a Poetica de Aristoteles se chamam , Pateticos, ou Alteradores do animo, move os affectos com palavras tam proprias, & vehementes, que com summa efficacia faz força a quem os lê, de maneyra que fica participante das payxoes q se cõtem encubertas debayxo daquellas palavras: imprimindo hu generoso alvoroço quãdo tratta da guerra, alegria nas festas, gravidade nas acções dos Principes, compayxam na adversa fortuna, & finalmente huma admiravel suavidade em todas as partes do poema. Porém nas comparações, & descripções se aventaja tanto, que em certo modo se vence assi mesmo , porque com tanta viveza as pinta, & exprime que parece se representão à vista, & não ao sentido interior.

He tambem a erudição parte do estillo deleytoso, & a muyta de que o nosso Poeta illustrou o seu poema he assã notoria , não havendo nelle Estança que não tenha particular conceyto, doutrina, ou pensamento peregrino, de maneyra, que não se acharà poema nenhum onde em tão breve escritura se tocassẽ tantos , & tão doutos passos de lição varia, como nos seus Lusíadas, porque quasi não hà nas letras humanas lugar insigne de fabula, antiguidade, hiitoria, Mathematica, & qualquer outra Sciência que nelle se não achem, & quanto isto he mais ordinario neste poema, tão he mais de admirar nelle sendo esta parte da Poesia a mais difficulosa de todas. Porque como o principal intento nella seja mover affectos do animo , não se pôde alcançar este effeyto ornado com elocução, & erudição estes lugares, como ja o notou excellentemente Aristoteles nesta sentença: *Oportet laborare in ignavis partibus, & neque moratis, neque sententiarum acumine ornatis; occultit enim valde splendida locutio mores, & sententias.* Isto tem acontecido a muytos em Hespanha, que se fizerão duros, & asperos incobrando a força dos pensamentos com os ornamentos das palavras, de que he bom exemplo Francisco de Herrera. Porem Luis de Camões soube tomar tal meyo nesta difficuldade, que não hà versos que mais movão o sentimento que os seus, nem onde juntamente se veja a Oração mais erudita, & composta. Fazem assi mesmo por esta parte a novidade , & excellencia dos episodios, nos quaes quasi nenhum outro Poeta se lhe pôde igualar ; porque os mais de Virgilio são imitados de Homero, como o banquete de Dido, a Relação que ali fez Eneas da perda de Troya, seus trabalhos, & viagem os jogos de Sicilia, a jornada do Inferno; & assi teve nelles pouco louvor. E Troquato Tasso não se melhorou com as fabulas dos seus encantamentos, & cavaleyros andantes: porque ainda que elego fabulas possiveis, tem muyto do improvavel ; o que he contra os preceytos de Aristoteles, que diz que nos episodios devemos escolher antes os impossiveis provaveis, que não os improvaveis possiveis: *Eligere impossibilia, & verisimilia potius quã possibiliã, & nullò modo probabilia.* Este preceyto guardou Luis de Camões excellentemete, porq depois de imitar a Virgilio em fazer a acção cõposta, & não simples,

ples, com referir Dom Vasco da Gama sua viagem a El-Rey de Milinde, introduz o Epifodio da descripção de Europa, & historia de Portugal, com as professias do velho, & Adamastor, admiravelmente; depois na figura de Monçai de conta os ritos do Oriente, fez hum novo conselho dos deoses maritimos, & a descripção do Reyno de Cupido no monte Idalio. Não he menos excellente a pintura da Ilha de Sata Elena, o banquete q̄ nella deu Thetis a Dom Vasco da Gama, & seus companheyros, a musica da Serea, que cantou os Capitães illustres Portugueses que depois havião de conquistar a India, & finalmente a descripção dos Globos celestes, & geografia das Provincias novamente descobertas. Quali todos estes episodios forao pensamentos novos, & peregrinos, & tratados com tanta graça, & arteficio que juntamente ensinaõ, admiraõ, & deleytaõ, porque não hã na Arte do bom dizer tropos nem figuras que aqui se não vejaõ exercitadas: variando o estillo, hora grave, grandiloco, & vehemente, hora florido, brando, & ainda jocoso: porque como o poema heroico he hum meyo entre o Tragico, & Comico, assi participa segundo Aristoteles da gravidade da Tragedia, como da graça da Comedia. Por onde Homero, em muytas partes da Odysea, & Illiada introduz, historias jocosas, como foy a da prisão de Venus, & Marte na rede de Vulcano, & outro caso quasi semelhante de Jupiter, & Juno; a peleja do pobre Hiro com seu competidor em casa de Penelope, & outros muytos em que o mesmo Poeta refere o riso a que com ellas se moverão atè os mesmos seus Deoses, & Virgilio tambem no seu 5. liv. descrevendo os jogos que Eneas fez a seu Pay Anchifes, segue no estillo jocoso as regras que neste particular se devem guardar na poesia heroica. De maneyra que Luis de Camões assi nesta parte como nas mais se mostrou excellentè Poeta, & com esta sua obra ficou enriquecida grandemente a lingua Portuguesa; porque lhe deu muytos termos novos, & palavras bem achadas, que depois ficãrão perfeytamente introduzidas. Posto que nesta parte não deyxarão alguns escrupulosos de o condenar, julgandolhe por defeyto as palavras alatinadas que usou no seu poema. Porém desta censura o absolverão com facilidade quem tiver noticia das leis da poesia, & da licença que he concedida aos Poetas para fingir, & derivar novas palavras, porque como tem obrigação de falar ornadamente, não podem deyxar de enriquecer seus versos com palavras, ou defusadas, ou novas, ou transferidas, que são as condições que ensinaõ os Reticos para a Oração ficar cõ Magestade, & fora do estillo humilde, & vulgar. Assi o aconselha Aristoteles na sua Poetica, dizendo: *Locutionem apertam, & non humilem esse: apertissima quidem igitur est ea, quæ ex propriis nominibus, sed humilis: exemplum autem Cleophontis poesis, & Steneli. Grandis autem, & immutans vulgarem rationem, quæ perigrinorum speciem habentibus utitur. Peregrinorum autem, similia dico, linguam, & translationem, & productionem, & omne quod præter proprium, &c.* Neste lugar discorre Aristoteles largamente sobre esta materia, & defende a novidade dos termos que usou Homero contra os que por esta razão o caluniavão. O mesmo afirma Hicrates pay da Eloquencia Grega dizendo na vida de Evagoras: *Poetis multa dantur quibus ornare suum Carmen possunt. His enim, & Deorum cum hominibus congressus, tum disceptationes, & certamina quibus, cum volunt, fingere licet; & cum hæc narrare voluerint, non eadem verborum lege, quæ Oratores astringuntur. Itaque non solum verbis usitatis, verum etiam novis, translatis; & perigrinis, & omni denique dicendi genere, suam poesim ornare possunt. Oratoribus autem nihil tale concessum est, &c.* Esta licença concede mais largamente Horacio aos Poetas Latinos, porque não sò lhe permite, que usẽm dos vocabulos antigos que já não estão em costume, mas que finjão de novo os que quiserem com tanto que se derivem da lingua Grega, diz elle:

Et nova, ficta que nuper habebunt verba fidem si

Græco fonte cadūt, parte de torta; quid autem

Cæcilio, Plauto que dabit Romanus, ademptum

Principe dos Poetas de Hespanha

*Virgilio Variouque? Ego, cur, acquirere pauca
Si possum, inuideor; Quam lingua Catonis, & Enni
Sermonem patrium ditaverit: & nova rerum
Nomina protulerit? Licuit semper que licebit
Signatum præsente nota, producere nomen, &c.*

Tambem Tullio Principe dos Oradores confirma este privilegio aos Poetas dizendo no seu Orador: *In utroque frequentiores sunt, & liberiores Poeta, nam & transferunt verba cum crebrius, tum etiam audacius; & priscis libentius utuntur, & liberius novis.*

Deste privilegio usou tanto Virgilio, que além de declinar muytos nomes latinos pelas terminações Gregas, & falar pelas frases daquella lingua, escreveu por palavras tão fóra do uso ordinario que Macrobio gasta não pouca leytura em mostrar os fundamentos que para isto Virgilio teve, dizendo que todas aquellas palavras traíam sua origem da antiguidade Latina, & foram em seus principios usadas. Do mesmo modo falou Torcato, & tanto se valeo do antigo Toscano, & da lingua latina, que destas palavras novas lhe notarão hum particular vocabulario. Com estes exemplos fica bem livre o nosso Poeta da calumnia que lhe impoem das palavras alatinadas, as quais são tam proprias, & naturais à nossa lingua, que se escusão os Vocabularios de Torcato, & Virgilio, & se entendem de todos igualmente com o romance Portugues.

Cae assi mesmo debayxo do estillo deleytoso a boa proporção do mesmo poema, o qual para ser perfeyto há de ser fundado sobre historia verdadeyra, & admiravel de algum varão insigne em virtude, & valor, & a historia não há de ser larga, porque avendo selhe de acrescentar os episodios, ferà o volume demasiado, & não tendo episodios ficará o poema seco, & sem ornamentos que deleytem. Nem menos ferà de cousas tam antigas que já não estejam na memoria dos homens, nem tão modernas que sejam vivos os de quem se escreve (o que todavia se entende, na acção principal, & não nos episodios, onde se introduzem profecias que falam dos presentes.) Nem se há de contar a historia successivamente, mas começando no meyo dos successos, alcançar se há depois a noticia do precedente com subito conhecimento. Estes, & os mais preceytos da arte se vem tão bem guardados neste poema como a quemquer que o lê he notorio. Pelo que pudera bem fer, que se Aristoteles o alcançara não gastara tantas palavras em louvar os de Homero.

Mas se por veneração da antiguidade se não conceder a palma a este nosso poema entre todos os heroicos, ao menos seguramente se pode julgar por igual ao melhor delles. Deste tão alto merecimento, & grande beneficio que a patria recebeu com tal obra, ficando tão illustrada por seu meyo, não teve Luis de Camões galardão algum; porque a merce que lhe fez El-Rey Dom Sebastiam de huma pequena tença he tal que em sua comparação justamente lhe podemos chamar nenhuma. E ainda que muytos attribuão isto a desgraça do Poeta, eu lho julgo por huma grande felicidade; porque não a pôde haver mayor para hum varão insigne que achar occasião de exercitar alguma excelente virtude, & neste caso se mostrou bem a grande generosidade de Luis de Camões pois fò por amor da patria, occupou seu ingenho em illustrar com suas obras este Reyno, & immortalizar seus naturaes; & foy tão inteeyro na verdade, & alheo de lisonja, que podendo receber premios de muyta consideração por referir nesta obra pessoas particulares, fò tratou nella daquelles varões illustres, que de todos são universalmente conhecidos por taes: como o testifica claramente na estanc. 10. do primeyro Canto em que diz a El-Rey Dom Sebastiam:

Vereis amor da patria não movido, &c.

Eno canto 7. estanc. 83. pedindo favor ás Nynfas do Tejo:

Daymo vós sos que eu tenho já jurado, &c.

Vida do Grande Luis de Camões,

Bud. de
Affe liv.
3.
Acnea.
liv. 5.
FAMIL.
Napoli
tan. de
Scipione
Amirato.
Dile. 1.

Deſta tal inteyrefa, & verdade eſteve muyto alheyo Homero, do qual refere Diam Chriſoſtomo Orat. 11. de excidio Illij que andando mēdigando pelas Cidades de Grecia, vendeo por dinheyro os louvores, que na ſua Illiada da indignamente a muytos homens particulares, & a Virgilio deu Octavia irmã de Auguſto cem mil reis por cada verſo, dos vinte hum que eſcreveo de Marcello teu filho; & do que lhe derão os amigos deyxou depois por herdeyro a Auguſto em duzentos & cincoenta mil cruſados, como aponta Budeo, ſeguindo a Servio, & a Donato; pello que não he muyto que elle dedufiſſe a familia dos Julios de Julio, a dos Memios de Mneſteo, a Sergia de Sergeſto, & de Cloanto a Cluenta, couſas todas fabuloſas, & inventadas delle meſmo, ſo para linſongear os poderofos daquelle tempo como o nota doutamēte Scipião Amirato. Quaõ longe eſteve deſte vicio Luis de Camões ſe ve claro no que eſcreveo, pois nem ainda o Conde que então era da Vidigueyra lhe fez favor algum em remuneração de quanto diz naquelle poema do grande Dom Vaſco da Gama, como elle o teſtifica dizendo no Cant. 5. eſtanc. 99.

As muſas agradeça o Noſſo Gama, &c.

Eſte foy Luis de Camões na compoſição dos ſeus Luſiadas. Porẽm nas outras partes da poeſia não merece menor louvor, por guardar nellas os preceytos da Arte perfeytamente. Nos verſos piquenos ſe houve com tanta eloquencia, & graça, que Lopo da Veyga no prologo do ſeu Santo Iſidoro lhe dà o primeyro lugar; & verdadeyramente foy tão abundante de conceytos, & tão facil em os por em verſo, q̄ não ſey de qual deſtas couſas nos poſſamos mais admirar, porque ſendo muytas vezes os mōtes ſequiſſimos, & incapazes de bom penſamento, he tanto o que acha que dizer em qualquer materia, que parece increivel, ainda depois de viſto, & a ſuavidade do verſo ſempre tão corrente, & facil que parece ſenaõ podia dizer aquillo por outro melhor, nem mais gracioſo modo. Nas Odes, & Canções ſeguio o eſtilo grandiloco, & aſſi participão da Mageſtade dos ſeus Luſiadas.

Cuydaõ alguns, que eſta fraſe grandiloca, que ſe vè em parte das ſuas Eglogas, lhe fez exceder o decoro que ſe deve guardar ao fogeyto paſtoril, não ſe lembrando de Virgilio que nas ſuas Bucolicas introduz argumentos muyto ſuperiores àquelle fogeyto, como he o da quarta Egloga que trata ſo da profecia da Sibilla Cumea, & o da ſexta, em que Sileno diſcorre pela fabrica do mundo, & historias mais notaveis delle, o que tudo excede grandemente o modo paſtoril. Pelo que pois Virgilio a juizo de todos os Criticos não inerece censura em exceder o decoro neſtes argumentos muyto menos a merece Luis de Camões por exceder ſo nas palavras guardando o devido decoro nos argumentos, aſſi das Eglogas Paſtoris, como das Piſcatorias. Antes he digno de muyto louvor neſte genero de poeſia, por ſer o primeyro que deſtas duas eſpecies fez hum mixto, compondo as Eglogas de Peſcadores, & Paſtores juntamente, por peſſoas de dialogo, como ſe vè na que dedicou ao Duque de Aveyro que começa:

Arſtica contenda deſuſada, &c.

Onde mais abayxo diz:

Vereis (Duque ſereno) o eſtillo vario, &c.

Nas comedias ſeguio a fôrma que então ſe praticava, & ainda aſſi introduſio já algumas profas imitando os ingenhos Italianos, & ao noſſo Francisco de Sà, que deyxaraõ os verſos em que os Gregos, & Latinos as eſcreverão; porque como tinham muyta diverſidade dells, eſcolherão os que mais ſe chegavão ao falar folto, o que entre nòs não pòde bem ſer pela obrigação dos conſoantes, mas ainda aſſi tradufio excelentemente a dos *Amphitriões* de Plauto. Outras traduções fez tambem em verſo em que ſe não moſtrou menos elegante como foy a Elegia da payxão de Sanafaro, o Pſalmo: *Super flumina Babylonis*, a fabula de *Biblis*, & a de *Narcifo*, & outros. Tambem ſe achão algumas obras ſuas em proſa folta, as mais dellas de materia jocofa, & eſtillo metaforico, que era o que então ſe preſava muyto na

Principe dos Poetas de Hespanha.

Corte; por o ter introduzido Fernão Cardoso, que foy nelle eminente, ainda que Luis de Camões o ufou com mais policia, & facilidade.

De todas estas obras se pôde bem conhecer a grandeza do engenho de feu Autor, & a universal noticia que teve das Sciências, & letras humanas; porque quem cõsiderar seus escritos, achará que teve conhecimento da lingua Grega, da Philofia, Theologia, Mathematicas, Historias humana, & que foy taõ gèral em toda a materia, que em qual quer facultade que trata parece portellor della. Pelo que se em algũas de tuas obras se achar acafo couza que desdiga do que se espera de tal Autor não se deve imputar o defeyto a elle, senão ao tempo, & aos copiadore, porque como seus versos andãrão tantos annos, antes de se imprimirem tresladados de varias mãos, com facilidade se poderia corromper como vemos acõteceo às melhores obras da Antiguidade; & em particular a esta causa se attribuirão (como já disse) as dissonancias dos versos de Homero em tempo de Vespasiano. Quanto mais que como Luis de Camões não fazia estas Rimas para as imprimir, mas conforme a occasiao, & tempo lhe davaõ lugar, não hiaõ muytas dellas com aquella perfeçãõ com que as acabãra; se gastãra nistõ o tempo que gastava Virgilio, o qual dizia, que aperfeçõava os seus versos como o parto da Urfa:

Por todas estas partes foy Luis de Camões taõ louvado, & conhecido no mundo que Fernando de Herrera chamado de muytos o Divino, sò a elle dava ventagem, & o excellente Torquato Tasso confessava, que sò a elle temia, & se admirou tanto de ver os seus Lusíadas, que inflamado nos louvores do Autor publicou o que delle sentia neste soneto, que não ficou para elle menos honroso que para quem o compo:

R hime
di Tasso
p. 3. in
Venc.an-
no 1603.
fol. 151.

*Vasco le cui felice, arditè antene
In contro al Sol, che ne riporta il giorno
Spiegare le vele, & fer cola ritorno,
Ne egli par che di caderè, accenne.
Non piu di te per aspero mar sostiene
Quel che fece al Ciclope oltraggio, & scorno
Ne chi turbò l' Arpie nel suo soggiorno,
Ne diè pui bel subietto a colte penne.
Et hor quella del colto, i bou luigi,
Tanto oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalma i legni andar men lunge,
Onde à quelli a cui s'alza il nostro Polo,
E achì ferma in contra i suoi vestigi.
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.*

O grande conceyto que Lopo da Veyga celeberrimo Poeta de nossos tempos faz do nosso Luis de Camões, se vê bèm em seus escritos, dandolhe sempre o epiteto de excelente. E o Mestre Francisco Sanches Brocense, assaz conhecido em toda Hespanha por sua rara erudição, lhe não dà menores titulos, tratando do respeyto que se deve ter aos escritos de Virgilio, & doutros semelhantes Poetas, como se vê destas palavras: *Digo esto por la veneracion en que haviamos de tener a los Poetas, siendo tales que verdaderamente mereçcan este nombre. Tal me parece a mi Luis de Camões. Lusitano, cuyo subit ingenio, doctrina entera, cognicion de lenguas, delicada vena muestran claramente no faltar le nada para la perfeccion de tan alto nombre, &c.* O Padre, Christovão Del rio, & Dom Fernando Alvia de Castro, o poem entre os melhores do mundo; Christovão Soares de Figueyroa varão insigne nas letras humanas, na vida do Marquez de Canhete, o iguala com Homero, & o aplauso universal de todos lhe dà o Titulo de Principe dos Poetas; o que na verdade parece se lhe deve justamente; porque se muytos homens doutos de Europa, reconhecẽrão à Nação Portuguesa huma certa superioridade na Poesia, como entrẽ outros

Del Rius
in Trage.
Senec.
Castro
na Dedi-
catoria
dos Ato-
rismos.
Ciguçça
de S. Hier
3. p. 1. 2. 3
c. 42.
Tom. 2.
tit. Poeta
sacri.

O CON-

o confessa o Autor da Bibliotheca Hispana dizendo *Lusitani in poetica, ut, & in Musica regnare feruntur mira animi propensione, velut entusiasmo rapti, &c.* Com razam se pôde dar o nome de Principe dos Poetas a Luis de Camões, pois elle tem o principado entre todos os Portuguezes.

Porem se na estimaçam de tantos autores graves está igual a Virgilio, & Homero, tambem parece que lhe não ficou inferior nos prodigios que se delles em suas vidas contam; porque foy seu engenho tam singular, que nam faltam curiosos, que digam, que muytos seculos antes foy prognosticado ao mundo o seu Poema pela Sibila Cumea, porque assi como qualquer grande perfeçam em huma Sciencia, ou Arte, nam se pôde alcançar sem particular concurso do Ceo, assi parece que ordena algumas vezes seja isto prognosticado aos homens muytos tempos antes; que aconteça. Velle esta profecia na quarta Egloga de Virgilio, a qual foy toda tirada dos versos da Sibila, em que profetizou a felicidade que havia de haver no mundo depois do Nascimento de Christo nosso Senhor onde diz que o Poeta que havia de cantar a historia dos segundos Argonautas venceria na poesia a todos os passados; & desejando Virgilio ser este que a Sibila prognosticava, diz ao filho de Pollião (a quem elle erradamente applicou esta profecia) que se lhe a elle caisse a sorte de ter este Poeta, estava certo, que havia de vencer na poesia até os mesmos Deoses, & inventores dos Versos:

*Omibi tam longe maneant pars ultima vitæ
Spiritus, & quantum sat erit tua dicere facta,
Non me carminibus vincet nec Tracius Orpheus,
Nec Linus, huic mater quamvis atque huic pater adsit
Orphei Caliopea, Lino formosus Apollo.
Pan etiam Arcadia mecum si iudice certet
Pan etiam Arcadia dicet se iudice victum.*

E certamente que este pensamento está fundado em boa razão, porque se a gloria que os Antigos Argonautas, & Achilles alcançaram, foy mais pelos excellentes versos em que foram cantados, que pela grandesa das façanhas que obraram, como afirmava Alexandre, com quanta mais razam parece que nam deviam ficar inferiores nesta parte aos primeyros Argonautas os nossos segundos Argonautas Lusitanos, de quem, segundo Bozio, & muytos outros, alli falla a Sibila à letra, pois a nossa navegaçam, & os heroicos feytos que os Capitães Portuguezes fizeram na India, excederam tanto aos dos Argonautas, & Achilles, que nam sofrem comparaçam alguma. E nam sòmente podemos applicar a Luis de Camões os versos referidos da Sibila, mas tambem darlhe aquelle lugar que em Roma na coroaçam de Patriarca deyxou desocupado entre Apollo, & as Musas, no monte Parnaso, aquelle grande Astrologo Barbante Senes, por cujo discurso aquella rica historia se pintou: dizendo que o mereceria hum Poeta Occidental de lingua barbara (assi chamavam entam os Italianos às de Hespanha) que andando os tempos havia de vir ao mundo. Concluamos logo que se o nosso Poeta nam cedeo no engenho a Virgilio, & Homero, tam pouco lhe cedeo nas maravilhas do nascimento; & com mais razam nos podemos persuadir que as houvesse em hum Poeta Catholico, que nos Gentios.

Nam foy menor a opiniam que Luis de Camões alcançou na patria que a em que o tiveram os estrangeyros: porque ainda que lhe faltaram com os premios devidos a seus merecimentos, foy tido em grande estima dos maiores senhores, & mais prezados daquelle tempo, como foraõ o Duque de Bragança Dom Theodozio, & o Duque de Aveyro Dom Jorge, o Conde que depois foy do Vimioso Dom Francisco de Portugal, Dom Manoel de Portugal seu tio, o Viso-Rey Dom Constantino, o Conde de Atouguia Dom Luis de Ataide, o Conde do Redondo, & outros que fora largo contar. Nem era de menor valor a merce que recebeuo das Senhoras Dona Francisca de Aragam, Dona Guiomar Blasfe, & da Senhora Infante Dona Maria,

como

Cic. pro
Archia
Plutar. in
vita Alex.
Boz. de
fig. Ec-
clcl. Or-
tel. Ari-
ost. cant.
15. Tor-
cat. cant.
15.

Principe dos Poetas de Hespanha

como se vê em suas obras. Tambem referem muytos Fidalgos daquelle tempo, que quando succedeo neste Reyno El-Rey Dom Felipe o Prudente, depois de chegar a Lisboa mandou fazer diligencia por Luis de Camões, & sabendô, que era fallecido mostrara disão sentimento, porque desejava de o ver por sua fama, & fazerlhe merce. De maneyra, que a pobreza em que viveo, nam lhe abateo entre os Principes a grande opiniam que à suas obras se devia, & se as riquezas fugirão delle, ou foy pelas razões, que o Plutaõ de Luciano dava contra Timon, ou por elle fazer pouco pelas adquerir, ou por seus merecimentos serem muyto grandes: pois he certa a sentença de Tacito, que os beneficios são agradaveis em quanto se podem recompençar, mas que passando deste termo tem o desagrado em lugar de premio.

Destá gèral reputação que os naturaes, & estrangeyros tinham delle, não he muyto lhe natcessè a ètlima grande que de si tinha, louvando, & abonando seu engenho em muytas partes dos seus Lusíadas, & mais Obras: o que alguns lhe atribuirão a vicio, não atentando que he impossivel não se conhecer hum bom entendimento a si proprio, & ter verdadeyra opiniao de suas cousas. Aristoteles diz, que o varão grande, se se não tiver por tal, não o ferà: *Esse sanè magnanimus is videtur, qui cum magnis sit dignus, magnis quoque semet dignum existimat: nam quis non pro dignitate id facit, stolidus est; at virtute præditus neque stolidus, neque stultus est quispiam, &c.* E noutro lugar: *Magni enim viri, honore se ipsos dignos maxime existimant, ac pro dignitate illi quidem.* E o mesmo afirma Balthezar Castilone no seu Perfeyto Cortezam, & lhe permite louvarse em seu tempo, & lugar conveniente, dizendo na pessoa de Gaspar Palavicino: *Ho conosco iuti poc hi huomini eccelenti, in qual si voglia coza, chi non laudino se stessi; & par me che molto bem comportare lor si possa. Per che chi si sente valere, quando si vede non esser per le opere conosco iuto, si sdegna che il valor suo sia sepolto. Et forza è che a qual che modo lo scopra, per non essere de fraudato de le honore, che è il vero premio de le virtuose fatiche: Pero negli antichi scrittori chi molto vale, rare volte si astien di laudar se stesso, &c.* E Tullio na sua primeyra Tusculana resolve, que aquelle celebre Oraculo *Nosce te ipsum*, não foy dito, para sabermos as miserias do corpo, mas para cada hum conhecer as excellencias de seu proprio animo, & entendimento. Porèm ainda que não houvera as authoridades de taõ doutos Varões, bastantemente ficava o nosso Poeta deisculpado, com ser este o uso comum de todos os Poetas, como diz o mesmo Tullio Tusculanarum quæst. liv. 5. *Adbuc neminem cognovi Poetam, qui sibi non optimus videretur.* E ad Atticũ epist. 22. *Nemo unquam, neque Poeta, neque Orator fuit, qui quemquam, meliorem quam se arbitraretur.* Bom exemplo he desta opiniao Homero na pessoa de Demodoco, Virgilio em muytos lugares, & Horacio liv. 1. Ode 1. em que se finge coroado entre os Deoses dizendo:

Me doctarum ederæ præmia fontium

Dijs miscet superis

Eno liv. 2. Car. escreve toda, a Ode 20. em seu louvor, que começa:

Non usitata nec tenui ferar

Pennâ, biformis perliquidum æthera Vates, &c.

E no Terceyro Ode 30.

Exegi monumentum ære perennius,

Regalique si tu pyramidum altius:

Quod non imber edax, non Aquilo impotens

Possit eruere, aut innumerabilis

Annorum series, & fuga temporum, &c.

O mesmo faz Ovidio em muytos lugares, & em particular no liv. 4. De Tristibus Eleg. 10. dizendo assi.

Tu mihi (quod rarum est vivo) sublime dedisti

Nomen, ab exequiis quod dare fama solet.

Tacit. livj
4. histor.

liv. 4.
Etic. 3.

El Corte
lan. liv. 1.

*Vida do Grande Luis de Camões,
 Nec qui detrahat praesentia livor, iniquo
 Ullum de nostris dente momordit opus.
 Nam tulerint magnos cum saecula nostra Poetas,
 Non fuit ingenio fama maligna meo.
 Cumque ego praeponebam multos mihi, non minor illis
 Dicor, & in toto plurimus orbe legor.
 Siquid habent igitur vatatum praesagia veri,
 Protinus ut moriar non ero terra tuus, &c.*

Estacio liv. 12. da sua Thebayda:

*O mihi bisseos multum vigilata per annos
 Thebay jam certè praesens tibi fama begninum
 Stravit iter, cepitque novam monstrare futuris.
 Jam te magnanimus dignatur noscere Caesar,
 Itala cum studio discit, memoratque juventus.
 Vivè precor, nec tu divinam Aeneida tenta,
 Sed longe sequere, & vestigia semper adora.
 Mox tibi si quis adhuc praetendit nubila livor
 Occidet, & meriti post me referentur honores.*

E Sanafaro na sua 4. Piscatoria não quis deyxar de lembrar que elle fora o primeyro que trouxera as Eglogas até então. Pastoris aos Pescadores:

*— Nunc litoream nec despice Musam,
 Quam tibi post sylvas, post horrida lustra licæi,
 (Siquid id est) salsa deduxi primus ad undas,
 Ausus in experta tentare pericula cymbac.*

Dos outros vulgares não há que referir mais exemplos, pois todos os trasem nas mãos. Pelo que bem se vê a pouca razão com que nesta parte pôde ser o nosso Poeta notado.

Depois que Luis de Camões imprimio os seus Lusíadas passou o restante da vida em Lisboa, no conhecimento de muytos, & conversação de poucos; porque tendo já passado por elle as primeyras verduras da mocidade, tinha entrado na idade madura, & só continuava com alguns homens doutos seus amigos, principalmente no Convento de San Domingos de Lisboa, onde tinha particular familiaridade com alguns Religiosos daquella Santa Casa. Neste tẽpo lhe sobreveyo huma larga enfermidade, que lhe fervio de se aparelhar para a morte, a qual elle trazia taõ presente, que até nas cartas jocosas falava muyto de siso nella, como se vê bem das que andaõ impressas nas suas Rimas. Acrescentou selhe este mal com o sentimento da morte d'El-Rey Dom Sebastiam, a quem tinha intentado celebrar em outro heroico poema, se a ambos durara a vida, & melhor fortuna.

Com esta, & outras molestias se lhe foy aggravando a enfermidade até o anno de 1579. no qual faleceo. Estava neste tempo em tanta pobreza, que de casa de Dom Francisco de Portugal lhe mandaraõ o lançol em que o amortalhãrão, & assi foy sepultado na Igreja de Santa Anna (aonde se acha hoje o Coro das Religiosas) sem letreiro, ou campa alguma, que mostrasse o lugar de sua sepultura.

Era quando morreo de pouco mais de cincoenta annos, porque quando compunha os seus Lusíadas, diz elle no canto 10. estanc. 9. que tinha já pouco que passar da idade do Estio para o Outono, o qual começa dos cincoenta por diante:

Vão os annos descendo, & já do Estio, &c.

E fallecendo elle sete annos depois de sua impressaõ (a qual foy no de 1572.) parece que não passou dos cincoenta & cinco. Foy Luis de Camões de meã estatura, grosso, & cheyo do rosto, & algum tâto carregado da frente, tinha o nariz comprido levantado no meyo, & grosso na ponta; afeavaõ notavelmente a falta do olho direyto, sendo mancebo, teve o cabello tão louro, q tirava a açafreado; ainda q não era gracioso

Principe dos Poetas de Hespanha.

gracioso na apparencia, era na conversação muyto fácil, alegre, & deizador, como se vê em seus motes, & esparfas, posto que já sobre a idade deu algum tanto em malencolico. Nunca casou, nem deyxou geração. Viveo, & morreo em tanta estreyteza do necessario para a vida, que se aquelles tempos não foraõ tão calamitosos para o Reyno, com as cousas de Africa, pudera redundar em afronta dos naturaes, & causar admiração. Ainda que os que tem noticia das historias humanas entenderaõ bem, que este he o estillo ordinario do mundo, no qual os mais dos homens eminentes são perleguidos, & despresados em vida. Do grande Homero sabemos que se sustentava pedindo esmola por Grecia. A Socrates faltava muytas vezes huma capa com que se cobrir, & em fim veyo a morrer condenado pelos Athenienses, & Aristoteles, & Demosthenes, porque o não fossem fugirão da mesma Cidade. Scipião morreo despojado da fazenda, & desterrado da patria. A Tullio degollaraõ, & por mais o afrontarem, lhe cortaraõ aquella lingua, em q por tantas vezes cõfistio a liberdade da Republica, & o grande Epicteto viveo em Roma com tanta miseria, que não tinha mais de seu, que hum candieyro de barro, com que se alumiaava. Acabando porẽm com a vida as armas da inveja, com que os grandes engenhos são sempre combatidos, nascem elles de novo depois da morte, & vestidos das azas da fama, alcanção a gloria, que suas obras mereceraõ; porque os homens não podem fazer guerra, senão aos corpos, os quaes, como compostos de materia fragil, & caduca, são vencidos de mayor potencia. Mas as obras do engenho, como representaõ o animo, que he eterno, duraõ iguالمême com o tempo, & com elle adquirem o premio igual a seus merecimentos. Daqui veyo chegarem depois os Gregos a venerar, como cousas Divinas, aos mesmos Homero, Socrates, Demosthenes, & Aristoteles, a quem em vida perseguirão, & em Roma a confessarem os Cidadãos, que não podia ser castigada aquella Cidade com mayor pena, que privala Scipião do thesouro de sua sepultura, & a dizerem contra os matadores de Tullio, que por se livrarem de sua eloquente lingua, fizeram fallar contra si as de toda a Republica; & foy taõ estimado o nome de Epicteto, que o seu candieyro de barro, por ser possuido de tal dono, se comprou na praça de Roma por trezentos cruzados.

Deste mesmo modo vay succedendo a Luis de Camões, o qual, sendo perseguido em vida de perpetuos infortunios; depois de morto tem alcançado gloriosissimos premios de seus trabalhos, porque pouco depois de seu fallecimento, movido Dom Gonçallo Coutinho do zelo da patria, a quem o Poeta tinha tanto merecido, lhe mandou cobrir o lugar da Sepultura com huma campa de marmore com este honroso Epitafio:

Aqui jaz Luis de Camões, Princepe dos Poetas de seu tempo: viveo pobre, & miseravelmente, & assim morreo o anno de 1579.

Esta campa lhe mandou aqui por Dom Gonçallo Coutinho, na qual se não enterrará pessoa alguma.

A este Epitafio acrecentou depois outro mayor (cõ gosto do mesmo Dom Gonçallo) Martim Gonçalves da Camera, Presidente, que foy da mesa do Paço, & escrivão da puridade d'El-Rey Dom Sebastiam grande valido seu, & estimado de todos os Reys deste Reyno, varão de summa inteyresa, virtude, & temperança, compos este Epitafio à sua instancia o Reverendo Padre Matheus Cardoso Religioso da Companhia de Jesus Lente que foy da primeyra cadeyra da humanidade da Universidade de Evora, que depois deyxando os Estudos humanos, se dedicou sò aos Divinos, & à pregação do Evangelho nas barbaras Regiões de Angola, onde ao presente anda, & o pitafio diz assi:

Vida do Grande Luis de Camões,

*Naso eligis, Flacus Lyricis, epigramate Marcus
Hic jacet, Heroo carmine, Virgilius.
Ense simul, calamoque auxit tibi Lysia famam,
Unam nobilitant Mars, & Appollo manum.
Castalium fontem traxit modulamine, at Indo
Et Gangi, telis obstapefecit aquas.
India mirata est, quando aurea carmina lucrum
Ingenii, haud gazas, ex Oriente tulit;
Sic bene de patria meruit, dum fulminat ense,
At plus dum calamo bellica facta refert.
Hunc Itali, Galli, Hispani vertere Poetam
Qualibet hunc vellet terra vocare suum
Vertere fas, equare nefas, æquabilis uni,
Est sibi, par nemo, nemo secundus erit.*

Não he pequeno louvor alcançar Luis de Camões depois de morto estas gloriosas memorias por obra de Varões tao Illustres, quando até os mayores Principes do Mundo, & os parentes mais chegados com a morte se sepultão juntamente no esquecimento dos vivos. Porém não he menos honra a que adquirio nos bons engenhos, que se dedicarão a tradusir o seu poema heroico, o qual anda convertido nas melhores Lingoas de Europa querendo cada qual fazello proprio por ornamento da sua propria, & para enriquecer seus naturaes com tao precioso thesouro. E ultimamente o Reverendissimo Bispo de Targa Dom Frey Thomè de Faria o traduzio com grande elegancia em verso Heroico Latino, tendo justamente tal occupação por digna de sua profissão, & dignidade, como outros muytos Prelados tem feyto em semelhantes fogeytos, por ser obra em que se mostra muyta erudição, & engenho. Neste Reyno se tem tambem empregado não poucos em comentarem, & louvarem o mesmo Poeta Luis de Camões; alguns fairão a luz, & outros se conservão manuscritos, mais dignos, pòde ser, da impressão, que os que tiverão esta fortuna, qual he o que hà muytos annos tem composto Luis da Silva de Brito Prior do Santo Milagre de Santarem, pessoa affaz conhecida neste Reyno pella muyta Doutrina, & qualidades que nele concorrem. Dos versos que se tem composto em seu louvor, por serem muytos, refirirey fò dous Epigramas que se imprimirão com as suas Rimas no anno de mil & quinhentos & noventa & oyto: o primeyro Latino feyto por Manoel de Soufa Coutinho, tao Illustre no sangue, como nas Letras humanas, o qual deyxando o seculo, & nome, entrou na Sagrada Religião dos Prègadores, onde se chamou Frey Luis de Soufa, & tem dado com tuas Obras outra nova esperança à nossa patria. Pelo que por ser o Epigrama de tal fogeyto, he para Luis de Camões de grande reputação.

*Quod Maro sublimi, quod suavi Pindarus, alto
Quod Sophocles, tristi naso, quod ore canit,
Mestitiam, casus, horrentia praelia, amores,
Funeta simul cantu, sed graviore damus.
Quisnam Auctor? Camonius. Unde hic? Protulit illum
Lysia in Eoas imperiosa plagas
Unus tantã dedit: Dedit, & mayora daturus,
Ni cæli fato corripere tur, erat in ore
Ultimus hic choreis Musarum præfuit: illo
Plenior Acnidum est, nobiliorque chorus
Flos veteris, virtus que novæ fuit ille camæna,
Debita jure sibi jceptra poesis habet.
In Lusitanos Heliconis culmina tractus
Transstulit antra, lyras, serata fluentia, Deas.*

Principe dos Poetas de Hespanha.

Currere Castalios nostra de rupe liquores

Jussit, ab invito prae a virere solo.

Cerne per incultos, Tempe meliora recessus,

Cerne satas, sterili se spite, veris opes.

Omnibus Occidui rident tibi floribus horti,

Non ego jam Lysios, credo, sed Elysios.

Orpheus attonitas dulci modulamine cautes

Traxit, & ab stygio squalida monstra foro

Thessalicos Lodoice, sacro cum flumine montes

Pieridumque trahis caelituum quae choros

Sunt maiora tuae Orphæis miracula vocis,

Attica quid faceres, si tibi lingua foret?

O outro he hum Soneto Portugues do nosso Poeta Diogo Bernardes, que no estillo pastoril não reconhece superior, o qual por ser tão qualificado voto he digno de muyta consideração:

Quem louvará Camões que elle não seja

Quem não vê que em vão cança engenho, & arte.

Elle asi só se louva em toda a parte,

Et toda a parte elle só enche de inveja,

Quem juntos num espirito ver deseja

Quantos doens entre mil Phebo reparte

(Quer elle de Amor cante, quer de Marte)

Por mais não desejar elle só veja.

Honrou a patria em tudo, imiga forte

A fez com elle só ser encolhida,

Em premio de estender della a memoria.

Mas se lhe foy fortuna escasa em vida

Naõ lhe pode tirar depois da morte

Hum rico emparo de sua fama, & gloria.

Destes testemünhos poderamos trafer muytos, mas balte hum universal; que he a grande estima que neste Reyno se tem feyto de suas obras, das quaes se tem impresso, & gastado mais de vinte mil volumes; & tão geral he hoje o conhecimento do muyto, que mereceo à patria, que se durara ainda agora entre nós o costume dos Romanos, que aos Cidadãos benemeritos levantavam estatuas nas praças, nam duvido, que do publico se lhe dedicara huma muy sumptuosa mas por nam carecer deste premio, no modo em que se permite a hum particular lhe mandou Gaspar de Faria Severim, meu sobrinho em o livro, que imprimio de varios discursos, em que tambem hia esta sua vida) esculpir em brôze de meyo corpo o feu natural retrato, cõ sua inscripçam, & para em toda a parte o poder acompanhar com o dito retrato fez a breve noticia de sua vida; & lhe ajuntou hum Elogio Latino, que vertido no nosso Idioma he o seguinte.



ELOGIO.

Camões he Lusitano, este que vos parece Homero, na semelhança do rosto, nos mesmos partos do entendimento, & na ignaldade da vida. Homero foy falto de ambas as vistas, Camões de huma dellas: áquelle possubio poucas riquezas, este viveo em perpetua pobreza: cantou aquelle Ulysses, este os Ulysses, mas sendo a Homero igual no canto, no mais foy superior, porque concebendo em seu animo hum soberano Poema, em que havia de pintar a braveza das tormentas de Neptuno, & o furor de Marte a ferro, & fogo, navegou, & passou à India, ouviu os sabios della, pelexjou valerosamente com os inimigos (como testeficam as fermosas feridas, recebidas no rosto,) & sendo outro Platam nas peregrinações, imitou no naufragio a Cesar, contentando-se de livrar-se das ondas seus Poemas. Tornado à patria, experimentou sua ingratitude, depois de a ter singularmente emnobrecido, & sem receber premios, nem honras da Poesia, acabou a vida como desterrado entre seus proprios Cidadãos. Chegou porém 43. annos depois de morto o bem merecido galardam à suas Obras procurando o agradecimento livralo da aduersidade da fortuna, & esquecimento da morte com este novo genero de Estatua, que Gaspar de Faria Severim primeyro lhe levantou, em quanto outros de marmore, & de ouro lhas preparam. Anno 1622.


Plin. liv.
35. c. 2.

Desto modo ficarà a Imagem do nosso Poeta ornando as Livrarias, & Casas das Sciencias, com grande gosto dos Doutos, & curiosos, os quaes já em tempo de Plinio costumavam ter ornados os rostos daquelles cujos animos conservavam retratados no mesmo lugar em suas Obras. E era este costume tam usado em Roma, que atè os Retratos que nam havia, se fingiam, como aconteceu ao de Homero. *Ex auro, argento, aut certe ex ære (diz elle) in Bibliothecis dicantur illi, quorum immortales animæ in iisdem locis, ibi loquantur, qui nimè etiam qui non sunt, finguntur, pariantque desideria non traditi vultus, sicut in Homero evenit, &c.*

No Retrato ficou Luis de Camões aventejado a qualquer grande Estatua por maravilhosa, que fosse, porque as Estatuas nam occupam mais que hum só lugar, & padecem tambem as injurias do tempo, com as quaes se acabaram atè aquelles monstruosos Colossos, com que os Antigos quizeram eternizar sua memoria, porém as Estampas tem aquella propriedade da pintura com a qual diz o mesmo Plinio, que os homens se fizeram iguaes aos Deoses, podendo estar juntamente presentes em toda a parte, & por beneficio da Impressam ficam izentos dos poderes do tempo. Estes excellentes premios, que as Obras de Luis de Camões tem alcançado, parece antevio elle muytos annos antes, quando considerando o pouco fruyto, que centam lhe rendiam seus versos disse na Estanc. 100. do Canto 5. de seus Lusíadas. *obdit vobis, oculus. Porém não deyxem em fim de ter disposto, &c.*

Pello que tem nelle todos os professores das Sciencias hum grande exemplo, para nam deyxarem de occupar seus talentos em beneficio publico, por falta de favor, porque quanto mais este lhe falecer de presente, tanto mayores premios podem esperar de futuro.

Com razam logo nos podemos consolar da contraria fortuna, que o nosso Poeta padeceo em vida, pois além de ter nella por companheyros aos mais Illustres Varões da Antiguidade, não lhe vay ficando depois da morte inferior nas honras da Sepultura, na authoridade da Estatua, na dilataçam da Fama, com a qual he celebrado por todo o mundo, em tantas lingoas, dos melhores Poetas, Historicos, & Oradores, de maneyra, que sua gloriosa memoria durarà igualmente com os Seculos vindouros.



OS LUSIADAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Fazem concilio os Deos na alta Corte,
 Oppoemse Bacco à Lusitana gente,
 Favorece-a Venus, & Mavorte,
 E em Moçambique lança o ferreo dente:
 Depois de aqui mostrar seu braço forte,
 Destruindo, & matando juntamente,
 Torna as partes bulcar da roxa Aurora,
 E chegando a Mombaça surge fóra.

CANTO PRIMEYRO.

Neste Canto primeyro se conta o que aconteceu ao Capitaõ Môr Vasco da Gama, depois que partio de Lisboa a descobrir as partes da India por mandado d'El-Rey D. Manoel, té chegar a Mombaça na Costa de Melinde.

A ^I *S armas, & os Varões assmalados,
 Que da Occidental praya Lusitana,
 Por mares nunca d'antes navegados,
 Passãraõ inda além da Taprobana:
 Em perigos, & guerras esforçados,
 Mais do que promettia a força humana:
 E entre gente remota edificãraõ
 Novo Reyno, que tanto sublimãraõ.*

A *S armas.* Costumaõ, os que declaraõ obras alheas, antes que entrem na declaraçaõ dellas, tratar algúas cousas, assim do Autor da obra, titulo della, como da qualidade do verso, & inten-

çaõ do Autor. O Autor deste Livro foy Luis de Camões, Portuguez de naçaõ, nascido, & creado na Cidade de Lisboa, de Pays nobres, & conhecidos: á qual, depois de haver estado muytos annos nas partes da India, se recolheo, & nella morreo, & está sepultado no Mosteyro de Santa Anna. Pelas Armas foy na India muyto conhecido, & estimado, como testemunhaõ muytas pessoas de qualidade, que o conhecãraõ naquellas partes, & hoje em dia vivem nestas. Quanto á Letras, esta, & outras obras suas, que andaõ impressas, mostrãõ sua erudiçaõ, & engenho: & quam alta puzera a risca, se deyxados outros exercicios, se dera a ellas de todo. Intitula-se esta obra, *Os Lusitadas de Luis de Camões*, por tratar dos feytos dos Portuguezes, aos

quaes os Latinos chamaõ *Lusiadas*. Alguns que-rem, que os Portuguezes se chamem *Lusiadas* de Luso decimo septimo Rey de Espanha, que reynou nella trinta annos, de cuja origem não dão razaõ alguma. O nosso André de Resende *lib. 1. antiq. Lus. in principio*, diz que de Luso filho de Baccho, & que se chamãraõ tambem *Lysiadas* de Lyfa seu companheyro: & à terra *Lusitania*, ou *Lysitania* por este respeyto, o qual eu sigo. Hoje se chama Portugal, de cuja origem se veja, o que escrevemos no canto terceyro, Octava 20. A qualidade do verso, he Octava rima, verso heroico, como entre os Latinos, & Gregos, o Hexametro. Chama-se Octava rima, por ter cada estancia oytto versos. A tenção do Poeta he tratar do descobrimento, & conquista da India, & dos valerosos feytos em armas, que os Portuguezes nella fizeraõ. Guarda a ordem, que os Poetas heroicos costumão guardar no principio de suas obras. Propoem naquellas palavras: *As armas, & os varões assinalados*. Pede ajuda ás Nymphas do Tejo naquella Octava: *E vds Tagides minhas*. Começa a narraçãõ naquelle verso: *la no largo Oceano navegavaõ*.

Da occidental praya Lusitana. Chama a Portugal, parte occidental, porq̃ de todas as de Europa, nenhũa o he mais. *Occidental* quer dizer, aonde o Sol se poem, não porq̃ se ponha, mas porq̃ quãdo o dia se acaba neste nosso Emispherio, parece, q̃ alli acaba, & fenece seu curso; pelo q̃ vulgarmente se diz, q̃ se poem, como se não ponha, mas ande em continuo movimêto, dando luz ás terras por onde passa.

Por mares nunca d'antes navegados. Esta he a verdade, que atè o tempo de El Rey D. Manoel não foy descuberta a carreyra da India, nem se navegou, como hoje se navega. Nem me move, o que diz Damiaõ de Goes na historia do Principe Dom João, *lib. 2. cap. 67.* pelo que leo em Plinio: que terá tal como o de Eudoxo, de que trata Estrabaõ *lib. 2 pag. libri mei 72.* & tem por fabuloso. E o nosso Poeta tinha voto nestas, & semelhantes materias. Leaõ os curiosos a Gaspar Barreyros em o comentário, que fez da região Ophyr, aonde trata esta materia com muyta claridade, & verdade.

Passaraõ inda além da Taprobana. Para encarecer a comprida navegaçãõ dos Portuguezes, usa desta palavra *Taprobana*, à imitaçãõ dos antigos, os quaes quando queriaõ encarecer huma cousa por muyto remota, diziaõ, ferã na *Taprobana*. Hoje se chama *Ceylaõ*, & he sujeyta aos Reys de Portugal. Veja-se a nosssa annotaçãõ no canto decimo Octava 51.

2.

E *Tambem as memorias gloriosas*
Daquelles Reys, que forãõ dilatando
A Fé, o Imperio, & as terras viciosas
D' Africa, & d' Asia andaram devastando.
E aquelles, que por obras valerosas
Se vaõ da ley da morte libertando:

Cantando espalharey por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, & arte.

E tambem as memorias gloriosas. Promette tratar tambem dos Reys de Portugal, os quaes estenderãõ a Fé de Christo nosso Senhor, tomando muytas terras aos Mouros, assim em Europa, como em Africa, & Asia. E porque aqui se faz menção destas partes do Mundo, tratarey brevemente dellas, para se entenderem melhor algumas cousas, que no discurso deste livro se offerecem.

Os antigos dividiraõ o Mundo em tres partes, porque não tiverãõ noticia da outra novamente descuberta, á qual por este respeyto chamãõ novo Mundo. Todos os Geographos começaõ sua descripção de Europa, por ser (ainda que na grandeza menor que todas) na bondade, & fertilidade muyto mayor. A qual Plinio *lib. 3. c. 1.* chamou mãy do povo vencedor de todas as gentes, & a mais bella, & fermosa de todas as terras do Mundo. O que os antigos quizerãõ mostrar pelo nome de Europa, chamada no Grego *Europi*, que quer dizer fermosa vista: como he notorio, aos que desta lingua tem algum conhecimento, & se pôde ver no *Thesouro* da lingua Grega, no segundo tomo. E espantome, nenhum Autor antigo, nem moderno haver dado na verdadeyra etymologia desta palavra; crendo todos, que o nome de Europa lhe veyo de hũa mulher assim chamada, que Jupiter furtou, & levou a *Candia*, que commumente se tem por fabula. Tem Europa por termino, da parte do Norte, & Occidente, o grande mar Oceano: do Sul, o Mediterraneo: do Oriente, o *Egeo*, chamado hoje *Archipelago*: a lagoa *Meotis* chamada em Italiano *mar delle Zabacche*: o rio *Tanais* chamado *Don*, ou *Taná*. Divide-se em doze partes principaes: *Espanha*, *França*, *Alemanha*, *Italia*, *Rhecia*, *Vindelicia*, *Grecia*, *Pannonia*, *Esclavonia*, *Noruega*, *Sarmacia*, & *Escandia*, com as *Ilhas* adjacentes. Alguns modernos esmiuçãõ mais estas partes, mas tudo o que trataõ se reduz a estas doze, como se verá no Canto terceyro, aonde o Poeta trata esta materia de proposito.

A segunda parte he *Africa*; deraõlhe os antigos este nome, que quer dizer *Quentura*, na lingua Grega, por ser pela mayor parte muyto quente. Divide-se em cinco partes: *Berberia*, *Numidia*, *Libya*, *Ethiopia*, & *Egypto*. Ainda que alguns daõ *Egypto* à *Asia*, outros a fazem parte per si. Tem *Berberia* cinco Reynos: *Féz*, *Marrocos*, *Suz*, aonde está *Trudante*, *Tremessẽm*, aonde cae *Argel*, & *Tunez*, que he a propria *Africa*, aonde esteve *Carthago*, grande inimiga do Povo Romano: a qual foy muyto perto do lugar, aonde agora está a *Cidade de Tunez*, de cujo nome todo o Reyno se chama assim. Este nome *Berberia*, dizem algũs, que lhe puzeraõ os Romanos, porque na conquista de *Africa* nenhuma gente achãraõ mais barbara, que a desta parte: a qual faz ventagem hoie em tudo

tudo a toda a outra terra de Africa, como sabemos os Portuguezes, pela muyta communicacão. que nestas partes temos. Outros lhe dão outras etymologias, que se podem ver em Luis de Marmol na primeyra parte de sua Africã.

Numidia, se chama assim, porque a gente desta parte não vive de outra couda, senão da cultivacão das terras, & gado, que tem muyto. Aos desta Região chamão os Gregos Nomades, que quer dizer pastores: os Latinos Numidas, & a terra Numidia. Confina esta terra com humas terras grandes, que a dividem de Berberia, ás quaes os naturaes chamaõ Ayvacal, & os Latinos Atlãte mayor, à differença de outras, a que chamão Atlãte menor: & os Africanos Errif, que estão ao longo da costa do mar Mediterraneo. Hoje se chamaõ vulgarmente Montes Claros. Tem Numidia tres Provincias: Drã, Todegã, & Tophilete. Drã se chama assim, de hum rio do mesmõ nome, que desce dos Montes Claros, & a rega por espaço de sessenta legoas: nas quaes todas ao comprido, & humã de largo, de humã, & outra banda do rio he cheia de palmares, de que tem o Xarife grande tributo. No fim desta Provincia estã humã Cidade chamada Quitauga, na entrada do deserto, aonde levaõ o ouro da grande Tumbuquutu. He a mais povoada terra do mundo, porque no dito espaço de sessenta legoas, tem mais de trezentas villas, & lugares de casas grandes, & sobradadas, mas frãcas, por serem feytas de areia, & paos de palma, por não haver na terra pedra, nem outra madeyra: & vale-lhe chover poucas vezes naquellas partes, porque se acerta de chover dous, ou tres dias, dá com todas as casas no chaõ. O rio Drã, ainda que he de muyta agua, não chega ao mar, porque o serve a terra nos areas de Libya. Mantem-se a gente de Drã, & Taphilete, que confina com ella, de tãnaras, & com os carocos dellas pisados se sustenta o gado. Entre os palmares se dá o anil, como o que vem da India, que serve para tingir azul, & preto. Taphilete tem este nome de humã Cidade principal da mesma Provincia. As casas são como as de Drã pelas mesmas razões. Tem algũas minas de sal, que levãõ em Camelos a Tumbuquutu, para dar a troço de ouro, donde trazem muyto, pelo q̃ esta terra he muyto rica delle. He esta grande Cidade de Tumbuquutu, na grãde provincia Jaloph, distante do rio Sanagã por espaço de tres legoas. He de grande concurso de mercadores de diferentes partes, por respeyto do muyto ouro, que vem ter a ella da Provincia Mandinga. Taphilete, & Drã são de gente baça. Os de Todegã, que estão no meyo por espaço de sessenta legoas, pouco mais ou menos, são alvos como Framengos; mas gente bruta, & boçal. Vivem espalhados pelo Certoã dentro, feytos pastores, & lavradores. Não ha nesta terra, tenão algum trigo, & fruytas, de que se sustentaõ.

Libya, terceyra parte de Africa, chamada assim dos Gregos por sua secura, & esterilidade: a que

os naturaes, pelo mesmo respeyto, chamãõ Saharã, he hũa faxa de terra, que começa do Oceano occidental, das comarcas do cabo Bojador, até chegar á nossa fortaleza de Arguim: & vay em largura de sessenta, oytenta, & cem legoas, & mais em partes, até dar nas correntes do rio Nilo. He terra deserta, esteril, & triste, por ser de muyto grandes areas; pelo que he falta do necessario para a vida: E assim não vivem nella, senão alarves, mais brutos que os animaes, que lhe não faltaõ. Donde se deo lugar áquella fabula, de que Ovidio faz menção nas suas Metamorphoses, lib. 4. Que quando Perseo matou a Medusa, passando com sua cabeça pelo ar em cima do cavallo Pegaso, do sangue, que da cabeça cahio naquellas partes, ficou cheia de cobras, & bichos, de que tem abundancia.

Ethiopia, quarta parte de Africa, he terra larga, & quasi toda sujeyta ao Preste Joã, Senhor daquellas partes. E segũdo o que sabemos por relações, & escritos de nossos naturaes, jaz o estado deste Principe entre as correntes de tres muyto famosos rios: Astaborã, Nilo, & Astapo, de que Ptolomeo faz menção na quarta taboa de Africa. Chama-se Ethiopia, por os moradores daquellas partes serem negros, que isto significa a palavra na lingua Grega. Do nome do Preste Joã, & da grandeza de seu Reyno trata Joã de Barros largamente na terceyra década, Os Reis de Portugal tem tambem muyta parte na Ethiopia, como são os Reynos de Sanagã, Gãmbca, Guinë, Manicongo, Jaloph, Cantor, Mandinga: as Ilhas do Cabo verde, São Thomã, & Principe, a grande ilha de São Lourenço, Quilda, Mombaça, Melinde, & outras naquella costa. Egypto, quinta, & ultima parte de Africa, que muytos (como fica dito) assinaõ a Asia, foy primeyro chamada Aeria, por ser isenta das alteraçõs, & tempestades, que succede haver em outras partes; por ter sempre nella o ar claro, & limpo de nevoas, & nuvens, & por ser terra muyto temperada. Pelo que nem os frios do inverno, nem as calmas do verão são taes, que offendão, & tratem mal a gente. Agora se chama Egypto, de hũ filho de Bello Rey de Babilonia, assim chamado, que foy Rey desta Provincia sessenta & oytõ annos. Tem da parte do Occidente os desertos de Libya, Marmarica, & Barca: do Oriente Asia, do Norte o mar Mediterraneo, do Sul o Reyno de Nobia. Tem muyto grandes Cidades, Villas, & lugares, de que he muyto povoada. He fertil, & abundante de todas as cousas necessarias para a vida, como diz Plinio lib 21. c. 15. pelo que os antigos lhe chamãõ *Publicum orbis horreum*, celleyro publico do mundo. E porque ao diante me ha de ser necessario tratar algũas cousas desta Provincia, & de alguns lugares seus, do nascimento do rio Nilo, & causas do seu crescimento, & outras cousas dignas de se saber, o não faço aqui.

Asia, terceyra parte do Mundo, he só per si muy-

to mayor que Europa, & Africa. Dizem alguns, que se chamou assim, de Afio filho de Manco Lydio; outros de Asia filha de Prometheo: & outros lhe dão outras derivações, & origens, como lhe dá gosto. Outros, querendo-se conformar com o Grego, dizem que se disse assim de asis, que quer dizer lodo, ou lama: por serem algúas partes della sujeytas a grandes enchentes de muytos, & grandes rios, que a regaão. Mas outro lodo, & lama lhe acho eu mayor, que são as grandes superstições, gentilidades, & abominações, que a mayor parte destas terras, & Reynos teve, & tem, como he notorio ao Mundo. Porque hús adoráo o Sol, outros a Lua, outros o Boy, outros, diferentes animaes: & tem outras torpezas indignas de se esquecerem, & hoje são sabidas pelo muyto, que os nossos Portuguezes tem tratado, & tratao em algúas destas partes. Pelo que se póde dizer, ser sua verdadeyra etymologia tirada do Grego asios, q̄ quer dizer, sem Deos: por os moradores destas partes serem dissolutos, & desenfreados em seu modo de viver, & por este respeyto gente sem Deos, perdida, & errada no conhecimento da verdade. Nem he inconveniente, que houvesse sempre em Asia muyta Christan Jade, & que hoje em dia a haja: antes he de crer que aquellos santos, & doutissimos Varões lhe puzerao este nome, vendo o grande desatino, & desvario desta gente. E ja Sallustio, & Tito Livio em seus tempos se queyxavão do grande dano, que os Romanos recebião com a communicação da gente da Asia, por ser molle, & afeminada, & entregue a todo genero de vicio: o que se apegava aos Romanos, que aportavão áquellas partes. E assim lhe chama o Poeta terras viciosas, por os moradores dellas serem dados a todo genero de vicios. Estes são hoje os moradores, em grandes Reynos, & Provincias. E os que escapão desta torpeza, & lodo gentilico, dão em outro, que he a maldita seyta de Mafamede. Bem he verdade que nas partes da India té os nossos Portuguezes feyto grãdes proveytos nas coulas da Fé: & que ha nella muytos, & muy firmes Christãos: & cada dia a Bandeyra de Christo se desenrola em novos Reynos, aonde muytos Religiosos com zelo santo, & caridade grãdissima, se poem em muy certo perigo de perder a vida, por ganhar alnias a Deos, arrancando idolatrias dos corações dos gentios, desfazendo idolos, & dando os Templos a quem são devidos. Tem Asia por termino da parte do Oriente, Norte, & Sul, o grande mar Oceano: do Occidente, o rio Tanais, que a divide, & aparta da Europa, juntamente com a lagoa Meotis, & mar Egeo. Da Africa a divide o mar roxo, & húa linha, que passa do dito mar ao Mediterraneo, que está notada de negro na carta Geographica de Gaspar Vopellio, a graos 64. de longura. Os antigos, & modernos varião na divisão da Asia. Hoje se póde dividir em cinco partes, respeytando os Principes, q̄ a governaão, & senhoreaão. A primeyra, & mais vi-

zinha á nossa Europa he a da casa Ottomana, & Imperio do Turco, que começa em Constantinopla, & he senhor de muytas Provincias na Asia mayor, & menor. A segunda, he aquella parte, q̄ cae ao Septentrião, sujeyta ao grao Duque de Moscovia. A terceyra, & mais Oriental, chamada Tartaria do grao Cão, que assim se intitula o Emperador dos Tartaros: porque naquella lingua, *Vlum Cam*, quer dizer, Grãde senhor. A quarta he a terra do senhor da Persia, chamado entre elles Sophi: palavra entre os mesmos de preeminencia, & imperio, como entre nós Emperador: o qual he senhor de todo o Meridional da Asia. Aquinta, & ultima parte comprehende a India, & China, aonde ha diferentes nações. Aqui tem os Portuguezes muyta parte.

A quarta parte do Mundo, de que os antigos não tiveraõ conhecimento, se chama America, do nome de seu descobridor Vespucio Americo, Florentino. Chama-se tambem novo Mundo, assim por sua grandeza, como por ser novaméte descuberta. Os que lhe chamão Indias, ainda q̄ dão alguma sahida a este nome, usaõ do vocabulo impropriademéte: porque Indias sómente se entendem as Orientaes, ditas assim por razaõ do rio Indo que as rega. O principio do descobrimento deste novo Mundo continuou hum Christovão Colombo, Genovez de nação, por mandado dos Reys Catholicos Dom Fernando, & Dona Isabel, no anno de 1492. Hoje he descuberta toda esta America, ou novo Mundo, salvo no que toca ao Norte, dõde se estende para o Sul, a modo de duas peninsulas, as quaes aparta huma pequena terra. A península Septentrional comprehende a nova Espanha, Mexico, Florida, & Terra nova. A Meridional (a quem os Espanhoes chamão Terra firme) abraça o Perú, & Brasil.

3.

Cessem do sabio Grego, & do Troyano
As navegações grandes, que fizerão:
Calesse de Alexandro, & de Trajano,
A fama das vitórias, que tiverão.
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedecerão:
Cesse tudo, o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

Cessem do sabio Grego. Por sabio Grego, entende Ulysses senhor de Itaca ilha do mar Jonio, chamada hoje Valle de Compáre: & primeyro fundador de Lisboa. Se he verdade o que alguns dizem, & o nosso Poeta refere no canto oytavo, Octava 5. Foy este Ulysses taõ avisado, & taõ astuto, & sagaz em sua vida, & modo de proceder, que lhe ficou por appellido o Sabio. Suas coufas cõta Homero na Odyssæa, que toda gasta em tratar dellas, pelo que a intitulou do seu nome.

E do Troyano. Este foy Eneas filho de Anchises,

& Venus; o qual depois de destruida, & queymada Troya sua patria, fugindo da furia dos Gregos vencedores, passou grandes trabalhos no mar até chegar a Italia; os quaes conta Virgilio na sua Eneida: o que pudera bem fazer sem tocar na honra de Elisa Dido, que Eneas nunca vio, nem conheceo. Lembro ao Leytor, que tudo, o q Virgilio escreve dos successos de Eneas: Homero dos trabalhos de Ulysses, & Valerio Flaco da jornada dos Argonautas, em comparação dos Portuguezes he quasi nada. Porque a navegação dos Argonautas foy muyto breve, como he de Grecia ao rio Fato de Colcos, regiaõ da Asia, sempre á vista de terra: sabindo a cada passo nella, jantando em hum porto, & ceando em outro. O caminho, q Ulysses, & Eneas fizerão, foytambé muyto breve, porque nunca sabiraõ do mar mediterraneo. Pelo que tudo, o que delles se escreve, são fabulãs, & encarecimentos. de Poetas, que não tendo outra materia, de que lançar mão, quizerão mostrar seus engenhos nestas mentiras, & patranhas. Os nossos Portuguezes correrão, & descobriraõ tantos mares, virão tantas Ilhas, conquistaraõ tantas, & tão varias nações, & terras; que para seus feytos serem como são, diferentes de todos os do mundo, não lhes faltou, senão quem os escrevesse, & celebrasse como elles merecem. E trazer o nosso Poeta a terreyro Ulysses, & Eneas, he, pelo que delles fabulosa, & poeticamente se diz; & não, porque sejaõ suas navegações, & trabalhos dignos de se comparar com os dos Portuguezes.

Calise de Alexandro, & de Trajano. Alexandro chamado, o Magno, por sua cavallaria, & esforço, foy filho de Philippo Rey de Macedonia, & antes do Nascimento de Nosso Redemptor, & Salvador Jesu Christo, trezentos, & vinte & quatro annos: & natural da nossa Europa: Conquistou Asia, passou à India, atravessando Persia, & Armenia, & outras muytas Provincias, & Regiões, nas quaes houve grandes vitorias. Este grande Emperador, & Capitaõ, sujeytando o mundo, & vencendo varias nações, não se soube vencer a si mesmo: porque foy muyto solto no beber; pelo que diz Solino no seu Polihist. cap. 14. que morreo de vinho. Outros querem q morresse com peçonha, & que seu mestre Aristoteles fosse em ajuda de sua morté. Trajano Emperador dos Romanos, foy Espanhol de nação, natural de hum lugar chamado antiguamente Italica, cinco legoas de Sevilha: do qual hoje não ha memoria; porque o tempo fez seu officio nelle, como em outros muytos; pelo que os Escriitores o fazem natural de Sevilha. Foy este Emperador, o melhor (segundo se d'elle escreve) de todos os Emperadores géticos; em tanto que quando se creava algum novo Emperador, dizião em voz alta: *Sis felicior Augusto, & Trajano melior.* Sejas mais felice que Augusto, & melhor que Trajano: como refere a Chronica do mundo, pag. 109. *in sexta etate mundi.* Sujeytou Trajano todos os Reynos, que estão de huma, &

outra banda dos rios Tigris, & Eufrates: como Suria, Babylonia, Chaldea, & outras Provincias: entrou pelo rio Tigris ao marda Persia, donde determinou passar à India, & conquistalla; mas a idade (por ser ja muyto velho) não lho consentio; pelo que dalli tornou a Roma.

A quem Neptuno, & Marte obedecerão. Os antigos, cegos no conhecimento de Deos, adoravam por deoses a Neptuno do mar, & a Marte da guerra: sendo assim estes, como Jupiter, & outros que elles tinham na mesma conta, homens, & não bõs; antes dissolutos, & tyrannos. Mas como elles erravaõ no principal, tinhaõ por deoses homens peccadores, & de maos costumes, para darem desculpa a seus proprios vicios. Pelo que avisõ ao Leytor, que offerendo-se fallar nestes, ou em outros alguns deoses dos gentios, entenda que são fabulas, & fingimentos, & que he necessário tratar delles algúas vezes; para declaração dos Poetas, como neste lugar: Onde por estas palavras: *a quem Neptuno, & Marte obedecerão:* quer mostrar o esforço, com que os Portuguezes se offereceraõ aos trabalhos, & perigos: & como navegando mares incognitos, parecia, que as proprias aguas lhes obedeciaõ. E nas guerras, recontros, & batalhas se haviaõ tão valerosamente, que á custa de muyto sangue de seus inimigos, sabiaõ com a vitoria, & pareciaõ senhores da mesma guerra, & que era mandada por elles.

Cessa tudo, o que a Musa antiga canta. Tudo o q os antigos Poetas, & Historiadores: elcreveraõ de feytos excellentes de Varões illustres, diz o Poeta, que se pôde pôr á parte, em comparação do que elle ha de tratar dos Portuguezes. Não que parece alludir áquelle disticho tão celebrado, feyto em louvor de Virgilio:

Ceditq; Romani Scriptores, cedit Graij,

Nescio quid maius nascitur Iliade.

Estem de parte os Escriitores Latinos, & Gregos, que agora novamente fae a luz, hum não sey que, mayor que a Iliada de Homero.

E Vós Tagides minhas, pois criado
Têdes em mim kũ novo engenho ardête,
Se sempre, em verso humilde, celebrado
Foy de mim vosso rio alegremente:
Dayme agora hum som alto, & sublimado,
Hum estylo grandiloquo, & corrente,
Porque de vossas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja às de Hippocrene.

E vós Tagides minhas. Até esta Oitava propõz o Poeta, o que havia de tratar neste seu Livro. Pe-de agora ajuda, & favor ás Nymphas do Tejo, por escrever cousas de Portugal, por onde o rio Tejo passa, & por honrar sua Patria, attribuindo-lhe Nymphas. E chamalhe Tagides, por este Rio em latim se chamar *Tagus*. As Nymphas fingiaõ os antigos

tigos ser deofas q̄ vivião ao lôgo dos rios, & fontes, & em lugares frescos; & apartados do commercio, & trato da gente. Davaõ-lhe este nome de Nymphas, porque alguns na lingua Grega chamão ás aguas nymphi. E porque os lugares mais accomodados a gente estudiantia, & dada ao exercicio das letras, principalmente á Poesia; são os deleytosos á vista, acompanhados de fontes, & rios, em que fingião os antigos que as Nymphas residião, costumáram os Poetas invocallas, como Protectoras tuas, como faz o nosso Luis de Camões. Alguns querem, que Nymphas, & Musas sejaõ a mesma cousa. Das Musas se veja o que escrevemos no Canto 3. Octava 1.

Tendes em mim hum novo engenho ardente. Com muyta razaõ o nosso Poeta chama aqui ao seu engenho, novo, & ardente. Porque não sómente em Portugal, mas ainda em toda Espanha, até seu tempo, nunca nasceo nelle outro algum engenho, que se mostrasse tão digno do nome de verdadeyro Poeta, como foy o nosso Luis de Camões, por mais que as historias de Espanha engrandeçaõ aos seus Espanhoes, Seneca, Lucano, Marcial, Boscan, & Gracilasso, & outros famosos Poetas, como das obras de cada hum delles consta claramente. Pois com tanto artificio soube o nosso Camões ordenar os Lusiadas, que aqui vamos explicando, que quem ler a mayor parte da Poesia delles, a cada passo lhe parecerá que encontra com Virgilio, & com Homero, Principes da Poesia Heroica, Latina, & Grega, ainda que com tanto mayor ventagem, como ha do vivo ao pintado. Pois o espirito heroico que ambos mostráram em as historias fabulosas que fingirão, se está vendo o nosso Camões em tam verdadeyra historia, como são as nossas conquistas: & isto com espirito tão levantado, & tão heroico, sublime, & verdadeyramente Poetico, que igualou na relação destas verdades, com o encarecimento das ficções fabulosas dos mais famosos Poetas. Sendo verdade, que nem os antigos, nem modernos, que algũa historia verdadeyra compuzeraõ em verso, o podéraõ fazer sem introduzirem nelles novas pestioas, ja mais nomeadas, nem fingidas na Poesia antiga; da qual os preceytos rhetoricos mandaõ tirar o ornamento Poetico. E o nosso Camões de tal maneyra soube accómodar os passios da historia verdadeyra, com tantos milhares de fabulas, como aqui refere; que até as imitações, que como verdadeyro Poeta aqui faz, parecem puras verdades; de tal maneyra encadeadas, & introduzidas, que com ellas se não diminue hum ponto do credito que á historia verdadeyra se deve. Ficando ellas, além do ornamento Poetico, para que são principalmente inventadas, abrindo caminho aos entendimentos allegoricos, para muytas, & muytoudas moralidades, proveytosas ao governo, & aos costumes das Republicas, para que principalmente as Poesias se inventáram. E por este calor intrinseco, que para estas allegorias Poeticas he

tam necessario, diz o nosso Poeta, que sua Patria criou nelle hum engenho ardente.

Se sempre em verso humilde. Poemlhe diante a obrigação, que tem de o favorecer, pois toda sua vida gastou em seu serviço, cantando, & louvando os Portuguezes, & coullas de Portugal, as quaes pelo rio Tejo entende. Verso humilde, chama Eclogas, Elegias, & outras cousas, que compôz: ás quaes, por não terem em verso heroico, nem de cousas heroicas, lhe poem nome de humildes, como os Poetas costumão.

Alegremente. O que he de agradecer, & por este respeyto merece o favor que pede. Porque as cousas feytas devagar, ou alcançadas com importunação, merecem pouco agradecimento. Donde dizê os Latinos: *Carè constat quod precibus impetratur.* Carõ custa, o que por rogos se alcança. E os Gregos: A graça feyta devagar, he graça sem graça! *Que não tenham enveja ás de Hippocrene.* Fede ajuda ás Nymphas do Tejo, para que desta maneyra fiquem as aguas deste Rio conhecidas, & nomeadas, como as da fonte Hippocrene. Contaõ desta fonte as fabulas, que todos os que bebiaõ della; ficavaõ Poetas. Chama-se Hippocrene de duas palayras Gregas *Hippos*, & *crini*, que juntas querem dizer, Fonte do cavallo. Porque fingem os Poetas, que quando Perseo filho de Jupiter matou a Medusa, do sangue que lhe cahio da cabeça, se gerou hum cavallo com azas, a que os Poetas chamão Pegaço, dandolhe o nome do lugar em que nasceo. No qual cavallo subio Perseo, & foy nelle a Boecia, & pousando no monte Helicon, abriu no lugar aonde se pôz, huma fonte com as mãos; que por este respeyto foy chamada Hippocrene, que (como fica dito) quer dizer fonte do cavallo. Querem alguns se desse occasião a esta fabula do que se conta de Cadmo, que buscando por Boecia lugar para edificar Cidades, andando de huma parte para outra a cavallo, foy dar nesta fonte. E porque elle era homem que sabia, & inventou algúas letras do alfabeto, daqui se disse, q̄ esta fonte era dedicada ás Musas. De Medusa se veja a nossa annotação no terceyro Canto, Oct. 76.

3.
D *Ayme hũa furia grande, & sonora,*
E não de agreste avena, ou frauta ruda,
Mas de tuba canora, & bellicosa,
Que o peyto accende, & a cor ao gesto muda.
Dayme igual canto aos feytos da famosa
Gente vossa, a que Marte tanto ajuda:
Que se espalhe, & se cante no universo,
Se tam sublime preço cabe em verso.

Dayme hũa furia grande. Ordinario he entre Latinos, & Gregos chamarem-se os Poetas furiosos. Donde disse Plataõ; *in lone, vel de fursre Poetico: Neque enim Poeta prius canere potest, quam Deo plenus, extra se positus, ac mente alienatus sit.* O Poeta, diz Plataõ, não pôde escrever seus versos, senão estãdo

do cheyo de Deos, & arrebatado. E no mesmo lugar: *Omnes Poetae insignes non arte, sed divino afflatu, poemata canunt.* Os Poetas insignes não fazem tuas obras por arte, mas com espirito, & ajuda divina. E Cicero *lib. 2. de Oratore: Poetam bonum neminem (id quod a Democrito, & Platone in scriptis relictum esse dicunt) sine inflammatione animorum existere posse, & sine quodam afflatu quasi furoris.* Diz Cicero referindo a Plató, & a Demócrito, que nenhum Poeta pôde ser grande sem furia. Pelo que nem a todos os que fazem versos, havemos logo de chamar Poetas. He este hum nome muy alto, & que se não deve, senão a quem for excellente, & insigne na Poesia.

E não de agreste avena, ou frauta ruda. Pede ás Nymphas, lhe dem huma furia grande, & hum espirito Poetico, sublime, & excellente, qual se require para escrever os heroicos, & excellentes feytos dos Portuguezes: o que declara por estas palavras: *& não de agreste avena, ou frauta ruda:* pelas quaes se entende o estylo bayxo, & pastoril. Porque huma certa frauta dos pastores, se chama avena em latim: do nome de hũa herva, a que nós em vulgar chamamos avéa, da qual os pastores antiguamente costumavão fazer frautas, com que tangião. E ha differença entre avena, & tibia, q̃ avena se fazia desta herva: & tibia, & fistula se fazia de pao, ou de cana. Ainda que os Latinos confundem as palayras, & chamaõ avena qualquer frauta: sendo propriamente a que digo, & a que aqui o Poeta entendeu: porque de outra maneyra não fizera repetição. Pelo que entre os Poetas o estylo bayxo, & pastoril, se chama agreste avena, como aqui lhe chama o nosso Poeta.

Mas de tuba canora, & bellicosa. Por tuba, que he a trombeta, entende o estylo heroico, no qual se trataõ as cousas da guerra, de que a trombeta he pregoeyra.

Que o peyto accende, & a cor ao gesto muda. Mostra os effectos da trombeta em tempo de guerra, que he em se tocando alvoroçar os animos dos que haõ de entrar na batalha, mudar lhes a cor, & fazer que se enfiem, que he sinal, de quem se determina para algum feyto de perigo.

Dayme igual canto. Pede ajuda, que corresponda á materia de que ha de tratar, que são os effectos dos Portuguezes: para que a fama se espalhe pelo mundo, & sejaõ divulgados de todos, & a todos.

Se tão sublime prego cabe em verso. Se he possivel poderem se tratar em verso cousas desta qualidade: que he hum grande encarecimento.

6.

E Vós, ò bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade;
Enão menos certissima esperança
Do augmento da pequena Christandade.
Vós, ò novo temor da Maura lança,

Maravilha fatal da nossa idade:

*Dado ao mundo por Deos, q̃ todo o mande
Para do mundo a Deos dar parte grande.*

E vós, ò bem nascida segurança. Invoca a El Rey Dom Sebastião delde este lugar até a Octava, que começa: *Mas em quanto este tempo passa lento:* mostra a felicidade deste Reyno, assim por seu nascimento tão desejado, & segundo a commum opinião necessario para segurança, & bem delle; como tambem pelas esperanças, que se tinhaõ do augmento da Christandade, procedendo com as coufas da India, & Africa. Capthalhe a benevolencia com muyto artificio de Rhetorica, como pelas Octavas se mostra. Este costume de invocar os Principes, & Senhores, foy muyto usado entre os grandes Poetas: assim o fez Lucano na sua Pharsalia, Virgilio nas Georgicas, Horacio em todos os seus livros, & outros muytos.

Maravilha fatal da nossa idade. Chamalhe maravilha fatal, assim pelas grandes coufas, que delle se esperavão; como porque foy dado a este Reyno, por lagrimas, romarias, & procissões, & quasi alcançado por importunações: o que parece, declara naquellas palavras: *dado ao mundo por Deos.* Do que toca ao fado, se veja a nossa annotação neste mesmo Canto, Octava 24.

7.

V Os tenro, & novo ramo florecente
de hũa arvore de Christo mais amada,
Que nenhũa nacida no Occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada:
Vede-o no vosso Escudo que presente
Vos amosta a vitoria ja passada,
Na qual vos deu por Armas, & deyxou,
As que elle para sí na Cruz tomou.

De hũa arvore de Christo mais amada. Entende o felicissimo Rey Dom Affonso Henriques, primeyro de Portugal: ao qual Christo nosso Senhor appareceo hum dia de Sanctiago, anno de mil cento trinta & nove, estando no campo de Ourique para dar batalha a cinco Reys Mouros: aonde foy levantado por Rey, & venceu aos cinco Reys, com grande estrago, & destruição dos Mouros, & muyto pouca perda dos seus.

Cesarea, ou Christianissima chamada. Por arvore Cesarea, entende os Emperadores, & Senhores de Europa, a imitação dos Emperadores de Roma, aonde elles se coroão. Por Christianissima, os Reys de França, por ser este titulo seu hereditario, como notamos adiante Octava 13. E diz aqui o Poeta, que esta arvore, & tronco, donde os Reys de Portugal procedem, foy mais amada de Christo: porque se não lé, que Deos nosso Senhor fizesse tão claramente por Emperador, ou Rey. o que fez por este felicissimo Rey D. Affonso Henriques.

Vedeo

Vede-o no vosso escudo. O Conde Dom Henrique deyxou por sua morte a seu filho Dom Affonso Henriques hum Escudo em branco, no qual neste dia, que foy levantado por Rey, em memoria do apparecimento de Christo nosso Senhor, & de huma taõ sinalada vitõria, que houve dos cinco Reys Mouros, & à honra das cinco Chagas de Christo nosso Senhor, lhe pôz huma Cruz azul partida em cinco escudos com outras particularidades, que no Canto terceyro Octava 34. se trataõ.

Na qual vos deo por armas, & deyxou, as que elle para si na Cruz tomou. Mostra o Poeta como Christo nosso Senhor foy autor das Armas de Portugal, & que elle proprio deo aos Reys delle as insignias, que agora tem. Veja-se a nossa annotaçõ no Canto terceyro, como acima.

8.

Vos, poderoso Rey, cujo alto Imperio,
O Sol, logo em nascendo, ve primeyro:
Ve-o tambem no meyo do Emispherio,
E quando desce, o deyxá derradeyro.
Vds, que esperamos jugo, & vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleyro,
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do santo rio.

O Sol logo em nascendo. Nesta Octava aponta o Poeta as partes, aonde os Reys de Portugal tem dominio. Para cujo entendimento se ha de notar, que o Sol toca cada dia no seu curlo ordinario tres pontos: Oriente, Ponente, & Meridiano. Dos quaes os dous, Oriente, & Ponente, saõ termo, & balizas do Orizente: & o Meridiano, he como a mago, & centro delles. O Oriente abraça as partes da India: o Ponente as Ilhas dos Açores, & Brasil: o Meridiano comprehende Portugal, Algarves, Cabo Verde, S. Thomé, a Ilha da Madeyra, & tudo o mais, que pertence a este Reyno, discorrendo pela costa de Africa, & mar Atlantico.

Ve-o tambem no meyo do Emispherio. Emispherio he palavra Grega, quer dizer meyo mundo. Toma-se aqui pela linha Meridiana, pela qual se entende o nosso Portugal, posto no meyo dos dous pontos, Oriente, & Ponente, como cabeça, & centro delles: & pelo consequente senhor de todas as partes sujeytas à Coroa destes Reynos de Portugal. Que seja Emispherio, se veja, o que escrevemos no Canto quinto Oct. 14.

Torpe Ismaelita. Os Mouros se chamão Ismaelitas de Imael filho de Agar, escrava de Abraham. Conta-se no Genesis c. 21. que vendo Sara mulher de Abraham, que Imael filho de Agar sua escrava, folgava com seu filho Iaac, (a que S. Paulo escrevendo aos de Galacia c. 4. chama perseguiçãõ) procurou lançallo logo de sua casa juntamente cõ sua mãy Agar. A qual (como se conta no lugar allegado) toy ter a Egypto, aonde o filho andan-

do o tempo veyo a catar, & a ser Rey, & houve doze filhos, como se conta no Genesis, c. 25. & refere Josepho no livro primeyro c. 21. de suas antiguidades. Os quaes espalhados por differentes partes de Africa, vieraõ a ser senhores, & Reys della, & do nome de Ismael se chamaõ os moradores daquellas partes Ismaelitas: & Agarenos do nome de sua mãy Agar. Chamaõ-se estes povos hoje Mouros, de Mauron, palavra Grega, que significa coufa negra, por elles serem pela mayor parte negros. Chamão-se tambem Saracenos, & prezaõ-se muyto deste nome, dizendo que lhe vem de Sara mulher de Abraham. Mas o mais provavel he, que o tem de hum lugar chamado Saraco na Arabia Petrea. Porque quando se leavntou a maldita feita de Mafamede, que foy no anno de seiscentos & vinte & nove de nossa salvaçãõ, os deste lugar forão os primeyros que a seguirão. Veja-se a nossa annotaçãõ neste Canto, Octava 33. & no septimo, Oct. 17.

Do Turco Oriental. O Turco he senhor de muyta parte da Asia mayor, & menor, & Egypto, & tem grande pé no Oriente, pelo que o Poeta lhe chama aqui Turco Oriental. E porque nestas partes confina cõ os nossos, diz que espera de vir tempo, em que o ponha debayxo do seu jugo.

E do Gentio, que ainda bebe o licor do santo rio. Por rio santo, entende o Ganges, que atravessa o Reyno de Bengála na India, & de hũa, & outra parte he muyto povoado de Gentios idolatras. Chama-lhe o Poeta santo, porque he hum dos quatro rios, que sahem do Paraíso terreal: ao qual chama a Escritura sagrada cap. 2. Genes. Philon, segundo Eusebio, & o B. S. Hieronymo nas questões Hebraicas: Os Gregos lhe chamaõ Geta, como diz Josepho nas antiguidades, lib. 1. cap. 2. Os Gentios errados lhe chamaõ Santo, porque cuydão, q̄ lavando-se nelle vão direytos ao Ceo, & que não tem necessidade de outro remedio para sua salvaçãõ. E estão nisto taõ pertinazes, que levão a este rio os que estão para morrer, & os lançaõ nelle, aonde acabão atogados, tendo para si ser este o mayor bem, & felicidade que na vida podem alcançar. Erronea he esta já velha, & de muytos tempos atraz: porq̄ assim lemos, que o faziaõ os antigos idolatras, não sómente no Ganges, mas em qualquer outro rio, como se póde ver em Macrobio nos Saturnaes lib. 3. cap. 1. ao que tambem allude Persio na segunda Satyra:

Hæc sanctè ut pascas, Tyberino in gurgite mergis,

Manè caput bis, terque, & noctem flumine purgas.

Para pedirdes estas cousas santamente, lavais pela manhã duas, & tres vezes a cabeça no rio Tybre, & alimpais no rio peccadõs, q̄ cõmettestes de noy-
te.

9.

Inclinay por hum pouco a Magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo:
Que ja se mostra, qual na inteyra idade,
Quan-

*Quando subindo ireis ao eterno Templo.
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
Do amor dos patrios feytos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.*

Inclinay por hum pouco a Magestade. Nesta Octava lhe capta a benevolencia *ab indole*, como dizem os Rhetoricos: que he da grande mostra que em sua puericia dava de vir a ser hum grande Rey. E que ja na tenra idade parecia de muytos annos, pelo siso, faber, & gravidade que mostrava.

Quando subindo ireis ao eterno templo. Quando ja velho ireis caminhando para o Ceo.

Os olhos da real benignidade ponde no chão. Por chão entende o Poeta aqui os seus versos, dos quaes falla por este termo taõ humilde, porque não pareça cahir em vicio de arrogancia. Realça tambem a Magestade Real, em dizer, que ponha os olhos no chão, dando a entender, estar occupada em outras cousas de muyta importancia, & pelo.

Vereis hum novo exemplo. Novo aqui quer dizer excellente, à imitação de Virgilio nas Eclogas, Ecloga 3. *Pollio, & ipse facit nova carmina.* Pollio tambem faz novos versos, como se disera: Versos excellentes, & assim o usão os mais Poetas.

10.

Vereis amor de Patria não movido
De premio vil, mas alto, & quasi eterno,
Que não he premio vil, ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouvi vereis o nome engrandecido
Daquelles, de quem sois Senhor supremo;
E julgareis qual he mais excellente,
Se fer do Mundo Rey, se de tal gente.

Vereis amor da Patria. Mostra a natural inclinação dos Portuguezes, aos quaes só o desejo de alcançar nome, & ser conhecidos, & honrados na sua patria (que aqui chama ninho paterno) faz offerecer a todos os contrastes, & perigos. Chama ao interesse premio vil: porque a gente bayxa nenhuma outra cousa relpeyta. Donde disse Ovidio *lib. 2. de Ponto: Vulgus amicitias utilitate probat.* A gente bayxa não tem olho, senão ao interesse. Premio grande chama o nome, & fama que se alcança, sendo celebrados, & conhecidos dos seus naturaes; pelos feytos excellentes que fizerem.

Por hum pregão do ninho meu paterno. Estas palavras se haõ de entender geralmente ser qualquer conhecido pelo pregão de seus naturaes. E não q̃ diga Luis de Camões isto por si, como o declarão, & trasladão em outra lingua: porque elle não pertende abonar-se a si, mas louvar os Portuguezes, cujos feytos escreve, como mandão as regras da Rhetorica, as quaes elle em tudo segue.

11.

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantasticas, fingidas, mentirozas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecerse desejosas.
As verdadeyras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas:
Que excedẽ Rodamonte, & o vão Rugeyro,
E Orlando, ainda que fora verdadeyro.

Ouvi que não vereis. Pede nesta Octava attenção a El Rey Dom Sebastião, louvando a materia desta obra, que não será contar fabulas nem mentiras, de que os antigos foraõ muyto curiosos, mas verdades como acontecêraõ.

Que excedẽ Rodamonte, & o vão Rugeyro. Ha dous livros, como todos sabemos, em octava rima, hum que compóz Mattheo Maria Boyardo, que se chama Orlando namorado, & outro que fez Ludovico Ariosto, que se chama Orlando furioso. Nos quaes se contaõ muytas fabulas de Rodamontẽ, Rugeyro, & Orlando. As quaes póde nelles ler, quem dellas for curioso.

12.

Por estes vos darey hum Nuno fero,
Que fez ao Rey, & ao Reyno tal serviço:
Hũ Egas, & hum dos Fuas, q̃ de Homero
A Cithara para elles s̃o cobizo.
Pois pelos doze Pares, darvos quero
Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço,
Douvos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

Hum Nuno fero. Este he Dom Nuno Alvarez Pereyra Condestable destes Reynos de Portugal, aõz conhecido pelas guerras que El Rey Dom João o primeyro teve com Castella, aonde fez maravilhas ajudando a teu Rey, & defendendo sua patria, como nas Chronicas se póde ver, & conta o nosso Poeta no Canto quarto, Oct. 37.

Hum Egas. Egas Moniz Ayo de El Rey Dom Affonso Henriquez, do qual se trata no Canto terceyro.

Hum Dom Fuas. Dom Fuas Roupinho muyto esforçado cavalleyro. Trata-se delle no Canto octavo, Oct. 16.

Que de Homero a Cithara. Pela Cithara de Homero entende o engenho, & excellente estylo de escrever do grande Poeta Homero, para desta maneyra poder dignamente escrever os feytos, & cavallarias dos Portuguezes. Ao que já antiguamente Alexandre Magno teve enveja, quando não havia por tão venturoso a Achilles pelos feytos que fizera em armas, como por alcançar hum tão excellente pregocyro delles, como foy o Poeta Homero. Usa desta palavra cithara, instrumento

mento musico, pela grande conformidade q̄ nestas artes ha; daqui os Versos se chamaõ *carmina*, que quer dizer cantigas, & escrevellos, *canere*, que significa cantar; porque para este fim se fazem os versos. E por esta razão se chamaõ alguns Lyricos de Lyra, que he a viola, porque se cantaõ a ella.

Pois pelos doze Pares. Depois que Carlos Magno Rey de França, do qual havemos de tratar na Octava seguinte, prendeo a Desiderio Rey de Lombardia, a petição de Adriano Papa, por lhe fazer muytos aggravos, & lhe ter usurpado muytos lugares da Igreja; & assim mesmo fez que os Saxones seus subditos, os quaes se lhe havião rebellado, se quietassem, & vivessẽ Christãa, & religiosamente; finalou doze homens dos principaes de França, a modo de Coadjuutores, & Conselheyros, para tudo o que fosse necessario para o bom governo, & conservação do Reyno. Estes foraõ seis Bispos, tres Duques, & tres Condes, como se refere na Chronica de Espanha, aonde estaõ os seus nomes postos, & se trata delles mais largamente. Pozlhe nome Peres, que na lingua Franceza quer dizer Padres, ou Senadores, porque havião de ser Pays, & Governadores daquela Republica, & corrompida a palavra Peres, lhe chamãrão Pares. Estes saõ os doze Pares de França; & não Orlando, Oliveyros, & outros de que fabulosamente trata Ariosto. Os quaes não forãõ mais que cavalleyros esforçados da companhia de El Rey Carlos. Ha tanta mentira escrita sobre estes doze Pares, que me pareceõ necessario pór aqui a verdade.

Os doze de Inglaterra. Diz o Poeta que pelos doze Pares, de que Ariosto fabulosamente trata, lhe dará os doze Portuguezes, que foraõ a Inglaterra, pedidos a El Rey Dom Joãõ o primeyro, que então reynava, por hũas Damas Ingrezas contra huns naturaes seus, que soltarãõ palavras contra ellas. Esta historia trata o nosso Poeta no Canto sexto.

Aquelle illustre Gama, que para si de Eneas toma a fama. Este foy Dom Vasco da Gama, primeyro descobridor da India. Diz que toma para si a fama de Eneas, pelas grandes proezas, & maravilhas que delle conta Virgilio na sua Encida,

13.

Pois se a troco de Carlos Rey de França
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vede o primeyro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria;
E aquella, que a seu Reyno a segurança
Deyxou com a grande & prospera victoria:
Outro Joanne invicto cavalleyro,
O quarto & quinto Affonsos, & o terceyro.

Pois se a troco de Carlos Rey de França. Foy este Carlos filho de Pipino Rey de França, & de Ber-

ta filha de Eraclio Emperador de Constantinopla. Succedeo no Reyno depois da morte do Pay. Foy tam grãde inimigo, & perseguidor dos maos Christãos, & tam affeyçoado, & amigo dos bons, que mereceo o nome de Christianissimo: de donde este nome ficou como hereditario de França. Foy chamado o Magno, por seu grande estorço, & cavallaria. Restituhio a Roma o Papa Leaõ, q̄ fora lançado della, pelo que foy coroado por Emperador. Viveo 72. annos, dos quaes foy Rey 47. & Emperador 14. Prendeo & desaposiou do Reyno de Lombardia a Desiderio seu Rey, por ter usurpados alguns lugares da Igreja. Entre estas & outras muytas verdades, que ha deste grande Rey, se escrevem muytas mentiras de seus feytos, & dos doze Pares: como tambem de El Rey Artur de Inglaterra, & dos seus Cavalleyros de Taboa redonda. As quaes foraõ causa de se defacreditarem as verdades, que destes dous taõ esforçados Principes se sabem, que saõ muytas, & dignas de memoria perpetua. A verdade he, que Carlos foy hum dos estorçados & valerosos Principes do mundo, & que nesta conta se pôde ter Artur. A troco deste Carlos, diz o Poeta, que dá El Rey Dom Affonso Henriquez primeyro de Portugal, que foy grandissimo cavalleyro, amicissimo dos Christãos, & inimigo capital dos inficis.

Ou de Cesar quereis igual memoria. Cayo Julio Cesar foy de sangue muyto nobre, & conhecido: porque por parte de seu pay procedia de Julio Ascarnio, filho de Eneas Troyano, & neto de Venus; & por parte da mãy, de Ancio Marcio quarto Rey dos Romanos. Foy pobre de patrimonio, mas rico de animo & condição; as quaes partes o subirão a grande estado, porque veyo a ser Dictador perpetuo, que era ser Senhor de tudo, & assim era quasi universal Monarcha do mundo. O qual sujeytara de todo (como diz Plutarcho) se a morte lho não estorvára, porque naturalmente era inclinado a cousas grandes. Pelo que se escreve delle, que vendo acaço em Cadiz huma estatua de Alexandro, postos os olhos nella chorou: perguntada a causa daquelle choro, respondeo; que era porque Alexandro fizera cousas grandes em idade, q̄ elle não tinha feyto algũa digna de memoria. Nas armas foy muyto valeroso, porque sujeytou varias & innumeraveis nações ao Povo Romano; & nas letras tam engenhoso & habil, que se não deyxara o estudo, fora o primeyro do mundo. Este excellentissimo varaõ, & o primeyro Emperador dos Romanos, houve por derradeyro o fim, que outros grandes Capitães haõ no mundo, porque foy publicamete morto no Senado por Bruto & Cassio, & outros que contra elle se conjurãrão, tendolhe elle feyto muytas mercês.

E aquella que a seu Reyno a segurança. Entende El Rey Dom Joãõ de boa memoria, o primeyro deste nome, & decimo dos Reys de Portugal, filho bastardo del Rey Dom Pedro Cru, q̄ teve grandes vitórias contra Castelhanos; principalmente aquella

aquella tam nomeada de Algibarrota, que houye vespera de Nossa Senhora de Agosto de mil trezentos oytenta & cinco, donde lhe ficou nome de Boa memoria, per seus feytos serem mercedores della, ainda que as Chronicas daõ outra razão, q a mim me não satisfaz tanto.

Outro Ioanne invicto Cavalleyro. Este he o grande Dom João o segundo, & terciodecimo Rey de Portugal, filho del Rey Dom Affonso o Quinto.

O quarto & quinto Affonso, & o terceyro. O quarto Affonso he El Rey D. Affonso, chamado por cognomento o Bravo, septimo Rey de Portugal. O quinto foy pay del Rey Dom João o Grande, & segundo deste nome. O terceyro, filho del Rey Dom Affonso o segundo, & irmão do descuydado, & inutil Dom Sancho Capello, que faleceo em Toledo, & ahi jaz sepultado. Destes Reys de Portugal trata o nosso Poeta no Canto terceyro & quarto.

14.

N *Em deyxarã meus versos esquecidos
Aquelles, que nos Reynos lá da Aurora
Se fizeraõ por armas tão subidos,
Vossa bandeyra sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo, & os temidos
Almeydas, por quem sempre o Tejo chora:
Albuquerque terrivel, Castro forte,
E outros, em quẽ poder não teve a morte.*

Aquelles que nos Reynos lá da Aurora. Aurora he propriamente aquella claridade, que no Ceo apparece antes que o Sol sayá: a qual dura todo aquella tempo, que gasta o Sol estando dezoyto graos debayxo do Horizontẽ na parte Oriental, até tocar nelle, & nascer neste hemisferio superior. Como tambem Crepusculo he o tempo antes da noyte, que o Sol gasta desde que se poem, até estar dezoyto graos debayxo do Horizonte. Por Reynos da Aurora, se entendem aqui os da India, por estarem no Oriente.

Hum Pacheco fortissimo. Duarte Pacheco Pereyra, que venceo o Emperador do Malavar, chamado entre elles Samory, que he como entre nos Emperador, & o destruhio, & desbaratou sete vezes, vindo de todas com grande poder, como se conta no Canto decimo.

E os temidos Almeydas. Dom Francisco de Almeyda, primeyro Viso Rey da India, & Dom Lourenço de Almeyda seu filho, dos quaes se trata no Canto decimo.

Por quem sempre o Tejo chora. Isto diz para encarecimento de tua cavallaria, & boas partes, que sempre os seus naturaes suspirã por elles. Ou tambem porque nenhum delles tornou a Portugal: porque o filho foy morto em huma batalha naval, que teve com huma armada del Rey de Cambaya, Capitaõ mór Meliqueaz; & outra do

Soldaõ do Egypto, Capitaõ mór Mirhocem: o q succedeo em Chaul. A qual morte depois o pay vingou. E vindo para Portugal foy morto pelos Cafres na aguada de Saldanha, que está do Cabo de Boa Esperança para Portugal. No Canto decimo se trataõ estas cousas todas.

Albuquerque terrivel. O grande Affonso de Albuquerque, que succedeo a Dom Francisco de Almeyda na governança da India: que para tratar da seus mercimentos & vitorias, que na India alcançou, era necessário muyto tempo, & muyto papel. Quem quizer saber suas cousas maravilhosas, lea os Commentarios, que seu filho Affonso de Albuquerque fez, & o nosso Poeta no Canto decimo.

Castro forte. Dom João de Castro, a quem El Rey Dom João terceyro mandou por Governador a India, o anno de mil quinhentos & quarenta & cinco. E porque houve vitoria contra El Rey de Cambaya, & contra o Hydalcaõ Senhor da terra firme defronte de Goa, & fez outras cousas dignas de memoria: El Rey, antes que acabasse o tempo de sua governança, lhe mandou titulo de Viso Rey, para ficar na India outros tres annos. O que não teve effeyto, porque não viveo depois de ter a carta mais de dous mezes.

15.

E *Em quãto eu estes cãto, Sa vós não posso,
Sublime Rey, que não me atreve a tãto,
Tomay as redeas vds do Reyno vosso,
Dareis materia a nunca ouvido Canto,
Comecem a sentir o peso grosso,
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, & feytos singulares,
De Africa as terras, & do Oriete os mares.*

Tomay as redeas vds do Reyno vosso. Continuando com a invocação del Rey Dom Sebastião, & prometten tolhe tratar os feytos de seus vassallos, escusa-se tratar delle, por senão atrever a cousa, tam alta, como he celebrar, & cantar hum tam sublime, & poderoso Rey. Aconselha-lhe tome o governo de seu Reyno, & comece a correr cõ sua obrigação, que he perseguir os Africanos seus vizinhos, & continuar com a conquista do Oriente: & desta maneyra dará materia aos Escritores, para que escrevaõ cousas nunca vistas, nem ouvidas. Tomar as redeas do Reyno, he dispor-se ao governo d'elle, tomada a metaphora do cavallo, que se rege, & governa com as redeas. He modo de fallar muyto usado entre Latinos.

E do Oriente os mares. Entende os mares da India, nas quaes partes os Portuguezes tem feyto, o que a todo o mundo he notorio, & se pode ver no que delles escreverã os Historiadores.

16.

E M vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exício affigurado,
Sò com vos ver, o barbaro Gentio

Mostra o pescoço ao jugo já inclinado.

Tethys, todo o Ceruleo senhorio,

Tem para vós por dote aparelhado:

Que affeyçoada ao gesto bello & tenro,

Deseja de comprarvos para genro.

Em vós os olhos tem o Mouro frio. Chama ao Mouro frio pelo effeyto que o medo faz nos homens, que he deyxallos frios. A razão he; porque quâdo o homem se teme de alguma coula, recolhe-se o sangue ao coração para o acompanhar, & favorecer: & delemparados delle os mais membros ficão frios. A causa do medo em os Mouros, he a vizinhança que tem com os Portuguezes, dos quaes por muytas vezes foraõ vencidos. Exício quer dizer destruição, & morte.

Tethys, todo o Ceruleo senhorio. Nestas palavras, & em todas as mais desta invocação del Rey D. Sebastião, imitaõ Poeta a Virgilio no principio do livro primeyro das Georgicas. E Virgilio fallou conforme ao costume antigo dos Romanos: que era os pays das esposadas comprarem os genros com os dotes que davaõ a suas filhas. E este costume parecêo mal a Lycurgo Rey dos Lacedemonios, como diz Justino lib. 3. Pelo que fez hũa ley, que os homens escolhessem as mulheres cõ q ouvessem de casar, & seus pays lhes não dessem dote: para que desta maneyra fossen senhores de suas mulheres, & as pudessem melhor sujeytar. Quanto a Tethys de que o Poeta aqui falla, foy filha de Titano irmão de Saturno, & mulher de Oceano, como diz Ovidio nos Fastos lib. 3. Outros a fazem filha de Ceo, & Vesta. A esta Tethys chamaõ algũs a Grãde, a differença de outra Tethys filha de Nerêo, & casada com Peleo Rey de Thessalia, do qual houve Achilles, hum cavalleyro entre os Hereges de grande nome. Tem differente orthographia, & quantidade entre os Poetas: porque a mulher de Oceano se escreve desta maneyra: Tethys, & a filha de Nerêo casada com Peleo se escreve assim, Thetis. Na primeyra o Te, he longo, porque no Grego se escreve com H, q se converte cõ e longo: na segunda breve porque se escreve com E, vogal sempre breve naquella lingua. Ainda que algumas vezes se confunde a differença, & se poem huma por outra.

Todo o Ceruleo senhorio. Por senhorio Ceruleo entende o mar, o qual se chama assim, por causa da cor que parece ter: a que os Latinos chamaõ Cerulea, de Calum, que he o Ceo por parecer azul, qual parece a cor do Ceo, como na realidade o Ceo não tenha cor alguma, & a que nos parece a nós seja mais huma representação de cor, que a distancia, & apartamento do lugar causa em nossa vista:

o que no mar he o mesmo, que a profundidade da agua nos faz parecer a agua de cores differentes, sendo branquissima. O que o Poeta mostra nesta Octava he, que Tethys quer fazer a El Rey Dom Sebastião Senhor do mar.

17.

E M vós se vem da Olympica morada,
Dos dous avós as almas ca famosas,

Hũa na Paz angelica dourada,

Outra pelas batalhas sanguinosas.

Em vós esperão ver se renovada

Sua memoria, & obras valerosas,

E lá vos tem lugar no fim da idade

No templo da suprema eternidade.

Olympica morada. He o Ceo, o qual chama assim de Olympo monte de Thessalia altissimo, por este respeyto se toma pelo Ceo. Veja-se a nossa annotação neste mesmo Canto, Octava 20.

Dos dous avós, as almas ca famosas. Hum destes foy o Imperador Dom Carlos, por parte de sua mãy, pay de El Rey Dom Philippe nosso Senhor, primeyro deste nome em Portugal. Outro El Rey Dom João terceyro, muyto amigo da paz, & muyto zeloso da Fe de Christo, que foy seu avó por parte de seu pay, & hoje ha muytos vivos que os conheceraõ, & trataraõ.

M As em quanto este tempo passa lento
De regerdes os Povos que o desejão,

Day vós favor ao novo atrevimento,

Para que estes meus versos vossos sejam,

E vereis incortando o falso argento

Os vossos Argonautas, por que vejão,

Que são vistos de vós no mar irado,

E costumayvos ja a ser invocado.

Tempo lento. Tempo vagaroso. Dá este nome ao tempo da idade tenra de El Rey D. Sebastião, que era causa delle não reger, nem governar os seus: aos quaes cada dia parecia cem mil annos.

Salso argento. Propriamente quer dizer prata talgada. Usou deste modo de fallar a imitação de Homero, o qual chama muytas vezes ao mar prata. E por este respeyto parece a alguns este termo de fallar duro, & outros semelhantes, que por serem a imitação Latina, parecem asperos, mas fazendo-se os Leytores a elles, perderão a aspereza, pois outros temos de differente lingua, & differentes da Latina, de que usamos como nosios, tendo muyto pouco de nós. Veja-se o que notamos neste mesmo Canto, Octava 67.

Os vossos Argonautas. Argonautas foraõ hús cavalleyros Gregos, que na nao Argos (a qual dizem foy a primeyra que houve no mundo) foraõ a conquista do vello de ouro de Colcos regiaõ de Asia.

Daqui

Daqui os nollõs Portuguezes, porque foraõ os primeyros que navegáão mares não conhecidos, nem navegados de outras nações, & por serem muyto deftros na arte de navegar, são chamados Argonautas.

E costumavos já a ser invocado. Nestas palavras conclue a invocação de El Rey Dom Sebastião à imitação de Virgilio nas Georgicas: *Vaisque asfuesce vocari,* como fica dito.

JA no largo Oceano navegavão,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiravão
Das naos as velas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravão
Cubertos, aonde as proas vão cortando.
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Protheo são cortadas.

Ja no largo Oceano navegavão. Depois que propoz, o que havia de tratar nesta sua obra, & invocou as Nymphas do Tejo, & a El Rey Dom Sebastião: começa a narração nesta Octava. O mar que rodea toda a terra chama-se Oceano, de huma palavra Grega, que quer dizer ligeyro, pelas grandes revoltas, & tempestades, que de subito se levantaõ nelle, como diz Solino, cap. 36. Mela, cap. 1. lib. 3. & outros. E posto que este seja o seu nome em geral, em particular tem outros muytos, conforme aos lugares por onde passa, como Atlântico, Caspio, Indico, Rubro, Ligustico, & outros.

Do gado de Protheo. O gado de Protheo são os peyxes do mar, dos quaes Protheo tem cuydado por mádado de Neptuno Senhor do mesmo mar, como fingem os Poetas. Deste Protheo trata largamente Virgilio nas Georgicas, aonde diz que se costumava mudar em diferentes figuras, por que se convertia em gato, cão, fogo, rio, & em tudo o mais que queria: de donde nasceo o Proverbio: *Protheo mutabilior,* mais mudavel que Protheo; o qual se diz de hum homem inconstante, & mudavel. O que Diodoro conta, lib. 2. lib. mei 182. & donde se cre ter origem esta fabula he, que Protheo foy Rey de Egypto em tempo que Priamo o era de Troya: o qual Reyno dizem que alcançou, não por lhe pertencer por geração; senão porque faltando Rey em Egypto, de commum conselho o elegêão a elle, por ser homem de graõ prudencia & conselho. E daqui se veyo a dizer, que se convertia, & trásformava em diferentes figuras: porque se sabia accommodar a todos, & viver com elles. Donde o proverbio, *Protheo mutabilior,* se accommoda entre muytos, mormente entre os Gregos, a hum homem sagaz, & avisado.

As maritimas aguas consagradas. Aguas maritimas são as aguas do mar. Veja-se o que escreve-

mos no Canto segundo, Octava 24. Chamalhe consagradas; porque os Poetas a todas as coulas attribuião seus Deoses: & nas aguas diziaõ, que havia Nymphas, ás quaes os rios, fontes, & mares eraõ consagrados. Alem disto fingião nas aguas do mar certa divindade, pelo que as tinhão por fantas, & sagradas: & diziaõ não ser licito entrar nellas homem que tivesse commetrido algum delito, por ser lugar sagrado, segundo elles: & que costumava castigar homens dissolutos, & de pouca fé. Por esta razão quey xado-se Dido de Eneas por se atrever a entrar nõ mar, tendolhe quebrado a palavra que lhe tinha dado de casar com ella, diz: *Nec violasse fidem tentantibus sequora prodest,*

Perfidia panas exigit ille locus. Faz muyto mal aos que navegão, quebrar a palavra; porque o mar castiga aos homens de pouca fé. Isto he Ironia. A verdade he, que hum só Deos, & Senhor governa tudo, & que a elle são todas as coulas sujeytas, como he Fé Catholica. O nosso Camões falla como Poeta, para ornar, & fazer elegantes suas obras.

QUando os Deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntão em Concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente,
Pisando o crystallino Ceo fermoso,
Vem pela via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

Quando os Deoses no Olympo luminoso. Finge o Poeta nesta Octava chamar Jupiter a Concilio os outros Deoses, para tratar com elles sobre a navegação dos Portuguezes, que fazião para o Oriente. Olympo luminoso he o Ceo, como fica dito, Octava 17. Doze montes acho em os Autores chamados deste nome *Olympo*, em diferentes partes do mundo. Este de que o Poeta falla, he em Thessalia Provincia de Grecia: O qual dizem ser de tanta altura, que passa a região do ar, em que se causão as nuvens, chuvas, trovões, & relampagos. Donde diz Lucano na Pharsalia, lib. 2. *Nubes excedit Olympus.* O monte Olympo passa pelas nuvens. Solino cap. 13. Polyhist. acrescenta, que no alto deste monte havia hum altar; em que os antigos fazião seus sacrificios cada anno a Jupiter; & que acontecia deyxarem algũas letras escritas sobre a cinza dos animaes, que alli queymavaõ para os sacrificios: & estas cinzas que alli deyxavaõ, quando o anno seguinte tornavaõ àquelle lugar, achavaõ da mesma maneyra que as haviaõ deyxado: o que he final de estarem por bayxo do cume, & cabeça deste monte todas as alterações que no ar se geraõ, como dizem todos os que delle trataõ. Chama-se Olympo, de duas palavras Gregas, que que-

rem dizer todo resplandecente, por não ter sobre si nuvem alguma, nem escuridade, antes estar sempre claro com os rayos do Sol.

Vem pela via lactea. Descreve-se o caminho por onde os Deoses forão aos Paços de Jupiter, sua chegada, & determinação. Chama a este caminho *Via lactea*, caminho de leite: ao qual os Gregos pela mesma razão chamaõ Galaxia; por ser branco como leite. Alguns lhe chamaõ, caminho de Sanctiagõ, enganados pelo vocabulo, porque como nõ Grego se chama Galaxia, cuidaõ que quer dizer Galiza: & como o Bemaventurado Sanctiagõ Padroeyro dos Espanhoes está em Galiza, cuja casa he frequentada de muyta gente, que o vay visitar em romaria, dizem, que quiz Deos finaliar no Ceo aquelle caminho, por onde os peregrinos se regessẽ, para ir à sua Casa. Entre os Philosophos houve varios pareceres, & opiniões sobre esta *Via lactea*. A verdade he, que a multidaõ, & ajuntamento de muytas Estrellas da octava Esphera, as quaes não podemos alcançar com a vista, por estarem muyto distantes, & desviadas de nós, se misturaõ entre si, entretecem, & confundem os seus rayos de maneyra, que parece aquelle lugar banhado em leite, pelo resplandor daquellas estrellas. Pelo que lhe chamaõ *Circulo lacteo*, ou *Via lactea*. Donde Ovidio nas *Metam. lib. 1.*

Est via sublimis Cælo manifesta sereno,

Lactea nomen habet, candore notabilis ipso.

Ao qual o nosso Camões segue neste ajuntamento, & Concilio dos Deoses.

Pelo Neto gentil do velho Atlante. Entende Mercurio filho de Jupiter, & de Maya filha de Atlas Rey de Africa. Cinco Mercurios escreve Cicero nos livros de *Natura Deorum*, que houve, cuja genealogia trata. O mais celebrado dos Poetas, he este de que o Poeta aqui falla: o qual fingem ser interprete, & mensageyro de seu pay Jupiter, & de todos os mais Deotes: inventor da viola, & da eloquencia: padroeyro dos mercadores, & de outros officios, & exercicios, que conta Luciano no Dialogo *Tyranno lib. 1.* & Lactancio nas instituições divinas, cap. 10. E porque lhe daõ officio de Embaxador, o pintaõ com azas nos pés, & na cabeça: porque quem ha de ter semelhante cargo, nem ha de ter preguiça nos pés, nem chumbõ no entendimento. Tambem o pintaõ com huma vara na mão, posta entre duas cobras, porque com a eloquencia se vencem todos os monstros, & peçonhas do mundo: & não ha cousa por difficultade que seja, que com prudencia se não acabe. Esta he tambem a razão porque os Poetas fingem Hercules grande domador de monstros, & que Orpheo attrahia a si as cousas insensiveis: & Arion os peyxes: porque forão homens avisados, & que viaõ de maneyra que persuadiaõ à gente, com que tratavaõ, tudo o que queriaõ.

Deyxaõ dos sete Ceos o regimento,
Que do Poder mais alto lhes foy dado:
Alto poder, que só co pensamento
Governa o Ceo, a Terra, & o Mar irado.
Alli se acharaõ juntos num momento,
Os que habitãõ o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, & as partes onde
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

Deyxaõ dos sete Ceos o regimento. Trata dos mais principaes que concorreraõ aquelle ajuntamento, q forão os sete Planetas, Saturno, Jupiter, Marte, Sol, Venus, Mercurio, & a Lua: os quaes por ordem do Altissimo Deos, & Senhor nosso, como diz aqui o Poeta, estaõ em aquelles lugares, como Reytores, & Governadores delles.

Os que habitãõ o Arcturo congelado. Diz mais, que concorreraõ de todas as partes do mundo, Norte, Sul, Oriente, & Occidente. As partes do Norte entende por esta palavra Arcturo, que he huma Estrella da primeyra grandeza na constellação Boote, a que os Gregos chamaõ Arctophylax, q quer dizer, guarda da Urfa mayor, chamada Helice, na parte Septentrional, que he o Norte. Chama ao Arcturo congelado, por estar esta Estrella em paragem fria, qual he a do Norte, ou do Norte.

Os que o Austro tem. Saõ os moradores das partes do Sul. Chamaõ-se assim do vento Austro, q ventã daquellas partes; & em vulgar lhe chamamos Sul, ou Vendaval.

E as partes onde a Aurora nasce. As partes onde nasce a Aurora, saõ as do Oriente, como atraz fica dito, Octava 14. As partes onde se esconde o Sol saõ as do Ponente, quaes saõ estas do nosso Portugal. Veja-se a nossa annotação, neste mesmo Canto, Octava 14.

Estava o Padre alli sublime, & dino,
Que vibra os fevos rayos de Vulcano,
Num assento de Estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo, & soberano:
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornara hum corpo humano:
Com hũa coroa, & sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Estava o Padre alli sublime, & dino. Depois que o Poeta tratou da gente que concorreo aos Paços de Jupiter, trata nesta Octava de sua authoridade, & preeminencia. O Padre sublime, que vibra os rayos de Vulcano, he Jupiter. De diferentes Vulcanos trataõ os Autores, mas o mais nomeado entre elles, he este de q falla aqui Luis de Camões. Fingem os Poetas que este foy filho de Jupiter, & Juno. Alguns o fazem filho de Juno sem

pay : & dizem que o lançou Jupiter do Ceo por ser muyto feyo. Angelo Policiano nas suas Miscellaneas, cap. 89. dá outra razão. Depois de lançado do Ceo, fez seu assento na ilha Lemnos do mar Egeo chamada hoje Sidro, como diz Olivario sobre Mella. Nesta Ilha dizem os Poetas que tinha sua tenda com todos os instrumentos necessarios para fazer os rayos a seu pay Jupiter, & cõ que fez as armas de Eneas, & Achilles, como dizemos no Canto sexto, Oitava 78.

23.

E *M*luzentes assentos marchetados
De ouro, & de perlas mais abayxo estavam
Os outros Deoses todos assentados,
Como a razão, & a ordem concertavaõ.
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abayxo os menores se assentavaõ,
Quando Jupiter alto assim dizendo,
Com tom de voz começa grave, & horrêdo.

24.

E *T*ernos moradores do luzente
Estellifero Polo, & claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento:
Deveis de ter sabido claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueção os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, & Romanos.

Estellifero Polo. Nesta machina do Ceo que vemos, ao qual os Gregos por sua fermosura chamaõ Cosmos, & os Latinos *Cælum*, ou *Mundus*, por ser purissimo, & apartado de todas as fezes da terra, como diz Plinio: como seja redondo, & ande em continuo movimento, fingiraõ os Astrologos dous pontos, hum de frente do outro, com huma linha, que imaginaraõ passar pelo meyo da terra, de hum a outro. A linha puzeraõ nome Eyxõ do mundo, & aos pontos, Pólos do verbo Grego, q̄ quer dizer volver: porque sobre elles se volve o Ceo, como hum carro sobre o eyxo. Estes dous Pólos são os que commumente chamamos Norte, & Sul; junto aos quaes estaõ aquellas tam nomeadas Estrellas ditas do nome delles, pelas quaes os marinheyros se governaõ. Huma he a Estrella do Norte, a outra a do Sul. Daqui Pólo, se toma pelo Ceo: figura muyto usada entre os Poetas: tomarse a parte pelo todo, & o todo pela parte.

Como he dos fados grandes certo intento. Entre os antiguos houve grande alteraçãõ, que coufa era fado, & o poder que tinha. Cicero, *lib. 3. de natura Deorum*, Aulo Gellio, *lib. 6. cap. 2.* & todos os Poetas concordãõ, que Fados, & Parcas são hũa mesma coufa, & que são tres, Cloto, Lachesis, & Atropos: & que se chamaõ Parcas a partu, do parto; porque desde o nascimento de hũa creatura dil-

poem de sua vida, como lhe parece. Acrescentaõ, que estas Parcas fiaõ a vida do homem, pelo que pintaõ Cloto com roca, Lachesis fiando, Atropos cortando o fio. E que quando querem perseguir alguem, lhe fiaõ tua vida com fiado negro: o que quiz dizer Marcial:

*Si mihi lanificæ ducunt nonnulla sorores
Stamina, nec surdos vox habet ista Deos.*

Se as irmãs fiandeyras me não fiaõ a vida com fiado negro: como se dissera: se os fados me favorecem, & ajudaõ. Isto são fabulas, & fingimentos Poeticos, & Gentilicos: Tomando fado como se deve tomar por humã ordem, & curso das cousas; encaminhado por divina Providencia; pode-se admittir fallar em fado, & negallo neste sentido, seria negar a divina Providencia; como diz o B.S. Thomás 1. p. q. 116. art. 1. & 3. E assim avemos de dizer, que o entendeo o Poeta, como se pôde ver no Canto decimo, Oitava 38.

De Assyrios, Persas, Gregos, & Romanos. No tratar das Monarchias variãõ os Autores: pelo que lómente direy o necessario para entendimento; & declaraçãõ deste lugar. Contaõ que houve sete mais notaveis. A primeyra foy dos Assyrios, cujo primeyro instituõdor, dizem, que foy Nemrot, filho de Cham, neto de Noé, do qual se trata no Genesis cap. 10. Esta Monarchia começou antes do Nascimento de Christo 2183. annos: teve trinta & oytõ Reys, o ultimo dos quaes foy Sardanapalo. Durou 1357. annos. A segunda foy dividida entre dous Capitães de Sardanapalo, os quaes o mataraõ, por ser homem molle, & affeminado: Arbaces ficou com o Imperio dos Medos, & Beloco com o dos Chaldeos. Teye o dos Medos nove Emperadores, & durou 292. annos. O dos Chaldeos 13. & durou 293. Cyro Rey dos Perlas veniceo, & matou Astyages, & Balthazar, ultimos possuidores da Monarchia dos Assyrios; & nelle começou a terçeyra 531. annos antes do Nascimento de Christo, chamada dos Persas. Teve 14. Reys, & durou 202. annos, sendo o ultimo della Dario. A este venceu Alexandro Magno Rey dos Macedonios, & passou a Monarchia a Europa, & assim se chamou, & chama esta quarta Monarchia dos Gregos, ou dos Macedonios. Durou 302. annos, o ultimo Senhor da qual foy a Rainha Cleopatra, porque depois da morte de Alexandro Magno se repartio seu Imperio por diferentes, até que finalmente veyo parar em Egypto, onde acabou sendo Rainha Cleopatra. A quinta começou em Octaviano, que venceu a Cleopatra, vinte & sete annos antes do Nascimento de Christo. Durou 285. annos, & acabou em Constantino Magno, que mudou o Estado imperial de Roma para Constantinopla, no anno 312. depois do Nascimento de Christo. Este foy o primeyro Emperador Christaõ, que mandou se baptizassem todos, & que largou a Cidade de Roma ao Papa. A sexta Monarchia foy dos Constantinopolitanos, & começou neste Constantino Magno, & reve-

fim em Constantino sexto, 782. annos depois do Nascimento de Christo. Teve 32. Emperadores, & durou 470. annos. A setima começou em Alemanha, em Carlos Magno, 800. annos depois do Nascimento de Christo, por o Papa Leão dividir a Monarchia de Constantinopla em Oriental, & Occidental; fazendo Emperador de Alemanha a Carlos Magno, como fica dito, Octava 13. por defender as terras da Igreja contra os Longobardos, que as destruhião, ao qual dano não acudiaõ os Emperadores de Constantinopla; Teve 45. Emperadores, o ultimo dos quaes foy Rodulpho, anno do Senhor de 1291. depois que o Papa Leão terceyro fez a divisaõ do Imperio, que acima dissemos, traspassando o de Roma, & Constantinopla em Alemanha. Os Emperadores de Constantinopla, que succederaõ a Constantino sexto, foraõ 47. o ultimo dos quaes foy Constantino Paleologo, ao qual matou, & tomou a Cidade o Graõ Turco, aos 29. de Mayo de 1453. O que o Poeta aqui mostra, he que não merecem os feytos destes Monarchas, & Emperadores do mundo, ser comparados com os dos Portuguezes.

25.

J A lbe foy (bem o vistes) concedido,
Com poder tão singelo, & tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte, & guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Pois contra o Castelhana tão temido,
Sempre alcançou favor do Ceo sereno.
Assim q. sempre em fim cõ fama, & gloria,
Teve os tropheos pendentés da vitoria.

Ja lbe foy (bem o vistes) concedido. Isto diz pelo felicissimo Rey Dom Affonso Henriquez primeyro de Portugal, do qual se trata em muytas partes deste livro. Este bem afortunado Rey venceu muytas batalhas campaes; & muyto arriscadas, com muyto pouca gente. Desbaratou no campo de Ourique cinco Reys Mouros com muyto grãdes exercitos juntos. Junto a Palmela a El Rey de Badajoz; em Santarem a El Rey de Sevilla: venceu tambem a El Rey de Marrocos intitulado Emperador, com outros treze Reys. Tomou aos Mouros Santarem, Lisboa, & tudo o q ha della até Coimbra; em Além Tejo, Cezimbra, Palmela, Alcacer, Evora, Elvas, Moura, Serpa, Beja, & outros lugares, & fortalezas.

Pois contra o Castelhana. Veja-se o Canto quarto.

Teve os tropheos pendentés. Tropheo vem de troppi, palavra Grega, que quer dizer fugida. Era hum padraõ, ou coluna que se levantava no tempo da vitoria em o lugar, onde os inimigos fugiaõ, & nelles punhaõ todos os despojos, & armas que naquella batalha alcançavaõ, como diz Virgilio na Eneida lib. 11.

26.

Deyxo Deoses atraz a fama antiga,
Que com a gente de Romulo alcãçarão,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra Romana tanto se affamãrão.
Tambem deyxto a memoria que os obriga
A grande nome, quando alevantãrão
Hum por seu Capitaõ, que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.

Quando com Viriato. Veja-se a nossa annotaçãõ no Canto terceyro, Octava 22. Foy Viriato em principio de sua vida pastor, como conta Floro, depois saltador de caminhos, pelo que veyo a ser muyto rico, & levantar-se cõ a Lusitania no anno de 608. da edificaçãõ de Roma, tendo Confules Cneo Cornelio Lentulo, & Lucio Mumio, como escreve o nosso Relende em hum tratado que fez da Cidade de Evora cap. 2. o que foy cento & quarenta annos antes do Nascimento de Christo nosso Redemptor, & Salvador. Tratando Justino lib. 43. da Lusitania, diz que Viriato não se levantou com ella, mas que os Lusitanos o tomãrão por seu Capitaõ, por verem nelle partes para os poder reger, & governar, por ser homem de grande prudencia, & conselho. Veja-se a nossa annotaçãõ no Canto terceyro, Octava 22.

Agente de Romulo. Entende os Romanos, por que Romulo foy fundador de Roma, & o primeyro Rey della, como conta Tito Livio, & outros.

Hum por seu Capitaõ. Este foy Quinto Sertorio natural da Cidade de Nursia nos Sabinos, q hoje se chama Norza: o qual nas guerras crueis entre Mario, & Scylla seguiu as partes de Mario. Vendo Scylla vencedor, & entrar a Cidade de Roma, & fazer-se Senhor della, recolheose a Espanha, onde sendo Capitaõ fez cousas finaladas contra os Romanos por espaço de dez annos; & tanto, que conta Veleio Paterculo, que havia duvida qual permaneceria, se Roma, se Espanha. Foy Sertorio tam prudente, & ardiloso, que diz delle Appiano, que era tido pelo mais valeroso Capitaõ do mundo; pelo que os Espanhoes lhe chamavaõ Annibal, por se parecerem suas cousas com as daquelle grandissimo Capitaõ, do qual tinhaõ muyta noticia do tempo que andãra naquellas partes. Entre outros teve hum ardil avifadissimo, que fez crer aos seus que húa Cerva branca, que hum Portuguez lhe dera em presente, era Diana, que os antigos tinhaõ por Deosa da caça, que andava transformada naquella Cerva, & lhe aconselhava tudo o que havia de fazer. E como as cousas lhe succediaõ bem, tinhaõ os seus isto por verdade, & assim o tinhaõ em grande reputaçãõ.

27.

Agora vedes bem, que cõmettendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo.
De Africo, & Noto a força, a mais se atreve.
Que avendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, & onde breve,
Inclinaõ seu proposito, & porfia
A ver os berços onde nasce o dia.

Duvidoso mar. Chama ao mar duvidoso, porque nelle tudo são duvidas, & inconstancias. Assim lhe chamou Horacio no fim da Oda nona: *aut fertur incerto mari*, ou caminha pelo mar duvidoso.

Num lenho leve. Poem a materia, que he o pau, pelo que della se faz que he a não, figura muyto usada entre os Poetas.

De Africo, & Noto a força. Ainda que o Poeta nomee aqui lós dous ventos Africo, & Noto, entende todos. He Africo hum vento que sopra do Occidente, a que os Gregos chamaõ Lybs, como diz Plinio lib. 2. cap. 47. & os Marinheyros, Oes sudueste. Noto sopra do meyo dia, chamaõlhe os Latinos Austro, & os Marinheyros Sul, ou Venedaval.

Onde o dia he comprido, & onde breve. Entende as partes da Europa, aonde está a nossa Espanha, na qual os dias se regulaõ pelo Sol: & assim no diffcurso do anno ha desigualdade entre elles. Tambem se pôde entender este lugar das partes por onde andavaõ fazendo outros descobrimentos, & conquistas, antes que tentassem esta da India.

A ver os berços onde nasce o dia. Entende as partes do Oriente. Uta desta palavra berço, a que os Latinos chamaõ *cunæ*, ou *cunabulum*, querendo mostrar a origem do Sol, que em nosso respeyto he nas partes da India, como na realidade o Sol não nasce, mas anda continuamente. Desta mesma palavra ufou Virgilio na Eneida lib. 3. *Mons Idaus ubi gentis cunabula nostræ*. O monte Ida, aonde estão os berços da nossa gente, como se dissera: donde trazemos principio, & origem.

28.

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta Ley não pôde ser quebrada,
Que tenhaõ longos tempos o governo.
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas aguas tem passado o duro inverno,
A gente vem perdida, & trabalhada:
Já parece bem feyto, que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

Do eterno Fado. Dos Fados se veja a nossa annotação neste mesmo Canto, Octava 24.

Do mar que vê do Sol a roxa entrada. Entende o

mar da India, o qual em nosso respeyto, como fica dito, vê primeyro o nascimento do Sol, com aquella cor roxa, com que parece.

E Porque, como vistes, tem passados
Na viagem tam asperos perigos,
Tantos climas, & Ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos:
Que sejaõ, determino, agazalhados
Nesta costa Africana, como amigos:
E tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

Tantos climas, & Ceos experimentados. Clima he palavra Grega, & significa propriamente hum espaço grande de Ceo ou terra. Isto he quanto à propriedade da palavra. Quanto à significação, que hoje té entre os Cosmiographos, se ha de notar, que para os antigos poderem mais clara, & distintamente tratar das terras, de que tinhaõ conhecimento, & que se podiaõ habitar, as dividiraõ em partes, a que puzeraõ nome Climas: entendendo por Clima hum espaço de terra, na qual houvesse differença de meya hora de tempo no mayor dia do anno. Quero dizer, se em hum lugar o mayor dia era de doze horas, & em outro de doze, & meya: aquelle espaço de terra que havia entre estes dous lugares, se chamava Clima. E porque os Antiguos tiveraõ noticia de pouca terra, & desta pouca que souberaõ lhe pareceo ser algũa deshabitada: assim debayxo da Equinocial pela grande quentura, como debayxo dos Pólos do mundo, pela frialdade, respeytando lómente a terra que lhe pareceo habitavel, a dividiraõ em sete Climas, conformando-se com o numero dos Planetas, & nomeando-os de seu nome. E para conhecerem o sitio dos Climas, lhe puzeraõ nomes, & balizas dos mais principaes, & finalados lugares que no meyo daquella parage estivessem. O primeyro chamaraõ diameroes, que quer dizer, por Meroe, a qual Meroe he húa Ilha muyto nomeada, & conhecida, situada no rio Nilo. Os mais Climas se podem ver em Sacrobosco na sua Esphera, & Ptholomeo lib. 2. Geog. C. 1. E em nossos tempos he tanta terra descuberta, que os modernos tem leyto 23. Climas: como se pode ver em Hieronymo Girava Tarragonéz, lib. 1. & Joãõ Perez de Moya na sua Astronomia lib. 2. c. 5. ar. 17. aonde acrecenta outro Clima.

E Ceos experimentados. Chamaõ os Latinos ao Ceo *Calum*, de hum verbo *Calo*, escripto com diphthongo, que quer dizer, esculpir, por ser esculpido, & esmaltado com tanta diversidade de Estrellas, como diz Plinio lib. 2. cap. 38. Outros o derivaõ de *Gelo*, que quer dizer, cobrir, por ser manto, & cobertura de todo o creado. E estes o escrevem sem diphthongo. Usão tambem os Latinos desta palavra *Calum*, pela Região do ar, & por este res-

peyto por Região, ou Parte do mundo, como diz o mesmo Plinio, & o nosso Poeta neste lugar, o qual encarecendo aqui a navegação dos Portuguezes, diz, que tinhaõ experimêrado tantos Climmas, & Ceos: como se diffiera que tinhaõ corrido tantas partes do mundo.

^{30.}
E Stas palavras Jupiter dizia.
 Quando os Deoses por ordem respõdêdo
 Na sentença hum do outro differia,
 Razões diversas dando, & recebendo.
 O Padre Baccho alli não consentia
 No que Jupiter disse: conhecendo
 Que esquecerão seus feytos no Oriente,
 Se là passar a Lusitana gente.

O Padre Baccho alli não consentia. Baccho foy filho de Jupiter, & Seméle, como dizem os Poetas, Solino cap.65. Mella lib.3. cap.7. & outros dizem que nasceo em Nisa Cidade da India. Veja-se a nossa annotação no Canto 7. Oitava 52. E porque tinha naquellas partes alcançado muyta honra, temia que indo lá os Portuguezes a perdesse; pelo que não consentia no que Jupiter dizia, & se mostrava inimigo dos Portuguezes. Chamalhe Padre, que he nome de dignidade, & termo, de que se usá a este proposito ordinariamente, assim em Poetas, como em todo o genero de escriptura. De Baccho se veja o que escrevemos neste Canto, Oitava 49. & 73.

^{31.}
Ouvido tinha aos fados, que viria
 Hũa gente fortissima de Espanha;
 Pelo mar alto, o qual sujeytaria
 Da India tudo, quanto Doris banha:
 E com novas vitorias venceria
 Afama antiga, ou sua, ou fosse estranha.
 Altamente lhe doe perder a gloria,
 De que Nisa celebra inda a memoria.

Ouvido tinha os fados. O que Baccho receava, como fica dito, he que suas cousas se escurecessem na India, com as dos Portuguezes, & que se havia de cumprir isto, pois estava determinado por Deos.

Tudo quanto Doris banha. Doris, como dizem os Poetas, foy filha de Oceano, & Tethys, & mulher de Nerco: & como foy Senhora do mar, toma-te pelo mesmo mar.

Ou sua, ou fosse estranha. Ou a honra que elle tinha alcançado, ou outros, como Alexandro, & Trajano, que naquellas partes fizeraõ cousas dignas de memoria.

De que Nisa celebra inda a memoria. Nesta Cidade de Nisa, como apontamos atraz, Oitava 30. & escrevemos mais largamente adiante no Canto seti-

mo Oitava 73. nasceo Baccho. E por isto ella celebrava a memoria dos feytos, & cavallarias de Baccho.

^{32.}
VE, que já teve o Indo subjugado,
 E nunca lhe tirou Fortuna, ou Caso,
 Por vencedor da India, ser cantado,
 De quantos bebem a agua de Parnaso.
 Teme agora que seja sepultado
 Seu tam celebre nome em negro vaso
 Da agua do esquecimento, se là chegaõ
 Os fortes Portuguezes que navegaõ.

Ve, que teve já o Indo subjugado. O Indo he hum dos mayores rios do mundo, que rega, & dá o nome à India. Veja-se a nossa annotação no Canto setimo, Oitava 18.

De quantos bebem a agua de Parnaso. A agua de Parnaso he a da fonte Castalia, que está ao pé do monte Parnaso, da região Phocis de Grecia. Os que bebiaõ da agua desta fonte, ou da fonte Hippocrene do monte Helicon de Beocia, contaõ as fabulas, que ficavaõ Poetas, como diz aqui o nosso Camões, que pelos que bebem a agua de Parnaso entende os Poetas, & he linguagem muyto ordinaria entre elles.

Da agua do esquecimento. Fingem os Poetas que ha no inferno quatro Rios, Letho, Coccytho, Phlegetonte, & Acheronte, & a lagoa Estygia. O rio Letho se chama assim de lithi, que he na lingua Grega o esquecimento, porque os que vão áquellas partes, esquecem-se lá. Estas são as aguas do esquecimento, de que o Poeta talle. Os mais rios tomaõ seus nomes da tristeza, & fogo que naquellas partes não falta, dos quaes trataremos aonde se offerecer, dandolhe tuas etymologias.

^{33.}
Sustentava contra elle Venus bella,
 Affeyçoada à gente Lusitana,
 Por quantas qualidades via nella,
 Da antiga taõ amada sua Romana:
 Nos fortes corações, na grande Estrella,
 Que mostrarão na terra Tingitana,
 E na lingua, na qual quando imagina,
 Com pouca corrupção, cre que he a Latina.

Venus bella. Venus diziaõ os Poetas ser Deosa dos amores. Tem differentes nomes, conforme aos lugares onde era venerada. Paphia, Idalia, Citherea, Acidalia, Aphrodisea, Dione, & outros que declararey aonde se offerecer. Ouve esta Venus de Anchises Trojano hum filho por nome Eneas, donde procederaõ os Romanos. E por isto diz aqui Luis de Camões, que era Venus affeyçoada aos Portuguezes, porque via nelles partes, em que se pareciaõ com os Romanos: assim nas cou-

tas da milicia, como na lingua, a qual se parece muyto com a Latina. E os que entendem o Latim, veñi isto claramente; porque de todas as linguas de Europa, tirada a Toscana, (ainda que tambem anda muyto corrupta) a Portugueza tira mais ao Latim. E mais pura fora, se os Mouros não entráram em Portugal. Assim o tem Francisco Tamara no livro primeyro dos costumes de todas as gentes cap. 7. E Pedro de Magalhães em hum dialogo que fez em defensão, & louvor da lingua Portugueza, o qual está no fim de sua Orthographia, & João de Barros na sua Grammatica Portugueza, em hum Dialogo que fez em louvor da mesma lingua.

Terra Tingitana. Quer dizer terra de Berberia, de Tingi, lugar da mesma Provincia, que hoje chamamos Tangere, sujeito aos Reys de Portugal: Toma-se a qui terra Tingitana gèralmente por terra de Africa.

34.

E Stas cousas moviaõ Citherea,
E mais, por que das Parcas clarõ entẽde,
Que ha de ser celebrada a clara Dea,
Onde a gente belligera se estende.
Assim que hum pela infamia, que arrecea,
E outro pelas honras que pertende,
Debatem, & na porfia permanecem:
A qualquer seus amigos favorecem.

Citherea. He Citherea hum dos nomes de Venus, como fica dito. Chama-se assim de Cithera, Cidade em Chipre, aonde era venerada, que hoje he huma pequena Aldea chamada Conucha, como diz Ortelio no seu Thesouro Geographico. Outros querem que se chame assim da Ilha Cythera no Pelo ponneso chamada hoje Cerigo. Das Parcas se veja o que escrevemos neste mesmo Canto, Octava 24.

Clara Dea. He Venus; & diz que ha de ser celebrada pelos Portuguezes na materia dos amores, de que Venus entre os antigos era tida por Deosa.

Assim que hum pela infamia que recea. Este era Baccho, o qual temia se esquecêssem, & perdessem da memoria dos homens, as cousas que tinha teyto na India, se os Portuguezes lá chegássem.

E outro pelas honras que pertende. Esta era Venus, que favorecia os Portuguezes pelas razões acima ditas.

35.

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura
De sylvestre arvoredõ abastecida,
Rompendo os ramos vaõ da mata escura,
Com impeto, & braveza desmedida.
Brama toda a montanha, o som murmura:
Rompen-se as folhas, ferve a serra erguida,

*Tal andava o tumultõ levantado
Entre os Deoses no Olympto consagrado.*

Qual Austro fero. Nesta comparação imita o Poeta a Virgilio, quando trata das importunações de Elisa Dido com Eneas, trabalhando em trespello em Carthago. *Austro* he o vento Sul. *Boreas* he o vento que chamamos commummente Nornordeste. Chamaõ-lhe assim os Gregos, por ser impetuoso, & rijo no seu sopro, pela qual razão lhe chamaõ os Latinos *Aquilo*: no estio se chama *Etesias*, q̄ em Grego significa o anno, porq̄ neste tempo do estio muda sua furia, & sopra mais brandamente, como diz Plinio lib. 18. c. 34.

36.

M As Marte que da Deosa sustentava,
Entre todos, as partes em porfia:
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia:
De entre os Deoses em pè se levantava,
Menencorio no gesto parecia,
O forte escudo ao collo pendurado,
Deytando para traz medonho, & irado.

Mas Marte. Marte sustentava a parte de Venus em favorecer os Portuguezes, ou pela grande amizade, que já tivera com ella, como conta Ovidio lib. 2. de arte, ou porque os Portuguezes lhe mereciaõ este favor, por seu esforço, & cavallaria. Este Marte, fingem os Poetas, que foy filho de Juno sem pay. A fabula de seu nascimento se veja nos fastos de Ovidio lib. 3. Chamou-se *Marte* de *Mai*, palavra Latina, que he o homem macho: porque nem mulheres, nem homens affeminados servem para a guerra. Chamaõ-lhe os Poetas *Mavorte*, de duas palavras Latinas, *Magnus*, que he grande, & *Verro*, revolver, & trastornar; porque a guerra confunde, & trastorna tudo. Dõde disse Sallustio: *Concordia parvæ res crescunt: discordia maximè dilabuntur.* Com a paz as cousas pequenas crescem, & com a guerra as grandes se destruem. Chamaõ-lhe tambem *Gradivo* de *gradior*, verbo Latino, que quer dizer, ir por degraos: porque nas cousas da milicia he necessaria ordem, & conselho.

37.

A Viseyra do elmo de diamante,
Alevantando hum pouco muy seguro,
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter, armado, forte, & duro:
E dando huma pancada penetrante,
Co conto do bastão, no folio puro,
O Ceo tremeo, & Apollo de torvado,
Hum pouco a luz perdeo como insfado.

A viseyra do elmo. Reconta como se poz Marte diante de Jupiter em favor dos Portuguezes.

Solio puro. Cadeyra resplandecente. *Solio* he palavra Latina, da qual entre outras significações, huma he, assento real, na qual usa aqui della Luis de Camões.

Apollo de torvado. Para encarecimento da valentia de Marte, usa deste termo de fallar: no que guardou as regras da Poesia, como aconselha Horacio na arte Poetica.

38.

E Disse assim: O' Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que criaste:
Se esta gente, que busca outro Hemispherio,
Cuja valia, & obras tanto amaste,
Não queres que padeção vituperio:
Como haja tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais pois es Juiz direyto,
Razões de quem parece, que he suspeyto.

Outro Hemispherio. Outro mundo, outras partes & regiões diferentes das suas, em que atégora habitaraõ. Que seja *Hemispherio* fica dito neste Canto, Octava 8.

Razões de quem parece, que he suspeyto. Baccho era suspeyto aos Portuguezes, pelas razões que demos atraz.

39.

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bom fora, que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado.
Mas esta tenção sua, agora passe,
Porque em fim vem d'estamago danado:
Que nunca tirará alhea inveja
O bem que outrem merece, & o Ceo deseja.

Que se aqui a razão se não mostrasse vencida do temor. Onde entra payxaõ, não ha prudencia, nem ordem: antes tudo taõ erros, & desatinos. Porque he impossivel haver razão, onde ha colera: & faltando ella, tudo vay perdido. Como aqui succedeo, que fazia tanta impressãõ a ira em Baccho, que o obrigava a ser contra os Portuguezes, gente tanto sua, pois procediaõ do seu grande privado Luso: ou por melhor dizer, filho, como fica dito Octava 1. Pelo que aconselha aquelle grande Philosofo Epicteto: que quando succeder feros necessario fazer algum acometimento, pezeros primeyro muyto bem o que imos fazer, & consideremos muyto devagar, o que havemos de fallar: porque de outra maneyra está à porta o arrependimento, & o dano muyto certo.

Que nunca tirará alhea inveja. Enveja, he huma chaga da alma, que trata principalmente mal a quem a tem: secundariamente a gente de nome, & que presta para alguma cousa, como diz Platóo *lib. 9. de Legibus*: porque o envejoto não cura da

gente inutil, & que val pouco: o seu veneno não pega senão em cousas altas, & excellentes, como diz Horacio, *lib. 2. epist. Urit enim fulgore suo, qui pragravat artes infra se positas.* O envejoto aborrece a gente, que vé melhorada, ou em virtude, ou em algũa arte: não se toma a inveja, senão com gente de valia. E isto quiz aqui dizer o nosso Poeta. A inveja pinta elegantemente Ovidio nas *Metamorphoses*, *lib. 2.*

40.

E Tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes para traz, pois he fraqueza,
Desistirse da causa começada:
Mercurio, pois excede em ligeyreza
Ao vento leve, & à setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, aonde se informe
Da India, & aonde a gente se reforme.

Pois he fraqueza desistir da causa começada. Muitas vezes he isto esfoço, & cavallaria: mormente quando, ou movidos por rogos de alguma pessoa de entendimento, ou por assim nos parecer melhor, o fazemos. He materia esta em que se não póde dar regra certa; pelo que a execuçaõ della se deyxã a juizo, & parecer da gente que se entende. De Mercurio se veja o que fica dito atraz Octava 20.

41.

Como isto disse o Padre poderoso,
A cabeça inclinando consentio,
No que disse Mavorte valeroso,
E Nectar sobre todos espargio.
Pelo caminho lacteo glorioso,
Logo cada hum dos Deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentor.

No que disse Mavorte. De Marte; & Mavorte se veja a nosia annotaçãõ neste mesmo Canto Octava 36.

Nectar sobre todos espargio. Nectar dizem os Poetas que he obeber, & Ambrosia o comer dos falsos Deoses. Hum, & outro vem do Grego, & significa immortalidade; porque era mantimento de gente do Ceo. Esta differença se confunde segundo tenho notado nos Autores: & Ambrosia se toma pelo Nectar, & Nectar pela Ambrosia: como notou Celio Rodigino nas lições antigas, *lib. 4. cap. 13. no fim.* Costumaõ tambem os Poetas dar com estes nomes epithetos a outros, para mostrar sua excellencia, & suavidade: & daqui ao vinho muyto bom chamaõ, *vinum nectarum*, & à agua tambem Nectarea, & às iguarias Nectareas. Ao mel por sua doçura chamaõ tambem os Poetas Nectar, como lhe chamou Estacio Sylva 3. & Virgilio

Virgilio in Culice. Por esta mesma razão usa aqui o nosso Poeta de Nectar por huma agua muyto cheyrosa: no qual sentido usou Virgilio da Ambrosia na Eneida lib. 2. Do caminho lacteo se veja o que fica dito neste Canto Octava 20.

42.

E M quanto isto se passa, na fermosa Casa Etherea do Olympo omnipotente, Cortava o mar a gente bellicosa, Ia lã da banda do Austro, & do Oriente. Entre a Costa Ethiopica, & a famosa Ilha de S. Lourenço, & o Sol ardente Queymava entã aquelles, que Typheo Com temor grande em peyxes converteo.

Casa Etherea do Olympo omnipotente. Olympo omnipotente aqui se toma por Jupiter, como usou delle Virgilio na Eneida, lib. 10. *Panditur interea domus Omnipotentis Olympi.* O qual verso alguns quizerao emendar, & em lugar de *Omnipotentis*, puzerao, *omnipotentis*; epitheto mais conveniente a Olympo, se quizera alli dizer o Ceo, como os Poetas ordinariamente usão delle, & nós notãmos em outra parte. Vejaõ os curiosos Celio Rodigino nas lições antiguas, Centur. 1. epist. lib. 20. cap. 13.

Ilha de S. Lourenço. Descreve o Poeta aqui a paragem em que hiaõ os Portuguezes, que andavaõ buscando as partes da India, ao tempo que Jupiter com os mais falsos Deoses estava em Concilio sobre suas cousas. A costa Ethiopica, de q̃ aqui falla, he a que chamamos costa de Moçambique. Está da Ilha de S. Lourenço, como sessenta legoas de travessa. Desta costa, & lugares della havemos de tratar no Canto decimo. Quanto à Ilha de São Lourenço, chamalhe famosa, por ser muyto grande, & por este respeyto muyto nomeada, a qual tem de costa mais de trezentas legoas. Os da terra lhe chamaõ Madagascar. Pelo sertão dentro he habitada de gentios: nos portos de mar tem algũas Villas, & Lugares de Mouros. Tem diferentes Reys, huns Mouros, & outros Gentios. Pelo que andaõ muytas vezes em guerras. He abundante de carnes, arroz, milho, laranjas, limões, gengibre. Andãõ nús, sómente cobrem as partes vergonhosas. Trataõ com os Mouros Arabios da Costa de Melinde sómente. Têm lingua sobre si: são baços. As armas de que usãõ são Azagayas com ferros muyto bem obrados: das quaes trazem muytas, & ferem de remeço. O principal mantimento de que usãõ, he inhame, pescado, & figos, de que fazem paõ como de castanhas. A terra he muyto fermosa, & aprazivel, na qual ha muytos rios, & muyto grandes. Naõ he possuida dos Reys de Portugal, por elles a naõ quererem. Estas cousas desta Ilha soube por informaçãõ de pessoa que nella esteve.

Queymava entã aquelles que Typheo com temor grã-

de em peyxes converteo. Typheo fingem os Poetas ser filho de Titano, & da Terra: este foy inimigo capital de Jupiter, & dos mais falsos Deoses, pelo que determinou destruillos. Moveo guerra contra elles, levando consigo outros Gigantes seus irmãos. Jupiter naõ se atrevendo esperalo, fugio na volta do Egypto com seus companheyros: & naõ se tendo alli por seguro, por Typheo lhe ir no alcance, se convertêraõ em diferentes animaes, por etcapar de sua furia, como finge Ovidio lib. 3. Met. o qual diz que Ió Venus se converteo em peyxes. Outros contaõ a fabula de outra maneyra: & dizem que tambem Paõ, & outros se convertêraõ em peyxes. E porque os peyxes, vendo Venus feyta peyxes, lhe fizeraõ muyto gafalhado fias suas aguas, & a tiveraõ consigo: lembra ella, & agradecida deste beneficio, pedio a seu pay Jupiter lhes fizesse por isto algũa mercè. Jupiter es pöz no Ceo feytos estrellas, & delles fez hum dos doze signos do Zodiaco, ao qual os Astrologos chamaõ *Pisces*, ou peyxes. Neste signo entra o Sol no mez de Fevreyro. O que o nosso Poeta nesta Octava quiz mostrar he, que quando os Portuguezes hiaõ entree a costa de Moçambique, & Ilha de São Lourenço, era no mez de Fevreyro: & naõ he necessario apontar particularmente o dia, em que os Portuguezes hiaõ nesta paragem, para nos conformarmos com o dia, em que o Sol entra no signo Pisces: que he aos dezanove. Basta que era no mez de Fevreyro, & que isto quiz o Poeta aqui dizer.

43.

T Am brandamente os ventos os levavaõ
Como quem o Ceo tinha por amigo:
Serenos o ar, & os tempos se mostravaõ
Sem nuvens, sem receyo de perigo:
O promontorio Prasso já passavaõ
Na costa de Ethiopia, nome antigo,
Quando o mar descubrindo, lhe mostrava
Novas Ilhas, que em torno cerca, & lava.

O Promontorio Prasso. He o que commummente chamamos Cabo das correntes. Chama-se assim de Prassios, palavra Grega, que significa verde, por ser toda aquella costa cuberta de hum arvoredõ parradõ, à maneyra de balças, que daõ pouca ferventia por bayxo. Todos o escrevem com dous si: naõ devendo ser mais que hum, conforme a sua origem.

Na costa de Ethiopia. De Ethiopia, & origem deste nome tratey atraz na descripçãõ de Africa, cuja parte ella he: da costa havemos de tratar no Canto decimo, como notey na Octava passada.

44.

V Asco da Gama, o forte Capitãõ,
Que a tamanhas empresas se offerece,
De

*De soberbo, & de altivo coração,
A quem a fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter, não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava,
Mas não lhe succedeo, como cuydava.*

A quem a fortuna sempre favorece. Os Antigos Gentios, como tinhaõ depravado o entendimento, & não atinavaõ no conhecimento de seu verdadeyro Deos, & Creador, faziaõ quantos Deoses lhes vinha à vontade. Em tanto, que diz Plinio lib. 2. cap. 7. que eraõ já os Deoses mais que os homens. E Hesiodo, que tinhaõ os antigos mais de trinta mil Deoses, como refere Eusebio Bispo de Cesarea no livro segundo da preparação Evangelica cap. 15. Entre outros fizeraõ tambem a Fortuna, à qual attribuhiaõ o governo do mundo, & a repartição de seus bens, dando a huns, & tirando a outros, como a ella lhe parecia. A esta faziaõ grandes templos, & sacrificios, como lemos em Plinio, Tito Livio, Dionysio, Virgilio, Ovidio, & todos os mais Poetas, & Historiadores antigos. Tambem a pintavaõ cega, & com os pés em húa bola: dando a entender sua inconstância; & cegueyra; porque viaõ muytos postos em grandes dignidades, & estados sem o merecer; & outros pobres, & abatidos, tendo grandes merecimentos. Donde inferiaõ ser isto obra da fortuna, negando a Providencia divina: não considerando procederem todas estas cousas da maõ de Deos, & que elle por seus occultos juizos as permite: como trata excellentemente o B. Santo Augustinho em muytos lugares, principalmente nos livros da Cidade de Deos, lib. 2. 4. & 7. & o Doutissimo S. Hieronymo em huma epistola a Terencia; & Lactancio nos livros de *Falsa sapientia*, lib. 3. cap. 29. Muytos dos mesmos Gentios o entenderaõ assim: donde disse Juvenal nos ultimos versos da Satyra decima:

*Nullum numen habet, si sit prudentia: sed te
Nos facimus, Fortuna, Deam, caeloque locamus.*

Não tiveras tu Fortuna o nome de Deosa que tens, se os homens nos entenderamos: mas como fomos de fraco juizo, & entendimento, fazemos-te Deosa, & pomos-te no Ceo. Quanto a mim nenhum Christaõ devia tomar na boca tam infame nome, mormente sendo hum erro gentilico, & delatino grandissimo. E assim o B. S. Augustinho nas suas retractações te retratou, & desdiz de ter louvado hum homem nobre, de bem afortunado. Entre os antigos houve muytos, que governados sómente com o lume natural, zombavaõ das meninices, & pouco saber dos Gentios, na variedade, & multidaõ de seus idolos: aos quaes sendo paos, pedras, & metal attribuhiaõ divindade: ou sendo imagens de homens, & mulheres defenfreados, & dissolutos em vicios, & peccados, como Jupiter, Venus, Mercurio, & Baccho com outros desta

mesma laya. Mas não se atreviaõ a declarar de todo, nem ir à maõ ao povo enganado, temendo que lhe fizessem o que faziaõ a outros: aos quaes castigavaõ muyto asperamente, dizendo serem quebrantadores de sua Religiaõ: como punhaõ a Socrates, Anaxagoras, & a outros muytos. E assim Plataõ, Aristoteles, & outros Philosophos entendendo a verdade davaõ a entender o contrario, por comprazer ao povo, como diz o Apostolo escrevendo aos Romanos Epist. 1. E que estes Philosophos entendessem a verdade, se collige claramente os Santos, & doutissimos Theologos. Joaõ Damasceno lib. 1. *Fidei orthodoxæ* cap. 3. & Santo Thomás 1. p. q. 11. art. 3. *in corpore articuli*, & 1. *contra gentes*, cap. 42. O nosso Camões falla como Poeta.

45.

*E Is apparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A gente se alvoroga, & de alegria
Não sabe mais que olhar a causa della.
Que gente será esta, em si diziaõ,
Que costumes, que ley, que Rey teriaõ.*

Eis apparecem logo em companhia. Esta Ilha donde sahiraõ estes bateis a reconhecer a nossa armada, he Moçambique, assaz conhecida hoje, por ser escala dos nossos Portuguezes na sua navegação da India. Assim desta, como das mais situadas na quella costa, havemos de tratar ao diante.

46.

*A S embarcações erão na maneyra
Muy velozes, estreytas, & compridas;
As velas, com que vem, erão de esteyra,
De hñas folhas de palma bem tecidas.
A gente da cor era verdadeyra,
Que Phaeton nas terras acendidas
Ao mundo deo, de ousado, & não prudente:
O Pado o sabe, o Lampetusa o sente.*

As embarcações. Estas embarcações de que aqui falla o Poeta, chamaõ os naturaes da terra pangayos, & nós almadias, de que ainda hoje usaõ: Traziaõ as velas de folhas de palma, por não terem o pano que agora tem. E não sómente usavaõ destas velas de esteyra nestas embarcações pequenas, mas em grandes tambem, por navegarem assim melhor. E estas embarcações, assim pequenas como grandes, não são de pregadura, mas de tornos de paos, & costuras de couro.

A gente da cor era verdadeyra. Phaeton (como contaõ os Poetas) foy filho de huma mulher chamada Clymene, & do Sol. Andando hú dia Phaeton brincando com hum rapaz chamado Epapho filho

filho de Jupiter, vieraõ a pelear, como he costume de rapazes, & Papho deshonrou a Phaeton dizendolhe, que naõ era filho do Sol, mas filho de huma mã mulher, a qual o enganava em lhe dizer, que era filho do Sol. Phaeton tomado destas palavras, foy logo dar conta a sua mãy Clymene, a qual depois de feytas exclamações o mandou caminho do Oriente a casa de seu pay o Sol, do qual alcançou licença para governar hũ dia os carros, em que dava luz ao mundo, para desta maneyra ser conhecido por seu filho. Deo-se tam mal no regimento dos cavallo aquelle pedaço de dia que os governon, que houvera de queymar o mundo todo, se Jupiter não acudira, & o derribára com hum rayo. Com tudo arderão montes, secáraõ-se rios: & daqui se diz, que os moradores de Ethiopia ficáraõ negros. A razaõ porque esta gente tem esta cor, não he sabida. Veja-se a nossa annotaçãõ no Canto segundo, Oitava 105. A fabula conta Ovidio nas Metamorphotes lib.2.

De oufado, & não prudente. Este mesmo epitheto de oufado, lhe puzeraõ as Nymphas de Italia na tua sepultura, como diz Ovidio no lugar allegado.

*Hic situs est Phaeton, currus auriga paterni,
Quem si non tenuit, magnis tamen excidit ausis.*

Aqui jaz Phaeton governador do carro de seu pay o Sol, do qual ainda que cahio, todavia mereceo louvor do atrevimento que teve. Neste epitaphio lhe louvaõ as Nymphas o atrevimento em huma cousa taõ difficultosa, como era governar os carros do Sol: porque em cousas grandes o atrevimento he cousa grande. Donde Ovidio tratando dos teytos excellentes de Theseo na carta de Phyllis a Demophonte, entre outros feytos seus, que poem dignos de memoria, ajunta hum de que elle sahio muyto mal, que foy ir ao inferno com seu amigo Pirithoo a furtar Proserpina mulher de Plutaõ: porque Pirithoo foy morto logo à entrada do inferno, & Theseo preso: & todavia se lhe attribue a louvor atreverse a commetter o inferno, com tençaõ de furtar a mulher do Rey delle.

O Pado o fabe. O rio Pado, a que os Gregos chamaõ Eridano, he em Italia, a qual elle rega. Chama-se vulgarmente Pó: he muyto celebrado entre os Poetas, & Historiadores. Nasce em hum esgalho dos Alpes chamado Veso, ou Vesulo: que de huma, & de outra maneyra o nomeaõ os Autores. He o mayor rio de toda Europa, tirado o Danubio, porque recolhe em si mais de trinta rios grandes, com os quaes feyto hum corpo entra no mar Adriatico por duas bocas: huma se chama Padusa dos moradores; & outra Volana, que he o melhor porto, & mais seguro de toda aquella costa. Diz o Poeta, que o Pado o fabe, porq̃ quando Phaeton foy derribado com o rayo, cahio neste rio.

Lampetusa o sente. Isto diz, porque Phaetusa, Lampecia, Lampetusa, irmãs de Phaeton, fizeraõ tam grande pranto sobre elle, & mostráraõ tanto

sentimento, que fingem os Poetas, que foraõ convertidas em arvores, como refere Ovidio nas Metamorphoses lib.2.

47.
DE panos de algodão vinhão vestidos,
De varias cores, brancos, & listrados,
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo ayroso sobracados:
Das cintas para cima vem despídos,
Por armas tem adagas, & terçados,
Com toucas na cabeça, & navegando,
Anafins sonorosos vão tocando.

Outros em modo ayroso sobracados. Do modo, que vinhaõ estes homens nas suas embarcações, lea-se Castanheda lib.1. cap. 5. o qual conta a festa, & alvorço que levavaõ, como dos vestidos se collige que eraõ certos panos toltos que levavaõ sobracados: trajo que lhes serve de capas a todos em geral: & ha panos destes tecidos de ouro que vallem muyto dinheyro.

Anafins sonorosos vão tocando. Anafins são huns instrumentos como traugas retorcidas, de que os Mouros usaõ.

48.
COs panos, & cos braços acenavaõ
As gentes Lusitanas que esperassem:
Mas já às proas ligeyras se inclinavaõ,
Para que junto às Ilhas amainassem.
Agente & marinheyros trabalhavaõ,
Como se aqui os trabalhos acabassem.
Tomaõ velas, amaina-se a veyga alta,
Da ancora o mar ferido, em cima salta.

Cos panos, & cos braços acenavaõ. Isto diz, porque estes homens da Ilha de Moçambique, que hiaõ nos barcos, capeavaõ, & acenavaõ à nossa gente, que não passasse adiante.

49.
Não erão ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia:
No gesto ledos vem, & humanamente,
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente,
Do licor, que Lyèo prantado havia:
Enchem vasos de vidro, & do que deytão,
Os de Phaeton queymados nada engeytão.

Do licor, que Lyèo prantado havia. No livro quarto das metamorphoses, logo no principio poem Ovidio muytos nomes que os Poetas daõ a Baccho, o qual os antigos enganados tinhaõ por inventor do vinho, & por este respeyto o honravaõ, & chamavaõ Deos do mesmo vinho, sendo hum homem

em defrenado em todo genero de vicios, como foram todos os outros, que elles nesta conta tinhaõ. Entre outros que lhe dà hum delles he Lyéo, de que o Poeta aqui usa, & chama-se affim de Lyéo, verbo Grego; que significa desfatar, ou livrar, por serem os homens dados ao vinho dissolutos, & livres em todas suas cousas: sem segredo, honra, nem vergonha: & pela mesma razão lhe chamaõ tambem os Poetas Liber, pela liberdade, & soltura que tem, não se lembrando de cuydado, payxaõ, ou enfadamento. De Baccho trato algumas cousas neste mesmo Canto, Oitava 73. & no Canto segundo, Oitava 10.

Os de Phacton queymados. Entende os negros, como fica tratado neste mesmo Canto, Oct. 46.

50.

Comendo alegremente perguntavão
Pela Arabica lingua, donde vinhão,
Quem eraõ, de que terra, que buscavão,
Ou que partes do mar corrido tinhão,
Os fortes Lusitanos lhe tornavão
As discretas repostas, que convinhão:
Os Portuguezes somos do Occidente,
Imos buscando as partes do Oriente.

Pela Arabica lingua. Arabica he a lingua dos Arabes, os quaes entrando em Africa, & espalhando-se por ella, como era gente de mais policia, & entendimento, que os Africanos, começou a fallar a sua lingua por toda Africa: a qual lingua hoje se chama Arabigo, destes Arabes chamados Alarves corruptamente, & não sómente em Africa, mas em Persia, & outras muytas partes de Asia se falla esta lingua como he notorio.

51.

Do mar temos corrido, & navegado
Toda a parte do Antartico, & Calisto,
Toda a Costa Africana rodeado,
Diversos Ceos, & Terras temos visto.
De hum Rey potente somos tam amado,
Tam querido de todos, & bemquisto,
Que não no largo mar com leda fronte,
Mas no Lago entraremos de Acheronte.

Toda a parte do Antartico, & Calisto. Entende Norte, & Sul. Veja-se o que escrevemos no Canto quinto.

Mas no Lago entraremos de Acheronte. Usa deste termo de fallar, para encarecimento da lealdade dos Portuguezes: os quaes, diz, que não sómente no mar, mas no lago de Acheronte entrarão por amor de seu Rey. He Acheronte, segundo fingem os Poetas, hum rio do inferno. Chama-se Acheronte de duas palavras Gregas, que querem dizer *sem pazer*, por naquelle lugar haver muyto pouco, antes tudo ser tristeza, & miseria.

52.

E Por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega,
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feos Focas se navega.
Mas já razão parece, que saybamos,
(Se entre vós a verdade não se nega)
Quem sois, que terra he esta que habitais?
Ou se tendes da India alguns sinaes?

A terra Oriental que o Indo rega. Do rio Indo, & seu nascimento tratamos atraz, Oitava 32.

Que só dos feos Focas se navega. Focas são lobos marinhos, & diz que se navega este mar tão dos peyxes, porque antes dos Portuguezes não era trilhado, nem curfado de gente, & dos peyxes só era conhecido, & navegado.

53.

Somos, hum dos da Ilha lhe tornou,
Estrangeyros na terra, Ley, & nação,
Que os proprios são aquelles que criou
Natureza sem Ley, & sem razão.
Nós temos a ley certa que ensinou
O claro descendente de Abraham,
Que agora tem do mundo o senhorio,
Amay Hebreá teve, & o pay gentio.

Somos, hum dos da Ilha lhe tornou. Respondeo hũ daquelles que vinhão da Ilha, que elles eraõ Mouros, da seyta de Mafamede: & que não eraõ naturaes da terra, porque os naturaes della eraõ Genticos, gente sem ley, sem juizo, & entendimento, que vivião barbaramente, soltos, & desapegados de toda a obrigação: adorando hoje hum pao, à manhaã huma pedra: não se firmando em ley certa, ou regra algũa, são palavras do Mouro.

O claro descendente de Abraham. Entende Mafamede, porque os Mouros dizem, que procedem de Abraham, & de Agar tua escrava, da qual houve hum filho, que se chamou Ismael, donde os Mouros se chamaõ Agarenos, ou Ismaelitas, como fica dito, Oitava 8.

A may Hebreá teve, & pay Gentio. O pay deste Mafoma, dizem foy Gentio de nação, por nome Abdelá, & sua may Hebreá chamada Emina, & que nasceu em hũ lugar pequeno de Arabia chamado Itarip. Veja-se a nossa annotação no Canto 7. Oitava 17.

54.

E Sta Ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala.

*E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra de habitala,
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena Ilha Moçambique.*

Chama-se a pequena Ilha Moçambique. Entre outros lugares q̄ ha na costa de Ethiopia, ha estes de que o nosso Poeta aqui faz menção: Moçambique, Quiloa, & Mombaça, os quaes dous derradeyros são na costa de Melinde. Moçambique he huma pequena povoação, a qual está em altura de 14. graos & meyo, torneada de agua salgada, com que fica em Ilha. A terra, he muyto bayxa, & alagadiça; pelo que he muyto doentia, tem muyto bom porto, & he abastada dos mantimentos da terra. He hoje a principal escala que as nossas naos tem na navegação da India, & assaz conhecida por este respeyto. Quiloa, he huma Cidade toda cercada de mar, que a faz Ilha, tem muytos palmares, muytas arvores de elpinho, & ortigas como as de Espanha. Ha gallinhas, pombas, rolas, & gado grosso, & miudo, & algúas aves, de que nestas partes não temos noticia. As aguas são ruins, por serem de poços, & estes de terra alagadiça. Tem boas casas de pedra, & cal; com seus eyrados, & quintaes, com muytas arvores de fruta, assim para ornato, como para proveyto. Mombaça está rodeada com outro esteyro de agua ao modo de Quilóa. Tem edificios como os de Quilóa, com muytas torres, com que fica fermosa à vista, & temerosa para os que a quizerem a comer. Tem Rey sobre si, & he de muyto trato, & abundante do necessario. Tem muyto boas aguas, todo o mato he de laranjaes. Neste lugar tiverão sempre os Portuguezes ruim galhardo: hoje tem fortaleza feyta à força de armas, donde lançarão os Turcos, & naturaes da terra que ahi a tinham feyta. Sofala, he húa pequena povoação de Mouros, antes de chegar a Moçambique, posta ao longo de hum rio do mesmo nome. Está tres legoas da costa. Aqui tem os Reys de Portugal húa fortaleza, & o Rey da terra à sua obediencia. Do Reyno de Sofala, costumes da gente; & do seu Rey, chamado Benomotapa, se veja a nossa annotação no Canto decimo, Octava. 93.

55.

*E Já que de tam longe navegais,
Buscãdo o Indo Hydaspes, & terra ardete,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente.
Tambem serà bem feyto, que tenhais
Da terra algum refresco, & que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.*

Buscando o Indo Hydaspes. He Hydaspes hum rio da India muyto grande, o qual se mete no Indo

com outros quatro, como diz Plinio lib. 6. cap. 20. Chamalhe Lucano Niseo lib. 6. porque dizem, q̄ passa pela Cidade de Nisa patria de Baccho. O notissimo Poeta lhe chama Indo, por ser na India. A palavra Indo aqui não se toma pelo rio Indo, de que muytas vezes tratamos neste livro, mas he nome adjectivo, epitheto para mostrar; que o rio Hydaspes he na India.

36.

*Isto dizendo o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia:
Do Capitão, & gente se apartou,
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou,
Co carro de crystal, o claro dia,
Dando cargo a irmãa que alumiasse
O largo mundo em quanto repousasse.*

Nisto Phebo nas aguas encerrou. Phebo he hum dos nomes do Sol. Chama-se Phebo pela luz, & resplendor que tem, & este fingem os Poetas, que depois de dar luz às terras neste hemispherio superior, se recolhe com Thetis Rainha do mar, onde gasta a noyte descansando com os cavallos do seu carro, do trabalho do dia. Claro he ser isto fabula: porque o Sol rodea o mundo; & lhe dá luz andando em continuo movimento. Os Poetas usão destes fingimentos, para ornato de suas fabulas. Esta he assaz sabida; & de que os Poetas tratao em muytas partes, & eu por muytas vezes em estas annotações.

Dando carga à irmãa. A irmãa do Sol he a Lua: pelo que os Poetas dizem, que são filhos de Jupiter, & Latona nascidos ambos na Ilha Delos. Por esta razao tem ambos os mesmos nomes. O Sol se chama Cynthio, Delio, Titanio, Latonio, Phebo: A Lua Cynthia, Delia, Titania, Latonia; Phebe: & outros, que pelos Poetas se acharão: Veja-se a nossa annotação atraz, Octava 37.

37.

*A Noyte se passou na lassa frota
Com estranha alegria, & não cuydada,
Por acharem da terra tam remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer entãdo comsigo cuyda, & nota
Na gente, & na maneyra desusada;
E como os que na errada Seita crérao,
Tanto por todo o mundo se estenderão.*

E os que na errada seita criao. Entende os Mouros, que seguem a maldita seita de Mafamede; de cujo erro não póde haver prova mais evidente, que mandar no seu Alcorão, que sobpena de morte ninguem dispute, nem argumente sobre o que elle manda; mas que tudo se negoceie por armãs. Do qual ardid utou, entendenda que ou cedo há

via de haver homens de juizo, aos quaes não haviaõ de parecer bem suas torpezas, & que as haviaõ de desterrar do mundo. E para que os brutos que as seguiãõ se sepultassẽ nellas, lhes pôz este preceyto, que guardaõ com grande observancia. Veja-se o que escrevemos no Canto setimo Octava 17.

58.

DA Lua os claros rayos rutilavão
Pelas argenteas ondas Neptuninas,
As estrellas os Ceos acompanhavão,
Qual campo revestido de boninas.
Os furiosos ventos repousavão
Pelas covas escuras peregrinas,
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

Pelas argenteas ondas Neptuninas. Ondas Neptuninas são as aguas do mar. Argenteas quer dizer brancas, por serem de cor de prata, a qual em Latin se chama *argentum*.

Pelas covas escuras peregrinas. Fingem os Poetas que Jupiter, ao qual os antigos tinhaõ por principal de todos seus Deoses, entregou os ventos a seu filho Eolo, & lhos encerrou em hũa muyto escura, & funda cova, pondolhe grandes montes emcima para os ter sujeytos, & amarrados, de modo q̃ não sabissẽ, senãõ quando elle quizesse, & com quem quizesse, como fez a Ulysses que lhos meteo em hum odre para soltar delles os que lhe servissẽ para sua navegaçãõ, como escreve Homero na *Odyssêa*, lib. 10. Chama o Poeta às covas onde os ventos residem peregrinas, porque sua morada, & lugar proprio he o ar.

59.

MAs assim como a Aurora marchetada
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno, abrimão a roxa entrada,
Ao clavo Hyperionio que acordou:
Começou a embandeyrar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, & alegria
O Regedor das Ilhas que partia.

Mas assim como a Aurora marchetada. Que cõsa seja Aurora fica dito, Octava 14. Esta fingem os Poetas ser porteyra do Sol, porque apparece primeyro que elle, como aqui aponta Luis de Camões.

Ao clavo Hyperionio que acordou. Huns querem, q̃ Hyperionio seja filho de Titano, & da terra, & pay do Sol: outros o fazem irmaõ de Saturno, & filho do Ceo: outros dizem que he o mesmo Sol, como communmente se toma entre os Poetas. Donde diz Ovidio nos *Fastos*:

*Placat equo Persis radius Hyperiona cinctum,
Ne detur celeri vicima tarda Deo.*

Tratando dos sacrificios, que os antigos idolatras faziaõ ao Sol, diz que os de Persia lhe sacrificavaõ cavallos, querendo-se conformar com sua natureza, que he ser apressado, & ligeyro. Hyperionio he palavra Grega, & quer dizer cõsa que está sobre nossas cabeças, por este ser o officio do Sol, andar sobre as terras, & darlhes sua luz. Homero usa em muytos lugares deste nome Hyperionio por epitheto do Sol.

Que acordou. Diz aqui o Poeta, que acordou o Sol, pelo que se delle finge, que depois de ter dado luz neste hemispherio superior, se recolhe ao mar, casa de Thetis, senhora delle, onde passa a noite, descansando elle, & seus cavallos do trabalho do dia.

60.

PArtia alegremente navegando,
A ver as naos ligeyras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando,
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieraõ: & por ordem do destino,
O Imperio tomãraõ a Constantino.

Partia alegremente navegando. O Soltaõ de Moçambique fez paz com os Portuguezes, cuidando serem Turcos: porque os vio brancos do rosto, como tinha por informaçãõ serem os Turcos: os quaes elle desejava muyto ver, & por este respeyto foy depressa às naos.

Que os aposentos Caspios habitando. Entende os Turcos. Estes (segundo os que melhor entendem, & sentem nesta materia) procedem da linhagem dos Scythas Asianos, que moravãõ nas ribeyras do rio Tanais, que divide Asia de Europa. Daqui se recolherãõ muytos delles às traldas do mar Caspio na Asia, aonde viviaõ pelas ferras metidos em choupanas, & covas, comendo do que achavaõ pela terra. Vendo-se muytos, começãraõ a tazer alguns insultos, & roubos aos vizinhos, movidos de cobiça, & malicia, que a semelhante gente nunca falta. Destes tam fracos principios vieraõ ao estado em que hoje estão.

O Imperio tomãraõ a Constantino. Constantino Magno edificou a Cidade de Constantinopla em hum pequeno lugar chamado antes Byzancio: & fella tam nobre, & excellente, que os que a viraõ, & conheceraõ no tempo que florescia, diziaõ della, que era mais para casa de Deos, que de hum Emperador: & com ser tal, foy cercada, & tomada de diferentes conquistadores. O ultimo q̃ a destruhio, foy Mahõmeto Otomano, Emperador dos Turcos, o qual lhe poz cerco, sendo Emperador Constantino Paleologo, a nove de Abril de 1453. & a entrou a vinte nove de Mayo da dita era,

era, aonde se fizeraõ grandes crueldades, assim no Emperador, como na gente. Ao Emperador Mahometo cortar a cabeça, & arrastar pelas ruas da Cidade, em vituperio do nome Christão. Derribou todos os templos, salvo o de Santa Sophia, que ficou em pé. Quando se perdeu esta Cidade, havia mil cento noventa & hum annos, que o Emperador Constantino filho de Helena a começára a ennobrecer; & Constantino filho de outra Helena a perdeu: o qual estava já denunciado havia muyto tempo. Porque em huma columna de bronze quadrada do templo de S. Demetrio estava escrito: *Constantinus me construxit, Constantinus destruet.* Constantino me fez, Cõstantino me desfará. O qual dizem fizera hum grande Philosopho daquelles tempos, cujo nome se não declara. O que tudo se cumprio assim. Porque o que a ennobreceo foy Constantino, & o outro do mesmo nome a perdeu. Da qual Cidade nunca os Turcos mais largáraõ mão, fazendo della cabeça de seu Imperio, como he notorio.

61.

R Ecebe o Capitaõ alegremente
O Mouro, & toda sua companhia:
Dalhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeyto já trazia.
Dalhe conserva doce, & dalhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria:
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muyto mais contente come, & bebe.

Dalhe de ricas peças hum presente. Este presente, como conta João de Barros, lib. 4. 2. D. cap. 3. forãõ algumas conservas da Ilha da Madeyra para o Xeque, & ao Mensageyro hum Capillar de grã, & outras cousas, com que foy muyto contente.

Não usado licor que dá alegria. Entẽde o vinho de uvas, como nestas partes se usa, o qual naquelle tempo se não usava naquellas. Pelo que o Poeta lhe chama aqui licor não usado: ou porque aos Mouros lhe he defeso pelo seu Alcoraõ.

62.

E Stã a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeyro modo, & uso,
E a linguagem tam barbara, & enleada.
Tambem o Mouro astuto estã confuso,
Olhando a cor, o trajo, & a forte armada,
E perguntando tudo lhe dizia,
Se por ventura vinhaõ de Turquia.

Estã a gente maritima de Luso. Gente maritima são os Marinheyros, & mais gente do mar. Sebre esta palavra, & sua significação se veja o que escrevemos no segundo Canto, Oitava 24.

63.

E Mais lhe diz tambem que ver deseja
Os livros de sua ley, preceyto, ou fe,
Para ver se conforme à sua seja,
Ou se são dos de Christo, como cre:
E porque tudo note, & tudo veja,
Ao Capitaõ pedia que lhe dẽ
Mostra das fortes armas de que usavaõ,
Quando cos inimigos pelejavaõ.

E mais lhe diz que ver deseja. Desejava muyto o Mouro saber se os nossos Portuguezes eraõ Turcos, como fica dito por muytas vezes. E porque lhe pareceraõ Christãos, pediõhes, que lhe mostrassem suas armas, determinando já o que ao diante se descubrio, que era destruillos a todos se pudesse.

64.

R Esponde o valeroso Capitaõ,
Por hũ que a lingua escura bem sabia:
Dartehey, Senhor illustre, relação
De mim, da ley, das armas que trazia.
Não sou da terra, nem da geraçãõ
Das gentes enojosas de Turquia,
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India taõ famosa.

Por hum que a lingua escura bem sabia. Este era hum Fernão Martins lingua, que o Capitaõ mór Vasco da Gama levou consigo deste Reyno para semelhantes calos, porque sabia algumas linguas, & principalmente o Arabigo. Chama ao Arabigo lingua escura, porque elles a não entendiaõ.

Mas sou da forte Europa bellicosa. Europa cõmo fica dito Oitava 2. he a principal parte do mundo, & nella estã o nosso Portugal: pelo que diz aqui Vasco da Gama, que he da forte Europa. E chamarlhe o Poeta bellicosa, he pelo que se diz no lugar allegado.

65.

A Ley tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visivel, & invisivel:
Aquelle que criou todo o Hemispherio,
Tudo o que sente, & todo o insensivel.
Que padeceo deshonra, & vituperio,
Sofrendo morte injusta, & insofrivel,
E que do Ceo à terra em fim desceõ,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

Aley tenho. Depois que o Capitaõ mór Vasco da Gama deu ao Mouro conta de sua patria; trata-lhe nesta Oitava de sua ley, que he a nossa verdadeyra, & certa que professamos os Christãos.

D 2

Que

Que criou todo o Hemispherio. No Canto quinto Oitava 14. notamos, como Hemispherio, quer dizer meyo do mundo. Aqui se toma largamente por todo o creado, do qual Deos nosso Senhor foy Creador, como confessamos no primeyro Artigo da Fè, naquellas palavras: Creyo em Deos Padre todo poderoso, Creador do Ceo, & da terra. Nas quaes palavras Ceo, & Terra, se comprehende todo o Universo, com todas as cousas visiveis, & invisiveis, & todas as que sentem, & que não sentem: como Catholica, & piamente declara o Catecismo Romano no principio do Symbolo, na declaração daquellas palavras: Creador do Ceo, & da Terra.

66.

D Este Deos homem, alto, & infinito,
Os livros que tu pedes, não trazia,
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia:
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria,
Como amigo as verás, porque eu me obrigo,
Que nunca as queyras ver como inimigo.

67.

I Sto dizendo manda os diligentes
Ministros, amostrar as armaduras:
Vem arnezes, & peytos reluzentes,
Malhas finas, & laminas seguras:
Escudos de pinturas diferentes:
Pelouros, e spingardas de aço puras,
Arcos, & sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chugas bravas.

Sagittiferas aljavas. Aljavas com settas, porque naquelle tempo se costumavaõ muyto, béstas. Esta palavra, sagittiferas, & outras deste modo são causa de algúas pessoas que não sabem Latim, soltarem algúas palavras contra o nosso Luis de Camões. Quanto a mim não tem razaõ, antes culpa: pois reprehendê fazerse a nossa lingua rica de palavras, & poderse usar das Latinas em modo que pareçaõ bem, como ha outras muytas, que já pelo muyto uso temos por nossas: o que succederá tambem nestas andando o tempo. Nem he bem, que todos saybaõ tudo, porque até nos vocabulos muyto nossos, vemos quanta variedade ha entre os mesmos Portuguezes, que huns fallaõ de hum modo, & outros de outro, & muytos se não entendem. He huma materia esta, que aos que tiverem bom animo para com o nosso Poeta, parecerá bem. Dos outros não curo, porque responderlhe aqui seria delpropósito, & fahir muyto da ordem que levo de cõmentar este livro.

68.

A S bombas vem de fogo, & juntamente
As panelas sulphureas, tão danosas:
Porém aos de Vulcano não consente
Que dem fogo às bombardas temerosas.
Porque o generoso animo, & valente,
Entre gentes tão poucas, & medrosas,
Não mostra quanto pôde, & com razãõ:
Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

Panelas sulphureas. Alcanzias, chamalhe panelas sulphureas, que quer dizer panelas de enxofre, porque delle, & de salitre se faz a polvora.

Porém aos de Vulcano não consente. Os de Vulcano são os Bombardeyros, aos quaes chama assim, por serem ministros, & officiaes do fogo, dos quaes os antigos idolatras faziaõ Deos a Vulcano; pelo que o mesmo Vulcano se tomã muytas vezes entre os Poetas pelo fogo.

Que he fraqueza entre ovelhas ser leão. Attribue Homero na sua Iliada lib.22. a grande bayxeza o que os Gregos fizeraõ a Hector Troyano estando morrendo, que foy soltar muytas palavras, & tazerlhe muytas injurias. Ha hum Epigramma Grego do que Hector respondeo a estes valentes estando naquelle estado, o qual tresladado em Latim diz:

*Iam post fata meum Danai jactate cadaver,
Defunctile pores jaclant sic membra lions.*

Depois de morto eu, fazey Gregos do meu corpo o que quizerdes: assim trataõ as lebres o Leão morto. Da nobreza, & clemencia do Leão estaõ escritas muytas cousas. Solino cap.4. o diz, que nunca os Leões fazem mal a gente fraca. Plinio lib.8. cap. 16. trata de proposito das qualidades do Leão: entre outras cousas maravilhosas conta huma, que não parecee justo dissimular, & he que elle ouvira a huma escrava Romana, que fugira para Getulia, Provincia de Africa, que em huns grandes matos achára huma grande companhia de leões, os quaes lhe não fizeraõ algum mal, por lhe ella dizer, que não era decente kua fraca mulher ser maltratada do Rey dos animaes. Isto diz Plinio que ouviõ a mesma mulher. Solino no lugar allegado o conta tambem, & dizem estes Autores que os leões entendem, quando a gente se lhe humilha, & roga. Acrecenta Plinio, que a nobreza do Leão se conhece principalmente nos perigos, & tempo que lhe he necessario ajudar se de suas forças, porque ainda neste em que lhe he necessario pelejar, o faz forçada, & constrangidamente.

69.

P Orém disto, que o Mourro aqui notou,
E de tudo o que vio com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Hũa vontade mã de pensamento.

*Nas mostras, & no gesto o não mostrou,
Mas com risonho, & ledo fingimento,
Tratalllos brandamente determina,
Atè que mostrar possa o que imagina.*

Porèm d'isto que o Mouro aqui notou. O que principalmente enfadou ao Mouro, foy ver que os n'olhos eraõ Christãos, gente a que elles são pouco affeyçoados: & pelo conseguinte, tendo-os por contrarios, ver suas armas, com que lhe podião estorvar, o que elles determinavaõ, que era fazer que não passassem dalli, tomandolhes suas naos. O que não permittio n'olho Senhor tivesse effeyto, porque de dous Pilotos falsos que o Mouro lhe deu, lho descubrio hum, fendo o outro em terra,

70.

*Pilotos lhe pedia o Capitão,
Porquem pudeffe à India ser levado:
Dizlhe que largo premio levarão
Do trabalho que n'isso for tomado.
Promettelhos o Mouro, com tenção
De peyto venenoso, & taõ danado,
Que a morte, se podesse, neste dia:
Em lugar de Pilotos lhe daria.*

Pilotos lhe pedia o Capitão. O Capitão mór Vasco da Gama, vendo-se em partes tam remotas, & de que nenhuma noticia tinha, desejava chegar à India, que era o alvo de sua navegaçãõ, & fim de suas esperanças, procurava por todos os meyoos haver Pilotos que o levassem. E vendo os offerecimentos do Mouro, & os delejos que mostrava de o favorecer, occupou-o só neita necessidade, a qual elle prometteo remediar cõ tenção de o destruir, porque pertendia que estes Mouros levassem a n'ossa armada a parte onde se perdesse.

71.

*T Amanho foy o odio, & mã vontade
Que aos estrangeyros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o Filho de David nos ensinou,
Os segredos daquella eternidade,
A quem juizo algum não alcançou:
Que nunca falte hum per s'ido inimigo,
A aquelles de que fosse tanto amigo.*

Sabendo ser sequazes da verdade. Sabendo serem Christãos.

Que o filho de David nos ensinou. Filho de David, chama o Poeta a Christo n'olho Redemptor, como lhe chama a Escritura. E chama-se assim por ser da geraçãõ de David, que era o Tribu de Judá, do qual procediaõ os Reys de Isracl. He phrasi, & termo de fallar Hebraico, como he notorio aos que sabem alguma cousa de Hebreo.

72.

*P Artiose n'isto em fim co a companhia,
Das Naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, & grande cortesia,
Com gesto ledo a todos, & fingido.
Cortaraõ os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno, & recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foy o Mouro ao cognito aposento.*

Cortaraõ os bateis a curta via. Chamalhe curta via, porque era perto de Moçambique.

Aguas de Neptuno. São aguas do mar.

Obsequente ajuntamento. Era a gente da terra, q' lhe obedecia, pelo que lhe chama obsequente; que quer dizer obediente, porque era Regedor della.

73.

*D O claro assento ethereo, o graõ Thebano
Que da paternal coxa foy nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano,
Ao Mouro ser molesto, & aborrecido:
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido,
E quando isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.*

O graõ Thebano que da paternal coxa foy nascido. Thebano se chama Baccho, porque sua mãy Semele foy de Thebas. Contaõ as fabulas, que entadada Juno de Semele, por ver os tratos em que andava com seu marido Jupiter, lhe apparecco em figura de h'ua velha por nome Beroe a sua: & lhe meteo em cabeça disse a Jupiter que não queria sua amizade, se lhe não fizesse todos os mimos, & favores, que fazia a sua mulher Juno. E que para ella entender ser isto assim, a havia de visitar com toda lua Magestade, & Sceptro com que estava no Ceo. Viose Jupiter tam importunado de Semele, que não pode alfazer; fenaõ condescender cõ o que lhe pedia. Visitou-a de maneyra, que com sua claridade, & resplandor se ateou o fogo nella de modo, que se queymou toda. Vendo Jupiter o estado de Semele, & que juntamente com ella se queymava o filho que tinha no ventre, abriu-a, & tirou-o fora; & o meteo em huma coxa sua: na qual andou até se cumprir o tempo do parto, como conta Ovidio lib.3. Metamorph. Esta he a razaõ porque os Poetas dizem que Baccho nasceo da coxa de seu pay: E por esta mesma razaõ lhe chamaõ filho de duas mãys, h'ua Semele, & outra a coxa de Jupiter seu pay. Solino no seu Polyhistor. cap. 60. diz; que perto da Cidade Nisa da India aonde Baccho foy creado, ha hum monte chamado Meros, & porque Meros na lingua Grega quer dizer coxa; daqui

daqui levantáráo esta fabula, que Baccho andára na coxa de seu pay. Veja-se o que escrevemos a traz.

74.

E Stà o fado já determinado,
Que tamanhas vitorias tão famosas,
Hajão os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes belliosas.
E eu sô filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hey de sofrer que o Fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

Està do fado já determinado. Do fado se veja a nossa annotação a traz, Octava 23.

E eu sô filho do Padre sublimado. Chama Baccho a Jupiter seu pay sublimado, porque a este tinhaõ os antigos errados, por principal de seus idolos.

75.

J A quizerão os Deoses, que tivesse
O Filho de Philippo nesta parte
Tanto poder, que tudo sobmetesse
De bayxo de seu jugo o fero Marte.
Mas hase de sofrer, que o Fado desse
Atão poucos tamanho esforço, & arte,
Que eu cõ grão Macedonio, & co Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

Já quizerão os Deoses. Já fica dito por muytas vezes, como este modo de fallar em deoses he fingimento poetico. Pelo filho de Philippo, se entende Alexandro Magno, o qual subjeitou grande parte da India. Pelo Romano, se entende Trajano Emperador, o qual tambem nas mesmas partes fez coutras dignas de memoria. Veia-se o que escrevemos a traz, Octava 3. O que Baccho sentia muyto era ver, que os Portuguezes com ter tam poucos, chegáráo a partes, ás quaes os mayores Monarchas do mundo não podéráo chegar.

76.

N Am serà assim, porq̃ antes q̃ chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe serà tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente,
Eu descerei à terra, & o indignado
Peyto revolverey da Maura gente;
Porque sempre por via irá direyta,
Quem do opportuno tempo se aproveyta.

Quem do opportuno tempo se aproveyta. Pintaõ os Poetas a occasião em hum lugar alto, & de todas as partes delcuberto, com azas nos pés, & húa navalha na mão direyta, & na parte dianteyra da cabeça hum gadelha de cabellos: para mostrar,

que quem se não aproveyta della offerecendose-lhe, quando a quizer não á poderá alcançar. Assim a pinta Alciato nos Emblemas, Embl. 121. Na livraria das escolas de Salamanca está húa estatua de pedra, que figura a Opportunidade: melhor, quanto a mim, que todas as dos antigos, & que mais conforma com a letra do nosso Poeta. Está hum menino sentado em hum globo, com hum grande cabelleyra sobre os olhos, & hum navalha na mão direyta, que diz, queros: a qual palavra significa occasião. Ao redor estaõ outras estatuas, húa de Mercurio, & outra da Fortuna com a Cornucopia, que chamamos: pelos quaes rodeos se dá a entender ser a Occasão riquissima, & ter poder para dar tudo, o que Mercurio, & a Fortuna podem. Mercurio tinhaõ os antigos por Deos dos ganhos, & mercancias: a Fortuna por Senhora das riquezas, & q̃ ella as distribuia por quem lhe dava gosto. Vejaõ os curiosos Alciato nos Emblemas, Embl. 98.

77.

I Sto dizendo irado, & quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a fôrma, & gest o humano,
Para o Prasso sabido se moveo.
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
De hũ Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, & co Xequé muy valido.

Isto dizendo irado, & quasi insano. Usa aqui o Poeta deste fingimento Poetico, que Baccho tomou na figura de hum velho conhecido na terra, & muyto valido com o Xequé, para desta maneyra danar o estomago ao Soltão de Moçambique, & azedallo contra os Portuguezes, para lhes fazer todo o mal que pudeste: & quando isto não fosse, ao menos fizesse que os não recolhesse nas suas terras. Assim finge Ovidio lib. 3. Metamor. a Juno convertida em figura de hum velha chamada Beroe, para fazer mal a Semele: & lib. 1. Metam. a Mercurio tomar figura de Pastor, para matar a Argos.

Para o Prasso sabido. Prasso sabido he o cabo de Moçambique, como fica dito Octava 47. Chama-lhe sabido, porque o sabia Baccho muyto bem. Xequé quer dizer Governador em lingua Arabiga.

78.

E Ntrãdo assim a fallar lhe a tẽpo, & horas
A sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, como eraõ gentes roubadoras,
Estas que bora de novo são chegadas.
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veyo, que roubadas
Forão por estes homens que passavão,
Que com pactos de paz sempre ancoravão.

Que das nações na costa moradoras. Nesta Octava, & nas seguintes tres, que são claríffimas, continua o Poeta seu fingimento de Baccho em figura de hum velho natural da Ilha Moçambique, para persuadir ao Xequê destrua os Portuguezes, dizendo-lhe grandes males delles. E que assim como nos outros portos de mar, por onde passavaõ, destruhiaõ, & assolavaõ tudo, o mesmo fariaõ em Moçambique.

79.

E Sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido,
Com roubos, com incendios violentos,
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós, & que todos seus intentos
São para nos matarem, & roubarem,
E mulheres, & filhos captivarem.

Christãos sanguinolentos. Todas estas cousas se tratavaõ em Moçambique entre os Mouros, tendo os Christãos por Piratas, & ladrões, & homês carniceyros, & que não perdoavaõ a cousa que encontravaõ.

80.

E Tambem sey, que tem determinado,
De vir por agua à terra muyto cedo,
O Capitão dos seus acompanhado:
Que da tenção danada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem cos teus armado,
Esperallo em cillada occulto, & quedo:
Porque saindo a gente de scuydada,
Cabirãõ facilmente na cillada.

Que da tenção danada nasce o medo. Os homens maos vivem em hum continuo sobressalto, & medo, cuidando, que suas cousas são sabidas de todos. Daqui veyo aquelle proverbio tam usado entre os Latinos: *Ex conscientia metus*. O medo procede do que cada hum de si sabe. Estacio na Thebaida chama à maldade medrosa: *O cæca nocentum consilio, ò semper timidum scelus*; ò maldade sempre medrosa.

81.

E Se ainda não ficarem deste feyto
Destruídos, ou mortos totalmente,
Eu tenko imaginado no conceyto
Outra manha, & ardil que te contente:
Mandalhe dar Piloto, que de geyto
Seja astuto no engano, & tão prudente,
Que os leve aonde sejião destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

Mandalhe dar Piloto. Como tenho dito por muytas vezes, este modo de proceder neste dilcurso he fingido para ornar sua historia: A verdade he que o Soltaõ de Moçambique fez paz com os nossos, cuidando que eraõ Turcos, & lhes deu dous Pilotos: do que se arrependeo, depois que soube serem Christãos, & quebrou a paz, & palavra que tinha dado, & hum dos Pilotos lhe fugio para terra.

82.

Tanto que estas palavras acabou
O Mouro nos taes casos sabio, & velho,
Os braços pelo collo lhe lançon,
Agradecendo muyto o tal conselho.
E logo nesse instante concertou,
Para a guerra o belligero apparelho,
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscaste.

Em roxo sangue a agua que buscaste. Quando Vasco da Gama fez paz com o Soltaõ de Moçambique, como se communicavaõ, & tratavaõ muyto, porque os Mouros cuidavaõ que os nossos eraõ Turcos, levoulhe o Soltaõ em pessoa huma vez que o foy visitar à armada os dous Pilotos, que lhe promettera, aos quaes elle contentou com algúas peças, & dinheyro, para que o servissem de melhor vontade. E tratou com elles, que indo hum à terra, o outro ficaria na nao. Desta communicação que os Mouros tinhaõ com os nossos, os vierãõ a conhecer por Christãos: pelo que a sua amizade se converteo em odio, & desejo de destruir os nossos Portuguezes. O que o Soltaõ tratou logo com os seus, na qual cõsuluta entrãõ tambem os Pilotos, porque soubêrãõ do caso indo a terra: Este segredo durou pouco entre os Mouros, porque logo hum dos Pilotos o descobrio ao Capitão mór, que foy grande parte para os Mouros lhe não fazerem dano algum; assim no porto donde logo se fahio, como na aguada que fez: aonde lhe fahiraõ alguns Mouros em som de peleja para lhe defenderem.

83.

E Busca mais para o cuydado engano,
Mouro, que por Piloto à nao lhe mande,
Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano,
De quem fiar se possa hum feyto grande.
Diz-lhe, que acompanhando o Lusitano,
Por taes costas, & mares com elle ande,
Que se daqui escapar, que lá diante
Vá cabir donde nunca se alevante.

E busca mais. A ordem que teve Vasco da Gama, para haver os Pilotos do Soltaõ, & como lhes deu

deu livremente, fica dito atrás. E assim mesmo como hum fugio para terra, & outro ficou na Armada. O que ficou na nao vendo como não pudéra fugir; determinou levar Vasco da Gama à Cidade Quiloa, que está na mesma costa, dizendo que nella havia Christãos; & como tivesse os Portuguezes no porto, mexericallos com El Rey, dizendo que eraõ Piratas, destruidores do mundo, que nenhum outro officio tinhaõ senão roubar; & assolar os portos aonde chegavaõ.

lhado para a receber: & assim se lhe ajunta a todo, & a cada parte por si juntamente, como fórma substancial, & essencial. Da qual, & do corpo se faz o verdadeyro homem; como diz o B. Santo Thom. 1. p. q. 90. art. 2. c. 4. *Obra com tudo a alma no coração muytas cousas que ajudaõ muyto para a vida, o que não faz nas outras partes do corpo, como disse Mantuano tratando do coração da gloriosa Virgem Maria Nossa Senhora na sua Parthenicie:*

*Cor prius, ex illo quoniam descendit in artus
Vitalis calor, à pleno seu flumina fonte,
Illic prima domus visa.*

84.

J Ao rayo Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando Gama cos seus determinava
De vir por agua à terra apercebido:
Agente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas pode suspeytarse facilmente,
Que o coração presago nunca mente.

Ido rayo Apollineo visitava. Descreve aqui o Poeta o tempo em q̄ Vasco da Gama foy fazer agua, da, que foy sabido já o Sol: porque a noyte passada não puderaõ descubrir agua, guiados pelo Piloto Mouro, que lhe dera Soltaõ de Moçambique. O qual não deu com ella, ou por andar com o sentido occupado em ver se podia fugir: ou por não querer: ou por perder o tino do lugar aonde estava. E o mais certo parece, pois era pratico na terra, que andava entretendo os Portuguezes para ver se se podia por algum modo escapular, & porse em salvo. *Rayo Apollineo*, rayo do Sol, chama-se assim, porque entre outros nomes que o Sol tem, hum he Apóllo. *Montes Nabatheos.* São montes da India, chamados assim de Nabath Rey della, como lhe chamou Ovidio nas *Metamorphoses* lib. 1.

Que o coração presago nunca mente. Diz Aristoteles, *lib. 3. de partibus inimic. cap. 4.* que o coração do homem he fonte, & origem de quanto nelle ha bom. Outros Philotophos, como refere Cicero, *lib. 1. de divinat.* quizerão que o coração fosse a alma. Outros punhaõ a sabedoria no coração: a cuja imitação os Latinos, ao homem avisado chamaõ *cordato*, de *cor*, que he o coração. E os Romanos chamavaõ aos prudentes *corculi*, como diz Plinio *lib. 7. cap. 31.* Daqui chamaõ os Poetas ao coração presago, de *presagio* verbo Latino, que he entender huma cousa agudamente antes que a contêça, como diz Cicero no lugar allegado. O que lhe vem de ser assento; & morada da sabedoria. O que havemos de entender acerca do coração he, que nem he alma, nem assento principal della, nem tem primeyro alma, nem vive mais q̄ os mais membros. Porque a alma he creada por Deos em hum mesmo tempo toda de nada, dentro no corpo, que já está organizadamente appare-

85.

E Mais tambem mandado tinha à terra
De antes pelo Piloto necessario:
E foylhe respondido em som de guerra:
Casõ do que cuydava muy contrario.
Por isto, & porque sabe quanto erra,
Quem se cre de seu perfido adversario,
Apercebido vay como podia,
Em tres bateis sõmente que trazia.

E mais tambem. Hum dos Pilotos, que o Soltaõ deu a Vasco da Gama, lhe descobrio a determinação dos Mouros, que era destruir os Portuguezes, depois que se certificassẽ serem Christãos. Pelo que Vasco da Gama se sahio logo do porto de Moçambique estando huma legoa desviado, onde os Mouros lhe não podiaõ fazer mal algum. Dalli tornando a Moçambique a pedir o Piloto, que lhe fugira da nao, lhe fahiraõ seis bateis de gente armada com arcos, & frechas, escudos, & lanças, os quaes Vasco da Gama fez fugir com artelheria q̄ levava. Isto conta Castanheda *lib. 1. cap. 7.* João de Barros *cap. 4. 1.* Dec. diz, que vendo Vasco da Gama o mau proposito dos Mouros, mandou fazer final de paz, como que queria estar à falla com elles, & acodindo logo o Mouro dos recados, te começou Vasco da Gama a queyxa do que lhe era feyto, que elle não queria proceder como mereciaõ taes obras, que lhe mandasse entregar o Piloto, & hum negro que lhe fugiraõ: & com isto ficaria satisfeyto. A resposta do Xeque foy, que elle estava muyto escandalizado dos Portuguezes, pois lhe mataraõ, & teriraõ alguns dos seus, fazendolhe elles festa ao uso de sua terra, & que não sabia de Pilotos, que já lhos tinha dado, que se elle quizesse os buscasse pela terra, ou mandasse buscar. No fim destas palavras sem esperar resposta se recolheo para o Xeque, donde se levantou huma grita, & traz ella começaraõ a chover settas. Isto he o que o nosso Poeta aqui diz, que mandando pedir o Piloto, lhe foy respondido em som de guerra.

Quem se cre de seu perfido adversario. Ha hum dito do Philosopho Epicharmo muyto celebrado entre

entre os Gregos, vive muyto temperadamente, & não te fies de ninguem. Na qual sentença o Philolopho dá dous avisos aos homens, que pretendê viver politica, & honradamente. O primeyro, q̄ vivão temperadamente, & ponhão freyo a seus appetites. O segundo, que se não fiem de ninguem. Donde Cicero referindo a Epimarcho: *Quam ob rem Epimarchion illud teneto, nervos, atque artus sapientia, non temere credere*: a força do saber consiste em não crer temerariamente. Crer hum homem tudo, & a todos, he fraqueza de entendimento: & não se fiar de ninguem he má inclinação. E se os homens, que se entendem, nos ensinão, que nos não ficos de ninguem: muyta culpa teria quem se fiasse de inimigos, & Mouros p̄fidios contrarios da nossa santa Fé Catholica, quaes estes erao: os quaes não tratao mais q̄ de enganar, & mentiras.

86.

M As os Mouros que andavão pela praya
Por lhe defender a agua desejada,
Hum descudo abraçado, & de azagaya,
Outro de arco encurvado, & setta hervada.
Esperaõ que a guerreyra gente saye,
Outros muytos já postos em cillada:
E porque o caso leve se lhe faça,
Poem huns poucos diante por negaça.

Poem huns poucos diante por negaça. Como os nossos tinhamo necessidade de fazer aguada, & virão que a não podião achar de noyte, determinãrão fazela de dia. E logo Vasco da Gama mandou dous bateis com nãõ armada para a fazerem a pezar dos Mouros. Os quaes dêrão mostra aos nossos em hum escampado, que estava entre a praya, & a povoação, como dous mil: mas logo se recolhêrão detraz de hum reparo de madeyra, entulhado de terra, que fizerao para se defender dos nossos.

87.

A Nãõ pela ribeyra, alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando,
Com a adarga, & com a hastea perigosa,
Os fortes Portuguezes incitando:
Nãõ sofre muyto a gente generosa
Andar lhe os cães os dentes amostrando,
Qualquer em terra salta tam ligeyro,
Que nenhum dizer pôde, que he primeyro.

Andãõ pela ribeyra. Vay o Poeta proseguindo o que os Mouros de Moçambique fazião contra os nossos Portuguezes, depois que quebrãrão as pazes. Assim esta oytava como as outras que se seguem tão muyto claras, & não tem necessidade de exposiçãõ.

88.

Q Val no corro sanguineo, o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O touro busca, & pondose diante,
Salta, corre, afovia, acena, & brada.
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, & os olhos cerra,
Derriba, fere mata, & poem por terra.

Qual no corro sanguineo. O engenho do nosso Poeta, sua erudiçãõ, copia, & propriedade nas palavras, & sentenças: se vê assim nesta, como em outras comparações. E porque esta está clara para os que sabem Latim: para os que não sabem declararey algũas palavras. Afovia he proprio de homens, que andãõ em corro de touro, os quaes lhe afoviao, para que entenda nelles. Animal atroce he o touro, quer dizer animal cruel. Fronte cornigera, he fronte com cornos.

Os olhos ferra. Isto he proprio do touro quando se chega perto da pessoa, para a levar, terrar os olhos. Pelo que os que tem experiencia disto, os esperaõ muyto confiadamente, sem lhe acontecer desastre algum.

89.

E Is nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa, & dura artelharia,
A plumbea pela mata, o brado espanta,
Ferindo o ar retumba, & afovia.
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande, o sangue lhes resfria,
Jã foge o escondido de medroso,
E morre o descuberto aventureoso.

Is nos bateis o fogo se levanta. Como Vasco da Gama vio andar os Mouros pela praya, & tão perto, que com as pedras que tiravão, chegavão aos bateis. Mandoulhe hum presente de pilouros com que não ficãrão bem da escaramuça. *Plumbea pela.* He o pilouro, chamado assim de plũbo, que he o chumbo de que se faz.

90.

N Aõ se contenta a gente Portugueza,
Mas seguindo a vitoria estrue, & mata:
A povoação sem muro, & sem defeza
Esbombardea, accende, & desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuydou comprala mais barata.
Jã blasfema da guerra, & mal dezia
O velbo inerte, & a mãy que o filho cria.

E

Nãõ

Naõ se contenta a gente Portuguesa. Naõ se contentáraõ os Portuguezes, com o que fizeraõ aos Mouros, que andavaõ na praya: mas esbo mbardearaõlhe a povoaçam, & pozerãõlha por terra, por ser de casca palhaças sem muro, nem deteza, como aqui diz o Poeta.

O Velho inerte, & a mãy q' o filho cria. Velho inerte quer dizer velho delazado, & sem arte: entende aqui o pay. Diz que os Mouros varejados dos Portuguezes diziãõ mal de seus pays, & mãys. Alguns declaraõ aqui, que o velho inerte, & a mãy blasphemava da guerra: porque vendo os filhos fugidos a suas cazas, eraõ elles forçados a dizer estas palavras.

91.

Fugindo, a setta o Mouro vay tirando
Sem força, de covarde, & de apressado:
A pedra, o pão, & o canto arremessando,
Dalhe armas o furor desatmado,
Já a Ilha, & todo o mais desemparrando
A terra firme foge a medrontado,
Passa, & corta do mar o estreito braço,
Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

Fugindo a setta o Mouro vay tirando. Como os Mouros viraõ os nossos determinados, puzeraõte em fugida, & lançaõ-se em almadias, que alli tinkaõ, da outra banda da Ilha. Vasco da Gama se foy com os seus Capitães aos bateis, para ver se podia tomar alguns Mouros, para haver por elles hum negro, que fogira ao Piloto da sua nao, & huns Indios que estavaõ cativos em Moçambique. Paulo da Gama irmão de Vasco da Gama tomou quatro em húa almadia, que todas as outras varããõ em terra, & se salvou a gente: as quaes os nossos saquearaõ do que levavaõ.

Dalhe armas o furor desatinado. A imitação de Virgilio na Eneida lib. 1. *Æneid. ramque faces, & saxa volant furor arma ministrat.* Tiram paos, & pedras, a furia lhe dá armas.

92.

Huns vãõ nas almadias carregadas
Hum corta o mar a nado diligente,
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, & o deyta juntamente.
Arrombãõ as meudas bombardadas
Os pangayos subtis da bruta gente,
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

Huns vãõ nas almadias carregadas. Pinta o nosso Poeta aqui a pressa com que os Mouros fugiaõ, q' nem para se embarcar lhe dava tempo o medo.

Os pangayos subtis. Como fica dito, pangayos,

& almadias he tudo huma mesma coula, & porque o Poeta usa nesta Octava de ambos os nomes, naõ cuyde quem o ler que ha algũa differença: ainda que ha em os pangayos serem mayores, & terem velas: o que as almadias não tem, que saõ mais pequenas.

93.

Tornãõ vitoriosos para a armada,
Co despojo da guerra, & rica presa,
E vãõ a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada.
No odio antigo mais que nunca accesa.
E vendo sem vingança tanto dano,
Sõmente estriba no segundo engano.

Tornãõ Vitoriosos. Depois que os nossos saquearaõ os pangayos dos Mouros, & lhe tomããõ quanto achããõ, recelherãõse para a armada, & ao outro dia fizeraõ aguada sem lho contrariar algue.

94.

Pazes cometer manda arrependido,
O Regedor daquella iniqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso prometido,
Que toda a mã tenção no peyto encerra,
Para os guiar à morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.

Pazes cometter manda arrependido. Vendose o Xequete tam apertado dos nossos, & que se perseverasse na sua contumacia, lhe queymariaõ os navios, & povoação: aconselhado do grande medo que tinha, mandou o seguinte dia pedir paz, & concerto a Vasco da Gama, dando desculpa do passado. E mandoulhe hum Piloto experimentado no caminho da India, em lugar dos outros q' antes lhe dera: hum dos quaes dizia ser lançado pelo ferraõ dentro com medo do castigo que lhe houvera de dar, se o colhéra à mão, & o outro ser morto com a artilharia. E foy tal este Piloto, que se Deos milagrosamete não guardára os nossos, elle por muytas vezes os meteo em partes, onde tinham certa sua perdição, como conta largamente Joãõ de Barros lib. 4. 1. Decada cap. 5.

95.

O Capitão que já lhe entãõ convinha
Tornar a seu caminho costumado,
Que tempo concertado, & ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado:

*Recebendo o Piloto que lhe vinha,
Foy delle Alegrementē agazalhado.
E respondendo ao mensageyro attento
As velas manda dar ao largo vento.*

O Capitão que já lhe entã convinha. Vendo Vasco da Gama, que o tempo não era para muytas replicas, & que mais lhe convinha o Piloto, que a emenda dos mouros, com palavras conformes ao caso, aceytou o Piloto: o qual mais foy hum capital inimigo, que Piloto: porque por muytas vezes os houvera de destruir, se Deos milagrosamente os não livrara.

96.

*Esta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, & doce companhia.
O Capitão que não cabia em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro urdia:
Delle muy largamente se informava,
Da Indra toda, & costas que passava.*

As ondas de Amphitrite. Amphitrite, dizem os Poetas que foy filha de Oceano, & Doris, & mulher de Neptuno Senhor do mar, pelo que se toma pelo mesmo mar, como o faz aqui o Poeta.

Das filhas de Nereo acompanhada. Nereo fingem tambem ser senhor do mar, filho de Oceano, & Tethys, ou segundo outros, de Oceano, & da terra. Este foy casado com hũa irmã sua chamada Doris, da qual houve muytas filhas, a que os Poetas chamaõ Nereidas, que quer dizer filhas de Nereo, como lhe chama aqui a Poeta. Querem alguns que fosse cincoenta: de cujos nomes se veja Hinginio no principio de suas fabulas.

97.

*M As o Mouro instruido nos enganõs,
Que o malevolo Baccho lhe ensinara,
De morte, ou cativeyro novos danos,
Antes que à India chegue, lhe prepara.
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara:
Que avendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.*

Mas o Mouro. Como Conta Joaõ de Barros nas Decadas, este Piloto que o Xequē mandou a Vasco da Gama, procurou destruir a nossa armada, & diz o Poeta, que o fazia instruido por Baccho.

Veja-se o que escrevemos atraz, Oytava 75.

Malevolo Baccho. Baccho inimigo, & que queria mal aos Portuguezes pelas razões ditas.

98.

*E Dizlhe mais co falso pensamento,
Com que Synon aos Phrygios enganou,
Que perto estã hũa Ilha cujo assento
Povo antigo Christão sempre habitou.
O Capitão que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhes rogava,
Que o leve à terra, onde esta gente estava.*

Com que Synon os Phrygios enganou. Estando os Gregos sem esperança alguma de tomar Troya, depois de dez annos de cerco: fingirão querelo levantar, & recolherse para Grecia. Fizeraõ por conselho de Ulysses hum cavallo de madeyra, o qual dizião offerecer a Pallas, por certo agravo que lhe tinhaõ feyto, para lhes não ter adversaria: Meterão no cavallo a principal gente dos Gregos. E porque tinha huma porta em hum lado, por onde a gente havia de sair, fizeraõ fugidiço hum Grego por nome Synon, cõ ordem de abrir o cavallo à tempo finalado. Synon entrou em Troya fingindo ir fugido dos Gregos, por o quererem matar por conselho de Ulysses, que lhe queria mal. Foy logo preso, & levado diante de El Rey Priamo, o qual não lómente não consentio se lhe fizesse agravo algum: mas lhe prometteo muytas honras, & merces quietandose em suas terras. Como Synon levava outra determinaçãõ, vendo horas opportunas abrio o cavallo, sahiraõ os que estavaõ dentro, & dando final à armada, q̄ estava perto, a qual os Troyanos cuydavaõ ser ida de todo, entrãraõ, & assolãraõ tudo a fogo, & a ferro, como conta Virgilio na Eneida lib. 2. O que diz aqui o Poeta he que o Piloto com palavras falsas, & mentirosas, determinou enganar os Portuguezes, como Synon enganou os Troyanos.

99.

*O Mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe mãda, & pede,
Que a terra he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafãmede.
Aqui enganõ, & morte lhe imagina,
Porque em poder, & forças muyto excede
A Moçambique esta Ilha, que se chama
Quilba, muy conhecida pela fama.*

O mesmo o falso Mouro determina. Os mesmos desejos, ainda que com muy diferente detenho, tinha Vasco da Gama, & o Mouro. Ambos deleyavãõ ir a Quilõa, mas o Capitão mór puramente por ver os Christãos, que lhe dizião haver nella: & o Piloto para destruir os Portuguezes, o que podia fazer mais facilmente, que em Moçambique, por

haver em Quilóa muyto mais aparelho para isso, por ser terra de muyta gente. De Quilóa se veja atraz a Octava 54.

100.

Para lá se inclinava a leda frota,
Mas a Deosa em Cytbera celebrada,
Vendo como deyxava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuydada.
Não consente, que em terra tam remota,
Se perca gente della tanto amada,
E com ventos contrarios a desvoia,
Donde o Piloto falso a leva, & guia.

Para lá se inclinava a leda frota. Não soffre a maldade do Mouroy, & o grande odio, que tinha aos nossos, dilatar sua má tenção, pelo que determinou destruillos antes que chegassem a Quilóa. E assim deu com a armada em humas Ilhas, affirmando ser terra firme, com proposito de a acabar, & consumir alli. Mas colhido pelos nossos no engano, & mentira que dissera, foy muyto bem agoutado. E por esta razão hoje em dia se chamão estas Ilhas do Açoutado: as quaes estão além de Moçambique sessenta legoas. O Mouroy, como sobre hum odio natural, se lhe acrescentou outro dos açoutes, determinou levar a armada a Quilóa, pelas razões acima ditas. Quiz nosso Senhor que desejava Vasco da Gama muyto ir a esta Cidade, cuydando ser verdade o que se dizia della, que era ter Christãos Abexins, & outros da India: não tiverão effeyto seus desejos, porque com as correntes grandes escorreo huma noyte o porto. O que vendo o Mouroy, os meteo em outro perigo não pequeno, que foy dar com o navio S. Raphael em seco em huys bayxos, os quaes deste successo se chamaõ hoje os bayxos de S. Raphael: ainda que o Galeão se não perdeu desta vez neste perigo, mas perdeu-se à tornada alli.

Mas a Deosa em Cytbere celebrada. Entende Venus, a qual os antigos errados tinhaõ por Deosa dos amores. Esta tinha hũ templo na Cidade Cytbere de Chypre. Fingé aqui o Poeta, que Venus favorecia os Portuguezes pelas razões, que elle mesmo dá atraz, & que ella desviára a nossa armada de Quilóa. He fingimento Poetico, para ornar sua historia.

101.

Mas o malvado Mouroy, não podendo
tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua cometendo,
Ainda em seu proposito constante:
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
Os levarão por força por diante:
Que outra Ilha tem perto cuja gente
Eraõ Christãos com Mouros juntamente.

Mas o malvado Mouroy não podendo. Vêdo o Mouroy que não podera levar os nossos à Cidade de Quilóa, nem fazerlhe nojo nos bayxos de S. Raphael, determinou levalos à Cidade de Mombaça mesma costa com o mesmo intento de lhe fazer algum mal: dizendolhe que nella havia Christãos, como lhe tinha dito de Quilóa: o que tudo era falso, como o Poeta diz na Octava seguinte.

102.

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava:
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Masamede celebrava.
O Capitão que em tudo o Mouroy cria,
Virando as vellas a Ilha demandava,
Mas não querendo a Deosa guardadora,
Não entra pela barra, & surge fóra

Como por regimento em fim levava. Este regimento era do Xequé de Moçambique: o qual tinha dado por regimento, que ou em hum lugar, ou outro procurasse destruir os Portuguezes.

Não entra pela barra, & surge fóra. O Piloto quizera meter os navios dentro do Porto de Mombaça, o que Vasco da Gama lhe não consentio, porque o tinha em ruim conta, & desconfiava já delle. Inda que diz aqui o Poeta, que o Capitão o cria em tudo, o que faz para attribuir a Venus a guarda dos Portuguezes: pelo que mandou surgir fóra

103.

Estava a Ilha à terra tam chegada,
Que hum estreito pequeno a deividia,
Hũa Cidade nella situada,
Que na frente do mar apparecia:
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria,
Regida por hum Rey de antiqua idade,
Mombaça he o nome da Ilha, & da Cidade.

Mombaça he o nome da Ilha, & da Cidade. Como os nossos houverão vista de Mombaça, alegrão-se grandemente, parecendolhe, que entravaõ em algum porto de Espanha, por ser a Cidade muyto fermosa, com edificios de pedra, & cal, eyrados, & janelas, ao modo de Espanha, & de frente do mar. Mas os Portuguezes surgirão fóra, como fica dito, por senão fiarem do Piloto, ao qual davaõ pouco credito, por o terem colhido em outras. Da Cidade Mombaça se veja a nossa annotação atraz, Octava 54.

E Sendo a ella o Capitaõ chegado,
Estranhamente ledo, por que espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso Piloto lhe dissera:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rey, que ja sabia a gente, que era,
Que Baccho muyto d'antes o avisara,
Na forma doutro Mouro, que tomara.

Que Baccho muyto d'antes. O mesmo ardil q̄ teve Baccho como o Xequê de Moçambique, para o meter mal com os Portuguezes, ulou com o de Mombaça, o que taõ pouco, lhe aroveytou em huma parte, como em outra.

O Recado que trazem he de amigos,
Mas debayxo o veneno vem cuberto
Que os pensamentos eraõ de inimigos,
Segundo foy o engano descuberto.
O grandes, & gravissimos perigos!
O caminho de vida nunca certo!
Que aonde a gente poem sua esperança,
Tenha a vida taõ pouca segurança.

O recado que trazem he de amigos. Tanto que os da Cidade Mombaça houveraõ vista da nossa armada, mandáraõ logo a ella quatro homens dos principaes da terra, segundo pareciaõ, por irem muyto bem tratados. E chegando a bordo perguntaraõ que gente eraõ, & o que queriaõ. Vasco da Gama lhe respõdeo que eraõ Portuguezes, que hiaõ à India: & que tinhaõ necessidade de mantimentos, que isso os obrigava chegar alli. Mostraraõ os Mouros muyto prazer com sua chegada. E fizeraõ-lhe grandes offerecimentos; & promessas. E não tardaraõ muyto com outro recado d'El Rey, que folgava muyto com sua chegada, & que elle os proveria de todo o necessario, & lhe daria carga de especiaría, & lhe faria todo o gazalhado que fosse em sua maõ. Mas que era

costume da terra, entrarem no porto as náos que vinhaõ de fóra: porque não o fazendo assim, se tinha ruim sospeyta dellas: por haver naquellas partes gente de ruim titulo.

NO mar tanta tormenta, & tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida.
Onde pode acolherse hum fraco humano,
Onde será segura a curta vida,
Que não se arme, & se indigne o Ceo sereno,
Contra hum bicho da terra taõ pequeno.

Que não se arme, & se indigne o Ceo sereno. Para encarecimento das miserias da vida humana, & pouca constancia della, ulta deste termo de fallar: que atè o Ceo se indigna, & toma armas contra o homem, aõ qual chama bicho pequeno, & com razão, pois de todos os animaes elle he o menor, assim na felicidade como nas mais coufas, como diz o Poeta Menandro.

*Animalia cuncta felicissima sunt,
Et multo magis quam homines sapiunt.
Primum intueri licet asinum istum,
Qui indubie animal est miserum,
Nil tamen mali, è sua culpa nascitur.
Sed quæ natura ipsi dedit, ea habet.
Nos vero præter necessaria, mala,
Ipsa per nos alia nobis insuper adiicimus:
Dolemus siquis sternuerit, si male dixerit,
Iraescimur, si quis viderit insomnium, valde
Terremur, si noctua ululaverit, metuimus:
Ærumna, opiniones, ambitiones, leges,
Ista omnia præter naturam, & ascita mala sunt.*

Todos os animaes, diz o Poeta Menandro, são felicissimos, & sabem muyto mais q̄ o homem. Ponde os olhos em qualquer animal, & vereis que os males que tem não lhe vem por sua culpa. O homem além dos necesarios tem outros cem mil, que elle per si grangea, sem ter huma hora de gosto.



OS LUSIADAS DO GRANDE LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Dar El-Rey de Mombaça o fim prepara
Ao Gama Illustre, com mortal engano,
Desce Venus ao mar, a frota ampara,
E fallar sobe ao Padre soberano:
Jove os casos futuros lhe declara,
Apparece Mercurio ao Lusitano,
Chega a frota a Melinde, & o Rey potente
Em seu porto a recebe alegremente.

CANTO SEGUNDO.

Neste Canto se relata o que aconteceu a Vasco da Gama em Mombaça, & sua chegada a Melinde.

JA neste tempo o Lucido Planeta,
Que as horas vay do dia distinguindo,
Chegava á desejada, & lenta meta,
A luz celeste às gentes encobrimdo:
E da casa maritima secreta
Lhe estava o Deos Nocturno a porta abrindo
Quando as infidas gentes se chegãrao
As naos, que pouco avia, que ancorãrao.

lã neste tempo o Lucido Planeta. Descreve o Poeta o tempo em que os Portuguezes chegãrao a Mombaça, que foy hum dia já posto o Sol, a sete de Abril de 1498. *Lucido Planeta* se chama o Sol, porque elle sã tem luz, que he a razão porque se chama Sol, que quer dizer sã. E a que tem os mais Planetas, & Estrellas, delle a recebem: como dizem os Philosophos, que melhor se ntem.

Que as horas vay do dia distinguindo. Porque com seu curso, & movimento nos faz o anno, mez, dia, & horas, como refere Ovidio nas *Metamorphosis* lib. 2. in principio.

Chegava á desejada, & lenta Meta. Meta entre os Latinos era huma baliza feyta de paõ, ou pedra em modo pyramidal, que servia nos desafios de cavallo por alvo, & fim da carreyra. Puseraõ-lhe os antigos este nome de *Metior*, verbo Latino, que quer dizer medir, porque se punhaõ aquellas balizas medido certo espasso de terra, conveniente àquelle exercicio, & carreyra. D'aqui se toma pelo fim de qualquer couta. Meta desejada do Sol, he o tempo da tarde, no qual fingem os Poetas, que elle acaba seu curso. Chamalhe o Poeta aqui lenta, que quer dizer vagarosa: naõ porque o fosse, senão, porque os desejos que tinha de chegar á casa de Thetis Senhora do mar, onde hia descansar dos trabalhos do dia, lha faziaõ parecer tal.

Lhe estava o Deos Nocturno a porta abrindo. Este se chama Erebo, o qual os Poetas fazem casado com a noyte, & Porteyro do Sol, quando te reco-lhe depois de feyto seu curso, em a cata de Theris, que he o mar. Outros querem que seja hum rio do Inferno. São cousas de Poetas.

D *E entre elles hum, q̄ traz encomêdado*
O mortifero engano, assi dizia:

Capitão valeroso, que cortado

Tens de Neptuno o Reyno, & falsa via:

O Rey que manda esta ilha, alvorçoçao

Da vinda tua, tem tanta alegria,

Que não deseja mais, que agazalhar te,

Verte, & do necessario reformar te.

De entre elles hum. Dos homens que sahiraõ de Mombaça fallar ao Capitão mór Vasco da Gama da parte do Rey da terra, hum lhe fez esta pratica que o Poeta vay recontando por algumas oytavas.

Engano mortifero. Engano mortal. Salsa via. Caminho falgado. Chama assim ao mar por ser de agua falgada. A razão se veja de Venegas, no livro natural, onde trata de natura rerum.

E *Porque está em estremo desejofo*

De te ver, como causa nomeada,

Te roga que de nada receoso

Entres a barra, tu com toda a armada:

E porque do caminho trabalhoso

Trarás a gente debil, & cansada:

Diz, que na terra podés reformala,

Que a natureza obriga a desejala.

E porque está em estremo desejofo. Os desejos que os Mouros mostravaõ de favorecer os nollõs com tantas promessas, & offercimentos, como diz o Poeta na oytava seguinte, & nesta, era com intenção de os destruir, como ao diante se verá. Debil, fraca debilitada.

E *Se buscando vãs mercadoria,*

Que produz o aurifero levante.

Canela, Cravo, ardente especiaria,

Ou droga salutifera, & prestante.

Ou se queres luzente pedraria,

O Rubi fino, o rigido Diamante,

Daqui levarás tudo tam sobejo,

Com que saças o fim a teu desejo.

O rigido diamante. Chama-se o diamante rigido,

porque não ha cousa que o quebre, ou abrande. Por esta razão lhe chamão os Gregos adamas, que quer dizer indomavel. Os autores tem introduzido huma cousa, que a experiencia tem mostrado ser falsa, que o diamante se abrande com sangue de Bode quente, & freico. O contrario aconselha Solino cap. 65. & se guarda hoje, que he roçarle hum com outro, & d'outra maneyra he trabalhar de balde.

A *O mensageyro o Capitão responde,*
As palavras do Rey agradecendo!
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro obedecendo:
Porém, que como a luz mostrar, por onde
Và sem perigo a frota, não temendo,
Comprirá sem receyo seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

Ao mensageyro o Capitão responde. Como Vasco da Gama vinha persuadido do Piloto da sua Nao, que havia Christãos naquella Ilha, & os Mouros que o visitaraõ da parte do Rey della, concordara com seu dito, determinou entrar no porto, como fizera se Deos milagrosamente o não desviara, como adiante veremos. ¶ Porque o Sol no mar se esconde. Porque o Sol se poem, como fica declarado na primra oytava deste Canto.

P *Ergunta-lhe depois, se estão na terra*
Christãos como o Piloto lhe dizia,
O mensageyro astuto, que não erra
Lhe diz, q̄ a mais da gēte em Christo cria.
Desta sorte do peyto lhe desterra
Toda a suspeyta, & cauta fantezia
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel, & falsa gente.

E *De alguns, que trazia condenados*
Por culpas, & por feytos vergonhosos,
Porque pudessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos.
Manda dous mais sagazes, ensayados.
Porque notem dos Mouros enganosos
A Cidade, & poder: & porque vejaõ
Os Christãos que, jã tanto ver desejão.

E de alguns que trazia condenados. Quando Vasco da Gama aceytou a jornada do descobrimento da India, por mandado del-Rey Dom Manoel: Pedio que te lhe dessem alguns homens, que estivessem

vessem presos por feytos graves, para se servir delles em casos de necessidade; ou deyxandoos em algumas partes, para saberem o que hia pela terra dentro, ou aventurando-os em alguns casos de perigo, qual era este de Mombaça: por ser mais justo, & conforme a razão aventurálos a elles, pois os tiravao das cadeas, onde estavao presos por casos, porque mereciao morte, ou infamia:

8

E Por estes ao Rey presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava
Tenha firme, segura, limpa, & branda.
Aqual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida, & nefanda,
Das naos se despedia, & o mar cortava
Forão com gestos ledos, & fingidos
Os dous da frota em terra recebidos.

Por estes ao Rey presentes manda. Como El-Rey de Mombaça sabia o que Vasco da Gama fizera em Moçambique, & que os nossos erao Christãos, desejava de vingar a injuria feyta aos Mouros, & com este fundamento mandou dia de Ramos pela manhã dous Mouros a bordo, homens alvos, & ensayados, os quaes dissessem serem Christãos. Vasco da Gama lhe fez muyto gazalhado, & lhe deu algumas peças, & assim mandou hum presente a El-Rey, agradecendo-lhe muyto os offerecimentos, que estes homens lhe fazião da tua parte, & dando mostrás que estimava muyto o que lhe mandara por elles, que era hum anel muyto fino, & alguns carneyros. Com estes homens mandou Vasco da Gama dous dos degradados, que levava para aventurar, onde fosse necessario, como fica dito: aos quaes encomendou muyto, vissem bem a terra, & notassem o trato da gente, & a armada que tinham no porto. Os da terra, & El-Rey lhe fizeram grande gazalhado, mostrando com rosto alegre folgarem muyto com tua chegada.

E Despois que ao Rey apresentárão
Co recado os presentes, que trazião
A Cidade correrão, & notárão
Muyto menos daquillo que querião.
Que os Mouros cautelosos se guardavão
De lhe mostrarem tudo, o que pedião,
Que onde reyna malicia, está o receyo,
Que a faz imaginar no peyto albeyo.

Que onde reyna a malicia está o receyo. Couza natural he, & assaz experimentada, o homem máo, cuidar que todos são máos: & o bom pelo contrario, ter a todos por bons; daqui nasce, que quando o máo rece alguma maldade, teme, que o entendão, como diz aqui o Poeta, & he muyto sabido.

M As aquelle que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, & foy nacido
De duas mãys, que urdia a falsidade,
Por ver o navegante destruido.
Estava numa casa da Cidade.
Com rosto humano, & habito fingido,
Mostrando-se Christão, & fabricava
Hum altar sumptuoso que adorava.

Mas aquelle que sempre a mocidade. Os Poetas fingem a Baccho, & Apollo mancebos sem barba, dando a entender, quanto ajuda á vida o bom tratamento do corpo. A Baccho tinham os antigos por Deos do vinho, & Apollo da musica. De Baccho se veja o que escrevemos no Canto primeyro, oytava 73. onde dey a razão, porque se chama filho de duas mãys.

Com o rosto humano, & habito fingido. Esta ordem que o Poeta aqui leva em entremeter a Baccho nestas coulas, he fingimento muy elegante, como já disse atraz. A verdade he, que aquelles homens que Vasco da Gama mandou a Mombaça, para saber o que passava pela terra dentro, & se avia Christãos como lhe os Mouros tinhao dito, forão levados por outros da terra a casa de huns Indios mercadores, que deviao ser Christãos de São Thomé: os quaes vendo, como os nossos erao Christãos, lhes fizeram muyta festa, & lhes mostrarao a figura do Espirito Santo sobre a Virgem Nossa Senhora, & sobre os doze Apostolos, como diz o Poeta na oytava seguinte.

A Lli tinha em retrato afigurada,
Do alto, & Santo Espirito a pintura,
A candida Pombinha debuxada,
Sobre a unica Phenix Virgem pura,
A companhia santa está pintada,
Dos doze tão turvaos na figura,
Como os que só das lingoas que cairão,
De fogo, varias lingoas referirão.

Sobre a unica Phenix Virgem pura. Chama Luis de Camões á gloriosa Virgem Maria Nossa Senhora Ave Phenix por ser esta Ave de que os Escriitores dizem grandes maravilhas, assim em ser só no mundo, como em ser muyto fermosa, como della escreve Lactancio, em huns verlos elegiacos, que compoz de seus louvores. E porque este lugar não he capaz de tratar dos louvores de hum tão grande Senhora, em conclusão, & remate digo, que tu'o o que se della póde dizer, se soma em ser Mãe de Deos. Quanto á Ave Phenix diz Plinio lib. 10. cap. 2. que he huma só no mundo, do tama-

nho de huma Aguia, & que vive seiscentos & sessenta annos: & que em Arabia he contagrada ao Sol. Quando se lhe chega o tempo da morte, vay-se de Arabia a Suria, onde faz hum ninho de paos cheyrosos, que ajunta, sobre o qual se deyta, & ali morre. E do seu tutano nasce hum bichinho, do qual se cria outra Ave Phenix, & em podendo voar se torna para Arabia. Acor diz o mesmo Plinio, que he vermelha toda, salvo no pescoço, o qual tem de cor dourado, & o rabo roxo, & rolado. O mesmo conta Solino cap. 46. & Ovidio lib. 15. Metaph. Outros dizem que não ha no mundo esta Ave, & que tudo o que se conta della he fabulá. O Patriarcha Dom Joáo Bermudez em huma Relação, que fez a El-Rey Dom Joáo o Terceyro de Portugal, sobre as cousas do Preste Joáo, diz, que em huns desertos grandes junto ao Reyno de Damute se acha esta ave, & que os naturaes da terra lhe diziaõ que a viaõ, & conheciaõ, & que era muyto grande, & fermosa. Marco Polo Venezano de nação, que andou muytos annos nas partes da India, Ethiopia, & Tartaria, em hum livro que fez das cousas, que vio naquellas partes, faz menção desta Ave, & diz, que a ha nos fins da India interior: & que os naturaes lhe chamaõ Se- venda. Pus estas cousas aqui, para que se entenda, que ha quem fale nesta Ave, & que pode ser verdade que a haja, porque no mundo ha outras cousas de mayor espanto: que os que não sahimos de nossas patrias; nem vimos mundo, não podemos crer, & nos parecem fora de toda a ordem, & razão. *Dos doze tão torvados na figura.* Estes eraõ os doze Apostolos, os quaes estavaõ pintados naquella carta, onde estava a Figura do Espiritu Santo: do modo que ficáraõ, quando decco sobre elles no dia de Pentecostes, como se conta nos Actos dos Apostolos, Act. 2.

12

A *Qui os dous companheyros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Poem em terra os giolhos, & os sentidos
Naquelle Deos que o mundo governava:
Os cheyros excellentes produzidos
Na Panchaya odorifera queymava
O thioneu, & assi por derradeyro
O falso Deos adora o verdadeyro.*

Na Panchaya odorifera. Panchaya he Arabia feliz, ou beata, que assim lhe chamão os Autores, á qual o Poeta chama odorifera, que quer dizer cheyrosa, por ter muyta abundancia de cheyros. *Queymava o Thioneu.* Entende Baccho, ao qual os Poetas chamavão assim de *Thyo*, que quer dizer andar furiosa, & ápressadamente, por serem desta qualidade os homens dados ao vinho. E daqui ás molheres que lhe faziaõ suas festas se chamavão Thyades. Esta he a commum declaração desta pa-

lavra. Mas (segundo tenho notado na lição dos Poetas, mormente Gregos) Semele máy de Baccho se chamava de alcunha Thyone, como refere o interprete de Apollonio; & daqui querem que se chame Baccho Thyoneu. *O falso Deos adora o verdadeyro.* Por falso Deos entende Baccho. Verdadeyro he o que nós adoramos, & professamos os Christãos, o qual aquelles Indios, que estavaõ em Mombaça, tinhão em huma carta pintado.

13

A *Qui foraõ de noyte agasalhados
Com todo o bom, & honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo, que enganados
Os tinha o falso, & santo fingimnto.
Mas assi como os rayos espalhados
Do Sol foraõ no mundo, & num momento
Apareceo no rubio Horizonte
Na moça de Titaõ a roxa fronte.*

Apareceo no rubido Horizonte. Horizonte he nome Grego, & quer dizer fim de qualquer cousa, inda que propriamente he o termino, & baliza, do que alcançamos com a vista, olhando para qualquer parte; porque em qualquer lugar, que homem está, cuyda que vê hum fim do Ceo que he o Horizonte, como o Poeta entende neste lugar por rubido Horizonte aquella parte do Ceo, onde o Sol começava mostrar seus rayos. Isto he quanto á propriedade da palavra. Do Horizonte circulo da Esphera considerado mathematicamente, se veja a nossa annotação no canto oytavo, oyt. 44. *Na moça de Titaõ.* Por moça de Titaõ entende a Aurora filha de Titaõ, & da terra, & casada com Tithono irmão de Laomedonte Rey de Troya.

O falso, & santo fingimento. Chama-se falso, porque os da terra pretendiaõ enganar os nossos: chama-le santo, porque para este engano usaraõ de Imagens fantás.

14

T *Ornaõ da terra os Mouros corecado
Do Rey, para que entrassem: & consigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
Aquem se o Rey mostrou sincero amigo.
E sendo o Portuguez certificado,
De não aver receyo de perigo,
E que gente de Christo em terra avia,
Dentro no falso rio entrar queria.*

Salso rio. Entende o mar de Mombaça, ao qual por este respeyto chama rio falso, que quer dizer rio salgado.

15

D *Izemlhe os q mandou q em terra viraõ
Sacras Aras, & Sacerdote santo,*

F

Que

*Que allí se agasalharão, & dormirão,
Em quanto a luz cubrio o escuro manto.
E que no Rey, & gente não sentirão,
Senão contentamento, & gosto tanto
Que não podia certo aver suspeyta,
Numa mostra tão clara, & tão perfeyta.*

Em quanto a luz cubrio o escuro manto. Em quanto durou a noyte, chama o Poeta à noyte manto escuro, porque cobre a luz, ainda que falando propriamente, a noyte não he outra coula, senão falta de luz; porque passando o Sol deste nosso Hemispherio luperior a dar luz aos que morão no inferior, faltando-nos ficamos às escuras, & daqui se causa a noyte, a qual procede da ausencia do Sol.

COm isto o nobre Gama recebia
*Alegremente os Mouros que subião,
Que levemente hum animo se fia
De mostras, que tão certas pareciaõ.
A nao da gente perfida se enchia,
Deyxando a bordo os barquos, que traziaõ:
Alegres vinhaõ todos, porque crêm,
Que a presa desejada, certa tem.*

A nao da gente perfida se enchia. Era tanta a familiaridade, & conversação que os Mouros tinham com os nossos, que continuamente estavaõ a bordo barcos dos Mouros, que hiaõ á nossa armada; & fiavaõ-se tanto delles, que tinham assentado entrar do rio para dentro, enganados com as mostras de amor. O que tem falta fizeraõ, senão succedera descair o navio de Vasco da Gama sobre huns bayxos, que tinha por proa, onde se houvera de perder, senão mandara surgir, como contão os nossos Historiadores. *Alegres vinhaõ todos.* O dia, que Valco da Gama determinou entrar no porto de Mombaça, forão muytos Mouros em barcos com muytos tangeres, & musicas a seu modo, mostrando grande festa, & contentamento pela entrada dos nossos, porque lhe parecia, que os tinham já debayxo da lança, para se vingar delles.

NA terra cautamente aparelhavão
*Armas, & munições: que como vissem,
Que norio os navios ancoravão,
Nelles ousadamente se subissem.
E com esta treyção determinavão,
Que os de Luso de todo destruissem,
E que incautos pagassem deste geyto
O mal, que em Moçambique tinhaõ feyto.*

Que os de Luso de todo destruissem. Os de Luso são

os Portuguezes, veja-se a nossa annotação no canto primeyro. Oyt. 1. *Que incautos pagassem.* Incautos, palavra Latina, quer dizer delapercebidos, & defraudados.

AS ancoras tenaces vam levando
*Com a nautica grita costumada,
Da proa as vellas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalisada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, & tam secreta,
Voa do Ceo ao mar como huma seta.*

As ancoras tenaces. Tenaces he proprio Epitheto das ancoras, de tenco palavra Latina, que quer dizer ter, por ser proprio officio leu afferrar, & prender onde chegão. *Com a nautica grita.* Nauta entre os Latinos, quer dizer marinheyro, grita nautica he a grita que os marinheyros levantão no mar, quando trabalhaõ, a qual por outro nome se chama celcuma. *Mas a linda Erycina.* Entre outros nomes que tem Venus, hum he Erycina do monte Eryx de Sicilia, que hoje se chama em vulgar de São Julião, onde antiguamente era venerada: de outros nomes que lhe os Poetas dão, se veja o que escrevemos no primeyro Canto Oyt. 33.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
*Com toda a mais cerulea companhia,
Que porque no salgado mar naceo,
Das agoas o poder lhe obedecia.
E propo delhe a causa a que deceo,
Com todas juntamente se partia
Para estorvar, que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.*

Convoca as alvas filhas de Nereo. Attribute como Poeta a Venus (a qual faz protetora dos Portuguezes) não entrar o navio de Valco da Gama no porto de Mombaça, que parece foy milagre: porque não quis nosso Senhor que os Portuguezes acabassem em huma tão triste, & barbara terra, & se estrovasse huma viagem, que havia de redundar em tanto serviço leu. ¶ *Porque no salgado mar naceo.* Fingem os Poetas, que Venus naceo da escuma do mar, pelo que lhe chamão Aphroditis, ou Aphrodisia de aphros, que he a etcuma, por esta razão as Nymphas do mar a ajudavão, & favoreciaõ em tudo como neste trabalho dos Portuguezes. Nereidas, são Nymphas do mar, das quaes fica tratado no Canto primeyro, oytava 96. chamalhe alvas, por sua estancia, & morada ser nas agoas.

Cerulæa compauhia. He a mais gente de mar, como Proteo, Tritão, & outros a qual se chama assim, de *ceruleus* palavra Latina, que quer dizer cousta de cor de Ceo, ou Mar.

20

J *A na agua erguendo vão cõ grande pressa,
Com as argenteas caudas branca escuma,
Cloto co peyto corta, & atravessa
Com mais furor o mar do que costuma:
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa em força summa:
Abrem caminho as ondas encurvadas
De temor das Nereidas apressadas.*

De temor das Nereidas apressadas. O Poeta nomea aqui só tres filhas de Nereo, Cloto, Nise, & Nerine: sendo cincoenta como fica dito.

Argenteas caudas. Rabos brancos, porque as pintão cõ rostos de mulheres, & rabos de peyxes.

21

N *Os hombros de hũ Tritão cõ gesto acceso
Vay a linda Dione furiosa,
Não sente quem a leva o doce peso
De soberbo, com carga tão fermosa.
Já chegão perto, donde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa,
Repartemse, & rodeão nesse instante
As naos ligeyras, que hiaõ por diante.*

Nos hombros de hum Tritão. Tritão dizem os Poetas, que foy filho de Neptuno, & Salacia Senhores do mar, & que foy seu trombeta. Dione querem alguns, seja o nome da mãy de Venus, pelo que lhe chamaõ assim. Tem entre os Poetas diferentes nomes, como fica tratado no Canto primeyro, oytava 33. Houve diferentes Venus, mas quando entre os Poetas se nomea este nome, te entende a filha de Jupiter, & Dione, casada com Vulcano, que fazia os rayos a Jupiter seu pay. Outros a fazem nacida de escuma, como fica notado atrás, oytava 19. Esta foy huma mulher publica na Ilha Chipre, a qual por este respeyto os antigos idolatras, & ignorantes, tinhaõ por seu Idolo, & lhe levantavão grandes altares, & faziã o grandes templos, que he bom final de seu pouco saber, pois tomavaõ por seus Deoles gente perdida, & dissoluta.

22

P *Oemse a Deosa com outras em deryto
Da proa capitayna, & alli fechando
O caminho da barra, estão de geyto
Que em vão assopra o vento a vella inchando.*

*Poem no madeyro duro o brando peyto.
Para detrás a forte Nao forçanao:
Outras em derredor levandoa estavão,
E da barra inimiga a desviavão.*

Da proa capitayna. Isto diz o Poeta, porque querendo Valco da Gama entrar para dentro de Mombaça, como lhe pedia o Rey da terra, levada a tua nao, nunca quis fazer cabeça para entrar dentro, & hia sobre hum bayxo que tinha por proa: que foy causa de surgirem todas as naos, & não passarem avante. Milagre evidentissimo, que não quis nosso Senhor que hum intentó tão santo dos Reys de Portugal acabasse aqui, pois de elles hirem por diante, se havia de augmentar tanto tua Féfanta, como vemos por experiencia.

23

Q *Vaes para a cova as providas formigas
Levando o peso grande acomodado,
As forças exercitão, de inimigas,
Do inimigo Inverno congelado.
Alli são seus trabalhos, & fadigas,
Alli mostrão vigor nunca esperado:
Taes andavão as Nymphas estorvando
A gente Portuguesa o fim nefando.*

Quaes para a cova as providas formigas. Compara o Poeta a pressa, & diligencia de Venus, & das Nymphas, em delviar as naos do porto de Mombaça, com a das formigas no tempo do verão, quando ajuntão o necessario para o Inverno. He imitação de Virgilio na *Aeneida* lib. 4.

24

T *Orna proa detrás a nao forçada,
Apesar dos que leva, que gritando
Mareão vellas, ferve a gente irada,
O leme a hum bordo, & outro atravessando.
O Mestre astuto em vão da popa brada
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum marítimo penedo,
Que de quebrar lhe a nao lhe mete medo.*

Torna para detrás a nao forçada. Indo com grande festa, & alegria, assim os Mouros, que hiaõ nas nossas naos, por lhe parecer, que tinhão a preza defejada nas mãos: como os nossos em cuydar (vendo tão luzida gente, & tão boas novas da India) que era já acabada sua peregrinação, & trabalhos; estando á quella hora em perigo de perder as vidas, segundo a determinação dos Mouros: succedeo, que o navio de Valco da Gama não quis fazer cabeça para tomar vento, & foy descaindo em hum bayxo, como temos dito: o que vendo o

meestre começou a bradar da popa, ao que acodio o Capitão mór, & mandou soltar huma ancora. E porque isto segundo costume dos que navegão, não se faz em taes tempos sem grande revolta, & gritta: tanto que os Mouros virão o que passava, cuydando ser descuberta a trayção que pretendião: huns por cima dos outros se lançarão nos barcos, & muytos no mar, querendo antes morrer afogados, que ás mãos dos nossos, como o Poeta vay contando.

Penedo marítimo. Quer dizer penedo do mar; não faltão pessoas, que calumniem a Luis de Camões, como já fica dito atrás, canto i. oytava 19. usar de palavras Latinas; & alguns que o não são muyto, lhe poem que usou de algumas imprópriamente, como homem não muyto Latino. Entre outras esta deste lugar he huma, chamar ao penedo do mar marítimo; no que não tem razão; porque Maritimus, a, um, na lingua Latina he cousa que está ao longo do mar, ou dentro nelle. E Luis de Camões, soube para tua profissão o que lhe bastava; & neste particular não tenho que tratar, que hoje vivem muytos homens destes que o conhecerão, & tratarão.

A Celeuma medonha se levanta
Norudo marinheyro, que trabalha,
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha.
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha,
Cuydão, que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

Celeuma, he palavra Grega, quer dizer a gritta, que os marinheyros levantão para todos a huma porem hombros, & força, no que tem entre mãos, & assim se ajudarem melhor. O Poeta lhe chamou atrás oytava 18. gritta nautica, que he o mesmo.

E Tlos subitamente se lançavão
A seus bateis velozes, que trazião,
Outros encima o mar alevantando,
Saltando n'agua anado se acolbião.
De hum bordo, & d'outro subito saltavão,
Que o medo os compellia, do que vião:
Que antes querem ao mar aventurar se,
Que nas mãos inimigas entregar se.

Que antes querem ao mar aventurar se. Os Pilotos de Moçambique, & outros escravos, que hião na nao do Capitão mór, se lançarão ao mar: com a qual novidade entendeu Valco da Gama, & os

mais Capitães a pouca segurança d'aquelles portos: & como Deos milagrosamente os livrara de hum tão grande perigo, pelo que logo se partirão dalli. E porque não tinhamo Pilotos, determinarão ir ao longo da costa, que sabião ser muyto povoada, para ver se podiaõ aver alguns.

A Sfi como em Selvatica alagoa,
As rans no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente.
Daqui, & dalli saltando, o charco soa,
Per fugir do perigo, que se sente:
E acolhendose ao conto, que conbecem,
Sds as cabeças n'agua lhe aparecem.

As rans no tempo antigo Lycia gente. Contão os Poetas, que passando Latona mãy de Apollo per Lycia em tempo de grande calma, apertada da sede, se chegou a beber a huma alagoa. Os rusticos daquella terra lhe defenderão a agua, & por nenhum caso, por mais lastimas que lhe ouviraõ, a deyxarão beber. Sentida muyto Latona pediu a Jupiter a vingasse daquella gente; & quisesse que vivessem sempre n'agua para se fartarem bem della. Jupiter os converteo em rans, as quaes tem por costume létindo alguma pessoa recolherse à agua, & mostrar sómente as cabeças, como aqui diz o Poeta, comparando os Mouros que se lançarão ao mar, ás rans, porque hindo nadando lhe apareciaõ sómente as cabeças.

A Sfi fogem os Mouros. E o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge saltando na agua amara.
Mas por não davem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce, & cara,
A anchora solta logo a Capitayna,
Qualquer das outras junto della amayna.

Penedo immoto. Quer dizer penedo firme, & que se não move. Este penedo era o bayxo, em que dissemos, que hia dar a nao de Vasco da Gama, se lhe não acudiraõ de pressa.

V Endo Gama, attentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuydada, & juntamête
O Piloto fugir lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente:
E vendo sem contraste, & sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,

Que a nao passar avante não podia,
Avendoo por milagre assi dizia.

30

O Caso grãde, & estranho, & não cuydado:
O milagre claríssimo, & evidente:
O descuberto engano inopinado!
O perfida, inimiga, & falsa gente!
Quem pudera do mal aparelhado
Livrarse sem perigo sabiamente,
Se là de cima a guar da soberana
Não acudiria a frac a força humana.

O caso grande. São estas exclamações para encarecimento deste milagre, que aos nossos aconteceo nesta barra de Mombaça. Bem se mostra que seus intentos erão fantos: & que o caminho nestes principios era tomado puramente por amor de Deos, & por terço do teu Rey, sem outro interesse algum: & assim tudo lhes succedia profperamente.

Engano inopinado. He engano não cuydado, isto diz o Poeta, porque os nossos cuydavaõ que estavaõ já fora de trabalho, tendo tanto ao contrario.

31

B Em nos mostra a Divina Providencia,
Destes portos a pouca segurança,
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança.
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança,
O tu Guarda Divina, tem cuydado
De quem sem ti não pôde ser guardado.

32.

E Sete move tanto a piedade
Destá misera gente peregrina,
Que só por tua altíssima bondade,
Da gente as salvas, perfida, & maligna.
Nalgum porto seguro de verdade
Conduzirmos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.

Ou nos amostra a terra que buscamos. A terra que os Portuguezes bulcavaõ, & por cujo respeyto se offerecião a tantos contrastes, & trabalhos, era a India.

33.

O Uviolhe estas palavras piadosas
Afermosa Dione, & commovida

D'entre as Nymphas se vay, que saudosas
Ficarão desta subita partida.

Já penetra as Estrellas luminosas,
Já na terceyra Esphera recebida,
Avante passa, & là no sexto Ceo,
Para onde estava o Padre se moveo.

Idá na terceyra Esphera recebida. Chamaõ-se os Ceos Orbes, ou Espheras, por terem a figura redonda, & circular, pela qual razão o mundo tam- bem se chama Esphera: porque a Esphera he hum corpõ redondo, & toliido, de huma só superficie, como huma bola, ou pella, & assim os Astronomicos indifferentemente uiaõ destes vocabulos: Orbe, Circulo, Esphera, tomãdo hum pelo outro. E diz, que foy recebida no terceyro Ceo, que he o seu lugar por ordem dos Planetas, porque a Lua tem o primeyro, Mercurio o segundo, Venus o terceyro, o Sol o quarto, Marte o quinto, Jupiter o sexto, Saturno o sétimo: & que se moveo para o sexto Ceo, que he o lugar de Jupiter seu pay, ao qual hia fallar sobre as cousas dos Portuguezes. No canto decimo se trata mais largamente do Ceo, & Planctas.

34

E Como hia afrontada do caminho,
Tua fermosa no gesto se mostrava,
Que as Estrellas o Ceo, & o Ar vizinho
E tudo quanto avia namorava:
Dos olhos, onde faz seu filbo o ninbo,
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que Polos gelados acendia,
E tornava do fogo a Esphera fria.

Dos olhos onde faz seu filbo o ninbo. O filho de Venus he Cupido, a que os antigos enganados chamavão Deos de Amor. Diz Luis de Camões, que o Amor faz seu ninho nos olhos; porque o primeyro encontro, & principio de affecção se causa com a vista. Dende disse Propercio, *Si nescis, oculi sunt in amore duces*. Os olhos tão guias no amor, & Virg. nas Eglog. *Ut vidi, ut peris*, a vista foy causa de minha perdição.

Com que os pólos gelados acendia,

E tornava do fogo a Esphera fria. Pelos pólos se entende o Arctico, & Antartico, que he Norte, & Sur, os quaes chama gelados, pela grande frialdade que naquellas partes ha, causada da ausencia do Sol; dos pólos tratey atraz no canto primeyro, oytava 24. Quanto à declaração deste lugar; quer o nosso Luis de Camões por estes rodeos mostrar a força, & poder do Amor, do qual todos os Poetas assim Gregos, como Latinos escreveraõ muitas cousas, os Gregos lhe chamaõ. *Pandamator*, domador de todas as cousas; pinta-se com hum ramo na mão direyta, & hum peyxe na esquerda, para mol-

mostrar, que sobre todas as cousas tem dominio; & cita he a razão, porque diz o nosso Poeta, que acendia os polos congelados, & esfriava a Esphera do fogo; para mostrar que não ha cousa que resista a seu poder.

E Por mais namorar o soberano
Padre, de quem foy sempre amada, & cara
Se lhe apresenta assi, como ao Troyano,
Na selva Idéa já se apresentára.
Se a vira o Caçador, que o vulto humano
Perdeo vendo a Diana na agua clara,
Nunqua os famintos galgos o matárao,
Que primeyro desejos o acabárao.

Se lhe apresenta assi, como ao Troyano. Contão as fabulas, que Hecuba molher de Priamo Rey de Troya sonhou huma noyte andando de parto, que lhe sahia do ventre huma chama de fogo, que queymava a Troya. Atemorizado Priamo disto, perguntou aos sabios de seu Reyno a declaração deste sonho: os quaes responderão, que havia sua molher Hecuba de parir hum filho que havia de ser causa da destruição de Troya. Sabido isto tratou Priamo com sua molher sobre a morte do filho, para que em parindo se mandasse matar: Não sómente não fez Hecuba, o que Priamo seu marido lhe encomendára, mas mandou a hum seu criado, de que se fiava, levasse o menino a alguma parte onde se criasse secretamente, & sem ser conhecido. Foy o menino criado no monte Ida perto de Troya, onde depois de ser n.º oço de quinze, ou dezasseis annos, foy tido entre os moradores daquelle terra em tal reputação por sua habilitade, & engenho, que não havia em toda ella cousa de dũvida, que elle não determinasse. Quanto ao nome, foylhe posto Alexandro por mandado de sua mãy, & depois de conhecido por filho d'El-Rey Priamo, foy chamado Paris, que em lingua Eolica quer dizer engeytado, como elle toy. E não se chamou Paris á paritate, que he igualdade (como todos os demais querem) por saber com igualdade tratar as cousas, como fez no negocio da maçam d'ouro, de que abayxo trato. Succedeo, que tendo convidado Jupiter, & todos os fallos Deos para as Bodas de Peleo Rey de Tessalia com Thetis filha de Nereo, não toy chamada a Discórdia, pelo que agravada, & tomada de não se fazer caso della, lançou em cima da mesa onde estavão Juno, Pallas, & Venus, huma maçam d'ouro, com huma letra que dizia: *Pulcherrimæ detur*. Dêse á mais fermosa. Cada huma pretendendo ficar com a maçam, não tanto por sua valia, quanto por levar a palma da fermosura, quizerão logo alli que Jupiter dêra sentença, mas escusouse, porque Juno era sua molher, & irmã, Pallas, & Venus suas filhas, pelo que as remeteo a Alexandro, que era Paris de

quem himos tratando, que morava no monte Ida. Ellas se foraõ a elle, & lhe fizerão grandes promessas cada huma por si, propondo-lhe o caso, mas elle deu a maçam a Venus, por lhe parecer mais fermosa, que era a parte porque se havia de alcançar. Esta he a causa porque Venus favoreceo sempre a Paris, & lhe deu ordem, com que furtasse Helena a seu marido Menelao, que foy causa de Troya ser queymada pelos Gregos.

Se a vira o Caçador. Este Caçador foy Acteon filho de Aristeo, & Autonoc. Contão os Poetas, que apertandoõ hum dia a calma, & sede, se recolheu a hum valle onde estava huma fonte, & chegando-se a beber acertou de se encontrar com Diana, que os antigos tinhaõ por Deola da Caça, a qual se estava lavando com suas companheyras na mesma fonte. Tomou-se tanto Diana de Acteon a achar naquelle estado, que o converteo em cervo: o qual logo os seus mesmos cães despedaçaraõ. Esta Fabula conta Ovidio lib. 3. nas *Metamorphosis*.

O S crespos fios de ouro se esparzião
Pelo collo que a neve escurecia:
Andando as lacteas tetas lhe tremião,
Com quem amor brincava, & não se via.
Da alva pretina flamas lhe saião
Onde o menino as almas acendia,
Pellas lizas columnas lhe trepavão.
Desejos, que como era se enrolavão.

Os crespos fios d'ouro. Vay o Poeta por estas oytavas tratando como Venus appareceo a seu pay, não tem cousa de duvida.

C Om hum delgado sendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo,
Porem nem tudo esconde, nem descobre
O veio dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o desejo acenda, & dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro,
Já se sente em no Ceo por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

Ciumes em Vulcano, amor em Marte. Não he para dissimular a torpeza dos antigos idolatras, que fazião seus Deos homens, & estes perdidos, & dissolutos em todo o genero de vicios. O que fazião para encubrir suas maldades, & viverem á re-dea solta em suas torpezas, como tratey no primeyro canto. Vulcano era casado com Venus, & Marte, dizem os Poetas, que cometia adulterio com ella, pelo que diz aqui o Poeta, que havia ciumes em Vulcano, & amor em Marte. Vul-

cano tinhaõ por Deos do fogo, & Marte da guerra.

38

E Mostrando no angelico semblante
Co' o riso huma tristeza misturada,
Como dama que foy do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se queyxa, & serinum mesmo instante,
E se mostra entre alegre magoado:
Destarte a Deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa, que triste ao Padre falla.

39

Sempre eu cuydey, ò Padre poderozo,
Que para as cousas, q' eu do peyto amasse,
Te achasse brando, afabel, & amoroso,
Posso que a algum contrario lhe pesasse.
Mas pois que contra mim te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Façase como Baccho determina
Assentarey em fim, que fuy mofina.

Sempre eu cuydey. Imita nestas oytavas a Virgilio, o qual na sua *Æneida* lib. 1. introduz a Venus fazendo outra fala semelhante a seu pay Jupiter, pedindo-lhe, favorecesse Eneas.

40

E Ste povo que he meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão cabidas vejo,
Que assaz de de mal lhe quero, pois o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando choro, & bramo
E contra minha dita em fim pejejo:
Ora pois porque o ama, he mal tratado,
Querolhe querer mal, serà guardado.

41

Mas morra em fim nas mãos das brutas
q' pois eu fuy: & nisto de mimosa [gêtes,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como cõ o orvalho fica afresca rosa.
Calada hum pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a fala piadosa,
Torna a seguila, & indo por diante
Lhe atalha o poderoso, & gram tonante.

Que pois eu fuy. Usa aqui elegantemente de huma figura a que os Gregos chamão aposiopesis, & os Latinos oblicentia, ou reticentia, quando calamos, & deyxamos de pôr na oração alguma pala-

vra, com que fica a oração imperfeyta; o que he muyto usado nos Poetas para mostrar algum effeyto de ira, ou indignação, o qual se mostra muyto na imperfeyção da oração, como aqui: que pois eu fuy, entêde-se mofina. E Virgilio na *Æneida*: *Quos ego.* Os quaes eu, entende-se castigarey. E em outros muytos lugares.

O gram Tonante. Tonante, chamavão os antigos a Jupiter, que tinhaõ por principal de seus idolos, de tono, as, palavra Latina, que quer dizer fazer trovões, por elle ter o autor dellas cousas segundo sua opiniaõ errada.

42

E Destas brandas mostras commovido,
Que moverão de hum tigre o peyto duro:
Co vulto alegre, qual do Ceo subido
Torna sereno, & claro o ar escuro.
As lagrimas lhe alimpa, & acendido
Na face a beyja, & abraça o collo puro,
De modo que dalli, se só se achava,
Outro novo Cupido se gerava.

Que moverão de hum tigre o peyto duro. He o tigre hum animal muyto cruel por natureza, peloque os Poetas usão d'elle para exemplo de crueldade, como o nosso Luis de Camões neste lugar. Diferere do leão sõmente na variedade da cor, porque tem por todo o corpo huns sinaes pretos grandes a modo de remêdos compridos, que o fazem muyto feroso. O rabo muyto longo, com os mesmos sinaes pretos, & assim a cabeça, a qual he redonda, as orelhas são pequenas, os dentes muyto agudõs, o pelcoço curto, & grosso: come este animal do que caça, & acomete, & mata todo o genero de animal por muyto brabo que seja. Marcial in *spectac.* Epigram. 18. escreve d'elle, que nos *Espectaculos* Romanos matou hum leão. He de espantosa ligeyreza, pela qual rezão os Poetas o fazem filho do vento Zephyro, & o nome, que tem o mostra; porque tygre em lingua Persia, India, & Armènia, he a setta, nas quaes partes lhe puserão este nome, & dellas veyo a nos.

43

E Com o seu apertando o rosto amado,
Que os saluços, & lagrimas augmenta,
Como minimo da ama castigado,
Que quem o afaga o choro lhe acrecenta.
Por lhe por em socego o peyto irado,
Muytos casos futuros lhe apresenta,
Dos fados as entranhas revolvendo,
Destamanyra em fim lhe está dizendo.

Como minimo da ama castigado. Humas das cousas em que o Poeta mostra seu engenho, & erudição,

ção, he nas comparações, as quaes são tão proprias que nenhuma ventagem lhe fazem os antigos.

Dos fados as entranhas revolvendo. Dos fados te veja a nossa annotação no primeyro canto oytava 24.

44

Fermosa filha minha não temais,
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais;
Que esses chorosos olhos soberanos.
Que eu vos prometo filha que vejais
Esquecerem se Gregos, & Romanos.
Pelos illustres feytos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

Fermosa filha. Nesta resposta de Jupiter a Venus sua filha, lhe vay contando todas as cousas que haõ de acontecer aos Portuguezes na India, & costa de Africa, & como haõ de por estas partes debayxo do jugo dos Reys de Portugal.

45

Que se o facundo Ulyses escapou
De ser na Ogygia Ilha eterno escravo,
E se antenor os seyo penetrou
Iliricos, & a fonte de Timavo.
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla, & de Charybdis o mar bravo,
Os vossos mores cousas intentando
Novos mundos ao mundo irãõ mostrando.

Que se o facundo Ulyses. Facundo he palavra Latina, quer dizer eloquente, & copioso de palavras; tal dizem os Poetas, que foy Ulyses: & por esta rezão o faz Homero muyto mimoso, & favorecido de Pallas, que os antigos chamavão Deosa da Sciência, & lhe dá por epitheto o Divino Ulyses: para encarecimento de seu aviso, & decrição. Este foy com outros Cavalleyros de Grecia á conquista de Troya, onde fez muytas cousas dignas de memoria. Depois de Troya destruida, caminhando para sua patria Ithaca, passou no mar muytos trabalhos, & perigos, dos quaes tratta largamente Homero na sua Odysea, á qual poz este nome, por não tratar nella de outra cousa senão de Ulyses, o qual na lingua Grega se chama *Odyseu*. Entre outros trabalhos que conta Homero, hum he este de que o Poeta aqui faz menção, que aportando na Ilha Ogygia, que he no mar Jonio defronte do cabo Lacimo, foy agazalhado de Calypso, filha de Oceano, & Thetis, & senhora daquella Ilha, a qual por esta razão hoje em dia entre os Autores se chama Calypso: & de maneyra o agazalhou, que o não queria largar fa-

zendo-lhe muytas promessas, onde ficara para sempre, se Jupiter a requerimento de Pallas o não esportára, como conta Homero na Odissea, & que por ordem dos Latinos he o livro quinto.

Se Antenor os seyo penetrou. Antenor foy Troiano de nação (segundo acho escrito) vendeo sua patria aos Gregos. Este depois de ter destruida, & queymada Troya, se recolheo a Italia, & edificou huma Cidade no territorio de Veneza, á qual do seu nome chamou Antenorica, hoje se chama Padua. Estas palavras, que o Poeta aqui poem, são a imitação de Virgilio na sua *Aeneida*, & porque trattão da chegada de Antenor a Italia, & como edificou Padua, & juntamente fazem menção do rio Timavo, & de modo que parecem mostrar que edificou Antenor a Cidade ao longo d'elle, não fédo assim. Entre Varões muy doutos ha sobre este rio grãdes altêrcações, as quaes declararey aqui.

*Antenor potuit medijs elapsus Achivis
Illyricos penetrare sinus, atque intima tutus
Regna Liburnorum, & fontem superare Timavi:
Unde per ora novem vastocum murmure montis
It mare præruptum, & pelago premit arua sonanti
Hic tamen ille urbem Patavi, sedesque locavit
Teucrorum, & genti nomen dedit.*

Queyxando-se Venus a Jupiter, & recontando-lhe os trabalhos que seu filho passava, dizia desta maneyra: que pode Antenor hum tão máo homem escapar das mãos dos Gregos, passar o mar sem perigo, entrar por terra firme pela Esclavonia: & passar a fonte de Timavo, & edificar Cidade onde elle, & os seus fizessem asiento. Estes versos dão em que cuydar a homens doutos, & curiosos das letras humanas, principalmente a cerca do rio Timavo, do qual o Poeta aqui tratta de proposito, sobre o qual rio ha grande contenda entre os homens que sabem. Este rio he nos confins de Aquilea Cidade da Senhoria de Veneza, que está pouco mais de tres legoas do mar. Desta Cidade á outra por nome Trieste (a que os Autores chamaõ *Tergeste*) haverá sete legoas ao longo da costa. Junto a esta Cidade está huma Igreja do nome do Bemaventurado S. Joãõ, da qual se vem humas terras asperas, & pedregosas, de cujas quebradas, & quedas se faz hum valle, no qual se juntão muytas aguas que correm dos montes que tem ao redor. E porque este valle he fundo, & cercado das terras que o cercaõ de maneyra, que as aguas que dellas deçem, não tem por onde sair fóra: a natureza lhe búlca remedio, & sorvendo-se alli da terra, arreventão ao pé dos ditos montes por diferentes partes, a modo de fontes, com tanto impeto, & estrondo, que espantaõ aos que o ouvem. Estas fontes, ou bocas por onde o Timavo sae, diz Estrabão Capadocio que são sete, & Marcial diz o mesmo.

*Et tu Ledæo felix Aquilea Timavo
Hic ubi septenas Cyllarus haurit aquas.*

Ou demoſtra como paſſando Caſtor filho de Tyndaro, & Leda por aquellas partes, bebeo o feu cavallo Cyllaro ſete aguas : dando a entender as aguas do Timavo , que nãſcem de ſete fontes. Virgilio diz que taõ nove.

*Unde per ora novem vaſto cum murmure montis
Iſ mare præruptum, & pelago premit arua ſonanti.*

Onde maravilhoſamente delcreve a ſahida do Timavo, em dizer *vaſto cum murmure*, pelo grande ruido, & eſtrondo das aguas ; de que taõ cauſa os muytos penedos com que as aguas ſe encontraõ. O lugar por onde eſte rio entra no mar (que he junto a Cidade Triefft , de que atraz falãmos) he pelos naturaes chamado mar , pelas muytas que leva: donde diz aqui Virgilio: *Iſ mare præruptum, & pelago premit arua ſonanti*: vay hum grande, & impetuoso mar , que parece querer aſſolar o mundo. Deſtes verſos de Virgilio tomão alguns occaſiaõ para dizerem , que o Timavo não he neſta paragem, mas que he hum rio que paſſa pela Cidade de Padua, a que os antigos chamavão Meduaco , & hoje pelos Paduanos he chamado Brenta , que faz muytas voltas pela Cidade, & por elle lhe vem em barcos a provitaõ neceſſaria dos lugares vizinhos. Para intelligencia dos quaes verſos ſe ha de notar, que Virgilio não diſſe que Antenor edificãra Cidade neſte lugar, onde o Timavo corre, mas falou geralmente que edificãra , não determinando lugar , porque a palavra, *hic*, não he adverbio , que moſtre lugar mas pronome relativo, que refere Antenor , & que ſe deve juntar com o *ille* que ſe ſegue: & aſſim ambos ſignificão como ſe fora hum tó. *Hic tamen ille urbem Patavi*. Eſte Antenor diz Virgilio edificou a Cidade de Padua. E deſte modo de falar ajuntando o *hic* com *ille* , & ſignificarem ambos huma meſma coula uſa muytas vezes Virgilio. *Hunc illum Fatís extrema à ſede profectum* , diz no ſetimo , & no meſmo livro : *hunc illum proficere facta*. Aſſim que a verdade do rio Timavo he a que tenho dito. Quanto as ſuas fontes não ſe póde com certeza affirmar ſerem dyto, ou ſete, ou nove, pela grande confuſãõ, & revolta das aguas que ha naquelle lugar ao ſahir, pelo que todos acertaõ.

E ſe o pradoſo Eneas navegou, de Scylla, & de Charyban o mar bravo. Eneas filho de Anchifes, & Venus foy taõ pontual, & taõ excellente Varãõ, que merecco epitheto de piadoſo entre os Poetas , como lhe chama aqui o noſſo Luis de Camões , & Virgilio fez muytos livros em feu louvor , aos quaes de feu nome intitulou Eneida. Eſte Eneas depois que ſahio de Troya ſua patria, paſſiou muytos trabalhos , & perigos no mar , como conta o meſmo Virgilio. Entre muytos hum muy arrifcado foy o de Scylla , & Charybdis, cachopos do eſtreyto de Meſſina entre Italia , & Sicilia , que terá de largo mil & quinhentos paſſos: no qual eſpaſſo de mar taõ pequeno fazem as aguas grande eſtrondo , & ruido , encontrando-ſe humas com

outras com tanto impeto , & furia , que parecem peleyjar entre ſi, humas fogindo, & outras arremetendo, que cauſa grande medo nos que o vem , & eſpanto nos que o ouvem: donde ſe levantãraõ as fabulas de Scylla , & Charybdis , dizendo que naquella paragem ladravãõ cáes , & havia outras monſtruofidades , o que tudo he pela grande revolta , & furia das aguas, como conta Juſtino , & outros. Scilla he hum penedo chamado hoje pelos que navegaõ Scyllo. Charybdis he agua com grãdes voltas, & rodominhos, o qual lugar ſe chama Galloſaro. A fabula de Scylla conta Ovidio nas Metamorphoſes, de Scylla, & de Charybdis largamente Virgilio na Eneida. Eſtas couſas de Antenor , & Eneas pós aqui o Poeta , por ſerem celebradas dos Poetas antiguos, as quaes ſãõ de muyto pouca importancia , em comparaçaõ das que os noſſos Portuguezes fizerão nas partes da India.

46

Fortalezas Cidades, & altos muros
Por elles vereis filha edificadas.
Os Turcos bellaciffimos, & duros
Delles ſempre vereis desbaratados:
Os Reis da India livres, & ſeguros
Vereis ao Rey potente ſobjugados:
E por elles de tudo em fim ſenhores,
Serãõ dadas na terra leys meliores.

Fortalezas. O que os Portuguezes fizerão na India, & as terras que conquistãraõ, he aſſã noto-rio, & neſte livro ſe tratão algumas , & logo nas oytavas ſeguintes : pelo que aqui ſe eſcuſa tratar dellas, reſervandoas para ſeus lugares proprios.

47

Vereis eſte, que agora preſſuroſo
Por tantos medos o Indo vay buſcando,
Tremar delle Neptuno de medroſo,
Sem vento ſuas aguas encreſpando:
O caſo nunca viſto, & milagroſo!
Que ferva, & trema o mar em calma eſtando!
O gente forte, & de altos pensamentos,
Que tambem della haõ medo os elementos!

Vereis eſte, que agora preſſuroſo. Eſte he Dom Valco da Gama Conde da Vidigueyra, & Almirante mór do mar Indico, o qual El-Rey Dom Joãõ o Terceyro elegeo por Capitãõ mór de huma armada que mandou á India no anno de 1524. com titulo de Viſorrey : o qual indo demandar a cotta de Cambaya (como por regimento levava) foy taõ grande o tremor do mar , que fez deſcorçoar a toda a armada. O que vendo Dom Vaſco da Gama levantou huma voz alta dizendo: amigos prazer, & alegria, que o mar treme com medo de noz: como

refere João de Barros na terçeyra Decada lib. 9. c. 1. onde diz que muytos doentes da armada com aquelle tremor farãrão.

48

V Vereis a terra, que a agua lhe tolbia,
 Que inda ba de ser bñ porto muy decete,
 Em que vão de scançar da longa via
 As naos que navegarem do Occidente:
 Toda esta costa em fim, que agora urdia
 O mortifero engano, obediente
 Lhe pagará tributos, conhecendo
 Não poder resistir ao Luso horrendo.

Vereis a terra que a agoa lhe tolbia. Entende Moçambique, no qual lugar (como fica dito) lhe quizerão estorvar fazer aguada.

Que inda ba de ser hum porto muy decente. Hoje he Moçambique a principal escala que os nossos navios tem na navegação da India.

Lhe pagará os tributos. No anno de quinhentos & dous, em que Vasco da Gama tornou a India com titulo de Almirante mór do mar, & com hũa frota de vinte velas, sojeytou toda a costa de Africa, & fez tributaria a El-Rey de Portugal a Cidade Quiloa.

49

E Vereis o mar roxo tão famoso
 Tornar selbe amarello de infiado:
 Vereis de Ormuz o Reyno poderoso
 Duas vezes tomado, & sojugado:
 Alli vereis o Meuro furioso
 De suas mesmas settas traspassado,
 Que quem vay contra os vossos claro veja,
 Que se resiste, contra si pejeja.

E vereis o mar roxo. A cerca do mar roxo, porque nem Gregos, nem Latinos acertãrão a causa desta cor, não tratarey do que elles dissêrão, & tambem por eytar proluxidade. A verdade, & certeza que hoje temos pela experiencia, exames, & diligencias que os nossos Portuguezes tem feyto he esta: naquelle mar por cima das aguas apparecem manchas vermelhas, brancas, & verdes, que fazem crer, aos que não sabem a verdade, ser aquella a verdadeyra cor daquellas aguas. O que não he assim; porque feyto como digo, exame nas aguas, tirando-as em baldes, se achou procederlhe aquella cor do fundo, porque a agua em si he tão clara como nas outras partes do mar, & assim de mergulho por ter partes muyto bayxas, se trazia do fundo huma materia vermelha de coral em ramos, & assim meimo das outras cores que por cima das aguas appareçião, & não tómente se fez pelos nossos Portuguezes esta experiencia em partes bayxas, mas em outras de mais de vinte braças de

altura, como conta João de Barros nas Decadas. Em conclusão a cor do mar roxo he do lastro, & fundo da terra, & tudo o que os Antiguos desta materia tratãrão he falso, pois elles nem experimentãrão, nem tratãrão de raiz deste negocio, como os Portuguezes o sabemos por verdadeyras Relações, & informações de nossas armadas, que naquellas partes tem cursado, & cursão continuamente, os quaes com muyta curiosidade procurãrão tirar a limpo a verdade do caso.

Vereis de Ormuz o Reyno poderoso. A Cidade de Ormuz, de quem o Reyno toma sua denominação, está tres leguas de terra firme, situada em huma pequena Ilha chamada Gerum, que jaz quasi na garganta do mar Perico, terá em roda pouco mais de tres leguas, toda muy esteril, sem ter de seu nem hum ramo, nem huma herva verde, nem agua, salvo de huns poços, ou cisternas: & se a querem melhor, a trazem da terra firme da Persea, donde tambem lhe vem ortaliga, verdura, fruyta, & outras muytas cousas em grande abundancia: que Ormuz não tem de sua colheyta mais que sal, & enxofre, em tanta quantidade, que do sal fazem lastro às naos. Com ser esta Cidade em si tão esteril, nos Edificios he magnífica, & grossa no trato, por ser escala onde concorrem do mundo todo, & com lhe vir a esta Cidade tudo de fóra, he muy abaltada, & abundante: & tão fermosa em si, que dizem os naturaes, que o mundo he hum anel, & Ormuz a pedra. Esta Cidade tomou duas vezes aos Mouros Affonso de Albuquerque com grande mortandade, & destruição dos da terra, como conta João de Barros, o qual trata de huma cousa maravilhosa, de que o Poeta aqui faz menção. Que se achãrão muytos Meuros mortos de frechas sem outra ferida alguma, não havendo na nossa armada pessoa que atirasse com arco, que parece que as frechas que elles atiravão, a elles meimos se virãvão, & os matãvão, & assim morrião com suas proprias armas, como diz aqui o Poeta.

50

V Vereis a inexpugnavel Dio forte,
 Que dous cercos terá dos vossos sendo:
 Alli se mostrarà seu preço, & sorte,
 Feytos de armas grandissimos fazendo.
 Envejeço vereis o graõ Mavorte:
 Do peyto Lusitano fero, & horrendo,
 Do Mouro alli verãõ, que a luz extrema
 Do falso Mafamede ao Ceo blasfema.

Vereis a expugnavel Dio forte. He Dio huma Cidade maritima no Reyno de Cambaya, a qual além de ser fortissima por natureza, & merecer o nome de inexpugnavel, tinha a entrada do porto huma cadea de ferro muyto grossa, que o impedia a todos, os que o querião tomar. He muyto fertil, & abundante do necessario para a vida, muyto

ladia,

fadia, & de muyto bons ares, & assim mesmo de grande trato. Entregou-a sem guerra o Soldão Badur Rey de Cambaya a Nuno da Cunha, porque o ajudou com alguns Portuguezes em huma guerra que tinha contra os Mogores, por cuja via foy restituído a seu estado, que os Mogores lhe tinham tomado: Arrependeu-se depois, & quísera haver Dio à mão, mas não foy poderoso para isso: antes foy esta sua determinação causa de sua morte, porque o matárao os Portuguezes. Quanto aos dous cercos que aqui trata o Poeta, o primeyro foy sendo Visorrey Dom Garcia de Noronha, & Capitão de Dio Antonio da Sylveyra anno de 1538. & o segundo Governador Dom João de Castro, o qual defendeo Dom João Mascarenhas anno de 1547.

51

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, & sublimada
Com os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, altiva, & exalçada
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro freyo porá, & a toda a terra
Que cuydar de fazer aos vossos guerra.

Goa vereis aos Mouros ser tomada. Goa he a metropoli Episcopal da India, & o patrimonio dos Reys de Portugal naquellas partes. Está situada esta Cidade em huma Ilha chamada Teçuarij, que quer dizer trinta Aldeas, porque tantas teve antigamente, & tantas pagavão tributo aos Senhores de Goa. He Cidade muyto nobre, de muyto excellentes Edifícios, tem muyto boas aguas, he muyto fertil, & graciosa, & tem muyto bom porto. Chama-se Ilha, por ser rodeada de estreytos de agua salgada por entradas, que o mar faz na terra com ajuntamento de alguns rios de agua doce, que decem da ferra de Gate. Foy esta Cidade duas vezes tomada aos Mouros: a segunda, & da qual ficou até hoje em poder dos Portuguezes, foy hum dia da Bemaventurada Santa Catherina, de mil & quinhentos & dez. O modo de sua tomada se trata no Canto decimo.

Ao Gentio que os idolos adora, duro freyo porá. Isto diz, porque de Goa saem as armadas contra todos os Mouros da India, que pela mayor parte são Gentios, & esta Cidade os enfreya, & não deyxá fazer cousa alguma contra os nossos Portuguezes, & terras que tem conquistadas, porque está sempre com mão armada para acudir a todas as partes.

52

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor com pouca força, & gente:
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, & tão potente.

*E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto hum peyto soberbo, & insolente,
Que Cytharajá mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, & gloria.*

Vereis a fortaleza sustentar-se de Cananor. He Cananor na costa do Malavar, entre Goa, & Cochim: succedeo este cerco, de que o Poeta aqui fala, em Agosto de 1507. sendo Viso-Rey da India Dom Francisco d'Almeyda, & Capitão da fortaleza de Cananor, Lourenço de Brito. Passárao neste cerco os Portuguezes muytos trabalhos, fomes, & ledcs, & sendo muyto poucos, houveraõ grandes victorias de El-Rey de Cananor, & do Samorim, que o ajudava.

E vereis Calecut desbaratar-se. O Malavar he huma das Provincias da India, em cuja costa dissemos atraz estar Cananor. Começa esta Provincia no monte Dely, & acaba no cabo do Comori, entre os quaes dous terminos, haverá oytenta leguas de comprimento. Dizem os Indios que esta terra do Malavar foy em outro tempo mar, o qual correo para as Ilhas de Maldiva, que eraõ naquelle tempo terra firme, & que desta maneyra a terra que agora chamão Malavar ficou firme, & as Ilhas de Maldiva alagadas. Nesta Provincia do Malavar ha muytas, & muyto ricas Cidades, das quaes Calecut he a principal, de que aqui o Poeta fala, por ser a principal eicala, & mais rica de toda a India: porque nella se achão em abundancia todas as couças que os homiens bulcão para suas mercancias, & tratos. Huma imperfecção tem, que he serem todas as casas palhaças, salvo as dos Reys, & dos seus idolos, que são telhadas, & muyto ricamente guardadas. He Calecut muyto fermosa á vista, por estar situada na costa do mar ao longo de hum arrecife com muytas hortas, que tem muytas fruytas, ortaliga, & muyto boas aguas. Toda a terra do Malavar se chama Calecut do nome da Cidade, & o Senhor da terra Samori, que he comõ entre nós Emperador, por ser o mayor Senhor de toda aquella Provincia: & ao qual todos os mais antigamente obedeção. Esta Cidade foy entrada dos nossos, queymada, & destruida no mez de Janeyro de 1509. o primeyro anno da governança de Affonso de Albuquerque, & des daquelle tempo ficára sogeta para sempre, te na entrada se não desmandárao os nossos.

E vereis em Cochim. He Cochim cabeça de hum Reyno chamado assim, está 30. leguas de Calecut na costa do Malavar. Com os Reys desta terra tiverão sempre os Portuguezes muyta amizade, & em toda a India nunca achárao lealdade, como neste Reyno. Aqui tem El-Rey de Portugal huma fortaleza muyto fermosa ao longo do mar, & a principal feytoria da India, por haver aqui grande carregação, principalmente de pimenta.

Assinalar-se tanto hum peyto. Este de que aqui o Poeta trata foy Duarte Pacheco, que fez em Cochim maravilhas contra o Samori Senhor de Calecut,

lecut, em defensão d'El-Rey de Cochim: ao qual o Samori, & outros muytos Senhores do Malavar perseguirão, por ser amigo dos Portuguezes, como refere o nosso Poeta no canto decimo.

Que Cythara já mais. Por Cythara entende a Poesia, pela grande conformidade que nestas Artes liberaes, Musica, & Poesia ha. O que o Poeta aqui diz para encarecimento da grande cavalleria de Duarte Pacheco: & que tudo o que os Poetas creverão de feytos grandes, não se poderaõ comparar cõ os que fez Duarte Pacheco em Cochim.

53

Nunca com Marte instructo, & furioso,
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Accias guerras animoso,
O Capitão venceo Romano injusto:
Que dos povos da Aurora, & do famoso Nilo, & do Bactro Scythico, & robusto, A victoria trazia, & preza rica, Preso da Egepcia linda, & não pudica.

Nunca com Marte instructo, & furioso. No Epyro, que hoje se chama Albania, ha hum peninfula, a que Plinio chama Leucadia, onde diz haver duas povoações, hum por nome Leuca; outra Nerito: nesta Ilha está o cabo Leucate; & perto outro chamado Accio, que hoje se chama Cabo figalo: na qual paragem foy aquella batalha naval entre Augusto, & Marco Antonio, tão celebrada pelas historias: em a qual Marco Antonio, & Cleopatra Raynha de Egipto forão desbaratados. Diz o Poeta que tervia Leucate, não porque nelle fosse a guerra, pois era no mar, se não por ser muyto perto d'elle. Ou porque da peninfula Leucadia, que aqui entende por Leucate, vinhão algumas ajudas, & apercebimentos de guerra. Usa da phrase Virgiliana: Fervere Leucate, &c. *Æneid.* lib. 8.

O Capitão venceo Romano injusto. Este Capitão Romano injusto, he Marco Antonio, que em todas as partes onde esteve cometeo muytas injustiças, & fez muytos aggravos á gente que governava: como se pôde ver em Plutarco na sua vida: Estando este Marco Antonio por Governador do Oriente, embarçou-se com Cleopatra Raynha do Egipto, & repudiou a oitava irmã de Octaviano Augusto, & roubou o povo Romano por enriquecer a Cleopatra, dando-lhe muytas Provincias, & Reynos. Octaviano sofrendo mal a injuria feyta a sua irmã, & os aggravos, & afrontas que fazia ao povo Romano, sahio de Roma com grande exercito em busca de Marco Antonio, & Cleopatra: os quaes tambem abaláraõ do Oriente com o mesmo dectenho, & nesta paragem do cabo Figalo (de que atrás tratamos) a que os Latinos chamão *actio*, se encontráraõ, & tiverão hum crucl batalha, na qual foy vencido Marco Antonio, &

Cleopatra. Depois do desbarate fugirão para o Egipto, & recolherão-se na Cidade Alexandria, na qual Marco Antonio se matou com suas proprias mãos, sendo de idade de cincoenta & seis annos; cuydando ser Cleopatra morta: o que ella fez fingir aos seus, como refere Plutarco, por certos desgostos que entre elles houve. Cleopatra se matou depois de entrada a Cidade. Velleo Paterculo, & outros querem, que com humas cobras chamadas aspides: inda que nisto não há outra certeza, talvo levar Octavio quando triumphou deste successo, hum retrato de Cleopatra com hum alpide em hum braço, & Propercio diz que o vio. A batalha naval entre Octaviano, & Marco Antonio descreve Virgilio na *Æneida* lib. 8.

Que dos povos da Aurora, & do famoso Nilo. Convocou Marco Antonio para esta guerra muyta gente de Persia, Arabia, Armenia, & Scythia por onde o Rio Bactro passa: & do Egipto, que entende pelo Nilo.

Preso da Egepcia linda, & não pudica. Entende Cleopatra Raynha do Egipto; fermola, mas pouco honesta.

54

Como vereis o mar fervendo aceso
Com os incendios dos vossos peleyjando
Levando o idolatra, & Mouro preso
De Nações diferentes triumphando.
E sojeyta a rica aurea Chersoneso, Atè o longinquo China navegando: E as Ilhas mais remotas do Oriente, Ser lhe hà todo o Occeano obediente.

E sojeyta a rica aurea Chersoneso. He Chersoneso palavra Grega composta de Chersos, & Nitos; terra, & Ilha: donde Chersoneso he peninfula differente da Ilha. Porque a Ilha he toda cercada do mar: & a peninfula tem terra por onde se entra em terra firme: & porque Chertoneso he palavra geral a todas as peninfulas, para se especificar a de que se trata, se lhe dá sempre epitheto conveniente, como a Malaca aqui chamada aurea, que quer dizer de ouro, por razão do muyto que se trás de Moncabo, & Barros, que são duas Comarcas, donde se tira na Ilha Samatra, que he a propria, a que os Antigos chamáraõ Aurea Chersoneso, cuydando ser continua a outra terra firme, onde ora está situada Malaca. Esta Cidade he cabeça de todo o Reyno assim chamado: está em dous grãos & meyo da linha para a parte do Norte. Tem muyto bom porto, & frequentado de todas as Nações do mundo, porque de todas as cousas he muyto abundante. É para remate de tudo, o que della se pôde dizer, basta o epitheto que tem d'ouro, assim per haver muyto nella, como por ser fermosissima, & cheya de todas as cousas boas do mundo. Esta ganhou aos Mouros o grande Affonso de Albuquerque dia de S. Lourenço, anno de 1511. tendo-lhe

dolhe já dado outro combate em dia de Santiago da meina era, como te póde ver nos seus Comment. na 3. part. & João de Barros na 2. Dec. lib. 5. c. 5.

55

DE modo filha minha, que de geyto
Amostrárao esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peyto,
Do Gangetico mar ao Gaditano:
Nem das Boreaes ondas ao estreyto,
Que mostrou o agravado Lusitano:
Posto que em todo o mundo, de afrontados
Refusciassem todos os passados.

Do Gangetico mar ao Gaditano. De Oriente a Poente, porque mar Gangetico he o mar da India Oriental, chamado assim do Rio Ganges, que a rega. O mar Gaditano he o mar Occidental dito assim de Gades, que he a Ilha Cadiz no Poente.

Nem das Boreaes ondas ao estreyto, que mostrou o agravado Lusitano. Por estas palavras entende as outras partes do mundo, que são Norte, & Sur. Ondas Boreaes he o mar do Norte chamado assim de Boreas vento, que sopra daquella parte. Estreyto, que mostrou o agravado Lusitano, he o estreito de Magalhães que cae ao Sur. O que o Poeta quer dizer por estes termos de falar, com que Jupiter encarece a valentia dos Portuguezes he, que de Oriente ao Poente, & do Norte ao Sur, em que se comprehende o mundo todo, nunca houve gente mais esforçada que os Portuguezes. Quanto ao Portuguez aggravado, de que nesta oytava faz menção, he Fernão de Magalhães, o qual aggravado d'El-Rey Dom Manoel, por lhe não querer acrescentar dous tostões de moradia por mez, sahio de Portugal, & se foy a Castella: & no anno de mil & quinhentos & dezanove, sahio do porto de Sevilha com cinco velas para as Ilhas de Maluco: o qual foy correndo a costa do Brazil até o Rio da prata, que era já descoberto por parte de Castella. E caminhando chegou a hum Rio, a que poz nome de S. Julião que está em quarenta & nove graos, onde inverno na entrada de Setembro, no qual tempo começa o veraõ naquella terra, fahirão do Rio, & descobrirão o estreito, a que puzeraõ nome de Magalhães, do nome de Fernão de Magalhães Capitão daquellas cinco velas, & daquella armada, o qual está em cincoenta & dous graos da banda do Sur.

56

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maya a terra, por que tenha
Hum pacifico porto, & sossegado,
Para onde sem receyo a frota venha:
E para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha;

Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra onde quieto repousasse.

Por filho de Maya. Entende Mercurio filho de Jupiter, & Maya, filha de Atlas Rey de Africa. Elle fazem os Poetas menageyro dos falsos Deotes, como aqui diz o nosso Luis de Camões: fingindo que o mandara Jupiter leu pay com recado aos Portuguezes, avifando-os da trayção que lhe em Mombaça estava ordenada, & que logo deste á vela caminho de Melinde.

E para que em Mombaça aventurado. De Mobaça se veja a nossa annotação no canto primeyro oytava 54.

57

JA' pelo ar o Cylleneo voava
Com as asas nos pés á terra dece,
Sua vara fatal na mão levava
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
Dos infernos, & o vento lhe obedece,
Na cabeça o galero costumado,
E desta arte a Melinde foy chegado.

Id' pelo ar o Cylleneo voava. Cylleneo he Mercurio, chamado assim de hum monte de Arcadia chamado Cyllene, onde era venerado. Nesta oytava descreve as insignias que levava Mercurio, quando hia levar suas embaxadas. Tudo o que he necessario para declaração desta oytava, se póde ver no canto primeyro, oytava 20. De Melinde trato na oytava seguinte.

58

Configo a fama leva, por que diga
Do Lusitano o preço grande, & raro,
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem amado, & caro.
Desta arte vay, fazendo a gente amiga
C'o rumor famosissimo, & preclaro,
Já Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto, & modo.

Configo a fama leva. Enojada a terra de Jupiter, & dos mais falsos Deotes por lhe destruirem os Gigantes seus filhos, criou novamente a fama para lhe descobrir seus vicios, & para fazer notorio ao mundo, quaõ perversos, & estragados homens forão, como diz Virgilio lib. 4. na sua Eneida. E porque o officio da fama he dizer tudo, a pinta aqui o Poeta em companhia de Mercurio, para declarar aos Melindanos o valor dos Portuguezes. Da fama se veia a nossa annotação no canto nono, oytava 44.47.88.

Que o nome illustre a hum certo amor obriga. Couisa natural he affeyçoaremse as pessõas á gente excelente

lente em alguma arte, & quererlhe bem, & inda que as não conheção, senão de ouvida somente: donde veyo aquelle dito tão celebrado, *Virtus gloriam gloria amorem parit*. As boas partes fazem, que os homens se jáo conhecidos por fama. Esta fama faz que a gente se lhe affeyçoe.

Lá Melinde em desejos arde todo. Melinde está na costa de Africa, a qual se chama hoje costa de Melinde, porque neste lugar foraõ os Portuguezes bem recebidos, como pelo contrario em Mombaça, & em Moçambique, que são na mesma costa. Esta Melinde de Mombaça 18. leguas tres graos da banda do Sur. He Cidade grande, & bem aruada, de muyto fermosas casás de pedra, & cal, com muytas janelas, & eyrados: tem muytas hortas com muyta ortaliga, & fruyta, & muytos mantimentos. Não tem bom porto, por ser quasi costa brava, & estar dentro de hum arrecife, onde arrebenta o mar, mas tem hum campo ao longo do mar, que lhe dá muyta graça. O Rey de Melinde deu Piloto aos Portuguezes que os levasse a Calcut.

59

D *Alli para Mombaça logo parte,
Aonde as não estavão temerosas,
Para que à gente mande, que se aparte
Da barra inimiga, & terras sospeytosas:
Porque muy pouco val esforço, & arte
Contra infernaes vontades engãnosas:
Pouco val coração, astucia, & siso,
Se lá do Ceo não vem celeste aviso.*

Se lá do Ceo não vem celeste aviso. Dito he este de Varão Cavalleyro, & temente a Deos porque nas terras não há quem sayba: & pouco valem forças, & taber humano, onde Deos não entra.

60

M *Eyo caminho a noyte tinha andado,
É as estrellas no Ceo cõ a luz alheya
Tinhaõ o largo mundo alumiado,
E sã c'õ o sono a gente se recrea.
O Capitvõ illustre já cansado,
De vigiar a noyte que arrecea,
Breve repouso então aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava.*

Meyo caminho a noyte tinha andado. Diz que a meya noyte avisou Mercurio ao Capitão mór Vasco da Gama, o que havia de fazer.

As estrellas no Ceo co a luz albea. Chama a luz das estrellas alheya, porque todos os Planetas, & estrellas recebe a luz que tem do Sol. Veja-se a nossa annotação atrás neste mesmo canto oytava 1.

61

Q *Vãdo Mercurio em sonhos lhe aparece
Dizendo: fuge, fuge Luzitano
Da cilada que o Rey malvado tece,
Por te trazer ao fim, & extremo dano:
Fuge, que o vento, & o Ceo te favorece,
Seren o tempo tens, & o Oceano.
E outro Rey mais amigon'outra parte,
Onde podés seguro agazalhar te.*

Outro Rey mais amigo n'outra parte. Este Rey, que Mercurio disse aos Portuguezes, que tinham mais amigo n'outra parte, era o de Melinde que os agazalhou, & favoreceo muyto diferente do que os receberão todos os outros desta costa de Africa, porque todos determinãrão destruilos:

62

N *Aõ tens aqui senão aparelhado
O hospicio que o crũ Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente, que hospedava:
As Aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes imolava,
Terã certas aqui, se muyto esperas:
Fuge das gentes perfidas, & feras.*

O hospicio que o crũ Diomedes dava. Este Diomedes foy hum tyrano cruelissimo de Thracia, que sustentava os seus cavallos com a carne, & sangue dos hospedes que agazalhava. A este matou Hercules, & fez delle o que elle fazia dos outros.

As Aras de Busiris infamado. Busiris foy hum grande tyranno do Egypto: o qual sacrificava seus hospedes aos seus idolos, & querendo fazer o mesmo a Hercules, o matou a elle. Chamou-lhe aqui o Poeta infamado, a imitação de Virgilio Georg. 2. *Aut illaudati nescit Busiridis aras*. Ou não sabe os altares do infame Busiris.

63

V *Ayte ao longo da costa discorrendo,
É outra terra aiharã de mais verdade
Lá quasi junto, donde o Sol ardendo
Iguala o dia, & noyte em quantidade:
Alli tua frota alegre recebendo
Hum Rey com muytas obras de amizade,
Gazalhado seguro te daria,
E para a India certa, & sabria guia.*

Lá quasi junto donde o Sol ardendo. A terra, para onde Mercurio encaminhava os nossos era Melinde, que está quatro graos da banda do Sur. Pelo que

que diz, lá quasi junto donde o Sol ardendo iguala o dia, & noyte em quantidade; dando a entender que estava perto da linha, na qual paragem os dias, & as noytes são iguaes. Mas porque Melinde está quatro graos da banda do Sur, usou deste termo, quasi dando a entender, que estava perto da linha.

64

I Sto Mercurio disse, & o sono leva
Ao Capitão, que com muy grande espanto
Acorda, & vê ferida a escura treva
De huma subita luz, & raso santo.
E vendo claro, quanto lhe releva,
Não se deter na terra iniqua tanto.
Com novo espirito ao mestre seu mandava,
Que as velas desse ao vento, que asoprava.

E o sono leva ao Capitão. Levou-lhe o sono com a sua vara, a qual entre outras propriedades, & virtudes, lhe atribuem os Poetas esta de tirar o sono, & adormecer, como diz Virgilio. *Dat somnos, adimique, & lumina morte resignat.* Faz dormir, & acordar.

65

D Ay velas, disse, day ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, & Deos o mãda.
Que hum mensageyro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda.
Alévanta-se nisto o movimento
Dos marimheynos de huma, & d'outra banda,
Levão, gritando, as ancoras acima,
Mostrando a rude força que se estima.

66

N Neste tempo, que as ancoras levavão,
Na sombra escura os Mouros escõdidos
Mansamente as amarras lhe cortavão
Por serem dando à costa, destruidos:
Mas com vista de Lynces vigiavão
Os Portuguezes sempre apercehidos,
Elles, como acordados, os sentirão,
Voando, & não remando lhe fugirão.

Mas com vista de Lynces vigiavão. O Lynce he animal que vê muyto, como diz Plinio lib 28. cap. 8. in fine, ao qual compãra aqui o Poeta os Portuguezes, pela grande vigilancia, & cuydado que tinham na guarda das naos. A fabula de Lyncio convertido em Lynce conta Ovidio nas Metamorphosis, lib. 5.

67

M As já as agudas proas apartando
Hião as vias humidas de argento,

*Assopralhe Galerno o vento, & brando
Com suave, & seguro movimento:
Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.*

As vias humidas de argento. Entende as aguas do mar, as quaes costuma o Poeta chamar argento, que quer dizer prata, pela conformidade, & semelhança que na qualidade da brancura as aguas tem com ella: como os Poetas, mórmente os Gregos viaõ. E daqui chama Homero em muytas partes a Thetis senhora do mar. *Pedes argenteos habens*, que tem pés de prata. Galerno he vento, a que chamão os marinheynos de todo pano, quando fazem viagem aquartelar, como elles falaõ, que he hir em bonança, melhor que com vento a popa. Porque então vay a não, que parece, que se não move, fazendo prospera viagem.

68

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
Em outra começava, quando virão
Ao longe dous navios, brandamente
Com ventos navegando, que respirão:
Porque havião de ser da Maura gente,
Para elles arribando as velas virão,
Hum do temor do mal, que arreceava,
Por se salvar a gente, a costa dava.

Tinha huma volta dado o Sol ardente. Depois que Vasco da Gama sahio de Mombaça, sendo já della oyto leguas, surgio huma noyte junto à terra, por lhe acalmar o vento: & em amañhecendo aparecerão dous Zambucos, que são navios pequenos, os quaes seguirão Vasco da Gama até horas de véspera, dos quaes tomou hum só, porque o outro varou em terra, & a gente se pôs em salvo. Isto fazia o Capitão mór Valco da Gama, porque tinha necessidade de Piloto, que o levasse á India, & andava vendo se o podia achar de bom lanço naquellas partes. E por este respeyto trabalhava tanto por tomar os Zambucos. E isto he o que aqui diz o Poeta. Que o Sol tinha huma volta dado si. que era passado hum dia, depois que sahiraõ de Mombaça, & que ao outro dia seguinte pela manhã apparecerão os Zambucos.

69

N Am he o outro que fica tão manhoso,
Mas nas mãos vay cair do Lusitano,
Sem origor de Marte fariofo,
E sem a furia horrenda de Vulcano.
Que como fosse debil, & medrosa
Da pouca gente o fraco peyto humano:

*Não teve resistencia, & se a tivera,
Mais dano resistindo recebêra.*

Sem o rigor de Marte furioso. Diz que tomarão aquelle navio sem contradicção, & sem a furia borrenda de Vulcano: nem pejeja alguma; o que mostra por estas palavras, Marte, & Vulcano, hum Deos da guerra, outro do fogo, como se diz por muytas vezes nestas nossas annotações. Vulcano se toma aqui pela artelharia, & espingardaria, como he ordinario nos Poetas Latinos.

70

E *Como o Gama muyto desejasse
Piloto para a India que buscava,
Cuydou que entre estes Mouros o tomasse:
Mas não lhe socedeo como cuydava.
Que nenhum delles ha, que lhe ensinasse,
A que parte dos Ceos a India estava,
Porém dizemlhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão Piloto certo.*

Que nenhum delles ha. Estes Mouros que tomaraõ no Zambuco, erão daquelle costa de Melinde, gente barbara, & boçal, pelo que nenhum toube dar razão da India.

71

L *Ouvão do Rey os Mouros a bondade,
Condição liberal sincero peyto,
Magnificencia grande, & humanidade,
Com partes de grandissimo respeyto:
O Capitão o assella por verdade,
Porque já lho dissera deste geyto
O Cyllenéo em sonhos, & partia,
Para onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.*

O Cyllenéo. Atrás fica dito, como Jupiter mandara Mercurio seu Embaxador, a avisar os Portuguezes, se desviassem de Mombaça, & que fizessem sua viagem: que adiante acharião porto, & gazalhado em hum lugar chamado Melinde: cujo Rey era homem de grande condição, & partes. E isto he o que aqui diz o Poeta.

72

E *Ra no tempo alegre quando entrava
No roubador de Europa a luz phebea:
Quando hum, & outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O pressuroso Sol que o Ceo rodeya,
Em que aquelle, a quem tudo está sogeyto,
O sello pos a quanto tinha feyto.*

Era no tempo alegre quando entrava. No roubador

Canto Segundo.

de Europa a luz Phebea. Descreve o tempo, & dia em que a nossa armada ouve vista de Melinde. O tempo diz, que era quando o Sol entra no Signo Tauro, que he no mez de Abril. Luz Phebea, he a luz do Sol. Chama-se luz Phebea, porque entre outros nomes que o Sol tem, hum he Phebo. O roubador de Europa he o Tauro, pelo que contraõ os Poetas, que Jupiter em figura de touro furtou a Europa filha de Agenor Rey de Phenicia, & a levou a Candia: & por este respeyto poz o touro no Ceo, & fez delle huma constellação, que he hum dos doze Signos do zodiaco. Chama a este tempo alegre, porque he o mais de todo o anno; pois a terra esta como hum fermoso paynel, vestida de todo o genero de boninas, & flores. Como se entenda entrar o Sol em algum Signo, se lea o que escrevemos no canto quinto, oytava segunda.

Quando hum, & outro corno lhe aquentava. Isto diz, pelo que os Poetas dizem do Signo Tauro, que em memoria do turto que fez Jupiter, quando em figura de touro roubou a Europa, não apparece este Signo no Ceo à parte trazeyra: & assim as principaes estrellas tem no rosto, & peçoço.

E Flora derramava o de Amalthea. Para mayor declaração do tempo, de que acima falámos, usa destas palavras, que Flora Deosa das flores, derramava boninas, & flores por toda a terra em grande abundancia: Pelo que se conta do Corno da Cabra Amalthea, que deu de mamar a Jupiter, que tudo, o que querião se achava nelle. De Flora se veja o que escrevemos no canto 9. oytava 61.

A memoria do dia renovava o pressuroso Sol que o Ceo rodeya. Depois que o Poeta tratou do tempo que a nossa armada vio Melinde, que foy no mez de Abril; tratta agora do dia, o qual diz, que foy aquelle em que Deos poz o sello a quanto tinha feyto. Este dia, como consta das Historias, foy dia de Pascoa da Resurreyção 15. de Abril de 1498. dia, ao qual com muyta rezão deu o Poeta este nome, que poz Deos o sello nelle, a quanto tinha feyto, pois nelle poz a ultima mão a todos os beneficios, & mercês, que desde a criação do mundo havia feyto aos homens; principalmente ao da tua Sacratissima Payxaõ, & Redempção do genero humano. E assim diz, a quanto tinha feyto, porque entende tudo o que tinha feyto desde a Criação, à qual se refere á Redempção, & a Redempção à Resurreyção, com a qual acabou, & poz sello a todas as mais obras que pelos homens tinha feyto. E assim o Bemaventurado S. Paulo ad Philippenses 3. tratrádo desta obra excellentissima da Omnipotencia Divina diz: Que a mayor consolação que tem os Christãos, & o mayor remedio para todos os trabalhos da vida, & para todos os successos que pode haver nella, he, a esperança da Resurreyção, pois com ella acabou o Redemptor nosso de vencer, & confundir ao demónio, & nos abrio as portas do Paraito, que d'antes estavam cerradas. Chamou ao Sol pressuroso, que rodeya o Ceo, porque em espasmo de vinte & quatro horas

dá volta ao Universo, levado com furia, & impeto do primeyro mobil, de Oriente para Occidente, como se tratta no canto decimo, oytava 85.

73

Quando chegava a frota àquella parte
Onde o Reyno Melinde ja se via;
De todos adornada, & leda de arte,
Que bem mostra estimar o santo dia:
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpurea ao longe aparecia,
Soão os atambores, & pandeyros:
E assentravão ledos, & guerreyros.

Que bem mostra estimar o santo dia. Descreve a alegria com que a armada chegou a Melinde, & o dia, que foy dia de Pascoa da Ressurreycão, como fica dito.

74

Enchese toda a praya Melindana
De gente, que vem vir a leda armada,
Gente mais verdadeyra, & mais humana,
Que toda a d'outra terra atrás deyxada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a ancora pezada:
Mandão fóra hum dos Mouros que tomárão,
Por quem sua vinda ao Rey manifestárão.

Que toda a de outra terra atrás deyxada. Porque em todos os outros lugares daquella costa tiverão contradicção, & ruim gazalhado, talvo em Melinde.

75

O Rey que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima o merece.
E com verdadeyro animo, & pureza,
Que os peytos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muyto, que sabissem,
Para que de seus Reynos se servissem.

Que os peytos generosos ennobrece. Proprio da nobreza he, guardar verdade, & primor em tudo, donde disse o Philosopho Democrates: *Pecundum nobilitas in bono, validoque corporis habitum sita est; hominum autem in bonitate morum.* A nobreza dos animaes consiste nas boas feycões do corpo, & fortaleza, & a do homem na bondade dos costumes. Esta he a verdadeyra nobreza, figundo to os os sabios, & não a daquelles, que fiando-se da nobreza dos avós, vivem bayxa, & estragadamente. Donde Ulysses naquella contenda que teve com Ajax que Ovidio reconta: *Nam genus, & proavos, & que*

non fecimus ipsi, Vix ea nostra voco. Geração, & bitavós, & as causas que não fizemos, apenas lhe chamó nossas.

76

São offerecimentos verdadeyros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rey manda aos nobres cavalleyros,
Que tanto mar, & terras tem passadas.
Mandalhe mais lanigeros carneyros;
E Galinhas domesticas cevadas,
Com as fruytas, que então na terra havia,
E a vontade à dadiva excedia.

Lanigeros carneyros. Lanigeros he epithero do carneyro, & ovelhas: & chama-se assim de *lana*, *Lam*, & *gero*, que quer dizer trazer, por serem cubertos de *lana*.

77

Recebe o Capitão alegremente
O mensageyro ledo, & seu recado;
E logo manda ao Rey outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea, cor ardente,
O ramofo coral fino, & pezado:
Que debayxo das águas mole crece,
E como he fóra dellas se endurece.

O ramofo coral. O coral nace debayxo d'agua, como lastro della, a modo de ramos de arvore com muytos esgalhos, como he assás notorio, & sabido: A transformação, & fabula do coral, & de que modo toy feyto, conta Ovidio nas *Metamorphosis* lib. 4. O qual em quanto está debayxo d'agua, he molle, & em o tirando fóra, se faz duro, como diz o mesmo Poeta lib. 15.

*Sic, & corallium, quo primum contigit auras
Tempore durefcis, mollis fuit herba sub undis.*

Assim o coral, diz Ovidio, em o tirando d'agua, & aparecendo ao ar, logo se faz duro, o qual debayxo d'agua era herva molle, & branda.

78

Manda mais hum na pratica elegante,
Que cõ o Rey nobre as pazes cõcertasse,
E que de não sabir naquelle instante
De suas naos em terra, o desculpasse:
Partido assi o embayxador prestante,
Como na terra ao Rey se apresentasse,
Com estilo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes falando orava.

Com estilo que Pallas lhe ensinava. Pallas tinhaõ os
H antigos

antigos por Deosa da sciencia, & da guerra. Tem entre os Poetas diferentes nomes: fingem, que nasceo da cabeça de seu pay deste modo. Estando Jupiter com grande dor de cabeça, mandou chamar seu filho Vulcano, & disse-lhe que lhe fendesse a cabeça com hum machado, como fez, & logo sahio Pallas armada molher já caladoura, fermosa, & com huma lança nas mãos. Chamaõ-lhe Deosa da guerra, & da sciencia, porque estas duas artes juntas parecem bem, & ajudão muyto. É esta he a razão porque fazem a Pallas nacida da cabeça de Jupiter seu pay, por ser cabeça, & assento da fabricatoria, a qual parte he muyto necessaria aos homens que tem estorço, & vivem da milicia. Donde aquelle grande Poeta Homero na sua Iliada faz companheyros a Ulysses, & Diomedes, porque Ulysses era muyto avilado, & Diomedes grande cavalleyro. Veja-se a nossa annotação no canto terceyro, oytava noventa & leis.

79

Sublime Rey, a quem do Olympo puro
Foy da summa justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado, que temido.
Como porto muy forte, & muy seguro
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo, que queremos.

Não, menos, delle amado, que temido. O verdadeyro Rey, & que merece este nome nas terras, ha de ter estas duas partes: bondade, pela qual todos os bons o amem: gravidade, & inteyreza, com que seja temido dos maos. Donde Hocrates na vida de Evagoras, diz estas palavras: Governava a sua Republica tão piadosa, & humanamente, que os que o vião, não somente a elle tinhão por bemaventurado, por assim tratar a sua gente: como aos seus, por assim serem tratados delle. Em conclusão assim passou sua vida, que nunca nella aggravou a ninguem, honrando aos bons, & castigando aos maos. l. I. m.

80

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas Cidades descuidadas,
A ferro, & fogo as gentes vão matando
Por roubar-lhe as fazendas cobigadas.
Mas da soberba Europa navegando
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande, & rica por mandado
De hum Rey, que temos, alto, & sublimado.

De hum Rey que temos alto, & sublimado. Este era El Rey Dom Manoel xiiij. de Portugal, o qual com muyta instancia procurava o descobrimento

da India, como se trata neste livro largamente em muytos lugares.

81

Que geração tão dura ha hi de gente,
Que barbaro costume, & usança fea,
Que não vedem os portos tão somente
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que mã tenção? que peyto em nós se sente?
Que de tão pouca gente se arrecea,
Que com laços armados tão fingidos
Nos ordenassem vernos destruidos?

Que geração tão dura. Esta exclamação de que o Poeta aqui uta, he a imitação de Virgilio onde Ilioncu companheyro de Eneas, vendo-se livre de huma grande tormenta que no mar teve, posto diante de Elyta Dido Raynha de Carthago, lhe reconta o mau gazalhado que recebião da gente daquella costa, que nem na triste, & desamparada area lhe deyxavaõ fazer assento.

Quod genus hoc hominū? que ve hunc tam barbara morē
Permittit patria? hospicio prohibemur arena.

Que geração he esta de gente? que terra tão barbara permite este costume? eis aqui nem na area nos deyxão por pē.

82

Mas tu, em quem muy certo confiamos,
Acharse mais verdade, ó Rey benigno,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino:
A teu porto seguros navegamos
Conduzidos do interprete Divino:
Que pois a ti nos manda, está muy claro,
Que es de peyto sincero, humano, & raro.

Que teve o perdido Ithaco em Alcino. Alcino foy Rey de Corcyra Ilha, que hoje se chama Corfu, foy muyto curioso de jardins, & hortas: & dizem que nesta sua Ilha havia tanta abundancia de fruytas, que todo o anno as havia, de maneyra que huma acabada, outra começava, donde disse Estacio nas Sylvas.

Quid bifera Alcioni laudem pomaria? vosque
Qui nunquam vacui prodisti in æthera rami?

Para que trattarey dos pomares de Alcino, que dão fruyto duas vezes no anno, & de voz ramos, que nunca estais no ar vazios. A esta Ilha aportou Ulysses (a que o Poeta aqui chama Ithaco, porque era Senhor de Ithaca), & foy recebido, & agazalhado de Alcino com todo o bom tratamento, como conta Homero na Odissea lib. 5. 6. & 7.

Conduzidos

Conduzidos do interprete Divino. Interprete Divino he Mercurio, por que o fingem interprete, & menlageyro de Jupiter seu pay, & de todos os mais falios Deotes, como fica dito cant. 1. oytav. 3.

83

E Não cuydes, ó Rey, que não sabisse
O nosso Capitão esclarecido
A verte, ou a servirte porque viſſe
Ou ſoſpeytasse em ti peyto fugido:
Mas ſaberás, que o fez, porque compriſſe
O Regimento em tudo obeacido,
De ſeu Rey, que lhe manda, que não ſaya
Deyxaão a frota em nenhum porto, ou praya.

E não cuydes, ó Rey, que não ſabiſſe. Não uſa o Poeta delta linguagem ſabiſſe, viſſe, & outras que pelo dilcurto do livro ſe achãraõ, por falta de palavras, mas por ſer coſtume entre os Poetas, uzar de huns tempos por outros, como ſe verá neste canto muytas vezes: & os lidos em os Poetas, aſſim Latinos como Gregos, & das mais linguas, o entendem muyto bem.

84

E Porque he de vaſſallos o exercicio
Que os membros tem regidos da cabeça:
Não quererás [pois tens de Rey o officio]
Que ninguem a ſeu Rey deſobedeça:
Mas as merces, & o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promete, que conheça.
Em tudo aquillo, que elle, & os ſeus poderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

Em quanto os rios para o mar correrem. Termo he de falar muyto uſado entre os Poetas.

*Dum juga montis aper, ſluvioꝝ dum piſcis amabit,
Dumque thymo paſcentur apes, dum rore cycadae,
Semper bonos, nomenque tuum, laudſque manebunt.*

Em quanto o porco andar na ferra, o peyxê no rio, em quanto as abelhas comereẽ o ouregão, & as cigarras o rocio, vivirá o voſſo nome, voſſa honra, & voſſos louvores. Deſtes modos de encarecimentos eſtão os Poetas cheyos, & ſão muyto uſados na pratica commum dos homens para dizer em quanto o mundo durar.

85

A ſi dizia, & todos juntamente
Huns com outros em pratica falando,
Louvão muyto o eſtamago da gente,
Que tantos Ceos, & mares vay paſſando:

*E o Rey illuſtre, o peyto obediente
Dos Portuguezes, na alma imaginando,
Tinha por valor grande, & muy ſobido
O do Rey, que he tão longe obeacido.*

Que tantos Ceos, & mares vay paſſando. Eſta palavra Ceo, quer dizer propriamente eſta maquina que vemos, onde eſtão as Eſtrellas, & planetas: Toma-ſe tambem pelo ar, & por eſte reſpeyto, por regiões, & partes do mundo, na qual ſignificação o tomou aqui o Poeta, & nos o declarámos no canto primeyro.

86

E Com riſonha viſta, & ledo aſpeyto
Reſpõde ao embayxador, q̃ tanto eſtima:
Toda a ſoſpeyta mã tiray do peyto,
Nenhum frio temor em vós ſe imprima.
Que voſſo preço, & obras ſão de geyto
Para vos ter o mundo em muyta eſtima,
E quem vos fez moleſto tratamento,
Não pode ter ſubido pensamento.

Nenhum frio temor em voz ſe imprima. Epitheto muyto uzado em todos os Poetas he chamar ao medo, frio Ovidio lib. 1. Faſtorum.

*Extimui, ſenſique metu riguiſſe capillos,
Et gelidum ſubito pectore frigus erat.*

Temí, & fenti levantarſeme os cabelos com o medo, & em meu peyto eſtava hum medo frio. Luciano lib. 5. Phari. Gelidos pavor occupat artus. O medo occupa os membros frios, & n'outres muytos lugares.

87

De não ſabir em terra toda a gente
Por obſervar a uſada preminencia,
Ainda que me peſe eſtranhamente,
Em muyto tenbo a muyta obediencia:
Mas ſe lho o regimento não consente,
Nem eu consentirey, que a excellencia,
De peytos tão leaes em ſi deſfaça
Dó porque a meu deſejo ſatiſfaça.

Por obſervar a uſada preminencia. Porque he coſtume não delembarcar o Capitão, & gente principal em terra de inimigos.

88

Porem, como a luz craſtina chegada
Ao mundo for, em miuhas almadias
Eu irey viſitar a forte armada.
Que ver tanto deſejo, hà tantos dias.

H 2

E

*E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, & longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos
Piloto munhões, & mantimentos.*

Porém como a luz, craftina. Como amanhecer, porque craftina na lingua Latina quer dizer coufa do dia seguinte.

Almadias. São barcos, de que se usa naquellas partes.

I Sto disse, & nas aguas se escondia
O filho de Latona, & o mensageyro
Com a embaxada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeyro.
Enchemse os peytos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeyro
Para acharem a terra que buscavão
E assi ledos a noyte festejavão.

O filho de Latona. Apollo filho de Jupiter, & Latona que he o Sol: & porque elle, & a Lua nacerão ambos de hum parto na Ilha Delos, tem os mesmos nomes entre os Poetas, de que nos trattamos por muytas vezes neste livro. Diz que se escondia nas aguas. Veja-se a nossa annotação no canto primeyro, oytava. 56.

N ão faltão alli os rayos de artificio,
Os tremulos cometas imitando,
Fazem os bombardeyros seu officio
O Ceo a terra as ondas atroando:
Mostrase dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas, que de fogo estão queymando:
Outros com vozes, com que o Ceo ferião,
Instrumentos altissonos tangião.

Não faltão alli os rayos de artificio. Descreve o Poeta a festa, & alegria que houve na armada vindo que chegavão á terra que bulcavão, na qual houve muytos foguetes, aos quaes o Poeta chama rayos de artificio.

Os tremulos cometas imitando. Entre as Impressões ignitas de que os Philolophos trattão, se conta também o cometa, o qual se gera das exhalações da terra levantadas ao alto do ar por huma influencia natural, & virtude do Sol, & dos mais Planetas, & Estrellas: nas quaes exhalações com a vezihança de fogo, & movimento do ar se inflamão, & durão por algum tempo com novas ajudas, que lhe da terra vão d'outros vapores, & exhalações. Estes cometas tem diferentes nomes entre os Philolophos, conforme á figura que aquella materia inflamada lhe faz, como diz Aristoteles nos Me-

teoros. Plinio diz, que as razões que os Philosophos dão nestas materias do Ceo, são mais subtiliza de engenho, que verdade: & que a natureza proveo nestas cousas por alguns reipeytos occultos; o que se vé claramente por acontecerem poucas vezes, & em certos tempos: donde procede ternos escondida a razão disto. He dito avisado, & tudo o mais são galantarias, o que todos os Philolophos, & poetas dizem dos Cometas. E indaque elles o não disserão, a experiencia no lo ensina, & he que pela maior parte são finaes de males grandes, guerras, pestes, fomes, morte de alguma peñoa abalizada. Donde Lucano na sua Pharsalia.

*Ignota obscura viderunt sidera noctes,
Ardentemque polum flammis, caeloque volantes
Obliquas per inane faces, crimemque timendi
Syderis, & terris mutantem regna cometen.*

As obscuras noytes (diz o Poeta Lucano) verão Estrellas não conhecidas: grandes fogos no Ceo, & o cometa mudador dos Reynos. Chama o Poeta Lucano ao cometa mudador de Reynos, porque prognostica sua destruição como fica dito.

Mostrase dos Cyclopas o exercicio. Fingem os Poetas que tinha Vulcano Ferreyro de Jupiter seu pay na Ilha Lipara, huma das Eolidas, as quaes estão entre Italia, & Sicilia, certos obreyros que o ajudavão a fazer os rayos para Jupiter seu pay. Estes erão tres, Brontes, Esteropes, & Pyracmon filhos de Neptuno, & Amphytrite. Chamavão-le estes Cyclopas, como lhe chama aqui o Poeta, por terem hum só olho grande na testa de cyclos, que he o circulo, & opf. o olho, por terem hum só olhó muyto grande. O que o Poeta quer mostrar, he que neste recebimento, & festa dos Portuguezes, & Melindanos havia muytos foguetes, bombas, & rodas de fogo, & outras festas, que o Poeta reconta nestas oytavas.

R Espondemlhe da terra juntamente
Com o rayo volteando, com Zonido:
Anda em gyros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulphureo escondido:
A grita se levanta ao Ceo da gente,
O mar se via em fogos acendido,
E não menos a terra: & assi festeja
Hum ao outro á maneyra de peleja.

Anda em gyros no ar a roda ardente. Anda ás voltas no ar a roda de fogo.

Estoura o pó sulphureo. Pó tulphureo he a polvora, a qual os Latinos chamão pulvis sulphureus, pó de enxofre, porque se faz delle.

92

M As já o Ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho:
E já a mãy de Menon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho.
Hiaõse as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra em frio orvalho:
Quando o Rey Melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

Mas já o Ceo inquieto. Descreve o Poeta nos primeyros seis versos desta oytava o tempo da manhã. Por Ceo inquieto entende o primeyro mobil, o qual com curso, & movimento arrebatado faz, que todos os mais Ceos dem huma volta em 24. horas. Esta volta he causa do dia, & da noyte, como o Poeta aqui diz, & he notorio aos que entendem as primeyras letras da Astrologia. Chama ao primeyro mobil inquieto, porque seu curso he muy arrebatado. Veja-se o que escrevemos no canto decimo, oytava 85.

Hiaõ-se as lentas sombras desfazendo. Esta he a razão, porque de todo o tempo da noyte a manhã he mais fria, porque se recolhem, & ajuntão todas as humidades a hum lugar, fugindo da presença do Sol, que se chega. E apartadas de huma, & outta parte, se faz em orvalho, como o Poeta aqui diz.

Por mãy de Memnon entende a Aurora. Este Memnon foy Rey de Oriente, pelo que lhe daõ a Aurora por sua mãy. Da Aurora se veja o que tratámos em outro lugar, oytava 14. canto 1.

93

V Iaõse em derredor ferver as prayas
Da gente, que a ver só concorre leda:
Luzem da fina purpura as Cabayas:
Lustraõ os panos da tecida seda:
Em lugar de guerreyras azagayas
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos da palmeyra,
Dos que vencem, coroa verdadeyra.

Trazem ramos de palmeyra. A palmeyra he sinal de vitoria, como diz Aulo Gelio nas suas noytes Atticas: onde allega Plutarcho, & Aristoteles. Tem esta arvore tal propriedade, que por mayor carga que lhe ponhão, sempre trabalha por se levantar, & por mais que a apertem, & maltrattem, sempre resiste. Da natureza desta arvore, se veja o Autor dos Chiliadas no proverbio Palmam ferre.

94

H Um batel grande, & largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,

Traz o Rey de Melinde acompanhado
De nobres de seu Reyno, & de senhores:
Vem de ricos vestidos adornado
Segundo seus costumes, & primores,
Na cabeça huma fota guarneçada,
De ouro, & de seda, & de algodão tecida.

Na cabeça huma fota. Huma fota, he huma touca de varias cores, & teyta para se trazer na cabeça, o qual trajo costumão os Mouros, & usão d'elle, como nós câ dos chapeos.

95

C Abaya de damasco rico, & dino,
Da Tyria cor entre elles estimada,
Hum collar ao pescoço de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada:
Cum resplendor reluze adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada:
Nas alparcas dos pés em fim de tudo
Cobrem ouro, & aljofar ao veludo.

Cabaya de damasco. He Cabaya huma vestidura muyto estreyta, & apertada com o corpo, como as trazem os Mouros hoje.

Da Tyria cor. Em Tyro, & Sydo, Cidades de Phenicia que hoje se chama Suria, se faz gram excellente, pelo que a esta cor chamão os Latinos cor Tyria, ou Sydonia.

Onde a materia da obra he superada. Encarecimento dos vestidos que levava; quer dizer, onde o feytio val mais, que o proprio, o que disse á imitação de Ovidio lib. 2. in principio, o qual gabando os paços do Sol, diz, *Materiam superabat opus*, o feytio valia mais que a materia, mais que ouro, prata, & marfim, de que erão fabricados.

96

C Om hum redondo emparo alto de seda,
Numa alta, & dourada astea enxerido,
Hum ministro a solar quentura veda,
Que não offenda, & queyme o Rey subido.
Musica traz na proa estranha, & leda
De aspero som, horrifono ao ouvido:
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

Com hum redondo emparo alto de seda. Entende o chapeo do Sol, que naquellas partes se uia muyto. Som horrifono. Som estantoso, & que faz estrondo.

97

N Aõ menos guarnecido o Lusitano
Nos seus bateis da frota se partia

*A receber no mar o Melindano,
Com tufrosa, & honra a companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas franceza era a roupa que vestia
De jetim da Adriatica Veneza,
Carines, cor que a gente tanto preza.*

Da Adriatica Veneza. Veneza he huma Cidade edificada no mar, rodeada, & entretecida com agua salgada, a mais fermosa, & rica, & de mayor tratto, & negocio do mundo. Foy o principio de sua edificacão no anno de nossa salvacão de 456. no mez de Março, em tempo que o cruel Atila (a que os Escritores chamão açoute de Deos) destruhia Italia, a ferro, & fogo: Tem de circuito duas leguas, & está da terra firme outras duas, pouco mais, ou menos, anda-se toda por mar, & por terra, salvo alguns bayros, aos quaes se não pôde ir senão por mar, por serem partes tão desviadas da terra, que não se pôdem nellas fazer pontes. Para a passagem do mar usão de humas barcas, a que chamão gondolas, d. s. quaes tem a Cidade para este mister, mais de onze mil, que estão sempre prestes de dia, & de noyte, para o serviço da passagem de todo o genero de gente, & por muy pouco preço. E para a passagem da terra tem quatrocentas & cincoenta pontes, a mayor parte dellas de pedra, & as outras de madeyra. Divide a esta fermosa Cidade em duas partes hum canal de agua do mesmo mar, que a faz muyto mais fermosa, pelo qual navegão galés, caravelas, & naos. No meyo do canal tem huma ponte fermosissima, onde há muytas tendas de mercadores em que se acha todo o genero de mercadoria, & curiosidade do mundo em grande abundancia. Ha nesta Cidade muytos brocados de todo o genero, & telas de ouro, & prata, pertumes, & cheyros excellentissimos, & muyta, & muy rica pedraria, & sedas de toda a sorte, pelo que diz aqui o Poeta, que hia vestido o Gama de cetim da Adriatica Veneza. Chama-se Veneza Adriatica, & o mar Adriatico (como diz Polybio) de huma Cidade por nome Adria, que esteve entre as bocas do rio Pó, de que hora não há rasto, a qual foy Colonia dos Toscanos (como diz Plinio), & Estrabão. Hermolao Barbaro nas suas castigacões Plinianas quer que a Cidade se chamasse Atria, pela qual razão o mar se deve tambem chamar Atriarico. Não se usa assim.

98

*D*E botões douro as mangas vê tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega,
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega.
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta, & achega:
Ao Italico modo a aurea espada,
Pluma na gorra hum pouco declinada.

Do metal que a fortuna a tantos nega. Entende o ouro, que a muyto honrada, & boa gente falta, como faltou ao nosso Poeta Luis de Camões: & pela mayor parte falta aos que seguem o mesmo exercicio. E parece que he natural aos Poetas serem pobres. Donde o pay de Ovidio não podendo sofrer velo affeygoado ao estudo da Poesia, punhalhe diante o pouco proveyto que os homens tiravão della.

*Sæpe pater dixit: studium quid inutile tentas
Mæonides nullas ipse reliquit opes.*

Filho paraque te occupas em estudo de tão pouco proveyto? olha Homero o mayor Poeta que houve no mundo, com ser este, viveo, & morreo pobre, & miseravelmente, donde hum moderno diz:

*Has artes magnis dura mercede Poetis
Concedit Phæbus, semper ut indigeant.*

Apollo ajuda aos Poetas, & lhe communica a furia, & vea que tem, com condiçãõ que sejam pobres.

99

*N*Os de sua companhia se mostrava
Da tinta, que dá o Murice excellente,
A varia cor que os olhos alegrava,
E a maneyra do trajo differente.
Talo fermoso esmalte se notava
Dos vestidos olhados juntamente,
Qual aparece o arco rutilante,
Da bella Nimpha filha de Taumante.

Da tinta que dá o Murice excellente. Entende a cor vermelha, a qual se faz do peyxe Murice, que por outro nome se chama Conchilium, o qual he como hum buzio. E este cortado ao derredor com ferro, lança humas gotas, como lagrimas de cor vermelha, & por esta razão se chama a gram, ostrum, por se tirar destes peyxes cubertos de conchas que geralmente se chamão ostras. As vestiduras tintas com o Murice tinhão hum cheyro fartum, & que tirava a fedor. Donde Marcial crevendo a hum amigo (por nome Lyciano) sobre as cousas de Hespanha, louvandolhe o conselho q̄ tomara em largar os tumultos, & revoltas de Roma, & recolherse a Hespanha, terra quieta, & fóra daquelles embarços, entre outras cousas lhe diz.

*Lunata nusquam pellis, & nusquam toga
Olida que vestes Murice.*

Não vereis em Hespanha senhor Lyciano, os fastos, & pompas de Roma, nem vereis os homens vestidos com o Murice fedorento. E o mesmo Marcial zombando, de huma Philene, a qual nunca tirava do corpo huma vestidura vermelha

Iha que tinha , que não havia quem lhe pudesse
sotrer o fodor , diz.

*Tinctis Murice vestibus, quod omni
Et nocte utitur, & die Philenis,
Non est ambitiosa, nec superba.
Delectatur odore, non colore.*

Philene trás de dia & de noyte huma vestidura
de gram, não o faz por soberba , nem por ambi-
ção, nem por se alegrar com a cor , senão porque
lhe fede. Notandoa de fuja: & a isto aludio Virgi-
lio, tratando da felicidade, & abundancia de to-
das as côulas que havia de haver com o novo na-
cimento de Saluino, filho de Azinio Polio, com
o qual diz que cheyraria a gram suavemente , &
differente do que tinha de natureza.

*Ipsæ sed in pratibus aries jam suave rubenti
Murice, jam crocco mutabit vellera luto.*

Os carneyros diz o Poeta nãcerão com vellos ver-
melhos , & que não tenhaõ neccesidade da cor do
Murice , ou de outra tinta. E quando nomeou o
Murice acrecentou, *jam suave rubenti*: vci melho,
mas não com o contrapeio que antes tinha de
mao cheyro, mas com hum cheyro suave, & apra-
zível.

*Qual aparece o ar co rutilante, da bella Nimpha filha
de Taumante.* Diz que os soldados, & Capitães da
armada Portugueza fahiraõ diante d'El-Rey de
Melinde vestidos de diferentes cores muyto gal-
lantes, & bem concertados, o que compãra com o
Arco , que em tempo de chuva aparece no Ceo, a
que chamamos communmente arco da velha. E
os Poetas Iris de hum verbo Grego iro, que quer
dizer Nuncio, levar recados, & embayxadas, por
ser este seu officio, porque Iris filha de Taumante,
& Electra era Embayxadora, & mensageyra dos
Deos, & principalmente de Juno, donde Ovidio
nas Metamorphosis, na descripção do diluvio lib. 1.

*Nuncia lunonis varios induta colores
Concipit Iris aquas, alimenta que nubibus affert.*

Iris mensageyra de Juno vestida de diversas cores
recolhe as aguas, & reparte-as pelas nuvens , &
Virg. lib. 9. *Aeneid. Irim de Caelo misit Saturnia Inno.*
Juno filha de Saturno mandou Iris do Ceo. Este
arco cauza-se de diferentes nuvens, de modo, que
humas se jão mais denças, & outras mais raras, que
se estã derretendo em orvalho , nas quaes ferin-
do os rayos do Sol fazem aquelle arco, que nos pa-
rece de varias cores. E quanto aos Poetas fazerem
Iris mensageyra de Juno me parece a mim , que
he por Juno irmã de Jupiter, & sua molher ser Se-
nhora do ar, como diz Cicero lib. 2. de nat. Deorũ,
& porque este arco se faz na região do ar pelo mo-
do dito, d'aqui fingem os Poetas, que Iris era men-
sageyra de Juno. Deste arco se tratta nos Genisis,

onde Deos o deu a Noé, & a seus filhos depois do
diluvio para final de paz entre elle , & os homens,
paraque vendo este arco, & final posto por Deos,
não temessem mais na terra diluvio de agua , &
ainda que este arco he natural, havemos de enten-
der que foy tambem dado por Deos para final da-
quelle pacto , que fez com os homens , como di-
zem os Expositores. Diz Heytor Pinto , que se
chamã arco da velha , pelo pacto que Deos fez
com os da Ley velha como já fica dito.

100

Sonorosas trombetas incitavão
Os animos alegres resonando,
Dos Mouros os bateis o mar coalhavão,
Os toldos pelas aguas arrojando:
As bombardas horrifonas bramavão,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando.
Ameudamse os brados acendidos,
Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos.

Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos. Conta
João de Barros lib. 1. Dec. 1. c. 6. que depois de os
nossos festejarem a vinda d'El-Rey de Melinde
com instrumentos de festa mandou Vasco da Ga-
ma que tirassem alguns berços, & espingardas, &
no fim dellas se deu huma grande grita, a qual tro-
voada como era nova nas orelhas daquella gente,
houve entre elles tão grande espanto, que estive-
raõ quasi apostados tornarse a terra. O que sentin-
do Vasco da Gama , se chegou ao Zambuco em
que El-Rey vinha, onde foy recebido com tanta
cortezia, como se fora o proprio Rey de Portugal.

101

JA no batel entrou do Capitão
O Rey, que nos seus braços o levava:
Elle co a cortezia que a razão,
(Por ser Rey) requeria, lhe fallava:
Com as mostras de espanto, & admiração,
O Mouro o gesto, & o modo lhe notava:
Como quem em muy grande estima tinha
Gente, que de tão longe á India vinha.

O Mouro. Entende o Rey de Melinde que
era Mouro , & seguia a maldita seyta de Ma-
famede , como seguem os mais daquella costa
de Africa , o qual (como contão os nossos Hil-
toriadores) ficou atonito de ver o tratto , & mo-
do dos nossos , mayormente do Capitaõ mór,
cuja autoridade o espantou muyto, & assim
lhe fez muyta cortezia , & gazalhado , levan-
do nos braços , como aqui diz o nosso Poeta.

102

E Com grandes palavras lhe offerece
Tudo, o que de seus Reynos lhe comprisse;
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse, lho pe aisse:
Diz-lhe mais que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse:
Que já ouvio dizer, que n'outra terra
Com gente de sua Ley tivesse guerra.

Com gente de sua Ley. Com Mouros da feyta de Mafamede, com os quaes os Portuguezes tiverão grandes guerras em Hespânia até os lançarem além mar, & indalá os não deyxarão, nem deyxão estar quietos, como he notorio.

103

E Como por toda a Africa se soa,
Lhe diz, os grandes feytos que fizerão,
Quando nella ganhãrão a coroa
Do Reyno onde as Hesperidas viverão:
E com muytas palavras apregoa
O menos, que os de Luso merecerão:
E o mais que pela fama o Rey sabia,
Mas desta sorte o Gama respondia.

O Reyno onde as Hesperidas viverão. Entende o Reyno de Fez, & Marrocos, onde os nossos Portuguezes houverão dos Mouros grandes vitorias, & lhe tomãrão muytos lugares, como Ceuta, Tanger, & outros que são chave daquellas partes. Chama-se Reyno onde viverão as Hesperidas, porque se conta que nestas partes reynou Hespero Rey de Africa, irmão muyto rico de Athlas, o qual teve três filhas, Egle, Arethusa, & Hesperusa, as quaes tinham hum pomar, cujas arvores davão fruyto de ouro, guardado por hum dragão que nunca dormia. Veja-se a nossa annotação no canto quinto, oytava 8.

104

O Tu que só tiveste piedade
Rey benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, & adversidade
Dos mares exprimenta a furia insana:
Aquella alta, & Divina Eternidade,
Que o Ceo revolve, & rege a gente humana,
Pois que de titaes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

A furia insana. Furia grande, & defrenada, porque não ha no criado cousa mais furiosa nem mais para temer que o mar. Veja-se a nossa annotação neste mesmo canto, oytava 112.

105

TU só de todos, quantos queyma Apollo,
Nos recibes em paz do mar profundo,
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achamos bom fido, & jucundo:
Em quanto apascentar o largo polo
As Estrellas, & o Sol der luz ao mundo.
Onde quer que eu viver, com fama, & gloria
Viverão teus louvores em memoria.

Tu só de todos, quantos queyma Apollo. Tu só de quantos morão nella costa de Africa: segue aqui o Poeta neste termo de falar a opinião commum, dos que atribuem a cor negra dos homens daquelle parte à quentura, & vizinhança do Sol: não sendo mayor nella que no estreyto de Magalhães, onde com tudo a gente he branca. Os Hespãnhos tambem, & Italianos estamos na mesma distancia da Equinocial, com os que morão no Cabo de boa esperança, elles da banda do Sur, & nós da banda do Norte, & somos na cor tão diferentes como se vé. Os do Preste são pardos amulados, & os que morão em Zeilã, & Malavar negros, morando todos num mesmo Paralelo, & ordem do Ceo. Outra cousa he mais para espantar, que em toda a America se não achão negros, se não huns poucos que morão em hum lugar chamado Quareca. Pelo que tenho por cousa milagrosa a variedade da gente do mundo. São segredos occultos da natureza, & obras daquelle Omnipotente Deos, cujos Mystérios ninguem póde alcançar. Alguns querem que a causa efficiente desta cor seja a temperatura do ar, & terras daquellas partes, & huma propriedade não entendida, nem sabida dos homens, ou algum segredo da natureza, que naturalmente dá áquellas gentes aquella cor. Ou he isto, ou se ajuntão, & concorrem todas estas razões, a dar aquelle matiz, áquellas tantas, & tão varias Nações. Qualquer cousa que seja, o certo he não termos os homens certeza alguma. Pelo que a solução desta questão fica para os curiosos, que mais de proposito se quizerem por a este trabalho, que quanto a mim, assim fahirão com ella, como com os querer fazer brancos.

Em ti dos ventos horridos de Eolo. Os Poetas fingem hum Rey, & tenhor dos ventos, a que chamão Eolo, o qual os tem presos, & a muyto bom recado em humas covas muyto grandes, donde os solta, quando lhe parece. Delle trattey atrás no primeyro canto oytava 18.

Em quanto apascentar o largo Polo. Encarecimento (como atrás fica dito oytava 84. deste Canto) para dizer, que em quanto a natureza tiver suas cousas com aquella ordem, & condição com que Deos as criou, terá elle lembrança dos beneficios recebidos, onde quer que viver, & estiver.

106

Isto dizendo, es barcos vão remando
 Para a frota, que o Mouro ver deseja:
 Vão as naos huma, & huma rodeando,
 Porque de todas tudo note, & veja:
 Mas para o Ceo Vulcano fozilando,
 A frota co' as bombardas o festeja,
 E as trombetas canoras lhe tangião.
 Co' os anafins os Mouros respondião.

Mas para o Ceo Vulcano fozilando. Vulcano era entre os antigos Deos do fogo, pelo que se toma pelo mesmo fogo, como o Poeta aqui neste lugar, & nós notamos atrás. Porque mandou Vasco da Gama por fazer festa ao Rey de Melinde, desparar a artelharria, a qual a primeyra vez lhe fez tanto medo, que se quizerão recolher para terra, & passada esta vez depois que perdeu o medo se recrearão muyto de a ouvir, por ser cousa nova naquellas partes.

107

Mas depois de ser tudo já notado
 Do generoso Mouro, que pasmava
 Ouvindo o instrumento inusitado,
 Que tamanho terror em si mostrava:
 Mandava estar quieto, & ancorado
 Na agua o batel ligeyro que os levava,
 Por falar de vagar c'o o sorte Gama
 Nas cousas de que tem noticia, & fama.

Ouvindo o instrumento inusitado. A artelharria que naquellas partes não se ufava naquellê tempo.

108

EM praticas o Mouro diferentes:
 Se deleytava perguntando agora
 Pelas guerras famosas, & excellentes,
 Co' o povo avidas, que a Mafoma adora.
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hesperia ultima onde mora:
 Agora pelos povos seus vizinhos,
 Agora pelos humidos caminhos.

Co povo avidas que a Mafoma adora. Estes são os Mouros que seguem a torpe, & pestelencial feyta de Mafamede.

De toda a Hesperia ultima. Entende Hespanha, a qual tambem se chama Hespanha menor, á differença de Italia, que se chama Hesperia primeyra, & Hesperia mayor. Chamao-se estas partes deste nome de Hespero, Eltrella Occidental, que he o Planeta Venus, a que communmente chamamos Luzeyro: & porque o Planeta que aparece nas par-

tes Occidentaes he o primeyro, que se vé depois de posto o Sol nestas partes Occidentaes, daqui se chamão Hesperies de Hespero, & porque Hespanha he mais Occidental, se chama ultima, & menor, por ser menor em quantidade.

Pelos humidos caminhos. Pelos caminhos do mar, por sua navegação, & pelo que lhe tem acontecido no mar, delde que sahio de sua terra.

109

Mas antes valeroso Capitão,
 Nos conta, lhe dizia, diligente,
 Da terra tua o clima, & região
 Do mundo onde moraes distintamente.
 E assim de vossa antiga geração,
 E o principio do Reyno tão potente,
 Cos successos das guerras do começo,
 Que sem sabellas sey, que são de preço.

Que sem sabellas. Pelo que tinha ouvido, & via agora no gesto, & trato dos Portuguezes.

110

EAssi tambem nos conta dos rodeyos
 Longos, em que te trás o mar irado
 Vendo os costumes barbaros, & alheyos,
 Que a nossa Africa ruda tem criado.
 Conta que agora vem cos aureos freyos
 Os cavalos, que o carro marchetado
 Do novo Sol da fria Aurora trazem,
 O vento dorme, o mar, & as ondas jazem.

Conta que agora vem cos aureos freyos. Como atrás fica dito, fingem os Poetas que o Sol acabado, seu curso neste Emilpherio não tem mais que caminhar, pelo que se recolhe a descaçar com Thetis senhora do mar Occidental, & que dalli sahia pela manhã com seus cavallos folgados, isto he o que o Poeta aqui diz descrevendo o tempo da manhã, & nacimiento do Sol, & hum tempo muyto sereno, & quieto; o que tudo está muyto claro na oytava. Chama à Aurora fria, porque no tempo da manhã com a vinda do Sol se ajunta, & aperta o frio em hum lugar, & assim he mayor, & os ventos, & as ondas do mar estão mais quietas neste tempo co a manhã, como fica dito atrás.

111

ENão menos co' o tempo se parece
 O desejo de ouvirte o que contares,
 Que quem ha, que por fama não conhece
 As obras Portuguezas singulares?
 Não tanto desviado resplandece
 De nós o claro Sol, para julgares,

I

Que

*Que os Melindanos tem tão rudo peyto,
Que não estimem muyto hum grande feyto.*

Não tanto desviado resplandece. De nós o claro Sol.
Não somos tão apartados da policia, & trato da gente, nem tão rudos, & barbaros. A imitação de Virgilio lib. 1. *Æneid. Nec tam aversus equos Lyria Sol jungit ab urbe.*

112

Cometerão soberbos os Gigantes
Com guerra vã o Olympto claro, & puro:
Tentou Perithoo, & Theseo de ignorantes,
O Reyno de Platão borrendo, & escuro:
Se ouve feytos no mundo tão possantes,
Não menos he trabalho illustre, & duro,
Quanto foy cometer Inferno, & Ceo,
Que outrem cometa a furia de Nerèo.

Cometerão soberbos os Gigantes. Conta aqui o Poeta alguns acontecimentos grandes, os quaes inda que não tiverão effeyto, não deyxarão de ter seu premio: porque em cousas grandes o acometer, & mostrar outadia, & atreymiento, he cousa grande. O primeyro foy dos Gigantes filhos da terra, os quaes determináram tubir ao Ceo, & lançar a Jupiter delle, como conta Ovidio nas Metamorphoses lib. 1.

Tentou Perithoo, & Theseo. O segundo foy de Theseo, & Perithoo grandes amigos, os quaes se atreverão decer ao Inferno, para furtar a Proserpina mulher de Platão. Posto que lhe não sahio bem do partido, porque Perithoo foy morto, & Theseo prelo, onde ficára tambem para sempre, te Hercules o não livrara: todavia entre os feytos finalados de Theseo se poem tambem este, como o pos Ovidio na carta de Phylis a Demophonte filho de Theseo. *Inter, & Egidas media staturais in urbe. Magnificus titulis stot pater ante suis,* pela qual rezão as Nymphas de Italia achando a Phaeton filho do

Sol morto, ainda que sua morte foy tão triste, & tão desestrada, porque se atreveo a governar os carros do Sol, coufa de tanta difficuldade lhe puserão este Epitaphio, como conta Ovidio nas Metamorphoses lib. 1.

*Hic situs est Phaeton currus auriga paterni,
Quem si non tenuit, magnis tamen excidit ausis.*

Aqui jaz Phaeton goverdador do carro de seu pay o Sol, o qual inda que não sahio bem do partido, & morree na empreza, acabou como homem de grande animo, atrevendo-se a huma coufa tão grande, & por esta razão atribue El-Rey de Melinde a grande louvor os Portuguezes cometer as furias de Nereo, que he o mar, por ser huma coufa de tanto perigo, & trabalho, como excellentemente o pinta Horatio nas Odas, Od. 3. lib. 1.

113

Queymou o sagrado Templo de Diana
Do subtil Tesiphonio fabricado
Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, & nomeado.
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome arentajado,
Mais razão he, que queyra eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria,

Herostrato. Este foy hum perdido, & desfechado de todos, por não prestar para nada: vendo-te neste estado, detreminou fazer algum feyto, por onde fosse conhecido, & ficasse memoria tua: pelo que pos fogo a hum Templo de Diana em Epheto, feyto pelo grande Tesiphonio, como diz Solino, no teu Polyhist. cap. 38. pelo que diz aqui o Poeta: se homens perdidos, & que para nenhuma coufa prestão, desejan fama, mais rezão he que a pretendão, & busquem, os que a merecem.



OS LUSIADAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

A populosa Europa se descreve,
De Egas Moniz o feyto sublimado,
Lusitania, que Reys, que guerras teve,
Christo a Affonso se expoem crucificado:
De Dona Inez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado,
Mostrase o vil descuydo de Fernando,
E o graõ poder de hum gesto suave, & brando.

CANTO TERCEYRO.

Neste Canto descreve o Poeta o sitio de sua patria, as guerras que os Reys della tiveram com os Mouros, & suas vittorias, o caso de Dona Ines de Castro, & a morte d'El-Rey Dom Eernando.

Agora tu Calliope me ensina,
O que contou ao Rey o illustre Gama:
Inspira immortal canto, & voz Divina
Neste peyto mortal, que tanto te ama:
Assio claro inventor da medicina,
De quem Orpheo pariste, ô linda Dama,
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

Agora tu Calliope. Fingem os Poetas nove Musas filhas de Jupiter, & da Memoria, padroeyras dos Poetas, & Musicos. Chamáraõlhe Musas de mosta, que quer dizer inquirir, ou descobrir: por ellas serem as inventoras, & descubridoras das ar-

tes liberaes. Seus nomes saõ: Calliope, Clio, Erato, Thalia, Melpomene, Terpsichore, Euterpe, Polyhymnia, Urania. A principal destas, & a que os Poetas Heroicos invocão, he Calliope: pelo que o nosso Poeta aqui o faz, & com muyta razão, pois ha de tratar dos Heroicos feytos dos Portuguezes. Os nomes destas Musas, & o que cada huma inventou tratta Virgilio nos Opulculos em hum Epigrama que começa.

Clio gesta canens transactis tempora reddit, &c.

Assim o claro inventor da Medicina. Entende o Appollo, o qual os antigos tinhão por inventor da Medicina, & Padroeyro dos Medicos, como Ovidio nas Metamorphótes lib. 1.

*Inventum medicina meum est, opifexque per orbem
Dicor, & barbarum subjecta potentia nobis.*

A medicina he invenção minha, & pelo mundo tou chamado dador de remedios; & a natureza, & propriedade das hervas he fugeyta a mim. Este Apollo houve de Calliope a Orpheo, de quem os Poetas dizem grandes cousas acerca da Poesia, & Musica. Foy tambem affeyçoado a Daphne, Clitic, & Leucothoe, que aqui o Poeta nomea. Pede nesta oytava á Calliope o favoreça, & ajude nesta materia, que tem entre mãos, assim lhe tenha sempre amor, & affeyção Apollo, & em sua comparação faça pouco caso das mais Nymphas suas: linguagem ordinaria, & muyto usada dos que pedem. De Apollo, & d'outros nomes que lhe os Poetas dão tratamos no canto primeyro oytava 36.

2

Poem tu Nympha em effeyto meu desejo,
Como merece a gente Lusitana,
Que veja, & sayba o mundo, que do Tejo
O liquor de Aganippe corre, & mana.
Deyxa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana:
Se não direy, que tens algum receo.
Que se escureça o teu querido Orpheo.

Poem tu Nympha. Nympha entre os Gregos tem diferentes significações, que não são deste lugar. E porque entre outros hum he tomar-se pela agua, daqui utárão desta palavra por humas Deosas, que elles fingião viver nas aguas: & largando-se mais a accommodaão a outras Deosas, como das arvores, campos, lagos, tanques, mares, montes, prados, bosques, valles, & outras que a este som inventárão. E porque as Musas padroeyras dos Poetas folgávaõ com estes lugares, por terem frescos, & apartados da conversação, chamáram-lhe tambem Nymphas como Virgilio na Egloga 7. *Nymphae noster amor libethrides.* Nymphas da fonte libethro nossa affeyção, & isto he entre os Poetas ordinario.

O liquor de Aganippe corre, & mana. Aganippe he huma fonte no monte Helicon de Boecia, da qual os que bebião ficavão Poetas. Chamou-se assim de agan, que significa muyto, & hippos, cavallo; porque foy feyta com as unhas do cavallo Pegafo, no qual Perseo filho de Jupiter aportou àquelle lugar. Chama-se por outro nome Heppocrine, cavallo, fonte, pela mesma razão. Alguns fazem estas fontes diferentes, mas ambas em hum mesmo monte. Aganippe, dita assim de huma moça assim chamada, filha do rio Permesse, que corre ao longo do Monte Helicon, como diz Paulanias: & Hippocrene do successo do cavallo, de que acima tratámos. O que o Poeta pretende nesta oytava

he mostrar que tambem nestas partes por onde o Tejo passa, há Poetas, & que as aguas deste rio tem a propriedade das da fonte Aganippe, por se criarem aqui engenhas excellentes.

Deyxa as flores de pindo. Pindo he hum monte de Macedonia conlagrado a Apollo, & às Musas chamado Mezovo, como diz Sophiano Donde disse Virgilio nas Eglogas.

*Nam neque Parnasi nobis juga, nam neque Pindi
Ulla moram fecere, nec Aonia Aganippe.*

Reprehendendo as Nymphas de descuydadas em não impedirem a Cornelio Gallo a má ordem de vida, que trazia, gastando-a toda em seus appetites, & sensualidades, & que no mesmo estado deviaõ estar ellas; nem era possivel residir, ou no Monte Parnaso, ou no monte Pindo, ou na fonte Aganippe: finalhandõ-lhe estes lugares como proprios seus, & onde ellas costumãvãõ residir, & dar-se ao exercicio das artes liberaes, de que ellas são padroeyras, & tenhoras.

Banhar-me Apollo na agua soberana. Termo Poetico, & elegantissimo, em que mostra ajudalo Apollo, & favorecelo com furia poetica, banhando na agoa da fonte Aganippe: a qual chama soberana, por ter a qualidade, de que atrás tratámos. E porque está neste tão honroso estado como he tratar dos feytos Heroicos dos Portuguezes. Pede a Calliope o ajude nesta empreza: porque se o não fizer, crerá que lhe procede de enveja, por ver que faz ventagem a seu filho Orpheo.

3

Promptos estavam todos escuytando,
O que o sublime Gama contaria,
Quando depois de hum pouco estar cuydando,
Alevantando o rosto assi dizia.
Mandas-me ó Rey, que conte declarando,
De minha gente a graõ genelogia;
Não me mandas contar estranha historia:
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

Mas mandas-me louvar dos meus a gloria. Tem por cousa dura o Gama contar a gloria, & cavallaria dos Portuguezes seus naturaes: porque não he bem contado a gente de primor engrandecer, & gabar tuas cousas.

4

Que outrem possa louvar es forço albeyo;
Cousa he, que se costuma, & se deseja:
Mas louvar os meus proprios, arreceyo,
Que louvor tão suspeyto mal me esteja:
E para dizer tudo, temo, & creyo,
Que qualquer longo tempo curto seja:

Mas

*Mas pois o mandas, tudo se te deve,
Irey contra o que devo, & ferey breve.*

Que outrem possa louvar. Sempre o louvor proprio foy solpeyto, donde dizem os Latinos, *Laus in ore proprio vilescit*, o louvor na boca propria he reprovado. E não sómente louvar-se huma pessoa a si, mas admittir louvores em seu rosto, & pretenção, nunca se costumou entre gente seduda: porque os taes louvores são mais lisongeyros, que certos.

5

*A Lém disso, o q. a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser
Porque de feytos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer.
Mas por que nisto a orãem leve, & siga
Segundo o que desejas de saber:
Primeyro trattarey da larga terra,
Depois direy da sanguinosa guerra.*

Primeyro trattarey. Para vir a trattar da guerra que neste Reyno os Portuguezes tiverão com os Mouros, descreve primeyro Europa, na qual está o nosso Portugal.

6

*E Ntre a Zona, que o Cancro senborea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella que por fria se arreceya
Tanto, como a do meyo por ardente.
Faz a soberba Europa a quem rodeya
Pela parte do Arcturo, & do Occidente
Com suas salsas onas o Oceano,
E pela Austral, o mar mediterrano.*

Entre a Zona que o Cancro senborea. No canto primeyro, oytava 2. trattey brevemente da descripção do mundo, & o que se não podia escusar para entendimento deste livro, onde prometti largamente neste lugar em algumas cousas da Europa, como farey no que for necessário para entendimento da letra do Poeta. E porque elle descreve Europa por tal ordem, que não ha mais que desejar, sómente tocarey algumas cousas necessarias. Os Geographos dividem a terra em cinco partes, a que chamão Zonas, usando deste termo de falar, para com mayor claridade poderem trattar della. Destas cinco Zonas, duas são frias, por estarem dentro dos circulos Arctico, & Antárctico, a que chamamos Norte, & Sur. Duas temperadas entre os ditos circulos, & os tropicos; & huma quente, que he a do meyo, onde cae a linha Equinocial; a qual tem nome de quente, ou torrida, por ser continuamente visitada do Sol, pela qual rezaão cuydaráo os antigos ser deshabitada, o que não he, como se sabe por experiencia: antes vemos ser

pela mayor parte muyto habitada, fadia, & frelca, & alguma de ventagem destoutras partes, a que chamamos temperadas. E não sómente he isto certo pela experiencia que atêgora temos, porque muytos dos antigos o tiverão assim contra a common opinião em contrario, como Ptolomeo, Avicena, & alguns Theologos, como refere o B. S. Thomás 1. p. q. 102. art. 2. Os quaes affirmão estar o Paraíso da terra debayxo da Equinocial, por ser aquella parte muyto temperada, & fadia, como tem os muyto Reverendos, & Douros Padres da Companhia de Jesus no Tratado de Cælo c. 14. q. 1. p. 318. E para que os que nenhuma noticia tem das couças da Eliphera, entendão tambem este lugar, & outros semelhantes, ha se de notar, que no Ceo não ha circulos nem linhas, por ser purissimo, transparente, & solido sem repartimento algum: mas que lhe fingem estas couças os Astronomos, & outras semelhantes para melhor poderem trattar de suas particularidades. Pretuposto isto, digo que lhe assinao dez circulos, seis grandes, & quatro menores. Os grandes são Equator, Zodiaco, Meridiano, dous Coluros, & o Horizonte. Os menores são o tropico de Cancro, & o tropico de Capricornio, circulo Arctico, & Antárctico: & porque neste lugar não he possível trattar estas couças de raiz, pela brevidade que se requere, & por se não pretender aqui mais, que declarar este livro, para que se entenda: o qual por este respeyto he calumbiado de alguns, não direy se não o que se não pôde escutar. Tropico se diz de trepo, que quer dizer volver, & porque o Sol sempre anda em hum pedaço do Ceo, no qual tem balizas, & terminos que não passa: chaniaráo a estas balizas tropicos: porque entre ellas anda o Sol sem passar nenhuma dellas: nem o tropico de Cancro da banda do Norte, nem o de Capricornio da banda do Sur. E quando o Sol se chega a nós até o primeyro grao de Cancro, que he o que mais pôde subir, temos o Solsticio do Estio: & quando se aparta de nós dando sua volta contra o Sur em chegando ao primeyro grao de Capricornio, que he o que mais pôde bayxar, se faz o Solsticio do Inverno. E chamao-se Solsticios, não porque o Sol se detenha em parte alguma, se não porque nem sobe mais alto, nem deca mais bayxo. E no Solsticio do Estio temos o mayor dia do anno, que he a 21. do mez de Junho: & no do Inverno o menor aos vinte & dous de Dezembro. Nesta oytava descreve o Poeta o sitio de Europa, & seus terminos, o qual diz, que jaz entre o circulo Arctico, & o tropico de Cancro, que he huma das Zonas temperadas. Chama ao tropico meta Septentrional do Sol luzente, porque nesta parte Septentrional, que he o Norte, não passa o Sol delle: diz que tem por terminos da parte do Arcturo, que he o Norte, & do Poente o mar Oceano, & da parte Austral, que he o Sur, o Mediterraneo. Do Arcturo se veja a nossa annoração canto 1. oytava 21.

7

D Aparte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avezinha: mas orio,
Que dos montes Rifeos vay correndo,
Na alagoa Meotis, curvo, & frio,
As divide, & o mar, que fero, & horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio:
Onde agora de Troya triumphante,
Não vê mais que a memoria o navegante.

Da parte donde o dia vem nascendo. Diz que da parte Oriental (que declara por estes termos da parte donde o dia vem nascendo) a divide da Asia o rio Tanais, chamado commummente Tanâ: começará dos montes Ripheos, onde este rio tem sua origem, & fonte; & o mar Egeo, chamado Archipelago, onde os Gregos com aquelle tão celebrado, & sabido cerco de dez annos destruhirão aquella insigne Cidade de Troya, da qual não ficou pedra sobre pedra: & hoje em dia se vem as ruinas d'aquella grande Cidade; & dos navegantes Italianos tão chamados aquelles campos *liddi Troyani*, praias Troyanas. Dos montes Ripheos se tratta na oytava que se segue.

8

L A' onde mais debayxo està do Polo,
Os montes Hyperboreos aparecem;
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E c'o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui tão pouca força tem de Apolo
Os rayos que no mundo resplandecem,
Que a neve està contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Os montes Hyperboreos apparecem. Diz que Europa na sua parte Septentrional, que he da parte do Norte, tem os montes Hyperboreos, chamados assim de hyper, que significa encima, & Boreas, que he hum vento que sopra do Norte, por andar sempre o tal vento encima delles. Outros dizem que tem este nome por estarem estes montes ainda além donde o vento Boreas sopra. Outros pelos homêes d'aquellas partes viverem muyto mais, que todos os outros do mundo, por a terra ser ladia, & abundante de todo o necessario para a vida. Acrecentão alguns que enfadados os homens desta região de sua longa vida, escolhem hum genero de morte voluntaria, o qual he, que buscão hum alto rochedo ao longo do mar, de qual depois de grandes festas, & banquetes com cappellas nas cabeças se lanção para acabarem sua vida desta maneyra, rendo esta por grande felicidade, & a mais honrada sepultura, que poderão escolher. Estes povos tem seis mezes do anno continuos dia, & outros seis noyte, como diz Solino cap. 26. &

Mela lib. 3. cap. 5. Olivario sobre Pomponio Mela não faz os Hyperboreos tão Septentrionaes como os ditos Autores: pelo que tem por falso isto que delles dizemos: & quanto a mim estes montes se chamaõ assim por serem muyto altos, & por esta rezaõ fogeytos ao vento, mayormente Norte por tua vizinhança, como diz Diodoro Siculo lib. 3. pag. 228. & Girava na sua Cosmographia lib. 2.

E aquelles donde sempre sopra Eolo. Eolo he o senhor dos ventos, como fica dito em muytos lugares. Neste lugar entende o Poeta os montes Rifeos, de que atrás fala, chamaõ-se assim de rípi, que quer dizer força de vento, por curfarem alli muyto. Nestas partes como conta Solino cap. 25. tudo são neves, giadas, caramelos, & frios: pelo que aquella região se chama entre os Gregos *terophoros*, que quer dizer coufa que trás alas, por andar continuamente o ar cuberto de nevoas, & neves que parecem voar pelo ar: & não conhecer a gente desta terra outra coufa senão Inverno, & frio, & tal que o rio, & mar se congelão.

E co nome dos sopros se ennobrecem. Pela rezaõ dita.

9

A Qui dos Scythas, grande quantidade
Vivem, q' antigamente grande guerra
Tiverão, sobre a humana antiguidade,
C'o os que tinhamão então a Eycpcia terra.
Mas quem tão fóra estava da verdade,
(Já que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informára.
Ao campo Damasceno o perguntára.

Aqui dos Scythas grande quantidade. Esta região he habitada de Scythas chamados Sagas pelos povos vizinhos como diz Mela lib. 3. cap. 5. & Plinio lib. 6. cap. 17. donde tratta largamente da multidaõ, & variedade desta gente, hoje se chamaõ todos em geral Tartaros.

Que antigamente grande guerra. Houve antigamente grande contenda entre os povos Scythas, & Eycpcios, sobre a antiguidade de suas patrias, & Nações: querendo cada hum com falsas, & fabulosas razões dar a entender que elles foraõ os primeyros homens do mundo, allegando para isto antiguidades de Cidades, & outras fabulas que inventávaõ: ás quaes davaõ credito por não saberem a verdade. Pelo que o Poeta os remete aqui ao campo Damasceno, onde Deos nosso Senhor criou o primeyro homem, & d'ahi o levou a hum lugar muyto fretco, & deleytozo chamado por este respeyto, horta de deleytes, a que commummente chamamos Parayso da terra.

70

A Goranestas partes se nomeya
A Lapia fria, a inculta Noroega
Escañ.

*Escandinavia Ilha, que se arreyra
Das vittorias que Italia não lhe nega.
Aqui em quanto as agoas não refreya
O congelado Inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano
Pelo Brusio, Suecio, & frio Dano.*

Agora nestas partes. Tratta de algumas provincias da Europa Septentrional, como Lapia, & Noruega, a que chama frias, & incultas por ser o grande frio causa de viverem os moradores dellas em grande aperto. E inculta não quer dizer delhabitada, como o vocabulo foa, & parece mostrar: mas habitada com trabalho, como tambem a mesma palavra mostra por virtude da proposição, *in*. como he notorio aos que sabem a lingua Latina.

Escandinavia Ilha. Escandinavia não he Ilha como o nosso Poeta lhe chama seguindo os antigos: mas he penintula, como os Modernos hoje elcrevem, pela experiencia, & conhecimento que tem da terra. Foy tambem chamada Escandia, ou Escandavia, ou Basilia, dos quaes nomes todos, fazem menção Plinio, Solino, Mela, & outros antigos, & modernos que della esereveraõ. Esta provincia he muyto grande, & (como diz Girava na sua Cosmographia) tem de comprimento mil leguas, & outras tantas de largo. He terra muyto fermosa, & abundante de todas as cousas, tem muyto bons portos, & eçaldas de mercancias, muytos Reynos, & provincias. Nesta está o Reyno de Suevia, Gotia, Liponia, ou Laponia, a que o Poeta chama Lapia, Gautlandia, Filandia, & Noruêga.

Que se arreyra das vittorias, que Italia não lhe nega. Isto diz porque desta Escandinavia vieraõ os Godos, & outros barbaros a Italia, & fogeytaraõ muyta parte della, & moráraõ por muytos annos naquella parte de Italia, que hoje se chama Lombardia: como conta Paulo Diácono nas Historias de Lombardia, & Frey Leandro Alberti na sua Descripção de Italia, no titulo de Lombardia.

Aqui em quanto as aguas não refreya. Nestas partes (como elcrevem os Autores) se vive com mayor trabalho pelo Verão, que pelo Inverno. No Verão tudo são aguas, & lamaças, porque se derrem as muytas neves, & caramelo: & no Inverno, como tudo está congelado, caminha-se melhor, mas não se navega no mar por estar coalhado: passado o Inverno se navega.

Hum braço do Sarmatico Oceano. Sarmatico chama aqui este mar, por ser na paragem de Sarmacia, a qual confina com Escandinavia.

Pelo Brusio Suecio, & frio Dano. Isto não são rios (como alguns commentaõ por suas cabeças, sem autoridade nem razão alguma) mas são nomes de Nações que vivem naquellas partes, & navegaõ no mar em tempo que o frio lhe dá lugar, como fica dito atrás. Brusios, ou Barusios são povos de Prusia provincia de Sarmacia. Suecios são de Suecia provincia de Escandinavia. Pelo frio Dano,

entende os moradores de Dania, terra frigidissima, porque lhe chama Danos frios, & pelos naturaes hoje Denemarker: assim que Brusios, Suecios, & Danos navegão esta paragem, & todas suas partes, & outras muytas Nações, que naquellas partes são sem numero, como diz Plinio lib. 6. c. 17.

IO

E Ntre este mar, & o Tanais vive estranha Gente, Rutbenos, Moicos, & Livonios Sarmatas outro tempo, & na montanha Hircinea os Marcomanos são Polonios. Sogeytos ao Imperio de Alemanha São Saxones, Boemios, & Panonios, E outras varias Nações que o Reno frio Lava, & o Danubio, Amasis, & Albis rio.

Entre este mar. Tratta das gentes que vivem entre o mar de Sarmacia, & o rio Tanais, chamado communmente Tanã, como fica dito oytava 7. Primeiramente diz que vivem os povos Rutbenos, chamados por outro nome Roxalanos, ou Rusios do Reyno de Polonia, & não Franceses como alguns aqui declarã: que he bom despropósito: pois o Poeta vay descrevendo outro mundo bem differente. Moicos são os povos do graõ Duque de Moscovia. E Livonios são de huma provincia de Sarmacia, que agora se chama Livonia, chamada antiguamente Sarmacia geralmente, como a mais terra. Sarmacia tem sete provincias, Polonia, Rusia, Prusia, Littuania, Livonia, Polonia, & Moscovia: das quaes se pôdem ver muytas dignas de memoria, nas Relações de João de Butero, na tua Europa: & na fabrica del mondo, de Lourenço de Anania, & outros.

E na montanha Hircinea. Assim lhe chama Cesar lib. 1. de bello Gallico, dizem ter hum bosque muyto grande, & muyto espesso, que de comprido terá sessenta legoas, & de largo nove. Entre este bosque, & a terra de Sarmacia está Alemanha, começando do monte Sevo, como diz Solino c. 23. Aqui estão os Marcomanos, Boemios, Saxonios, Pannonios, que são hoje os do Ducado de Austria, & Reyno de Ungria: & outras varias, & innumereveis Nações, fogeytas ao Imperio de Alemanha, pelas quaes passaõ estes quatro rios tão nomeados: Reno, que nace nos Alpes, chamado vulgarmente Rein, ou por ser muyto claro em suas agoas: ou por correr com grande furia, & impeto, que huma & outra coula significa a palavra na lingua Alemã. Danubio he o mayor, & mais celebrado rio de toda a Europa: nace no monte Arnoba em Alemanha, desde a sua fonte até a Cidade Axiopoli de Misa a bayxa, chamada hoje Colonamich: como diz Olivario sobre Pomponio Mela (indaque enganado pelas taboas de Ptolomeo erradas em lugar de Axiopoli, lé Axia) he chamado Danubio: & da Cidade Axiopoli até o mar se chama Istro. Amafo

Amasó corre entre o Rheno, & Albis, he rio grande, & navegavel, como diz Estrabão lib. 7. in principio. & Hermolao Barbaro sobre Plinio lib. 4. c. 14. Hoje se chama Eempis. Albis he hum rio de muyto nome entre os Escritores, chama-se em vulgar Elbi, nace em hum monte da Selva Hercynia na Boemia, chamado Risenberg, como diz Ortelio na sua synonimia na palavra Albis.

12

E Ntre o remoto Istro, & o claro estreyto
Adonde Helle deyxou co' nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peyto,
Do fero Marte patria tão querida,
Onde co' Hemo, o Rhódope sugeyto
Ao Otomano está que somettida
Bizancio tem a seu serviço indino;
Boa injuria do grande Constantino.

Entre o remoto Istro. Depois que trattou de algumas partes Septentrionaes da Europa, começa a Descripção de Grecia que antiguamente foy chamada Hellas, do nome de humas terras, que a parthem pelo meyo, ou de Hellene filho de Deucahon como diz Mela. Desta Grecia escreveraõ os Antigos muytas cousas, porque foy Região de muyto nome, assim pela fertilidade da terra, como pelos excellentissimos varões que nella houve: assim em letras como em armas. Hoje está perdida, & desbaratada, nem ha nella cousa digna de memoria. Os Modernos a dividem em cinco partes, ou regiões; Thracia, Burinto, Maccdonia, Achaya, & Morea, Thracia chamada vulgarmente Romania, que he a de que aqui o Poeta tratta, situa-se entre o rio Istro, de que atrás fallámos, & o Helleponto. Terá o Helleponto de largo 800. passos, que (segundo os Gregos dizem) he o espalho que hum boy pôde nadar, pelo que lhe chamaõ Bosphoro os da terra. Divide este estreyro Asia de Europa, & hoje em dia se vem de huma, & outra parte do mar as ruinas das Cidades Abidos, & Sestos, donde forão naturaes aquelles grandes amigos Leandro, & Hero, de que Ovidio faz menção nas suas Epistolas.

Adonde Helle deyxou co' o nome a vida. Contaõ as Fabulas que Athamante Rey de Thebas teve duas molheres, & que da primeyra por nome Nephelê houve dous filhos, Phryxo, & Helle: casado segunda vez, morta a primeyra molher, com outra chamada Ino, tinha os dous filhos que lhe ficáraõ de Nephelê consigo, aos quaes a madralta Ino tomou tão grande aborrecimento que os não podia ver: pelo que determinou por todas as vias destruilos: & para este effeyto fez com encantamentos, & feyticerias, que os campos não dêsem trigo, & acabou com os Agoureyros, & Sabios dissessem a El-Rey que todo aquelle mal lhe vinha por causa de seus filhos. Acodio Nephelê, & deulhes hum

carneyro com o vello de ouro, no qual passassem hum pedaço de mar, que divide Asia de Europa, & com condição que nenhum delles olhasse para trás. Helle cihando, cahio no mar, & afogou-se: pelo que de seu nome Helle, & do nome de aquelle estreyto que antes se chamava ponto, por esta occasiao, & morte de Helle se chamou Helleponto, como se dissessemos ponto de Helle: hoje se chama o estreyto de Galpoli, ou braço de S. George. A Fabula de Helle contaõ Justino lib. 42. Ovidio lib. 3. factor. Pontano in Urania, & outros.

Do fero Marte, patria tão querida. Os moradores de Thracia taõ nomeados entre todos os Escrittores por gente fera, & no exercicio da guerra muyto destreza, & exercitada. Esta he a razão, porque os Poetas fazem a Marte, que os Antigos tinhaõ por Deos da guerra, natural desta regiaõ, & lhe chamaõ casa de Marte, & que o nome que tem lhe ficou de hum filho seu por nome Thracio que nella reynou.

Onde co' o Hemo o Rodope sugeyto. Contaõ as Fabulas que Hemo foy Rey de Thracia casado com Rhodope, aos quaes Jupiter converteo em montes, por terem tão toberbos, & arrogantes, que Hemo dizia de si que era Jupiter, & Rhodope Juno, & mandavaõ que os adorassem, & servissem por taes, como cõra Ovidio nas Metamorphoses lib. 6. Este monte Hemo parte Thracia pelo meyo, como diz Plinio lib. 4. c. 11. Estabaõ, Polybeo, & Mela cuidáraõ, que do alto deste monte se via o mar Egeo, & Adriatico, o que não he possivel, pela grande distancia que ha. Outros acrescentáraõ que se viaõ tambem delle os Alpes, & o Danubio, como diz Tito Livio, lib. 1. Dec. 4. o qual tem todas estas cousas por Fabulas: & descrevendo o sitio do monte Hemo, diz que tem tanto arvoredado, que as arvores taõ taõ pegadas, & tecidas humas com as outras, que trabalhosamente se vé o Ceo, que he boa linguagem para os que querem dalli descubrir o mundo. Este monte se chama hoje cadeya do mundo: como diz Girava na sua Cosmographia lib. 2. Toda esta Thracia he hoje sugeyta ao Turco. Junto a este monte Hemo está Rhodope ambos ao longo do rio Istrimon. A Fabula de sua conversão em montes trata Ovidio no lugar allegado.

Que somettida Bizancio tem a seu serviço. Nesta Thracia na boca do Ponto Euxino, chamado vulgarmente Mar mayor, ou mar negro, está a fermosa Cidade Constantinopla, chamada em seus principios Bizancio, como diz Justino, & Plinio no lugar allegado. O primeyro que a ennobreceo, & fez cabeça de Imperio foy Constantino filho de Helena, que achou a Cruz em que Christo Nosso Senhor foy crucificado: & outro Constantino por alcunha Paleologo a perdeu no anno de mil & quatrocentos & cincoenta & tres, a vinte & nove de Mayo: pelo que diz aqui o Poeta, boa injuria do grande Constantino. Esta Cidade havia mil & cento & noventa & hum annos que era cabeça do Imperio Romano, que tantos houve entre

tre o Imperio de Constantino primeyro , que a ennobrece , & de hum triste lugar a fez tão nobre , & excellente , até o tempo de Constantino Paleologo que a perdeu. Da Cidade Constantino- noplá , & sua ultima ruina tratta a Chronica do mundo , na qual se descreve todo o successo da entrada da Cidade , & as crueldades que o Turco usou com os Christãos , Igrejas , & Imagens , & muytas torpezas que cometeo : na era não conforma com os demais Escriitores: Luis del Marmol Carvalho tratta o mesmo na primeyra parte de sua Descripção de Africa lib. 2. pag. 224. com muyta diligencia , & verdade: o qual no tempo, conta , & ordem da expugnação , & prognostico, que sobre ella aconteceu , he conforme aos que bem sentem.

13

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agoa fria.
E vós também, ó terras excellentes,
Nos Costumes, engenhos, & ousadia.
Que cristes os peytos eloquentes,
E os juizos de alta fantasia
Com que tu, clara Grecia, o Ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

Logo de Macedonia estão as gentes. Junto a Thracia está Macedonia , chamada hoje Turquesca : chamouse antiguamente affim , de hum Macedo neto de Deucalion, que a governou como o diz Solino na seu Polyhistor. cap. 74. & Plinio lib. 4. cap. 10.

A quem lava de Axio a agua fria. O rio Axio chamado hoje Brade , ou Varadi como diz Ortelio, atravessa Macedonia.

E vós também, ó terras excellentes. Nestas palavras compreende as outras tres Provincias de Grecia, Burinto chamada pelos Antigos Epyro , a qual tem quatro Provincias, Chaonia, Thesprotia, Cassiopea, & Arcania. Achaya, que os Antigos chamárao Helada , que he a que propriamente chamamos Grecia, & he como peninsula. A ultima região de Grecia , he a Morea chamada antes Danaa, Apia , Pelasgia , & Peloponneso: tem Corinthia, Cariença, Messenia, Hellas, Arcadia, Lacedemonia, & Argia. Passou pela descripção destes lugares o Poeta , porque são hoje pela mayor parte do Turco , & todas as cousas de que os Antigos tanto celebrárao Grecia, estão extinctas sem haver memoria dellas: & estes louvores que aqui o Poeta dá a Grecia, são pelo que antiguamente nella houve, assim nas letras como nas armas , & assim como os Antigos a tiveraõ pela principal Provincia do mundo por este respeyto , assim os Modernos a tem hoje pelo estado em que está, por muyto inferior.

14

Logo os Dalmatas vivem, & no seyo
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meyo
Das agoas, que tão baxa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que cheyo
De esforço, nações varias sogeytou,
Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

Logo os Dalmatas vivem. O que agora se chama communmente Esclavonia , chamaraõ os Antigos Dalmacia , Illyris , ou Liburnia. E debayxo deste nome de Esclavonia se comprehendem outros Reynos , & Provincias, Carinthia, Corvacia , o Condado de Tara, Liburnia , Dalmacia , com os povos Raguteos , & Catherinos. Dizem que tem a Esclavonia de comprimento cento & vinte legoas, & de largo trinta. He terra de grandes serras, mayormente na Carinthia. A lingua dos Esclavões não sómente se usa em Esclavonia, nias he tambem natural a gente tugeyta ao Emperador de Alemanha, como são Boemios, Polacos, Bulgaros, Moscovitas, & Boffineses, & só os Ungaros fallaõ linguaagem muy diferente. A Senhoria de Veneza governa a mayor parte das Cidades que estão no seu mar: as da terra tyranniza , & tratta mal o Turco. O Rey dos Romanos he senhor do que está entre Sena , & Trieste. Esta terra toda está quasi deshabitada , pelos grandes males que o Turco nella faz. De toda a Esclavonia, só o que possuem os Venezianos, val alguma cousa.

E no seyo aonde Antenor já muros levantou. Entende o seyo Adriatico , onde Antenor edificou a Cidade de Padua como trattey largamente atrás.

A soberba Veneza está no meyo das agoas, que tão baxo começou. Depois que tratou da Esclavonia, entra na Descripção de Italia , da qual em muyto poucas palavras diz muyto. Os Modernos lhe daõ figura de perna de homem , começando da coxa até o pé: o nosso Poeta de braço, por ser termo de falar mais proprio , & mais accommodado para seu intento, que he tratar da gente Italiana. Esta Italia entre os Autores tem muytos nomes Janicula, Camelana, Saturnia, Enotria, Apenina, Taurina, Vitulia, Hesperea, & ultimamente Italia. Estes, & outros nomes poem Ortelio na sua Synonimia Geographica lib. 2. pag. 102. da palavra Italia. De sua origem tratta Girava, & Frey Leandro Alberti na Descripção de Italia logo no principio , os quaes são Modernos , & tem tudo o que os Antigos della escreveraõ. O Poeta tratta della em duas oytavas, na primeyra lhe dá a figura de braço, que acima disse , começando de Veneza: na segunda a pinta cercada de mar , a modo de Peninsula, como todos os Antigos a descreveraõ. E para que as oytavas se entendaõ claramente , as declararey aqui.

K

E

En no seyo onde Antenor. Este he o leyo Adriatico, na qual paragem Antenor Troyano edificou a insigne Cidade de Padua, aonde está sepultado o Corpo do Bemaventurado Santo Antonio Portuguez, & natural desta nossa Cidade de Lisboa, em hum Mosteyro do Bemaventurado S. Francitco logo á entrada da Igreja em hum sepulcro tal, qual hum tão grande Santo merece: muy venerado, & frequentado da gente daquellas Comarcas, os quaes não lhe chamaõ Santo Antonio, se não somente o Santo por excellencia, tão grande he o relpeyto, & reverencia que toda a gente lhe tem.

A soberba Venezia está no meyo Das aguas que tão bayxa começou. Com este Antenor de que atrás falámos, primeyro fundador da Cidade de Padua vieraõ de Troya depois que foy destruida pelos Gregos, os Henetos povos de Lydia, os quaes foraõ em companhia de seu Rey Philimene em favor dos Troyanos, & vendo-se sem este seu Capitão, & Rey (porque foy morto no cerco) desgostosos, & enfadados se foraõ com Antenor a Italia, & fizeraõ seu assento junto ao lugar aonde agora he Venezia, a qual de seu nome foy assim chamada. Lançados dahi os Euganeos, que possuhiaõ aquellas partes como conta Estrabaõ lib. 4. & 3. onde se não determina bem nesta opiniaõ, mas no livro 15. a referê por certa: & Plinio lib. 3. c. 19. Polybio, & Tito Livio no principio de sua Historia, onde com muytas palavras a confirma, pelo que se não pôde seguir outra. Daqui se chamaõ os povos Venetos mudado o H. em V. de Henetos, Venetos, & cõmummente Venezeanos. Quanto a Cidade de Venezia he a mais bella, & fermosa, que hoje há no mundo, & está situada dentro do golfo Adriatico chamado hoje golfo de Venezia, cujo principio (como conta o Poeta) foy muyto bayxo. O que contaõ os Historiadores acerca do principio desta tão excellente, & nomeada Cidade, he, que entrando por Italia com hum poderosissimo exercito aquelle soberbo Attila Rey dos Scythas, (que se intitulava Rey dos Hunos, Godos, Medos, & Danos, medo, & espanto do mundo, asloute, & castigo de Deos) destruindo todas as Cidades, & lugares por onde passava, & não perdoando a coula que encontrasse, atravessando a terra de Venezia, pós tanto temor às gentes daquella Provincia, que não se tendo por seguros na terra se recolheraõ a huns piquenos Ilheos que no mar estavaõ, aonde escapáraõ, & (tendo-se alli por seguros da ira de Attila) começáraõ a fundar casas para viver, & fortificar-se alli o melhor que podiaõ, porque o exercito de Attila não entrava por mar, aonde tambem se recolheraõ alguns que escapáraõ da Cidade de Aquileya, & de outras gentes, q̄ fugiaõ do asloute de Attila. Destes que saõ assás fracos principios, veyo à Cidade de Venezia ser o que agora he. Veja-se o que escrevemos no canto 2. oitava 97.

Da terra hum braço vem ao mar que cheyo. Este braço que aqui poem he a terra de Italia que faz o

Poeta semelhante a hum braço de homem, como fica dito atrás, cercado por tres partes de mar, & por huma só de terra, pelo que lhe chamaõ outros Península. Da parte do Oriente tem o mar Jonio, chamado hoje o golfo de Venezia, ou mar Afonio, & Siciliano. Do meyo dia o mar Ligustico, que he o mar de Genova, & o mar Thyreno, que he de Tolcana: do Septentrião o mar Adriatico, chamado mar de Venezia, & os Alpes. Do Occidente os mesmos Alpes que a dividem de França, & Alemanha, começando do rio Varo, até o monte Adula, chamado hoje pelos moradores Tírel.

Braço forte de gente sublimada. Diz que esta Italia cria gente sublimada, & excellente, assim nas letras, como nas armas. Quanto ao tamanho de Italia, dizem que tem de compido mil & vinte milhas, & de largo não lhe assignão certo espaço, porque conforme a disposiçãõ da terra em huma parte he larga, & em outra estreyta, de circuito lhe daõ duas mil & quinhentas & cincoenta.

15

E M torno o cerca o Reyno Neptunino
Co' os muros naturaes por outra partes;
Pelo meyo o divide o Apenino,
Que tão illustre fez o patrio Marte.
Mas depois que o Porteyro tem divino,
Perdenao o esforço veyo, & bellica arte.
Pobre está já da antiga potestade,
Tanto Deos se contenta da humildade.

Em torno o cerca o Reyno Neptunino. Mostra o que fica dito atrás ser Italia rodeada de mar por tres partes, & pela outra de muros naturaes, que saõ os Alpes, & outras serras juntas a elles. Pelo Reyno Neptunino se entende o mar.

Pelo meyo o divide o Apenino. Apenino he hum esgalho dos Alpes, o qual começa da ribeyra de Genova na Cidade de Niza, & parte Italia pelo meyo, como excellente, & meudamente o escreve Estrabaõ lib. 5. & Polybio lib. 3. Dizem que se chamou assim de Apino Rey de Italia, outros querem que tivesse este nome de Apis hum Capitão antigo, que a foytou, & triunfou della: pelo que entre outros nomes se chama tambem Apenina. Outros dizem que se chamou este monte Apenino por ser o passo por onde Annibal entrou em Italia contra os Romanos, o qual como fosse Carthaginense, & os Carthaginenses se chamaõ Penos, de aqui querem que lhe venha este nome. E porque Annibal passou por aqui diz o Poeta que o fez o proprio Marte illustre: porque com este adversario tão grande, que tantos annos lhe durou se exercitáraõ os Italianos nas coulas da guerra, & fizeraõ maravilhas nella até destruir Annibal, & tomar tua patria Carthago, & aslollalla de todo. Tambem se pode dizer, que estes montes fizeraõ sua patria illustre,

illustre, por serem estorvo, & impedimento aos que por elles querao passar com exercito contra Italia, no qual lugar muytas vezes erao desbaratados, pelo que Plinio lib. 3. c. 4. lhe chama laude, & remedio do povo Romano.

Mas depois que o Porteyro tem divino. Depois que Italia foy astento, & morada do Porteyro divino, que he o Summo Pontifice Vigario de Christo, & Governador da Christandade, afroxou algũ tanto nas cousas da guerra, entregue de todo a outro diferente exercicio, qual he trattar da salvação das almas, vendo quanto Deos Nosso Senhor tolga com gente dada à virtude, & humildade: & quaõ inimigo he da gente soberba, & bellicosa.

16

G *Allia alli se verá, que nomeada
Co's Cesareos triunfos foy no mundo,
Que do Sequana, & do Rhodano he regada,
E do Garumna frio, & Rheno fundo:
Logo os montes da Ninfa sepultada
Pyrene, se levantão, que segunao
Antiguidades contaõ, quando arderão,
Rios de ouro, & da prata então correrão.*

Gallia alli se verá. Tudo o que ha de terra entre o rio Rin, mar Oceano, montes, Pyreneos, mar Mediterraneo, & monte Apenino até Ancona Cidade da Região Piceno, (a que vulgarmente chamamos Marca de Ancona) he entre os Latinos chamado Gallia, & vulgarmente França. Chama-se assim de gala, que he o leyte por serem os Franceles de cor muyto branca, & esta parece a verdadeyra origem da palavra Gallia. Ainda que Ptolomeo tem o contrario, dizendo que estes povos vierão de Assyria, & Armenia a estas partes, & que na lingua Assyria Galat quer dizer coufa tirada da agua: por elles principalmente se terem por escapados, & livres do diluvio na Arca, & assim se prezaõ desta antiguidade: como se diz no Ptolomeo novamente impresso, na terceyra taboa antiga da descripção de Gallia.

Que nomeada co's Cesareos triumphos foy no mundo. Depois que Cesar acabou o Consulado, foy com grande exercito a França, na a qual dez annos continuos teve guerra com os Francezes, & fugey-tou tudo o que ha desde os montes Pyreneos até os Alpes, & todo o restante até o rio Rhin, & venceo outras gentes bellicosas, que seria largo contar, das que elle tratta nos seus Commentarios, que por seus mesmos inimigos foraõ approvados. E pelas muytas vittorias que houve em França, & triumphos que alcançou diz o Poeta que a Gallia foy nomeada no mundo com os Celareos triumphos.

Que do Sequana, & Rhodano he regada. E do Garumna frio, & Rheno fundo. São rios que passaõ por França. Sequana chamado Seyne, sahe de huns

montes chamados Sequani, & Vegefo em Borgonha passa por terra dos Senones, que hoje se chamaõ Sens, donde parece tomar o nome: passa tambẽ pela Cidade de Paris. Rhodano chamado Rholne, nasce nos Alpes, & faz o Lago que dizem Lozana, a cuja ribeyra està Genova. Garumna laye dos montes Pyreneos, passa por Tholota, Viena, Bordeaux, & he muyto grande. Rheno he o rio Rhin de que trattey atrás neste canto, oytava r.

Logo os montes, &c. Entende os montes Pyreneos, que dividem França de Hespanha, os quaes como dizem os Poetas toraõ chamados assim de huma donzella chamada Pyrene, que Hercules deshonorou, à qual matãraõ humas bestas feras em humas montanhas onde elle a deyxou. E por que esta moça alli foy sepultada, se chamãraõ Pyreneos, como aqui diz o Poeta. Outros querem que se chamasse assim de huma fabula, que destas terras Diodoro Siculo, & outros contaõ, que no anno de 880. antes do Nascimento de Christo Nosso Senhor arderaõ em tal maneyra, que o fogo foy visto quasi de todas as partes de Hespanha, & de muyta parte de França: aonde acrecentaõ que a grande quentura do fogo penetrou as entranhas da terra, & derreteo as veas, & minas della de maneyra, que correrãõ grandes rios de prata, & ouro, donde se fizeraõ ricas muytas nações: & que daqui de pyr, que em Grego quer dizer fogo, se chamaõ estes montes Pyreneos, como aqui tambem aponta o Poeta. Plinio lib. 3. c. 1. tem isto por fabula. Dos Pyreneos, & sua Descripção tratta Garibay lib. 5. c. 15. pag. 122. largamente, onde poem esta fabula.

17

E *Is aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça alli de Europa toda,
Em cujo senhorio, & gloria estanha
Muytas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força, ou manha
A fortuna inquieta por lhe nõda,
Que lha não tire o esforço, & onfadia
Dos bellicosos peytos, que em sicria.*

Eis aqui, &c. Hespanha he Provincia de Europa, da qual os Geographos começãõ suas Descripções, por ser a principal de toda ella em todas as cousas como todos affirmãõ. Estrabão lhe dá figura de corno de vaca, ao qual seguem todos os Modernos. He rodeada de mar por todas as partes, salvo do Oriente, aonde os Pyreneos a dividem de França. Divide-se Hespanha toda em tres Provincias, Bethica, Lusitania, & Tarraconenfe. A Tarraconenfe (chamada assim de huma Cidade de Tarragona sua Metropoli) tem estes Reynos: Murcia, Valença, Aragão, Catalunha, Lião chamado Castella a velha, Toledo, Navarra, Galiza, Asturias, Biscaya, & Guipuscoa, Bethica (dita assim do rio Bethis que por ella passa, chamado vulgarmente

mente Guadalquivir, a qual palavra he Arabiga, & quer na nossa lingua dizer rio grande) chama-se Andaluza, o qual nome tomou dos Vandalos, que a senhoreárao, & chamando-se primeyro Vandallia, se veyo a chamar Andaluza corrupto o vocabulo. Tem esta Provincia estes Reynos, Sevilha, Cordova, Granada, & Jaem. Lusitania [que agora chamamos Portugal] diz-se assim de Luso, ou Lyfa companheyros de Bacho, ou filhos como alguns o querem: os quaes aportando a esta terra, fizerao nella seu assento, & como a governárao, & forao senhores della, de seus nomes se chamou Lusitania Lyfytania, hoje se chama Portugal, ainda que não tem todas as terras, que a antiga Lusitania tinha, tem outras muytas, que não erão da Lusitania: verdade he que tem hoje os Reys de Portugal o melhor da Lusitania antiga. Deyxadas as Descripções da antiga Lusitania, se pôde o nosso Portugal partir em quatro Provincias: Translagana, a que chamamos Alentejo, a qual parte compreende os campos de Ourique, & Algarves aquem mar. Estremadura, na qual está Lisboa, Santarem, Coimbra, Abrantes, & outros muytos lugares. Interamnis, chamada hoje Entre Douro, & Minho, terra muyto frelça, & abundante, na qual está a Cidade de Braga, Porto, & outros muytos lugares. Transinontana, Trás os montes, aonde está a Cidade de Bragança, cabeça do Ducado de Bragança, & outros lugares: & este he o Reyno de Portugal, o qual sempre andou annexo a Hespanha, como parte sua, até que Dom Affonso o sexto Rey de Hespanha de alcunha o Bravo, que tomou Toledo aos Mouros, querendo satisfazer aos serviços, & ajudas, que o Conde Dom Henrique lhe tinha dado, casando com sua filha Dona Tareza, lhe deu em dote todas as terras, que naquelle tempo erão tomadas aos Mouros nesta parte de Lusitania, que agora he Reyno de Portugal, com todas as mais, que elle podesse conquistar. Da origem desta palavra Portugal se veja a nossa annotação neste canto, oytava 20.

Muytas voltas tem dado a fatal roda. Isto diz pelas grandes mudanças que houve nos Reynos de Hespanha por muytos annos: porque a sugeytárao Suevos, Alanos, Vandalos, Romanos, & Godos, havendo entre elles grandes guerras sobre ella: como contão as Historias de Hespanha, & se pôde ver largamente em Garibai no seu Compendio Historial lib. 5. 6. & 7. Nas quaes voltas andou até que ultimamente por ordem, & conselho de Julião Conde de Ceuta, foy entrada, & destruhida quasi toda dos Mouros, no anno do Nascimento de Christo Nosso Senhor de 714. sendo Rey Dom Rodrigo ultimo dos Godos. E não ficárao por sugeytar, se não alguns poucos Christãos, que se recolherão, fugindo desta praga para as terras das Asturias, & Bitcaya: os quaes estando já para se entregar aos Mouros, forão estorvados por conselho de hum Fidalgo Biscainho chamado Pelayo de nação Hespanhol: ainda que alguns o fazem da fa-

milia, & casa dos Godos: o qual aquelles poucos Hespanhoes que por aquellas serras estavão, o levantárao por Rey no anno de 716. Este teve muytas vittorias dos Mouros, tomando-lhe muytos lugares, & desbaratandoos muytas vezes, que foy principio de serem lançados de Hespanha.

A fortuna inquieta por lhe nada. Elegantissima mente declarou a natureza da fortuna, chamando-lhe inquieta, porque não sabe estar queda, & firme em hum lugar. Os Poetas a pintão em figura de molher sem olhos, sobre huma bola, para mostrar sua inconstancia, & inquietação, & quão cega, & desatinadamente se ha na repartição das coufas, dando sempre pela mayor parte tudo aos que não merecem nada: pelo que lhe chamou Seneca tragico, inimiga dos bons.

O fortuna viris invida fortibus,

Quam non æqua bonis premia dividis?

O fortuna invejosa aos homens esforçados, quão mal repartes teus premios pelos bons. Disto, a que os homens chamão Fortuna estão cheyos os livros dos Philoophos, & Poetas, veja-se a nossa annotação no primeyro canto, oytava 44.

18

*Com Tingitania entesta, & alli parece,
Que quer fechar o mar Mediterraneo
Onde o sabido Estreyto se ennobrece
Com o extremo trabalho do Thebano:
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza, & tal valor,
Que qualquer dellas cuyda, que he melhor,*

Com Tingitania entesta. Mostra como defronte de Hespanha está a Provincia Tingitana, chamada assim de Tingi Cidade sugeyta aos Reys de Portugal por nome Tangere. Esta Provincia comprede os Reynos de Fez, & Marrocos: commummente se chama esta terra Berberia.

Alli parece, que quer fechar o mar Mediterraneo. Este mar aparta Europa de Africa. Tem entre os Autores outros muytos nomes, porque se chama *Mare magnum, Mare internum, Mare nostrum, Mare Thyrrænum, Mare Hesperium*; que quer dizer, Mar grande, Mar de dentro, Mar nosso, Mar Thoscana, & Mar de Italia. Chamao-lhe tambem os Hespanhoes Mar de Levante. Tem além destes outros nomes conforme aos lugares por onde passa.

Onde o sabido estreyto se ennobrece Com o extremo trabalho do Thebano. O sabido estreyto he o de Gibraltar assas conhecido. a que chamão os Latinos *fretum Gaditanum, & fretum Herculeum*, estreyto de Cadix pela Cidade Cadix que nelle está: & estreyto de Hercules, porque dizem as fabulas, que depois de Hercules haver perigrinado pelo mundo,

alim.

alimpandoo de varios monstros que nella havia, aportou aonde agora he Gibaltar, & estando alli huma serra muyto grande, a partio pelo meyo, & fez, que o mar fizesse teu curto pelo meyo della, como hoje faz dividida a serra em duas partes, huma chamada Calpe, & outra Abyla, a qual os Autores chamão Alyba, que quer dizer columna, porque Hercules poz em cada huma destas serras huma columna, como termino, & fim de seus trabalhos: as quaes columnas andão hoje nas armas dos Reys de Castella. Na terra Calpe está hoje Gibaltar, & na Abyla Ceuta: esta he a razão, porque os Autores chamão estes dous montes as columnas de Hercules.

O grão Thebano. He Hercules chamado assim da Cidade de Thebas donde elle foy natural. A verdade he que Hercules terciodecimo Rey de Hespanha esta enterrado em Cadix, o qual foy Excellentissimo Rey: pelo que foy tido por Deos, assim dos Hespanhoes como dos Africanos. Depois deste houve muytos que á sua imitação se chamáráo Hercules. O ultimo foy este de Thebas, de que o Poeta aqui fala, ao qual attribue a cavallaria, & esforço que este primeyro Hercules teve. Esta he a razão porque este estreyto se chama tambem Hercules, o mais he fingimento Poetico, lea-se Garibai no teu Compendio lib. 4. c. 15.

Como as nações diferentes se engrandece. Isto diz pelas diferentes nações que tem Hespanha, como atrás fica dito.

19

T Em o Tarragonéz, que se fez claro,
Sugeytando Partenope inquieta,
O Navarro as Asturias, que reparo
Já foraõ, contra a gente Mahometa:
Tem o Galego canto, & o grande, & raro
Castelhano, a quem fez o seu Planeta
Restituidor de Espanha, & senhor della,
Bethis, Leaõ, Granada, com Castella.

Tem o Tarragonéz, que se fez claro. De Tarragona se veja a nossa annotação neste canto, oytava 17. Aqui Tarragonéz se entende sómente o morador do Reyno Aragão, pelo que aqui tratta: porque El-Rey Dom Affonso de Aragão foytado Napoles, a qual foy chamada antiguamente Partenope, como a chama aqui o nosso Luis de Camões. Os poetas contão que Partenope foy huma das Sereas, que não podendo com seu canto destruir a Ulysses, & sua armada, tomadas disto se lançáraõ de hum rochedo no mar aonde morreirão, & huma dellas chamada Partenope foy dar a huma parte aonde foy enterrada, & edificado ahi hum lugar que se chamou Partenope de seu nome. E porque eites fundadores de Partenope se hião esquecendo de sua natureza, & delemparavão a Cidade, & Comarca de Cumas, aonde elles alli vierão, por lhe contentar muyto aquelle sitio de

terra, foy publicamente mandado, que a Cidade fosse destruida, & os que nella moravão se tornassem para Cumas. Mas socedeulhe mal este negocio, porque subitamente lhe sobreyo grande peste, consultando o Oraculo respondeulhe, que tornassem a Cidade Partenope a teu primeyro estado, & que desta maneyra cessaria a peste, o que elles fizeram logo por se livrar de hum mal tão grande, & dali foy chamada Napoles, que quer dizer nova Cidade, porque novamente foy edificada por mandado do Oraculo.

Sugeytando Partenope inquieta. Chama a Napoles inquieta pelas grandes revoltas que sobre ella houve, como conta Garibai no seu Compendio Historial lib. 32. c. 8. utque ad 18. no qual tratta como Dona Joanna Raynha de Napoles perfilhou a Dom Affonso Quinto, & ultimo deste nome dos Reys de Aragão de alcunha o Magnanimo, mas esta amizade durou pouco, & depois houve trabalhos até que El-Rey Dom Fernando 19. de Aragão, & 20. de Castella a foytado até hoje.

O Navarro, as Asturias, que reparo lá foraõ contra a gente Mahometa. Das terras das Asturias, & Navarra, se tornou a recuperar Hespanha por hum Fidalgo chamado Pelayo, que pelo grande amor, & affeição que lhe os povos Espanhoes, que então havia, tiverão, levantáraõ por Rey, & chamáráo por Dom. Palavra que até estes nossos tempos dura entre Reys, & outros senhores de Hespanha, a qual palavra, Dom, he derivada da palavra Latina *Dominus*, que quer dizer, Senhor: & porque por conselho deste nobre Cavalheyro receberão os Espanhoes algum refrigerio, & se tornáraõ a alar, & cobrar esforço, & debayxo de sua bandeira lhe fez Deos muytas merces, lhe puserão este tão amoroso, & honrado titulo de Dom, não se chamando antes mais que Pelayo.

Bethis, Leaõ, Granada, com Castella. Pela Descripção de Hespanha, que atrás pus, se entenderá este verso, que tratta de alguns Reynos de Castella, como he o de Andaluzia, que se entende por Bethis, porque assim chamão os Letinos ao rio Guadalquivir que por elle passa.

20

E Is aqui quasi cume da cabeça
De Europa toda, o Reyno Lusitano,
Onde a terra se acaba, & o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano:
Esta quiz o Ceo justo, que floresa
Nas armas, contra o torpe Mauritano,
Deytandoo de si fóra, & lá na ardente
Africa, estar quieto o não consente.

Eis aqui quasi cume da cabeça De Europa todo o Reyno Lusitano. Aqui tratta de Portugal, cuja Descripção se póde ver atrás, oytava 17. aonde tratteydo que agora he propriamente Portugal, pelos mais

mais claros nomes que eu pude. Quanto à origem deste nome Portugal, todos os homens Doutos (principalmente os nossos Portuguezes, que procurâo tirar a limpo a verdade da origem da tua patria) concordão nisto, & he, que antiguamente houve na foz do rio Douro, em hum alto, que pende sobre o rio, hum lugarinho por nome Calé, no qual vivia alguma gente pobre, principalmente pescadores: & como estes vivessẽ trabalhosa-mente naquelle lugar por causa da ruim serventia que tinhão no hir, & vir do rio, onde principalmente trattavão: começáo de se recolher para a praya, a qual chamávo porto, & edificar alli algumas casas, para fugir do mau tratamento que em Calé passávo. Creceo a gente, & creceirão os edificios de maneyra, que se veyo a fazer Cidade, á qual chamávo porto de Calé, do nome do lugar Calé, & do porto que era na praya. E porque estas duas letras C. & G. em muytas Linguas se poem huma por outra muytas vezes: o que acontece em outras palavras, soccedeo nesta; que de Portocale se veyo chamar á Cidade Portugale: & porque o Porto era das mais antigas Cidades, & de mayor concurso de todas, as que naquelle tempo havia no Reyno de seu nome Portugale se chamou o Reyno Portugal: & não por ter porto de Franceses, como alguns querem: Esta opiniao tem o nosso André de Retende, Olorio, Duarte Galvão, & outros, & que estivesse antiguamente o lugar Calé, de que falãmos no lugar acima dito, affirma Ortelio na sua Synonimia Geographica, na palavra Calé: aonde refere o Emperador Antonino, que a situa na mesma parte. Novamente o Padre Doutor Frey Bernardo de Britto na sua Descripção de Portugal, lib. 1. pag. 67. lhe dá outra etymologia; he livro que todõs os curiosos devem ter, alli se póde ver.

Onde a terra acaba, & o mar começa. Este Reyno de Portugal está no fim da terra contra o Occidente, como he notorio, & aqui se estende o mar por todo o Universo.

E onde Phebo repousa no Oceano. Por estes termos mostra estar Portugal nas partes do Occidente.

21

Esta he a ditosa patria minha amada,
A qual, se o Ceo me dà q̃ eu sem perigo
Torne com esta empresa já acabada,
Acabese esta luz alli comigo:
Esta foy Lusitania derivada
De Luso, ou Lyfa, que de Baccho antigo,
Filhos forão, parece, ou companheyros,
E nelle então os Incolas primeyros.

Acabese esta luz, alli comigo. Termo Poetico; & muyto usado tomarse esta palavra luz entre os Latinos pela vida, como aqui toma o Poeta.

Esta foy Lusitania. No canto primeyro, oytava

37. & 56. disse como o nosso Portugal se chama entre os Latinos Lusitania, do nome Luso, & Lyfa companheyros de Baccho, alli se póde ver, & o nosso Poeta o diz na oytava seguinte: outros querem, que se chamasse esta terra assim de Luso decimo nono Rey de Hespanha, veja te Garibai no seu compendio lib. 4. cap. 21.

22

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê, q̃ de homem forte os feytos teve,
Cujã fama, ninguem virã, que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve:
Esta o velho, que os filhos propios come,
Por decreto do Ceo, ligeyro, & leve,
Veyo a fazer no mundo tanta parte,
Criandoa Reyno illustre, & foy desta arte.

Desta o Pastor nasceo. Como fica dito não tem agora o nosso Portugal todas as terras, que a Lusitania antiga tinha, & nos termos outras muytas novamente assignadas a Portugal, que não erão contadas na Lusitania. Entre outras Cidades que tinha a antiga Lusitania, huma era Samora, situada nas ribeyras do rio Douro, da qual dizem foy natural o grande Viriato, que foy Capitão General dos Lusitanos; outros o fazem natural da Beyra não lhe assignando lugar de sua natureza: huns, & outros procedem nesta materia muyto escuramente: pelo que a certeza que eu acho neste particular, he não haver outra se não a carga cerrada dizer, que foy Lusitano, como todos os Historiadores e fazem, pelo modo acima ditto. Antes deste Viriato settenta annos pouco mais, ou menos houve outro Varão illustre, a que alguns fazem Rey no tempo de Annibal, que o acompanhou a Italia, & morreo na guerra de Cannas como refere o nosso Retende lib. 3. onde declara hum lugar de Silio Italico a este proposito. Quatorze annos perseguio este Viriato (de que fallamos) os Romanos, & deu assã em que entender, & deã mais, se o não matão á treyção dous soldados seus, principaes de seu exercito: dos quaes se fiava, & se servia nas occasiões de importancia, induzidos, & sobornados por Servilio Cepião Capitão dos Romanos, com que então Viriato trazia guerra, com o qual elles trattavão pazes por mandado de Viriato. Este diz o nosso Poeta que foy pastor, no que segue a Paulo Orosio, outros muytos o fazem salteador de caminhos, & aqui Capitão dos Lusitanos. Lucio Floro o faz primeyro caçador, & depois Capitão. Quanto a mim, pelo que entendo das Historias, Viriato devia ser salteador de Romanos, porque andava levantado contra elles em companhia de outros Lusitanos; cujo nome veyo em tanto crescimento (pelo estrago que nos Romanos fazia, o qual durou por muytos annos) que vendo os Lusitanos seu valor, & esforço, o fizeram Capitão General.

General. E não há para que lhe chamem ladrão, pois não lemos que exercitasse tal officio, se não contra Romanos inimigos de sua Patria. E como os Romanos trattão delle em suas Historias, não he de espantar, daremlhe este nome, pois os trattava tão mal. Quer o nosso Poeta que se chame Viriato a *viribus*, ou a *virtute* por seu esforço, & cavallaria, no canto oytavo, oytava 6. tratta delle mais largamente, & a nossa annotação no canto primeyro, oytava 26.

Está o velho que os filhos come. Pelo velho que come os filhos se entende Saturno filho do Ceo, & Vesta como diz Lactancio. Este Saturno fingem os Poetas, que comia todos os filhos que Ope sua mulher paria: pelo que o fazem figura do tempo, o qual gasta tudo, & daqui o pintão com huma fouce na mão, para dar a entender que tudo cega, & contome o tempo, & isto he o que quiz o Poeta aqui moltrar, que o tempo, que gasta todas as coufas, & faz de novo apparecer outras, que nunca forão: veyo a fazer de Portugal (que era huma muyto pequena parte de Hespanha) Reyno, & tão illustre, & conhecido como agora por experiencia vemos.

23

HUm Rey por nome Affonso, foy na España q fez aos Sarracenos tãta guerra, (nha, Que por armas sanguineas, força, & manha, Amuytos fez perder a vida, & terra: Voando deste Rey a fama estranha, Do Herculano Calpe à Caspia serra, Muytos (para na guerra esclarecerse) Vinhaõ a elle, & a morte offerecerse.

Hum Rey por nome Affonso foy na Hespanha. Este foy El-Rey Dom Affonso o sexto de Hespanha Emperador cleyto, o qual no anno de mil & oytenta & tres tomou a Cidade de Toledo aos Mouros. No tempo deste Rey tazião ou Mouros grandes insultos em Espanha, & elle fez tanto estrago nelles, que suas coufas erão sabidas pelo mundo. Pelo que de diferentes partes da Christandade concorrião muytos Senhores Christãos em sua ajuda, zelosos da defenção, & augmento da Fè Catholica, como se conta nas Chronicas de Hespanha largamente.

Que fez aos Sarracenos tanta guerra. Sarracenos são moradores de Arabia chamada Petrea, ou de seu primeyro fundador Petreo filho de Curete neto de Cham, ou por ser (como alguns querem) terra muyto aspera, & pedregosa, como eu ouvi a pessoas, que a virão, & andarão. E he isto tanto assim, que os animaes da terra se sustentão do orvalho, que cae por cima das pedras, lambendoas com a lingua, provendoos a natureza deste remedio pela falta de herva, que não tem, & são fermosissimos de gordos. Esta Arabia Petrea confina com Judèa. Nesta forão os Ismaelitas, Agarenos, Moa-

bitas, & Ammonitas, de que a Sagrada Escriitura faz menção. Aqui está o monte Sinay aonde está o corpo da Bemaventurada Santa Catherina. Nesta parte morou Esau neto de Abraham, & filho de Isaac. Daqui os Arabes, que chamamos Alarves corrupto o vocabulo se chamão Sarracenos, & se jactão muyto deste nome, dizendo, que procedem de Sara mulher de Abraham, pelo que esta palavra se deve escrever com hum só r. E porque no anno do Senhor de 999. passãrão estes Arabes à Africa com suas casas, & familia, & andando o tempo vierão a ser senhores de muyta parte della. Daqui chamamos aos moradores de Africa Sarracenos, sendo nome proprio dos Alarves, dos quaes hoje em dia ha grande abundancia em Africa. Chamaõse tambem Agarenos de Agar escrava de Abraham, cujo filho Hamael foy Rey em Egypto, & senhor de muyta parte de Africa: pela qual razão lhe chama o Poeta muytas vezes neste livro netos de Agar, & descendentes de Agar. Chamamos hoje a esta gente Mouros, palavra antiquissima, cuja origem quanto a mim he de Mauron, palavra Grega que significa coula negra, porque elles o são todos pela mayor parte. Vejase Francisco del Marmol Caruajal na sua Africa r. p. lib. 1. c. 18. & nós trattamos atrás no canto 1. oytava. 8.

Do Herculano Calpe a Caspia serra. No anno de 712. como consta das Historias foy entrada Hespanha pelos Mouros de Africa, com ajuda de Julião Conde de Ceuta. E porque passãrão em Gibaltar chamãrão ao monte de Gibaltar Jobel perrot, que quer dizer, monte de vittoria, porque dali começãrão a ganhar a terra: Este monte se chamava antes Calpe, & assim lhe chamão hoje os Historiadores, & Poetas. Tem por epitheto Herculano como fica dito oytava 18. Por este termo de falar entende desde o estreito de Gibaltar, que he no fim de Hespanha, até a gente que mora ao longo da terra Caspia na Asia, como se dislera, que por todas as terras do mundo forão sabidas as coufas, que El-Rey Dom Affonso fazia em Hespanha contra os Mouros inimigos da nossa Santa Fé Catholica.

24

E Com amor intrinseco acendidos Da Fè, mais que das honras populares, Eraõ de varias terras conduzidos, Deyxando a patria amada, & proprios lares: Depois que em feytos altos, & subidos Se mostrãrão nas armas singulares, Quiz o famoso Affonso, que obras tuas, Levasssem premio digno, & dões iguaes.

E com hum amor intrinseco. Lugar he este bem digno de consideração ver a volta, que o mundo tem dado, & a Metamorphosi, que se ha feyto na gente, em que principalmente florescia a Christandade, & que mais se afinalava, & esmerava no ser-
vico

viço de Deos: que hoje por nossos peccados está em hum tão triste, & perdido estado: & que aquelles que com tanta lealdade, & zelo da Fé de Christo deyxáuaõ suas patrias, amigos, & fazendas, tendo tudo o que ha na terra em pouco, & não lhe lembrando outra cousa, se não a honra de Deos, & augmento, & exaltação de sua Santissima Fé, hoje sejão os mayores inimigos que temos, & que trattem, & se ajudem daquelles, que sempre andaráõ com a espada na mão contra os Christãos.

25

D Estes, Henrique dizem, que segundo Filho d' hũ Rey de Ungria exprimētado, Portugal bouve em sorte, que no mundo Então não era illustre, nem prezaao: E para mais sinal de amor profundo. Quiz o Rey castelhano, que casado Com Theresa sua filha o Conde fosse, E com ella das terras tomou posse.

Destes Henrique dizem. Sobre a patria, & origem do Excellentissimo Principe Dom Henrique Conde de Portugal, & primeyro fundador da casa Real destes Reynos ha entre os Autores diferentes opiniões: porque huns o fazem do tronco dos Emperadores de Constantinopla, & a esta parte se inclinão mais os Castelhanos: outros dizem, que foy filho segundo de hum Rey de Ungria, os quaes segue aqui o nosso Camões, outros dizem proceder da casa de Lotharingia chamada agora Lorena, & esta opiniaõ pareceo melhor a Garibay no seu Compendio lib. 34. c. 2. no que segue a Vasco, & outros que procuraráõ tirar isto a luz, & tabello de raiz. A mesma opiniaõ tem o Autor da Chronica d' El-Rey Dom Manoel, 4. p. c. 72. Novamente imprimio o Doutor Duarte Nunes de Leão huma Genealogia dos Reys de Portugal, aonde o faz natural da Cidade Bezançon do Condado de Bergonha, filho de Guido Conde de Vernol. Eu em cousa tão duvidosa não tenho que afirmar, cada hum siga o que lhe parecer.

Portugal ouve em sorte. Este Conde Dom Henrique sahio de sua patria com proposito de servir a Deos contra infieis, em companhia de outros cavalleiros, o qual aportando a estas partes ajudou com tanto esforço, & fidelidade a El-Rey Dom Affonso o Sexto Emperador de Hespanha, em muytas occasiões que se offercerão, & El-Rey o estimava muyto. Pelo que assim por suas partes tão excellentes, & cousas dignas de memoria que na guerra fez, como por ter de tanguê tão illustre o casou com huma sua filha, por nome Dona Tarefa, com a qual lhe deu em dote muytas terras em Galiza, & o que possuia em Portugal, que era Coimbra, Lamego, Viseu, a Comarca da Beyra, o Porto, Braga, Guimarães, com as terras de entre Douro, & Minho: & aquella parte que os Portu-

guezes chamão Trias os Montes, & juntamente direyto para conquistar tudo o mais que os Mouros occupáuaõ da Lusitania. Garibay no lugar allegado poem tambem algumas condições, & obrigações que El-Rey Dom Affonso poz ao Conde Dom Henrique nas terras, & titulo, que lhe deu. Como este Conde Dom Henrique haja vindo a estas partes ha entre os Historiadores diferentes opiniões, o que se conta por mais certo he, que passando elle em huma armada, que hia de Olanda, & Zelanda à Conquista de ultra mar, veyo ter a Corunha, & dalli ficou em Hespanha em servico d' El-Rey Dom Affonso.

26

E Ste depois que contra os descendentes Da escrava Agar vitorias grãdes teve, Ganhando muytas terras adejacentes, Fazendo, o que a seu sorte peyto deve: Em premio destes feytos excellentes, Deolhe o supremo Deos em tempo breve, Hum filho, que illustrasse o nome ufano, Do bellicojo Reyno Lusitano.

Contra os descendentes da Escrava Agar. Os descendentes de Agar são os Mouros, como fica dito atras. Contra estes depois de ter o titulo de Conde de Portugal, & ter tenhor delle, fez grandes cousas o nosso Conde Dom Henrique, & lhe tomou muytos lugares à força de armas, como aqui aponta o nosso Poeta.

Deulhe o Supremo Deos em tempo breve hum filho. Este foy o felicissimo Dom Affonso Henriques, primeyro Rey destes Reynos, o qual nasceo em Guimarães no anno de 1094. & bem se mostra pelo modo de seu nascimento, & do que Deos Nosso Senhor nelle obrou, as merces, que ao diante lhe determinava fazer. Contão os nossos Chronistas que foy o nascimento d' El-Rey Dom Affonso estranho, porque além de nascer muyto grande, nasceo com os pés ligados, & attados para trás, do que seus Pays ficáraõ muyto enfadados. Puteirão lhe na pia por nome Affonso, do nome de seu avó Dom Affonso Emperador de Hespanha, & do nome do pay Dom Henrique, o sobre nome Henriques. Acrecentão os nossos Historiadores, que pedindo continuamente a Deos os Condes desse laude a seu filho primogenito, & o sarasie daquella fealdade, tomando por intercessora a gloriosa Virgem Maria Nossa Senhora, lhe foy revelado fosse a huma Igreja, que estava em hum lugar chamado Carquere ao longo do rio Douro que está duas leguas de Lamego, onde a mesma Senhora havia aparecido, & que levado o menino lá no anno de 1099. sendo já de idade de cinco annos (anno finalado em que os Principes Occidentaes havião ganhado aos infieis a Sãta Casa de Jerusalem, & aclamado por Rey della a Gofredo de Bulhão) foy tão daquella

daquella tua fealdade, & indisposição, querendo Nosso Senhor soltar, & dispor para exaltação, & augmento de tua Santa Fé. Os Condes agradecidos, & lembrados de huma tão grande merce, como Nossa Senhora lhe fizera em lhe dar saude a seu filho, mandaráo logo que se acabasse de edificar aquella Casa, aonde a Senhora havia apparecido, porque não estava mais que começada. Depois se fez hum Mosteyro, onde estiverão Religiosos da Ordem do Bemaventurado Santo Agostinho, & hoje estão Padres da Companhia de Jesus.

27

J *A tinha vindo Henrique da conquista
Da Cidade Hiero so solyma sagrada,
E do Jordão a area tinha vista;
Que vio de Deos a carne em si lavada:
Que não tendo Gotfredo, a quem resistia,
Depois de ter Judéa subjugada,
Muytos, que nestas guerras o ajudaráo
Para seus senhorios se tornárão.*

lá tinha vindo Henrique da Conquista Da Cidade Hierosolyma sagrada. Hierosolyma he a Cidade de Hierutalem a principal, não sómente de Judea, mas de todo o mundo, tão conhecida, & celebrada pelas Escrituras Sagradas. Senhora dos Gentios, Princesa de todas as outras, morada dos Patriarchas, Mãe dos Prophetas, & Apostolos, principio de nossa Fé, gloria do povo Christão, terra de promessa, a qual antigamente deu com tanta abundancia todas as cousas a seus moradores, agora dá a todo o genero humano remedio para se poder laivar, & viver eternamente, pbis nos ensina os Heroycos feytos, vida, & successos de nossa redempção. Os Turcos, & mais inimigos de nossa Santa Fé lhe chamão cods Baruch, que quer dizer lugar de benção, pela grande abundancia de todas as cousas, & excellencia da terra. Esta Cidade teve grandes combates, & foy por vezes destruhida. Primeyramente a destruhio Vespasiano Tito, no anno de Christo nosso Senhor de settenta & tres, depois no anno de cento & trinta & seis foy restaurada por Elio Imperador, & de seu nome chamada Elia Destruhiraõna depois os Sarracenos, & gente do Soldão do Egypto, os quaes nenhuma coula deyxárao, salvo o Sepulchro de Christo Nosso Senhor, & este para com elle ganharem, & mercancearem com os Christãos. Os quaes visto isto fizerão liga entre si, ajuntando hum poderoso exercito de mais de quinhentos mil homens, no anno de 1097. de Franceses, Helpanhões, & Escocезes, Inglezes, Flamengos, Olandeses, & Lotharingios, entre os quaes repartidos os exercitos, & feytos Capitães, hum delles foy Gotfredo (a que outros chamão Godufre de Bulhaõ) de que aqui o Poeta fala. Estes ganhárao a Hierutalem no anno de mil & noventa & nove,

ainda que nesta conta ha variedade entre os Autores. Depois que se ganhou esta Cidade ficou Gotfredo com titulo de Governador, como alguns dizem, não querendo acetytar o de Rey, como bom companheyro, & Capitão. No qual cargo não durou mais que hum anno, porque morreo de doença. Succedeolhe Baldovino seu irmão com titulo de Rey. Depois se perdeo, & a ganhou por vezes, & ultimamente a occupão os Turcos, os quaes a tomárao no anno do Senhor de mil quinhentos & dezaete. Esta hida de Hierusalem de que o Poeta aqui fala, que fez o nosso Conde Dom Henrique, foy no anno de mil-cento & tres, assim com proposito de ajudar os Principes Catholicos Occidentaes na conquista do Oriente, como tambem por visitar os Santos Lugares da Terra Santa. Alem destas occasiões tinha outra, que era ver alguns parentes, & conhecidos seus, que naquellas partes andavão em continuas guerras com os infieis, para os ajudar nellas como bom parente, & Christão. O tempo que lá esteve, sempre se occupou em guerras contra infieis, finalando-se muyto entre todos os outros Principes que lá estavão. Depois que visitou aquelles sagrados lugares, & alcançou muytas reliquias delles, despedido de seus parentes, & amigos, se tornou a Espanha, aonde adoeceo de hũa infirmitade de q morreo, em Galiza na Cidade de Aitorga, a qual Cidade tinha tomado a seu primo Dom Affonso de Castella, chamado Emperador. Foy seu corpo levado a Braga, & enterrado na Igreja mayor intitulada de Santa Maria.

E do lordão a area tinha visto. O rio Jordão, como diz o Bemaventurado S. Hieronymo, ao qual todos seguem nisto, nasce ao pé do monte Libano, de duas fontes, huma chamada Jor, & outra Dam, das quaes ambas juntas em hum corpo se faz o rio Jordão. Neste rio foy baptizado Christo Nosso Senhor, como diz a Escritura Sagrada em muytos lugares, & o nosso Poeta aqui.

28

Q *Quando chegando ao fim de sua idade
O forte, & famoso Ungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O espirito deu a quem lho tinha dado:
Ficava o filho em tanta mocidade,
Em quem o pay deyxava seu treslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pay, tal filho se esperava.*

Quando chegando ao fim de sua idade. Elcrevem mais os nossos Chronistas deste felicissimo Conde Dom Henrique, que estando no fim de sua vida, & entendendo chegar-se o tempo de tua morte, mandou fosse diante delle seu primogenito filho Dom Affonso Henriques, o qual estava em Guimarães. E como pay Catholico, & verdadeyro, lhe aconselhou, o que lhe importava para servir a Deos, & governar

L

governar bem seus subditos, encommendandol he sobre tudo o augmento da Fé Catholica, & o bom tratamento dos seus, regendoos com justiça, & benignidade.

29

M As o velho rumor não, sey se errado
(Que em tãta antiguidade não ha cer-
Conta, q a mãy tomãdo todo o estado, teza)
Do segundo Hymenêo não se despreza:
O filho orfão deyxava desherdado,
Dizendo, que das terras a grandeza,
E o senhorio todo sô seu era,
Porque para casar seu pay lhas dera.

Mas o velho rumor não sey se errado. Contaõ os nossos Chronistas, & alguns Castelhanos, como Garibay no seu Compendio, que a Condesã Dona Tãreza mulher do Conde Dom Henrique que se casou segunda vez depois da morte de seu marido com hum Fidalgo Castelhana, por nome Dom Fernando. O que foy causa para pretender desherdar a seu filho Dom Affonso Henriques, dizendo pretencerem as terras de Portugal a ella, & não a seu filho, pois lhas dera seu pay em dote, quando a casou com o Conde Dom Henrique. Esta opinião segue aqui o Poeta, mas com huma salva, que he dizer que pôde ser mentira, por ser negocio tão antigo, & nas cousas antigas haver tanta incerteza, & duvida. Alguns Varões Doutos tem estas cousas que se dizem da Condesã Dona Tãreza por fabulosas, & que nunca tal socedeo: nem Dona Tãreza casar se segunda vez, nem seu filho Dom Affonso Henriques prendella, o que me a mim tambem parece conforme a razão, nem se pôde crer, que huma tal senhora, & que sempre fez o que devia, se desmanchasse tanto contra o decoro de sua pessoa, & virtude.

Do segundo Hymenêo. Himenêo entre os Antigos era o Deos das bodas, & padrinho dos despoitados: pelo que se toma entre os Poetas tambem pelas mesmas bodas, como o Poeta aqui o toma.

30

M As o Principe Affonso, que desta arte
Se chama, do Avo tomando o nome,
Vendo se em suas terras não ter parte,
Que a mãy, com seu marido as mãda, & come!
Fervendolhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome,
Revolvidas as cousas no conceyto,
Ao proposito firme segue o effeyto.

Mas o Principe Affonso. Continua o Poeta com a ordem dos nossos Historiadores, contando o que succedeo entre o Principe Dom Affonso Henriques, & sua mãy dona Tãreza, depois que se casou

segunda vez, ainda que (como fica dito) não tem estas cousas por certas. Eu tambem, ainda que sou de outro parecer, como disse na oytava passada, não posso recusar de declarar o que o Poeta vay contando, pois meu intento he declarar este livro. Este Dom Fernando com quem se casou (segundo dizem) a Condesã Dona Tãreza era hum Senhor grande, & dos principaes de Castella, & a primeyra pessoa della depois d'El-Rey, pelo que se levantou contra o Principe quasi todo o Reyno. O Principe vendo tão grande sem razão, poz se em armas, & tomou a sua mãy dous Castellios junto à Cidade do Porto, hum chamado da Feyra, & outro de Neiva; dos quaes fez tanta guerra a seu padraõto, que o lançou de todo o Reyno, & prendeo a mãy no campo de Guimarães, como largamente se conta na Historia do Principe Dom Affonso Henriques, & o nosso Poeta aqui, & Garibay no seu Compendio lib. 34. c. 8.

31

D E Guimarães o campo se tingia,
Co o sangue proprio da int estina guerra,
Onde a mãy, que tão pouco o parecia,
A seu filhõ negava o amor, & a terra:
Com elle posta em campo já se via,
E não ve a soberba o muyto que erra,
Contra Deos, contra o maternal amor
Mas nella o sensual era mayor.

Mas nella o sensual era mayor. Não pode deyxar de me parecer mal, em coula tão duvidosa tratar tanto de proposito, como aqui o Poeta tratta, & tratão outras Historias da honra de huma Senhora, tronco, & fonte dos Reys desta nossa terra. E pois o Poeta fala no principio desta materia como de cousa incerta, & muytos o tem por fabulosa. O melhor fora, ou dissimular de todo, ou falar por termos mais honestos.

32

O Progne crua, ô magica Medea,
Se em vossos propios filhos vos vingais.
Da maldade dos pays, da culpa alhea,
Olhay que inda Theresa pecca mais:
Incontinencia mã, cobiça fea,
São as causas deste erro principais;
Scylla por huma mata o velho pay,
Esta por ambas, contra o filhõ vay.

O Progne crua, ô magica Medea. Compãra o Poeta a Raynha Dona Tãreza a duas mulheres que os Poetas fingem crueis. Progne que matou seu filhõ, & o deu a comer a Tereu seu pay, & Medea que por amor de Yafõ matou seu irmão, & hindo fugindo de seu pay, lho hia lançando pelo caminho

nho em pedaços, para que desta maneyra tivesse tempo para fugir. A fabula de Progne, & Medea se pôde ver nas Metamorphoses de Ovidio liv. 6. & 7. Chama o Poeta à Medea magica, que quer dizer teyticeyra, porque o foy grandissima como a pintura todos os Poetas.

Scylla por huma mata o velho pay, esta por ambas contra o filho vay. Duas cousas diz o Poeta, move-rão á Condessa hir contra seu filho Dom Affonso: sensualidade, & cobiça. Estes dous vicios a fizeram commetter huma falta tão grande, como era que- rer privar seu filho do Reyno, que por morte de seu pay lhe vinha por direyto. A qual Dona Tareza diz que foy ainda mais digna de culpa que Progne, que matou seu filho, & Medea que matou seu irmão. Progne tinha por si a sem razão, & afronta que Tereo fizera a sua irmã Philomela. Medea depois que se namorou de Yafó, & lhe en-tregou o vello de ouro, via que achandoa seu pay a mataria, pelo que fez aquella crueldade de matar seu irmão, por escapar da morte: mas a Condessa nenhuma desculpa teve no seu erro. Scylla filha de Niño Rey dos Megarenfes foy occasião da mor-te de seu pay por amor d'El-Rey Minos, a quem ella muyto queria. A esta cegou a incontinençia, & sensualidade, a Condessa além deste pecado tam-bem a cobiça, & desejo de reynar. A fabula de Scylla tratta Ovidio nas Metamorphoses lib. 8.

33

M *As já o Principe claro, o vencimento
Do padraão, & da iniqua mãy levava,
Fá lhe obedece a terra num momento,
Que primeyro contra elle pelejava:
Porém vencido de ira o entendimento,
Amãy em ferros asperos atava,
Mas de Deos foy vingada em tempo breve,
Tanta veneração aos pays se deve.*

Mas de Deos foy vingada em tempo breve. Contão as Historias que quando o Principe Dom Affonso prendeo a mãy, lhe lançou ella grandissimas mal-dições, pedindo a Deos que assim se visse com as suas pernas atadas, & quebradas como lhe elle atá-ra as suas. O que dizem, que depois lhe aconteceu, que sendo já Rey sahindo por huma porta da Ci-dade de Badajoz na Estremadura, se lhe quebrou huma perna, & foy preso por El-Rey Dom Fer-nando de Aragão, como se trata nas Historias do Reyno.

34

E *Is se ajunta o soberbo Castelhana
Para vingar a injuria de Theresa,
Contra o tão raro ingente Lusitano,
A quem nenhum trabalho agrava, ou pesa:*

*Em batalha cruel o peyto humano,
Ajudado da Angelica aefesa,
Naõ só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo afogenta.*

Eis se ajunta o soberbo Castelhana. Vendo Dona Tareza como seu filho a tinha presa, & a não que-ria soltar, mandou secretamente avizar disto a El-Rey Dom Affonso de Castella chamado Empera-dor, a viesse livrar do poder de seu filho, & aco-disse a tomar aquelle Reyno que era seu. Veyo El-Rey com grande poder, & ajuntaraõse em hum lugar, que se chama Valdevés, entre Monção, & Ponte de Lima, & foy o Emperador alli vencido, ficando ferido de duas lançadas: & vendo se neste estado se recolheo á Cidade de Toledo, temendo perdella com este desbarate. Forão presos nesta batalha sette Condes, & outros muytos Fidalgos, & Cavalleyros, & morreo muyta gente.

35

N *Aõ passa muyto tempo quando o forte
Principe em Guimarães está cercado,
De infinito poder, que desta sorte,
Foy refazerse o inimigo magoadado:
Mas com se efferecer à dura morte,
O fiel Egas amo, foy livrado,
Que de outra arte püdera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.*

Não passa muyto tempo. Estando El-Rey Dom Affonso de que atrás falámos em Toledo muyto sentido do desbarate que o Principe Dom Affonso Henriques lhe havia feyto, determinou fazerlhe guerra, & tubitamente deu sobre elle em Guima-rães, aonde o tomou desapercebido, & segundo as Historias dizem a pouco custo, o Principe, & a Villa se perderão se seu Ayo Egas Moniz o não remedeára, o qual se sahio huma menhá ao arra-yal d'El-Rey de Castella, só sem peñca alguma, & depois de tratar muytas cousas se concertou com El-Rey, fazendo-lhe preyto, & omenagem de o cumprir, que o Principe o reconheceria por Sen-hor, & hiria às suas Cortes, com que El-Rey fi-cou muyto satisfeito, & levantou logo o cerco, como se conta na oytava seguinte.

36

M *As o leal vassallo conbecendo,
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vay ao Castelhana, prometendo,
Que elle faria darlhe obediencia:
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, & consciencia
D' Egas Moniz, mas não consente o peyto
Do moço illustre, a outrem ser sogeyto.*

L 2

De

Do moço illustre, d-El-Rey Dom Affonso Henriques, o qual não tinha paciencia, quando soube parte do concerto, que seu Ayo Egas Moniz fizera com El-Rey de Castella, como conta o Poeta pelas oytavas seguintes.

37

Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o Rey Castelhana já agradava,
Que o Principe a seu mando submetido,
Lhe desse a obediencia, que esperava:
Vendo Egas que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida,
Atroco da palavra mal cumprida.

Chegado tinha o prazo. Quando o Principe vio o cerco levantado tão subitamente, ficou espantado, & sabida a causa por seu Ayo Egas Moniz, ficou muy triste, & soltou muytas palavras contra El-Rey de Castella. Vendo Egas Moniz a determinação do Principe, & que se chegava o prazo prometido, em que o Principe havia de hir dar tua obediencia a Castella: vendo-se afrontado, por o Principe não querer cumprir, o que elle ficára com El-Rey, & como ficava tido em ruim conta entre os Castelhanos, foy-te diante d'El-Rey com sua molher, & filhos descalços, & despídos com baraos aos pescoços. Entráraõ desta maneyra pelos pagos de Toledo, aonde estava El-Rey com muytos Fidalgos, & Cavalheyros, o qual o quisera logo mandar matar dizendo, que o enganára, & fora causa de fazer o Principe Dom Affonso o que fazia: o que sem falta fizera, se os Fidalgos que estavam presentes o não desculparaõ, & disserão a El-Rey, que Egas Moniz não tinha culpa, antes merecia favor, & era digno de louvor, em se vir daquelle modo diante de sua Alteza. Pelo que era razão ferlhe levantada a omenagem que tinha dado pelo Principe, & detobrigalo da promessa que fizera. O que El-Rey logo fez pelo dito dos Fidalgos. Todas estas cousas tratta aqui o Poeta de modo, que se escuta ler as Chronicas do Reyno para este particular. Este Fidalgo Egas Moniz, de que o Poeta fala neste Canto, foy hum Fidalgo muyto esforçado, & de sangue nobilissimo, como se diz nas nossas Historias, & nós trattamos no canto primeyro oytava 12.

38

E Com seus filhos, & mulher se parte
Alevantar com elles a fiança,
Descalços, & despídos de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança:
Se pertendes, Rey alto, de vingarte,
De minha temeraria confiança,

Dizia, eis aqui venho offerecido
A te pagar co' a vida o prometido.

Atè pagar com a vida o prometido. O promettido era como atràs declarámos, que o Principe reconheceria a El-Rey de Castella por Senhor, & seria obrigado hir as suas Cortes.

39

Ves aqui trago as vidas innocentes,
Dos filhos sem peccado, & da consorte,
S' a peytos generosos, & excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte:
Ves aqui as mãos, & a lingua delinquentes,
Nellas sós exprimenta toda a sorte
De tormentos, de mortes, pelo estillo
De Scinis, & do touro de Perillo.

De Scinis. Scinis contão os Poetas, que foy hum ladrão muyto forçoso, o qual costumava matar todos os seus hospedes desta maneyra: abayxava os ramos das arvores, & atavalhes os braços, & as pernas nelles, & desde que os tinha bem atados tornava a soltar os ramos, & desta maneyra os despedaçava. Deste ladrão tratta Ovidio nas Metamorphoses lib.7. & na Epistola de Phyllis a Demophonte, & em outros lugares, & outros muytos Poetas.

E do touro de Perillo. Perillo foy hum homem de grande engenho, natural de Athenas, o qual sabendo que Phalaris Rey de Sicilia folgava muyto com novas invenções de tormentos para matar os homens, a que era naturalmente inclinado, foy a Sicilia, & fez-lhe hum touro de metal, com tal invenção, que os homens nelle bramão como touros. Phalaris folgou muyto com o touro, & gavou muyto a Perillo aquella invenção, mas fez que elle a provasse primeyro. Veja-se a nossa annotação neste canto, oytava 94. Isto diz o Poeta que pedia Egas Moniz a El-Rey de Castella, que exercitasse nelle todo o genero de tormentos que lhe parecesse, alegandolhe os que Scinis, & Perillo tinham inventado.

40

Qual diante do algoz o condenado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Poem no cepo a garganta, & já entregado,
Espera pelo golpe tam temido;
Tal diante do Principe indignado,
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rey, vendo a estranha lealdade,
Mais pode em fim, que a ira, a piedade.

ver nas Chronicas do Reyno, ás quaes remetto, os que mais de raiz quiterem saber estas coulas. E o Poeta as, vay contando pelas oytavas seguintes.

41

O Gram fidelidade Portuguesa,
De vassallo, que a tanto se obrigava,
Que mais o Persa fez naquella empresa,
Onderosto, & narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezara,
Que vinte Babilonias, que tomara.

Que mais o Persa fez, naquella empresa. Tendo Dario Rey dos Perlas Babylonia cercada, & não a podendo levar hum seu vassallo por nome Zopyro cortou as orelhas, narizes, & beyços, & deu por todo seu corpo muytas feridas: & desta maneyra se fingio lançado com os de Babylonia, queyxandose muyto da crueldade de Dario. Como os de Babylonia o virão daquella maneyra, deraólhe credito a tuas palavras, & cuydando que trabalharia por vingar a injuria que Dario lhe tinha feyto, & que pelejaria fielmente contra os Persas pois o tratárao tão mal, o fizerao Capitão da gente que tinhao contra Dario, & dizem os Autores, que dizia Dario depois de tomada Babylonia, que mais quizera o seu Zopyro são, que ganhar vinte Babylonias. E isto quiz dizer aqui o Poeta, que foy tão grande a lealdade de Egas Moniz, que passou pela de Zopyro, porque se offerreceo com sua molher, & filhos diante d'El-Rey Dom Affonso, offerrecido a tudo o que mandasse fazer delles: & Zopyro offerreceo só sua pessoa, & além disto o que Egas Moniz fez não foy sómente em favor de seu Rey, & por favorecer sua patria, mas por sahir pela obrigação que tinha a sua pessoa. E Zopyro pretendeo fazer Dario Rey de Babylonia por qualquer modo que fosse: pelo que foy muyto mayor lealdade a de Egas Moniz, que a de Zopyro.

42

M As já o Principe Affonso aparelhava
O Lusitano exercito ditoso,
Contra o Mouro, que as terras habitava,
D'alem do claro Tejo del'ytoso:
Já no campo de Ourique se assentava
O arrayal soberbo, & bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força, & gente tão pequeno.

Já no Campo de Ourique. No anno do Senhor de 1109. no campo de Ourique em dia do Bemaventurado Santiago venceu El-Rey Dom Affonso Henriques cinco Reys Mouros, com muyta gente, sendo os Portuguezes muyto poucos. Aqui foy levantado por Rey á instancia de todos os seus, não o querendo elle acetytar, como se pôde

43

E M nenhuma outra cousa confiado,
Senão no Sumo Deos, que o Ceo regia,
Que tam pouco era o povo bautizado,
Que para hum só cem Mouros haveria;
Fulga qualquer juizo sossegado
Por mais temeridade, que ousadia,
Cometer hum tamanho ajuntamento,
Que para hum cavalleyro bouvesse cento:

44

C Inco Reys Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos experimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança illustre fama:
Segue guerreyras damas seus amigos,
Imitando a fermosa, & forte dama,
De quem tanto os Troyanos se ajudarão,
E as que o Termodonte já gostarão.

Seguem guerreyras Damas. Contão as nossas Historias, que nesta batalha houve de companhia com os Mouros muytas molheres, que de mistura vinhaõ a pelejar contra os Christãos, como se loube depois muyto miudamente pelos Mouros que captiváraõ. E galantea aqui o Poeta, que estas Mouras vieraõ em ajuda dos seus, como Penthesilea Raynha das Amazonas fora em favor de Priamo Rey de Troya, quando estava cercado do exercito dos Gregos.

E as que o Termodonte já gostarão. As Amazonas, que moravão antiguamente na Scythia, por onde o rio Termodonte passa.

45

A Matutina luz serena, & fria
As Estrellas do Polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Mostrando se a Affonso o animava:
Elle adorandoa, quem lhe apparecia;
Na Fé todo inflamado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creyo o que podeis.

A matutina luz. O Poeta nesta oytava, & na seguinte segue o que as Chronicas deste Reyno dizem sobre o aparecimento de Christo Nosso Senhor a El-Rey Dom Affonso Henriques. Assim na era, como na hora, & tempo em que isto tocado differem muyto de huma Relação, ou para melhor

melhor dizer, juramento que novamente se achou no Mosteyro de Alcobaça em hum pergaminho tellado com cinco sellos pendentes, & autenticado, & tido por certo, & verdadeyro nesta Cidade de Lisboa, o qual por ser muyto necessario para entendimento deste lugar, & para ficar memoria mais clara delle o tresladey aqui do Latim em que se achou escrito palavra por palavra na nossa lingua Portugueza, cujo teor he o seguinte. ¶ Eu Affonso Rey de Portugal, filho do illustre Conde Henrique, neto do Grande Rey Affonso, diante de vós bons Varões Bispo de Braga, & Bispo de Coimbra, & Theotonio, & outros principaes Officiaes vassallos do meu Reyno, postas minhas mãos nesta Cruz de metal, & neste livro dos Santissimos Evangelhos juro, que eu misero peccador ví com estes olhos indignos a Jesu Christo Deos, & Senhor Nosso posto na Cruz nesta fórma. Eu estava com a minha gente nas terras do Alentejo no campo de Ourique para dar batalha a Ismael, & a outros quatro Reys Mouros, os quaes tinhaõ consigo infinitos milhares de homens. E a minha gente atemorizada com a multidão dos Mouros estava muyto afadigada, & triste em tanto, que muytos dizião ser temeridade cometer tal guerra. E eu triste, & malenconizado com isto, que havia, comecey de tratar comigo o que faria. Tinha hum livro na minha tenda, no qual estava escrito o Testamento velho, & o Testamento de Jesu Christo, habriho, & li a vitoria de Gedeão, & disse comigo: Vós Senhor Jesu Christo sabeis, que por amor de Vós tomey sobre mim esta guerra contra vossos inimigos, & na vossa mão está dar-me forças a mim, & aos meus, para que vençamos estes que blasfemaõ Vosso Nome. Ditas estas palavras adormeci sobre o livro, & ví hum velho, que se chegava a mim, & que dizia: Affonso tem confiança porque vencerás, & destruhirás estes Reys, & desfarás seu poder; & o Senhor te te mostrará a ti. Em quanto vejo estas cousas, chegou João Fernandes de Sousa meu Camareyro, & disse, levantay vos Senhor, que está aqui hum velho, que vos quer falar. Respondi eu, entre, se he fiel: & entrando donde eu estava, conheci ser aquelle, que tinha visto na visão, o qual me disse: Senhor tende bom animo, venceréis, venceréis, & não fereis vencido. Sois amado do Senhor: porque tem posto sobre vós, & sobre vossos descendentes os olhos de sua misericordia até texta decima geração, a qual será menos acabada algum tanto, mas neste menos cabo a olhará com olhos de sua misericordia. Elle mesmo me manda, que diga, que quando houverdes esta noyte seguinte a campainha da minha Hermida, sayais fóra do arrayal só sem pestoa alguma: porque vos quer mostrar sua muyta piedade. Obedeci, & posto por terra com reverencia fiz o devido acatamento ao menlageyro, & a quem o mandava. E estando eu posto em oração, esperando o som da campainha, na segunda vigilia da noyte a ouvi, & logo armado com espada,

& rodella, lahí fóra do arrayal, & subitamente vi para a banda direyta contra o Oriente hum rayo resplandecente, cujo resplendor se fazia cada vez mayor. Tendo eu os olhos postos firmemente naquella parte, subitamente naquelle rayo mais claro que o Sol, vi o final da Cruz, & a Jesu Christo crucificado nelle, & de huma, & outra banda multidão de mancebos muy termosos, os quaes creyo eu, que craõ os Santos Anjos. Vista esta Visão tirada a espada, & rodella, & deyxado o vestido, & o calçado, me lancey de bruços na terra, & derramadas muytas lagrimas, comecey a rogar pelo esforço de meus vassallos, & sem nenhuma perturbação disse: Senhor para que me appareceis a mim? Quereis augmentar a Fé a quem cre? melhor será que vos vejão os infieis, & creyão, que eu, que pela fonte do Baptismo vos reconheci, & reconheço por verdadeyro Deos Filho da Virgem, & do Padre Eterno. E a Cruzera muyto grande, & estava levantada do chaõ quasi dez covados. O Senhor com hum som de vós suave, que minhas orelhas indignas houvião me disse: Não te apareci desta maneyra por te acrecentar tua Fé, mas para fortificar teu coração neste conflitto, & estabelecer os principios do teu Reyno sobre pedra firme. Tem confiança, Affonso, porque não sómente vencerás esta batalha agora, mas todas as outras, nas quaes pelejares contra os inimigos da Cruz. Acharás tua gente alvoraçada, & esforçada para a guerra, & que te peça, que com nome de Rey entres nesta batalha, não lhe ponhas duvida, mas concedelhe livremente o que te pedirem. Porque eu sou Edificador, & Dissipador dos Imperios, & Reynos, & quero estabelecer Imperio para mim, em ti, & nos teus descendentes: para que meu nome seja levado a gentes estranhas. E para que teus successores conheção quem lhe deu o Reyno, farás o teu braço de armas do preço, com que eu comprey o genero humano: & do preço, com que fuy comprado dos Judeos. E será Reyno para min Santificado, puro por Fé, & amado por piedade. Depois que estas cousas ouvi postro por terra o adorey dizendo: porque merecimentos, Senhor, me fazeis tão grande merce. Tudo o que me mandais farey. Vós ponde os olhos benignos na minha geração, que prometteis, & tende em vossa guarda a gente Portugueza. E se contra elles algum mal apparelhades, convertetey antes sobre mim, & sobre meus successores, & livray o povo que eu amo como filho unico. Concedendo o Senhor disse: não se apartara delles, nem de ti nunca a minha misericordia: por respeyto, & meyo delles apparelhey huma grande sementeyra, & escolhidos a elles por meus tegadores em terras remotas. Ditas estas cousas desapareceo. Torney ao arrayal cheyo de confiança, & gosto: E eu Affonso juro pelos Santissimos Evangelhos de Jesu Christo, em que ponho minhas mãos, que passa assim desta maneyra. Por tanto mando a meus successores, que ao diante haõ de ser, que tragaõ por braço de armas

cinco escudos feytos em Cruz, por amor da Cruz, & cinco Chagas de Jesu Christo, & em cada escudo trinta dinheyros, & em cima a Serpente de Moytes pela Figura de Christo. E este seja o nosso memorial em nossa geraçao, & se algum tomar outro seja maldito do Senhor, & atormentado, no inferno com Judas traydor. Em Coimbra aos 30. de Outubro de 1152. Nesta carta estava assinado o dito Rey Dom Affonso Henriques, dous Bispos, de que fala no principio, & outros Officiaes, & Procuradores do Reyno, cujos sellos pendentes erao das armas daquelles que estavao assinados na dita carta.

A matutina luz serena, & fria. Luz matutina, quer dizer, luz da manhã, porque a manhã chamao os Latinos *matuta*. Veja-se o que escrevemos no canto 2. oytava 92.

As estrellas do Polo ja apartava. Que coula seja Polo, & como se tome pelo Ceo fica dito no canto 1. oytava 24. Quer dizer aqui o Poeta, que a luz da manhã luziu com que se não vissem as estrellas, porque como träs mayor claridade do que tem as estrellas, fiz com que desapareçao por todo o Ceo, & não vejaõ.

46

Com tal milagre os animos da gente
Portuguesa inflamados, levantavaõ
Por seu Rey natural este excellent
Principe, que do peyto tanto amavaõ:
E diante do exercito potente
Dos inimigos gritando, o Ceo tocavaõ,
Dizenda em alta voz, Real Real,
Por Affonso Alto Rey de Portugal.

Com tal milagre. Neste lugar, & tempo visto hum taõ claro, & evidente milagre, todos os Portuguezes a huma voz levantaraõ ao Principe Dom Affonso por seu Rey, o que elle logo por saber ser affim vontade de Deos, & delle lhe vir este taõ honrado titulo, como o mesmo Senhor lhe tinha dito quando lhe appareceo, o acceytou com muyta vontade, & gofio.

47

Qualcos gritos, & vozes incitado,
Pela montanha, o rabido moloso,
Contra o touro rem-te, que fiado
Na força esta do corno temeroso:
Ora péga na crelha, ora no lado
Latindo mais ligeyro. que forçoso,
Até que em fim rompendolhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta.

Pela montanha o rabido Moloso. Moloso he o caõ que em nossa lingua chamamos libreo, chamaõlhe os Latinos *Moloso*, por virem os melhores de Molofia, Provincia do Epyro, a que hoje chamamos Albania.

48

TAl do Rey novo o estamago acendido
Por Deos, & pelo povo juntamente,
O barbaro comete apercebido,
Com animoso exercito rompente:
Levantão nisto os perros o alarido,
Dos gritos, tocao arma, fer ve a gente,
As lanças, & arcos tomão, tubas soaõ,
Instrumentos de guerra tudo atroaõ.

49

Bem como quando a flama, que ateadã
Foy nos aridos campos (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co vento o seco mato vay queymando:
A Pastoral companhia, que deytada
Co doce sono estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, & foge para a aldeã.

O sibilante Boreas. Boreas he o vento a que chamamos Nor nordeste. Chamalhe sibilante, que quer dizer que afovia: porque com seu sopro parece assoviar, por ser vento rijo, & que venta com grande furia.

50

Desta arte o Mouro attonito, & turbado,
Toma sem tento as armas muy depressã,
Naõ foge mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa:
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peytos as lanças lhe atravessa,
Huns caem meyo mortos, & outros vaõ
A ajuda convocando do Alcoraõ.

A ajuda convocando do Alcoraõ. Alcoraõ he entre os Mouros o livro de lua feyta maldita, & onde elles tem posto sua esperança, & pelo qual se regem. Aqui se toma pelo maldito Mafoma seu autor.

51

Alli se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno mostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos, & forçosos,
Por toda a parte andava acesa a guerra,
Mas o de Luso arnez, couraça, & malha,
Rompe, coria, desfaz, abolla, & talha.

E os animaes correndo furiosos, Que Neptuno mos-

trou ferindo a terra. Contaõ as fabulas que havendo alteração entre Neptuno senhor do mar, & Pallas sua sobrinha, filha de seu irmão Jupiter, de cujo nome se havia a Cidade de Athenas nomear, a qual elles ambos havião fundado: como entre elles se não podesse determinar, & averiguar este negocio, fizeram os Deoses junta, na qual assentaraõ, que pusesse nome á Cidade, o que melhor cousa dêsse para serviço dos homens na terra. Neptuno ferio a terra com seu tridente, & sahio o cavallo, animal de tanto esforço, ligeireza, & lealdade. Pallas fazendo o mesmo com a sua lança, deu a oliveyra insignia de paz: & logo por todos foy determinado, que Pallas fizera ventagem, & que ella devia por nome á Cidade, o que fez, chamandolhe Athenas, porque affirm se chama Pallás na lingua Grega. Esta Cidade foy a mais excellente, & nomeada, não digo eu de Grecia, em cujo territorio ella está, mas de todo o mundo. Esta foy a inventora de todas as boas artes, mãy de todos os homens insignes, que no mundo houve em letras. Hoje he huma muyto triste aldeia sem nome, & humas casinhas palhaças: boa injuria dos homens Douros. E bem se vé que Barbaros possuem a terra. Chamaõlhe hoje os moradores Setinc, como quer Ortelio na sua Synonymia Geographica. Alguns querem que haja nella hum estudo de Grammatica Grega, o qual sustenta o Turco em memoria do que a Cidade foy.

Rompe, corta, desfaz, a bola, & talha. A bola, aqui não he vestidura, como alguns commentaõ, que he bom delpropósito para lugar, onde se tratta de cutiladas. He propriamente, abolar, amolgar, & desfazer, & nesta significação se poem aqui, & assim ulão desta palavra os que entendem bem a lingua Portugueza.

5 2

C *Abeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas sem dono, & sem setido,
E doutros as entranhas palpitando,
Pallida a cor, & o gesto amortecido:
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios de sangue desparzido,
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornando Carmesi de branco, & verde.*

Tornado carmesi de branco, & verde. Isto diz para encarecimento do muyto sangue, que havia, que a terra, & o campo estava todo em lugar de sua propria cor feyto carmesi, vermelho, não aparecendo outra cousa se não sangue.

5 3

J *A fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trofeos, & presa rica,
Desbaratado, & roto o Mauro Hispano,
Tres dias a gram Reyno campo fica:*

*Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta vitoria certifica,
Cinco escudos azuis esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reys vencidos,*

O Mouro Hispano. Mouro morador em Hetspanha. Depois de vencido Ismael com outros quatro Reys Mouros, ficou El-Rey Dom Affonso Henriques no campo tres dias, como he costume entre os vencedores, & logo poz no seu escudo, que lhe seu pay em branco deyxára, cinco escudos em cruz, por amor da Cruz de Christo Nosso Senhor, & das suas cinco Chagas, & em cada escudo os trinta dinheyros, porque os Judeos o compraraõ a Judas, como o mesmo Senhor lhe mandara quando lhe appareceo.

5 4

E *Nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheyros, por que Deos fora vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle, de quem foy favorecido:
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Por que assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meyo
Dos cinco azuis, que em Cruz pintando veyo.*

E nestes cinco escudos. O Poeta nesta ordem dos escudos, & dinheyros segue a ordem das Chronicas do Reyno, que o contaõ desta maneyra que elle aqui poem: que pos El-Rey Dom Affonso Henriques huma Cruz azul partida em cinco escudos, por amor da Cruz em que Christo Nosso Senhor appareceo crucificado no Ceo: & em memoria dos cinco Reys Mouros, que vencera, & trinta dinheyros repartidos pelos cinco escudos, em cada escudo cinco: o que tudo he contra a carta que atrás posemos d'El-Rey Dom Affonso, aonde estas cousas estaõ na verdade como fica dito. No tempo que o Poeta escreveu estes cantos, não se sabia a verdade, & certeza deste negocio, pelo que elle fala, conforme ao que as Chronicas dizem, que movidos por Relações não certas, não escreveraõ esta materia com a certeza necessaria.

5 5

P *Passado já algum tempo, que passada
Era esta gram vitoria, o Rey subido
A tomar vey Leyria, que tomada
Fora, muy pouco havia, do vencido:
Com esta a forte Arronches subjugada
Foy juntamente, & o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno
Tu claro Tejoregas tão sereno.*

Passado já algum tempo. Depois daquella insigne vitoria

vittoria do Campo de Ourique, ficou o Mouro Iſmael taõ enfadado, & tomado dos Chriſtãos, que logo foy por cerco a Leyria, que El-Rey tinha dado ao Prior de Santa Cruz de Coimbra, a qual tomou: mas eſteve pouco tempo debayxo de ſeu poder, porque El-Rey Dom Affonso lha tornou logo a tirar das mãos. No meſmo tempo foy o meſmo Prior de Santa Cruz com gente ſobre a Villa de Arronches, que eſtá na arraya de Caſtella, & a tomou aos Mouros. Com eſte ſucceſſo ſe foy a El-Rey, & lhe diſſe, que ſua Alteza fizeſſe de Leyria, & Arronches o que bem lhe pareceſſe. El-Rey poz em conſelho com os principaes de ſua Corte, o que faria neſte caſo, & aſſentouſe, que no tocante ao eſpiritual foſſem eſtes dous lugares ſugeytos ao moſteyro de Santa Cruz, & no temporal aos Reys de Portugal.

E o ſempre ennobrecido Scalebicaſtro. Em dia do apparecimento do Bemaventurado S. Miguel, oytos dias do mez de Mayo de mil cento quarenta & ſete, entrou eſte feliciffimo Rey Dom Affonso Henriques na Villa de Santarem, chamada aſſim em noſſos tempos, por ter em ſi o corpo da Bemaventurada Santa Erya, o qual lugar ſe chamava antiguamente Scalebicaſtro, como o noſſo Poeta lhe aqui chama. Plinio lhe chama Scalabis, & Ptholomeo Scalabiſcus, os Autores *Iulium præſidium*, o qual nome dão tambem a huma Cidade da Eſtremadura, ſugeyta aos Reys de Caſtella, chamada vulgarmente Turgillo, nome corrupto do Latino, que antiguamente tinha, que era *Iulij turris*, torre de Julio Ceſar, por ter neſte lugar, & em Santarem, & em outros guarnição de gente, para ſegurança da terra, que por eſta razão ſe chamão *Præſidium Iulij*, guarnição de Julio: como tambem Evora ſe chama *liberalitas Iulia*, pelas merces, & liberdades que eſte grande Capitaõ lhe fez ſempre. Ennobrecido chama o noſſo Poeta ao lugar Santarem, porque ſempre foy muyto eſtimado, aſſim em tempo dos Romanos, como em noſſos tempos. Do tempo dos Romanos nos conſta pelo cato que ſe delle fazia em porem nelle gente de guarnição como em lugar importante. Do noſſo tempo não tenho mais que dizer, que ſer hum dos melhores, & mais populotos lugares de Portugal, como he notorio.

Cujo campo ameno tu claro Tejo regas tão ſereno. Isto diz porque o noſſo Tejo paſſa ao longo de Santarem, & alguns annos faz em ſeus campos o officio do Nilo no Egypto, & outras vezes he taõ grande a enchente, que faz grande deſtruição nas terras, como tambem o Nilo coſtuma fazer.

56

A Eſtas nobres Villas ſobmetidas,
Ajuta tambẽ Maſra em poucos eſpaço,
E nas ſerras da Lua conbecidas
Sobjuga a fria Cintra o duro braço:

*Cintra, onde as Nayades eſcondidas
Nas fontes, vaõ fugindo aos doces laços,
Onde amor as enreda brandamente,
Nas agoas acendendo fogo ardente.*

Ajunta tambem Maſra em pouco eſpaço. Maſra he huma Villa no termo de Cintra.

E nas ſerras da Lua conbecidas, Sojuga a fria Cintra o duro braço. A ferra de Cintra chama Varraõ monte Tagro, como refere Ortelio na ſua Synonymia na palavra *Tagrum montem*. A eſte monte chamaõ outros a ferra da Lua, como lhe chama aqui o noſſo Camões. Deſta ferra ſahe huma ponta para o mar, que ſe chama o Promontorio da Lua. A razão deſte nome he, porque na praya ao longo do mar, dizem eſteve antiguamente hum Templo conſagrado ao Sol, & á Lua, como parece por huma pedra que ſe achou naquellas partes, com hum letreyro Romano que dizia.

*Soli eterno, & Luna
Pro æternitate imperij,
Et ſalute imp. Cæſ. Septimij Severi Aug. Pij, & Caij
Cæſ. M. Aurelij Antonini
Aug. Pij
Aug. matris ejus, Drufus
Valerius Cæcilianus.*

O qual quer dizer em noſſa linguagem. Druſo Valerio Ceciliano dedicou eſte Templo ao Eterno Sol, & á Lua, pela eternidade do Imperio Romano, & pela faude do Emperador Ceſar Septimio Severo Augusto Pio, & de Ceſar, & de Marco Aurelio Antonino Augusto Pio, & de Julia Augusta ſua mãy. Outros lhe dão eſte nome por ſer eſta terra de Cintra, a mais Occidental, & freſca terra de toda a Europa Occidental. E porque a qualidade deſte Planeta he ſer humido, & frio, daqui alguns lugares que tem as meſmas partes, ſe chamão com eſte ſobre nome de Lua.

57

E Tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras es Princeſa,
Que edificada foſte do ſacundo,
Por cujo engano foy Dardania acesa:
Tu a quem obedece o mar profundo,
Obedeceſte à força Portugueſa,
Ajudada tambem da forte Armada,
Que das Boreaes partes foy mandada.

E tu nobre Lisboa. Eſtando El-Rey Dom Affonso em Cintra logo que a tomou aos Mourõs, apparecco no mar huma armada de cento, & oytenta vellas de Alemanha, Inglaterra, & França, que vinhaõ daquellas partes lómente a pelear com inſeis. Vendo El-Rey Dom Affonso de cima do

M

Castello

Castello de Cintra aonde estava humã tão grande armada, mandou quatro homens principaes saber que gente era, & que buscava naquellas partes. Responderão os da armada, que eraõ Christãos, & que sua vinda não era com outro intento, salvo pelejar com os inimigos da Fé de Christo. El Rey folgou muyto com esta nova, & mandoulhe offerrecer tudo o que ouvessem mister da terra. Deyxo á parte muytas cousas que passãrão entre El Rey, & estes Estrangeyros, em que lhe pediu que lhe ajudassem a tomar a Cidade de Lisboa, o que elles fizeraõ com muyta vontade. Durou o cerco cinco meses, & no fim delles a 25. de Outubro da dita era de mil cento quarenta & sete, em dia dos Bemaventurados Martyres Crispino, & Crispiniano foy entrada, & tomada aos Mouros, com muyto derramamento de sangue, como se póde ver mais largamente nas Chronicas do Reyno, & refere André de Resende na Descrição de Evora. E querendo El Rey Dom Affonso fazer partilha na Cidade, como tinha concertado com os Estrangeyros: elles o não consentiraõ, & largaraõ todo o direyto que nella tinhaõ, & a deyxãrão livremente a El Rey: o qual deu aos que de sua vontade ficãrão no Reyno, os lugares que elles quiserã para os povoarem, & viverem nelles izentos, sem obrigação alguma, os quaes foraõ á Touguia, Lourinhã, Arruda, Villa verde, Villa Franca, Azambuja, & Almada, de cuja progenie hoje em dia ha em Portugal gente muy conhecida, & principal, como he notorio a todos os Portuguezes. E aos que quiserã tornar para suas terras, fez El Rey muytas merces, & honras, & assim huns, & outros foraõ muyto contentes, & satisfeytos do bom tratamento que lhes El Rey fez.

Que edificada fosse do facundo. Chamão os Poetas a Ulysses facundo que quer dizer eloquente, porque o foy elle muyto. Este Ulysses foy grande parte para se tomar Troya, que os Gregos tiverão cercada dez annos, a qual o Poeta aqui chama Dardania, do nome de Dardano Rey della. Depois de queymada, & destruida, dizem os Autores, que aportou Ulysses a estas partes, & que edificou a Cidade de Lisboa, a qual querem que por este retpeyto se chame Ulyssipe em Latim, *patria Ulyssis, mania Ulyssis*, & com outros nomes, que vem a dizer ser ella fundada por elle, como o tem o nosso Camões no canto 8. oytava 5. Os que o negam escrevem este nome muyto differentemente, Ulyssipo fundados em letreyros antigos, onde o achãõ assim escrito, mas não lhe sabem atinar com a origem. He cousa muyto antiga, & como tal não ha quem acerte com sua verdadeyrã Etymologia, cada hum siga o que melhor lhe parecer. De Ulysses se veja a nossa annotação no canto 1. oytava 3. & 2.

Que das Boreaes partes foy mandada. Por partes Boreaes se entendem as partes do Norte, ao qual os Gregos chamão Boreas. Esta he a gente de que falãmos atrás oytava 45. que se ajuntou de Alemanha, França, & Inglaterra, para vir a Hespanha

ajudar os Christãos della contra os Mouros, de que estava cheya. E como estas gentes morãõ para as partes do Norte, usa o Poeta deste termo de falar, que das Boreaes partes foy mandada.

58

L A' do Germanico Albis, & do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muytos com tenção santa erãõ partidos:
Entrando a boca ja do Tejo ameno,
Com o arrayal do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama entãõ subia aos Ceos,
Foy posto cerco aos muros Ulisseos.

lã do Germanico Albis, & do Rheno. Albis, & Rheno são rios de Alemanha, dos quaes trattey neste canto oytava 11. & por esta razão lhe dá por Epitheto Germanico, por que Germania he Alemanha.

E da fria Bretanha cõduzidos. A ilha de Inglaterra, que os Antigos chamãrão Albion por certos montes, & rochedos brancos, que tem ao longo do mar, se chamou, & chama hoje Britania, Bretanha. Ariosto a nomea de huma, & outra maneyra em huma parte dizendo: *Bretagna che fu poi detta Inghilterra*: & em outra parte onde *Inghilterra fu detta Albione*. A cerca da origem da palavra Bretanha ha differentes opiniões, huns querem que se chamasse assim de hum Brutto, filho de Silvio Posthumo Rey dos Romanos, que a sugeytoou, & reynou nella. Outros de hum Britão Rey da mesma ilha. Hoje lhe chamãõ os Latinos *Anglia*, a que tambem se daõ differentes nomes, huns querem que de huma Angla Raynha dos Saxones, que foy Senhora desta ilha, outros de Anglo Rey antigo della, & outros de *angulus*, que he canto por ser hum canto, & cotovelo do mundo, ou por melhor dizer, outro mundo, como lhe chamãõ os Autores, & se póde ver em Ptolomeo no livro 2. no qual tratta desta ilha, aonde comprehende debayxo da palavra Bretanha álem de Inglaterra, Irlanda, que he ilha apartada, as Orchadas, que são trinta ilhetas Thyle, & outras muytas, & claramente se vé que Ptolomeo no lugar allegado tomã a Bretanha, não só por Inglaterra, mas por toda aquella Região, que os Poetas chamãõ outro mundo. O que por ventura quiz entender Virgilio quando disse: *Et penitus toto divisos orbe Britanos*, & os Britões divididos, & apartados de todo o mundo, quasi querendoos fazer distintos, & separados do nosso mundo, & que moravaõ em outro mundo por si. A Bretanha chama o Poeta aqui fria, por ser terra Septentrional, & por este reseyto muyto fria.

A destruir o povo Sarraceno. Por povo Sarraceno entende os Mouros, como fica ditto atrás oytava 23. aonde trattey da origem da palavra Sarraceno.

Foy posto cerco aos Muros Ulyseos . Muros Ulyseos , são os muros de Lisboa , chamados assim (como atrás fica dito) de seu primeyro fundador Ulysses , como quer o Poeta seguindo a opiniaõ dos Antigos.

59

Cinco vezes a Lua se escondêra,
E outras tantas mostrara cheo o rosto,
Quando a Cidade entrada se vendera
Ao duro cerco, que lhe estava posto:
Foy a batalha tão sanguinea, & fera,
Quanto obrigava o firme presuposto,
De vencedores asperos, & ousados,
E de vencidos já desesperados.

Cinco vezes a Lua se escondera. Declara por estes termos o tempo em que a Cidade de Lisboa esteve cercada por El-Rey Dom Affonso , & pelos Estrangeiros, que foraõ cinco mezes. Deste mesmo modo de falar ulou Ovidio na Carta de Philis a Demophonte.

*Luna quater latuit, toto quater orbe recrevit
Nec vebit Actæas Scythonis unda rates.*

Quatro vezes, diz o Poeta, se escondio a Lua, & outras quatro tornou a crescer em toda sua redondeza, que he o que Camões aqui diz, & outras tâtas mostrava cheyo o rosto.

De vencedores asperos, & ousados, & de vencidos já desesperados. Destas mesmas palavras tão sentenciosas usa Justino liv. 6. *Victoria animum vincentibus, virtutem quoque victis addit desperatio.* A vittoria dá animo aos vencedores , & a desesperação esforço aos vencidos , & isto he o que diz Virgilio: *Una salus victis nullam sperare salutem.* A principal consolação , & remedio que tem os vencidos, he estar sem esperança de o poder ter : porque nenhuma coula obriga mais aos vencidos a pelear , que ver que nenhum outro remedio tem: donde veyo aquella sentença tão celebre, & commum que dizem teve principio daquelle grande Capitaõ Themistocles. Ao inimigo ponte de prata. Depois de vencido Xerxes Rey dos Persas pelos Gregos, vendo que se punha em fugida, determinaraõ mandar alguma gente diante para o entreter , & estorvar que não tornasse à sua patria. Themistocles foy de contrario parecer , dizendo, que se a Xerxes lhe estorvavaõ o passo, seria occasiõ por onde os seus convertendo a desesperação em virtude, abrissem caminho com as armas: pois de outra maneyra o não podiaõ fazer. E não contentando a todos os outros Capitães Gregos este parecer de Themistocles, elle mandou secretamente avisar a Xerxes por hum seu escravo Persiano, que caminhaße depresso , porque os Gregos lhe queriaõ impedir seu caminho , & desta

maneyra desbaratou de todo a Xerxes. E isto he o que o Poeta diz , encarecendo esta batalha , que teve dous generos de gente vencedores asperos , & vencidos desesperados : porque a huno anima a victoria , & a outros a desesperação faz pelear animosamente , vendo que nenhum outro remedio tem.

60

Desta arte em fim tomada se vendeo
Aquella, que nos tempos já passados
A grande força nunca obedeceo,
Dos frios povos Scyticos ousados:
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrentados,
E em fim do Bethis tanto alguns puderão,
Que à terra de Vandalia nome derão.

Dos frios povos Scythicos ousados. Entende aqui os Vandalos , aos quaes Plinio , & Estrabo chamaõ Vandalicos, são povos de Alemanha, os quaes, como diz Volaterrano , alguns annos antes que os Gregos occupassem a Cidade de Roma , entraraõ em França, & Hespanha pelos montes Pyreneos, com cuja chegada os Hespanhoes ficaraõ muyto atemorizados : os quaes entende por estes rios Ibero, que he o que cõmummente se chama Ebro, Tejo, & Betis, tão conhecidos. Estes Vandalos depois de terem feyto grandes estragos em algumas partes de Hespanha , fizeraõ assento na Provincia Betica, chamada assim do rio Betis, que hoje se chama Guadalquivir , que (como fica dito atrás oitava 17.) he palavra Arabiga, & quer dizer agoa grande. Esta Provincia Betica se chamou primeiramente Vandalicia do nome dos Vandalos, que a fugeytaraõ: & andando o tempo, & corrompendo-se o vocabulo , se veyo a chamar Andaluzia, como hoje se chama. Nesta oitava encarece o Poeta o esforço dos Portuguezes, mayormente dos moradores da Cidade de Lisboa , pois fogeytando os Vandalos Hespanha não puderaõ fugeytar Lisboa , & com tudo El-Rey Dom Affonso a tomou aos Mouros.

61

Que Cidade tão forte, por ventura
Haverá, que resista, se Lisboa
Não pode resistir à força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alenquer, por onde soa
O tom das frescas agoas entre as pedras
Que mormurando lava, & Torres Vedras.

Obidos, Alenquer, & Torres Vedras. Assas conhecidos

nhcidos Lugares da Estremadura.

Por onde soa o tom das frescas agoas. Pela muyta frescura da terra, & abundancia de rios que a regaõ.

62

E Vós tambem, ó terras *Transtaganas,*
Affamadas co dom da flava Ceres,
Obedeceis às forças mais que humanas
Entregando-lhe os muros, & os poderes:
E tu lavrador Menno, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres,
Que Elvas, & Moura, & Serpa conbecidas,
E Alcaçare do Sal estaõ rendidas.

E vós tambem, ó terras Transtaganas. Terras *Transtaganas*, são terras do Alentejo, muyto abundantes de todas as cousas necessarias para a vida, & principalmente de trigo, o qual entende por estas palavras: *dom da flava Ceres*, porque dizem os Poetas, que Ceres filha de Saturno, & Ope foy a primeyra que ensinou aos homens como haviaõ de semear as terras, & beneficialas para se poderem sustentar. E diz Cicero lib.2, de *Natura Deorum*, que se chama Ceres, quasi *geres a gerando* pela grande abundancia que os homens na terra tem de mantimentos, por beneficio, & ordem sua. Isto he muyto trilhado, & sabido dos que lem pelos Poetas. Moura, Serpa, & Alcacere Villas do Alentejo, & Elvas Cidade na arraya de Portugal.

63

E Is a nobre Cidade, certo assento
 Do rebelde Sertorio antigamente,
 Onde ora as agoas nitidas de argento,
 Vem sustentar de longe a terra, & a gente,
 Pelos arcos reaes, que cento, & cento,
 Nos ares se levantãõ nobremente,
 Obedeceo por meyo, & ousadia
 De Giraldo, que medos não temia.

Es a nobre Cidade certo assento, Do rebelde Sertorio antigamente. Esta he a Cidade de Evora, das principaes de Portugal, & muyto antigua, & tanto, que não me lembro ter lido, quem fosse o primeiro fundador seu, nem se pôde affirmar della mais, que ser antiquissima, como diz o nosso Refende na sua Descripção, aonde tratta de seu nome, & o que pode alcançar, & saber de sua antiguidade. O que sabemos pelas Historias he, que já no tempo de Viriato era Evora, o qual Viriato se começou levantar com Lusitania, & depois com toda Hespanha perto do anno de seiscentos, & oytto da edificação de Roma, sendo Consules Gneo Cornelio Lentulo, & Lucio Mumio, como escreve Paulo Orosio, que foraõ cento & quarenta annos antes do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo.

Assim que neste tempo já era Evora: mas quando começasse, ou quem fosse o fundador não consta. Nesta Cidade de Evora fez assento Sertorio Romano, por ser de nobre, & grande povo, para o poder favorecer, & ajudar nos negocios de guerra contra os Romanos. E nella fez huma casa que hoje se chama casa de Sertorio, & mandou cercar a Cidade de cantaria lavrada, como se moltra ainda por muytas partes, por onde está a cerca velha. E assim fez trazer a agua da prata á Cidade para ornato, & provimento della, o que tudo se pôde ver em Retende, no lugar allegado. Chamalhe o nosso Poeta rebelde, porque sendo Italiano de nação natural da Cidade de Nursia, q̄ hoje se chama Nozza, vendo que Sylla era Senhor de Roma, vencido Mario, cujas partes seguira, se recolheo a Hespanha, aonde o favorecerão tanto, que lhe deraõ gente com que fugeyto muytas Cidades, & fez guerra aos Romanos, vencendolhe muytos Capitães, como conta Plutarco em sua vida.

Onde hora as agoas de argento. Esta he a agua da prata, a qual vem por cima de arcos á Cidade, & levada por diferentes partes, a provê toda de maneira, que não tem a gente necessidade de outra.

De Giraldo, que medos não temia. Giraldo foy hum Cavalleyro Portuguez de muyto esforço, & sem medo algum, pelo que era chamado por alcunha Sem pavor. Este Cavalleyro foy em tempo d'El-Rey Dom Affonso Henriques, o qual andando em desgraça do seu Rey, por algum caso, de que não ha memoria: vendo que não podia andar na Corte, lançou-se com os Mouros do Alentejo. E porque naquelle tempo tudo eraõ guerras, & revoltas, havia outros muytos homiziados, & encartados, que se chegavaõ ao Giraldo, & o acompanhavaõ, por elle ser homem de peyto. O que tambem foy parte para os Mouros o favorecerem, & para Hmael Rey Mouro, que fora vencido no campo de Ourique, lhe dar licença para ter sua colheyta na serra de Monte muro em hum Castello que alli fez, que hoje não tem mais que o nome de Castello de Giraldo, que no mais he destruido. Tinha este Giraldo em sua companhia muytos companheyros: pelo que vendo-se em desgraça de Deos, & de seu Rey, & doendolhe o coraçõ de tratar com barbaros, arrependido dos insultos, & males, que tinha feyto contra os Christãos, determinou de fazer algum serviço a El-Rey, com que lhe perdoasse o passado. E lançando o pensamento ao que faria, em nenhuma coula lhe pareceo que poderia elle, & seus companheyros servir a El-Rey melhor, que em tomar Evora aos Mouros. Pelo que começou Giraldo muyto de proposito a saber as entradas, & saídas da Cidade, & fazer-se mais familiar dos Mouros. E posto que se não fiavaõ delle, & lhe dohia o cabelo, vendo que em fim era Christão: com tudo teve Giraldo seus meyo por onde effeytuou o que pretendia. Veyo huma noyte com sua gente pela parte aonde hoje está o Mosteyro do Bemaventurado S. Bento, no qual lugar

lugar os Mouros tinhaõ huma Atalaya , & nella hum Mouro de vigia , o qual não tinha comfigo mais que huma moça filha sua. E deyxando seus companheyros em huma certa paragem escura, & aonde melhor, & mais lecretamente podiaõ estar até sua tornada, se foy sem medo algum contra a Atalaya, a descubrir o que passava: & levou logo humas estacas para meter por huns buracos que na torre da vigia estavaõ, para subir até a janella, se acaso achasse occasião para isto: porque à torre se não podia hir, se não por escada lançada de cima. Chegou á torre a horas de meya noyte, & a tempo que o Mouro, que até entãõ estivera em vigia, entregara o cargo a sua filha para elle descancar hum pouco, a qual se descuydou, como moça, & se deyxou dormir no rebate da janella da torre. Como Giraldo vio taõ boa occasião, trepou até a janella, & lançando maõ á moça, deu com ella em bayxo, de modo que nunca mais falou, nem fez rumor algum. E entrando na torre, achou o Mouro dormindo seguramente, cortou a cabeça ao Mouro, & á moça, & levouas aos companheyros, & subindo nella deu final de fogo aos da Cidade, dando a entender que havia Christãos no campo, na outra parte da Cidade, aonde agora está hum Mosteyro de Hieronymos da invocação, de Nossa Senhora do Espinheyro. E para que sahisse os Mouros com mayor pressa, & vontade, fez que alguns de seus companheyros passassem por aquella parte, fazendo reboliço de modo, que fossem sentidos, & assim succedeo, porque sentindo os Mouros o tropel da gente, sahiraõ da Cidade, sem tento, nem ordem. Como Giraldo vio sahir os Mouros fóra da Cidade, & que tinha tempo para poder entrar, cometeo com os seus as portas, que os Mouros com pressa deyxaraõ abertas, & deraõ-se tal manha dentro, que em pouco espaço não tiveraõ que fazer nella. Porque mattaraõ muytos, & poseraõ outros em estado, que não tiveraõ mais que fazer, sendo os Christãos muyto poucos. E desta maneyra foy tomada Evora por Giraldo sem pavor, no anno do Senhor de mil cento & sessenta & seis, havendo trinta & nove annos que El-Rey Dom Affonso Henriques senhoreava Portugal. Por esta razão, & em memoria deste Giraldo primeyro Capitaõ de Evora, tem a Cidade por divisa, & armas hum Cavalleyro armado a cavallo, com huma espada nua levantada, & duas cabeças cortadas, huma do homem, & a outra de huma moça, como diz o nosso Poeta no oytavo canto, oytava 21. Alguns por não saberem a Historia, vendo esta divisa em Evora, fingem mil invenções. Outros que lhe parece que acertaõ, dizem, que aquelle Cavalleyro he o Bemaventurado Santiago, & aquellas cabeças de Mouros, que matou em favor dos Hespanhoes. A verdade, he o que fica ditto.

64

JA na Cidade Beja vay tomar
Vingança de Trancofo destruida,
Affonso, que não sabe sossegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Não se lhe pode muyto sustentar
A Cidade, mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada,
Provando os fios vay da dura espada.

Id na Cidade Beja vay tomar. Tendo El-Rey Dom Affonso Henriques cercada a Cidade de Beja, foraõ os Mouros cercar a Villa de Trancofo, a qual tomaraõ, & destruhiraõ, sem deyxar pessoa alguma viva. O que sabido por El-Rey, nem por isto deyxou o cerco de Beja, mas continuou com elle até á tomar, & passar todos os Mouros á espada, por estar sentido, & enfadado do que os Mouros tinhaõ feyto em Trancofo, como diz aqui o Poeta. Giraldo tomou Evora no anno de 1166. & Beja foy tomada no anno de 1162. em dia do Bemaventurado S. André, como se póde ver no nosso Relende, na descripção da Cidade de Evora.

65

COm estas sojugada foy Palmella,
E a piscosa Cezimbra, & juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrellla,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio a Villa, & vio o senhor della,
Que a socorrelta vinha diligente,
Pela fralda da serra descuydado,
Do temeroso encontro inopinado.

Com estas sojugada foy Palmella. Estando El Rey em Alcacere depois de feytas todas as cousas que atrás ficaõ ditas, ao qual lugar viera ter de Coimbra, andando visitando, & provendo suas terras, como era tempo de guerra: soube que Cizimbra estava sem gente, & que facilmente se podia tomar, o que o moveo a hir logo sobre ella, & assim a tomou sem trabalho. E deyxando sua gente em Cizimbra se foy sô com sessenta de cavallo, & alguns de pé a ver Palmella, & estando notando o litio da terra, houve vista do Rey de Badajoz, que vinha socorrer Cizimbra com quatro mil de cavallo, & sessenta mil de pé, sem ordem á gram pressa, o qual com aquella pouca gente que tinha o desbaratou, & poz em fugida. Fez isto tanto temor aos que estavaõ em Palmella, que logo lhe deraõ a Villa com condição que os deyxasse sahir em salvo, o que El-Rey fez de muyto boa vontade. Chama o Poeta a Cizimbra piscosa, por ser terra aonde se armaõ grandes petcarias, assim por parte d'El-Rey como da gente do lugar.

Do temeroso encontro inopinado. Isto dizia porque o Rey Mouro vinha descuydado, parecendo-lhe que El-Rey Dom Affonso estava no cerco de Cizimbra, & como elle tinha este pensamento, & seu intento não era outro, se não soccorrer a Cizimbra, caminhava sem ordem. Pelo que visto por El-Rey Dom Affonso, foy subitamente salteado por elle, & acommettido com tanto esforço, que lhe pareceo que estava El-Rey Dom Affonso alli com todo seu exercito: o que foy causa de se por em fugida com todos os seus.

66

O Rey de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros piões, darmas, & de ouro
Guarnecidos, guerreiros, & lustrosos:
Mas qual no mez de Mayo o bravo touro
Cos ciumes das vacas receosos,
Sentindo gente, o bruto, & cego amante,
Saltea o descuydado caminhante.

Innumeros piões. Gente de pé sem conto. Atrás diffemos como trazia El-Rey de Badajoz quatro mil de cavallo, & sessenta mil de pé, que he o que o Poeta aqui diz.

67

DEsta arte Affonso, subito mostrado,
Na gente da, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba denodado,
Foge o Rey Mouro, & só da vida cura:
De hum panico terror todo assombrado,
Só de seguillo o exercito procura,
Sendo estes que fizeraõ tanto abalo,
No mais, que sô sessenta de cavallo.

De hum panico terror todo assombrado. Panico terror chamaõ os Latinos hum medo grande: & vem de hum fingimento Poetico, o qual he, que Pan (que elles chamavaõ Deos dos pastores) era causador de todos os medos, & fantalmas. A este proposito se trattaõ muytas cousas nas Chiliadas no adagio *Panicus casus*, Angelo Policiano nas Miscelaneas, cap. 28.

68

Logo segue a vitoria sem tardança
O gram Rey incançavel ajuntando
Gentes de todoo Reyno, cuja usança;
Era andar sempre terras conquistando:
Cercar vay Badajoz, & logo alcança
O fim de seu desejo pelejando
Com tanto esforço, & arte, & valentia,
Que a fez fazer às outras companhia.

Logo segue a vitoria sem tardança. Avidas estas vittorias dos Mouros, poz cerco a Badajoz, que era da conquista de Leaõ, por estar de quebra com El-Rey Dom Fernando seu genro Rey de Leaõ, & a tomou facilmente.

Que a fez fazer as outras companhia. Diz que Badajoz fez companhia às outras, que tinha tomado aos Mouros.

69

MAs o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle, que o merece,
Ou para que se emmende às vezes tarda,
Ou por segredo, que homem não conhece:
Se até aqui o forte Rey resguarda,
Dos perigos a que elle se offerece,
Agora lhe não deyx a ter defesa
Da maldiçaõ da mãy, que estava presa.

Agora lhe não deyx a ter defesa. Porque a Cidade de Badajoz lhe foy tornada a tomar por seu genro, & elle ao tahir pela porta contra seu genro, que a tinha cercada, quebrou huma perna no ferrolho da porta, com a pressa, & defatento que levava, como se conta nas Chronicas do Reyno, & o Poeta na oytava seguinte.

70

Que estando na Cidade, que cercára;
Cercado nella foy dos Leoneses,
Porque a conquista delle lhe tomára,
De Leaõ sendo, & não dos Portugueses:
Apertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como a contece muytas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso
A batalha, onde foy vencido, & preso,

Que estando na Cidade que cercára. Esta he a Cidade de Badajoz.

71

OFamoso Pompeyo, não te pene
De teus feytos illustres a ruina,
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti vitoria indina
Posto que o Rio Fasis, ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Beotes gelado, & a linha ardente
Temessem o teu nome geralmente.

O famoso Pompeyo não te pene. Foy Pompeyo Romano de gente nobilissima. No tempo das guerras eivis entre Sylla, & Mário, seguiu as partes de Sylla. Fez taes cousas neste tempo, que mereceo o nome de Magno. Depois de grandes vittorias, & triumphos, & demandar Roma muytos annos,

& ser tão conhecido, & temido no mundo, o ven-
 ceo seu sogro Julio Cesar. E fugindo delle para
 o Egypto, Dionysio Ptolomeo senhor da terra,
 em quem elle cuydava ter muy certo valhaçouto,
 o mandou matar, como conta Plutarco em sua
 vida. O que o Poeta aqui mostra, he a pouca se-
 gurança das cousas, & como em quanto dura a vi-
 da, ninguem está seguro dos contrastes della. Fal-
 la em Pompeyo, que foy hum Capitaõ valeroso:
 ao qual consola em sua ruina com a decaida do
 nosso Rey Dom Affonso Henriques. Refere as
 Provincias, & lugares que lugeytou ao povo Ro-
 mano nesta oytava, & duas que le seguem à imita-
 ção de Lucano lib. 2: cujos vertos ponho abayxo.

Nem ver, que a justa Nemesi ordene. A Nemesi,
 chamada por outro nome Rhamnusia, do lugar
 Rhamnunce em Asia, onde era venerada, fazem os
 Poetas filha do Oceano, & da noyte, grande ini-
 miga dos maos, & amiga dos bons. Pinta-se com
 hum freyo na mão direyta, & hum covado na es-
 querda, para mostrar que devemos ser comedidos,
 & temperados, assim nas obras como nas palavras.
 Chamathie o Poeta justa, por ser tida dos antigos
 por Deosa da justiça. E daqui lhe derão o nome
 Nemesi de, nemeo, que quer dizer distribuir, por
 ser seu officio dar a cada hum o seu. Atribuiaõ lhe
 tambem azas nos pés, para mostrar a obrigação,
 que os Ministros da Justiça tem na expedição dos
 negocios. Alguns a fazem a fortuna: & porque
 Adrasto Rey dos Argivos lhe fez hum Templo
 sumptuoso, lhe chamaõ Adraastia.

Posto que o frio Phasis, ou Syene. Começa a recon-
 tar o grande poder que Pompeyo teve, & as gran-
 des vittorias que alcançou em todas as partes do
 mundo, que tresladou de Lucano palavra por pa-
 vra, onde Pompeyo diz estas palavras.

*Pars mundi mihi nulla vacat, sed tota tenetur
 Terra meis, quocumque jacet sub sole, tropheis.
 Hinc me victorem gelidas ad Phasidos undas
 Arctos habet, calida medius mihi cognitus axis
 Egypto, atque umbras nunquam flectente Syene.*

Nenhuma parte do mundo (diz Pompeyo) ha, que
 não sayba meu nome, antes toda a terra que o Sol
 toca está cheya de meus tropheos. O Norte me
 reconhece por vencedor, até as congeladas aguas
 do rio Phalo: & o meyo dia, que cae na quente
 Egypto: & Syene, que para nenhuma parte dobrá
 as sombras. Com outros versos que no Poeta estão
 tresladados, como fica dito. Phasis he hum rio
 muyto grande: nace no monte Caucaõ na parte
 do Norte, pelo que lhe chama frio. Passa por Col-
 chos Provincia de Asia, que hoje se chama Men-
 gullia, lugeyta ao Graõ Caõ Senhor dos Tartaros.
 Syene he Cidade do Egypto, da qual querem al-
 guns que não haja mais hoje que o nome, no qual
 tambem vareão. He muyto celebrada pelos Es-
 crittores, por huma particularidade sua, que os
 raios do Sol em certo tempo do anno, a horas de

meyo dia, são nella tão direytos, que em nenhuma
 parte ha sombra, como diz aqui o nosso Poeta á
 imitação de Lucano. O qual se há de entender,
 que succede só huma vez no anno, quando têm o
 Sol por Zenith: que he quando esta no primeyro
 ponto de Cancro: porque então a sombra he per-
 pendicular naquella parte. E assim o entendeo
 Lucano, ao qual Macrobio, & outros quizerão
 emendar sem razão alguma, pois Lucano não fez
 mais, que apontar a particularidade daquella Ci-
 dade, deyxando a pontualidade da declaração
 a quem se entende.

O Bootes gelado, & a linba ardente. Por Bootes
 gelado entende as partes do Norte, aonde está a
 constellação Boote, que he os Sette estrello. Por
 linba ardente, os moradores debayxo da Equinõ-
 cial, que tão varias Nações. Do Bootes se veja o
 que escrevemos no canto noytava 21.

72

*Posto que arica Arabia, & que os ferozes
 Eniocos, & Colchos, cuja fama
 O véo dourado estende, & os Capadoces,
 E Judea, que hum Deos adora, & ama:
 E que os moles Sofenos, & os atroces
 Cilicios, com a Armania, que derrama.
 As agoas dos dous rios, cuja fonte,
 Está noutro mais alto, & santo monte.*

Posto que a rica Arabia. Ptolomeo, & os Antigos
 dividem Arabia em Deserta, Felice, & Petrea. A
 Deserta tem este nome por ser terra herma, & es-
 teril, os naturaes lhe chamaõ Beriará: & a Escri-
 tura Sagrada Cedar. A Felice ou beata chamãrão
 assim pela grande abundancia de cheyros, de que
 os homens se aproveytavaõ para suas delicias: os
 quaes como punhaõ sua bemaventurança nos de-
 leytes, & bom tratamento do corpo, tinhaõ por
 bemaventurada a terra, que lho ajudava a ter mi-
 moso, & regalado, como diz Plinio liv. 12. cap. 18:
 Os moradores lhe chamaõ hoje Mamotta, como
 quer Pinelo, & nas táboas modernas Aiman. A ter-
 ceyra se chama Petrea, a que os Turcos hoje cha-
 maõ Barraab. Veja-se a nossa Annotação neste
 mesmo canto, oytava 23.

E que os feroces Eniocos. São Eniocos povos de
 Sarmacia Asiatica, que hoje chamamos Moscovia,
 que morão nas faldrás do mar, como diz Pto-
 lomeo na segunda taboa de Asia, no fim. He gente
 fera, pelo que os Poetas lhe chamaõ feroces, como
 aqui o nosso Camões. Colchos são moradores de
 Colchis, de que trattamos atrás. Nesta Provincia
 foy Rey Era pay de Medea tão conhecida por
 feyticeyra. Aqui esteve o vello de ouro em hum
 Templo de Marte, tão nomeado naquelle tempo,
 por huma das principaes venturas do mundo.
 Aonde diz aqui o Poeta: *E Colchos, cuja fama estende
 o vello de ouro.* Veja-se Ovidio nas Metamorphoses
 lib. 7.

E os Capadoces. São moradores de Capadocia, parte de Nathalia, que hoje chamamos Turquia.

Iudæa, que hum Deos adora, & ama. He Judéa parte da Palestina, que a Escriitura Sagrada chama *Pelestim Canaan*, ou Terra de promissão. Toda he tugeyta ao Turco. Nesta Provincia está a Cidade de Hierutalem, de que trattey atrás.

Os molles Sophenos. São povos de Sopheno Provincia de Suria. São gente molle, & affeminada, como lhe chama aqui Camões, ou por melhor dizer Lucano que elle imita.

E os atroces Cilicios. Os moradores de Cilicia, que hoje se chama Carmania. Foy Provincia do povo Romano, & muyto rica: & nella governou Marco Tullio. He gente cruel de natureza, pelo que o Poeta lhe chama atroces.

Armenia, que derrama. Ha duas Armenias, mayor, & menor. A mayor chama a Escriitura Aram, & nós Turcomania, tugeyta ao Turco. Nesta está o monte Gordico, aonde dizem estar a Arca de Noè. A menor chama a Escriitura Ararat, ou terra Us; como quer Arias Montano. Em vulgar Anaduole. Os moradores desta região são Christãos, mas guardaõ os ritos, & ceremonias diferentes da Igreja Romana. Por Armenia mayor passãõ dous rios taõ nomeados Euphrates, & Tigris, que a Escriitura Sagrada diz que nace no Paraylo Terreal. A este lugar chama o Poeta aqui Monte alto, & Santo: pelo que diz o veneravel Beda, & outros Autores, que he taõ alto o lugar aonde esteve o Paraylo da terra, que parece chegar ao Ceo da Lua. Aonde este Paraylo fosse não ha cerceza: pelo que alguns querem, que o não haja totalmente: & que com o diluvio se contumio. Outros, que Helias, & Enoch estão nelle, & que haõ de aparecer no tempo do Antichristo. São segredos que Deos reservou para si, pelo que não ha que cantar nelles.

73

E Posto em fim, q' desdo mar de Athlante,
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Fã vencedor te vissem, não te espante,
Se o campo Emathio sô te vio vencido:
Porque Affonso verás soberbo, & ovante
Tudo render, & ser depois rendido,
Assi o quis o concelho alto, & celeste,
Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

E posto em fim que des do mar de Atlante. Mar de Atlante he propriamente mar, que passa por Africa, aonde o monte Atlas está. Os Autores usaõ desta palavra mais largamente, & o tomaõ por todo o mar Oceano, como Cicero no sonho de Scipião: *Omnem terram, que nobis colitur Atlantico mari, quem Oceanum appellamus, circumfundit.* Toda a terra que he habitada dos homens, he cercada do mar Atlantico, que chamamos Oceano.

Até o Scythico Tauro, monte erguido. Os Antigos a

todas as cousas grandes, & robustas nomeavão com este nome de Tauro. Esta he a razão que alguns dão para este monte se chamar Tauro, que he hum dos mayores do mundo: porque abraça toda a Asia, desde o Oceano Oriental, até o Septentrional, com diferentes nomes, conforme as varias Nações por onde passa, como diz Solino cap. 51.

Se o campo Emathio sô te vio vencido. Emathia região de Grecia se chama tambem Thessalia, & Emonia. Nesta Emathia junto a hum lugar chamado Phargalo, foy vencido Pompeyo de Julio Celar seu sogro, como conta Apiano.

O genro a este. Pelo que fica dito, que Dom Fernando Rey de Leão, & genro d'El-Rey Dom Affonso Henriques o venceo em Badajoz.

74

Tornado o Rey sublime finalmente,
Do divino luizo castigado,
Depois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foy cercado:
E depois que do Martyre Vicente
O santissimo corpo venerado,
Do sacro promontorio conhecido
Aa Cidade Vlyseea foy trazido.

Depois que em Santarem. Como os Mouros loubirão do desfaltre d'El-Rey Dom Affonso Henriques, & como fora vencido em Badajoz por seu genro Dom Fernando Rey de Leão, tomaraõ ousadia para entrar por suas terras: & logo no anno de mil cento & setenta & hum sahio Alborague Rey de Sevilha por antre Tejo, & o Diana; destruindo tudo o que encontrava. Depois de ter feyto grande estrago na terra, & gente, poz cerco a El-Rey em Santarem. O qual não podendo soffrer taõ grande atrevimento, sahio aos inimigos, & os desbaratou, sem querer esperar por El-Rey Dom Fernando seu genro que sabia abalara de Leão em seu favor. O qual sabendo do bom successo d'El-Rey, se tornou do caminho sem o ver, porque ainda não estavam correntes: & assim não faltava quem dissesse que vinha com outra tenção. Mas mandoulhe recados de amizade, & os parabens do successo.

Depois que do Martyre Vicente. Dous annos depois de levantado o cerco de Santarem, anno de mil cento setenta & tres, foy trazido a Lisboa o corpo do Martyr S. Vicente, & posto na Sé, como se póde ver na Chronica d'El-Rey Dom Affonso Henriques, aonde se mostra claramente ser aquelle o corpo do Bemaventurado Santo, que alguns sem razão quizerão contradizer.

Sacro Promontorio conhecido. Promontorio he palavra Latina, quer dizer, cousa que ameaça por cima, & porque os montes, & rochedos ao longo do mar saõ deste modo, daqui se chamaraõ promontorios, & em vulgar cabos, como este, que

se chama hoje o cabo de S. Vicente , por respeyto do Santo.

75

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse de Alem Tejo,
Com gente & com belligero aparelho:
Sancho de esforço, & animo sobejo,
Avante passa, & faz correr vermelho
O Rio, que Sevilha vay regando,
Co sangue Mouro, barbaro, & nefando.

Porque levasse avante seu desejo. Havendo cinco annos, que Portugal estava em ocio , por humas treguas que El-Rey Dom Affonso Henriques tinha feyto com El-Rey de Sevilha, enfadado elle, & os seus com a paz, vendo que os inimigos da Fé de Christo andavão á larga , & hiaõ em grande crescimento, coula que elle muyto aborrecia: mandou teu filho Dom Sancho ás partes do Alentejo: O Infante partio de Coimbra no Mez de Julho de 1178. & fazendo pelo caminho (depois que chegou ás terras do Alentejo) grande estrago na gente, & terra dos Mouros, se foy na volta de Sevilha. Os Mouros de Andaluzia, não o podendo sotrer, se ajuntáraõ todos, & fahirão ao Infante perto de Sevilha, mas elle os poz em desbarato, & dizem as Chronicas, que toraõ tantos os mortos, que o rio Guadalquivir, a que o Poeta chama rio de Sevilha, tinha as aguas vermelhas com o sangue delles. Havida esta vittoria, o Infante se foy ao arrayal dos Mouros, aonde achou grande, & rico deipojo de ouro, & prata, & outras coulas de preço, as quaes todas repartio pelos soldados, sem lhe ficar coula alguma para si.

76

E Com esta victoria cobizofo,
Ja não descança o moço, até que veja
Outro estrago, como está, temeroso
No barbaro, que tem cercado Beja:
Não tarda muyto o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo, que deseja,
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem sua esperança.

E com esta vittoria cobizofo. Quando o Infante Dom Sancho passou por Alentejo , levou consigo alguma gente dos lugares por onde passava, & de Beja, dizem as Chronicas, que o seguiu muyta, pelo que ficou a terra algum tanto falta. Como os Mouros isto souberão , toraõlhe por cerco, mas os que estavam dentro ainda que eraõ poucos) a defenderão com muyto esforço, até que o Infante chegou, aos Mouros: largáraõ logo o cerco, & foraõ desbaratados, não indo com o Infante mais que mil & quatrocentos de cavallo, com os quaes

acudio a Beja, deyxando atrás a mais gente, para que o seguisse, o mais depressa que pudesse , mas quando chegou, já o Infante tinha os Mouros desfazidos. Isto succedeo a 18. de Abril de 1179.

77

Ja se juntaõ do monte, a quem Medusa,
O corpo fez perder, que teve o Leo,
Ja vem ao promontorio de Ampelusa,
E do Tingé, que a ssetto foy de Anteo:
O morador de Abila não se escusa,
Que tambem com suas armas se moveo,
Ao som da Mauritana, & rouca tuba,
Todo o Reyno, que foy da nobre Juba.

Id se ajuntãõ do Monte a quem Medusa. Irados os Mouros, & estomagados contra os Christãos, pelo grande estrago que nelles fazião , valeram-te de todos seus amigos. Pelo que Miralmuminim Rey de Marrocos Emperador dos Mouros passou a Portugal com hum poderoso exercito. E sendo nestas partes se foy na volta de Santarem, aonde o Infante estava. Passou este Mouro o Tejo em hum dia de S. Joãõ de mil cento oytenta & quatro, com quarenta mil de cavallo, & quinhentos mil de pé, com a qual gente fez tão pouco , como contaõ as Historias : porque toccorrido o Infante por seu pay, sabio com sua pouca gente, & os venceo. Forão nesta batalha mortos, & feridos muytos, entre os quaes o Emperador morreo de huma ferida que houve na batalha. Estas cousas conta aqui o Poeta por algumas oytavas elegantemente : pelo que não farey mais que declarar alguns vocabulos escuros, para os que não são lidos.

Do monte a quem medula o corpo fez perder, que teve o Leo. Contão as fabulas que Medusa filha de Phorco , & Letho foy huma molher muyto fermeza , mas muyto alpera para a gente. Pelo que sendo requestada de muytos a nenhum dava vento, antes os escandálizava. No numero destes entrava Neptuno senhor do mar. Vendo este, que nem promessas, nem rogos aproveitavão com Medusa, determinou aproveitarse della por qualquer modo que pudesse , & não podendo effectuar o que pretendia, se não no Templo de Pallas, alli poz por obra seus desejos, ficou Pallas affrontada, & irada com este caso, pelo que converteo em cobras os cabellos de Medula , com que parecera bem a Neptuno, & deu a seus olhos tal qualidade, que tudo o que olhassem se tornasse em pedra. Estava já toda aquella terra cheia de pedras , & já não havia cousa que não fosse pedra, pelo que acudio Perseo filho de Jupiter a este mal, & matou este monstro, & do sangue que lhe cahio da cabeça, se levantáraõ muytas cobras , de que ficou toda aquella terra semeada, de modo que em nenhuma parte do mundo ha mais. Isto toca o Poeta no canto 5. oytava 11. aonde falla de Medusa. Passando

N

depois

depois por Africa, aonde Atlas reynava, como lhe anoytecesse perto dos pagos d'El-Rey, chegou á porta, & pondolhe diante cujo filho era, lhe pediu poufada, ficou tão atemorizado Atlas com lhe dizer Perseo, que era filho de Jupiter (porque tinha ouvido do Oraculo, que hum filho de Jupiter havia de ser causa de sua destruição) que o não quiz agazalhar. Sentido Perseo disto, descobrio o rosto da Medusa, que tinha escondido, & pelo diante de Atlas, o qual em o vendo ficou feyto monte. Esta fabula conta Ovidio nas Metamorphoses lib. 4. Daqui levantão os Poetas outras semelhantes mentiras, que Atlas era hum homem grande de corpo, & muyto forçoso, pelo que tinha o Ceo ás costas, & que este castigo lhe deu Jupiter por se levantar contra elle em companhia dos Gigantes, para o lançar do Ceo, a pedimento de sua mulher Juno, como conta Higínio. A verdade disto he, que Atlas foy grande Astrologo, & por esta razão ingirão os Poetas, que tinha o Ceo ás costas, porque continuamente estava com os olhos nelle, considerando o curso dos Planetas, & mais estrellas. De Atlas convertido em monte, & que monte seja se veja a nossa annotação no canto oytava 2.

Vem do promontorio de Ampelusa. O Promontorio Ampelusa he entre Ceuta, & Tangere, chama-se hoje a ponta de Alcacerê. Dizte Ampelusa pelas muytas vinhas que tem, porque ampelos, he a vide. Ortelio, & outros lhe chamão cabo de Espartel. Olivario sobre Pomponio Mela, cabo Cantorio. Os Portuguezes ponta de Alcacerê. A terra se chama hoje terra Ximera. As vinhas não se cultivão, por estarem entre Ceuta, & Tangere, aonde não vive gente, porque o lugar está de todo desabitado, por ser de pouco proveyto, com tudo pelas terras ha muytas parreyras, & cepas de vinhas feytas mortorio, aqui andaõ continuamente Mouros fazendo todo o mal que podem por terra, & por mar.

De Tingé que assento foy de Anteo. Tingé he a Cidade de Tangere, fugeyta aos Reys de Portugal, & da qual a Mauritania, que comprehende os Reynos de Fez, & Marrochos, se chama Mauritania Tingitana. O primeyro seu fundador dizem que foy Anteo, como diz Solino, Plinio, & Pomponio Mela no lugar allegado.

O morador de Abila não se escusa. O morador de Abila he o morador de Ceuta. De Abila fica ditto neste canto oytava 18.

Toda o Reyno que foy do nobre Iuba. Juba como diz Solino foy lenhor das duas Mauritanias, Tingitana, & Celariense, nas quaes se comprehendem os Reynos de Fez, Marrocos, Tremessem, & outros, das quaes partes diz aqui o Poeta que foy muyta gente com o Miralmuminim.

E *Nrava com toda esta companhia,
O Miralmuminim em Portugal,
Treze Reys Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o Ceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vay cercar em Santarem,
Porém não lhe succede muyto bem.*

Entrava com toda esta companhia. Miralmuminim se ha de ler, & escrever, he palavra Arabiga, quer dizer Principe dos Scientes. Esta alcunha se poz hum Abedramon da geração dos Caliphas de Damasco por autorizar sua pessoa, & adquirir gentes, que o seguissem nestas partes de Berberia, aonde se recolheo com alguns parentes, & gente solta, que o leguio, fugindo da furia de Abedela novo Calipha. Os que lem Miramulin he corruptamente. Este Abedramon dizem que fundou a Cidade de Marrochos para Metropoli, & cabeça de seu estado, pelo que ficou Rey de Marrochos, & Emperador dos Mouros, o qual vendo o grande dano que El-Rey Dom Affonso Henriques fazia nos Mouros de Hespanha, & os queyxumes que cada dia hiaõ delles, porque o tinhaõ por seu Senhor, & amparo, determinou entrar em Portugal, & foy com gente sem conto, & com treze Reys Mouros comfigo, & depois de ter feyto grandes males na terra, foy cercar o Infante Dom Sancho em Santarem, do qual foy desbaratado, & morto, como fica ditto oytava 76.

D *Alhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro roso,
Não lhe aprovyeta ja trabuco horrendo
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso, não perdendo
Nada do esforço, & acordo generoso,
Tudo prover com animo, & prudencia,
Que em toda a parte ha esforço, & resistencia:*

Trabuco horrendo. He hum instrumento de guerra chamado pelos Latinos *balista*, de hum verbo Grego *ballo*, que quer dizer arremessar, porque tira pedras, cadeas de ferro, settas, & tudo o que lhe mettem dentro, como diz Vegicio, & Vitruvio.

Ariete forçoso. He vay, & vem, instrumento de guerra, chamado ariete, que quer dizer carneyro, porque a modo de carneyro marte os muros para os derribar.

80

M As ovelho, a quem tinhão já obrigado
Os trabalhos os annos ao sossego,
Estando na Cidade, cujo prado
Enverdecem as agoas do Mondego:
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarem do Mouro, povo cego,
Se parte diligente da Cidade,
Que não perde a presteza com a idade.

Mas o velho. Este he El-Rey Dom Affonso Henriques, o qual estando em Coimbra por onde passa o rio Mondego, como soube do cerco do filho, acudio com presteza, cuja chegada foy causa da destruição dos Mouros, os quaes havia cinco dias tinhão posto ao Infante Dom Sancho em grandissimo aperto com combates continuos.

81

E Co' a famosa gente à guerra usada,
Vay soccorrer o filho, & assijuntados,
A portuguesa furia costumada,
Em breve os Mouros tem de sbaratados:
Acampinz, que toda está qualhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos, chea fica.

Eco a famosa gente. Gente famosa, entende gente illustre, & digna de fama, & honra. No tempo de Tullio esta palavra *famosus* se tomava sempre em má parte, por coula infame. Donde a huma pessoa perdida, & infame chamavão famosa, como estaõ cheyos os livros. No tempo de Plinio, & outros mais modernos se usou tambem em boa parte, como aqui o Poeta.

82

L Ogo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida;
O Miralumni só não fugio,
Porque antes de fugir, lhe foy a vida:
A quem lhe esta vitoria permitio,
Daõ louvores, & graças sem medida,
Que em casos taõ estranhos, claramente
Mais pejeja o favor de Deos, que a gente:

Porque antes de fugir lhe foy a vida. Isto diz porque antes de fugir foy muito pelos nossos, como dizem as Chronicas, & fica notado atrás.

83

D Et tamanhas vitorias triunfava
O velho Affonso Princepe subido,
Quando, quem tudo em fim vencendo andava
Da larga, & muyta idade foy vencido:
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido,
E pagáraõ seus annos deste geyto,
Aa triste Libitina seu direyto.

A pallida doença lhe tocava. O felicissimo Rey Dom Affonso Henriques Rey de Portugal, do qual por algumas oytavas deste canto terceyro havemos tratado, tocando lómente algumas coufas, que se não elucifavaõ para entendimento do livro, viveo noventa & hum annos, dos quaes dezoyto esteve debayxo do poder de seu pay o Conde Dom Henrique, & vinte & sette teve o titulo de Princepe depois da morte do pay, até que venceu os cinco Reys Mouros no campo de Ourique; & antes de se dar a batalha foy levantado por Rey, no qual cargo viveo 46. annos. Falleceo aos seis dias do mez de Dezembro de mil cento oytenta & cinco annos, anno & meyo depois que o Miraluminim cercou Santarem. Merreo este Santo Rey de sua natural doença, & de muyto velho, (como diz aqui o Poeta, usando de terminos Poeticos) em Coimbra, & foy enterrado no Mosteyro de Santa Cruz, em hum monumento de pedra chã, o qual Mosteyro elle nóvamente fundara, & dotara largamente, & ao qual tinha singular devoção. A qual sepultura El-Rey Dom Manoel mandou tirar, & por em outro lugar mais conveniente a taõ alto original seu. Pallida se chama á doença, que quer dizer amarella, pelos effeytos que nos corpos faz, que he fazelos amarellos. Lybytina he a que por outro nome os Poetas chamaõ Proserpina, molher de Plutaõ senhor do Inferno: A esta triste casa tinhão por certo os Antigos todos os q̄ hiaõ, mas que havia lugares de pena para os maos, & lugares de delectação, aonde moravaõ os que nesta vida viveraõ bem, ás quaes partes chamavaõ campos Elisios, por serem delectyosos, & fôra de enfadamentos, & trabalhos. Isto he aqui o que diz o Poeta, para dizer que falleceo o Bemaventurado Rey Dom Affonso Henriques, diz que pagou seu tributo à triste Libitina, falando como Poeta. Considerada a lição dos Poetas antigos, acho que Libitina era a mesma que os Poetas chamaõ Venus, Ienhora das graças, & galantarias, a qual assim como para os vivos lhe attribuhiaõ este dom, assim a pintavaõ presidente da morte, & que no seu templo se vendiaõ todas as coufas para as exequias dos defuntos: dando por estes rodeos a entender a fraqueza, & pouca dura da vida humana, pois a mesma que nos principios da vida ajudava, & favorecia aos homens, & era

cauta de muytos gostos, & passatempos, lhe tinha prestes, & aparelhados os instrumentos, & petrechos necessarios para a legultura, como diz Celio Rodrig. nas suas ligões antigas, liv. 6. cap. 18.

84

O Saltos promontorios o chorarão,
E dos rios as agoas saudosas,
Os semeados campos alagarão,
Com lagrimas correndo piadosas:
Mas tanto pelo mundo se alargarão,
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reyno chamarão,
Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Os altos Promontorios o chorarão. He termo de falar muyto usado dos Poetas, para encarecimento do que trattaõ, como fez Virgilio na primeira Egloga, aonde introduz Melibeo pastor em nome dos Mantuanos, falando com Tytiro outro pastor, que se alli toma pelo mesmo Virgilio, mostrando o grande gosto, & contentamento que toda a gente de Roma tinha com a conversação de Virgilio, & como cõ sua ausencia estava tudo triste.

*Tytirus hinc aberat, ipsa se Tytire pinus,
Ipsi se fontes, ipsa hæc arbuta vocabant.*

Tytiro diz Milibeo não estava Roma contente, nem mostrava ter gosto perfeyto, porq̃ lhe a voz faltaveis, os pinheyros, as fontes, & as arvores tolucavão, & choravão por vós. Entende pelos pinheyros os principaes da terra, pelas fontes os Letrados, & Poetas, pelas arvores a mais gente. Assim o nosso Poeta aqui pelos Promontorios entende os principaes, assim de seu Reyno, como de outras partes, & pelos rios todas as mais gentes, que a modo de rios andaõ nesta vida, para huma parte, & outra.

Affonso, Affonso, os eccos, mas em vão. Echo, he palavra Grega, que propriamente quer dizer vós de icheo, que significa soar. Entre nós propriamente se toma pelo retorno de nossa vós, o que succede da natureza do lugar aonde bradamos, que indo retumbando a vóz por entre outeyros, & valles, ferindo-se o ar com a vóz, torna a nós a mesma vóz, & houvimos os ultimos assentos das palavras que disseimos. A fabula de Echo convertida em vóz, & depois de vóz em pedra, conta Ovidio nas Metamorphoses liv. 3. & ha lugar aonde o echo da vóz responde sette vezes, como diz Plinio liv. 3. cap. 15. & Lucrecio Poeta antigo diz, que elle vio este lugar com seus olhos, aonde o echo a huma vóz sua respondia seis & sette vezes:

*Sæc etiam, ac septem loca vidi reddere voces
Unam cum taceres: ita colles collibus ipsis
Verba repulsantes iterabant dicta referta.*

Eu vi (diz Lucrecio) lugares que respondiaõ a huma vóz seis & sette vezes, o que procedia dos outeyros, & concavidades da terra, que ferindo o ar nella, & não podendo passar adiante, tornavaõ atrás, conforme aos lugares, com que se encontravaõ, assim respondiaõ. Vejase Plinio no lugar allegado.

85

S Ancho forte mancebo, que ficara
Imitando seu pay na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara,
Quando o Bethis de sangue se tingia:
E o brabo poder desbaratara
Do Ismaeltia Rey de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercarão
Os golpes de seu braço em vão provarão.

Quando Bethis de sangue se tingia. Isto diz pela batalha que Dom Sancho deu aos Mouros junto a Sevilha, aonde houve tanta mortandade, que o rio Bethis, que he o de Guadalquivir, tinha suas aguas vermelhas com o sangue dos muytos Mouros que nelle cahiraõ, como atrás fica dito neste mesmo canto. E mais quando os que Beja em vão cercarão. Isto fica tratado nelle mesmo canto, oytava 75.

86

D Epois que foy por Rey levantado,
Havendo poucos annos que reynava
A Cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavorava:
Foy das valentes gentes ajudado
Da Germania armada, que passava,
De armas fortes, & gente apercebida
A recobra Judea, já perdia.

A Cidade de Sylves tem cercado. A nove dias do mez de Dezembro de mil cento oytenta & cinco, tres dias depois da morte d'El-Rey Dom Affonso Henriques, foy seu filho o Infante Dom Sancho levantado por Rey na Cidade de Coimbra, por todos os nobres do Reyno, & com todas as ceremonias, & solemnidades costumadas, sendo de idade de 31. annos, porque naceo em Coimbra a onze de Novembro de 1154. Este Rey Dom Sancho cercou a Cidade de Sylves, vespera de Santa Maria Magdalena a 22. de Julho de 1190. a qual tomou com ajuda de huns Estrangeyros, que com cincuenta & tres velas aportaraõ a estas partes com huma grande tormenta, que lhe deu, que para este Reyno não foy tormenta, se não huma grande misericordia do Senhor. As Chronicas andaõ erradas na era do Senhor, as quaes dizem que foy isto no anno de 1199. não tendo senão no de 1190. como fica dito. Estes Cavalleyros Estrangeyros hiaõ em companhia do Emperador Federico, chamado

mado por alcunha Barbaroxa, que por esta razaõ lhe chama o nosso Poeta na oytava seguinte Roxo Frederico, a conquistar a Terra Santa, que Guido Lusigniano seu ultimo Rey perdera.

87

P Assavão a ajudar na santa empresa
 Oroxo Frederico, que moveo
 O poderoso exercito em defesa
 Da Cidade, onde Christo padecoo:
 Quando Guido co' a gente em sede acesa
 Ao grande Saladino se endee,
 No lugar onde aos Mouros sobejavão
 As agoas, que os de Guido desejavão.

Quando Guido co' a gente em sede acesa. A Cidade de Hierusalem foy tomada aos Mouros no anno de 1099. havendo noventa que estava em poder de infieis, a qual se tomou por Princepes Christãos, que para este effeyto fizeraõ liga. Entre os quaes hia hum Capitaõ valerosissimo Duque de Lotharingia, a que os Latinos chamaõ Godfredo, & os Hespanhoes Gudufre de Bulhaõ. Depois de ganhada a Terra, com tanta mortandade de infieis, que dizem os Autores que o sangue dava pelos artelhos, todos de commum consentimento levantaraõ por Rey a este Gudufre de Bulhaõ, por ser Varaõ excellentissimo, & fazendolhe em Bethlem suas ceremonias, & tolemnidades, por nenhum caso quis contentir que lhe putessem na cabeça huma coroa de ouro, dando por razaõ que não era decente ser elle coroado com ouro, aonde Christo fora coroado com espinhos. Depois deste Gudufre de Bulhaõ, houve oytto Reys: Balduino primeyro, Balduino segundo, Falcaõ Balduino terceyro, Almerico Balduino quarto, Balduino quinto o minino, a que chamaraõ assim os Autores, porque morreo merino, & Guido, que a perdeu, como contaremos. Tendo Saladino Soldaõ do Egypto posto cerco a Tyberiadé, Cidade do Conde Raymundo, determinou Guido Lusigniano Rey de Hierusalem sair a pelear com Saladino, com ajuda de Boemundo Conde de Antiochia, & do Conde de Tripoli, & de outros Senhores. Como a nova da sahida destes Princepes chegou a Saladino, levantou logo o cerco á Cidade, & foy-se tambem em busca dos Christãos. E porque a Terra he de poucas agoas, tomou Guido o caminho muyto apressado com sua gente por se aproveytar de certo lugar que tinha agua, mas por mais pressa que se deu, já os inimigos quando elle chegou tinhaõ ganhado o lugar, do qual nunca Guido os pode lançar fóra. E como a sua gente, & os cavalloõs hiaõ cansados do caminho, & muyto mal trattados da sede, a proveytoufe Saladino desta occasiaõ, & dando batalha aos Christãos os venceu, & prendeo a El-Rey Guido, isto foy no anno de 1186. & logo no anno seguinte de oytenta & set-

te lhe foy entregue Hierusalem a partido, havendo oytenta & oytto annos que estava em poder de Christãos. Esta he a sede de que aqui fala o Poeta. Com esta nova taõ triste para a Christandade o Emperador Frederico, ainda que velho determinou ajuntar todo seu poder para cobrar a Hierusalem, & o mesmo fizeraõ os Reys de França, Inglaterra, & outros muyto Senhores, os quaes ainda que tomaraõ muytos lugares na Asia, & por muytas vezes destruhiraõ os inimigos, todavia a Terra Santa ficou em poder dos infieis, porque Frederico que era a cabeça do exercito morreo afogado em hum rio, aonde se meteo para se lavar aos dez dias do mez de Junho de mil cento & noventa. Houve depois duto grandes dissencões entre El-Rey de França, & Inglaterra, que foy causa de isto não hir avante, como em muytas Historias se conta.

88

M As a fermosa armada, que viera,
 Por contraste de vento à quella parte,
 Sancho quiz ajudar na guerra fera,
 Fa que em serviço vay do santo Marte:
 Assi como a seu pay acontecera,
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
 Do Germano ajudado, Sylves toma,
 E o bravo morador destroe, & doma.

Santo Marte. Santa guerra, porque Marte, a que os Antigos tiveraõ por Deos da guerra, se toma muytas vezes pela mesma guerra. Chama-se guerra santa esta, que os Christãos emprendiaõ contra os possuidores da Terra Santa.

Assi como a seu pay acontecera. Atrás trattey neste canto, como com ajuda de huma armada de Alemanha, Inglaterra, & França foy cercada, & tomada Lisboa.

89

E Se tantos trofeos do Mahometa,
 Alevantando vay, tambem do forte
 Leonez, não consente estar quieta,
 A terra usada aos casos de Mavorte:
 Até que na cerviz seu jugo meta
 Da soberba Tui, que a mesma sorte,
 Vio ter a muytas Villas suas vizinhas,
 Que por armas, tu Sancho, humildes tinhas.

E se tantos trophéos. Da fugida dos inimigos que se chama em Grego tropi, se chama tropheo o final que se punha em algum lugar em memoria da sua fugida. Veja-se o que escrevemos non canto primeyro.

Tambem do forte Lionez. Isto diz porque El-Rey Dom Sancho tomou a El-Rey Dom Affonso de Leão a Cidade de Tui, Ponte vedra, & Sampayo, & outros lugares de Galiza, de que sempre foy senhor em quanto viveo.

Ma

M As entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeyro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foy segundo Affonso, & Rey terceyro:
No tempo aeste aos Mouros foy tomado
Alcaçare do Sal por derradeyro,
Porque de antes os Mouros o tomãrão,
Mas agora estruido o pagãrão.

Mas entre tantas palmas salteado. Palma toma aqui o Poeta pela vittoria, cousa muyto usada entre os Poetas. A causa porque a palma significa victoria dá Aulo Gellio nas suas noytes Atticas liv. 3. cap. 6. dizendo que tem a palma huma particularidade, que diz muyto com a natureza, & condicão dos homens esforçados: & he que por mayor pezo que ponhão sobre ella, & por mais que a apartem, sempre tira para cima, & que por nenhum caso se sabe foytar. Aristoteles nos Problemas lib. 7. & Plutarco nas questões continuas lib. 8. Plinio liv. 16. c. 42. & Theophrasto lib. 5. dizem o mesmo. Falleceo El-Rey Dom Sancho depois de alcançadas grandes vittorias, & feytas grandes maravilhas em armas, em Coimbra de sua doença, sendo de idade de cincoenta & oytto annos, havendo vinte & seis que Reynava no anno do Senhor de 1212.

Fica herdeyro hum filho seu. Este filho que succedeo no Reyno he El-Rey Dom Affonso segundo deste nome, & terceyro Rey de Portugal, o qual em vida de seu pay catou com a Raynha Dona Urraca, filha legitima d'El-Rey Dom Affonso o nono de Castella. Foy levantado por Rey de idade de vinte & cinco annos, havendo já quatro que era casado. Este tomou a Villa de Alcacere aos Mouros, com ajuda dos Estrangeyros, como aconteceo a seu pay Dom Sancho na tomada de Sylves. Foy entrada Alcacere, & tomada pelos nossos em dia do Bemaventurado S. Lucas, a dezoyto de Outubro de mil duzentos & dezasette, tendo primeyro desbaratados quatro Reys Mouros que a vinhão soccorrer com quinze mil de cavallo, & oytenta mil de pé, em dia dos Bemaventurados Martyres Protho, & Hiacintho em onze de Setembro do dito anno.

Porque d'antes os Mouros os tomãrão. No tempo d'El-Rey Dom Sancho se perdeu Alcacere, & Sylves, não por descuydo, & fraqueza dos seus, se não pelos trabalhos do Reyno, porque houve grandes pestes, fomes, & outros trabalhos, que eltorvarão poderem ser soccorridas.

M Orto depois Affonso, lhe succede
Sancho segundo, manço, & descuidado,

Que tanto em seus descuydos se desmede,
Que de outrem, que mandava, era mandado:
De governar o Reyno, que outro pede,
Por causa dos privados foy privado,
Porque como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

Morto depois Affonso lhe succede Sancho. Falleceo El-Rey Dom Affonso no anno de mil duzentos & vinte & quatro, tendo de idade de trinta & sette, & havendo doze que Reynava. Jaz em Alcobaca com a Raynha Dona Urraca sua molher, na Cappella grande, que elle em sua vida mandou fazer. Succedeolhe no Reyno Dom Sancho o segundo, & quarto dos Reys de Portugal, chamado por alcunha o Capello, foy levantado por Rey em Coimbra, sendo de idade de dezaasseis annos. Era muyto pusillanime, & desconcertado no governo do Reyno, & nas cousas da justiça de muyto fraco espintu, & pelo conseguinte muyto lasso, pelo que não castigava os vicios, nem hia a mão aos que commetião quacquer maldades, & insultos, o que foy causa de se ajuntarem os principaes do Reyno, & avilarem ao Summo Pontifice Innocencio III. para que proveesse nestas cousas, & lhe desse quem os governasse. Então foy acordado que fosse eleyto por Governador do Reyno hum irmão do dito Rey Dom Sancho, o qual era Conde de Bolonha. Elle o aceytou, & vindo a este Reyno Dom Sancho, & os da tua conserva lhe quizerão resistir, mas como não puderaõ Dom Sancho se sahio do Reyno, & se foy a Castella, aonde morreo no anno de mil duzentos & quarenta & sette, & jaz sepultado na Sé de Toledo. Viveo quarenta annos, dos quaes foy Rey vinte & quatro.

N Aõ era Sancho, não tão desbonesto,
Como Nero, que hum moço, recebia
Por mulher, & depois horerndo incesto,
Com a mãy Agripina cometetia:
Nem tão cruel ás gentes, & molesto
Que a Cidade quymasse, onde vivia,
Nem tão mao, como foy Heliogabalo,
Nem como o molle Rey Sardanha palo,

Não era Sancho não tão desbonesto. El-Rey Dom Sancho Capello não era homem inclinado a commetter vicios, & maldades, como se lê de outros Reys, que na vida foraõ muyto defenfreados nellas: foy privado do Reyno por ter pusillanime, & fraco de espiritu, & para muyto pouco, porque não sabia castigar, nem reprehender, & assim consentia, & dissimulava com os vicios dos homens, que he assas grande mal. Nero texto Emperador Romano (cujas crueldades, & injustiças passaraõ por todas as dos outros cruéis, & pessimos Tyrannos) foy na crueldade

cruelda le taõ estremado , que para chamarmos a hum homem cruel, costumamos dizer: he hum Nero. Este perseguiu grandemente a Igreja de Deos. Padeceraõ em seu tempo os bemaventurados Apostolos S. Pedro , & S. Paulo , & outros muytos Santos, que seria largo contar: mandou por fogo a sua patria, como afirma Suetonio, Paulo Orofio, & outros muytos. O qual fogo dizem que durou seis dias, & sette noytes, & que em quanto ardia Roma, se poz em huma torre alta, donde estava vendo arder a Cidade, & com grande contentamento , & gottio contrava huns versos de Homero , que trattaõ da destruiçãõ , & incendio de Troya. Mattou sua propria molher , mãy, & irmão.

Nem taõ mau como foy Helsogabalo. Este foy outro Emperador Romano tal como Nero, de que atràs allamos, o mais vicioto , & affeminado homem que no mundo houve. Nos gattos de sua pessõa, & na gula era taõ estragado , que dizem os Autores que delle escrevem, que nenhum Rey por muyto rico que fora se pudera sustentar , gastando o que este gastava, & que valia a este ser Senhor do mundo, & ter as reindas, & riquezas de todo elle, que de outra maneyra naõ pòdem viver , taõ excessivos eraõ os gattos que fazia. E, porque suas abominações, & vicios saõ taes, que he melhor naõ as saber, nem ouvir , & eu me corro tratar dellas as naõ ponho aqui. Quem as quizer ler, veja Herodiano, Lampridio, Eutropio, & Pero Mexia em sua vida.

Nem como o molle Rey Sardanapalo. Sardanapalo foy ultimo Rey dos Assirios taõ lenhual , & luxurioso, que naõ te corria andar entre as molheres de partido, vestido de seu trajo, & fiando em roca entre ellas, & falando palavras deshonestas, & lascivas, como se fora mulher publica. Mandou que lhe puzessem este Epitaphio na sua sepultura depois de sua morte.

Ede, bibe, & lude, post mortem nulla voluptas:

Come, bebe , & tolga, que com a morte tudo se acaba. Epitaphio, como diz Cicero nas Tusculanas, mais para boy , que para Rey. Tomados os Assirios, & enojados por ter tal Rey, ou por melhor dizer de obedecer a huma molher, se levantãõ contra elle para o matar ; o que elle naõ esperou, porque recolhendo se aos paços da Cidade de Nino, cabeça , & metropoli de Assiria (que a Escrittura Sagrada chamada Ninive) mandou fazer huma fogueyra, & posto nella todo o ouro, prata, & riquezas que tinha , se queymou juntamente com elle, como diz Ovidio no ibis.

*Inque pyram tecum carissima corpora mittas
Quem finem unæ Sardanapalus habet.*

Escrevendo contra hum seu inimigo entre outras pragas que lhe roga he, que morra a morte de Sai-

danapalo, que se queymou por sua livre vontade.

93

N *Em era o povo seu tyranizado,
Como Sicilia foy de seus tyranos,
Nem tinha, como Falares, achado
Generos de tormentos inhumanos:
Mas o Reyno de altivo, & costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rey naõ obedece, nem consente,
Que naõ for mais que todos excellente.*

Naõ era o povo seu tyrannizado, como Cicilia foy de seus tyrannos. Cicilia, como diz Justino no livro 4. aonde tratta de seu sitio , & fertilidade , foy mãy dos mayores tyrannos do mundo, & como os principaes da terra eraõ estes, a gente bayxa aprendia delles , pelo que era hum formigüeyro de ladrões bayxos, donde veyo hum proverbio entre os Latinos, *Siculus omphacizat*, o Ciciliano faz furtos bayxos, como saõ uvas em agraçõ , que para pouco mais de nada prestaõ. He terra muyto fertil , & abundante das cousas necessarias para a vida, aonde se atreveraõ muytos a lhe chamar *Roma horreũ*, celleyro de Roma. E daqui fingiaõ os Poetas, que Ceres , & Baccho eraõ naturaes desta ilha, por ser taõ fertil, & abundante. He esta ilha de fôrma triangular, como Inglaterra, dizem que terã setecentas milhas de circuito. Foy antiguamente junta com Calabria, como alguns escrevem, & hum terremoto a dividio, & pos no meyo aquelle mar, que he de mil & cincoenta passos, & se chama estreyto de Messina, o qual ainda que seja perigoso em certos lugares, & tempos, naõ he tanto como os Poetas fingem, attribuindo lhe Charybdis, & Scyllas taõ celebrados dos Escriitores Gregos, & Latinos. Entre outras muytas cousas que tem esta ilha he aquelle taõ celebrado monte Ethna , do qual Petreo Bembo escreve hum livro particular, que anda impresso entre suas obras. A gente he valorosa em armas, & letras, como se pòde ver nas Historias antigas. Veja-se a nossa annotaçãõ no canto 4. oytava 62.

Nem tinha como Phalaris achado generos de tormentos inhumanos. Este Phalaris foy tambem Ciciliano, & fez huma ventagem aos mais , que alem de tomar a fazenda aos seus, lhes tirava tambem as vidas, porque naõ gastava o tempo em outra cousa, se naõ em butcar modos, & invencões de tormentos com que os atormentasse. Como a fama desta cruel curiosidade viesse às orelhas de hum grande official por nome Perillo, ao qual Plinio, & outros chamaõ Perilao, fez lhe hum boy de metal, & com tal invençaõ que mettido hum homem dentro, posto fogo debayxo, urrava como touro. Phalaris folgou muyto com a invençaõ , mas mandou ao mestre que a fizera, que a provasse primeyro, & assim foy; & com muyta justiça, donde diz Ovidio na Arte lib. 1.

Et

*Et Phalaris cauro violenti membra Pirilli
Torrui, infelix imbuat author opus:
Iustus uterque fuit, neque enim lex justior ulla est
Quam necis artifices arte perire sua.*

Phalaris fez provar primeyro a sua obra a Perillo, & com razao, porque he muyta justiça, que os que pretendê fazer mal o paguem. Phalaris també morreo da melma maneyra, como diz Ovidio. No ibis.

*Utque ferox. Phalaris lingua prius ense resecta
More bovis Paphio clausus in aere gemas.*

Porque não podendo os seus soffrer taõ grandes crueldades, lhe deraõ a morte, que elle a outros dava, & desta maneyra acabou como acabaõ mal, & cedo os que querem usar nesta vida de semelhantes obras. De Perillo, & Phalaris se veja a nossa annotaçãõ neste canto oytava 39.

94

POr esta causa o Reyno governou
O Conde Bolonhez, depois alçado
Por Rey, quando da vida se apartou.
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado
Este, que Affonso o Bravo se chamou,
E aefque teve o Reyno segurado,
Em dilatalo, cuyda, que em terreno,
Não cabe altivo peyto taõ pequeno.

Por esta causa. Por El-Rey Dom Sancho ter hum homem para pouco, foy eleyto por Governador Dom Affonso Conde de Bolonha seu irmão, como atrás fica dito, o qual foy levantado por Rey, logo que o irmão morreo, & obedecido por tal no anno de mil duzentos & quarenta & sette. Este se calou segunda vez com huma Dona Beatrix filha battarda d'El-Rey Dom Affonso o decimo de Castella. Reynou 32. annos, falleceo em Lisboa no anno de 1279. a 20. de Março, & jaz em Alcobaga.

95

DA terra dos Algarves, que lh' efora
Em casamento dada grande parte
Recupera co braço, & deyta fôra
O Mouro mal querido já de Marte:
Esta de todo fez livre, & senhora
Lusitania com força, & bellica arte
E acabou de oprimir a nação forte
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

Da terra dos Algarves. Com esta Dona Beatrix lhe foraõ dados os Castellos, & Villas dos Algarves em casamento que El-Rey tinha, & a conquista dos mais. Pelo que elle toy o primeyro Rey

de Portugal, que teve este titulo, & assim se ajuntaraõ logo ás armas de Portugal huns castellos dourados em campo vermelho por razao deste novo acrecentamento dos Algarves. Esta he a verdadeyra origem daquelles castellos, ainda que outros queyraõ dar outra. Este Rey tendo viã a primeyra mulher, se casou com a dita Dona Britis contra todo o direyto, & justiça. Pelo que houve neste Reyno muytos annos interdito, até que morreo a Condessa de Bolonha sua primeyra mulher. Entaõ o Papa á petiçãõ dos Prelados, & nobres do Reyno dispensou com elle, & ligitimou seus filhos, como nas Chronicas se pôde ver. No tempo deste Rey, Portugal, como diz aqui o Poeta, foy limpo de Mouros, aonde nunca mais puferãõ pè.

96

EIs depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre, & dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexanarina:
Com este o Reyno prospero florece,
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leys, & costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

Eis depois vem Diniz. Depois da morte deste Rey que foy em Lisboa a 20. de Março de 1279. sendo de idade de setenta annos, dos quaes Reynou trinta & dous, & foy sepultado no mosteyro de S. Domingos que elle fez, socedeo no Reyno seu filho Dom Diniz, o qual logo foy levantado por Rey, sendo de idade de dezoyto annos, havendo nove mezes, que sem ter casado tinha sua casa, & vivia apartado de teu pay. Este Rey, dizem os Chronistas, que foy de muyta verdade, justiça, & liberalidade que o Poeta compara com a de Alexandre Magno, do qual saõ escrittas grandes coulas acerca da liberalidade, & condiçãõ.

97

FEz primeyro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva
E de Helicon as Musas fez passar-se,
A pesar do Mondego a fertil erva:
Quanto pôde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva,
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do Baccaro, & do sempre verde Louro.

Fez primeyro em Coimbra exercitar-se. Como este Principe era perfeytissimo em tudo, quis que seus vassallos o fossẽm tambem, & que pois na milicia eraõ estremados, o fossẽm tambem nas letras, pelo que foy o primeyro que fez em Coimbra houvesse estudos, para os quaes bulcou homens de todas as partes

partes eminentes, aos quaes fazia muytas honras, & merces.

Officio de Minerva. He o exercicio das letras, o qual se chama assim, porque os Antigos chamaraõ a Minerva, que por outro nome se chama Pallas, Deosa das sciencias. Veja-se o que notámos no segundo canto oytava 78.

E de Helicon as Musas fez passarse. Por termos Poeticos, & Rhetoricos diz, como El-Rey foy o primeyro que fez houvesse estudos em Portugal. Helicon he hum monte dedicado a Apollo ás Musas, padroeyras dos Poetas, que está em Phocis regiaõ de Grecia, naõ longe do monte Parnato, como diz Estrabaõ lib. 9. Deste monte Helicon se chamaõ as Musas Heliconidas, como lhe chamou Perseo no prologo das tuas satyras: Diz aqui o Poeta que deste monte Helicon, aonde as Musas tinhaõ sua morada, se viciaõ a Coimbra, por onde o rio Mondego passa.

Quanto pode de Athenas desejar-se. Encarece os estudos de Coimbra, & na verdade ellès daõ taes mostras de si, & produzem tal fruyto, que naõ sinto outros que lhe fação ventagem. E por o mundo saber assas desta verdade naõ trattarey mais della. Quanto á Cidade de Athenas, de que aqui o Poeta fala, taõ celebrada pelos Escriitores, & taõ conhecida pela fama, hoje he hum a triste aldeia, como fica dito neste canto oytava 51.

Do Baccaro, & do sempre verde louro. Baccaro he hum herva, chama-se em vulgar montaõ, tem as folhas como borragens, & humas flores amarellas, como as da herva vaqueyra, ainda que mais pequenas, desta herva se coroaõ os Poetas antigos, como diz Virgilio.

Baccare frontem.

Cingite, ne vati noccat mala lingua futuro.

A qual dizem que tinha virtude contra o mau olho, como alli tente Virgilio, & declara Servio. Ponderhe (diz Virgilio) hum cappella de herva baccaro, porque a má lingua naõ faça mal a este, que ha de ser Poeta. O olho mau, a que os Latinos chamaõ *fascinus*, dizem os Autores que succede de duas maneyras Plinio liv. 7. c. 2. diz que em Africa havia certa casta de gente, que com a lingua matavaõ, porque tudo o que louvavaõ se perdia, secavaõ as arvores, morriaõ os mininos. Na Esclavonia diz o mesmo Plinio que havia gente, que pondo os olhos fitos em alguma cousa a matavaõ, & que esta gente tinha em cada olho duas mininas. Na regiaõ do Ponto de Asia diz o mesmo Autor, q havia outra casta de gente chamados Thebros, que tinhaõ a mesma particularidade, & desta maneyra de olhado entende Virgilio. Coroaõ-se tambem os Poetas de louro por mandado de Apollo seu padroeyro, porque nelle se converteo Daphne filha do Rio Peneo, a que elle era muyto affeyçoado. Conta esta fabula Ovidio nas Metamorphoses lib. 1.

98

N Obres Villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos muy seguros,
E quasi o Reyno todo reformou,
Com edificios grandes, & altos muros:
Mas depois, que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias ja maduros,
Ficoulhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso, mas forte, & excellente.

Mas depois que a dura Atropos. Fingem os Poetas que ha tres Parcas, que fiaõ a vida dos homens, & que determinaõ della o que lhes parece. Das quaes Atropos cortava o fio, pelo qual se entende a vida do homem. O que aqui tambem diz o nosso Poeta, que depois que Atropos cortou o fio dos dias d'El-Rey Dom Diniz, que quer dizer, depois que El-Rey Dom Diniz falleceo. Quanto ás Parcas trattey dellas largamente no canto 1. oytava 24.

Ficoulhe o filho pouco obediente. Depois da morte d'El-Rey Dom Diniz, que foy a sete dias do mez de Janeyro, outros dizem a vinte do mesmo mez de i 325. O qual viveo sessenta & quatro annos, & delles Reynou quarenta & seis, & está sepultado no Moiteyro de Odivellas que elle mandou fazer, foy levantado por Rey em Santarem no mesmo mez, & anno atrás dito, seu filho Dom Affonso deste nome o quarto, & dos Reys de Portugal o setimo, o qual em vida de seu pay lhe foy muyto detobediente, & como contaõ as Chronicas, dejejou por muytas vezes darlhe batalha, & locederaõ algumas cousas de memoria, que nas Chronicas do Reyno se podem ver.

99

E Ste sempre as soberbas Castelhanas,
Com peyto desprezou firme, & sereno,
Porque naõ he das forças Lusitanas.
Temer poder mayor por mais pequeno:
Mas porém, quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entrarãõ pelas terras de Castilla,
Foy o soberbo Affonso a soccorrella,

Este sempre as soberbas Castelhanas. Teve este Rey Dom Affonso grandes quebras, & delavenças com El-Rey Dom Affonso de Castilla, o onzeno seu genro. Mas sempre levou a melhor, assim em obras, como em palavras como o nosso Poeta aqui diz, & trattaõ largamente as Chronicas do Reyno, com tudo sempre o favoreceo, & ajudou todas as vezes que foy sua ajuda necessaria, como fez, principalmente na batalha do Salado, quando El Rey de Marrocos com os Reys de Tunes, Bugia, & Granada, & hum poderosissimo exercito quis ver se podia tomar Hespanha. A qual pressa acodio
O El-Rey

El-Rey Dom Affonso de Portugal a pedimento de Dona Maria sua filha Raynha de Castella, & junto com seu genro deraõ batalha aos Mouros, dos quaes, segundo algumas Chronicas dizem, morrerãõ mais de quatrocentos mil, & dos Chritãos vinte homens. As particularidades, & miudezas disto se pòdem ver na Chronica, & o nosso Poeta o conta aqui por algumas oyravas.

Temer poder mayor por mais pequeno. Porque os Portuguezes aindaque sejaõ muyto menos em numero, naõ se acobardaõ a exercitos mayores.

Hesperico terreno. He a terra de Hespanha.

100

Nunca com Semiramis gente tanta
Veyo os campos Hydaspicos enchendo,
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos aqoute borrendo:
Gottica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co poder excessivo de Granada,
Foy nos campos Tartesios ajuntada.

Nunca com Semiramis gente tanta. Foy Semiramis molher de Nino Rey dos Assyrios. Morto Nino, vendo Semiramis, que hum filho que lhe ficava de seu marido, & do mesmo nome do pay, pela pouca idade naõ podia ter a governança do Reyno: & vendo tambem que os Assyrios naõ queriaõ ser governados por molher, fingio- se ser seu filho, & desta maneyra se começou a metter na governança dos Assyrios, o que fez por muytos annos com muyto valor, como conta Justino liv. i. in principio. Foy taõ prudente, & varonil em suas cousas, & houve- se de tal maneyra no governo do Reyno, que se naõ contentou com conservar o que de seu marido lhe ficou, mas acrecentou outros muytos Reynos, & Provincias, & na India meteo grandes exercitos para a sujeytar, como diz aqui o Poeta. Por campos Hydaspicos se entende aqui campos da India, chamados assim do rio Hydaspes, que a rega.

Nem Attila, que Italia toda espanta. Attila que se intitulava Rey dos Hunnos, Godos, Medos, & Danos: medo, & espanto do mundo, aqoute, & castigo de Deos: sahio de suas terras com quinhentos mil homens de peleja, com que poz espanto a toda Italia, fazendo grandes crueldades pelos lugares por onde passava. Atrás trattey de Attila neste canto, oytava 14. & assim no canto segundo oytava 97. pelo que aqui me naõ alargo mais.

Campos Tartesios. Saõ campos de Tarifa, Villa de Andaluzia assãõs conhecida, chamada entre os Latinos Tartesia.

101

Evendo o Rey sublime Castelhana,
Aforça inexpugnavel, grnade, & forte,

*Temendo mais o fim do povo Hispano,
Jã perdido huma vez, que a propria morte:
Pedindo ajuda ao forte Lusitano
Lhe mandava a chayissima consorte,
Mulher de quem a manda, & filha amada,
Daquelle, a cujo Reyno foy mandada.*

Jã perdido huma vez. No tempo d'El Rey Dom Rodrigo ultimo dos Godos.

102

Entrava a fermosissima Maria,
Pelos paternaes paços sublimados
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados,
Diante do Pay ledo, que a agasalha,
Estas palavras tuas chorando espalha.

Entrava a fermosissima Maria. Esta era a Raynha Dona Maria filha d'El Rey Dom Affonso de Portugal, casada com El-Rey Dom Affonso de Castella, como atrás fica declarado. Pintanos aqui o Poeta como entrou esta Senhora nos paços de seu pay, a pedir ajuda da parte de seu marido contra os Mouros, que determinavaõ destruir segunda vez Hespanha.

Eburneos hombros. Hombros de marfim, hombros fermotos, porque ebur he marfim.

103

Quantos povos a terra produzio,
De africa toda, gente fera, & estranha,
Ograõ Rey de Marrccos conduzio,
Para vir possuir a nobre Espanha:
Poder tamanho junto naõ se vio,
Despois que o falso mar a terra banha:
Traz tal ferocidade, & furor tanto,
Que a vivos medo, & a mortos faz espanto.

Salso mar. Mar salgado.

104

Aquelle, que me deste por marido,
Po defender sua terra amedrontada,
Co' pequeno poder offerecido
Ao duro golpe esta da Maura espada:
E se naõ for contigo socorrido,
Vermehas delle, & do Reyno ser privada,
Viuva triste, & posta em vida escura,
Sem marido, sem Reyno, & sem ventura.

Aquelle

Aquelle que me dese por marido. Conta o Poeta a pratica que a Raynha Dona Maria de Castella teve com El-Rey Dom Affonso teu pay, persuadindoo fosse em soccorro d'El-Rey de Castella seu marido, contra os Mouros, que determinavao destruir Hespanha.

105

POr tanto, o Rey de quem com puro medo,
O corrente Moluca se congela,
Rompe toda a tardança, acode sedo
Amiseravel gente de Castella:
Se esse gesto, que mostras claro, & ledo,
De Pay o verdadeyro amor assella,
Acode, & corre Pay, que se não corres,
Pôde ser que não aches quem soccorres.

O corrente Molucha. Molucha he rio do Reyno de Fez, como quer Ptolomeo na primeyra taboa de Mauritania Tingitana liv. 4. Os Mouros lhe chamao hoje Munzemar, os Latinos Molucha, ou Mulucha, he rio grande, & que se vadea em muyto poucas partes.

106

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, q' a triste Venus, quando
A Jupiter seu pay favor pedia,
Para Eneas seu filho navegando:
Que a tanta piedade o commovia,
Que cahido das mãos o rayo infando,
Tudo o Clemente Padre lhe concede,
Pezandolhe do pouco que lhe pede.

Não de outra sorte. Compará o Poeta aqui a Raynha Dona Maria nestas lastimas, que conta a seu pay, com Venus filha de Jupiter, & máy de Eneas Troyano, a qual vendo seu filho perseguido de Juno, & em estado de se perder com toda sua armada, com muytas lagrimas lhe pede remedio para hum tão grande mal. Conta isto Virgilio no livro primeyro da Eneida, não muyto longe do principio.

Rayo infando. As insignias com que Jupiter te arma, que tão principalmente rayos. Infando rayo, pela crueldade que usa no matar, & destruir todas as coufas em que dá. E assim como Jupiter, pôr não fazer mal a Venus com seus rayos, os lançou de si: assim El-Rey Dom Affonso tirou de si todo o odio que contra El-Rey de Castella tinha, para favorecer a tua filha.

107

MAs já cos esquadrões da gête armada,
Os Eborenses campos vão coalbados,

Lustra co Sol o arnés, a lança, a espada,
Vão rinchando os cavallos jaezados:
A canora trombeta embandeyrada,
Os corações à Paz acostumados,
Vay ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

Os Eborenses campos vão coalbados. Isto diz, porque ao tempo que a Raynha Dona Maria foy pedir este soccorro, estava El-Rey teu pay em Evora.

108

ENtre todos no meyo se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos, leva o collo levantado:
Esômente co gosto esforça, & anima
A qualquer coraçã amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil Raynha della.

109

Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão de frente
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo, & monte:
Não ha peyto tão alto, & tão potente,
Que de desconfiança não se afronte,
Em quanto não conheça, & claro veja,
Que co braço dos seus Christo peleja.

Os dous Affonsos. Reys hum de Castella, & outro de Portugal.

110

EStão de Agar os netos quasi rindo,
Do poder dos Christãos, fraco, e pequeno,
As terras como suas repartindo
Ante mão, entre o exercito Agareno:
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno,
Assi tambem com falça conta, & nuã,
A nobre terra alhea chamao sua.

Estão de Agar os netos. Netos de Agar, ou Agarenos se chamao os Mouros, que procedem de Hmael filho de Agar escrava de Abram. Daqui exercito Agareno, exercito dos Mouros.

Nome Sarraceno. Nome dos Mouros que tambem se chamao Sarracenos. Veja-se a nossa annotaçã neste canto oytava 23.

III

Qual o membrudo, & barbaro Gigante,
Do Rey Saul, com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras, & esforço apercebido:
Com palavras soberbas arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda o desengana,
Quanto mais póde a se, que a força, humana,

Qual o membrudo, & barbaro Gigante. Este he o Gigante Goliath, a que communmente chamamos Golias, que desafiou com palavras arrogantes, & soltas, a qualquer que do exercito de Saul se quizesse combater com elle, & que ficasse a victoria com o exercito, que levasse a melhor, pondo cada hum de sua parte hum que pelejasse em sua defensão. E como houvesse já dias que este Goliath andava diante do exercito dos Hebreos armado, & soltando muytas palavras injuriosas. Achando-se ahi hum dia David pobre pastor, filho menor de Isay, como diz a Sagrada Eserittura liv. I. Reg. cap. 17. sentido do que ouvia áquelle Gigante, determinou vir com elle a batalha, & fazendoo Saul armar, não pode soffrer as armas, pelo que se tornou a seu costume, que era funda, & cajado. Como o Gigante vio seu competidor, começou a zombar delle, mas tornou-lhe a zombaria em choro, & morte porque lhe fez David hum tiro com a funda, com que lhe fez dar fim á batalha, cortando-lhe a cabeça com a espada, como se conta mais largamente no livro dos Reys.

Pastor inerme. Pastor desarmado, porque como fica dito, não levou mais, que huma funda, com humas poucas de pedras em o surrao.

III

III 2

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, & não entende,
Que está ajudado da alta Fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhana, & com destreza;
De Marrocos o Rey comete, & offende,
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reyno de Granada.

Se faz temer ao Reyno de Granada. Isto diz porque tocdeeo cair-lhe este em sorte de peleja, como a El-Rey de Castella o de Marrocos, como aqui diz o Poeta, & depois que o teve vencido acudio a El-Rey Dom Affonso seu genro, que andava entre muytos Mouros, nos quaes fora derao tão boa manha, que em pouco espaço os destruhiraõ, matando grande multidaõ delles, como atrás fica dito, & o Poeta aqui conta.

III 3

EIs as lanças, & espadas retenião
Por cima dos arneses, bravo estrago,
Chamão (segundo as leys que alli seguião)
Huns Masamede, & outros San-Tiago:
Os feridos com grita o Ceo ferirão,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meyo mortos se afogavão,
Quando do ferro as vidas escapavão.

Santiago. Padroeyro dos Hespanhoes, pelo que delle se escreve, que vivco nas Hespanhas, prégando nellas a Fé de Christo, pelo que sempre favoreceo aos Hespanhoes. E que Santiago haja prégado em Hespanha, & que por este reipeyto seja padroeyro dos Hespanhoes, & os favoreça, & defenda nas batalhas: dilo o Bemaventurado S Hydoro, & o Veneravel Beda, & outros muytos Autores, que com muyta diligencia ajuntou o illustrissimo Senhor Dom Joáo de Vallasco Condettavel de Castella, em huns discursos, que fez tobre a vinda, & prégação deste bemaventurado Santo a estas partes.

III 4

Com esforço tamanho destrue, & mata
O Luso ao Granadil, q em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa, ou peyto de aç o:
De alcançar tal victoria tam barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vay ajudar ao bravo Castelhana,
Que pelejando está co' Mauritano.

III 5

JA se bia o Sol ardente recolbendo
Para a casa de Thetis, & inclinado
Para oponente o vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado:
Quando o poder do Mouro grande, horrendo
Foy pelos fortes Reys desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunqua no mundo vio tão graõ victoria.

lá se bia o Sol ardente recolbendo para a casa de Thetis. Descreve aqui o Poeta o tempo da tarde, com o qual se acabou a batalha, a qual se começou á hora da terça, que he ás nove horas do dia, no qual tempo houve tanta mortandade dos Mouros, que se affirma, que os mortos foraõ quatrocentos mil, & infinidade de cativos. Quanto a Thetis de que aqui fala o Poeta, veja-se a nossa annotação no canto segundo, oytava 1.

Para o Ponente Vespero trazendo. Vespero ou Hespero

pero he o Planeta Venus, que nas partes Occidentaes apparece, em se pondo o Sol primeyro que todas as Estrellas, & Planetas, & assim antes que o Sol saya se vé no Ceo, depois de escondidas as outras Estrellas. Chamaõ-lhe Luzeyro, por ser mostrador da luz, porque fica no Ceo até a manhã clara, & parece que está mostrando o dia, & Estrella da alva pela mesma razão. Os lavradores lhe chamaõ Estrella boeyra, porque se regem por ella para saberem o tempo em que haõ de curar o feugado. Não he a Aurora, como alguns cuydaõ, & escrevem (que he bom despropósito) porque a Aurora, como se diz neste livro por muytas vezes, não he Estrella, nem Planeta, senão aquella cor que no Ceo apparece, antes que o Sol saya, que he a claridade do dia.

116

Não matou a quarta parte o forte Mario,
 Dos que morrerão neste vencimento,
 Quando as agoas co sangue do adversario
 Fez beber ao exercito sedento:
 Nem o Peno asperissimo contrario
 Do Romano poder de nascimento,
 Quando tantos matou da illustre Roma,
 Que alqueyres tres de aneis dos mortos toma.

Não matou a quarta parte o forte Mario. Mario foy homem de bayxa forte, viveo muytos annos no campo rustica, & pobremente, até que movido de huma altivez de animo, que naturalmente tinha deyxada sua patria Arpino, se foy a Roma a ver se podia ter outra vida differente da que de seu pay herdara. Como era homem de condiçaõ, & engenheiro, foubeyse tambem negociar com os Romanos que o meteraõ no numero dos cidadãos, & como tinha grande espirito, veyo a ser taõ valeroso soldado, que entre todos os outros, que andavaõ nos exercitos Romanos finaladamente fazia vantagem: em tanto que estando Scipiaõ Emiliano no cerco de Numancia a caso huma noyte na sua tenda se trattou quem lhe poderia toceder no cargo de Capitaõ morrendo elle, & pondo Scipiaõ os olhos em Mario estendeo a mão, & a poz sobre hum hombro seu, mostrando que aquelle o merecia. Foy sete vezes Consul, venceu grandes batalhas, & houve grandes vittorias, entre as quaes foy esta de que o Poeta aqui faz mençaõ, & foy desta maneyra. A cabada a guerra de Africa, & preso El Rey Jugurtha, succedeo, que das partes Septentrionaes decco huma Naçaõ de gente chamada Cymbros a Italia com suas molheres, & filhos, & juramentados de não largar Italia até a destruir. E como alguns Capitães, que os Romanos mandaraõ, fossiem vencidos por estes Cymbros, determinaraõ mandar Mario, o qual estãdo perto dos inimigos lhe dilatou a batalha com desenho, que os seus os fossiem conhecendo pouco a pouco, para saber como se haviaõ de haver com elles, porque

mostravaõ tanta ferocidade, que os Romanos os temiaõ. E porque no exercito de Mario havia falta de agua, & com esta dilacaõ cada vez faltava mais, vendo-se Mario apertado dos soldados, que se queyxaõ de sede, lhe mostrou hum regato de agua, mas que era necessário comprala com sangue, os quaes rompendo com os inimigos remedearam o dano da sede, mas beberaõ de mistura muyto sangue, que no regato estava da grande mortandade que naquelle encontro houve. Forraõ vencidos nesta, & em outra batalha os Cymbros, na primeyra por sô Mario, & na segunda com ajuda do outro Consul chamado Catulo.

Nem o Peno asperissimo contrario do Romano poder de nascimento. Peno asperissimo, quer dizer Carthaginense muyto aspero. Chamaõ-le os Carthagineses Penos, ou Punicos, porque tiveraõ sua origem de Phenicia, como dizem os Latinos, & tirada a aspiracaõ h-se dizem Penos quasi Phenos. Aqui entende Annibal, que foy (como conta Titolivio no prologo da terceyra Decada, & Justino liv. 29. & o nosso Poeta aqui) inimicissimo do Povo Romano de seu nascimento. Os quaes acrecentaõ, que postas as mãos sobre hum altar, aonde seu pay Amilcar estava fazendo sacrificio, andando em Hespanha em sua companhia, tendo minino fez juramento, que vindo á idade que pudesse tomar armas, trabalharia por extinguir o nome Romano. O qual entendido pelos Carthagineses, o fizeram seu Capitaõ geral, sendo de idade de vinte & cinco annos. Delde o qual tempo começou a fazer guerra ao Povo Romano, contra o qual houve grandes vittorias, como foy esta, que aqui conta o Poeta, a qual foy em Apulha, junto de huma aldeia chamada Canas, na qual morrerãõ, como conta Titolivio liv. 3. Decada 3. cap. 3. vinte mil de pé, & dos nobres tantos, que se apanharaõ, como diz aqui o nosso Camões, tres alqueyres de aneis, os quaes não podia trazer se não gente nobre. Esta foy a mayor perda que os Romanos tiverãõ em sua Monarchia. Donde Silio Italico chamou a Canas sepultura de Italia: & Plinio disse que aquella aldeia era nobre, & insigne, pela perda que os Romanos nella receberãõ.

117

FSe tantas almas sô pudeste
 Mandar ao Reyno escuro de Cocito,
 Quando a santa Cidade desfizeste
 Do povo pertinaz no antigo rito:
 Permissaõ, & vingança foy celeste,
 E não força de braço, ó nobre Tito,
 Que assi dos Vates foy profetizado,
 E depois Por Jesus certificado.

Ao Reyno escuro de Cocyto. Cocyto he hum rio do inferno, chama-se assim, que quer dizer chorar, porque naquelle triste lugar sempre há choro. Havendo

vendo muytos annos que Roma andava tyrannizada, & destruhida por maos Emperadores, & vendo alguns homens de bem o estado taõ desestrado da terra, & como se hiaõ ascoulas ao fundo, escarmentados, & enfadados muyto com os roubos dos Caligulas, Neiros, Galbas, Ottones, Vite- lios, & outros maos Emperadores como estes. Fi- zeraõ seu Emperador a num homem, o qual ain- da que por casta o naõ merecia, na milicia era excellente, & havia tido alguns cargos honrados em Roma, & em algumas Provincias fogeyras a ella. Este se chamava Vespasiano; cujo filho Tito no segundo anno do Imperio do pay, quarenta annos depois da morte de Christo Nosso Senhor, poz cerco a Cidade de Hierusalem, & a tomou por força, allolou, & queymou, naõ deyxando pedra sobre pedra, a oyto de Setembro, havendo cinco mezes que era cercada, no anno de setenta & tres, do Nascimento de Christo Nosso Senhor: na qual entrada diz Josepho, que morreraõ hum conto, & cem mil hoimens, & foraõ cativos, & se venderaõ noventa & sete mil. E segundo diz Eu- tebio, & Paulo Orosio, morreraõ seicentos mil hoimens de peleja. Aconteceo este castigo taõ jus- to & santo por Divina promissãõ, contra aquelle pertinaz, & rebelde povo: sendo assim profetiza- do, & chorado pelos Prophetas, & pelo mesmo Christo Deos, & Senhor nosso dito, & declarado a seus Discipulos, encarecendolhe elles as gran- dezas da Cidade de Hierusalem, & a magnificen- cia dos Edificios do Templo, como o contaõ os Sagrados Evangelistas largamente, Matth. 24. Marc. 13. Luc. 21. E porque he materia larga re- metto o leytor a Josepho liv. 5. que foy testemunha de vista, & que tratta muyto elegante, & verda- deiramente esta materia nõ lugar allegaõdo. Ege- sippo liv. 21. & Cornelio Tacito, & Pedro Me- xia na vida de Vespasiano.

118

Passada esta taõ prospera victoria,
Tornado Affonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
O caso triste, & dino aa memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, & mesquinha,
Que depois de ser morta foy Raynha.

Passada esta taõ prospera victoria. Começa aqui o Poeta a contar o caso desestrado de Dona Inez de Castro, huã Fidalga muyto principal, & de que o Infante Dom Pedro filho quinto d'El-Rey Dom Affonso o Quarto oyravo de Portugal, mas herdeyro, & sucessor destes Reynos, por terem os outros irmãos fallecidos, tinha já filhos, & dizem estava secretamente casado com ella, depois da morte de sua molher Dona Constança Manoel,

que fora esposada com El-Rey Dom Affonso on- zeno de Castella. Esta Dona Inez era parenta des- ta Senhora Dona Constança, pelo que viera com ella de Castella, & foy sua comadre do primeyro filho, que do Infante patio. E como ella era muyto fermosa, & avitada, morra Dona Constança, o In- fante determinou casarse com ella, como dizem que o era secretamente: mas vivia com ella publi- camente, com grande desgosto do pay, & escan- dalo da gente, naõ querendo por nenhum caso casar com molher alguma, de que todo o Reyno tinha grande desgosto: pelo que sendo o Infante ausente, El-Rey seu pay se foy a Coimbra, aonde ella estava nos paços velhos de Santa Clara, & alli a mandou matar, o que foy causa de El-Rey ter depois muytos enfadamentos, & desgostos com o Infante seu filho, que junto com os irmãos de Dona Inez, vieraõ de Castella a Portugal, & fize- raõ muyta guerra, & dano a gente, & terra, mas como o tempo cura tudo, tambem fez seu officio entre estes Senhores, que os aquietou. E ainda que o Infante depois de feyta a paz entre elle, & o pay, naõ mostrou publicamente o sentimento que na alma tinha, pela morte daquella Senhora, que elle tanto amava. Todavia como teve o leme do go- verno na maõ, & foy levantado por Rey, que foy em Lisboa no mez de Mayo de 1357. sendo já de idade de trinta & seis annos, & havendo doze que era viuvo da Infanta Dona Constança sua mol- her, deu ordem para haver a maõ os autores da morte de Dona Inez de Castro. E porque se ha- viaõ acolhido a Castella, temerosos do que lhe po- dia soceder, fez El-Rey Dom Pedro concerto com seu sobrinho, tambem do mesmo nome de al- cunha o cruel, que lhos entregasse. Estes eraõ hum Alvaro Gonçalves, que fora Meyrinho mór de seu pay, Pero Coelho, & Diogo Lopes Pacheco. Ao pero Coelho mandou El-Rey tirar o coraçõ pelos peytos, & a Alvaro Gonçalves pelas costas, estando elle em Santarem, & depois os mandou queymar. Diogo Lopes Pacheco se salvou em Cas- tella em habitos de Peregrino. Depois d'isto publi- cou por sua molher a dita Dona Inez, estando em Cantanhede, com Tabaliaõ, & testemunhas, como em vida de seu pay a recebera em Bragança, estan- do presente Dom Gil Bispo da Guarda, & outras muytas pessoas nobres, & honradas, de que fez o Escrivaõ hum auto publico, & todos os outros exames necessarios, para mostrar como fora lua molher, mostrando tambem a dispensaçãõ, que do Summo Pontifice houvera por ser comadre, & parenta, assim sua como de Dona Constança Ma- noel sua molher, como nas Chronicas largamente se tratta. Feytas estas cousas todas, mandou mudar o seu corpo de Santa Clara de Coimbra, aonde el- tava enterrado, para o Mosteyro de Alcobaga, com grande pompa, & aparato, acompanhada de Bispos, Clerigos, & Religiosos de todas as ordens, & molheres principaes, aonde foy posta em huma sepultura de alabastro muyto fermosa, & posto seu

seu retratto, com insignia, & Coroa de Raynhã na cabeça. Quanto aos filhos que tinha da dita Dona Inez, mandou que fossem chamados Infantes, ainda que nunca pode haver de Roma legitimação para elles, como todas estas couzas se conthem largamente nas Chronicas do Reyno, & o nosso Poeta o crattã aqui larga, & distinctamente.

119

Tu sô tu puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Dêste causa à molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga:
Se dizem fero amor, que a sede tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres aspero, & tyrano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Tu sô tu puro amor. Mostra nesta oytava o Poeta, como a morte de Dona Inez, & todo seu mal procedeo do amor, que teve ao Infante Dom Pedro, o qual se não fora, não viera àquellê estado. Do amor, & seu poder tratey largamente no segundo canto, oytava 34.

120

Estavas, linda Inez, posta em sossego,
Deteus annos colhendo o doce fruto,
Naquelle engano da alma, ledo, & cego,
Que a Fortuna não deyxã durar muyto:
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando, & às ervinhas,
O nome, que no peyto escrito tinhas.

O nome que no peyto escrito tinhas. O nome do Infante Dom Pedro a quem muyto queria.

121

Do teu Principe alli te respondiã
As lembranças, q' na alma lhe moravão,
Que sempre ante seus olhos te traziaõ,
Quando dos teus fermosos se apartavão:
De noyte em doces sonhos, que mentiãõ,
De dia em pensamentos, que voavão,
E quanto em fim cuidava, & quanto via,
Erão tudo memorias de alegria.

Erão tudo memorias de alegria. Os que amaõ por mais tormentas, & contraltes que haja, sempre andaõ alegres, porque de tudo fazem materia de alegria. Veja-se a nossa annotação no canto oytavo, oytava. 86.

122

DO'utras bellas senhoras, & Princezas,
Os desejados thalamos engeyta,
Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,
Quando hum gosto suave te sugeyta:
Vendo estas namoradas, estrañezas,
O velho pay sesudo, que respeyta,
O murmurar do povo, & fantasia
Do filho, que casar se não queria.

Os desejados thalamos engeyta. Como era casado encubeitamente com Dona Inez de Caitro não falava a propósito de casamento com o pay. Thalamos deseçados, bodas deseçadas. Porque como tinha sua affeyção em outra parte, não dava orelhas aos casamentos, que lhe traziaõ.

123

Tirar Inez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preso,
Crêdo cõ o sangue só da morte inaina
Matar do firme amor o fogo aceso:
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pode sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse levantada,
Contra huma fraca dama delicada;

Tirar Inez ao mundo determina. O intento d'El Rey Dom Affonso era matar Dona Inez, para desta maneyra ficar seu filho desembaraçado, & livre della.

Do furor Mauro. Da furia dos Mouros. Nota de doudice este teyto da morte de Dona Inez, pois hum Rey taõ Cavalleyro, & taõ costumado a matar infieis, & Mouros, usou de huma taõ grande crueldade, como he matar huma molher.

124

Traziãõna os horriferos algozes
Ante o Rey, já movido a piedade,
Mas o povo com falsas, & ferozes
Razões, a morte crua o persuade:
Ella com triste, & piedosas vozes,
Sabidas só da magoa, & saudade
Do seu Principe, & filhos, que deyxava,
Que mais que a propria morte a magoava,

Ante o Rey já movido a piedade. Propriõ he da gente nobre debrarse da tua payxaõ, & por mais afrontas que lhe façãõ, ter misericordia, & piedade, o que he contrario em gente bayxa, que nunca esquecem os aggravos que lhe fazem. Isto he assãõ tabido.

Horrificos algozes. Cruéis, & temerolos.

125

Para o Ceo cristalino alevantando,
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigurozos:
E depois nos meninos atentando,
Que tão queridos tinha, & tão mimosos:
Cuja orfandade como mãy temia,
Para o avô cruel assi dizia.

Para o avô cruel. Chamalhe cruel, porque algumas cousas tinha deste mister, pelo que usou com teu pay, & irmão, & ultimamente com Dona Inez.

Os olhos, porque as mãos lhe estava atando. Esta repetição dos olhos he huma figura de rhetorica muy elegante. Da qual usão os Poetas, & oradores para mostrar algum effeyto, & payxaõ da alma, repetindo huma cousa duas vezes, & tres, ou mais, como aqui fez o Poeta, dizendo no verso antes: Com lagrimas os olhos piadosos: começa o outro verso, os olhos, a imitação de Virgilio liv. 2. Æneid. o qual tratando de Cassandra filha de Priamo Rey de Troya, diz assim.

*Ecce trabebatur passis Priameia virgo
Cribibus a templo Cassandra, adisque Minerva:
Ad Cælum tendens ardentia lumina frustra,
Lumina, nam teneras arcebant vincula palmas.*

Eis aqui (diz Virgilio tratando da entrada dos Gregos nos paços de Priamo Rey de Troya) trazia do templo de Minerva a Cassandra filha de Priamo, com os olhos levantados para o Ceo: com os olhos, que as mãos hiaõ atadas de modo que as não podia ella bullir.

126

Sejã nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento:
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento:
Com pequenas crianças vio a gente,
Terem tão piedoso sentimento,
Como co a mãy de Nino já mostrãõ,
E cos irmãos, que Roma edificãõ.

Como co a mãy de Nino. A mãy de Nino he Semiramis, da qual já fica dito alguma cousa neste canto, oytava 99. Quanto ao proposito desta oytava se note, que esta Semiramis mãy de Nino Rey dos Affirios toy filha de huma Derceta, a que alguns chamaõ Atergate. Fingem os Poetas, que pombas a criãõ, & porque em lingua Syriaca se

chama a pomba Semiramis, daqui tem ella este nome. Isto dizem os Poetas de Semiramis, & isto quiz aqui mostrar o nosso Luis de Camões. O que tudo he fingido, porque nem Semiramis foy criada de pombas, nem a pomba se chama em Syriaco Semiramis, senão Ofa. E quanto a mim, com mais razão se lhe podia dar o nome Semiramis de Samir, que quer dizer diamante, assim em Hebreo, como em Syriaco, pelo grande esforço que teve, da qual diz Beroto liv. 4. estas palavras: *Quarto loco regnavit Semiramis Nini uxor, que rei militaris peretia, divitiis, & triumphis munus Monarchas omnes antecelluit.* No quarto lugar reynou Semiramis, a qual passou por todos os Monarchas, na milicia, riquezas, & triumphos. Ovidio nas Metamorphoses. & outros dizem, que depois de Semiramis ter feyto o cousas finaladas na guerra, & os muros de Babylonia acabados, vendo que seu filho Nino lhe armava trayção para a matar, chamou os seus, & lhe fez huma pratica em que lhe encomendou muyto obedecessem com amor, & lealdade a seu filho, não se lembrando dos aggravos que lhe tinha feyto, & que passado isto, que desapareceo feyta pomba entre humas pombas que lhe entraraõ pela porta, & acrecentaõ que esta he a razão porque os moradores na Syria (que hoje chamamos Suria) não mataõ as pombas, antes lhe tem muyto respeyto, & reverencia, dizendo que Semiramis sua Raynha foy convertida em pomba. Foy Semiramis Senhora de toda a Asia, salvo a India, a qual nunca pode foyeytar, entrando muytas vezes nella com grandes exercitos, como fica dito. Viveo sessenta & dous annos, dos quaes reynou quarenta & dous, como dizem os que della falaõ.

E cos irmãos, que Roma edificãõ. Estes são Romulo, & Remo, dos quaes contra Titolivio, que sendo lançados na praya do rio Tybre em huma lagoa por mandado do Rey da terra, por ver que eraõ filhos de huma virgem Vestal chamada Rhea, que contra a ordem, & ley de sua vida se havia misturado com homem, huma loba chegando ahi a caso obrigada da tede, & vendo os mininos lhe deu de mamar, & depois achandoos hum pastor chamado Fauftulo, os levou a sua casa, & os entregou a sua molher chamada Laurencia para os criar.

127

OTu, que tens de humano o gesto, & peyto,
(Se de humano he matar hũa donzella
Fraca, & sem força sò por ter sugeyto
O coração, a quem soube vincella)
A estas criancinhas tem respeyto,
Pois o não tens á morte escura della,
Movate a piedade sua, & minka,
Pois te não move a culpa, que não tinha.

128

E Se vencendo a Maura resistencia,
 A morte sabes dar com fogo, & ferro,
 Sabe tambem dar vida com clemencia,
 Aquem para perdella não fez erro:
 Mas se to assi merece esta innocencia,
 Poemme em perpetuo, & misero desterro
 Na Scythia fria, ou lá na Libia ardente,
 Onde em lagrimas viva eternamente.

Na Scythia fria, ou lá na Libia ardente. Chama á terra de Scythia fria, por ser terra Septentrional, aonde pela falta do Sol, a terra he frigidissima: A Libia quente, por ser regioão de Africa calidissima, & aqui a toma geralmente por Africa, como he costume entre os Poetas.

129

Poemme onde se use toda a feridade,
 Entre Leoões, & Tigres, & verey
 Se nelles achar posso a piedade,
 Que entre peytos humanos não achey:
 Alli co' amor intrinseco, & vontade,
 Naquelle, por quem morrô, criarey
 Estas reliquias suas, que aqui viste,
 Que refrigerio sejaõ da mãy triste.

Estas reliquias suas. Dizendo estas palavras moitava seus filhos, que por reliquias entende.

130

Queria perdoarlhe o Rey benino,
 Movido das palavras, que o magoão,
 Mas o pertinaz povo, & seu destino,
 (Que desta sorte o quiz) lhe não perdoão:
 Arrancão das espadas de aço fino,
 Os que por bom tal feyto alli pregoão,
 Contra huma dama, ó peytos carniceyros,
 Ferozes vos mostraes, & cavalleyros?

Os que por bom tal feyto alli pregoão. Estes foraõ principalmente os tres nomeados atrás.

131

Qual contra a linda moça Policena,
 Consolação extrema da mãy velha,
 Porque a sombra de Achilles a condena,
 Co ferro o duro Pirro se aparelha:
 Mas ella os olhos, com que o ar serena
 (Bem como paciente, & mansa ovelha)

Na misera mãy postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece.

Qual contra a linda moça Policena. Achilles filho de Thetis, & de Peleo, entrando a caso em Troya em tempo de treguas, vio a Policena filha d'El-Rey Priamo, & afeçoouse tanto a ella, que a mandou pedir a seu pay, prometendolhe levantar o cerco de Troya, se lhe concedesse o que lhe pedia, & como depois da morte de Heytoí succedeste matarem os Gregos tambem a Troylo seu irmão, depois de acabadas as treguas enfadada Hecuba detrimiu buscar algum meyo, por onde vingasse a morte destes dous filhos, & foy que ella mandou recado a Achilles, que lhe queria dar sua filha Polycena por mulher, que se fosse secretamente ver com ella, que fariaõ seus concertos. Achilles movido mais da affeção, que a Policena tinha, que da razão, & conselho que em tal caso era necessario, entrou em Troya com só Antilocho filho de Nestor com suas capas, & espadas, & estando no Templo de Apollo, aonde elle cuidava que se havia de casar com Polycena, entrou Paris, & os matou a ambos, como conta Ovidio nas Metamorphoses, liv. 3. Estando morrendo Achilles encomendou a seu filho Pyrrho procurasse hauer Polycena á mão, que fora causa de sua morte, & a enterrasse ao longo da sua sepultura, o que Pyrrho fez diante de sua mãy propria, como conta Virgilio na tua Eneida liv. 3. pag. 26. Higinio diz, que passando os Gregos por junto da sepultura de Achilles com toda a preza, que levavaõ de Troya, Achilles pedio sua parte, & que os Gregos trattando comsigo, o que lhe dariaõ lhe sacrificaraõ junto da sepultura Polycena, por cuja causa elle fora morto.

Porque a sombra de Achilles a condena. Os Poetas chamavaõ às almas dos mortos, umbras, que são sombras, como aqui ulou o Poeta a imitação dos Antigos. Virgilio na Eneida liv. 6. falando do inferno: *Umbrarum hic locus est, somni, noctisque soporæ,* & em outras muytas partes, & outros muytos Poetas. Este lugar he das sombras, aqui mora o sono, & a escuridade, & diz que a sombra de Achilles condena a Polycena, pelo que fica dito, que havia encomendado a Pyrrho a mataste ao longo da sua sepultura, & lhe fizessem della sacrificio. Quanto às sombras para mayor declaração se note, que os Antigos Philosophos, & Poetas diziaõ, que o homem tinha tres cousas, alma que em morrendo o homem caminhava para o Ceo, corpo que ficava na terra, & huma imagem do mesmo homem corporal, mas impalpavel, & como hum espirito, que hia ao inferno, & esta imagem he, a que elles chamavaõ sombra, como entende quem lê pelos Poetas Gentios. Isto são fabulas de gente cega, & torpe. Nós cremos firme, & verdadeiramente, que há Parayso para os bons, inferno para os mãos, & purgatorio para se purgarem as almas de algumas imperfeições veniaes, ou das penas

dos mortaes, que le deve depois das culpas perdoadas, quando cá de todo não satisfizerão a ellas, por que não he licito nem decente, que vão diante daquellê Senhor perfeytissimo, que criou todas as cousas, te não muyto limpos, & purificados, & cremos firmemente que havemos todos de resuscitar, assim mãos como bons em nossos corpos, para participarem com as almas da gloria, ou pena, conforme ao que cada hum obrou nesta vida.

132

T Aes contra Inez os brutos matadores,
No collo de alabastro, que sostinha
As obras, com que amor matou de amores
Aquelle, que depois a fez Raynha:
As espadas, barbando, & as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regados, tinha,
Se encarniçavão fervidos, & rosos,
No futuro castigo não cuydosos.

Aquelle que depois a fez Raynha. Este he o Infante Dom Pedro, o qual levantado por Rey, publicou a Dona Inez de Castro, como fica dito, por sua molher.

133

B Em pueraas, ó Sol, da v'sta destes,
Teus Rayos apartar áquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia:
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria.
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muyto grande espaço repetistes.

Como da seva mesa de Thyestes. Thyestes toy neto de Tantaló, tão nomeado nos Poetas filho de Pelope, & Hippodamia, teve hum irmão por nome Atreu, com o qual nunca teve amizade: & como ambos erão máos (porque de outra maneyra pôde ser, que não houvera tanto odio) cada hum procurou reconciliação para fazer mal ao outro. Fezta a fingida amizade Thyestes, commetteo adultério com a molher do irmão, & Atreu lhe deu a elle a comer hum filho seu. Onde contão os Poetas, que passando o Sol por onde Thyestes estava comendo o filho, fugio por se não inficionar. Daqui se chama a lua meza torpe, & cruel, como lhe aqui chama o Poeta. Seneca faz huma tragedia particular disto.

134

A Ssi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foy, candida, & bella,
Sendo das mãos lascivas mal tratada,
Da menina, que a trouxe na capella:

O cheyro traz perdido, & a cor murchada,
Talesta morta a pallida donzella,
Secas do rosto as rosas, & perdida
A branca, & viva cor, co a doce vida.

Sendo das mãos lascivas mal tratada, da minina. Mãos lascivas neste lugar, não quer dizer, mãos deshonestas, como alguns caluniam ao Poeta, dizendo, que pois as mãos erao de minina, não podia ser deshonestas. Porque, elle quiz aqui utar da palavra lascivas, mais propriamente do que costumão: tomandoa no seu proprio significado, que quer dizer, mãos brincadoras com appetite natural sem ordem, nem concerto: como são as das mininas em colher rosas: não attendendo ao mimó, & resguardo com que ellas se querem colhidas: tenão ao seu gosto guiado só do appetite natural indistincto, por não terem ainda uso de razão. Que em vez de as colherem têm lhe tocar nas suas mimolas, & delicadas folhas: essas são as primeyras, que nas mãos apertaão, & desfazem: conforme áquillo de Quintiliano, *Ne recentis huius lasciviae flosculis capri, voluptate quadam prava deliniantur.* Como fizerao, diz o Poeta, os que matarao a Dona Inez de Castro, sem respeitarem ao mimó, & delicadeza de sua pessoa, & ao resguardo em que o amor do seu Principe a tinha; como rosa não tocada de outrem mais que do orvalho do Ceo; a que tão illustre amor não fica mal comparado.

A pallida donzella. Dona Inez de Castro, chamalhe pallida, que quer dizer amarella, porque tal fica hum corpo de temperado da alma: diz o Poeta nos ultimos versos desta oytava: perdida a branca, & viva cor com a doce vida: porque juntamente perdendo a vida perdeu a cor do rosto fermosa que em vida tinha.

Donzella. Alguns curiosos, ou demasiadamente elcрупulosos, notarao aqui ao nosso Poeta, por grande impropriedade, chamar donzella a Dona Inez de Castro: sendo assim, que elle mesmo acabava de dizer na oytava precedente, que ella tinha ante si, quando a matarao, tres filhinhos, que parira do Infante Dom Pedro. Parecendo-lhe, que a palavra donzella não se podia attribuir, tenão a molher que fosse virgem: como parece a alguns, que vulgarmente se usa. E esta opiniaõ calumniosa lhe nasce de duas cousas: huma he não quererem acabar comfigo de confessar que o nosso Camões era homem Douto em varias artes, & sciencias em que elle fala: pois em todas ellas, mostra ser mais perito que muytos de seus profetores, & principalmente em dar epitetos muyto propios, & trazer comparações muyto ao natural, leva ventagem aos famosos Poetas que o mundo celebra. E chamar elle donzella á molher que elle sabia, pois assim o escreveo, que parira já tres filhos: mostra não ter, a palavra donzella, por infivel demonstradora de molher virgem: porque de outra maneyra, não ha mais ser tão ignorante que assim o escrevesse. Mas como elle devia saber, que
a oigem

a origem desta palavra he muy diversa do que os calumniadores entendem (que he a segunda cousa que elles não sabem) daqui lhe nasce utar della, neste lugar, em que elle queria dizer, que Dona Inez de Castro era Senhora muyto mimosa, muyto moça, & muyto fermosa, delicada, & tenrinha. Porquea todas estas partes se estende o nome donzella. O qual segundo Grammaticos tamosos se deriva de *domicella*, como diz Antonio de Nebrixa: por ser diminutivo de *domina*, que quer dizer Senhora: como diz Joannes Jannensis: & que delle se deriva tambem *dominella*, que he o mesmo, que Senhora piquenina: donde diz elle, que *domicellas*, & *domicella etiam dicuntur pulebri juvenes magnatum, seu liberorum: sive sint seruentes, sive non*: que he o mesmo que dizer, que *domicellus*, & *domicella*, donde vem donzel, & donzella: se chamaõ tambem aquelles moços, ou moças fermosas, que residem, ou servem em casa dos grandes. Como antigamente se usava na Corte de Hespanha, aonde a estes moços Fidalgos, que se criavaõ com o Principe chamaõ donzeles: & delles havia hum regedor, que se chamava Alcaide de los donzeles: sem se ter respeito a serem virgens: & sómente o attribuhião a terem moços Fidalgos, prezados, & estimados, fermosos, &c. Como tambem era Dona Inez de Castro, que era nobilissima, moça muyto fermosa, & delicada, &c. E neste sentido o disse o Poeta: pois em outro, era disbarate, & absurdo grandissimo, que de tão grande, & tão bom cultivado entendimento em todas as boas artes, & sciencias, não se pôde presumir.

Acrelcenta-se a isto, querer o Poeta neste lugar mover a compayxão os ouvintes, da cruel morte que derão a Dona Inez de Castro, sendo tão moça, tão fermosa, tão delicada, tão mimosa, & tão illustre, & não tocada de outro algum homem: se não do seu Dom Pedro, que era Principe de Portugal, que a tinha até aquella hora, tão guardada, reiguardada, recolhida, tão mimosa, & estimada: como está huma freixa rola entre as espinhas: que só do rocio do Ceo he tocada, como o mesmo Poeta aqui o declara na comparação da rosa de que usa, com muyta eloquencia, & brandura, & propriedade.

135

A *Sfilhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando memoráraõ,
E por memoria eterna em fonte pura,
As lagrimas choradas transformáraõ:
O nome lhe puzeraõ, que inda dura,
Dos amores de Inez, que alli passarão,
Vede, que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agoa, & o nome amores.*

E por memoria eterna em fonte pura. Elegante-mente finge aqui o Poeta a transformação das la-

grimas de Dona Inez em huma fonte chamada, fonte dos amores, pelos, que alli teve com o Infante Dom Pedro. E como as Nymphas do Mondego choráraõ grandemente sua morte, & ausencia. Esta fonte nasce em hum lugar chamado val de Inferno, & corre por bayxo de huma lapa muyto fretca, & dalli vay regar a horta de Santa Clara, & passa pelos paços da Raynha, aonde Dona Inez estava. E porque neste lugar trattáraõ elles seus amores, hoje em dia se chama a fonte dos amores por este respeito.

136

N *Ão correo muyto tempo, que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas,
Que em tomando do Reyno agovernança
Atomou dos fugidos homicidas:
De outro Pedro cruissimo os alcança,
Que ambos imigos das humanas vidas,
O concerto fizerão duro, & injusto,
Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.*

Do outro Pedro cruissimo os alcança. Atrás dissemos como El-Rey Dom Pedro de Portugal fez concerto com El-Rey seu sobrinho de Castella, chamado Dom Pedro o crú, que lhe entregasse os matadores de Dona Inez, que andavaõ em suas terras, & que elle lhe entregaria huns Fidalgos Castelhanos, que em Portugal andavaõ homiziados. E desta maneyra se vingáraõ destes homens, a que tinham má vontade, porque naturalmente ambos eraõ inclinados á justiga.

Que com Lepido, & Antonio fez Augusto. Estes sendo inimigos Capitaes, fizerão huma liga, & concerto entre si, no qual não pretendião outra cousa mais, se não vingarse cada hum de seus inimigos, & para effeytuarem isto estiverão tres dias em huma ilha que o rio Cavino faz entre Bologha, & Perola, nesta tua junta partirão primeiramente o Imperio Romano entre si, secundariamente trattarão o modo, que haviaõ de ter em se vingarem de seus inimigos, & para isso acertáraõ que cada hum havia de entregar, o que tivesse em seu exercito, ainda que fosse seu pay. Couza certo, vergonhosa, pois pesava mais com elles o desejo da vingança, que a obrigação de suas pessoas. Nesta volta deu Marco Antonio hum seu tio irmão de seu pay: & Lepido hum seu irmão, & Octaviano a Marco Tulio Cicero, a que sempre chamára pay, & do qual fora trattado como filho, além destes foraõ outros muytos, a que Plutarcho dá numero de Trezentos. Titolivio, & Floro trattando delles não finalão numero.

137

E *Ste castigador foy riguroso,
De latrocínios, mortes, & adulterios:*

P 2

Fazer

*Fazer nos mãos cruezas, fero, & iróse,
Erão os seus mais certos refrigerios:
As Cidades guardando justiça, e
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.*

Este castigador foy riguroso. Conta a Chronica de El-Rey, que todos os vicios castigou muy rigorosamente, sem affeyção alguma, nem exceção de pessoa por muyto principal que fosse, & que era tão contrario de ladrões, & malfeytores, que fazia o impossivel, sabendo de alguns, para os haver ás mãos, & ainda que estivesse sentado á meza, dando-lhe nova que lhe trazião algum, le levantava logo para o mandar castigar. A este proposito se escrevem grandes cousas nelle, que se podem ver na sua Chronica.

Que o vagabundo Alcides, ou Theseo. Compara El-Rey Dom Pedro no modo de desterrar, & destruir á ladrões com Hercules, & Theseo, que forão dous Cavalleyros Gregos do mesmo tempo, & parentes, dos quaes se escrevem grandes maravilhas. A Hercules chama Alcides, porque foy neto de Alceo. Deste Hercules trattey atrás neste Canto, oytava 18. c. 2. & os livros dos Poetas, & Historiadores estão cheyos das cousas destes dous Cavalleyros. Vagabundo chamão os Poetas a Hercules, como aqui lhe chama Luis de Camões, porque correo o mundo buscando aventuras, & brigas. Theseo filho de Egeo Rey de Athenas matou tres ladrões (como conta Ovidio na carta Phedra a Hippolito, Scyron Procustes, & Scinis que fazião grandes males no mundo. Foy ao inferno com seu amigo Perithoo a furtar a molher de Plutão Rey, & Senhor daquelle trite, & escuro Reyno. Matou o Minotauro de Candia, & fez na vida outras cousas dignas de memoria, que se podem ver em Plutarcho na sua vida.

138

*Do justo, & duro Pedro, nasce o brando,
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso, & sem curyado algum Fernando
Que todo o Reyno poz em muyto aperto:
Que vindo o Castelbano devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir se o Reyno totalmente,
Que hum fraco Rey faz fraca a forte gente.*

Do justo, & duro nasce o brando. Depois da morte de El-Rey Dom Pedro, que foy em Estremoz, humma segunda feyra a 18. de Janeyro de 1367. tendo de idade de 47. annos, & nove mezes, dos quaes reynou dez annos, & oytro mezes, & está sepultado em Alcobaga, foy levantado por Rey seu filho Dom Fernando, sendo já de idade de 27. annos. Este foy remisso, & descuydado nas cousas do governo do

seu Reyno, em tanto que deyxou entrar os Castelhanos até Lisboa, a qual destruhirão, & queymarão toda, & puserão em grande aperto todo o Reyno, le não viera de Roma hum Cardeal Legado a fazer as pazes entre elle, & El-Rey Dom Henrique de Castella.

Que hum fraco Rey faz fraca a forte gente. Os Latinos trazem hum dito muyto uzado, o qual se refere nas Chiliadas, & põem entre os mais Proverbios: *Dux bonus bonum praestat comitem.* O bom Capitão faz o bom companheyro, & não diz soldado, senão companheyro: porque como o Capitão não tratar o soldado como companheyro, & o Rey não tor pay do vassallo, & o Prelado irmão, de seu subdito, tudo se perdera muyto depressa. E se o Capitão fer fraco, torçoamente os soldados o haõ de ser, porque o bom Capitão faz a boa gente, como diz Plutarcho na vida de Licurgo, & daqui nasceo outro dito que alguns querem attribuir áquelle grão Capitão Themistocles: *Melior est cervorum exercitus duce leone, quam leonum duce cervo.* Melhor he hum exercito de cervos com hum Capitão leão, que hum de leões com hum Capitão cervo.

139

*O U foy castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido
E casar se com ella, de enlevado
Num falso parecer, mal entendido:
Ou foy, que o coração sugeyto, & dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, & fraco & bem parece,
Que hum bayxo amor os fortes enfraquece.*

De tirar Leonor a seu marido. Este Rey Dom Fernando estando contrattado com El-Rey Dom Henrique de Castella de casar com a Infanta Donna Leonor sua filha, parendolhe melhor humma molher casada, & fidalga chamada Dona Leonor Telles de Menezes a tomou a seu marido Lourenço Vaz da Cunha, bom Fidalgo, & seu vassallo, & se casou com ella com grande vituperio seu, & contradicção do povo; pelo que não lho quiz consentir, & assim se fizeram muytas juntas para lha tirar de casa, & como elle lhe não podesse resistir em Lisboa, recolheose fugindo da furia do povo á Cidade do Porto, aonde escapou.

Que hum bayxo amor, aos fortes enfraquece. Como sabemos pela ligão dos livros, & nos ensina a experiencia: gente muyto nobre, & scientifica, faz muytas cousas mal feytas torçada da affeyção, & amor, ao qual com muyta razão chama aqui o Poeta bayxo, pois faz aos homens fazer bayxezas: como Salamão, hum Rey tão Sabio, que se perdeo por amor de molheres, & hoje em dia não ha certeza de sua salvação. David que mandou matar a Urias seu Capitão por amor de sua molher. Os quaes bairão por exemplo, pois hum delles era o mais sabio

bio Rey q̄ nunca houve, o outro o principal Propheta de Deos: & com tudo isto os derribou, & lopeou a sensualidade.

140

DO peccado tiverão sempre a pena
Muytos, que Deos o quiz, & premissio
Os que forão roubar a bella Elena,
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem David tanto se condena,
Ou quem o Tribu illustre destruo,
De Benjamin, bem claro no lo ensina,
Por Sarra forão, Sichem por Dina.

Do peccado tiverão sempre a pena. Mostra por exemplos quãtos males faça a sensualidade. Troya foy destruhida por Pariz filho de Priamo Rey de Troya furta Helena mulher de Menelao Rey de Mycenae, na qual Virgilio, & Homero fallarão tão largamente liv. 3. ab 1. Livi. Appio Governador de Roma acabou mal preso em ferros, por querer tomar huma Virginia a seu marido. Sexto Tarquino filho de Tarquino o soberbo de alcunha, foy causa de seu pay ser privado do Reyno, & elle acabar mal fóra de Roma, por commetter adulterio com Lucrecia mulher de Collatino, Liv. liv. 1. Dec. 1. cap. 2. A David, por cometer adulterio com Bethsabe mulher de Urias, matou logo Deos o filho que della houve, & a elle houvera de destruhir se não fizera penitencia, & chorara seu peccado. No qual tempo compoz aquelle excellente Psalmo *Miserere mei Deus.* 2. Reg. cap. 12. Os moradores de Guibá do Tribu de Benjamin forão mortos, & a terra assolada, por forcarem huma mulher do Tribu de Levic. 19. & 20. Jud. A Pharaó Rey de Egypto castigou Deos só por mandar lhe levarem a casa Sara mulher de Abraham. Genes. cap. 1. Sichem filho de Hemor foy morto, & todos os seus, & a terra destruhida por tomar Diana a Jacob seu pay. Genes. cap. 3.

141

EPois se os peytos fortes enfracuece,
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Ofale andava transformado:
De Marco Antonio a fama se escurece,
Com ser tanta a Cleopatra affeyçoao,
Tu tambem Peno prospero o santiste,
Depois que a moça vil na Apulia viste.

Amor inconcesso. Amor illicito, & não permitido. Filho de Alcmena he Hercules, do qual fica tratado neste Canto, oytava 18. Este foy tão affeyçoado a Omphale Raynha de Lydia, que fez grandes extremos por ella te fiar, & lavar como molhr. Donde disse Propercio liv. 3. eleg. 1.

*Omphale in tantum formae processit honorem
Lydia Cygeo tincta puella lacu,*

*Ut qui pacato statuisse in orbe columnas,
Iam dura traheret mollia pensa manu.*

A tanto chegou, diz Propercio, a fermosura de Omphale, que aquelle grande Hercules, que no mundo havia feyto tão grandes maravilhas, esquecido de si, & de quem era, fiou, & lavrou entre molheres.

De Marco Antonio. Cleopatra Raynha do Egypto foy causa da destruhção de Marco Antonio, como fica escripto no legundo canto.

Tu tambem Peno prospero o santiste. Entende Annibal Capitão valerosissimo dos Carthaginentes. Chamalhe prospero pelas grandes vittorias que tinha havido dos Romanos. Delle, & da razão do nome, Peno, fica tratado neste canto, oytava 115. O que o Poeta aqui diz he, que tambem Annibal sentio os effeytos do amor. Porque depois daquelle grande vittoria de Canas, te affeyçoou a huma moça de bayxa forte na Apulha de maneyra que foy causa de sua perdição. Donde disse Petrarca: *in triumpho amoris.*

*L'altro el figliuol d' Amilcar, & no'l piega
In tanti anni Italia tutta, & Roma:
Vil femmella in Puglia si prende, & liega.*

142

MAs quem póde livrar-se por ventura
Dos laços, q̄ amor arma brandamente
Entre as rosas, & a neve humana, & pura,
O ouro, & o alabastro transparente?
Quem de huma peregrina fermosura,
De hum vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não, mas em aesejo acefo?

Entre rosas. Neste verso, & no seguinte tratta das cores da fermosura.

De hũ vulto de Medusa. Que foy Medusa fica dito neste câto, oytava 76.

143

QVé vio hũ olhar seguro, hum gesto brãdo
Hũa suave, & angelica excellencia,
Que em si está sêpre as almas trãs formado,
Que tavisse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando
Para quem tem de mor experiencia
Mas antes tendo livre a fantasia,
Pormuyto mais culpado o julgaria.

Desculpado por certo está Fernando. Este he El-Rey Dom Fernando, o qual se casou com huma molhr casada, tomando a seu marido, como escrevemos neste canto. A linguagem do Poeta aqui em dizer que está desculpado El-Rey Dom Fernando, he mais galantear que verdade. E sempre o nosso Luis de Camões tem hum delcuydo destes q̄ pudera escular.

OS

OS LUSIADAS DO GRANDE LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Acclamado João de Pedro herdeyro,
Convoca Leonor ao Castelhana,
Oppoemse Nuno intrepido guerreyro,
Dase batalha, vence o Lusitano:
Quem a Aurora buscar tentou primeyro
Pellas tumidas ondas do Oceano,
E como ao Gama coube esta alta empresa,
Por affinar a gloria Portugueza.

CANTO QUARTO.

Neste canto tratta o Poeta da grande felicidade d'El-Rey Dom João o Primeyro nas cousas da guerra: dos grandes desejos que El-Rey Dom João o Segundo teve de descubrir a India, o que pos em effeyto El-Rey Dom Manoel, mandando a Vasco da Gama por Capitão mòr.

D *Epòis da procelosa tempestade,
Nocturna sombra, & sibilante vento,
Traz a menhãa serena claridade,
Esperança de porto, & salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento,
Assi no Reyno forte aconteceo,
Depois que o Rey Fernando falleceo.*

Depois da procellosa tempestade. Em tal estado estavaõ as coulas dos Portuguezes, & tão arruinada, & perdida a terra com os delcuydos, & mao go-

verno d'El-Rey Dom Fernando, & eraõ tantas as revoltas, & dissensões no Reyno, que ficaraõ os Portuguezes com a nova successão d'El-Rey Dom João o primeyro seu irmaõ, como ficaõ os que escapaõ de alguma grande tormenta, & tempestade.

Depois que Fernando falleceo. El-Rey Dom Fernando falleceo em Lisboa a 20. de Outubro de 1383. Depois de sua morte ficou o Reyno quieto, & em outro estado differente, por ter por Governador, & defensor a Dom João filho d'El-Rey Dom Pedro, & de huma Doña Tarefa com que não foy casado, o qual depois de commum consentimento do povò foy levantado por Rey em Coimbra, a cinco dias do mez de Abril de mil trezen-

ros oytenta & cinco ; ou segundo outros , em Agosto veytera de Nossa Senhora da Assumpção, como se diz na oytava seguinte.

2

Porque se muyto os nossos desejaraõ,
quem os danos, & offensas vá vingando,
Naquelles, que também se aproveytarão
Do descuydo remisso de Fernando:
Depois de pouco tempo o alcançãrão,
Joanne sempre illustre levantando
Por R y como de Pedro unico herdeyro
(Ainda que bastardo) verdadeyro.

Naquelles que também se aproveytarão do descuydo remisso de Fernando. Estes são os Castelhanos os quaes em tempo d'El-Rey Dom Fernando fizeram muytos males, & perdas nas terras, & gente de Portugal, por não terem Rey que os deffendesse!

3

Ser isto ordenação dos Ceos divina,
Por sinais muyto claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma minina
Ante tempo falando o nomeou:
E como cousa em si que o Ceo destina,
No berço o corpo, & a voz alevantou,
Portugal, Porutgal, alçando a mão,
Disse, pelo Rey novo Dom João.

Quando em Evora a voz de huma minina. Conta a Chronica deste Rey, que huma minina de oyto meses filha de hum Estevão Anes de Evora, estando no berço se levantou, & disse levantando a voz com a mão alçada: Portugal, Portugal, Portugal por El-Rey Dom João. O qual foy notado, & tido por milagre, & certificado, quando foy levantado por Rey, porque os moços de Coimbra, & mais gente disserão, venha embora o nosso Rey prophetizado, & criado por Deos para isso.

4

Alteradas entãõ do Reyno as gentes,
Com o odio, q occupado os peytos tinha,
Absolutas cruezas, & evidentes,
Faz do povo o furor por onde vinha:
Maiando vão amigos, & parentes,
Do adultero Conde, & da Raynha,
Com quem sua incontinencia deshonesta,
Mais, depois de viuva, manifesta.

Do adultero Conde. Este he o Conde João Fernandes, com o qual a Raynha Dona Leonor estava infamada, & com tudo não queria deyxar de

trattar, & conversar publicamente com elle, até que o Infante Dom João, que então era Mestre de Avis, o matou dentro nos paços que são aonde agora he a cadea da corte. O que fez por sahir pela honra de seu irmão, & acudir a huma taõ grande, & publica infamia.

5

Mas elle em fim com causa desbornado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muytos na morte acompanhado,
que tudo o fogo erguido queyma, & corre
Quem como Astianaz precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de al' a torre,
A quem ordens nem aras, nem respeito,
Quem nú por ruas, & em pedaços feyto.

Quem como Astianaz precipitado. Astianaz foy filho de Heytor, & andromacha, o qual foy lançado de huma torre abayxo quando os Gregos entraraõ na Cidade de Troya. O mesmo diz aqui o Poeta, que aconteceu em Lisboa naquella revolta, quando o Mestre matou o Conde, porque lançaraõ da Sé abayxo o Bispo da Cidade, Castelhana de nação, & natural da Cidade de Samora, por nome Dom Martinho. Do qual as Chronicas dizem que era hum homem muyto virtuolo, honrado, & sem culpa alguma. Mataraõ também hum Clerigo, & hum Tabelião, que com o Bispo estavam, & outros, o que tudo nas Chronicas se pôde ver.

6

Podem se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feytas do feroz Mario, & do cruento
Scylla, quando o contrario lhe fugio
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde, ao mundo descubrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeyra della.

Feytas do feroz Mario, & do cruento Scylla, quando o contrario lhe fugio. Scylla, & Mario torão dous Capitães valerosos entre os Romanos, mas taõ contrarios hum do outro, que se faziaõ todo o mal que podião, & finaladamente se escreve de Scylla, que vindo da guerra contra Myrithathes Rey do Ponto, entrando em Roma mandou degolar seis mil pessoas, que seguião a parte de Mario; pela crueldade que para com os seus havia usado, em sua ausencia, como conta Plutarcho, Appiano conta de Mario, que alem de não perdoar a pessoa que sentisse seguir as partes de Scylla, mandava arrastar, despedaçar, & pôr pelos lugares publicos as cabeças dos mortos, & lançalos aos cães, aves, & bestas feras, que os comessem, & utava outras muytas

muytas crueldades, que os Historiadores contaõ principalmente Plutarcho em suas vidas. Morrerão como viverão, porque Mario se matou com suas proprias mãos por não vir às de seu inimigo Scylla, o qual tambem morreo em hum lugar de Napoles por nome Pufol, de huma infirmitade muyto nojenta, & suja, cuberto, & comido de piolhos. Veja-le o que escrevemos no canto 3. oytava 116.

Faz contra Lusitania vir Castella. El-Rey Dom Fernando nomeou por sua morte a sua filha Dona Beatriz casada com El-Rey Dom João de Castella por herdeyra do Reyno de Portugal, o que moveo aos Portuguezes a logo levantar por Rey ao Metre de Avis. Como El-Rey de Castella soube da morte do fogro, & foy avilado pela Raynha sua sogra acodia logo, mas foy desbaratado com ajuda do Condestavel Dom Nuno Alvares Pereyra,

Beatriz era a filha, que casada
Com o Castelhana está, que o Reyno pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede:
Com esta voz Castella levantada,
Dizendo, que esta filha ao pay succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regimens, de varias terras.

Se a corrompida fama lho concede. Pela fama que a Raynha tinha com o Conde.

Vem de toda a Provincia, q. de hũ Brigo;
(Se foy) já teve o nome derivado,
Das terras, que Fernando, & que Rodrigo
Ganhãrão do tirano, & Mauro estado:
Não estimão das armas o perigo,
Os que cortando vão co' o duro arado,
Os campos Leoneses, cuja gente
Co' os Mouros foy nas armas excellente.

Vem de toda a Provincia que de hum Brigo. Este Brigo querem alguns fosse quarto Rey de Hespanha no anno antes do Nascimento de Christo de 1905. Outros dizem, que assim este, como Luso, Tago, & outros, que alguns nomeão por Reys destas partes, nunca estiverão nellas. E assim o Poeta nesta oytava falla de Brigo com esta sálva, se foy, porque em cousas tão antigas, & tão desamparadas de memoria ha muy pouca certeza.

Das terras que Fernando, & que Rodrigo. Este he El-Rey Dom Fernando, filho d'El-Rey Dom Sancho o mayor Rey de Navarra, começou de reynar em Castella, & Liaõ, no anno de 1017. O Reyno de Castella houve por parte de sua mã,

que foy filha do Conde Dom Sancho. E o de Liaõ por parte de sua molher Dona Sancha, irmã d'El-Rey Dom Bermudo. Foy este Rey muyto Cavalleyro, & affeyçoado a gente de espirito, pelo que todos os moços Fidalgos orphãos, & que ficavão sem pays, recolhia em sua casa, & mandava criar, & ensinar todas as boas artes. E entre outros foy hum Rodrigo de Bivar, que depois foy chamado Cid Ruy Dias, que foy muy valeroso nas armas, & ganhou muytas terras aos Mouros, havendo grandes vittorias delles. Estes são Fernando, & Rodrigo, de que aqui o Poeta trata, & as Chronicas largamente.

Os câpos Leoneses, cuja gente co' os Mouros foy nas armas excellente. Poem primeyro os Lionetes, porque estes são os verdadeyros Castelhanos: & assim os antiquissimos Reys de Hespanha se intitlavão Reys de Liaõ, porque esta foy a primeyra terra que foy tomada aos Mouros, depois da destruição de Hespanha, em tempo d'El-Rey Rodrigo ultimo dos Godos, & estes se houverão neste tempo muyto honradamente contra os Mouros.

Os vandalos na antiga valentia,
Ainda confiados, se ajuntavão
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquivir as agoas lavão,
A nobre Ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os Tyrios habitavão
Trazendo por insignias verdadeyras
As Herculeas columnas nas bandeyras,

Os Vandalos na antigua valentia. Estes são os Andaluzes chamados assim por trazer tua origem dos Vandalos, como se trata no canto terceyro.

A nobre ilha tambem se apercebia. Esta he a ilha Cadis, a qual antiguamente se chamou Erythreya. Fundou-a a gente de Tyro Cidade de Phenicia, pelo que lhe chamaõ os Poetas Tyria por epitheto, como Lucano, *Tyrijs qui Gadibus hospes adjacet*. E os que se acharão em Cadis fundada pelos de Tyro. Estes, diz o Poeta, traziaõ por insignias nas bandeyras as columnas de Hercules, pelas duas columnas, que Hercules aqui pos, como se conta no terceyro canto.

10

Tambem vem lá do Reyno de Toledo,
Cidade nobre, & antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vay suave, & ledo,
Que das serras de Conca vem manando:
A vos outros tambem não tolhe o medo,
O sordidos Gallegos, duro bando,
Que para resistirdes vos armastes,
A aquelles, cujos golpes já provastes.

Tam

Tambem vem do Reyno de Toledo. O Reyno de Toledo se chama assim de huma Cidade principal, & metropoli sua, pela qual passa o Rio Tejo, como aqui diz o Poeta, cujo principio, & nascimento he nas Serras de Cuenca, Cidade de Castella a velha. He Rio assas conhecido, & nomeado em Hespanha, o qual entra no mar de Calcais quatro leguas de Lisboa.

Aquelles cujos golpes já provaſtes. Isto diz porque El-Rey Dom Sancho de Portugal entrou por Galiza, & tomou a Cidade de Tuy, Ponte Vedra, & outros Lugares, & fez grande destroço, & estrago na Terra.

11

Tambem move da guerra as negras furias,
Agente Bizcainha, que carece
De polidas razões, & que as injurias,
Muyto mal dos estranhos compadece:
A terra de Guipusua, & das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos matadores,
Para ajudar na guerra a seus senhores. |

Agente Biscainha, que carece de polidas razões. Diz como tambem decerão a Portugal em favor de El-Rey de Castella seu Senhor gente de Biscaya, Guipusca, & das Asturias.

Armou delle os soberbos matadores. Estes Reynos que aqui o Poeta nomea tem grandes minas de ferro, das quaes partes se provê toda Hespanha, pelo que diz: Armou delle os soberbos matadores. Armou deste ferro, os que vinhão de todas as partes de Hespanha, contra os Portuguezes. Chamalhe matadores, pelo que elles cuydavaõ, não pelo que fizeraõ.

12

Joane, a quem do peyto o esforço crece,
Como a San-São Hebreo da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Cos pontos de seu Reyno se aparelha:
E não porque conselho lhe falleçe,
Cos principais senhores se aconselha
Mas só por ver das gentes as sentenças
Que sempre ouve entre muytos differenças.

Ioanne a quem do peyto esforço crece, como a Sanção Hebreo da guedelha. Sanção foy Hebreo de nação filho de Manue do Tribu de Dan. Foy milagrosamente dado por Deos a Manue tendo esteril sua molher, para destruição dos Philisteos inimigos do seu povo. Tinha a fortaleza nos cabellos da cabeça. Em quanto este segredo de sua valentia se não soube, não havia cousa, que lhe resistisse: mas depois que te confiou de Dalida molher dethonesta, & ella lhe cortou os cabellos, ficou elle outro homem particular: pelo que logo foy ven-

cido dos Philisteos, como se pôde ver no livro dos Juizes, a cap. 13. usque ad cap. 17.

13

Não falta com razões, quem desconcerte,
Da opinião de todos, na vontade
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada, & mã de slealdade:
Podendo o temor mais gelado, inerte,
Que a propria, & natural fidelidade,
Negão o Rey, & a patria, & se convem
Negarã (como Pedro) o Deos, que tem.

Negarão, como Pedro, o Deos que tem. Estando El-Rey Dom João em Abrantes com muyto pouca gente, & sabendo como El-Rey de Castella vinha com grande poder todos os principaes, que com elle estavão foraõ de parecer, que se recolhessem, & não esperassem a El-Rey de Castella, porque além de trazer hum muyto poderoso exercito de Castelhanos, vinhaõ tambem de mistura muytos Portuguezes, que se haviaõ lançado da banda de Castella. Os nomes destes poem a Chronica, & diz, como aqui o Poeta, que por medo dos Castelhanos negarão sua patria, & a seu Rey, & se os apertarão mais, tem a pusillanimidade tal natureza, & faz tão grande impressão nos animos de quem ella toma posse, que negarão a Deos, como fez o Bemaventurado S. Pedro, que negou a seu Mestre, como he notorio, & se pôde ver nos Sagrados Evangelistas. Matth. 26. Marc. 14. Luc. 22. Joan. 18.

Temor gelido, & inerte. Medo frio, & froxo, pelo effeyto que faz naquelles de que toma posse.

14

Mas nunca foy, que este erro se sentisse
No forte D. Nuno Alvares, mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes:
Aquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras, que elegantes,
A mão na espada irado, & não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

Mas nunca foy que este erro se sentisse. Ainda que dous irmãos do Conde Dom Nuno Alvares eraõ lançados com Castella, não foy parte para o Conde o fazer, & hir contra sua patria.

Com palavras mais duras, que elegantes. O Poeta guarda aqui as regras da Rethorica, como aconselha Horacio na sua arte.

*! honoratum si forte reponis Achillem,
Impiger, iracundus, inexorabilis, acer.
Iura neget sibi data nihil non arroget armis.*

Tra

Tratando Horacio da obrigação que tem os homens que haõ de escrever as vidas, & costumes alheos, depois de descórre por outros estados vindo a dar no dõ Capitão, & do soldado diz: quando fallardes em Achilles (que entende por qualquer soldado valeroso) fazeo diligente, & colerico que não dé nada por rogos, aspero, que não tenha conta com leys, & tudo leve pela espada. Por isto diz nesta oytava o nosso Poeta, fallando de Dom Nuno Alvares como Capitão valeroso, que não era facundo, & que as tuas palavras eraõ mais duras que elegantes, & que fallava com a maõ na espada.

15

Como, da gente illustre Portuguesa
Ha de haver, quem refute o patrio Marte;
como, desta Provincia, que Princesa
Foy das gentes na guerra em toda parte:
Ha de sair, quem negue ter defesa,
Quem negue a fe o amor, o esforço, & arte,
De Portuguez, & por nenhum respeyto,
O proprio Reyno queyra ver sugeyto;

O patrio Marte. [Guerra em defenção de sua patria.]

16

Como não sois vós inda os decedentes]
Daquelles, que debayxo da bandeira,
Do grande Enriquez, ferros, & valentes,
Venceste esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Puzeraõ em fugida de maneyra,
Que sete illustres Condes lhe trouxeraõ
Presos, a sõra a presa, que tiveraõ.

Sete illustres Condes. Veja-se o canto terceyro, oytava 34.

17

Com quem foraõ contino sopeados,
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz, & seu filho sublimados,
Senaõ cos vossos fortes pays, & avos?
Pois se com seus descuydos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pos,
Tornevos vossas forças o Reyno novo,
Se he certo, que co Rey se muda o povo.

Por Diniz. Este Dom Diniz foy o sexto Rey de Portugal, & teu filho Dom Affonso, o qual venceu aos Mouros do Salado, em ajuda d'El-Rey de Castella. Fernando em tal fraqueza assim vos pos. Atrás trattey da fraqueza de Dom Fernando.

Rey novo. El-Rey Dom João o primeyro, de que himos trattando na oytava 1.

18

Rey tendes tal, que se valor tiver des,
Igual ao Rey, que agora levantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais, a quem já desbaratastes:
E se com isto em fim vos não moverdes,
Do penetrante medo, que tomastes,
Atay as mãos a vosso vão receyo,
Que eu só resistirey ao jugo alheyo.

Atay as mãos ao vosso vão receyo. Deyxayvos sopear, & vencer do medo, pondevos de parte, que eu só resistirey ao inimigo, & vos livrarey do jugo, & cativeyro, em que vos quer por.

19

Eu só com meus vassallos, & com esta,
(E dizendo isto arranca meya espada)
Defenderey da força dura, & infesta,
A terra nunca de outrem sojugada:
Em virtude do Rey, da patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerey, não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rey forem contrarios.

Força infesta. Força contraria.
Patria mesta. Patria triste.

20

Bem como entre os mancebos recolhidos,
Em Canusio, reliquias sõs de Canas,
Já para se entregar, quasi movidos,
A Fortuna das forças Africanas:
Cornelio moço os faz, que compelidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deyxaram, em quanto a vida
Os não deyxar, ou nellas for perdida.

Bem como os mancebos recolhidos em Canusio reliquias sõs de Canas. Conta Titolivio na terceyra Decada liv. 2. cap. 8. que depois daquelle grande estrago, que Annibal fez em Canas, alguma da gente dos Romanos se recolheo a hum lugar chamado Canusio, perto de Canas. E estando todos delcorgoados, & para se entregar a Anibal, Publio Cornelio Scipião mancebo de pouca idade arrancou da espada, & os fez jurar, que nunca dessemparariaõ as bandeiras Romanas, & que por ellas morreriãõ contra os Carthagenenses, que foy causa de se não acabar de perder o exercito. O que pelo mesmo modo aconteceu ao Conde Dom Nuno Alvares, como o nosso Poeta aqui conta, & se pôde ver mais largo nas Chronicas. Da batalha

Iha de Canas se veja a nossa annotação no terceyro canto, oytava 116.

21

DEsta arte a gête força, e esforço Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgão de Neptuno;
Brandindo, e volteando arremessões,
Vão correndo, e gritando a boca aberta,
Viva o famoso Rey, que nos liberta.

Nos animaes cavalgão de Neptuno. Os animaes de Neptuno, taõ os cavallos, porque Neptuno foy o primeyro que deu o cavallo, como fica dito no canto terceyro, oytava 51.

22

DAs gentes populares, huns approvão
A guerra, com que a patria se sostinha:
Huns as armas alimpão, e renovão,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
Capacetes estofão, peytos provão,
Armas e cada hum como convinha:
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras, e tenções de seus amores.

Das gentes populares huns approvã. Na gente popular nunca houve contradicção, alguns Fidalgos contaõ as Chronicas, que lhe parecia mal a guerra, porque temião perderse. Ou usã da palavra populares no rigor da lingua Latina, que he gente de toda a sorte alta, e bayxa.

23

COm toda esta lustrosa companhia,
Joanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria,
Do Tejo logra as agoas abundantes:
Os primeyros armigeros regia,
Quem para reger era os muy possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Helleponto.

Os primeyros armigeros regia. O Condestavel Dom Nuno Alvares, como aponta na oytava seguinte.

Abrantes, que tambem da fonte fria do Tejo logra as agoas abundantes. Porque o Tejo passa junto a Villa de Abrantes.

Com que passava Xerxes o Helleponto. Xerxes foy filho de Dario o mais poderoso Rey que os Persas tiveraõ. Passou o Helleponto, que hoje chamamos o braço de S. Jorge, feyta nella huma ponte

de barcos, com todo seu exercito, que era innumeravel, e tanto que dizem os Autores seriaõ hum conto e duzentos mil homens. Com toda esta gente foy vencido no passo Thermopylas por Leonides Capitão dos Lacedemonios, e depois no mar com a gente que lhe ficou de Themistocles Capitão dos Athenientes. E finalmente foy de todo perdido, e desbaratado, e elcapou em huma triste barca. Ficou taõ enfadado da guerra, que nunca mais tornou as armas.

24

Dom Nuno Alvarez digo, verdadeyro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Huno o foy primeyro,
Para Francezes, para Italianos:
Outro tambem famoso cavalleyro
Que a ala direyta tem dos Lusitanos,
Apto para mandalos, e regelos,
Mem Rodriguez, se diz, de Vasconcelos.

Como já o fero Huno o foy primeyro. Este he Attila Rey dos Hunos de que fica trattato no canto 3, oytava 14.

Que a ala direyta tem dos Lusitanos. Ala he propriamente a asa do passaro, a cuja semelhança se chama ala no exercito a gente de cavallo, que vay pela mão direyta, e esquerda para amparo da gente de pé, que vay no meyo cuberta, e guardada como hum passaro cobre, e ampara com suas alas o corpo.

25

EDa outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasquez de Almada he Capitão,
Que depois foy de Abranches nobre Conde,
Das gentes vay regendo a sestra mão:
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas, e castellos o pensão,
Com Joanne Rey forte em toda parte,
Que escurecendo o prego vay de Marte.

Antão Vasquez de Almada. Este foy hum dos doze Cavalleyros, que forão a Inglaterra pedidos pelas Damas daquelle Reyno para as desfagravar de certos Cavalleyros Ingleses, que as afrontaraõ publicamente, ao qual El-Rey de França, por teu esforço, e cavallaria deu o Condado de Abranches. O nosso Poeta tratta destes Cavalleyros no canto sexto, aonde eu elcrevi delles, o que pude achar, porque não ha memoria perfeyta dos feytos destes Cavalleyros, pelo que alguns tem a Hittoria por fingida.

26

EStavaõ pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,

*Rezando as mãys, irmãs, damas, & esposas,
Pormeteudo jejum, & romarias:
Jã chegão as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.*

E todas grande duvida concebem. O que as Chronicas dizem, & parece conforme à razão, he, que os Castelhanos cuydavaõ não ter possível esperarem os Portuguezes à sua furia, com tudo, visto como continuavão na porfia de pelejar, ficaraõ algum tanto temérfos.

27

R *Espondem às trombetas mensageyras
Pifaros sibilantes, & atambores,
Os Alferes volteãõ as bandeyras,
Que variadas são de muytas cores:
Era no seco tempo, que nas eyras
Ceres o fruyto deyxã aos lavradores,
Entra em Astrea o Sol, no mez de Agosto,
Baccho das uvas tira o doce mosto.*

Era no seco tempo, que nas eyras Ceres o fruyto deyxã aos lavradores. Descreve o tempo, em que foy esta batalha. Os Antigos tinhaõ a Ceres por Deosa das sementeyras, & mais fruytos da terra: pelo que a pintavão tentada em cima de hum boy com huma enxada na mão direyta, & hum cesto na esquerda, & rodeada de lavradores com seus petrechos, & instrumentos de agricultura, dando por estes rodeosa entender, que ella fora a inventora, & senhora de todas as cousas, que a terra produz. Assim o nosso Poeta aqui mostra, que esta batalha foy no estio, em dizer: Era no seco tempo que nas eyras Ceres deyxã o fruyto aos lavradores. E abayxo declara o mez, que foy Agosto.

Baccho das uvas tira o doce mosto. As Chronicas particularizando mais o calo dizem o dia que foy a huma segunda feyra quatorze dias do mez de Agosto, vespera de Nossa Senhora da Assumpção de 1385. De Ceres trattey no terceyro canto, oytava 62. Astrea, de que aqui falla o Poeta, foy filha de Titano, & Aurora. No tempo, que seu pay, & seus irmãos os Gigantes trabalharaõ lançar Jupiter do Ceo, ajuntando muytos montes altos, & pondo huns sobre outros. Dizem que Astrea sempre foy de contrario parecer, & que em tudo o que foy na sua mão ajudou, & favoreceo a Jupiter, pelo que depois que venceo os Gigantes a pós no Ceo, & fez della hum dos Signos do Zodiaco, o qual tem vinte & seis estrellas. Este he o Signo a que os Astronomos chamão virgem, no qual entra o Sol a vinte & tres dias do mez de Agosto, nem he inconveniente que o successo desta batalha fosse a quatorze de Agosto, & o Sol entre neste Signo a vinte & tres. Basta ser tudo no

meimo mez, & os Poetas tem esta licença, como dissemos em outra parte. *Baccho das uvas tira o doce mosto.* Não diz aqui o Poeta que no mez de Agosto se faz a vindima, se não quer mostrar que no mez de Agosto são já as uvas maduras.

28

D *Eu sinal a trombeta Castellhana,
Horrendo, fero, ingente, & temeroso,
Ouvio o monte Artabro, & Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso,
Ouvio o Douro, & a terra Translagana,
Correo ao mar o Tejo duvidoso
E as mãys, que o som terrivel escutaraõ,
Aos peytos os filhinhos apertaraõ.*

Ouvio o monte Artabro. A este monte Artabro chamaõ os Geographos por outro nome, *Magnum promontorium Ulyssiponense.* Cabo grande, cabo de Lisboa, por começar na sua Comarca. Hoje se chama Cabo de finis terræ. Guadiana a que os Latinos chamão *Anas*, nasce junto à Serra de Alcarraz, & junto a hum lugar chamado la puebla de Alcacer, se mete debayxo do chaõ, & vay sahir dalli a dez leguas.

Terra Translagana. Terra do Alentejo;

29

Q *Uantos rostos alli se vem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes o temor
He mayor muytas vezes, que o perigo:
E se o não he, pareceo, que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir, que he perda grande, & rara,
Dos membros corporaes a vida cara.*

30

C *omeçãse a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeyra ala,
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganbala:
Logo o grande Pereyra, em quem se encerra
Todo o valor, primeyro se assinala,
Derriba, encontra, & a terra em fim semea,
Dos que tanto a desejaõ, sendo albea.*

Começãse a travar a incerta guerra. Chama à guerra incerta; porque seu fim he incerto, como disse Cicero: *Bellorum exitus incerti sunt.* O successo da guerra tão incertos, como lemos nas Historias, que muytos grandes exercitos foraõ vencidos de outros muyto pequenos, pelo que nesta materia não ha certeza alguma.

Huns leva a defensão da propria terra. Estes eraõ os Portuguezes, que pelejavaõ pela defensão de sua Patria, a qual os Castelhanos muyto desejavaõ, não sendo sua, nem tendo direyto nella.

Logo o grande Pereyra. Este he Dom Nuno Alvares Pereyra: illustre fundamento da Casa Real de Bragança.

31

JA' pelo espesso ar os estridentes
Farpões, setas, & varios tiros voão,
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles soão:
Espedaço-se as lanças, & as frequentes
Quedas co as duras armas tudo atroão,
Recrecem os inimigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

Gente do fero Nuno. Fero Nuno he Dom Nuno Alvares Pereyra, a que chamou na oytava atrás sómente Pereyra, & aqui Nuno, costume muyto usado entre os Poetas nomear as peñloas humas vezes pelos nomes próprios, outras pelos sobrenomes, & outras pelas alcunhas, que por algum acontecimento, ou de bem, ou de mal tem.

32

EIs alli seus irmãos contra elle vão
(Caso feo, & cruel) mas não se espanta,
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rey, & a patria se levanta:
Destes arrengados muytos saõ,
No primeyro esquadrão, que se adianta,
Contra irmãos, & parentes, caso estranho,
Quaes nas guerras civis de Julio Magno.

Quaes nas guerras civis de Julio Magno. Como aconteceu nas guerras civis entre Cesar, & Pompeyo, tão celebradas por todos os Escriitores, & sobre as quaes fez o Poeta Lucano a sua Phartalia, & nós tratámos no terceyro canto, oytava 70. Julio Magno he o grande Julio Celar, de que tratámos no canto primeyro.

33

OTu Sertorio, d' nobre Coriolano,
Catilina, & vos outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos:
Se lá no Reyno escuro de Sumano,
Receberdes gravissimos castigos,
Dizeylhe, que tambem dos Portugueses,
Alguns traydores houve algumas vezes.

O tu Sertorio. Sertorio nas dissencões entre Scyl-

la, & Mario, seguiu as partes de Mario, que foy vencido de Scylla, vendo-se perdido recolheo-le a Hespanha, & nella foy Capitão dos Portuguezes, & outros Hespanhoes, & fez grandé guerra aos Romanos. Veja-se a nossa annotação no canto terceyro, oytava 93. Coriolano foy hum Varaõ de muyta autoridade entre os Romanos. Em humas dissencões foy lançado fora de Roma, pelo que aggravado lhe fez muyta guerra, como conta Appiano, & Plutárcho em sua vida. Lucio Sergio Catelina com outros de sua parcialidade detérminou apoderarse de Roma, o que fizera senão acõdira Marco Tullio com sua prudencia, & atalhará sua determinação, matando muytos dos conjurados, como conta Sallustio.

Se lá no escuro Reyno de Sumano. Sumano he o melmo, que Plutaõ a que os Antigos chamávaõ Deos dos infernos. Chamouse assim, quasi *summus manum*, o principe do inferno.

34

ROmpem-se aqui dos nossos os primeyros,
Tantos dos inimigos a elles vão:
Está alli Nuno, qual pelos outeyros
De Ceuta está o fortissimo Leão:
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tutuaõ,
Perseguemno com lanças, & elle irroso,
Turbado hum pouco está, mas não medroso.

Qual pelos outeyros de Ceuta. Ceuta he fronteyra de Africa, & porque em Africa ha muytos leões, chama-lhe aqui leões de Ceuta: figura muyto usada entre os Poetas, que tomão a parte pelo todo, como aqui Ceuta por Africa, & assim lé ha de declarar, & não porque em Ceuta haja leões.

Que os campos vão correr de Tutuaõ. Lugar de Africa fronteyro, ao qual correm os Portuguezes para escaramuçar, & pelejar com os Mouros.

35

COm torva vista os vê, mas a natura
Ferina, & a ira não lhe compadecem,
Que as costas de, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co sangue alheyo; alli perecem
Alguns dos seus, que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

Que o animo valente perde a virtude contra tanta gente. Coula sabida, & experimentada he os muytos ainda que sejaõ mais fracos, poderem mais que os poucos: donde veyo a quelle proverbio: *Neque Hercules contra duos: Nem Hercules contra dous.* Isto he comhum, & regra geral: mas como todas

tem sua exceção, também esta a teve nella batalha d'El-Rey Dom João o de Portugal contra os Castelhanos: porque com serem muyto mais, foraõ vencidos, ainda que com morte de alguns dos nosos.

36

SEntio Joanne a afronta, que passava
Nuno, que como sabio Capitão,
Tudo corria, & via, & a todos dava,
Com presença, & palavras coraçào:
Qual para da Leoa fera, & abrava,
Que os filhos, que no ninho sòs estão,
Sentio, que em quanto o pasto lhe buscára,
O pastor de Massilia lhos furtára.

O pastor de Massilia lhos furtára. Massilia he, a que por outro nome chamamos Mauritania, & commumente Berberia. Pelo pastor de Massilia, se entende o pastor de Africa. E assim Virgilio na Eneida trattando da montaria de Eneas com Elysa Dido diz: *Massitique ruunt equites, & edora canum vis*: Saem, diz Virgilio, os Cavalleyros Cartaginenses com muytos fabujos, & outros petrechos de caça.

37

Corre rayvosa, & freme, com bramidos,
Os montes sete irmãos atroa, & abala,
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode à primeyra ala:
O fortes companheyros, ó subidos
Cavaleyros, a quem nenhum se iguala,
Defendey vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

Os montes sete irmãos. Na Mauritania, que atrás chamey Massilia, estão sete montes, dos quaes Pomponio Mella diz: *Ex his tamen, que commemorare non piget, montes sunt alii, qui continentur, & quasi de industria in ordinem expositi, ob numerum septem, ob similitudinem fratres vocantur*. Não he para passar, que ha nesta Mauritania huns montes altos: os quaes postos hum apos outro, & em tal ordem, como de industria, pelo numero se chamaõ sette, & pela semelhança irmãos.

38

VE desme aqui Rey vosso, & companheyro,
Que entre as lâças, & setas, & os arneses
Dos inimigos corro, & vou primeyro,
Pelejay verdadeyros Portugueses:
Isto disse o magnanimo guerreyro,
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, & deste unico tiro,
Muytos lançarão o ultimo suspiro.

39

Porque eis os seus acefos novamente
De hũa nobre vergonha, & honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerà do Marcio jogo,
Porção tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeyro, & peytos logo,
Assi recebem junto, & dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

Marcio jogo. He a guerra, assim lhe chamaõ os Poetas, *ludus Martius*: jogo de Marte.

Fogo ardente. He o que acima chamou fogo honroso, que he huma ira, & furia tomada, por se ver abatida huma pessoa, & perder a opiniaõ que tinha. Diz que este fogo rompe malhas, porque esta colera aguça as navalhas, & faz que o ferro use de seu officio. E os que poem sangue ardente, danaõ a intençaõ do Poeta: porque aqui se aponta sòmente a furia do principio da batalha.

Tinge o ferro. Aquella colera vay na ponta da lança; & a encaminha para seu effeyto.

40

AMuytos mandão ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte, & o ferro entrava,
O Mestre morre alli de Sancti ago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem fazendo grande estrago
Outro Mestre cruel de Calatrava,
Os Pereyras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo, & os Fados.

A muytos mandão ver o Estygio lago. Os Antiguos tinhaõ por coula certa, & tem duvida hir todas as almas ao inferno, aonde fingiaõ hum Rey a que chamavaõ Plutão, com o qual diziaõ, que moravaõ em perpetua escuridade. Pintavaõ a este Plutão muyto triste, & medonho, sentado em huma cadeyra de enxofre, com hum sceptro na mão direita, & com huma alma na esquerda, muyto apertada, & com o caõ Cerbero debayxo dos pès, & quatro rios, Lethe, Cocyto, Phlegetonte, & Acheronte, que lahiaõ debayxo da cadeyra, ao longo destes rios a lagoa Estygia, com outras mil fabulas que os Poetas poem, & se pòdem ver em Alberico. Daqui diz o nosso Camões. A muytos mandaõ ver o Estygio lago, que quer dizer, a muytos mataõ, termo Poetico, & galante. Como tambem na oytava seguinte para dizer que morreraõ muytos, diz, que foraõ mandados ao profundo, aonde está o caõ Cerbero porteyro do Inferno.

Os Pereyras tambem arrenegados. Isto diz por dous irmãos de Dom Nuno Alvarez Pereyra, q se lançaraõ da parte de Castella: pelo q o Poeta lhe chama arrenegados.

Muy-

41

Muytos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, & tambem dos nobres ao profundo,
Onde o Trifauce Caõ perpetua fome
Tem das almas, que passão deste mundo:
E porque mais aqui se amance, & dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeyra Castelhana,
Foy derribada aos pés da Lusitana.

Onde o Trifauce caõ. Caõ trifauce, quer dizer, caõ de tres gargantas, qual pintaõ os Poetas o Cerbero, que guardava o Inferno.

A soberba do inimigo furibundo. A soberba dos Castelhanos, os quaes fazião muyto pouco caso dos Portuguezes, por serem muyto menos.

42

Aqui a fera batalha se encrucece
Com mortes, gritos, sangue, & cutiladas,
A multidão da gente, que perece
Tem as flores da propria cor mudadas:
Já as costas daõ, & as vidas: já falece
O furor, & sobejaõ as lançadas,
Já de Castella o Rey desbaratado
Se vê, & de seu proposito mudado.

Tem as flores da propria cor mudadas. Estaõ amarelos, & perdida a propria, & natural cor de seus rostos, por lhe faltár a alma que lha dava. Outros entendem este passo pelas flores do campo cubertas do sangue dos mortos.

43

O Campo vay deyxando ao vencedor,
Contente de lhe não deyxar a vida,
Seguem no os que ficãrão, & o temor
Lhe dá não pés, mas azas à fugida:
Encobrem no profundo peyto a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, & triste nojo,
De ver outrem triunfar de seu despojo.

Lhe dá não pés, mas asas à fugida. Assim disse Virgilio, *Pedibus timor addidit alas*. O medo lhe põz alas nos pés. E daqui chamaõ os Latinos ás coufas ligeyras timidas, porque o medo dá ligeyreza aos que fogem.

44

Algũs vão maldizendo, & blasfemando
Do primeyro, que guerra fez no mundo,
Outros a sede dar a vão culpando

Do peyto cobiçoso, & sitibundo:
Que por tomar o albeo, o miserando
Povo a ventura às penas do profundo,
Deyxando tantas mãys, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos desditosas.

45

O Vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria,
Com offertas de pois, & romarias
As graças deu a quem lhe deu vittoria:
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deyxar de si memoria
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Translaganas.

Os dias costumados no campo. O que se costuma entre gente de guerra havida alguma vittoria, he estar no campo do inimigo alguns dias recolhendo os despojos, que ficãrão, & dando graças pela victoria, que alcançãrão, & mostrando que ali estão para tudo, o que a fortuna determinar, & que não tem medo algum do inimigo, estes dias costumados sohiã ter antiguamente tres, hoje mais, ou menos, conforme a desposição do Capitão, & presa que se acha. Esta batalha que teve El Rey Dom João o primeyro de Boa memoria, foy entre porro de Mós, & huma Aldea chamada Algibarrota, em hum campo muyt chaõ, no qual lugar em muyto pouco espaço foraõ os Castelhanos vencidos dos Portuguezes, mortos muytos, & muytos cattivos.

Para as terras se passa Translaganas. Alcançada esta tão grande victoria se recolheo El Rey a Santarem, aonde achou ainda muytos Castelhanos, aos quaes favoreceo, & mandou para sua terra livremente. Depois que descansou alguns dias, nos quaes trouxe à sua obediencia alguns lugares, que estavaõ por El Rey de Castella, foy em romaria a Nossa Senhora da Oliveyra em Guimarães, 46. leguas de Santarem. Partio El Rey a esta romaria, que tinha promettido. Dom Nuno Alvarez se partio para as partes do Alentejo, para entrar por Castella, para o que mandou dar rebate a todos os fronteyros para se aperceberem contra elle. Passou por Elvas, & Badajoz, & chegou a Valverde, aonde os Castelhanos estavaõ esperando, & os veneo com muyta honra dos Portuguezes, como contão as Chronicas.

46

A Judao seu destino de maneyra,
Que fez igualo effeyto ao pensamento,
Por que a terra dos Vandalos fronteyra,
Lhe concede o despojo, & o vencimento:

Já

*Já de Sevilha a Bethica bandeyra,
E de varios senhores num momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,
Obrigados da força Portuguesa.*

Porque a terra dos Vandalos fronteyra. Terra dos Vandalos he Andaluzia, como atrás fica dito no canto terceyro oytava 60.

Bethica bandeyra. A bandeyra de Sevilha, por que o rio Guadalquivir, chamado Bethis passa por ella.

47

DEstas, & outras vittorias longamente
Eyaõ os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz desejada já da gente,
Deraõ os vencedores aos vencidos:
Depois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reys inimigos por maridos,
As duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, fermosas, inclitas príucezas.

As duas illustrissimas Inglezas. Dom Joaõ de Alencastre filho d'El-Rey Dom Duarte, o quarto de Inglaterra, teve da Duqueza sua molher duas filhas; Dona Isabel, que foy casada com Monsieur Joaõ Conde de Jelanda, & Dona Philippa, que casou com El-Rey Dom Joaõ o primeyro de boa memoria, de que himos trattando. Depois da morte da Duqueza sua molher casou com huma senhora chamada Dona Constança, filha d'El-Rey Dom Pedro de Castella, à qual o Reyno pertencia por morte d'El-Rey: pelo que o Duque, fallecido El-Rey Dom Pedro, com ajuda d'El-Rey Dom Joaõ de Portugal, fez muyta guerra a Castella, tomou muytos lugares, & lhe fez muytos danos, atè que houve concertos, os quaes foraõ, que El-Rey casasse seu filho o Principe Dom Henrique herdeyro de Castella com Dona Catherina, filha do Duque, & de Dona Constança. Feytos estes concertos com algumas condiçõs, que as Chronicas trattão, cessaraõ as guerras.

48

Não sofre o peyto forte usado à guerra,
Naõ ter imigo já a quem faça dano,
E assi não tendo, a quem vencer na terra,
Vay cometer as ondas do Oceano:
Este he o primeyro Rey, que se desterra
Da patria, por fazer, que o Africano,
Conheça pelas armas, quando excede
A ley de Christo à ley de Masamede.

Vay cometer as ondas do Oceano. Depois que cessaraõ as guerras de Castella, não podendo El-Rey estar ocioso, determinou passar em Africa contra os Mouros de além mar, aos quaes tomou aquella

ção excellente, & importante Cidade de Ceuta, chave de toda Hespanha, huma vespera de Nossa Senhora de Agosto de 1414. Ou segundo outros querem a vinte & hũ do dito mez do anno de 1415. que he o mais certo.

49

EIs mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta:
O monte Abyla, & o nobre fundamento
De Ceyta toma, & o torpe Mahometa,
Deyta fóra, & segura toda Espanha,
Da Juliana mã, & desleal manha.

Es mil nadantes aves pelo argento. Ula nesta oytava de algumas palavras metaphoricas, como he chamar as naos aves, & as aguas argento por terem brancas, como a prata, a que os Latinos chamão *argentum*. E às vellas das naos afas pandas, afas largas, & estendidas.

Da furiosa Thetis. Thetis he Deosa do mar, se toma aqui pelo mesmo mar.

Para onde Alcides poz a extrema meta. Alcides chamão os Poetas a Hercules de seu avó Alceo. Extrema meta. A derradeyra columna, a qual poz em Ceuta, para o qual lugar os Portuguezes encaminhaõ tua armada. Das columnas de Hercules se veja a nossa annotaçãõ canto 3. oytava 18.

Da Juliana mã, & desleal manha. Como Ceuta he fronteyra de Hespanha fazião dali os Meuros grandes danos nella, os quaes cessaraõ depois que El-Rey Dom Joaõ lha tomou. Diz que ficou segura da manha mã, & desleal, porque por Ceuta meteo os Mouros em Hespanha, aquelle maõ, & desleal Hespanhol o Conde Dom Juliaõ, que foy causa de se perderem as Hespanhas em tempo d'El-Rey Dom Rodrigo ultimo dos Godus, como dissemos atrás no canto terceyro.

50

Não consentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse:
Mas para defensão dos Lusitanos,
Deyxou quem o leu, quem governasse,
E aumentasse a terra mais que d'antes,
Inclita geraçãõ, altos Infantes.

Heroe tão ditoso. Heroe he palavra Grega, significa senhor excellente. Chamaõ heroes aquelles que ainda que vivão nas terras, merecem por suas partes estar nos Ceos.

Mas os coros soberanos do Ceo supremo. Falleceu este felicissimo Rey em Lisboa vespera de Nossa

Senhora de Agosto, de mil quatrocentos & trinta & tres annos, & he para notar, que venceu a El-Rey de Castella vespera de Nossa Senhora da Assumpção a quatorze de Agosto, & em outro tal dia tomou Ceuta aos Mouros, & em outro tal falleceo, que parece a gloriosa Virgem de quem elle era muyto devoto haver permittido, & querido lhe succedessem estas cousas em hum seu tão finalado, & glorioso dia. E affirma-se que no dia de sua morte foy o Sol ecclipsado.

Altos Infantes. Porque teve quatro filhos legitimos, Dom Duarte, Dom Henrique, Dom João, Dom Fernando, & Dom Pedro Affonso bastardo.

51
Não foy do Rey Duarte tão ditoso
 O tempo, que ficou na summa alteza,
 Que assi vay alternando o tempo iróso,
 O bem co o mal o gosto co a tristeza:
 Quem vio sempre hum estado deleytoso?
 Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
 Pois inda neste Reyno, & neste Rey,
 Não usou ella tanto desta ley.

Não foy do Rey Duarte tão ditoso o tempo. Depois da morte d'El-Rey Dom João foy levantado por Rey seu filho mayor o Infante Dom Duarte, que foy o primeyro deste nome, & undecimo dos Reys de Portugal, em Lisboa, aos quinze dias de Agosto, de mil quatrocentos trinta & tres, & sendo de idade de quarenta & dous annos, reynou cinco sómente, os quaes, como diz o Poeta, forão aguados com muytos trabalhos, & desgostos, porque neste Reyno houve grande peste, de que dizem El-Rey falleceo em Thomar a nove de Setembro, de mil quatrocentos & trinta & oytto.

52

Vio ser cativo o santo Irmão Fernando,
 Que a tão altas empresas aspirava,
 Que por salvar o povo miserando,
 Cercado do Sarraceno se entregava:
 Só por amor da Patria está passando
 A vida de senhora feyta escrava,
 Por não se dar por elle a forte Ceuta,
 Mais o publico bem, que o seu respeyta.

Vio ser cativo o santo irmão Fernando. Alem dos trabalhos do Reyno, de que fallámos atrás; sobreveyo outro mayor, que foy o desestrado successo do cerco de Tangere, o qual os Infantes Dom Fernando, & Dom Henrique quizerão fazer a pesar de todo Portugal. E assim lhe succedeo de modo que o Infante Dom Fernando ficou em Africa; porque retirados da Cidade de Tangere, que tinhaõ cercada, forão elles cercados pelos Mouros.

E vendo o Infante Dom Fernando o perigo em que estavão, & que não era possivel escapar, te deu elle em reféns, com condição de lhe dar Ceuta, & todos os Mouros que houvesse cattivos em Portugal, o que não pareceo bem a Portugal, nem o Infante o consentio, antes foy de contrario parecer, porque quiz antes morrer em hum tão vil, & bayxo estado de cattivo; que darle Ceuta aos Mouros, por ter a chave, & segurança de Heipanha.

53

Codro, porque o inimigo não venceffe,
 Deyxou antes vencer da morte a vida,
 Regulo porque a Patria não perdeffe,
 Quiz antes a liberdade ver perdida:
 Este, porque se Espanha não temesse,
 A catrueyro eterno se convidas;
 Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
 Nem os Decios leaes fizerão tanto.

Codro porque o inimigo não venceffe. Trás alguns exemplos de antigos, que por salvar suas patrias perderaõ as vidas. Codro Rey dos Athenienses em huma guerra, que tinha com os Lacedemonios, sabendo dos oraculos, que aquelle exercito havia de vencer, cujo rey morresse na batalha, se vestio em trajo de particular, & desta maneyra metido entre os inimigos o mataraõ, & assim com sua morte ficou o seu exercito vencedor. Marco Attilio Regulo Consul Romano venceu muytas vezes os Carthaginenses, veyo depois a ser vencido delles, & estando em Carthago cattivo, foy mandado a Roma sobre que se dessem os cattivos Carthaginenses por elle. O qual foy de parecer que a tal troca te não fizesse, pelo que tornado a Carthago, foy cruelmente morto.

Porque a patria não perdeffe. Porque Roma não ficasse com quebra, porque elle era velho, & os Carthaginenses cattivos mancebos, & que serviaõ para a guerra.

Nem Curcio ouvido por espanto. Elereve Titolivio na primeyra Decada, que ao tempo que os Romanos tinhaõ guerra com os Hernicos, appareceo subitamente na praça de Roma huma muyto grande abertura, a qual os Romanos nunca poderaõ ferrar, antes quanto elles mais o procuraõ tanto ella mais se abria. Consultado o Oraculo, respondeo, que aquella abertura queria dentro em si aquillo, com que Roma era mais poderosa. E como neste caso variaõ os Romanos, & nenhum foubesse dar no entendimento da repolita. Curcio os reprehendo muyto asperamente, notando-os de fraco juizo, & dizendo que homens, & armas faziaõ a Republica Romana muyto poderosa, & que assim se haviaõ de entender as palavras do Oraculo: pelo que te armou, & posto a cavallo, te lançou muyto alvoroçado dentro naquella abertura, a qual logo te ferraõ. E desta maneyra ficaraõ

os Romanos desassombrados do medo, que tinhaõ por huma tão grande novidade.

Nem os Decios leas fizeram tanto. Foraõ dous, pay, & filho, estes se sacrificáraõ por sua patria. Este sacrificio se fazia em tempo de grande aperto, & trabalho, & era desta maneyra: o que se havia de sacrificar se armava, & polto a cavallo dizia certas palavras, & fazia certas cerimoniaes, & acabado isto se metia pelejando valerosissimamente entre os inimigos, & desta maneyra acabava. Esta era entre os Romanos a mais honrada morte, que se podia haver, & aos que morriaõ desta maneyra se fazião todas as honras, & erãõ tidos por bem-aventurados, & para delles haver perpetua memoria se lhe levantavãõ grandes estatuas.

54

Mas Affonso do Reyno unico herdeyro,
*(Nome em armas ditoso em nossa Espe-
 ria)*
 Que a soberba do barbaro fronteyro,
 Tornou em bayxa, & humillima miseria:
 Fora por certo invito cavaleyro,
 Senãõ quizera ir ver a terra Iberia,
 Mas Africa dirã ser impossivel,
 Poder ninguem vencer o Rey terrivel.

o Mas Affonso do Reyno unico herdeyro. Depois da morte d'El-Rey Dom Duarte foy levantado por Rey em Thomar seu filho Dom Affonso o quinto deste nome, & duodecimo dos Reys de Portugal. E por ser de seis annos, sòmente ao tempo que se levantaraõ por Rey governou em seu lugar o Infante Dom Pedro seu tio: Foy este Rey muyto bemafortunado, como forãõ os mais do mesmo nome, pelo que lhe chamaõ Poeta nome em armas ditoso em nossa Hesperia. Hesperia he Hespanha. Veja-se a nossa annotaçaõ no segundo canto, oytava ro.

o Se não quizera ir ver a terra Iberia. Terra Iberia he o Reyno de Aragaõ, chamado assim do Rio Ibero, que vulgarmente se chama Hebro, que orega. Toma-se por roda Hespanha.

55

Este pôde colher as maçãs de ouro,
 Que sòmente o Thyrintio colher pode;
 Do jugo que elle poz ao bravo Mouro,
 A cerviz inda agora não sacode:
 Na frente a palma leva, & o verde louro
 Das vittorias do barbaro, que acode
 A defender Alcacer, forte Villa,
 Tanager populosa, & o dura Arzilla.

Este pôde colher as maçãs d'ouro, que sòmente o Thyrintio colher pode. Thyrintio chamaõ os Poetas a Hercules por razão de Thyrintia sua patria em

Grecia. Entre outras cousas nomeadas, que na vida Hercules fez, huma foy matar hum dragaõ, que as Hesperidas filhas d'El-Rey Hespero tinhaõ por guarda de huma horta, aonde o fruyto das arvores era de ouro. Esta horta dizem foy na Berberia, aonde El-Rey Dom Affonso tomou tres lugares aos Mouros, Alcacer, Arzilla, & Tangere: Arzilla, & Tangere em 24. de Agosto de mil quatrocentos & setenta & hum, Alcacer seguer em dezoyto de Outubro de quatrocentos cincoenta & oytos.

o Na frente a palma leva, & o verde louro. Por estes termos mostra, como El-Rey Dom Affonso andava vittorioso nas partes de Africa. Porque a palma, & o louro saõ insignias de vittoria.

56

Porem ellas em fim por força entradas,
 Os muros abaxarãõ de diamante,
 As Portuguezas forças costumadas,
 A derrubarem quanto achãõ diante,
 Maravilhas em armas estremadas,
 E de escriptura dignas elegante,
 Fizeraõ cavaleyros nesta empresa,
 Mais affinando a fama Portugueza.

o Os muros abaxarãõ de diamante. Muros de diamante saõ muros fortes, qual he o diamante, termo de fallar, de que os Poetas usaõ para encarecimento de cousa muyto dura. Veja-se a nossa annotaçaõ no segundo canto, oytava 4.

57

Porem depois, tocado de ambição,
 E gloria de mandar amara, & bella,
 Vay cometer Fernando de Aragaõ,
 Sobre o potente Reyno de Castella:
 Ajuntase a inimiga multidãõ,
 Das soberbas, & varias gentes della:
 Desde Cadiz ao alta Pirinea,
 Que tudo ao Rey Fernando obedeeo.

Vay cometer Fernando de Aragaõ. Para se isto entender, he necessario crever mais algumas regras, ainda que seja contra a brevidade prometida. El-Rey Dom Henrique o quarto deste nome de Castella foy casado primeyra vez com huma Dona Branca, filha d'El-Rey Dom Joãõ de Navarra seu tio: da qual Senhora, havendo já tres annos que eraõ casados, se apartou por authoridade do Papa Nicolao Quinto, por ser tida por esteril, & logo se casou com a Infante Dousa Joanna filha do Infante Dom Duarte de Portugal, & iamã deste Rey Dom Affonso, de que himos tratando. Houve desta Senhora huma filha, a quem foy polto o mesmo nome de sua mãy, a qual lhe nasceo

naceo havendo já cinco annos que eraõ casados. E porque havia praguentos, que fallavaõ neste caso contra a honra d'El-Rey Dom Henrique, dizendo que aquella Senhora não era sua filha, elle fez cortes, & perante todos os Senhores do Reyno declarou ser a Infante Dona Joanna sua filha legitima, herdeyra, & successora dos seus Reynos. E por tal a fez logo jurar: & assim o tornou a ratificar no seu testamento. Morto El-Rey Dom Henrique, Dom Fernando filho d'El-Rey Dom João de Aragoã se casou com Dona Isabel tia da Infante Dona Joanna irmã de seu pay, & tomou posse do Reyno, dizendo que Dona Joanna não era legitima, o que foy causa de muytas guerras, & enfadamentos entre o nosso Rey Dom Affonso, & Dom Fernando de Aragoã, como o nosso Poeta aqui aponta.

Desde Cadiz até o alto Perince. Nestas palavras comprehende o Poeta as partes aonde vierão em ajuda d'El-Rey Dom Fernando, que são as terras todas de Hespanha poitas entre estes dous terminos: a Cidade de Cadiz no estreyto de Gibraltar, & os montes Perineos, que a dividem de França.

58

Não quiz ficar nos Reynos ocioso
O mancebo Joanne, & logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioso,
Que então lhe foy ajuda, não pequena:
Sabio se em fim do trance perigoso
Com fronte não turbada, mas serena,
Desbaratado o pay sanguinolento,
Mas ficou duvidoso o vencimento.

O mancebo Joannê. O Principe Dom João filho d'El-Rey Dom Affonso, o qual acompanhou seu pay nesta jornada.

Desbaratado o pay. Porque em Craffto queymado houve grande batalha entre El-Rey Dom Affonso de Portugal, & Dom Fernando de Aragoã na qual estes Reys foraõ cada hum para sua parte, & o Infante ficou no campo, como se diz na oytava seguinte. Chama a El-Rey Dom Affonso ambicioso, & sanguinolento, pela ambição de haver o Reyno, & por este respeyto haver tantas mortes.

59

Porque o filho sublime, & soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleyro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteeyro:
Desta arte foy vencido Octaviano,
E Antonio vencedor seu companheyro,
Quando daquelles, que a Cesar matáraõ,
Nos Philipicos campos se vingáraõ.

Desta arte foy vencido Octaviano. Compara o successo desta guerra ao de Octaviano, & Marco Antonio contra os matadores de Julio Cesar, quando pelejando nos campos Philipicos foy Octaviano vencido, ficando Marco Antonio de sua parte vencedor, como conta Appiano, aonde escreve a Cidade Philippos, em cujos campos foy aquella batalha entre Cesar, & Pompeyo tão celebrada entre os Escrittores, & esta entre Octaviano, & Marcio Antonio contra Bruto, Cassio, & outros conjurados. Donde diz Virgilio nas Georgicas liv. 1.

*Ergo inter sese paribus concurrere telis
Romanas acies iterum videre Philippi.*

Trattando da batalha, que houve entre Octaviano, & os que matáraõ a Julio Cesar: Assim que a Cidade de Philippos vio outra vez os exercitos Romanos encontrarle com as mesmas armas, & diz outra vez, pelo que antes tinha succedido entre Cesar, & Pompeyo.

60

Porem depois que a escura noyte eterna,
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe, que o Reyno então governa,
Foy Joanne segundo, & Rey trezeno:
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pôde homem terreno,
Tentou que foy buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

Porém depois que a escura noyte eterna. Por falecimento d'El-Rey Dom Affonso foy levantado por Rey Dom João seu filho herdeyro destes Reynos, segundo deste nome, décimo terceiro de Portugal, tendo de idade de vinte & seis annos. Este deleyto de acrescentar, & ennobrecer o seu Reyno, profeguiu o descobrimento da Conquista de Guiné, que seus antecessores tinhaõ começado, parecendo-lhe que por esta via descobriria as terras do Prelte João, de que tinha fama, & que tanto deleyava conhecer, para ver se por este meyo podia entrar na India, cujo descobrimento pretendia, como aqui diz o Poeta.

Os terminos da roxa aurora. Os terminos do Oriente, como muytas vezes temos declarado.

Que eu vou buscando agora. Isto diz o Poeta, por que o alvo a que elle neste livro tira he trattar das coutas da India.

61

Manda seis companheyros, que passarão
Espanha, França, Italia celebrada,
E la no illustre porto se embarcarão,
Onde já foy Partenope enterrada:
Napoles, onde os fados se mostrarão,
Fazendo a varia gente sobjugada,

R 2

PARA

*Para a illustrar no fim de tantos annos,
Cosenhorio de inelytos Hispanos.*

Manda seus mensageyros, que passárao. Este descubrimento de que atrás fallámos, continuou por mandado d'El-Rey Dom Joáo hum Bertholameu Dias, que fora Almoxarite dos Almazens de Lisboa, o qual descobrio aquelle grande, & espantoso cabo dos Antigos não conhecido, a que agora chamamos de boa Esperança, & passou avante cento & quarenta leguas, até o rio do Infante, aonde sem outra nova, nem conhecimento se tornou para Portugal. Depois de ter El-Rey mandado este Bertholameu Dias por mar, mandou por terra hum Religioso por nome Frey Antonio de Lisboa, com hum leygo em sua companhia, os quaes não passárao de Hierusalem. Depois destes mandou dous criados seus Affonso de Payva, & Pedro de Covilhã, com os quaes tinha cõfiança: o que entende nestas palavras: *Manda seus mensageyros.* Os quaes despachou em Santarem a sette de Mayo do anno de 1487. Estando presente El-Rey Dom Manoel, que naquella tempo era Duque de Beja. Embarcarão-se dia de S. Joáo Baptista do dito anno na Cidade de Napoles, chamada antiguamente Parthenope, como fica declarado no terceyro canto, oytava 19.

Fazendo a varias gentes sojugada. Isto diz, porque depois de Napoles conhecer muytos Senhores, & ser mandada de muytos, veyo no fim a ser de Helpanhoes, como trattámos no lugar allegado.

62

*Pelo mar alto Siculo navegão,
Vãose às prayas de Rhodes arenosas,
E dalli às ribeyras altas chegão,
Que co a morte de Magno são famosas:
Vão a Memphis, & às terras, que se regão
Das enchentes Niloticas undosas,
Sobem a Ethiopia sobre Egypto,
Que de Christo lâ guarda o santorito.*

Pelo mar alto Siculo navegão. Mar Siculo, mar de Sicilia, chamado assim de Siculo Senhor della.

Vãose às prayas de Rhodes arenosas. Rhodes he huma ilha do mar Carpathio, que terá cento & trinta milhas de circuito, como diz Plinio. Foy assento dos Cavalleyros de S. Joáo. Hoje he possuhida dos Turcos, porque Solymão Graó Turco a tomou no anno de mil quinhentos vinte & tres, no mez de Dezembro, havendo seis mezes que a tinha cercada. Pelo que o Collegio dos Cavalleyros de S. Joáo reside hoje em Malta, que o Emperador Carlos quinto lhe deu.

E dalli às ribeyras altas chegão, que co a morte de Magno são famosas. Estas são as Ribeyras de Alexandria, em cuja praya foy morto Pompeyo, como trattámos no canto 3. oytava 71. pelo

que diz se engrandecem com a morte de Pompeyo Magno.

Vão a Memphis. Memphis he hoje o Cayro. Alguns querem que Memphis estivesse da outra banda do rio defronte do lugar aonde agora he o Cayro, & que della não haja mais que o nome. O nosso Camões quer que seja Memphis o Cayro por ser opinião com muyto fundamento.

E as terras que se regão das enchentes Niloticas undosas. As terras de Egypto, que se regão com o crescimento do rio Nilo. Veja-se o q' elleveremos no canto decimo.

Sobem a Ethiopia sobre Egypto. Esta he a terra dos Abexims, fugeytos ao Preite Joáo, & Ch ristãos, como aqui diz o Poeta.

63

*Passão tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem nao passou,
Ficãolhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael com o nome ornou:
As costas odoriferas Sabteas,
Que a mãy do bello Adonis tanto honrou,
Cercao com toda Arabia descuberta
Feliz, deyxando a Petrea, & a Deserta.*

Passão tambem as Ondas Erythreas. Ondas Erythreas são as aguas do mar roxo, o qual se chama Erythreo do nome de hum Rey, que governou aquellas partes. Da cor deste mar, & a razaõ porque as aguas parecem vermelhas, trattey no canto segundo, oytava 49. Por este mar roxo passou o povo de Israel a pẽ enxuto fugindo de Pharaó, o qual com toda sua gente se afogou, como se conta no Exodo. Sobre esta passagem dos filhos de Israel se veja a nossa annotaçãõ no canto decimo.

Odoriferas. Cheyrofas. O que o Poeta quer mostrar he, que estes dous Portuguezes chegarão a hum lugar chamado Toro; que está perto do monte Synai, no qual está sepultado o Corpo da Bemaventurada Santa Catherina, & que lhe ficava atrás a costa de Arabia Petrea: a que elle chama serras Nabatheas, como dissemos no primeyro canto oytava 84.

Que a mãy do bello Adonis tanto honrou. A mãy do bello Adonis foy Myrrha, a qual como conta Ovidio nas Metamorphoses foy convertida em arvore do teu nome, & por aqui haver muyta, & muyto encenso, chama a esta terra odorifera.

64

*Então no Estreyto Persico onde dura,
Da confusa Babel, inda a memoria:
Alli co Tigre o Eufartes se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria:
Dalli vão em demanda da agoa pura,
Que causa ainda serã de larga historia,*

*Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveo passar Trajano.*

Entrão no estreito Persica onde dura da confusa Babel inda a memoria. Os Geographos chamaõ estreyto da Persia, ao que Plutarcho na vida de Licurgo chama mar de Babylonia, que he a razaõ porque o Poeta diz que dura ainda a memoria, da confusa Babel: porque se chama mar de Babylonia. He huma enteada entre Persia, & Arabia. Chamaõlhe os Latinos *Sinus Persicus fretum Persicum*, enteada da Persia, estreyto Persico: por ser aquella terra, que cae da banda de Arabia. Pelas taboas vemos que se chama hoje Eliatiph, & Meledim. Os nossos lhe chamaõ estreyto de Bacorã.

Alli co Tygre o Eufates se mistura, que as fontes onde nace[m] tem por gloria. Estes dous rios Tygris, & Eufates saem do Parayso Terreal, como consta do Genesis, & o Poeta mostra, dizendo: que a fonte donde nace[m] tem por gloria, que se jactaõ, & presaõ do lugar donde procedem, que he o Parayso terreal: os quaes andando por diferentes partes se vem ajuntar neste estreyro de Boçarã; como diz aqui o Poeta.

D'alli vaõ em demanda da agua pura, que causa ainda serã de larga historia. Deste estreyto diz o Poeta, que foraõ buscar a agua pura do rio Indo, que atravessa a India, o qual diz serã causa da larga Historia, pelo descobrimento, & conquista dos Portuguezes naquellas partes. A verdade he, que estes dous homens foraõ ao Cayro, & dahi a Toro em companhia de Mouros de Tremessem, & Fez, que passaraõ a Adem, & daqui por ser tempo de navegação se apartaraõ. Affonso de Payva teguiu a via de Ethiopia, & Pedro de Covilhã da India, dos quaes nenhum tornou a esta terra: porque Affonso de Payva morreu no Cayro, & Pedro de Covilhã na Corte do Preste.

Onde se não atreveo passar Trajano. Este Emperador sugeyto todas as Cidades que estaõ a quem, & alem dos rios Tygris, & Eufates, & daqui navegando pelo mar Persico sahio ao Oceano conquistando até a India, mas não entrou nella, como escrevemos no canto 1. oytava 3.

65

*Viraõ gentes incognitas, & estranhas,
Da India, de Carmania, & Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada Região produz, & cria:
Mas de vias taõ asperas, tamanhas,
Tornarse facilmente não podia,
Lã morrerãõ em fim, & lã ficãrãõ
Que a desejada patria não tornãrãõ.*

Viraõ gentes incognitas. Conta aqui o Poeta, como estes dous Portuguezes mandados por El-Rey

Dom Joaõ buscar as terras do Preste, & da India, depois que viraõ muytas terras, & nellas grandes variedades, & differenças de gentes, & coitumes, acabaraõ seus dias sem tornar a Portugal.

Da India, de Carmania, & Gedrosia. Por India entendem os Geographos propriamente a terra que jaz entre os dous illustres, & celebrados rios Indo, & Ganges. Ha nesta regiaõ muytas variedades de gentes, repartidas em diferentes Reynos, & Estados, os quaes ainda que sejaõ todos, ou Idolatras Gentios, ou Mouros da leyta de Matameie, tem entre si tanta variedade de ritos, & coitumes, que teria largo contalos. Carmania, & Gedrosia sãõ partes da India, hoje se chamãõ Narvinga, & Cambaya.

66

*Parece, que guardava o clero Ceo
A Manoel, & seus merecimentos,
Esta empresa tam ardua, que o moveo,
A subidos, & illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No Reyno, & nos altivos pensamentos:
Logo como tomou do Reyno o cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.*

Parece que guardava o clero Ceo. Fallecido El-Rey Dom Joaõ sem herdeyro, succedeo no Reyno Dom Danoel Duque de Beja seu primo com irmaõ, ao qual por direyto pertencia, & assim o deyxava declarado em seu testamento. Foy levantado por Rey em Alcacere do sal, a vinte & sete de Outubro do anno de 1495. sendo de vinte & seis annos, quatro mezes, & seis dias. E porque com estes Reynos herdava tambem o profegimento de tão alta empresa, como seus antecessores tinhaõ começado, que era o descobrimento, & Conquista da India, que El-Rey Dom Joaõ em seu tempo tanto desejou, nunca cuydava, nem praticava em outra coisa, como o Poeta diz na oytava leguinte, consultãdo muytas vezes com os Principes de seu Reyno, dos quaes muytos eraõ de contrario parecer. Mas como elle o desejava muyto, & entendia ser obrigação sua, determinou pola em execuçaõ. Para o qual mandou Vasco da Gama por Capitão mór de huma armada de quatro velas o qual partio de Lisboa hum Sabado oytto de Julho do anno de mil quatrocentos noventa & sete.

67

*Qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficãra
De seus antepassados, cujo intentõ
Foy sempre acrescentar a terra cara,
Não deyxasse de ser hum só momento
Conquistado, no tempo, que a luz clara*

Foge

*Foge, & as estrellas nitidas, que saem,
A repouso convidão, quando caem.*

No tempo que a luz clara foge. Finge o Poeta que estando El-Rey Dom Manoel em sua cama dormindo, lhe apparecêrao entre sonhos aquelles dous tão celebres, & nomeados rios Ganges, & Indu, avifandolhe mandasse logo pôr em ordem o descobrimento da India, da qual sem falta teria Senhor, ainda que sua Conquista custaria muyto.

E as Estrellas nitidas que saem a repouso convidão, quando caem. Por estas palavras dá a entender, q' era alta noyte a imitação de Virgilio na Eneida liv. 11.

*Et jam nox humida Cælo
Præcipiat, suadentique cadentia sidera somnos.*

Quando Eneas, por dar gosto a Raynha Dido, ainda que contra o seu, determinou contarlhe, já alta noyte, a destruição de Troya, & já a humida noyte, diz Eneas, cae do Ceo, & as Estrellas que caem obrigaõ a dormir, & ha se de entender, que era contra a madrugada, porque então o ar he mais húmido, & as Estrellas parecem que se poem, não se pondo, nem caindo, mas chegando mais com seu curso para a parte do Poente. Mas o mais certo he, ser isto no principio da noyte: como o Poeta o diz claramente.

68

*E Stando já deytado no aurco leyto,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo continuo no conceyto,
De seu officio, & sangue a obrigaçõ:
Os olhos lhe occupou o sono aceyto,
Sem lhe desocupar o coração,
Porque tanto que lasso se adormesse,
Morfeo em varias formas lhe apparece.*

Morpheo em varias fôrmas lhe apparece. Morpheo, dizem os Poetas que he filho do sono, chamado assim de morphi palavra Grega, que quer dizer figura, pelas muytas que faz aparecer aos que dormem, como diz Ovidio nas Metamorphotes liv. 11.

69

*A Qui se lhe apresenta, que subia
Tão alto, que tocava a prima Esfera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muyta gente estranha & fira:
E lá bem junto donde nasce o dia,
Depois que os olhos longos estendera,
Vio d'antigos, longinquos, & altos montes
Nascerem duas claras, & altas fontes.*

Aqui se lhe apresenta que subia. Parcialhe que chegava á primeyra ciphera, que he o primeyro

Ceo, aonde está a lua, & que daqui descubria grandes mundos, & varias Nações de gentes, & que noradas estas cousas vio nas partes do Oriente duas fontes muyto claras, em huns muyto grandes, & desviados montes, donde nascião dous rios muyto grandes, Indo, & Ganges: os quaes ainda que arrebetem sobre a terra apartado hum do outro nos montes, a que Ptolomeo chama Imao, & os Habitadores delles Dalanquer, & Nangracot, são estes montes tão pegados hum com outro, que quasi querem esconder as fontes destes dous rios, & legundo dizem os Gentios comarcãos, parece que ambos naceem de hum mesmo lugar.

70

*A Ves agrestes, feras alimarias,
Pelo monte selvatico habitavaõ
Mil arvores sylvestres, &ervas varias,
O passo, & o trato às gentes atalhavaõ:
Estas duras montanhas adversarias,
De mais conversaçã por si mostravaõ,
Que desque Adão peccou aos nossos annos,
Nã as rompêrãõ nunca pés humanos.*

Aves agrestes. Descreve o sitio destes montes, & a gente de que são habitados, que são Aves Sylvestres, bestas feras, & grandes matos, que estorvaõ o tratto, & communicaçã dos homens neltas partes, os quaes estão de maneyra que desde que pecou Adam até nossos tempos não se enxerga haver entrado homem nelles.

71

*D As agoas se lhe antolha, que sabião,
Para elle os largos passos inclinãdo
Dous homens, que muy velhos parecião,
De aspeyto, inda que agreste, venerãdo:
Das pontas dos cabellos lhe cabião
Gotas, que o corpo todo vaõ banhando,
A cor da pelle baça, & denegrida,
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.*

Das agoas se lhe antolha que sayã. Prosegue o Poeta seu fingimento, dizendo, que se lhe antolha a El-Rey Dom Manoel, que daquellas duas fontes sayã dous homens velhos, & de aspecto venerando, ainda que parecião homens de campo, que eraõ os dous rios Indo, & Ganges, os quaes pinta aqui o Poeta maravilhosamente.

Barba hirsuta. Barba crespa, intonsa, por tosquiar.

72

*D E ambos de dous a fronte coroada,
Ramos não conhecidos, &ervas tinbaõ,
Hum*

*Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha:
E assi a agua com impeto alterada,
Parecia, que de outra parte vinha,
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vay a buscar os abraços de Arethusa.*

Hum delles a presença traz cansada, como quem de mais longe alli caminha. Dá por estas palavras a entender o Poeta que o verdadeyro nascimento do rio Ganges he no Parayso Terreal, como se diz no Genesis cap.2.

*Bem como Alpheo. Andando Arethusa compa-
nheira de Diana pelos montes de Arcadia á caça
cansada do trabalho, & apertada da calma chegou
ao rio Alpheo da mesma Provincia, & lavando-se
nelle assim se affeyçoou a ella, que não podendo
Arethusa soffrer suas importunações, fugio para
Sicilia, a onde foy convertida em fonte de seu no-
me. Mas nem isto lhe valeo, porque Alpheo se me-
teo por debayxo da terra, & foy arrebetar na
Cidade de Syracusa de Cicilia, a onde está a fonte
Arethusa, & assim ambos entrão no mar juntos.
Com esta fabula de Alpheo compara o Poeta o nas-
cimento do Ganges, dando a entender, que ainda
que arrebeta sobre a terra naquella parte, seu nas-
cimento, he em outro mais remoto, & secreto lu-
gar.*

73

*E Ste, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rey de longe brada:
Otu, a cujos Reynos, & Coroa,
Grande parte do mundo está guardada:
Nó outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foy domada,
Te avisamos, que he tempo, que já mandes
A receber de nós tributos grandes.*

74

*E U sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeyro,
Estoutro he o Indo Rey, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeyro:
Custarteemos com tudo dur a guerra,
Mas insistindo tu por derradeyro,
Com não vistas victorias sem receyo,
A quantas gentes vês por ás o freyo.*

*Eu sou o illustre Ganges, que na terra celeste tenho o
berço verdadeyro. Para mais affeyçoar a El-Rey, &
o persuadir a tomar seu conselho lhe diz como seu
primeyro nascimento he no Parayso Terreal, &
que o Indo nacia naquella monte, a onde se ambos
lhe apresentárao.*

Berço verdadeyro. Principio, & origem verda-

*deyra. Termo de fallar muyto usado entre os La-
tinos, os quaes ao principio chamão berço, como
he notorio aos que tem qualquer conhecimento
desta lingua, & fica dito no canto primeyro.*

75

*N Aõ disse mais o rio illustre, & santo,
Mas ambos desaparecem num momento,
Acorda Manoel co' hum novo espanto,
E grande alteração de pensamento:
Estendeo nisto Phebo o claro manto,
Pelo escuro Emisferio somnolento,
Veyo a manhã no Ceo pintando as cores
Da pudibunda rosa, & roxas flores.*

*Estendeo nisto Phebo o claro manto. Descrevenos
aqui a manhã elegantissimamente. Phebo he o
Sol, manto do Sol são os seus rayos, com que dá
luz ás terras.*

*Escuro Hemispherio somnolento. He a noyte. Pe-
los quaes termos mostra que appareço o Sol to-
bre o hemispherio, que pouco antes estivera oc-
cupado com a noyte may do somno.*

*Pudibunda rosa. Rosa vermelha. E roxas flores.
Isto diz porque a manhã tem aquella cor rolada,
& roxa, como cada dia vemos, antes de sahir o
Sol na parte a onde elle começa a nalcer.*

76

*C Hama o Rey os senhores a conselho
E propoemlhe as figuras da visão
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos forão grande admiração:
Determinão o nautico aparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente, que mandar, cortando os mares,
A buscar novos climas, novos ares.*

*Determinão o nautico aparelho. Aparelho nautico,
são as coufas necessarias para aparelhar as naos.*

*A buscar novos climas novos ares. Veja-se a nossa
annotação no canto primeyro, oytava 29.*

77

*E U que bem mal cuidava, que em effeyto
Se puzesse, o que o peyto me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geyto,
Presago o coração me prometia:
Nãõ sey porque razão, porque respeito,
Ou por que bom sinal, que em mi se via,
Me poem o inclito Rey nas mãos a chave,
Deste cometimento grande, & grave.*

*Eu que bem mal cuidava. São palavras de Vasco
da*

da Gama, no qual tratta como El-Rey o chamou para este descobrimento do Oriente, & o fez Capitão mór desta empresa.

Presago coração, que nunca mente. Coração presago, quer dizer, coração sabio, que adivinha. Veja-se a nossa annotação no canto primeyro, oitava 83.

78

E Com rogo, & palavras amorosas,
Que he hū mando nos Reys q' mais obriga,
Me disse As cousas arduas, & lustrosas,
Se alcanção com trabalho, & com fadiga:
Faz as pessoas altas, & famosas,
A vida, que se perde, & que periga,
Que quando ao medo infame não se rende
Então, se menos dura, mais se estende.

Elegantísimos versos. Donde disse o Jurisconsulto *Preces Regum leges sunt.*

79

E Vós tenho entre todos escolhido
Para huma empresa, qual à vós se deve,
Trabalho illustre, duro, & esclarecido,
O que eu sey, que por mi vós serà leve:
Não sofri mais, mas logo, o Rey subido,
Aventurarme a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

I Maginay tam grandes a venturas,
Quaes Euristeo a Alcides inventava,
O Leão Cleoneo, Harpias duras,
O porco de Erymantho, a Ydra brava
Decer em fim as sombras vans, & escuras,
Onde os campos de Dyte a Estige lava,
Porque a mayor perigo, a mór afronta,
Por vós o Rey, o espirito, & carne he pronta.

Quaes Euristheo a Alcides inventava. Foy Euristheo hum tyranno de Mycenae, o qual por ordem de Juno perseguiu a Hercules, & lhe inventava em presas arriscadas, para que desta maneyra acabasse mais de preffa: por entender ser esta a vótade de Juno. O Poeta conta aqui algumas: o Leão Cleoneo, as Harpias, o porco de Erymantho, a serpente Hydra, & a sua ida ao inferno. O Leão matou Hercules na defesa Nemea entre Argos, & Corintho, junto a huma aldeia chamada Cleone, pelo que o Poeta lhe chama aqui Cleoneo. Harpias erao aves de rapina com rostos de molheres, das quaes Virgilio tratta na Eneida liv. 3. filhas de Neptuno, & da terra. Pelo que affini no mar, como

na terra fazião grandes males. Erymantho he hum monte em Arcadia, aonde Hercules matou hum porco, que destruhia toda aquella terra, & o levou às coltas a Euristheo. Hydra era huma serpente, na lagoa Lernea de muytas cabeças, das quaes lhe cortavão alguma, lhe naciao dobradas. A ida de Hercules ao inferno foy por amor de Theseo seu amigo, que o tinha Plutao preso.

81

C Om merces sumptuosas me agradece,
E com razão me louva esta vontade,
Que a virtude louvada vive, & crece,
E o louvor a altos casos persuade:
A acompanhar me logo se offerece,
Obrigado de amor, & de amizade,
Não menos cobiçoso de honra, & fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama.

Que a virtude louvada vive, & crece. Nenhuma cousa faz mais crescer as boas artes que haver quem as favoreça, aonde disse Ovidio:

*Excitat auditor suum, laudat aque virtus
Crescit, & immensum gloria calcar habet.*

Os ouvintes despertão os mestres, & a virtude louvada crece. E juvenal,

*Quis enim virtutem amplectitur ipsam
Præmia si tollas.*

Não ha quem sigua a virtude se faltão premios

82

M ais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos muy grande soffedor,
Ambos são de valia, & de conselho,
De experiencia em armas, & furor:
Fã de manceba gente me aparelho,
Em quem crece o desejo de valor,
Todos de grande esforço, & assi parece,
Quem a tamanhas cousas se offerece.

83

F Orão de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados,
Para quantos trabalhos succedessem:
Assi forão os Mynias a juntados,
Para que o veio dourado combatessem
Na fatidica nao, que ousou primeyra
Tentar o mar Euxino aventureyra.

Assi forão os Mynias. Mynias povos de Thessalia, que forão a Colchos à conquista do vello de ouro. E porque forão em huma nao chamada Argos, a qual se diz que foy a primeyra, que no mundo houve: daqui se chamarão Argonautas marinheyros da nao Argos, & por esta nao se feyta por industria, & ordẽm de Pallas, & a madeyra que se fez cortada na defesa Nodonea, aonde se davão os Oráculos, daqui se chamou a nao fatidica, que quer dizer dadora de Fados, & Oráculos. Aonde os Poetas acrecentaõ, que a mesma nao fallava: *ipsaque vocem perdidit Argo.* Diz Seneca, a mesma nao perdeu a falla. E Claudiano: *Tabulas animasse loquaces*, fallando no trabalho, & diligencia, que Pallas poz no feytio daquella nao, diz que as taboas fallavaõ.

Tentar o mar Euxino. Mar Euxino, he o que os Italianos hoje chamão, Mar maggiore, aonde está a grande Cidade de Constantinopla, cabeça que foy antigamente do Imperio Romano, & hoje de Turcos, pela qual razaõ este mar se chama mar de Constantinopla.

84

E Jã no porto da inclita Ulyssæa,
Co' hum alvoroço nobre, & cum desejo
(Onde o licor mistura a branca areia,
Co salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estão, & não recea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, & a de Marte
Estão para seguirme a toda parte.

No porto da inclita Ulyssæa. Ulyssæa he Lisboa. Veja-se a nossa annotação no canto terceyro oitava 57.

Co' o salgado Neptuno o doce Tejo. Isto diz, porque o rio Tejo passa por longo de Lisboa, & quatro leguas da Cidade em hum lugar chamado Cascais, entra no mar Oceano. *Gente maritima.* He gente do mar. *Gente de marte.* São os soldados, porque a Marte faziaõ os Antigos Deos da guerra.

85

P Elas prayas vestidos os soldados,
De varias cores vem, & varias artes,
Enão menos de esforço aparelhados,
Para buscar do mundo novas partes:
Nas fortes naos os ventos soffegados,
Ondeão os aerios estendartes,
Ellas prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olimpo estrellas, como a d' Argos.

Aerios estendartes. Epitheto excellente chamar aos estendartes aerios de aer, que he o ar: por esta rem sempre em lugar alto, aonde o ar os mova.

De ser no Olympo estrellas como a de Argos. A nao

Argos, de que atrás fallámos, em que os Argonautas forão áquella aventura tão nomeada do vello de ouro, foy posta no Ceo coroada de estrellas: porque foy a primeyra do mundo, que fez aquella viagem tão celebrada. Diz aqui o Poeta que as nossas naos Portuguezas, vendo-se no mar, & não se tendo em menos reputação, que a nao Argos, estão dando a entender de si, que haõ de levar o mesmo premio, que Argos levou.

68

D E pois de aparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede, & manda,
Aparelhamos a alma para a morte,
Que sempre aos Nautas ante os olhos anda:
Para o sumo poder, que a Etereia corte,
Sustenta só co a vista veneranda,
Imploramos favor, que nos guiasse,
E que a nossos começos aspirasse.

Que sempre aos nautas ante os olhos anda. Assim disse Virgilio liv. 1. em huma tormenta, que passou Eneas no mar: *Præsentemque viris intentant omnia mortem.* Todas as coulas fazem aos navegates prezete a morte. *Nautas* são marinheyros. *Corte etherea.* Corte Celestial, de ether, que he o Ceo.

87

P Artimonos assi do santo templo,
Que nas prayas do mar está sentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Onde Deos foy em carne ao mundo dado:
Certificote, ó Rey, que se contemplo,
Como fuy destas prayas apartado
Cheyo dentro de duvida, & receyo,
Que a penus nos meus olhos ponho o freyo.

Que o nome tem da terra para exemplo, donde Deos foy em carne ao mundo dado. Mostra que sahiraõ de Belem Mosteyro do Bemaventurado S. Hieronymo, que está na praya donde as armadas partem para differentes partes. Chamou-se assim aquelle Templo à imitação daquella excellentissima Cidade de Belem, aonde Christo nosso Senhor nasceu para remedio do genero humano. Este Templo de Belem, que hoje he hum dos sumptuosos, & principaes do mundo, de Religiosos do Bemaventurado S. Hieronymo, & que os Reys de Portugal escolheraõ para suas sepulturas, foy antigamente huma muy pequena Hermida, que o Infante Dom Henrique filho d'El-Rey Dom João o primeyro mandou fazer no principio destes descobrimentos, & navegações, no qual estava alguns freyres do Convento de Thomar para administrarem os Sacramentos aos mercantes.

88
A Gente da Cidade aquelle dia
 (Huns por amigos, & outros por parêtes,
 Outros por ver semente) concorria,
 Saudosos na vista, & descontentes:
 E nós to a virtuosa companhia
 De mil Religiosos diligentes,
 Em procissão solemne a Deos orando,
 Para os bateis viemos caminhando.

De mil Religiosos diligentes. Estes Religiosos eraõ Freyres da Ordem de Christo, que estavão naquella hermda, de que atrás fallámos. E dizer aqui mil não he porque fossem tantos, mas he hum encarecimento de que os Poetas usão muitas vezes, pondõ as cõulas certas pelas incertas, & pelo contrario: ou da parte pelo todo, ou do todo pela parte,

89

E M tão longo caminho, & duvidoso,
 Por perdidos as gentes nos julgavão,
 As mulheres com choro piedoso,
 Os homens com suspiros, que arrancavão:
 Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
 Amor mais desconfia, acrescentavão
 A desesperação, & frio medo
 De já nos não tornar a ver tão cedo.

Que o temeroso amor mais desconfia. Onde há amor allí reyna o medo, porque os que amaõ sempre andaõ temerosos, & sobrelatrados sobre os que amaõ. Daqui disse Ovidio definindo o amor: *Res est solliciti plena timori amor*: O amor he humacouta cheya de temõr sollicito. E por esta razão derivão alguns o amor de amaror, que he amargura, porque nunca falta aos que o seguem.

90

Q Val vay dizendo, ó filho, a que eu tinha
 Sô para refrigerio, & doce amparo,
 Desta cançada já velhice minha,
 Que em choro acabará penoso, & amaro:
 Porque me deyxas misera, & mesquinha?
 Porque de mim te vãs, ó filho caro
 A fazer o funereo enterramento,
 Onde sejas de peyxes mantimento?

A fazer o funereo enterramento. A morrer, de funus, que he a morte.

91

Q Val em cabelo, ó doce, & amado esposo,
 Sem que não quiz amor, q' viver possa,

Porque his aventurarão ao mar iroso
 Essa vida, que he minha, & não he vossa?
 Como per hum caminho duvidoso,
 Vos esquece a affeyção tão doce nossa,
 Nosso amor, nosso vaõ contentamento,
 Quereis, que com as vellas, leve o vento?

Ao mar iroso. Assim lhe chamou Horacio: *Aurorret iratum mare*. Ou teme o mar iroso.

92

N Estas, & outras palavras, que dizião,
 De amor, & de piedosa humanidade,
 Os velhos, & os mininos os, seguião,
 Em quem menos esforço poem a idade
 Os montes de mais perto respondião,
 Quasi movidos de alta piedade,
 A branca area as lagrimas banhavão,
 Que em multidão com ellas se igualava.

Em quem menos esforço poem a idade. Allude o Poeta aqui em ajuntar os velhos com os mininos a hum proverbio astas sabido: *senex repuerascit*. O velho torna a ser moço, porque todos pela mayor parte no sito, condição foras, & cuydados taõ meninos.

93

N O's outros sem a vista levantarmos,
 Nem a mãy, nem a esposa, neste estado,
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos,
 Do proposito firme começado:
 Determiney de ahi nos embarcarmos,
 Sem o despedimento costumado,
 Que posto que he de amor usança boa,
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

Que posto que he de amor usança boa. Bem pôde ser costume bom, & não ser costume avilado. Como tambem he de homem de boa condição, & natureza fazer de tudo virtude, & he de homem avilado interpretar algumas cousas mal, & cuydar que o pôdem ser. E assim o nosso Camões mostra aqui a obrigação, que temos os homens a ser homens de espirito, & delapegados do parente, & amigo, & não estarmos tão grudados, & aferrados a elles que nos custe muyto caro deyxallos.

94

M as hum velho de aspeyto venerando,
 Que ficava nas prayas, entre a gente,
 Postos em nós os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, desconte:
 A voz pezada hum pouco levantando,
 Que uos no mar ouvimos claramente,

Cõ hum

Cõ hum saber sô de experiencias feyto,
Taes palavras tirou do experto peyto.

95

O Gloria de mandar, ó vã cobiça.
Desta vaidade, a quẽ chamamos fama,
O fraudulento gosto, que se atija
Cõ huma aura popular, que honra se chama:
Que castigo tamanho, & que justiça
Fazes no peyto vão, que muyto te ama?
Que mortes? que perigos? que tormentas?
Que crueldades nelles experimentas?

O gloria de mandar. Finge aqui o Poeta como hum velho honrado, & de authoridade, vendo os nobres apoltados a huma empresa de tanto perigo, & auvida, soltou algumas palavras, que o Poeta vay recontando. A verdade he, que a gente da armada, que teriaõ ate cento & setenta peiloas sahiraõ da Hermita de Nossa Senhora de Belem, acompanhados dos Freyres, que alli estavão, & muyta gente da Cidade, aõs quaes, como chegaraõ perto do mar, absolueo o Vigario, poitos elles de joelhos, de todos os peccados por huma Bulla, que para este effeyto o Infante Dom Henrique houvera de Roma, para os que morressem neste descobrimento. Neste acto houve muytas lagrimas de huma, & de outra parte.

Gosto fraudulento. Gosto enganoso. *Aura popular.* Graça, & favor do povo.

96

D Ura inquietação da alma, & da vida;
Fonte de desemparos, & adulterios;
Sagaz consumidora conhecida,
De fazendas, de Reynos, & de Imperios,
Chamaõte illustre, chamaõte subida,
Sendo digna de infames vituperios,
Chamaõte fama, & gloria soberana;
Nomes com quem se o povo nescio engana.

97

A Que novos desastres determinas
De levar estes Reynos, & esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaxo de algum nome preeminente?
Que promessas de Reynos, & de minas
D'ouro, que lhe faràs tão facilmente?
Que Famas lhe prometes, que historias?
Que triunfos, que palmas, que vittorias?

98

M As òtu, geraçãõ da quelle insano,
Cujos peccados, & de sobediencia,
Nãõ sòmento do Reyno soberano,
Te poz neste desterro, & triste ausencia:
Mas inda d'outro estado mais que humano,
Da quieta, & da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, & d'armas te dextou.

Mas, òtu geração daquelle insano. Nesta oytava converte o velho sua pratica contra os homens, cujos appetites desenfreados saõ causa de tantos males, & trabalhos, quãtos ha na vida. E basta, como diz o Poeta, trazermos a origem daquelle desobediente Adam nosso primeyro pay, o qual sendo criado de Deos Nosso Senhorem tanto gosto, & posto por elle, com tanto mimo, & regalo, em hum lugar chamado Parayso, por tua excellencia, por ter o mais fresco, & apravel lugar do mundo, foy taõ mal entendido, que desobedeceo a seu Criador, & Senhor, pelo que foy lançado do Parayto elle, & sua mulher, & ficou sujeyto a mil trabalhos, & enfadamento, como se pôde ver no Genesis.

Idade d'ouro. Fazem os Poetas quatro idades, às quaes daõ differentes nomes, tomados dos metaes da terra, como ouro, prata, cobre, ferro. A idade de ouro attribuem todas as cousas de ouro, bondade na gente, fertilidade na terra, quietação, & paz no mundo, & hum veraõ perpetuo, & continuo, sem os homẽs saberem de outro tempo. Na de prata começaraõ os homens a ter frio, & calma, & a sentir outras cousas, que na idade de ouro não conheciaõ: porque já neste houve Veraõ, Inverno, Estio, & Outono. E para se defender da adversidade do tempo, começaraõ os homens a edificar casas, & fizeraõ outras cousas, que na idade de ouro te escusavaõ. Na terceyra, que foy de cobre, era a gente mais perversa que na de prata, mas não era de todo má. Na quarta, a que poem nome de ferro, entrou toda a maldade, & escoria do mundo, porque não houve vergonha, fé, nem verdade, mas tudo enganos, trayções, forças, & desejos de possuhir. Estas idades descreve Ovidio nas Metamorphotes liv. 1. O que o Poeta aqui diz, he que não sómente os homens pelo peccado do primeyro pay Adam foraõ privados de tanto bem quanto Deos lhe tinha aparelhado, se elle não peccara, mas que os privou da idade de ouro, na qual ainda havia algum bem, & os poz na de ferro aonde tudo taõ enganoso, & malicias, que he esta em que agora estamos.

99

I A que nesta gostosa vaidade
Tanto enlezas a leve fantasia,

S_A

14

*Já que à bruta crueza, & feridade
Puseste nome, esforço, & valentia,
Já que presas em tanta quantidade
O desprejo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeo tanto perdela, quem a dá.*

Gostosa vaidade. He a honra, & fama. Chamalhe gottosa vaidade, por ser cousa de que tão pouco proveyto vem a os homens, nem lhe serve de mais, que de os levar, & fazer commetter quaetquer cousas, por arduas, & difficultosas que sejaõ, com muyto gosto, & alegria.

Pois que já temeo tanto perdela, quem a dá. Isto diz, porque Chriito Nosso Senhor estando na agonia da morte para nos mostrar como era verdadeyramente homem, & que o seu corpo era de carne, temeo a morte, como he natural a todo o homem remella. E assim disse naquella hora do seu transito, pedindo ao Padre Eterno que o livrasse daquelle trabalho: *Pater si possibile est transeat à me calix iste.* Padre meu se he possível passe demim este calix da morte.

100

*N*ão tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre teràs guerras sobejas,
Nã segue elle do Arabio a ley maldita,
Se tu pela de Christo jò pelejas?
Nã tem Cidades mil, terra infinita,
Se terras, & riqueza mais desejas?
Nã he elle por armas esforçado,
Se queres por vittorias ser louvado?

Não tens junto contigo o Esmaelita. Chama aos Mouros Ismaelitas, do nome de Ismael filho de Abram, & Agar, que foy rey naquellas partes, como fica dito no canto 1.oytava 8.

Nã segue elle do Arabio a ley maldita. Esta do Arabio he a seyta maldita de Mafoma, o qual dizem os Escripttores, que foy filho de hum homem Arabio de nação. Veja-se a nossa annotação no canto 1.oytava 8.

101

*D*eyxas criar às portas o inimigo,
Por irs buscar outro de tam longe,
Por quem se despovoe o Reyno antigo,
Se enfraqueça, & se vá deytando a longe?
Buscas o incerto, & incognito perigo,
Porque a Fama te exalte, & te lisonge,
Chamandote senhor com larga copia,
Da India, Persia, Arabia, & da Ethiopia?

102

O Maldito o primeyro, que no mundo,
Nas ondas vella poz em seco lenho,
Digno da eterna pena do profundo,
Se he justo à justa ley, que sigo, & tenho:
Nunca juizo algum alto, & profundo,
Nem cythara sonora, ou vivo engenho,
Te de por isso Fama, nem memoria,
Mas contigo se acabe o nome, & gloria.

103

*T*rouxe o filho de Japeto do Ceo
O fogo, que ajuntou ao peyto humano,
Fogo, que o mundo em armas acendeo,
Em mortes, em deshonras, grande engano:
Quanto melhor nos fora, Prometeo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera?

Trouxe o filho de Japeto do Ceo. Filho de Japeto he Prometheo. Este contaõ os Poetas, que fazia homens de barro, com tanto engenho, que quem os via, os tinha por homens vivos. Entre outros que virão esta obra de Prometheo foy huma vez a caso Minerva, a qual maravilhada da obra, lhe deu ajuda para sobir ao Ceo, donde Prometheo trouxe fogo, que tirou dos carros do Sol, com o qual deu vida aos homens, que fazia de barro. Enojado Jupiter do atrevimento de Prometheo, o mandou amarrar no monte Caucaço com huma aguia junto com elle que lhe effivesse de continuo comendo as entranhas. E para melhor castigar o atrevimento de Prometheo, fez que nas terras houvesse doenças, & trabalhos, que antes não havia. Esta fabula contaõ assim Ovidio, & outros muytos Poetas. Hesiodo na sua obra intitulada *Opera, & dies*, diz que Prometheo descobrio aos homens o ulo do fogo, que Jupiter tinha escondido; pelo que Jupiter enojado fez que os homens dalli em diante vivessem com trabalhos, & aquelle modo de viver que tinhaõ facilmente, & quieto, se convertessem em inquietações, & enfadamentos. Outros contaõ de outra maneyra, mayormente os Gregos. A verdade do caso he que Prometheo foy hum homem muyto prudente, & dado ao estudo da Astrologia, & grande amigo de honra, & fama, ao que chama aqui o Poeta: fogo de altos desejos, que ensinava. A qual doutrina, diz o Poeta, fez mal aos homens, porque daqui lhe ficou a curiosidade, & cobiça de serem conhecidos, & honrados, que he a febre, que diz Horacio, que Jupiter mandou ao mundo, pela descortesia de Prometheo.

Nã

Não comettêra o moço miserando
 O carro alto do pay, nem o ar vazio,
 O grande Architeetor co' o filho, dando
 Hum nome ao mar, & outro fama ao rio:
 Nenhum cometimento alto, & nefando,
 Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,
 Deyxa intentado a humana gèraçãõ,
 Misera sorte, e estranha condiçãõ,

Não cometera. Mostra aqui o Poeta os trabalhos, & perigos a que se poem os homens por alcançar honra, & fama. E por exemplo trás Phaeton, Dedalo, & Icaro. De Phaeton se veja o canto primeyro, oytava 46.

O grande architector. Dedalo que foy hum dos mayores que houve no mundo : donde as obras

de engenho de qualquer calidade que sefão chamão os Latinos, *Dadala opera*, obras de Dedalo, & assim os Gregos. Este foy Atheniente de nação, & por certo crime que cometeo foy degradado. Foy ter a creta, aonde foy preso por Minos Rey da terra, porque em sua aulencia deu ajuda a Pasiphe sua mulher, em huma cousa contra tua honra. Na cadea contão os Poetas que fez humas afas de cera com pennas, com que fugio elle, & hum teu filho por nome Icaro. Este como era moço quiz florear com as afas pelo ar, pelo que cahio no mar, aonde acabou, & o mar ficou com o teu nome. Dedalo toy dar a Sicilia, aonde morreo por ordem de Crocalo Rey da terra. Diz que hum deu nome ao mar, & outro fama ao rio; porque do nome de Icaro filho de Dedalo te chamou o mar Icaro, & com a queda de Phaeton que cahio no rio Eridano, que vulgarmente te chama o rio Pó, lhe ficou fama deste cato.



OS LUSIADAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Relata o Gama illustre ao Rey potente
Sua viagem longa, & incerta via,
As estranhas nações de Africa ardente,
E de Fernão Velloso a ousadia:
Como Adamastor vio, gigante ingente,
Que hum dos filhos da Terra se dizia,
E as cousas, que passou até seu porto,
Onde repouso achou, & saõ conforto.

CANTO QUINTO.

Neste Canto se poem o tempo em que os Portuguezes sahiraõ do porto de Lisboa, & o que lhe aconteceu até chegarem à India.

I

E Stas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno, & sosssegado
Vento, & do porto amado nos partimos:
E como he já no mar costume usado
A vella desfraldando o Ceo ferimos,
Dizendo, boa viagem, logo o vento,
Nos troncos fez o usado movimento.

O velho honrado. De que se tratta no fim do canto quarto, que reprehendeo a navegação dos Portuguezes a tão remotas partes.

Nos troncos fez o usado movimento. Como tenho advertido muytas vezes costumão os Poetas por a

materia de que se fazem as cousas pelas mesmas cousas, como aqui troncos pelas Naos, & em outra parte lhe chamã lenhos, traves, & outros nomes desta maneyra.

2

E Etava neste tempo eterno lume
No animal Nemeo truculento,
E o mundo, que co tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, & lento;
Nella vê como tinha por costume
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa, & sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

Entrava neste tempo o eterno lume. Nesta oitava trata

tratta do tempo em que a armada partio do porto de Lisboa.

Eterno lume. He o Sol, chamalhe assim, porque he pay de todos os mais Planetas, & Estrellas, porque por todos reparte sua luz, & claridade como tica ditò no canto segundo.

Animal Nemco. He o Liaõ. Chama-le assim, porque o matou Hercules na defela Nemea, como fica dito no canto quarto, oytava 1. E porque esta foy a primeyra cavallaria que Hercules fez, a Jupiter leu pay em memoria deste feyto poz o Leaõ no Ceo, & fez delle huma constellação muyto fermosa, à qual ficou seu antigo nome de Leaõ, & segundo os Astronomos he o quinto Signo celeste em ordem natural. Tem a sua imagem vinte & sete estrellas, entra o Sol nelle em Julho, no qual mez fahiraõ os Portuguezes da barra de Belem no anno de 1497. Diz-se entrar o Sol em algum Signo quando está em igual proporção, porque o Sol caminha muyto desviado dos Signos. E para mayor declaração imaginay huma linha que saya do centro do mundo, & passè pelo centro do Sol, & chegue ao lugar aonde está o Signo. Quando o Sol concorre, & se encontra nesta proporção com o Signo, se diz propriamente entrar nelle.

Na sexta idade andava enfermo, & lento. Como a vida do homem se divide em partes, que chamaõ idades, da mesma maneyra o curso do mundo. As idades do mundo são seis. A primeyra desde a criação do mundo até o diluvio, a qual segundo a conta dos Hebreos, teve mil trezentos cincoenta & seis annos, & segundo os setenta: dous mil duzentos & quarenta & dous. (A segunda desde o diluvio, até o nascimento de Abraham, com duzentos & noventa & dous annos, conforme aos Hebreos, & novecentos & quarenta & dous annos, conforme aos Setenta. A terceyra até o principio do Reyno de David, a qual teve segundo os Hebreos, novecentos quarenta & hum annos, & segundo os setenta, novecentos & quarenta. A quarta até a destruição de Hierusalem, & captiueyro dos filhos de Irael por Nabuchodonosor, esta teve conforme aos Hebreos, quatrocentos oytenta & quatro annos, & segundo os setenta, quatrocentos oytenta & cinco. A quinta até o Nascimento felicissimo de Nosso Redemptor & Salvador Jesu Christo, & teve segundo a ordem que guardamos, quinhentos & noventa annos. A sexta começou do Nascimento de Christo Nosso Senhor, & acabará quando elle for tervido, cujo fim não sabe ninguem, & andar com altercações nesta materia he despropósito. Na conta destas idades ha grande variedade, o que aqui escrevi tenho por mais certo. Diz aqui o Poeta que o Capitão mór Vasco da Gama partio para a India na sexta idade, que he a em que agora estamos os que vivemos, que era no anno de mil quatrocentos noventa & sete, o qual se entende daquellas palavras: cursos do Sol quatorze vezes centò, que são

mil & quatrocentos, com mais noventa & sete, que vem a ser os mil & quatrocentos noventa & sete que temos dito.

Andava enfermo, & lento. Diz isto, porque no mez de Julho, que he o tempo em que os nosos partiraõ, ha na terra sempre pela mayor parte grandes doenças, & desconcertos em todas as couzas, por ser o tempo leco, & destemperado, & contrario aos corpos humanos, o que causa a imprefação que o Signo de Leaõ faz na terra, & os dias que chamamos Caniculares, que são neste mez. Ou quiz o Poeta por estas palavras chamar ao mundo velho, & por esta razaõ inutil, & cansado, o que a mim mais me contenta, porque neste nosso tempo assim no parecer dos homens, como no produzir da terra se mostra bem diferente do que no lo pintaõ os Autores nas outras idades, & basta vivermos na de ferro, aonde o mundo está no estado que todos vemos.

3

*A a vista pouco, & pouco se desterra
Daquelles patrios montes, que ficavaõ,
Ficava o caro Tejo, & a fresca serra
De Cintra, & nella os olhos se alongavaõ:
Ficavamos tambem na amada terra
O coração, que as magoas là deyxavaõ,
E já depois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que Mar, & Ceo*

A fresca serra de Cintra. Esta he a razaõ quanto a mim, porque a terra de Sintra se chama a terra da Lua, que he por ser terra muyto fresca, aonde há grandes orvalhadas, & rocios no meyo do Estio, estando no mesmo tempo lugares muyto perto della ardendo em fogo. Veja-se o que crevemos atrás no canto terceyro, oytava 56.

4

*A si fomos abrindo aquelles mares,
Que geração alguma não abrio
As novas Ilhas vendo, & os novos ares
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes, & lugares,
Terra, que Antão num tempo possuio,
Deyxando à mão esquerda, que à direyta,
Não ha certeza d'outra mas sospeyta.*

Que o generoso Henrique descobrio. Este foy o Infante Dom Henrique, filho terceyro d'El-Rey Dom João o primeyro da boa memoria. Foy este Infante Governador da Ordem da Cavallaria de Christo, que seu Avô El-Rey Dom Diniz sexto Rey de Portugal instituhio novamente, para a guerra que determinava fazer contra os Mouros, que tinhaõ occupado Hesperanha, & quando seu

pay tomou Ceuta se esforçou elle muyto mais para o profeguimento desta obrigação do sangue, & officio. E porque o negocio de Africa pertencia aos Reys de Portugal, quiz tomar empresa em que alcançasse gloria, & fama para si. Para o qual effeyto mudou a vontade, que tinha de conquistar, para parte mais remota, aonde os meritos de seus trabalhos ficassem postos na milicia de Christo, cujo Governador, & thesoureyro elle era. E como andava com esta imaginação, todo seu cuidado era informar-se de gente de diferentes partes, & ler livros de Geographia, á qual era muyto dado para fahir com seu intento. E quando se ganhou Ceuta, fez grandes exames com os Mouros, informando-se dos moradores da terra a dentro dos quaes, & de outros, com que outras vezes fallou sobre muytas cousas, que ajudavão muyto sua pretensão. Com estas informações começou a por em execução seus desejos, & mandar gente a descobrir a cotta, além do cabo de Não, que era o termo da terra descuberta pelos Hespanhoes. Chamava-se este cabo de Não, porque os descobridores não se atrevião passar adiante.

Terra que Anteo num tempo possubio. Anteo dizem os Poetas que foy hum Gigante, filho de Neptuno, & da terra, de quarenta covados de altura, & rão esforçado que não havia em seu tempo quem se atrevesse a vir có elle ás mãos, porque se acafo alguém o vencia por forças, & derribava em terra, com ajuda da mesma terra sua mãy recebia novas forças, & se tornava a levantar, & desta maneyra era temido de todos. Hercules o venceo, porque sabendo-lhe esta manha o não deyxou chegar a terra, mas apertou-o comsigo de modo, que o matou entre as mãos, como dizem todos os Poetas. Diz o nosso Luis de Camões, que possuhiu Anteo a Mauritania, que são os Reynos de Fez, & Marrocos, porque foy Rey desta parte, & elle fundou a Cidade de Tangere, & nella tinha seus paços, & principal habitação, como diz Solino no seu Polyhistorico. cap. 37. & Mela liv. 1. cap. 5.

Dexando a mão esquerda, que a direyta. Não ha certeza de outra mas *suspeita.* Africa fica aos que navegaõ para a India á mão esquerda, & na parte direyta ao tempo, que se descobrio a nossa India, não era cousa alguma descuberta, & neste sentido falla aqui o Poeta. Hoje temos a nova Hespanha florida, com todas as Ilhas adjacentes, que chamaõ Antilia, & toda a mais terra Occidental, que se chama America, ou novo mundo.

P Assamos a grande Ilha da Madeyra,
Que do muyto arvoredo assi se chama,
Das que nós povoamos a primeyra,
Mais celebre por nome, que por fama:

*Mas nem por ser do mundo a derradeyra
Se lhe avantajão quantas Venus ama,
Antes sendo esta sua se esquecerá
De Cypro, Gnido, Paphos, & Cytbera.*

Passamos a grande Ilha da Madeyra. Esta Ilha foy descuberta por hum João Gonçalves, & Tristaõ Vaz, no anno de mil quatrocentos & vinte. Chamou-se Ilha da Madeyra, pelo muyto arvoredo, que tinha quando foy descuberta, que não podendo o dito João Gonçalves, que era o Author do descubrimento, & a principal pessoa daquella viagem, dar-te a entender naquella terra, por estar toda cuberta com arvoredo, que se não via o chaõ, lhe mandou por o fogo, o qual assim tomou posse do mato, que dizem durou sete annos sem se apagar.

Das que nós povoamos a primeyra. A Ilha da Madeyra foy a primeyra que os nossos Portuguezes povoaraõ, mas a segunda, que descobrirãõ porque primeyro foy descuberta a Ilha do Porto Santo, a qual largaraõ os Portuguezes importunados da grande praga de Coelhos, que se criou de huma Coelho que alli levãraõ do Reyno, os quaes foraõ em tanta quantidade, que se não semcava, nem plantava cousa, que elles não destruissem. O mesmo que aconteceu aos Portuguezes com os coelhos na Ilha do Porto Santo, aconteceu aos que foraõ povoar a Ilha Carpatho, chamada hoje Scarpanto, como quer Sophiano, no mar de Rhodes, que levando lebres para criação, fizeraõ tal multiplicação, que largaraõ a Ilha, porque lhe destruhiaõ as lebres as fazendas. Aonde dizem os Latinos: *Carpathus odit leporem*, o morador da ilha Carpatho aborrece a lebre, o qual proverbio se accomoda a quem se arrepende de algum negocio que tem entre mãos.

Mais celebre por nome que por fama. Isto se ha de declarar desta maneyra: a Ilha da Madeyra he mais conhecida pelo nome que pela obra, porque sendo conhecida no mundo por este nome de Madeyra, huma das cousas de que tinha mayor falta ao tempo que o Poeta escreveo estes cantos, era a madeyra pelo fogo de que acima trattãmos. Hoje sabemos por informação certa de pessoas da Ilha ter madeyra.

Mas nem por ser do mundo a derradeyra. Se lhe avantajão quantas Venus ama. Esta Ilha da Madeyra he assãõ conhecida pelo mundo por sua fertilidade, & abundancia, chama-a o Poeta aqui, do mundo a derradeyra, por ter a mais Occidental de todas, para mayor encarecimento de louvor a prefere a quantas Venus ama, das quaes poem aqui algumas.

De Cypro, Gnido, Paphos, & Cytbera. Cypro he a Ilha Chipre no mar Mediterraneo, sugeyta hoje ao Graõ Turco, porque hum seu Capitaõ por nome Mustafã tomou por força de armas, sendo de Venezianos, o primeyro dia do mez de Agosto de 1571. com grande danno, & injuria da Christandade.

cade. Guido, ou Gnido que he huma maneyra, & outra se diz he Ilha do mar Capathio. Paphos he Cidade da mesma Ilha Chipre, de que fallámos acima. Cythera he Ilha no Peloponezo, chamada hoje Cetige.

6

Deyxamos de Massilia a esteril costa,
Onde seugado as Azenegues pastam,
Gente, que as frescas agoas nunca gosta,
Nem as ervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fruto em fim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Berberia de Ethiopia.

Deyxamos de Massilia a esteril costa. Massilia, como fica dito canto 4. oytava 36. he a Provincia de Africa, que por outro nome chamamos Mauritania. Pela esteril costa de Massilia, entende a triste, & esteril costa de Atrica, aonde vivem os povos Azenegues, dos quaes se começa a terra de Guiné. He esta terra muyto falta de aguas, & mantimentos, porque tudo são desertos. E he tanta pobreza, & mileria desta gente, que nem de hervas do campo se fartão. Vivem sempre nos campos fazendo vida agreste, & bruta. Hà nesta terra grandes animaes feros, & grandes Hemas, que digerem o ferro, são as Hemas animaes que tem azas como aves, mas não voaõ com ellas, sómente lhe servem de ajuda para correrem com mayor ligeireza. São do tamanho de hum cavallo, & mayores, tem o pescoço longo de sete palmos, & a cabeça como hum a cidra meã com bico agudo. Poem ovos grandes, cujas calcas grandes vemos por em as alampadas furadas, não se lançaõ sobre elles, alguns dizem, que o goraõ com os olhos, outros com o bafõ, & isto se tem por mais certo, dirigem ferro, o que lhe procede de quentura grande do estomago. Os machos são negros, & as femeas pardas, & brancas. Das pennas se fazem os penachos. Das negras ficaõ negros, & das outras cores se tingem, & fazem da maneyra que os cá vemos. Caçaõ-se estas aves a corço, a cavallo com lanças, ou armandolhe pelo caminho humas cordas com humas navalhas, com as quaes se cortaõ, & assim se tomaõ, porque em vendo sangue esmorecem, & demayaõ de modo, que não podem dar mais passo. Estas cousas soube de quem as vio, & cagou por muytas vezes. Os Autores que dellas escreveraõ poderão que nem as viraõ, nem tiveraõ tão certa relação. O natural destas Hemas he criar-se em grandes detertos, quaes são estes dos Azenegues, pelo que naquellas partes ha muytas, que he nos confins de Berberia, & Ethiopia, como aqui diz o Poeta.

7

Passamos o limite, aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Climene a cor do dia:
Aqui gentes estranhas lava, & rega
Do negro Sonagã a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinario o nome perde,
Chamandosse dos nossos cabo Verde.

Passamos o limite aonde chega, o Sol que para o Norte os carros guia. Os Poetas attribuem ao Sol carro com cavallos, em que dá luz ao mundo como diz Ovidio nas Metamorphoses aonde poem os nomes dos cavallos.

O filho de Climene a cor do dia. O filho de Climene he Phaeton o qual como fingem os Poetas, foy causa de os negros terem a cor que tem: sobre esta materia veja-se o que fica escrito atrás no primeyro canto oytava 46. & a razão porque os negros tenhaõ a cor negra fica tambem tratado em outro lugar no canto 2. oytava 105.

Do Negro Sanagã a corrente fria. O rio Sanagã divide a reira dos Mouros Azenegues, dos primeyros negros de Guiné, chamados Gelofos. Hieronymo Gyraua lhe chama Sonagã na sua Cosmographia, & Olinario sobre Pomponio Mella, Asnege, deste particular trattámos ao diante neste mesmo canto.

Onde o Cabo Arsinario o nome perde. Entre dous rios, Sanagã, de que atrás fizemos mençaõ, & Gambia, de que trattámos adiante, está hum pedaço de terra a que os Portuguezes chamaõ Cabo verde, & Ptholomeo, & outros Cosmographos, Cabo Arsinario. Deste Cabo, & dos rios que o cercaõ trattámos adiante. O que o Poeta diz nesta oytava, he que tinha a nossa armada passado o Tropico de Cancro, que he o limite, & baliza, que tem o Sol da banda do Norte: na qual paragem estão os povos Azenegues, & Gelofos. Veja-se o que escrevemos no canto 8.

8

Passadas tendo já as Canareas Ilhas,
Que tiveraõ por nome Fortunadas,
Entramos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas:
Terras por onde novas maravilhas
Andarãõ vendo já nossas armadas,
Alli tomamos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

Passadas tendo já as Canareas Ilhas. Estas Ilhas, que em nosso tempo se chamão Canareas, são chamadas por todos os Autores antiguos Fortunadas, que quer dizer bemaventuradas, por serem pela

T

m:yor

mayor parte abundantes, & fertis, ainda que as esteriles o são demasiadamente: & são doze, a Graõ Canarea, Palma, Graciola, Inferno, Alegança, Santa Clara, Roque. A dos Lobos, Langarote, Forte ventura, Ferro, & Gomera. Das quaes Langarote, Forte ventura, & Ferro descobrio hum Cavalleyro Francez, por nome Joaõ de Betancor, & a Gomera hum seu sobrinho chamado Maciot Betancor no tempo d'El-Rey Dom Henrique o terceyro de Castella. As outras foraõ descubertas por mandado do Infante Dom Henrique, filho d'El-Rey Dom Joaõ o primeyro de Portugal: Depois que Maciot Betancor por concerto, que fez com o Infante, lhe largou o direyto que tinha nas quatro Ilhas descubertas, a troco de outras coulas, que lhe deu, com que viveo muyto honradamente. Estas Ilhas se chamaõ hoje todas geralmente as Canareas, pelos muytos cões que nellas se criaõ, principalmente na Graõ Canarea. A razao porque estas Ilhas são hoje da Coroa de Castella, se pôde ver em Joaõ de Barros Decada 1. c. 12.

Entramos navegando pelas filhas, do velho Hesperio, Hesperidas chamadas. As Ilhas Hesperidas, chamadas assim de Hespero seu Rey, são as que chamamos do Cabo verde, sujeytas aos Reys de Portugal, segundo a melhor, & mais provavel opiniao dos que bem sentem. O que se collige de Ptholomeo, o qual descrevendo as Ilhas Gorgadas, a que outros chamaõ Dorçadas, que segundo o mesmo Ptholomeo, & os verdadeyros Colmogaphos são as Ilhas de S. Thomé, & Principe junto a Manicongo. Diz que ao Poente destas estão as Hesperidas, que conforme a navegação dos Antigos estarão os quarenta dias de jornada que Seboto diz allegado por Solino, & Plinio. E os que dizem o contrario, he por não olharem bem os Autores allegados, & outros antigos, que desta materia fallarãõ, que segue aqui o nosso Poeta, o qual em todas as sciencias teve grande engenho, como neste livro se mostra, & hum juyzo muyto claro para determinar o melhor, como fez neste particular, no qual ha tanta revolta, que huns não se determinãõ, outros fogem ao conto dos que não querem briga, dizendo que as Hesperidas foraõ, mas que hoje as não ha, que o mar as devia de allagar, como tem feyto em outras muytas partes. Bem vejo que Gonçalo Fernandes de Oviedo na tua Chronica das Antilhas, quer que ellas sejaõ as Hesperidas, dando para isso muytas razões, Affonso de Santa Cruz, que sejaõ as dos Agores: Antonio Galvão Portuguez, as Ilhas de S. Thomé, & Principe. E assim vejo como no Mappa mundi se poem as Dorçadas a balravento das Ilhas do Cabo verde, coufa de trinta legoas de distancia, que são humas Ilhas, aonde não há se não gado, & alguma pouca gente, que por parte de El-Rey se feytoria: todas estas coufas, & outras muytas tenhonorado, & considerado: o que tenho dito me parece conformar com os Antigos, & com os que melhor sentem nesta materia, cada hum diga o que lhe

parecer, que isto não he de fé: & temeridade se ria afirmar por certo huma coufa em que há tanta incerteza: no canto segundo chama Luis de Camões a Mauritania Reyno, aonde viverão as Hesperidas, porque seria seu pay Hespero Senhor tambem daquella Regiao, que não he inconveniente, & teriaõ alli as hoitas com fruyto de ouro, de que os Poetas fazem tanto alardo, pelo que não he isto encontrarle o Poeta, & quando se encontrar não he descredito, pois Platão tem por acertado nos Poetas delacertarem algumas vezes, & assim querem muytos que fizeste Virgilio Elog. 6. Onde Virgilio poem Scylla filha de Nyto Rey dos Megarenfes, que foy convertida em cotuvia, por Scylla filha de Foico, que foy convertida em pedra, que hoje he cachopo no estreyto de Messina, por nome Scyllo, como diz Fazello.

Terras por onde novas maravilhas, andarão vendo ja nossas armadas. Isto diz o Poeta, porque estas partes de que himos tratando, foraõ as primeyras que os Portuguezes descobriãõ, como refere Joaõ de Barros.

Novas maravilhas. Quer dizer, grandes maravilhas, á imitação dos Latinos, os quaes a huma coufa grande, & espantosa chamaõ, nova, como he notorio aos que sabem algum Latim.

9

A *Aquella Ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreyro San-Tiago,
Santo, que os Espanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago:
Daqui tanto que Boreas nos ventou,
Tornamos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, & assi dixamos
A ter a, aonde orifresco doce achamos.*

Aquella Ilha portamos, que tomou. O nome do guerreyro Santiago. Esta Ilha de Santiago, que o Poeta aqui nomiea, he huma das do Cabo verde, a qual descobrio hum Fidalgo Genovez por nome Antonio de Nolle, no anno de mil quatrocentos & sessenta & hum, o qual veyo a estes Reynos por certos delgoitos, que na patria teve com duas naos, & hum barinel, trazendo em sua companhia Bartholomeu de Nolle seu irmão, & Raphael de Nolle seu sobrinho, & porque o Infante Dom Henrique entendeu delles, terem peitos de confiança lhe deu licença para poderem descobrir. Estes descobriãõ a Ilha de Mayo, & as Ilhas S. Philippe, & Santiago: de que aqui fallamos, as quaes puterãõ estes nomes, por respeyto do dia em que foraõ descubertas. Neste mesmo tempo eraõ ao mesmo descobrimento huns criados do Infante Dom Fernando, os quaes descubriãõ as outras, que por todas são dez, chamadas todas vulgarmente, do Cabo verde, por estarem ao Poente delle, por distancia de cem leguas.

Santo que os Hespanhoes tanto ajudou. Sabida cou-
ta he ser o Bemaventurado Santiago Padroeyro
dos Hespanhoes, & pelas Chronicas he assâs ma-
nifello o grande favor, & ajuda que sempre deu
a esta nação, contra os Mouros inimigos da nossa
santa Fè Catholica, por haver prégado nella a
Fè de Christo Senhor nosso, o que he certissimo,
como com muytas razões o prova o Illustrissimo
Condellavel.

D' aqui tanto que Boreas nos ventou. Boreas he o
Norte, como atrás fica dito.

A terra onde o refresco d' uce achamos. Esta he a Ilha
de Santiago, aonde estiverão alguns dias esperan-
do por tempo.

I O

P Or aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A Provincia Jelofo, que reparte
Por diversas naçoens a negra gente:
Amuy grande Mandinga por cuja arte
Logramos o metal rico, & luzente,
Que do Curvo Gambia as agoas bebe,
As quaes o largo Athlantico recebe.

*Por aqui rodeando a mayor parte. De Africa que fi-
cava ao Oriente.* Nesta oytava tratta o Poeta como
colteando os Portuguezes pela terra de Africa,
passarão pela Provincia dos Gelofo, que são os
primeyros negros de Guiné, a qual he muyto
grande, & se estende por aquella costa de Guiné
sobre o mar Oceano Occidental: jaz esta terra dos
negros Gelofo entre dous grandes rios, & Sana-
gá, & Gambia, os quaes tem diferentes nomes
entre aquella gente, conforme aos lugares por on-
de passaõ. O Sanagá divide os Mouros Azenegues
dos negros Gelofo: corre por muyta distancia de
terras, até entrar no mar Oceano em altura de
quinze graos, & meyo, vindo das fontes dos lagos,
a que Ptolomeo chama Chelonides, Nuba, & Ni-
ger. Os Portuguezes lhe não sabem outros nomes,
se não Sanagá, do nome de hum Senhor da terra,
com que tiverão paz, & comercio no principio
deste descobrimento, posto que o verdadeyro no-
me do rio he logo alli na entrada, Quedech, te-
gundo a lingua dos Mouros, que alli moraõ. O
Gambia he por onde os nossos vão ao resgate de
Cantor, não tem tanta variação em nome, porque
todo elle tem o resgate do ouro, aonde os nossos
vão. Terá por linha direyta oytenta leguas, & ca-
minhando por elle cento & oytenta, por razão das
muytas voltas que faz: & em todo este espaço os
negros da terra lhe chamaõ Gambú, & nós Gam-
bêa. He rio mais caudal, & mais alto que o Sanagá,
porque se metem nelle muytos rios, que nascem
no ferto da teita chamada Mandinga, assâs no-
meida, & conhecida dos nossos, de que o Poeta
aqui falla. As principaes fontes deste rio são as do
rio a que Ptolomeo chama Niger, & a lagoa Lybia,

Pelo que dizem alguns que o Gambia, & Niger
são o mesmo rio, & que assim o affirmão os natu-
raes da terra, como refere Luis del Marmol, na
Descripção de Africa. A terra que jaz entre estes
dous rios faz hum Cabo, que Ptolomeo chama pro-
montorio Arffinario, & os Portuguezes Cabo ver-
de, ao qual poz este nome hum Diniz Fernandes,
criado d' El-Rey Dom Joáo, & morador em Lis-
boa, que o descobrio. Chama o Poeta ao rio Gam-
bêa Curvo, por ser seu curso em muytas voltas,
principalmente do resgate até entrar no mar em
altura de treze graos & meyo ao Sueste do Cabo
que chamamos Verde. Estas voltas, que faz, são
causa de navegarem os nossos navios melhor por
elle acima, por virem as aguas com menos impetõ
do que vieraõ se seu curlo tora direyto. Mandinga,
he Provincia grandissima de negros, donde vem o
ouro à Cidade de Tungubutú, que está tres le-
guas do rio Sanagá, da banda do Norte: à qual Ci-
dade por este respeyto concorrem muytos mora-
dores do Cayro, Tunes, Oraõ, Tremessem, Fez,
Marrocos, & outros Reynos, & Senhorios de
Mouros, & he boa graça haver quem diga, & com-
mente, que Mandinga he rio.

E logramos o metal rico, & luzente. Metal rico, &
luzente he o ouro, o qual vem em grande abun-
dancia da terra Mandinga, como fica dito. A ter-
ra que hoje chamamos Guiné, que he toda a Re-
gião do rio Sanagá tomou nome de huma Cidade,
que está nas correntes deste rio chamada Gena, a
qual foy antiguamente muy frequentada, por ra-
zão do ouro, antes que viesse à Cidade Tunga-
butu. Os moradores da terra chamaõ a esta região
Gena, ou Genij, nós commummente Guiné.

I I

A S Dorçadas passamos povoadas
Das irmãs, q' outro tempo alli vivião,
Que de vista total sendo privadas,
Todas três de hum só olho se servião:
Tu só, tu cujas tranças encrespadas,
Neptuno, lá nas agoas acendião,
Tornada já de todas a mais fea,
De viboras encheffe a ardente areã.

*As Dorçadas passamos povoadas. Das irmãs que ou-
tro tempo alli vivião.* Phoreo Rey das Ilhas Coriega,
& Sardenha, teve tres filhas, Euriale, Estheno, &
Medusa, estas dizem os Poetas, que não tinhaõ to-
das tres mais que hum só olho de que se servião, &
que se chamavaõ Gorgones, por respeyto das
Ilhas Gorgadas, ou Dorçadas, aonde habitavaõ das
quaes fica tratado atrás neste mesmo canto, oytava
8. Tu só tu cujas tranças encrespadas. Esta he Me-
dusa. Veja-se o que escrevemos no canto 3. oytava
76. Quanto a este fingimento destas tres irmãs, que
tinhaõ hum só olho porque se servião, he porque
todas eraõ muyto fermosas, & convertião em pe-
dras

dras todos os que as olhavaõ, porque com sua vista, faziaõ que os homens se lhe affeyçoassem muyto.

A ardente area. He a terra de Africa, a qual chama area ardente, por haver nella grandes areas, & muyto infeltados da grande quentura do Sol.

Tornada ja de todas a mais fea. Pelo que nella fez Pallas, que lhe converteo os cabellos em cobras, & aos olhos deu propriedade de converter em pedra tudo o que olhassem. *De viboras enchebe a ardente area.* Veja-te o que fica elcrito de Medusa no canto 2. na Descripção de Africa oytava 2.

12

Sempre em fim para o Austro a aguda proa
No grandissimo golfaõ nos metemos,
Deyxando a serra asperrima Lioa,
Co Cabo, a quem das palmas nome demos:
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas prayas notas, que alli temos,
Ficou, co a Ilha illustre, que tomou
O nome de hum, que o lado a Deos tocou,

Sempre em fim para o Austro a aguda proa. Continua o Poeta a navegação dos Portuguezes para a India, os quaes costeando a terra de Africa levavaõ sa proa para o Sul, buscando o Cabo de boa Esperança: O Sul Nomea por esta palavra, Austro, que he vento que sopra daquella parte; a que os Gregos chamaõ, Noto, & nós em vulgar, Sul, ou Vendaval.

Por *Golfaõ grandissimo.* Entende o mar, termo de fallar muyto usado entre os Poetas, os quaes chamaõ ao mar gurges, stagnum, & lacus, que laõ palavras de pouco tomo, & significação, porque gurges, he a parte profunda de qualquer rio, stagnum tanque, & lacus a lagoa, & em termo vulgar, golfaõ he nome que se não pôde accommodar se não ao mar, ao qual os Latinos chamaõ *sinus*, como grande golfaõ de Africa, da Persia, o Gange-tico, Adriatico, o de Marcelha, & outros: & quando o vocabulo fora improprio com o epitheto de grandissimo, ficava concertado como Virgilio na Eneida. *Apparent vari nantes in gurgite vasto.* & em outra parte: *Per stagna immensa, lacusque,* pelos tanques, & lagos grandes. Pus aqui isto, porque não falta quem reprehenda ao nos. o Camões, usar de golfaõ grandissimo pelo mar, sendo vocabulo, que a nenhuma outra couta se pôde accõmodar. Diz logo o Poeta nesta oytava que hindo os Portuguezes ao longo da costa de Africa, se fizeraõ na volta do Sul, na qual viagem passáraõ a terra Lioa: o Cabo das Palmas, & o grande rio Zayre, que passa pelo Reyno de Congo, do qual trataremos na oytava seguinte.

C'o a illustre Ilha que tomou, O nome de hum que o lado a Deos tocou. Esta Ilha he a de S. Thomé, a qual nomeya por estes rodeyos, porque como he assã

tabido este Bemaventurado Santo, não se achãdo depois da Resurreyção de Christo. Nosso Senhor com os mais irmãos, & companheyros, quando seu mestre lhe appareceo, dandolhe conta os outros Discipulos, como lhe apparecera seu Mestre, & o viraõ com as Chagas abertas, disse, que não havia de crer tal, se com seus proprios olhos não visse, & com suas mãos lhe não palpasse as Chagas, o que Christo Nosso Redemptor fez com muyto goito, chamando, & dandolhe licença que tocasse, & metesse a mão no lado, & muyto de vagar se certificasse da verdade do caso, como se conta em o gloriolo Apostolo, & Evangelista S. Joaõ para com a duvida deste Santo Apostolo ficar nossa Fé firme, & a esperança mais certa, com o exemplo da culpa do Discipulo, & da brandura, & misericordia tão usada do Mestre, & daqui diz o Bemaventurado S. Gregorio, que mais devemos a infidelidade, & duvida de S. Thomé, que a diligencia, & presteza com que os outros Discipulos creeraõ. Quanto ao tempo em que esta Ilha se descobrisse, & quem fosse o Autor deste descobrimento não ha certeza, como tambem a não ha de outras muytas coulas que acontecerãõ no tempo d'El-Rey. Dom Affonso o Quinto, ou por falta, & negligencia dos Chronistas daquelle tempo, ou por se perderem, & confundirem os papeis, & memorias daquella idade, fazendo o tempo nella seu officio, como em outras costuma.

13

Allo muy grande Reyno está de Congo,
Por nõs ja convertido á Fé de Christo,
Por onde o Zayre passa claro, & longo,
Rio pelos antigos nunca visto:
Por este largo mar em fim me alongo,
Do conhecido Polo de Calisto,
Tendo o termino ardente ja passado
Onde o meyo do mundo he limitado.

Allio muy grande Reyno está de Congo. O Reyno de Congo toy descuberto por hum Diogo Cam Cavalleyro da Casa d'El-Rey no anno de quatrocentos oytenta, & quatro, o qual por ordem deste mesmo descubridor se começou a converter á Fé de Christo, como diz Joaõ de Barros na primeyra Decada liv. 3. c. 3.

Por onde o Zayre passa claro, & longo. Este rio descobrio o mesmo Diogo Cam que atrás nomeamos nesta sua viagem, em que descobrio o Reyno de Congo, o qual por muyto tempo toy chamado rio do Padraõ, por causa de hum que o seu descubridor ao longo delle poz, & como quem tomava posse por parte d'El-Rey, da Costa que atrás deyxava descuberta. Hoje se chama rio de Congo, por atravessar hum Reyno do mesmo nome, ainda que o seu nome entre os naturacs seja Zayre, mais notavel, & illustre por aguas, que por nome, porque

que no tempo em que naquellas partes he Inverno, entra tão furioso, & soberbo pelo mar, que a vinte leguas da Costa se achão as aguas doces. He rio muyto grande, tem suas fontes no sertão dentro no Reyno de Congo, em huma lagoa que tem certas ilhetas feytas della mesma, donde o Zayre começa, nas quaes vivem huns negros chamados Mudequetés, sujeytos ao Rey de Congo, ao qual os naturaes chamaõ Manicongo, porque Mani entre elles quer dizer senhor; & daqui Manicongo foa tanto como senhor de Congo. Diz o Poeta que este rio não foy conhecido dos Antigos, porque não tiverão noticia, nem conhecimento del-
le.

Do conhecido polo de Calysto. Polo de Calysto como fica dito he o Norte. Tendo o termino ardente já passado. Passada já a linha a que chamamos termino ardente, por onde o Sol faz seu curso communmente. Chamamos a esta linha Ecliptica, porque como he o caminho do Sol: os ecclipses do Sol, & Lua, as conjunções, opposições, & aspectos dos Planetas não se pôdem fazer em outra parte do Zodiaco se não nesta.

Onde o meyo do mundo he limitado. Assim como a ecliptica parte pelo meyo do Ceo, assim outra linha que lhe corresponde a ella na terra, a parte, pelo que diz aqui o Poeta, que naquella paragem he o meyo do mundo. Destas linhas, ou zonas imaginadas no Ceo, se veja a nossa annotação no interceyro canto, oytava 6.

14

J A descoberto tinhamos diante
Lá no novo Emisferio nova estrella,
Nam vista de outra gente, que ignorantes
Alguns tempos esteve incerta dellz:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta de estrellas menos bella,
Do Polo fixo, onde inda se nam sabe,
Que outra terra comece, ou mar acabe.

Lá no novo Hemispherio nova estrella. Como o mundo he redondo, daõlhe os Latinos, & Gregos nomes conforme a sua figura, porque os Latinos lhe chamaõ *Orbis*, que quer dizer redondez, & os Gregos *Esphera*, que significa o mesmo. Esta Esphera, ou mundo repartem em duas partes, que chamaõ Hemispherios, hum superior, & outro inferior. Hemispherio superior se chama a meya parte da redondez do mundo, como seria tudo aquillo, que estando nós em algum lugar chaõ, ou monte alto, vissemos ao derredor como mostra a figura *A*. Hemispherio inferior chamaõ aquella parte do mundo, que cae debayxo dos nossos pés, na qual moraõ os Antipodas, que são os que moraõ nas partes Austraes, como se vé na figura *B*. chama o Poeta aqui novo Hemispherio aquella parte, que cae alem da linha, por ser aos que mora-

mos na Europa, nova, & não vista. *Nova estrella.* Este Hemispherio da linha por diante, diz o Poeta, que foy alguns tempos incognito, & escondido aos moradores nestas partes da nossa Europa, o qual como sabemos por razão da Esphera, & pela experiencia não he parte tão acompanhada de Estrellas, nem tão clara, & resplandecente como o nosso Norte. Tem este Polo Antárctico, que he o Sul, de que himos fallando, quatro estrellas a modo de Cruz, em as quaes sempre anda huma nuvemzinha branca, que lhe apaga a claridade, & junto a estas quatro ha outras tres, que semelhaõ o nosso Norte. *Polo fixo.* He este Polo Antárctico, no canto primeyro, oytava 24. trattey dos Polos do mundo: chamaõle fixos, porque não se movem, movendo-se o mundo todo sobre elles.

Que outra terra comece, ou mar acabe. Resoluta cousa he sem duvida alguma, ser toda a terra descuberta, & navegada do Leste a Oeste, quasi por onde o Sol anda: mas de Sul ao Norte, assim de huma parte como outra, ha muyta differença, & a mayor parte está por descobrir, que he o que o Poeta aqui diz, que da parte do Sul não há certeza de terra alguma, ainda que se suspeyta havela, por respeyto do estreyto de Magalhães.

15

A Ssi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous Invernos fazendo, & dous Verões,
Em quanto corre de hum a outro Polo:
Por calmas, por tormentas, & oppressões
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas a pesar de Juno,
Banbaremse nas agoas de Neptuno.

Assi passando aquellas Regiões. Por onde duas vezes passa Apollo. Apollo he o Sol, chamado assim da particula *A*. privativa, que quer dizer sem, & poli, muytos porque só elle dá luz ás terras, & toda a que tem os outros Planetas, & estrellas a recebem delle. Estas Regiões por onde passa duas vezes fazendo dous Invernos, & dous verões, são as Ilhas de S. Thomé, Príncipe, & outras que estão debayxo da linha, nas quaes faz esta variedade quando caminha do Tropico de Cancro para o de Capricornio, que entaõ faz hum Inverno, & quando torna do Capricornio para o Cancro, outro como experimentaõ os que passeaõ aquelle Clima. E o Poeta dá a entender claramente, dizendo, que o Sol faz estes dous Invernos, & Verões, em quanto atravessando a linha passa de hum polo a outro.

Que sempre faz no mar o irado Eolo. Eolo como dizem os Poetas, tinhaõ os Antigos por Rey dos Ventos, & que elle os tinha. & soltava quando queria, como escreve Virgilio na Encida. Veja-se a nossa annotação no canto 1. oytava 58.

Vimos as Urſas a pezar de luno. Banharem-fe nas aguas de Neptuno. Contaõ as fabulas, que depois que Arcas filho de Jupiter matou a ſua mãy Calyſto, que andava pelos matos convertida em Urta, Jupiter os poz ambos no Ceo, & fez delles eſtrellas. Sentida muyto Juno diſto, deu conta deſte aggravo, que ſeu marido lhe fizera, a Thetys, & a Oceano, ſenhores do mar, os quaes lhe prometeraõ que eſtas eſtrellas não ſe banhariaõ nas ſuas aguas como as mais eſtrellas, & Planetas faziaõ. Eſtas Urſas eſtão como meyo grao do polo ao derredor do qual andão. Saõ as que chamamos guardas do Norte, não fazem ſeu curso como as mais eſtrellas. E porque ſempre as vemos, & não ſe nos eſcondem como nas mais ſuccede, dizem os Poetas que ſe não banhão no mar a petiçaõ de Juno que acabou com Tethys tenhora do mar, que não entraſſem nas ſuas aguas, & o que o Poeta aqui diz, que a pezar de Juno as viraõ banhar, he porque paſſada a linha fica o Norte encuberto, & parece que ſe mete no mar, & dalli por diante ſe governaõ pelo Sul.

Aguas de Neptuno. Saõ aguas do mar, como fica diſto em muytas partes. Eſta fabula de Arcas, & Calyſto conta Ovidio nas Metamorphotes.

16

Contarte longamente as perigoſas
Couſas do mar, q os homẽs não entendem
Subitas trovoadas temeroſas,
Relampagos, que o ar em fogo acendem:
Negros Chuvvyros, naytes tenebroſas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Nam menos he trabalho que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

Ainda que tivesse a voz de ferro. He termo Poetico, & muyto ulado para encarecimento. A eſte modo Virgilio na ſua Eneida. *Non mihi ſi lingua centum ſint, ora que centum, ferrea vox.* Ainda que tenha cem linguas, & cem bocas, & a voz de ferro.

17

Oſcaſos vi, que os rudes marinheyros,
Que tem por meſtra a longa experiencia
Contaõ por certos ſempre, & verdadeyros,
Juigando as couſas ſó pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteyros,
Que ſõ por puro engenho, & por ſciencia
Vem do mundo os ſegredos eſcandidos,
Julgãõ por falſos, ou mal entendidos.

Os caſos vi, que os rudos marinheyros. Que caſos eſtes ſejaõ, conta nas oytavas que ſe ſeguem.

18

Vi claramente viſto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por ſanto,
Em tempo de tormenta, & vento eſquivo,
De tempeſtade eſcura, & triſte pranto:
Nam menos foy a todos exceſſivo
Milagre, & couſa certo de alto eſpanto,
Vêr as nuves do mar com largo cano,
Sorver as altas agoas do Oceano.

Vi claramente viſto o lume vivo. Que a maritima gente tem por ſanto. Começa o Poeta a tratar dos caſos, que a gente do mar conta por certos. O primeyro he o lume ſanto, como lhe chamaõ os marinheyros, & communmente os Portuguezes S. Pedro Gonçalves, & os Castelhanos Sanctelmo, que tudo he hum, porque o Bemaventurado Santo ſe chamava Pedro Gonçalves Telmo, como ſe póde ver na ſua vida que eſcreveo Frey Vicente Justiniano da Ordẽ dos Prẽgadores. Aparece ordinariamente em tempo de tormenta nos maſtros das naos, piques dos ſoldados, & em outras partes. Mas como Deos Noſſo Senhor para ſegurança do ſeu povo uſou do arco, a que communmente chamamos da Velha, de que atrás fica tratado. E ſendo couſa natural, quis mostrar por elle, que não haveria mais diluvio nas terras, aſſim ſe póde dizer, que eſte lume de que os Antiguos fallãraõ, com ſer couſa natural, & ſabida, uſa Deos delle, & quer que o ſeu Bẽaventurado Santo S. Pedro Gonçalves por eſte meyo, & com eſte ſinal ajude aos navegantes. Saõ legredos ſeus, & os que lerem a vida do Bemaventurado Sanctelmo, ſe affeyçoãraõ muyto a crer iſto, pelo que os marinheyros ſaõ bem aconselhados continuar com ſua devoçaõ.

Sorver as altas aguas do Oceano. Iſto que o Poeta aqui diz das nuvens, que vio decer do Ceo, & receber agua em ſi, & lançada outra vez, elle meſmo me diſſe a mim, que o vira muytas vezes: & o meſmo me diſſeraõ outras peſſoas que o viraõ, & que a agua que lançavaõ as nuvens era doce, como diz o Poeta neste canto. Saõ couſas do Ceo, & os homens eſtamos na terra da qual ſabemos muyto pouco, quanto mais do que paſſa no Ceo. Muytas couſas ſuccedem que ſaõ naturaes, outras ſobre naturaes, cujo legredo Deos guarda para ſi, & com tudo alguns atrevidos lhe querem dar ſahida, não ſe entendendo a ſi.

19

Evo vi certamente, (& nam preſumo
Que aviſta me enganava) levantar ſe
No ar hum vapor ſinbo, & ſut il fumo,
E do vento trazido rodear ſe:
De aqui levado hum cano ao Polo ſummo
Se via tam delgado, que enxergar ſe

*Dos olhos facilmente nam podia,
Da materia das nuvões parecia.*

Eu o vi certamente. Nesta oytava, & nas tres seguintes conta o Poeta o modo que tinhaõ aquellas nuvens, que loryião a água, & de que procediaõ. Vay em estylo tão elegante, & palavras tão claras, que nenhuma necessidade tem de declaração.

20

H iase pouco, & pouco acrescentando,
E mais q' hũ largo masto se engrossava,
Aqui se estreya, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agoa em si chupava:
Estavase co as ondas ondeando,
Em cima delle, huma nuvem se espessava,
Fazendose mayor, mais carregada,
Co a carga grande de agoa em si tomada.

Grandes golpes d'agua em si chupava. He termo Portuguez para dizer grandes pedaços, ou grande soma de alguma coufa, dizer grandes golpes, como aqui o Poeta.

21

Q ual roxa sangue fuga se vertia
Nos beyços da alimaria, que imprudente
Bebendo, a recolheo na fonte fria,
Fartar do sangue alheo a sede ardente:
Chupando mais, & mais se engrossa, & cria,
Alli se benche, & se alarga granaemente,
Tal a grande columna enchendo aumenta
A si, & a nuvem negra que sustenta.

Qual roxa Sanguefuga. Sanguefuga, he a que corruptamente chamamos lambexuga, bicho assas conhecido, assim elle como sua qualidade, que he chupar o sangue do lugar aonde se põem. Chama-se assim de duas palavras Latinas, *sanguis*, que he o sangue, & *sugo*, chupar, por esta ser sua natureza.

A si, & a nuvem negra, que sustenta. Porque parecia ter aquella nuvem lobrẽ si, & sustentala, que não cahisse, ou pela agua que lhe deytava.

22

M as depois que de todo se farrou,
O pè, que tem no mar a si recolhe,
E pelo Ceo chovendo em sim voou,
Porque co agoa a jacente agoa molhe:
As ondas torna as ondas, que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,
Vejaõ agora os sabios na escritura,
Que segredos são estes de natura.

As ondas torna as ondas que tomou. Onda vem do unda no Latim, que quer dizer agua: diz aqui o Poeta, que aquella nuvem tornou as aguas ao mar, donde as tinha tiradas, mas com diferente sabor, porque sendo as do mar, donde aquellas sahirão salgadas, caindo da nuvem que as recolheo, não traziaõ o tal labor, coula certa para notar, em a qual os homens darão tão boa sahida como daõ em outras, que presumtuosamente querem declarar, sendo coulas do Ceo, & reservadas à Divina Magestade, cujo conhecimento nos importa muyto pouco para nossa salvação.

23

S e os antigos Filozofos, que andãrão
Stantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passsey, passãrão,
Atãõ diversos ventos dando as vellãs:
Que grandes escrituras, que deyxãrão!
Que influição de signos, & de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verãades?

E tudo sem mentir. Porque os Antiguos disserão muytas coulas não muyto certas, porque não tiveram experiencia dellas.

24

M as já o Planeta, que no Ceo primeyro,
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteyro
Mostrãra, em quanto o mar cortava armada:
Quando da etherea gavea hum marinheyro,
Pronto co a vista, terra, terra brada,
Salta no bordo alvoraçada a gente,
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

Mas já o Planeta, que no Ceo primeyro habita. O primeyro Planeta, & mais junto a nós, he a Lua, por estes rodeos de fallar assas Poeticos, & de que os Latinos Poetas muyto usaõ. Diz que depois de passados cinco mezes; que sahirão da barra de Lisboa, houverão vista da terra, que foy hum Sabbatho 4. dias do mez de Novembro, às nove horas do dia; com que todos ficãrão muyto alegres, & contentes; como contaõ os nossos Historiadores logo no principio deste descobrimento.

Quando da Etherea gavea hum marinheyro. Gavea Etherea, quer dizer, gavea alta, de Ether, que quer dizer o Ceo.

Cos olhos no Orizonte do Oriente. Orizonte he hum dos círculos mayores da Esphera, que divide o Ceo em duas partes iguaes, deyxando ametade lobre a terra, & a outra debayxo. Toma-se tambem por aquelle espaço, que com os olhos podemos ver, & nesta significação o tomou aqui o Poeta. Veja-se a nossa annotação no canto segundo oytava 13.

*Que tomaraõ por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.*

A Manejra de nuves se começã
A descubrir os montes, que enxergamos
As ancoras pesadas se a dereçã,
As vellas ja chegados, amaynamos:
E para que mais certas se conheçã
As partes taõ remotas, onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invençã de subtil juizo, & sabio.

Pelo novo instrumento do Astrolabio. O modo de navegar por Astrolabio foy achado em tempo d'El-Rey Dom Joaõ o segundo, por dous medicos do mesmo Rey. Este instrumento foy logo no principio de pao, hoje le coituma de metal, muyto mais apurada, & concertadamente. Serve aos navegantes para tomar a altura do Sol, para saberem o lugar aonde estão. Quis Nosso Senhor acudir aos que navegaõ com este remedio, para que o fizessem melhor, & mais seguramente. Porque antes de toda a navegação era ao lãgo da costa, levãdo sempre por rumo, da qual tinhaõ suas noticias por sinaes de que taziaõ roteyros. Bastava isto nos principios para o negocio do descobrimento, o que he muyto differente, para quem se ha de engolfar no mar, & perder a terra de vista, que sem este instrumento houve mil perigos, & erganos.

26

D Esembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
De terra, que outro povo não pisou:
Porẽm eu cos Pilotos na arenosa
Prayã, por vermõs em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura,
E compassar a universal pintura

E compassar a universal pintura. Isto diz, porque alem de tomar a altura do Sol pelo Astrolabio, lançavaõ tambem suas medidas, & compassos na carta de marear, a qual aqui entende por universal pintura, o que faziaõ para saberem a distancia dos lugares, & o que tinhaõ caminhado.

27

A Chamos ter de todo ja passado
Do Semicapro peyxe a grande meta,
Estando entre elle, & o circulo gelado
Austral parte do mundo mais secreta:
Eis de meus companheyros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,

Achãmos ter de todo ja passado. Do Semicapro peyxe a grande Meta. Diz que tomada a altura do Sol pelo Astrolabio achãraõ estar alem do Tropico de Capricornio hum dos doze Signos celestes, o qual aqui entende por Semicapro peyxe, que quer dizer peyxe meyo cabra, porque o Pintão os Poetas com figura de cabra, & rabo de peyxe, dando a entender, que quando o Sol entra na sua ultima parte, costuma haver muytas chuvas, & tempestades. Pelo que lhe chamão tambem os Poetas, humido, & gozero, bode humido. O que o Poeta aqui quer dizer, he que se achavaõ alem do Tropico de Capricornio, que he a meta, & baliza do Sol, da banda do Sul, & que estavaõ entre este Tropico, & o Circulo Antartico, que he o Sul, a que chama o Circulo Austral, por ventar daquella parte o vento Austro, de que atrã fallãmos, & gelado, porque com a ausencia do Sol estas duas partes do mundo Norte, & Sul, saõ muyto frias. Que cousa seja Tropico fica dito no canto 3. oytava 6.

28

T Orvado vem na vista, como aquelle,
Que não se vira nunca em tal estremo,
Nem elle entende a nõs, nem nõs a elle,
Salvãgem mais que o bruto Polifemo:
Começolhe a mostrar da rica pelle
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente speciarã,
Anada disto o bruto se movia.

Torvado vem na vista. Conta o Poeta, como estando na prayã tomando o Sol, & vendo a parajem em que estavaõ, houveraõ às mãos hum negro, que tomaraõ andando apanhando mel pelo mato, o qual diz que era mais bruto, & salvagem que o Polyphemo. Este Polyphemo foy hum Gigante, filho de Neptuno, & da Terra, do qual os Poetas contaõ grandes coulas entre outras, que tinha hum sãõ olho na testa, tão grande como humma grande rodela, & que morava em humma cova, em cuja entrada tinha humma pedra que vinte & dous carros a não podiaõ levar. Este olho lhe quebrou Ulysses, o modo que teve para lho quebrar, & a cova em que morava detreuve Homero na Odisea, que he por ordem dos Latinos o livro nono no fim. Chamarlhe o Poeta aqui bruto, he pelo que os Poetas delle dizem, porque o pintaõ fero, cruel, matador, & comedor de carne humana.

Começolhe a mostrar de rica pelle. De Colchos o gentil metal supremo. Entende o ouro, & com o Poeta aqui o dizer tão claramente por estas palavras: O gentil metal supremo, não falta quem declare brocado, que he boa galantaria. Chama ao ouro pelle de Colchos, porque naquelle lugar em hum

Templo

Templo dedicado a Marte estava a pelle de hum carneyro com sua lam de ouro, a qual Phrixo filho d'El-Rey Athamante lhe offereceo em memoria do bom successo, que tivera em escapar das mãos de sua madrastra, que o queria matar. Este he o vello de ouro tão celebrado entre os Poetas, a cuja conquista hiaõ de todo o mundo. Sobre a qual faz Valerio Flacco hum livro a que intitidou Argonautas, por amor daquelles Fidalgos de Grecia, que foraõ na nao Argos a esta aventura deste vello, que estava em Colchos,

29

M Ando mostrar-lhe peças muy somenos,
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente:
Vi logo por suas, & por acenos,
Que com isto se alegra grandemente,
Mandoo soltar com tudo, & assi caminha
Para a povoação, que perto tinha,

30

M As logo ao outro dia seus parceyros
Todos nũs, & da cor da escura treva.
Decendo pelos asperos outeyros,
As peças vem buscar, que estoutro leva:
Domesticos já tanto, & companheyros
Se nos mostraõ, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato,

As peças vem buscar, que estoutro leva. Estas peças eraõ calcaveis, & contas de cristal, que o negro que soltáraõ o dia antes havia levado, & toy tanta a familiaridade que tomáraõ com os negros, que foy causa de hum mancebo honrado por nome Fernão Velloso se atrever a ir pela terra dentro com elles, para saber o que lá passava.

31

H E Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê, que vay seguro,
Mas sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom sinal saber procuro:
Estando, à vista alçada, so cuydado
No aventureyro, eis pelo monte duro
Apparece, & segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora, vinha.

Mais apressado. Isto diz, porque entendo que os negros lhe armavão cilada para o matar, pelo que procurou por se em cobro.

32

O Batel de Coelho foy depressa,
Pelo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro, & outro lhe saem, vesse em pressa
Velloso, sem que algum lhe alli ajudasse,
Acudo eu logo, & em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

Se mostra hum bando negro descoberto. A esta pressa de Fernão Velloso acudio Nicolao Coelho Capitão do navio Berrio, que era hum navio Mercante, mas os negros vinhão já tão perto, que quasi o tomavão, & lhe houvera de custar caro a hida, se do mar naõ desviáraõ os negros com a artilharia, a qual remedeou muyto, porque os negros vinhão com arcos, & frechas tão apercebidos, que trattáraõ mal a alguns dos nossos, como diz aqui o Poeta, & contaõ os nossos Historiadores. Ethiope, quer dizer negro.

33

D A espessa nuvem setas, & pedradas,
Chovem sobre nũs outros sem medida,
E não foraõ ao vento em vaõ deytadas
Que esta perna trouxe eu dalli ferida:
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que em mais que nos barretes se sospeyta,
Que a cor vermelha levãõ desta feyta.

Que a cor vermelha levãõ desta feyta. Dá a entender que foraõ muytos feridos da espingardaria, & artilharia que lhe atiráraõ da armada para os apartar, & impedir da tenção que traziaõ de fazer mal a Fernão Velloso.

34

E Sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para armada,
Vendo a malicia fea, & rude intento
Da gente bestial, bruta, & malvada:
De quem nenhum melhor conbecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muyto longe della,
E assi torney a dar ao vento a vella.

Que estarmos inda muyto longe della. Porque como tinhaõ entendido por informação, & relações de muytos, não dizião aquelles sinaes, que viaõ com o que sabião por estoutro modo, pelo que entendiaõ estar ainda longe.

35

Disse então a Velloso hum companheyro,
(Começandose todos a sorrir)
 Ou lá, Velloso amigo aquelle outeyro
 He melhor de decer, que de subir:
 Si he, responde o onfado aventureyro,
 Mas quando eu para cá vi tanto vir
 Da quelles caës, de presa hum pouco vim,
 Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.

Ou lá amigo Velloso. Esta graça conta João de Barros, que passou entre os soldados, & o Velloso, que assim de huma parte como da outra tem muyto engenho.

36

Contou então, que tanto que passáraõ
 Aquelle monte os negros, de quem fallo,
 Avante mais passar o não deyxáraõ,
 Querendo senão torna, allí matallo:
 E tornandose logo, se emboscáraõ,
 Porque saindo nós para tomallo,
 Nos pudessem mandar ao Reyno escuro,
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

Avante mais passar o não deyxáraõ. Alguns declaráõ aqui que fizeraõ os negros isto, porque queriaõ bem ao Velloso, que eraõ dos que hiaõ contentes do navio, & entendendo que os outros lhe fariaõ algum mal, lhe estorvaraõ passar avante. O que o Poeta quer dizer, & parece ser verdade, pelo que consta dos que escreveraõ esta Historia, he, que os negros determináraõ armar cilada aos nossos para os roubar, & que não quiseráõ que Velloso passasse adiante, para que os nossos o fossem bulcar, & assim se podessem aproveytar delles, o que lhe succedeo ao contrario, como aqui se conta, & se póde ver em João de Barros.

Nos podessem mandar ao Reyno escuro. Por Reyno escuro se entende o inferno, he termo de fallar Poetico, & muyto usado para tratar da morte, & he a imitação dos Antiguos, que tinhaõ por certo depois da morte hirte ao inferno, como he assás notorio, & sabido dos que lem pelos Poetas.

37

Porém já cinco Soes eraõ passados,
 Que dallinos partimos, cortando
 Os mares nunca de outrem navegados,
 Prosperamente os ventos assoprando:
 Quando huma noyte estando descuydados,
 Na cortadora proa vigiando,
 Huma nuve, que os ares escurece,
 Sobre nossas cabeças apparece.

Porém já cinco Soes eraõ passados. Cinco Soes quer dizer cinco dias, à imitação dos Poetas Latinos, que usáõ desta palavra, soles, no plural; pelos dias, Virgilio liv. 3. Eneid.

Tres adeo incertos cæca caligine Soles Erramus pelago.

Ha tres Soes que andamos perdidos pelo mar, como se dissera há tres dias. O que o Poeta diz nesta oytava he, que puferaõ cinco dias de viagem da Angra de Santa Helena aonde surgiraõ para fazer aguada, até haverem vista do Cabo de Boa Esperança.

Huma nuvem que os ares escurece. Sobre nossas cabeças apparece. Finge aqui o Poeta, que appareceo o Cabo de Boa Esperança aos Portuguezes, o qual descreve aqui, & juntamente huma pratica que o mesmo Cabo fez ao Capitão mór, com tanto artificio, que passa pelos antigos, & tem pouca necessidade de declaração.

38

TAm temerosa vinha, & carregada,
 Que poz nos corações hum grande medo,
 Bramindo o negro mar de longe brada,
 Como se desse em vão nalgum rochedo:
 O potestade, disse, sublimada,
 Que ameço divino, ou que segredo
 Este clima, & este mar nos apresenta,
 Que mór causa parece, que tormenta?

Tão temerosa vinha. Para vir o Poeta á descripção do Cabo, conta como naquella paragem lhe appareceo huma nuvem muyto carregada, & temerosa, & que mostrava bem ser aquelle clima, & mar differente do que até allí tinhaõ navegado, & como a poz a nuvem viraõ huma figura grandissima, & disforme, que era o Cabo, como diz na seguinte oytava.

39

Não acabava, quando huma figura
 Se nos mostra no ar, robusta, & valida;
 De disforme, & grandissima estatura,
 O rosto carregado, & a barba esquallida:
 Os olhos encovados, & a postura
 Medonha, & má, & a cor terrena, & palida,
 Cheos de terra, & crespos os cabellos,
 Aboca negra, os dentes amarellos.

Não acabava quando. Não tenho palavras para encarecer a linguagem, propriedade, & eloquencia desta oytava, que realmente faz este fingimento, & Metamorphose que vay trattando deste Cabo de Boa Esperança, ventagem ás de Ovidio.

40

T Am grande era de membros, que bẽ posso
 Certificarte, que este era o segundo,
 De Rhodes estranhissimo Colosso,
 Que hum dos setẽ milagres foy do mundo:
 Cum tom de voz nos falla horrendo, & grosso,
 Que pareceo sabir do mar profundo,
 Arrepiãose as carnes, & o cabelo,
 Ami, & a todos sô de ouvilo, & vello.

De Rhodes estranhissimo Colosso. Colosso foy huma estatua de metal em Rhodes, consagrada ao Sol de muyto grande altura, & por este respeyto tida por huma das sete maravilhas do mundo.

41

E Disse: ó gente oufada, mais que quantas
 No mundo cometerãõ grandes cousas,
 Tu, que por guerras cruas, taes, & tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas:
 Pois os vedados terminos quebrantas,
 E navegar meus longos mares oufas,
 Que eu tanto tẽpo haja que guardo, & tenho
 Nunca arados de estranho, ou proprio lenho.

Pois os vedados terminos quebrantas. Quebrantaõ os homens os terminos vedados entrãndo no mar, porque Nosso Senhor como se conta no Genesis, quando criou este mundo universo poz cada couza em seu lugar, os homens na terra, as aves no ar, os peyxes nas aguas, & os animaes nos matos. E paraque declaremos o nosso Poeta com Poetas, veja-se Horacio liv. 1. Ode 2. aonde tratta com muyto engenho do atrevimento dos homens nesta materia de navegar, & Ovidio liv. 1. nas Metamorphoses, & outros muytos Poetas, & oradores.

Nunca arados de estranho ou proprio lenho. Usa esta Metaphora, de arar, por navegar, á imitação dos Poetas Latinos. Virgilio na Eneida: *Ecce parata quies: nullum maris equor arandum.* Já estais em porto, não tendes mar q̃ arar. E Ovidio nos Tristes liv. 3.

Non ego divitias avidas sine fine parandi

Latum mutandis mercibus æquor aro.

Não lauro o largo mar para buscar riquezas, & outros muytos Poetas. Lenho toma pela nao, por huma figura a que os Grammaticos chamão Synedoché, que he quando usamos da materia de que se fazem as cousas pelas mesmas cousas. Lenho estranho. São naos estrangeyras. Lenho proprio, naos, & embarcações da gente que mora na propria terra, aonde se aparelha a armada. Desta materia se veja a nossa annotação no primeyro canto oytava 1.

42

Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza, & do humido elemento,
 A nenhum grande humano concedidos,
 De nobre, ou de immortal merecimento:
 Ouve os danos de mi, que apercebidos
 Estam, a teu sobejo atrevimento,
 Por todo o largo mar, & pela terra,
 Que inda has de sojugar com dura guerra.

Pois vens ver. Continua o Cabo sua pratica, pondo diante aos nossos os trabalhos que te haõ de acrescentar nesta viagem da India, a que pelo descubrimiento deste Cabo abrem porta, & como seu atrevimento ha de fer causa de muytos danos, & trabalhos. Humido elemento. He a agua. A nenhum grande humano concedidos. Encarece o Cabo aos Portuguezes aquella paragem, a qual diz, que nenhum Monarcha, nem Senhor do mundo por mais poderoso que fosse vio nem chegou, aonde elles chegãraõ, & de volta destes ameaços, & perigos, que lhe prophetiza, lhe mostra tambem, & declara os grandes tropheos, & vitorias que na India alcançãraõ.

43

S Abe, que quantas naos esta viagem
 Que tu fazes fizerem de atrevidas,
 Inimiga terãõ esta paragem,
 Com ventos, & tormentas desmedidas:
 E da primeyra armada, que passagem
 Fizer por estas ondas insufridas,
 Eu farey de improvisõ tal castigo,
 Que seja mór o dano, que o perigo.

Inimiga terãõ esta paragem. O mayor trabalho que hà na viagem da India, he dobrar este Cabo, & assim tem succedido, & succedem cada dia nelle muytos naufragios, & trabalhos, como he assãõ notorio.

E da primeyra armada. Porque o Capitão mór Vasco da Gama que dobrou primeyro este Cabo, teve nesta paragem muytos trabalhos, assim com os moradores delle, como com enfermidades que lhe sobrevieraõ das quaes recebeo mais dano na gente, que perigo na armada, como diz aqui o Poeta, & conta Joã de Barros no livro quarto da primeyra Decada.

44

A Qui espero tomar (se não me engano)
 De quẽ me descobrio summa vingança,
 E não se acabarã sô nisto o dano
 De vossa pertinaz confiança:

V 2

Antes

*Antes em vossas naos vereis cada anno
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.*

De quem me descobrio. Não particulariza aqui a Bartholomeu Dias seu primeyro descobridor, porque não tornou mais áquellas partes. Ou seja termo geral de quem o descobrio, dos Portuguezes, que me descobrião. E assim se ha de entender geralmente dos Portuguezes, que por allí passarem; porque elles o descobrião, contra esta nação, que o descobrio se mostra agravado.

45

*E Do primeyo illustre, que a ventura,
Com fama alta fizer tocar os Ceos,
Ser ey eterna, & nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui por á da Turca armada dura
Os soberbos, & prosperos trofeos,
Comigo de seus danos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.*

E do primeyo illustre. Este he Dom Francisco de Almeida filho de Dom Lopo de Almeida primeyro Conde de Abrantes. O qual sahio deste Reyno a 25. de Março de 1505. com o titulo de Capitão mór, & Governador, & que fazendo tres fortalezas na India, em Cananor, Cochim, & Ceylaõ, se chamasse Viso-Rey, como foy. Este destrahio a Mir Abraham o Governador que fora de Aufadail Rey de Quiloa, que tinha o Reyno tyrannicamente usurpado, & lhe entrou na Cidade em dia de Santiago do dito anno, & fez Rey a hum particlar por nome Mahamed Anconij, que servira de Escrivão da fazenda de Quiloa, por ser ho meim bem quisto, & com que todos folgavaõ muyto; com condição que pagasse pareas a El-Rey de Portugal, & o reconhecesse por superior. De Quiloa, & Mombaça, se veja a nossa annotação no canto 1. oytava 54.

Aqui por á da Turca armada dura. Os soberbos, & prosperos Trophes. Sentido muyto o Viso-Rey Dom Francisco de Almeida da morte de seu filho Dom Lourenço de Almeida, que os Rumes mataraõ, determinou destruhilos, como fez, porque não podendo colher a armada dos Turcos no mar, pelejou com ella no porto de Dio, sendo os inimigos mais de cem vellas, & estando em suas terras favorecidos de sua gente, & artelharia da fortaleza. Desbaratou desta vez a Mirocem Capitão mór da armada do Graõ Soldaõ do Egypto: & a armada d'El-Rey de Calecut: & Meliqueaz Capitão do Hidalcaõ. Estas, & outras cousas maravilhosas fez na India, & vindo para o Reyno foy morto pelos Cafres na Aguada de Saldanha, que he huma ribeyra muyto fresca, que entra no

mar junto ao Cabo de Boa Esperança: & he bom defengano para os que se fiaõ no mundo, & em suas cousas, ver que aquelle, a quem nem bombardas, e pingardas, frêchas, & braços de gente esforcada poderaõ vencer, o mataste hum pao tostado, que saõ as armas daquelles barbaros, que moraaõ naquella paragem do Cabo de Boa Esperança, veja-se o que elcreveremos no canto decimo.

46

*O Utro tambem vir à de honrada fama,
Liberal, cavalleyro, namorado,
E com sigo trar à a fermosa dama,
Que amor por grande merce lhe ter á dado:
Triste ventura, & negro fado os chama,
Neste terreno meu, que duro & irado,
Os deyxar à de hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.*

Outro tambem. Este foy Manoel de Sousa de Sepulveda, o qual partio de Cochim a tres de Fevereiro do anno de 1552. no Galeão grande S. Joaõ, o qual se perdeu na serra do Natal. Esta foy humada lastimosas cousas, que aconteceraõ nesta viagem, depois que a India he descuberta. A fermosa dama em que aqui falla o Poeta, he tua molher Dona Leonor.

47

*Veraõ morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados, & nacidos,
Veraõ os Cafres asperos & avaros
Tirar à linda dama seus vestidos:
Os cristalinos membros, & perclaros,
A calma, ao frio, ao ar veraõ despídos,
Depois de ter pisado longamente
Co's delicados pés a area ardente.*

Veraõ morrer com fome os filhos caros. Os Cafres de que Manoel de Sousa se confiou, forçado de necessidade, fome, sede, & caminho de muytos dias, que já não podiaõ dar passo, & não havia dia que lhe não ficassem duas, & tres pessõas atrás, por não poderem caminhar: estes o despirão a elle molher, & filhos, & desta maneyra os lançaõ a hum mato triste, & areal desaventurado, aonde nem herva havia: no quaõ morreo Dona Leonor com dous filhinhos seus, como o Poeta aqui aponta: & Manoel de Sousa vendo este caso lastimoso, palmado, & como fóra de si, sem fallar palavra se meteo pelo mato dentro, deyxando sua mulher, & filhos enterrados, & nunca mais appareço.

48

*E Veraõ mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,*

*Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida, & implacavel espessura:
Alli depois que as pedras abr andarem,
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçados, as almas soltão,
Da fermosa, & miserrima prisão.*

E verão mais os olhos que escaparem. Na desembarcação, por o mar andar trabalhoso os que punhão pé em terra se tinham por bemaventurados, & não o erão, se não que Deos Nosso Senhor os guardava para mayores trabalhos, porque com a morte se acabára tudo, & não foraõ morrer com tanto vituperio, & deshonor, como morreraõ a mãos de gente barbara, & torpe, muytos morreraõ no mar, outros pelo caminho com fome, & cansaço, & outros se lançáraõ pelos matos nús, & entre estes, muytos Fidalgos, & gente de espirito. Alguns dos que escapáraõ, & ficaraõ com Manoel de Soula, viraõ o triste successo deste nobrê Capitão, & sua mulher, & filhos. De toda a gente da nao não escapáraõ mais que oyto Portuguezes, & quatorze, ou quinze escravos, & tres escravas das que estavaõ com Dona Leonor ao tempo que faleceo, os quaes depois foraõ resgatados por hum navio de Portuguezes, que acaço alli foy fazer marfim, & custaria cada hum valia de dous vintens. Os nomes destes, & o successo na verdade, & com muytas circuuftancias, que são dignas de saber para delengano da vida se póde ver em hum livro que deste caso anda impresso.

49.

*Mais hia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos fados, quando alçado,
Lhe disse eu quem es tu, que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado?
Aboca, & os olhos negros retrocendo,
E dando hum espantoso, & grande brado,
Me rêspondeo com voz pesada, & amara,
Como quem da pergunta lhe pezára.*

Como quem da pergunta lhe pezára. Isto não he mais que encarecimento da figura do Cabo, que em todas suas cousas mostrava terror, & espanto, porque até em huma coula que elle desejava, como era dizer aos Portuguezes seu acontecimento, & transformação, le mostrou triste, & pezaroso.

50.

*E U sou aquelle occulto & grande Cabo,
Aquê chamaís vós outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, & quantos passáram fuy notorio:*

*Aqui toda a Africana costa acabo,
Neste meu nunca visto Promontorio,
Que para o Polo Antartico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.*

Eu sou aquelle occulto, & grande Cabo. Tormentorio, ou tormentolo lhe poz Bartholomeu Dias seu primeyro descubridor, pelas tormentas, que naquella paragem achou De Boa Esperança. El Rey Dom João o segundo, por ver que se abria, porta para o que tanto desejava, & esperava, como era o descobrimento da India, que parece que aquelle Cabo descoberto lha estava prometendo, & mostrando. Deste famoso Cabo não tiverão noticia os Cosmographos Antiguos, como Ptolomeo, Pomponio, Mella, Estrabo, Plinio, & outros, como aqui diz o Poeta, inclinado para o Sul, que o Poeta aqui chama Polo Antartico, como fica declarado por muytas vezes.

51

*Fuy dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano;
Chameyme Adamastor, & fuy na guerra
Contra o que vibra os rayos de Vulcano:
Naõ que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Occeano,
Fuy Capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.*

Fuy dos filhos asperrimos da terra. Continuando o Cabo sua pratica antes de vir a fallar de sua Metamorphosi, & transformação tratta de sua Genealogia, & nome, como era Gigante, filho da terra, irmão de Encelado Egeo, & Briareo, a que chama Centimano, que quer dizer de cem mãos, porque tantas dizem os Poetas que tinha este Gigante. Diz mais que seu nome antigo foy Adamastor, & que ao tempo que seus irmãos os Gigantes combatião a Jupiter por terra para o lançar do Ceo, elle fazia guerra por mar a seu irmão Neptuno.

O que vibra os rayos de Vulcano. He Jupiter, por quem fingem os Poetas que Vulcano filho de Jupiter, & seu Ferreyro, lhe fazia os rayos, como he muyto sabido a quem lé pelos Poetas.

52

*A Mores da alta esposa de Peleõ,
Me fizeraõ tomar tamanha empresa,
Todas as Deojas desprezey do Ceo,
Só por amar das agoas a Princesa:
Hum dia a vi co as filhas de Neréo
Sair nua na praya, & logo presa
A vontade senti de tal maneyra,
Que inda não sinto cousa, que mais queyra.*

Amores

Amores da alta esposa de Peleo. Começa Adamastor a contar sua transformação naquella tão grande Cabo, a qual está com tanto engenho, & artificio, que lhe não fazem ventagem as de Ovidio. El'pota de Peleo, he Thetis senhora do mar, calada com Peleo Rey de Thessalia, filha de Nereo Principe do mar. São as Nereidas Nymphas do mar, das quaes fica trattado atrás no Canto tegundo, oytava 20.

53

Como fosse impossivel alcançalla,
Pela grandezza fea de meu gesto,
Determiney por armas de tomalla,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a Deosa então por mi l'hesfalla;
Mas ella cum fermofo riso honesto,
Repondeo, qual ser à o amor bastante,
De Nymfa, que sustenta o de hum Gigante.

E a Doris este caso manifesto, Doris dizem os Poetas que he molher de Nereo Senhor do mar, & mãy das Nereidas, de que na oytava atrás fallamos: A qual deu Adamastor conta da affeyção que tinha a Thetis, & o que determinava fazer, como aqui o Poeta conta.

54

Com tudo, por livrarmos o Occeano
De tanta guerra, eu buscarey maneyra,
Com que com minha honra escuse o dano,
Tal resposta me torna a mensageyra:
Eu que cayr não pude neste engano
(Que he grande dos amantes a cegueyra)
Encherão me com grandes abundanças
O peyto de desejos, & esperanças.

Que he grande dos amantes a cegueyra. Os Antiguos pintavão a Cupido, que tinhao por Deos dos amores cego. A mensageyra he Doris que Adamastor tomou por terceyra para com Thetis.

JA nescio já da guerra desistindo,
Humanoyte de Doris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despidida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, para aquella, que era vida
Deste corpo, & começo os olhos bellos
A l'he beyjar, a face, & os cabellos.

56

O Que não sey de nojo como o conte,
Que crendo ter nos braços, que amava,
Abraçado me achey co' hum duro monte,
De aspero mato, & de espessura brava:
Estando co' hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquey homem não, mas mudo e quedo,
E junto de hum penedo, outro penedo.

Que pelo rosto angelico apertava. Cuydando, que estava com Thetis a quem muyto amava.

57

O Ninfa a mais fermosa do Occeano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava terme neste engano
Ou fosse monte, nuve, sonho, ou nada?
Daqui me parto irado, & quasi insano
Da magoa, & da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse,
Quem de meu pranto, & de meu mal se risse.

Quem de meu pranto. Achou-se o Cabo corrido do que lhe succedeo com Thetis, pelo que deyxou aquelle lugar, & se foy para outro remoto, aonde não fosse o seu caso labido.

58

E Rão já neste tempo meus irmãos,
Vencidos, & em miseria extrema postos,
E por mais si guarar se os Deoses vão,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o Ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecey a sentir do fado inimigo,
Por meus atrevimentos o castigo.

Erão já neste tempo. Conta Adamastor como quando lhe aconteeo a sua transformação, tambem seus irmãos erão mortos por mão de Jupiter, como conta aqui o Poeta, & mais largamente Ovidio nas Metamorphoses, lib. 1.

59

Converteo seme a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizerao,
Estes membros, que ves, & esta figura
Por estas longas agoas se estenderao:
Em fim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converterao

Os Deoses, & por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercanão de stas agoas.

Me anda Thetis. O mayor desgosto que o Cabo tinha era ter sempre presente a Thetis, que fora causa de sua conversão em aquelle Cabo.

60

Assi contava, & com medonho choro,
Subito ante os olhos se apartou,
Desfez-se a nuve negra, & com sonoro
Bramido, muyto longe o mar soou:
Eu levantando as mãos ao santo Coro
Dos Anjos, que tam longe nos guiou,
A Deos pedi, que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

Casos que Adamastor contou futuros. O que o Cabo dizia haver de acontecer aos Portuguezes naquella paragem.

61

JA Phlegon, & Pyrois vinhaõ tirando
Cos outros dons o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foy mostrando
Em que foy convertido o gram Gigante:
Ao longo desta costa, começando
Fã de cortar as ondas do Levante,
Por ella abayxo hum pouco navegamos,
Onde segunda vez terra tomamos,

Id Phlegon, & Pyrois. Ovidio nas Metamorphoses liv. 2. poem os nomes dos cavallos do carro do Sol, que são Phlegon, Pyrois, Eoo, & Ethon. Isto he por hum fingimento que os Poetas, fazem dizendo que Phebo, que he o Sol, da luz ás terras em hum carro de quatro cavallos. Por estes rodeyos de fallar nos dá a entender a que tempo se descobrio o Cabo de Boa Esperança, que foy hum dia sahindo o Sol, & caminhando ao longo da Costa, foraõ segunda vez tomar terra em huma Bahía muyto grande, & abrigada de todos os ventos, salvo do Norte; a qual se chama hoje pelos nossos Aguada de S. Brás, que estará setenta leguas do Cabo, & surgiraõ nella hum dia de S. Catherina, em hum Domingo de mil quatrocentos noventa, & sete.

62

AGente, que esta terra possubia,
Posto que todos Ethiopes eraõ,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberãõ:
Com bayles, & com festas de alegria,
Pela praya arenosa, ands vieraõ,

As mulheres consigo, & o manso gado,
Que apacentavaõ gordo, & bem criado.

Posto que todos Ethiopes eraõ. Ethiopes he nome geral, que comprehende a todo o genero de gente negra. Chama-se assim de Etho, palavra Grega, que quer dizer queymar, & rosto; por terem os rostos negros, & queymados: outros querem que seja nome sómente dos negros da Ethiopia, parte de Africa, entre Egypto, Arabia, chamados assim de Ethiopie filho de Vulcano, que foy Rey naquella Região, como quer Plinio liv. 6. c. 30. Siga cada hum o que quizer, & lhe parecer. A mim a primeyra opiniaõ me parece melhor.

Os outros que tão mal nos receberãõ. Estes foraõ os da Angra de Santa Helena, como atrás largamente fica dito. Os desta Bahía de S. Brás vieraõ com muytos bayles, & fellas, com tuas flautas, & consigo suas molheres encima de boys muyto gordos, albardados com suas albardas de taboa, a modo das Castelhanas, & com huns paos, que fazem feyção de andilhas, dos quaes boys muytos não tem cornos.

63

AS mulheres queymadas vem em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas,
Animaes, que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris em prosa, ou rima,
Na sua lingua cantãõ concertadas,
Co doce som das rusticas avenas,
Imitando de Titiro as Camenas.

As molheres. Atrás dissemos como traziaõ suas molheres naquelles boys albardados, os quaes prezãõ mais, que todõ o outro gado por este repeyto: Avenas. São flautas como fica dito.

Imitando de Tytiro as Camenas. Imitando a musica, & cantigas de Tytiro Pastor, quer dizer aqui, que vinhaõ estes negros com suas molheres cantando cantigas pastoris, quaes cantava Tytiro pastor como diz Virgilio Eglog. 1.

64

EStes como na vista prazenteyros
Fosse, humanamente nos tratãraõ,
Trazendonos galinhas, & carneyros,
Atroc d'outras peças, que levarãõ:
Mas como nunca emfim meus compauheyros
Palavra alguma sua lhe alcançãraõ,
Que desse algum sinal do que buscamos,
As vellas dando, as ancoras levamos.

As vellas dando as Ancoras levamos. João de Barros na primeyra Decada, diz que o Capitãõ mór se mudou para outro poyo perto daquelle, por que

que entre os nossos, & os negros começava haver revolta sobre o resgate do gado: mas que os Mouros foraõ a vista da nossa armada até que ancorou.

JA aqui tinhamos dado hum graõ rodeyo
A costa negra de Africa, & tornava
Aproa demandar o ardente meyo,
Do Ceo, & o Polo Antártico ficava:
Aquelle Ilheo deyxamos, onde veyo
Outra armada primeyra, que buscava,
O Tormontorio Cabo, & descoberto,
Naquelle Ilheo fez seu limite certo.

Aquelle Ilheo deyxamos. Depois de ter rodeado a Costa de Africa, tornaráõ a demandar a linha, a qual chama ardente meyo, por ser o meyo do mundo; & ardente, com a vizinhança grande do Sol, desviando-se das terras do Sul, a que chama polo Antártico, como fica declarado em muytos lugares. Quanto ao Ilheo de que aqui tratta, he o da Cruz, que Bartholomeu Dias descobriu, no qual poz o derradeyro Padraõ, como costumavaõ por alguns pela terra que deyxavaõ descoberta. Este Bartholomeu Dias passou além do Cabo de Boa Esperança cento & quarenta leguas, até hum rio a que poz nome do Infante, porque o que nelle primeyro desembarcou tinha esta alcunha. E porque nesta viagem poz alguns Padrões, aqui falla o Poeta do derradeyro, que he este da Cruz, que dissemos, o qual poz quinze leguas antes de chegar ao rio do Infante. E não havemos de entender aqui que o Capitaõ mór tomou terra nesta Ilha, porque nem o Poeta o diz, nem os nossos Historiadores, mas que houveraõ vista delle, & o não tomáraõ, pelo tempo lhe não dar lugar, mas tomáraõ outro porto chamado os Ilheos chãos, que estavaõ cinco leguas além do da Cruz, como conta Joaõ de Barros na primeyra Decada. Cabo Tormontorio. He o Cabo da Boa Esperança, como já muytas vezes declarámos.

66

DAqui fomos cortando muytos dias
(Entre tormentas tristes, & bonanças),
O largo mar, fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co' o mar hum tempo andamos em profias,
Que como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achamos tão possante,
Que passar não deyxava por diante.

Que passar não deyxava por diante. Nesta paragem dos Ilheos chãos são tão grandes as correntes da agua, que não deyxavaõ navegar as nossas naõs, até que com ajuda de Deos passáraõ, & chegáraõ

a terra do Natal, a qual puzeraõ este nome por passarem por ella este dia. A força da corrente das aguas daquelle lugar aponta o Poeta na oytava seguinte, & pelo grande impeto com que dalli correm as aguas, se chama aquelle lugar o Cabo das Correntes.

67

ERa mayor a força em demasia
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento, que assoprava:
Injuriado Noto da profia,
Em que co o mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Comque nós fez vencer a graõ corrente.

Injuriado Noto. Galante fingimento, em que dá a mão ao vento em passarem aquelle lugar das correntes, que foy necessario por o vento toda sua força nesta parte. Noto he propriamente o Sul,

68

TRazia o Solo dia celebrado,
Em que tres Reys das partes do Oriente,
Foraõ buscar hum Rey de pouco nado,
No qual Rey outros tres hã juntamente:
Neste dia outro porto foy tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia, em que por elle nos metemos.

Trazia o Sol. Passada a Costa do Natal entráraõ em hum Rio a que puteraõ o nome dos Reys, porque em tal dia entráraõ nelle. A este Rio chamaõ outros do Cobre, pelo resgate delle em manilhas, marfim, em mantimentos, que os negros da terra com elle resgatáraõ, tendo tanta communicação com os nossos, que hum Martim Affonso marinheyro foy a huma Aldea, aonde foy do Senhor da terra bem agazalhado, & o mesmo Senhor veyo com muyta gente ver a nossa armada, mostrando muyta paz, & amizade: pelo que o Capitaõ mór, vendo que em cinco dias que alli estiveraõ, nunca receberaõ desta gente mau tratamento algum, nem suspeyta disso, lhe puzeraõ o nome, de Aguada de boa paz.

69

DEsta gente refresco algum tomamos,
E do rio fresca agoa, mas com tudo
Nenhum smal aqui da India achamos
No povo, com nós outros quasi mudo:
Ora vé Rey quamanha terra andamos,
Sem sair nunca deste povo rudo,

Sem

Sem vermos nunca nova, nem final
Da desejada parte Oriental.

De esta gente refresco algum tomámos. Isto diz pelo gazalhado, & communicação que com a gente desta parte tiverão.

Povo quasi mudo, porque não se entendiaõ com elle.

70

ORa imagina agora quam coyados
Andariamos todos, quam perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas, & por mares não sabiaos:
E do esperar comprido tão cançados,
Quanto a desesperar já compellidos,
Por Ceos não naturais, de qualidade!
Inimiga de nossa humanidade.

Por Ceos não naturaes. Terras, & Climas fõra de sua natureza, & tão apartados; & contrarios a ella. Das significações que tem a palavra Ceo, se veja o que escrevemos no canto 1.oytava 29. & 2.oytava 85.

71

Corrupto já, & danado o mantimento,
Danoso, & mau ao fraco corpo humano,
E alem disso nenbum contentamento,
Que se quer da esperança fosse engano:
Crês tu que se este nosso ajuntamento,
De soldados não fora Lusitano,
Que durãra elle tanto obediente
Por ventura a seu Rey, & a seu Regente?

Por ventura a seu Rey, & a seu Regente? Encarece aqui a lealdade da Nação Portugueza, da qual não lemos haverse levantado algum contra seu Rey, cousa em outras Nações muyto costumada.

72

Cres tu, que já não forão levantados
Contra seu Capitão, se os resistira,
Fazendose Piratas, obrigados
De desesperação, de fome, & de ira?
Grandemente por certo estão provados,
Pois que nenbum trabalho grande os tira
Daquella Portuguesa alta excellencia,
Da lealdade firme, & obediencia.

Piratas. São Corsarios do mar, & tem este nome segundo alguns querem de hum, que primeyro o inventou, & ulou este officio chamado pyrata, outros querem (o que a mim mais contenta) que se chama o Corsario do mar, Pyrata de perao palavra Grega, que quer dizer, andar de hu-

ma parte para outra, por ser este seu costume.

73

DEyxando o porto em fim do doce rio,
E tornando a cortar a agoa salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deytando para o pégo toda armada:
Por que ventando Noto manso, & frio,
Não nos apanhase a agoa da enseada,
Que a costa faz alli da quella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Não nos apanhase a agua da enseada. Esta enseada de que o Poeta aqui falla está sessenta legoas aquẽ de Moçambique, chama-se commummente o Parcel de Sofala, em que as aguas correm muyto para dentro por ser mais bayxo, de maneyra que há perigo grande, por se presumir que podem ir dar em bayxos que ahi há muytos.

Donde a rica Sofala o ouro manda. Sofala he huma povoação na costa de Moçambique, cousta de sessenta legoas della, aonde El-Rey nosso Senhor tem huma fortaleza, & o Rey da terra está a sua obediencia. A esta terra Sofala fazem os Genticos, & negros da terra dentro, por via de comercio, muyto ouro, por cujo respéyto os Mouros povoãraõ aquella terra, & pela mesma razeõ agora entre nds he muyto frequentada.

74

Esta passada, logo o leve leme,
Emcomendado ao sacro Nicolao,
Para onde o mar na costa brada, & geme,
A proa inclina de huma, & de outra nao:
Quando indo o coração, que espera, & teme,
E que tanto fiou de hum fraco pao,
Do que esperava já desesperado,
Foy de huma novidade alvorçado.

Emcomendado ao Sacro Nicolao. O Bemaventurado S. Nicolao grande Advogado dos Estudantes, o he tambem dos que trattaõ no mar, & a razeõ de lhe ser consagrado o leme do navio, alem de outros milagres que neste particular fez, he porque em huma tormenta grande chamando huns marinheyros muyto rijamente por elle, lhes appareco, & disse: Eys aqui Nicolao, por quem chamais, não temais, que eu vos livrarey deste trabalho, & tomado o leme, na mão, lhe encaminhou a nao de modo, que se salvou, andando muyto ariscada, como conta em sua vida Simão Metaphrastes.

75

EFoy, que estando já da costa perto,
Onde as prayas, & valles bem se viaõ,

X

Num

Num rio, que alli sae ao mar aberto,
Bateis à vella entravão, & sabião:
Alegria muy grande foy por certo,
Acharmos já pessoas, que sabião
Navegar, porque entre ellas esperamos,
De achar novas algumas, como achamos.

76

EThiopes são todos, mas parece
Que com gente melhor comunicavão,
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua, que falavão:
E com pano delgado, que se tece
De algodam, as cabeças apertavão,
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

Palavra alguma Arabia: Tiverão por bom final,
ver que estes negros usavão de algumas palavras
Arabias; tambem o tracto, & vestidos eraõ diffe-
rentes da outra gente, que até então tinhão visto.

77

PEla Arabica lingua, que mal falão,
E que Fernão Martinz muy bẽ entende,
Dizem, que por náos, que em grãdeza igualão
As nossas, o seu mar se corta, & fende:
Mas que lá donde sae o Sol se abalão
Para onde a costa ao Sul se alarga, & estende;
E do Sul para o Sol, teria onde havia
Gente assi como nós da cor do dia.

Gente, assi como nós da cor do dia. Gente branca,
porque o dia he claro, & branco, & a noyte negra,
& escura.

78

Muy grandemente aqui nos alegramos,
Cõ a gente, & cõ as novas muyto mais?
Pelos sinaes, que neste rio achamos,
O nome lhe ficou dos bons sinaes:
Hum padrão nesta terra levantamos,
(Que para assmalay lugares tais
Trazia alguns) o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

Guiador de Thobias a Gabello. He o Archanjo S.
Raphael. A historia he, que iudó Thobias por
mandado de teu pay arrecadar certõ dinheyro de
hum homem por nome Gabello, morador na Ci-
dade de Rages dos Medos, arreceando cõmetter o
caminho, sem companheyro, appareceo o Anjo S.
Raphael, & o acompanhou até o lugar aonde hia,
como se pôde ver em Thobias.

79

AQui de limos, cascas, & de ostrinhos,
Nojosa triaçãõ das agoas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vem sordidas, & imundas:
Dos hospedes, que tinhamos visinhos,
Com mostras aprasiveis, & jucundas
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

Aqui de limos. Por se acharem bem nesta terra
com a communicacão da gente, & alegria que ti-
nhão, com as novas que acharão da India, mandou
o Capitão mor dar pendor aos navios, por irem
muyto sujos, & esteve neste lugar trinta & dous
dias.

80

MAs não foy da esperãça grãde, e immẽsa
Que nesta terra houvemos limpa, & pura
A alegria mas logo a recompensa
A Ramunzia com nova desventura:
Assi no Ceo sereno se dispensa,
Com esta condiçãõ pesada, & dura
Nacemos, o pesar ter a firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

Ramunzia. Chamada assim do nome de hum Lu-
gar, aonde era venerada, he Nemesis Deosa da ju-
stica, inimiga dos soberbos, & grande sopeadora
da gente preluçosa, & altiva. Veja-se a nossa an-
notaçãõ no canto terçeyro, oytava 71. O que o
Poeta aqui diz he, que o grande goito, & conten-
tamento que naquella terra tinhão, por ver taõ
claros sinaes da terra, que buscavão, se lhe aguou
cõ huma desventura, que lhe succedeo de hum
grande, & nojosa enfermidade, da qual adiante vay
trattando.

E o pesar ter a firmeza. Faz a este proposito Al-
ciato hum Emblema, que he o 30. em ordem, no
qual pinta o mal, & o bem: o mal muyto ligeyro,
& apressado: & o bem muyto vagarolo. Este Em-
blema fez a imitaçãõ de Homero, o qual na sua
Iliada inttõduz Atẽ filha de Jupiter perseguido
os homens, & fazendolhe mil males: & para os re-
mediar manda outras filhas suas chamadas Litas,
Velhas, Cegas, & Coxas, que nunca chegaõ a dar
o remedio, & quanto para prova disto balsa a ex-
periencia, que bem claro nos moltra a verdade do
caso.

81

EFoy, que de doença crua, & fea,
A mais, que eu nunca vi, de separarãõ
Muytos a vida, e em terra estranha, & albeya,
Os ossos para sempre sepultarãõ.

Quem haverá que sem o ver o creya?
 Que tão disformemente aly lhe incharão
 As gengivas na boca, que crecia
 A carne, & juntamente apodrecia.

As gengivas na boca. Conta João de Barros na primeyra Decada que naquelles dias, que estiverão dando pendor aos navios, parece que, ou do ar daquela terra, ou da corrupção dos mantimentos lhe sobreveyo hum trabalho com doença, de que morrerão alguns. A mayor parte foy de erisipelas, & juntamente lhe crecia tanto a carne das gengivas, que lhe não cabia na boca, & logo lhe apodrecia aquella carne de mancyra, que não havia quem suportasse o fedor da boca, & com estes males padeciaõ dores muy grandes, & morrerão alguns como aqui diz o Poeta.

82

Podrecia co' hum fetido, & bruto
 Ch'yro, que o ar visinho inficionava,
 Não tinhamos alli Medico astuto,
 Cirurgiaõ sutil, menos se acabava:
 Mas qualquer neste officio pouco instructa
 Pela carne já podre assi cortava
 Como se fora morta, & bem convinha,
 Pois que morto ficava quem a tinha.

Pois que morto ficava quem a tinha. Não quer dizer, que os que tinhaõ este mal estavaõ mortos com morte natural, mas que tinhaõ as qualidades que tem os mortos, porque não fallavaõ, & o leu cheyro era de gente já defunta, & não tinhaõ sentido de homens vivos, pelo trabalho grande que tinhaõ com hum tão grande mal, & dores excessivas.

83

Em fim, que nesta incognita espessura
 Deyxamos para sèpre os companheyros,
 Que em tal caminho, em tanta desventura
 Forão sempre comnosco aventureyros:
 Quão facil he ao corpo a sepultura!
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeyros,
 Estranhos assi mesmo, como aos nossos
 Receberão de todo o illustre os ossos.

Quão facil he ao corpo a sepultura. Declara o Poeta neita oitava a igualdade, que a morte tratta com todos, não fazendo differença nos estados, conforme aquelle dito de Horacio. *Pallida mors æquo pulsat pede, & Regum turres, pauperumque tabernac.* A morte a todos iguala, assim entra nas torres, & paços dos Reys, como nas tendas dos pobres officiaes, & como qualquer lugar serve de sepultura, assim do illustre, como dos que o não são, como a experiencia nos ensina.

84

Assi que deste porto nos partimos
 Com mayor esperança, & mór tristeza,
 Epela costa abayxo o mar abrimos,
 Buscando algum sinal de mais firmeza:
 Na dura Moçambique em fim surgimos,
 De cuja falsidade, & mã vileza
 Já seràs sabedor, & dos enganos
 Dos povos de Mombaça pouco humanos.

Com mayor esperança, & mór tristeza. Levavaõ a esperança pelos sinaes, que acháraõ, & novas da India, & tristeza pelo trabalho daquella tão triste, & nojenta doença. *Na dura Moçambique.* Aos 24. de Fevereiro de 1498. sahiraõ os nossos do rio dos Bons sinaes, & o primeyro de Março, houverão vista de Moçambique, terra hoje aliás conhecida dos nossos, por ser muyto frequentada das nossas armadas, & terem os Reys de Portugal alli fortaleza: Chamalhe o Poeta aqui desta, porque sempre se deraõ mal os moradores desta terra com os nossos.

Dos povos de Mombaça pouco humanos. Os de Mombaça tambem fizeraõ roim gazalhado aos nossos, & determináraõ destruhilos, como fica dito em outros lugares.

85

Te que aqui no teu seguro porto,
 (Cuja brandura, & doce tratamento;
 Darà saude a hum vivo, & vida a hum morto)
 Nos trouxe a piedade do alto assento:
 Aqui repouso, aqui doce conforto,
 Nova quietação do pensamento
 Nos deste, & vès aqui, se a tanto ouviste,
 Te contey tudo quanto me pediste.

Atè que aqui. Estas cousas todas vay relatandõ o Capitão mór Dom Valco da Gama a El-Rey de Melinde a petição lua, como se trata no canto segundo aonde se começa a relatar esta Historia.

86

Ulyssa agora Rey, se bouve no mundo
 Gente, que taes caminhos cometessem,
 Crès tu, que tanto Eneas, & o facundo
 Vlysses pelo mundo se estendessem?
 Ousou atgum a ver do mar profundo,
 (Por mais versos, que delle se eserevessem.)
 Do que eu vi, apoder de esforço, & arte,
 E do que inda hey de ver, a oytava parte?

Crès que tanto Eneas. De Eneas, & Ulysses trattey no canto primeyro, & segundo.

E Sse, que bebo tanto da agoa aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rhode, Smirna, & Colophonias,
Athenas, Tos Argo, & Salamina:
Essoutro, que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altifona, & divina
Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tibre co' o som se ensoberbece.

Esse que bebo tanto da agua aonia. Agua aonia, he a agua da fonte Aganippe, da qual todos os que bebiao ficavao Poetas, & diz que bebo muyta desta agua Homero, porque foy Poeta excellentissimo, & para encarecimento de sua doutrina, & erudição não ha mais, que trazer que o que delle diz Velleyo Paterculo no livro primeyro da Historia Romana, que tã merece nome de Poeta, aonde de acrecenta, *in quo hoc maximum est, quod neque ante illum, quem ille imitaretur, neque post illum, qui eum imitari posset inventus est*, que nom antes delle houve quem elle imitasse, nem depois delle quem o pudesse imitar a elle. Não se pôde mais dizer, & com verdade. Sobre o qual lugar de Velleyo diz Justo Lipsio muytas cousas, & dignas de seu entendimento, porque não há poder chegar a Homero, & por elle ser este depois de morto o pretenderao muytos por natural, sem até hoje se saber a certeza donde fosse. O Poeta conta muytas Cidades de Grecia, que tinhao entre si grande contenda sobre Homero, he cousa sabida.

Essoutro, que esclarece toda Ausonia. Ausonia he Italia, chamada assim de Ausonio seu Rey, Esta esclarece, & ennobrece muyto o Poeta Virgilio Italiano de nação, & natural da Cidade de Mantua, junto da qual passa o rio Mincio, de que aqui o Poeta faz menção, & diz que o Mincio se adormece com seu som, & o Tibre se ensoberbece, porque o Mincio não teve de Virgilio outro interesse, se não o gosto delle ser seu natural, pelo que diz que se adormece pelo gosto, & contentamento que tem de ouvir tão boas novas de seu natural. E o Tibre se ensoberbece, porque em Roma fez este Poeta seu assento, & alli compoz os seus livros. E porque Roma gozava delle, & o tinha sempre consigo, andava soberba, & levantada, & ainda que se chama Mantuano, elle não foy natural de Mantua, se não de huma Aldea muyto triste junto a Mantua, chamada Andes, aonde eu já estive espantado de ver a tristeza do lugar, & excellencia do Poeta, que alli naceo.

C Antê, louvem, & escrevaõ sêpre estremos
Desses seus Semideoses, & encareçaõ.

*Fingindo Magas, Circes Polyphemos,
Sirenas, que co' canto os adormegaõ
Demlbe mais navegar à vella, & remos
Os Cicones, & a terra, onde se esqueçaõ
Os companheyrros, em gostando o Loto,
Demlbe perder nas agoas o Pilotto.*

Cantem, louvem. Diz isto porque Homero, & Virgilio, & os mais antigos tudo escreveraõ fabulas, & mentiras, como em suas obras se pôde ver fingindo muytas patranhas, & contos fabulosos, como tratar de seus semideoses, que por outro nome se chamaõ Heroes, dos quaes fica tratado no canto 4. oytava 5o. *Magas, Circes*. Maga he palavra de Persia, na qual lingua significa o que na Grega, Philolopho, & na nossa Sabio. E porque entre estes Sabios havia alguns, que tocavao de communicação com os demonios, como sempre se costumou entre os Egypcios, & hoje entre os Indios, & Ethiopicos: daqui Magia, que he a ciencia destes Magos se tomava em boa, & má parte, como hoje em dia se toma, porque a perfeyta Philosophia se chama Magia. *Magas Circes*. Aqui neste lugar por Circes, entende feyticeyras, tomando a palavra Magas em má parte com o epitheto de Circe, que o foy grande. Da qual conta Homero na Odissea K. que por ordem dos Latinos he o livro decimo, que converteo os Companheyrros de Ulysses em porcos, & o mesmo diz Virgilio Eglog. 8. *Carminibus Circe socios muta vii Ulyssis*. Circes com suas encantações, & feyticarias converteo os Companheyrros de Ulysses em porcos, que he o que o Poeta neste lugar entende. *Polyphemos*. Polyphemo foy hum Gigante filho de Neptuno, do qual os Poetas contaõ grandes fabulas, entre outras, que tinha hum olho só na testa, tão grande como huma grande rodela, o qual Ulysses lhe quebrou, como diz Virgilio na Eneida, & Homero na Odissea.

Syrenas que co' canto os adormegaõ. As Sereas, dizem os Poetas que foraõ filhas de Acheloo, & Calliope, huma das nove musas: outros lhe daõ outros pays. Moravaõ no mar de Sicilia; da cinta para cima molheres, & peyxes da cinta para bayxo, cujos nomes eraõ, Partenope, Ligia, & Leucosia, grandes musicas, & tangedoras: em tanto que com a doçura da voz entretinhaõ aos que passavaõ, & adormecidos com a suavidade da musica os lançaõ no mar, como tratta Homero na Odissea M.

Demlbe mais navegar a vella, & remos: os Cicones. Esta diligencia de navegar dos Cycones povos de Thracia, & a briga que tiveraõ com a gente de Ulysses, pinta Homero na Odysea liv. 13. cap. 17. *Gostando o loto*. A arvore loto, como diz Plinio, he do tamanho de huma Pereyra, o fruyto que dá he como huma fava, & naceo muytos juntos nos ramos como mortinhos. He tão saboroso este fruyto, que vieraõ os Poetas daqui a levantar, que os

que comiaõ delle, se elqueciaõ de suas terras, molheres, & filhos, como Homero conta dos Companheyros de Ulysses no lugar allegado. Do nome desta arvore se chamão os moradores desta Provincia Lotophagos, que quer dizer, gente que come da arvore. Loto: Ortelio na sua Synonimia quer que sejaõ os Gelves. Em Africa há muytas arvores destas, & em Italia, como diz o mesmo Plinio, tambem há algumas, mas o fruyto não he tão bom. A fabula da Nympha Loto convertida nesta arvore conta Ovidio nas Metamorphoses liv. 9. *Dembe perder nas aguas o Piloto.* Como conta Virgilio na Eneida liv. quinto que aconteceu a Eneas, que lhe cahio Palinuro seu Piloto no mar, o que elle sentio muyto.

89

Ventos soltos lbes finjaõ, & imaginem
 Dos odres, & Calypsos, namoradas
 Harpias, que o manjar lhe contaminem,
 Decer às sombras nuas já passadas:
 Que por muyto, & muyto que se affinem
 Nestas fabulas vãs tambem sonhadas,
 A verdade, que eu conto nua, & pura,
 Vence toda grandiloqua escriptura.

Ventos soltos lbe finjaõ. Passando Ulysses pelas Ilhas Eolidas, aonde Eolo Rey dos ventos tinha sua morada, conta Homero na Odyssea, Eolo lhe meteo os ventos em hum odre, para que dalli os soltasse quando quizesse. Veja-se o que escrevemos no canto quarto, oytava 58.

E Calypsos namoradas. Calypso grande espediçada por Ulysses, filha de Thetis, & Oceano determinou não o largar toda a vida fazendolhe grandes promessas como diz Homero na Odyssea, & como eu notey no segundo canto oytava 45.

Arpias que o manjar lhe contaminão. Contaõ as fabulas, que Phineo Rey de Thracia por conselho de sua leguida molher, tirou os olhos aos filhos da primeyra, pelo que enojados os Deoses, lhe quebrãõ os teus, & lhe acrecerãõ outro tormento mayor, que tudo o que lhe punhaõ diante para comer lhe tiravão as Arpias, que eraõ humas Aves muyto sujas, & golosas, & lhe sujavão a mesa. Veja-se a nossa annotação no canto quarto oytava 85.

Decer às sombras nuas já passadas. Sombras já passadas são almas idas desta vida, falla á imitação dos Latinos, que por morrer dizem: *descendere ad umbras*, decer ao lugar aonde estáõ as almas, as quaes elles chamaõ tombras. Veja-se a nossa annotação no canto terceyro oytava 131. O que o Poeta nestas oytavas atrás quiz mostrar, foy, que todas as mentiras de Homero, com Ulysses, & de Virgilio com o seu Eneas, & assim de outros antigos Poetas, não são para se ouvir em comparação das verdades, que dos Portuguezes se trattão, porque com serem fabulas tão concertadas, & bem scien-

tas, com estylo, & palavras tão elegantes, item com todas estas particularidades, vem a conto de verdades, que são os Portuguezes trattão em suas historias.

90

D Aboca do facundo Capitão,
 Pendendo estavaõ todos embebidos,
 Quando deu fim à longa narraçãõ
 Dos altos feytos, grandes, & subidos:
 Louva o Rey o sublime coraçãõ
 Dos Reys, em tantas guerras conhecidos,
 Da gente louva a antiga fortaleza,
 A lealdade de animo, & nobreza.

Facundo Capitão. Entende o Capitão mór Vasco da Gama, porque nesta narraçãõ, que fez ao Rey de Melinde se houve facunda, & eloquentemente.

91

V Ay recontando o povo, que se admira
 O caso cada qual, que mais notou,
 Nenhum delles da gente os olhos tira,
 Que tam longos caminhos rodeou:
 Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
 Que o irmão de Lampectia mal guiou,
 Por vir a descansar nos Tethicos braços,
 E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Mas já o mancebo Delio as redeas vira. Nestas palavras nos pinta o Poeta o tempo da tarde quando o Sol se queria por, & está por tão galantes termos, que não pôde mais ser, mas muytas vezes por nos neste livro declarados. Mancebo Delio he o Sol, chamado assim da Ilha Delos aonde naceo, como fica notado atrás. Diz, que o Sol virava as redeas, que o irmão de Lampectia mal guiou, porque ao Sol attribuem hum carro com quatro cavallos em que dà luz às terras, como notamos neste canto oytava 46. O irmão de Lampectia he Phaeton filho do Sol, o qual dando hum dia luz ao mundo cahio como conta Ovidio largamente nas Metamorphoses, & fica notado no canto primeyro, & quinto, oytava 7.

Por vir descansar aos Tethicos braços. He pelo que muytas vezes fica notado, que o Sol à tarde se recolhe ao mar em casa de Thetis, aonde está até que o outro dia se levanta a dar luz às terras, o que tudo pinta Ovidio no lugar allegado, & he muyto labido, & por nós muytas vezes notado.

92

QUão doce he o louvor, & a justa gloria
 Dos proprios feytos, quando são soados,
 Qualquer nobre trabalha que em memoria
 Vença, ou iguale os grandes já passados.

As

*As envejas da illustre, & albea historia,
Fazem mil vezes feytos sublimados;
Quem valerosas obras exercita
Louvor albeo muyto o esperta, & incita.*

Quão doce he o louvor. O que eu pudera aqui trazer para declaração desta oytava tratta o Poeta nas seguintes até o fim do livro com exemplos tão proprios, & tão conformes que me escusa a mim de por outros.

Não timba em tanto os feytos gloriosos
De Achilles Alexandre na pelleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos, isso só louva, isso deseja:
Os tropheos de Melciades famosos,
Themistocles despartão só de enveja,
E diz, que nada tanto o deleytava,
Como a voz, que seus feytos celebrava.

Não timba em tanto os feytos gloriosos. Conta Cicerão na oração que fez em favor de Archias Poeta, que chegando a casa de Alexandre ao lugar aonde Achilles estava sepultado disse estas palavras: *O fortunatè adolescens, qui tuæ virtuti præconem in veneris Homerum.* O ditoso mancebo pois tiveste hum tão grande pregoeyro de tua cavalleria como foy Homero, & Plutarcho na vida de Alexandre o chama bemaventurado, porque teve na vida hum amigo leal, o qual se chamou Patroclo, & depois de sua morte hum tão grande pregoeyro de tuas obras como Homero. Este valeroso Capitão ainda que trabalhava por imitar as obras de Achilles, & lhe era muyto affeyçoado por tua cavalleria, todavia mais inveja tinha, como diz aqui o Poeta, a ditto de Achilles, em lhe caber por forte ter a Homero por elcritor de suas cousas, que a tua cavalleria, & prospera fortuna nas cousas da guerra.

Os Tropheos Melciades. Melciades, & Themistocles foraõ dous Capitães Athenienses de grande nome, entre outras cousas excellentes, que se contaõ de Melciades huma digna de memoria, & de que todos os Historiadores fazem muyto caso, foy que feyto elle Capitão general de hum pequeno exercito, para resistir ao poder grande de Dario Rey dos Perfas, o qual vinha com proposito, & determinação de destruir toda Grecia, junto a hum pequeno lugar chamado Marathon se encontrou com Dario, & lhe matou trezentos mil homens. De Themistocles se conta, que foy hum Capitão de grande conselho, & engenho, & de tão grande memoria, que de cór sabia o nome de todos os Athenienses. A primeyra guerra que os Athenienses tiveraõ com os Perfas, foy eleyto por general. Em huma batalha naval, que tiveraõ junto a Salamina desbaratou os Perfas, & livrou sua

patria de servidaõ. Entre outras cousas que dello se escrevem he esta, de que o Poeta aqui faz menção, trazer sempre diante de seus olhos os Tropheos de Melciades, & huma enveja grandissima de suas cavallerias, & que com nenhuma cousa dentia levar mayor gofsto na vida, que em trattar de suas cousas.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama,
Que essas navegações, que omundo cáta,
Não merecê tamanha gloria, & fama,
Como a sua, que o Ceo, & a terra espanta:
Simas aquelle Heroe, que estima, & ama
Com dões, mercès, favores, & honra tanta
A lira Mantuana faz, que soe
Eneas, & a Romana gloria voe.

Si mas aquelle Heroe. Que seja Heroe fica dito no canto quarto oytava 50. O que o Poeta quer dizer he que os Portuguezes não favorecem nem fazem mercè alguma aos homens de engenho como fizeram os antigos, & esta he a razão porque Eneas, & outros Romanos excellentes foraõ conhecidos no mundo por serem Mecenas, & Padroeyros dos Poetas. Lyra Mantuana he viola de Mantua, entende os versos de Virgilio, que tanto celebraraõ Eneas.

Dá a terra Lusitana Scipioes,
Cesares, Alexandres, & dá Augustos,
Mas não lhe dá com tudo aquelles doens,
Cuja falta os faz duros, & robustos:
Octavio, entre as mayores oppressões
Compunha versos doutos, & venustos,
Não dirá Fulvia certo, que he mentira,
Quando a deyxava Antonio por Glasira.

Dá a terra Lusitana Scipioes. Mostra o Poeta nesta oytava como em Portugal se criaõ homens muyto esforçados, & Cavalleyros, & tanto, que nem os Romanos antigos de cujas façanhas há tantos livros cheyos, lhe fizeraõ ventaje, como os Scipioes, Celares, Augustos, & que destes não há hum Scipião, se não muytos, muytos Cesares, & muytos Alexandres, mas tem os Portuguezes huma muyto grande racha, que he não misturarem com as armas as letras, como os antigos faziaõ, como Octaviano, & Marco Antonio, de que o Poeta aqui faz menção, & outros muytos Principes de que os livros estaõ cheyos. Faz-se isto hoje tanto ao revez, que antes se pragueja de quem sabe. Não tem este lugar necessidade de prova.

Não dirá Fulvia não que he mentira. Marco Antonio como conta Plutarcho em sua vida foy muyto affeyçoado a letras, & poesia, em esta parte foy deparado, porque deyxava tua mulher Fulvia por ir ouvir chiftes, & trovinhas de Glasira, & outras mulheres.

96

V Ay Cesar sojugando toda França,
 E as armas não lhe empedem a sciência,
 Mas nuna mão a pena, & noutra a lança
 Igualava de Cicero a eloquencia:

O que de Scipião se sabe, & alcança,
 He nas comedias grande experiencia;
 Lia Alexandre a Homero de maneyra,
 Que sempre se lhe sabe á cabeceyra.

Vay Cesar. Este he Julio Cesar, do qual havemos tratado algumas vezes nestas annotações, entre outras cousas que se delle etrevem, huma he que o Poeta aqui aponta, que em huma mão trazia a penna, & na outra a espada, porque tudo o que della lhe succedia na guerra, de noyte etcrevia com tanta diligencia, & fidelidade, que os seus Commentarios que destas cousas compoz, foraõ approvados, & tidos por verdadeyros por seus proprios advertarios, & inimigos.

O que de Scipião se sabe. Publio Cornelio Scipião chamado Africano pelas grandes cavallerias que em Africa fez, principalmente na destruição de Carthago, foy descendente da illustre casa dos Cornelios, & filho de Publio Scipião, o qual segundo se escreve foy o primeyro Capitão Romano, que pelejou com Annibal. Foy muyto dado ao estudo das letras, & principalmente muyto affeyçoado a comedias, como aqui diz o nosso Poeta, pelo que foy muyto amigo de Terentio, & com muytas mercês que lhe fez, acabou com elle três ladasse as comedias que hoje temos, cujos primeyros Autores foraõ Gregos.

Lia Alexandre a Homero de maneyra. O mayor gosto que Alexandre tinha na vida, era ler pelo Poeta Homero, & tanto que de dia o trazia no feyo, & de noyte o tinha debayxo do travesleyro da sua cama.

97

E M fim não ouve forte Capitão,
 Que não fosse tambem douto, & sciente,
 Da Lacia, Grega, ou Barbara nação,
 Senão da Portuguesa tão somente.
 Sem vergonha o não digo, que a razão
 De algum não ser por versos excellente,
 He não se ver prezado overso, & rima,
 Porque quem não sabe a arte não na estima.

Em fim não bouve forte Capitão. Diz que todos os Capitães, q̄ houve no mundo de nome, quer Romanos, que entende pela nação Lacia, q̄ quier dizer Latina, quer Gregos, ou Barbaros, foraõ dados ao exercicio das letras, & q̄ se os Portuguezes as desprezão, & isto porq̄ as não entendem, porque não preza as cousas, senão quẽ as conhece, & q̄ por não haver quem faça caso da Poesia, não ha Poetas, havendo homẽs de muyto engenho, & habilidade, & daqui vem q̄ não ha Eneas nem Achilles: quero di-

zer q̄ não há homẽs conhecidos pela fama, por mais excellentes q̄ na vida fosse, por falta de quem lhe etcreva suas cousas. E o q̄ mais he de sentir, q̄ elles são taes, q̄ o não lentẽ como na oytava seguinte diz o Poeta.

98

P Or isso, & não por falta de Natura
 Não ha tãbem Virgilios, nem Homeros,
 Nem averã, se esse costume dura,
 Pios Eneas, nem Achilles feros:
 Más o peyor de tudo he, que a ventura
 Tam asperos os fez, & tam Austeros,
 Tam rudos, & de engenho tam remisso
 Que a muytos lhe dá pouco, ou nada disso.

Que a muytos lhe dá pouco, ou nada disso. Poderate lofrer não lhe dar aos homẽs de saberem letras, & sciencias, mas haver homẽs q̄ tenhaõ em pouco os q̄ sabẽ, he barbaria fina.

99

A S Musas agradeça o nosso Gama
 O muyto amor da patria, que as obriga
 A dar aos seus na lira nome, & fama,
 De toda a illustre, & bellica fadiga:
 Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
 Caliope não tempor tam amiga,
 Nem as filhas do Tejo, que deyxassem
 As tellas douro fino, & que o cantassem.


As Musas agradeça. Nota aqui o Poeta aos Portuguezes pouco favorecedores dos Poetas, pelo q̄ esta empreza q̄ elle tomou de lhe escrever seus feytos, devẽno à Patria, aonde elle naceo, q̄ o amor demasiado q̄ lhe tinha, o fez cantar os feytos dos seus naturaes, & não obrigação alguma q̄ tivesse. Caliope he hũa das Musas, & principal dellas. Filhas do Tejo são as Nymphas do Tejo, Padroeiras tambẽ dos Poetas, como fica dito no canto 1. oytava 4.

100

P Orque o amor fraterno, & puro gosto
 De dar a todo o Lusitano feyto
 Seu louvor, he sõmente o presuposto
 Das Tagides gentis, & seu respeyto:
 Porém não deyxẽ em fim de ter disposto
 Ninguem a grandes obras sempre o peyto,
 Que por esta, ou por outra qualquer via,
 Não perderã seu preço, & sua valia.

Das Tagides gentis. Tagides são as Nymphas do Tejo. Veja-te o q̄ escrevemos no primeyro canto. O q̄ nesta oytava diz o Poeta he q̄ o seu intẽto neste livro he dar o devido louvor aos heroicos feytos dos Portuguezes, pela obrigação q̄ atrã tocãmos de lerẽ seus naturaes, & não por elles o merecẽ, pois não favorecẽ aos homens q̄ nesta parte os põdẽ fazer grãdes, & excellentes cõ seus escritos. Cõ tudo acõselha se applicuẽ as obras de virtude, porq̄ nunca falta quem faya por ellas.

OS



OS LUSIADAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

A R G U M E N T O.

Parte-se de Melinde o Illustre Gama,
 Com Pilotos da terra, & mantimento,
 Dece Lieo ao mar, Neptuno chama
 Todos os Deoses do humido elemento:
 Conta Velloso aos seus dando honra, & Fama
 Dos doze de Inglaterra ó vencimento:
 Soccorre Venus a affligida armada,
 E à India chega tanto dezejada.

CANTO SEXTO.

Neste Canto se tratta como sahio Vasco da Gama de Melinde, & o que lhe
 aconteceo até chegar a Calecut. Conta-se tambem a famosa Historia
 dos doze de Inglaterra.

I

Não sabia em que modo festejasse
 O Rey pagão os fortes navegantes,
 Para que as amizades alcançasse
 Do Rey Christão, das gentes tão possantes.
 Pesalhe que tão longe o aposentasse
 Das Europeas terras abundantes
 Aventura, que não o fez vezinho
 Donde Hercules ao mar abriu caminho.

O Rey Pagão. O Rey de Melinde, ao qual Vasco
 da Gama relatou a Historia, que nos tres cantos
 atrás ouvistes.

Europeas terras. São terras desta nossa Europa.
Donde Hercules ao mar abriu o caminho. Entende
 o estreito de Gibraltar. Veja-se o que escrevemos
 no canto terceyro, oytava 93.

2

Com jogos, danças, & outras alegrias,
 Segundo a policia Melindana,
 Com usadas, & ledas pescarias
 Com que Lageia a Antonio alegre, & engana:
 Este famoso Rey todos os dias
 Festeja a companhia Lusitana,
 Com banquetes, manjares de susados,
 Com frutas, aves, carnes, & pescados.

Com que a Lageia Antonio alegre, & engana. Lageia he Cleopatra Raynha do Egypto, chamada assim de Ptolomeo Lago Rey delle. Esta deu grandes banquetes a Marco Antonio. Veja-se o que escrevemos no canto segundo, oytava 53.

3

M As vendo o Capitão que se detinha
 Já mais do que devia & o fresco vento
 O convida que parta, & tome a sinha
 Os Pilotos da terra, & o mantimento.
 Não se quer mais deter, que ainda tinha
 Muyto para cortar do falso argento:
 Já do pagão benigno se despede,
 Que a todos amizade longa pede.

Salso argento. Salso argento he o mar: Veja-se a nossa annotação no canto primeyro oytava 18. Benigno chama ao Rey de Melinde, pelo bom agazalhado, que nelle achárao os Portuguezes.

4

P Edelhe mais, que aquelle porto seja
 Sempre com suas frotas visitado,
 Que nenhum outro bem mayor deseja,
 Que dar a taes baroões seu Reyno, & estado,
 E que em quanto seu corpo o espirito reja
 Estara de continuo aparelhado
 Apor a vida, & Reyno totalmente
 Por tão bom Rey, por tão sublime gente.

5

O Utras palavras taes lhe respondia
 O Capitão, & logo as vellas dando,
 Para as terras da Aurora se partia,
 Que tanto tempo ha já que vay buscando:
 No Polito que leva não avia
 Falsidade, mas antes vay mostrando
 A navegação certa, & assi caminha
 Já mais seguro do que dantes vinha.

Para as terras da Aurora se partia. Que cousa seja propriamente Aurora, fica dito no canto primeyro, oytava 14. & 112.

6

A Sondas navegavaõ do Oriente
 Já nos mares da india, & enxergavaõ
 Os thalamos do Sol, que nace ardente,
 Já quasi seus desejos se acabavaõ.
 Mas o mau Thyoneo, que na alma sente
 As venturas, que entãõ se aperelhavaõ

*A agente Lusitana, dellas dina,
 Arde, morre, blasfema, & de jatina.*

Thalamos do Sol. São as partes aonde o Sol nace, os quaes na oytava atrás chamou partes da Aurora, que tudo he huma mesma coula. Chamaõ os Poetas aquellas partes thalamos do Sol de *thalamus*, que quer dizer cama, ou estrado, porque fingem que dalli se levanta, & nace o Sol. *Thyoneo*, Baccho. Veja-se a nossa annotação no segundo canto, oytava 12.

7

V Ia estar todo o Ceo determinado
 De fazer de Lisboa nova Roma,
 Não o pode estorvar, que destinado,
 Está de outro poder, que tudo doma
 Do Olympo doce em fim desesperado,
 Novo remedio em terra busca, & toma
 Entra no humido Reyno, & vayse á corte
 Daquelle a quem o mar cabio em sorte.

De fazer de Lisboa nova Roma. Pelas vittorias que havia de alcançar, com que se havia de parecer com os Romanos, que tanto dominárao.

Daquelle a quem o mar cabio em sorte. Este he Neptuno irmão de Jupiter, Plutão, & Juno, filhos de Saturno, os quaes lançando fortes sobre o que cabia a cada hum dos Reynos de seu pay Saturno, que era Senhor do universo, depois que foy lançado do Ceo. A Jupiter cabio em forte o Ceo, a Juno o Ar, a Neptuno o Mar, a Plutão o inferno.

8

N O mais interno fundo das profundas
 Cavernas altas, onde o mar se esconde,
 Lá donde as ondas saem furibundas
 Quando às iras do vento o mar responde:
 Neptuno mora, & moraõ as jocundas
 Nereidas, & outros Deoses do mar, onde,
 As aguas campo deyxão às Cidades,
 Que habitão estas humidas deydades.

No mais interno fundo. Delcreve aqui os aposentos, & passos de Neptuno, os quaes diz que taõ no fundo do mar.

Cavernas altas. Covas fundas.

Nereidas. São as Nymphas do mar filhas de Neptuno, de que já muytas vezes temos tratado. *Humidas deydades.* São divindades do mar, gente nobre, & Senhores, que os Poetas fingiaõ morar no mar, & por este respeyto lhe attribuhiaõ poetica, & fabulosamente divindade, como consta da lição dos Poetas.

D Escobre o fundo nunca descoberto
As areas aly de prata fina,
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa cristalina:
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina,
Se he chrisal o que vê se diamante,
Que assi se mostra claro, & radiante.

Fundo nunca descoberto. He aquella parte, aonde Neptuno habita por ser no mais fundo, & secreto lugar do mar, aonde nunca ninguem vay.

Torres altas. Estas torres altas de massa cristalina, são torres de agoa muyto clara, & radiante, como o Poeta nesta oytava encarece.

Se he chrisal o que se vê se diamante. Para encarecimento da fermosura das aguas.

10

A S portas d'ouvo fino, & marchetadas
Do rico aljofar, que nas conchas nasce,
De escultura fermosa estão lavradas
Na qual do irado Bacco a vista paze:
E vê primeyro em Cores variadas,
Do velho Chaos a tão confusa face:
Vemse os quatro elementos traslados,
Em diversos officios occupados.

Do rico aljofar, que nas conchas nasce. O principal aljofar se peica na Cidade de Baresm, na costa da Arabia, togeyta a El Rey de Ormuz. Ha-o tambem em Seylaõ, & em outras partes. Pesca-se no fundo do mar, tirando as ostras, & deytandoas ao Sol, as quaes despois de seccas se abrem, & dalli se tira.

Na qual do irado Bacco a vista paze. Encarecimento grande he da fermosura do lugar, pois Bacco tão colerico, & irado te deteve, & deleytou em ver aquellas cousas.

Do velho Chaos a tão confusa face. Entre outras cousas que estavam naquellas portas, huma era aquelle antigo, & confuso Chaos, de que os Poetas tanto fallaõ, que foy o primeyro lugar, segundo elles fingem, dondê todas as cousas tiveraõ origem. Chaos he palavra Grega, & quer propriamente dizer confusão, porque naquelle Chaos estavam confutamente todas as cousas sem ordem nem concerto algum. Tratta deste Chaos Ovidio nas Metamorphotes, liv. 1. & chamalhe o Poeta velho por sua antiguidade. Veja-se o Proverbio *Chao antiquior.*

Vem se os quatro elementos. Dos quatro elementos, & razão deste nome trattey no segundo canto, oytava 33. & na oytava leguinte os pinta o Poe-

11

A Lli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sustinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
De pois que Promethéo furtado o tinha:
Logo a pos elle leve se sublima
O invencivel Ar, que mais asinha
Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,
Algum deyx a no mundo estar vasio.

Alli o sublime fogo estava encima. Chama ao fogo tublime, ou pela nobreza, ou pelo lugar aonde disse Ovidio:

*Ignea convexi vis, & sine pondere Celi
Emicuit, lummaque locum sibi legit in arce.*

O fogo tomou o mais alto lugar, porque está junto ao Ceo da Lua encima de outros elementos.

Que em nenhuma materia se sustinha. Porque não tem necessidade de lenha, nem de outras ajudas para se sustentar.

Depois que Promethéo furtado o tinha. Veja-se a nossa annotação no canto quarto, oytava 103.

O invisivel Ar. Chama ao ar invisivel, porque não se detem a vista nelle por ser muyto raro, & sutil. Este Ar está logo junto ao fogo, & logo a agua, & no ultimo lugar a terra como mais pelada que os outros elementos. E ainda que o Poeta aqui á imitação de Ovidio detrevento aos Elementos, poem a terra no terceyro lugar, & não he por ser mais leve que a agua, mas por ser asento della, & assim se ha de entender Ovidio, & o Poeta aqui. Nem he incõveniente estar muyta parte da terra descuberta de agoa, porque isto ordenou Deos Omnipotente, para habitação dos homens, por cujo respeyto criou todo o universo. A qual ordem, & preceyto de Deos se collige do primeyro capitulo do Genesis: *Congregentur aquae quae sub Caelo sunt in locum unum, & appareat arida.* Ajuntem-se as agoas que estão debayxo do Ceo em hum lugar, & appareça a terra. Pelo que havemos de entender, que se este preceyto de Deos não fora por ordem da natureza a agoa cobriria toda a terra, pois he regra Philosophica, que todos concedem, que qualquer elemento superior he dez vezes tanto mayor, que o inferior, mas Deos todo poderoso, mandou ás agoas que se desviassem para huma parte, & deyxassem lugar desoccupado para habitação dos homens.

E nem por quente, ou frio. Isto he por aquella regra da Philosophia, *quod non datur vacuum in rerum natura*, que não há lugar valio no universo, mas tudo está occupado.

12

E stava a Terra em montes revestida,
De verdes ervas, & arvores floridas,
Dando pasto diverso, & dando vida,
Aas alimarias nella produzidas:
Aclara forma alli estava esculpida,
Das agoas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

13

N outra parte esculpida estava a guerra,
Que tiveraõs Deoses co' os Gigantes;
Està Typhéo debayxo da alta serra
Do Ethna, que as flamas lança crepitanes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes
Delle o cavallo houveram, & a primeyra
De Minerva pacifica Oliveyra.

N'outra parte esculpida estava a guerra. Veja-se o canto primeyro, oytava 51.

Està Typhéo debayxo da alta serra de Ethna. Diz Pindaro Poeta Grego, ao qual segue Estrabo liv. 15. que o Gigante Typhéo está preso no monte Ethna, & atormentado alli por mandado de Jupiter, por le achar na guerra dos outros Gigantes. Daqui chamão os Poetas aos rayos *tela Typhaea*, não por Typhéo Gigante os fazer a Jupiter, como alguns querem, se não por terem de materia de fogo, o qual dizem os Poetas, que o monte Ethna de Sicilia o lança de si, aonde Thipheo está amarrado.

Esculpido se vê ferindo a terra Neptuno. Veja-se, o que elcrevemos no canto terceyro, oytava 51.

14

Pouca tardança faz Lyéo irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando.
Aas portas o recebe, acompanhado,
Das Ninfas, que se estão mar avilhando,
De ver, que cometendo tal caminho,
Entre no Reyno da goa o Rey do vinho.

Pouca tardança faz, Lyéo irado. Entre outros nomes que os Poetas dão a Baccho, hum he Lyéo, o qual conforma muyto com a natureza dos homens affeyçoados ao vinho, porque he de hum verbo Grego Lyo, que quer dizer soltar, ou livrar, porque esta gente he muyto livre, & apartada de cuydados, ou para milhor dizer muyto li-

vre, & solta no fallar, & de pouco segredo. Esta me parece a mim a razaõ porque a gentildade enganada costumava em seus sacrificios, & festas de Baccho levar cirandas, & joeyras, vasos que não fõstém em si agoa, dando a entender nisto a natureza de Baccho, & dos que o seguião: porque os que lhe fazião tuas festas se prelavão muyto de le tomarem do vinho, & fazer coulas que costumão fazer os que guardão suas regras. Donde diz Virgilio nas Georg. *Et mystica vanus lacchi*, & a mystica ciranda de Baccho. Bem sey que lhe dão alli outras declarações, mas esta me parece a mim a propria, & assim respondi ao nosso Luis de Camões perguntandome a razaõ, & declaração daquelle verso, & lembriame que lhe contentou mais, que as que os comentarios naquelle lugar tratão. Põde ser Baccho tambem Lico de lio, que he prender, pelo officio do vinho, que he prender, & atar, a quem se dá a elle.

15

O Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Bacco nos teus Reynos receberes
Porque tambem co' os grandes, & possantes,
Mostra a Fortuna seus poderes:
Manda chamar os Deoses do mar, antes
Que fale mais, se ouvirme o mais quiseres
Veram da desventur a grandes modos:
Ouçaõ todos o mal, que toca a todos.

16

JUtgando já Neptuno, que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, qui chame os Deoses da agoa fria,
Que o mar habitão d'huma, & d'outra bãda:
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rey, & da Salacia veneranda:
Era mau ebo grande, negro, & feyo,
Trombeta de seu pay, & seu correyo.

Tritão, que de ser filho se gloria do Rey, & de Salacia veneranda. Tritão foy filho de Neptuno, & da Nympha Salacia, correyo, & trombeta de seu pay, como aqui diz o Poeta.

17

OS Cabellos da barba, & os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Huns limos prenhes da goa, & bem parecem,
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados nam fallecem
Os negros mexilhões, que alli se géram,
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma muy grande casca de lagosta.

Os cabellos da barba. Piatanos aqui o Poeta a Tritão trombeta de Neptuno seu pay à imitação de Ovidio liv. 1. Met.

18

O Corpo nu, & os membros genitales,
Por não ter ao nadar impedimento
Mas porém de pequenos animaes,
Do mar todos cubertos cento, & cento:
Camarões, & Cangrejos, & outros mais,
Que recebem de Phebe crescimento,
Ostras, & Birbigões do musgo sujos,
As eostas com a casca os Caranujos.

Que recebem de Phebe crescimento. Phebe, he a Lua, Diz que as ostras, & o mais marilco recebe crescimento da Lua, porque a sua principal influencia he frialdade, & humidade, que nestas coulas propriamente faz effeyto como em outras muytas desta qualidade.

19

N A mão a grande concha retorcida,
Que trazia com força já tocava,
A voz grande, & canora foy ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava:
Já toda a companhia apercebida
Dos Deuses para os paços caminhava
Do Deos, que fez os muros de Dardania,
Destruídos depois da Grega insania.

Na mão a grande concha retorcida. Concha retorcida era hum buzio, com que Tritão tangia, o qual era a lua trombeta, & chama ao buzio concha, como lhe chamão os Latinos, & assim lhe chamou Ovidio liv. 1. Met. *Conchaque sonanti inspirare jubet.* E manda lhe Neptuno tocar o seu buzio sonoro.

A voz grande canora. Voz canora he voz sonora de cano verbo Latino, que quer dizer cantar, ou soar.

Daquelle que fez os muros de Dardania. Entende Neptuno, a quem os Poetas, como fica por muytas vezes dito, chamão Deos do mar. Este em companhia de Apollo, que os Poetas chamão Deos da musica, & medicina, fez os muros de Troya a petição de Laomedonte seu Rey, pela qual refaço aos muros de Troya chamão os Poetas Mænia Neptunia, ou Apollinea, muros de Neptuno, ou de Apollo. Chama aqui Luis de Camões a Troya Dardania de Dardano seu Rey, o que tudo he muyto sabido dos que lem pelos Poetas.

Destruídos depois da Grega insania. Aponta aqui a destruição de Troya, da qual trattamos no canto terceyro.

20

Vinha o Padre Oceano acompanhado
Dos filhos, & das filhas, que gerára,
Vem Nereo, que com Doris foy casado,
Que todo o mar de Ninfas povoára:
O Propheta Protheo deyxando o gado
Maritimo pacer pella agoa amara,
Alli veyo tambem, mas já sabia,
O que o Padre Lyeo no mar queria.

Vinha o Padre Oceano. Os antigos, como por muytas vezes fica dito, fazião Deoles a cada canto nos matos, rios, & mar tudo eraõ Deoses, & ao mesmo mar tinhaõ nesta conta, como o nosso Poeta aqui diz, fallando como Poeta, que acudio a este ajuntamento, que se fazia nos paços de Neptuno, tenhor, & monarcha do mar. *Vem Nereo.* Este Nereo he outro Deos do mar, filho do Oceano, & Thetis. Este foy casado com Doris, & quanto ao que aqui diz, que Nereo povoára todo o mar de Nymphas, he pelo que os Poetas fingem delle, que teve muytas filhas, a que chamão Nereidas, & alguns querem que fossem cincoenta. Seus nomes se pôde ver em Higinio, no principio do seu livro.

O Propheta Protheo. Protheo foy filho do Oceano, & Thetis pastor do gado de Neptuno como fica dito no canto primeyro foy grande propheta, segundo o q delle fingê os Poetas, como aqui apõta o nosso Camões, & diz Virgilio nas Georgicas.

*Novit namque omnia vates,
Que sint, que fuerint, que mox ventura trabantur.*

Entende Protheo muyto bem, diz Virgilio, as cousas assim presentes como passadas, & por vir. Veja-se a nossa annotação no lugar allegado.

Lyeo. He Baccho. Veja-se o que eicrevemos atrás neste canto, oytava 14.

21

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo, & Vesta filha,
Grave, & leda no gesto, & tão fermosa,
Que se amañava o mar de maravilha:
Vestida huma camisa perciosa,
Trazia de delgada baetilha,
Que o corpo cristalino deyxava ver se,
Que tanto bem não he para esconder se.

Vinha por outra parte a linda esposa. Salacia mulher de Neptuno, filha de Celo, & Vesta.

22

A Mfritite fer mosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse

O Delfim traz consigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou, que obedecesse:
Co's olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá, que o Sol venceffe,
Ambas vem pella mão; igual partido,
Pois ambas são esposas de hum marido.

Amphitrite fermosa como as flores. Esta Amphitrite era tambem molher de Neptuno, como Sallacia.

O Delfin tras consigo. He o peyxa que chamamos golfinho assás conhecido. Contão-se delle muytas cousas ácerca da affeyção que tem aos homens, & á musica. Huma digna de memoria conta Solino no Polyhistor, a qual diz Appiano, que vio com seus olhos, & outros muytos com elle: que hum golfinho tomou tão grande affeyção a hum moço, que lhe costumava deytar ao longo da praya alguns bocados de pão, que o levava pelo meyo do mar de Bayas até Puzzole por espaço de duzentos estadios, que he quasi legua & meya, & o tornava a trazer com grande admiração da gente, & accreenta que de pois que falleceo o moço vinha todos os dias ao lugar donde costumava levalllo, & que vindo por muytas vezes, & não o achando morrera de laudade.

23

A Quella, que das furias de Athamante,
Fugindo veyo a ter divino estado,
Comsigo traz o filho bello Infante,
No numero dos Deoses relatado:
Pella praya brincando vem diante,
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, & às vezes pella areia,
No colo a toma a bella Panopèa.

Aquella que das furias de Athamante. Conta Ovidio: que não se podendo Juno molher de Jupiter por si vingar de Ino molher de Athamante Rey de Thebas, á qual tinha odio por ter em pouco assim a ella, como a Jupiter seu marido, se ajudou das furias infernaes, huma das quaes foy logo a casa de Athamante, & lha inficionou de maneyra, que Athamante com rayva, & furia matou hum filho seu por nome Learcho, & o mesmo fizera á molher se te lhe não escondera com outro chamado Melicerta: os quaes tambem com a mesma furia se lançaraõ no mar. Mas Neptuno por rogo de Venus os recolheo, & honrou no seu Reyno, mudandolhe os nomes a Ino chamando Leucothea, & a Melicerta Palemon: ao qual os Latinos chamão Portuno, por ser senhor dos portos do mar. O que o Poeta aqui diz he que a este ajuntamento, que Jupiter fazia sobre as cousas dos Pertuguezes, forão Leucothea, & Palemon, os quaes diz que vieraõ a ser Deoses do mar, fugindo das

furias de Athamante; como fica dito; & que tambem foy Panopea Nympha do mar, filha de Ne-reos, & Doris. O bello Infante. He Melicerta filho d'El-Rey de Athamante.

24

E O Deos, que foy num tẽpo corpo humano,
E por virtude da erva poderosa,
Foy convertido em peyxe, & deste dano
Lhe resultou Deydade gloriosa:
Inda vinha chorando o feo engano,
Que Circe tmbã usado co a fermosa
Scylla, que elle ama, della sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

E o Deos, que foy num tempo corpo humano. Este foy Glauco pescador do qual conta Ovidio, que tendo muytos peyxes na praya em quanto se deteve no enxugar das redes se lhe foraõ muytos ao mar. Olhando Glauco a causa desta novidade, vio que os peyxes viviaõ tocando em huma herva que na praya estava. Provou Glauco aquella herva, & aconteceu-lhe o que acontecia aos peyxes. Este foy tido entre os antigos por Deos do mar, que he o que diz aqui o nosso Camões, que do dano de ser convertido de homem em peyxe por virtude de huma herva lhe resultou ser tido por Deos do mar. Este tambem foy a este ajuntamento, de que himos trattando, mas aggravado, & queyxo de hum engano grande, que huma molher por nome Circe lhe fez, a qual como era grande feyticeyra, pedio a Glauco que lhe desse remedio para que Scylla, a quem elle queria muyto lhe desse algum favor, & o amasse o que a Circe fez de modo, que em lugar de fazer bem ao Glauco lhe fez mal; porque pertendia casarse com elle. Inficionou huma fonte aonde Scylla se costumava ir lavar, de maneyra que entrando Scylla nella, assim se fez rayvota, que lhe parecia que a rohiaõ, & comião os cães da cinta para bayxo, pelo que não se podendo sofrer se lançou no mar de Sicilia, aonde de continuo está ladrando. Veja-se o que escrevemos no segundo canto oytava 46.

25

T A finalmente todos assentados
Na grande sala nobre, & divinal,
As Deosas em riquissimos estrados,
Os Deoses em cadeyras de crystal:
Forão todos do Padre agasalhados;
Que co Thebaño tmbã assento igual,
De fumos enche a casa a rica massa,
Que no mar nasce, & a Arabia em cheyro passa.

De fumo enche a casa a rica massa, que no mar nasce. Esta massa que nasce no mar, he o ambar: o qual a natureza

natureza cria, não geralmente em todas estas partes do mar, mas em algumas como lastro delle, por cujo respeyto as baleas em certos tempos arribaõ áquellas partes, por ser este o seu proprio manjar, & affirmam-se que comem tanto até que se embebedão, & que o que laye à praya he, ou arrancado por ellas no fundo do mar, ou arrebeçado do que lhe sobeja quando comem. E que seja isto assim, he couza manifesta, porque não há ambar se não em algumas paragens, & esta he a opiniaõ de Luis de Camões, como consta do seu verso, & feyta experiencia por alguns curiosos em baleas mortas acháraõ o ambar no bucho, & tripas ainda fresco, & indigesto, como me contou hum homem, que se achou nas partes aonde o há. Pelo que nem se ha de dizer ser o esterco das baleas, nem o seu esperma, como querem muytos, porque se fora assim, acharie o ambar em todas as partes aonde há baleas. Há duas castas de ambar, hum pardo a que chamão Gris, que he muyto estimado em todo o mundo, outro preto, que vale muyto pouco. Logo quando labe este ambar he solto como tabaõ, mas dahia poucos dias endurece, & fica com o cheyro que todos vemos, tendo muyto pouco, ou nenhum em massa. Diz que passa em cheyro a Arabia, porque em Arabia há muyto incenso, & outras couzas cheyrofas.

26

E *Stando sossegado já o tumulto
Des Deoses, & de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peyto occulto,
A causa o Tyonèo de seus tormentos:
Hum pouco carregando se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Sò por dar aos de Luso triste morte,
Co' ferro albeyo fala desta sorte.*

Thyoneo. He hum dos nomes de Baccho, como fica dito. *Vulto.* He o rosto chamado assim de *volo* palavra Latina, que quer dizer querer, porque o que temos na alma logo aparece no rosto.

Os de Luso. São os Portuguezes chamados assim de Lulo companheyro de Baccho, como fica dito muytas vezes.

Co' o ferro albeyo. Com forças alheyas porque não se atrevia Baccho por si a deiviar os Portuguezes da empresa que tinhão entre mãos, pelo que procurava favor, & ajuda de Neptuno, para ver se por este meyo podia effectuar alguma couza.

27

P *Rincipe, que de juro senhoreas
De hum Polo, a outro Polo o mar irado
Tu, que as gentes da terra toda enfreas,
Que não passem o termo limitado:*

*E tu Padre Oceano, que rodeas
O mundo universal, & o tens cercado;
E com justo decreto assi permites,
Que dentro vivam só de seus limites.*

Principe, que de juro senhoreas. Daqui começa Baccho a tratar tua causa diante de Neptuno, & outros senhores do mar, o que pretende he, persuadilos a que não consintão os Portuguezes no seu Reyno, antes os persiguaõ, & avexem, pois são tão atrevidos que entraõ em Reynos alheyos sem licença, & vontade do Senhor delles. He esta petiçãõ a imitaçãõ de Virgilio liv. 1. *Æneid.* em huma oraçãõ que Juno molher de Jupiter fez a Eolo senhor dos ventos, pedindo-lhe destruisse a Eneas no mar, para que não chegasse a Italia, como Baccho aqui quèria fazer, que os Portuguezes não entrassem na India. Contem esta petiçãõ todas as partes, que se requerem, as quaes são tres, primeiramente pedir a quem tem poder, segundariamente pedir couza justa, ultimamente mostrarnos gratos da mercè que se nos fizer, ou mostraros que vay tambem muyto aos que haõ de ajudar, como aqui os Deoses do mar, cujo Reyno se perderia se não resistissem à entrada dos Portuguezes. Pede Baccho a quem pôde, pois pede a Neptuno senhor do mar, que o favoreça nelle, & juntamente aos mais senhores do mesmo mar, como consta destas duas oytavas desde aquellas palavras: Principe que de juro senhoreas. O que pede he justo, pelo grande atrevimento dos Portuguezes, pois não se contentando com suas terras se metem por Reynos alheyos, & atravessãõ os mares sem licença de Neptuno senhor delles. Por Principe entende Neptuno.

De hum Polo a outro polo. De Norte a Sul, termo he, que muytas vezes declaramos em estas nossas annotações.

E tu padre Oceano. Este fazem os Poetas grande Senhor do mar, & segunda pessoa depois de Neptuno, como aqui o faz Luis de Camões. Do Oceano te veja o que fica dito atrás no canto primeyro oytava 19.

28

E *Vds Deoses do mar, que não sofreis,
Injuria alguma em vosso Reyno grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer, que por elle corra, & ande
Que de scuydo foy este, em que viveis?
Quem pôde ser, que tanto vos abraude,
Os peytos com razãõ endurecidos,
Contra os humanos fracos, & atrevidos?*

E vds Deoses do mar. Entende Nereo, Glauco Thetis, & outros.

Contra os humanos fracos, & atrevidos. O que Baccho tacha aos Portuguezes he serem atrevidos, que

que a mayor gloria, & honra que elles pôdem ter, mayormente em coulas tão arduas, & difficultas como ellês commettiaõ. E por tão bom fim, porque como diz Plinio, *in magni, audere magna est*, em coulas grandes o atrevimento he coufa grande. E aquelle grande Tyrteo, ao qual Plataõ em muytos lugares chama Poeta divino, fallando a este proposito diz:

*Non enim vir bonus existit in bello
Si non sustineat cædem videre cruentam,
Et propius hostes stare cupiat,
Hæc virtus est: hoc optimum inter homines præmium.*

Não se pôde ter por ruim soldado o que fizer roim tosto a cutiladas, & mortes: & que não folgar com inimigos perto. Isto he cavallaria. Aristoteles nas Ethicas poem o atrevimento, & medo por extremos da fortaleza. He materia esta larga, & que comprende muytas materias. Quanto a este lugar, & proposito o atrevimento he fortaleza, & em materias de cavallaria, & virtude foy sempre louvado, & o medo nenhuma descarga tem. Em outras coulas como he commetter vicios, & fazer contra o que pede a honra, & a razão, o medo, & cobardia tem lugar.

29

V *Istes, que com grandissima ousadia,
Fôr am já cometer o Ceo supremo:
Vistes aquella insana fantasia,
De tentarem o mar com vella, & remo:
Vistes, & ainda vemos cada dia,
Soberbas, & insolencias taes, que temo,
Que do Mar, & do Ceo, em poucos annos,
Venhaõ Deoses a ser, & nós humanos.*

Foraõ já cometer o Ceo supremo. Para confirmação da ousadia, & desenvoltura dos Portuguezes em a navegação de mares allega Baccho tambem outros excessos, que os homens fizeraõ contra os falsos Deoles, primeiramente os Gigantes filhos da terra, os quaes procuravão lançar Jupiter do Ceo, & destruir todos os mais Deoles, para delagrar sua máy a terra, a qual os criou para este effeyto, como conta Ovidio nas Metamorphoses, & Claudiano na sua Gigantomachia, & Macrobio nos Saturnaes, aonde moralisa esta fabula.

Vistes aquella insana fantasia de tentarem o mar com vela, & remo. Este dito he geral contra todos os homens, que se atrevaõ a andar no mar, ainda que principalmente parece entender aqui os primeyros que o fizeraõ, como foraõ os Argonautas, dos quaes temos fallado muytas vezes neste livro. Chama aqui o Poeta ao navegar fantasia insana, que podemos, por termos mais claros declarar doudice. Na verdade ella foy invenção de homês demafiadaméte atrevidos. Dõde disse o Poeta Euripides:

*Quisquis mare navigat, is aut insanit,
Aut mendicus est, aut mori cupit: ex his tribus
Non fieri potest, quin saltem unum verum sit.*

O que navega tem hum de tres males, ou he doudo, ou pobre, ou amigo de morrer. Destas tres coulas não pôde deyxar de ter huma.

30

V *Edes agora a fraca geração,
Que de hum vassallo meuo nome toma,
Com soberbo, & altivo coração,
A vos, & a my, & o mundo toda doma:
Vedes o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes o vosso Reyno de vassando,
Os vossos estatutos vaõ quebrando.*

Vedes agora a fraca geração, que de hum vassallo meuo nome toma. Entende aos Portuguezes chamados Lusitanos de Lulo companheyro de Baccho, ou como elle aqui quer, ser teu vassallo: os quaes diz que procediaõ no negocio da navegação com mais ousadia do que o fizeraõ os Romanos.

31

E *Vi q' contra os Mynias, que primeyro
No vosso Reyno este caminho abriãõ,
Boreas injuriado, & o companheyro
Aquillo, & os outros todos resistiraõ:
Pois se do ajuntamento aventureyro
Os ventos esta injuria assi sentirãõ,
Vos, a quem mais compete esta vingança,
Que esperays: porque a pondes em tardança?*

Eu vi que contra os Minias. Veja-se a nossa annotação no canto 4. oytava 83.

32

E *Não consinto, Deoses, que cudeys,
Que por amor de vos do Ceo deci,
Nem da magoa da injuria que sofreis,
Mas da que se me faz tambem ami.
Que aquellas grandes honras, que sabeyõ
Que nõ mundo ganhey, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente,*

33

Q *Ve o graõ senhor, & fados que destinãõ,
Como lhe bem parece, o bayxo mundo,
Famas*

*Famas mores, que nunca determinão
De dar a estes varoës no mar profundo:
Aqui vereys, ó Deoses, como en si não
O mal também a Deoses, que segundo
Se vê ninguem já tem menos valia
Que quem com mais razaõ valer devia.*

Que o graõ Senbor, & fados que destinaõ. Que cou-
sa seja Fado, & em que sentido se possa tomar para
se poder fallar delle fica tratado no canto primey-
ro, oytava 24.

Ninguem já tem menos valia, que quem com mais ra-
zaõ valer devia. Moeda he que sempre correo no
mundo, & que corra em quanto elle durar, mon-
tar muyto pouco a gente de merecimentos, &
pelo contrario ter grandes officios, & estados a
que presta para pouco. He fruyta da terra, & taõ
conhecida, que não tem necessidade de prova.

34

E Por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pesares
Por ver se o preço que no Ceo perdi
Se por ventura acharey nos vossos mares.
Mais quiz dizer, & não passou d'aqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltaraõ dos olhos, com que logo
Se ascendem as deydades da agua em fogo.

E por isso do Olympo já fugi. Veja-se o canto pri-
meyro oytava 17.

Se acendem as deidades da agua em fogo. Deidades
da agoa são Deotes do mar, os quaes diz aqui o
Poeta, que com a colera grande que tomaraõ pe-
las palavras que ouviraõ a Baccho contra os Por-
tuguezes, aquella propriedade que tinhaõ de agoa,
que he ser humida, & fria, le converteo em fogo, &
furia, como na oytava seguinte se declara.

35

A Ira com que subito alterado
O coraçãõ dos Deoses foy num ponto,
Não sofreo mais conselho bem cuydado,
Nem dilacãõ nem outro desconto.
Ao grande Eolo mandaõ ja recado
Da parte de Neptuno, que sem conto.
Solte as furias dos ventos repugnantes
Que não aja no mar mais navegantes,

Ao grande Eolo mandaõ já recado. De Eolo se veja
o que escrevemos no canto 1. oytava 58.

36

B Em quifera primeyro aly Protheo
Dizer neste negocio o que sentia;

*E segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia.
Porem tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Thetis indignada lhe bradou:
Neptuno sabe bem o que mandou.*

De Protheo, & Thetis se veja o que escreve-
mos no canto primeyro, oytava 19. & 16.

37

J A' lá o soberbo Hypotades soltava
Do carcere fechaao os furiosos
Ventos, que com palavras animava,
Contra os varoës audaces, & animojos
Subito o Ceo sereno se obumbrava,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começaõ novas forças a ir tomando,
Torres, montes, & casas derribando.

Hypotades. He Eolo filho de Jupiter, & Ser-
gesta filha de Hypotas Troyano, pelo que do
nome do avó lhe chamaõ os Poetas Hypota-
des, como o nosso Poeta aqui.

38

E M quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, aleda, & lassa frota
Com vento sossegado proseguia,
Pelo tranquilo mar a longa rota:
Era no tempo, quando a luz do dia
Do Eoo Emisferio está remota,
Os do quarto da prima se deytavam
Para o segundo os outros despertavam.

Fundo aquoso. O mar. Era no tempo quando a luz
do dia do Eoo Hemispherio está remota. Delcreve o
tempo em que Eolo por mandado de Neptuno
soltou os ventos, que foraõ causa de se levantar
huma grandissima tormenta. E para mostrar que
era alta noyte, diz que era quando a luz do dia
está apartada do Oriente, ao qual chama Hemis-
pherio Eoo, de Eous, a, um, que quer dizer, cousa
do Oriente. Que cousa seja Hemispherio fica di-
to no canto 1. oytava 38. & 5. oytava 14.

Os do quarto da prima se deytavãõ. Entre os sol-
dados se reparte o tempo em vigias, para que to-
dos ajudem a levar a carga. E de noyte hà esta
ordem, que os primeyros que estão de guarda
logo no principio da noyte, que he a primeira
vigia, estão quatro horas, & pelo consequente
os outros até amanhecer.

39

V Encidos vem do sono, & mal despertos,
Bocejando a meudo, se encoftavaõ
Pelas antenas todos mal cubertos,
Contra os agudos ares, que affopravaõ:
Os olhos contra feu querer abertos,
Mas esfregando os membros eftiravaõ,
Remedios contra o sono buscar querem,
Historias contam, casos mil referem,

40

C Om que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tam pesado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deyx e o sono carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado,
Que contos poderemos ter melhores,
Para passar o tempo, que de amores?

Responde Leonardo. Este soldado se chamava Leonardo Ribeyro, segundo me disse Luis de Camões, perguntando-lhe por elle, mancebo de envolto, de zido, & grande namorado.

41

N Aõ he, disse Velloso, cousa justa,
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Nãõ sofre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida, & robusta
A nossa historia seja, pois dureza
Nossa vida hade ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo estã dizendo.

Nãõ he disse Velloso. Este era hum Fernão Velloso, criado de El-Rey de que nas Chronicas se faz menção.

42

C onsentem nisto todos, & encomendaõ
A Velloso, que conte isto, que aprova:
Contarey, disse, sem que me reprehenaõ
De contar cousa fabulosa, ou nova:
E porque os que me ouvirem daqui aprendaõ
A fazer feytos grandes de alta prova,
Dos nacidos direy na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.

Dos nacidos direy na nossa terra: Determina Velloso contar huma historia de doze Portuguezes, os quaes porque em Inglaterra vencerã doze In-

gletes se chamaraõ os doze de Inglaterra. Esta historia ainda que o Poeta aqui a tratta de modo que baite para entendimento do livro, todavia para mayor claridade farey hum breve discurso sobre ella, & alẽm disto declararey pelas oytavas as palavras que tiverem necessidade de declaração.

43

N O tempo, que do Reyno a redea leve
Joam filho de Pedro moderava:
Depois que sossegado, & livre o teve
Do visinho poder, que o molestava:
Lã n grande Inglaterra, que de neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erimnis dura, & mã cizania,
Que lustre fosse à nossa Lusitania.

João filho de Pedro. Este João filho de Pedro que aqui o Poeta nomea, he El-Rey Dom João o primeyro, por alcunha chamado de Boa memoria, filho bastardo de El-Rey Dom Pedro o crũ, & neto de El-Rey Dom Affonso o bravo. Conta-se que despois que El-Rey Dom João de Boa memoria deu batalha a El-Rey de Castella, andando cá o Duque Dalencastre, porque El-Rey de Portugal era casado com huma sua filha, a qual elle lhe trouxera á Cidade do Porto, & alli catara com ella. E despois de assim a batalha ser dada, se foy o Duque para Inglaterra, & estando alli em seu contentamento, pela bondade, & valentia que nos Portuguezes vira, dos quaes elle fez fazer huma Chronica em Inglaterra dos feytos de armas que lhes vira fazer nas guerras de Castella. Assim que estando elle hum dia com as Damas da Raynha de Inglaterra em grandes folazes, & prazeres, & muytos Senhores, & Fidalgos Inglefes com elle, vieraõ os Fidalgos Inglefes a dizer ás Damas, que eraõ muyto feas, & que nãõ tinhaõ servidores que lho contradissem, & que elles estavaõ prestes para se combaterem com quaesquer Cavalleyros que lho contradissem por sua parte, & que se quisessem combater com elles: estes eraõ doze, & ellas outras doze, de que ellas foraõ muyto agastadas: & pedirã ao Duque que se doesse de suas honras, & lhe desse Cavalleyros que por sua parte se combatessem com os que isto lhe diziaõ, & que ellas os aceytariaõ por seus servidores, se elles vingassem os defeytos que ellas tinhaõ daquelles Cavalleyros, por assim as injuriarem. O Duque rogou a alguns dos seus que aceytassem aquella demanda pelas Damas, o que elles nãõ quiteraõ fazer por todos serem naturaes, entãõ mandou o Duque buscar alguns Cavalleyros, & nãõ se poderaõ achar. entãõ disse ás Damas: eu em minha Corte nãõ acho Cavalleyros que se queyraõ combater com estoutros, mas porẽm darvos hey hum conselho, se vós quiserdes, & he tal. Quando andey em Portugal, vi nas batalhas que El-Rey meu genro

deu a El-Rey de Castella, muytos, & bons Cavalleyros em feytos de armas: te vós quiterdes, eu vos nomearey doze, & estes os melhores, os quaes eu conheço: & escreverey a El-Rey meu genro que lhes dê licença, se elles quiterem tomar esta empresa: & vós escrever-lhe heis cada huma sua carta, & eu tambem; & querendo elles vir, fereis satisfeytas de vossa injuria. Disseraõ ellas então, que lhe beyjávaõ as mãos, & que eraõ contentes. Poz logo o Duque os nomes delles cada hum em seu papel, & os nomes dellas da mesma maneyra: & lançaraõ lortes, & acontecco a cada Cavalleyro sua Dama: de maneyra que pelo nome sabia já cada Dama qual era o seu Cavalleyro pela lorte que lhe acontecera. Então cada huma enviou tua carta ao seu: & o Duque pelo semelhante enviou a cada hum sua carta, em que lhes rogava, & pedia quisessem assim pelo amor delle, como pelo que deviaõ a ordem da cavallaria, acceytar aquella empresa por cada huma daquellas Damas; pois em tua Corte não achava Cavalleyros que por parte dellas a quitessem acceytar. Chegado o Embayxador das Damas a este Reyno, foy recebido nelle com tanto alvoroço de alegria, que aquelle se tinha por mais ditoso, que vinha pelas Damas nomeado: por haver muytos outros que de boa vontade acceytariaõ a empresa. Mas os doze nomeados responderaõ, que pedida a licença a El-Rey de Portugal, elles seriaõ lá (prazendo a Deos) pela festa do Espirito Santo, que era o prazo que os outros tinhaõ posto para a batalha. A licença deu-lha logo. El-Rey: & estes Cavalleyros se affirma que eraõ todos naturaes da Serra da Estrella, dos lugares que estaõ pelas faldas della, como Trancoso, Pinhel, & outros: entre os quaes era hum Alvaro Vaz de Almada, que de pois foy Conde de Abranches em França, & outro Alvaro Gonçalves Coutinho, de Alcinha o Magriço, filho do primeyro Marichal Gonçalo Vazques Coutinho, & irmão de Dom Vasco Coutinho, primeyro Conde de Marialva. E outro dizem que se chamava João Pereyra Agostin, filho segundo de Gil Vazques da Cunha, senhor das terras de Basto, & Monte longo, & Alferes mór d'El-Rey Dom João de Boa memoria. Os outros hum delles se chamava Pacheco, & outro Pedro homem, & outros, que eraõ por todos doze, & todos muy esforçados, & valerosos Cavalleyros. Os quaes se foraõ á Cidade do Porto: & os onze delles se foraõ em huma nao que ahi tomaraõ caminho de Inglaterra. Alvaro Gonçalves Magriço quiz hir por terra, por ver mundo, promettendo a seus companheyros que se no caminho não morresse, feria com elles no tempo do prazo. Os da nao foraõ a salvamento, & aportaraõ em a Cidade de Londres, aonde foraõ bem recebidos: & estando ahi, não faltavaõ mais que dous dias do prazo em que se havia de dar a batalha. As Damas dos onze estavaõ em extremo contentes, porque tinhaõ alli seus Cavalleyros: & a Dama de Alvaro Gonçalves Magriço pelo contrario muyto agastada, tendo-se

por mais mofina que todas, pois nella cahira a forte do seu Cavalleyro não cumprir a palavra que tinha dado. A qual os onze consolavaõ dizendo, que se não agastasse, porque elle era tal Cavalleyro que cumpriria tua promessa, talvo se a morte lho estorvasse. E que se assim fosse que elles onze se combateriaõ com os doze Inglezes, & tomariaõ alli tambem tua fama, & honra. Estando elles nisto chegou o Alvaro Gonçalves Magriço, com que ella, & elles foraõ muyto ledos: & foraõ-se todos os doze então ao Duque, & disseraõ-lhe, que elles eraõ alli vindos a seu rogo, & mandado, & porque eraõ Cavalleyros estrangeyros, & os com que haviaõ de fazer batalha, naturaes, & grandes Senhores, & podia acontecer que dando-lhes Deos victoria, os tratasem mal, que lhe pediaõ os segurasse. Então o Duque chamou os doze Cavalleyros Inglezes, & lhes disse que elles eraõ os cometedores deste desafio, & que as Damas apresentavaõ por si aquelles Cavalleyros: & que se a caso fosse que os vencesem, que elles lhes não fizessem nenhum desaguizado por si, nem por seus parentes: & que elle os tomava sobre tua cabeça: & que soubessem que se alguma cousa se lhes fizesse que a elle era feyta, & que castigaria a tal culpa, assim como se contra a pessoa delle Duque fosse commettida. Ao que responderaõ que elles os seguravaõ, & que não houvessem receo de nada. Estando assim já seguros os Portuguezes, forão o dia da batalha ver as suas Damas, & receberaõ de cada huma seu joel, que traziaõ nos elmos, & com elles se foraõ todos armados a pé meter no campo: & os Juizes os meteraõ dentro, estando o Duque, & toda a Cidade de Londres em grandes cadafallos, aonde tambem estavaõ as Damas. Assim que entraraõ na batalha. O motivo do desafio foy, o que atrás fica dito. ff. que as Damas eraõ muyto feas, & pouco para serem amadas, & taes que nenhum Cavalleyro oufaria por força de armas a lhe contradizer isto. Ao que os Portuguezes responderaõ, que as Senhoras eraõ muyto gentis molheres, & taes que Cavalleyros, & de terras tão remotas, como as suas eraõ, folgavaõ de as servir, & de se matarem em batalha com elles por amor dellas. & os Juizes lhe partiaraõ o Sol. Então começaraõ de se combater, primeyro com massas de ferro, & de pois com espadas: & foy a batalha muy cruel, & tão dura, que começaraõ pela manhã, & a horas de terça deiscançaõ: & quando veyo a segunda batalha, meteraõ-se os Portuguezes tão apertadamente com elles, que finalmente feriraõ os oyto muyto mal, & os lançaraõ fôra do campo: no qual ficaraõ os Portuguezes vencedores, & com muyta honra tirados delle, & levados á pouxada, que para isto estava ordenada, aonde os vieraõ visitar suas Damas, & o Duque. E ao tempo que se asentaraõ à mesa, as Damas lhes deraõ agua ás mãos cada huma ao seu: & quando a de Alvaro Gonçalves Magriço lha quiz dar, elle escondeo as suas, dizendo que não lhe havia de dar agua ás mãos molher, se não homem:

mem: & rogando-lhe ella, que lhe fizesse aquella mercê, elle não queria, tendo sempre as mãos detrás: mas a Dama apertou tanto com elle, dizendo que pois as outras lançárao agua ás mãos a seus Cavalleyros, que ella em toda a maneyra havia de fazer o mesmo, & assim se não podia escusar, & então disse: Senhora sabeis porque não quero que me lanceis agua ás mãos he, porque as tenho muyto cabelludas, & vendo-mas assim, temo que vos aborreça. E dizem que este Cavalleyro tinha em tanta quantidade os cabellos nas mãos, que quasi lhe cobrião as unhas. A Dama lhe respondeu, Senhor, antes ellas voslãs mãos tou eu mais obrigada a lavar, & fazer-lhe todo o acatamento, pois que por ellas me livratte da deshonra, & infamia que aquelles Cavalleyros me querião dar: & então lhe contentio que lhe deslê agua ás mãos.

Depois de estarem alguns dias na Corte, foraõ avitados que os Cavalleyros Ingleses determinavaõ de os matar, sentidos de os vencerem: pelo que pediraõ licença ao Duque para se tornarem para Portugal. E posto que o Duque se punha por elles, assegurando-os que não houvessem medo: elles não quizerão ficar, porque não se levantassem treyções no Reyno, & assim se foraõ. Aqui vos não taberey mais dizer, que de tres que ficarão em aquellas partes: & os nove se tornaraõ para Portugal. O Conde de Abranches que ainda o não era, fez em França taes feytos em armas, que o fez El-Rey de França Conde daquelle lugar de Abranches. Este veyo depois a morrer na batalha da Alfarobeyra, com o Infante Dom Pedro, como referem os Dialogos de Varia Historia Dialogo 4. cap. 2. E Alvaro Gonçalves Magriço, se foy tambem para Flandes, aonde estava a Infanta Dona Isabel, filha d'El-Rey Dom Joaõ o primeyro de Portugal, casada com o famoso Philippe Conde de Flandes, Duque de Borgonha. Ao qual neste tempo chamava a Cortes El-Rey de França, porque todos os Condes de Flandes erão seus vassallos. Sabido pela Infanta disse ao Conde seu marido, que não fosse, porque ella queria hir áquellas Cortes. E assim o fez. E quando foy ao assentar no auto das Cortes, a Infanta mandou por a sua cadeyra junto, & igual com a d'El-Rey. E sendo-lhe isto estranhado pelos grandes de França: disse que ella merecia aquelle lugar, porque ella era filha de Rey: & mais que ella daria Cavalleyro que fizesse conhecer por força de armas, que o Condado de Flandes, não era tendo a vassallagem aos Réys de França. El-Rey assinou o dia para a batalha, & logo se nomeou hum valente Cavalleyro Francez para defender o contrario do que ella dizia. E ella deu por si a Alvaro Gonçalves Coutinho o Magriço, porque não achou Flamengo, que ousasse de entrar nesta batalha. O dia assinado, & o campo seguro, os Cavalleyros foraõ metidos nelle, & arremeterão hum ao outro, & dos encontros ambos foraõ em terra, vierão ás espadas, & andaraõ em sua batalha muyto espaço de tempo. E no fim o Fran-

cez foy morto, & vencido das mãos de Alvaro Gonçalves Coutinho, & desta maneyra por tuas mãos, por servir a dita Infanta, ficou Flandes fora da subgeyção de França. Esta Historia conta aqui Luis de Camões, mas porque no verso nunca se diz tão claramente que se escuse declaração, fiz aqui este breve discurso, & quando se offerecer no verso alguma cousa escura tambem o declararey.

Do vezinho poder que o molestava. Dos Castelhanos vezinhos.

Da neve boreal. Neve frigidissima. Boreal se chama de Boreas, que he o norte, por ser Inglaterra chegada a elle, & por este respeyto muyto fria. *Fera Erymnis.* Erymnis he nome Grego, & geralmente quer dizer qualquer furia, & desatino. Os Poetas pintão tres, as quaes são, Alecto, Thisiphone, & Megera: que são causa de todas as discordias que há no mundo: pelo que usa aqui o Poeta do nome geral dellas todas, que he Erymnis, dando a entender que todas se ajuntaraõ para semear esta cizania, & discordia entre as Damas, & Fidalgos Ingleses.

Que lustre fosse á nossa Lusitania. Da qual cizania, & contenda fosse Portugal illustrado. A differença que há entre esta Relação, & os versos de Luis de Camões he, que na Relação se diz que a briga foy a pé com maças de ferro no principio, & depois com espadas. Luis de Camões diz que foy a cavallo. Mas não temos certeza por ser cousa sem memoria; em Inglaterra dizem que a há, & Luis de Camões faria esta differença para ornato de sua Poesia.

44

E Ntre as damas gentis da Corte Inglesa,
E nobres cortesaõs, a caso hum dia
Se levantou discordia em ira acesa
Ou foy opiniam, ou foy porfia:
Os Cortesaõs, a quem tam pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem, que provar am, q' honras, & famas,
Em taes damas nam ha para ser damas,

Dizem que provarão. Este foy o motivo, que foy causa de haver a batalha, de que atrás fallámos entre os Portuguezes, & Ingleses.

45

E Que se houver alguê cõ lança, & espada,
Que queyra sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso, ou estacada,
Lhe darã fea infamia, ou morte crua;
Afemenil fraqueza pouco usada,
Ou nunca a oprobrios taes vendose nua
De forças naturaes convenientes,
Socorro pedem a amigos, & parentes.

A fementil fraqueza. As Damas molheres fracas.

46

M *As como fossem grandes, & possantes
No Reyno os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas fermosas, & bastantes
A fazer, que em socorro os Deoses le vem
De todo o Ceo por rostos de alabastro,
Se vam todas ao Duque de Alencastro.*

47

E *Ra este Inglez potente, & militara
Cos Portuguezes ja contra Castella,
Onde as forças magnanimas provar a
Dos companheyros, & benigna estrella:
Não menos nesta terra exprimentara,
Namorados effeytos, quando nella
A filha vio, que tanto o peyto doma
Do forte Rey, que por mulher a toma.*

Era este Ingles. Este Duque de Lencastre por morte de sua primeyra molher casou com Dona Constança filha mayor d'El-Rey Dom Pedro de Castella por alcunha o cruel, ao qual matou hum seu irmão por nome Dom Henrique, & se empofou do Reyno, por cuja morte ficou em seu lugar hum seu filho por nome Dom João, & como a mulher do Duque de Lencastre filha mayor d'El-Rey Dom Pedro o cruel de Castella tofesse mal estar o Reyno de Castella, que a ella lhe vinha por direyto, em poder de Dom João seu primo, vendo occasião para se poder satisfazer nesta parte, que eraõ as guerras que havia entre Portugal, & Castella, acabou com seu marido o Duque quitesse vir a estas partes. O Duque escreveu a El-Rey Dom João de Portugal como elle determinava vir a estes Reynos com huma grossa armada, para tomar os Reynos de Castella, & Leão que estivesse prestes, & o ajudasse por terra. Veyo o Duque, & desembarcou na Corunha, & entrando por Galiza, & empofando-se de algus lugares della, vio em os Portuguezes, que em sua companhia trazia fazer cousas de muyto esforço, & cavallaria, pelo que lhe era muyto affeyçoado, & os tinha na conta que elles merecião.

A filha vio, que tanto o peyto doma do forte Rey. Esta foy Dona Philippa filha do Duque de Lencastre, a qual se affeyçoou tanto El-Rey Dom João, que se casou com ella. Este casamento foy feyto no Porto, em dia de Nossa Senhora da Purificação, a hum Sabbado, dous de Fevreyro de mil trezentos oytenta & sete.

48

E *Ste, que soccorerlhe não queria,
Por não causar discordias intestinas;
Lhe diz, quando o direyto pertendia
Do Reyno la das terras Iberinas:
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, & partes tão divinas;
Que elles sôs poderião (se não erro)
Sustentar vossa parte a fogo, & ferro.*

Este que soccorerlhe não queria. O Duque não queria dar favor às Damas nesta sua desavença, que com os Fidalgos Ingleses tiverão, por não causar inimizades, o que succederia se entendessem os Fidalgos que era contra elles em favor das Damas. E assim o conselho que deu de mandar a Portugal a buscar Cavalheyros, que defendessem sua causa, foy em tegredo, & da maneyra, que os Cavalheyros o não loubessem.

Discordias intestinas. Dilecordias, interiores, & grandes.

Terras Iberinas. Terras de Hespanha. Chamaõ-se assim de Iberus, que he o rio Hebro, que por ellas passa.

49

E *Se agravadas Damas, sois servidas,
Por vds lhes mandarey Embayxadores;
Que por cartas discretas, & polidas,
De vosso agravo os fação sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas,
Compalavras de afagos, & de amores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo,
Que alli tereis socorro, & forte esteyo.*

Tambem por vossa parte. Escreveudo-lhe, & tratando-lhe da razão que tendes de sahir por vossa honra.

50

D *Esta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhes nomea doze Fortes,
E porque cada Dama hum tenha certo,
Lhes manda, que sobre ellas lancem sortes:
Que ellas sôs doze saõ, & descuberto,
Qual a qual tem cabido dos consortes,
Cada huma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rey, & o Duque a todos,*

E todas a seu Rey. As Damas todas fizeraõ huma carta a El-Rey Dom João o primeyro deste nome de Portugal, pedindo-lhe lhe fizesse mercê dos Cavalheyros sinalados pelo Duque.

Consortes. São companheyras, que todas o erão no paço de Inglaterra.

51

JA' chega a Portugal o mensageyro,
Toda a Corte alvoroa a novidade,
Quizera o Rey sublime ser primeyro,
Mas não lho sofre a Regia Magestade:
Qualquer dos Cortezaõs aventureyro
Deseja ser com fervida vontade,
E só fica por bem aventurado,
Quem já vem pello Duque nomeado.

E só fica por bemaventurado. Costume daquella primeyra idade, & verdadeiramente de ouro da Nação Portugueza, que nenhum outro intento tinham se não honrar sua patria, & alcançar nome nella.

52

LA' na leal Cidade, donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno.
De Portugal, armar madeyro teve
Manda, o que tem o leme do governo:
Apercebem-se os doze em tempo breve,
De armas, & roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeryras, letras, & primores,
Cavallos, & concertos de mil cores,

Là na leal Cidade. Esta he o Porto, donde o noso Portugal tomou o nome. E ainda que Luis de Camões o diga com esta talva, como he fama, resolutamente está entre os homens doutos ter esta sua origem: como afirma André de Resende em huma carta sua para Bertholameu Quebedo. Duarte Galvão na Historia d'El-Rey Dom Affonso o primeyro, Osorio Bispo de Sylves na Historia d'El-Rey Dom Mânuel. E novamente Duarte Nunes de Leão.

Makeyro leve. He nao, figura muyto usada entre os Poetas, por a materia de que ella se faz.

O que tem o leme do governo. El-Rey Dom João o primeyro de Boa memoria, que neste tempo governava o Reyno.

53

TA' do seu Rey tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado
Aquelles, que escolhidos por sentença
Forão do Duque Ingles experimentado:
Não ha na compnha differença
De cavalleyro, destro, ou esforçado,
Mas hum só, que Magriço se dizia,
Desta arte falla à forte companhia.

Mas hum só, que Magriço. Este he Gonçalo Vaz Magriço, de q' fica tratado neste canto oytava 48.

54

Fortissimos consocios, eu de sejo
Ha muyto já de andar terras estranhas,
Por ver mais agoas, q' a do Douro, & Tejo,
Varias gentes, & leys, & varias manhas:
Agora, que aparelho certo vejo
(Pois q' domundo as cousas são tamanhas)
Quero se me deyxais ir só por terra,
Parque eu serey com vosco em Inglaterra.

Fortissimos consocios. Fortissimos companeyros;

55

E Quando caso for, que eu impedido,
Por quem das cousas he ultima linha,
Não for com vosco ao praso instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por my fareis, o que he dividido,
Mas se a verdade o espirito me adevinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua enveja,
Não faraõ, que eu com vosco là não seja.

Por quem das cousas he ultima linha. A ultima linha de todas as cousas he a morte, por ser o remate, & fim dellas. Assim o disse Horacio liv. 1. Ep. 16. *Mors ultima linea rerum est*, a morte he ultima linha das cousas.

56

Assi diz, & abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte,
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte:
Navarra, & os altissimos perigos
Do Pirinèo, que Espanha, & Gallia parte,
Vistas em fim de França as cousas grandes
No grande Imperio foy parar de Frandes.

Lugares que ganhara o patrio Marte. No tempo d'El-Rey Dom João o primeyro. No qual os Portuguezes fizeram muytas entradas no Reyno de Castella; & lhe tomaraõ muytos lugares em Liaõ, & Galiza, como se pòde ver nas Chronicas. Ca's altos perigos do Pyrineo. Dos montes Pyrneos se veja a nossa annotação no primeyro canto oytava 16.

57

Alli chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar, se deteve muytos dias,
Mas dos onze a illustriissima companhia,
Cortão do mar do Norte as ondas frias:

Chegados

*Chegados de Inglaterra à costa estraña
Para Londres já fazem todos vias,
Do Duque são com festas agasalhados,
E das Damas servidos, & animados.*

Cortão do mar do Norte as ondas frias. Mar do Norte he o que passa pelas partes do Norte, como Inglaterra, & outras naquella paragem, que pendem para o Norte. Chama às aguas do mar do Norte frias, porque naquellas partes até o mar se congela com a grande frialdade.

58

*C*hegase o praso, & dia assinalado,
De entrar é campo já cos doze Ingleses,
Que pello Rey já tinhão segurao,
Armãose d'elmos, grevas, & de arneses:
Já as Damas tem por si fulgente, & armado
O Mavorte feroz dos Portugueses,
Vestem se ellas de cores, & de sedas,
De ouro, & de joyas mil ricas, & ledas.

Que pelo Rey já tinhão segurao. Como os Portuguezes erão estrangeyros, não quiterão entrar em campo com os Ingleses sem o Duque lho segurar. O Mavorte feroz dos Portuguezes. Mavorte, & Marte são nomes do Deos da guerra dos antigos, que tomavão pela mesma guerra, como aqui o nosso Poeta toma Mavorte pelo elquadrão dos Portuguezes, que estava já a pique para pelear.

59

*M*as aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha com tristeza
Se veste, por não ter, quem nomeado
Seja seu cavalleyro, nesta empresa:
Bem que os onze apregoão, que acabado
Ser à o negocio assi na Corte Inglesa,
Que as Damas vencedoras se conheçaõ,
Postos, que dous, & tres dos seus faileçaõ.

Com tristeza se veste. Veste-le de vestiduras negras de tristeza.

60

*I*n num sublime, & publico theatro
Se assenta o Rey Inglez com toda a Corte,
Estavaõ tres, & tres, & quatro, & quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte:
Não são vistos do Sol do Tejo ao Batro
De força, esforço, & de animo mais forte
Outros doze sair, como os Ingleses
No campo contra os onze Portugueses.

Do Tejo ao Batro. Do Poente ao Oriente, termo

de fallar; porque mostramos todo o mundo ainda que se finale sómente o Poente, & Oriente, & assim o usaõ os Poetas. Do Tejo se veja o que fica dito no canto quarto, oytava 10. Batro he Rio da Região Batriana de Asia, que nasce do Monte Tauro. Querem alguns que se chame hoje Bouchara. E porque o Tejo he Rio do Occidente, & Batro do Oriente, por isso os poem aqui para o sentido que lhe demos.

61

*M*astigaõ os cavallos escumando
Os aureos freos com feroz semblante
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em cristal, ou rigidido diamante:
Mas enxergase num, & noutro bando
Partido de signal, & dissonante,
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alborocar se geralmente.

Ou rigidido diamante. Do diamante se veja a nossa annotação no legundo canto oytava 4.

62

*V*iraõ todos o rosto a onde havia
A causa principal do rebolico,
Eis entra hum cavaleyro, que trazia
Armas, cavalo ao bellico serviço:
Ao Rey, & às Damas fala, & logo se hia
Para os onze, que este era o gram Magriço;
Abraça os companheyros, como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

63

A dama como ourvio, que este era aquelle,
q vinha a defender seu nome, & fama,
Se alegre, & veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que a virtude ama:
Já dão sinal, & o som da tuba impelle
Os bellicosos animos, que inflama,
Picão de sporas, largão redeas logo,
Abayxão lanças, fere a terra fogo.

O animal de Helle. He de ouro. Veja-le o que escrevemos no terceyro canto oytava 12.

Que a gente bruta mais que a virtude ama. O ourvio de lua natureza não he mau, nem faz mal antes com elle se póde fazer muyto bem. O que o nosso Poeta aqui diz, he pelo mau modo que alguns tem no uso d'elle, que he por nelle toda sua felicidade, que com muyta razão merecem o nome de brutos, que o Poeta aqui lhe dá.

64

DOs cavalos o estrepito parece,
 Que faz que o cham debayxo todo treme;
 O coração no peyto, que estremece,
 De quem os olhos se alvoroça, & teme:
 Qual do cavallo voa, que não dece,
 Qual co cavallo em terra dando geme,
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,
 Qual c'os penachos do elmo açouta as ancas.

Dos cavallos. Con muyto artificio nos pinta aqui o Poeta a entrada, & principio desta batalha: o animo dos Cavalleyros, impetu, & furia dos cavallos, & o successo da demanda, & como em breve tempo esteve a vitoria pelos Portuguezes.

65

Algum da lli tomou perpetuo sono,
 E faz da vida ao fim breve intervalo,
 Correndo algum cavallo vay sem dono,
 E noutra parte o dono sem cavallo:
 Cae a soberba Inglesa de seu trono,
 Que dous, ou tres já fóra vão do valo;
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais achão já que arnés, escudo, & malha.

Algum d'alli tomou perpetuo sono. Chama a morte sono perpetuo como lhe chamão todos os Poetas: Horacio Od. 24. liv. 1. Ergo Quintilium perpetuus sonus por urget, hum perpetuo sono aperta Quintilio, pera dizer he morto Quintilio. O mesmo Horacio Od. 12. liv. 3. lhe chama grande: Ne longus tibi somnus unde non times detur, porque vos não venha comprido sono, donde não cuydais. E Virgilio liv. 10. Æneid. sono de ferro: Olli dura quies oculos, & ferreus urget somnus, hum sono de ferro lhe aperta os olhos. E assim em outros muytos lugares. Homero liv. 14. Iliad. faz o sono irmão da morte. Ubi somno obviavit fratri mortis. Onde se encontrão com o sono irmão da morte.

66

Gastar palavras em contar estremos
 De golpes ferros, cruas estocadas,
 He desses gastadores. que sabemos
 Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
 Basta por fim do caso, que entendamos,
 Que com finezas altas, & afamadas,
 C'os nossos fica a palma da vitoria,
 E as Damas vencedoras, & com gloria.

Gastadores maos do tempo. Homens que gastão o tempo em escrever fabulas, & fingimentos, dos quaes há abundancia na terra.

67

REcolhe o Duque os doze vencedores
 Nos seus paços com festas, & alegria,
 Cozinheyrós occupa, & caçadores
 Das Damas a fermosa companhia:
 Querem dar aos seus libertadores,
 Banquetes mil, cada hora, & cada dia,
 Em quanto se detem em Inglaterra,
 Até tornar á doce, & cara terra.

68

MAs dizem, q' com tudo o gram Magriço
 Desejoso de ver as cousas grandes,
 Lá se deyxou ficar, onde hum serviço,
 Notavel à Condessa fez de Frandes:
 E como quem não era já noviço,
 Em todo o trance, onde tu, Marte, mandes,
 Hum Francez mata em campo, que o destino
 Lá teve de Torcato, & de Corvino.

O grão Magriço. Este Cavalleyro se chamava Alvaro Gonçalves Coutinho o Magriço, do que já talámos atrás na oytava 43. E além de que já temos d'elle contado: dizem tambem que em Flandes livrou a Condessa Madama Leonor de hum aleyve que lhe levantou hum Alemão por nome Ranulpho de Colonia, ao qual matou em desafio na Cidade de Dunquerque: E em Orleans Cidade de França venceu em desafio Monsiur de Lansay diante d'El-Rey de França, & lhe tirou hum collar de ouro do pescoço, como Tito Manlio mancebo Fidalgo Romano, fez a outro Francez em desafio, como conta Tito Livio liv. 7. pag. 213. sub litera B. E. M. Valerio Tribuno, que por hum corvo que no desafio se lhe poz no capacete, se chamou de alcunha Corvino, como conta Tito Livio lib. 7. pag. mei libri. 222. sub littera G. pelo que o Poeta aqui diz que teve o destino de Torquato, & Corvino, que tiverão desafios cõtra Francezes, & os vencerão como o nosso Magriço.

69

OUtro tambem dos doze em Alemanha
 Se lança, & teve hum fero desafio,
 C'um Germano en ganoso, que com manha
 Não devida, o quiz pôr no extremo fio:
 Contando assi Velloso, já acompanya
 Lhe pede, que não faça tal desvio
 Do caso de Magriço, & vencimento,
 Nem deyxre o de Alemanha em esquecimento.

Outro tambem dos doze em Alemanha. Este Portuguez dos tres que ficáraõ, que se lançou em Alemanha,

manha, chamava-se Alvaro Vaz de Almada. Conta-te delle que foy á Cidade de Basilea em Alemanha, aonde teve hum desafio com hum Alemão. O concerto do desafio foy que levassem ambos as mesmas armas, & que fosse tido por aleyvoso, & traydor, o que fizesse o contrario. Entrarão em batalha, & a juizo de todos Alvaro Vaz de Almeida hia de vencida. O Alemão posto em aperto, quiz-se aproveytar de huma arma secreta que levava escondida com hum gancho, com a qual aferrou em hum hombro de Alvaro Vaz de Almeida de maneyra, que lhe rompeo o arnès, & o ferio na carne. Sentindo-se picado, & vendo o engano do Alemão, ferrou-se com elle, & lançando-lhe as mãos às guellas, de tal maneyra lhas apertou, que lhe fez deyxar alli o folego. O emperador, & todos os mais circunstantes julgaraõ o Almada por grãde Cavalleyro: & o Alemão por traydor, pois com aquelle engano o quizera matar. Contando Velloso estas coulas a seus companheyros, & ouvindo-as elles com muyto gofsto, se levantou huma tormenta que o estorvou hir por diante.

Germano enganoso. Alemão enganoso, porque os Latinos chamão a Alemanha Germania, & aos Alemães Germanos.

70

M As Neste passo assi prontos estando,
Eis o Mestre, q' olhando os ares anda,
O apito toca, acordaõ despertando:
Os marinheyros de huma, & de outra banda:
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaueas tomar manda:
Alerta, disse, estay, que o vento crece
Daquella nuve negra, que apparece.

Eis o mestre que olhando os ares anda. Pinta maravilhosamente a obrigação, & officio do mestre do navio, que he vigiar, & trazer o sentido no ar, para ver se há algum final de tempestade. Tal faz Virgilio liv. 5. *Æneid.* aquelle grande piloto de Eneas Palinuro, do qual diz estas palavras.

*Talia dicta dabat, clavumque affixus, & herens
Nusquam amittebat, oculos sub astra tenbat.*

Nunca Palinuro, diz Virgilio, perdia ponto trazendo sempre os olhos no ar.

71

N Aõ eraõ os traquetes bem tomados,
Quando dà a grande, & subita procella,
Amaina, disse o Mestre a grandes brados,
Amayna, disse, amayna a grande vella:
Não esperão os ventos indinados,
Que amaynassem, mas juntos dando nella,

*Em pedaços a fazem com ruydo
Que o mundo pareceo ser destruido.*

Não esperão os ventos indinados. O mesmo epitheto lhe deu Virgilio liv. 1. *Æneid.* *Illi indignantea magno cum murmure montis, Circum claustra fremunt.* Quando descreve o lugar, aonde Eolo seu Rey os tinha metidos. Elles, diz o Poeta, indignados fazem grande estrondo, & reboliço ao longo da tua cadea, aonde estão encerrados.

72

O Ceo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, & desacordo,
Que no romper da vella a não pendente,
Toma gram soma de agoa pello bordo:
Alli já, disse o Mestre rijamente,
Alli já tudo ao mar, não falte acordo,
Vão outros dar á bomba, não cessando,
A bomba, que nos bimos alagando.

O Ceo fere com gritos. A imitação de Virgilio na Eneida liv. 5. *Fest æthera clamor Nauticus.* A gente da nao fere o Ceo com gritos.

73

C Orrem logo os soldados animosos
A dar á bomba, & tanto que chegaraõ,
Os balanços, que os mares temerosos
Derão á nao, num bordo os derribaraõ:
Tres marinheyros duros, & forçosos
A menear o leme não bastaraõ,
Talhas lhe punhaõ d'ũa, & d'outra parte,
Sem aproveytar dos homens força, & arte.

Talhas lhe punhaõ d'ũa, & d'outra parte. Remedio he este que se usa algumas vezes em tempo de grande tormenta para indereytar a nao, & fazer que se não embalance, & penda para alguma part, rodeala de pipas, & talhas, amarrada primeyro com grandes calabres, & cordas, como diz o Poeta que aqui se fez. E conforme a isto se póde declarar aquelle passo dos actos dos Apostolos da tormenta que o Bemaventurado S. Paulo passou no mar indo preso para Roma, que para alguns he difficuloso. As palavras saõ estas: *Adjutorijs utebantur accingentes navim, rimentes ne in Syrtim inciderent, submisso vase sic ferebantur.* Aproveytavaõ-se, diz a letra, de muytos remedios, & ajudas, cingindo a nao, temendo que fosse a dar em algum bayxo, & postos ao redor vasos, faziãõ seu caminho. Esta cingidura da nao se ha de entender, que hia com grandès calabres, & cordas grossas, para não fender, dando em algum bayxo, & para ir mais direyta, postas pipas, & talhas ao longo aferradas com as mesmas cordas. Nem he inconveniente dizer

a letra

a letra vaſo por vaſos, uſando no numero ſingular por plural.

74

O S ventos eraõ taes, que não puderã
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vierã
A fortiffima torre de Babel:
Nos altiffimos mares, que crecêrã,
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a poſſante não, que mete eſpanto,
Vendo, que ſe ſoſtem nas ondas tanto.

A fortiffima torre de Babel. Para encarecimento da grande tormenta que havia no mar, poz aqui aquella tão celebrada torre, que os filhos de Adão fizeram na terra de Suria deſpois do diluvio: dizendo que não ſe conjurãrã os montes com mayor furia ſe ſe ajuntarã para derribar a fortiffima torre de Babilonia. Eſta torre conta Joſepho nas antiguidades liv. 1. cap. 9. que a fez edificar Nemrod filho de Cam, & Neto de Noé, homem ſoberbo, & de má conciencia, induzindo aos mais a fazer aquella obra, dizendo que não attribuiſſem a Deos verem na vida bens, que cada hum ſe fiaſſe de ſeu brago, & puzeſſe ſua conſiança em ſuas forças: & que para iſto era neceſſario edificar ſe hum lugar alto, forte, & inexpugnavel, aonde não houveſſe couſa, que lhe pudette prejudicar. Contentou tanto eſte conſelho de Nemrod aos Hebreos, que procurarã edificar huma torre, ou por melhor dizer Cidade aonde viveſſem ſeguros, & temer neceſſidade de ajuda alguma. Eſta he a opinião de Joſepho no lugar allegado, & que quaſi todos ſeguem. Alguns Varoens doutos, & muyto vertados na eſcritura dizem, que iſto não procedo de Nemrod, ſe não que os meſmos Hebreos quizerã fazer huma Cidade com hum forte muyto alto para viverem alli todos juntos, por ter gente entre ſi muyto conforme, & amiga: & que iſto ſignificão aquellas palavras: *Erat autem terra labij unius, & ſermonum eorumdem.* Fallavã todos huma meſma linguagem, & as meſmas palavras, como ſe mais claro diſſerã: erã muyto conformes, & muyto amigos entre ſi, & como erã eſtes determinãrã buscar lugar, aonde viveſſem juntos, & que não houveſſe couſa, que os apartaſſe. Mas como a vontade de Deos foſſe outra, & quizeſſe povoar o mundo não permittio foſſem por diante com ſua obra. Pelo que os apartou huns dos outros por diferentes partes do mundo, enſinando-lhe diferentes linguagens para deſta maneyra viverem, entendendo ſe huns aos outros. Quanto ao que a eſcritura diz, que edificavã eſtes homens huma torre, que chegaffe aos Ceos, ſão palavras de encarecimento, que uſa a eſcritura para tratar de huma couſa muyto alta. Nem havemos de dizer que eſtes homens fazião eſta torre para terem aonde ſe recolheſſem, ſuccedendo ou-

tro diluvio; para nella ſe livrarem da força das agoas, pois eſtava alli Noé, ao qual (como ſe conta no Genesis liv. 8.) Deos Noſſo Senhor tinha promettido, que não haveria mais outro diluvio de agoa, & que Noé ſe achaffe alli ninguem o contradiz, porquẽ Noé viveo 950. annos, & no anno ſexcenteffimo de ſua idade, toy o diluvio, como ſe diz no lugar allegado do Genesis, & a torre foy edificada cem annos depois do diluvio, como dizem os mais Doutos dos Hebreos: ainda que Alguns querem, que foſſe duzentos & ſetenta. De qualquer modo que ſeja, he couſa certa, que neſta volta andava Noé com ſeus filhos, aos quaes Deos havia promettido ſegurança. Nem havemos de cuydar, que hum Varão tão pontual cahiffe em huma falta tão grande, como era deſconfiar do que Deos lhe tinha promettido, & da eſcrittura não ſe collige o contrario, antes ſe inclina a iſto. E porque naquelle lugar, que edificavã ſuccedeo aquella diviſão, & confuſão de linguas, que ſe não entendião huns aos outros, foy chamado Babel, que nós em vulgar chamãmos Babilonia, palavra Hebraica, na qual lingua quer dizer confuſão.

75

A Não grande, em q'vay Paulo da Gama,
Quebrado le'va o maſtro pelo meyo,
Quaſi toda alagada, a gente chama
Aquelle, que a ſalvar o mundo veyo:
Não menos gritos vãos ao ar derrama,
Toda a nao de Coelho com receyo,
Com quanto teve o Meſtre tanto tento,
Que priméyro amamou, que deſſe o vento.

A nao em que vay Paulo da Gama. Eſte Paulo da Gama era irmão do Capitão mór Valco da Gama, de que neſte livro ſe faz particular menção, por ſer o primeyro deſcobridor da India.

Aquelle que a ſalvar o mundo veyo. Diz que naquella tormenta chamavão por Jeſu Chriſto noſſo Salvador.

Toda a nao de Coelho. Eſte ſe chamava Nicolao Coelho, Capitão de huma nao da meſma conſerva de Valco da Gama, de quem já fallãmos atrás no canto.

76

A Gora ſobre as nuves os ſobião,
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a ver parece, que deſciaõ
A as intimas entranchas do profundo:
Noto, Auſtro, Boreas, Aquilo querião
Arruinar a machina do mundo,
A noyte negra, & ſea ſe alburnia
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

As ondas de Neptuno furibundo. Em eſtas annota-

ções fica dito como Neptuno era tido entre os antigos por Deos do mar: & que os Poetas o tomão muytas vezes pelo meſmo mar como o noſſo Luis de Camões aqui faz, aonde ao mar furioſo chama Neptuno furbundo.

As intimas entranhas do profundo. Humas vezes, diz o Poeta, os levantavão as aguas ſobre as ondas altiffimamente. Outras vezes os afundavão tanto que parecia dar com elles no fundo do mar, a que chama entranhas intimas do profundo.

Notó, Auſtro, Boreas, Aquilo. São nomes proprios de ventos dos quaes fica trãttado por muytas vezes.

Os rayos em que o Polo todo ardia. Rayo aqui ſe toma pelo relampago, & outros fogos, que em tempo de tormenta, & tempeſtade curtaõ no ar, entre as quaes couſas coſtuma ſempre cahir algum rayo.

Polo. He o Ceo, como fica dito.

77

A *S. Alcione as aves triſte canto,
Junto da coſta brava levantãrão,
Lembrandoſe de ſeu paſſado pranto,
Que as furioſas agnãs lhes cauſãrão:
Os Delfins namorados entre tanto
Lã nas covas maritimas entrãrão,
Fugindo a tempeſtade, & ventos duros,
Que nem no fundo os deyxã eſtar ſeguros.*

Alcione as aves triſte canto. Alcioneas aves ſão os Maſſaricos, que chamamos os Portuguezes, aves, que vivem nõ mar, & terra. Há duas caſtas dellas, humas mayores a que chamão reaes, outras mais pequenas. Na cor não differem couſa alguma. Eſtas aves tem as particularidades, que os Autores eſcrevem da ave Alcione. Ariſtoteles, & outros pintão a Alcione huma ave nunca viſta, nem ouvida. Pelo que em quanto a outra ſe não acha firmemonos neſta. Diz que levantãrão triſte canto, lembrandoſe do ſeu primeyro pranto, porque fingem os Poetas que Alcione filha de Eolo, ſabendo do naufragio de ſeu marido Ceyce, ſe lançou no mar, & dalliſoy convertida em ave, como conta Ovidio nas Metamorphoſes liv. II. E daqui dizem, que quando ha de haver alguma tormenta no mar, eſtas aves a ſentem primeyro, & a ſeu modo a ſignificão cantando: a que o noſſo Poeta, por eſta razão chama triſte canto.

O Delfin. Dos Delfins fica trãttado atrãz neſte canto, oytava 22.

78

N *unca tão vivos rayos fabricou
Contra a fera ſoberba dos Gigantes,
O gram ferreyro ſordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes;*

*Nem tanto o gram Tonante arremeſou
Relampagos ao mundo fulminantes,
No gram diluvio, donde ſõs viverãõ
Os dous, que em gente as pedras converterãõ.*

Nunca tão vivos rayos fabricou. Para encarecimento deſta tormenta diz: que nem quando Jupiter deſtruhio os Gigantes, que procurarãõ lança-lo do Ceo, como conta Ovidio nas Metamorphoſes liv. I. uſou de tantos rayos como havia neſta tormenta, nem do diluvio geral em o qual o mundo foy deſtruhido com agoa, & o genero humano alagado & afogado nella, houve tantos relampagos, & fogo, como aqui.

O gram Ferreyro ſordido. Eſte Ferreyro que o Poeta aqui poem, que fabricou as armas de ſeu enteado, foy Vulcano, que fazia os rayos a Jupiter ſeu pay: & foy caſado com Venus, da qual Anchifes Troyano houve Eneas, que fica ſendo enteado de Vulcano; de cuja vida, & feytos Virgilio ecreveo a ſua Eneida. Chama-lhe o Poeta ſordido, que quer dizer ſujo, porque os Ferreyros não podem andar limpos. Eſte, como conta Virgilio, fez as armas de Eneas a petição de Venus, & fez tambem as de Achilles a petição de Thetis, como conta Homero.

Nem tanto o gram tonante arremeſou. O gram tonante he Jupiter, o qual conta Ovidio no meſmo livro primeyro das Metamorphoſes, que vendo a grande maldade dos homens, determinou de os deſtruhir com diluvio de agoa, temendo que ſe o quizeſſe fazer com fogo, ſe lhe queymaria o Ceo. Iſto ſão fabulas, & fingimentos Poeticos. Quanto a eſta dos Gigantes que aqui contamos, & a do diluvio. Ovidio devia de ler o Genesis, & a deſtruição, que fez Deos Noſſo Senhor na torre de Babel, de que fallamos na oytava paſſada: & a do mundo com o diluvio, o que tudo attribuhio a ſeus idolos. E a Noé poz o nome Deucalion, & a ſua molher Pyrrha, acrecentando outra invenção, que eſtes dous, que ficãrãõ ſõs no mundo delpois daquelle diluvio por mandado de Themis, que dava os oraculos, renovãrãõ o mundo de huma nova maneyra, que toy lançando pedras por detrás das coſtas, & as pedras que o homem lançava ſe faziaõ ſubitamente homens: & das que lançava a molher ſe levantavão molheres. E iſto he o que o Poeta aqui diz: *Donde ſõs viverãõ os dous que em gente as pedras converterãõ.* Que ſõmente elcapãrãõ do diluvio os dous que das pedras fizerãõ homens, & molheres: os quaes forãõ Pyrrha, & Deucalion, como fica dito.

79

Q *uantos montes entãõ, que derribãrãõ
As ondas, que bãtiãõ denodadas,
Quantas arvores velhas arramãrãõ
Do vento bravo as furias indinadas;*

As

*As forçosas raizes não cuydarão,
Que nunca para o Ceo fossem viradas,
Nem as fundas areas, que pudessem
Tanto os mares, que encima as revolvessem.*

Quantos montes! Profegue o encarecimento da tormenta, em que os Portuguezes andavão, diz que se as ondas colherão diante de si grandes montes os derribarão: & grandes, & antigas arvores virarão com as raizes para o ar, como fazião nas fundas areas do mar, que as trazião por cima da agua, que he final de grande revolta, & trabalho, como disse Virgilio na Eneida: *Furit æstus arenis,* as areas fervião com a tormenta.

80

*Vendo Vasco da Gama, que tamperto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar até o Inferno aberto,
Ora com nova furia ao Ceo subia:
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio santo, & forte,
Que o impossivel pôde desta sorte.*

81

*D'ivina guarda, angelica celeste,
Que os Ceos, o Mar, & Terra senhoreas,
Tu, que a todo Israel refugio deste,
Por metade das agoas Erythreas:
Tu, que livraste Paulo, & defendeste
Das Scyrtes arenosas, & ondas feas,
E guardaste cos filhos o segundo
Povoador do alagado, & vacuo mundo!*

Aguas Erythreas. Aguas do mar roxo, chamado assim d'El-Rey Erythro, que Senhoreava aquellas partes, como diz Solino, & Quinto Curcio. Do mar roxo se veja a nossa annotação no segundo canto oitava 49. Aonde se tratta a verdadeyra razão da cor daquella agua. Da tormenta que passou o Bemaventurado S. Paulo trattamos atrás neste canto. O segundo povoador do mundo alagado, de que o Poeta aqui falla he Noé, o qual por mandado de Deos fez huma Arca em que escapou com seus filhos das agoas do diluvio, como se conta no Genesis. Syrtes propriamente são lugares no mar bayxos, & aparcellados, altos em huma parte, & bayxos em outra. Chamaõ-se Sirtes de sirin verbo Grego, que quer dizer attrahir: porque com tormenta os lugares fundos attrahem a si a area, de que os bayxos tem muyta abundancia. E ainda que fallando propriamente, qualquer lugar desta maneyra se chama sirte, entre os autores são nomeados dous, os quaes estão nos confins de Africa, contra o Egypto, hum se chama Syrte mayor,

& outro menor. Veja-se Plinio, & Solino: As sirtes são assim no mar, como na terra. A viagem por terra he em os areas de Lybia, aonde estão estas sirtes, que he tanto, & mais perigosa esta, que a do mar. Conta Plutarcho no fim da vida de Alexandre, que caminhando este valeroso Capitão pelos areas de Lybia, se levantou hum vento, que lhe afogou cincoenta mil homens. A principal sirte da terra he da Cidade Quitauga, que esta no fim da Provincia de Dra, até a Cidade Tumbuutum, aonde os de Africa vão buicar o ouro, o qual vem alli da grãde Provincia de Mandinga. Nesta Cidade Quitauga se ajuntão as recovas dos almocreves que elles chamão Casilas, & partem com seus Camellos, & odres cheyos de agua, porque em aquella jornada, que terá de tres mezes, caminhando de dia, & de noyte, não ha agua mais que em duas, ou tres partes. Governão-se pelo Norte, como no mar, com os mesmos instrumentos, & attrolabios, & ha neste caminho grandes montes de area, que andão de huma parte para outra, de modo que não há quem se entenda por aquella triste terra. Os homens, que cursão estes caminhos, costumão criar camelos de pequenos effeytos a não beber, quinze, & vinte dias, & estes são muyto pezados: & quanto mais sofrem a sede, tanto mais valem. Dos corpos que morrem nestes areas se faz a myrrha que se vende pelas boticas. Da qual se trazem cayxões daquellas partes. He como cera quando a apanhão, & se se aperta nas mãos se desfaz como area. Ouvi huma pessoa que vio estes areas, & cansinou por elles alguns dias, que curtava alli certo vento, ás vezes, tão quente que secava a agua que levavão nos odres. Destes areas ha tambem do Cayro para Meca por toda Arabia deserta, na qual ha tanta falta de agua, que em cem legoas de terra, não há fonte nem poço.

82

*S E tenho novos medos perigosos,
D'outra Scylla, & Carybais já passados,
Outras Scyrtes, & bayxos arenosos,
Outros Acorceraunos infamados:
No fim de tantos casos trabalhos,
Porque somos de ti deseparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?*

D'outra Scylla, & Carybdis. Veja-se a Scylla, & Carybdis o segundo canto oitava 45. Das Syrtes na oitava passada.

Outros Acroceraunos infamados. Ceraunios, ou Acroceraunos (como lhe chamão os Autores) são huns montes de Epyro, a que hoje chamamos Albania, assás nomeados, & conhecidos: seu commum nome he montes de Chimara, ou Chimarristos, como quer Ortelio na sua Synonimia Geographica. Este epitheto de infames lhe dão os

Poetas pelos muytos naufragios que alli acontecem. Quanto a mim Acroceraunios (ou como lhe chama Virgilio) Ceraunios he nome geral, & que compete a qualquer ferra alta, se olharmos a Ety-mologia da palavra, porque he monte, & ceraunos rayo, & porque os rayos sempre costumão dar em lugares asperos, & altos, daqui os taes se chamao Acroceraunios, ou Ceraunios.

83

O Ditosos aquelles, que puderão,
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sôstiverão
A santa Fé, nas terras Mauritanas!
De quem feytos illustres se souberão,
De quem ficão memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honrras della.

De quem se ganha a vida com perdella. Os que morrem em defençaõ de sua patria, & serviço de Deos, & de leu Rey, não se dizem perder a vida, mas ganhala, porque com seus feytos illustres fizerão, que ficasse perpetua a sua memoria entre os homens: pelo que estes vivem para sempre: & pelo contrario os que gastão mal a vida de tal maneyra morrem, que juntamente com elles morre sua memoria, porque não fizerão cousa digna de a ter na terra, salvo por tal que com ella sejaõ perpetuamente deshonrrados.

84

A Ssi dizendo, os ventos, que lutavão,
Como touros indomitos bramando,
Mais, & mais a tromenta acrescentavão,
Pella miuda enxarcia affoviano:
Relampagos medonhos não cessavão,
Feros trovões, que vem representando
Cabir o Ceo dos eyxos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

Cabir o Ceo dos eyxos sobre a terra. Que cousa seja eyxo do Ceo, se veja no canto primeyro, oytava 24. & dos elementos no segundo canto.

85

M As já a amorosa Estrella centilava
Diante do Sol claro no Orizonte,
Mensageyra do dia, & visitava
A terra, & o largo mar com leda fronte:
A Deosa, que nos Ceos a governava,
De quem foge o ensifero Oriente,
Tanto que o mar, & a cara armada vira,
Tocada junto foy de medo, & de ira.

Mas já a amorosa estrella scintilava. Descreve aqui o Poeta o tempo da menhá por termos muyto usados entre os Poetas. Ovidio nas Metamorphoses: *Lucifer undecimus stellarum coegerat agmen*. Já o undecimo Luzeyro tñhã junto as estrellas, *id est*, já havia onze dias, & nomeava os dias por Luzeyros; porque esta estrella aparece cada dia duas vezes, huma antes que o Sol apareça no Orizonte, & outra despois de posto. Esta estrella he, a que os Astrologos chamao *Venus*. Quando vem antes do Sol chama-se *Lucifer*, de duas palavras Latinas, *Lux*, & *fero*, porque he mensageyra da luz, como lhe chamou aqui o Poeta. Quando vem despois de recolhido o Sol, se chama *hesperus*, *vesper*, ou *vesperugo*, entre os Latinos quer dizer, á tarde, por aparecer naquelle tempo.

A Deosa que nos Ceos a governava, De quem foge o ensifero Orizonte. Orizonte he huma constellação junto ao Signo Tauro, a qual tem dezaete estrellas, diz o Poeta aqui, que foge de Venus, porque está na parte Occidental diante de Venus, & vay sempre diante della. Pode-te tambem dizer, que foge do Orizonte de Venus, porque quando esta constellação aparece no Ceo, que he na entrada de Outubro começa de haver chuvas, & tempestades, que he contrario á qualidade de Venus, que causa serenidade, & quietação no ar, & assim os Poetas todos lhe dão por epitheto: chuvoso, tempestuoso, contrario aos que navegão, & outros que mostrão sua natureza. A fabula de Orion leão os curiosos em Ovidio liv. 5.

86

E Stas obras de Baccho são por certo,
Disse, mas não será, que avante leve
Tão danada tenção, que descuberta
Me será sempre o mal, a que se atreve:
Isto dizendo, doce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quauto manda às Ninfas amorosas,
Grinaldas nas cabeças por de Rosas.

Estas obras de Baccho são por certo. Estas palavras disse Venus, quando vio os Portuguezes no mar tão apertados da tormenta, que o Poeta vay contando.

87

G Rinaldas manda por de varias cores,
Sobre cabellos louros à profia,
Quem não dirá, que nace roxas flores
Sobre ouro natural, que amor infia:
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrandolhe as amadas Ninfas bellas,
Que mais fermosas vinhaõ, que as estrellas
Grinaldas

Grinaldas manda por. Como Venus vio o mar revolto, & os ventos que com sua furia determinavaõ destrahir a armada dos Portuguezes; ajuntou Nymphas do mar, & levou-as comfigo muyto fermosas, & concertadas com suas grinaldas nas cabeças, para ver se com isto podia fazer que os ventos se abrandassem de sua furia. *Roxas flores.* He a affeyção, de que a cor roxa he final. *Ouro natural.* He a fermolura. Mostra aqui ter cousa natural parecer bem a fermolura.

88

A *Si foy porque tanto que chegarão
A vista dellas, logo lhes falecem
As forças, com que dantes pelearão,
E já como rendidos lhe obedecem:
Os pés, & mãos parece, que lhe atãrão
Os cabellos, que os rayos escurecem,
A Boreas, que do peyto mais quera,
Assi disse a bellissima Oritbia.*

Assi disse a bellissima Oritbia. Oritbia he nome de huma das Nymphas do mar, a que quiz muyto o vento Boreas.

89

N *Ão creas fero Boreas que te creyõ,
Que me tiveste nunca amor constante,
Que brançura he de amor mais certo arreyo,
E não convem furor à pme amante:
Se já não pões a tanta infania freyo,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amarte, mas temerte,
Que amor contigo em medo se converte.*

E não convem furor a firme amante. O amor quer brandura: furias, & aspereza são para gente barbara. Ovidio conta liv. 3. na Metamorphoses que logo que o Gigante Polyphemo se affeyçoou a Galatea, quebrou de sua má natureza, & condição aspera.

90

A *Siim mesmo à fermosa Galatea,
Dizia ao fero Noto, que bem sabe,
Que dias ha, que em vela se recrea,
E bem crê, que com elle tudo acabe:
Não sabe o bravo tanto bem se o crea
Que o coração no peyto lhe não cabe,
De contente de ver, que a Dama o manda,
Pouco cuyda que faz, se logo abranda.*

91

D *Esta maneyra as outras amañavão,
Subitamente os outros amadores,
E logo a linda Venus se entregavão,
Amançadas as iras, & os furores:
Ella lhes prometeo, vendo que amavão
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomandohe omenagem,
De lhe serem leas esta viagem.*

Esta maneyra as outras amañavão. A ordem que Oritbia, & Galatea guardarão em abrandar os ventos, que não procedessem na sua furia importuna, & contumaz, a mesma guardarão as outras Nymphas com os mais ventos. Venus vendo-os condescender com o que lhe pediaõ, prometteo favorecelos sempre em seus amores, & lhe tomou a omenagem de favorecerem nesta viagem aos Portuguezes.

92

J *A a menhã clara dava nós outeyros,
Per onde o Ganges murmurando soa,
Quando da excelsa gavea os marinhyros
Enxergãrão terra alta pella proa:
Já fóra de tormenta, & dos primyros
Mares, o temor vão do peyto voa,
Disse alegre o Polito Melindano,
Terra he de Calecut, se não me enganõ.*

Terra he de Calecut, se não me engano. Entre huma ferra (a que os naturaes por nome commum chamão Gate) & o mar, jaz huma cinta de terra, que aonde he mais larga tem dez leguas, & por algumas partes seis; segundo as enleadas, & cotovelos da terra se encolhem, ou estendem: & de comprimento tem oytenta leguas. Esta he a terra do Malavar, na qual está situada a Cidade de Calecut em huma Costa braba, & tem pequenos Edificios, smente as calas dos Idolos, & do Rey, & de alguns Mouros nobres prestão, & todas as outras são palhaças, & de pouca importancia, cubertas de hum certo genero de folhas de palha, a que elles chamão ola. Veja-se desta Cidade de Calecut a nossa annotação no segundo canto, oytava 52.

93

E *Sta he por certo a terra, que buscais
Da verdadeyra India, que aparece,
E se do mundo mais não desejaes,
Vosso trabalho longo aqui senece,*

Softer

*Sofrer aqui não pôde o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece,
Os giolhos no chão, as mãos ao Ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo.*

Verdadeyra India. Veja-se o que elcrevemos no segundo canto, oytava 52.

94

A S graças a Deos dava, & razão tinha,
Que não somente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava:
Mas viase livrado tão afinha
Da morte, que no mar lhe aparelhava
O vento duro, fêrvido, & medonho,
Como quem despertou de borrendo sonho.

Como quem despertou de horrendo sono. Termo de fallar, para mostrar a mudança repentina, & subita tormenta, em bonança, que foy como succede aos que dormem, & subitamente acordão de hum horrendo, & trabalhoso sonho, em que estavão muyto opprimidos, & afadigados: que sonhando que se fazião em pedaços, ou lhe acontecia algum mal grande acordão subitamente livres.

95

P Or meyo destes borridos perigos,
Destes trabalhos graves, & temores,
Alcanção os que são de fama amigos
As houras im mortaes, & os graos mayores:
Não en costados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leytos dourados entre os finos
Animaes de Moscovia Zebellinos.

Animaes de Moscovia Zebellinos. Não são estes animaes propriamente Martas, ainda que alguns lhe chamão Martas Zebellinas: he outra casta por si, são brancos, tem fômente a pontinha do rabo preta, são tão limpos de sua natureza, que se lhe poem qualquer cousa suja á porta das covas aonde habitão, não entrão nellas, & assim os tomão. Destas há muyta abundancia em Polonia, & Moscovia, pelo que o Poeta lhe chama aqui animaes de Moscovia. Chama-se este animal Zebello, pelo que o Poeta lhe chama animal zebellino, & as pelles se chamavão zebellinas, & são muyto preladadas para forrar vestidos, como as Martas.

96

N ão cos manjares novos, & exquisitos,
Não cos passeos molles, & nojesos,

*Não nos varios deleytes, & infinitos,
Que afeminão os peytos generosos:
Não cos nunca vencidos apetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não sofre nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude.*

Que não sofre a nenhum que o passo mude. A modicic, & deleytes da vida, não deyxão fazer os homens o que são obrigados, antes sempre os inclinão para o mal, apartando-os de toda a obra boa, & virtuosa. Dondê dizia Socrates, que os homens que pretendião prestar para alguma cousa, devião fugir dos deleytes, como das Sereas: porque assim como as Sereas com sua musica matavão, assim os deleytes matão com suas branduras.

97

M As com buscar co seu forçoso braço
As honras, q' elle chame proprias suas,
Vigiando, & vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades, & ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, & Regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado cam arduo sofrimento:

Mas com buscar. Estas são as cousas com que a verdadeyra nobreza se alcança.

No regaço do Sul, & regiões de abrigo nuas. Nomea aqui as partes do Sul, as quaes assim como as do Noite são muyto frias, por estarem apartadas do Sol: & nomea estas: por partes, por onde os nossos Portuguezes curfarão muyto em suas navegações.

Temperado com hum arduo sofrimento. A falta dos trabalhos he a paciencia, aonde ella não anda não há cousa perfeyta, como diz o Bemaventurado Santiago na sua Canonica. *Patientia opus perfectum habet.* A paciencia aperfeyço a obras: E o Poeta Prudencio:

*Omnibus una comes virtutibus associatur
Auxiliumque suum fortis potentia miscet.
Nulla anceps luctamen mit virtute sine ista
Virtus, & vidua est, quam non patientia format.*

Só a paciencia, diz Prudencio, acompanha todas as virrudes, nenhuma se atreve a trabalho, nem difficuldade tem ella: & a que a não tem he viuva, & desemparada.

98

E Com forçar o rosto, que se enfia,
Aparecer seguro, ledo, inteyro

Para

*Para o pilouro ardente, que affovia,
E leva a perna, ou braço ao companheyro:
Desta arte o peyto hum calo honroso cria,
Desprezador das honras, & dinheyro,
Das honras, & dinheyro, que a ventura
Forjou, & não virtude justa, & dura.*

99

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O bayxo trato humano embaraçado:
Este onde tiver força o regimento
Direyto, & não de affeyto occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando
Contra vontade sua, & não rogando.

Desta arte. Enfina-nos o Poeta nesta oytava como só a virtude faz subir os homens que a leguem a alto lugar, & montar muyto nesta vida, porque tem por guia a paciencia, a qual não temendo difficuldades, nem perigos os poem em lugar, do qual vem a seu salvo a erronea, & de fatino em que vivem aquelles que engolfados em cousas bayxas, & vis da terra, se esquecem da virtude. Estes taes aonde houver governo direyto serãõ tidos em conta, favorecidos, & honrados: & alcançaráõ as honras, & cargos, que merecem, ainda que os não pretendão, como se fazia no tempo dos Romanos. Disse muyto bem Luis de Camões, *Onde tiver força o regimento direyto*: porque de outra maneyra correm os negocios differentemente, & muytas vezes quem merece, perece.



OS LUSIADAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Dà fundo a frota a Calecut chegada,
Manda-se menlageyro ao Rey potente,
Chega Monçaide a ver a Lusa armada,
E da Provincia informa largamente:
Faz Gama ao Samori lua embayxada,
E recebido bem da Indica gente,
C'o Regedor da terra ao mar se torna,
Que de toldos, & flamulas se adorna.

CANTO SETIMO.

Chega Vasco da Gama a Calecut. Propoem sua embayxada ao Rey da terra.
Descreve-se o sitio do Reyno de Malabar. Vay o Regedor da terra a visitar a nossa armada.

I

Já se viaõ chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as corrétes Indicas se encerra,
Eo Ganges, que no Ceo terreno mora:
Ora sus gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Iá sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

Iá se viaõ chegados. Conta aqui o Poeta, como os Portuguezes houverão vista da terra da India, a qual diz, que foy desejada de muytos, porque

pelas historias sabemos como Alexandre, Trajano, & outros a pertenderão, & nenhuns fizeraõ affento nella tão de raiz como os Portuguezes.

Que entre as correntes Indicas se encerra. Esta he a terra do Malabar, posta no meyo da verdadeyra India entre os dous rios Indo, & Ganges, como fica dito no sexto canto, oytava 92. Correntes Indicas, tão correntes do rio Indo. Diz que o Ganges mora no Ceo terreno, que he o Parayto da terra pelo que diz a Escritura, que do Parayto da terra sabião quatro rios. O Bemaventurado S. Jeronymo, & S. João Damasceno, Hugo, & outros muytos dos antigos tiveraõ, que estes rios craõ: Ganges, Nilo, Tigris, & Euphrates. Alguns modernos querem que o Nilo, & Ganges não fa-
yaõ

yão do Parayto Terreal, mas outros dous rios que dizem ser recolhidos com o Tigris, & Euphrates, cujos braços erão. Como este lugar não he de apurar duvidas tão largas deyxo a questão para as escolas, advertindo porém ser materia em que há muyto pouca certeza. E ainda que hoje saybamos os lugares aonde estes rios sayem, não havemos de cuydar que esta he a verdadeyra fonte, porque não he possível saberte, pois se não sabe o lugar aonde o Parayfo da terra esteve. E assim quando se tratta no nacimiento destes rios, entende-se do lugar donde elles arrebentão, & a nosso juizo parece que nadem.

Ora sua gente forte. São palavras do Poeta com as quaes toma occasião para tratar algumas cousas dos feytos valerosos dos Portuguezes, animandoos, & tazendo-lhe praça do que seus antepassados sempre na vida fizeram, assim em defensão da Fé Catholica, como de seu Rey, & tua patria, & como ainda que poucos, & metidos em hum canto pequeno do mundo, daqui se deraõ a conhecer por todo elle. Por terra de riquezas abundantes, entende a India, aonde tinhão já chegado.

A Vós ó geração de Luso digo,
Que tão pequena parte jois no mundo,
Não digo inãa no mundo, mas no amigo,
Curral, de quem governa o Ceo rotundo:
Vós, a quem não sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo,
Mas em cobiça, ou pouca obediencia,
Da Madre, que nos Ceos está em essencia,

A vós ó geração de Luso digo. Continua sua pratica com os Portuguezes, aos quaes chama geração de Luso, pela razão que fica dada no canto primeyro, oytava r. os quaes diz que são muyto poucos, & que esta pequena terra que possuem he no curral amigo de Christo, em hum canto da Christandade. Louva-os da fortaleza, & cavallaria, pois nenhuns perigos são bastantes para os estorvar da conquista da Mourama, a que chama povo immundo, que quer dizer povo sujo. Levava-os tambem do zelo que tem da Fé de Christo nosso Senhor, que não ha cousa que os desvie de sua obediencia.

A Madre, que nos Ceos está em essencia. He a Igreja triumphante, lugar dos Bemaventurados. Chama-se triumphante, porque os que estão nella, estão em porto seguro. Esta em q vivemos se chama Igreja militante, porque em quanto andamos nella, temos guerra com tão crueis inimigos: Diabo, Mundo, & Carne.

Vós Portuguezes poucos, quãto fortes,
Que o fraco poder vosso não pezais,
Vós, que à custa de vossas varias mortes,
A ley da vida eterna dilatais;
Assi do Ceo deytadas são as sortes,
Que vós por muyto poucos que sejais,
Muyto fazeis na santa Christandade,
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade.

Que o fraco poder vosso não pezais. Em louvor dos Portuguezes entre outras cousas diz o Poeta, que quando succede alguma coula de honra, em que hajão de mostrar seu valor, & esforço, não pelaõ seu traco poder, porque poucos se atrevem contra muytos, & que não estimando morrer, na vida dilatão seu nome, & fama de maneyra, que vivem eternamente, & que isto he negocio do Ceo, querer Deos que os Portuguezes com ser tão poucos, fação tanto na Christandade.

Vede os Alemaens, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apacenta,
Do Successor de Pedro rebelado
Novo pastor, & nova seyta inventa:
Vedeo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error se não contenta,
Não contra o superbissimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

Vede-os Alemães. Serrou o Poeta a oytava passada com aquella tão excellente sentença, que Deos levanta aos humildes, & derriba aos toberbos. E que esta he a razão porque os Portuguezes em suas empresas vão por diante, & os Alemães ficão atrás. Por guerras teas entende as que são contra Christãos. Cego error são as herefias. Não contra o superbissimo Otomano. Ottomanos se chamão os Emperadores de Turquia, do nome de hum Ottomano de que trazem sua origem. Foy este Ottomano chegado á casa do Emperador dos Turcos, o qual vendo-se desfavorecido nella, se ajuntou com alguns perdidos, que nunca faltaõ, & começou a fazer guerra a alguns lugares com que se atrevia nos seus principios, dos quaes são fracos veyo em pouco tempo a ser Senhor de tantas terras, & Provincias, como todos sabemos. O que o Poeta diz nesta oytava he, que melhor fora aos Alemães, & Ingleses tomar armas contra os Turcos, que andar envoltos em herefias, & invenções na Igreja de Deos,

5
Vedes o duro Ingles, que se nomea,
 Rey da velha, & santissima Cidade,
 Que o torpe Ismaelita senborea,
 (Quem vio honrtaõ longe da verdade)
 Entre as Boreaes novas se recrea,
 Nova maneyra faz de Christandade,
 Para os de Christo tem a espada nua,
 Não por tomar a terra, que era sua.

Vedes o duro Ingles. Entre os titulos que tem os Reys de Inglaterra, hum he Rey de Hierusalem, estando esta Cidade hoje sujeyta, (como he notorio) ao Turco, o qual entende por Ismaelita, porque assim se chamão os Turcos, & Mouros, como fica declarado por muytas vezes. *Entre as boreaes novas se recrea.* He boreas o vento Norte, por nes boreaes se entende aqui as partes do Norte, aonde tem sua habitação. Estes diz o Poeta que fazem nova maneyra de Christandade, levantando novos ritos contra a Igreja Romana, & seguindo diferentes feytas, como se pôde ver na hystoria Ecclesiastica de Inglaterra. Desta Ilha se veja o que escrevemos no terceyro canto, oytava 58.

6
Guarda-lhe por em tanto hum falso Rey,
 A Cidade Hyerosolima terrestre,
 Em quanto elle não guarda a santa Ley
 Da Cidade Hyerosolima celeste:
 Pois de ti, Gallo indino, que direy?
 Que o nome Christianissimo quizeste,
 Não para defendelo, nem guardalo,
 Mas para ser contra elle, & derribalo?

Guardalhe por em tanto. Mostra aqui o Poeta ser Divina permissão ter Turcos a terra de que os Ingleses se intitulão por Reys, que he a Santa Hierusalem, em quanto elles andão apartados da Fé de Christo.

Pois de ti Gallo indigno que direy? Nota tambem os Franceses de gente adversaria do nome Christiano, do qual elles tem hum tão largo, & excellente titulo, como he chamarem-se Christianissimos, de cuja origem se lea a nossa annotação no primeyro canto, oytava 13. E porque os Franceses se chamão Gallos no terceyro canto, oytava 16.

7
A Chas, que tens direyto em senhorios
 de Christãos, sedo o teu tão largo, Et tão
 E não contra o Cynifio, & Nilo rios,
 Inimigos do antigo nome santo?

Alli se haõ de provar da espada os fios,
 Em quem quer reprovár da Igreja o canto,
 De Carlos, de Luis o nome, & a terra
 Herdaste, & as causas não da justa guerra.

E não contra o Cynifio, & Nilo rios. Continua com os Franceses, os quaes diz que fora melhor gastar o tempo em guerra contra os Turcos, & Mouros, que contra Christãos, pois se chamão Christianissimos. Pelo rio Cynifio se entende os Mouros de Africa por onde passa o rio Cynifio. Por Nilo os Turcos, porque o Turco he Senhor de Egypto, que o rio Nilo rega. Deste rio se veja o que escrevemos no canto decimo.

De Carlos, & Luis. Forão Reys de França valerosissimos, & Christianissimos. De Carlos tratamos no canto primeyro. Do Bemaventurado S. Luis baste dizer que foy canonizado por Santo, & que reza delle a Igreja de Deos.

8
Pois que direy daquelles, que em dilicias,
 Que o vil ocio no mundo traz consigo,
 Gastam as vidas, lograõ as divicias,
 Esquecidos de seu valor antigo?
 Nacem da tyrania inimicicias,
 Que o povo forte tem de si inimigo:
 Contigo Italia fallo, já sumer sa
 Em vicios mil, & de ti mesma adversa.

Pois que direy daquelles que em dilicias. Quanto mal fação as dilicias aos homens trattey no sexto canto, oytava 96. Nesta oytava torna o Poeta a repetir os males deste vicio, do qual diz que nacem grandes males, como he assas notorio, & principalmente o torpissimo da sensualidade, o qual nasce de ocio, & delicias da vida como diz o Bemaventurado S. Jeronymo: *Ventrem cibo distentum voluptas sequitur genitalium*, a sensualidade procede do muyto comer. E S. Chrysoftomo sobre S. Mattheus: *Vitium libidinis facile ex vacantia, & ocio nascitur*: O vicio da sensualidade tem sua origem do ocio. E o Poeta Ovidio:

*Otia si tollas perire Cupidinis arcus
 Contemptaque manent, & sine luce faces.*

Onde falta o ocio não há reynar malicia, & a sensualidade está a hum canto.

9
O Miseros Christãos, pela ventura,
 Sois os dentes de Cadmio desparzidos,
 Que huns aos outros se daõ a morte dura
 Sendo todos de hum ventre produzidos?
 Não vedes a divina sepultura,
 Possuida de cães, que sempre unidos,

*Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pella guerra?*

O miseros Christãos. Com muyta razão se queyxa o nosso Poeta dos Christãos, pois tendo obrigação de ter entre si paz, & conformidade, pois he gente governada por razão, & que segue huma ley, que com tanto rigor lhe manda tenha paz entre si, elles tanto ao contrario de sua obrigação tem guerra huns com os outros, & não se confundem ver os barbaros unidos, & amigos de maneyra, que pouco a pouco vão sujeitando o mundo a si.

Pela ventura sois os dentes de Cadmo. Cadmo foy filho de Agenor Rey de Phenicia. Foy mandado por seu pay a buscar Europa sua filha, que Jupiter em figura de touro lhe havia furtado, & que não tornasse a casa sem ella. Cadmo consultou o Oraculo de Apollo, vendo que não achando sua irmã Europa, não podia tornar diante do pay, que assim lho mandava, para saber que faria, aonde se iria, fazer sua habitação. O Oraculo lhe respondeo, que acharia no campo huma vaca, que a seguisse, & que aonde ella parasse, alli edificasse. Querendo Cadmo por em effeyto o que o Oraculo lhe mandava, achando o lugar aonde havia de edificar, quiz primeyro fazer sacrificio a Jupiter, para o que mandou seus companheyros a certa fonte, que perto estava. Succedeo estar hum dragão naquella parte aonde estava a fonte, o qual como houve vista daquelles homens, que hiaõ buscar agoa, chegou, & matou a todos. Cadmo vendo que seus companheyros tardavaõ muyto determinou hilos bulcar, mas achou-os mortos, & o dragão sobre elles. Cadmo matou o dragão: Estando neste estado Cadmo, chegou Pallas, que os antigos fazião Deosa da guerra, & disse-lhe que semeasse na terra os dentes daquelle dragão. Fez Cadmo o que Pallas lhe mandou, & logo dos dentes do dragão se levantarão homens armados, os quaes huns com outros sendo todos irmãos se matarão. Conta esta fabula Ovidio nas Metamorphoses liv. 3. in principio. O nosso Poeta quer aqui mostrar como os Christãos são como os dentes do dragão, que Cadmo semeou por mandado de Pallas, os quaes se matarão huns aos outros, sendo todos irmãos: o que fazem os Christãos, pois podendo ter guerra com gente inimiga, & contraria, a tem entre si huns contra outros. *Divina Sepultura.* He o Santo Sepulchro de Hierusalem, o qual tem os Turcos inimigos nossos capitaes, como diz o Poeta na oytava seguinte.

10

V Edes que tem por uso, & por decreto
(Do qual são tão inteyros observantes)
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os povos, que são de Christo amantes?
Entre vós nunca deyx a a fera Aleto,
De semear cizanias repugnantes?

*Olhay se estais seguros de perigos,
Que elles, & vós sois vossos inimigos.*

Entre vós nunca deyx a fera Aleto. Entre outros fingimentos dos Poetas, ha este, que há tres furias, as quaes causão todas as discordias, & delavengas da vida. Estas se chamão Aleto, Tisiphone, Megera. Uta aqui o nosso Poeta de huma dellas, para confirmação do que vay dizendo, que entre os Christãos sempre há discordias, & inimizades: sendo tanto pelo contrario isto entre os infieis, que commumente andão unidos, & conformes, & se tem guerras he contra Christãos, o que nos houveramos de fazer ter guerra contra elles, & trabalhar pelos destruir de todo. Mas como a nossa inquietação he sempre contra nós mesmos: tem os dous inimigos huns os nossos, & outros a elles: elles por odio, que nos tem: nós por não termos paz, & conformidade huns com outros.

II

S E cobiça de grandes senhorios,
Vos faz ir conquistar terras alheas,
Não vedes, que Pactolo, & Hermorios,
Ambos volvem auríferas arêas?
Em Libia, Assiria, lavrão de ouro os fios,
Africa esconde em si luzentes veas,
Movavos já se quer riqueza tanta,
Pois movervos não pôde a Casa santa.

Se cobiça. O intento do Poeta nesta oytava he induzir os Christãos a ter paz, & conformidade, & a guerra que trazem entre si a convertão contra os infieis inimigos de nossa santa Fé Catholica, & se cobiça os move a detejar conquista de terras alheas, em nenhuma parte tem mais com que tartar sua cobiça, & vontade, que na Asia senhoreada pelo Turco, & na Africa possuhida dos Mouros.

Naõ vedes, que Pactolo, & Hermorios. São rios de Lydia Provincia de Asia menor, a que a Escrittura Sagrada chama Lud. Crerão os antigos ter estes rios muyto ouro, pelo que entre elles são muyto celebrados, como diz Solino no seu Polyhistor. cap. 13. Virgilio na Eneida do Pactolo liv. 10. *Ubi pinguis culta. Exercentque viri, Pactolusque irrigat auro.* Onde os homens fazem grandes lavouras, & as terras são regadas com ouro do rio Pactolo. E do Hermo nas Georgicas liv. 2. *Nec pulcher Ganges, atque auro turbidus Hermo.* Nem o fermoso Ganges, & o Hermo turvo com ouro. Assiria he Suria de que atrás fica trattado no canto primeyro, oytava 24. Nesta Provincia, & em outras de Asia menor há gente que fazem grandes delicadezas, assim de ouro, como de outras cousas de mão, com tanto artificio, & galantaria, que não há mais que ver. Pelo que o Poeta aqui diz, que nestas partes lavrão de ouro os fios. O que tambem notou Girava na sua Geographia, pag. 173. liv. 2. cap. 11. aonde tratta da

Asia menor. Desta terra diz Solino no seu Polyhistor. liv. 3. c. 12. que tomaraõ os Romanos principio para seus perfumes, & unguentos. O que tambem refere Floro liv. 13. cap. 3. porque esta gente usava muyto destas delicias. Do tempo em que esto foy se veja Plinio. He tambem muyto rica de ouro, & prata, pelo que o epitheto que os Poetas lhe daõ he chamalhe rica, como encontrarão a cada passo os que por elles lerem.

12

A *Quellas invenções feras, & novas,
De instrumentos mortaes de artiharia,
Faz devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizancio, & de Turquia:
Faz y que torne lá às silvestres covas
Dos Caspios montes, & da Scythia fria,
A Turca geração, que multiplica,
Na policia de vossa Europarica.*

Aquellas invenções feras, & novas. Chama á artiharia invenção nova, porque este exercicio, & artificio começou no anno do Nascimento do Senhor de 1382. Não se sabe quem foy o inventor, & foy bem esconderse, porque se se scubera seu nome todás as horas, & momentõs fora maldito, & abominado como merecia, porque foy causa de não haver no mundo aquelle esforço, & cavallaria que antes havia nos homens. *Nos muros de Bizancio, & de Turquia.* Byzancio he Constantinopla, Cidade hoje a principal de todas as que o Turco senhorea, pois nella tem seu assento, & cadeyra real. Veja-se a nossa annotação no canto 3. oitava 12. *Fazey que torne lá às silvestres covas.* Como disse atrás oitava 4. os Turcos que agora são senhores de huma grande parte do mundo, tiverão sua origem de hum soldado por nome Ottomano, homem de bayxa sorte, natural de Tartaria, o qual se levantou contra o Emperador dos Tartaros, & pouca a pouca veyo o negocio a dar no estado em que hora está. O principio foy na Tartaria, a que os Escrittores chamão Scythia, nesta estão os Caspios montes. O que o Poeta aqui quer mostrar he, que devião os Christãos lançar os Turcos fóra de Constantinopla, & outros muytos lugares da Europa, que têm tomado aos Christãos, & fazelos recolher aos montes Caspios de Scythia, donde vierão para estas partes. Destes montes se veja a nossa annotação no terceyro canto.

13

G *Regos, Traces, Armenios, Georgianos,
Bradando vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceyos do Alcorão (duro tributo)
Em castigar os feyos inhumanos
Nos glorias de peyto forte, & altuo,*

*Enão queyraes louvores arrogantes,
De serdes contra os vossos muy passantes.*

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos. Reconta aqui o Poeta algumas Provincias de Christãos que hoje estaõ fugeytas ao Turco. Foy gente sempre a desta terra Catholica, & firme na Fè, a qual hoje em dia deve permanecer em algumas destas partes, mas como vivem entre aquella má canalha alguns devem ter alguma defordem. Nosso Senhor lhe acuda por sua misericordia. Armenia, & Georgiana chamada por outro nome Iberia, taõ Provincias da Asia mayor, a qual toda he fugeyta ao Turco.

Preceyos do Alcorão. Alcorão, quer dizer doutrina, he o livro em que está escrita a maldita leyta de Mafamede, entre outros preceyos tem hum de que o Poeta aqui faz menção, que todas as mulheres destes Christãos destas partes que parem macho, se tor hum só lho daraõ de tributo, & de dous hum, & de três hum. & aonde não há filho macho, lhe daõ hum cruzado de tributo cada anno. Estes filhos os obriga a tomar sua ley, & os manda criar, & ensinar às cousas da milicia, & esta he a gente de que se mais fia.

14

M *As em tanto que cegos, & sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não saltaraõ Christãos atrevimentos
Nesta pequena Casa Lusitana:
De Africa tem maritimos assentos,
He na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte nova os campos àra
E se mais mundo houvera, lá chegara.*

Mas em quanto. Louva o Poeta aqui o nosso Portugal, o qual não vay pela ordem das outras nações: antes em quanto os outros andão occupados em guerras injustas, elles as fazem a Mouros, & infieis, & andaõ fugeytando novas nações em novas terras, que o Poeta aqui nomea.

De Africa tem maritimos assentos. As Cidades maritimas que o Poeta diz que tem os Reys de Portugal, são Ceuta, Tangere, Arzilla, & Mazagaõ. *He na Asia mais que toda soberba.* Isto diz pelo muyto que os Portuguezes tem feyto, & conquistado no Oriente, aonde tem muytas terras, & muytas Ilhas. *Quarta parte nova.* He America, ou novo mundo, da qual com as mais partes trattamos no primeyro canto, oitava 2. Diz que tambem os Portuguezes tem pé nella pelo Brazil, que possuem, que he tambem huma parte desta America, como fica dito no lugar allegado: & como mais copiosamente o dizem os Dialogos de varia Historia, Dialog. 4. cap. 12. & 6. cap. 2. & João de Barros na sua Asia, Decad. 1. aonde esta elegante oitava está dignamente commentada.

15

E Vejamos em tanto o que acontece
 A aquellas tam famosos na vegantes,
 Depois que a branda Venus enfraquece
 O furor vaõ dos ventos re pugnantes:
 Depois que a larga terra lhe apparece,
 Fim de suas proffias tão constantes,
 Onde vem semear de Christo a Ley,
 E dar novo costume, & novo Rey.

Vejamos em tanto. Torna o Poeta a tratar o que aconteceu aos Portuguezes depois que hoverão vista da terra da India, acabada aquella tão trabalhosa tormenta que no fim do sexto canto contou.

Depois que a larga terra lhe apparece. Fim de suas proffias tão constantes. Esta terra larga de que houverão vista, foy a terra de Calecut, que era a que elles com tanta porfia, & constancia buscavão. E à verdade tudo, havia mister huma taõ comprida, & importuna viagem, que milagrosamente podemos crer hirem os homens a terras taõ remotas, offerecidos a tantos perigos, & trabalhos, que os de que os Poetas fazem tantos medos, como Scylla, & Carybdis, Acroceraunios, & outros são nada em comparação dos que hã nesta taõ larga, & enfadonha viagem da India.

16

Tanto que à nova terra se chegarão,
 Leves embarcaçoens de pescadores
 Achãrão, que o camiubo lhe mostrãrão
 De Calecut, onde eraõ moradores:
 Para là logo as proas se inclinãrão,
 Por que esta era a Cidade das milhores
 Do Malabar melhor, onde vivia
 O Rey, que a terra toda possuia.

Tanto que à nova terra se chegarão. Hum Domingo vinte de Mayo de mil quatrocentos noventa & oyto houverão os Portuguezes visto a terra de Calecut, & surgirão defronte de hum lugar chamado Capocate, o qual o Piloto cuydou ser a mesma Calecut. Mas surta a nosa armada, acudirão logo quatro almadias de gente da terra a saber que naos eraõ aquellas, porque nunca as virão daquella invenção, nem hirem a tal tempo daquellas partes. Esta gente que acudio á nosa armada eraõ pescadores: aos quaes Valco da Gama fez gaza-lhado, & mandou que lhe comprassem do pescado que traziaõ. Estes o levarão a Calecut. O Poeta nestas oytavas, que se seguem descreve a propria, & verdadeyra India, como eu atrás toquey no canto sexto, oytava 92.

17

Alem do Indo jaz, & àquem do Gange,
 Hã terreno muy grãde, & assaz famoso,
 Que pela parte Austral o mar abrange,
 E para o Norte o Emodio cavernoso:
 Fugo de Reys diversos o constrange
 A varias leys, alguns o vicioso
 Mafoma, alguns os Idolos adoraõ,
 Alguns os animaes, que entre elles moraõ.

Alem do Indo jaz. Como atrás apontey no canto texto, oytava 92. a terra que os Geographos chamaõ India, he a que está entre aquelles dous famosos rios Indo, & Ganges. Os naturaes, & vezinhos lhe chamaõ por nome proprio Indostan. Tem da parte do Norte por termino o monte Emodio, que he hum esgalho do monte Tauró, ao qual o Poeta aqui chama cavernoso, por ter muyto aspero, com muyta penedia, & quebradas, a que os Latinos chamaõ cavernas. Da parte do Sul tem o Oceano Indico. Do Poente o rio Indo: & do Oriente o Ganges, ainda que ambos sayem de huma paragem contra o Norte. A terra que está entre os dous rios, que dizem chamar-se Indostan, a que nós chamamos India, tem diferentes Reys, & nações, com diferentes seytas, & torpezas, que teria largo contar, porque huns seguem a peitilencial seyta de Mafoma: outros adoraõ os Idolos: outros animaes: outros tem em si outras brutalidades indignas de se escreverem. Alguns o vicioso Mafoma. A perseguição de Mafoma foy no fim do Imperio de Heraclio no anno do Senhor de 676. ainda que nisto há variedade entre os Autores, que outros querem fosse no anno de 629. & que começasse em hum lugar chamado Saralo na Arabia Petrea, como apontamos atrás no primeyro canto, oytava 8. Quanto ao lugar de sua natureza dizem que foy Itarip, aldea pequena de Arabia, & que seu pay foy Gentio por nome Abdalá, & sua mãy Hebreá chamada Emina gente bayxa. E como era filho de pays differentes, querendo lhe hum enlinar huma cousa, & outro outra ficou confuso, & ditrahido em sua vida. Depois da morte dos pays, naõ sabendo a qual das seytas se daria, se á do pay, que era Gentilica, se á da mãy, que era Hebreá. Sendo moço criou-se entre Christãos, vindo a idade em que entendia, como era mal inclinado, & perverto de natureza, ajudado de hum Sergio hereje Nestoriano, & de dous Judeus espadeyros. Fez das seytas de seus pays, & da ley Christã huma seyta diabolica, tomando de cada huma o que lhe parecia, para bem de sua pertinência, que era ser tido por tanto, para por este meyo ter mando, & poder no mundo, como succedeo que em pouco tempo com voz de propheta conquistou muytas terras vezinhas. E como a sua seyta era huma lellada tirada de differentes partes, & que

que qualquer homem de juizo, & de razão entenderia facilmente que era erronea, largou-lhe a redea a todo o género de vicios, & deu-lhe liberdade que fizessem o que quizessem, principalmente no vicio da sensualidade, que foy parte para adquirir a si em breve tempo meyo mundo. E esta he a razão, porque o nosso Luis de Camões lhe chama viciolo. Tem lavrado tanto este mal pestilencial entre tantas, & tão diversas nações, que em comparação da gente enganada com sua leyta, tão muyto poucos os que seguem o caminho da verdade, que he nossa Santa Fé Catholica. O que facilmente se póde ver, pois não cre em Christo Nosso Senhor toda a Europa perfeytamente, & em Mafoma parte della, com toda a Asia, & Africa, pouco menos. E mandou no seu Alcôraõ, que ninguem oulasse tratar, nem disputar sobre a sua ley, pondo nisto grandes penas: no que bem mostrou como tudo eraõ enganõs, & falsidades, & que lhe punha este barbilho, arreceando-se, que houvesse homens de juizo, andando o tempo, que cahissem em seu engano, & maldade. Deste maldito Mafoma, de sua torpe vida, & peyor leyta, se póde ver hum curioso capitulo nos Dialogos de varia Historia, Dialogo 3. cap. 3.

18

Lá bem no grande monte, que cortando,
Tão larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tão diversos vay tomando,
Segundo as Regiões por onde corre:
As fontes faem, donde vem manando
Os rios, cuja graõ corrente morre
No mar Indico, & cercão todo o peso
Do terreno, fazendo o Chersoneso.

Lá bem no grande monte. Este he o grande monte Tauro o mayor do mundo, como dizem todos os Geographos, chamado assim, como diz Dionysio Alexandrino, cap. 3. por discorrer por largas terras, levantada a cabeça como hum touro: ou como diz Eustachio, por sua grandeza, porque os antigos chamavão a todas às cousas grandes, touros. Este monte corta toda Asia, fazendo por todas as partes grandes entradas pelo mar, que parece ameaçalo, & querer-lhe estorvar seu curso, tanta he sua toberba, & altivez desde o Oceano Oriental até o mar Egeo. Tem diferentes nomes conforme aos lugares, & nações por onde passa, como diz Solino no seu Polyhistor. De huns esgalhos deste monte Tauro, a que Ptolomeo chama Imao, & os moradores D'alanquet, & Nangracot, arrebentão os dous rios tão celebrados dos Escripttores, Indo, & Ganges, mas distinctamente: ainda que os Genticos, comarcãos querem que seja toda huma vea de agoa, donde veyo a chamarem áquelle monte dos dous irmãos por lhe parecer que ambos sahiao de hum mesmo lugar. Apartaõ-se estes rios, logo em seu nacimiento, & correm do Norte ao Sul, des-

viados hum do outro de Levanté ao Poente, por espaffo de trezentas leguas pouco mais, ou menos, que he o espaffo, que tem a terra chamada India. Acabão seu curso no cabo Camorij, defronte da Ilha Ceylaõ, mas desviados hum do outro, como diz o Poeta na oytava seguinte. O Ganges entra por duas bocas desviada huma da outra por espaffo de oytenta leguas na encada do Reyno de Bengala, que por este respeyto se chama entre os Cosmographos, *sinus Gangeticus*, feyo Gangetico, que quer dizer encada do rio Ganges. O Indo entra na encada de Cambaya, chamada assim do Reyno Cambaya, aonde está. Veja-se o que escrevemos no canto decimo, oytava 106. Da fonte destes rios até o cabo Comorij, aonde entrão no mar, haverá quatrocentas leguas de comprimento.

Cercão todo o tempo do terreno. Diz que cercão aquelles rios, aquelle pedaço de terra, de que atrás fica trattato, que abraça, & rodea a India. Peso do terreno quer dizer aquelle espaffo da terra.

Fazendo o Chersoneso. Que seja Chersoneso fica dito no canto segundo, oytava 54.

19

Entre hũ, & outro rio, em grande espaffo,
Sae da larga terra huma longa ponta,
Quasi piramidal, que no regaço
Do mar, com Ceylaõ Insula confronta:
E junto donde nace o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta,
Que os vizinhos da terra moradores,
Do cheyro se mantem das lindas flores.

Entre hum, & outro rio. Descreve a figura que faz a terra chamada India, rodeada daquelles tão illustres, & celebrados rios: Indo, & Ganges, & como ambos acabão seu curso defronte da Ilha de Ceylaõ.

Ponta pyramidal. Ponta aguda ao modo de pyramide, que he huma columna quadrada muyto larga no pé, a qual quanto mais vay tubindo se vay adelgacando de maneyra, que fica com huma ponta muyto aguda, & delgada a modo de fogo, que parece subir às nuvens. E assim se diz de, pir que he o fogo, porque no seu subir o imita. Estas pyramides costumavão antiguamente os Reys de Egypto, as quaes lhe servião de sepulturas. Eraõ huns Edificios muyto altos, & sumptuosos, que os ditos Reys fazião para mostra de sua grandeza, & poder: das quaes as que estavão na Cidade de Memphis erão de tanta grandeza, que são contadas entre as sete maravilhas do mundo.

Junto aonde nace o largo braço Gangetico, o rumor antigo conta. Isto mesmo diz Solino no seu Polyhistor. cap. 65. aonde acrescenta, que não sómente esta gente se sustenta em suas terras com o cheyro das flores, & frutas, mas que quando caminhão as levaõ consigo, & desta maneyra vivem, & andão, & que em lhe faltando morrem.

Mas

20

MAs agora de noímes, & de usança,
 Novos, & varios são os habitantes,
 Os Delijs, os Patânes, que em possança
 De terra, & gente são mais abundantes:
 De canijs, Oriãs, que a esperança
 Tem de sua salvação nas resonantes
 Agoas do Gange, & a terra de Bengala,
 Fertil de sorte, que outra não lhe ignala,

Os Delijs, os Patânes. Delijs são os moradores do Reyno Delij metido pelo sertão dentro: tem muytas Cidades, & muyto ricas, de muyto tratto, & concurso de mercadores. Foy antigamente este Reyno de Gentios: dos quaes alguns que ficãrão em memoria de se verem privados de suas fazendas, & terra, andão pelo mundo como siganos, descalços, & despídos, & tem coufa alguma nas cabeças, cingidos com grandes cadeas de ferro, & cheyos de cinza, pedindo de porta em porta: são tidos dos outros Gentios por santos, & lhe fazem grandes esmolas. Este Reyno Deli he muyto grande, ainda que muyto menor hoje do que já foy, porque as terras do Hidalcão, & Cambaya foraõ tambem suas com as quaes se lhe levantarão alguns Capitães, nomeando-se Reys, como hoje se chamão. He gente bellicosa, tem muytos cavallos, & elles são homens de cavallo. Dos Patânes se escreve, que são tantos, que não tem numero. Traz-le por practica na India, quando se ajuntão para algum feyto, se se poem ao longo de algum rio que o esgotaõ. He bom encarecimento. O Poeta mostra nesta oytava terem em gente, & terra poderosos, & muytos. Decanijs são os do Reyno do Hidalcão, a que os Indos chamão Decaõ. Tem Rey Mouro, mas os moradores são pela mayor parte Gentios. He Reyno grande pelo sertão dentro. Tem tambem bons portos, com grandes trattos, & mercadorias, que gastaõ em terra firme. Neste Reyno está Chaul, Dabul, Goa, & outros muytos lugares, que hoje conhecemos por fama. Oriãs são moradores ao longo do rio Ganges.

E a terra de Bengala. Este Reyno de Bengala he chamado assim do nome de huma Cidade principal do mesmo Reyno. Está este Reyno ao longo da costa do mar contra o Norte, passa por meyo delle o rio Ganges, he Reyno muyto abundante, & rico, & tem muytos, & muy grandes lugares. Nesta paragem de huma, & outra parte do Ganges he tudo povoado de Gentios idolatras, & que poem toda sua salvação nas aguas do Ganges, como fica dito.

21

O Reyno de Cambaya bellicosa
 (Dizem que foy de Poro Rey potente)

O Reyno de Narsinga poderoso
 Mais de ouro, & pedras, que de forte gente:
 Aqui se enxerga là do mar undoso
 Hum monte alto, que corre longamente,
 Servindo ao Malavar de forte muro,
 Com que do Canará vive seguro.

O Reyno de Cambaya bellicoso. O Reyno de Guzarate he o que chamamos commumente Cambaya. He muyto grande, & cheyo de Mouros, & Gentios, tem muytas Cidades, & portos de mar de muyto tratto, & negocio. He a gente deste Reyno muyto bellicosa, pelo que muytos vivem têm se quererem fugeytar a Rey, nem a Senhor algum, antes fazem continuamente guerra aos Reys de Cambaya, os quaes não pódeu levar a melhor delles, porque tem muytas Cidades, & lugares fortes, aonde se defendem, & offendem, porque são grandes homens de cavallo. Neste Reyno está a Cidade de Dio, fugeyta aos Reys de Portugal. He tão rico, & poderoso este Reyno, que tem El-Rey de Cambaya vassallos seus que tem mais de oytocentos mil cruzados de renda. E com todos elles foy vencido por poucos Portuguezes. Deste Reyno de Guzarate escreve Justino, que foy antigamente Rey Poro grande cavalleyro muyto esforçado, & bellicoso, como diz o nosso Luis de Camões.

O Reyno de Narsinga poderoso mais d'ouro, & pedras. O Reyno de Narsinga chamado por outro nome Bisnagá, da grandissima Cidade de Bisnaga cabeça, & Metropoli do Reyno, pelo concurso, & tratto da gente, & pela abundancia de todas as coufas necessarias, he muyto grande, & muyto rico de todas as coufas, principalméte d'ouro, & pedraria, que se vende na Cidade de Bisnaga, aonde vem de Pegú. E no proprio Reyno há huma grande mina de diamantes, & dizem que he huma terra muyto grande donde se tirão os melhores, & mais estimados do mundo. As mulheres deste Reyno se são pobres de pois que enuiaõ são obrigadas a queymar: & se são ricas, antes que se quey mem, costumão a gastar todos seus bens em banquetes, & festas com seus parentes: & muyto vestidas, & concertadas se lançaõ no fogo, isto a cinza se sepulta com a dos maridos. As que não querem queymar lançaõ-as fóra da terra, rapando-lhe primeyro as cabeças à navalha, que he final que tem de não fazerem o que sua ley, & costume da terra manda. As que são moças, & bem parecidas, se se não queymão, costumão os parentes, por lhe fazerem favor, polas em certas casas de Idolos, que para isto tem já deputadas, aonde estão ganhando com seu corpo para si, & para ajuda de concertar aquella casa dos Idolos. Estas gastaõ certas horas do dia em danças, musicas, & outros exercicios desta calidade, o tempo que resta destes bayles, & musicas, gastaõ na outra torpeza. Bem se mostra a grande bruteza, & ignorancia destes, pois gastaõ seu tempo desta maneyra, como são estes, he gente pouco bellicosa, como aqui diz o Poeta. Tem este Reyno

Reyno diferentes Senhores, que o governão de muyto pequenos estados; & como he gente de pouca fé, já toda a terra fora fugeyta ao mais poderoso, se a natureza não atalhara a cobiça dos homens com grandes rios, lagos, montes, & desertos habitados de muytas, & grandes feras, que empêdem a passagem. E principalmente hum monte, de que o Poeta aqui faz menção, o qual por ser grandissimo, & muyto alpero, não tem nome proprio, mas chama-se Gate, que he o nome entre elles geral para dizer terra. Este monte corre do Norte ao Sul, pela costa do mar sempre á vista delle, até hir fenecer no Cabo Comorij, por espaço de duzentas legoas, pouco mais, ou menos. Entre esta terra de Gate, & o mar, está humã cinta de terra, que será larga de dez legoas, tem algumas partes pouco mais, ou menos, a qual se chama Malabar, que terá de comprimento como oytenta legoas, aonde está situada a Cidade de Calecut. Este Gate serve aos moradores do Malabar de muro, & defensão contra os moradores do Reyno Bitnaga, vizinhos.

22

D A terra os naturaes lhe chamão Gate,
Do pé do qual pequena quantidade,
Se estende humã fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras Cidades sem debate
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de Imperiorica, & bella,
Samorim se intitula o senhor della,

Samorim se intitula o Senhor della. Samorij he o nome appellativo do Senhor do Reyno de Calecut, o qual nome soa tanto como Emperador, por elle ser o mayor Rey de toda aquella costa. A razão deste nome se veja no 2. canto, oytava 52.

23

C Hegada a frata ao rico senhorio,
Hum Poeta mandado logo parte,
A fazer sabedôr o Rey gentio,
Da vinda sua a tão remota parte:
Entrando o mansageyro pello rio,
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
Acor, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vela todo o povo.

Hum Portuguez, mandado logo parte. Diz João de Barros que mandou Vasco da Gama ao Piloto Mouro por lingoa com hum Portuguez.

24

E Ntre a gente, que a vela concorria,
Se chega hum Mabometa, que nacido

Fora na região de Berberia,
Lá onde fora Anteo obedecido:
Ou pela visinhança já teria
O Reyno Lusitano conhecido,
Ou foy já assinalado de seu ferro,
Fortuna o troxe a tão longo desterro.

Entre a gente, que a vela concorria. Entre outras pessoas, que concorrião a ver os Portuguezes que Vasco da Gama mandára. Succedeo vir hum Mouro, natural de Berberia, da qual foy Rey antigamente Anteo filho da terra, o primeyro fundador da Cidade de Tangere, como fica dito no canto terceyro, oytava 76. Este Mouro diz o Poeta, que conhecia os Portuguezes, ou por ser vizinho de Portugal, ou porque por ventura teria já em alguma escaramuça, ou briga mal tratado dos Portuguezes pela continua guerra que tem com os Mouros.

25

E M vendo o mensageyro, com jucundo
Rosto, como quem sabe a lingoa Hispana,
Lhe disse: quem te trouxe a estoutro mundo,
Tão longe da tua patria Lusitana?
Abrindo, lhe responde o mar profundo,
Por onde nunca veyo gente humana,
Vimos buscar do Indo a graõ corrente,
Por onde a Ley divina se acrefente.

26

E Spantado ficou da graõ viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões, que na passagem
Do mar, o Lusitano lhe contava:
Mas vendo em fim, que a força da mensagem,
Sò para e Rey da terra relevava,
Lhe diz, que estava fora da Cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

27

E Que em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E depois que se hum pouco recreasse
Com elle para a armada tornaria,
Que alegria não pôde ser tamanha,
Que achar gente visinba em terra estranha.

E que em tanto que a nova lhe chegasse. Luis de Camões não conta isto tão pontualmente como João de Barros diz Decad. i. liv. 4. c. 8. que Vasco da Gama mandou piloto seu mouro, & com elle hum

hum degradado Portuguez, os quaes não achando a El-Rey em Calecut, o forão buscar a hum lugar, que estava cinco legoas de Calecut, & que à volta veyo entre outros feytores, & arrecadadores da fazenda d'El-Rey, este Monçayde de Berberia, de que falla o Poeta. O qual por ter conhecimento do Piloto o agazathou huma noyte em sua cala, juntamente com o Portuguez. Este Monçayde, segundo elle depois dizia era natural do Reyno de Tunes, & tivera já comunicação com os Portuguezes na Cidade de Ouraó, com os quaes tratou naquella parte. Pelo que como vio os Portuguezes, se alegrou, & desde o dia que entrou nos nossos navios ficou tão familiar, & amigo dos nossos com tanta lealdade, que em tudo os favoreceu, & ajudou: & tanto se entregou em sua amizade, que se veyo com Vasco da Gama a Portugal, aonde recebeu a Fé de Nosso Senhor Jesu Christo, & nella morreo.

28

O Portuguez aceyta de vontade,
O que o ledo Monçayde lhe offerece,
Como se longa forajá a amizade,
Com elle come, & bebe, & lhe obedece:
Ambos se tornaõ logo da Cidade,
Para a frota, que o Mouro bem conhece,
Sóbem à Capitania, & toda a gente,
Monçayde recebeu benignamente.

O Portuguez, aceyta de vontade. Parece que foy permissão Divina estar aquelle Mouro naquellas partes para proveyto nosso, & assim logo Nosso Senhor imprimio no animo dos Portuguezes hum amor, & confiança em suas palavras, que parecia haverse criado com elles. Elle foy tal com a nossa gente, que se elle não fora, por ventura acontecera á nossa armada algum desfatre, como veremos pelo que adiante aconteceo.

29

O Capitaõ abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella,
Junto de si o assenta, & pronto, & quedo,
Pella terra pergunta, & cousas della:
Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredado
Só por ouvir o amante da donzella,
Euridice, tocando a lira de ouro,
Toda a gente se ajunta a ouvir o Mouro,

Qual se ajunta em Rhodope o arvoredado. Assim concorria a gente a ver, & ouvir o Mouro Monçayde, como se conta de Orpheo que com sua viola atrahia homens, pedras, arvores, & outras cousas insensatas. E que fazia, que os rios se detivessem a ouvir sua musica. Este Orpheo foy casado com huma molher por nome Eurydice, como aqui diz o

Poeta, a qual depois de morta foy Orpheo buscar ao inferno. E contaõ d'elle os Poetas, que pode tanto sua musica com Plutaõ senhor do inferno, que lha restituhio: mas com condição, que em quanto fosse naquella paragem, não olhasse para trás. O que elle não podendo acabar consigo, tornou a perder Euridice. Rhodope he hum monte de Thracia, donde o Poeta Orpheo era natural. Veja-se a nossa annotação no terceyro canto, oytava 12.

30

Elle come, & gente, que a natura
Vizinha fez de meu paternõ ninho
Que destino tão grande, ou que ventura
Vos troxe a cometerdes tal caminho?
Não he sem causa não oculta, & escura,
Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,
Por mares nunca de outro lenho arados,
A Reynos tão remotos, & apartados.

Ninho paterno. A patria, & terra aonde cada hum nasce. Tejo, & Minho são rios allás conhecidos nestas nossas partes. Lenho toma aqui pela nao, figura usada entre os Poetas.

Por mares nunca de outro arados. Veja-se o que escrevemos no primeyro canto, oytava primeyra.

31

Deos por certo vos traz por que pertende
Algum serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia, & vos defende,
Dos imigos do mar do vento irado:
Sabey, que estais na India, onde se estende
Diverfo povo, rico, & prosperado,
De ouro luzente, & fina pedraria,
Cheyro suave, ardente e speciaria.

32

Esta Provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malavar se chama
Do culto antigo os Idolos adora
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reys he mas de hum só fora
Noutro tempo, & segundo antiga fama,
Seramã Perimal foy derradeyro
Rey, que este Reyno teve unido, & inteyro.

Esta Provincia cujo porto agora. De Malavar tratamos largamente neste canto, & no canto, segundo, oytava 52. A razão porque sendo hum Rey só, se dividio em muytos, he, que sendo Saramã Perimal Senhor universal desta Provincia, aconteceo que daquellas partes do mar roxo veyo hum Mouro ter a Calecut, o qual tomou grande familiaridade

dade com Perymal, & com palavras, de que devia ter abundancia, lhe persuadio fosse Mouro, & quizesse seguir a leyta de Mafoma. O Perimal enganado com as razões do Mouro, determinou deyxar tudo em vida, & ir morrer Santo, como o Poeta aqui diz, visitando a casa do falso propheta Mafoma. O Reyno dividio entre alguns parentes: fez Key de Cananor a hum, de Ceylaó outro, & a outros deu outros lugares, como conta Luis de Camões neste canto. Ainda que João de Barros diz que o dividio sómente em tres partes, & a hum sobrinho feu deu Calecut, com esta condição, que os outros lhe obedecessem, & este tivesse titulo de Samory, nome de estado, & dignidade, como entre nós o de Imperador. Estas cousas vay o Poeta contando pelas oytavas seguintes muyto claramente.

33

P *Orém como a esta terra então viessem
De lá do cejo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituirão meus parentes:
Succedeo, que prégando convertessem
O Perimal, de sabios, & eloquentes,
Fazemlhe a ley tomar com fervor tanto,
Que profuzo de nella morrer santo.*

De lá do seyo Arabico. Seyo Arabico he o mar roxo, como lhe chamamos commummente os Hespanhoes. Chama-se seyo Arabico, por correr este mar ao longo da terra Arabica. Dos Mouros huns lhe chamaõ mar de Meca: porque perto delle tem a casa de abominação de Mafoma: outros lhe chamaõ Baharcorzum, que quer dizer, mar ferrado. Veja-se a nossa annotação no canto segundo, oytava 49.

34

N *Aos arma, & nellas mete curioso
Mercadoria, que offereça rica,
Para ir nellas a ser Religioso,
Onde o Profeta jaz, que a ley publica:
Antes que parta, o Reyno poderoso
Cos seus repartes, porque não lhe fica
Erdeyra proprio, faz os mais aceytos,
Ricos de pobres, livres de sogeytos.*

Onde o propheta jaz que a ley publica. Despois que Perymal repartio o feu Reyno pelas pessoas que quiz, se embarcou levando consigo muytas naos carregadas de especaria para offerecer na casa de Meca, mas antes que chegasse se perdeu a armada, & elle juntamente com ella com toda a riqueza que levava. Pelo propheta que a ley publica, entende Mafoma. Quanto a tua sepultura está em hum lugar chamado Medinathabi, distante do porto de Judá por espaço de doze legoas, terá este lugar

trezentos vezinhos. As casas são, ou de pedra, ou de ladrilho, mas de pouca importancia. O feu territorio não dá fruyto algum, nem tem arvore, nem coula que preste. Parece ser castigo de Deos: sómente estão humas poucas de palmeyras, cousa de meya legoa da Cidade, que dão tamaras. Neste maldito, & triste lugar está o corpo de Mafoma, em huma Mesquita grande, com grande abobada, & columnas, & com mais de tres mil alampadas acelas continuamente. Escrevi isto aqui, porque João de Barros, & outros muytos tem para si que o corpo de Mafoma está sepultado em Meca. He erro, porque hum Lodovico Romano affirma como testemunha de vista isto que eu escrevo em hum tratado, que fez de huma comprida peregrinação, & assim o affirmaõ outros muytos. E o mesmo ouvi a hum Turco de nação, que havia estado naquellas partes. O qual me affirmou, que em Meca não havia mais que huns poços de agua, aonde diziaõ que se costumava lavar Mafoma, & que os que hiaõ a Meca em romaria, não hiaõ mais que a lavar-se, & a burrificar-se com aquella agoa: com a qual cuydavaõ que ganhavaõ grandes bens, & que com este lavatorio ficavaõ livres de culpa, & pena. Ainda que não falta quem diga, que o feu maldito corpo, o comeraõ os cães, na Cidade de Marrocos: & que delle não ficou mais que huma perna: que vulgarmente chamaõ çamartaõ de Mafoma. E como isto aconteceu se conta nos Dialogos de varia Historia Dialogo 31 cap. 3.

35

A *Hum Cochim, & a outro Cananor,
A qual Chalè, a qual Ilha da Pimenta,
A qual Coulam, a qual do Cranganor
E omãis, a quem o mais serve, & contenta:
Hum só moço, a quem tinha muyto amor,
Depois que tudo aeu se lhe apresenta
Para este Calecut somente fica,
Cidade já por trato nobre, & rica.*

A hum Cochim. Destes lugares que aqui o Poeta nomea, & eu tenho já tratado, fez este Mouro repartição, & differença de estados, como aqui diz o Poeta. E a Cidade de Calecut deu a hum moço feu sobrinho, a quem tinha affeyção, com titulo de Samorim, como fica dito atrás.

A qual a ilha da pimenta. A ilha da pimenta he junto a Cochim. Chama-se Reyno de pimenta, ou ilha de pimenta, por haver muyta nella ainda que em outras partes do Malavar a há tambem em abundancia.

34

E *Sta lhe dá o o titulo excellente
De Emperador, q sobre os outros mãde;
Isto feyto, se parte diligente
Para onde em sant a vida acabe, & ande:*

*E daqui fica o nome de potente
Samori, mais que todos digno, & grande,
Ao moço, & descendentes, donde vem
Este, que agora o Imperio manda, & tem.*

37

A *Ley, da gente toda rica, & pobre,
De fabulas compostas se imagina,
Andão nús, & sômente hum pano cobre,
As partes, que a cubrir natura ensina,
Dous modos ha da gente, porque a nobre
Nayres chamaos jaõ, & menos dina
Poleas tem por nome, a quem obriga
A ley não misturar a casta antiga.*

A ley da gente toda. Mostra nesta oytava como os moradores de Calecut assim ricos, como pobres, são Gentios Idolatras, os quaes crem em mil fabulas, & invencões, muyto dados a agouros, & guiados por qualquer imaginação. *Nayres* chamados são. Neste Malavar diz o Poeta, que ha dous generos de gente, huns nobres chamados entre elles *Nayres*: & outros *Poleas* gente bayxa, & vil. Estes *Nayres* vivem do selario que lhe dá El-Rey, & não lhe servem de outra coula se não de sua defensão, & guarda, em tempo de guerra, para a qual elles são muyto atrevidos. Andão continuamente com suas espadas, & rodela, & alguns trazem lanças, & outros arcos, & frechas, & as espadas nús. Estes acompanhão sempre os Reys, & são-lhe muyto leaes. Tem huma cerimonia entre si, a qual guardão muyto pontualmente; & he nao consentirem ser tocados de algum *Polleá*. Pelo que costumão os *Polleás*, quando vão pelas ruas hir bradando, para que os *Nayres* se detviem delles, & elles fogem em vendo hum *Nayre*, porque temem que o mate. Estes *Nayres* forçadamente haõ de ser de linhage, porque nem o teu *Rey* pôde fazer *Nayre*. São homens muyto temperados no comer, porque com muyto pouco que lhe dá El-Rey se sustentão, & o servem de dia, & de noyte, não temendõ trabalho nem perigo algum. Não podem casar por ley do Reyno, por estarem pretes para qualquer successo do *Rey*, ou da guerra. E he muyto para notar, que quatro, ou cinco *Nayres* tem huma manceba com quem converção, sem haver entre ellés briga, nem desavença, nem final de ciúmes, mas concertão-se aos dias, & desta maneyra vivem; sem ninguem os ouvir. E todos elles mantem a manceba juntamente.

Poleas tem por nome. Os *Poleas* são homens lavradores, vivem em lugares apartados, aonde não anda gente. São pela mayor parte escravos dos *Nayres*, porque os servem; & lhe apanhão suas novidades, & quando fallão com elles para lhe mandar fazer algum servigo; chegando a suas casas se lavão, & veitem outro fato. Se alguma *Nayra* toca

algum *Poleá*, he tida por danada, pelo que os *Nayres* a levão ao campo, & a matão ás cutiladas: & o *Nayre* que tratta com *Poleá* tem pena de morte. Este tocamento succede muytas vezes por travessura dos *Poleas*, que em dous mezes que tem para andar por onde quiserem, fazem mil tocamentos destes. O *Poleá* nunca pôde medrar, nem ter mais, nem ter outro graõ de honra. Isto quer dizer o Poeta no fim da oytava, que não podem misturar a casta antiga. Como se dislera, não podem ter outra vida, nem outro officio differente de seus antepassados, que mostra na oytava seguinte.

38

P *Orq os q usáraõ sepre hum mesmo officio
De outro não podem receber consorte,
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão de seus passados até morte:
Para os Nayres he certo grande vicio,
Destes serem tocados de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, & apura,*

39

D *Esta sorte o Judayco povo antigo
Não tocava na gente de Samaria;
Mais estranhezas inda, das que digo
Nesta terra vereis de usança varia:
Os Nayres sós são dados ao perigo
Das armas, sós defendem da contraria
Banda o seu Rey, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, & na direyta a espada*

Não tocava no povo de Samaria. Por serem Idolatras, como se conta no livro dos Reys; & Josepho nas antiguidades liv. 13. c. 7.

40

B *Ramenes são os seus Religiosos;
Nome antigo, & de grande preminencia;
Observão os preceytos tam famosos
De hum, que primeyro poz nome à sciencia;
Não matão cousa viva, & temerosos
Das carnes tem grandissima abstinencia,
Sómente no venero a juntamento,
Tem mais licença, & menos regimento.*

Bramenes são os seus religiosos. Os Malavares chamão aos religiosos *Bramenes*. E estes são os Governadores, & cozinheiros dos Reys da terra; & que tem cuydado das casas dos Idolos, nem podem ter outro, salvo for da geração do mesmo *Rey* de que se possa fiar. Os que se crião para *Bramenes*, como são de idade de sete annos, trazem

hum tiracolo ao pescogo de correa de hum animal, a que elles chamão Chriina Mergan, que he como hum asno sylvestre, a qual ha de ser larga de dous dedos, & crua cõ pello. Depois que lhe lanção este tiracolo, lhe mandão, que dalli a sete annos não comão Betele. Como entrão em os quatroze annos, tirão-lhe a correa do Chriina Morgan, & poem-lhe outra de linha dobrada de tres nos: & esta a trã toda a vida. E quando lha lanção fazem-lhe muytas cerimoniaes, & ficão Bramenes, & dalli por diante pôdem comer Betele. Estes Bramenes seguem a seyta do philotopho Pythagoras: o qual entende aqui o Poeta por aquellas palavras, de hum que primeyro pôs nome à sciencia: porque este foy o primeyro que ensinou Philosophia em Italia. Pelo que toy tido naquellas partes por Deos, tão grande era a reverencia, & respeyto que todos lhe tinhão. Estes Bramenes não comem carne, nem pescado, nem matão coula viva como aqui diz o Poeta. Só no peccado da sensualidade são delenfreados.

Venero ajuntamento. A sensualidade chamada asifim, de Venus, que os antigos tinhão por Deo da luxuria. Do Betele, de que nesta annotação fiz menção, se veja o que escrevemos ao diante neste canto.

41

Geraes são as mulheres, mas somente
Para os da geração de seus maridos,
Ditosa condicão, ditosa gente,
Que não são de cuymes offendidos:
Estes, & outros costumes variamente
São pelos Malavares admittidos,
A terra he grossa em trato, & tudo aquillo
Que as ondas podẽ dar da China ao Nilo.

Gerães são as mulheres. Entre os Malavares não há cuymes, porque huma mulher he de tres, & quatro: os quaes a mantem, & andão aos dias sem nunca entre elles haver differença, nem desavença. Quando está algum dentro cõ sua manceba, tem a rodela, & espada à porta, por final de estar occupada a casa, o que basta para não haver quem falle palavra, nem procure entrar dentro. He terra de grande tratto, & de muytos mercadores, & muyto ricos, pelo que se acha em Calecut tudo em abundancia. O que o Poeta quiz mostrar por aquellas palavras. Em tudo aquillo, que as ondas pôdem dar da China ao Nilo. Da China às terras do Egypto, ou Africa, que pelo rio Nilo entende.

42

Assi contava o Mouro, mas vagando
Andava a Fama já pela Cida de,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rey saber mandava da verdade:

LIII

300

Jã vinhão pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, & idade,
Os principaes, que o Rey buscar mandara,
O Capitão da armada, que chegara.

Rodeados de todo o sexo, & idade. Rodeados de homens, molheres, moços, & velhos.

43

Mas elle, que do Rey já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueses, sem detença
Parte, de ricos panos adornado:
Das cores a fermosa differença,
A vista alegre ao povo atvorçado,
O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio.

Mas elle. Como o Capitão mór Vasco da Gama teve licença por recado do Sanorim, que entraste em Calecut, & se fosse ver cõ elle, sahio com doze pessoas em terra muy bem tratados todos: aonde o recebeo o Governador da terra (a que elles chamaõ Catual) acompanhado de duzentos homens, delles para levarem o fado dos nossos, & delles que servião de espada, & adarga, como guarda de sua pessoa: & outros de o trazer aos hombros em hum andor, que he o serviço do Malavar. Que seja andor te veja na oytava seguinte.

O remo compassado fere frio, agora o mar, depois o fresco rio. Tratta nestes versos o modo que levavaõ quando te hiaõ a Calecut, que hiaõ remando com grande ordem, & compasso, & muyto de vagar: o que mostra naquellas palavras: Fere frio agora o mar, depois o fresco rio, que isto he ferir o mar friamente, remar muyto manto, & devagar. Diz que o remo feria o mar, & o rio, por amor de hum rio que entra no mar ao longo de Calecut, como o nosso Tejo em Cascais.

44

NApraya hum Regedor do Reyno estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Nayres, que esperava
Com desusada festa ao nobre Gama:
Jã na terra nos braços o levava,
E num portatil leyto humarica cama
Lhe offerece, em que vã costume usado,
Que nos hombros dos homens he levado:

E num portatil leyto. Num andor, que assim se chamão huns leytos pequenos em que homens levavaõ aos hombros os nobres do Malavar. São os andores como leytos de andas, mas descubertos, & quasi rasos, taõ bayxas tem as guardas. Cada andor he levado por quatro homens. Os que vão nelles, vão,

vão, ou assentados, ou deytados: & cubertos com tombreyros de pé, que lhe levão homens a que chamaõ boys, & desta maneyra vão amparados do Sol, & da chuva. Outros andores hã que levão dous homens, por serem mais leves. Este uso he por estado: porque assim aonde hã bestas, como aonde as não hã o uzaõ.

45

DEsta arte o Malavar, desta arte o Luso
Caminhaõ lá para onde o Rey o espera,
Os outros Portugueses vão ao uso,
Que infantaria segue esquadra fera:
O povo, que concorre vay confuso,
De ver a gente estranha, e bem quizerã
Perguntar, mas no tempo já passado,
Na torre de Babel lhe foy vedado,

Os outros Portuguezes. Os mais Portuguezes, titado o Capitão mór hiaõ a pé, ao modo que a infantaria caminha. E conta João de Barros liv. 4. 1. Decada, que caminhaõ estes Malavares com tanta pressa, que não ha pessoa que os ature, & assim estes Portuguezes da conserva de Vasco da Gama não o viraõ se não á noyte, porque nunca os puderaõ alcançar no caminho.

O povo que concorre vay confuso. Era a gente tanta que lahia a ver os Portuguezes, que escreve João de Barros no lugar allegado, que andava hum por cima da outra, & que houve brigas por vezes de que sahiraõ muytos feridos, & hum morto. Na torre de Babel lhe foy vedado. Esta gente de Calecut desejava diz o Poeta, perguntar aos Portuguezes donde eraõ, que buscavaõ, & outras cousas que os homens naturalmente desejão saber de gente estranha: mas não lhe entendiaõ sua linguagem, por ser muyto differente, o que declara por estas palavras: Na torre de Babel lhe foy vedado: porque quando Nosso Senhor confundio aquelles que faziaõ a torre de Babel, ficaraõ não se entendendo huõs aos outros, porque cada hum falava de sua maneyra. De Babylonia se veja a nossa annotação no texto canto, oytava 75.

46

OGama, e o Catual hiaõ fallando
Nas cousas, que lhe o tempo offerecia,
Monçayde entre elles vay interpretando
As palavras, que de ambos entendia:
Assi pela Cidade caminhando
Onde hum rica fabrica se erguia,
De hum sumtuoso templo ja chegavaõ,
Pellas portas do qual juntos entravaõ.

Assi pela Cidade caminhando. Isto conta differente João de Barros, na primeyra Decada: & he que

o segundo dia de caminho (porque primeyro que começaraõ a caminhar não puderaõ chegar aonde o Samorim estava por estar cinco legoas de Calecut) foraõ dar a hum grande Templo do Gentio da terra lavrado de cantaria, & muyto fermoso, no qual todos entraraõ: & porque havia nelle algumas imagens, todos os noílos cuydaraõ fer aquella gente convertida pelo Apostolo S. Thomè. Alguns se puferaõ de joelhos parecendo ferem aquellas imagens verdadeyras, com o que os Gentios da terra folgaraõ muyto.

47

ALli estaõ das Deydades as figuras
Esculpidas em pao, e em pedra fria,
Varios de gestos, varios de pinturas,
E segundo o Demonio lhes fingia:
Vem se as abominaveis esculturas,
Qual a chimera em membros se varia,
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em forma humana, estaõ o maravilhados.

Segundo o demonio lhe fingia. O Poeta diz verdade que aquellas imagens eraõ idólos daquelles Gentios feytas por ordem do demonio. Mas os Portuguezes enganados, com a informação que tinhaõ de haver naquellas partes Christãos do tempo do Bemaventurado S. Thomè, á primeyra vista cuydaraõ fer assim, & que aquellas imagens eraõ de Santos, costumados, como diz o Poeta, a ver imagens de Christo Nosso Senhor, & de seus Santos, em figura humana como aquellas estavaõ: pelo que se espantaraõ, vendo naquellas partes uso de imagens, como em sua patria viaõ. Qual a Chimera. Chimera he hum monte em Lycia de que dizem sahia fogo pelo alto delle: Era no tempo passado, muyto habitado de leões, cabras monteses, serpes, & outros bichos venenosos. Pelo que os antigos o fingiraõ ser hum monstro com tres cabeças: de leão, cabra, & dragaõ, & lançando fogo por ellas. Bellorophonte filho de Neptuno matou este monstro, o que lhe attribuem, porque foy hum cavalleyro muyto avifado, & persuadido aos homens habitassem aquelle monte, para por esta via se alimpar daquelles animaes, & bichos, que faziaõ grande perda aos povos vezinhos.

48

HUm na cabeça cornos esculpido,
Qual Jupiter Amon em Lybia estava,
Outros em hum corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Iano se pintava:
Outro com muytos braços dividido,
A Briareo parece que imitava,
Outro fronte Canina vem de fóra,
Qual Anubis Memfítico se adora.

Hum

Hum na cabeça cornos esculpidos. Conta a variedade dos idólos que estavam naquelle Templo. *Qual Jupiter Amon em Lybia estava.* Huma figura diz o Poeta, que se parecia com Jupiter Amon de Lybia. Conta Pomponio Mella, Pausanias, & outros Geographos, que caminhando Baccho por Lybia região de Africa, muyto falta de agoa, apertado elle, & seu exercito da sede, pedio a seu pay Jupiter o favorêesse naquelle trabalho. Jupiter lhe appareceu em figura de carneyro, & subitamente virão naquelle lugar huma fonte de agoa, de que o exercito bebeo. Baccho fez logo alli hum Templo a seu pay, em figura de carneyro, & poz-lhe nome Jupiter Amon, que quer dizer area, porque naquella parte aonde estava aquella fonte, havia grandes areas como há em toda Lybia.

Outro num corpo rostos tinba unidos. Bem como o anjo Iano se pintava. Diz que havia algumas figuras de diferentes rostos, como pintaõ os Poetas a Jano. Deste Jano escrevem muytas cousas os Autores. Huns fingem que era porteyro do Ceo, & que continuamente estava à porta, pelo que nenhum rogo podia chegar lá sem ser registado por elle, pelo que lhe chamavão Iano de Ianua, que he a porta: & daqui se costumava entre os Romanos não se fazer sacrificio algum sem ser primeyro invocado Iano, como conta largamente Macrobio nos Saturnaes. Outros dizião que Iano era o mesmo, que o Sol, & por isso o pintavão com dous rostos, dos quaes hum significava as partes do Oriente, & outro as do Occidente. Outros que era o mundo, pelo que lhe affinavão quatro rostos, em que se denotava as quatro partes do mundo, ou as quatro partes do anno, Veraõ, Estio, Outono, & Inverno: & lhe fazião doze altares, que significavão os doze mezes do anno, ou os doze Signos do Zodiaco por onde o Sol caminha. Outros que era Chaos. Estas, & outras cousas de Iano se pôdem ver em Macrobio no lugar allegado. Das quaes todas zomba, & com ração o Bemaventurado Santo Agostinho no Livro da Cidade de Deos.

Outro com muytos braços divididos a Briareo parece que imitava. Outras figuras diz que se pareciaõ com o Gigante Briareo filho da terra, & do Ceo: ao qual os Poetas pintão com cem braços. Donde disse Virgilio na Eneida: *Et centum geminus Briareus.* Briareo com cem braços. *Outro fronte canina tem de fóra qual Anubis Memphisico se adora.* Anubis era hum Idolo dos Egypcios com cabeça de caõ, donde Virgilio na Eneida lhe chamou ladrador. *Et latrator Anubis,* & o ladrador Anubis. Todas estas cousas poem aqui o Poeta para mostrar a barbaria, & desconcerto da gentildade, os quaes enganados do demonio uzaõ destas invenções. Bem se mostra ser gente de pouca policia, & juizo, pois não cayem na verdade, & delengano de huma tão grande cegueyra, & erronea, em que o demonio os trás atolados.

A *Qui feyta do barbaro Gentio*
A supersticiosa adoração,
Direytos vão sem outro algum de s'vio
Para onde estava o Rey do povo vão:
Engrossando se vay da gente o fio,
Cos que vem ver o estranho Capitão,
Estão pelos telhados, & janellas,
Velhos, & moços, donas, & donzellas.

Aqui feyta do barbaro Gentio. Conta João de Barros que além do Templo no mesmo caminho antes de chegarem aos paços do Samorim, estava hum lugarinho, & nulle outro Templo muyto mayor, no qual estava outro Catual esperando a Vaico da Gama, o qual o sahio a receber com muyta gente de guerra, todos com adargas a seu modo, & com instrumentos de tanger, tão concertados segundo seu costume, que os nossos folgaraõ de os ver. Aqui lhe deraõ outro andor meylhor, & mais concertado, & logo seguiraõ seu caminho para os paços d'El-Rey, o qual caminho os de pé não puderaõ aturar, assim pelos do andor andarem muyto depressa, como pela grande multidão de gente que os sahia a ver, que temeraõ os nossos que os afogassem.

T *A' ch'egaõ perto, & não com passos lentos*
Dos jardins odoriferos fermosos,
Que em si se escndem os Regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos:
Edificação os nobres seus assentos,
Por entre os arvoredos deleytosos,
Assi vivem os Reys daquella gente,
No campo, & na Cidade juntamente.

Altos de torres não. Os paços do Samorim, que estão fóra da Cidade de Calecut, estão entre palmares, & com grandes jardins, que he costume de toda a India, & não são de grandes casarias, mas de calas frácas, qual era esta em que o Samorim estava cinco legoas de Calecut, entre huns palmares, como aqui diz Luis de Camões.

P *Elos portaes da cerca a subtiliza,*
Se enxerga da Dedalea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As historias daquella anriga idade,
Que quem dellas tiver noticia inteyra,
Pela sombra conhece a verdadayra.

Pelos portaes. Louva o Poeta a obra dos paços do Samorim poetica, & elegantemente: mostrando como pelos portaes da cerca dos paços havia muytas cousas feytas com tanto arteficio, que pareciaõ ser feytas pelo grande architector Dedalo.

Dedalea facultade. Quer aqui dizer obra, & arteficio de Dedalo, cujas obras na architectura eraõ taõ primorosas, que não sómente as que tocavaõ ao officio de architecto, mas quaesquer outras de engenho, se chamavão obras de Dedalo. Veja-se o Proverbio, *Dadala opera:* & a nossa annotação no canto quarto, oytava 104.

Pela sombra conhece a verdadeyra. Por sombra entende a pintura, que desta linguagem usamos vulgarmente, trattando de pinturas, dizer que tem sombras para mostrar a excellencia da obra.

52

E Stava hum grande exercito, que pisa
A terra Oriental, que o Idaspe lava;
Regeo hum Capitão de frente lisa,
Que com frondentes Lyrios pelejava:
Por elle edificada estava Nisa,
Nas ribeyras do rio, que manava,
Tam proprio que se alli estiver Semelle,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

Regeo hum Capitão de frente lisa. Entre outras cousas para ver que estavão naquella cerca pintadas, diz, que estava Baccho, de que já neste livro por muytas vezes temos fallado: o qual senhoreou a India, & nesta pintura estava por Capitão de hũ grande exercito, q̄ entrava pela terra Oriental que o Hydalpe lava, que he esta, pela qual este rio passa, do qual fica tratado no primeyro canto, oytava 55. Chama-lhe Capitão de frente lisa, porque como Baccho he padroeyro dos homens dados a vinho, & os Poetas lhe chamão Deos destes, pinta-se mancebo sem barba, & algum tanto delen-volto; & alegre, que isto entende por frente lisa: porque os Latinos quando querem significar gravidade em alguma pessoa, dizem que tem a testa arrugada, & quando o pintaõ alegre, & desenvolto em suas cousas; que a tem lisa, & desfarrugada. E como a gente que tratta com vinho, he gente alegre, & desencalmada, & que lhe dá pouco do que vay, & vem: daqui se pinta Baccho, com a testa lisa; A lança, & armas que daõ a este Baccho he huma hasta chamada thyrsõ, cuberta toda de pampanos de vides, & ramos de era: para mostrar que a vide attrahe muyto a si, & a era pega, & faz firme o que se chega á bandeyra de Baccho. E por isto Baccho sojeytou a India, porque suas armas eraõ dadas que pòdem muyto, & principalmente dadas de bom vinho. Nisa que diz estava naquella pintura edificada por Baccho, he huma Cidade na India; a qual diz Solino, que se chama agora Scythopolis, & da razão do nome, porque Baccho trouxe a Nisa

gente de Scythia para a habitar; pelo que lhe foy posto o nome Scythopolis, que quer dizer Cidade dos Scythas. Veja-se Ortelio na tua Synonymia, na palavra Scythopolis. *Semele, Mãy de Bãecho.*

53

M Ais avante bebendo seca o rio
Muy grãde multidão da Assiria gente,
Sogeyta a femenino senhorio,
De huma tão bella, como incontiente;
Alli tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia,
Amor nefando, bruta incontinencia.

Mais avante bebendo seca o rio. Logo junto a Baccho estava a Raynha Semiramis com hum exercito grandissimo de Assyrios, para cujo encarcimento diz que juntos a hum rio o esgotavão, rantos eraõ, como contámos atrás dos Patanes.

Alli tem junto ao lado nunca frio, esculpido o feroz ginete ardente. Isto diz pelo que se conta de Semiramis, que foy tão sensual que a té com hum cavallo, & com seu proprio filho teve ajuntamento; que he assas brutalidade.

54

D Aqui mais apartadas tremolavão
As bandeyras de Grecia gloriosas,
Terceyra Monarchia, & sobjugavão
Até as agoas Gangeticas undosas:
Num Capitão mancebo se guiavão,
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Philipo, mas sem falta
De progenie de Iupiter se exalta.

Daqui mais apartadas tremolavão. Junto a Semiramis estava Alexandre Magno terceyro Monarcha, & Senhor do mundo, o qual não contente com tugeytar Europa, & Africa, entrou pela India, & a tugeytou.

De hum Capitão mancebo se guiavão. Demostenes (como refere Plutarcho) chamava commummente a Alexandre menino, porque de muyto pouca idade tugeytara o mundo: o que se mostra aqui por aquellas palavras: de palmas rodeado valerosas: porque a palma he insignia de vittoria.

Que já não de Philipo. Alexandre Magno que o mundo tinha por filho de Philippe Rey de Macedonia, dizia publicamente que era filho de Jupiter, & que assim lho descobrira sua mãy Olympias, como escreve Solino no seu Polyhistor,

55
O S Portuguezes vendo estas memorias
 (Dizia o Catual ao Capitão)
 Tempo cedo virá, que outras vittorias
 Estas que agora olhais, abaterão:
 Aqui se escreverão novas historias,
 Por gentes estrangeyras, que virão,
 Que os nossos sabios Magos o alcançarão,
 Quando o tempo futuro especularão.

Que os nossos sabios Magos o alcançarão. Relata aqui o Catual aos Portuguezes, como elles tinhão entre si por cousa certa, que viria tempo que outra nação dominaria aquellas partes: & que em lugar daquellas historias que alli estavão escritas, & esculpidas, haveria outras novamente postas: & que assim o tinhão dito muytos annos haviaão os seus Magos. Esta palavra Magos he Perfica, & não Grega, como alguns querem. Significa propriamente homem verídico, nas cousas divinas, & naturaes: como eraõ entre os Perlas os que tinhão este nome. E quaes eraõ os que vieraõ a adorar a Christo Nosso Redemptor, como declaraõ os que melhor sentem. A historia dos Reys Magos trata na verdade Janfenio na concordia Evangelica liv. 9. O qual faz a palavra Magos Gregá, não sendo assim. Leaõ os curiosos a Celso Rodiginio nas lições antigas liv. 3. cap. 9.

56
E Dizlhe mais a Magica sciencia,
 Que para se evitar força tamanha,
 Não valerá dos homens resistencia,
 Que contra o Céonão val da gente manha:
 Mas tambem diz, que a bellica excellencia
 Nas armas, & na paz da gente estranha,
 Será tal, q ue será no mundo ouvido
 O vencedor por gloria do vencido.

O vencedor por gloria do vencido. He huma grande presumpção dos Portuguezes, que foraõ taes nas partes da Índia, (que será tal sua fama no mundo) que os vencidos lhe presaraõ muyto de serem vencidos delles. A imitação de Ovidio, que naquella contenda que Aiax teve com Ulysses sobre as armas de Achilles, diz estas palavras:

*Ipse tulit pretium jam, nunc certaminis huius,
 Qui cum victus eris, mecum certasse feretur.*

Iá Ulysses levou o premio desta contenda, o qual ainda que seja vencido basta-lhe dizer, que competio comigo.

57
A Ssi fallando entravão já na sala,
 Onde aquelle potente Emperador,
 Numa camilha jaz, que não se iguala
 De outra alguma no prego, & no valor:
 No recostado gesto se assinala
 Hum venerando, & prospero senhor,
 Hum pano de ouro cinge, & nacabeça
 De preciosas gemas se adereça.

No recostado gesto se assinala, hum venerando, & prospero senhor. Conta João de Barros na primeyra Decada liv. 4. c. 8. que tinha o Samorim tanta gravidade, & Magestade naquella camilha em que estava, que não fez mais movimento para Valco da Gama, quando o recebeo, que levantar a cabeça de huma almofada em que a tinha encoftada, ainda que no rosto deu mostras de goito, & prazer.

58
B Em junto delle hum velho reverente
 Cos giolhos no chaõ de quãdo em quãdo,
 Lhe dava a verde folha da erva ardente,
 Que a seu costume estava ruminando:
 Hum Bramene, pessoa preminente,
 Para o Gama se vem com passo brando,
 Para que ao grande Princepe oa presente,
 Que diante lhe acena, que se assente.

Em junto delle hum velho reverente. A huma ilharga do leyto em que o Samorim jazia encoftado estava hum homem, que parecia no traje, & officio dos principaes da terra, o qual tinha na mão hum prato de ouro, com folhas de Betele, que elles costumão remoer, para lhe confortar o estamago. O Betele he huma folha a modo de tanchagem, o qual se colhe de huma arvore como hera. Destas arvores ha muytas na costa do Malavar ao longo de hum rio chamado Betele, tem estas arvores ao modo de latadas muyto concertadas, não dão fruyto, nem temete alguma, sómente lhe colhem as folhas, das quaes usa todo o genero da gente daquellas partes, assim Gentios, como Mouros de noyte, & de dia. Não o engolem, nem comem, sómente lhe chapaõ o tumo, o qual dizem que he muyto bom para enxugar o estamago, conservar o miolo, & lançar fóra a ventosidade. Tem outra propriedade que tira a sede. Chupaõ-no misturado com cal de marisco, sl. mexilhões, & ostras, para lhe abrandar a quentura, que tem muyta: pelo que o Poeta lhe chama ardente, & he tão presado este Betele naquellas partes, que he a principal renda que os Reys della tem, & delle mandão zambucos carregados para muytas partes. Os Perlas chamaõ a esta folha tambo: nós lhe chamamos folio Indico,

dico, que quer dizer folha da India. Este velho era hum Bramene, Veador, & Governador de sua cala, & pessoa, porque naquellas partes não se fiaõ de outros, como fica notado atrás neste mesmo canto.

59

Sentado o Gama junto ao rico leyto,
Os seus mais afastados, pronto em vista
Estava o Samori, no trajo, & geyto,
Da gente, nunca dantes delle vista:
Lançando a grave voz do sabio peyto,
Que grande authoridade logo aquista
Na opinião do Rey, & do povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo,

Sentado o Gama. O Gama se sentou por mandado do Samorim em huns degraus do estrado, em que estava o Catual, & os de sua companhia hum pouco desviados em outra parte, & depois que o Samorim por hum grande espaço notou as pessoas, & trajos dos nossos, lhe fallou o Gama algumas cousas, que o Poeta poem nas oytavas seguintes.

60

Hum grande Rey de là das partes, onde
O Ceo volubil com perpetua roda,
Da terra a luz solar c'o a terra esconde,
Tingindo, a que deyxou de escura noda:
Ouvindo do rumor, que là responde
O ecco, como em ti da India toda
O Principado está, & a Magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

Hum grande Rey. Tratta aqui o Capitão da terra lugeyta aos Reys de Portugal, a qual diz que he nas partes do Occidente, o que mostra por hum termo de fallar muyto galante, dizendo que o seu Rey era daquellas partes, aonde o Ceo rodeando a terra com seu continuo movimento esconde sua luz com a terra. Chama ao Cabo volubil, porque o decimo com huma volta que dà cada dia, leva depois de si todos os mais Ceos: & nesta volta esconde o Sol á metade do mundo (a que os Astrologos chamão Hemispherio) encuberta sua luz com a terra que está no meyo: a qual fica escura com a abliencia do Sol, que he o que o Poeta aqui diz.

O mundo do rumor, que là responde o ecco. Echo he palavra Grega, quer dizer o retorno dobrado que se dá em algumas partes, o qual por respeyto dos altos, & bayxos aonde fallamos, ou dobramos torna a nós. Veja-se o que notamos no terceyro canto oytava 84. Aqui quer o Poeta dizer, que ouvindo El-Rey de Portugal o rumor, & fama das cousas do Samorim. E vindo á tua noticia a fama de sua Magestade, & poder, pretendia ter commercio, & amizade com elle.

61

E Por longos rodeos a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de la ao Tejo ao Nilo:
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem aonde o Sol não muda o estilo
Nos dias sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu Reyno em grande copia.]

E por longos rodeos a ti manda Despois que tratou da terra de Portugal, trata-lhe agora de sua riqueza, & abundancia de todas as coulas que hã nestas partes da Europa, & juntamente de Africa, para mais o affeyçoar ao vinculo de amizade que com elle pretende. *Do Tejo ao Nilo.* De Hespanha por onde o Tejo passa até o Nilo, que rodeya toda a Ethiopia.

Da fria plaga de Zelanda até bem onde o Sol não muda o estilo nos dias. Desde as terras do Norte, aonde Zelanda cae até as de Ethiopia, que estão debayxo da linha: aonde o Sol não muda o estilo: porque os moradores debayxo da Equinocial tem sempre os dias iguaes com as noytes. *Do Tejo se veja a nossa annotação no canto 4. oytava 10.* Zelanda he nome moderno, & de que os antigos nenhuma noticia tiverão, porque esta ilha se chamou sempre Mattia, & os povos Mattiacos, que quer dizer companheyros, & ajudadores em todo o genero de negocio, contrato, amizade, & perigo, pela grande aliança, & amizade que esta gente tem entre si em seus negocios, & trattos de todas as coulas de que a ilha tem grande abundancia. Este nome lhe deraõ os Romanos quando a sogeytarão a seu poder, tomando do costume, & natureza dos naturaes, & não de algum lugar, Rey, Senhor, ou Capitão que a dominasse. E daqui Cesar liv. 4. belli Gallici chama aos Zelandezes Ambactos, nome que entre os Belgas mostra homens illustres, & poderosos, porque taes eraõ os moradores de Zelanda, que sendo vezinhos a Batavia, ou a Holanda de maneyra que se póde contar entre elles, porque só no nome differem, nas forças, diligencia, esforço, engenho, ardis, astucia, & arte de negociar, & outras cousas, que na vida são estimadas entre os homens, lhe fazem muyta ventagem. He Zelanda terra muyto larga, cercada toda de mar, pelo que lhe deraõ este nome, porque Zelanda quer dizer terra maritima. Tem dentro de si quinze Ilhas, ainda que de poucos annos a esta parte se allagaraõ terras, & lugares de Zelanda, & hoje em dia algumas dellas estão temerosas de lhe soceder o mesmo, pelo que andão em continuo trabalho, & guerra com o mar, para o delviar de fazer nellas o que tem feyto em outras da mesma Zelanda. He muyto abundante das cousas necessarias para a vida, no que faz ventagem a todas as ilhas vezinhas.

Dd

Tem

Tem muyto excellentes Cidades, & lugares, de muyto galantes, & sumptuosos edificios, & taõ os Zelandezes muyto concertados, & polidos em suas coulas, & no trato de tuas casas muyto limpos, & he illo tanto assim, que entrando na terra El-Rey Philippe se espantou do concerto, & limpeza desta gente, como conta Livino Lemnio Medico natural de Ziura Cidade da mesma Zelanda em huia tratado que fez de *ocultis naturæ miraculis*, liv. 2. cap. 6. porque como foy natural desta terra tratou com muyta curiosidade, tudo o que os curiosos della quizerem saber disto, tratta tambem Adriano Balando na descripção da bayxa Alemanha.

62

E Se queres com pactos, & lianças
De paz, & de amizade sacra, & nua,
Comercio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, & tua:
Porque cercão as rendas, & bastanças,
Por quem a gente mais trabalha, & sua,
De vossos Reynos, será certamente
De ti proveyto, & delle gloria ingente.

Por quem a gente mais trabalha, & sua. Huma das cousas que na vida mais inquieta os homens he o desejo de terem rendas, & serem abastados, & ricos. E para este effeyto muytas vezes fazem muytas cousas mal feytas, donde disse aquelle grande Poeta Virgilio na Eneida: *Auri sacra fames quid non mortalia pectora cogit?* Fome maldita de ouro a que não induzes, & forças os homens? E nesta materia labem todos tanto que me elcularão tratar della.

63

E Sendo assi, que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto a toda adversidade,
Que por guerra a teu Reyno se offereça:
Com gente, armas, & naos de qualidade,
Que por irmão te tenha, & te conheça,
E da vontade em ti sobre isto posta,
Me des a mim certissima resposta.

E sendo assi. Depois que trattou o Capitão mór diante do Samorim de Portugal, & a abundancia de todas as cousas commette commercio, & amizade, & que se quizer fer irmão em armas do Rey de Portugal, que em todo o caso o ajudará com armas, gente, & navios, como na oytava diz largamente.

64

T A embayxada da va o Capitão,
A quem o Rey gentio respondia,

Que em ver Embayxadores de nação
Taõ remota, graõ gloria recebia:
Mas neste caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informandose certo de quem era
O Rey, & a gente, & terra, que dissera.

A quem o Rey Gentio respondia. O que João de Barros conta a este proposito he, que depois que o Samorim por espaço grande esteve notando as peffoas, & trajos dos nossos, & praticando em palavras geraes com Valco da Gama, recebidas delle duas cartas, que lhe mandava El-Rey Dom Manoel, huma escripta em Arabigo, & outra em lingua Portugueza, que era da mesma substancia, disse que elle as vira, & depois mais de vagar o veria a elle, que por em tanto se fosse repouçar.

65

E Que em tanto podia do trabalho
Passado ir repouzar, & em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rey reposta alegre leve:
Iã nisto punha a noyte o usado atalho,
As humanas canceyras, porque ceve
Do doce sono os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

Iã nisto punha a noyte o usado atalho. Já anoytecia. Usa deste termo de fallar Poetico, & elegante, porque a noyte he para ajudar a levar a carga, & trabalhos do dia. Donde disse Valerio Flacco no livro quinto dos Argonautas:

*Nox hominum genus, & duros miserata labores
Retulerat fessis optata silentia rebus.*

Doendo-te a noyte dos homens, & tuas miserias, & trabalhos acudio para lhe remedear, & ajudar suas canceyras.

66

A Gasalhados forão juntamente
O Gama, & Portugueses no aposento
Do nobre Regedor da Inaica gente,
Com festas, & geral contentamento:
O Catual no cargo diligente
De seu Rey, tinha já por regimento
Saber da gente estranha, donde vinha,
Que costumes, que ley, que terra tinha.

Agazalhados forão juntamente. O Samorim depois que recebeu as cartas que lhe deu Valco da Gama d'El-Rey Dom Manoel, lhe perguntou com quem se queria agazalhar, se com Mouros, ou Gentios, ao que elle respondeo, que entre Mouros,

Mouros, & Christãos havia differenças por muitas vias, assim por releyto da ley, que professavão, como de payxões, & odios particulares, que tinham entre si, & que tambem não sabião o tracto, & ordem, que tinham os naturaes, que pedia a sua Real Senhoria, que os mandasse apotentar sem companhia alguma. O Samorim folgou de ouvir as razões de Valco da Gama, & mandou ao Catual lhe fizelle a vontade, & o agasalhasse, ló ufando de palavras honrolas, em que mostrava ter ao Capitão mór, por homem de espiritu, & prudencia grande.

67

Tanto que os igneos carros do fermoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçayde, desejoso
De poder se informar da gente nova:
Ià lhe pergunta pronto, & curioso,
Se tem noticia inteyra, & certa prova
Dos estranhos, quem são, que ouvido tinha
Que he gente de sua patria muy vizinha.

Tanto que os igneos carros do fermoso. Reconta como o Catual o outro dia seguinte em o Sol apontando mandou chamar o Mouro Monçayde, para se informar dos Portuguezes, porque tinha ouvido, que era gente vezinha à terra aonde elle nacera. Carros igneos, quer dizer carros de fogo. Taes pintão os Poetas os do Sol em que dà luz ao mundo, feytos por mão de Vulcano filho de Jupiter, & seu Ferreyro. E os cavallos que levavão este carro tinham fogo no peyto, & o lançavão pela boca, & narizes, como diz Ovidio nas Metamorphoses:

*Nec tibi quadrupedes animosos ignibus illis,
Quos in pectore habent, quos ore, & naribus efflant
In promptu regere est.*

Dissuadindo Apollo a Phaeton seu filho, que largasse a pretensão de governar os carros do Sol, entre outras difficuldades que lhe punha era esta, que tinhaõ fogo nos peytos, & que lançavão pelas ventas, & pela boca.

Mancebo Delio, que a luz renova. He o Sol. Chama-se Delio, & sua irmã a Lua Delia, porque nacerão ambos de hum parto na ilha Delos. Disse renovar a luz o Sol por hum fingimento dos Poetas, que dizem que todas as manhans nace novamente.

68

Que particularmente alli lhe desse
Infor mação muy larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rey porque soubesse
O que neste negocio se faria:
Monçayde torna posto que eu quizesse
Dizerte disto mais, não saberia,

Sõmente sey, que he gente là de Espanha,
Onde he o meu ninbo, & o Sol no mar se banha.

Onde he o meu ninbo. Ninho toma pela patria, & a natureza de cada hum tomada a metaphora do ninho dos passáros.

O Sol no mar se banha. Aonde o Sol se poem, nas partes Occidentaes Monçayde disse ao Catual que esta gente era de Hespanha vezinha à sua patria nas partes do Occidente.

69

Tem a ley de hum Profeta, que gerado j
Foy sem fazer na carne detrimento
Da Mãy, tal que por bafo está approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplanaece,
O que em nossos passados se parece.

Tem a Ley de hum Propheta. Este he Christo Nosso Senhor, & Salvador, o qual naceo da Gloriosa Virgem Maria Nossa Senhora concebido pelo Espirito Santo, (o qual entende aqui por esta palavra bafo, que he o espirito.) Virgem antes do parto, & despois do parto, como temos por verdade Catholica, & resolutissima sem fallencia:

O que entre meus antigos he vulgado. O que he publico, & sabido entre os antigos, & velhos de minha patria, diz Monçayde, he que no negocio das armas são gente valerosa, & esforçada.

Porque elles com vir tude sobre humana
Os deytarão dos campos abundosos,
Dorico Tejo, & fresca Guadiana,
Com feytos memoraveis, & famosos:
E não contentes inda na Africana
Parte, cortando os mares porcelosos,
Nos não querem deyxar viver seguros,
Tomandonos Cidades, & altos muros.

E fresca Guadiana. Guadiana he rio que nace em Hespanha, junto à ferra de Alcaraz, & perto de hum lugar por nome La puebla de Alcocer, se mete por debayxo da terra por espaço de dez legoas. He rio que passa pelas terras da Estremadura, Badajoz, Olivença, & outras. Não tem peyxes do mar, porque aonde entra nelle está hum altissimo penedo por onde a agoa cae, que os impossibilita para poderem sobir.

Tomandonos Cidades, & altos muros. Como Ceuta Tangere, Mazagão, & outros lugares que os Reys de Portugal largarão, por lhe não parecerem muyto importantes a este Reyno.

71

Não menos tẽ mostrado esforço, & manha
 Em quaesquer outras guerras, q' acõseção
 Ou das gentes belligeras de Espanha,
 Ou là de alguns, que do Pyrene deçãõ:
 Assi que nunca em fim com lança estranha
 Se tem, que por vencidos se conbecãõ,
 Nem se sabe inda não, te afirmo, & affello,
 Para estes Annibaes algum Marcello.

Ou das gentes belligeras de Hespanha, Isto diz pelas vittorias, que os Portuguezes houverão dos Hespanhoes.

Ou là de alguns que do Pyrene deçãõ. E porque em ajuda dos Reys de Castella veyo muyta gente de Catalunha, Biscaya, & Navarra, & outras gentes daquella paragem, diz, ou de algumas que do Pyrene deçãõ, porque os montes Pyrnicos dividem a Hespanha de França: pelo que os moradores daquellas partes são sogeytos aos Reys de Hespanha. Que teião Pyrnicos se veja na nossa annotação no canto terceyro, oytava 16.

Para estes Anibais algum Marcello. Marco Marcello Capitão Romano valerosissimo, o primeyro Capitão Romano, que venceu Anibal Capitão dos Carthagenenses, como escreve Titolivio, na primeyra Decada. O que diz aqui o Poeta he, que nunca houve quem venceisse aos Portuguezes, aos quaes chama Anibais, porque Anibal foy hum dos mais esforçados Capitães do mundo.

72

E Se esta informação não for inteyra,
 Tanto quanto convem, delles pertende
 Informarte, que he gente verdadeyra,
 A quem mais falsidade enoja, & ofende:
 Vay verlhe a frota, as armas, & a maneyra
 Do fundido metal, que tudo rende,
 E folgaràs de veres a policia
 Portuguesa, na paz, & na malicia.

E a maneyra do fundido metal. E o modo o concerto da artelharia, á qual chama metal fundido, & diz que rende tudo, porque despois que ouve artelharia, não ouve homem estorçado.

73

Jã com desejo o Idolatra ardia
 De ver isto, que o Mourro lhe contava,
 Manda equipar bateis, que ir ver queria
 Os lenhos, em que o Gama navegava:
 Ambos partem da praya, a quem seguia
 A Nayra geração, que o mar coalbava,

A Capitayna sobem forte, & bella,
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

lã com desejos o Idolatra ardia. Isto que aqui vay contando o Poeta, he segundo às regras da Poesia, muyto galante, & artificioso, as quaes dão licença que se finga huma fabula como diz Horacio na Arte Poetica: *Qui splendeat unus, & alter assuitur pannui*. A licença que os Poetas tem he em suas obras meterem alguma fabula, & fingimento galante, & que pareça bem. E assim nilto não conforma, com o que os nossos Historiadores contão, porque não lómente não forão os Malavares aos navios, antes estando Vasco da Gama em terra, escreveu por Monçayde a seu irmão Paulo da Gama que estivesse com grande vigia, & que não se fiasse da gente da terra, nem os contentasse hir a bordo, porque tinha entendido delles lhe farião todo o mal que pudessem. O que se pôde ver em João de Barros na primeyra Decada.

74

Purpurens são os toldos, & as bandeyras
 Dorico fio são, que o bicho gera,
 Nelles estão pintadas as guerreyras
 Obras, que o forte braço já fizera:
 Batalhas tem campaes aventureyras,
 Desafios crueis pintura fera,
 Que tanto que ao Gento se apresenta,
 Attento nella os olhos apacenta.

O rico fio que o bicho gera. He a seda, porque delles se faz como, he coufa sabida.

75

Pelo que vê pergunta, mas o Gama
 Lhe pedia primeyro, que se assente,
 E que aquelle deleyte, que tanto ama
 A Seyta Epicurea, experimente:
 Dos espumantes vasos se derrama
 O licor, que Noé mostrára à gente:
 Mas comer o Gento não pertende,
 Que a seyta, que seguia lho defende.

A seyta Epicurea. Epicuro (como alguns escrevem) foy Atheniense, ainda que outros querem que fosse de Samos, & levado a Athenas, vencida Samos pelos Athenienses em tempo que Aristoteles, & Xenocrates florecião. Foy de opinão, que a nossa alma era mortal, & corruptivel, & que Deos não tinha cuydado das cousas do mundo, mas que crão governadas por influencias dos Planetas, & estrellas do Ceo. Teve outra diabolica, que toda a felicidade da vida estava no contentamento, & deleytes della, & que não havia outro bem se não comer, & beber, & levar boa vida. Pintava

tava a virtude ao pé dos vícios postrada diante delles, & servindoos. Isto diz aqui o Poeta, que o Capitão mór pedia ao Catual, acceytasse o deleyte, que a leyta Epicurea tanto ama: pelo qual entende o comer, & beber, no qual os que seguirão a feyta do Philosopho Epicuro; punhão tua bemaventurança, & felicidade. *O licor que Noé mostrara á gente: Este he o vinho, porque Noé delpois do diluvio ensinou o modo que se havia de ter no plantar das vinhas, como se conta no Genesis.*

Mas comer o Gentio não pertende. A feyta dos Gentios prohibelhe comer com gente de outra nação, pelo que não acceytarão os offercimentos de Vasco da Gama.

76

A Trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares,
C'ò fogó diabolico instrumento,
Se faz ouvir no fundo là dos mares:
Tudo o gentio nota, mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares.
Fyctos dos homens, que em retrato breve,
Amuda poesia alli descreve.

A trombeta, que tem paz no pensamento. Tratta o Poeta da festa que os nossos fizerão ao Catual na Capitania com trombetas, artelharia, & estingardaria. Diabolico instrumento chama á artelharia. Vejase o que escrevemos no canto setimo, oytava 12. *A muda poesia alli descreve.* O Gentio notava muytas cousas nos Portuguezes, principalmente se detinha com os olhos nos retrattos, & figuras que estavão pelas bandeyras, & outras partes do navio, as quaes chama poesia muda. Poesia muda he a pintura, como lhe chamão todos os Poetas. Taes são os emblemas, empresas, & pegmas de que os Poetas trattão em muytos lugares. De semelhante modo de escrever usavão os Egyptios, pintando aves, animaes, & outras cousas semelhantes, pelos quaes sinaes mostravão o que querião, & a estes sinaes chamavão Hieroglyphica, que quer dizer letras sagradas, pela grande veneração, & respeyto que tinhão a este genero de escrever. Poesia que falla são os versos, pelo que Homero he chamado de muytos grande pintor, porque na descripção das cousas foy excellente, & pinta tanto ao natural, animaes, ferozes, usios, leões, pardos, á grandeza do Sol, fermotura da Lua, a multidão de estrellas, diferentes Cidades com diferentes trattos, que espanta os que o leem.

77

A Lçase em pé, com elle os Gamas junto,
Coelho á outra parte, & o Mauritano
Os olhos poem no bellico trasunto
De hum velho branco, aspeyto venerando.

Cujo nome não pode ser defunto
Em quanto houver no mundo tratto humano;
No trajo à Grega usança esta perseyta,
Hum ramo por insignia na direyta.

Alçase em pé. Folgava tanto o Catual de ver as cousas dos Portuguezes, & principalmente os debuxos, & pinturas, que pela tapeçaria estavão, que se levantou em pé para melhor os poder ver. Os Gamas são; o Capitão mór Vasco da Gama, & seu irmão Paulo da Gama, o Coelho era hum Nicolao Coelho Capitão de hum navio da armada. O Mauritano era Monçayde, que servia de lingua entre o Catual, & o Capitão mór, porque como era Africano de nação, natural do Reyno de Tunes, pela communicação, que tivera com os Helpanhoes, sabia fallar a lingua Castelhana, na qual declarava aos Portuguezes as cousas que lhe o Catual dizia.

De hum velho branco. Entre as figuras estava hum velho branco de alpeyto grave, & venerando. Este velho era Luso companheyro de Baccho, o qual foy Senhor de Portugal, & do seu nome se chamarão os Portuguezes os Lusitanos, como fica dito nestas nossas annotações muyto largamente, & muytas vezes, & o diz o nosso Poeta no principio do canto oytavo.

Cujo nome não pôde ser defunto. Cuja fama se não perderá em quanto o mundo durar. *No trajo a Grega usança esta perseyta.* Mostra o modo do trajo que tinha Lulo no seu retratto, que era ao costume, & uso dos Gregos, & com huma palma na mão, como o Poeta refere no principio do livro oytavo, aonde continua esta historia, que lhe pareceo não ser justo tratar dos primeyros fundamentos de Portugal, & de alguns que o conservarão, & augmentarão sem particular ajuda das Musas, como elle afirma na oytava seguinte.

78

H Um ramo na mão tinha, Mas ó cego
Eu, que cometo insano, & temerario,
Sem vós Nymphas do Tejo, & do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo, & vario:
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario,
Que se não me ajudais, ey grande medo
Que o meu fraco batel se allage cedo.

Mas ó cego eu. Boa digressão, & entre os Poetas muyto usada, que no meyo de suas obras, quando mais engolfados vão em alguma narração, peguem com as Musas, que os favoreção, & disto há tantos exemplos, & he cousa tão vlada, que não he necessario alargarnos nesta materia.

79

O Lhay, que hà tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, & novos danos:
Agora o mar, agora esperimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos,
Qual Canace que à morte se condena,
Numa mão sempre a espada, & noutra a pena.

Perigos Mavorcios. Perigos de guerra, de Mavorte, que he o mesmo que Marte, que os antigos tinham por Deos da guerra. Qual Canace que à morte se condena. Diz o Poeta que neste seu elcrever as cousas dos Portuguezes, se houve como Canace, que em huma mão tinha a penna, com que estava escrevendo a seu irmão Macareo, em outra a espada para se matar, pelos muytos perigos, trabalhos, & guerras que na India passava, quando escrevia estes cantos.

80

A Gora com pobreza aborrecida,
Por hospícios albeos degradado,
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que de hum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foy salvarse,
Que para o Rey Judaico acrecentarse.

Agora da esperança já adquirida. Porque vendo-se algumas vezes com alguma esperança de remedio, muyto depressa te lhe hia das mãos. Agora ás costas escapando a vida, que de hum fio pendia tão delgado. Ainda que he termo geral para mostrar as muytas vezes que se vio perdido. Bem se póde aplicar este dito a hum naufragio que passou vindo da China. Veja-se o que elcreveremos no câto 10. Pender de fio, he termo muyto usado para fallar em cousa muyto arriscada, & parece teve origem daquelle historia do tyranno Dionysio, que tinha na sua sala huma espada dependurada de hum fio, para mostrar o perigo a que estava fugeyto quem reynava. Vejate o Proverbio: de filo pender.

Que para o Rey Iudayco acrecentarse. Por Rey Iudayco se entende Ezechias, o qual estando já sentenciado por Deos à morte, todavia milagrosamente por suas lagrimas foy remedeadado, como se conta no livro dos Reys.

81

E Ainda Nymphas minhas, não bastava,
Que tamanhas misérias me cercassem;

Se não que aquelles que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A tiroco dos descânços que esperava,
Das capellas de louro, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventarão
Com que em tão duro estado me deytarão.

Einda Nymphas minhas. Nota o nosso Camões aos Portuguezes de gente ingrata, pois cantando elle, & celebrando seus feytos, em lugar de lhos agradecerem, & servirem: os mayores amigos, que tinha o mexericão com o Vifo Rey da India, como elle me disse, contando os enfadamentos, que na India tivera, que foy causa de o prenderem, & enfadarem.

82

V Ede, Nymphas, q' engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escritores,
Para espertar engenhos cariosos,
Para porem as cousas em memoria;
Que merecem ter eterna gloria.

Vede Nymphas que engenhos de senhores. Isto he huma figura, a que os Rhetoricos chamão Ironia, da qual usamos, quando nas palavras mostramos cousa differente do que sentimos, como aqui, que pelas palavras parece dizer bem dos Portuguezes, reprehendendoos, & tachandoos de homens pouco affeyçoados às letras, & aos que as entendem, & exercitão.

83

P Ois logo em tantos males he forçado
Que só vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado,
Onde feytos diversos engrandeça:
Dajmo vós sós, que eu tenho já jurado,
Que não o empregue em quem o não mereça;
Nem por lisonja touve algum subido,
Sób pena de não ser agradecido.

Pois logo em tantos males. E pois de todas as partes me cercão males, favoreceyme vós Nymphas, mayormente neste lugar, aonde hey de tratar dos feytos dos nossos Portuguezes.

Sob pena de não ser agradecido. Sob pena de ficartido entre vós Nymphas por ingrato, & que nao mereço mais ter favorecido, & ajudado de vós.

84

N Em creais, Nymphas, não, q' fama d'esse
A quem ao bem commum, & do seu Rey,
Amic.

*Anteposer seu proprio interesse,
Inimigo da Divina, & humana ley:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarey,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.*

Nem creais Nymphas, Muytos quiserão nesta parte tocar a Luis de Camões de homem affeyçoado, & aceytador de pessoas, porque com algumas distimulou nestes seus cantos, que merecia louvor, & honra. Digo isto, porque he materia que vi já tratar entre Portuguezes.

85

N *Enhum que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feo;
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Protheo:
Nem, Camenas, tambem cuydey que cante,
Quem com habito honesto, & grave veo,
Por contentar ao Rey no officio novo,
A despir, & roubar o pobre povo.*

Nenhum que use. Huma das cousas que se tem por cruel, & toberba, he fazerem os homens tudo o que podem. Donde disse Collumela: *Nec sanè vindicandum est nobis, quidquid licet.* Nem havemos de castigar tudo o que podemos, & entre os tyrannicos, & soberbos dittos do tyranno Dionysio se escreve, que então se tinha por senhor, quando fazia o que se lhe entojava: dito por certo digno de seu autor. Pelo que o Poeta diz aqui, que não cantará, nem celebrará homens que desenfreadamente fazem tudo o que podem, & exercitão sua vontade, & appetites, usando rigurosamente de seu poder.

E que por comprazer. Nem homens, que por estarem bem com o povo usaõ de invenções, mudando-se em mil figuras, como se escreve de Protheo, andando sempre à vontade, & gosto dos que hão mister, não lhe lembrando justiça, nem verdade. De Protheo se veja a nossa annotação no primeyro canto, oytava 19.

Nem Camenas. Nem cantares. Camenas he nome das Musas, ditas assim á canendo do canto. Veja-se o que escrevemos no primeyro canto.

86

N *Em què acha q he justo, & q he direyto
Guardarse a Ley do Rey severamente,
E não acha que he justo, & bom respeyto,
Que se pague o suor da servil gente.
Nem quem sempre com pouco experto peyto
Razões aprende, & cuyda que he prudente,
Para taxar com mão rapace, & escassa,
Os trabalhos alhejos, que não passa.*

Nem quem acha que he justo. Acrescenta o Poeta que tambem não tratterá de gente demasiadamente rigurosa na guarda das Leys dos Reys em parte, & não em todo. Homens há que são severissimos em guardar as Leys dos Reys, tanto que estão contraponteando, & syllogitmando nas palavras dellas, o qual he hum grande mal. Destes faltoz interpretadores, & superfciosos glosadores das Leys zomba Marco Tullio na oração pro Murena, em o livro dos officios, aonde refere aquelle dito tão celebrado de Terencio, & que todos sabem: *Ius summum, summa injuria:* muyta justiça, he muyta sem justiça. *Os trabalhos alhejos que não passa.* Mal laberá tratar de pagar trabalhos alhejos, quem nunca os passou. Daqui dizia Elia Dido, quando vio os Troyanos no seu porto de Carthago perdidos, & desbaratados das tormentas, & naufragios do mar, como refere Virgilio na Eneida liv. 1.

*Me quoque per multos similis fortuna labores
lactatam hac demum voluit consistere terra,
Non ignara malis miseris succurrere disco.*

A experiencia dos males me faz doerme, & ter compayxão de quem es passa. O que tacha aqui o nosso Camões, he haver quem governe sem ter experiencia, & quem tratte de guerra, sem haver arrancado espada, & que despachem outros sem ter conhecimento das cousas sobre o q se ha de fazer o despacho.

87

A *Quelles sós direy, que aventuraraõ
Por seu Deos, por seu Rey, a amada vida
Onde perdendoa em fama a dilataraõ,
Tambem de suas obras merecida.
Apollo, & as Musas, que me acompanharaõ,
Me dobraraõ a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.*



OS LUSIADAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Vem-se de Lusitania os Fundadores,
 E aquelles, que por feytos valerosos
 De alta memoria são merecedores,
 De hymnos, & de versos numerosos:
 Como de Calecut os Regedores,
 Consultão os Aruspices famosos,
 E corruptos com dadivas possantes,
 Trattaõ de destruhir os navegantes.

CANTO OYTAVO.

Vay o Regedor de Calecut à nossa armada. Detem-se, vendo alguma tapeçaria:
 aonde estavaõ debuxados os primeyros fundadores de Portugal, & outros
 Cavalleyros. Arma despois trayção ao Capitão mor Vasco da Gama:
 da qual escapou por boa ordem.

N A primeyra figura se detinha
 O Catual, que vira estar pintada,
 Que por divisa hum ramo na mão tinha,
 A barba branca, longa, & penteada:
 Quem era, & porque causa lhe convinha
 A divisa, que tem na mão tomada,
 Paulo responde, cuja voz discreta,
 O Mauritano sabio lhe interpreta.

O Mauritano sabio lhe interpreta. Estando o Ca-

tual com os olhos postos na primeyra figura, que era hum velho com a barba branca, longa, & penteada, & com hum ramo na mão direyta: & não se sabendo determinar quem seria, chegou-se a elle Paulo da Gama, & lhe declarou: cujas palavras interpretava Monçayde, de que atrás temos fallado, que estava por lingoa: ao qual chama Mauritano sabio, que quer dizer Mouro sabio.

2

E Stas figuras todas, que apparecem,
 Bravos em vista, & feros nos aspeytos

Mais

*Mais bravos, & mais feros se conhecem
Pella fama, nas obras, & nos feytos:
Antigos são, mas inda resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais presfeytos
Este, que vês he Luso, donde a fama
Anosso Reyno Lusitania chama.*

Este que vês he Luso. No fim do canto passado disse, como o Catual de Calecut nunca foy à nossa armada, & que isto que o Poeta aqui tratta, & he hum fingimento poetico, & galante: donde toma occasião para tratar dos primeyros fundadores, & Reys de Portugal: dos quaes o primeyro diz, que foy Luso filho de Baccho, de cujo nome o nosso Portugal se chama Lusitania: Hoje em dia entre os Latinos, & os Portuguezes Lusitanos, como o Poeta diz largamente nas oytavas, que se seguem: & nós o notámos no primeyro canto, oytava 1.

3

*Foy filho, ou companheyro do Thebano,
Que tam diversas partes conquistou,
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas, que continuo usou:
Do Douro, & Guadiana o campo ufano,
Já dito Eliso tanto o contentou,
Que alli quiz dar aos já cançados ossos,
Eterna sepultura, & nome aos nossos.*

Foy filho, & companheyro do Thebano. Prosegue agora sua narração sobre Luso, primeyro Rey destes Reynos de Lusitania, o qual diz que foy filho, & companheyro, de Baccho grande Capitão: & que he presunção muyto provavel, segundo elle era dado ao exercicio das armas, que aportou a estas partes, a que chama ninho Hispano, continuando seu exercicio militar, & conquistando estas partes tambem, como tinha feyto em outras regiões. E que se contentou tanto do sitio desta terra, que se quiz aposentar nella, & acabar, o que lhe faltava de vida, como fica dito no canto primeyro, oytava 39. Thebano, quer dizer Baccho, chama-se assim, porque sua mãy Semele era natural de Thebas.

Do Douro, & Guadiana o campo ufano já dito Eliso. De commum consentimento de todos os Geographos está assentado, ser europa a mais fer, mola, & mais abundante parte do mundo: & assim o mostramos no principio destas annotações, no canto primeyro, oytava 2. aonde trattámos da divisão do mundo. E porque Hespanha faz vantagem a todas as de mais partes de Europa, & todas de Hespanha, na fertilidade, bondade de terra, & todas as mais cousas necessárias para a vida, a melhor, & mais excellente terra he Andaluzia, & Estremadura: daqui vierão os antigos a dizer, que nesta parte estavão os campos Elysiuos, aonde os Bemaventurados despois de passados desta vida,

hião repouar, & usar de perpetua felicidade: & assim disse Protheo de Menelao, que acabado sua vida se recolheria a Hespanha para gozar da felicidade, & gloria, que hum tão grande Capitão, & Rey merecia: como refere Celio Rodrigino nas suas lições antigas. Nesta materia dos Campos Elysiuos, dos quaes dizião os antigos se recolhião os homens, que nesta vida correrão direytnente com suas obrigações, vareaõ os Autores: porque huns quizerão que fosse em Thebas, como Licophronta: Philostrato em Bretanha: Herodoto em Egypto: outros no concavo da Lua, & outros, & os mais em Hespanha, aonde disserão que morava Plutão senhor das riquezas. Outros que estreytando mais o negocio disserão, que nos campos de Andaluzia, como refere Guaribay no seu compendio liv. 3. pag. 6. Chamaõse Elysiuos como querem alguns de e, preposiçãõ de ablativo, que quer dizer fóra: & *lesio* letão, por estarem os que habitão nestes lugares fóra de todo o trabalho, & opressão. Mas quanto a mim vem de Iyo, verbo Grego, que quer dizer soltar, & livrar, porque os que moravaõ nestes campos Elysiuos, eraõ livres de cuydado, & de desgostos: pela qual razão tambem Baccho se chama Lyeo, porque assim elle, como os que o seguem, tem muy poucos cuydados na vida que lhe dem pena. O que o nosso Camões quer aqui he, que vendo Luso os campos do Douro, & Guadiana, que no tempo antigo forão chamados Elysiuos, lhe contentaraõ tanto, que se deyxou ficar nelles: sup. l. g. u. r. o. f. e. c. i. t. a. d. e. c. o. n. s. e. n. t. a. d. o. p. r. i. n. c. i. p. i. o. d. e. s. t. a. s. a. n. n. o. t. a. ç. õ. e. s.

4

*O Ramo, que lhe vês para divisa,
O verde Thyrsso foy de Baccho usado,
O qual a nossa idade mostra, & avisa,
Que foy seu companheyro, ou filho amado:
Vês outro, que do Tejo a terra piza,
Depois de ter tam longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Palas, que em memoria fica?*

O verde Thyrsso foy. O ramo, que Luso tinha para divisa, era huma haste rodeada de pampans de vides, chamada Thyrsso, como fica dito no setimo canto, oytava 52.

O qual a nossa idade. A gente deste nosso tempo porque por aquelles sinais, & divisas entendiaõ ser Luso da conserva, & companhia de Baccho.

Vês outro que do Tejo a terra piza. Este he Ulysses filho de Laertes Rey de Ithaca, que foy grande arditoso nos negocios da guerra: pelo que se etcreve delle que foy grande parte para se tomar Troya. E despois de ter andado por muytas partes, aportou neste lugar aonde agora está Lisboa: que diz o nosso Poeta na oytava seguinte que elle edificou. p. o. n. o. s. s. o. p. o. e. t. a. n. a. o. y. t. a. v. a. s. e. g. u. i. n. t. a.

V Lysses he, o que fez a santa casa
 A Deosa, que lhe dá lingua facunda,
 Que se lã na Asia Troya insigne abraça,
 Cã na Europa Lisboa ingente funda:
 Quem serã estoutro cã, que o campo arrasa
 De mortos, com presença furibunda?
 Grandes batalhas tem desbaratadas,
 Que as Aguias nas bandeyras tem pintadas?

Ulysses he. Já fica dito como a segunda figura, que estava na tapeçaria, era Ulysses, o qual depois de haver passados muytos trabalhos pelo mar, aportou a este porto aonde agora he Lisboa, a qual o Poeta que elle edificou, & juntamente hum Templo a Pallas, que os antigos tinham por Deosa da Sciencia. Destas cousas se veja a nossa annotação no canto terceyro, oytava 57. & no primeyro oytava 3. *Que se lã na Asia.* Este Ulysses foy grande parte para se destruhir, & abraçar aquella insigne Cidade de Troya. Da qual Homero, & Virgilio trattão largamente em suas obras. Este diz o nosso Poeta que edificou Lisboa. Veja-se a nossa annotação no canto 3. oytava 57.

Quem serã estoutro cã que o campo arrasa de mortos. O que estava no terceyro lugar era Viriato Capitão dos Lusitanos, & Lusitano de nação, natural de Portugal, que se comprehende tambem nas terras da antiga Lusitania, como fica tratado no canto primeyro, oytava 26.

Grandes batalhas tem desbaratadas, Que as aguias nas bandeyras tem pintadas. As insignias dos Romanos em suas bandeyras, erã Aguias. O que o Poeta aqui quer dizer he, que Viriato desbaratou grandes batalhas dos Romanos, os quaes trazem em suas bandeyras Aguias por insignias.

6

A Si o Gentio diz, responde o Gama,
 Este, que vês pastor já foy de gado,
 Viriato sabemos, que se chama,
 Destro na lança, mais que no cajoado:
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor invencivel afamado,
 Não tem com elle não, nem ter puderão
 O primor, que com Pirrho já tiverão.

Viriato sabemos, que se chama. De Viriato se veja a nossa annotação no primeyro canto, oytava 26. & no terceyro, oytava 22.

Não tem com elle não, nem ter puderão o primor, que em Pirrho já tiverão. Em louvor de Viriato diz, que nunca os Romanos com elle tiverão paz, nem treguas como se coltuma entre gente que traz guerra entre si: porque nunca os deyxava repou-

iar, antes sempre os trazia em roda viva. O primor que com Pirrho tiverão, foy que andando os Romanos em guerra com Pirrho Rey de Epyro, alcançaraõ delle treguas, & outros primores, que entre os Principes, que trazem guerra entre si, le costumão. E foy taõ primoroso Pirrho, que no tempo das treguas lhe mandava presentes, como escreve Justino. Diz o mesmo Autor, que nunca houve no mundo Rey de mayor primor, esforgo, bondade, & saber que este: ao qual Anibal, como refere Titolivio dava segundo lugar dos Capitães, pondote a si no primeyro. Que na verdade Annibal foy excellentissimo Capitão, & como homem labio nesta arte, tinha a Pirrho por grande official. Muytas cousas conta delle Plutarcho em sua vida. E he boa graça dizerem alguns, & imprimirem, que este Pirrho, de que aqui falla Luis de Camões, era filho de Achilles.

7

C Om força não, com manha vergonhosa
 A vida lhe tirãrão, que os espanta,
 Que o grande aperto em gente, inda q honrosa,
 As vezes leys magnanimas quebranta:
 Outro está aqui, que contra a patria irosa,
 Degradado com nosco se levanta,
 Escolheo bem, com quem se levantasse,
 Para que eternamente se illustrasse.

Com força não. Vendo hum Servilio Scipião Capitão dos Romanos, que não podia haver a melhor de Viriato, & que havendo tantos annos que trazia guerra com elle, sempre levava a pior, & que era impossivel vencelo: determinou, já que por força não podia, vencelo por manha. E para lahír com leu intento, lobornou alguns amigos, & companheyros de Viriato, que o matasem á trayção, como fizeraõ: veja-se o que escrevemos no primeyro canto, oytava 20. & no terceyro canto, oytava 22.

Que o grande aperto em gente, inda que honrosa, As vezes leys magnanimas quebranta. Sentença he esta digna de se escrever com letras de ouro, porque o aperto, & necessidade, como a experiencia mostra, obriga a fazer muytas cousas contra primor, & honra. Donde disse o Poeta Menandro Grego, *pro necessitate multa faciens mala.* A necessidade nos obriga a fazer muytos males: & daqui nasceo aquelle celebrado Proverbio: *Necessitas ingens telum.* Muyto pode a necessidade. Trattando Titolivio de certa gente, que estava em aperto: *Necessitate que ultimum ac maximum telum est, superiores estis.* Animando hum Capitão aos seus soldados, o esforgo que lhe dava, era dizer, que estavam em aperto, & necessidade, que he a ultima arma, & melhor de todas: porque neste estado como os homens não tem outro refugio, se não o de suas mãos, peléjão differentemente: Donde disse Virgilio:

gilio: *Una salus victis nullam sperare salutem.* O principal remedio que os vencidos tem, he não terein eperança de remedio. Davão os antigos tanta força à necessidade, que diziaõ, que nem os seus Deotes lhe podiaõ resistir; & como a tal lhe faziaõ grandes Templos, & tinhaõ em grande reputação, & honra. Vejase o Proverbio: *Necessitas ingeni telum, & necessitati nec Di; quidem resistunt.* E não tómente nas cousas da guerra, mas no menco, & tratado da vida, tem a necessidade grande poder, porque até aos brutos animaes ensina a nossa linguagem, aonde disse Persio no principio de suas Satyras.

*Quis expedituit Plittaco suum,
Picasque docuit nostra verba conari?
Magister artis, ingenijque largitor
Venter negatas artifex sequi vocer.*

Outro está aqui que contra a patria irosa. No quarto lugar estava Sertorio, Italiano de nação, o qual degradado por sua vontade da sua terra, se veyo a esta nossa, & nella foy Capitão geral dos Lusitanos, & deu grande opressão aos Romanos. De Sertorio se veja a nossa annotação no canto primeyro, oytava 26. Chamalhe o Poeta aqui degradado, entendese do degredo, que elle tomou por sua vontade, porque se sahio de Roma, vendo que lhe não succediaõ as cousas como elle pertendia. Na ley *c. ff. de interdictis, & relegatis*, se poem tres generos de degredo. Hum he quando se poem interdito a alguma pessoa, que não entre em algum lugar. Outro quando se saye alguém de sua patria para outro lugar, por lhe haver acontecido algum defastre, como fez o nosso Sertorio. Outro quando degradaõ algum, & por algum crime que commette. Todas estas maneyras de degredo há: & conforme a esta ordem, de que os homens doutos usaõ, & se pratica em as leys, se chama tambem degradado o homem que por sua vontade muda o lugar.

Para que eternamente se illustrasse. Isto diz, porque alcançou tanto nome Sertorio nestas partes, sendo General dos Lusitanos, & Governador de toda a Provincia, que escreve Vallerio Paterculo delle, que por espaço de cinco annos pelejando contra os Romanos, havia duvida se ficaria Hespanha, se Roma, tão grande era o esforço, & valentia deste Capitão. E Apiano diz liv. 1. que nunca houve Capitão mais valeroso, nem mais bem afortunado, que Sertorio, pelo que era chamado de muytos Anibal. Este teve o fim que costumão ter os homens excellentes, porque nunca faltaõ traydores que fação seu officio, como fizeraõ tambem a Viriato. Hum seu particular amigo Romano, por nome Perpenna o matou: & como escreve Paulo Orosio liv. 5. cap. 23. o que succedeo tetenta, & hum annos antes do nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo.

VEs com nosco tãbem vêce as bandeyras
Dessas aves de Jupiter validas,
Que já naquelle tempo as mais guerreyras
Gentes, de nós souberão ser vencidas:
Olha tã subttis artes, & maneyras,
Para adquirir os povos tã fingidas,
A fatidica Cerva, que o avisa,
Elle he Sertorio, & ella a sua divisa.

Vês com nosco tambem vence as bandeyras. Dessas aves de Jupiter validas. As aves de Jupiter são as Aguias. Plinio diz que davão os antigos a Aguiã a Jupiter por sua ave, porque os rayos do Sol lhe não faziaõ mal. Outros dão outras razões. Estas aves trazião os Romanos por insignias nas suas bandeyras, como dizem todos os Poetas, & Historiadores, o Poeta aqui diz: que Quinto Sertorio vencia as bandeyras que tinhaõ as aves de Jupiter, que são as bandeyras Romanas que tinhaõ Aguias por insignias.

A fatidica Cerva. Contate que Hispano por nome, & Portuguez de nação, a caõ tomou huma cervã pequena: & por ser muyto branca, & fermosa a deu de presente a Sertorio, o qual era tã ardiloso, & de tanta astucia, & saber, que pertuadio aos Hespanhoes, que aquella Cerva adivinhava, & lhe dizia o que havia de fazer, como diz Plinio liv. 8. c. 52. Nas moedas que delle batião em Roma, o qual costume era muyto guardado entre os Romanos, de huma parte estava Sertorio com hum olho menos, que perdeu nas guerras civis de Roma, & da outra a Cerva, que segundo elle dizia lhe mandara Diana, a que os antigos tinham por Deosa da caça. Chamalhe o Poeta fatidica, que quer dizer adivinha, porque fingia elle lhe adivinhava, o que lhe havia de acontecer. Dõde conta Apiano liv. 1. que perdendose huma vez, se entadou demasiadamente, tendo isto por muyto mau agouro, & final de algum mal grande. E assim não quiz dar batalha a seus inimigos em quanto não achou a cervã.

OLha estoutra bandeyra, & vê pintado
O grão Progenitor dos Reys primeyros;
Nos Ungaro o fazemos, porém nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeyros:
Depois de ter os Mouros superado,
Galegos, & Leoneses cavalleyros,
A Casa santa passa o santo Henrique,
Porque o tronco dos Reys se santifique.

Olha estoutra bandeyra. No quinto lugar logo junto a Sertorio estava o retratto de Excellentissimo, & felicissimo Conde Dom Henrique, tronco dos

dos Reys de Portugal, de sua origem se veja o que escrevemos no terceyro canto, oytava 26. E desta jornada que aqui reconta o Poeta, que fez a Hierusalém, no mesmo canto, oytava 28.

10

Quem he, me dize estoutro q me espanta
(Perguntao Malabar maravilhado)
Que tantos esquadroens, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto, & destrocado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batallas dà nunca cansado,
Tantas coroas têm por tantas partes,
A seus pés derribadas, & estandarés?

Quem he, me dize, estoutro. Tratta por muytas oytavas do grande Dom Affonso Henriques primeyro Rey de Portugal, filho do grande Conde Dom Henrique, de que tratamos na oytava passada. Deste Rey felicissimo se tratta em muytos lugares deste livro. O nosso Poeta largamente no canto terceyro, oytava 29. até 54. E nós notamos em diferentes lugares no terceyro canto, & primeyro, oytava 2. alli se pôde ver.

11

Este he o primeyro Affonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estigio lago jura a fama,
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zelozo, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de seu Reyno abayxa os muros,
Nada dexando já para os futuros.

Este he aquelle zeloso. Foy este Excellentissimo Rey muyto zeloso da honra, & terviço de Deos, pelo que todo teu cuydo, & diligencia poz em lançar de Portugal os Mouros inimigos. cruelissimos da nossa santa Fé Catholica, & em lugar das tuas Mesquitas, & templos de abominação, fundou outros novos para gloria, & honra de Deos, & seus Santos. E como era este, todas as cousas lhe succedia bem, & com muyto pouca gente, & desarmada, desbaratava grandes exercitos de inimigos, porque pelejava com o braço de Deos, como diz aqui o Poeta, & se pôde ver mais largamente na Chronica de sua vida. E nós o notamos tambem em muytas partes deste livro.

Por quem no Estygio lago jura a fama. Estigia he huma lagoa no inferno, segundo fingem os Poetas, Hesiodo na sua theogonia a faz filha do Oceano, & Thetis: outros Poetas lhe daó outros pays, os quaes acrecentaó, que teve Estygia huma filha, chamada Vitoria, & porque esta na guerra que Jupiter teve com os Gigantes o favoreceo, & aju-

dou muyto, em recompensa desta ajuda, & amizade lhe concedeo huma mercê, & foy que os Deoses jurando por a lagoa Estygia sua mãy; tivessem tanto respeyto a este juramento, que por nenhum modo se atrevessem a quebralo. O que tudo conta Servio, declarando aquelle verso de Virgilio. *Dij cuius jurare timent, & fallere nurnen.* Por cuja dignidade os Deoses temem jurar, & quebrantar o juramento. Outros dizem que Estygia he huma lagoa em Arcadia, de agoa peçonhentissima, em tanto, que todo o que bebe della morre logo, como diz Plinio, & que esta he a razão porque lhe chamáo lagoa do inferno.

12

SE Cesar, se Alexandre Reys, tiverão
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos inimigos, quantos erão,
Os que desbaratava este excellente:
Não creas, que seus nomes se estenderão
Com glorias immortaes tão largamente,
Mas dexo os feytos seus inexplicaveis,
Vé, que os de seus Vassallos são notaveis.

Se Cesar, se Alexandre. Para engrandecimento da cavallaria, & esforço de El-Rey Dom Affonso Henriques faz aqui menção de dous Capitães muyto celebrados pelos Autores, Cesar, & Alexandre Magno, os quaes fizeram cousas dignas de memoria, mas foraó diferentes do nosso felicissimo Rey nisto, que todos seus feytos foraó com grandes exercitos, & multidaó de gente, & desta maneyra desbaratavaó seus inimigos: El-Rey Dom Affonso fez grandes cousas, & tirou este Reyno da mão dos Mouros, que o possuhiaó, com muyto fracas ajudas de homens, porque os seus eraó muyto poucos, em tanto, que em muytas batallas que deu aos Mouros havia para cada Chritão cem Mouros, como se pôde ver na Chronica de sua vida.

13

Este, que vés olhar com gesto irado,
Para o rompido Alumno mal sofrido,
Dizendo lhe, que o exercito espalhado
Recolha, & torne ao corpo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido,
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes Vassallos claro espelho.

Este que vés olhar com gesto. Contaó as Historias que teve o Principe Dom Affonso hum recontro com Dom Fernando hum Fidalgo Castelhana com o qual sua mãy se calou despois da morte do pay o Conde Dom Henrique, no qual Dom Fernando ficou vencedor. Nesta escaramuça não se achou

achou Dom Egas Moniz, Ayo d'El-Rey, mas como lhe veyo a noticia, foy a grande preffa em bulca do Principe, & reprehendoo porque fizera tal sem elle, & o fez tornar atrás, & entrar outra vez em batalha. E desta maneyra desbaratou o padraſto, & prendeo a mãy. Alumno he palavra Latina, que quer dizer criado. Rompido lhe chama, porque vinhajá vencido: & o teu campo era roto, & desbaratado, o qual se restaurou com a chegada de Egas Moniz. Da caula desta delavença, & guerra entre o Principe Dom Affonso Henriques, & seu padraſto, trattámos no terceyro canto no lugar allegado.

14

Velo cá vaycos filhos a entregarſe,
Acórda ao côlo, nã de seda, & pano,
Porque não quiz o moço ſugeytarſe,
Como elle promet era ao Castelhanao:
Fez com fiſo, & promeſſas levantarſe
O cerco, que já estava ſoberano,
Os filhos, & mulher obriga à pena,
Para que o ſenhor ſalve, a ſi condena.

Velo cá vay. Contaõ as noſſas Chronicas, que deſpois que o Principe Dom Affonso Henriques venceu a ſeu padraſto, & o lançou fóra de Portugal, & prendeo ſua mãy, que imagoada, ella eſcreveo a El-Rey Dom Affonso de Caſtella ſeu ſobrinho acudiſſe a tomar aquelle Reyño, que era ſeu. Veyo eſte Rey com grande poder, mas aproveitoulhe pouco, porque o Principe o desbaratou. Tornou ſegunda vez ſobre elle; pozlhe cerco em Guimarães, por o Principe eſtar deſapercebido. Vendo o leal vaſſallo Egas Moniz o pouco poder do Principe, & o muyto dos Caſtelhanos, ſahioſe ſecretamente ao arrayal dos inimigos, & contratou com El-Rey Dom Affonso de Caſtella, que o Principe ſeu ſenhor lhe daria obediencia, & reconheceria ſuperioridade, & iria a ſuas cortes, com o qual El-Rey de Caſtella ficou ſatisfeyto, & contente, & levantou logo o cerco. Todas eſtas couſas ſe pôdem ver largamente no canto terceyro, ab oytava 34. uſque ad 41.

15

Nã fez o Conſul tanto, que cercádo
Foy nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a paſſar por bayxo foy forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Eſte pelo ſeu povo injuriado,
Aſi ſe entrega ſõ firme, & conſtante,
E ſi outro aſſi, & os filhos naturais,
E a conſorte ſem culpa, que doe mais.

Nã fez o Conſul tanto. Conta Titolivio na primeyra Decada, que tendo os Romanos guerras

com os Samnites, que hoje ſão os moradores do Abrurzo região de Italia, entre Piceno, que hoje chamaõ Marca de Ancona Apulha, & Campania, deſejando os Samnites paz com os Romanos, pretendendoa por todas as vias: nunca os Romanos lha quizerão conceder, nem deferir a ſuas embaixadas, pelo que criaraõ por Imperador a hum varão principal por nomẽ Claudio Poncio. Eſte vendo que os Romanos lhe entravaõ por ſuas terras, & lhas diſtrubiaõ, & queymavaõ, deſpois de feyta huma pratica aos ſeus, em que os animou contra os Romanos: uſou de huma manha, & foy que mandou dez toldados homens de ſaber, & de animo, cada hum por ſua parte, em habito de paſtores congado, os quaes fazendoſe encontradiços com os Romanos pelos campos, por onde andavaõ a roubar, perguntados pelos Samnites, diſſeſſem, que eſtavão em Apulha no cerco de Luceria. E com todos aquelles dez achados em diferentes partes, & tempo, todos fallaeſſem por huma boca. Move-raõ os Romanos ſeu exercito para ſoccorrer aos Luceriaños que eraõ ſeus amigos. O Capitão deſte exercito era o Conſul Eſpurio poſthumo. Chegados os Romanos a hum certo lugar entre dous montes muyto eſtreytos, & cercádo, o qual por eſte reſpeyto, & por eſtar perto de humã Aldea chamava Cauda, ſe chamava as forcas Caudinas, começando a entrar pelo poço, foraõ cercados dos Samnites, & alli como em rede forçados a cumprir as condições, que lhe os Samnites puzeraõ; entre os quaes huma muyto ignominioſa foy paſſarem por debayxo do jugo. O que o Poeta aqui moſtra he, que eſte Conſul Eſpurio Poſthumo não paſſou tanta afronta neſte lugar; aonde com grande menos cabo de ſua peſſoa, & abatimento de ſeu exercito paſſou elle com todos os ſeus debayxo do jugo dos Samnites, como paſſou Egas Moniz, porque eſte paſſou ſõ, & contra vontade; Egas Moniz com ſeus filhos, & ſua mulher. Eſte paſſar por debayxo do jugo, era huma affronta, & injuria grandißima, que ſe fazia aos vencidos, & era deſta maneyra. Armavaõ tres paos a modo de forca, & os vencidos vinhaõ alli todos em procitão, deſpidos, & deſarmados, como quem vay a vergonha com baraço, & pregão, & chegando aquelle lugar aonde eſtava aquelle jugo, paſſavaõ por debayxo delle. Eſte he o jugo de que os Autores fallãõ, & não ſe tomãõ aqui forcas Caudinas por jugo, como alguns querem declarar por ſuas cabeças, não ſe regendo pelo que os livros dizem: que forcas Caudinas he nome do lugar, aonde os Romanos foraõ tomados pelos Samnites, o qual por ſer aſpero, eſtreyto, & alto, ſe chamava forca, & por ſer perto da Aldea Cauda, forca Caudina, eſta he a verdade. Hoje ſe chama o eſtreyto de Arpaya, como diz Ortelio na ſua Synonimia na palavra *Caudinae furca*; aonde lhe acrescenta outros nomes.

V Es este, que saindo da cilada,
 Da sobre o Rey, que cerca a villa forte.
 Lá o Rey tem preso, & a villa descercada
 Illustre feyto digno de Mavorte?
 Velo cá vay pintado nesta armada,
 No mar tambem aos Mouros dando amorte
 Tomandolhe as galés, levando a gloria
 Da primeyra marítima vittoria:

Ves este que saindo da cilada. Conta Duarte Galvão na historia de El-Rey Dom Affonso Henriques, que estando Dom Fuas Roupinho Capitaõ mór do mar, no Castello do Porto de Moz lhe veyo nova, que Gami Mouro Rey de Cima Tejo, aonde hora he Caceres vinha com grande poder a tomar Portugal, por ver que El-Rey Dom Affonso andava occupado em outras guerras, pelo que logo poz no Castello huma pessoa de confiança, & elle com os mais, que pode se poz em cilada, & vendo que os Mouros combatião o Castello sem o largar, deu sobre elles hum dia de madrugada, estando os Mouros descuydados, & desbaratouos, & cativou o Rey. O que succedeo a vinte & dous de Mayo de mil cento & oytenta.

Velo cá vay pintado nesta armada. Delpois da victoria que houve Dom Fuas do Mouro Gomi, foyle a Coimbra, aonde El-Rey estava, & lá foy nova que andavão Galés de Mouros pela costa fazendo dano, mandou logo El-Rey Dom Fuas Roupinho a esta empresa, o qual pelejou com as Galés, & as tomou todas, que eraõ nove, a dezasseis de Junho do dito anno.

H E Dom Fuas Roupinho, que na terra,
 E no mar resplandece juntamente,
 Co fogo, que acendeo junto da serra
 De Abila, nas galés da Maura gente:
 Olha como então justa, & santa guerra
 De acabar pelejando esta contente:
 Das mãos dos Mouros entra afelice alma,
 Triunfando nos Ceos com justa plama.

Co fogo que acendeo junto da serra. Alcançada a victoria que referimos na oytava passada, escreveu Dom Fuas a Coimbra a El-Rey como a gente por aquella victoria que houvera estava alvorçada, para hir na armada contra os Mouros, o que El-Rey lhe agradeceo muyto, & deu licença, para que fossem, como os Portuguezes-naõ achassem no mar em que pegar, chegáráo a Ceuta, que neste tempo era de Mouros, & tomaraõ, & queymaraõ quanto no porto havia. Sentidos, & enfadados os Mouros disto, derão aviso a todos os luga-

res maritimos, os quaes se ajuntarão, & armaraõ entre si cincoenta, & quatro Galés, com as quaes destruhiraõ a Dom Fuas Roupinho, o qual andava na costa sem saber desta armada, o que foy a dezassete de Outubro de mil cento & oytenta annos: & nesta volta morreo este grande Capitaõ, o que tudo aqui diz o Poeta. Serra de Abyla, he Ceuta, como fica dito no canto 3. oytava 77.

N Aõ vês o ajuntamento de estrangeyro
 Trajo, sabir da grande armada nõva,
 Que ajuda a combater o Rey primeyro
 Lisboa, de si dando santa prova?
 Olha Henrique famoso cavalleyro,
 Apalma, que lhe nace junto a cõva,
 Por elles mostra Deos nulagre visto,
 Germanos sãõ os Martyres de Christo.

Nãõ ves hum ajuntamento. Isto diz pela armada de estrangeyros que aportou à vista de Cintra, estando El-Rey Dom Affonso Henriques nella, com cuja ajuda foy tomada Lisboa, como fica dito no canto terceyro, oytava 57.

Olha Henrique famoso Cavalleyro. Este Henrique foy Alemão de nação, o qual morreo nesta Cidade de Lisboa, quando foy tomada aos Mouros, fazle delle menção particular na Chronica d'El-Rey Dom Affonso do cap. 39. & conta-se huma cousa maravilhosa, & he que ao longo da sepultura deste Santo Cavalleyro naceo huma palmeira, como aqui diz o Poeta, a qual dava faude a todos os que a punhaõ ao pescoço alguma pequena della, ou moido algum pao lhe bebiaõ aquelle pô. O que tudo se pôde ver no lugar da Chronica allegado. Germanos. Quer dizer Alemães.

H Um Sacerdote vê brandindo a espada,
 Contra Arronches, q' toma por vingança:
 De Leyria, que de antes foy tomada,
 Por quem por Masamede enresta a lança:
 He Theotonio Prior, mas vê cercada
 Santarem, & verás a segurança
 Da figura nos muros, que primeyra
 Subindo ergueo das Quinas a bandeyra.

Hum Sacerdote vê. Dom Theotonio Prior de Santa Cruz de Coimbra, ao qual El-Rey Dom Affonso tinha dado Leyria por sua, assim no governo espirital, como no temporal. Os Mouros a cercaraõ, & tomaraõ: pelo que o Prior poz cerco a Arronches, lugar do Alentejo, & a tomou aos Mouros que era sua, El-Rey despois de alguns dias, tomou a tomar Leyria, & a restituiu ao Mosteyro de Santa Cruz de Coimbra, quanto ao espirital.

espiritual sômente: tomado algum tanto do succelto de Leyriá, suspeytando que houuera algum delcuydo no Prior.

Por quem por Mafamede enresta a lança. Entende os Mouros que pelejavão pela feyta de Mafamede.

Mas ve cercada Santarem. Do cerco de Santarem, & como se entrou se veja o que notámos no canto terceyro, oytava 55.

E verás a segurança. Isto diz por hum Mem Moniz, filho de Egas Moniz, Ayo d'El-Rey Dom Affonso Henriques. Este Mem Moniz foy o primeyro que poz pé nos muros de Santarem, arvorando em cima a bandeyra de Portugal, com muyto estorço, como se contem na Chronica de El-Rey Dom Affonso, cap. 32.

20

Velo cá donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra
Os imigos rompendo o alferes mata,
E o Ispalico penaão derriba em terra:
Mem Moniz he, que em sy o valor retrata,
Que o sepulcro do pay cos ossos, cerra,
Dino destas bandeyras, pois sem falta
Acontraria derriba, a sua exalta.

Velo cá donde Sancho desbarata. Continua com os feytos de Mem Moniz, o qual em companhia do Infante Dom Sancho, filho de El-Rey Dom Affonso Henriques, a que mandou o pay a pelear com os Mouros nas terras de Andaluzia, lhe tomou huma bandeyra junto á Cidade de Sevilha, que foy causa de todos se porem em fugida, como se conta na historia do dito Rey, c. 52. Vandalia he Andaluzia. A razão deste nome se veja no terceyro canto, oytava 60. Hispalico pendão, he pendão de Sevilha, porque Sevilha se chama em Latim *Hispali*, como lhe chama Plinio no segundo livro cap. 97. da natural hiltoria, & todos os mais,

21

Olha aquelle, que dece pela lança
Com as duas cabeças das vigias,
Onde cilada esconde com que alcança
A cidade por manhas, & ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do cavaleyro, que as cabeças frias
Na mão levava, feyto nunca feyto,
Giraldo sem pavor he o forte peyto.

Olha aquelle que dece pela lança. Este he Giraldo sem pavor, como aqui diz o Poeta, veja-se a nossa annotação no canto terceyro, oytava 63. Feyto nunca feyto, para encarecimento de hum feyto tão excellente, como este Giraldo usa deste termo

de fallar, feyto nunca feyto, como se differa, & mais digno de memoria, que nunca se fez.

Ella por armas toma. Entende Evora, de todas as cousas de Giraldo, & de verdadeyra declaração desta oytava se veja a nossa annotação no lugar allegado, aonde trattamos estas coulas de preposito, & na verdade.

22

Não vês hum Castelhana, que agravado
De Affonso novo Rey pelo odio antigo
Dos de Lara a cos Mouros he deytado,
De Portugal fazendose inimigo?
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros infieis, que traz consigo;
Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
Odesbarata, & o prende ousadamente.

Não vês hum Castelhana. No tempo de El-Rey Dom Sancho o primeyro deste nome, & segundo de Portugal, tendo Rey em Castella Dom Affonso o nono deste nome, filho de Dom Sancho o terceyro por alcunha o desejado. Succedeo, que hum Dom Pero Fernandes de Castro que chamavao da guerra, homem principal em Castella se lançou com os Mouros, por ser desfavorecido do seu Rey, por amor dos Condes de Lara, a que El-Rey era muyto affeyçoado. O qual entrou por Portugal pela comarca de entre Tejo, & Odiana, & chegou a tomar Abrantes: & levando muytos Christãos cativos destes lugares, com grande despojo, & tendo feyto muyto mal pela terra, indose recolhendo lhe sahio ao encontro hum Fidalgo Portuguez, por nome Martim Lopes, com pouca gente de cavallo, & de pé, & os desbaratou, & tomou o despojo que levavao, & prendeo o dito Pero Fernandes de Castro. O qual perdoado de El-Rey de Castella, se tornou a lançar com os Mouros, & lá acabou. Esta entrada fez este Castelhana no anno do Senhor de mil cento & noventa & nove, & foy preso pelo dito Martim Lopes em huma oytava de Pentecoste do dito anno, a causa das inimizades entre este Dom Pero Fernandes, & os de Lara, se pódem ver largamente na Chronica de El-Rey Dom Sancho o segundo Rey de Portugal.

23

Martim Lopes se chama o cavaleyro,
Que destes levar pôde a palma, e o louro;
Mas olha hum Ecclesiastico guerreyro,
Que em lança de aço torna obago d'ouro:
Velo entre os duvidosos tão inteyro,
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o sinal no Ceo, que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o estorço crece.

Martim Lopes. Deste Martim Lopes fica trattado na oytava passada.

Mas

Mas, olha hum Ecclesiastico guerreiro. Este foy Dom Matheus Bispo de Lisboa, o qual com ajuda de estrangeyras, que aporãrao a esta Cidade, no anno de mil duzentos & dezassete poz cerco a Alcacere do sal: & tendo todos de parecer que se levantasse o cerco, por haver nova certa que vinha grande socorro aos Mouros, elle o não quiz fazer, antes estando quasi todos emfãdados, & inconstantes, elle só perseverou com muyto animo: o que dá a entender o Poeta naquellas palavras: velo entre os duvidosos taõ inteiro.

Olha o final no Ceo, que lhe aparece. Estando o negocio neste estado fez o Bispo oração a Deos Nosso Senhor publicamente, pedindolhe sahisse por sua honra, & pela exaltação de sua Santa Fé Catholica, acompanhada com lagrimas de muytos. No qual tempo se diz que appareceo no Ceo hum final, o qual foy hum homem muyto velho, ou para melhor dizer grande, & muyto resplandecente, & alvo como a neve, com huma Cruz vermelha no peyto, com o qual ficãrao todos muyto alegres, vendo que Deos se lembrava delles: o que foy parte para todos perderem o medo que tinham, & tomarem novas forças contra seus inimigos. O que tudo se pôde ver na Chronica de El-Rey Dom Affonso por alcunha o gordo, o segundo deste nome, & terceyro dos Reys de Portugal,

24

Ves vão os Reys de Cordova, & Sevilha Rotos cos outros dous, & não de espaço Rotos, mas antes mortos, maravilha Feyta de Deos, que não de humano braço: Vês já a villa de Alcacere se humilha, Sem lhe valer defeza, ou muro de aço, A Dom Matheus, o Bispo de Lisboa, Que a Coroa de palma, alli coroa.

Key vão os Reys de Cordova. No lugar acima allegado da Chronica se conta, comõ vierão em socorro aos Mouros de Alcacere, quatro Reys Mouros: o de Cordova, Sevilha, Badajoz, & Jaen, aos quaes todos, o Bispo deu batalha, & venceu, sendo hu gente muyto menbs, & os Reys todos quatro forão mortos, & muyta de sua gente. O que succedeo aos onze dias do mez de Setembro, de mil duzentos & dezassete: com tudo os Mouros que estavam no Castello, tiverão mão, & se defenderão até mais não poder, porque não podendo resistir á furia dos nossos, lhe largãrao o Castello a dezoyto de Outubro do dito anno em dia de Bemaventurado S. Lucas. *Com outros dous.* Por estoutros dous entende o de Badajoz, & o de Jacm

Olha hum Mestre, que dece de Castilla, Portuguez de nação, como conquista

A terra dos Algarves, & já nella Não acha, quem por armas lhe resista: Com manha, esferço, & com benigna estrella Villas, castellos toma à escala vista, Vês Tavilla tomada aos moradores, Em vingança dos sete caçadores.

Olha hum Mestre. Este Mestre de que o Poeta falla, era Dom Payo Correa, Mestre da Ordem de Santiago em Castilla. Foy grande cavalleyro, & perseguidor de infieis. Era Portuguez de nação, mas vivia em Castilla em tempo d'El-Rey Dom Fernando o segundo: debayxo de cuja bandeira fez muytas cousas finaladas, como foy ajudar a ganhar Sevilha, & fazer muytas entradas pelos Mouros do Campo de Ourique, & dos Algarves, em serviço dos Reys de Castilla. Depois se ajuntou com El-Rey Dom Affonso o terceyro de Portugal, & conquistãrao todos os lugares do Algarve, como se trata largamente na Chronica do dito Rey.

Ves Tavilla tomada aos moradores. Este successo que o Poeta aqui aponta dos sete Caçadores, se trata na dita Chronica, aonde se referem muytas cousas, que o mestre Dom Payo Correa fez. E foy desta maneyra: Os Mouros de Tavilla, & de outros lugares do Algarve andavaõ muyto perseguidos, & atormentados do Mestre Dom Payo. Vendose no mez de Junho, no tempo em que lhe era necessário recolher suas novidades pediraõ treguas até dia de S. Miguel, que he a vinte, & nove de Setembro. O Mestre lhas concedeo de boa vontade; porque tambem lhe eraõ necessarias a elle, para os seus tomarem algum alivio, do continuo trabalho em que andavaõ. Neste tempo das treguas Dom Pedro Pires Commendador de Santiago, & companheyro do Mestre, vendo, que havia pazes, determinou hirse folgar com certos Fidalgos amigos, a hum certo lugar além de Tavilla, chamado Antas, aonde havia muyta caça. Quando trattãrao sobre esta sua ida com o Mestre, elle lha contrariou, dandolhe muytas razoens, por onde lhe não parecia a elle bem. Mas como elles estavam appetitosos, porfiãrao tanto, que foy forçado ao Mestre não lhe contradizer seu gosto. Nesta hida passãrao por Tavilla: o que os Mouros tomãrao em afronta, & deprezo seu. Pelo que forão ao lugar da caça, aonde matãrao ao Commendador com seis companheyros mais, cujos nomes estão na Chronica. Fazendo elles primeyro em sua defenzaõ as mais estranhas maravilhas de valor, & Christandade, que se nunca virão em semelhante acontecimento: como largamente conta a Chronica do dito Rey Dom Affonso cap. 3. Foy o Mestre avisado deste caso; o qual acudio logo, & depois de servir aos Mourros com muytas lançadas; se foy a Tavilla, & a tomou aos Mourros com grande mortandade dos moradores a nove de Junho; de mil duzentos, quarenta & dous.

coulas nesta vida, que sua boa fama fica sempre viva.

26

Ves com bellica astucia ao Mouro ganba
Silves, q' elle ganhou com força ingente.
He Dom Payo Correa, cuja manba,
E grande esforço faz inveja á gente:
Mas não passes os tres, q' em frãça, & Espanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas, & torneos,
Nellas deyxando publicos trofeos.

Ves com bellica astucia. Andando o Mestre Dom Payo Correa, nesta demanda dos Algarves succedido, que os seus desmandados deraõ em hum lugar perto do Cabo de S. Vicente, chamado Estombar, & o tomáráõ, cu ydando os Mouros que achariaõ o Mestre delapercebido fahiraõ a elle da Cidade de Silves: o Mestre sabido isto le foy ás portas da Cidade, & nellas houve huma crua batalha, porque o Rey por nome Aben Afan, era fóra, & querendo entrar: & os Mouros acudindo a huma porta para o recolher, foy huma tão crúel briga sobre esta entrada, que o Rey ficou fóra, & os Portuguezes dentro. Como se conta na dita Chronica de El-Rey Dom Affonso o tereeyro. Mas não passes os tres. Destes tres se veja a nossa annotação na oytava seguinte.

27

Velos co nome vem de aventureyros
A Castilla, onde o preço sós levarão
De jogos de Bellona verdadeyros,
Que com dano de alguns se exercitáráõ:
Vê mortos os soberbos cavaleyros,
Que o principal dos tres desafiáráõ,
Que Gonçalo Ribeyro se nomea,
Que pôde não temer a ley Lethea.

Velos co nome vem de aventureyros. Os tres que na oytava passada o Poeta notou, que fizeraõ grandes coulas em França, foraõ Gonçalo Rodrigues Ribeyro, Vasco Anes, colaço da Raynha Dona Maria de Castilla: & Fernão Martins de Santarem. Estes despois de haverem andado tres annos em França como aventureyros, por ganharé honra, & fama por sua cavallaria, costume muyto usado naquelles tempos: vieraõ ter a Castilla, aonde Gonçalo Rodrigues Ribeyro matou hum Castellano em hum desafio. E em humas justas reaes que El-Rey de Castilla fez a petição do dito Gonçalo Rodrigues Ribeyro, fizeraõ todos tres muytas ventagens: o que tudo se pôde ver na Chronica d'El-Rey Dom Affonso o quarto de Portugal.

Que pode não temer a ley Lethea. Lethum, entre os Latinos he a morte: daqui ley Lethea, he a ley da morte: a qual vence, que n'faz taes

28

ATenta num, que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que á Patria, que de hum fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta;
Não no vez tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerta, & lenta
Do povo, & faz, que tome o freyo,
De seu Rey natural, & não de altheo.

Attenta num. Este he o Conde Dom Nuno Alvares Pereyra, Condestavel deste Reyno, o qual vendo os Portuguezes inclinados a tomar Rey estrangeyro, & a principal Fidalguia rebellada, & recolhida a Castilla: elle td teve maõ no negocio: E fez que os Portuguezes perdessem o medo. O que tudo mais largamente se pôde ver no canto quarto, oytava 14.

29

Olha por seu conselbo, & ousadia
De Deos guiado só, & de santa Estrella
Só pode, o que impossivel parecia,
Vencer o povo ingente de Castilla:
Ves por industria, esforço, & valentia
Outro estrago, & vittoria clara, & bella,
Na gente assi feroz, como infinita,
Que entre o Tarteso, & Guadiana habita.

Que entre o Tarteso, & Guadiana habita. Despois de vencida aquella tão nomeada, & celebre batalha de Algibarrota, contaõ as Chronicas que se recolheo o Condestavel Dom Nuno Alvares aos lugares de Alentejo, aonde era fronteyro. E dalli mandou dar aviso aos grandes de Castilla, que le fizessẽ prestes, porque elle determinava entrar-lhe por tuas terras, & destruhilos a fogo, & a ferro. Com este recado se ajuntáráõ os principaes de Castilla com muyta gente, & tanta que contaõ as Chronicas, que havia cincoenta Castelhanos para hum Portuguez: & a duas legoas de Merjida em hum lugar por nome Valverde se encontraraõ, aonde os Castelhanos foraõ vencidos.

Tarteso. He Tariffa, Cidade de Andaluzia. O que o Poeta aqui quer dizer he, que Dom Nuno Alvares entrou pelos lugares de Castilla da Estremadura, que estaõ entre Tariffa, & Guadiana, rio, que passa pelo estremo de Castilla, o que tudo se pôde ver largamente na segunda parte das Chronicas de El-Rey Dom Joaõ o primieyro de Boa memoria, cap. 59.

30

MAs não vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausencia

Ff

Do

*Do Capitaõ devoto, que apartado
Orando invoca a Summa, & Trina Essencia?
Velo com pressa já dos seus achado,
Que lhes dizem, que falta resistencia
Contra poder tamanho, & que viesse,
Por que consigo esforço aos fracos desse.*

Mas não vês quasi já desbaratado. Isto diz o Poeta, porque nesta batalha de Valverde, como os Portuguezes eraõ muyto menos que os Castelhanos, estavaõ em aperto, o que vendo Dom Nuno Alvares Pereyra sem dar conta a pessoa alguma, le foy a hum lugar apartado, levando consigo so hum criado seu, & posto de joelhos fez oração a Deos Nosso Senhor, o ajudasse contra seus inimigos, & como elle era muyto querido de todos, & sobre quem todos estribavão, andavaõ todos palmados como o não viaõ. E andando buscando por diferentes partes, foy acalo dar com elle hum Cavalleyro por nome Ruy Gonçalves, o qual vendo naquelle estado, não se atreveo a fallarhe logo, mas entendendo ser necessario lhe disse o dano que os Castelhanos fazião nos Portuguezes. Neste tempo chegou outro Cavalleyro por nome Gonçaleanes de Castello de Vide, o qual lhe fallou mais folto, dizendo era muyta gente morta, & ferida: ao qual elle não respondeo outra cousa, te não que o deyxasse, que ainda não era tempo, como le diz na oytava seguinte:

31

M As olha, com que santa confiança,
Que ainda não era tempo respondia,
Como quem tinha em Deos a segurança
Da vittoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio ouvindo, que a possança
Dos inimigos a terra lhe corria,
A quem lhe adura nova estava dando,
Pois eu (responde) estou sacrificando.

Assi Pompilio. Elle foy segundo Rey dos Romanos: o qual depois de se aquietar com seus inimigos, le conta delle, que todo le deu ao culto dos falsos Deos: & era tão supersticioso, & ceremoniatico, que conta delle Plutarcho na sua vida, que entrando lhe os inimigos pela sua terra, & destruindolha, avisado dos seus, respondeo, o que o Poeta aqui diz, estou sacrificando: porque estava fazendo sacrificio aos seus tristes, & falsos Deos. Bom exemplo de Gentio, o qual dava a entender nesta resposta, que mais se refreava a furia dos inimigos, com o favor, & ajuda de Deos, que com poderosos exercitos. Assim o nosso Dom Nuno Alvares dizendolhe os seus o aperto em que estavaõ, respondeolhe, q o deyxassem orar. E póde tanto esta sua oração com Deos que levantandose della, desbaratou com muyto pouca gente grande multidão de inimigos.

S E quẽ com tão esforço em Deos se atreve
Souvir quizeres como se nomea.
Portuguez Scipião chamar se deve,
Mas mais de Dõ Nuno Alvarez se arrea?
Ditosa Patria, que tal filho teve,
Mas antes Pay, que em quanto o Sol rodea,
Este globo de Ceres, & Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

Portuguez Scipião chamar se deve. Em louvor deste excellente Capitaõ de que vay trattando nestas oytavas, & recontando, grandes excellencias sem o nomear, diz, que le devia chamar Scipião Portuguez: mas que elle com ter este titulo de Scipião tão honrolo, quer mais o seu de Nuno Alvares Pereyra, pelo qual era tão conhecido, & nomeado naquelle tempo. Foy este Scipião de que o Poeta aqui falla, dorado de muytas, & muy grandes virtudes Nas coulas da guerra espantoso, porque nella fez maravilhas. Sugeytou toda Hespanha ao povo Romano. Destruyio Anibal, & outros Capitaes de Africa, pelo que lhe foy posto o cognome de Africano. Foy da gente illustre dos Cornelios em Roma, & o primeyro que dizem foy chamado Cesar, porque morta a mãy, que estava prenhe, vendo que lhe bulia a criança no ventre, foy por acordo dos Medicos mandado, que se abrisse, & tirasse a criança fóra. Estas, & outras muytas coulas deste varão excellente se poderá ver em Plutarcho na sua vida. Pois a este Scipião tão nomeado, & conhecido por seu esforço, & cavallaria, compara o Poeta o nosso Dom Nuno Alvares Pereyra, pelo qual diz que suspirará Portugal em quanto o mundo durar.

Este globo de Ceres, & Neptuno. Por estas palayras entende todo o universo, porque globo, quer dizer bola, a cuja forma o mundo he feyto, por ser a figura redonda mais perteyta que todas as outras. Pela qual razão diz Ovidio liv. 1. Metamorphoses que Deos fez o mundo redondo. *Magni speciem glomeravit in orbis.* Fizistes o mundo redondo para ornato, & fermosura sua. *Ceres.* Como dizem os Poetas, foy filha de Saturno, & Ope: era tida por Deola dos mantimentos, & fruytos da terra, porque diziaõ que ella fora a primeyra que inventara o modo de lavar, & femear a terra. E que por este respeyto se chamava Ceres, quasi *geres*, de *gero is*, que he trazer, porque criava, & dava todas as coulas aos homẽs como diz Tullio liv. 2. de natura Deorũ. Outros lhe davaõ outras Ethimologias, & fazem diferentes Ceres. O Poeta toma aqui Ceres pela terra, como o fez Cicero l. 1. de natura Deorũ. *Neptuno.* Dizem os Poetas ser idolo do mar, irmão de Jupiter, & Plutaõ, tomase pelo mar, como aqui. *Alumno.* He criado, chama se assim de *alo alis*, palavra Latina, que quer dizer criar, & sustentar.

N A mesma guerra vê que presas ganha
 Estoutro Capitão de pouca gente,
 Comendadores vence, & o gado apanha,
 Que levavaõ roubado ousadamente:
 Outra vez, vê que a lança em sangue banha
 Destes, sò por livrar c'o amor ardente
 Opreso amigo, preso por leal,
 Pero Rodriguez he do Landroal.

Na mesma guerra vê. Por morte de El-Rey Dom Fernando o nono, ficando este Reyno sem herdeyro tomou o povo por seu Governador, & defensor, contra El-Rey Dom Joã de Castella, que queria entrar em Portugal, a Dom Joã meyo irmão do dito Rey Dom Fernando, Mestre de Avis. Foy causa isto de haver entre Portuguezes, & Castelhanos grandes discordias, & guerras. Com El-Rey de Castella era lançada a principal fidalguia de Portugal, cuydando ser melhor partido, & que leguravaõ melhor suas fazendas. Entre outras cousas, que neste tempo aconteceraõ, huma foy esta, de que o Poeta aqui faz menção: & he que dous Commendadores Castelhanos, hum de Alcantara, outro de Calatrava, foraõ com muyta gente assim de cavallo como de pè correr o termo de Evora, & sua comarca. E como não há cousa por muyto secreta que seja, que se não tayba: ainda que elles hiaõ com todo segredo possível, & de maneyra, que lhe parecia, que por nenhum modo seriaõ tentidos. Hum moço Portuguez por nome Rodrigo Vallejo, natural de Borba, pagem de hum Castelhanao por nome Diogo Gonçalves Maldonado, foy dar aviso a Pedro Rodrigues Alcayde mór do Landroal, que naquelle tempo estava por Capitão daquellas partes, & que era muyto leal, & fiel ao serviço do Mestre, que he o de que aqui falla o Poeta. Este Pero Rodrigues sabido isto sahio com alguns de cavallo, & de pè, em alcance dos Castelhanos, & lhe tomou a presa que levavaõ, que eraõ cinco mil ovelhas, mil & quinhentas cabras, & sessenta homens & moços cativos. E assim mesmo derribaraõ dos cavallos os Commendadores, os quaes ficaraõ alli, se não foraõ soccorridos pelos seus, que lhe deraõ cavallos em que se puseraõ em salvo. O que tudo se pôde ver mais largamente na primeyra parte das Chronicas de El-Rey Dom Joã o primeyro.

Outra vez vê que a lança em sangue banha. Neste tempo tudo eraõ guerras, & divisões, nem havia quem se entendesse: porque os Portuguezes, huns seguiãõ as partes do Mestre: outros se lançavaõ com El-Rey de Castella. Succedeo, que hum Vasco Porcalho, a quem o Mestre tinha encomendado o Castello de Villa Viçosa, foy tentido não ter leal ao seu senhor o Mestre, & que se carteara com hum Pero Rodrigues da Fonseca, que estava em

Olivença por El-Rey de Castella. Pelo que, hum Cavalleyro natural de Villa Viçosa, por nome Alvaro Gonçalves Coytado, com outros a quem deu conta do caso, determinaraõ de o prender. E para este effeyto mandou recado a Pero Rodrigues do Landroal, de que himos fallando, o qual acudio logo, & feytos todos em hum corpo, se foraõ aos paços aonde estava Vasco Porcalho, & o lançaraõ fóra: elle se foy a Lisboa sanearse com o Mestre, o qual lhe tornou a dar o Castello. Como Vasco Porcalho se vio naquelle estado, poz por ordem o que antes desejava, que era dar aquella Villa aos Castelhanos. E como estava tentido do que lhe fizera Alvaro Gonçalves Coytado, determinou de o prender, como fez, & o meteu na torre da menagem, com molher, & filhos, & mandoulhe saquear tudo quanto tinha em tua casa, logo esta noyte meteo Vasco Porcalho no Castello duzentas lanças de Castelhanos. Os quaes como amanheceo levantaraõ bandeyra por El-Rey de Castella, dizendo a altas vozes, Castilha, Castilha. El-Rey de Castella mandou logo recado a Vasco Porcalho, que mandasse a Alvaro Gonçalves preso a Olivença, para ser ahi melhor guardado, & huma carta a Pero Rodrigues da Fonseca, que o tivesse a muyto bom recado até ver o que se havia de fazer delie. Como o Condestavel Dom Nuno Alvares soube desta prião de Alvaro Gonçalves, ficou muyto pezaroso, & escreveu a Pero Rodrigues do Landroal trabalhasse por saber se o haviaõ de passar dali para outra parte, elle lhe respondeo que sim: mas que não sabia quando, nem como. Dom Nuno Alvares lhe mandou logo alguma gente, que tivesse comsigo para o ajudar a tirar o Alvaro Gonçalves do poder dos Castelhanos, succedendo levado a alguma parte. Dahi a poucos dias veyo huma espia que Pero Rodrigues do Landroal trazia em Villa Viçosa, & disse-lhe, como a noyte seguinte haviaõ de levar a Alvaro Gonçalves a Olivença. Pero Rodrigues sabendo isto consultou com os seus como faria este negocio: os quaes acordaraõ por se em cilada em certa paragem, por onde os Castelhanos haviaõ de passar. Pelo que sahio do Landroal hum dia já Sol posto, com trinta & hum de cavallo, & cincoenta de pé, fingindo ir caminho de Estremoz: & como foy noyte deraõ volta para o lugar aonde estavaõ concertados hirem: & sendo alta noyte foraõ avitados como vinhaõ muytos de cavallo, & pé, & alguns besteyros. Pelo que se fizeraõ prestes, & pelejaraõ com elles, & lhe tiraraõ o preso que levavaõ, & a elles trattaraõ muyto mal, o que o Poeta aqui aponta, & se pôde ver nas Chronicas de El-Rey Dom Joã o primeyro no lugar allegado.

O Lha este desleal o como paga
 O perjuro, que fez, & val engano,

*Gil Fernandez he de Elvas, quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, & quasi alaga
C'o sangue de seus donos Castelhanos
Mas olha Ruy Pereyra, que c'o o rosto
faz escudo a galês, diante posto.*

Olha este desleal. Conta as Chronicas, que escreveo o Mestre a Gil Fernandes de Elvas, que estava por Capitão da gente daquelle terra, que fosse a Campo Mayor, & fallasse com Paes Rodrigues Marinho Alcaide mór de Campo Mayor, o qual estava por Castella, & o perluadisse tomasse sua voz, que lhe faria muytas merces, & honras. Gil Fernandes vista a carta do Mestre foyle a Campo Mayor, levando consigo cincoenta, de cavallo armados, como chegou perto do lugar, mandou recado a Paes Rodrigues quizesse fahir do Castello a verte com elle, sobre certo negocio, que a elle lhe importava. O Paes Rodrigues respondeo, que fosse o Gil Fernandes fallar com elle entre o muro, & a barreira do Castello, & que podia levar dez homens de armas consigo. Gil Fernandes aceytou o partido, mas com condigaõ que fizessem pleyto, & omenagem, que fosse leguro hum do outro. Paes Rodrigues aceytou a condigaõ, & passaraõse elcritos de huma, & outra parte: o qual concerto não cumprio Paes Rodrigues, antes chegando Gil Fernandes o prendeo, com muyta gente que para este effeyto tinha prestes, da qual prisaõ se relgatou despois Gil Fernandes, por duas mil dobras, como as Chronicas contaõ. Succedeo despois encontrarse Gil Fernandes com o Paes Rodrigues em hum monte entre Elvas, & Campo Mayor, chamado Segovia, aonde o Paes Rodrigues foy preto, com outros alguns Cavalleyros da sua conferva, & morto, como tudo se pôde ver mais largamente nas ditas Chronicas. O desleal perjuro, de que aqui falla o Poeta, he Paes Rodrigues, que quebrou a fê que tinha dada a Gil Fernandes, chamalhe desleal, porque tendo Portuguez seguia as partes de Castella. Ultimo dano he a morte, da qual Gil Fernandes foy causa, ainda que elle não o matou, antes lhe peõu de sua morte, como nas Chronicas se conta.

De Xerez rouba o campo. Este mesmo Gil Fernandes de Elvas ajuntou cem de cavallo, & quatrocentos de pé, & entrou por Castella até os Campos de Xerez, donde trouxe grande presa de vacas, & ovelhas, & cattivos. Vindo com esta presa, acudiraõ de Xerez, & outros lugares com trezentas lanças, & muyta gente de pé, & o alcançaraõ em hum lugar, que se chamava Serra das Porcas aonde Gil Fernandes, os desbaratou, matando, & ferindo muytos delles, como o Poeta aqui aponta. E dizem as Chronicas, que era tanto o gado, que Gil Fernandes levava, que cada hum tomava delle o que queria, porque não labiaõ o q̄ haviaõ de fazer dellê.

Mas olha Ruy Pereyra. Este Ruy Pereyra era muyto esforçado Cavalleyro, o qual seguia as partes do Mestre. Neste tempo determinou El Rey de Castella vir sobre Lisboa, & cercala por mar, & por terra, como o fez. Os Portuguezes puteraõ-se em defeniaõ pelo melhor modo que puderaõ. A armada de Castella assim de naos como galês era muyto de ventagem da de Portugal. Entre outros Capitães do Mestre era Ruy Pereyra: este vendo que os Castelhanos, que citavaõ defronte de Almada, com quarenta naos grossas, & treze galês, quizerãõ dar sobre as nossas galês, que passavaõ por defronte delles, pozte de rosto com a tua nao, com outros dous Capitães Portuguezes, & elle aferrou com a Capitania dos Castelhanos, que hia de rosto sobre as nossas galês, sem a armada de Castella lhe fazer nojo. Mas o Ruy Pereyra morreo nesta volta, & foy muyto sentido, & chorado dos Portuguezes, porque foy hum esforçado Cavalleyro, & leal Portuguez. Isto he o que o Poeta aqui diz, que Ruy Pereyra fez escudo ás galês posto diante, porque se poz diante da armada de Castella, & fez escudo ás galês de Portugal, que não recebessem dano das naos, & galês de Castella, que eraõ muytas mais.

35

*Olha, que deza sete Lusitanos,
Neste outeyro subidos, se defendem
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porém logo sentirão com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem;
Digno feyto de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo, & no moderno.*

Olha que deza sete Lusitanos. Neste tempo estava Almada em grande aperto cercada por mar, & por terra de Castelhanos, & conta se nas Chronicas, que passavaõ grande trabalho, mayormente de fede, por falta de agua, de maneyra que lhe morria muyta gente à sede, & alguns cavallos que dentro da Villa estavaõ, lançaraõnos por huma penedia abayxo ao mar, por não terem que lhe dar a beber, & outras cousas que nas Chronicas podem ler os curiosos. Postos os Portuguezes neste estado determinaraõ hir buscar agoa ao longo do mar, para o qual hiaõ por huma penedia muyto grande, por hum caminho que elles para este effeyto fizeraõ. Como os Castelhanos touberaõ isto puseraõ-se em cilada escondidos muytos, & os Portuguezes que hiaõ pela agua não eraõ mais de deza sete, os quaes entrê aquella penedia pelejaraõ com os Castelhanos raõ valerosamente, que mataraõ, & feriraõ muytos.

36

*Sabe se antigamente, que trezentos
Fã contra mil Romanos pelejaraõ.*

*Notempo que os viris atreuimentos
De Viriato tanto se illustrarão:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deyxarão,
Que os muytos por ser poucos não temamos,
O que depois mil vezes amostramos.*

Sabese antigamente que trezentos. Este caso conta Paulo Orosio, & outros: & he que no tempo de Viriato despois da rotta de Nigidio recolhendo-se para Castella mil de cavallo, encontraraõ com trezentos Portuguezes da Beyra, os quaes hiaõ carregados de despojo da batalha, & querendo os de cavallo tomarlhe a presa, se puseraõ em tom de batalha, & os fizeraõ fugir, ficando dos mil trezentos no campo mortos.

37

*Olha cá dous Infâtes, Pedro, & Henrique
Progenie generosa de Joanne,
Aquelle faz, que Fama illustre fique
Delle em Germania, com q' a morte engane:
Este, que ella nos mares o publique,
Por seu descobridor, & desengane
De Ceuta a Maura tunida waydade,
Primeyro entrando as portas da Cidade.*

Olha cá dous infantes Pedro, & Henrique. Estes infantes foraõ filhos d'El-Rey Dom Joaõ o primeyro de Boa memoria. Foy o infante Dom Pedro Duque de Coimbra, & Governador destes Reynos, em tempo d'El-Rey Dom Affonso o quinto seu sobrinho, por ser o dito Dom Affonso de pouca idade, & por este respeito não ter para governar o Reyno, como se conta largamente na Chronica do dito Rey. Esteve o infante Dom Pedro em Alemanha, a qual o Poeta chama aqui Germania, como lhe chamaõ os Latinos, & naquellas partes fez cousas dignas de memoria, o que diz o Poeta por estes termos, com que a morte engane: porque aquelles se dizem enganar a morte, que fazem coutras na vida com que sua memoria despois da morte fica viva.

Este, que ella nos mares o publique. Entende o infante Dom Henrique, era este Príncipe naturalmente inclinado a fazer guerra a infieis: A esta inclinação natural se ajuntou a obrigação de seu cargo, & officio de Governador da ordem da cavalleria de Nosso Senhor Jêsu Christo, que El-Rey Dom Dinis tresavó instituhira para effeyto desta guerra contra infieis. E como não pudesse executar esta vontade, por estarem já os Mouros lançados além do mar, & porque tambem lhe não seria bem contado por ter negocio tocante aos Reys de Portugal, o que se verificou muyto mais, despois que seu pay tomou Ceuta, que entaõ lhe ferrou de todo as portas á sua pretensão. Determinou entaõ largar

as velas a seus desejos, & meterse pelo mar dentro, para fazer novas conquistas, & descobrimentos, aonde seu nome principalmente militasse: & os meritos da tal empresa fossem seus proprios, & se pudessem meter na ordem da cavalleria de Christo, de que elle era Governador, & de cujo thesoura podia despende. E tambem porque lhe ficasse nome de primeyro conquistador, & descobridor da gente idolatra, impresa que até seu tempo nenhum Principe tentara.

De Ceuta a Maura tunida waydade. Isto diz porque quando seu pay tomou Ceuta aos Mouros, elle toy o primeyro que entrou ás portas como nas Chronicas se trata liv. I. cap. 2.

38

*Ves o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Berberias
Ves outro Conde está, que representa
Em terra Marte, em forças, & ousadia:
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia,
Mas do seu Rey defende a cara vida,
Pondo por muro a sua alli perdida.*

Ves o Conde Dom Pedro. Este Dom Pedro, a que o Poeta aqui chama Conde, foy filho de Dom Joaõ Affonso de Meneses Conde de Viana: o qual no tempo d'El-Rey Dom Joaõ o primeyro de Boa memoria se lançou com os Castelhanos, & morreo na batalha de Algibarrota. Pelo que tornando-se sua mulher para Portugal com este filho Dom Pedro, ainda que El-Rey Dom Joaõ lhe fez muytas honras, & merces, nunca lhe quiz dar o titulo de Conde a este seu filho Dom Pedro, se não despois que por algum tempo regêo a capitania da Cidade de Ceuta em Africa, de que foy o primeyro Capitão, & Governador. Mas nomeavate Conde publicamente, como lhe chama aqui o Poeta, por ser filho do Conde Dom Joaõ, como fica dito, & por ser feyto Conde em Castella, como diz a sua Chronica cap. 3. Foy este Dom Pedro de Meneses excellentissimo varaõ, & primeyro Capitão de Ceuta, a qual defendeo de dous cercos de Mouros, a que acudio toda Berberia, & fez outras muytas coutras dignas de memoria nas partes de Africa, que se podem ler em huma Chronica que ha de suas coutras de letra de maõ. Foy illustre fundamento da casa de Villa real: & mais de muytos, & muy valerosos Principes.

Ves outro Conde está. Este he o Conde Dom Duarte, filho não legitimo do dito Dom Pedro. Foy o primeyro Capitão de Alcaçer ceguer: o qual defendeo de hum grande cerco, em que se achou o Xarife com todo seu poder, como diz aqui o Poeta. *Mas do seu Rey defende a cara vida.* Contale na Chronica d'El-Rey Dom Affonso o quinto, que estando El-Rey em Ceuta lhe deraõ huns Mouros avi-

to,

lo, como na ferra de Benacofic havia muytas aldeas, & lugares, aonde podia fazer grande prela. Comò El-Rey era affeyçoado a estas cousas, folgou com esta nova, & entre outros Fidalgos levou consigo ao Conde Dom Duarte, que estava então com elle em Ceuta. Succedeo-lhe o negocio de maneyra, que toy necessario recolherle. El-Rey para a Cidade: o qual vendo que os Mouros carregavaõ muyto sobre elle, disse ao Conde Dom Duarte entretivesse aquelles Mouros, o que elle fez de maneyra, que por salvar a vida d'El-Rey, perdeu a sua, o que tudo se pôde ver largamente na Chronica allegada d'El-Rey Dom Affonso o quinto: & allego os lugares aonde os curiosos leão as cousas de que tratto, por que para commento basta assim.

O Utros muytos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintarião,
Mas saltalhes pincel, saltam lhes cores,
Honra, premio, favor, que as artes crião:
Culpa dos viciosos successores,
Que de generaõ certo, & se desvião.
Do lustre, & do valor dos seus passados,
Em gostos, & vaydades atollados.

Outros muytos verias. Diz o Poeta que a causa de não estarem outros muytos em aquelles payneis, he porque de generaraõ de seus antepassados, os quaes tambem jazem no mesmo esquecimento por falta de seus descendentes, que são taes que não estimãõ a virtude, nem fazem caso dos homens, que tem engenho, & partes com que os honrem, & ponhaõ os feytos excellentes de seus mayores no lugar, que merecem. O pincel, & cores que faltaõ aos pintores, pelos quaes aqui entendem os Poetas, Homens de engenho são como elle mesmo diz nesta oytava: Honra, premio, favor, que as artes cria, assim o disse Cicerõ, *Honos alit artes*. O que parece tomou do Poeta Aristophanes, o qual vendo que se queyxaõ muytos de haver fracos Medicos em Athenas havendo em outras sciencias varões eminentissimos, disse estas palavras. *Quemadmodum premium, ita nec ars viger*. Faltaõ Medicos, porq̃ lhe faltaõ premios a isto alludio Marcial quando disse:

*Sint Mæcenites, non deerunt flacce Marones
Virgiliumque tibi, vel tua rura dabunt.*

Aja Mæcenates, haja homens que favoreçaõ, & não faltaraõ Poetas, & a cada canto achareis hum Virgilio, & quanto a mim a razaõ porque hoje faltaõ Homeros, & Virgilio, he porque não há quem faça caso dos homens que prestaõ. E vemos hoje os homens dados a letras humanas ferem tidos em pouco, donde vem haver poucos que nelas se esmerem, salvo a natural inclinaçaõ de algum, o força a isso, como o foy o nosso Luis de

Camões, como elle diz em algumas partes deste livro.

A *Quelles Pays illustres, que já derão
Principio à geraçãõ, que aelles pende,
Pela virtude muyto entãõ fizeraõ,
E por deyxar a casa, que descende:
Cegos, que dos trabalhos que tiverão
(Se alta fama, & rumor aelles se estende)
Escuros deyxão sempre seus menores,
Com lhes deyxar descansos corruptores.*

Aquelles pays illustres. Nota o Poeta nesta oytava, & na seguinte o mau modo que tem alguns homens nobres no seu proceder, que he a causa por que se escreve sua geraçãõ, & se não tratta de seus feytos. Nesta primeyra diz, que há alguns que fizeraõ muyto pela virtude, & em quanto viverãõ se houveraõ muy honradamente com todas suas cousas, mas que em volta disto trattaraõ as cousas dos filhos, com tanta desordem, & descuydo, que foraõ causa de seus feytos se elcurecerem de todo: porque todo seu cuydado, & vigilancia puferaõ em fazer grandes morgados aos filhos, não se lembrando quaõ differente negocio fora adestralos em outras cousas, que mais lhe importavaõ, & como os criaraõ com mimos, & desordens, & lhe deyxaraõ largo que gastar, vivem atollados em vicios, & somente trattaõ do modo que terãõ em viver solta, & desenfreadamente, contorme a criaçãõ que tiverãõ, & desta maneyra se perde a memoria, assim de seus antepassados, como a sua, leão os curiosos a Horacio, que trata desta materia largamente, Od. 24. liv. 3.

O *Utros tãbem ha grandes, & abastados,
Sem nenhũ tronco illustre dõde venhaõ;
Culpa de Reys, que às vezes a privados
Dam mais, q̃ a mil, q̃ esforço, e saber tenhaõ
Estes os seus não querem ver pintados
Crendo que cores, vans lhes não convenhaõ
E como a seu contrario natural,
A pintura, que falla, querem mal.*

Outros tambem. De passagem dá huma reprehensãõ aos Principes, os quaes muytas vezes se affeyçoã demasiadamente a gente que não he digna da honra que lhes daõ.

E como a seu contrario natural. A pintura, que falla quem mal. Daqui vem que estes querem mal a historia, & poesia, a que aqui chama pintura, que falla, porque assim huns como outros não tem partes, por onde suas cousas sejaõ celebradas: & daqui querem mal aos homens que tem engenho. A razaõ porque a Poesia se chama pintura, q̃ falla, veja-se a nossa annotaçãõ no canto 7. oytava 76.

42

Não nego, que ha com tudo descendentes
Do generoso tronco, & casa rica,
Que com costumes altos, & excellentes,
Sustentão a nobreza, que lhes fica:
E se a luz dos antigos seus parentes,
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura,
Mas destes acha poucos a pintura.

Não nego. Louva nesta oitava o Poeta, os que procurão conservar a honra, que erdãrão de seus maiores, os quaes ainda que não fação maravilhas, nem estremos em Cavallaria, & outras coulas dignas de memoria, nem se queyraõ avantejar de seus antepassados: conservaõ a honra que delles lhe ficou. E isto he coula muyto digna de louvor, donde disse Ovidio:

*Nom minor est virtus, quam querere, parta tueri,
Casus inest illic, hic erit artis opus.*

Não he menos virtude conservar o ganhado, que ganhalo, porque no ganhar governa a fortuna, no reter a prudencia. E como esta virtude de saber conservar o ganhado seja grande, há poucos que a tenham, pelo que diz o Poeta, destes acha poucos a pintura, que destes achão os homés doutos muyto poucos de que elever, & tratar em suas obras.

43

Assi está declarando os grandes feytos
O Gama, que alli mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeytos
Do singular artifice alli pinta:
Os olhos tinha prontos, & direytos,
O Catual na historia bem distinta,
Mil vezes perguntava, & mil ouvia,
As gostosas batalhas, que alli via.

Que alli mostra a varia tinta. A diversidade da pintura que alli estava feyta por mão do official excellente, na qual tapeçaria estavaõ pintados diferentes acontecimentos, & batalhas, que os Portuguezes tiverãõ com diferentes acontecimentos, & tudo cõ tanta claridade, & perfeçãõ, q̃ não havia que delejar.

44

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Por q̃ a lampada grande se escondia
Debayxo do Orizonte, & luminosa
Levava aos antipodas o dia:
Quando o Gentio, & agente generosa,
Dos Nayres da nao forte se partia

*A buscar o repouso, que descança
Os lassos animaes, na noyte mança.*

Ma já. Mostra o Poeta nesta oitava o tempo que o Catual, & gente principal de Calecut, que fora à nossa capitania, se recolhia, que era já quasi Sol posto, o que diz por estes termos. A lampada grande se escondia, debayxo do Horizonte, & luminosa levava aos antipodas o dia. A lampada grande he o Sol, como lhe chamaõ os Poetas Horizonte, he hum circulo da Esphera, que divide este universo em duas partes iguaes, deyxando huma metade sobre a terra, & outra debayxo. Isto he o que o Poeta aqui diz: que o Sol se metia debayxo do Horizonte, como se dissera que se recolhia para a outra parte do Ceo, que está debayxo de nós, na qual morão os Antipodas. Antipodas he nome Grego, composto de duas palavras da preposiçãõ anti, que quer dizer contra, & pus, o pe, por serem homens que pizaõ o terra ao contrario de nossos pés. O Bemaventurado Santo Agostinho, como se pôde ver no livro da Cidade de Deos liv. 16. c. 9, não se pôde persuadir haver Antipodas, hoje he mais que certo que os há, & isto não sómente por razão da Esphera, mas por se haver andado tanta terra contra o Sul, que seguramente se pôde dizer, que na terra contraria a esta nossa morão homens como nestas partes, & assim estes quanto a nós serãõ nossos antipodas, & nós da mesma maneyra quanto a elles, como diz Luis Vives, sobre o lugar allegado do Bemaventurado Santo, ao qual enganou Laetancio Firmiano, que foy desta opiniaõ. Do Horizonte, & mais circulos do Ceo veja se o que escrevemos no terceyro canto, oitava 6.

O repouso que descança. Repouso que descança, he o sono, assim lhe chama Virgilio: *Somne quietes rerum.* O sono descanço das coulas, & outros Poetas. A força do sono, & a casa em que mora, pinta Ovidio nas Metamorphoses liv. 10.

45

Entre tanto os Aruspices famosos,
Nasalsa opiniaõ, que em sacrificios
Antevem sempre os casos duvidosos,
Por sinaes diabolicos, & indicios;
Mandados do Rey proprio, estudiosos
Exercitavão a arte, & seus officios,
Sobre esta vinda de sta gente estranha,
Que às suas terras vem da ignota Espanha

Entre tanto os Aruspices famosos. Finge aqui o Poeta como em quanto o Catual estava embebido em ver os retrattos, & pinturas, de que atrás se fez mençaõ, o que tambem foy fingimento, mandou o Rey aos seus agoureyros, aos quaes os Latinos chamaõ *Aruspices*, como o Poeta lhe chama aqui, que lhe souberem o intento dos Portuguezes, & que

que os movera a hir ás partes da India, para ver como se havia de haver com elles.

46

S Inalhe mostra o Demo verdadeyro,
De como a nova gente lhe faria
Fugo perpetuo, eterno cativeyro,
Destruição de gente, & de valia:
Vaise espantado o atonito, agoureyro,
Dizer ao Rey (segundo o que entendia)
Os snraes temerosos, que alcançara
Nas entranhas das victimas, que olhara.

Nas entranhas das victimas. Victima he palavra Latina, quer dizer sacrificio, & era o que entre os Antigos se fazia por alguma vitoria alcançada pelo proprio vencedor: Donde disse no livro primeyro dos Fastos Ovidio: *Victima qua cecidit dextra vitricis vocatur*. Victima se chama o sacrificio, que se sacrificou pelo vencedor. Estas victimas eraõ animaes, os quaes matavão os Antigos a teus idolos, & pelas tripas, & entranhas delles conjecturavão o que haviaõ de fazer, como o Poeta aqui aponta, que estes agoureyros de El-Rey de Calecut conheceraõ das entranhas dos animaes, que sacrificavão sinacs de Calecut ser destruhida dos Portuguezes.

47

A Isto mais se ajunta, que a hum devoto
Sacerdote da ley de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto,
Contra a divina Fé, que tudo excede:
Em forma do Profeta falso, & noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Bacco o dioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus odios mda se não dece.

A isto mais. Para o Mouro mais se certificar no que os seus agouros lhe dizião, & aconselhavão, finge o Poeta que Baccho inimigo capital dos Portuguezes, tomou a forma do falso propheta Mafamede, & induzio a El-Rey, que destruhisse os Portuguezes, que erão huns piratas, que andavaõ assolando o mundo. O propheta falso, que procede da escrava Agar, he Mafamede. Usa deste termo de fallar, porque como fica dito por muytas vezes, os Mouros procedem de Agar escrava de Abraham, da qual geração procedia Mafamede. Vejale a nossa annotação no canto 3, oytava 23.

48

E Dizlhe assi, Guardayvos gente minha,
Do mal, que se aparelha pelo imigo,
Que pelas agoas humidas caminha,
Antes, que esteis mais perto do perigo:

Isto dizendo, acorda o Mouro asinba,
Espantado do sonho, mas consigo
Cuyda, que não be mais, que sonho usado,
Torna a durmir quieto, & sossegado

E dizlhe assi. Reconta o Poeta aqui nesta oytava as cousas, que Baccho disse a El-Rey de Calecut, estando dormindo em figura do seu maldito. Mafamede, que se guardasse dos Portuguezes, os quaes não traziaõ outro intento se não destruhir a terra da India.

49

T Orna Bacco dizendo: Não conheces
O graõ legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceyto a que obedeces,
Sem o qual foreis muytos bautizados?
Eu por ti tudo vello, & tu adormeces?
Pois saber às, que aquelles, que chegados
De novo são seraõ muy grande dano
Da ley, que eu dey ao nescio povo humano.

Torna Baccho. A primeyra vez que o Rey acordou espantado do sonho que sonhara, não se inquietou, porque lhe pareceo, que não era mais que sonho, como costumava outras vezes sonhar coufas semelhantes. Mas despois que vio o retorno de Baccho dizendolhe, quem era, & como o avilava do mal, que lhe estava aparelhado, tornou sobre si, como nas oytavas seguintes se verá. O grande Legislador. He o seu fallo propheta Mafamede, que lhe deu a ley que seguem. *Eu por ti tudo vello*. São palavras de Mafamede, com as quaes reprehende ao Rey chamandolhe rudo, pois andando inquieto, & velando pelo livrar, elle adormecia, descuydado do que lhe podia acontecer, *Da ley que eu dey ao nescio povo humano*. Com muyta razão chama o Poeta aos Mouros povo nescio, pois seguem huma tão grande parvoice, & desatino, como he a torpe, & necia seyta de Mafamede.

50

E Mquanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol sae, facilmente
Se pode nelle pôr a aguda vista:
Porem depois que sobe claro, & ardente,
Se a agudeza dos olhos o conquista
Tão cega fica, quanto ficareis,
Se raizes criar lhe não tolheis.

Em quanto he fraca a força. Com huma compiração maravilhosa mostra Baccho a El-Rey de Calecut, como lhe importa muyto cortar as raizes a este negocio, & entrada dos Portuguezes em Calecut, porque assim como o Sol em nascendo não

não faz nojo à vista , o que he pelo contrario na crecença do dia , que não hà quem o espere por sua quentura, & claridade, & assim nos principios tem as cousas remedio, o qual depois, que estão em crecimento não aproveyta : donde disse Ovidio.

*Principijs obstat, sero medicina paratur,
Cum mala per longas convaluere moras.*

Resiste aos principios, porque tarde, & mal se remedeão os males, quando tem tomada posse da caza.

51

I Sto dito, elle, & o sono se despede,
Tremendo fica o atonito Agareno,
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno:
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrára rosto angelico, & sereno,
Convoca os principais da torpe seyta,
Aos quaes, do que sonhou dá conta estreyta.

Mo ditto. Mostra nesta oytava como El-Rey de Calecut ficou espantado, & medroso, com o que lhe disse Baccho em figura do seu falso propheta Mafamede, & como mandou logo em amanhecendo chamar os principaes da terra, & trattou com elles o que sonhara aquella noyte passada. Agareno he Mouró, como fica dito por muytas vezes, tomate pelo Rey de Calecut, ao qual chama Agareno, não por elle ter Mouró, se não porque era affeyçoado, & inclinado aos Mouros. Nova luz que ao Sol precede. Esta nova luz que precede ao Sol he o Luzeyro, & chamase luz nova, porque apparece ante manhã, como mensageyro da luz, & porteyro do Sol, desta estrella se veja o que notamos atrás no canto 6. oytava 85.

52

D Iversos pareceres, & contrarios
Alli se dão, segundo o que entendião,
Astucias, traiçoës, enganos varios.
Perfidias inventavão, & tecião:
Mas deyxando concelhos temerarios,
Destruição da gente pertendião,
Por manhas mais sutis, & ardis melhores,
Com peytas adquirindo os Regedores.

53

C Om peytas, ouro, & dadivas secretas
Concilião da terra os principaes,
E com razões notaveis, & discretas,
Mostrão ser perdição dos naturaes:

*Dizendo, que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piráticas rapinas,
Sem Reys sem leys humanas, ou divinas.*

Com peytas. Escreve João de Barros na primeyra Decada liv. 4. c. 9. que os Mouros de Calecut peytarão grandemente ao Governador da terra, para que danasse o animo de El-Rey contra os Portuguezes, como fez. *Rapinas piraticas.* São roubos de collayros, porque os Latinos chamão ao Collayro do mar pirata.

54

O Quanto deve o Rey, que bem governa,
De olhar, q os conselheynos, ou privaaos
De consciencia, & de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados:
Porque como este posto na superna
Cadeyra, pôde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteyra,
Do que lhe der a lingua conselheyra

O quanto deve o Rey, que bem governa. O principal conselheyro de El-Rey que pertende governar seu povo recta, & justamente, deve ser Deos, a elle se deve chegar em suas duvidas, & com elle deve trattar suas cousas, como se escreve, que fazia David Reg. 2. Este he o verdadeyro conselheyro, & que não pôde errar: o segundo, logo gente zelosa da virtude, & que vive Christãmente, & não gente ambiciosa, & que pertende só seu interesse. Porque os conselhos de gente de má alma, não podem ser bons, se não pestilenciaes, & como dizem os Latinos: *Ex ea officina, ex sunt opes.* De tal tenda, tal ferramenta, Má arvore não pôde dar bom fruyto. Queyxate Deos por Isaias cap. 30. dos Principes de Israel, porque se não aconselhavão com elle: porque via os desastres, & perdas que lhe acontecião por se fiar de si, & de outros que sabião tão pouco como elles. E pois os Reys necessariamente hão de usar de homens, com que trattem suas cousas, que o contrario feria temeridade, devião seguir o conselho do Sabio Ecclesiast. 8. em buscar gente de boa consciencia, & avisada. Porque esta como tratta em não detervir a Deos, tambem procura a cortar nos negocios, que lhe commettem: porque cuydaõ o que hão de fazer, o que não tem homem de má alma, que logo se precipita a fazer o que sua má inclinação pede, & com cor de justiça executa sua má inclinação.

55

N Em tão pouco direy, que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa, & certa
Que se eleve em hũ pobre, & humilde manto,
Onde ambição a caso ande encuberta,

G

E

*E quando hum bom em tudo he justo, & santo
Em negocios do mundo pouco acerta,
Que mal com elles poder à ter conta
Aquietar innocencia em só Deos prompta.*

Nem tão pouco direy. Não quer o Poeta aqui mostrar coula alguma contra, o que notámos na oytava passada, nem excluye do governo do Reyno, & ajuda, & conselho dos Reys os virtuosos: mas quer que os Religiosos, & recolhidos se não inquietem para os taes ministerios, mas que se busquem homens bons, avisados, amigos, & zelosos da virtude, aos quaes se dé semelhante cargo. E quando os Religiosos tivésem as partes necessarias, para semelhantes cargos, muyta ventagem fazem aos seculares, pois além das partes, que os seculares, tem outras muytas, que servem muyto para semelhantes obrigações, como he virtude, letras, & estar mais chegados a Deos, pois esta he lua obrigação, & officio.

56

*M As aquelles avaros Catuaes,
Que o Gentilico povo governávão,
Induzidos das gentes infernaes,
Ao Portuguez despacho, dilatávão:
Mas o Gama, que não pertende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenávão,
Que levar a seu Rey hum final certo,
Do mundo, que deyxava descuberto.*

Mas aquelles avaros Catuaes. Os Governadores de Calecut, que já fica dito, que se chamao em lingua do Malavar Catuaes, procuravao por todos os meos destruhir a Vasco da Gama, & aos seus, & assim os mexericavao com El-Rey, movidos pelo dinheyro, & peytas, que os Mouros, por este respeyto lhe davão. E esta era a razão, porque lhe dilatavão a reposta, & despacho para tornar a Portugal a dar conta a El-Rey, do que tinhao descuberto da India.

57

*N Isto trabalha só, que bem sabia.
Que depois, que levasse esta certeza,
Armas, & naos, & gentes mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza:
Com que a seu Jugo, & ley someteria
Das terras, & do mar a redondeza,
Que elle não era mais, que hum diligente,
Descubridor das terras do Oriente:*

Nisto trabalha só. O que procurava Vasco da Gama era reposta de El-Rey de Calecut, & fahirte della, para levar novas a El-Rey Dom Manoel do que tinha descuberto, para prover com armada, & gente, com que sojugasse aquellas partes, que tinha descuberto.

58

*F Allar ao Rey Gentio determina;
Por que com seu despacho se tornasse,
Que já sentia em tudo da maligna
Gente impedir se quanto desejasse:
O Rey, que da noticia falsa, & indina,
Não era de espantar, se espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros.*

Fallar ao Rey Gentio determina. Como Vasco da Gama entendeu a malicia dos Mouros, & até a que ordiao, para por todos os meos delviar os Portuguezes do commercio, & tratto que pertendiao nas partes da India: determinou fallar a El-Rey, & desta maneyra com bom, ou mau despacho lahirse de Calecut, & tornar se para o Reyno; porque entendia sua estada ser de pouco proveyto. E como o Rey estava sobornado do Catual, & mal informado delle, & de sua natureza era homem de pouco saber, & constancia, não acabava de dar ordem ao despacho de Vasco da Gama: antes estava de bordo de fazer mal aos Portuguezes, por comprazer aos Mouros, os quaes viao que se os Portuguezes tivésem commercio em aquellas partes, redundava em grande dano, & perda sua. E o que mais os atormentava era o dito de hum feyuceyro, o qual affirmava, que os Portuguezes. haviao de ser total destruhicão daquellas partes, como se póde ver em João de Barros na primeyra Decada liv. 4. c. 9.

59

*E Ste temor lhe esfria o bayxo peyto,
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está fogeyto,
Hum desejo immortal lhe acende, & atiga:
Que bem vê, que grandissimo proveyto
Farà, se com verdade, & com justiça
O contrato fazer por longos annos,
Que lhe comete o Rey dos Lusitanos.*

Este temor lhe esfria o bayxo peyto. Duas coulas traziao a El-Rey confuso, & o não deyxavão determinar como se haveria neste negocio dos Portuguezes, huma o medo, que lhe faziao os Mouros, dizendolhe, que os nossos erão costarios, & vinhao destruhir aquella terra: a outra era a cobiça, que o apertava, porque naturalmente era avaro, & amigo de adquirir, como aqui diz o Poeta: & conta João de Barros, que o Mouro Monçayde o avisou assim a Vasco da Gama, & porque viao que aceytando este negocio dos Portuguezes, sendo verdade, o que lhe dizia o Capitão mór Vasco da Gama, teria grandes interesses, & proveytos: ainda que era coibitido dos medos, que os Mouros lhe punhao

punhaõ, não se acabava de determinar no despacho de Vasco da Gama, como diz o Poeta na oytava seguinte.

60

Sobre isto nõs conselhos, que tomava,
Achava muy contrarios pareceres
Que naquelles, com quem se aconselhava,
Executa o dinheyro seus poderes:
O grande Capitam chamar mandava,
A quem chegado disse: Se quizeres
Confessarme a verdade limpa, & nua
Perdãõ alcançaràs da culpa tua.

Executa o dinheyro seus poderes. Não acertava o Rey, no que devia fazer, acerca do despacho dos Portuguezes; porque os do seu conselho estavam peytados, & sobornados pelos Mouros: & isto he o que diz aqui o Poeta, que executa o dinheyro seus poderes; porque como diz o Proverbio: *Muneribus vel Dij capiuntur*. Até os Deoses se dobrão com dadivas, para encarecimento do muyto, q o interesse pôde. Veja-se o nosso Poeta nas oytavas ultimas deste canto.

61

EU sou'bem informado, que a embayxada,
Que de teu Rey me deste, que he fingida,
Porque nem tu tens Rey, nem patria amada,
Mas vagabundo vãs passando a vida:
Quem da Hesperia ultima alongada,
Key, ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir cometer com naos, & frotas,
Tam incertas viagens, & remotas

Que quem da Hesperia ultima. Tinha por cousa tão extraordinaria o Samorim poder ir gente de Hespanha ás partes da India, que cuydava ser mentira tudo, o que Vasco da Gama lhe dizia. Hesperia ultima, ou minor, chamão os Latinos a Hespanha. Hesperia prima, ou mayor a Italia, a razão se veja na nossa annotação no segundo canto, oytava 108.

62

ESe de grandes Reynos poderosos
O teu Rey tem a regia Magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinaes de tua incognita verdade?
Com peças, & aões altos suntuosos
De lia dos Reys altos a amizade,
Que final, nem penhor, não he bastante,
As palavras de hum vago navegante.

Com peças, & aões altos. He este o costume daquellas partes da India não mandar Embayxador a outro Principe com as mãos vazias, pelo que o

Mouro Mongayde como fica dito aconselhou a Vasco da Gama, que mandasse algum presente a El-Rey de Calecut, porque se costumava naquellas partes: & de outra maneyra não teria entrada em casa do Rey: o que Vasco da Gama guardou a risca, mas ainda o Rey não ficou satisfeito, pelo q remoqueou aqui ao Capitão mór, que não era possível ter sua embayxada verdadeyra, pois não hia acompanhada com grandes presentes: & que não era razão dar credito as palavras de hum navegante, que não tinha lugar certo, & que não podia dar outro fiador a tuas promessas se não as palavras, de que usava.

63

SE por ventura vmdes desterrados,
Como já forão homens de alta sorte,
Em meu Reyno sereis agasalhados,
Que toda a terra he patria para a sorte:
Ou se pirata sois, ao mar usados,
Dizeymo, sem temor de infamia, ou morte,
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

Que toda a terra he patria para o forte. Os Gregos dizem *Omne solum forti patria est*. Toda a terra he patria para o forte aõde. os homẽs se achão bê, alli he sua patria, & natureza. Perguntando o Philospho Socrates dõde era natural, respondeo, q do mudo; dando a entender, que qualquer lugar aonde o homem vivia a seu gosto era sua natureza, & que era lugar de desterro, & desventura aquelle aonde se achava mal. Veja-se o proverbio: *Quævis terra patria*, onde ajunta algumas cousas a este proposito.

A vital necessidade. A necessidade das cousas necessarias para a vida, a quanto a necessidade obriga, & que cousas commettão os homẽs apertados deste mal, he cousa assas sabida. Donde veyo aquelle proverbio tão usado: *Necessitas telum durissimum*, a necessidade he arma durissima. Os antigos tinhaõ a necessidade por Deosa, a qual pintavão com hum tear posto no alto do ar, armado em grandes estacas, & muyto fortes, do qual lugar pescava tudo sem haver coula que lhe resistisse. Assim o diz Platão em muytos lugares, & a isto tirou Horacio em hũa Oda do livro terceyro que começa:

Iustælis opulentior

Thesauris Arabum, & divitis India,

Cementis licet occupes

Tyrrhenum omne tuis, & mare Apullicum:

Si figit adamantinos

Summis verticibus dira necessitas

Clavos: non animum meum,

Non mortis laqueis expedies caput.

Ainda que abarqueis o mundo com vossas riquezas,

zas, te a necessidade no seu alto armar sua rede não vos podercis livrar della, & assim te ha de declarar aquelle lugar.

64

I Sto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeytas das insaias, que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo, que tão mal o Rey cuydava:
Com huma alta confiança, qual convinha
(Com que seguro credito alcançava)
Que Venus Acidalia lhe influa,
Taes palavras do sabio peyto abria.

Que Venus Acidalia lhe influa. Como fica notado, nestes cantos finge o Poeta os Portuguezes favorecidos sempre, & ajudados de Venus, a qual chama aqui Acidalia do nome de huma fonte em Boecia, chamada assim, conflagrada as graças, as quaes os Poetas fazem filhas de Baccho, & Venus.

65

S E os antigos delictes, que a malicia
(Açoute tão cruel da Christandade)
Humana cometeo na arisca idade,
Nã causarão, que o vaso da naquicia
Viera por perpetua inimicicia,
Na geração de Adam, co a falsidade,
O' poderoso Rey da torpe seyta,
Não conceberas tu tão ma sospeyta.

Se os antigos. Esta suspeyta má que El-Rey de Calecut tinha contra os Portuguezes attribuye o Poeta ao grande odio que os sequazes da maldita, & torpe seyta de Mafamede, a que chama aqui vaso de maldade, & açoute da Christandade tinhaõ aos Christãos: pelo que trabalhavaõ com El-Rey, os lançasse de suas terras, metendolhe em cabeça que era gente, que vivia de roubos, & ladrohices, & que seu officio era assolar os lugares aonde chegavão.

66

M As porq' nenhum grande bem se alcãça
Sẽ grãdes opressões, & em todo effeyto
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive semper de seu peyto:
Me mostras tu tão pouca confiança,
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrario, que acharias,
Senão cresses, a quem crer não divias.

Mas porque nenhum grande bem. Não parecia razão, que huma cousa tão excellente, & de tanta importancia, como era o descobrimento, & conquista do Oriente se fizessem as mãos lavadas: pelo

que o Poeta attribuye estes trabalhos, & opressões, que o Capitào mór, & sua gente padecia em parte aonde lhe parecia, que estava já seguro, a necessidade do calo: todas as cousas grandes custão muyto, donde disse Terencio. *Non fit sine periculo facinus magnum, & memorabile.* Não se alcãção sem perigo feytos grandes, & dignos de memoria. E assim parecia cousa extraordinaria, acabar os Portuguezes huma cousa tão grande, & hum teyto tão excellente, como era o descobrimento de huma terra tão desejada, como era a India, a tão pouco custo, pelo que foy necessário para perfeycão da obra, succeder estes novos trabalhos, & opressões no fim della. E assim diz Vasco da Gama, que se não espanta de lhe succeder no fim deste descobrimento este sobroço, porque he natural as cousas de importancia; passar pelo camel dos trabalhos. E a esta necessidade attribuye Vasco da Gama não lhe crer El-Rey suas palavras, & dar credito à gente falsa, & enganadora, & a quem não devia crer como taõ os Mouros; mas que succede isto, porque he necessário hum negocio de tanta importancia, como he o descobrimento da India custar muytos perigos, & enfadamentos: para que assim se tenha em mayor estima: pois o que pouco custa, ordinariamente se não estima em muyto.

67

P Orque se eu de rapinas só vivesse
Undrugo, ou da patria desterrado,
Como crès, que tam longe me viesse
Buscar assento incognito, & apartado:
Porque esperanças, ou porque interesse
Viria experimentando o mar irado,
Os Antãrticos frios, & os ardores,
Que sofrem do Carneyro os moradores?

Porque se eu de rapinas só vivera. Prova o Capitào mór Vasco da Gama com razões bastantes, como a suspeyta, que tinha delle El-Rey de Calecut era falsa, porque se se houvera de dar ao tal officio, não tinha necessidade de se desterrar pelo mundo, & ir a partes tão remotas, passando por tantos perigos, & trabalhos: tão excessivos frios, & calmas. *Frios antãrticos.* São frias do Sul nas, quaes partes os hã grandissimos, como nas partes do Norte, por terem partes afastadas do curso do Sol, assim humas como as outras. *Os ardores, que sofrem do Carneyro os moradores.* Os moradores do Carneyro taõ os que habitão na zona torrida aonde està a constellação Aries, que quer dizer o Carneyro: que he hum dos doze Signos Celestes. E porque os Astrónomos fazem esta constellação na linha Equinocial entre os tropicos, que he o caminho do Sol, pelo que esta terra he mais tugeyta a calma. Daqui chama o Poeta àquelle lugar os ardores do Carneyro, pelas quaes palavras mostra os excessivos trabalhos dos Portuguezes nesta viagem.

Veja-se o que escrevemos no canto terceyro, oytava.6.

68

SE com grandes presentes de alta estima
 O credito me pedês, do que digo,
 Eu não vim mais, que achar o estranho cima
 Onde a natura poz teu Reyno antigo:
 Mas se a fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne à minha patria, & Reyno antigo,
 Então verás o dom soberbo, & rico,
 Com que minha tornada certifico.

Se com grandes presentes. Como notamos neste canto, oytava 62. humia das cousas que movia a El-Rey de Calecut a lhe parecer, que a Embayxada de Vasco da Gama não era verdadeyra, & que a nossa gente não era de bom titulo, era ver que não lhe levavão algum grande presente: pelo que o Capitão môr se desculpa aqui de não ter corrido com a obrigação dos Principes da terra: & a principal; porque aquella viagem não fora a outro fim, se não a descobrir, & como não tinha certeza, do que na viagem lhe aconteceria; fora assim delarmado áquellas partes, mas que tornando a ellas corresponderia a perteytissimamente com sua obrigação, & estylo da terra.

69

SE te parece inopinado feyto,
 Que Rey da ultima Hesperia a ti me madae
 O coração sublime, o regio peyto,
 Nenhum caso possível tem por grande:
 Bem parece, que o nobre, & grão conceyto,
 Do Lusitano espirito demande
 Mayor credito, & se de mais alteza,
 Que crea delle tanta fortaleza.

Nenhum caso possível tem por grande. De gente de bayxos espiritos he, espantar-se de qualquer coula, & fazer grãdes escaresos, em qualquer novidade, pelo que o Poeta parece instar aqui o Rey de Calecut de pusillanime, pois não considera, que gente tão valerola, como os Portuguezes possessem commetter huma cousa possível.

70

SAbe, que ha muytos annos, que os antigos
 Reys nossos firmemente propuzerão
 De vencer os trabalhos, & perigos,
 Que sempre a grandes causas se opuzerão:
 E descobrindo os mares inimigos
 Do quieto descanso pertenderão
 De saber, que fim tinhão, & onde estavão.
 As derradeyras prayas, que lavavão.

Sabe que há muytos annos. Mostra o Capitão môr Valco da Gama como a razão de sua chegada a estas partes tão remotas, foy a inclinação natural dos Reys de Portugal, os quaes forão muyto afeyçoados sempre a conquistar Reynos estranhos, & descobrir mares nunca vistos, & quanto a esta materia de descobrir novos mares se deve muyto ao Infante Dom Henrique filho de El-Rey Dom João o primeyro de Boa memoria, o qual poz a primeyra pedra nesta obra, como fica dito, & se nota na oytava seguinte.

71

Conceyto digno foy de ramo claro,
 Do venturoso Rey, que arou primeyro
 O mar, por ir deytar do ninho caro
 O morador de Abila derradeyro:
 Este por sua industria, & engenho raro,
 Num madeyro ajuntando outro madeyro,
 Descobrir pode a parte, que faz clara
 De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, & da Ara

Conceyto digno foy do ramo claro. O primeyro que inventou a navegação do Oceano nestes Reynos, & que poz hombros a este descobrimento foy o Infante Dom Henrique filho terceyro d'El-Rey Dom João o primeyro de Boa memoria, que tomou a Cidade de Ceuta aos Mouros. Isto diz o Poeta nesta oytava, ainda que por termos elcuros para os que são pouco lidos, pelo que os declarou aqui. O Rey venturoso, que arou primeyro o mar, he El-Rey Dom João o primeyro, o qual para este effeyto de passar á Africa, foy o primeyro dos Reys de Portugal; que entrou no mar. O seu claro ramo, he teu filho o Infante Dom Henrique, que primeyro tratou destes descobrimentos como tratamos atrás, oytava 28. & 76. Abyla he a Cidade de Ceuta. A razão deste nome te veja no canto terceyro.

De Argos, da Idra a luz da lebre, & da ara. Por estas palavras mostra o Poeta como o Infante Dom Henrique foy o primeyro inventor destes descobrimentos, & como por tua ordem se descobrio aquella parte, que caye para o Sul, na qual estão estas constellações, que aqui poem Argos, Idra, Lebre, Ara: Destas, & quantas estrellas tenha cada húa tratta Higinio no fim do livro terceyro liv. 3. in fine alli se pôde ver.

72

CRecendo cos successos bons primeyros
 No peyto as ousadias descobrirão
 Pouco, & pouco caminhos estrangeyros,
 Que huns succedendo aos outros prosseguirão.
 De Africa os moradores derradeyros
 Austracs, que nunca as sete flamas virão.

Forão

Porão vislos de nós, atraz deyxando

Quantos istão os Tropicos queymando.

De Africa os moradores derradeyros. Diz nesta oytava, que neste profégimento dos descobrimentos, virão os nossos Portuguezes os derradeyros moradores de Africa, que caye ao Sul, como são os moradores do Cabo de Boa Esperança, & Moçambique; os quaes diz que não vem o Norte, que entendem pelas sete flamas; que he o sete estrello. E que deyxão atrás os queymados com os tropicos, que são os que morão na torrida Zona, por donde o Sol faz seu curso; quantos são os tropicos, & que gentes habitem a Zona torrida, leafe o que escrevemos no canto 3. oytava 6.

73

A *Ssi com fir me peyto, & com tamarbo*
Proposito vencemos a fortuna,
Até que nós no teu terre no estranho
Vimos por a ultima columna:
Rompenão a força do liquido estranho,
Da tempestade horrifica, & importuna,
Ati chegamos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso Rey de ti levemos.

Vimos por a ultima columna. Como Valco da Gama chegou a Calecut, determinou não passar adiante, nem descobrir mais terra; pois aquella era a verdadeyra terra da India, que buscava. Ultima columna diz aqui o Poeta, porque em todas as terras, que descobrirão, punhão huns padroens em memoria do descobrimento, que fazião, como se vé claramente pelos nossos Historiadores. E o derradeyro, que poz Valco da Gama nesta sua jornada, toy em Calecut, ao qual o Poeta por este respecto chama ultima columna. E assim lemos que fez Hercules, o qual poz dous padroens em Ceuta, & Gibraltar, dando a entender que alli se acabavão seus trabalhos, pelo que, se chamão aquelles lugares as columnas de Hercules.

Rompendo a força do liquido estagno. Liquido estagno, toma aqui o Poeta pelo mar; a imitação de Virgilio, & de outros Poetas.

74

E *Sta he a verdade, Rey, que não faria*
Por tão incerto bém tão fraco premio
Qual não sendo isto assi esperar podia,
Tão longo, tão fingido, & vão proemio:
Mas antes descansar me deyxaria
No nunca descansar, & fero gremio
Da Madre Thetis, qual pirata iniquo
Dos trabalhos alheos feyto rico.

Esta he a verdade Rey que não faria. Mostra Valco

da Gama tudo o que elle diz ser verdade, & não ser costario do mar, como os Mouros lhe punhão, porque se tal fora, tinha pouca necessidade de desembarcar em terra, & gastar tempo em palavras, coula tão desacostumada de gente que andaa roubar, os quaes não gattão seu tempo, se não no meyo do mar, asilando, & deltruindo tudo, o que achão.

Da madre Thetis. Theris dizião os antigos ser Deota do mar, & casada com o Oceano. Gremio do mar he o meyo d'elle, chamalhe o Poeta fero, & nunca descansa pelas grandes inquietações que nelle há continuamente.

75

A *Ssi que o Rey, se minba gram verdade*
Tens por qual he, sincera, & não dobrada
Ajuntame ao despacha breviaade,
Não me impidas o gosto da tornada,
E se inda te parece falsidade,
Cuyda bem na razão, que está provada,
Que com claro juizo pode ver-se,
Que facil he a verdade de entender-se.

Concluye Valco da Gama sua pratica, dizendo ao Rey, que o despache logo; pois já tem entendido, que lhe falla verdade: pelo costume que ella tem de se dar a conhecer a qualquer claro entendimento: quanto mais ao d'elle Rey, que era tão superior a todos os homens: & por esta via procurou de o persuadir a lhe dar credito: como aconteceu.

76

A *Tanto estava o Rey na segurança,*
Com que prevava o Gama o que dizia
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia;
Pondera das palavras a abastança,
Fulga na authoridade gram valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corrutos mal julgados

77

J *untamente a cobiça do perveyto*
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer, & ter respeyto
Co Capitão, & não co Mauro engano:
Em fim ao Gama manda, que direyto
Aas naos se vá, & seguro de algum dano,
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, & venda.

Juntaamente a cobiça. Como fica dito, este Rey era muyto cobiçoso, & grande amigo do interesse, pelo

pelo que tambem lhe parecia bem , o que dizia o Capitão mór , porque a cobiga o affeyçoava a isso, vindo, que do comercio, & amizade dos nossos, lhe relultaria algum proveyto , assim que por huma parte o interelle, por outra a legurança das palavras do Capitão mór o persuadiaõ cuydasse dos nossos dislerente do que os Mouros lhe diziaõ.

78

Que mande da fazenda em fim lhe mãda
Que nos Reynos Gangeticos faleça,
Se alguma traz idonea là da banda
Donde a terra se acaba, & o mar começa:
Já da real presença veneranda,
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação, que a sua estã de largo.

Que nos Reynos Gangeticos falleça. Movido El-Rey da cobiga determinou dar despacho a Vasco da Gama, & em principio mandoulhe que desembarcasse da fazenda que levava destas partes para lhe darem da terra. Reynos Gangeticos são Reynos da India, chamados assim do rio Ganges, que por elles passa.

Donde a terra se acaba, & o mar começa. Entende Portugal, a mais Occidental terra de toda Europa, donde começa o mar, & se acaba a terra, porque aqui he o fim da terra Occidental, como ficã dito no primeyro canto, oytava r.

79

Embarcação, que o leve às naos lhe pede
Mas o mao Regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças, & embaraços;
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos regios paços,
Onde sem que seu Rey tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

Lhe machinava. Machinar he palavra Latina, quer dizer ordenar, & tecer, o Catual tobornado pelos Mouros procurava destruir os Portuguezes, pelo que o entretinha, & não lhe queria dar embarcação para ir a armada, antes o importunava a mandasse chegar a terra, para desta maneyra fazer mais livremente o que desejava.

80

La bem longe, lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse,
Ou que para a luz crastina do dia
Futuro, sua partida differice:

Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na matenção dos mouros torpe, & fera,
O que delle até li não entendera

O que delle atelli não entendera. Do modo, & dilacões, com que o Catual trattava Vasco da Gama, veyo a entender delle, o que até então não presumira, que era querello destruir, por estar tobornado, & peytado grandemente dos Mouros.

81

Era este Catual hum dos, que estavam
Corrutos pela Mahometana gente,
O principal, por quem se governavão
As Cidades do Samoripotente:
Delle sòmente os Mouros esperavão
Effeytos a seus enganos torpemente,
Elle, que no conceito vil conspira,
De suas esperanças não delira.

Samorim potente. Samorim, como fica dito, he o nome do Emperador do Reyno do Malavar.

Que no concerto vil conspira. Conspirar he palavra Latina, entre outras significações, que tem, quer dizer, fazer conjuração para fazer mala alguém, como o Catual de Calecut trattava com os Mouros, que era destruir os Portuguezes. Gente Mahometana, he gente, que segue a Mafoma, que são os Mouros.

De suas esperanças não delira. Delirar he tambem vocabulo Latino, quer dizer desvariar, & perder o tino: aqui quer dizer desconfiar: como se differa, que o Catual não desconfiava de alcançar o que esperava, que era a nossa destruição.

82

OGama com instancia lhe requere
Que o mãda pòr nas naos, & não lhe val
E que assi lho mandãra, lhe refere,
O nobre successor de Pirimal:
Porque razão lhe impede, & lhe differe,
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo, que os Reys já tem mandado,
Não pôde ser por outrem derogado.

O nobre successor do Perimal. Este Perimal como fica dito, foy o que dividio o Reyno de Malavar em tres partes, fazendo tres Reynos do Malavar, sendo antes hum só: & mandado que hum seu sobrinho a quem deu Calecut, se chamasse Samorim, para que os outros dous Reys. i. de Cananor, & Coulaõ lhe obedecessem. Successor de Perimal, he o Samorim Rey de Calecut.

83

Pouco obedece o Catual corruto
 A taes palavras, antes revolvendo
 Na fantasia algum sutil, & astuto
 Engano, diabolico, & estupendo:
 Ou como banhar possa o ferro bruto,
 No sangue aborrecido, estãva vendo,
 Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
 Porque nenhuma à patria mais tornasse.

No sangue aborrecido. No sangue de Vasco da Gama, ao qual por muytas vezes pretendeo, & desejou matar, & não o effeytuou, porque lhe não bastou o animo, o que o Poeta vay contando muyto claramente por estas oytavas.

84

Que nenhum torne à patria só pertende
 O conselho infernal dos Mahometanos
 Porque não sabia nunca onde se estende
 A terra Eoa o Rey dos Lusitanos:
 Não parte o Gama em fim, que lho defende
 O Regedor dos Barbaros profanos,
 Nem sem licença sua ir se podia,
 Que as almadias todãs lhe tolhia.

A terra Eoa. Eoos he palavra Grega, quer dizer aurora, da qui terra Eoa, he terra Oriental.

85

Aos brados, & razoões do Capitão
 Responde o idolatra, que mandasse
 Chegar à terra as naos, que longe estão,
 Porque melhor dali fosse, & tornasse:
 Sinal he de inimigo, & de ladrão,
 Que là tão longe a frota se alargasse,
 Lhe diz, porque do certo, & fido amigo,
 He não temer do seu nenhum perigo.

Responde o Idolatra. Por Idolatra entende aqui o Poeta o Catual Gentio pelos idolos, & invenções, que esta gente adora. Este dizia a Vasco da Gama, que era costume dos que alli vinhão varar seus navios em terra, o que elle não fizera, antes os tinha tanto ao mar, que era sinal de pouca fidelidade, & amor: & que dalli colligia ser gente de rapina.

86

Nestas palavras o discreto Gama,
 Enxerga bem, que as naos deseja, perto
 O Catual, porque com ferro, & flama
 Lhas assalte, por odio descuberto:

Em varios pensamentos se derrama,
 Fantasiao está remedio certo,
 Que desse a quanto mal se lhe ordenava,
 Tudo temia, tudo em fim cuydava.

Tudo temia, tudo em fim cuydava. Como Capitão prudente, & amigo de tua armada, porque quem ama, vive em continuo medo, & cuydado. Donde disse Ovidio na carta de Penelope a Ulytes, definindo o amor. *Res est solliciti plena timoris amor.* O amor he hum medo continuo, quem ama, tudo teme. E Alciato: *Est nigro punica glans clypeo.* Alegria em campo negro pelos delgoftos, & sobrefaltos, que tem este pequeno gofto de amor. Mas nos trabalhos, & enfadamentos alegria, como fica notado no canto terceyro, oytava 120.

87

Qual o reflexo lume do polido
 Espelho de aço, ou de christal sermoso,
 Que do rayo solar sendo ferido,
 Vay ferir noutra parte luminoso:
 E sendo da ociosa mão movido,
 Pela casa do moço curioso,
 Anda pelas paredes, & telhado,
 Tremulo aqui, & alli deffo segado,

Qual o reflexo lume. Por esta comparação mostra o cuydado, & inquietação de animo em que estava o Capitão mór Vasco da Gama fantasiando, & revolvendo consigo o que faria: como succede em hum espelho de aço, que ferido dos raios do Sol, nunca seu lume aquieta.

88

Talo vago juizo flutuava
 Do Gama preso, quando lhe lembrãra
 Coelho se por caso o esperava
 Na praya cos bateis como ordenãra;
 Logo secretamente lhe mandava
 Que se tornasse à frota, que deyxãra,
 Não fosse salteado dos enganos,
 Que esperava dos feros Mahometanos.

Coelho. Este he Nicolao Coelho Capitão de hum dos Navios da conserva dos de Vasco da Gama, ao qual tinha mādado o esperasse na praya, mas com este novo successo da determinação, que entendo no Catual, o mandou secretamente avitar se tornasse para a armada, como se pedem ver todas estas coulas em Joã de Barros na primeyra Decada liv. 4. c. 9. & 10.

89

TAlha de ser, quem quer co dom de Marte
 Imitar os illustres, & iguallalos
 Voar co pensamento a toda a parte,
 Adivinhar perigos, & evitalos;
 Com militar engano, & sutil arte,
 Entender os inimigos, & enganalos
 Crer tudo em fim. Que nunca louvarey
 O Capitão, que diga não cuydey.

Dom de Marte. Dom de Marte he ser hum homem Cavalleyro, & nas cousas da guerra ardiloso, o qual fingem os Poetas, que toy Marte, pelo que os antigos o tinhão por Deos da guerra.

Que nunca louvarey. O homem avitado ha de cuydar, que tudo póde ser, & neste modo crer tudo: porque a mayor ignorancia, que há no mundo, he dizer, não cuydey, não me pareceo. Donde disse Cicero: *Inspientis est dicere non putaram*, he de homem de pouco faber dizer, não cuydey. He tambem obrigação de homem prudente, acertar com muytas cousas: donde veyo aquelle dito excellente, & certo: *Sapiens divinat*, o Sabio adivinha.

90

Insiste o Malabar em telo preso,
 Senão manda chegar à terra a armada,
 Elle costante, & de ira nobre aceso,
 Os ameaços seus não teme nada;
 Que antes quer sobre si tomar o peso
 De quanto mal a vil malicia cusada,
 Lhe andar armando, que por em ventura
 Afrota de seu Rey, que tem segura.

Que tem segura. Porque estava ao largo, aonde lhe não podiaõ os Mouros prejudicar.

91

AQuella noyte esteve alli detido,
 E parte do outro dia, quando ordena,
 De se tornar ao Rey, mas impedido
 Foy da guarda, que tinha não pequena,
 Cometelhe o gentio outro partido,
 Temendo de seu Rey castigo, ou pena
 Se sabe esta malicia, a qual ainha,
 Saber à se mais tempo alli o detinha.

Mas impedido foy da guarda. O Catual entreteve a Vasco da Gama huma noyte, & hum dia, para ver se por este modo podia fazer, que chegasse a armada a terra, o que o Capitão mór nunca quiz, antes determinou queyxarse a El-Rey de Calecut, & darlhe conta do aggravo, que o Catual lhe

fazia, o qual buscou logo remedio para não ser tentido, nem sabido de El-Rey, o que tinha feyto a Vasco da Gama, como se tratta na oytava seguinte.

92

Dizlhe, que mande vir toda a fazenda
 Vendivel, que trazia para a terra,
 Para que devagar se troque, & venda,
 Que quem não quer comercio, busca guerra:
 Posto que os maos propositos entenda
 O Gama, que a danado peyto encerra,
 Consente, porque sabe por verdade
 Que compra cõ a fazenda a liberdade,

Que quem nãa quer comercios busca guerra. Todos os meos buscou este Catual, para fazer mal aos nossos, mas nunca pode levar a sua a nos, porque a prudencia de Vasco da Gama era grande, & sabia tratar suas cousas de maneyra, que não perigassem.

93

Concertaõse, que o negro mande dar
 Em barçaõs idoneas, com que venha,
 Que os seus bateis não quer a venturar,
 Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
 Partem as almadias a buscar
 Mercadoria Ispania, que convenha,
 Escreve a seu irmãos, que lhe mandasse,
 A fazenda, com que se resgatasse.

94

Vem a fazenda à terra aonde lozo
 A agasalhou o infame Catual;
 Com ella fica Alvaro, & Diogo,
 Que a pudessem vender, pelo que val:
 Se mais, que obrigação, que mando, & rogo,
 No peyto vilõ premio póde, & val,
 Bem o mostra o Gentio, a quem o entenda
 Pois o Gama soltou pela fazenda.

Com ella ficaõ Alvaro, & Diogo. Estes eraõ Alvaro de Braga, & Diogo Dias, que ficaraõ em terra para effeyto de vender a fazenda, como feytores.

95

Por ella o solta, crendo que alli tinha
 Penhor bastante, donde recebesse
 Interesse mayor, do que lhe vinha,
 Se o Capitão mais tempo detivesse:
 Elle vendo que já lhe não convinha
 Tornar à terra porque não pudesse
 Ser mais retido, sendo às naos chegado,
 Nellas estar se deyxã descançado.

Hh

Nas

N As naos estar se deyx a vagarofo,
 Atè ver o que o tempo lhe descobre,
 Que não se fia já do cobiçoso
 Regeador corrompido, & pouco nobre.
 Veja agora o juizo curioso,
 Quanto no rico, assi como no pobre
 Pòde o vil interesse, & sede inimiga
 Do dinbeyro, que a tuão nós obriga.

27

A Polidoro mata o Rey Threicio:
 Entra pelo fortissimo edificio,
 Com a filha de Acrisio a chuva de ouro:
 Pòde tanto em Tarpaya o avaro vicio,
 Que a troco do metal luzente, & louro
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Da qual quasi afogada em pago morre.

A Polydoro. Mostra com alguns exemplos, quã-
 tos males o ouro faz fazer aos homens. Esta histo-
 ria de Polidoro conta largamente Virgilio na lua
 Eneida liv. 3. com tudo a porey aqui brevemente
 para os que não sabem Latim. Estando Troya cer-
 cada dos Gregos, vendo Priamo seu Rey o aperto
 em que estava, & como legundo os fins da guerra
 são incertos, podia vir a dar em algum grande tra-
 balho, sendo Troya tomada dos Gentios. Juntou
 huma grande quantidade de ouro, & com elle
 mandou hum filho seu por nome Polydoro a casa
 de Polimnestor Rey de Thracia seu grande ami-
 go, para que por meyo deste moço sendo Troya
 destruhida viesse em algum tempo a poder dos
 Troyanos, & podessem as cousas ter algum reme-
 dio. Polymnestor como vio o successo de Troya
 com a cobiça do ouro, matou o moço Polydoro,
 & tomoulhe as riquezas, que seu pay lhe havia da-
 do. Rey Treicio quer dizer Rey de Thracia. Não
 he nome proprio como alguns cuydaõ, & comen-
 tão. Mas he nome geral de Threicius, a, um, por cau-
 sa de Thracia, daqui Rey Threicio Rey de Thra-
 cia. Digo isto porque li huma annotação sobre este
 lugar, em que fazia Threicio nome proprio. *Entra
 pelo fortissimo edificio com a filha de Acrisio a chuva de
 ouro.* Contão as fabulas que Acrisio Rey dos Argi-
 vos, querendo ter sua filha Danae recolhida, &
 guardada, a meteo em huma torre muyto forte,

que querem alguns, que fosse de metal, mas nem
 isso lhe valeo. Ovidio conta esta fabula nas Meta-
 morphoses liv. 4. *Pode tanto em Tarpea.* Tarpeia foy
 huma donizella filha de Tarpeio Romano, ao qual
 Romulo primeyro Rey dos Romanos, tendo guer-
 ra com os Sabinos fez Alcaide mór da fortaleza
 de Roma, cõmo conta Plutarcho na vida de Ro-
 mulo. Esta Tarpeia com cobiça de humas mani-
 lhas de ouro, que os Sabinos lhe prometeraõ, deu
 ordem para entrarem no Castello. Mas sabiolhe ao
 revez do que ella esperava, porque em lugar de
 manilhas lhe deraõ a morte. E de seu nome se cha-
 ma hoje em dia o Castello monte Tarpéyo, entre
 os Autores donde disse Propercio no teu livro das
 Elégias liv. 4. Elegia 4.

*Tarpeiam nen ui, & Tarpeia turpe sepulchrum
 Faber, & antiqui limina capta lovis.*

Trattarcy aqui do monte Tarpeio, & da infame se-
 pultura de Tarpeia, & da casa do antigo Jupiter.
 Hoje se chama este monte em vulgar Campidoglio:
 todas as mais cousas destas oytavas sobre o
 interesse estão claras.

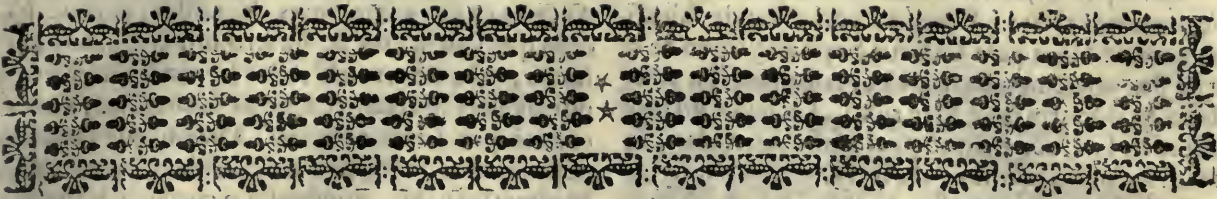
98

E Ste rende munidas fortalezas,
 Faz treydores, & falsos os amigos,
 E entrega Capitaens aos inimigos:
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 Este corrompe virginaes purezas,
 Sem temer de honra, ou fama alguns perigos,
 Este deprava às vezes as sciencias,
 Os juizos cegando, & as consciencias.

Este rende munidas fortalezas. Munidas vem de
 munitus, palavra Latina, que significa cousa forte,
 & guarnecida de todos os petrechos necessários
 para sua segurança, & guarda.

99

E Ste interpreta mais, que sutilmente
 Os textos, este faz, & desfaz leys,
 Este causa os prejuizos entre agente,
 É mil vezes trãnos torna os Reys:
 Atè os que só a Deos Omnipotente
 Se dedicão, mil vezes ouvireis,
 Que corrompe este encantador, & illude,
 Mas não sem cor com tudo de virtude.



OS LUSIADAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Parte de Calecut o Lusitano,
 Com as alegres novas do Oriente,
 E no meyo do tumido Oceano,
 Venus lhe mostra huma Infula excellente:
 Aqui de todo bem sofrido dano,
 Acha repouso affaz conveniente,
 E com Nymphas gentis o mais do dia
 Em festas passa, & jogos de alegria.

CANTO NONO.

Parte Vasco da Gama com sua armada de Calecut, informado por Monçayde da determinação dos Mouros. Leva-o Venus a huma Ilha, a qual o Poeta aqui finge muyto fertil, & aprazivel: aonde juntamente as Nymphas fizeraõ muyto gazalhado, & festa aos Portuguezes.

I

T Iverão longamente na Cidade,
 Sem vender se a fazêda, os dous feytores,
 Que os infieis por manha, & falsidade,
 Fazem, que não lha comprê mercadores:
 Que todo seu proposito, & vontade
 Era de ter alli os descubridores
 Da India, tanto tompo, que viessem
 De Meca as naos, que as suas des fizessem.

2

L A no seyo Eritreo, onde fundada
 Arsinoe foy do Eglycio Ptolomeu,
 Do nome da irmãa sua assi chamada,
 Que depois em suez se converteu:
 Não longe o porto jaz da nomeada
 Cidade Meca, que se engranaeceu
 Com a suprestição falsa, & profana,
 Da religioja agoa Mahometana.

Lá no feyo Erythreo. Nestas tres oytavas, que se seguem nos tratta o Poeta do porto donde sahiao as naos de Meca para Calecut. Seyo Erythreo he o que por outro nome chamao os Autores feyo Arabico, & vulgarmente Mar roxo: Os seyo do mar a que os Latinos chamao *sinus*, saõ as entradas; & sahidas, que o mar faz pela terra; as quaes muytas vezes saõ muyto grandes, como he o graõ feyo Persico, Gangetico, Adriatico, este Erythreo de que fallamos, & outros muytos. Chamou se assim este Erythreo, ou de hum Rey, que assim se chamava naquellas partes, filho de Perseo, & Andromeda, como diz Solino no seu Polyhistor: ou da cor da agua, daquella paragem, que parece roxa, que isto quer dizer a palavra no Grego. Chamase feyo Arabico, como fica dito, por estar na costa de Arabia deserta. O primeyro lugar desta costa na entrada do mar roxo he hum pequeno, de que aqui falla o Poeta, por nome Suez, posto em altura do Norte vinte & nove graos & tres quartos, habitado somente de gente bayxã, & trabalhadores, os quaes estão alli para fazerem ao Turco as embarcaçoens necessarias para a India. Este Suez foy chamado antigamente Arfinoe, do nome de huma filha de Ptolomeo Rey do Egypto, que o fundou, ainda que, o Poeta quer aqui que fosse irmã.

Não longe o porto jaz. Perto deste lugar Suez na costa de Arabia está a Cidade de Judá, a que o Poeta aqui chama Gida, como lhe chamao outros muytos, a qual Judá he o porto da Cidade de Meca, distante della pelo terço dentro por espaço de quinze legoas. He esta Cidade de Judá de grande tratto, & commercio, & a mais nobre povoação que há em toda aquella costa de Arabia dentro no estreito, ainda que nos Edificios, he de pouca importancia. *Da religiosa agua.* Quer João de Barros, & outros, que o corpo de Mafamede esteja em Meca. A verdade he que está em hum lugar chamado Medinathalhabi, como fica dito, nem sua sepultura está no ar, rodeada de pedras de cevar, como outros querem. Os que escrevem estas coulas, souberão nas por alguma falta enformação, porque nem Mafamede está em Meca, nem sepultado da maneyra, que elles cuydaõ, antes está em Medinathalhabi quasi enterrado no chaõ, como dizem muytos, que o viraõ, & se pôde ver em Ludovico Romano na sua navegação. André, Corsalo, Duarte Barbosa Portuguez, & outros muytos, que estas coulas sabem de raiz. Affonso de Albuquerque. O que Meca tem em si, & a causa porque os Mouros concorrem a ella, he por amor de hum poço, que está em huma Mesquita da mesma Cidade, com cuja agua dizem, que se lavava Mafoma, & cuydaõ elles que só este lavatorio basta para se salvarem, pelo que de diferentes partes, & muyto remotas vão alli lavar se com aquella agua, & a levaõ em arredomas, tendo nella a fe, que tenho dito. Isto he o que leva os Mouros a Meca, & assim o sente aqui o Poeta, & não estar aqui sepultado Mafoma. A Cidade de Meca, he huma gran-

de, & fermola povoação, a qual terá seis mil fogos. As casas como as melhores das nossas, porque há casas que valem tres & quatro mil cruzados cada huma, não he cercada, mas terveilha de muros humas muyto altas, & asperas montanhas, que a rodeaõ por todas as partes: Dizem que lançou, nosso Senhor maldição a esta Cidade como a de Medinathalhabi, aonde está o corpo de Mafoma, porque não produzem os campos herba, nem tem arvore alguma, nem coula boa, & tem tanta falta de agua, que não há pessoa que se farte della, & o que quizesse attentar isto lhe custaria muyto caro. Todo o necessario lhe vem de Arabia, & Ethiopia, terras vezinhas, porque ella de seu, não tem outra cousa senão aquelle maldito poço, com cuja agua se lavaõ os Mouros, que vão da India, Ethiopia, Africa, Egypto, & outras muytas partes.

3

G *Idã se chama o porto, aonde o trato
De todo o roxo mar, mais florecia,
De que tinha proveyt o grande, & grato
O Soldaõ, que esse Reyno possuia:
Daqui dos Malabares, por contrato
Dos infieis, fermosa companhia
De grandes naos, pelo Indico O cceano,
Especiaria vem buscar cada anno.*

Giddã. Deste porto sahiao as naos de Meca para a India, & por estas esperavão os Mouros de Calecut, para com sua ajuda fazerem mal aos nossos, se puderaõ, como diz o Poeta na oytava que aqui se segue.

Soldaõ. Este he o titulo dos Reys do Egypto: quer dizer graõ Senhor: hoje he tudo fugeyto ao Turco.

4

P *Or estas naos os Mouros esperavaõ
Que como fossem grandes, & possantes
Aquelles, que o comercio lhe tomavaõ,
Com flamas abrasassem crepitantes
Neste socorro tanto confiavaõ,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.*

Com flammã abrasassem crepitantes. Flammã crepitantes, fogos que estalaõ, & fazem rogado quando ardem. He epitheto proprio do fogo, quando dá em lenha verde, principalmête em vita.

M *As o Governador dos Ceos, & gentes,
Que para quanto tem determinado,*

De

*De longe os meijos dá convenientes,
Por onde vem a effeytos o fim fadado:
Influiu piedosos accidentes,
De affeyção em Monçayde, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraíso.*

Mas o Governador. Como a vontade de Deos Omnipotentê era vir ao effeyto á pretensão dos Portuguezes, para gloria, & honra lua, & extirpação de idolatrias dos Reys da India, não permitio, que houvesse cousa, que estorvasse huma obra tão heroyca, & importante, pelo que foy tervido q̄ se achava naquellas partes hum Mouro por nome Monçayde, que alli aportara dos Reynos de Fez, o qual se affeyçou aos nosos, & lhe descubrio os intentos danados dos Mouros, como aqui conta o Poeta muyto claramente.

6

E *Ste, de quem se os Mouros não guardavão
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavão
A tenção lhe descobre torpe, & fera:
Muytas vezes às naos, que longe estavão,
Visita, & com piedade considera
O dano, & sem razão, que se lhe ordena
Pella maligna gente Sarracena.*

Este de quem se os Mouros não guardavão. Os Mouros tinhão dado conta de lua determinação a Monçayde, de que acima trattámos, o qual descubrio tudo ao Capitão mór Vasco da Gama. Gente Sarracena são os Mouros, vejate o que notámos no canto primeyro, oytava 8.

7

I *nforna o cauto Gama das armadas,
Que da Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Dizlhe, que vem de gente carregadas,
Edos trovões horrendos de Vulcano,
E que pôde ser dellas o opprimido,
Segundo estava malapercebido.*

Que da Arabica Meca. Chamale a Cidade de Meca Arabica, por estar na terra de Arabia deserta.

Trovões horrendos de Vulcano. Vulcano como fica dito em muytas partes destes cantos tinhão os Antigos por Deos do fogo: & dizião que era Ferreyro de Jupiter seu pay, & que lhe fazia os rayos. Pelo que tomase pelo mesmo fogo. Daqui trovões horrendos de Vulcano, são os tiros de artilharia.

8

O *Gama, que tambem considerava
O tempo, que para apartida o chama
E que despacho já não esperava
Melhor do Rey, que os Mabomtanos ama:
Aos feytores, que em terra estão, mandava,
Que setornem às naos, & porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhes manda, que a fizessem escondida.*

Do Rey que os Mabometanos ama. Era o Samorim de Calecut amigo dos Mouros, pelas peytas, & presentes, que lhe mandavão, como fica dito por muytas vezes.

9

P *Orêm não tardou muyto, que voando
Hum rumor não fossem comverdade,
Que forão presos os feytores, quando
Forão sentidos virse da Cidade:
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, combrevidade
Faz represaria nuns, que às naos vierão
A vender pedraria, que troxerão.*

Que forão presos os feytores. O Capitão mór Vasco da Gama tinha em terra, para feytorizar a fazenda que tinha em Calecut, dous feytores, Alvaro de Braga, Diogo Dias, & Fernão Martins lingua, com outros quatro homens para os servirem, & ajudarem, Os quaes como tivessem recado secreto do Capitão mór para se recolher para a armada, sendo sentido isto dos Mouros, lançaraõ mão delles, & detiveraõnos: & lá ficaraõ para sempre, se Vasco da Gama não usara de hum ardil, o qual foy fazer represa em alguns homens de Calecut principaes, que forão negociar á armada, com os quaes fingio dar a vella, para lhe tornarem os sette, que lhe ficavaõ em terra, como lhôs tornaraõ logo.

10

E *Raõ estes antigos mercadores,
Ricos em Calecut, & conecidos,
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foy, que estão no mar retidos;
Mas já nas naos os bons trabalhadores
Volve o cabrestante, & repartidos
Pello trabalho, huns puxaõ pella amarra,
Outros quebraõ copeyto duro a barra.*

11

O *Utros pendem da verga, & já desataão
A vella, que com grita se soltava,*

Quando

Quando com mayor grita ao Rey relatã
 A pressa, com que a armada se levava:
 As molheres, & filhos, que se mataõ
 Daquelles, que vãõ presos, aonde estava
 O Samori, se quexãõ, que perdidos
 Huns tem os Pays, as outras os maridos

12

M Anda logo os feytores Lusitanos,
 Com toda sua fazenda livremente,
 Apesar dos imigõs Mabometanos,
 Porque lhe torne a sua presa gente:
 Disculpas manda o Rey de seus enganõs,
 Recebe o Capitão de melhor mente
 Os presos, que as disculpas, & tomando
 Alguns negros, se parte, as vellas dando.

13

P Arte se costã abayxo, porque entende
 Que em vãõ co Rey gentio trabalhava,
 Em querer delle paz, a qual pertende
 Por tomar o comercio, que tratava:
 Mas como aquella terra, que se estende
 Pella Aurora sabida já deyxava,
 Com estas novas torna à patria cara,
 Certos sinaes levando, do que achãra.

Pela aurora já sabida. Pelas partes do Oriente descubertas, porque aurora, quer dizer Oriente.

14

L Eva alguns Malabares, que tomou
 Por força, dos que o Samori mandãra
 Quando os presos feytores lhe tornou,
 Leva pimenta ardente, que comprãra:
 A seca flor de Banda não ficou,
 A Noz, & o negro Cravo, que faz clara
 Anova Ilha Maluco, co a Canella,
 Com que Ceylão he rica, illustre, & bella.

A seca, flor de Banda não ficou. De bayxo deste nome Banda se encerraõ cinco Ilhas, chamadas Banda, habitadas de Mouros, & Gentios, entre a Jaoa, & Maluco: hã nestas Ilhas muyta noz mofcada em humas arvores como louros. A fruyta destas arvores he a noz, & a massa que chamamos he como flor da mesma noz. Esta massa he humas das melhores drogas, que vem a este Reyno, he muyto presada, lã, & cã, & da noz hã tanta quantidade, que se acendem o fogo com ella. O negro cravo. Além destas cinco Ilhas estãõ outras cinco mais contra o Norte, chamadas de Maluco, nestas Ilhas se dã o cravo em humas arvores como lou-

ros, as quaes tem as folhas como de Medronho. E o cravo nace em pinhas como flor de laranja, ou de madre tylda. Este cravo no principio he verde, depois se faz branco, & depois de muyto maduro vermelho muyto fino: como estã maduro se colhe à mãõ, entãõ o poem a secar ao Sol, aonde se faz preto, como o cã vemos, vejase destas drogas Christoval da Costa no livro que fez dellas cap. 3. & 4. Hã tanta abundancia delle nestas Ilhas, que nãõ o pòdem apanhar, nem despender.

Com a canella, com que Ceylão he rica illustre, & bella. De Ceylão fica tratado no canto 1. oytava 1. vejase o mesmo Christovãõ da Costa cap. 1. que melhor que todos os Escritores trattou estas coulas, como testemunha de vista, debuxandõas ao natural excellentemente.

15

I Sto tudo lhe houvera a diligencia
 De Monçayde fiel, que tambem leva,
 Que inspirado de Angelica influencia,
 Quer no livro de Christo, que se escreva:
 O ditoso Africano, que a clemencia
 Divina assi tirou de escura treva,
 E tam longe da patria achou maneyra
 Para subir à patria verdadeyra.

De Monçayde fiel. Já fica dito largamente a fidelidade, & amor com que Monçayde Mouro de Africa trattou os nossos, & como se embarcou com elles para este Reyno, & se baptizou, & viveo, & morreo, como muyto bom Christãõ, que he o que aqui o Poeta diz nesta oytava.

16

A Partadas assi da ardente cõsta,
 As venturosas naos levãõ a proa
 Para onde a natureza tinha pôsta
 A meta Austrina da esperança boa.
 Levãõ alegres novas, & reposta
 Da parte Oriental para Lisboa,
 Outra vez cometendo os duros medos
 Do mar incerto, timidos, & ledos.

Meta Austrina da esperança boa. Conta o Poeta como os Portuguezes deraõ á vella para Portugal, pondo a proa para o Cabo de Boa esperança, a que chama Meta Austrina, que quer dizer termino, & limite do Austro, que he o Sul, no qual termino, & fim jaz este tão nomeado Cabo. Timidos, & ledos. Os homens que navegaõ, tem as propriedades dos que amaõ, os quaes em seus trabalhos, & inquietações trazem hum alvorço, & alegria, que lhe faz sofrer os perigos, & enfadamentos facilmente. Por esta razão diz aqui o Poeta, que os Portuguezes hãõ medrosos, & ledos.

17

O Prazer de chegar á patria cara,
A seus penates caros, & parentes,
Para contar a peregrina, & rara
Navegação, os varios Ceos, & gentes:
Vir a lograr o premio, que ganhára
Por tão longos trabalhos, & accidentes,
Cada hum o tem por gosto tão perfeyto,
Que o coração para elle he vaso estreyto.

A seus Penates caros. As suas casas amadas. Penates entre os antigos eraõ os principaes dos seus ídolos, chamados assim, como diz Macrobio, porque por elles fingem que vivião, & possuíaõ as forças do corpo, & alma: & por isto os tinhaõ dentro em casa: chamandolhe Penates, como quer Tullio liv. 2. de Natura Deorum, dizendo que se chama assim: *Quod penes nos nati sunt.* Vejão os curiosos Alexander ab Alexandro liv. 6. genial. diel.

18

Porém a Deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos,
Do Padre Eterno, & por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos:
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava já ordenando, & pertendia
Dar lhe nõs mares tristes, alegria.

Porém a Deosa Cypria. Esta he Venus amiga dos Portuguezes, chamale assim de Cyprio, ilha, aonde era venerada. *E por bom genio dada.* Os antigos chamão Deos geniaes, á agua, terra, fogo, & ar, & acrescentavão o Sol, & Lua, por terem os principios da geração das coulas: & a estes nos dias de seus nascimentos fazião grandès festas. Empedocles disse, que em hum homem nascendo, lhe eraõ dados dous genios, hum bom, que o guardasse, & outro mau que o perseguisse: Dõde alguns interpretaõ a boa, ou má fortuna, que tem cada hum, que he o que o Poeta aqui diz, que a Venus era dada do Ceo por bom genio, como se dislera para ajuda, & favor dos Portuguezes. Dos genios, & variedade dos antigos nesta parte, se veja Alexandre no lugar allegado na annotação acima.

19

Depois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegarão
Os trabalhos, que pelo Deos nacido,
Nas Anfitoneas Thebas, se causarão:

Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passarão,
Buscar lhe algum deleyte, algum de sãço
No Reyno de cristal liquido, & manço

Nas Anphioneas Thebas. Amphion Rey de Thebas foy grande musico, & tanto que se escreve delie, que tocando a sua viola, & cantando a ella se levantavão as coufas intenfiveis, como pedras, paos, & outras semelhantes, & o seguiuõ, & que desta maneyra ajuntou a pedra, com que fez os muros a Thebas, a qual por esta razão se chama entre os Poetas Amphionca, como aqui lhe chama o Poeta. Esta Thebas he em Boecia Região de Grecia, & chamase hoje Estybres. Nesta Cidade he opiniaõ de muytos, que naceo Baccho, o qual tecia tantos enganos, & causava tantos trabalhos aos Portuguezes. *No Reyno de Cristal liquido, & manso.* Por Reyno de cristal liquido, entende o mar, ao qual chama manço, que ainda que de sua natureza seja turioso, & bravo, havião os Portuguezes de achar descanso, & quietação nelle.

20

Algum repouso em fim, com que pudesse
Refucilar a lassa-humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Dos trabalhos, que incurta a brevidade:
Parece lhe razão, que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os Deoses faz decer ao vil terreno,
E os humanos subir ao Ceo sereno.

Refucillar. Recrear. *Do trabalho que incurta a brevidade.* Os trabalhos, & desgostos encurtão a vida: & pelo contrario os gostos, & passatempõs, a estendem, & dilatão: pelo que os antigos pintavão a Apollo, que elles tinhaõ por Idolo da Musica, & a Baccho do vinho, ambos mancebos sem barba, como se pôde ver nos Emblemas de Alciato, Emblema 99.

Parece lhe rezão que conta desse a seu filho. Como Venus determinou fazer algum gazalhado aos Portuguezes, & dar lhe algum descanso, com que se repayrassem, & recreassem algum tanto dos trabalhos do mar, pareceo lhe ter bem dar conta desta sua determinação a Cupido seu filho, & pois era poderoso no Ceo, & terra, como o Poeta aqui diz, & por este respeyto necessario para o gazalhado, que ella procurava fazer aos Portuguezes.

Isto bem revolvido, determina
Deter lhe a parelhada là no meyo
Das agoas, alguma Insula divina
Oruada de esmaltado, & verde arreyo:

Que

*Que muytas tem no Reyno, que confina
Da máy primeyra c'õo terreno feyo,
A fóra as que possui soberanas,
Paradentro das portas Herculanãs.*

Da primeyra c'õo o terreno feyo. Assim fez Luis de Camões este verso, & não como anda impresso: dá máy primeyra c'õo o terreno feyo: que foy acréscimento da Syllaba máy, por crearem, que faltava ao verso, o que não he. Nem a palavra máy naquella lugar quer dizer, coula que satisfaça: quando as tyllabas da palavra primeyra tem quatro vogaes. E ainda que o ay seja diphtongo, & se tome por huma tyllaba só, costumaõ os Poetas dividilos. E assim o ouyi a Luis de Camões: os que quiterem que errasse Luis de Camões, fação o verso desta maneyra: com o terreno feyo.

Das portas Herculanãs. No mar Mediterraneo do estreyto de Gibraltar para dentro, como Papho, Guido, Chipre, Cythera, de cujos nomes se chama Paphia, Gnidia, Cypria, & Cytherea. Chama-se este estreyto Portas de Hercules, ou columnas de Hercules, porque neste lugar poz duas, como fim de seus trabalhos, fingindo que partira pelo meyo dous montes, & fazendo que o mar passasse por alli, levando seu curto por outra parte, como fica dito no terceyro canto, oytava 8. & 76.

A Lli quer, que as aquaticas donzellas
Esperem os forssimos varoens,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos coraçõens;
Com danças, & coreas, porque nellas
Influirã secretas affeyçoens,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar, a quem se affeyçoarem.

Aquaticas donzellas. Nymphas, & donzellas moradores nas aguas, como as filhas de Nereo, a que os Poetas chamão Nereidas: & outras de que os Poetas trãtão em suas fabulas.

T Al manha buscou já, para que aquelle,
Que de Anchises pario, bem recebido
Fesse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço por sutil partido:
Seu filho vay buscar, porque só nelle
Tem todo seu poder (fero Cupido)
Que assi como naquella empresa antiga
A ajudou já, nestoutra a ajude, & siga.

Tal manha já buscou. O modo que teve Venus para affeyçoar as Nymphas aos Portuguezes, foy o que teve para que Elysa Dido Raynha de Car-

thago quizesse bem a seu filho Eneas, que foy mandar seu filho Cupido em habito, & figura de Alcaino, filho de Eneas, para desta maneyra affeyçoar Elysa Dido a Eneas, como conta Virgilio na sua Eneida liv. I. in fine.

O Campo, que a bovina pelle tomou. He o campo da Cidade Carthago em Africa, contão as fabulas, que sendo casada Elysa Dido com Sicheo Rey de Phenicia, seu irmão Pigmaliaõ matou a Sycheo, com cobiça dos thesouros grandes, que tinha. Elysa Dido foy avitada por seu marido morto, que se fosse daquella terra, porque assim como Pigmaliaõ o matara a elle, a havia de matar a ella. Elysa ajuntou a mais riqueza, & gente que pode, & meteo-se em huma nao, na qual foy aportar a Africa, & alli se concertou com El-Rey Hyarbas lhe desse a terra que hum couro de boy feyto em tiras occupasse. Nesta terra edificou huma grande Cidade, a qual foy grande emula dos Romanos por muytos annos, como estao cheyas as historias. E isto he o que o Poeta aqui diz, que fez Venus, que Eneas fosse bem recebido no Campo, que tomou de espaço a pelle de boy, que he Carthago, & o que diz por sutil partido he porque foy aquella pelle feyta em tiras muyto delgadas, como conta Virgilio no lugar allegado.

N O Carro junta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas, em que já foy convertida,
Peristera, as boninas apanhando:
Em derredor da Deosa já partida,
No ar laservos beijos se vão dando
Ella por onde passa o ar, & o vento
Sereno faz, com brandão movimento.

No carro ajunta as aves. As aves, que fingem os Poetas levar o carro de Venus são Cisnes, & pombas. Os Cisnes entende aqui o Poeta por aves, que na vida celebrão as exequias da morte, porque fingem destas aves, que cantão muyto suavemente ao tempo de sua morte, veja-se o que escrevemos no primeyro canto, oytava 4. Por pombas a ave em que foy convertida Peristera. Contão as fabulas, que andando Venus, & Cupido á porfia apanhando flores: huma donzella por nome Peristera vendo que Cupido apanhava mais, se poz da banda de Venus para a ajudar, pelo que irado Cupido, a converteo em pomba, que isto significa a palavra Peristera no Grego. E por este respeyto lhe queria muyto Venus, & a trazia em o seu carro, & lhe faziaõ sacrificio della, como diz Ovidio nos Faustos liv. I.

J A' là sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frêcheyro estava então,

Ajun-

*Ajuntando outros muytos, que pertende
Fazer huma famosa expedição.
Contra o mundo rebelde, porque entende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amado coufas, que nos forão dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.*

Iá sobre os montes Idalios. Para effeytuar seu intento se foy Venus ao monte Idalio em Chipre, aonde Cupido seu filho preparandose para esta empresa: Chamase frecheyro, porque o pintaõ os Poetas com arco, & frechas.

Amado coufas. Não queria Venus, que houvesse no mundo outro exercicio, se não o de tua obrigação, que era amor, & affeyção, & assim perituadia ao filho se armasse, & fizesse guerra contra o mundo rebelde, pois gastava o tempo em outras coufas, como jógos, caças, privanças, & grangearia de fazenda, & outras coufas semelhantes, que o Poeta vay recontando por algumas oytavas, que taõ as que o Poeta diz, que servem para se usar dellas, & não para serem amadas.

26

*Via Ateon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente, & bella forma humana.
E por castigo quer doce, & severo,
Mostralhe a fermosura de Diana,
E guardase não seja inda comido
Desses caes, que agora ama, & consumido.*

Via Ateon. Andava Venus triste, & enfadada de ver os homens dados a exercicios diferentes, esquecidos dos seus, que eraõ castar, & namorar, pelo que por ordem do filho determinou desterar do mundo os taes exercicios, & o primeyro em que executou tia colera, foy no Caçador Ateon, o qual fez que fosse dar a huma fonte, aõnde Diana Deota da caça, se estava pela festa lavando com suas donzellas, para que afrontada de Ateon a ver naquella estado lhe fizesse algum joquette, como fez, que foy convertelo em veado, o qual seus proprios caes o despedaçarão, como conta Ovidio nas Metamorphoses liv. 3.

De cego na alegria bruta insana. Alegria bruta, & insana chama ao exercicio da caça, Xenophonte lhe chama *sultum studium venationis*. O necio exercicio da caça, & outros a este som. Não sey com que rezaõ todos os outores dizem mal da caça: o que daqui se collige he, que não sabiaõ os proveytos, & gostos deste exercicio. E porque eu sou suspeyto nesta materia, não me alargo nella, basta que he exercicio de Reys, & senhores, & que não he coufa a que gente de bayxos espiritos se affeyçõe. Os Letrados como não gostão mais que dos

livros, tem licença de desprezar toda a outra vida, & muytas vezes le enganão, fóra das coufas de tua prohilão.

27

*E Ve do mundo todos os principaes,
Que nenhum nõ bem publico imagina,
Vè nelles, que não tem amor a mais,
Que a si sòmente, & a quem Filaucia ensina:
Vè, que esses, que ferquentão os reaes
Paços por verdadeyra, & sãa do trina,
Vendem adulaçãõ, que mal consente
Mondarse o novo trigo florecente.*

A quem Philaucia ensina. Philaucia he palavra Grega, quer dizer amor proprio. Adulaçãõ, he lisonja, vicios saõ estes, que reynão muyto em gente poderosa, & que tratta com os Reys, & Senhores grandes, como aqui diz o Poeta, & nos mostra a experiencia: *Mondarse o novo trigo florecente.* Impossivel he faltar no Paço adulaçãõ, como he impossivel no novo trigo faltar herva; que tirar.

28

*V E, que aquelles, que devem à pobreza
Amor divino, & ao povo charidade,
Amãõ sòmente mandos, & riqueza,
Simulando justiça, & integridade:
Da fea tyrania, & de aspereza,
Fazem direyto, & vãa severidade,
Leys em favor do Rey se estabelecem,
As em favor do povo se perecem.*

Vè que aquelles. Como fica notado atrás o nosso Poeta não diz mal dos Religiosos, antes em suas obras mostra terlhe muyto affeyçoado, & eu lho ouvi muytas vezes. E em tanto he isto assim, que no tempo, que eu com elle trattava, nunca sahia do mosteyro do Bemaventurado S. Domingos, & me dizia muytas vezes, que não havia mais honrada conversaçãõ, & amizade, que a destes Religiosos. Nota nos Religiosos quererem andar, & tratar nos Paços com seculares, & isto he, o que quer dizer nas partes aonde delles tratta.

29

*V E, em fim, que ninguem ama o que deve
Senão o que sòmente mal deseja,
Não quer que tanto tempo se releve,
O castigo, que dura, & justo seja:
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes à peveja,
Que espera ter cõ amal regida gente,
Que lhe não for agora o bediente.*

Seus

Seus ministros ajunta. Fez Cupido hum elquadrao de ministros seus para pelejarem contra gente delmandada, & apartada de seus preceyτος.

Muytos destes mininos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Huns amolando ferros passadores,
Outros asteas de setas se adelgacando:
Trabalhando cantando estão de amores
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, & concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

Muytos destes mininos voadores. A Cupido patrao dos namorados pintaõ os Poetas com arco, & flechas, & com azas. Esta he a razão porque o Poeta chama aqui a outros substitutos de Cupido para o ajudarem nesta empreza, que tinha entre as mãos, mininos voadores.

NAs fragoas immortaes, onde forjavão
Para as setas as pontas penetrantes
Por lenha, coraçoes ardendo estavão,
Vivas entranhas inda plapitantes
As agoas onde os ferros temperavão,
Lagrimas são de miseros amantes,
A viva flama, o nunca morto lume,
Desejo he so, que queyma, & não consume

Desejo he. A lenha, que se queymava na fragoa aonde se forgavão os ferros das setas de Cupido eraõ coraçoes, & entranhas: as agoas aonde se temperavão os ferros, eraõ lagrimas: o fogo era desejo, que queyma, & não mata: as cousas do amor, & os passos dos que amão taõ trabalhosos, mas nestes trabalhos há huma alegria grande: assim que este desejo, como diz o Poeta, queyma, & não mata. Vejase o que notámos no canto oytavo, oytava 83.

Alguns exercitando a mão andavão
Nos duros coraçoes da plebe ruda,
Crebros suspiros pelo ar soavão,
Dos que feridos vão da seta aguda:
Fermosas Ninfas são, as que curavão
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos,
Mas poem em vida os inda não nacidos.

Alguns. Diz que destes ajudadores de Cupido se occupavão alguns nos coraçoes de gente bayxa, porque o amor a ninguem perdoa, & em quanto elles estão nesta forja soavão pelo ar grandes

ais, & suspiros dos que hão feridos das setas destes meninos voadores. Pleberuba, gente bayxa. Crebros suspiros, continuos suspiros, & muytos.

Mas poem em vida os inda não nacidos. He dito de encarecimento para mostrar a grande mão das Nymphas, que aonde chegava ficava logo o remedio dado; porque não tomente para os feridos aproveytavaõ seus remedios, mas ainda aos por nacer, que em algum tempo havião de ter necessidade de ajuda, já tinhaõ este valhacouto.

Fermosas são algumas, & outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veas,
Curã-no às vezes asperas triagas:
Alguns ficão ligados em cadeas,
Por palavras subtis de sabias Magas,
Isto acontece às vezes, quando as setas
Acertão de levar ervas secretas.

Fermosas são algumas. Reconta o Poeta os grandes disbarates, & desaventuras que há neste negocio de molheres, & os grandes casos que nesta materia acontecem, o que nos mostra bem claro a experiencia.

Sabias Magas. Sabias feyviceyras, o que tam; bem nesta materia não falta.

Destes tiros assi de sordenados,
Que estes moços mal destros vão tirãdo
Nacem amores mil desconcertados,
Entre o povo ferido miserando:
E tambem nos heroes de altos estados,
Exemplos mil se vem de amor nefando,
Qual o das moças Bibli, & Cynirã
Hum mancebo de Assiria, hũ de Judã.

E tambem nos Heroes. Não sómente em gente bayxa, mas na gente principal fazião estes tiros de Cupido effeyto, & causavão delconcertos grandes, & torpes. Heroes, são Senhores grandes, & gente de titulo.

Qual o das moças Bibli. Esta Bibli conta Ovidio nos Metamorphotes liv. 9. que se embrulhou com Cauno irmão teu; & por elle se querer despedir della com muyto chorar, se converteo em fonte. O mesmo Ovidio diz nos livros de Arte amandi, que se enforcou.

Bibida quid referam detito que fratris amore

Artis, & est laqueo fortiter ultra nefas.

Que direy de Biblis? a qual ardeo com amor de senfreado, & prohibido de teu irmão, & com impaciencia

ciencia se enforcou. *E Cynira*. Entende Mirra filha de Cyniras, a qual amou a seu pay deshonestamente, como conta Ovidio nas *Metamorphoses* liv. 10. o que toy causa de se converter em arvore do teu nome.

Hum mancebo de Assyria, hum de Judéa. O mancebo de Assyria, he Nino filho de Semiramis, do qual se escreve que cohabitava torpemente com sua mãy. *Hum de Judéa*. Rubem, o qual se misturou com Bilhah, concubina de seu pay Jacob, como se conta no *Genesis*. Outros entendem este mancebo de Judea por Amon, com sua meya irmã Thamar, filhos de David.

35

E Vós, ò poderosos, por pastoras
Muytas vezes ferido o peyto vedes,
E por bayxos, & rudes vós, senhoras,
Tambem vos tomão nas Vulcaneas redes:
Huns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados, & paredes,
Mas eu creio, que deste amor indino,
He mais culpa a damay, que a do minino.

E voz ò poderosos! Tratta o Poeta a delordem, que há no mundo no peccado da sensualidade, como homens muyto principaes se embaração com molheres muyto bayxas: & pelo contrario molheres muyto honradas, com homens de muyto bayxa forte, o que declara o Poeta naquellas palavras. *Tomão nas Vulcaneas redes*. Conta as fabulas, que sentindo Vulcano, que sua molher Venus lhe fazia adulterio com Marte, fez huma rede muyto sutil de ferro, a qual armou em hum lugar aonde elles costumavaõ ter seus passatempos, & os prendeo nella: os quaes não soltou até que foraõ vistos, & tabido publicamente seu peccado. Daqui redes Vulcaneas, taõ as prilões em que os senhores namorados caem. *He mais culpa a da mãy que a do minino*. Quer aqui dizer o Poeta que esta delordem do mundo, he mais causada por propria torpeza dos homens, que de amor, & affeyção, porque se não movem a isto, se não por serem puramente torpes, & sensuaes.

36

M As já no verde prado o carro leve
E Dione, quer as rosas entre a neve,
No rosto traz, decia diligente:
O frecheyro, que contra o Ceo se atreve,
Arecebela vem ledos, & contente,
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão à Deosa dos amores.

Mas já no verde prado! Já Venus tinha chegado com seu carro ao lugar aonde queria fazer sua feis-

ta aos Portuguezes. O carro de Venus, como fica dito neste canto, oitava 28. era levado de Cisnes. Dione he Venus como fica dito no ricanto, oitava 33. a qual gaba de fermosa dizendo, que traz rosas entre a neve, que he cor com alvura. O frecheyro, que contra o Ceo se atreve he Cupido, do qual dizem os Poetas, que a ninguem perdoa, porque tambem Jupiter, Apollo, Baccho, & outros, que elles tinhaõ por seus Deoses fugeytava Cupido, porque tinhaõ suas inquietações de amor. Deosa dos amores, he Venus de que fallámos.

37

E Lla porque não gaste o tempo em vaõ,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz, amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada:
Filho, em quem minhas forças sempre estaõ,
Tu, que as armas Tifeas tens em nada,
A socorrer me a tua potestade,
Me traz especial necessidade.

Tu que as armas Typhoeas tens em nada. Esta piedozza pratica de Venus com Cupido seu filho, he tirada de Virgilio na sua *Eneida*, naquelles versos. *liv. 1. quasi in fine*.

*Nate mea vires, mea magna potentia solus,
Nate, patris summi, quique tela Thyphoea remis.
Ad te confugio, & supplex tua numina posco.*

Filho, em o qual consistem minhas forças, & todo meu poder, filho que tens em nada as armas. *Thyphoeas*, apertada da necessidade me chego a ti. *Engrandece* o Poeta nestas palavras o poder de Cupido, como atrás fica dito, o qual não tõmente na terra, mas no Ceo entrava com seu poder; pelo que Jupiter, que elles tinhaõ pelo principal de seus falsos Deotes se lhe fugeytava: o que daõ a entender aquellas palavras. Que as armas *Thyphoeas* tens, em pouco. *Armas Thyphoeas* taõ os rayos, de que Jupiter usava. Chamaõ assim, ou porque Jupiter com ellas matou o Gigante *Thyphoeo* filho da terra, como conta Ovidio no quinto das *Metamorphoses*, ou porque este Gigante estava soterrado de bayxo do monte *Etna* de Sicilia, aonde os *Cyclopas* freyros, & obreyros de Vulcano fazião os rayos a Jupiter, como aponta Ovidio nos *Fastos* liv. 1. ainda que Homero, ao qual segue Lucano liv. 1. *Phar*. quer que o Gigante *Thyphoeo* esteja na Ilha *Inarime* chamada hoje *Ilchia* no mar *Tyreno*, taõ fabulas, & fingimentos de Poetas.

38

B Em vés as Lusitanicas fadigas,
Que enjà de muyto longe favoreço

li 2

Porque

*Porque das Parcas sey minbas amigas,
Que me hão de venerar, & ter em preço:
E porque tanto imitação as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhos dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.*

Bem ves as Lusitanicas fadigas. Continua o Poeta com a imitação de Virgilio no lugar allegado, aonde Venus procurava affeyçoar a Rainha Elisa Dido a Eneas seu filho, o qual tinha passado muytos trabalhos no mar, depois da destruição de Troya, por ordem de Juno molher de Jupiter, como está em Virgilio no lugar allegado: para o que se ajudou de seu filho Cupido, como atrás distemos: o que aqui também finge o Poeta, attribuindo os trabalhos dos Portuguezes a Baccho seu inimigo grande. Peloque Venus assim como nos trabalhos do filho Eneas, causados por odio, & malquerença de Juno se aproveyra de Cupido, para por sua ordem dar algum delcango a Eneas, & assim aqui pela mesma via o dar aos Portuguezes, o que tudo na letra vay muyto claro. *Porque das Parcas sey minbas amigas.* Que cousas sejam Parcas se veja, o que escrevemos no canto primeyro oytava. 24.

39

E *Porque das insidias do odioso
Bacco, forão na Iudia molestados,
E das injurias sós do mar undoso,
Poderão mais ser mortos, que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foy, quero que sejam repousados,
Tomando aquelle premio, & doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.*

Poderão mais, ser mortos, que cansados. Grande encarecimento da valentia dos Portuguezes, & sufrimento dos trabalhos, que só a morte os podia apartar de seu intento, não trabalhos, nem perigós alguns por grandes que fossem. *Do trabalho, que faz clara a memoria.* Não há na vida cousa que mais honre, nem levante os homens, que o trabalho, & diligencia, nem cousa, que mais os abata, & destrua, que o ocio. Vejate a nossa annotação no canto sexto, oytava 39.

40

E *Para isso queria, que sofridas
As filhas de Nereão, no ponto fundo,
Do amor dos Lusitanos encendidas,
Que vem de descobrir o novo mundo;
Todas numa Ilha juntas, & subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terey aparelhada,
De dões de Flora, & Zefiro adornada.*

E para isso queria. Como a intenção de Venus era dar aos Portuguezes algum alivio dos trabalhos, & fazerlhe algum gazalhado, aonde os favorecesse, & desse a entender a affeyção, que lhe tinha: communicou, como atrás referimos, sua intenção com Cupido seu filho para ferir com suas settas as Nymphas do mar, para que encendidas com o amor dos Portuguezes, lhos ajudassem a festejar em huma Ilha, que novamente lhe havia de por no meyo do mar, só para este effeyto, a qual ilha havia de ser muyto fresca, o que mostra o Poeta pór aquellas palavras. *De dões de Flora, & Zephyro adornada.* Porque Flora he entre os Poetas a Deota das Flores, & Zephyro vento, que por outro nome chamamos Favonio, a viração que corre no verao, o qual fazem os Poetas caçado com Flora, porque lhe favorece, & ajuda suas flores, vejate a nossa annotação neste mesmo canto oytava 62. & no decimo oytava 74. Quanto a esta Ilha se he a de Santa Helena, como alguns cuydaó, & o que o Poeta aqui quiz mostrar, se veja o que escreveremos no canto decimo oytava 74. Ponto fundo he o mar alto, porque ao mar chamão os Latinos Ponto, derivando esta palavra do Grego de pontiro, que he afogar, porque o sabe elle muyto bem fazer.

41

A *Lli com mil refrescos, & manjares,
Com vinhos odoríferos, & rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leytos, & ellas mais fermosas:
Em fim com mil deleytes não vulgares,
Os esperem as Ninfas amorosas,
De amor feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobigarem.*

Mil deleytes não vulgares. Deleytes extraordinarios, & delacostumados.

42

Q *Uero que haja no Reyno Neptunino
Onde eu naci, progenie forte, & bella
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebela:
Porque entendão, que muro adamantino,
Nem triste hypocresia val contra ella,
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas agoas arde.*

Onde eu naci. Dizem os Poetas, que Venus naceo da escuma do mar, pelo que lhe chamão Aphrodizia de Afros, que he a escuma. *Porque entendão que muro adamantino, nem triste hypocresia val contra ella.* Entende outras cousas, que teve Venus para fazer gazalhado aos Portuguezes no mar, huma foy também querer tahir pela honra de sua patria, que

he o mar, porque dizem os Poetas que naceo nelle. Affim que por honrar o mar dando os Portuguezes por parentes das Nymphas, & para que entendessem os reveis a seu filho Cupido, que nem os muyto esforcados, que entendo por muro adamantino, nem hypocritas tristes se podiaõ livrar delle, pois seu dominio, & poder se estendia sobre todos: que isto não era de espantar, pois o fogo do amor se atreva nas agoas. Pintão os Poetas Cupido, que os antigos tinhaõ por Deos dos mares, com hum ramo na mão direyta, & hum peyxe na esquerda, querendo mostrar que tinha poder no mar, & na terra, & que não hà no criado cousa que lhe não obedeça, como diz Alciato emblema 106. cap. 10.

43

A *Ssi Venus propoz, & o filho iniquo,
Para lhe obedecer já se apercebe,
Manda trazer o arco eburneo rico,
Onde as setas de pontas de ouro embebe;
Com gosto ledo a Cypria, & impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe
Aredea larga às aves, cujo canto,
A Faetonte a morte chorou tanto.*

Onde as setas de ponta de ouro embebe. Duas maneyras de setas atribuem os Poetas a Cupido humas com pontas de ouro muyto agudas, que fazião amar, & outras com pontas de chumbo botas que fazião defamar como: se pôde ver em Ovidio nas Metamorphoses, liv. 1. Destas setas com as pontas de ouro usou Cupido para fazer afeyçoar as Nymphas aos Portuguezes, arco eburneo he arco de marfim Cypria he Venus, chamada assim da Ilha Chipre, aonde era venerada. *Aredea larga às aves, cujo canto.* O carro de Venus fingem os Poetas, que he levado de Cisnes, & pombas, como fica notado neste canto, oitava 24. Chama aqui ao Cisne ave que chorou muyto a morte de Phaeton, pelo que os Poetas delles contaõ, que quando Phaeton filho de Apollo, & Climene cahio do Ceo por não saber governar os carros de seu pav o Sol, sentio tanto sua cahida, & morte Cygno Rey de Liguria seu parente, & grande amigo, que os Deoses por compayxão que delle tiverão o converterão em Cisne, ave de seu nome, vendo que por nenhum modo aquietava em seu choro. Conta esta fabula Ovidio nas Metamorphoses liv. 2.

44

M *As, diz Cupido, que era necessaria
Huma fermosa, & celebre terceyra,
Que posto que mil vezes lhe he contraria,
Outras muytas tem por companhia:
A Deosa Gigantea temeraria,
Iactante, mentiroza, & verdadeyra,*

*Que com cem olhos vê, & por onde voa,
O que vê com mil bocas apergoa.*

A Deosa Gigantea. Esta terceyra que Venus queria he a fama para publicar o valor dos Portuguezes. Chama o Poeta á fama Deosa Gigantea, por ser irmã dos Gigantes, & filha da terra, gerada della para a vingar dos falsos Deoses. Virgilio na Eneida liv. 4. descreve excellentemente a fama, aonde diz que he hum monstro horrendo, & grande, com penas como ave, & que quantas pennas tem, tantos olhos, outras tantas lingoas, & outras tantas bocas. O mesmo diz aqui o Poeta: & em dizer que tem cem olhos, & mil bocas, he usar de numero certo por incerto, figura muyto usada em os Poetas.

45

V *Aõna buscar, & mandãona diante,
Que celebrando vã com tuba clara:
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os doutrem celebrã
Jã murmurando a fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhã
Fala verdade, a vida por verdade,
Que junto à Deosa traz Credulidade.*

Que junto à Deosa traz credulidade. A fama traz consigo por companhia a credulidade: & isto he tão certo, que não tem necessidade de prova, porque o que dizem muytos, facilmente se cré, & tem por certo. Donde naceo aquelle Proverbio tão tabido: *Non omnino temere est, quod vulgo distant:* não se levanta fumo sem haver fogo. Ao que alludio Hesiodo na sua obra, que intitulou liv. 2. *Opera, & dies,* obras, & dias. *Nam non ulla quidem prorsum perit, irrita fama, per populos quaecumque volat, quia numerus ipsa est.* Não há fama que de todo faya vá, porque a fama he Deosa, assim que o que muytos trazem na boca, não se pôde ter por falso de todo.

46

O *Louvor grande, o rumor excellente
Nocorção dos Deoses, que indinados
Forão por Baccho contra a illustre gente
Mudando os fez hum pouco affeyçoados:
O peyto feminil, que levemente
Muda quãisquer propositos tomados,
Jã julga por mau zelo, & por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.*

O peyto feminil que levemente. Muda quãisquer propositos tomados. Não sómente os falsos Deotes que estavão de parte de Baccho contra os Portuguezes se mudaraõ de seu proposito, & se affeyçoraõ aos Portuguezes, mas as molheres animal naturalmente inconstante, & leve, julgou por crueza de-
lejar

fejar mal a gente tão esforcada. Não se pôde negar haver mulheres muyto honradas, & de grande constancia, & pelo em suas cousas: mas destas há muyto poucas. Pela mayor parte são as mulheres, as que o Poeta aqui diz á imitação de Virgilio, *Varium, & mutabile semper femina*, a mulher he hum animal vario, & que nunca está em hum fer. Tudo o que se pôde dizer das mulheres disse huma Glola do decreto.

Quid levius fumo? flamen quid flamine? ventus

Quid vento? mulier. Quid muliere? nihil.

Que cousa mais leve que o fumo? o topno, que mais que o topno, o vento, que mais que o vento, a mulher, que mais que a mulher nada.

47

D Espede nisto o fero moço as setas,
Huma apoz outra, geme o mar cos tiros
Direytas pelas ondas inquietas
Algumas vão, & algumas fazem giros:
Caem as Ninfas, lançaõ das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros,
Cae qualquer sem ver o vulto, que ama,
Que tanto como a vista pôde a fama.

Que tanto como a vista pôde a fama. Couza ordinaria he affeyçoarse humas pessoas a outras, tem ser conhecidas só pela fama, que tem de suas boas partes. Assim estas Nymphas, ainda que não tinhaõ noticia dos Portuguezes, só pela fama de suas excellentes partes lhe querião bem. E do fundo do mar, aonde residião davão muytos suspiros com faudade delles, & sem ver a quem amavão lhe querião entranhavelmente, como se os tiverão presentes, tão grande he a fama da boa fama.

48

O S cornos ajuntou da eburnea lua,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Thetis, quer ferir mais que nenhuma,
Porque mais que nenhuma lhe era esquivã:
Fã não fica na aljava seta alguma,
Nem nos equoreos campos Ninfa viva,
E se feridas inda estão vivendo,
Serã para sentir, que vão morrendo.

Os cornos ajuntou da Eburnea Lua. Chama às pontas da Lua cornos, pela semelhança que tem antes que esteja cheya, pelos quaes aqui se entende o arco que assim disse Ovidio liv. 1. *Lunavitque genu sinuosum fortiter arcum*, dobrar fez à maneyra de Lua o arco. Chama à Lua Eburnea, de Ebur, que he o marfim, por ser sua cor branca. Campos equoreos, são campos do mar, de equor, que he o mar entre os Latinos.

49

D Aylugar altas, & ceruleas ondas,
Que vedes Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas vellas, & redondas,
Que vem por cima da agoa Neptunina:
Para que tu reciproco respondas,
Ardente amor, à flama fememina,
He forçado, que a pudicia honesta
Faça quanto lhe Venus amoesta.

Day lugar. Despois que Cupido com suas settas ferio as Nymphas do mar, deu ordem com que os Portuguezes acudissem áquellas partes para effeytuar o que pertendia. Ondas ceruleas são aguas do mar, chamãose ceruleas de ceruleus a, um, que significa a cor do mar. Agua Neptunina he agua do mar, chamafe Neptunina, porque a Neptuno tinhão os antigos por seu idolo do mar, donde a agua Neptunina, quer dizer, agua de Neptuno, & por congueinte do mar.

50

I A todo o bello coro se aparelha
Das Nereydas, & juntos caminhava
Em coreas gentis, usança velha,
Para a Ilha, a que Venus as guiava:
Alli a fermosa Deosa lhe aconselha,
O que ella fez mil vezes, quando amava,
Ellas, que vão do doce amor vencidas
Estão a seu conselho offerecidas.

Iã todo o bello coro. Como Cupido ferio com suas settas as Nymphas do mar, a que os Poetas chamão Nereidas, por serem filhas de Nereo lenhor do mesmo mar, ellas tendo vista da armada dos Portuguezes, que pelo mar caminhavaõ, se aparelharaõ com muytas festas, & danças para os receberem. Corcas, iã danças.

51

C Ortando vão as naos a larga via
Do mar ingente, para a patria amada,
Desejando proverse de agoa fria,
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas com subita alegria
Houverão vista da Ilha namorada,
Rompendo pelo Ceo a mãy fermosa
De Memnonio suave, & de leytosa.

Rompendo pelo Ceo a mãy fermosa. A mãy fermosa de Memnonio, he a aurora, a qual dizem os Poetas, que houve este filho Alemnon de Tithono. Mostra o Poeta nesta oytava que os Portuguezes

guezes houverão vista da Ilha, que Venus lhe tinha aparelhada, hum dia em esclarecendo a menhá.

*Por entre pedras alvas se deriva,
A sonoros lympha fugitiva.*

52

DE longe a Ilha virão fresca, & bella,
Que Venus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vella)
Para onde a forte armada se enxergava:
Que porque não passassem sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naos navegão a movia
A Accidalia, que tudo em fim podia.

De longe a Ilha virã. Muytos tem para si, que esta Ilha de que o Poeta aqui falla, seja a de Santa Helena, mas enganaõse, porque foy hum fingimento que o Poeta aqui fez; como claramente consta da letra, & se pôde ver na nossa annotação no canto decimo oytava 74. Accidalia, he Venus, veja-se o que notámos no primeyro canto, oytava 33.

53

Mas firme a fez, & immovel, como vio,
q' era dos Nautas vista, & demandada
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Febo, & a Deosa à caça usada:
Para lá logo a proa o már abriu;
Onde a costa fazia huma encaada
Curva, & quieta, cuja branca aréa,
Pintou de ruyvas conchas Cytherea.

Mas firme a fez. Usa aqui o Poeta de huma galantaria poetica no pintar desta Ilha, que Venus aparelhava para os Portuguezes terem alguma recreação, & descanso dos trabalhos do mar, & he que a faz movediça, & que andava à vista das naos dos Portuguezes, para que por nenhum modo deyxem de a ver, & entrar nella, esta Ilha diz o Poeta, que em os Portuguezes vindo, ficou firme, como se conta da Ilha Delos: a qual era movidiça, & andava de huma parte para a outra. Mas como Latona pario nella Apollo, & Diana ficou firme, & sem se mais mover. A Deosa à caça uzada, he Diana, irmã de Apollo, a que os antigos tinhão por Deosa dos caçadores. Cytherea, he Venus, chamada assim da Ilha Cytherea, donde era venerada.

54

Tres fermosos outeyros se mostravão
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavão,
Na fermosa Ilha alegre, & delectosa:
Claras fontes, & liquidas manavão
Do cume, que a verdura tem viçosa,

Tres fermosos outeyros. Começa a delcrever os lugares da Ilha antes, que venha a tratar do que aos Portuguezes aconteceu nella, & nesta descripção usa de todos os encarecimentos necessarios para ornato, & louvor desta Ilha, como pelas oytavas te mostra. Gramineo esmalte são as hervas. Lympha he a agua: sonora, & fugitiva, são epithetos muyto proprios, & accommodados à natureza da agua, que he soar, & correr.

55

NUm valle ameno, que os outeyros fende
Vinhão as claras agoas ajuntarse,
Onde huma mesa fazem, que se estende
Tão bella, quanto pôde imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para enfeytarse,
Vendose no cristal resplandecente,
Que em fim o está pintando propriamente.

Onde huma mesa fazem. Diz que nesta Ilha fazem as agoas huma Lagoa muyto fermosa, a que chama aqui mesa rodeada de arvores de muytas maneyras, que lhe davao muyta graça, & que parecia estar ali affeytando, prefandose do lugar aonde estavão, que he grande louvor da agua, pois era a cauda desta frecura, & fermosura, & os arvoredos concorrião para se ver a ella como em espelho crystalino, & muyto resplandecente.

56

MIl arvores estão ao Ceo subindo
Com pomos odorisferos, & bellos,
A lorangeyra tem no fruyto lindo
A cor, que tinha Daphne nos cabellos:
Encostase no chão, que está cabindo
Acidreyra c'o os pesos amarellos,
Os fermosos limões, alli cheyrando,
Estão virgineas tetas imitando.

Com pomos odoriferos. Pomo entre os Latinos he toda a fruyta que té a casca delgada, como peras, maçans, ameyxas, laranjas, pecegos, & outras desta qualidade: E as que tem a calca dura se chamão nucs, como castanhas, nozes, amendoas, avelans, & outras semelhantes. A cor que tinha Daphne nos cabellos, he a cor loura, qual tem as laranjas. Daphne fingem os Poetas, que foy filha do rio Peneco, a que Apollo foy muyto affeyçoado. Esta querendo hum dia Apollo utar com ella, o que ella não queria, fugiolhe, & indo fugindo, fingem os Poetas, que leu pay a converteo na arvore louro. Conta esta fabula Ovidio nas Metamorpho-
tes liv. i. Pesos amarellos, são as cidras.

As arvores agrestes, que os outeyros
 Tem com frondente Coma ennobrecidos
 Alamos são de Alcides, & os Loureyros
 Do louro Deos amados, & queridos;
 Mirtos de Cytherèa cos pinheyros
 De Cybele, por outro amor vencidos
 Está apontando o agudo Cypariso
 Para onde he posto o eteréo Paraiso.

As arvores agrestes. Além das arvores de fruyto de todo o genero, havia tambem arvores agrestes, & que o não davão. Mas estas muyto fermosas, & apraziveis à vista, como alemos, louros, myrtos, pinheyros, & ciprestes. Chama aos alemos arvores de Alcides, que he Hercules, chamado assim de seu avó Alceo, porque a gentilidade enganada entre outros erros, que tinha, era consagrar arvores a seus idolos: & assim passaros, attribuindo a cada hum o seu, conforme a opinião, que delle tinhamo, como conta da lição dos Poetas: Apollo tinha por sua arvore o louro, porque nella foy convertida Daphne, como notamos na oytava passada. Venus a mortinheyra, por ser muyto cheyrola. Cybelles o pinho, porque Atys, a quem eila foy muyto affeyçoada, foy convertida nesta arvore, como conta Ovidio largamente nos fastos liv. 4. & nas Metamorphoses liv. 10. Diz aqui que o pinheyro foy de outro amor vencido, attribuindoo ao que se conta de Atys, que encomendandolhe Cybelles que fosse honesto, & casto, & se desse ao exercicio da caça, elle se deu a amores torpes, & desonestos, pelo que endoudeceo, & querendose matar, acudio Cybelles, & o converteo em pinho. Catulo trata largamente da furia, & doudice de Atys em huns versos, que começam: *Super alta nectus Atys*, o interprete de Nicandro Grego diz, que hum porco matou a Atys: como são fabulas tem mil enredos. Contão os Poetas que Apollo converteo em cipreste a hum moço chamado Cyparisso, por onde esta arvore se chama Cyparissus, ou Cupressus: esta fabula conta Ovidio nas Metamorphoses liv. 10.

Ethereo parayso. Parayso Celestial, & alto: diz isto porque os ciprestes são arvores altas, & que caminão para o Ceo com sua altura.

Os dons, que da Pomona, alli natura,
 Produze diferentes nos sabores,
 Sem ter necessidade de cultura,
 Que sem ella se dão muyto melhores:
 As cerejas purpureas na pintura,
 As amoras, que o nome tem de amores.

O pomo, que da patria Persia veyo,
 Melhor tornado no terreno alheyo.

Os dons que dà Pomona. Pomona tinhaõ os antigos por Deola da fruyta, o que aqui aponta o Poeta he, que naquella Ilha produzia a natureza fruytas excellenciissimas, sem se enxertar as arvores, nem cultivar as terras.

As amoras, que o nome tem dos amantes. Conta Ovidio nas Metamorphoses liv. 4. que as amoras forão em principio brancas, & que se converterão na cor negra, com o sangue de dous, que muyto se quiterão, que forão Pyramo, & Thisbe. *O pomo, que da patria Persia veyo.* Entende o Pecego. Quanto a esta fruyta galanteão os Poetas, como costumão em ontras cousas, & tem metido em cabeça a algumas pessoas ser o pecego peçonhento na Persia, como disse Alciato Emblema 142. & contão, que tendo os Persas guerra com os Romanos, trouxerão a Italia muytos pecigueyros, para com o fruyto matar, como fazião na Persia, as quaes arvores em Italia derão fruyta excellentissima, qual vemos hoje por estas nossas partes muytas cousas a este proposito, & os Autores desta opinião, allega Claudio Minoe sobre Alciato Emblema allegado, Laguna sobre Dioscorides liv. 1. cap. 131. pag. 105. Zomba dos que dizem isto, & assim o sabemos hoje por experiencia, porque cada dia vemos pessoas daquellas partes, que dizem o contrario, & porque os antigos não sabião tanto do mundo, como nõz agora sabemos, levantaraõ estas tabulas para ter que dizer em seus escritos, os quaes tinhaõ mais de elegancia, que de verdade.

A Bre a Roma, mostrando a rubicunda
 Cor, com que tu Roby teu preço perdes,
 Entre os braços do ulmeyro está a jucunda
 Vide e' o huns cachos roxos, & outros verdes:
 E vós se na vossa arvore fecunda,
 Peras pyramidais viver quizerdes,
 Entregayvos ao dano, que e' o os bicos
 Em vós fazem os passaros inicos.

Entre os braços do ulmeyro. Vay discorrendo pela abundancia de arvores, & fruytas, que tinha aquella Ilha, que Venus aparelhava para os Portuguezes, primeyramente diz, que havia nella muytas vinhas, & parreyras por cima de grandes olmos, no que allude a hum costume de Italia, no qual todas as vinhas são a modo de latadas, armadas sobre arvores: o qual costume he muyto proveytoso, porque semeaõ a terra, colhem uvas, & lenha para o fogo. E porque este costume he tão usado naquellas partes, & as parreyras cobrem com sua rama os ulmeyros por muyto velhos, & gastados que sejião. Daqui para final da amizade firme, & verdadeyra, pintão os Poetas hum alluo muyto velho, podre,

podre, & carunchoso, cercado todo de parras, as quaes lhe cobrem suas faltas na velhice, em recompensa dos beneficios que delle tem recebido em sustentar, & ter sobre si todo o mais tempo. Veja-se Alciato nos Emblemas, Emblema 159.]

E voz se na vossa arvore fecunda, perus pyramidaes viver quisferdes. Chama-as peras pyramidaes, por terem figura de pyramide, que he huma columna feyta ao modo de huma pera, larga em bayxo, & muyto delgada em cima. Veja-se o que escrevemos sobre as Pyramides no canto settimo oytava 29. quanto à declaração verdadeyra destes versos he notar o Poeta a terra de grande fertilidade, que não havia conta que pudesse gastar o fruto della, que huma comia à outra, de modo que para se poderem conservar, era necessario deyxar se comer dos passaros, tão juntas, & amontoadas estavam. E dizerem alguns que os passaros não comem se não as maduras, & que desta maneyra as peras não viviriam, pois se comem algumas, ferião as que amadurecessem, & assim nunca virião em crescimento, isto he fiar muyto delgado, basta que o Poeta dá a entender por esta linguagem, que para as peras medrarem, & prestarem, era necessario desbaratar se, tanta era a copia, & abundancia da fruyta. Querem alguns que o Poeta nestes versos note certa gente de intratavel, & duro servir, não hà pera, que o apontar, porque não he lugar accommodado para isto, pois vay trattando da fertilidade da Ilha, & eu em sua vida pratiquey isto com elle, & não lhe enxerguey sinal de tal imaginação. E se elle tal entendera, ou imaginara, mo descobrira, segundo tinhamos estreya amizade: mayormente pedindome elle em sua vida por muytas vezes, lhe quizesse glolar estes cantos: o que a mim por então me não pareceo bem, por certos respeytos.

60

Pois a tapeçaria bella, & fina,
Com que se cobre o rústico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor Caphysia inclina,
Sobre o tanque lucido, & sereno,
Florece o filho, & neto de Cyniras,
Porquem tu, Deosa Paphia, inda suspiras.

Faz ser a de Achemenia menos dina. Depois que trattou da abundancia das fruytas da Ilha, tratta da suavidade das flores, & boninas: as quaes diz que fazião ventagem á tapeçaria de Persia, que entende por Achemenia região sua, aonde se fazem as melhores alcatifas, & tapeçariando mundo.

Alli a cabeça a flor Cephysia inclina. Flor Cephysia, he huma especie de lirio, no qual Narciso filho da Nympa Liriope, & do rio Cephiso foý convertido. Alguns querem que seja o lirio roxo: Laguna, & os que entendem melhor esta materia

de hervas, o fazem diferente, com huma flor branca, & açafroada. A fabula de Narciso conta Ovidio nas Metamorphoses liv. 3. Em hum livro de mão da letra de Luis de Camões, em lugar de flor cephysia estava flor elicia, que he o Heliotropio, a que vulgarmente chamamos Gyrsol, flor assas conhecida, cuja cabeça meya derribada sempre acompanha o Sol, para qualquer parte, que caminha, ainda que o Ceo esteja nublado, & o Sol não apareça. Mas por estoutra letra andar em todos os livros impressos a pus aqui, & declarey, adevirtindo porém ao Leytor de estoutra, para que não ficasse nunca lugar de duvida aos Curiosos.

Florece o filho, & neto de Cyniras, por quem tu Deosa Paphia inda suspiras. O filho, & neto de Cyniras, he Adonis: chama o he os Poetas, filho, & neto de Cyniras, porque o houve de huma sua filha chamada Myrtha. A este era muyto affeygoada Venus Deosa dos amores. Conta o Poetas, que era muyto dado à caça, & daqui fingem que o matou hum dia hum porco a caso, & que fétida muyto Venus, o converteo em huma flor da cor de sangue, que são os goyvos vermelhos. Os Latinos todos por esta razão chamão aos lugares aonde hà goyvos, & boninas, *Horti Adonidi*, Hortas de Adonis, pela rezão acima dita. A metamorphosi de Adonis conta Ovidio liv. 10. Metamorphoses, o que fingem os Poetas de Adonis he sabido. Paphia he Venus, chamada assim da Cidade Paphos, na Ilha Chypre, que hoje he chamada Papho, aonde Venus era muyto venerada entre os antigos. Diz o Poeta, que ainda Venus suspira por Adonis, para encarecimento do bem, que lhe queria, & assim fingem os Poetas, que quando elle morreo o sepultou Venus entre folhas de alfacs, dando a entender, que sepultava com Adonis toda a affeyção, & amor, que na vida podia ter: porque alfaca he frigidissima de natureza, remedio promptissimo contra a sensualidade. Veja-se Alciato nos Emblemas. Emblema 77. Parece alludir aquillo de Virgilio na copza Syrica: *Ambigeres, raperet ne rosus aurora ruborem, Adaret, & flores tingeret orta diss.*

PAra a julgar difficil cousa fora,
No Ceo vêdo, & na terra as mesmas cores
Se dava às flores cor a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores:
Pintando estava alli Zefiro, & Flora
As violas da cor dos amadores,
Olirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluzse nas faces da donzella.

As violas da cor dos amadores. Entende todo o genero de boninas de todas as cores, pelos quaes os namorados trattão das invenções de seus amores, & ociosidades, a verde para esperança, & amarella de desesperação, a branca lealdade, a roxa ciu-

mes, a vermelha firmeza, & outras, de que os senhores ociosos saberaõ dar melhor rezão, que eu, pelo que baste apontar o entendimento do verso: & he boa galantaria, commentar este lugar de Pyramo, & Thisbe. E diz que Flora, & Zephyro as pintavão, os quaes os Poetas fazem casados, & a Flora chamão a tenhora das flores, & a Zephyro a viração do verão, com a qual as flores, & boninas do campo se melhorão muyto no cheyro, & frescura, & affim todas as mais cousas, porque este vento he amigo da natureza, criador de todas as cousas da terra, pelo que os Latinos lhe chamão *Favonio*, por ser favorecedor, & ajudador de todas as cousas, & alento, & refrigerio particular dellas, de Zephyro se veja a noita annotação.

62

A Candida Cecem das matutinas
Lagrimas rociada, & a Manjerona;
Vem-se as letras nas flores Hyacintinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos, & boninas,
Que competia Cloris com Pomona;
Pois se as aves no ar cortando voão
Alegres animaes o chão povoão:

A candida cecem. He aquella flor branca affás conhecida, a que chamamos cebola cecem nestas partes de Portugal: os Latinos lhe chamão *lilium album*, ou *rosa lunonis*, rosa de Juno, pelo que os Poetas della contão, que esta flor naceo do leyte de Juno. Chamase vulgarmente, cecem, palavra Arabiga, porque os Arabigos lhe chamão, & uçam, a qual palavra nos ficou como outras, do tempo, que os Mouros estiverão nestas partes.

Das matutinas lagrimas rociada. Lagrimas matutinas, he o rocio da manhã, de matuta, que he a aurora.

Vem-se as letras nas flores Hyacintinas. Contão as fabulas que Apollo, a que os antigos tinhão por Deos da medicina, era muyto amigo de hum mancebo por nome Hyacintho, como conta Ovidio liv. 1. *Metamorphoses*, que se matou com hum Mancebo: outros Poetas contão a fabula de outro modo. Apollo sentio muyto a sua morte, & vendo que a não podia remedear, o converteo em huma flor com humas letras a i que vem a dizer ay para mostra do ay, que Hyacintho deu quando cahio morto. O verdadeyro Hyacintho nace entre os trigos, & cevadas, florece desde o fim de Março, até meado de Abril, ao tempo, que há outras boninas do campo. Tem fôrma de lirio pequeno, & tem em suas folhas estas duas letras Gregas a y, & he a cor muyto vermelha, & huma flor só, como diz Laguna no livro quarto sobre Dioscorides, cap. 64. pag. 413. aonde diz allegando com Pausanias, que a flor nacida do sangue de Ajax, não he o verdadeyro Hyacintho, ainda que se parece com elle nas le-

tras, que tem nas folhas.

Bem se enxerga nos pomos, & boninas. Que competia Cloris com Pomona. Da abundancia dos pomos, que são as fruytas, & das boninas se enxergava, que Flora tinha competencia com Pomona, & que andavão em porfia sobre quem mais produziria naquella terra. Flora como fica dito era a Raynha das flores, a qual antes que se casasse com Zephyro se chamava Cloris, como diz Ovidio nos *Fastos* liv. 5. E Pomona era a da fruyta, como atrás notámos.

Pois se as aves no ar, &c. Acrecenta o Poeta para mayor louvor da Ilha, que além das muytas, & varias fruytas, & boninas, que muyto ornavão a terra, o ar andava coalhado de passaros, que cantavão suavemente, & o campo de todo o genero de animaes, que o fazião muyto fermoso.

63

A O longo da agoa oniveo Cisne canta,
Respondelhe do ramo Filomella
Da sombra de seus cornos não se espanta,
Acteon n' agoa cristalina, & bella:
Aqui a fugace Lebre se levanta
Da espessa mata, ou temida Gazella,
Alli nobico tráz ao caro ninho,
O mantimento o leve passarinho.

Ao longo da agua o niveo Cisne canta. Vay pondo alguns nomes de passaros, & animaes, de que havia grande abundancia na Ilha. Chama ao Cisne niveo, que quer dizer branco, como he sabido, & notorio a todos, por ser ave muyto conhecida, dizer que canta, he seguir a opiniao de alguns, que cuydão isto do Cisne, como saybamos hoje o contrario, como notámos no canto primeyro oytava 4.

Respondelhe do ramo Philomela. Philomela, he o rouxinol. A fabula de Philomela convertida em rouxinol, & Progne em andorinha, conta Ovidio nas *Metamorphoses* liv. 6.

Da sombra de seus cornos não se espanta. Acteon se toma aqui pelo Cervo, no qual animal Acteon mancebo caçador foy convertido, & depois morto, & despedaçado de seus proprios cães, como conta largamente Ovidio nas *Metamorphoses* liv. 5. Alciato nos *Emblemas* Emblema 52.

Ou timida gazella. Dá epithetos excellentissimos a estes animaes, de que vay trattando, chama á lebre fugace, que quer dizer lileyra no fugir, como saybemos por experiencia, & a gazella timida, por ser muyto medrosa. He a gazella hum animal do modo, & tamanho de hum corço, cõ os cornos muyto negros, da propria feytura, que os da cabra, mas redondos, & na ponta muyto agudos, corre muyto, & a carne he muyto boa para comer, mas muyto difficultoia de tomar, porque he animal muyto lileyro, & acutelado.

64

Nesta frescura tal de se embarcãvãõ
 Fã das naõs os segundos Argonautas,
 Onde pela floresta se deyxãvãõ
 Andar as bellas Deosas, como incantãs:
 Algumas doces Cytharas tocãvãõ,
 Algumas arpas, & sonoras frautas,
 Outras cos arcos de ouro se fingiãõ
 Seguir os animaes, que não seguiãõ.

Idã das naõs os segundos Argonautas. Os primeyros homẽs, que no mundo navegarãõ, se chamarãõ Argonautas, porque fizerãõ sua viagem na naõ Argos, que foy a primeyra que no mundo houve: como dissemos na nossa annotaçãõ no canto primeyro, oytava 18.

65

Assi lho aconselhãrã a mestra experta,
 Que andãsem pelos campos espalhadas,
 Que vistas dos varões a preza incerta,
 Se fizessem primeyro dezejãdas:
 Algumas, que na forma descuberta
 Do bello corpo estavãõ confiãdas,
 Deposta a artificiosa fermosura,
 Nũas lavar se deyxãõ na agoa pura.

Assi lho aconselhãrã a mestra experta. A mestra experta he Venus, a qual aconselhou, & deu ardis às Nymphas do modo, que haviãõ de ter neste encontro dos Portuguezes, como o Poeta o vay mostrando, por termos muyto avilados: os vayas todos se resolviãõ, em que os Portuguezes entendessem dellas que fugiãõ, & lhẽ pelava, & sentiãõ muyto serem achadas naquelle lugar, para desta maneyra os affeyçoar mais a si: porque quanto as coufas se nos mais negãõ, tanto com mayor delejo, & appetite as procuramos: & isto he coula natural.

66

MAs os fortes mancebos, que na praya
 Punhãõ os pès da terra cobifosos,
 Que não hã nenhum delles, que não sayã,
 De acharem caça agreste desejosos:
 Não cuydaõ, que sem laços, ou redes caya,
 Caça na quelles montes deleytosos
 Tãõ suave domestica, & beniva,
 Qual ferida lha tinha já Ericina.

Qual ferida lha tinha já Ericina. Ericina he Venus, chamada assim de hum monte em Sicilia chamado Erix, que hoje te chama em vulgar monte de São Julião, aonde Venus antigamente era venerada.

67

Alguns, q nas espingardas, & nas bêstas
 Para ferir os Cervos se fiãvãõ,
 Pelos sombrios matos, & florestas,
 Determinadamente se lancãvãõ:
 Outros nas sombras, que das altas festas
 Defendem a verdura passeãvãõ,
 Ao longo da agoa, que suave, & queda,
 Por arvõs pedras corre a praya leda.

Alguns que em espingardas. Mostra o Poeta como os Portuguezes aportados a esta Ilha, & vendo a frescura, & abundancia della, cada hum começõu a exercitar-se na arte a que era de natureza dado, como a letra mostra claramente.

68

Começãõ de enxergar subitamente,
 Por entre verdes ramos varias cores
 Cores de quem a vista julga, & sente,
 Que não eram das rosãs, ou das flores:
 Mas da lã fina, & seda diferente,
 Que mais incita a força dos amores,
 De que se vestem as humanas rosãs,
 Fazendo-se por arte mais fermosas.

Começãõ de enxergar subitamente. Alguns dos Portuguezes affeyçoados á caça, meterãõ-se pela terra dentro com suas espingardas, a ver te achavãõ a que atirar, & foccedeo, que por entre o arvoredõ da Ilha derãõ com as Nymphas, muyto vestidas, & concertadas, como o Poeta conta.

69

DA Velloso espantado hum grande grito,
 Senhores, caça estranha, disse, he esta,
 Se inda dura o Gentio antigo rito
 A Deosa he sagrada esta floresta:
 Mais descubrimos do que humano esprito
 Desejou nunca, & bem se manifesta,
 Que sãõ grandes as coufas, & excellentes,
 Que o mundo encobre aos homẽs imprudentes.

Dã Velloso espantado hum grande grito. Velloso, he lobre nome de hum soldado Portuguez, de que fallamos no livro quinto, oytava 30. *Inda dura o Gentio antigo rito.* Como cõsta pela ligãõ dos Autores, assim Poetas como historiadores, os antigos foraõ muy supersticiosos em sua religião falsa de seus idolos, & assim não havia mato, rio, nem fonte a que não dessem seus Deoses, & Deosas, nem o mar carecia dos seus, & isto he o que o Poeta aqui diz, que estas donzellas, que apparecerãõ nesta Ilha

aos Portuguezes, eraõ Nymphas, & tenhoras, a que era dedicada aquella Floresta, segundo o costume, & rito antigo pelos Poetas fingido, *Que o mundo encobre aos homens imprudentes.* Linguagem, & queyxa he esta dos homens, que virão mundo, temerem escrever o que virão, pelo pouco credito, que suspeytão poderem ter suas palavras. Trattando Dom João Bermudez Portuguez, do que vio nas partes de Atrica, na terra do Preste João senhor da Ethiopia, aonde elle era Patriarcha, das cousas que vio naquellas partes, gasta muytas palavras a este proposito. O mesmo faz Marco Polo Veneciano, do que vio na Tartaria, do Egypto, & outras partes por onde andou, & assim outros infinitos. E a verdade, que nunca sahio do seu lar, mal crerá as maravilhas, & mostruosidades, que há no mundo de todo o genero de cousas. Esta materia remeto aos que dem, que creão algumas cousas das que acharem escritas, por homens que virão, & passarão o mundo.

S Igamos estas Deosas, & vejamos,
Se fantasticas são, se verdadeyras.
 Isto dito, velozes mais que gamos,
Selanção a correr pelas ribeyras.
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos
Mas mais industriosas, que ligeyras,
Pouco, & pouco surrindo-se, & gritos dando,
Se deyxão hir dos galgos alcançando.

Mais industriosas que ligeyras. Isto diz, porque o seu desejo, era que os Portuguezes as alcançassem, & por isto fingião que, lhe pelava, & assim a sua fugida era mais manha, & fingimento, que desejar de fugir.

71

DE hũa os cabellos de ouro o vento leva
 Corredo, & da outra as fraldas delicadas
 Acendese o desejo, que se ceva
 Nas alvas carnes subito mostradas:
 Huma de industria cae, & já releva
 Com mostras mais macias, que indinadas,
 Que sobre ella empeçando tambem caya,
 Quem a seguio pela arenosa praya.

Nesta oytava, & nas seguintes continua o Poeta com a descripção Poetica da Ilha de Santa Helena, aonde os Portuguezes depois de tantos trabalhos, & tão longa navegação aportaraõ, aonde fingè que Venus lhe mandou dar gazalhado pelas Nymphas das aguas, sobre que ella tinha dominio, como nacida da escuma dellas: ainda que com figuras humanas representa este gazalhado, & recreação, tão necessaria a animos tão cansados, como elles vinhão. Toda via ha de entender por el-

las as varias fontes, & ribeyras, que entre os bolques daquella Ilha os Portuguezes hião achando: sobre as quaes se lançavão a beber, & refrescar-se, com o alvoroço, & deleytação, que costuma causar a vista de frescas aguas aos homens muyto sequiosos. E mais aquellas, que estavão cercadas, & cubertas de muyta variedade de plantas, & arvores, & boninas de varias cores que deu occasião ao Poeta fingir aqui vestidas de varias sedas de cores alegres, com que a vista dos cansados Portuguezes se deleytava. Tanto como o Poeta aqui pinta: com o mais lindo artificio que os preceyos rethoricos ensinão. Fingindo que ainda, que lhes parecia que ellas lhe hião fugindo: nao era assim, pois quando elles imaginavão, que ellas lhe fugião, as achavão paradas, aguardando, que com tua conversação se recreassem, bebendo, & refrescando-se: em alguns remansos aonde a corréte de suas aguas parava. Mas diz que ellas fingião, que lhe fugião, & se paravão, para lhe acrescentarem mais o gosto de as seguir. Este he o sentido literal destas oytavas: & neste sentido ficão ellas sem nenhuma especie de deshonestidade, que alguns lhe quizeraõ attribuir: entendendoas contra a intenção do Poeta, como me consta que elle o dizia, & assim como aqui estão impressas as tinha emendadas, por conselho dos Religiosos de S. Domingos desta Cidade, com que tinha grande familiaridade.

72

O Utros por outra parte vão topay,
 Com as Deosas despidas, que se lavão
 Ellas começão subito a gritar,
 Como que assalto tal não esparavaõ:
 Humas fingindo menos estimar
 A vergonha, que a força, se lançavaõ
 Nuas por entre o mato, aos olhos dando,
 O que às mãos cobizosas vão negando.

73

O Utra coma acodindo mais de presa
 Aa vergonha da Deosa caçadora,
 Esconde o corpo nagoa, & outra se apressa
 Por tomar os vestidos, que tem fõra:
 Tal dos mancebos ha que se arremessa,
 Vestido assi, & calçado, que c'o a mora
 De se despir hà medo, que inda tarde,
 Amatar nã agoa o fogo, que nelle arde.

A vergonha da Deosa caçadora. Esta he Diana, que os Gentios fingião Deola da caça. Da qual fingem, que estandote banhando em huma floresta, chegou Acteon Caçador, & a vio nua: que ella sentio tanto, & ficou tão vergonhosa, que por isto o converteo a elle em Cervo, tão naturalmente que seus proprios cães o comerão: que allegoricamente

mente se entendem, pelo atrevimento, que teve de chegar a ver nua huma Deosa tão respeitada por sua honestidade. E a esta vergonha, que ella então houve de a verem nua, allude aqui o Poeta: para dizer, que algumas daquellas fontes, de quando em quando se hião escondendo por entre as ervas, & bosques, & boninas, de que estavão cercadas, & cubertas.

A matar na agoa o fogo, que nelle arde. Este fogo he o calor, que lhe causava a sede que trazião de beber, & se refrescaram com aguas frescas daquellas fontes: que por entre aquelles botques hião arcando, correndo, & assaltando para ellas de prazer: que tambem lhe acrescentava mais calor, & mais sede, que trazião, & com que nellas se refrescavão.

74

Qual cão de caçador, sagaz, & ardido,
Usado a tomar na agoa ave ferida,
Vendo no rosto o ferreo cano erguido,
Para a Garçenba, ou Pata conhecida:
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta na agoa, & da preza não duvida,
Nadando vay, & latindo, assi o mancebo
Remete, a que não era irmã de Febo.

Remete a que não era irmã de Phebo. A irmã de Phebo, he Diana, senhora, & Raynha dos Caçadores, & grande caçadora ella per si, pelo que o Poeta aqui diz, que remetterão os Portuguezes com aquellas Nymphas, as quaes não sendo caçadoras, fingião selo, como se diz nos ultimos versos da oitava sessenta & quatro deste canto: & dilo por estes termos, Remete a que não era irmã de Phebo, que remettião áquellas Nymphas, que na realidade não erão o que mostravão, mas fazião aquelle arroido feytiço para serem vistas, & requeridas dos Portuguezes. *Cano ferreo*, he cano da espingarda, que se chama assim por ser de ferro.

75

Leonardo soldado bem desposto,
Manhoso cavaleyro, & namorado,
A quem amor não dera hum só degosto,
Mas sempre fora delle maltratado:
E tinha já por firme persuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdesse a esperança,
De inda poder seu fado ter mudança.

A quem o amor não dera hum só degosto. Os versos que se leguem, declarão este, & quer dizer que o amor não lhe dera hum só degosto a este soldado, mas muytos, & que sempre fora nesta materia de amar mal afortunado. Esta he a declaração, que a todos contenta, mas amim não me satisfaz, por-

que como Luis de Camões era muyto lido nas letras humanas, quaes aqui mostra a propriedade do amor, o qual tem os mayores trabalhos, & enfadamentos da huma certa alegria aos namorados com que os sustenta. Daqui Alciato nos Emblemas 113, concluye o que quiz dizer do amor com estas palavras: *lucundus labor est lasciva per otia: signum illius est nigro punica glans Clypeo.* O amor diz Alciato he hum trabalho gostoso, o qual se conserva, & acrescenta com o ocio, o seu braço, & armas, he huma romã em campo negro, para mostrar que entre os trabalhos, & perseguições há gosto, & alegria continua, porque a romã he hum pomo muyto fermoso, & gostoso, & isto quer aqui dizer o Poeta, que o amor nunca lhe dera hum só degosto, sendo delle perseguido, & maltratado. Porque todos os seus decontos passava com alegria: & ainda que tinha alguns foros amargos, qual he a casca de romã: o interior era muyto gostoso qual he a romã por dentro. E que assim como a romã tem muytos bagos, assim o amor dava muytos gostos. Algumas cousas a este proposito ajunta sobre o Emblema allegado Francisco Sanches das Broças Cathedratico de Rhetorica, & Grego na Univerfidade de Salamanca, & Claudio Mivio Parisiense, ainda que declara os ultimos versos de Alciato de outra maneyra.

76

Quiz aqui sua ventura, que corria,
Apoz Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro, que as outras dar queria,
O que deo pera dar se á natureza:
Já cansado correndo lhe dizia,
O fermosura indina de aspereza,
Pois desta vida te concede a palma,
Espera hum corpo de quem levas a alma.

Apoz Ephyre. Ephyre he nome de huma Nympha, que Virgilio faz filha do Oceano, & Tethis.

77

Todas de correr canção, a Ninfa pura,
Rendendose á vontade do inimigo,
Tu só de mi só foges na espessura,
Quem te disse, que eu era o que te ligo?
Se to tem dito já aquella ventura,
Que em toda parte sempre anda cemigo,
O não na creas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

Se to tem dito já aquella ventura. Isto diz pela pouca ventura, que elle tinha neste negocio de amar como fica dito.

78

Não cances, que me canças, & se queres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura he tal, que inda que esperes,
Ella far à que não possa alcançarte:
Espera, quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo buscas de escaparte,
E notarás no fim deste successo,
Tra-la spica è la man, qual muro è messo.

Tra-la spica, & la man, qual muro he messo. Alguns tirão daqui este verso, querendo interpretar fóra do que elle diz Lionardo, querendo mostrar quão pouco venturoso era na materia do amor, & como a fortuna lhe era adversa: usou deste verso, que tem bem diferente sentido, do que lhe dão, & trala spica, & la man qual muro he messo: entre a espiga, & a fouce, que muro está posto. Como te dissera, que não era possível ter effeyto seu intento, por quão pouco venturoso era em seus amores. Porque assim como entre a mão, & a espiga, que se quer cegar com a fouce, não há muro, que lo impida: assim se confessa elle tão desdichado em amores: que não esperava meyo algum para alcançar nelles algum favor, que lhe impida não ser cortado com infortunios: como te vé a espiga apertada da mão, & da fouce com que a querem cortar.

79

O Não me fujas, assi nunca o breve
Tempo fuja de tua fermosura,
Que sò com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura:
Que Emperador, que exercito se atreve,
Aquebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejey, me vay seguindo,
O que tu sò farás não me fugindo?

O que tu sò farás não me fugindo. Realça aqui o poder desta Nympha, que segue dizendo, que não podendo nenhum Emperador, nem exercito por grande, que seja quebrantar a furia da fortuna: só ella não fugindo o poderá fazer, porque desta maneyra a vencerá, pois não pretendia outra coula, se não enfadalo, & destruílo, & privalo de todos os gostos da vida, os quaes ella lhe podia dar elperado.

Poemste da parte da desdita minha,
Fraqüeza he dar ajuda nõ mais potente;
Levas-me hum coração, que livre tinha,
Soltamo, & correrás mais levemente:
Nãotecarrega essa alma tão mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente

Atada levás, ou depois de prezada
Lhe mudaste a ventura, & menos peza.

Que nesses fios de ouro. Os fios de ouro em, que hia atada a alma deste triste namorado erão os cabellos, chamalhe fios de ouro reluzente para enca-recimento de sua fermolura.

Ou depois de presa lhe mudaste a ventura, & menos peza. Tudo isto são enca-recimentos de tua pouca ventura, & dirá, que sendo sua alma sempre carregada, delpois, que fez assento em lua dama, mudou a natureza, & se fez leve de maneyra, que fazia, que sua dama o fosse muyto mais para não poder ter alcançada.

81

Nesta esperança só te vou seguindo,
Que, ou tu não sofres o peso della
Ou na virtude de teu gesto lindo,
Lhe mudarás a triste, & dura estrella:
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que amor te ferir à gentil donzella,
E tu me esperarás, se amor te fere:
E se me esperas, não ha mais que espere.

82

JA não fugia a bella Nympha, tanto,
Por se dar cara ao triste, que a seguia,
Como par ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia:
Volvendo o rosto já sereno, & santo,
Toda banhada em riso, & alegria,
Cayr se deyx a aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz, em puro amor.

83

O Que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro, que suava,
Que affagos tão suaves, que ir a honesta:
Que em risinhos alegres se tornava.
O que mais paixão na manhã, & na sesta
Que Venus com prazeres inflamava,
Melhor he experimentalo, que julgalo,
Mas julguo, quem não pode experimentalo.

Continuando o Poeta com sua ficção na descripção, que faz das recreações, & deleytes, que os Portuguezes receberão naquella Ilha, com as varias fontes, & varias arvores, & boninas, que hião achando nella: fingem que erão varias Nymphas, que lhe appareciaõ, & lhe fugiaõ, para com mayor desejo, & gosto as seguirem, para se recrearem, & refreicarem com suas agoas, & com seus fruytos, & cheyfos. Em especial nomea aqui o Poeta a Nympha Efire, & Virgilio diz, que era filha do Oceano,

Oceano, & de Tethys, Deoses das aguas. Para mostrar o goito, & appetite com que este Portuguez Leonardo foy seguindo alguma fresca fonte, que mais lhe contentou: & delpois que por hum espeio bosque alcançou em algum remanto em que ella o aguardou, a finge que lhe cahio aos pés a Nympha, que era a fonte: com cujas aguas se estêve refrescando, & recreando, & bebendo, & lavandote, & burrifando: estes são os famintos beyjos, mimolo choro aflagos tuaves, & risinhos alegres, com que o Poeta o significa nesta oytava, que são figuras mais accommodadas ao que por ellas significa.

84

Desta arte, em fim, cõformes já as fermosas
Nymphas, co, os seus amados navegãtes.
Os ornão de capellas deleytosas,
De louro, & de ouro, & flores abundantes:
As mãos alvas lhe davaõ como esposas;
Com palavras formaes, & estipulantes,
Se prometem eterna companhia,
Em vida, & morte de honra, & alegria.

Com palavras formaes, & estipulantes. Entende o contra rio matrimonial, que se faz entre partes prometendo, & aceytando, que isto he estipulação em direyto, & assim palavras estipulantes, são promettimentos aceytados, quaes finge se trattavaõ entre as Nymphas, & os Portuguezes: com os quaes quiz significar o Poeta os agradecimentos, que lhe davão pelos gostos, que com suas agoas, & fruytos receberaõ naquella Ilha.

85

HUma dellas mayor, a quem se humilha,
Todo o coro das Nymphas, & obedece,
Que dizem ser de Celo, & Vesta filha,
O que no gesto bello se parece:
Enchendo a terra, & o mar de maravilha
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe aly com pompa honestã, & regia,
Mostrandose senhora grande, & egregia.

Huma dellas mayor. Entende Tethys senhora do mar, & senhora das Nymphas, a qual como principal, & mayor, que todas as outras, agazalha ao Capitão mór com grande pompa, & aparato, como pertencia a huma tão grande senhora.

86

Que depois de lhe ter ditto quem era, il
com hũ alto exordio de alta graça ornado
Dandolhe a entender, que aly viera
Por alta influença do immobil fado;

*Para lhe descobrir da unida esfera,
Da terra immensa, & mar não navegado,
Os segredos per alta profecia,
O que esta sua nação só merecia.*

Que depois de lhe ter ditto quem era. Mostra nesta oytava o Poeta o que Tethis disse ao Capitão mór, & como era alli vinda por ordem dos Fados, para lhe declarar os segredos do mar, & da terra, & o que desta sua navegação se lhe havia de leguir. E porque destas cousas havemos de tratar no canto decimo, delde a oytava 6. largamente, o não faço aqui. Immobil fado, quer dizer fado; que se não muda. Dos Fados se veja o que fica notado atrás. Unida esphera, quer dizer esphera junta, qual he a do mar, & da terra, porque estes dous elementos ambos fazem hum corpo, que coula seja esphera, fica já ditto largamente.

87

TO mandoo pella mão, o leva, & guia
Para o cume dum monte alto, & divino,
No qual huma rica fabrica se erguia
De cristal toda, & de ouro puro, & fino:
A mayor parte aqui passaõ ao dia
Em doces jogos, & em prazer contino,
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pellas sombras, entre as flores.

No qual huma rica fabrica se erguia. Esta fabrica, eraõ os paços de Tethis senhora do mar, de que himos fallando, os quaes diz que eraõ de cristal, & ouro puro, & fino, para mostrar sua excellencia, & riqueza, & maravilhosamente nos pinta aqui estes Paços, assim pelo sitio do lugar, que he o monte alto, como pelas partes de que eraõ fabricados, como cristal, & ouro fino, pois pela Tethis se entende aqui a honra, & virtude, que não faz assento noutros lugares, como o Poeta diz abayxo. E nós dissemos em outta parte deste mesmo livro.

88

A Ssi a fermosa, & a forte companhia,
O dia quasi todõ estaõ passando,
Numa alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando.
Por que dos feytos grandes, da ousadia,
Forte, & famosa, o mundo está guardado,
O premio la no fim bem merecido,
Com fama grande, & nome alto, & subido:

Porque dos feytos grandes da ousadia. Como fica dito em algumas partes deste livro os meyo ordinarios por onde os homens vem a medrar, & a montar muyto laõ os trabalhos honrosos. Os quaes

quaes pagão muyto bem a quem delles na vida usa, como pelo contrario o ocio desbarata, & deltroe tudo. Vejase a nossa annotação neste melino canto, oytava 85.

89

Que as Ninfas do Oceano tam fermosas
 Thetis, & allha angelica pintada,
 Outra cousa não he, que as deleytosas
 Honras, que a vida fazem sublimada:
 Aquellas preminencias gloriosas,
 Os triunfos, a fronte coroadas
 De Palma, & Louro, a gloria, & maravilha,
 Estes são os deleytes desta Ilha.

Estes são os deleytes desta Ilha. Declarava nesta oytava, & nas que se leguem, o que pintou poeticamente acerca desta Ilha, & da fertilidade, & abundancia della habitada de Nymphas tão fermosas, será honra, & premio, que os homens Cavalleyros, & amigos da virtude alcanção. E se o Poeta se não alargará em algumas oytavas, em palavras, que pudera escusar o fingimento, este he poetico, & excellente, como são todas suas cousas. Por isto se lhe emendarão, & declararão algumas oytavas deste canto, & com rezaõ, porque nenhuma cousa faz na vida mayor mal, nem prejudica mais à consciencia, que a lição de Autores depravados, & torpes. O que não tão sómente a gente Catholica Christã, mas aos Gentios, que carecião de lume de fé, pareceo sempre muyto mal. Donde aquelle grande Satyrico. Persio Satyra 1. reprehendendo a dessoluçãõ, & desenfreamento dos Romanos em os vicios, huma das cousas, que lhe mais tacha, he dar audiencia a obras oblenas, & a versos senluaes nestas palavras.

*Hic neque mare probò videas, nec voce serena,
 Ingentes trepidare Tis cum carmina lumbum:
 Inranti, & tenero scalpantur ubi intima versu.*

Vereis, diz Persio estes, que havião de dar exemplo aos outros, deleytarie muyto em ouvir torpezas, o qual queyxume foy de todos os Satyricos antigos, que bem sentiraõ como se pôde ver em tuas obras.

Que as immortalidades, que fingia
 A antiguidade, que os illustres ama,
 Là no estellante Olympo, a que subia
 Sobre as azas inclitas da fama:
 Por obras valerosas, que fazia,
 Pelo trabalho immenso, que se chama
 Caminho da virtude alto, & fragoso,
 Mas no fim doce, alegre, & deleytofo.

Que as immortalidades que fingia. Os antigos amigos da virtude, & honra, engrandeceraõ tanto nella vida os homens dados a ella, que lhe chamarão

heroes, tendo homens de carne como nós, movidos lamente por seus feytos illustres, & excellentes: dos quaes nomea alguns na oytava seguinte. Olympo estellante, he Ceo estrellado. Do Olympo se veja o que escrevemos no canto primeyro, oytava 17. 20. 42. *Sobre as azas inclitas da fama.* Da fama, & como os Poetas a pintaõ com azas, se lea o que dissemos neste melino canto, oytava 44. *Pelo trabalho immenso.* O trabalho como fica notado atrás, he caminho da virtude, pay da boa fama. O grande Pythagoras, compara o caminho da virtude a hum y Grego, para mostrar o bom, & o mau fim dos que nesta vida tratamos, & vivemos: os que entrão pelo estreyto deste y que he por trabalhos, & perigos, no fim vem dar no largo d'elle, aõnde tudo são felicidades, & gostos. Pelo contrario os que começãõ pelo largo; que he dando-se à boa vida, & ao ocio em sua mocidade, no fim muytos enfadamentos, & miserias, que he o estreyto do y de isto há hum Epigramma nos opusculos de Virgilio, o qual começa: *Lutera Pythagora discrimine septabicorni.* O qual os curiosos poderão ler para declaração deste lugar.

91

Não eraõ senão premios, que reparte
 Por feytos immortaes, & soberanos,
 Omundo cos varões, que esfoço, & arte
 Divinos os fizeraõ, sendo humanos:
 Que Jupiter, Mercurio, Febo, & Marte,
 Eneas, & Quirino, & dous Thebanos,
 Ceres, Pallas, & Iuno, com Diana,
 Todos foraõ de fraca carne humana.

Que Jupiter, Mercurio, Phébo, & Marte. Dos nomes destes falsos Deoses dos antigos temos trattado em muytas partes deste livro. Quirino he Romulo primeyro fundador da Cidade de Roma. Chamou-se Quirino, ou de quiris, que he a lança entre os Sabinos, da qual Romulo muyto usava, porque era grande Cavalleyro, ou porque fez paz, & conformidade entre os Romanos, & Sabinos, chamando este dos querites, como diz Ovidio no nos Fastos, naquelles versos.

*Sive quod basta quiris, prisci est dicta Sabinis,
 Bellicus à telo venit in astra Deus.*

Sive suo Regi nomen posuere Quirites.

Seu quia Romanis junxerat ille Cures.

Os quaes versos ficão declarados acima. Os dous Thebanos são Hercules, & Baccho, excellentes Capitães, & ambos naturaes de Thebas, Cidade em Beecia, estes tiverão os antigos tambem por seus Deoses, como fica notado em muytas partes deste livro.

Mas a fama, trombeta de obras tais,
 Lhes deu no mundo nomes tão estranhos
 De

*De Deoses, Semideoses immortais,
Indigetes, Heroicos, & de Magnos:
Por isso, d'vós, que as famas estmais,
Se quiserdes nò mundo ser tamankos,
Despertay já do sono do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.*

A fama trambeta de obras taes. A fama não contente que obras excellentes sejam encubertas, donde diz o Proverbio: *Fama omnia prodis.* A fama tudo delcobre. Da fama te veja a nossa annotação atrás neste canto, oytava 44.

De Deoses semideoses immortaes. Os antigos, como fica tratado no primeyro canto, como era gente cega, & errada no conhecimento do verdadeyro Deos, & Creador, & não acertava na verdade desta materia, dezia mil delvarios nella, & a cada canto levantavão hum Deos. Todos elles, & principalmente os Lacedemonios guardavão com grande observancia hum cottume, que tinhaõ por ponto de honra, o qual era fazer grandes sacrificios este pois da morte, chamar fallamente Deoses aos que na vida fizerão obras excellentes, & dignas de memoria procurando com suas forças augmentar a republica, & tahir pela honra de sua patria como Hercules, Eneas, Castor, Pollux, & outros de que el taõ cheyos os livros, & a estes chamavão *indigetes*, *quasi indijis agentes*, porque de homens subiaõ aquelle grao. A outros chamavão Magnos, que quer dizer grandes como Jupiter, Minerva, Marte, Mercurio, porque nesta mesma materia se havião aventejados outros. Os semideoses erão homens, que vivião ainda, & por algumas grandes obras lhe davaõ aquelle grande nome, estes se chamavão tambem Heroes, ainda que alguns fazem os Heroes moradores na regiaõ do ar, entre o Ceo, & a terra. De todos estes falsos Deoses, nomes, & valias, entre os antigos, tratta Alexandre ab Alexandro nos seus diias geniaes, liv. 6. c. 4. & Macorbio sobre o tonho de Scipião, liv. 1. cap. 9. Ocio ignavo, quer dizer, ocio detasado, pelo effeyto, que faz nos homens, que te daõ a elle, vejale o que escrevemos neste mesmo canto, oytava 39.

93

*E Ponde nacobiça hum freo duro,
E na ambição tambem, que indinamente
Tomais mil vezes, & no torpe, & escuro
Vicio da tyrania, infame, & urgente:
Por que estas horas vans, esse ouro puro,
Verdadeyro valor não dão à gente,
Melhor he merecellos sem os ter,
Que possuillos sem os merecer.*

Melhor he merecellos sem os ter. Vay por estas oytavas o Poeta aconselhando aos, que governão as republicas, não sejaõ ambiçiosos nem tyrannos, porque destas cousas não se alcãça se não infamia, & deshonra, & que não se fiem de honras, officios, & dinheyro, porque estas cousas não daõ valor, &

estima á gente, nem por isso he mais honrada se lhe falta virtude, & que he muyto melhor ter hum homem partes porque mereça o ouro, que telo sem o merecer.

94

*O U, day na paz as leys iguaes, constantes,
Que aos grãaes não dem o dos pequenos
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a ley dos imigos Sarracenos,
Fareis os Reynos grandes, & possantes,
E todos tereis mais, & nenbum menos,
Possuireis riquezas mereciãas,
Com as honras, que illustrão tanto as vidas.*

Que os grandes não dem o dos pequenos. Que he proprio da justiga ditributiva, dar a cada hum o que he seu, o que faz bem o Governador, que tem o olho na justiga, & trabalha por cumprir com a obrigação de seu cargo.

95

*E Fareis claro o Rey, que tanto amaes
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que immortaes
Vos farão, como os vossos ja possados:
Impossibilidades não façaes,
Que quẽ quiz sempre pode, & numerados
Dereis entre os Heroes esclavescidos:
E nesta Ilha de Venus recebidos.*

Que quem quiz sempre pode. Dito comum he, & alyas sabido: *volenti omnia possibilia*, tudo pôde o que quer. Este dito se entende das cousas, que estão na mão do homem, & que pendem da sua vontade, como he ter hum homem letrado, cavalleyro, virtuoso, & honrado, a verdade não tem de culpa o que nestas materias se escusa, com dizer, que não pôde, porque vemos homẽs de muyto fracas habilidades sahirem muyto grandes letrados, & outros muyto engenhosos sahirem muyto fracos por não quererem, o que succede tambem nas mais cousas, que apontey.

E nesta Ilha de Venus recebido. Esta Ilha entẽde aqui o Poeta allegoricamẽte, pela remuneração, & galardão, q̃ não falta aos q̃ nesta vida obrão virtudes esclarecidas. Para os quaes Deos neste mundo, ou no outro tem guardados os bens, & honras, q̃ pelas recreações desta Ilha o Poeta quiz significar. De que fez merecedores, & possuidores aquelles Portuguezes, q̃ por meyo de tantos trabalhos procuraraõ dar principio a amplificação da nossa Santa Fé, naquellas remotissimas Regiões. Querendo com esta conclusão mostrarnos, q̃ as recreações, que em effeyto os Portuguezes receberão nesta Ilha, q̃ elle pinta com ficções Poeticas, laõ os bẽs temporaes, q̃ nesta vida não faltão a quem em obras virtuosas, & grandes se aventaja dos outros, & com os q̃ agora concludyeste canto, entende o bẽs espirituaes.



OS LUSIADAS DO GRANDE LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

As mesas de vivificos manjares
Com as Ninfas os Lusos valerosos,
Ouvem de seus vindouros singulares,
Façanhas, em acentos numerosos:
Mostralhe Thetis tudo quanto os mares,
E quanto os Ceos rodeam luminosos,
A pequeno volume reduzido,
E torna a frota no tejo tam querido.

CANTO DECIMO.

Neste Canto ultimo descreve o Poeta huma Ilha muyto fresca, à qual levou Venus os Portugueses. Tratta dos Visoreys, Governadores, Capitaens, que na India (Cujas partes tambem descreve) se ouverão valerosamente.

M As já o claro amador da Larissea
Adultera, inclinava os animaes
Là para o grande Lago, que rodea
Temitistão, nos fins Occidentais.
O grande ardor do Sol Favonio en frea,
C'osopro, que nos tanques naturais
Encrespa a agua serena, & despertava
Os lirios, & jasmins, que acalma agrava.

Mas já o claro amador da Larissea. Delcreve o

Poeta o tempo da tarde por hum modo poetico, & elegante, de que os Poetas usão, attribuindo ao Sol carro com cavallos, no qual dá luz á terras.

Amador da Larissea adultera. Apollo, o qual nome os antigos entre outros davão ao Sol *Larissea adultera*. Coronis, a qual por lhe commetter adulterio, matou Apollo, commo conta Ovidio nas *Metamorphoses* liv. 2. Chamouse Larissea, por ter natural de Larissa, Cidade de Thessalia. *Animaes.* São os cavallos do carro do Sol: os quaes diz que guiava para o Occidente: & dilo por estas palavras: *Inclinava os animaes là para o grande lago, que rodea.*

Temitistão nos seus occidentaes. Temitistão he nome da Cidade de Mexio na nova Helpanha: & della se intitula a Provincia toda do mesmo nome. Teve antigamente este nome, hoje se chama Mexico, que quer dizer manadeyro, por ter ao redor muytos olhos de agua, & fontes manantiaes, que fazem hum lago de mais de trinta legoas, que a cerca. Todos os Geographos lhe chamão Temitistão: mas a verdadeyra origem desta palavra tirada dos Annaes dos Mexicanos, he chamarte Tenostilan. E procedeo daqui, que alguns daquelles Indios Occidentaes consultarão hū idolo feu, onde queria lhe fizessem hum Templo, o qual respondeo, que em huma lagoa, aonde estivesse hum tunal, que he figura em huma pedra, & húa Agua em cima. Acharão estes sinais neste lago aonde hōje he o Mexico, & edificarão alli, & chamarão ao lugar Tenostitan, que quer dizer, figura em pedra, como diz Joseph da Costa na historia das Indias, dirigida à Infanta Clara Eugenia. Este he o lago de que o Poeta aqui falla, o qual como a respeyto nosso he no Occidente, & os Poetas fingem, que o Sol se recolhe nestas partes a descansar do trabalho do dia, uia deste termo de fallar, que o Sol se recolhia no Mexico, por serem do Occidente.

O grande ardor do Sol Favonio enfrea. He Favonio vento Occidental, brando, & amigo da natureza, pelo que os Latinos lhe dão este nome, que quer dizer favorecedor, pelos effeytos, que na terra faz. Os Gregos lhe chamão Zephiro, que quer dizer, dador de vida. Esta he a rezão, porque os Poetas o tazem calado com Flora Deola das flores, porque as defende, & desagrava das forças da calma, como o Poeta aqui diz.

Tanques naturaes. São rios, & mares, porque as agoas, que tem, não são emprestadas, mas proprias, & naturaes, differentes dos tanques feytos por arte, que as agoas, que tem não são suas. Assim chamou os mares Virgilio: *Stagna immensa, lacusque.* Tanques grandes, & lagos.

Encrespa a agua serena. Porque estando quieto, & sereno o mar no tempo do Estio, & horas da tarde, o Favonio encrespa as agoas, & parece, que as recrea, & defencalma com sua viração.

2

*Quando as fermosas Nymphas cos amātes
Pela mão já conformes, & contentes,
Subiã para os paços radiantes,
E demetais ornados reluzentes:
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas de altos manjares, excellentes,
Lhestinha aparelhadas que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.*

Mandados da Rainha. Esta Rainha Thetis senhora do mar, a qual fazia esta festa, & gazalhado aos Portuguezes.

3

*A Lly em cadeyras ricas, chrystalyuas,
Se assentão dous, & dous, amāte, & dama
Noutras à cabeceyra d'ouro finas,
Estã com abella Deosa o claro Gama,
De iguarias suaves, & divinas,
Aquem não chega a Egypcia antiga fama,
Se accumulão os pratos de fulvo ouro,
Trazidos là do Atlantico thesouro.*

A que não chega a Egypcia fama. Pelos grandes, & custosos banquetes, que Cleopatra Raynha do Egypto deu a Marco Antonio.

Trazidos là do Atlantico thesouro. Do monte Atlas em Africa trattey no canto sexto. E porque em Africa há muyto ouro, como he notorio, & Atlas he em Africa, daqui diz, que os pratos erão de ouro, trazido das minas de Africa, que por thesauro Athlantico entende. E assim se ha de entender este lugar geralmente, & não do ouro achado nos montes Claros de Africa, que he o Atlas. Ainda que Diogo de Torres na sua historia dos Xarifes diga, que nestes montes há minas de ouro, mas que os Reys de Africa não querem, que se bula nellas, por não ser sua terra por este respeyto molestada, & desejada de seus inimigos.

Ouro fulvo. Cor fulva, he cor de ouro, & por isso se chama elle fulvo.

4

*Os vinhos doriferos, que acima
Estão não sō do Italico falerno,
Mas da Ambrosia, que love tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno.
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co a mistura da agua fria.*

Os vinhos odoriferos. Tratta nesta oytava dos vinhos que os Portuguezes beberão neste banquete que Tethys lhe deu, os quaes diz, que faziaõ ventagem, não lómente aos do monte Falerno, mas á Ambrosia de Jupiter. E isto quer dizer: *estão em cima,* são muyto melhores. Vinhos odoriferos, quer dizer vinhos de cheyro. Falerno he huma parte em Campania, com hum monte do mesmo nome, a qual se chamou antigamente Minia, como diz Macrobio nos Saturnaes liv. 14. cap. 16. aonde há muytas vinhas, que dão vinhos excellentes, & celebrados pelos Poetas, como aqui faz o nosso. E Plinio na historia natural. Ambrosia, como fica notado no primeyro canto, diziaõ os antigos, que era o comer dos Deoses, & Nectar o beber. O Poeta aqui usou de Ambrosia, pelo beber, como

fizerão outros Poetas, usando destes vocabulos a seu gosto, tomando hum por outro. E não sómente nesta significação de comer, & beber, mas também por águas de cheyro, & burrifos. Veja-se a nossa annotação no lugar allegado.

Que love tanto estima. Jove he Jupiter, diz que estima muyto a Ambrosia, por ser manjar seu. Vasos onde em vão trabalha a lima. Entende vasos de vidro, ou de cristal, os quaes se fazem sem ajuda de lima. E assim se deve declarar este lugar, porque o cristal he materia conveniente ao lugar, aonde se este banquete dava, & a quem o dava, que era Tethys Deosa do mar. *Crespas escumas erguem.* O nosso Poeta como entendido em todas as materias, também nesta falla a proposito. Porque osinhos quando lhe mesturaõ agua, parece, que se encreipaõ, & fervem.

M Il praticas alegres se tocavão,
Risos, doces, sutis, & argutos dittos,
Que entre hum, & outro manjar se levãt avão.
Despertando os alegres appetitos.
Musicos instrumentos não faltavaõ,
Quaes no profundo Reyno, os nús espiritos
Fizerão descançar da eterna pena
Com a voz d, huma angelica Syrena.

Quaes no profundo Reyno os nús espiritos, Fizerão descançar da eterna pena. Para encarecimento da melodia, & instrumentos de musica, que as Nymphas tinhaõ para festejar os Portuguezes diz, que atè os danados do inferno puderão ter alivio da pena eterna, em que estavão, ouvindo esta musica, tal era a consonancia dos instrumentos, & voz de huma das Nymphas, que cantava, à qual pela excellencia da voz chama Serea. Esta era Tethys, & cantava o que Protheo lhe tinha dito sobre a viagem, & estada dos Portuguezes nas partes da India, o que tudo o Poeta aqui vay relatando. Das Sereas se veja a nossa annotação no canto 5. oitava 88.

6

C Antava a bella Musa, & c'o os acentsos
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia yqual, os instrumentos
Suaves vam a hum tempo conformando.
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando,
As aguas, & nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

Adormecer os brutos animaes. Era tanta a doçura da musica de Tethys, que fazia acalmar os ventos, deter as aguas, & adormecer os animaes em suas covas, & lapas, que são as casas, que a natureza lhe deu.

C Om doce voz está subindo, ao Ceo
Altos varões, q' estão por vir ao mundo,
Cujas claras Ideas vio protheo,
Num globo vão, Diaphano, & rotundo:
Que Jupiter em dom lhoconcedeo,
Em sonhos, & despois nos Reyno fundo
Vaticinando o disse, & na memoria
Recolheo logo a Nympha a clara historia.

Com doce voz está subindo ao Ceo. Reconta o Poeta as cousas, que Tethys cantava em favor dos Portuguezes, ouvidas de Protheo, ao qual Jupiter as tinha dito antes, & mostrado os retrattos daquelles Portuguezes, que nas partes da India haviaõ de fazer cousas dignas de memoria, em huma esphera a modo de huma redoma transparente, aonde Jupiter lhos mostrava. Ideia he palavra Grega, quer dizer retratto. De Protheo se veja a nossa annotação no canto primeyro, oitava 19. Globo he esphera. Chamalhe vão, porque não tinha outra coiza se não aquelles Cavalleyros. Diaphano por ser transparente, & rotundo por ser redondo. Nympha, he Tethys, a qual diz o Poeta, que cantava diante dos Portuguezes as cousas que Protheo delles lhe havia dito. Do qual fingimento toma occasião para tratar das cousas, que na India fizeraõ. Reyno fundo, he o mar, aonde Protheo habitava.

8

M Ateria he de Cothurno, & não de Soco
Aque a Nympha aprendeu no immêso
Qual Topas não soube, ou Demodico
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
Aqui minha Calliope te invoco,
Neste trabalho extremo, porque empago
Me tornes, do que escrevo, & emvão pertende
O gosto de escrever, que vou perdendo.

Materia he de Cothurno, & não de Soco. Cothurno he calçado de homem, como o nosso borzeguim, trajo que usavaõ os senhores antigamente, & de que à sua imitação se calçavaõ os que representavaõ as tragedias, nas quaes propriamente se trattaõ cousas de importancia, & tocantes a Principes, & Senhores grandes, daqui Cothurno se toma por estillo alto, & tubido. Soco he propriamente chapim, calçado de molheres, & porque nas Comedias se tratta de brigas, arroydos, & embrulhadas, de molheres, & de suas gritas, daqui se toma soco pela Comedia, & pelo estillo bayxo, qual he o que nas Comedias se tratta, como o toma aqui o Poeta.

Qual Topas não soube, ou Demodoco. Yopas foy hum grande musico em Africa, & tangedor excellenté. Demodoco outro, da Ilha dos Pheaces, que he a

que hoje chamamos Cortu , & outros Coreyra. Desta Ilha foy Rey Alcino, o qual como diz Homero na Odillea, que por ordem dos Latinos he o livro oytavo , aportando Ulysses a sua Ilha depois de ter passados grandes trabalhos o agazalhou, & em hum banquete, que lhe deu cantou Demodoco , como no que Elisa Dido deu a Eneas cantou Yopas. Assim que hum musico destes foy muyto amado entre os Phaeaces, & outro em Carthago, & diz aqui o Poeta para encarecimento da musica, & estancias, que Tethys cantava, que nunca Demodoco, nem Yopas virão semelhante letra.

Agus minha Calliope, te invoco. Torna a invocar a Musa Calliope , como costumão os Poetas heroicos fazer pelo meyo de suas obras, todas as vezes, que entrão em nova materia, & difficultosa. Trabalho extremo chama o Poeta a este ultimo canto , ao qual da este nome por razão da materia, que nelle ha de tratar.

V *Aõ os annos decendo, & já do estio
Hã pouco que passar até o outono:
Afortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono:
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, & eterno sono:
Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, c'õ o que quero a nação minha.*

Vão os annos decendo. Entre os Varões doutos houve varias divisões das idades. Os Medicos as dividirão em quatro partes , conforme aos quatro tempos do anno, tendo tambem respéyto aos quatro intemperamentos do corpo humano. Hippocrates nos aphorismos em puericia , adolescencia, & velhice. Aonde Galleno leu commentador, & outros lhe acrescentão mais duas idades , a juventus , & a decrepita: pelas quaes dizem, que passou Hippocrates como cousa sabida. A puericia he até os quatorze , dos quatorze até os vinte & cinco a adolescencia, de vinte & cinco até trinta & cinco a juventus , de trinta & cinco até os quarenta & oytavo, cincoenta a consistencia, dos cincoenta até os sessenta a prima senectus, do sessenta por diante a decrepita. Outros (que he a conta que hoje chamamos) a dividem em sete partes infancia até os sete annos, puericia até os quatorze, adolescencia até vinte & cinco, juventus até os quarenta, consistencia até os cincoenta , prima senectus até os sessenta , & dahi por diante a decrepita até o fim da vida. Esta idade he conforme aos Astronomos, os quaes a dividirão em sete partes, conforme aos sete Planetas do Ceo, aos quaes dizem estar foytas as idades, como a infancia á Lua, puericia a Mercurio, adolescencia a Venus, a juventud ao Sol, constancia a Marte, a prima senectus a Jupiter, a decrepita a Saturno. Outros a dividem de outra maneyra.

Tambem Luis de Camões a divide em quatro partes neste lugar , conforme aos quatro tempos do anno , primeyra idade do verão he até os vinte & cinco , a segunda , que se compara ao estio até os cincoenta , a qual chamao consistencia, porque nella está hum homem em suas forças, a do outono, que he até os setenta , na qual idade se colhe já o fruyto da vida , & a do inverno , que he a que chamamos decrepita. O Poeta viafe em idade de quarenta annos, & mais , & não muyto favorecido dos Principes, merecendo elle tanto, cansado das armas , & ensadado com as letras , pelo que tinha necessidade de favor , para coneguir sua empreza, & por isto invoca a Musa Calliope, que lhe dê novas forças, & ajuda. Rio do esquecimento he o Letheo, como fica dito no canto primeyro, oytava 32. Os desgostos, & pouco favor o rebotavão, & fazião esquecer do que havia de dizer, como se fora morto. Raynha das Musas he Calliope, & como a tal invocão sempre os Poetas heroicos. Das Musas se veja a nolla annotação no primeyro canto, oytava 4.

C *Antava a bella Deosa, que virião
Do tejo, pelo mar que o Gama abirva,
Armadas, que as ribeyras vencerião,
Por donde o Oceano Indico suspira:
E que os Gentios Reys, que não darião
Acerviz sua ao jugo, o ferro, & ira
Provarião do braço duro, & forte,
Atê render se a elle, ou logo à morte.*

Cantava a bella Deosa. O que Tethys cantava he, que irião do Tejo , que são as partes do Occidente, por onde o Tejo corre , pelo mar por onde o Gama fizera a primeyra viagem para as partes da India, armadas, que a conquistarião, o que entende por aquellas palavras. Por onde o Oceano Indico suspira , por onde o mar da India passa. E diz suspira pelo som , que as aguas fazem. Esta idade dos Portuguezes á India , muyto tempo antes estava denunciada pela Sibylla , segundo a opinião de alguns. E assim no anno de mil, quinhentos & cinco , seis annos depois do descobrimento da India, havendo treze, que reynava o felicissimo Rey Dom Manoel , aos nove dias do mez de Agosto na terra de Cintra ao longo do mar forão achadas tres columnas de pedra quadradas, com letreyros Romanos, ainda que duas se não poderão ler, por estar a letra gastada do tempo , & huma tinha huns versos Latinos , os quaes se lerão com trabalho, com hum titulo, que dizia:

Sibill. vaticinium occidij decretum.

Prophecia de Sibilla , feyta para os moradores do Occidente eraõ os seguintes:

Vol ventur saxa, literis, & ordine rectis

Cum videas Oriens Occidentis opes:

Ganges, Indus, Tagus (erit mirabile visu)

Merces commutabit suas uterque sibi.

Os versos não estão muyto certos, & a causa he, porque se não poderão ler melhor, & alguns ficarão por escrever, por se não poder ler a letra. A declaração he: Revolverseão as pedras com as letras direytas, & em ordem, quando tu Oriente vires as riquezas do Occidente: o rio Ganges, Indo, & Tejo (será cousa maravilhosa) trocarão entre si suas mercadorias. Querem alguns, que estes versos forão achados poucos dias antes, que Paulo Coelho chegasse a Cintra, como diz Castanheda: são muyto celebrados em Italia, & outras partes, aonde há gente, que se preza de saber: & em Portugal, a quem toca a honra desta antiguidade, poucos há que tenham notícia della. Afirmando Pietro Appiano Mathematico, no seu livro, aonde trata dos letreyros antigos da Europa, logo no principio, que elle vio as columnas com seus olhos, & leu os versos, de que fazemos menção, escritos em caracteres Romanos. E com tudo isto há Portuguezes, que movidos pelo ditto, não sey de que Italiano, fazem pouco caso desta antigualha, & a tem por mentira: dizendo, que foy invenção do Senhor daquella terra, aonde se as columnas acharão. Dito, quanto a mim, que se poderá etcusar. Nem há homem tão ocioso, nem os moradores da ferra de Cintra são tam estudiosos, que podessem fazer cousa semelhante.

II

Cantava de hum, que tẽ nos Malabares
Do summo Sacerdocio a dignidade,
Que se por não quebrar c'os singulares
Barões, os nós que dera de amizade:
Sofrera suas cidades, & lugares,
Com ferro, incendios, ira, & crueldade
Ver destruyr do Samorim potente;
Que taes odios terá co, a nova gente:

Cantava de hum. Os Reys de Cochim, que he dezanove legoas de Calecut forão muyto amigos dos Portuguezes: o que foy causa de o Samorim Rey de Calecut ajuntar grande exercito, & entrar em Cochim, & destruhilo. Este Rey de Cochim de que o Poeta aqui falla, chamavase Triumpara. Diz, que tinha do summo Sacerdocio a dignidade, pelo costume daquella terra, que nenhum Rey pode subir a dignidade real sem primeyro ser Bramene, que he o nome dos Sacerdotes entre elles; & feyto Rey, fica sumo Sacerdote, como diz João de Barros liv. 9, 1. Decad. c. 3.

21

E canta como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em sy ao mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria
O curvo lenho, em o fervido Oceano,
Quando mais na água os troncos, que gemerem,
Contra sua na tureza se meterem.

E canta como lá se embarcaria, em Belem, &c. A casa de Nossa Senhora de Belem, que hoje conhecemos por hum dos sumptuosos Templos, & excellentes Edificios do mundo, foy primeyro hum pobre Hermida, que o Infante Dom Henrique mandou fazer no principio destes descobrimentos, para os que houvessem de navegar, & tomando a Virgem Nossa Senhora por sua ajudadora, & defensora, intitidou esta casa de seu nome: na qual estavam ímente quatro, ou cinco Religiosos da Ordem de Christo, de que elle era administrador, para sacramentar aos navegantes, & lhe dizer Missa, se por causa do tempo se detivessem alli alguns dias. El-Rey Dom Manoel a ennobreceu depois, & a poz no estado, em que agora está; depois que vio Vasco da Gama em Portugal com boas novas do intento, que pretendia, que era o descobrimento da India. E porque o Infante Dom Henrique tinha dado esta Hermida aos Religiosos de Christo com as terras, & propriedades adjacentes, dotadas ao Convento de Tomar, cabeça da dita Ordem. El-Rey Dom Manoel deu por autoridade Apostolica ao dito Convento a Conceção de Lisboa, que havia tomado aos Judeos, que fora casa de sua Synagoga. E como esta casa de Nossa Senhora de Belem está sita no lugar chamado antigamente Restello, donde partem todas as armadas para fóra. Diz aqui o Poeta, que em Belem se apparelhava o remedio contra o dano, que o Samorim havia feyto a El-Rey de Cochim, que mandolhe a terra, & lançandoo fóra della. O remedio foy o grande Duarte Pacheco Pereyra, o qual foy por Capitão de huma naõ da conserva de tres, que o grande Affonso de Albuquerque levava, & de que hia por Capitão mór.

Pacheco Achilles Lusitano. Foy Achilles hum Cavalleyro Grego muyto celebrado, em cujo louvor fez Homero a sua Iliada, assim como Virgilio a Eneida em louvor de Eneas. E porque Duarte Pacheco foy muyto esforçado Cavalleyro, lhe chama aqui o Poeta Achilles Lusitano.

O peso sentirão, quando entraria. He encarecimento grande do valor, & Cavallaria de Duarte Pacheco, & mais Portuguezes, cujas forças, & valentia sentirão logo os Malabares em se os Portuguezes embarcando, & o mar furioso lhe conheceu a superioridade, vendo o peso desta gente fazer hir

as naos ao fundo , tanto contra vontade das agoas,
& natureza do pao , que he estar fóra da agoa.

*D'ambas as leys inimigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pella terra.*

Virão Reys de Bipur, & de Tanor. Bipur, & Tanor são lugares na costa do Malavar.

Das serras de Nar singa. El-Rey de Nar singa tem na costa do Malabar muytos portos : como Baticala, Bracelor, Mangalor, & Bacanor. Vejase Castanheda liv. 2. c. 1. aonde tratta largamente de Nar singa. Vejase tambem a nossa annotação no canto setimo, oytava 21. Tem Nar singa ao longo do mar muytas povoações , & ao longo de grandes montes, & serras, donde acudijo muyta gente em favor do Samorim, como de Repelm, Curlor, Cotogam, & outros muytos lugares , que nomea Castanheda.

D'ambas as leys inimigas. As leys duas inimigas da nossa, são a dos Gentios, & a dos Mouros, as quaes nacões ambas se ajuntarão por mar , & terra contra os nossos, como diz aqui o Poeta.

M *As já chegado aos fins Orientais.
E deyxado em ajuda do Gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado, & curvorio.
Desbaratará os Nayres infernais
No passo Cambalão, tornando frio
D'espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tam pouca gente.*

Mas já chegado. Chegado Duarte Pacheco na conserva do grande Affonso de Albuquerque a Cochim, de conselho de seu irmão Francisco de Albuquerque, que hia na mesma armada por Capitão de outras três naos, ficou em Cochim com hum nao, & duas caravelas, com noventa homens, alguma artilharia, & munições, para defensão, & ajuda d'El-Rey de Cochim, contra o qual era certo hir o Samorim de Calecut cõ grande exercito. Com esta pouca gente desbaratou Duarte Pacheco o Samorim com muytos Reys, que o acompanharão nesta guerra, fazendo nelles grande estrago, como se poderá ver em João de Barros na primeyra Decada liv. 4. do c. 5. até 7. aonde se relatão todas as vitorias, que Duarte Pacheco houve contra El-Rey de Calecut. He Cochim huma Cidade no Malabar dezanove legoas de Calecut , para a banda do Sul: está em nove graos da parte do Norte, situada ao longo de hum rio, o qual se metê no mar, com que a Cidade fica em Ilha, & muyto forte, que não se pôde entrar por certos passos: tem bom porto, o qual se faz na foz deste rio , ao qual chama aqui o Poeta salgado, porque entra no mar.

Desbaratará os Nayres infernais. Nayres he gente nobre de Calecut , que sempre anda com o Rey, & o servê em todas as guerras, & necessidades. Vejase a nossa annotação no canto setimo.

No passo Cambalão. He Cambalo huma pequena Ilha junto a Cochim , na qual estava hum senhor inimigo do Rey de Cochim, pela qual dava entrada ao Samorim contra elle , mas não lhe succedeo como cuydaraõ , porque forão desbaratados tres vezes, por Duarte Pacheco , tem lhe valer infinidad de gente por mar, & terra.

C *Hamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reys de Bipur, & de Tanor,
Das serras de Nar singa, que alta prova
Estarão prometendo a seu senhor:
Fará que todo o Nayre em fim se mova,
Que entre Calecut jaz, & Cananor,*

E *Todos outra vez desbaratando,
Por terra, & mar, o grão Pacheco usado
A grande multidão que hira matando,
Atodo o Malabar terá admirado:
Commeterá outra vez não dilatando
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos Deoses vão, surdos, & immotos.*

E todos outra vez desbaratando. Duarte Pacheco desbaratou sete vezes ao Samorim no passo Cambalão: a primeyra foy hum Domingo de Ramos a dezoyto de Abril de mil quinhentos & quatro. A segunda logo à sexta feyra seguinte: A terceyra dia de Paschoa de Flores. A quarta terça feyra seguinte, que foy a segunda oytava, as demais successivamente por aquelles dias seguintes , porque o não deyxavão descangar , o que era peyor para elles, que lhe destruhia as povoações. *Injuriando os seus* Isto diz , porque o Samorim trattava mal de palavra aos seus , lançandolhes em rosto o esforço dos Portuguezes, como conta Castanheda.

T *A não defenderá sômente os passos,
Mas queymarlheba lugares, templos, casas
Aceso de ira o Cão, não vendo lassos,
Aquelles, que as cidades fazem razas:
Fará, que os seus de vida pouco escassos
Cometão o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos num tempo, mas voando,
D, hum noutro, tudo ira desbaratando*

Mas queymarlheba lugares. Não se contentava Duarte

Duarte Pacheco com se defender d'El-Rey de Calecut, mas o dia, que entendia não haver combate entrava pela terra dos inimigos, & destruiu-lhe as povoações. *Por dous passos.* Este combate foy em dia de Paschoa, no qual cuydou o Samorim prender Duarte Pacheco, & isto mandando setenta Paraos sobre a sua nao, para que occupado nisto, & indo acudir a nao se deleydasse do passo. Estes Paraos forão por hum esteyro de mar tem ter vistos de Duarte Pacheco, pelo qual esteyro podera o Samorim entrar com menos resistencia, mas não o fazia, porque havião por injuria entrar por outro passo, se não pelo de Cambalão, que Duarte Pacheco lhe defendia. Mas Duarte Pacheco deu tal manha, que acudio a huma, & outra parte com muyta diligencia, como diz aqui o Poeta, & desbaratou o Samorim.

17

V Irà alli o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce, e anime
Mas hum tiro, que com zomido voa
De sangue, o tingir à no andor sublime.
Já não ver à remedio, ou manha boa,
Nem for ça, que o Pacheco muyto estime,
Inventar à trayções, & vãos venenos,
Mas sempre, o Ceo querendo, far à menos.

Virá o Samorim. Em hum dos combates, que foy á terça feyra segunda oytava da Paschoa se achou presente o Samorim, o qual os aticava, & fazia pelear, animandoos, & fazendolhes grandes promessas. Fizerão neste combate os Portuguezes maravilhas, matarão muyta gente, & meterão no fundo vinte & dous Paraos. *Ma, hum tiro.* Indo El Rey de Calecut desesperado fugindo ao longo de hum palmar, defronte das Caravelas. Pedro Raphael Capitão de huma, lhe mandou atirar com huma bombardas, que lhe matou treze, & hum delles tão perto d'El-Rey, que o salpicou com o sangue. Pelo que El-Rey se baqueou do andor com grande medo, como refere Castanheda liv. 1. c. 75. *Inventar à trayções.* Isto diz, porque quando o Samorim se defenganou, que não podia fazer mal aos Portuguezes por força, & armas, determinou fazelo por manha, peytando alguns Nayres, que os mataassem, lançandolhe peçonha no comer, & beber, & fez outras invencões diabolicas, que refere João de Barros na primeyra Decada liv. 7. cap. 6.

18

Q ue tornará a vez settima cantava,
Pelear c'o o invicto, & forte Luso,
A que nenhum trabalho peja, & agrava,
Mas com tudo este (d'o far à confuso.
Trará para a batalha horrenda, & brava,
Machinas de madeyros fora de uso,

*Para lhe abalroar as caravelas;
Que até ly vão lhe fora cometelas.*

Mas com tudo este (d'o far à confuso. De todos os combates, que El-Rey de Calecut deu aos nossos nenhum os confundio mais, que este, a que o nosso Poeta chama o setimo, como a Tethys cantava. Fizerão oytto castellos de madeyra muyto alterosos sobre Paraos, & com muyta gente, & artelharria, que foy invenção de hum Mouro pratico, & engenhoso, que se havia achado em muytas partes, por nome Cogealé. Esta invenção foy para aferir as naos caravelas, diante dos quaes hião grandes ballas de fogo ardendo ao pé de cento & dez Paraos cheyos de gente, & artelharria, & muytos delles encadeados. E detrás desta maquina cem Cattures pela mesma ordem, & oytenta Tones de coxia larga, com muyta gente de peleja, & tiros. E por guarda desta matizada os oytto castellos, tudo isto venceo, & destruhio Duarte Pacheco, com a ajuda de Deos, em dia da Ascensão de Nosso Senhor Jezu Christo do dito anno. Os curiosos leão estas cousas mais largamente em João de Barros, liv. 7. cap. 7. & 8. & Castanheda liv. 1. cap. 66. até 98.

19

P Ela agua levar à ferras de fogo
Para abrazar lhe quanta armada tenha;
Mas a militar arte, & engenho, logo
Farà ser vã a braveza com que venha.
Nenhum claro varão no Marcio jogo,
Que nas asas da fama se sustenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.

Pela agoa levar à ferras de fogo. Estas são as ballas de fogo de que o Poeta falla na oytava passada. Jogo Marcio, he jogo de Marte, que são brigas, & guerras, como fica dito.

Chega a este. Este he o grande Duarte Pacheco, de que vay fallando nestas oytavas:

20

P Orque tantas batalhas sustentadas
Cam muyto pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, & artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados.
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes coros invocados
Decerão a ajudado, & lhe darão
Esforço, for ça, ar dil, & coração.

Tantos cães não imbelles profligados. Chama aos Malavares cães, & com muyta razão. Não imbelles, quer dizer esforçados, & valentes, porque como hoje sabemos por experiencia pelejoão com

muyto animo. Profligagos, quer dizer vencidos, & destruhidos.

21

A Quelle, que nos campos Marathonios
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopilas defende:
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio
Foy como este na guerra forte, & sabio.

Aquelle, que nos campos Marathonios. Este he Melciades valerosissimo Capitão dos Athenienses, o qual desbaratou nos campos Marathonios da região Attica de Grecia a Date Capitão de Dario Rey dos Perlas, & lhe matou, como diz Valerio Maximo, liv. 6. trezentos mil homens, & como dizem outros trezentos & seis mil, o qual Date com hum poderosissimo exercito destruhia, & saqueava toda Grecia, como conta Herodoto, & Fulvio Lucio no seu livro dos Elogios dos Varões illustres logo no principio, aonde tratta muytas proezas deste Melciades.

Ou quem com quatro mil Lacedemonios. Em Macedonia região de Grecia está hum monte por nome Oeta muyto alto, o qual faz hum passo muyto estreito, & trabalhoso aos que caminão ao longo da praya para a Cidade Locros. Pelo que assim pela estreiteza do lugar, que entre os Gregos se chama Pyla, como por huns banhos de agua quente, que naquella lugar estão, se chama Thermopyla, palavra coposta de therma, thermarum, q̄ são os banhos, & Pylæ as estreitezás, & apertos de qualquer couza. Hoje se chama este lugar de alguns terremoto, de outros boca de lobo, pela aspereza do passo, como se pôde ver em Ortelio na sua Synonimia Geographica na palavra Thermopyla. Este passo defendeo Leonidas Rey de Lacedemonia, de hum grandissimo exercito de Xerxes Rey dos Perlas, que levava mais de quinhentos mil homens, sómente com quatro mil Lacedemonios, como diz Justino. Este Leonidas foy o primeyro, que disse hum dito tão celebrado, & que muytos lhe furtarão: *Malò cervorum agmen duce Leone, quam Leonum agmen duce cervo.* Mais quero hum exercito de cervos com hum Capitão Lião, que hum exercito de Liões com hum Capitão Cervo.

Nem o mancebo Cocles dos Ausonios, Que com todo o poder Tusco contende. Autonua se chama Italia, entre outros muytos nomes, de hum Ausonio, que a governou. O mancebo Cocles de que aqui falla o Poeta, foy hum Horacio Cocles, o qual o anno, que os Romanos se isentãrão dos Réys pela tyrannia, & maldade de Tarquino, veyo em favor de Tarquino Portena Rey dos Thoscanos, o qual estando com todo o exercito para passar a ponte do rio Tybre, que passa por Roma, a qual era de ma-

deyra, este mancebo deu grandes vozes, & brados aos Romanos, que hiaõ fogindo, que lhe acudiriam, & ajudassem a derribar a ponte, dos quaes não vierão mais, que dous homens nobres, hum por nome Espurio Lucrecio, & outro Tito Hemínio. Estando a ponte quasi derribada fez Horacio com seus companheyros, que se passassem, & se pudessem em salvo, ficando elle só. E depois que seus companheyros estiverão em lugar seguro, deu Horacio com a ponte no rio, lançandose nelle, o qual passou a nado, tirandolhe os inimigos muytos dardos, settas, & pedras, mas elle sahio salvo. Os da Cidade agradecidos de hum tão grande beneficio, lhe fizerão grandes honras, & lhe levantarão hum estatua em memoria de tão grande feyto. O que tudo conta Titoliuio na segunda Decada liv. 2. cap. 3. Poder Tusco, he o poder de Portena Rey de Toscana, a que os Latinos chamão Tuscia.

Ou Quinto Fabio. Este foy Quinto Fabio Maximo Dictador, o qual como conta Titoliuio na terceira Decada liv. 2. c. 5. 6. & 7. sem dar batalha a Annibal o trazia assado, & morto, cansandoo, & detendoo com ardis, & cautelas, com a qual invenção o destruhio. Donde diz Propercio nas elegias: *victrices que moras Fabij, as tardanças vencedoras de Fabio.* Todos estes tão nomeados Capitães diz o Poeta, que se não haõ de comparar com este nosso Duarte Pacheco Pereyra.

22

M As neste passo a Nympha o som canoro
Abaxando, fez rouco, & entristicido
Cantando em baxa voz em volta em choro
O grande esforço mal agradecido.
O Belizario (disse) que no coro
Das Musas ser às sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolarte.

Belizario disse, que no coro, &c. Este Belizario foy Capitão de Justiniano Emperador, cujos feytos conta Pedro Mexia na sua historia imperial, logo no primeyro capitulo. Faz o Poeta aqui memoria delle, para mostrar a pouca constancia dos homens, & a pouca fé, & lealdade, que tem, a quem os serve, & acompanha em suas necessidades, & morre por teu serviço, como foy este Belizario, o qual conquistou Africa em pouco mais de quatro mezes. Houve grandes vittorias em a Persia, & em Italia, & pagoulhe Justiniano com o prender, & desterrar. O que succedeo tambem ao nosso Duarte Pacheco, que havendo pouco tempo, que El-Rey Dom Manoel o levãra consigo debayxo de hum palleo, em huma procissão da Sê até S. Domingos, aonde se pregou publicamente o que fizera contra El-Rey de Calecut, dahi a poucos dias por enveja, & mexericos de alguns privados seus o mandou trazer da Mina, aonde estava por Capitão, pre-

to em ferros, com os quaes esteve muyto tempo na cadeia, até se saber as culpas, que lhe punhão ser dellas falsas, & dellas taes, que em hum tão excellentemente Capitão não tinhaõ lugar. E depois de toito viveo em lumina pobreza, & nella acabou, como conta Damião de Goes na primeyra parte da Chronica d'El-Rey Dom Manoel. O melino aconteceu ao grande Capitão Melciades, Themistocles, Viriato, & outros cem mil, de que os livros eitão cheyos. Apenas houve grande Capitão, que não desse grande queda, isto não he culpa dos Reys, mas contrapelo do mundo, & ordem, que elle tem em gratificar os beneficios recebidos, para que se etcarmentem os homens, & olhem o que fazem.

23

A Qui tens companheyro asi nos feytos
Como no galarção injusto, & duro:
Em ti, & nelle veremos altos peytos,
Abayxo estado, humilde, & escuro.
Morrer nos hospitaes em pobres leytos:
Os que ao Rey, & á ley servem de muros;
Isto fazem os Reys, cuja vontade
Manda mais, que a justiça, & que a verdade

Morrer nos hospitaes em pobres leytos. Isto diz porque Belizario morreo deterrado fóra da graça do seu Rey, a que elle tinha servido tambem, & da mesma maneyra Duarte Pacheco. O qual dizem que veyo a dar em tanta pobreza depois de sua prizaõ, que adoecendo, foy necessario levalo ao hospital, aonde morreo miseravelmente, o que tem acontecido a outros muytos excellentes Varrões de que os lidos nas historias sabem.

24

Isto fazem os Reys, quando embibidos
Numa apparencia branda que os contenta,
Dão os premios de Aiace merecidos
A lingua vã de Vlysses fraudulenta.
Mas vingome, que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras aperfenta,
Se não os dão a sabios Cavalleyros,
Dão os logo a aurentos linsongeyros.

Dão os premios de Ayace merecidos. Contaõ as fabulas, & nisto galta Ovidio o livro 13. de suas transformações, que morto Achilles em Troya, como suas armas erão de muyta estima, que houve grande contenda entre dous Cavalleyros Gregos, sobre quem as havia de levar, & por derradeyro as levou Ulysses, por ter melhor linguagem, & ser mais brando nas palavras, & mais eloquenté, & entremetido, que Ajax, porque Ajax tudo fazia ás punhadas, & Ulysses com a lingua, a qual foy causa, que os Gregos vencidos com sua rethorica lhe

dêsem as armas, & Ajax, que as merecia ficasse sem ellas. O que acontece hoje em dia, que se dão os premios, que outros merecem, a gente inutil, & que não presta para coula alguma, ficando sem elles os que os merecem, *Mas vingome.* He o que diz Seneca: *Non potuit Deus magis concupita traducere, quàm ea immerentibus tradendo.* Não pôde Deos dar mayor final do pouco prego das coulas, que os homens delejão, que entregalas a quem as não merece, que parece se quiz vingar dellas em as dar a gente indigna.

25

M As tu de quem ficos tão mal pagado
Hum tal vassalo, ó Reynisto só unico.
Se não és para darlhe honroso estado,
He elle para dart hum Reyno rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos rayos, eu te fico
Que elle seja entre a gente illustre, & claro,
E tu nisto culpado por avaro.

O Rey nisto só iniquo. Parece notar bem a El-Rey de Avaro nesta parte: ainda que parece mais ser fruyta do mundo, o qual costuma sempre pagar deste modo, aos que o servem com tanta fidelidade.

Rayos Apollineos. São Rayos do Sol, de Apollo, que he o Sol.

26

M As eys outro, cantava intitulado
Vem com nome real, & traz consigo
O filho, que no mar será illustrado
Tanto, como qualquer Romano antigo.
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo.
Fazendo nella Rey leal, & humano,
Deytado for a o perfido tiranno.

Mas eys outros. Sabendo El-Rey Dom Manoel como os Reys de Cochim, Coulão, & Cananor ettavão certos na amizade dos nossos, & vendo o que até alli lhe acontecera, determinou mandar hum grossa armada à India, parte para ficar nella de assento, & fazer fortalezas, aonde as naos dêsem, & tomarem carga a fim de favorecer os Reys nossos amigos, & acudir a algumas necessidades da terra, & parte para tornar ao Reyno com carga. Foy por Capitão mór desta armada Dom Francisco de Almeyda, filho de Dom Pedro de Almeyda, Conde de Abrantes, com novo titulo de Viso Rey, para o qual nome levava gente, & fausto competente, como nas Chronicas se conta. Sahio Dom Francisco de Almeyda do porto de Belem a vinte & cinco de Março, de mil & quinhentós & cinco, levando consigo hum filho por nome Dom Lourenço de Almeyda, o qual fez na India cousas notaveis, como se pôde ver em João de Barros, Decada 1. liv. 8. cap. 3.

A Quiloa fertil aspero castigo. He Quiloa huma Cidade na coita de Melinde, cercada toda de mar, que a faz Ilha, tem muytas palmas, arvores de espinho, & hortaliças, como as de Hespanha: galinhas, pôbas, rolas, gado grosso, & miudo, & outras muytas aves, de que noz nestas partes não temos noticia. O mantimento da gente he milho, & arroz: as aguas não são boas, porque são de poços de terra alagadiça, por estar a Cidade situada ao longo do mar. As casas são de pedra, & cal com feus eyrados, & quintaes, com muytas arvores de fructo, assim para trelquidão, como para proveyto. A descripção desta costa, a que os Perfas, & Arabios chamão Panguemar, poem João de Barros na primeyra Decada. Velpera de Santiago do dito anno fahio Dom Francisco em terra, & não achando resistencia na Cidade se empossou della, & a mandou saquear, & fazer Rey della hum Mahamed Ancony amigo nosso, & desaposou hum tyranno, que a governava chamado Mirhabrenio.

17

Tambem farão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas, & edificios,
Co, offerro, & fogo seu queymada, & fea,
Empago dos passados maleficios.
Depois na costa da India andando chea
Delenhos inimigos, & artificios,
Contra os Lusos, com velas, & com remos,
O mancebo Lourenço fará estremos.

Tambem farão Mombaça. Depois que Dom Francisco de Almeyda proveo o necessario na Cidade de Quiloa, partio para Mombaça a nove dias de Agosto, á qual chegou a treze do mesmo, & não querendo os Mouros obedecer ao recado do Capitão mór, mas usar de sua má inclinação, & costume contra os nossos, toltando palavras injuriasas, & pilouros de bombardas, que tinham em hum baluarte novamente feyto, entrarão os nossos, & lhe queymarão, & saquearão a Cidade, não perdoando a coula, que encontrassem. Esta Cidade de Mombaça está na mesma costa, medida dentro da terra firme, rodeada com outro estreyto de agua, a modo da Cidade de Quiloa, que terá como quatro leguas de redondo. He grande, & forte, tem bons Edificios de pedra, & cal, com muytos eyrados, & torres, com que fica muyto fermosa á vista, & temerosa, para os que a houverem de commetter. Tem Rey proprio. He lugar de muyto riatto, & abundancia de tudo o necessario para a vida, & juntamente de muyto boas aguas. Aqui tiverão os Portuguezes sempre roim gazalhado, pelo que diz aqui o Poeta, que Dom Francisco de Almeyda a destruhio, em pago dos maleficios passados. E com fogo feu, porque com hum tiro nosso se lhe acendeo fogo na sua polvora, que foy causa de largarem logo o baluarte, donde começou o seu desbarate.

Depois na costa da India. Dom Lourenço de Almeyda houve huma victoria muyto grande contra o Samorim a vinte & seis de Março de 1506. Deuse esta batalha defronte de Cananor. Tinha a armada d'El Rey de Calecut 208. velas a saber 84. naos grossas, & 124. Paraos, em que hão muytos Mouros, & Nayres de pelega sem conto. Os nossos não tinham mais que onze velas, com oytocentos homens, com as quaes destruhirão toda esta armada, que levava muyta, & muy boa artilharia.

28

As grandes Naos do Samorim potente
Que encherão todo o mar, cõ a ferrea pela
Que sae como trovão do cobre ardente,
Farã pedacos leme, mastro, & vela.
Depois lançando arpeos ousadamente
Na Capitania imiga, dentro nella
Saltando a farã so com lança, & espada,
De quatrocentos Mouros despejada.

Depois lançando arpeos ousadamente. Isto diz porque Dom Lourenço abalroou com duas naos a Capitania, & sotto Capitania, & não deyxou nellas homem vivo, como diz aqui o Poeta, & Catinhedo liv. 2. cap. 827.

29

As de Deos a escondida providencia,
Que ella sô sabe o bem de que se serve
Oporã onde esforço, nem providencia
Poderã aver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em sangue, & resistencia
O mar todo com fogo, & ferro serve,
Lhe farão, que com vida senão sayã
As armadas de Egypto, & de Cambaya.

Mas de Deos a escondida providencia. Vendo o Samorim o grande dano, & perda, que dos nossos recebia, & que não era poderolo para lhe resistir, mandou hum Embaxador Maymane Marar, por nome, Religioso de sua leyta, & homem que entre elles era tido por Santo, ao Soltão do Egypto, & outro a Cambaya pedir soccorro contra os Portuguezes, pondolhe diante o grande mal, que era estarem Portuguezes naquellas partes, & quanto lhe importava a todos lançalos fóra dellas. O Soltão mandou hum Cavalleyro por nome Mirhocem por Capitão de deze velas. Seis galiões, & seis galés, com ordem, que se fosse ver com Melique Az senhor de Diu, & que de seu conselho tomassem accordo sobre este lançamento dos Portuguezes fóra da India. Ajuntaraõse ambos, & fahirão em busca da nossa armada, Mirhocem com as velas acima ditas, & Melique Az com quarenta fustas, estando Dom Lourenço em Chaul, bem fóra de lhe parecer o que succedeo, que era haver esta

armada contra elle: porque avisado por seu pay Dom Francisco, & outras pessoas, nunca o quiz crer, por não haver pessoa, que com os olhos tivesse vista a armada, nem o pay o escrevia por coula certa. Foy morto no rio de Chaul por hum desastre, que lhe aconteceu, que foy irlelhe a nao ao fundo, & não poder por nenhum modo dar a vela. Pelo que foy entrada dos Mouros, & morto elle, & cativos alguns Portuguezes, com morte, & destruição de muytos Mouros. He Chaul huma Cidade no Reyno Adecão, a que corruptamente chamamos Daquem, situada por dentro da costa, em hum rio de bom porto, distante da barra por espaço de duas leguas, he de muyto tratto, & o primeyro porto deste Reyno, o qual confina com Cambaya, & está da Cidade de Diu distancia de cincoenta legoas. Neste rio estava Dom Lourenço de Almeyda com a mais armada Portugueza, quando Mirhocem, & Melique Az o cometerão, & aqui se embarçou a nao em huma estacada, que estava posta pelos da terra, & por esta causa, & por fazer muyta agua, se perdeu Dom Lourenço, como fica dito.

As armadas do Egypto, & de Cambaya. Isto diz porque Mirhocem Capitão do Soltão do Egypto, & Melique Az senhor de Diu, que está no Reyno de Cambaya, & Capitão mór de El-Rey de Cambaya forão causa da perda de Dom Lourenço.

A Ly o poder de muytos inimigos,
Que o grande esforço só com força vende
Os ventos, que saltarão, & os perigos
Do mar, que sobejarão tudo o offende:
Aqui resursão todos os antigos,
Aver o nobre ardor, que aqui se aprende;
Outro Scava verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

Outro Scava verão. Este foy Cassio Scava Capitão de huma companhia de Cesar, o qual em huma batalha, que Pompeyo teve com Cesar em hum lugar junto à Cidade Durazzo na Macedonia; estando Cassio à porta da Villa, & sendo commettido por muytos inimigos, tendo já hum olho quebrado, & mal ferido em huma coxa, & hombro, & o elcudo espedaçado, com muytas feridas por todo o corpo, nunca se quiz render, como conta Suetonio na vida de Cesar liv. 2. & Appiano nas guerras civis. Compara o nosso Poeta aqui a Dom Lourenço de Almeyda a esta Scava, o qual depois, que no rio de Chaul, não podendo sahir por se lhe ir a nao ao fundo, & lhe saltar o vento, & o entreter tambem huma estacada, que no dito rio havia; tendo lhe huma bombardada levado huma coxa, não consentio, que os seus o tirassem da nao, antes mandou, que o encostassem ao perpao junto do masto do meyo assentado, para q' dalli já que não

podia com obra, com palavra ajudasse aos seus soldados: ao qual estando assim veyo outra bombardada, que o acabou de matar, levando lhe todas as costas da parte dreyta. Nem he para passar, o que hum Portuguez natural do Porto por nome André Fernandes grumete fez este dia, que tendo entrada a nao do Capitão mór, elle tóna gavela se defende dous dias & meyo, sem o poderem entrar. Até que Melique Az vendo a valentia deste homem, mandou lhe não atiralle, & fazendolhe grandes promessas, & juramento de segurança da vida, se entregou, como conta João de Barrés na segunda Decada liv. 2. cap. 8.

C Om huma coxa fora que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro que passara,
Se serve ainda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficara:
Até que outro pilouro quebra os laços
Com que co, a alma o corpo se liara.
Ella solta voou da prisão fora,
Onde subito se acha vencedora.

Onde subito se acha vencedora. Porque entrou nos ceos, aonde recebeu o premio de seu martyrio.

V Ate alma em paz da guerra turbulenta
Na qual tu mereceste paz serena,
Que ao corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena.
Que eu ouço retumbar a grão trombeta,
Que vem já dar a dura, & terna pena.
De esperas, basiliscos, & trabucos,
A Cambaycos crueys, & Mamelucos.

Quem o gerou. Este era Dom Francisco de Almeyda filho de Dom Pedro de Almeyda, de que himos fallando, o qual tinha determinado castigar a morte de seu filho, como fez.

A Cambaycos crueys, & Mamelucos. Cambaycos são os moradores do Reyno de Cambaya, aonde está a nossa fortaleza de Diu, da qual era senhor naquelle tempo Melique Az Capitão mór da armada d'El-Rey de Cambaya. Mamelucos, Janizeros, & Rumes, são Turcos filhos de Christãos, os quaes o Turco cria de pequenões, & delles se serve para sua guarda, & milicia. Destes havia muytos nesta armada dos inimigos, como conta os nossos historiadores.

E Ys vem o pay com animo estupendo,
Trazendo furia, & magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos.

*Anobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas náos: sentiloha o Nilo,
Podeloha o Indo ver, & o Gange ouvilo.*

Eys vem o pay. Este era o Viso-Rey Dom Francisco de Almeyda, o qual depois da morte de seu filho, logo se fez prestes para a vingar. E depois de ter provido tudo o necessario, affim das náos, que haviaõ de vir com carga para o Reyno, como da guarda da colta: partio de Cochima doze de Dezembro, de mil, quinhentos & oytó, com humia armada de dezánovê velas, que podia levar mil & quinhentos Portuguezes, fóra alguns Malavares, & gente de servigo, com a qual destruhio a armada do Sultão, de que era Capitão mór Mirhocem, & a de Melique Az, & a d'El-Rey de Calecut.

Sentiloha o Nilo. Porque a gente, que morreo nesta batalha era do Cayro, & de outras partes do Egypto por onde o rio Nilo passa.

Podeloha o Indo ver, & o Gange ouvilo. Esta batalha foy em Diu, Cidade de Cambaya, por donde passa o rio Indo, por onde diz, que o poderá ouvir o rio Ganges, porque os Malavares, que não esperarão o fim da batalha, irião com a nova a El-Rey de Calecut, por onde o rio Ganges passa.

34

*Qual o touro ciofo, que se ensaya
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco de hum carvalho, ou alta faya,
E o ar ferindo as forças esprimenta.
Tal antes, que no seyo de Cambaya
Entre Francisco irado, na epalenta
Cidade de Dabul, a espada asia,
Abaxandolhe a tumida onfadia.*

Cidade de Dabul. Era neste tempo, que Dom Francisco chegou a Dabul, hum das melhores povoações daquellas partes, affim pelo sitio, como pelo tratto dos mercadores, que a ella concorriaõ de diferentes partes. Era do Sabayo senhor de Goa, por cuja ordem havia nella seis mil homens de peleja, com repayros, & baluartes de artilharia: Tinha edificios nobres, & casar de muyto aparato situada ao longo de hum rio muyto fermoso, largo, & navegavel, distante da barra por espaço de duas legoas. Neste lugar diz o Poeta, que deu o Viso Rey fio à sua espada, porque entrou à força de armas, faqueandoa, & queymandoa, sem ficar coufa em pè, nem pessoa viva.

Abaxandolhe a tumida onfadia. Isto diz, porque estavão os de Dabul tam confiados na gente, que tinham, que mandou o Capitão da terra apregoar sob pena de morte, que ninguém se fahisse da Cidade, nem tirasse fato della, & elle para mais asse-

gurar a gente da terra, trouxe sua mulher de hum quinta, que tinha, a qual tambem morreo na volta.

Seyo de Cambaya. He a enseada de que escrevemos adiante, oytava. 106.

*Logo entrando fero na enseada
De Diu illustre em cercos, & batalhas
Fará espalhar a fraca, & grande armada
De calecut, que remos tem por malhas.
Ade Melique az acautelada,
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas
Fará ir ver o frio, & fundo assento,
Secreto leyto do humida elemento.*

A de Melique az acautelada. Isto diz porque Melique az sempre andava com cautelas, & malicias. Foy este Melique az em o principio de sua vida cattivo de hum mercador, no qual tempo se chamava sómente az. Este mercador o deu em presente com outras coufas a Mahamud Rey de Cambaya, o qual pelo sentir bom servidor, & amigo fiel de suas coufas, alem da liberdade, lhe mandou, que se chamasse dalli por diante Melique Yaz, o qual nome, he como entre nós Dom, dandolhe este appellido pelo honrar, & alem destas coufas lhe deu tambem a povoação de Diu. Esta he a razão, porque Melique Yaz era senhor de Diu. A nao deste era muyto alterosa, & grande, pelo que não se podendo abalroar foy metida no fundo com artilharia, como aqui diz o Poeta. De Diu, & de seus cercos se veja a nossa annotação no canto segundo oytava. 50.

36

*As a de Mirhocem, que abalroando
A furia esperar à dos vingadores,
Verà braços, & pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar de seus senhores.
Rayos de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores.
Quanto aly sentirão olhos, & ouvidos,
He fumo, ferro, flammaz, & alaridos.*

No cego ardor os bravos domadores. Chama aos Portuguezes bravos domadores, pela braveza, & furia, com que acommettião os inimigos: os quaes não se atrevendo esperalos, se lançavaõ a nado, por fugir de sua furia.

37

*As ab: que desta prospera vittoria,
Com que despois virà ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubarà a famosa gloria
Hum successo que triste, & negra vejo.*

O cabo tormentorio, que a memoria
 C'os ossos guardará, não terá pejo
 De tirar deste mundo aquelle espirito,
 Que não tirarão toda a Índia, & Egypto.

O cabo tormentorio. Neste cabo de Boa Esperança, em hum lugar chamado a aguada do Saldanha, matarão os Cafres barbaros daquella triste terra ao Viso Rey Dom Francisco de Almeyda com a melhor gente, que consigo trazia, vindo para Portugal, que foy huma das mais lastimosas desventuras, que tem acontecido nesta viagem, desde o tempo, que os Portuguezes navegaõ estes mares.

Que não tirarão toda a Índia, & Egypto. Porque não foy todo o poder da Índia, & Egypto poderoso para o destruir, antes elle os desbaratou, & destruiu a todos, como atrás fica dito, & o Poeta vay recotando.

38
A Ly Cafres salvagens poderão,
 O que destros imigos não poderão;
 Erudos paos tostados s'os farão,
 O que arcos, & pelouros não fizeraõ:
 Occulto os juizos de Deos são
 As gentes vans, que não os entenderão:
 Chamaõ he fado mau, fortuna escura,
 Sendo so providoncia de Deos pura.

Chamaõ he fado mau. Os antigos como não acertavão no caminho de sua salvação, punhão todas as coulas em mão de Fados, a que por outro nome chamavão Parcas: quando tinhão bom successo, era bom Fado, & quando mau, era mau fado. Inventarão tambem outra fabula, a qual era fazer outra Deosa, a que chamavão fortuna, não caindo na conta, que não se bolle huma palha, sem vontade de Deos, & que todas as coulas se governão por sua particular providencia, como temos os Christãos por fé certissima. Vejase a nossa annotação sobre a Fortuna no canto primeyro, oytava 44. & dos Fados no mesmo canto, oytava 24.

39
M As ó que luz tamanha, que abrir sinto
 Dizia a Nympha, & avoz aleuanta va
 Lá no mar de Melinde em sangue tinto
 Das cidades de Lamo, de Oja, & Brava
 Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
 Será seu nome, em todo o mar que lava
 As ilhas do Austro, & prayas, que se chamão
 De São Lourenço, & em todo o Sul se afamão.

Das Cidades de Lamo, Oja, & Brava. Lamo, Oja, & Brava, são Cidades na costa de Melinde, chamada por outro nome costa de Moçambique, por

estarem estes lugares nella pouco distantes hum do outro.

Pelo Cunha. Este toy Tristão da Cunha, o qual foy por Capitão mor a Índia com quatorze velas, na qual conserva hia o grande Affonço de Albuquerque no anno de 1506. Este destruiu as ditas tres Cidades da costa de Melinde, como se pôde ver em João de Barros na segunda Decada, liv. 1, cap. 3. *São Ilhas do Austro.* São Ilhas, que caem ao Sul, porque Austro he hum vento, que sopra daquellas partes. Nesta paragem descobrio Tristão da Cunha humas Ilhas, que hoje em dia se chamão de seu nome. Entrou tambem na Ilha de S. Lourenço, como aqui diz o Poeta, & fez muytas coulas nestas partes, que se pôdem ver na segunda Decada de João de Barros, liv. 1. cap. 1, que por evitar prolixidade não ponho aqui.

40
E Sta luz he do fogo, & das luzentes
 Armas, cõ q' Albuquerque irá amãsando
 De Ormuz os Parscos, por seu mal valentes,
 Que recusão o jugo honroso, & brando.
 Aly verão as settas estridentes
 Reciprocarse, a ponta no ar viãdo,
 Contra quem as tirou, que Deos peleja
 Por quem estende a se da madre igreja.

De Ormuz os Parscos. Sobre este lugar se veja a nossa annotação no segundo canto.

As settas reciprocarse. Porque as settas, que os Mouros tiravão, tornavão para traz, & matavão os mesmos Mouros.

41
A Ly de sal os montes não defendem
 De corrupção os corpos no combate,
 Que mortos pela praya, & mar se estendem
 De Gerum, de Mascate, & Calayate.
 Até que a força s'õ de braço aprendem
 A abaxar a cêruiz, onde se lhe ate
 Obrigação de dar o reyno inico
 Das perlas de Barem tributo rico.

Alli de sal os montes não defendem. Em Ormuz pelas paredes das catas hã gesto. O sal está em huma serra, que se chama de Gil Lobato, o qual he em tanta quantidade, que se faz delle o lastro para as naos.

De Gerum, de Mascate, & Calayate. São lugares, que estão de Socotorá para Ormuz. Gerum he Ormuz. Vejase o que escrevemos no segundo canto, oytava 49.

Das perlas de Barem tributo rico. Barem he huma Ilha de Ormuz, onde se pesca aljofar, a que aqui o Poeta chama tributo rico.

42

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vãa de medo, ou pejo
Toma a ilha illustrissima de Goa?
Depois obedecendo ao duro ensejo,
Adeixa, & occasião espera boa,
Com que a torne a tomar, que esforço, & arte
Vencerão a fortuna, & o proprio Marte.

Toma a Illa illustrissima de Goa. De Goa, do seu fitio, & tomada, & tudo o que pertence para entendimento desta oytava, le veja o que escrevemos no canto segundo, oytava 51.

43

Ets já sobre ella torna, & vay rompendo
Por muros, fogo, lanças, & pelouros,
Abrindo com a espada o espesso, & horrendo
Esquadrão de Gentios, & de Mouros.
Irão soldados inclitos fazendo
Mais que liões famelicos, & touros,
Na luz, que sempre celebraa, & dina
Será da Egiptcia santa Catherina.

Será da Egiptcia Santa Catherina. Isto diz, porque Goa foy tomada a ultima vez da qual ficou em poder dos Portuguezes até hoje, em dia da bemaventurada Santa Catherina, á qual chama Egiptcia, porque foy natural de Alexandria Cidade do Egipto.

44

Nem tu menos fugir poderás deste,
Posto que rica, & posto que assentada
Lá no gremio da Aurora onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada.
As setas venenosas, que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malayos namorados Iaos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

Opulenta Malaca. Malaca rica. Chamalhe assim pelo muyto ouro, que a ella vem de varias partes por comercio. Do fitio de Malaca, & lya tomada pelos nossos trattey no segundo canto.

Os crises. São armas, de que usão os Malayos com os cabos muyto galantes, ao modo de traçados, & arcados assim como os nossos leques, & servem entre elles como entre nós as adagas. Malayos são naturaes da Ilha Malaca. Chamalhe namorados, porque diz que o são elles muyto. Iaos valentes, são gentes de Jaoa, que vierão em loccorro a Malaca contra os Portuguezes.

45

Mais estanças cantara esta Syrena
Emlouvor do illustrissimo Albuquerque
Mas lembroulhe huma ira, que o condena,
Posto que a fama sua o mundo cerque.
O grande Capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheyro
Para os seus, que juiz cruel, & inteyro

Mais estanças. Esta Syrena he Tethys senhora do mar, que hia declarando aos Portuguezes o que lhe havia de succeder nas partes da India, & não proleguio os louvores de Affonço de Albuquerque por huma crueldade, que usou contra hum soldado seu por nome Ruy Dias natural de Alenquer, o qual mandou enforcar por lhe entrar de noyte na sua camara com huma escrava lya, que cativára em Goa, como conta Castanheda, liv. 3. cap. 29.

Que com trabalhos. Nenhuma coula boa se alcança na vida sem trabalhos: elles dão honra. Veja se o que escrevemos no canto nono, oytava 39.

46

Mas tem tempo que fomes, & asperezas
Doenças frechas, & trouões ardentes
A sação, & o lugar fazem cruezas
Nos soldados a todo obedientes.
Parece de selvaticas brutezas,
De peytos inhumanos, & insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade, & amor desculpa.

Que a fraca humanidade, & amor desculpa. Nenhum peccado continuado tem desculpa, antes merece muyto grande pena hum tão grande atrevimento, como este, que commetteo este soldado ocioso, que foy entrar na casa do seu Capitão mór, & nella tratar com huma escrava sua. Pelo que o nosso Poeta não devia nesta parte mostrar-se tão rigoroso contra hum tão honrado, & Pontual Capitão, & que tudo fazia tambem feyto antes lhe houvera de parecer mal huma tão desenvolta, & desenfreada maneyra de proceder em casa aonde devia ter differente respeyto, & em tempo, que melhor contado fora andar com o tentido em Deos, que em sensualidades, & desenvolturas.

47

Nem será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshonesto,
Mas com huma escrava vil, lasciva, escura.

Ss

*Se o peyto ou de ciofo, ou de modesto
Ou de usado a crueza fera, & dura,
C'o os seus huma ira insana não refrea.
Poem na fama alva nota negra, & sea.*

Abominoso incesto. Este dito de Luis de Camões he de alguns homens, que desculpaõ seus vicios, & os tem por nada, vendo que se commettem outros mayores. Não se pôde negar haver vicios torpifimos, & muyto mayores que outros, & dignos de castigo extraordinario. Nem por isso os que commettem os menores ficão ditculpados, como este soldado aqui, o qual ainda que não commetteo nenhum dos vicios de que o Poeta aqui tratta, não deyxou de merecer o castigo, que o Capitão mór lhe deu por sua soltura, & delconcerto, como fica ditto. Incesto, he peccado commettido com aquella, com que he prohibido casar: como mãy, irmã, filha, parenta muyto chegada, ou virgem consagrada a Deos. Chamase este vicio entre os Latinos *incestum*, quasi *incastum*, por ser contra o primor da castidade. Outros o derivão do Grego, & dizem, que ceto era huma certa cinta, que as donzellas trazião, a qual teu primeyro esposo lhe tirava o dia de teu recebimento. Este attribuião a Venus, do qual ufava sómente nos matrimonio licitos, para attrahir alguma a amor. Daqui tudo o que era contra esta obrigação chamavão os Latinos *incesto*. Estupro he propriamente peccado commettido com moíher donzella. Adulterio com moíher casada.

48

*Vio Alexandre a Apelles namorado
Da sua Cãpaspe, & deulha alegremente
Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendose em hum cerco duro, & urgente,
Sentio Cyro que andava já abrazado
Araspas de Panthea em fogo ardente,
Que elle tomara em guaraa, & promettia,
Que nenhum maõ de sejo o venceria.*

Vio Alexandre Apelles namorado. Conta Plinio, que mandando Alexandre Magno retratar huma moíher por nome Campaspe a Apelles teu pintor, se affeyçõou tanto Apelles á Campaspe, que o veyo a ientir Alexandre. O qual não sómente, o não castigou por isso, ainda que elle tinha particular affeyção a Campaspe, mas lha deu por moíher.

Sentio Cyro, que andava já abrazado. Entrando Cyro Rey dos Persas por Affiria á força de armas entre outras cousas, que houve do arrayal dos Affirios, foy huma moíher casada com Abradaras Rey dos Sutos, grande cavalleyro, & da parcialidade dos Affirios. Esta moíher se chamava Panthea, como aqui a nomea o Poeta. Como Cyro andava em guerra, & de tantos, & tão asperos inimigos, não quiz ver a Panthea, por se não embar-

gar com ella, porque lhe dizião que era muyto fermosa. Araspas, que se havia criado de mogo com Cyro, vendo o que ufava com Panthea, & que te não fiava de si mesmo: pelo que não na via, lançando grandes barbas, disse, que bem fóra estava o amor de poder mais que elle, & que se espantava muyto de Cyro ser para tão pouco, Cyro lhe entregou logo aquella moíher para a ter em sua guarda. O qual se deu tal manha neste negocio, que se perdera por amor de Panthea, se Cyro o não remedeara: porque não sómente lhe perdoou a culpa, mas se servio d'elle em hum negocio de importancia, como diz aqui o Poeta, & refere Xenophonte na *Pedia de Cyro*.

49

*M As vendo d illustre Persa, que vencido
Fora de amor, q em fim não tem defesa
Levemente o perdoa, & foy servido
Deste num caso grande em recompensa.
Por força, de Iudita foy marido
O ferreo Balduino, mas dispensa
Carlos pã della, posto em cousas grandes,
Que viva, & povoador seja de frandes.*

Por força de Iudita. Este Baldovino povoador da terra de Flandes, em tempo de Carlos segundo Emperador dos Romanos, foy muyto esforçado cavalleyro, o que lhe deu atrevimento a furtar huma filha do dito Emperador, por nome Iuditta. O Emperador sentio muyto esta afronta, mas dissimulou, & passou por ella, por Baldovino ser homem de grande prudencia, & cavallaria: & não sómente dissimulou, mas deulhe a terra de Flandes, que naquelle tempo era delerta, & muyto diferente do que agora he, a qual elle aproveitou, & povoou, como refere a *Chronica do mundo*.

*M As prossequindo a Nympha o lãgo cãto
De Soares cantava, que as bandeyras
Faria treimolar, & por espanto
Pelas roxas Arabicas ribeyras.
Medina abominavel teme tanto,
Quanto Meca, & Gidã cõ as derradeyras
Prayas de Abassia: Barborã se teme
Do mal de que o Emporio Zeyla geme.*

Mas prossequindo a Nympha. No anno de 1551. houve El-Rey Dom Manoel por teu serviço, que Affonço de Albuquerque se viesse para este Reyno pelo que mandou á India, com huma frota de treze naos, para ficar por Governador, a Lopo Soares de Albergaria. Este partio a sette de Abril do dito anno, & a dous de Setembro do mesmo turgio na barra de Goa, estando Affonço de Albuquerque

buquerque em Ormuz. O qual partido para Goa, para se embarcar, & vir para o Keyno, morreo na sua barra hum Domingo antemanhã dezasseis de Dezembro de 1515.

Pelas roxas Arabicas ribeyras. Partio Lopo Soares de Goa para o estreito do mar roxo na entrada de Feveryro de 1517. com huma armada de trinta & seis velas, em que levava 3000. Portuguezes, com os quaes meteo em grande temor, & confusão todos os moradores daquellas partes, a que chama roxas Arabicas ribeyras, por aquelle mar estar na costa de Arabia, & mar Roxo.

Medina abominavel. Medina he hum pequeno lugar, que está do porto de Liumbo da costa de Arabia entre Gida, & Toro pelo sertão dentro como dous dias, de caminho. Não há em este lugar senão huns Mouros tidos entre elles por Santos, com as unhas alfenadas, os quaes se mantem de esmolas, que lhe vem do Cayro, & de outras partes. Neste lugar estão os oslos do pestifero, & maldito Mafamede, em huma sepultura no meyo da casa, cercada de grades de ferro: Posto que Diogo do Couto Chronista da India tem averiguado, que não há em meyo mais, que huns banhos, em que os Mouros romeyros se vão lavar, cuydando que assim ficão limpos de seus peccados. De Gida, & Meca se veja a nossa annotação no canto nono, aonde tratamos largamente destas materias.

Prayas de Abassia. Para declaração deste lugar he necessário tratar alguma coula do fitio do estreito do mar roxo, para o qual se ha de notar, que este mar se divide em tres faxas, ou cintas: a do meyo, que entesta com a garganta do estreito, a que communmente chamão portas por, entrar o mar por ellas, he mar limpo, & que se navega de dia, & noyte, & terá de largo trinta leguas. As outras duas faxas, que estão de huma, & outra banda das portas, he mar aparcellido, com muytas restingas, & bayxos, pelo que se não navega de noyte. As portas deste estreito, a que chamão os moradores Babel Mandem, he hum passo estreito como de Lisboa a Almada, posto entre Arabia, & Africa. Da banda de Arabia está o cabo Possidonio, do qual à outra fronteyra de Africa haverá distancia de seis leguas, no qual espaço estão sete Ilhas tão pegadas humas com outras, que vistas de longe dos que navegão, cuydão não haver alli mar, até que chegão muyto perto dellas. As seis estão junto à terra de Africa, & huma á de Arabia, a qual os Mouros chamão Mehum, atravessada na boca do estreito, por entre a qual, & terra firme navegão as naos para diferentes partes. Na costa de Arabia estão estes lugares: Camarão, Geza, Zidem, Gida, Liumbo, Toro, do qual até o monte Sinay, aonde está o corpo da Bemaventurada Santa Catharina pelo sertão dentro haverá dezoyto legoas: & Suez, que he o ultimo lugar daquella costa. Há outros alguns lugares, mas de muyto pouco nome. Os lugares da costa de Africa, começando da parte aonde caye Suez, são estes: Corondolo, Alcocer,

Cuaquem, Macua, Arquiquo, que he do Preste João, Barbora, & Zeila, que estará cinco leguas do estreito. Chama a Zeila Emporio, por ser terra de muyto tratto, que isto he emporio na lingua Grega. He muyto bem arruada, & tem boas calas de pedra, & cal. Os moradores são Mouros, & pela mayor parte negros, mas trattaõse bem, & andão a cavallo. Deste lugar, & de Barbora, por serem muyto abundantes, vão muytos mantimentos aos lugares do estreito do mar roxo. Diz aqui o Poeta, que Barbora se teme do mal, de que ainda Zeila geme, porque Ruy Galvão Capitão de hum navio queymou vinte naos, que estavam no porto, & logo no anno seguinte fez Antonio de Saldanha o mesmo em Barbora.

51

*A Nobre ilha tambem da Taprobana,
Fã pelo nome antigo tam famosa,
Quanto agora soberba, & soberana
Pela cortiça calida cheyrofa.
Della darã tributo à Lusitana
Bandeyra, quando excelsa, & golriosa
Vencendo se erguerã na torre erguida,
Em Columbo, aos proprios tão temida.*

A nobre Ilha Taprobana. Taprobana he a Ilha de Ceilaõ lugeyta aos Reys de Portugal, como disse atrás no 1. Canto. Chamaõlhe os moradores Geleñaruz, que quer dizer terra vigola, por ser a mais, que há na India. Os moradores são Gentios, ainda que nas partes do mar vivem alguns moradores Mouros, mas sujeytos ao Rey da terra, o qual he Gentio. Andavaõ entã todos nós da cinta para cima, & trazem as orelhas furadas de modo, que a pelle chega aos hombros, & nos dedos muytos aneis. Por esta terra ser muyto rica, & abundante de todas as cousas, se vão muytas gentes de outras partes a viver nella. Os matos são de lorangeyras, & limoeyros, & de outras muytas arvores de fruyta da terra. De Bengala lhe vem mel, açucar, & manteyga, que não há na terra, & assim arroz de outras partes. Há nesta Ilha a melhor canela do mundo, & nasce pelos matos em humas arvores, como louros: há tambem grandes elephantes, & muytos. O Governador Lopo Soares entrou nesta Ilha por força de armas no mez de Novembro de 1518. & fez nella fortaleza, & o Rey tributario, por não querer paz com os nossos por conselho dos Mouros de Calecut. Os moradores desta Ilha fallão a lingua do Malavar, & Charamandel. Alguns quizerão que Taprobana fosse Samatra, mas enganãose, como tratta largamente João de Barros na 3. Decada liv. 2. cap. 2. Gaspar Barreyros no tratado de Ophyr, Maffeo na sua historia, aonde diz que o vulgo dos Geographos lhe chama Samatra. A descripção desta Ilha, & suas antiguidades conta bem Diogo do Couto na Decada 6. *Em Columbo.*

Columbo he hum lugar pequeno, mas o principal porto da Ilha de Ceylaó. Os Reys da terra residem distancia de huma legua deste porto em hum lugar chamado Cotta. Neste porto Columbo fizeraõ os nossos a fortaleza por força de armas, como conta João de Barros na 3. Decada.

52

Tambem Siqueyra, as ondas Erythreas
Dividindo abrirá novo caminho,
Para ti grande imperio, que te arreás
Deseres de Candace, & Sabá ninho:
Maçua com cisternas d'agua cheas
Vera, & o porto Arquico aly vizinho,
E fara descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

Tambem Siqueyra. Este he Diogo Lopes de Siqueyra, que succedeo na governança da India a Logo Soares de Albergaria. Partio de Lisboa a 27. de Março de 1518. Chegou a Goa a oyto de Setembro do mesmo anno. Depois de ter feytas algumas cousas necessarias para quietação da India se partio para o estreyto, como tinha por ordem, & provizão d'El-Rey Dom Manoel, a treze de Fevereiro de 1520. com huma frota de vinte & quatro velas, em que levava até mil & oytocentos Portuguezes. E entrou pelas portas do estreyto a 17. de Março do dito anno. E porque a tenção d'El-Rey Dom Manoel era principalmente destruir os Rumes, que tinha por nova certa hirem áquelle estreyto para fazer fortaleza nelle; & tomar posse da terra: & segundariamente por levar hum Embaxador do Preste Joao, por nome Matheus, que veyo a este Reyno com Embaxada d'El-Rey Dom Manoel, & saberem principalmente das cousas daquelle Principe, que El-Rey tanto procurava. Diz aqui, que Diogo Lopes nas ondas Erythreas, que são no estreyto do mar roxo, abriria caminho para o grande Imperio, que se arrea de ser morada de Candace, & Sabá, que he o grande imperio do Preste Joáo na alta Ethiopia, na qual terra foraõ Raynhas Candace, & Sabá tão nomeadas, & sabidas pela Escriptura Sagrada:

Macua com cisternas de agua chea. Por toda aquella costa do mar roxo, assim de Arabia, como de Africa há muyta falta de agua, por haver muyto poucos rios, & nenhuma fonte, pelo que a agua, que há de poços, he muyto roim. Quanto a Macua, de que aqui falla o Poeta, & nós fallamos atrás he huma Ilha na costa de Africa. E conta Castanheda, que neste lugar achou Diogo Lopes de Siqueyra quarenta & nove cisternas fechadas, reservadas para o tempo da necessidade, & a muyto bom recado, por ser terra que tem mais falta de agoa, que de outra alguma cousa. O mesmo diz João de Barros na terceyra Decada liv. 3. cap. 10. aonde tratta do sitio desta Ilha, & outras particularidades suas.

53

Vira depois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa que cá terá provado,
Castigará de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem, tu Gama, empago do desterro
Em que estás, & serás inda tornado,
C'os titulos de Conde, & honras nobres.
Virás mandar a terra, que descobres.

Virá depois Menezes. Este foy Dom Duarte de Menezes filho herdeyro de Dom Joáo de Menezes Conde de Tarouca, Prior do Crato, da Ordem de S. Joáo, & Capitão de Tangere em Africa; & Mordomo mór, que fora da casa d'El-Rey Dom Manoel, & seu Alferes mór, pessoa das notaveis deste Reyno; assim pelo sangue claro de sua linhage, como por sua cavallaria, & qualidades: & como era pessoa tão abalizada El-Rey Dom Manoel o mandou por Governador da India com mayor ordenado, do que teve, nem antes, nem depois algum outro. Sahio deste Reyno com huma frota de doze velas a cinco de Abril, de 1521. Succedeo a Diogo Lopes de Siqueyra na governança da India. O qual lha entregou a duos de Janeiro de 1522. Diz o Poeta, que Dom Duarte de Menezes tinha provado seu ferro mais em Africa, que na India, porque esteve por Capitão mór em Tangere, & houve grandes vittorias de Mouros. E que castigará de Ormuz soberba o erro, porque quietou o Reyno de Ormuz, que estava levantado contra os nossos, & havia grandes trayções nelle.

Tambem tu Gama. Este he Dom Vasco da Gama Conde da Vidigueyra Almirante do mar da India, & o primeyro descobridor della. Partio deste Reyno por Viso-Rey a nove de Abril, de 1524. com quatorze velas. E porque não durou no governo da India mais que tres mezes & vinte dias, porque faleceo, não temos que tratar delle. O que fez neste tempo na India, & o que lhe succedeo no caminho se póde ver largamente em João de Barros, na terceyra Decada, liv. 9. cap. 1.

54

Mas aquella fatal necessidade,
De que ninguém se exime dos humanos
Illustrado com a Regia dignidade,
Te tirará do mundo, & seus enganous.
Outro Menezes logo, cuja idade
He mayor na prudencia que nos annos,
Governará: & farão o dito Henrique,
Que perpetua memoria delle fique,

Outro Menezes logo. A Dom Vasco da Gama por teu

seu falecimento succedeo Dom Henrique de Menezes de Alcinha o roxo. O qual ainda que não era velho de idade, era homem de muyta prudencia, & muyto cavalleyro, & assim fez maravilhas contra El-Rey de Calecut.

55

N *Ad vencerà somente os Malabares,
Destruyndo Panane, com Coulete,
Comettendo as bombardas, que nos ares,
Se vingão só do peyto que as comette.
Mas com virtudes certo singulares
Vence os imigos d'alma todos sette,
Decobiça triumphã, & incontinnencia,
Que em tal idade he summa excellencia.*

Destruindo Panane com Coulete. He Panane huma povoação d'El-Rey de Calecut das principaes, que elle tem, situada ao longo de hum rio de agua doce. Ao tempo, que Dom Henrique a accommetteo, não era cercada de muro, mas tinhaõ os Mouros feyta huma defenlaõ de madeyra com grandes entulhos, & terra, que fazião hum torte muro, aonde tinham muyta artelharia, como o Poeta diz nesta oytava. Coulete he outro lugar na mesma costa do Malavar seis leguas de Calecut situado ao longo da praya, & sem muros, mas com outro amparo, & defenlaõ como a de Panane: aonde havia muyta artelharia, & navios postos tambem para ajuda, & guarda da Cidade. Por entrè todos estes tiros, que erão infinitos, assim de espingardas, como de bombardas entrarão os nossos, & assolarão estes dous lugares, como conta João de Barros Decada 3. liv. 10.

De cobiza triumphã. Não tinha Dom Henrique o sentido posto em interesses, nem era notado de vicio algum, sómente olhava o que importava ao serviço de Deos, & do Rey.

E incontinnencia. Que em tal idade he summa excellencia. Dom Henrique de Menezes ao tempo que tomou a goverança da India não era de 30. annos, em esta idade não era dado a vicio algum, como conta João de Barros na 3. Decada. Sõmente foy algum tanto desconfiado, como diz o dito Autor cap. ult. que foy causa de ter desgostos com alguns Fidalgos.

56

M *As depois q' as estrellas o chamarem,
Succederã, d'forte Mascarenhas
E se iniustos o mando te tomarem,
Prometete, que fama eterna tenhas.
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.*

Succederã d'forte Mascarenhas. Por falecimento de Dom Henrique de Menezes succedia por segunda via Pedro Mascarenhas Capitão de Malaca. Mas porque não estava na India, nem podria acudir a ella, se não dahia onze mezes por amor das monções, foy aberta a terceyra via, na qual hia Lopo Vaz de Sampayo: o qual ainda que com contradicção de muytos, dissensões, & revoltas foy Governador.

Mais de palmas coroado. Isto diz pelo que se trata na oytava seguinte do que fez em Bintão. O que o Poeta aqui attribuyte a injustiça, he em sua ausencia dar-se a governança da India a Lopo Vaz de Sampayo: destas eleyções, & discordias escreve largamente Diogo de Couto na quarta Decada.

57

N *O Reyno de Bintão, que tantos danos
Terã a Malaca muyto tempo feytos,
Num só dia as injurias de mil annos
Vingarã c'o valor de illustres peytos.
Trabalhos, & perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreytos,
Tranqueyras, balvartes, lanças settas
Tudo fico, que rompas, & somettas*

No Reyno de Bintão. Sessenta leguas de Malaca está a Ilha Bintão sujeyta aos Reys de Malaca além do estreyto de Cyngapura, junto com a terra firme, da qual a aparta hum pequeno rio, que entra no mar naquella paragem. Não muyto longe da foz deste rio está huma povoação grande por nome Bintão, que dá nome a toda a Ilha. He este lugar povoado de Mouros Malayos, para a qual se recolherão quando os Portuguezes os lançaraõ de Malaca, & daqui lhe fazião guerra, & dano, como diz o Poeta; & conta João de Barros na terceyra Decada liv. 3. cap. 5. Esta Ilha tomou, & destruhio Pedro Mascarenhas naquelle tempo, que esteve sem poder acceytar a governança da India. E havendo nella 300. peças de artelharia, & outros muytos petrechos, & invenções de guerra, & huma armada d'El-Rey de Pam, genro do Rey de Bintão, que mandava em soccorro de seu sogro. Com todos estes apercebimentos não escapou a Pedro Mascarenhas.

Abrolhos ferreos mil. Depois que El-Rey de Malaca se recolheo a Bintão, com medo dos nossos, fez em huma baya pequena em que o rio se mete, que he o porto da Cidade, huma estacada que fazia ficar hum passo tão estreyto, que huma Galé não podia virar nelle. Era a estacada de paos muyto grossos, metidos em grandes mós de pedra, os quaes paos ficavão por cima da agua em boa altura. Havia tambem outros paos mais grossos a modo de mastos de naos, & outras muytas invenções para se defenderem, & enferrarem, que os nossos os não podessem entrar. E em huma tranqueyra.

que cercava a povoação a modo de cava , havia tres ordens de estrepes com as pontas hervadas, & postos em revez, huns para estorvar a entrada, & outros para a tabida. Estes são os abrolhos tercos, que o Poeta aqui poem.

58

M As na India cobiza, & ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deos, & justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil, & sem razão.
Com forças, & poder em que está posto,
Não vence; que a vittoria verdadeyra,
He saber ter justiça nua, & inteyra.

Vituperio nenhum, mas só desgosto. Era Pedro Mascarenhas muyto esforçado cavalleyro, & não havia coufa que lhe podesse nodoa na sua fama, & como isto era notorio a todos os da India, sómente teve desgostos por ter outro Governador em seu lugar, vindolhe a elle por ordem, & direyto das successões, como conta a 4. Decada.

59

M As com tudo não nego que Sampayo
Será no esforço illustre, & assinalado
Mostrandose no mar hum fero rayo,
Que de inimigos mil verà coalhado.
Em Bacanor farà cruel ensayo
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido aelle venha
Cutiale, com quant a armada tenha.

Mas com tudo. Mostra como Lopo Vaz de Sampayo era muyto esforçado cavalleyro, & que não se pôde negar ter para governar a India. O qual sendo eleyto em Governador da India pela ordem acima ditta foy em pessoa correr a costa do Malabar, na qual destruhio huma armada de muytos paraos, que estavam em Bacanor, os quaes são d'El-Rey de Calecut. Pelo que lhos queymou com muyta pimenta, que tinham. Mas ao lugar não fez nojo, por ser d'El-Rey de Narsinga, com quem os nossos tinham paz, & amizade, & tomou nesta armada oytenta peças de artilharia. Cutiale era hum Mouro grande cavalleyro, que os outros tinham por santo, porque havia pouco, que viera de Meca, a este Mouro, com 130. velas muyto bem artilhadas destruhio Sampayo com sóz onze velas.

60

E Não menos de Diua a fera frota
Que Chaul temerà de grande, & ousada

Farà com a vista só perdida, & rotta,
Por Heytor da Sylveyra, & de stroçada.
Por Heytor Portuguez, de quem se nota
Que na costa Cambayca sempre armada,
Será aos Guzarates tanto aano,
Quanto já foy aos Gregos o Troyano.

Por Heytor da Sylveyra. A este Fidalgo deu o Governador a Capitania mór de todos os navios de remo. O qual desbaratou Halixa Capitão mór da armada de Diu, com sessenta, & quatro fustas, em huma das quaes fogio Halixa, & as outras todas forão tomadas, & tres queymadas. A nossa frota estava em Chaul, & o Capitão della, que então era hum Francisco Pereyra de Berredo estava temeroso, que lha entrasse a de Diu, por estar mal provida de gente. Mas com a chegada de Heytor da Sylveyra, o Mouro foy desbaratado, & a fortaleza ficou quieta.

Quanto já foy aos Gregos o Troyano. Diz que se houve Heytor da Sylveyra com os Guzarates, que são os moradores do Reyno de Cambaya, aonde está Diu, de cujo mar elle era Capitão mór, como Heytor Troyano com os Gregos, que por muytas vezes os vencera no cerco de Troya.

61

A Sampayo feroz succederà
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chale as torres altas erguerà
Em quanto Diu illustre delle treme.
O forte Baçaim se lhe darà,
Não sem sangue porem, que nelle geme
Melique, porque à força só d'espada
A tranqueyra soberba ve tomada.

Cunha. No anno de 1528. a 18. dias do mez de Abril partio Nuno da Cunha de Portugal, em huma armada de onze velas, por Governador da India, & sendo o officio de Governador de tres annos, Nuno da Cunha o teve dez, porque como El-Rey desejava muyto a fortaleza em Diu, este Nuno da Cunha a houve: para conervação della, & por ser Nuno da Cunha homem de recado, quiz, que estivesse todo este tempo na India: & isto diz aqui o Poeta, que teve longo tempo o leme, porque governou dez annos. Chale he hum lugar na costa de Calecut, aonde tem os Portuguezes huma fortaleza. Nuno da Cunha foy o primeyro, que começou este forte, & lhe lançou a primeyra pedra com muyto tanger de trombetas, & charame-las: Esta fortaleza he duas legoas de Calecut, feyta para sopear, & refrear os de Calecut, & estorvar-lhe sua navegação hoje não he nossa, porque a largarão os Portuguezes. *Em quanto Diu illustre delle treme.* Fez Nuno da Cunha esta fortaleza em quanto não podê entrar em Diu, do que tremia Diu, porque

porque sentia o que se lhe aparelhava. O forte Baçaim he hum lugar entre Chaul, & Diu metido por hum rio, aonde pôdem nadar Galés, do qual rio se faz hum estreyto, que o cerca da banda de Lette, & se vay meter no mar, & a terra fica em Ilha. Havia nos baluartes de Baçaim quatrocentas peças de artilharia. Com tudo foy tomado dos nossos em dia de S. Sebastião anno de 1533. aonde forão mortos muytos Mouros, & a artilharia tomada, & o forte derribado, & Melique senhor da terra fugio para huma serra, aonde se salvou. *A tranqueyra soberba ve somada.* Esta tranqueyra de que o Poeta aqui falla, tinha Melique muyto bem fortalecida, & com muyta gente de guerra, mas nada lhe aproveitou, porque os nossos a entrarão por força de armas, como diz aqui o Poeta. O modo desta tranqueyra, teu tamanho, & força, se veja em Castanheda. E porque parece ficar aqui a hitoria eicura tem se tratar de Diu, sobre sua tomada, & como a houverão os Portuguezes, se veja o que escrevemos atrás.

62

T Ras este vem Noronha, cujo Auspicio
De Diu os Rumes feros afugenta,
Diu que e peyto, & bellico exercicio
De Antonio da Silveyra bem sustenta.
Farà em Noronha amorte o usado officio,
Quando hum teu ramo, ò Gama se esprimenta
No governo do imperio: cujo zelo,
Com medo o roxo mar farà amarello.

Traz este vem Noronha. A Nuno da Cunha succedeo Dom Garcia de Noronha, o qual foy mandado por Vilo-Rey no anno de 1538. por haver nova, que hião Rumes sobre a India.

De Antonio da Silveyra. Este Antonio da Silveyra neste tempo defendeo a fortaleza de Diu, de que era Capitão, de 65. velas de Turcos com doze mil homens, Capitão mór Solimão Baxá Rey do Cayro. Os quaes forão desbaratados, como refere Castanheda.

Quando hum teu ramo ó Gama. A este Dom Garcia de Noronha succedeo Dom Estevão da Gama filho de Dom Valco da Gama no anno de 1542. Foy ao mar roxo, & esteve no porto de Maçua, aonde deyxou a mayor parte de sua armada, & só com 16. vellas foy até o porto de Suez o ultimo daquella costa, com intenção de queymar a armada do Turco, que alli estava. Fez naquella costa grande terror, & medo em todos, tanto que se meterão pela terra dentro, mas não pode queymar a armada do Turco, por estar com grande recado, & vigia. Tornou ao porto de Maçua, & dahi mandou seu irmão Dom Christovão da Gama com 500. Portuguezes contra El-Rey de Zeila em favor do Preste.

63

D As mãos do teu Estevão vem tomar
As redeas, hum que serà illustrado
No Brasil, com vencer, & castigar
O pirata Francez ao mar usado.
Despois Capitão mór do Indico mar
Omuro de Damão soberbo, & armado,
Escala, & primeyro entra a porta aberta,
Que fogo, & frechas mil teraõ cuberta.

No Brasil. A Dom Estevão da Gama succedeo Martim Affonço de Sousa, Capitão valerosissimo, o qual temião tanto os Malavares, que trazião por rifaõ entre si: oxare Martim Affonço: guarda de Martim Affonço: & não sómente dos Malavares, mas de todos os mais Reys, & senhores da India foy muyto temido. Na costa do Brazil desbaratou huma armada de Francezes, como aqui diz o Poeta. Antes que fosse Governador da India foy Capitão mór do mar Indico, no tempo que governava Nuno da Cunha. E porque El-Rey de Cambaya por nome Sultão Badur o temia, & lhe era affeyçoado, por sua cavallaria, & esforço, lhe mandou pedir se visse com elle em Diu para communicar com elle algumas cousas tocantes a teu estado, & serviço de El-Rey de Portugal. Entre outras cousas, que tratarão entre si, huma dellas foy que havia de dar huma fortaleza em Diu, na parte aonde o Governador a escolheste. Esta he a razão porque diz Camões na oytava seguinte, que El-Rey de Cambaya lhe deu fortaleza em Diu. O que succedeo sendo Governador Nuno da Cunha, porque não pareça, que nos encontramos com o que dizemõs no canto segundo, oytava 50.

64

A Este o Rey Cambayco soberbissimo
Fortaleza darà na rica Diu;
Porque contra Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio.
Despois irà com peyto esforçadissimo
A tolher que não passe o Rey Gentio
De Calecut, que assim com quanto veyo
O farà retirar de sangue cheyo.

Porque contra o Mogor poderosissimo. Mogores são os que commumente chamamos Tartaros. O Rey destas gentes tinha determinado tomar o Reyno de Cambaya. O que sabendo o Rey, procurou amizade com os nossos para o favorecerem, & ajudarem contra os Mogores, & principalmente com Martim Affonço de Sousa, que era neste tempo Capitão mór do mar. Ao qual deu fortaleza em Diu, por o favorecer nesta empreza, o que Martim Affonço fez com parecer, & contenti-

mento

mento do Governador Nuno da Cunha.

Depois irá. Querendo El-Rey de Calecut passar com grande poder de Cranganor para Repelim, lugares do Malavar sete leguas de Cochim, estorvoulhe Martim Affonço o passo, & depois tomou o Repelim, & o queymou, por dar obediencia a El-Rey de Calecut, como diz na oytava seguinte.

65

D Estroyrà a cidade Repelim,
Pondo o seu Rey com muytos em fogida
E de spois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz esclarecida.
A frotta principal do Samorim,
Que destroy mundo não duvida,
Vencerà com o furor do ferro, & fogo;
Em sy verá Beadâla o Marcio jogo.

E depois junto ao cabo Comorim. Este cabo he de frente da Ilha de Ceylaó, chamase assim por ser hum monte muyto grande, que isto quer dizer a palavra Comorim. He na costa do Badagas, aonde está a Cidade Miliampur, lugar aonde padeceo, & está sepultado o Bemaventurado S. Thomé Apóstolo, & Discipulo de Christo Nosso Senhor. Nesta parage do cabo Comorim, entre elle, & Ceylaó venceuo Martim Affonço Cutiale Capitão mór do Samorim, junto á Cidade Bedeála, & destruhio a mesma Cidade, a qual está junto ao cabo Comorim.

Marcio jogo. O jogo de Marte, Deos da guerra, que he a guerra.

66

T Endo assim limpa a India dos immigos,
Virà de spois com sceptro agovernala,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, & nenhum fala.
Sò quiz provar asperos castigos
Baticalà que vira já Beadâla:
De sangue, & corpos mortos ficou chea,
E de fogo, & trovões desfeyta, & fea.

Tendo assi limpa a India. Com esta vittoria ficou El-Rey de Calecut sem armada, & sem artilharia, porque toda perdeo; & em estado, que não teve mais animo para se bolir, como diz aqui o Poeta.

Virà depois com sceptro. Depois de Capitão mór do mar, foy Governador da India, depois de Dom Estevão da Gama. No qual tempo havia huma quietação grande no Oriente, porque Martim Affonço era muyto tímido nelle. Só Baticalà fortaleza na costa do Malavar, como trinta leguas de Goa, não se quiz escarmentar com males, & trabalhos alheios, porque tendo visto o que passara, em Beadala, não quiz se não como necia esprementar em sua propria cabeça.

67

E Ste será Martinho, que de Marte
O nome tem cõ as obras derivado,
Tanto em armas illustre em toda a parte
Quanto em conselho sabio, & bem cuydado.
Succederlhe ha aly Castro, que o estendarte
Portuguez terá sempre levantado
Conforme successor ao succedido,
Que hum ergue Diu, outro o defende erguido

Succederlhebã alli Castro. A Martim Affonço de Soufã, ao qual o Poeta aqui deriva o nome de Martinho de Marte, que os antigos tivêrão por Deos da guerra, porque foy hum excellentissimo Capitão, & sabio Governador na India, como fica dito, succedeo Dom Joaõ de Castro Varão excellentissimo tambem, & semelhante ao succedido, assim na cavallaria, como no conselho. Este Martim Affonço ergueo de principio a fortaleza de Diu, & Dom Joaõ de Castro a defendeo de hum grandissimo exercito de varias nações, como o Poeta diz por algumas oytavas.

68

P Ersas feroces, Abassis, & Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes,
Que mil nações ao cerco feras vem.
Farão dos ceos ao mundo vãos queyxumes;
Porque huns poucos a terra lhe detem,
Em sangue Portuguez jurão desridos
De banhar os bigodes retrocidos.

Persas feroces. Reconta as gentes que forão neste cerco de Diu, como Persas, Abassis, & Rumes, nações diferentes, que todos forão em ajuda d'El-Rey de Cambaya. Persas são moradores de Persia, Abassis de Abassia, terra de Africa. Rumes são os Turcos, chamados assim por virem da costa dos Romanos, como aqui diz o Poeta. A verdade he chamaremse Rumes, não por serem da costa dos Romanos, senão porque vendoos os da India naquellas partes, lembrados do que se dizia da cavallaria dos Romanos, lhe chamarão Rumes, querendo entender Romanos: como tambem chamão Francos aos Portuguezes, pela fama que os Francos alcançárão na tomada de Hyerusalem. Todas estas nações torão em ajuda d'El-Rey de Cambaya a este cerco de Diu, & outras muytas. Os Rumes são gente muyto arrogante: tem por costume trazer as barbas rapadas, com grandes bigodes, pelos quaes jurão quando lançaõ tuas barbas, de que elles são grandes homens.

69

B Afiliscos medonhos, & liões,
 Trabucos feros, minas encubertas,
 Sustenta Mascarenhas com os barões,
 Que tão ledos as mortes tem por certas:
 Atè que nas mayores oppressões
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
 Com fama eterna, & a Deos se sacrificuem,

Sustenta Mascarenhas. Este foy Dom João Mascarenhas Capitão de Diu no tempo de Dom João de Castro, o qual defendeo aquella fortaleza de mais de 30. mil homens, & leis mil Turcos, com menos de seiscentos Portuguezes, seis mezes, atè que foy soccorrido pelo Governador: sustentando hum dos mais famosos cercos que no mundo se virão nunca: & alcançando tão grande vittoria em campal batalha, que se não pôde crer tem grande admiração. Como referem os dialogos de varia historia dialogo 5. ann. 1547.

Das vidas de seus filhos. Estes eraõ Dom Fernando de Castro, & Dom Alvaro seu irmão. Dom Fernando foy morto em hum baluarte, que se chama de Gil Coutinho em huma mina, que os Mouros alli fizeram, na qual com a força do fogo voou pelo ar este Dom Fernando, com hum lanço do baluarte, como o Poeta conta na oytava seguinte. Quando levarão a nova ao Viso-Rey, que estava em Goa, sabendo que a fortaleza estava ainda por El-Rey de Portugal, se vestio de festa, & mostrou grande prazer, & fez que os Fidalgos jugassem canas.

70

F Ernando hñ delles, ramo da alta pranta,
 Onde o violento fogo em ruido,
 Em pedaços os muros no ar levanta,
 Serà aly arrebatado, & ao ceo subido:
 Alvaro quando o inverno o mundo espanta
 E tem o caminho humido impedido,
 Abrindo, vence as ondas, & os perigos,
 Os ventos, & depois os inimigos.

Alvaro. Este foy Dom Alvaro de Castro, o qual deyxou o pay em Goa, & partiõ no meyo do Inverno a foccorrer a Diu, que foy coula, que espantou a India hir em tal tempo.

71

E Ys vem depois o pay, que as ondas corta
 C'oo restante da gente Lusitana,
 E com força, & saber, que mais importa,
 Batalha dà felice, & soberana.

Huns pareaes subindo escusaõ porta,
 Outros a abrem; na fera esquadra insana;
 Feytos farão tão dignos de memoria,
 Que não caybaõ em verso, ou larga historico.

Eis vem depois. Depois de partido o filho Dom Alvaro, se fez prestes seu pay Dom João de Castro, & chëgou a Diu, estando em grande aperto, & depois que chegou, dalli a tres dias sahio ao campo contra o exercito d'El-Rey de Cambaya, & o desbaratou, matandolhe mais de cinco mil, & pondo em fugida todos os mais.

72

E Ste depois em campo se apresenta
 Vencedor forte, & intrepido ao possante
 Rey de Cambaya, & à vista lhe amedrenta
 Da fera multidão quárupedante:
 Não menos suas terras mal sustenta
 O Hydalcão do braço triumphante,
 Que castigando way Dabul na cossta:
 Nem lhe escapou Pondã no sertão posta:

Este depois. Duas batalhas campaes deu o Governador Dom João de Castro a El-Rey de Cambaya, huma no segundo cerco de Diu, que foy a onze de Junho de mil quinhentos quarenta & seis, & outra a oyto de Novembro de 1547. huma segunda feyra nos campos de Baroche, que são huys campos muyto grandes, aonde El-Rey de Cambaya tinha trinta mil de cavallo, & gente de pè sem numero, & muytos elephãtes, onde o Governador lhe apresentou batalha campal, com tão valerosa resolução; que o Rey o não commetteo, atemorizado da valerosa outadia dos Portuguezes, que contra tão poderoso exercito, que era de mais de cento & cincoenta mil homens, se atrevião esperar em campanha, & fornar seus esquadrões.

O Hydalcão do braço triumphante. Estando o Governador em Diu, foy lhe nova, como o Hydalcão tinha o passo de Salliete, que he perto de Goa, com grande exercito, com intenção de tomar a Cidade. Sabido isto de certeza mandou o Governador dar á vela, & foy a Baçaim, que será trinta legoas de Goa pouco mais. Neste lugar mandou dar pregão geral, que todos os de Baçaim se fizessem prestes para o acompanharem com sua frota, & gente: & dahi foy a Chaul, que são doze legoas de Baçaim, aonde fez o mesmo. Nesta jornada destrubio no caminho Quelicia, Dabul, & outros muytos lugares do Hydalcão. Sem entrar em Goa se passou em terra firme, com pouco mais de tres mil Portuguezes, com os quaes desbaratou hum exercito do Hydalcão, com cinco Capitães seus, com mais de vinte mil homens de pé, & sete mil de cavallo, em dia de S. Thomè de 1547.

Nem lhe escapou Pondã no sertão posta. Pondã he huma

huma fortaleza do Hydalcão tres legoas de Goa pelo sertão dentro, esta queymou o proprio Governador com a soldadela de Goa, a vinte & hum dias de Setembro, tres mezes antes, que lhe acontecesse este successo com o Hydalcão.

73

Estes, & outros Barões por varias partes
Dignos todos de fama, & maravilha,
Fazendose na terra bravos Martes
Virão lograr os gostos desta ilha.
Varrendo triumphantes estandartes
Pel as ondas, que corta a aguda quilha,
E acharão estas Nymphas, & estas mesas,
Que glórias, & hōras são de arduas empresas.

Virão lograr os gostos desta Ilha. Neste fingimento desta Ilha com tantos favores, & gazalhado de Thetis princela do mar, que os agazalhara, & fervira, imita o Poeta a Marco Tullio. O qual nos seus livros de republica, que muytos virão, & lêrão, de cuja relação sabemos, o que nelles trattava, & assim do mesmo Tullio em muytas partes, despois de ter debuxado o estado de huma perfeita republica, & as partes que se requerem para o bom governo, & administração della, no fim destes livros fez hum breve ditcurto, a que podemos chamar taboa do naufragio, pois de todos os livros da republica de Cicero, não temos mais que este pequeno fragmento, a que chamamos commumente sonho de Scipião: perdido o principal todo, tanto á custa dos curiosos, ou escondido em alguma parte avãa de no lo communicar. Em o qual sonho finge Tullio, que Publio Scipião Africano, estando dormindo lhe appareceo seu verdadeyro pay Paulo Emilio, & Publio Scipião, que o perfilhou, & o grande Africano, & outros senhores Romanos já defuntos, os quaes despois que lhe contarão tudo o que na vida lhe havia de acontecer (como fez aqui Tethys aos Portuguezes) & as honras, & triumphos, que na vida haviam de receber, que he o gazalhado, & suavidade desta Ilha, para que com mayor alvorogo sofressem os trabalhos, se dispuzessem para os perigos, lhe mostrarão a fermosura dos Ceos, o curso, & ordem dos Planetas, & estrellas, dizendolhe, que aquelle lugar estava deputado para os que nesta vida corressem com suas obrigações, favorecendo, & governando direymente as suas republicas, fazendolhe juntamente praça das cousas da terra, como tudo se pôde ver no dito livrô, que he assas conhecido. E quanto a mim isto quiz dizer aqui o nosso Poeta; que despois, que Tethis agazalhou Vasco da Gama, & aos mais Portuguezes, o levou a hum campo muyto fermoso, cheyo de rubis, & esmeraldas, que he o lugar onde vão parar os que seguem a virtude; donde lhe mostrou o Ceo com todos seus Planetas, & estrellas, declarandolhe sua excellencia, mostran-

dolhe juntamente a terra, para que visse, que pelas cavallarias, & obras excellentes feytas nella, se alcançava aquelle fermoso lugar do Ceo, que este foy tambem o intento de Cicero nos seus livros de republica. E isto he o que os antigos Romanos mostravão em fazer, que ao Templo da honra se não pudesse entrar, se não pela porta do Templo da virtude. E assim fica o Poeta neste particular entendido.

74

Assi cõtava a Nympha, & as outras todas
Com sonoro aplauso vozes davão;
Com que festejão as alegres vodas
Que com tanto prazer se celebravão.
Por mais que da fortuna andem as rodas
(Nũa consona voz todas soavão)
Não vos hão de faltar gente famosa,
Honra, valor, & fama gloriosa.

Por mais que da fortuna andem as rodas. Da fortuna se veja o que fica eicrito no canto primeyro.

75

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
Ena harmonia, & doce suavidade
Virão os altos feytos, que descobre.
Tethis de graça ornada, & gravidade,
Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre, & claro dia
Para o felice Gama, assi dizia.

Para o felice Gama assim dizia. Chama o Poeta ao Gama felice, pois foy digno de hum tão ditoso gazalhado, como este, que Thetis lhe fez declarandolhe o successo felice, que tuas cousas haviam de ter no ditcurto daquella navegação.

76

FAzte merce barão, a Sapiencia
Suprema, de c'o os olhos corporais
Veres, o que não pode a vãa sciencia
Dos errados, & miseros mortais.
Sigüeme firme, & forte com prudencia
Por este monte elpeço com os mais,
Assi lhe diz: & o guia por hum matto
Arduo, difficil, duro a humano tratto.

Fazte merce barão, a Sapiencia. Começa Tethis a declarar ao Gama as merces, que Deos Omnipotente, que aqui entende por Sapiencia, tinha preparados para os que nesta vida fazem cousas excellentes, & dignas de memoria. Sigüeme firme. O caminho da virtude he no principio aspero, & intravel

tavel aos que o querem seguir, mas no fim he largo, & deleytofo, como o pinta o grande Philosopho Pythagoras, naquella sua obra excellente eferitta em verso, a qual se intitula *carmina*, versos, por serem muyto sentenciofos. Pelo que alguns lhe chamão *carmina aurea*, versos de ouro, por serem elles, como fica dito, dignos de tal nome. E assim aonde se acha esta palavra *carmina*, sem mais addição, nem acrecentamento, se entendem estes versos de Pythagoras pela razão dita, como naquelle verso de Catao: *Si Deus est animus nobis, ut carmina dicunt*: aonde Catão por *carmina* entende os versos de ouro de Pythagoras, nos quaes tratta da excellencia da alma.

Não andão muyto, que no erguido cume
Se acharão donde hũ capo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, taes, que presume
A vista, que divino chaõ pisava.
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava,
De modo, que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie, claramente

Não andão muyto. A este lugar levou Tethys o Gama, ao qual pinta cheyo de esmeraldas, & rubis, pela fermosura delle. Este he o campo em que vão dar os que leguem a virtude, aonde tudo são gostos, & fermosura.

Aqui hum globo vem no ar. Finge aqui o Poeta com muyto artificio, como Tethys, delpois que agalalhou, & festejou muyto aos Portuguezes, os levou a hum lugar apartado, muyto aprazivel á vista, do qual lhe mostrou esta machina do universo em huma figura redonda, que o Poeta aqui chama globo, tão clara, & fermosa, que todas as cousas que nella estavão se vião clarissimamente. E porque este globo, que lhe mostrou continha esta machina celeste, & elemental, que he o que communmente chamamos mundo, mostrandolhe todas as particularidades do Ceo, o gabou muyto, para que vendo os Portuguezes a sua nobreza, & que para alcançar hum lugar tão excellente, era necessario fazer cousas, por onde o merecessem, se dispusessem com todo o cuydado, & animo a esta obra, & procurassem fazer cousas, por donde o alcançassem. Este globo he toda a região celeste juntamente com seu centro, que he o globo da terra, & agua, a que os Astronomos communmente chamão centro do mundo.

Está evidente. O centro com a superficie concava deste globo celeste, porque os que morão na terra penetrão com tua vista toda esta região elemental, & celeste. *Lame.* He a vista, como se uza entre os Poetas Latinos.

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxergase bem, que está composto
De varios orbes, que a divina verga
Campos, & hum centro a todos só tem posto
Volvendõ hora se abaxa, hora se erga
Nunca se ergue, ou se abaxa; e hũ mesmo rosto
Por toda a parte tem, & em toda parte
Começa, & acaba: em fim por diuina arte.

Qual a materia seja não se enxerga. Neste globo vio o Gama esta machina universal, & todas as cousas nella postas, & com ver tudo, & enxergar, & dividir suas particularidades, não pode entender, nem enxergar a materia, de que era composta.

De varios orbes. De varios circulos, & Ceos. Que coula seja orbe, & como se tome pelo Ceo, se veja a nossa annotação no 2. canto.

E hum centro a todos só tem posto. Este centro he o globo da terra, & agua, porque todas as partes do Ceo estão delle apartadas igualmente. O qual centro em comparação do Ceo, he hum ponto muyto piqueno, como todos os Astronomos provão por suas demonstrações. Centro he palavra Grega, entre outras significações, que tem. Huma he significar hum ponto no amogo da terra, posto tão pontualmente no meyo, que todas as linhas lançadas para a superficie sejam iguaes, pela qual razão se chama centro do mundo, como se disse o amogo, & meyo do mundo. Porque a terra com a agua estão no meyo da machina celestial, se chamão centro do Ceo.

Nunca se ergue. Esta machina do universo, que vemos, como he de figura circular, sempre anda em hum mesmo compaço, & distancia, & sempre tem hum rosto, & figura, porque nunca se altera, nem se muda, nem tem fim, nem principio finalado, que são condições proprias da figura redonda, & circular. Verga divina, quer dizer, vara de Deos, porque Deos todo poderoto foy autor desta machina do universo, como se conta no principio do *Genesis*.

VUniforme, perseyto, em sy sostido,
Qual em fim o Archetipo, que o criou:
Vendo o Gama este globo commovido
D'espanto, & de desejo aly ficou.
Dizlhe a Deosa. O trãsunto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus; para que vejas
Por donde vas, & iras. & o que desejas.

Uniforme, perseyto. Tratta da excellencia, & perfeição deste globo, que he figura do mundo, no qual estava toda a machina do Ceo, & terra, chamalhe

malhe uniforme, por ser todo de huma mesma materia, & figura: perfeyto, por lhe não faltar cousa alguma, porque como a tal lhe foy dada a figura redonda, que de todas he a mais perfeyta, & fermosa. Donde Ovidio nas Metamorphoses liv. 1. para mostrar a fermosura do mundo, diz estas palavras. *Magni speciem glomeravit in orbis.* Fez Deos o mundo redondo, para ornato, & fermosura do grande mundo. *Em si foytido.* Não tem o univerto fundamento, nem alicerce, obra de hum tão excellente Artifice como he Deos, foytido em si. Donde disse a Sagrada Escrittura da terra: *Qui fundasti terram super stabilitatem suam, non inclinabitur in seculum seculi.* Fundastes Senhor a terra sobre a sua propria firmeza, não se inclinará já mais. O que entendeu, & declarou aquelle grande Philosopho Ovidio na sua Metamorphose, quando disse da terra, que estava sustentada em seu proprio pelo: *ponderibus librata suis:* peitada com seu proprio peso, que he a causa porque não cayê, nem se move para huma parte, nem para a outra. *Qual em fim o Archetypus, que o criou.* Archetypus he palavra Grega, composta de duas, archi, principal, typos, figura, porque he o treslado, primeyra, ou principal forma de qualquer cousa. Aqui o toma o Poeta por aquelle excellentissimo Official, & Criador de todas as cousas Deos Nosso Senhor: no qual eminentemente se contém todas. *O trasunto reduzido.* Trastunto he o treslado. Mostra Tethys neste globo a Valco da Gama todo o univerto, para que entenda para onde vay, por onde ha de passar, & o que nesta viagem lhe ha de acontecer.

80

V Es aqui a grande machina do mundo
Etherea & elemental, que frabricada
Assi foy do saber alto, & profundo,
Que he sem principio, & meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, & sua superficie tão limada,
He Deos, mas o q he Deos: ninguém o entende
Que a tanto o engenho humano não se estende.

Ves aqui a grande machina do mundo. Esta machina do univerto, que vemos, se divide em duas partes em etherea, que he a Celestial, aonde estão as Estrelas, & Planetas, & elemental: que he tudo o que está debayxo do concavo da Lua até a terra, na qual parte estão os quatro elementos, fogo, ar, terra, & agua. Dos quaes se veia o que escrevemos no canto segundo, oytava 33. & cum sequentibus, & no sexto. Dos Ceos se trata nas oytavas seguintes. De Deos se veja adiante na oytava seguinte.

Quem a cerca he Deos. Donde disse o Apollolo.
Ipsè omnia circumdat verbo virtutis suæ.

Quem a cerca he Deos. Donde disse o Apollolo.
Ipsè omnia circumdat verbo virtutis suæ.

81
E Este orbe que primeyro vay cercando
Os outros mais pequenos, que em sy tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, & a mante vilt também:
Empyreo se nomea, onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem,
Tambem, que elle só se entende, & alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

Este orbe, que primeyro vay cercando. Tratta nesta oytava do Ceo empyreo, de que os autores profanos não trattão. Este he o assento da gloria, & Corte do Ceo. Neste reside principalmente Deos Nosso Senhor com os Bemaventurados. Da razão deste nome se veja o que escrevemos no canto segundo, oytava 33.

De quem não ha no mundo semelhança. Este he Deos Nosso Senhor, cujo ser, & Magestade não ha entendimento humano, que o comprehenda, como diz o Bemaventurado S. Thomás 1. p. q. 3. art. 4.1.

82

A Qui só verdadeyros gloriosos
Dinos estão, porque em Saturno, & Iano
Jupiter, Iuno fomos fabulosos,
Fingidos de mortal, & cego engano.
Só para fazer versos deleytosos
Seruimos, & se mais o tratto humano
Nos pode dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas pôso engenho vosso

Aqui só. No Ceo empyreo, como fica dito na oytava passada, residem sómente os Bemaventurados, & Santos em companhia de seu Deos, & Senhor.

Porque eu. Mostra Tethys como ella Jupiter, Saturno, & outros infinitos, que a antiguidade cega, & errada teve por Deos, forão falsos, & fingidos.

Nestas Estrellas por o engenho vosso. Porque os Planetas nomearão os antigos destes falsos Deos: como Saturno, Jupiter, Marte, Phebo, Venus, Mercurio, & a Lua.

83

E Tambem por que a sancta providencia,
Que em Iuppiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que sustenta.
Ensinado a prophetica sciencia,
Em muytos dos exemplos, que apresenta;
Os que são bons, guiando favorecem,
Os maos em quanto podem nos empècem.

Que em Iuppiter. Os antigos ainda q cegos na verdade, & mal entendidos no verdadeyro conhecimento de Deos, todavia nestes nomes, que punhão a seus

a seus falsos Deotes representavão sua Magestade, & providencia, como em Jupiter, que elles chama- vão, o principal de seus idolos, o qual nome he com- posto de duas palavras Latinas, de *juvo*, *ai*, ajudar, & *pater*, *pay*, como se dislera, *pay* ajudador. A este Jupiter attribuião o governo do mundo: & como nós temos por fé certa haver Anjos bons, que nos favorecem, & maos, que nos empecem: assim os an- tigos idolatras fingião o mesmo em seus falsos Deotes. Vejale Celio Rodigino nas suas lições an- tigas, liv. 1. cap. 24. cum sequentibus.

84

Quer logo aqui a pintura, que varia, Agora deleytando, hora ensinando, Var lhes nomes que a antigua poesia A seus Deoses já dera fabulando: Que os Anjos da celeste companhia Deoses o sacro verso está chamando. Nem nega que esse nome preminente Tambem aos maos se dá mas falsamente.

Quer logo. Mostra o Poeta como o seu intento em usar algumas vezes dos nomes dos falsos Deoses, não he mais, que para ornato de seus versos. E por este meyo ensinar algumas cousas necessarias para a vida.

Pintura, que varia. He a Poesia, á qual poem este nome pela grande conformidade que ha entre estas duas artes. Vejale a nossa annotação no cáto setimo.

Que Anjos de Celeste companhia, Deoses o sacro verso está chamando. Dá o Poeta a entender como a sagra- da Escriptura usa deste nome Deoses, humas vezes para reprovar os falsos Deotes dos antigos, outras para mostrar o favor, & mimo, q' Deos faz aos gran- des da terra, & justos della, em lhe comunicar o seu proprio nome, como aquelle Psalmo. *Deus habitat in synagoga Deorum*. Deos esteve no ajuntamento dos Deotes. E no mesmo: *Ego dixi dii esis*. Eu disse, soys Deotes, & em outras partes. O qual nome dá tam- bem a' e'crittura aos Anjos bons, como consta de alguns lugares della, nos quaes o Chaldeo declara sempre a palavra Deotes por Anjos. E nos lugares, onde a Escriptura diz, que Deos appareceo a Moy- sez, ou fallou a algum outro Propheta, como na- quelles lugares do Exodo, & Deuteronomio, muy- tos Doutores declarão a palavra Deos por Anjo. E no lugar allegado do Exodo a letra Hebraica diz: *Malach*. que he anjo, & assim o declara a Glosa ordinaria.

Nem nega que esse nome preminente. Nome pre- minente he o nome de Deos, que se dá aos falsos De- otes, mas falsamente como se já homés, & maos ho- mens.

85

EM fim q' o summo Deos, que por segundas Causas obra no mundo, tudo manda. Etornando a contarse das profundas Obras da mão divina veneranda.

Debaxo deste circulo, onde as mundas Almas diuinas gozão, que não anda Outro corre tão leve, & tão ligeyro, Que não se enxerga: he o mobile primeyro.

Em fim, que o summo Deos. Deos he a primeyra causa de todas as causas: fonte, & origem de todo o bem, & obra no mundo por segundas causas, que são ceos, estrellas, & todas as mais causas particu- lares. Summo aqui quer dizer alto, omnipotente, perfeitissimo, porque em Deos ha as perfeições de todas as cousas, como diz o Bemventurado Santo Thomás.

Debaxo deste circulo. Este circulo he o ceo empy- rio, de que atrás fallamos. Diz o Poeta, que este ceo não anda porque se não move: que he a razão por- que os autores prophanos não trattão dell'e. Debaxo deste ceo empyrio, diz que está outro tão ligey- ro, que escassamente se pôde enxergar seu movi- mento. E que este he o ceo a que os Astronomos chamão primeyro mobile.

86

Com este raptó, & grande movimento Vão todos os que dentro tem no seyo: Por obras deste, o Sol andando attento O dia & noyte faz, com curso alheo. Debaxo deste leve, anda outro lento, Tão lento, & sojugado a duro freyo, Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso, Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

Com este raptó. Entre os antigos. ouve differen- tes opiniões sobre o numero dos ceos. Huns pote- raõ hum só, outros oytó, outros nove. Oje está re- soluto serem dez: dos quaes o primeyro, & vltimo quãto a nós, se chama primeyro mobile, porque he o primeyro, que se move, tendo os mais també seu movimento. He tão arrebatado o movimento de- ste primeyro mobile, que leva apos sy todos os ou- tros ceos, & faz que em espasio de 24. horas, dem to- dos huma volta de Oriente, a Ponente, como diz aqui o Poeta.

Os que dentro tem no seyo. Todos os ceos estão de- bayxo deste ultimo encaxados, & postos huns jun- tos dos outros, como estão os cascos em huma ce- bola. Pelo que diz o Poeta, que os tem todos no seyo, porque os abraça, & tem em si.

Por obra deste o Sol. O que este primeyro mobil faz aos demais orbes, & ceos, que he fazerhe dar huma volta em espaço de 24. horas, faz tambem 20 orbe do Sol, que he a causa do dia, & noyte, que ve- mos. E diz que faz o Sol isto com curso alheyo: por- que o seu he contrario do Occidente, para o Ori- ente, no qual gatta 365. dias, & seis horas.

Debaxo deste leve anda outro lento. Segue se depois o primeyro mobil nono ceo, o qual não he estrel- lado, mas muyto claro, & transparente, pelo que he chamado cristalino. Tem este ceo dous movimen- tos

tos, hum violento, que he o do primeyro movel em 24. horas: outro seu proprio: o qual he muy vagaroso. Pelo que lhe chama aqui o Poeta lento, & tanto, q̄ em duzentos annos não dá mais, que hum passo, que he hum G. como diz o Poeta aqui. Faz este nono ceo curso proprio em 49. annos: Os autores varião n'isto, mas esta he a mais commum; & recebida opiniao.

O *Lha estoutro debaxo, que esmaltado
De corpos lisos anda, & radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes.
Bem ves como se veste, & faz ornado
C'o largo cinto d'ouro, que estrellantes
Animaes doze traz affigurados:
Apofentos de Phebo unitados.*

Olha estoutro debaxo que esmaltado. Este he o oytavo ceo, chamado comuñmente firmamento, por ter em si as estrellas fixas. Pelo que diz aqui o Poeta que he esmaltado de corpos lisos, & resplandecentes, que são as estrellas. Tem este tres movimentos, hum de Oriente a Poente com o primtyro movel, outro de Occidente a Oriente c'o o nono Ceo, outro a que chamaõ de tripidaçãõ, ou accessõ, & recessõ, por se chegar humas vezes ao polo arctico, delviãdose do ant arctico, & outras ao antarctico, delviãdose do arctico, & isto sobre seus proprios polos, no qual gasta sette mil annos.

E nos seus axes. Isto diz, porque o oytavo ceo tem Eyxo particular, & polos diferentes dos do mundo, que são os do Zodiaco.

Bem ves como se veste, & faz ornado. C'o largo cinto d'ouro. Este cinto de ouro, he orbe dos Signos, chamado vulgarmente Zodiaco. O nosso Poeta lhe chama cinto de ouro, por ser huma paragem no oytavo ceo povoada das principaes estrellas delle, às quaes pólerão nomes de animaes, ou porq̄ as estrellas fixas que estão nos taes Signos, representaõ a figura dos taes animaes: ou porque quando o Sol anda nestes Signos, conforme ao Signo em q̄ anda, assim causa em os animaes da terra algum accidente: ou porque as taes partes do ceo tem huma certa virtude, & influencia semelhante a natureza dos mesmos animaes. Estas, & outras razões daõ os autores. Tem este circulo (segundo Ptolomeo, & todos os modernos) comuñmente doze graos de largo, seis a cada parte, pelo meyo dos quaes passa a linha eclyptica, q̄ he o caminho do Sol, & chamaõ eclyptica, porq̄ os eclypsos do Sol, & da Lua não se podem fazer em outra parte do Zodiaco, senão nesta. Esta he a razão porq̄ o Poeta chama aos Signos do Zodiaco apofentos de Phebo, que he o Sol, porq̄ sempre caminha por baxo delle; tem se desviar para hũa nem para outra parte, diferente dos mais Planetas, os quaes se desviãdo n'ais, mas nunca de modo, que p'issem o espaço dos doze graos do Zodiaco, ainda q̄ Marte, & Venus o fazem algumas vezes.

O *Lha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo
Olha a carreta, attenta a Cynofuz,
Andromeda, & seu pay, & o drago horrendo.
Ve de Cassiopea a fermosuras,
E de Oriente o gesto turbulento,
Olha o cisne morrendo, que suspiras,
A lebre, os caes anão, & a doce Lyra.*

Olha por outras partes a pintura. Alem das estrellas, q̄ occupaõ o Zodiaco, de que tratãmos na annotaçãõ passada, há outras muytas espalhadas pelo oytavo Ceo. Das mais notaveis das quaes juntamente com as do Zodiaco fez Ptolomeo quarenta & oytó imagens, ou constellações, pondo-lhe nomes diferentes, conformes a imagem, & figura, que pareciaõ ter no ceo, dando a humas nome de criaturas, como Andromeda, Cassiopea, Oriente: a outras de coulas inanimadas, como carreta, naõ, lyra: a outras de aves, como cisne, aguea, a outras de animaes, como lebre, cão, dragão, & a outras outras, que não põhõ, que se podem ver largamente em Higinnio, & Gyryva, na sua Cosmographia. Isto he o q̄ o Poeta aqui diz, que alem das estrellas do Zodiaco, havia outras muytas neste oytavo ceo espalhadas por elle, às quaes os autores davaõ diferentes nomes.

D *ebaxo deste grande firmamento
Ves o ceo de Saturno Deos antigos;
Juppiter logo faz o movimento,
E Marte abaxo bellico inimigo.
O clarõ olho do ceo no quarto assento
E Venus, que os amores traz comfigo;
Mercurio de eloquencia soberana;
Com tres rostos de baxo vay Diana.*

Debaxo deste grande. Reconta o Poeta nesta oytava a ordem dos sete ceos que se seguem depois o firmamento em cada hum dos quaes não há mais q̄ huma só estrellã chamada commuñmente Planeta, que quer dizer vago, & errante, porque os Planetas não são como as estrellas fixas do ceo oytavo, antes se movem differentemente, & de seus movimentos fazem os Astrologos seus juizos, como tambem das estrellas fixas. Os seus nomes são Saturno, Jupiter, Marte, Sol, Venus, Mercurio, & a Lua. Daõ o Poeta a estes Planetas epitetos conformes a opiniao q̄ delles os antigos tinham. A Saturno chama Deos antigo, porque foy o primeyro homem a que os antigos deraõ esse nome de Deos. A Marte bellico inimigo, porq̄ foy tido por Deos da guerra, Venus dos amores, & Mercurio da eloquencia, como he notorio aos q̄ lem pelos Poetas. *Com tres rostos debaxo vay Diana.* O mesmo disse Virgilio: *Triã virginis ora Diana;* tres rostos da virgem Diana. Isto dizem os Poetas, porq̄ davaõ a Lua tres poderes, & conforme a elles he affinavaõ

affinavaõ tres lugares, & nomẽs: Diana nos montes
Lua no ceo, Proserpina no inferno. *o ceo a lua*
o inferno a proserpina
o mar a diana

E M todas estes orbes diferente
Curso veras: nũs grave, & n'outros leve
Hora fogem do centro longamente,
Hora da terra estão caminho breve,
Beni como quis o Padre omnipotente
Que o fogo fez, & o ar o vento, & neve:
Os quaes veras, que jazem mais a dentro,
E tem a o mar a terra por seu centro.

Em todos estes orbes diferente, &c. Estes orbes dos
sete Planetas, cujos nomẽs põemos na oytava pas-
sada tem diferentes movimentos, porq̃ huns se mo-
vem depressa, outros de vagar, Saturno dá a sua vol-
ta em 30 annos; Jupiter em doze, Marte em dous, o
Sol em trezentos sessenta & cinco dias, & hũ qua-
drante, que são horas, Venus, & Mercurio quasi no
meio tempo, que o Sol: a Lua em 27 dias, & quasi
sete horas. Esta he a razão porque diz o Poeta, que
huns têm o curso grave, & outros leve.

Hora fogem do centro longamente. No movimento,
& curso dos Planetas considerã os Astrologos cer-
tos pontos, conforme ao lugar em que estão, ou che-
gados a terra, ou afastados della: o ponto em que es-
tão afastados da terra, se chama Auge, & entre os
Gregos apogio: o ponto do chegãmento a terra cha-
mão opposito do auge, & os Gregos perigõ: & diz
o Poeta, que togem do centro longamente, porque
quando estão no auge, estão mais afastados da ter-
ra, que he o centro do mundo, & quando estão no
opposito do auge, estão mais chegados a ella.

Os quaes veras que jazem, &c. Entende o fogo, &
ar: os quaes diz que jazem mais dentro, por estarem
mais chegados ao Ceo da Lua: & assim tem a terra,
& a agua por centro.

N Este centro pousada dos humanos,
Que não somente, ou sados, se contentão
De sofrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instavel esperimentão.
Veras as varias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentão
Varias nações, que mandão varios Reys;
Varios costumes seus, & varias leys.

Neste centro pousada dos humanos. O centro do mũ-
do he a terra, a qual he pousada, & morada dos ho-
mens; como aqui diz o Poeta, cujas partes determina
tratar Tethys neste canto de lerrevendoas, & mol-
trandoas ao Gama, para que se affeyço a fazer nel-
la coulas, para que mereça alcançar estourras mais
excellentes, de que tratou, que he o Ceo morada,
& apocento dos Bemaventurados; teyto por Deos
Nosso Senhor, para delcaço dos que procurarem
seguir nesta vida a virtude, & fazer coulas para que

mereção aquella celestial, & beaventurada glori-
a. Que não somente ou sados, se contentão. Assim chama
Horacio aos homens nas suas odas: *Audax omnia per-
peti gens humana: ruit per sevitam nefas*. Os homẽs ou-
sados, & atrevidos; não hã causa, que não acomet-
tão. Donde diz Ovidio no livro das suas transfor-
mações, que depois do diluvio se reformou o gene-
ro humano de pedras, para mostrar por este fingi-
mento, a dureza, & ouladiã dos homẽs, aos quaes
não hã trabalhos, nem perigos, que caniem.

V Es Europa Christã mais alta, & clara,
Que as outras em policia, & fortaleza:
Ves Africa dos bens domunão avara
Inculta, & toda cheia de brutesa:
C'o cabo que atã aqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza,
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem ley quasi infinita.

Ves Europa. De Europa, & Africa se veja o que
escrevemos no canto primeyro, oytava segunda,
& C'o cabo, que atã qui se vos negara. Este cabo he o
de boa esperança, de que os antigos nenhuma noti-
cia tiverão. Esta este tão famoso, & tão conhecido
cabo em huma terra de Africa, a qual os Arabios,
& Persã chamão Zãguebar, & os moradores Zã-
guy, & commumẽre Cafres, que quer dizer gen-
te sem ley, por ser muyto torpe, & barbara. Põs a
natureza este cabo tão temido hoje dos nostros, en-
tre o cabo Prasil, que he o de Moçambique, & os
Pangeliõgos sujeytos ao nosso Rey de Congo, a
qual terra estã em altura de 51 graos da banda do
Sul. Do nome deste cabo se veja a nossa annota-
ção no 1.º canto, oytava 2.ª. Olha essa terra. Falla em geral daquella larga
terra de Africa habitada de gente sem ley, & sem
Rey, barbara, & bruta, & logo na oytava começa
a tratar de algumas nações della.

V E do Menomotapa o grande Imperio
De selvatica gente negra & nua,
Onde Gonçalo morte, & vituperio
Padeçerã pela fé sancta sua,
Nasce por este incognito Hemispherio
O met al, porque mais a gente sua;
Ve que do lago, donde se derrama
O Nito, tãbẽm vindo estã Guama,

Vẽ do Menomotapa. Menomotapa, ou Benomota-
pa (porque de huma, & outra maneyra se diz) he pa-
la vta que significa o que entre nós he Emperador
he nome do tenhor do grande Reyno de Sofala.
He este Reyno cercado do mar por huma parte, &
de outra, com dous braços de hum grande rio, que
saye do mesmo lago, donde saye o Nilo, como diz
aqui

aqui o Poeta, & Joáo de Barros na 1. Decada, pelo que fica feyto Ilha, a qual terá de circuito 750. leguas, & mais. Toda a gente desta grandissima provincia he negra, de cabelo retorcido, & muyta delha; mayormente a que cae contra Moçambique, Quiloa, & Melinde, come carne humana, & bebe o sangue do gado vacum; & desta maneyra se mantem. Toda em geral he gente bruta, & barbara, como aqui lhe chama o Poeta. Há nesta terra grandes minas de ouro, que lhe colhem cavado a terra, ou apanhão pelos remangos dos rios, ou por algus lamaças. Este he o metal, porque diz o Poeta aqui, que a gente trabalha, & lva.

Onde Gonçalo morre, & vituperio. Este foy hū Gonçalo Padre da Companhia, Varão de muyta prudencia, letras, & religião, o qual foy mandado destes Reynos pelo seu mayor com obediencia de hir a este Reyno de Menomotapa, o que fez depois de haver feytos muytos Christãos em outras partes, como elle conta em hūa carta que escreveo aos Padres da Companhia no anno de 1560. que anda entre outras cartas dos meismos Padres. Mas estes barbaços o matarão prégando a Fé de Christo, pelo q morreo Mátyr, como diz aqui o Poeta.

Nace por este incognito Hemispherio. Chama a este Hemispherio incognito, por se não saber o que vay pela terra dentro, por ser gente de pouco tratto, & conversação.

Donde o Nilo se derrama. Este lago he hū dos mais notaveis de toda a Africa, muyto delejado de se saber dos antigos escrittores, por ser a cabeça escóddida do illustre Nilo. Do qual lago tambem procede o rio Zayre, q rega o nosso Reyno de Congo. Este lago segundo a informação, que se té por via de Congo, & Sofala, he de mais de cem legoas de comprido. E porque do nascimento do Nilo fica tratado no canto 4. oytava 82. mais largamente, aqui o não farey. Outro rio q sac deste lago, & vem contra Sofala, depois de ter andado muyta terra, se reparte em dous braços; hum delles vay dar álem do cabo das Corrétes, ao qual os nossos Portuguezes chamavão rio da alagoa, & agora se chama rio do Espirito Santo, o qual nome lhe poz hum Lourenço Marques seu descobridor. Outro braço laye 25. legoas por bayxo de Sofala, & chama se Cuáma cômummente. Ainda que algumas gentes pelo sertão dentro lhe chamão Zembere. Este braço he mayor, & mais caudal; por ser navegavel mais de 250. leguas, o q fazem seis rios notaveis, que se metem nelle: Panamá, Luangôa, Arruya, Manjono, Inadire, & Ruenia. os quaes todos regaõ a terra do Menopotapa, & delles se tira o ouro.

O Lha as casas dos Negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça real, & defensão,
E na fidelidade dos vizinhos.

*Olha delles a bruta multidão,
Qual brando espaço, & negro de estroninhos
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenaerá Nhya com destreza.*

Olha as casas dos negros. Em toda a terra do Menomotapa não se permite a pessoa algúa ter portas nas calas, & quando o Rey o cõcede he por fazer particular favor, & honra a algú particular, que merece ser aventajado dos outros, & dá por razão, quando alguém lhe falla nesta materia, q as portas não se fizerão senão por medo dos ladrões, & malfeytores. E pois elle tem a sua conta os pequenos, aos quaes ha de governar em justiça, que não tem que temer. E ter humas portas, he sinal de grande dignidade, & preeminencia entre elles. O Rey da terra he juiz, & elle condena, & absolve a quem lhe parece, teni appellação, nem agravo, nem cadeas, porque as causas se determinão logo com o dito das testemunhas.

Que defenderá Nhaya com destreza. Este foy hum homem nobre Castellhano, a que chamavão Pedro da Nhaya, mas calado em Portugal, & morador em Santarem. Foy á India no anno de 1505. por Capitão mór de seis naos, cõ ordem de fazer huma fortaleza em Sofala para o tratto, a qual elle fez, como diz o Castanheda, liv. 2. c. 8. & 9. em breve tempo. O Rey da terra por nome Icus, q lhe deu licença para fazer a fortaleza, depois se lhe arrependeo; & cõ ajuda de outros senhores da terra a cercou, mas Pedro da Nhaya a defendeo valerosamente, & matou o Rey, como se pode ver em Joáo de Barros na 1. Decada, liv. 10. c. 12. & 3.

O Lha lá as lagoas, donde o Nilo
Nasce, q não soberão os antigos;
Velo rega, gerando o Crocodilo,
Os povos Abassis de Christo amigos,
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem methor dos inimigos:
Vè Meroe, que ilha foy de antiga fama,
Que hora dos naturaes Nobà se chama.

Olha lá as lagoas donde o Nilo. Do rio Nilo, & seu nascimêto fica tratado largamente no cãto quarto.

Velo rega gerando o Crocodilo. Crocodilo he hū animal de quinze covados, & mais de comprimento de feyção de lagarro cõ grandes dentes, & unhas, com as quaes mata, assim homés, como outros animais da terra, de que he inimigo. Para tomar os homens usá de húa manhá, & he, que chora, para que havendo cõpayxão delle, chegandose á parte aonde houve chorar, se apodere delle; & o mate. Donde veyo aquelle Proverbio tão antigo ente os Latinos: *Crocodyli lacrymæ*: Lagrimas de Crocodilo; o qual se entende de gente que tem boas palavras, & más obras. Não tem lingua este animal, & sómente move o queyxõ de cima. Queré os autores, que se chama Crocodilo. Crocu, & dilu, açafraõ, & medo, porque

porque tem este contrario. Donde costumão os Egypcios quando querem que os Crocodilos lhe não toquem em alguma cousa, por lhe junto algú açafrao, para que fujão. Contão os autores huma coula maravilhosa deste animal, q̄ sendo tão grande como fica dito, se gera de ovos pouco maiores, que de pato, os quaes poem em lugar, aonde o Rio Nilo com a enchente os não alcance, & q̄ de noyte está no rio, & de dia na terra para fazer mal.

Os povos Abassis de Christo amigos. Estes são os moradores daquella parte de Africa, que confina com Arabia, os quaes dividem as portas do mar roxo. São Christãos, & fugeytos ao Preste senhor da alta Ethiopia. Estes em tuas terras não costumão muros nos lugares, como se costuma em outras partes: & a principal razão disto, he por ser terra de muitas terranias, & rochedos de pedra, que são os mais inexpugnaveis muros do mundo. E não he para diffimular, q̄ em Amara, & Vedremúdo Provincias do Preste, & aonde elle costuma residir há Igrejas, que dizem os naturaes forão teytas por Anjos, & segundo affirmão os q̄ virão as obras dellas, parece exceder o poder humano: porq̄ sendo tão grandes como as nossas, he cada húa dellas teyta em hum penedo com columnas, abobadas, & altares, sem mistura de algúa outra pedrã de fóra: & querendo os Mourões por algúas vezes derribar estas Igrejas, nunca puderão, nem cõ fogo, nem com picões. E defendete esta gente melhor sem muros, porq̄ tem pelas terras paços estreytos, & trabalhosos, de modo, q̄ te os da terra, por poucos, q̄ se não der entrada, impossivel he passar alguem.

96

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro
Ha de ser dom Christovão o nome seu;
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Ve cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gazalhofe, & caro:
O raptorio nota, que o remance
Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

Nesta remota terra. Este foy D. Christovão da Gama, o qual mandou Dom Estevão da Gama sendo Governador da India em favor do Preste cõtra El-Rey de Zeilã, cõ que tinha guerra. Dom Christovão com os Portuguezes, q̄ levava, que erã 500. desbaratou duas vezes os Mourões, & na terçeyra batalha q̄ lhe deu, foy morto Dom Christovão, & os nossos postos em disbarato. Os q̄ ficarão tornãraõte a reformar, & com outro Capitão, q̄ elegerãõ entre si, desbaratarãõ o exercito dos inimigos. Matarãõ a El-Rey de Zeilã, o q̄ tudo se pôde ver largamente em húa Relação, q̄ o Patriarcha Dom João Bermudes fez destas cousas a El-Rey Dõ João o terçeyro de Portugal, o qual não tratta de outra cousa, & elle como testemunha de vista as conta na verdade.

Vê cá a costa do mar. Esta costa do mar he a de Me-

linde, aonde está Mocambique, q̄ de huma, & de outra maneyra se chama, por estes lugares estarê uel-la. E diz o Poeta q̄ Melinde deu a Dom Vasco hospicio galalhofe, porq̄ sempre os nossos foraõ recibidos, & galalhados neste lugar com muyto amor, como contaõ os nossos historiadores.

O raptorio. Este rio raptorio nasce da terra do Preste João, em húa monte, a que os moradores chamaõ Graro, & ao rio Obij, & Ptolomeo Raptorio. Entra no mar junto a hum lugar chamado Quilmance, o qual lugar está situado na boca do rio Raptorio, ao longo do mar, junto ao Reyno de Melinde. O que tudo diz aqui o Poeta, veja te João de Barros na primeyra Decada.

97

O Cabo vê já Aromata chamado,
E agora Guardafú dos moradores,
Onde começa a boca do famoso
Mar roxo, que do fundo toma as cores.
Este como limite está lançado:
Que divide Asia de Africa, & as melhores
Povoações que parte Africa tem,
Maquã, são, Arquiquo, & Suaquem.

O cabo vê já Aromata chamado. O cabo Guardafú tão conhecido hoje pelos nossos, a que Ptolomeo, & outros antigos chamarãõ Aromatã, he no fim da terra de Africa, & no principio da Asia, por ser na costa da Arabia na boca do mar roxo. Haverã de costa até o promontorio Prasso, a q̄ vulgarmente chamamos Mocambique, 550. legoas. Maquã he huma Cidade chamada assim do nome de huma Ilha, aonde está situada, tão vezinha à terra firme, que será pouco mais de húa tiro de espingarda. He fugeyta a húa Xequê senhor da Ilha Dalaca, aonde se pesca o aljotar. E o mais vezinho porto que tem, he Arquiquo lugar do Preste João, de q̄ o Poeta aqui falla. O qual Preste não tem outro porto em toda a costa. Tem paz entre si, porque deste porto Arquico sayê todos os mantimentos de q̄ se mantem a mayor parte da costa do mar roxo, por ter este Arquico muyta abundancia delles. Haverã deste Maquã ás portas do estreyto 85. leguas. Suaquem he húa Cidade, & porto o melhor de todo o estreyto, cercada de mar a modo de Ilha, a qual não occupa mais terra, que a Cidade. Tem casar nobres de pedra, & cal, ao modo da nossa Hespanha. E tem Rey per si, da qual até Maquã haverã setenta leguas.

98

Ves o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foy dos Heroas a cidade,
Outros dizem que Arsinoe, & ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade.
Olha as agoas, nas quês abrio patente
Estrada o grão Moyses na antiga idade.
Asia começa aqui que se apresenta
Em terras grande, em Reynos opulenta.

Vex.

Vez o extremo Suez. O ultimo lugar, & termo do estreyto do mar roxo he a povoação Suez posta em altura do norte 29. graos, & tres quartos na qual Suez quer Dom Joao de Castro nosso Portuguez, q̄ foy Governador, & Vilorey da India, em hum roreyro, que fez das cousas do estreyto do mar roxo, que fosse situacão dos da Cidade dos Heroas de q̄ falla Ptolomeo, ainda que Ptolomeo a ponha distante do mar. O qual Dom Joao foy na arte de navegar, & nas cousas de Cosmographia muy estudioso & douto, como d'elle certifica o nosso Joao de Barros na segunda Decada. E por esta razao especulou todas as cousas do estreyto do mar roxo, & as causas da cor das agoas do dito mar, com muyta consideracão, como o mesmo autor affirma, o qual elle passeou, & vio muyto devagar: que desta maneyra se sabe a verdade de huma tão varia sciencia, como he a Geographia, porque o tempo faz nos lugares seu officio como em todas as mais cousas do mundo, que he levantar huns, & extinguir, & desfazer outros. Outros querem que fosse a Cidade Arsinoe, de q̄ falla todos os Geographos, aõde hora he Suez. He hoje este Suez hum cristel lugar, & esteril, sem agoa, nem outra couza alguma, que preste, mais que alguns officiaes, que residem nella para guarda, & cõcento das armadas do Turco, para andar naquelles mares. Dizê os nossos Portuguezes, & affirmão como testemunhas de vista, q̄ há entre aquelles areaes, ruinas, & finaes de casas, em que se mostra, que em algum tempo houve alli edificios. O q̄ diz aqui o Poeta, que tem Suez a potestade das frotas do Egypto, he porque este lugar era do Soltão tenhor do Egypto, no qual elle armava suas frotas, como agora faz o Turco, que já não há memoria de outro Rey naquellas partes.

Olha as agoas. Deste lugar Suez até Toro posto na mesma costa de q̄ falla o Poeta na oytava seguinte, haverá quarenta legoas de distancia. Entre os moradores deste lugar há fama, q̄ por alli passou Moyses com os filhos de Israel fugindo de Pharaó, porque aqui se vezinhão duas terras de Arabia, & de Egypto, por distancia de tres leguas, que dizem os mais foy o transito do mar. Outros querem q̄ fosse esta passagem por Coronolo, que he hum porto, q̄ está entre Suez, & Toro. Joao de Barros na 1. Decada liv. 8. cap. 1. refere estas duas opinioes, & como da verdade disto não consta por escrittura certa, deyxã a resoluçao para a sua Geographia, q̄ atégora não sahio a luz. Luis de Camões segue a primeyra opiniao, & esta he a que se tem por verdadeyra entre os que melhor sentem, & assim o parece ter Joao de Barros, que Moyses passou os filhos de Israel por junto do lugar de Toro, donde começa a terra de Arabia na Asia, como elle aqui diz. E pela escrittura vemos claramente a derrota que levou Moyses com o povo, de Israel, & que no monte Sinay lhe deu Deos a Ley, como se conta no Exodo, que he pelo certao dentro dezoyto leguas de Toro.

Olha o monte Sinay, que se enobrece
O sepulchro de sancta Catherina:

Olha Toro, & Gidã, que lhe fallece
Agua das fontes doce, & cristalina.
Olha as portas do estreyto, que fenece
Noreyro da secca Adem, que confina
Com a serra de Arzire, pedra viva,
Onde chuva dos ceos se não deriva.

Olha o monte Sinay. Neste monte Sinay deu Deos Nosso Senhora a Ley a Moyses, como se conta no Exodo, & em outros muytos lugares da Escrittura. Neste monte está hoje em dia hum Mosteyro de Religiosos da vocaçao da Bemaventurada Virgem, & Martyr Santa Catherina, por ella estar sepultada nelle: & loutro da mesma vocaçao em Toro, que he huma povoação perto do mar, dezoyto leguas deste monte, aõde tambem há muytos Christãos. Pelo que a gente deste lugar he diferente no trato, & policia, de toda a outra da costa de Arabia, aõde este lugar está, que he a materia q̄ o Poeta por estas oytavas vay trattando. Todo o maritimo da costa do mar roxo, assim na Arabia, como na Africa, he terra esteril, & de muyto pouca agua: & tambem nesta parte faz Toro ventajem a todos os outros lugares, porque tem alguma agoa, & he terra mais fresca, & diferente das outras. De Gidã fica trattado no canto nono.

Olha as portas do estreyto. O estreyto do mar roxo, tão celebrado dos antigos, por razao da cor das agoas, compara o nosso Joao de Barros na segunda Decada liv. 7. c. (assim pela informacão que temos dos nossos Portuguezes, que o virão, & passaram como por dito dos autores, q̄ d'elle trataram) ao corpo de hum lagarto, porque parece fazer figura deste animal. Ao colo deste animal chamao portas do estreyto, porque parece, que se fechaõ alli aquellas duas terras de Arabia, & Africa, entre as quaes este estreyto jaz. A cabeça podemos chamar o lançamento das agoas fora das portas, entre dous tão nomeados, & conhecidos cabos Guardafu, & Tartaque. O comprimento deste mar das portas do estreyto até a povoação Suez ultimo termo seu, terá trezentas, & cincoeta leguas. O mais largo he trinta, & seis: o mais estreyto he tres, juto ao lugar Toro, por onde dizem passarão os filhos de Israel fugindo de Pharaó. He este mar pelo meyo navegavel, por ter fundo que baste, pelos lados, ao longo das costas de Arabia, & Africa he muyto perigoso, por ter muytos bayxos, & restingas. E assim os q̄ caminhão por elle, em vindo a noyte lançao ancora, por lhe não acontecer algum desastre. Estará a Cidade Adem, de que o Poeta aqui falla, quarenta legoas das portas, a dentro na costa de Arabia Felix. He esta Cidade Adem muyto fermosa a vista, por ser cercada de muytos bons muros, torres, edificios,

edificios, & casas altas de sobrados, & eyrados, em tanto, que diz Lodovico Romano na sua navegação, que está hoje a mais fermosa Cidade de toda a Arabia Felix, porque está situada ao pé de hũa terra, a que os naturaes chamão de Arzira, a qual he toda de hũa pedra viva sem arvore, nem herua alguma, que he a razão, porq̃ o Poeta lhe chama aqui seca. E passão logo dous, & tres annos q̃ não chove por aquella comarca toda, & se succede chover alguma agoa, he de trovoada, que passa muyto depressa.

100

O Lha as Arabias tres, que tanta terra
Tomão, todas da gente vaga, & baça,
Donde vem os cavallos para a guerra
Ligeiros, & feroces de alta raça.
Olha a costa que corre até que cerra
Outro estreyto de Persia, & faz atraça
O cabo, que c'o onome se appellida,
Da cidade Fartaque aly sabida,

Olha as Arabias tres. De Arabia se veja a nossa annotação no terceyro canto, oytava 71.

Olha a costa que corre. Entende a costa de Arabia Felix, a qual começa na Cidade Adem, de que fica tratado atrás, da qual Cidade ao cabo Fartaq̃ haverá cem legoas de costa: He este cabo assis conhecido: o qual se chama assim de hũa Cidade chamada Fartaque, a principal do Reyno, por cujo respeyto o Rey se chama Rey de Fartaque, & os povos Fartaquijs.

101

O Lha Dofar insigne, porque manda
O mais cheyroso encenso para as aras:
Mas attenda já cà de estoutra banda
De Roçalgate, & prayas sempre avaras.
Começa o Reyno Ormuz, que todo se anda
Pela: ribeyras, que inda serãõ claras
Quando as galès do Turco, & fera armada,
Virem de Castelbranco nua a espada.

Olha Dofar insigne. Na costa de Arabia Felix está dous insignes cabos Fartaque, de que fallámos na oytava passada, & Roçalgate, de q̃ o Poeta aqui falla, o qual he no principio da costa, aonde começa o Reyno de Ormuz, ao qual cabo chama Ptolomeo Syagro, & poem em 14. graos da parte do Norte, & os nossos Portuguezes o tem verificado em 22. graos & meyo. Nesta costa que terá de comprimento até o cabo Roçalgate, duzentas & noveta legoas, há muytos lugares, & Cidades, mas a principal he Dofar, por causa do muyto, & bom encenso que tem, pelo que o Poeta lhe chama insigne:

Prayas sempre avaras. Isto diz porque os moradores daquella costa até a Cidade Ormuz, tirando os da villa Calayate, que terá deste cabo vinte legoas, que receberão os nossos, & quizeraõ paz com elles, todos os mais forão avaros para elles, & o que lhe

derão sempre foy por força, custandolhe porê sempre caro, porque os nossos lhe queymavão as terras, & laquearão as fazédas, como tudo conta largamente Joaõ de Barros na primeyra Decada liv. 2. cap. 1. De Ormuz se veja o que eicrevemos no canto segundo, oytavo 49. E dizer o Poeta que todo se anda pelas ribeyras, he porque todo este Reyno está ao longo da costa. E não tem couza alguma pelo fertão.

Vuem de Castelbranco nua a espada. Este foy Dom Pedro de Castelbranco, Capitão de Ormuz, o qual houve grandes vittorias dos Turcos neste mar de Ormuz.

102

O Lha o cabo Asaboro, que chamado
Agora he Moçandão dos navegantes:
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, & Persia terras abundantes.
Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, & imitantes
A cor da Aurora, & vê na agua salgada
Ter o Tygris, & Eufrates buma entrada.

Olha o cabo Asaboro. Do cabo Roçalgate, donde começa a terra do Reyno de Ormuz, até o cabo, q̃ Ptolomeu chama Alaboro, & os nossos Moçandão haverá 87. legoas de costa. Ptolomeu situa este cabo em 23. graos, & dous terços de altura do norte, & os nossos Portuguezes, aos quaes se ha de dar credito, porq̃ a pé quedo fizerão experiencia. Deste cabo Moçandão começa o seyo Persico, a que o Poeta aqui chama lago. Jaz entre duas terras, Arabia, & Persia. E tomou antes o nome de Persia, por ter aquella parte mais habitada; porque da de Arabia não té mais que quatro tristes povoações: Camuzar, Gaçapo, Iulfar, & a Ilha Catife, que tem alguma melhoria, ainda que Ptolomeu lhe dé outras villas, & Cidades, q̃ devem estar debayxo das areas: porque em toda aquella costa não tem outra couza, & bastalhe o nome q̃ tem de Arabia deserta, que quer dizer deseparada, porque nem mantimento tem para sustentar as aves do ceo, quãto mais a gente. Terã de comprimento 300. leguas, & de largo 25. E em partes tão estreyto, que não passa de quatro. Corre ao Noroeste da Ilha de Ormuz, & acaba jũto á Ilha Cargem, aonde entra no mar o rio Eufrates, a que os naturaes chamão Fiat, & nelle incorporado o rio Tigris, chamado por elles Digida. Pelo meyo deste estreyto há algumas Ilhas habitadas de Mouros Arabios, os quaes se mantêm de tamaras, por haver muytas, & de outros mantimentos pouco: peiscaõ aljofar. A principal destas ilhas se chama Baharem, a melhor, & mais fresca de todo aquelle mar, aonde se pescão todo o anno perolas, as mais finas de todo o Oriente: ainda que não he esta pelcaria tamanha como a da Ilha de Ceylão da India, & Aimam da China, nas quaes tres Ilhas há a principal criação daquellas ostras, donde se tira o aljofar, & perolas. Terã de circuito trinta legoas,

pouco mais, ou menos, & de comprido sete, distante de Ormus por espaço de cento & dez leguas. E pois trattámos aqui da pelcaria do aljofar, razão: lerá darmos relação della. Atão hum homem por bayxo dos braços com hum corda comprida, & poemlhe hum pedra nos pés para o levar depressa ao fundo. E para que lhe não entre agoa nos narizes, poemlhe hum tala nelles, nas mãos leva hum balde, no qual deyta ostras, que acha, & muytas vezes vem acima sem ostras, & sem vida: porque puxa pela corda, para que o alem arriba, acha os ministros descuidados, de modo, que quando tirão por elle o achão morto. São as ostras do tamanho da palma de hum mão, por fóra pretas, & por dentro reluzentes: abremse ao Sol, & lanção de si as perolas, & aljofar, que vemos.

Ter o Tygris, & Eufrates hum entrada. Entrão estes dous rios tão famosos Tygris, & Eufrates, em corpo junto à Ilha muyto pequena, que terá menos de hum legoa, chamada Cargem, no fim do estreyto de Persia, de que fallámos. Da qual se vay pelo rio acima à Cidade de Baçorá. A gente que aqui mora são pilotos, que servem de levar gente à Cidade Baçorá, que pelo rio acima está á quarenta & seis legoas desta Ilha. He tão largo este rio nesta sua entrada, que não se vé terra de nenhuma das bandas, até que navegando por elle por espaço de meyo dia com bom vento, se descobre cô muyto arvoredo de hum, & outra banda. Acrecentey isto aqui porque todos poem a Cidade Baçorá no fim deste estreyto, não tendo senão aquella triste Ilha Cargem, como diz o Tenreyro no seu Roeyro.

103

Olha da grande Persia o Imperio nobre
Sempre posto no campo, & nos cavallos,
Que se injuria de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos,
Que da cidade Armuza, que aly esteve,
Ella o nome despois, & a gloria teve.

Olha da grande Persia. Depois que trattou da Arabia, entra nos costumes, & vida dos Persas, os quaes diz, que sempre estão postos no campo, porque folgão muyto de andar nelle, & assim o fazé pela mayor parte, ainda que pelos lugares tem muyto boas casaf. Eltes como vivem de gados, & são grandes homés de cavallo vivem por aduares com luas tédas no campo das quaes sayem em magotes a furtar, porque são elles muy refinados ladrões. Andão em bons cavallos, com arcós, & frechas, traçados, eicudos de aço: das lanças usão, mas em tempo de grande aperto, & necessidade. Antes de entrarem os nossos Portuguezes na India não utavaõ artilharia, antes se injuriavaõ de a trazer confiados em seus cavallos: Hoje a utão como sabemos por informação verdadeyra, porque tem necessidade della,

por andaré continuamete em guerra cô o Turco.
Mas vê a Ilha Gerum. Esta Ilha Gerum he o lugar aonde hoje está situada a Cidade de Ormuz, de que fica trattado largamente no segundo canto, oytava 49. Era hum triste terra de hum Rey por nome Malec Caéz, o qual residia em hum Ilha chamada Caes, que isto quer dizer Malec Caéz, a qual Ilha está dentro no estreyto de Persia, cinco legoas da terra de Persia, junto do cabo Nabam. Era este Malec Caéz senhor de tudo, o q̄ havia na Ilha Gerum até a Ilha Baharem, que terão cento & dez legoas de espaço. Tinha por visinho hum Gordunxa Rey da Provincia Magostão, o qual tinha muyto pouca necessidade della, porque lhe não servia de mais, que de colheyra de alguns pelcadores daquelle estreyto, cuja terra confinava cô a Ilha Gerum; pelo que procurou por todas as vias haver a Ilha, & assim a comprou. Fez tanto nella o Gordunxa, que se fez senhor do estado do que lha vendeo, & está hoje no estado que sabe o mundo, que he hum das melhores cousas da India. Na terra do Magostão vezinha de Ormuz apparece hoje as ruynas da Cidade de Ormuz antiga, a qual Cidade chama Ptolomeo Armuza na sexta taboa de Asia, que se trespassou na Ilha Gerum, aonde hoje está a nossa Ormuz. E isto he o que o nosso Poeta aqui diz, q̄ está Ormuz agora, aonde foy Armuza, porq̄ o seu nome foy trespassado para alli, & não porque seja Ormuz, aonde foy Armuza, pois sabemos, que foy em outro lugar muyto differente, como fica dito, ainda que não muyto longe, como se pôde ver em João de Barros, na segunda Decada liv. 2. c. 2.

104

Aqui de dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muyto poucos Portuguezes
Os muytos Parseos vencerá de Lara:
Virão provar os golpes, & revezes
De dom Pedro de Sousa, que provára
Já seu braço em Ampuza, que deyxada
Terá por terra à força só da espada.

Os muytos Parseos vencerá de Lara. Lara, & Ampuza são Cidades na Persia nos confins de Ormuz, contra cuja gente Dô Philippe de Menezes, & Dô Pedro de Sousa Capitães de Ormuz houveraõ grandes vittorias, como aqui diz o Poeta. He commum opiniaõ, q̄ o grande Tamorlão foy natural da Cidade de Lara, o qual foy em seu principio recoveyro, & deste estado tão bayxo veyo a ser tenhor da Persia, & cativou o Graõ Turco.

105

Mas deyxemos o estreyto, & o conhecido
Cabo de lasque, dito já Carpella,
Com todo o seu erreno malquerido
Da natureza, & dões vsados della;

Carmania teve já por apellido.
Mas ves o famoso Indo, que de aquella
Altura nasce junto a qual tambem
De outra altura correndo o Gange vem.

Mar deyxemos. Depois q̄ trattou do estreyto de Persia, entra na descripção da India, começando pelo cabo Iaquete, que está fóra da garganta do estreyto Perseo, ao qual Ptolomeo chama Carpella, situado por elle em 22. graos & meyo, da banda do Norte, mas verificado pelos Portuguezes em 24. graos largos, cujo ferto he esteril, seco, & despoivado, ao qual os antigos chamaraõ Carmania, como diz aqui o Poeta.

Mas vez o famoso Indo. O rio Indo, & o Ganges nascem ambos juntos em o monte Paropani, que he hum esgalho do monte Tauro, mas em diffêntes lugares. Pelo q̄ entre os naturaes he chamado o môte dos dous irmãos. Vejale o que escrevemos no canto texto, oytava 92.

106

Olha a terra de Ulcinde de fertilissima;
 E de Iaquete a intima enseada;
 Do mar a enchente subita, grandissima,
 E a vasante, que foge apressurada.
 A terra de Cambaya vê riquissima,
 Onde do mar o seyo faz a entrada
 Cidades outras mil, que vou passando,
 Avôs outros aqui se estão guardando.

Olha a terra de Ulcinde. Com o Reyno de Ormuz confina o Reyno de Ulcinde, o qual está entre a Persia, & o Reyno de Cambaya. Tem Rey proprio, o qual he Mouro. Os moradores da terra são Mouros pela mayor parte, & alguns Genticos. O Reyno he muyto grande pelo ferto dentro, & muyto abundante de mantimentos. Tem trigo, & cevada, & muytas carnes. São os moradores deste grande Reyno pouco affeyçoados ao mar, pelo q̄ na costa delle tem poucos portos. São grandes peçadores, pelo que muytos tem por officio pescar, & tomaõ peyxes grandissimos, dos quaes muytos se gastaõ na terra, de outros salgados se carregão navios para levar a outras partes. E não lómente a gente come a este peyxes seco, mas delle mantem tambem os cavallos, & outros animaes, de q̄ na terra há muyta abundancia. Por meyo deste Reyno passa hũ rio grandissimo, que vem de Persia ao longo do qual estão muytos lugares de Mouros riquissimos, por ter a terra alli muyto grossa, & abundante de todas as cousas necessarias para a vida.

E de Iaquete a intima enseada. No Reyno de Cambaya ao tógo da costa está hum lugar por nome Iaquete, que será de Diu 50. legoas, ao longo do qual faz o mar huma enseada penetrante pela terra, na qual enche o mar, & vaza com tanta pressa, q̄ atrás torna todo o navio que não acha com a proa para a corrente de agoa, porque vay como huma setta. De cinco cousas diz os Mouros, q̄ os livre Deos:

da ira dos Frãques, da enseada de Jaquete, das correntes de Bégala, do golfo de Ceylaõ, & dos bayxos de Chilao, que são os perigos no mar da India, como os bancos de Flandês entre terra firme, & Inglaterra, & Scylla, & Charubdis no mar de Sicilia, entre Sicilia, & Napoles. Neste Reyno de Cambaya há muytas Cidades, & lugares muyto ricos. E diz, que tera mais de setenta & cinco mil povoações, entre Cidades, villas, & bons lugares, fóra aldeas pequenas, que são infinitas. He Reyno muyto rico, & abastado, & nelle entra o rio Indo na enseada, q̄ Ptolomeo chama Cantu, & outros Canticolpus, hoje goltõ de Cambaya.

107

Vez corre a costa celebre Indiana
 Para o Sul, até o cabo comory
 Já chamado Cori, que Tapobana
 Que hora bẽ Ceilão defronte tem desy.
 Por este mar a gente Lusitana
 Que com armas vira despois de ty
 Terá vittorias, terras, & cidades,
 Nas quais haõ de viver muytas idades.

Vez corre a costa celebre Indiana. Passado o Reyno de Cambaya, q̄ terá cento & tres legoas de Iaquete, começa a costa da India, a qual vay correndo para o Sul, tem de cóprido até o cabo Comori 29. legoas pouco mais ou menos: o qual Comori está defronte da Ilha Ceylaõ em sete graos da banda do Norte, ao qual Ptolomeo chama Cori: neste espaço da terra jãs o principal da India, que os Portuguezes possuem.

180

As provincias, que entre hũ, & outro rio
 Vẽs com varias nações, são infinitas:
 Hum Reyno Mahometa, outro Genticio,
 Aquem tem o demonio leys escriptas.
 Olha que de Narsinga o senhorio
 Tem as reliquias sanctas, & bendittas
 Do corpo de Thome, Barão sagrado,
 Que a Iesu Christo teve a mão no laão.

As Provincias. Acerca da declaração desta oytava se veja o que escrevemos no canto setimo.

Olha que de Narsinga. O Reyno de Narsinga he hũ dos mayores, & mais ricos da India. Tem muytas Cidades, & portos de mar muyto grandes, & muyto bons. Divide-se em cinco Provincias muyto grãdes, em hũa das quaes a mais maritima de todas, chamada Choromandel, que terá de costa mais de cem legoas, esteve antigamente huma muyto grande, & fermosa Cidade chamada Mailapur por sua fermosura, que isto quer dizer a palavra na sua lingoa. Nesta Cidade, por ser de muyto concurso, & tratto de gente, esteve o Beaventurado S. Thomé Apostolo de nosso Senhor Jesu Christo, & nella padeceo martyrio, & nella está o seu corpo sepultado, como por todas estas oytavas vay trattã-

do o Poeta. De Narsinga se veja o q̄ escrevemos no
cãto settimo, oytava 21.

109

A Qui a cidade foy, que se chamava
Meliapor, fermosa, grande, & rica;
Os Idolos antigos adorava,
Comô inda agora faz a gente inica,
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a se, que no munao se publica
Thome vinha pregando, & já passara
Provincias mil do mundo, que enjmará.

Aqui a Cidade. Ao tempo q̄ este Bemaventurado
Santo estava nesta Cidade de Maylapur, q̄ assim se
ha de chamar, ainda q̄ alguns lhe chamão Meliapur
estava ella doze legoas do mar. E dizem, q̄ prophe-
tizãra o Bemaventurado Santo, q̄ havia de vir tem-
po, em q̄ o mar batesse na Cidade, & q̄ então havia
de ir ter alli gente da parte do Occidente, a qual
cria no Deos q̄ elle prégava. O q̄ aconteceu assim,
porque como o tempo o mar foy gastando, & come-
do a terra, até chegar ao lugar aonde estava a Cida-
de, & assim se destruhio, & asolou sem ficar della
mais q̄ huma casa cahida, aonde estavam enterrados
os ossos do Béaventurado Santo, q̄ os nossos achã-
rão a caso cavando na terra. Hoje há edificios no-
vos, & a terra se chama S. Thomé, aonde vivẽ muy-
tos Portuguezes.

110

C Hegado aqui pregando, & junto dãdo
A doentes saude a mortos vida,
A caso traz hum dia o mar vagando,
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rey, que andava edificando,
Fazer delle madeyra, & não duvida
Poder tiralo à terra com possantes
Forças de homens, de engenhos, de elephantes.

Hum lenho de grandeza. Conta o Poeta nesta oyta-
va hũ milagre, que fez nesta Cidade de Meliapur,
q̄ chegou acafo àquella Cidade por cima da agoa,
hũ madeyro tão grande, que era coula de elpanto, o
qual sabido por El-Rey mandou ajutar muyta gê-
te, & elephantes para o trazerem a terra, o que não
teve effeyto, porq̄ nunca o poderão abalar. Vendo
isto o Bemaventurado S. Thomé, pedio ao Rey q̄
lho desse para fazer com elle hum Templo para o
Deos q̄ prégava, se o dalli tirasse. El-Rey lho con-
cedeo sorrindose. Tomou então o Santo o seu cor-
dão, & atouo no pao, & feyto o final da Cruz, olle-
vou arrojões até o lugar aonde tinha determinado
fazer a Igreja, como diz na oytava seguinte.

111

E Ratão grande o peso da madeyro,
Que só para abalar se, nada bastas
Mas o Nuncio de Christo ver dadeyro,
Menos trabalho em tal negocio gasta.

Ata o cordão, que traz por derradeyro
No tronco, & facilmente o leva, & arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

ob May o nuncio de Christo. O Béaventurado S. Tho-
mé, q̄ denunciava, & prégava a Fé de Jesu Christo
Nosso Senhor.

112

S Abia bem que se com se formada
Mandar a hum monte surdo, que se mova,
Que obedecera logo à voz sagrada
Que assi lho ensinou Christo, & elle o prova.
A gente ficou disto alvorçada,
Os Bramenes o tem por causa nova;
Vendo os milagres, venão a sanctidade,
Hão medo de perdera a autoridade.

Que assi lho ensinou Christo. Como consta de S. Mat-
theus, em a tua historia Evangelica.

113

S Aõ estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha aenveja
Buscão maneyras mil, buscão desvios
Com que Thome não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peyto traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não he tão dura, & fera,
Como a virtude falsa da syncera,

São estes Sacerdotes. Os Bramenes são os Sacerdo-
tes daquellas partes Sobre seus costumes, & vida, se
veja a nossa annotação no canto 7. oytava 40. aon-
de declaro, q̄ fios são estes, que trazem ao peyto, de
que o Poeta falla nesta oytava.

114

H Um filho proprio mata, & logo acusa
De homicidio Thomé, que era innocete.
Dã falsas testemunhas, como se usa,
Condenaraõno à morte brevemente.
O Sancto, que não ve melhor escusa,
Que appellar para o Padre omnipotente,
Quer diante do Rey, & dos senhores,
Que se faça hum milagre dos mayores.

115

O Corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, & seja perguntado
Quem foy seu matador, & ser à crido
Por testemunho o seu mays approvado.
Virão todas o moço viuo erguido
Em nome de Iesu crucificado.

Dã

*Dà graças a Thome, que lhe deu vida,
E descobre seu pay ser o homicida.*

E descobre seu pay. Outro milagre, q̄ o Poeta aqui conta do Bemaventurado S. Thomè, foy q̄ os Bramemes, vendo q̄ tua opinião, & credito, que tinham cō o povo de Santos, & Religiosos, se lhe perdia, se o Bemaventurado S. Thomè alli permanecesse, determinarão levantarhe algum testemunho, para o destruhirem, & hum delles, em que a enveja te meo mais, matou hum filho, & disse que o Santo lho matara, o que lhe provou com outras testemunhas da mesma massa. Levando o Bemaventurado S. Thomè diante do Rey da terra, para dar sentença sobre o caso: disse o Santo que lhe trouxe sem o minino morto, q̄ elle diria quem o matara. Trazido o minino, o Bemaventurado Santo o fez levantar vivo em virtude de Jesu Christo nosso Senhor, o qual disse em voz alta, q̄ teu pay o matara. Fez tanto abalo este milagre na gente, que o Bramene foy desterrado: O que tudo conta o Poeta, larga, & claramente.

116

*Este milagre fez tamanho espanto
Que o Rey se banha logo na agua santa,
E muytos apos elle, hum beya o manto,
Outro louvor do Deos de Thome canta.
Os Bramenes se encherão de odio tanto,
Com seu veneno os mor de enveja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinão matalo em fim de tudo.*

Determinão matalo em fim de tudo. Vendo os Bramenes a virtude de Thomè, & como totalmete se perdia o seu credito, & quão mal lhe sahira o q̄ determinarão, q̄ era fazer morrer o Santo, por via de justiça, levantandohe algũ testemunho, determinarão matalo elles por suas mãos. Estando elle hũ dia prégando, levantarão hum ruido, & fazendo q̄ tiravão huns contra os outros, mataraõ o Santo às pedradas, & hũ delles o passou com huma lança, cō q̄ deu o espirito ao Senhor, q̄ lhe quiz, dar a gloria, & levalo para si mais depressa por aquelle caminho, como diz aqui o Poeta, & se pòde ver tudo largamente no nosso João de Barros, na terceyra Decada liv. 7. cap. 11. E o Padre Lucena largamente.

117

*Um dia que prégando ao povo estava,
Fingirão entre a gente hum arroido;
Jã Christo neste tempo lhe ordenava
Que padecendo fosse ao Ceo subindo.
A multidaõ das pedras, que voava,
No sancto dà já a tudo offerecido:
Hum dos maos, por fartar se mais depressa,
Com crua lança o peyto lhe atravessa.*

118

*Choraráõte Thome o Gange, & o Indo;
Choroute toda a terra, que pisasse;
Mais te choraõ as almas, que vestido
Se hião na sancta Fe, que lhe ensinaste.
Mas os Anjos do ceo cantando, & rindo
Te recebem na gloria, que ganhaste,
Pedimoste, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças,*

Choraráõte Thomè o Gange, & o Indo: Por Gange, & Indo entẽde as partes da India, por donde o Ganges, & o Indo rios passão, de que fica tratado em muytas partes.

119

*Vos outros que os nomes vsurpaes
De mandados de Deos, como Thome,
Dizey se soys mandados, como estays
Sem yrdes a prégear a sancta Fe?
Olhay que se soys sal, & vos danais
Na patria, onde Propheta ninguem he
Com que se salgarão em nossos dias
(Infiays deyx) tantas heresias.*

E voz outros, que os nomes. Esta oytava, por não ser bê entendida atẽgora, foy interpretada, & calumniada por mordaz, & lãtica, contra os Padres da Companhia. Mas enganaraõse todos. Pois o q̄ claramente o Poeta aqui quiz dizer: Foy lembrar, & persuadir aos Prégadores Apostolicos da ley Evangelica (q̄ taõ todos Sacerdotes, & Religiosos, principalmente letrados) q̄ atẽ o tempo em q̄ elle escrevia, não tinham hido á India prégear a Fe, a obrigação q̄ tinham de o fazer. Assim por razão de teu officio: como pelo perigo, q̄ em todos os homẽs causa o ocio, & silencio: quando elles são obrigados a publicar, & persuadir cō todos os preceytos rethoricos, os mysterios de nossa santa Fe, aos infiẽs. O q̄ mal podião fazer dêtro em Portugal: assim por nelle não haver já infiẽs: como tambem, porq̄ com a priguica, & delcuydo te poderãõ danar em sua patria: como faz o tal (a q̄ o Evangelho sagrado os cõparou), o qual para aproveytar, se ha primeyro de desfazer em agoa. Porque os doutores entendem a palavra de Deos, & as obras penaes, & de virtude; com que ella melhor se cultiva, & planta.

Confirmate esta verdade, cō sabermos de certo, q̄ o Camões escreveo este livro no anno de 70. tẽpo em que os Padres da Companhia havia mais de 30. annos q̄ trabalhavãõ naquellas partes na prégacão da Fé admiravelmente: cō muytas casas já edificadas por elles, & muytas Provincias cultivadas na doutrina Evangelica: ainda q̄ os Frades de S. Francisco, & de S. Domingos erãõ já lã muyto mais antigos.

E como o Camões era tãõ visto nas historias, & coutas, principalmente da India, aonde andãõ cans

tos annos, & tão particularmente se informára de tantas meudezas, como se vê deſte ſeu Poema. Não podia ignorar eſta verdade, tão patente naquellas partes, & em todo o mundo. E aſſim ſe lhe deve reſtituir ſua hora neſta calumnia; indigna de hum tão grande entendimento, como foy o ſeu. Que como tão pratico nas couſas da Índia deſejava q̄ todos os Prégadores Evangelicos ſe foſſem occupar em tão tanta obra. Pelo grande truto que elle ſabia, que os poucos, que então lá andavão, tinham ſeyto; & pela grande diſpoſição, que via nos moradores de receberem a Fé infinito numero: ſe houveſſe copia de obreyros que lhe miniſtraſſem.

Que era cômum dos Governadores, & Capitães daquelles tẽpos mandarem pedir ao ſeu Rey muytos Prégadores: pelas infinitas almas q̄ ſe perdiaõ por falta delles. O que o Camões procurava perſuadir, & não calumniar. E eſta he a verdade.

120

M As paſſo eſta materia perigofa,
E tornemos à coſta debuxada,
Jã com eſta cidade tão famosa,
Se faz curva a Gangetica enſeada.
Corre Narſinga rica, & poderofa,
Corre Orixã de roupas abaxada;
Nõ fundo da enſeada o illuſtre rio
Ganges vem ao ſalgado ſenhorio.

Da com eſta Cidade. Da Cidade de S. Thomé, que eſtã hoje no lugar aonde foy a ſantiga Cidade de Maylapur, até o cabo Guardarij, q̄ eſtã em 17. graos há algũas Cidades. Neſte cabo Guardarij ſe acaba a terra de Narſinga, & começa o Reyno Orixã. Tẽ eſte Reyno poucos portos, por ſer a coſta brava. Acabaſe a terra do Reyno Orixã, no cabo Segogozã, q̄ eſtã em 21. graos. Deſte cabo até a Cidade de Chatigão do Reyno de Bengala, de q̄ o Poeta falla na oytava ſeguinte, há cem legoas. Entre os quaes termos faz o mar huma enſeada, na qual entra o rio Ganges no mar de miſtura com outro rio, chamado Ganga, o qual atravella todo o Reyno Orixã.

121

G Anges, no qual os ſeus habitadoyes
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que ſejaõ grandes peccadores,
Eſta agua ſancta os lava, & dá pureza.
Vê Cathigão cidade das melhores
De Bengala provincia, que ſe preza
De abundante; mas olha, que eſtã poſta
Para o Auſtro de aqui virada a coſta.

Mas olha que eſtã poſta para o Auſtro. Paſſado o Reyno de Narſinga vay a coſta correndo directã ao Levante até a Cidade Chatigam, & dalli torna a coſta com outro rodeyo para o Sul. Pelo que os mercantes chamão a eſte lugar. Contra coſta,

122

O lha o Reyno Arracão, olha o aſſento
De Pegũ, que já monſtros povorão
Monſtros filhos do feo ajuntamento
De huma molher, & hum cão, q̄ ſõs ſe acharão.
Aqui foante arame no inſtrumento
Da geraçãõ coſtumão: o que uſarão
Por manha da Raynha, que inrentando
Tal uſo deytou fora o error nefando.

Olha o Reyno Arracão. Com o Reyno de Bengala confina o Reyno de Arracão. O Rey, & os moradores deſte Reyno todos ſão Gentios. He eſte Reyno muyto grande metido todo pelo ſertão dentro: pelo q̄ não tem portos de mar. O Rey he muyto rico de dinheyro, & muyto poderofa de gẽte de guerra, a qual traz continuamente com ſeus veziñhos: & tem grandes paços por todas ſuas terras, cõ grandes tanques de agoa, jardins, & arvores de todo o genero. Uſaõ de muytas molheres, não tem ordem nem ley algũa de matrimonio, he gẽte dada a muytas delicias, por ſer a terra muyto rica, & abundante de todo o neceſſario.

De Pegũ. Com o Reyno Arracão, de que fallamos acima, confina o Reyno de Pegũ. Eſte Reyno he muyto rico pelo ſertão dentro, por haver nelle muyto ouro, robijs, & outras pedras de muyto preço, & muyto, & muyto fino lacre. He terra muyto ſadia, & muyto abundante de mantimentos, & fruytas. Tem alguns portos de mar, em os quaes morão muytos Mouros, & Gentios, grãdes mercadores. E alli concorrem de outras muytas partes homens de negocio, como de Samatra, Malaca, Cambaya, & outras partes da India.

Monſtros filhos do feo ajuntamento De huma molher, & hum cão. Conta ſe dos moradores deſte Reyno de Pegũ, como refere Joãõ de Barros na terceyra Decada, & o Poeta neſta oytava, q̄ procedem de huma molher, & de hum cão. O q̄ contaõ deſta maneyra, q̄ vindo acaſo huma embarcaçãõ da China a portar com tormenta à coſta deſte Reyno, que então era deſhabitada, ſõmente escapou hũa molher, & hum cão, os quaes tẽdo copula entre ſi, houverão filhos, os quaes multiplicarãõ de maneyra, q̄ povoarãõ toda aquella terra, q̄ he muyto larga, & por não degenerarem dos coſtumes de ſeus pays, inventarãõ os calcaveis, de q̄ o Poeta aqui falla, & nós trattamos na oytava ſeguinte, de q̄ utavãõ em ſuas partes vergonhoſas para moſtrar a diſſoluçãõ, & deſenfreamento, q̄ tinham neſta materia da luxuria, & ſensualidade, a q̄ por reſpeyto daquellẽ ſeu primeyro pay erãõ naturalmente inclinados. Outros querem q̄ huma Raynha da terra por nome Canãne, invẽtaſſe os calcaveis, por ſe evitar o peccado nefando, q̄ naquellas partes muyto ſe uſava, os quaes ſegue aqui o noſſo Poeta. A eſte meſmo vicio da carne ſãõ muyto dados os moradores do grande Reyno de Syão, donde lhe ficou eſte maõ coſtume. E por que

que os homêes destas partes são muyto mais feyos q̄ as molheres, dizem ellas, q̄ os homens fãem ao primeyro pay, & ella a sua primeyra mãy. Outras razões no lugar allegado de João de Barros, alli as podem ver os curiosos.

123

Olha Tavay cidade, onde começa
De Syão o largo imperio tão comprido
Tenessary, Quedã, que he sô cabeça
Das que pimenta aly tem produzido:
Mays avante fareys que se conheça
Malaca, por Imperio ennobrecido,
Onde toda a provincia domar grande,
Suas mercadorias ricas mande.

Olha Tavay. Passado o Reyno de Pegû pela costa adiante côtra Malaca está o grãde Reyno de Syão: os moradores são Gentios, & o Rey tambem Gentio: he muyto grande lenhor pela terra dentro, porque começando desta costa de Pegû, vay confinar cô a China, na qual paragem têm muytos portos de mar, he muyto poderoso Rey, & têm muyta gente, assim de cavallo, como de pè, & muytos elephâtes. Não contente q̄ Mouro algum traga armas no seu Reyno. Há pela terra dentro muyto beyjoim, & muyto bom. A Cidade de Tavay, de q̄ o Poeta aqui falla, foy antigamente do Reyno de Syão, hoje he a ultima do Reyno de Pegû. Passado Tavay está Tenassary. E Quedã Cidade do mesmo Reyno de Syão, nas quaes se dá a melhor pimenta do mundo, como diz aqui o Poeta. He gente assim esta de Pegû, como a de Syão muyto dada ao vicio da carne. Pelo q̄ para mais dilicia della costumão nos membros genitales trazer calcaveis, hũs de ouro, outros de prata, finalmente cada hũ conforme a sua possibilidade. E são tão dissolutos, & desentreados nesta parte, q̄ trazem nas mesmas partes diamãtes, & outras pedras de grande preço, & andando pelas ruas andão unindo cô os calcaveis. E o Rey costuma ter 500. molheres, & mais, & assim os mais da terra as q̄ querê. Muytas coulas dignas de se saber deste Reyno, & sua gête tratta Joaõ de Barros na 3. Decada liv. 2. cap. 5.

Malaca. De Malaca se veja o que escrevemos no canto 2. oytava 54.

Onde toda a Provincia do mar grande, Suas mercadorias ricas mande. Isto diz porq̄ de todas as partes do Oriente, q̄ entende por mar grande, pelas correr, & passar todas o grande mar Oceano, concorrem a esta Cidade, por ser de grande tratto, & comercio.

124

Dizem que desta terra co as possantes
Ondas o mar entrando dividio
A nobre ilha Samatra, que já dantes
Juntas ambas a gente antiga vio
Chersonefo foy ditã, & das prestantes
Veas de ouro, que a terra produzio.

*Aurea, por epithêo lbe ajuntarão;
Outros que fossem Ophyr imaginão.*

A nobre Ilha Samatra. He Samatra hũ Ilha muyto grande, & muyto fermola, q̄ terá de circuito se-recêtas legoas, posta debayxô da linha equinocial, he abundantissima de todas as coulas: tem muytos Reynos, nos quaes, hã muyta pimenta, no de Pêdir, que está detronte de Malaca, & no de Zunla, & em outros muyto ouro, como de Menomcabo, & Barroz, nos quaes se colhe, ou de grandes minas, ou ao longo da praya dos rios. Em todos os Reynos desta Ilha hã muytas, & muy grandes Cidades: as que estão pelo sertão dentro, são habitadas de Gêtios, & as da costa, de Mouros grandes mercadores. Dizem alguns, que esta Ilha Samatra foy antigamente hũa mesma coula cô a nossa Malaca, q̄ o tempo, que faz outras, & mayores mudanças, as dividio, & poz no estado em q̄ agora estão, como contão tambem da Ilha Sicilia cô Italia: & porq̄ nesta comarca de Samatra hã muyto ouro, acrescentão, q̄ esta he Ophyr de q̄ a Escrittura falla, assim o tem hum Portuguez nosso por nomê Gaspar Barreyros, autor gravissimo, & grande antiquario, & que este póto trattou melhor q̄ todos os outros escriptores, & Abraham Ortelio o refere tambem na sua Synonimia, na palavra Ophyr. E a isto se inclina o Padre Joseph da Costa no livro de procuranda Indorum salute, & esta opinião parece ter algũa cor, como se tratta no livro q̄ novamente imprimirão os Padres da Cõpanhia de Jesu do Collegio de Coimbra. Ainda que Luis de Camões a tenha por imaginada. O mais certo he q̄ ninguem sabe a certeza. Pelo q̄ em coula de tanta duvida, não temos q̄ certificar. Esta Ilha Samatra tiverão os antigos por Chersonefo, porque cuydaõ não ser Ilha. Mas a experiencia nos moltra o contrario, & assim sabemos por informação verdadeyra dos nossos Portuguezes, q̄ a virão, & pas-searão toda. Veja se a nossa annotação no segundo canto.

125

Mas na ponta da terra Cingapura (ta,
Verã, onde o caminho às naos se estreyta
De aqui tornando a Costa à Cynosura
Se encurva, & para a Aurora se endereyta.
Vês Pam, Patãne Reynos, & alongura
De Syão, que estes, & outros mays sogeyta.
Olha o rio Meñaõ, que se derrama
Do grande lago, que Chiamay se chama.

Mas a ponta da terra Cingapura. He Cingapura hũ cabo de terra de frôte da Ilha Samatra, da qual dista por espaço de 20. legoas. As naos se estreyta: Por ser estreytissima em terra firme de huma banda, & muytas Ilhas da outra. Deste estreyto soube Luis de Camões: & do novo não, q̄ novamente se descobrio por hũ Joaõ Velho, do qual hoje se usa mais, & se navega para varias partes. E aquelle estreyto primeyro o he tanto, que vão as vergas das naos em muytas

muytas partes dando de hũa, & outra banda, & os dous estreitos ambos de embocação no mar de Birtão, q̄ he o estreito, que o Poeta aqui diz. Foy antigamente neste lugar a Cidade Cingapura, aonde cõcorria toda a gente q̄ agora concorre a Malaca, q̄ estará della 35. legoas, pouco mais ou menos. E porque seria couza larga trattar da mudança desta terra, remetto os curiosos ao nosso João de Barros, o qual tratta esta materia largamente na segunda Decada cap. 1. Pintanos aqui o Poeta a traça desta costa. Como este cabo Cingapura está contra o Norte, que entêde aqui por Cynolura, torna a virar, & fazer ponta para o Oriente, que entende pela Aurora. Na qual paragem há muytos Reynos, como Pam, Patane, & outros fogeytos ao grande Reyno de Syão, do qual tambem antigamente foy Malaca, Samatra, & outras infinitas. Ilhas q̄ há naquelle cõtorno. *Otha o rio Menão.* Este rio Menão, q̄ na lingua dos naturaes quer dizer, máy das agoas, nasce em hũ lago por nomê Chiamay, q̄ está em 30. graos de altura da parte do Norte, & tende de alto abaxo todo o Reyno de Syão, o qual por informação de gente que nelle esteve, tem de comprimento mais de trezentas & trinta legoas.

126

V Es neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações nunca sabidas,
Os Laos em terra & numero potentes,
Avás, Bramás, p̄r serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes
Que Gueos se chamão de selvages vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintão com ferrol ardente, usança crua

Vê neste grão terreno. Tratta nesta oitava de algumas nações fugeytas ao Rey de Sião: os povos Laos Avás, Bramás, & Gueos, os quaes vivem por grandes ferranias, como brutos animaes, tão feyos, & crueis, q̄ comem carne humana, & trazê continuamente guerra com os Reys de Syão, & se ferrão, & pintão por todo o corpo, couza q̄ em todas aquellas regiões não sabemos, q̄ outra gente o faça. Destes Laos, & mais couzas de Syão, & assim do rio Mecô, de que o Poeta tratta na oitava seguinte, se veja hum trattato da China, que fez hũ Religioso da ordem de S. Domingos, & João de Barros na 3. Decada liv. 2. c. 5.

127

V Es passa por Camboja Mecom rio,
Que Capitão das aguas se interpreta,
Tantas recebe de outro s̄o no estio,
Que alaga os campos largos & inquieta.
Tem as enchentes quaes o Nilo frio;
Agente delle cré, como indiscreta,
Que pena, & gloria tem despois da morte
Os brutos animaes de toda sorte.

Vês passa per Camboja Mecom rio. Camboja he hum Reyno maritimo, fugeyto ao Reyno de Sião, pelo qual corre hum grandissimo rio chamado Mecom, q̄ quer dizer; Capitão das agoas: cujo nacimiento he na China. Ajuntãose a este rio tantos, que o fazem tão grande, que quando quer sahir ao mar retalha a terra por tantas partes por se estender, q̄ faz hum lago mais de oytenta legoas de comprimento, com o qual se dividem dous Reynos do estado de Syão, o de Cambaya, & Champa. E dizem delle, que têm o officio do Nilo, que he regar as terras por donde passa. Mas dizem deste rio, que em tempo de cheyas se não pôde andar por toda a terra de Cambaya senão em barcos.

A gente della cré. Os moradores ao longo deste rio Mecom, entre outros erros da gentildade, que tem hum, de que o Poeta aqui faz menção, he, q̄ há depois desta vida outra, & q̄ todos os animais nella têm pena, & gloria.

128

E Ste receberá placiao, & brando
No seu regaço os cantos, que molhados
Vem do naufragio triste, & miserando,
Dos procelosos baxos escapados.
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto maúdo executado
Naquelle cuja lyra sonorosa
Será mais afamada que ditosa.

Este receberá. Mostra o Poeta como veyo ter a este Reyno de Cambaya, vindo da China, aonde esteve alguns dias tomando algum alento dos grãdes trabalhos, que naquella viagem da China passara, & dos naufragios, & bayxos de que escapara, de q̄ naquelles mares ha muytos, pela qual razão se não pôde chegar a algũas partes daquella região. Chegando á India foy preso por mandado do Governador Francisco Barreto, pela fazenda dos defuntos, que elle trazia a seu cargo, porque foy á China por Provedor niór dos detuntos: & isto lhe fizeram mexericado por algũs amigos, donde elle esperava favor. Diz que a sua lyra terá mais afamada que ditosa, porque sendo tão grande Poeta teve na vida muyto pouco favor.

129

V Es corre a costa que Champã se chama
Cuja mata he do pao cheyroso ornada:
Vês Cochichina está de escura fama
E de Aynão a vé incognita enseada.
Aqui o soberbo Imperio, que se afama
Com terras, & riqueza não cuydada,
Da China corre, & occupa o senhorio
Desde o Tropico ardente ao cinto frio.

Vês corre a costa. Nos confins do Reyno de Cambaya está o de Champã, como atrás dissemos, em cujas montanhas nasce o verdadeyro calambá, a q̄ nós chamamos calambuco. Com este confina outro

Reyno

Reyno chamado com un nome de Cochichina dos
 noílos, & dos naturaes Cachio, o qual Reyno he de
 nós meos sabido de todos os daquellas partes por
 ler o seu mar de muytos bayxos, & restingas, & as
 lins q'uyto tormentoso, & por este respeyto se per-
 dem muytas naos, mas as q' tornão, vem muyto ri-
 cas. Chama q' Poeta a este Reyno de escura tampa
 porq' no seu tempo havia pouca noticia delle, hoje
 ha muyta e de tambem por a gente dalli ser bayxa
 de espiritos, & inhabil para a guerra. *Em q' tempo
 de la Aynam de o incognita inferada.* Esta Ilha Aynam
 de esta em hua ponta da terra da China, na entra-
 da da encosta Quanchinchina em de zanoxe, graos
 iungo a terra da China, a qual o Poeta por estar em
 este mar tão trabalhoso, & mal descubierto dos nob-
 res, no tempo do Poeta, chama incognita, como fica
 dito do Reyno Cauchichina, que confina com esta
 Ilha. Nesta Ilha Aynam se pesca o aljofar, & perlas
 como nas Ilhas Baharem, & Ceylão, como fica no-
 tado atrás. *Em o isto chinõs. Adiva de q' vil oron
 or aqui o soberbo Imperio, que se a fama.* Este Imperio
 de que aqui trata o Poeta, he o da China, o qual he
 muyto grande, em tanto q' diz aqui o Poeta, como
 tambem dizem as pessoas que o sabem, & notãõ de-
 vagar, que terá de Norte a Sul trezentas, & qua-
 rentã legoas. Porque o tropico de Cáero, que he o
 ultima polo, onde o Sol chega com seu curso na
 terra, está em vinte & quatro graos, & meyo. No
 Norte q' entẽdo de por cento foy em sessenta graos
 & meyo, o q' reduzido a legoas faz as trezentas &
 quarenta que ficão.

**Ilha o maro, & edificio nuncã crido,
 Que entre hũ Imperio, & outro edificã.
 Certissimo final, & conhecido,**

*Da potencia Real, soberba, & rica
 Estes o Rey que tem não foy nacido
 Principe nem dos pays aos filhos fida;
 Mas elegem aquelle que he famoso
 Por cavalleiro sabio, & virtuoso.*

Ilha o maro) De hua Cidade por nome Ochiby
 q' está situada entre duas terras muyto altas da par-
 te do Poente, foy hũ muro contra o Oriente a re-
 fechar em outras grandes terras, q' chegam ao mar
 ao modo de cabo por espaço de mais de duzentas le-
 goas, & na ponta deste cabo o ponto de terra com uni-
 caõõ da Tartaria a China, fizetã dos Chins para se
 separarem da tua terra, hãta ponte de ferro, com col-
 umas de ferro, & vigas de ferro de bayxo da goa, a
 qualquã colunã sustentavãõ, e onde ha contin-
 nã de escala entre Tartaros, & Chins. E ha ponte ha
 vigia de Chins com compã de guarda, & a ponte he
 hũma das maravilhas do mundo, de que ninguẽ
 faz mençãõ: & he o loubeado peizo q' lã ando p'p
 espaço de quatro mil: & dizõ os naturaes, que os re-
 gões daquelle região da China mandãrã fazer
 aquelle muro, & se encaráõ com elle cõpreõs Tar-
 taros seus vizinhos, com que andãõ em conjuar
 obstarlo

guerra, & a quem se portãõ a alguns lugares, & a
 do muro. E diz que este muro nunca foy crido, o
 que tambem diz João de Barros na Terceyra Decar-
 da liv. 1. cap. 7. E certo he esta hũma das grades q' he
 feyta por maõ dos homens, & final manifestissimo
 de grãde poder, & riqueza destes Chins, & que se
 póde ter por hũma das maravilhas do mundo. En-
 tre outras cousas que os Chins tem em seu tracto
 & governo; hãta hã, que morro o seu Rey não fi-
 ca o filho por herdeyro do paymas de quem o que
 na terra se tem mais cavalleiro, & mais para go-
 verner. Isto dos Reys não succedem por ordẽ, co-
 mo diz Luis de Camões, foy mã informaçãõ. A
 verdade he que succedem como cá: tem hua diffe-
 rença que a parentella real nos Chins está em hua
 terra por nome Cam: & ali haõ governãõ, hãta fa-
 zem mais que está em tua casa prestes para succ-
 der ao Rey no sendo necessario, por não se perder
 o successor. E tambem por não perturbar o Rey
 no. O que tudo com muitas muytas particularida-
 des desta grãde terra se póde ver em hum tractado
 que se hum Religioso da ordem do Bemaventu-
 rado S. Domingos, que andou por aquelas partes.
 E João da Barros na 3. Decada. E o Poeta capenta
 aqui, vngno O, meingã M, lãta M, e robi T, e rãta T
 & sic como se veyõ ab ox, & b e he o iñi o iñu : mas

**Nã outra muyta terra se te escondẽ,
 Ale que venha o tempo de mairã se,
 Mas não deyxes no mar as ilhas onde
 Anatureza quiz, mais infamã se.
 Estã moya escondida, que responde
 De longe a China, donãõ vem buscar se,
 He Ta-pu, onde nasce a prata fina,
 Que illustrada serã com a ley divina.**

o dõs não dixẽõõ mar anilha. A dãda a a de foripã
 gão de Asia trata de algumas ilhas do Oriente, &
 a primeyra de que faz mençãõ he o Japão; a qual
 Ilha está a leste da China em trinta & tres graos
 da parte do Norte, diz que esta moya, e escondida, p'p
 não ser pãda de todo andada, & descuberta dos
 noílos, & segundo a informaçãõ q' podemos desta
 terra dizem, que terá de oitenta de comprimento
 trezentas de largõ. He esta terra toda ingeyta hã
 lo Rey, a qual elles chamãõ Voo. He entre polia-
 rita, & de entendimento q' haõ entre elles muytos ty-
 inãõ e malgõmas dousas aos noílos: Religiosos
 & Religiosas, que fazem profissãõ, & p'põeõ ob-
 diencia, pobreza, & castidade, & fazem entre si per-
 nãtencia, jejuns, & se confecãõ publicãmente, &
 em oozãta. E he que com orem algumas dousas q'
 qae conformaçãõ no noílo, & elles sãõ homens de
 bom juizo: tem os Padres da Companhia feyto gran-
 de provyto nesta Ilha, p'cedã do offiã sãõ de Cur-
 thãõ, & hã nella muytos Christãos: He terra
 abundante, e onde ha prãta muyto fina, & muyto
 com aquillo o Poeta. Dizem que ha em hũm g'õ
 re de esta Ilha com mil Religiosos muyto ricos, q' he
 muytos servidões, boa calaria, & vellidos, & q' d'ã

vivem com tanta castidade, que não pôde estar do seu Mosteyro por espaço de huma legoa. molher, nem coula temeia: Estas, & outras muytas cousas muy curiolas desta Ilha se pôdem ver em João de Barros.

132

O *Ilha ca pelos mares do Oriente*
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidore, Ternate, c'ò ofervente
Cume, que lança as stammias ondeadas,
As arvores verâs do Cravo ardente,
Com sangue Portuguez inda compradas.
Aqui ha as aureas aves que não aecem
Nunca a terra, e s'ò mortas apparecem

Olha ca pelos mares do Oriente. Por todo o mar do Oriente há muytas Ilhas, que o Poeta passa, porq' seria cousa infinita tratar dellas, trãtando s'omente de algumas mais nomeadas, & mais conhecidas dos nossos.

Vê Tidore, Ternate. As primeyras Ilhas de que trata são as de Maluco, aonde se colhe o cravo, as demais são de muyto pouca importancia: são cinco, Ternate, Tidore, Moutel, Maguiem, Congu, & Bacham: cujo sitio he debayxo da linha equinocial, distantes da nossa Malaca, conforme a navegação dos nossos por espaço de trezentas legoas, pouco mais ou menos. Todas são muyto piquenas, porque a mayor não passa de seis legoas em roda. No cume de hũa dellas chamada Ternate, faye fogo principalmente em dous mezes do anno: Setembro, & Abril, por curtarem naquelle tempo, alli huns ventos, que são causa de se ascender alli aquelle fogo natural. Destas, & outras muytas coulas desta Ilha se veja em João de Barros na terceyra Decada. As arvores em que se dá o cravo, são como os nossos loureyros, nascem em pinhas como flor de larangeyra, ou madre tylva. Quando está de vez para se poder colher, he verde, depois de apanhado lançaõno ao Sol, aonde anda até que se faz roxo, depois o borrião tanto com a agoa salgada, que fica preto, como o queremos. Há tambem nestas Ilhas humas Aves, que dizem não pousarem nunca, por não terem pés, & quando se achão são mortas, de cujas pennas por serem muyto fermosas se fazem os penachos, & por este respeyto chama o Poeta a estas aves aureas por sua fermolura: & entre nós se chamão passaros celestes. E todo o passaro enteyro se traz por penacho, assim nestas partes, como na India. Isto he sabido, & eu tive nas mãos algũs. Nascelhe do bico hum como nervo delgado, de comprimento de dous palmos pouco mais, ou menos, com o qual dão volta nos ramos das arvores, & se penduraõ dellas, para descangar, ou dormir, porque nunca pousaraõ em terra. Outros dizem que tem dous nervos de comprimento de tres palmos, tão delgados como guitta de Flandes: com os quaes se ligão hum ao outro, quando poem os ovos, & os andaõ chocando: Porque a femea tem na barriga

huma cavidade pequena, & o macho tem outra sobre as ancas: na qual ella poem os ovos, & posta sobre elles, os andaõ chocando, sempre voando no ar: & para não cahir se ligão hum ao outro cõ os dous nervinhos: & tambem lhe pôde servir para se pendurarem nas arvores para dormir, ou descangar. O corpo desta ave he muyto pequeno, & de pouca carne: porque tudo são aquellas pennas douradas, & fermosissimas. Dizem que não comem cousa alguma, se não o orvalho do ceo: mas nem por isso deyxão de ser gordas. Os naturaes da terra lhe chamaõ passaro de Deos, & dizem que vem do Parayso Terreal. Assim o escrevem graves Autores, & nós o sabemos por experiencia de pessoas de credito, que os tiverão muytas vezes nas mãos, & por penachos, todo o passaro com toda lua pena terá do tamanho de pouco mais de hum palmo, tem a cabeça pequena, & o bico comprido. Outras muytas coulas notaveis conta desta ave Conrado Getnero liv. 3. de avibus, aonde está o seu retratto ao natural. Tambem Antonio Pigafetta cavalleyro de Rhodas, em hum roteyro que fez da jornada de Fernão de Magalhães ao estreyto de seu nome, no anno de 1519. em o numero 97. conta que chegando o resto da armada às Ilhas Malucas, El-Rey de Ternate mandou ao Capitão Castelhana dous passaros mortos, fermosissimos, a que elles chamaõ passaros de Deos, & do Parayso: os quaes entre outras particularidades, conformes ao que temos dito, diz q' tem pernas muy delicadas: & futilissimas, que devem ser os nervinhos que diziamos. Diz tambem que não tem azas, não voaõ como os outros passaros; mas que naquellas pennas grandes se sustentão, & movem sem adejar. O meimo diz tambem Conrado Getnero, & Melchior Guilandino, & outros.

133

O *Ilha do Bandã as ilhas, que se esmaltão*
Da varia cor, que pinta o roxo fructo,
As aves variadas, que aly saltão,
Da verde Noz tomando seu tributo.
Olha tambem Borneo, onde não saltão
Lgrimas, no licor qualhado, e enxuto,
Das arvores, que Camphora he chamado
Com que da ilha o nome he celebrado.

Olha de Bãdã as Ilhas. As Ilhas de Bandã são cinco, como as de Maluco. A principal das quaes se chama Bandã, debayxo do qual nome se comprehendem todas, tendo outros nomes differentes, como as de Maluco. Nestas cinco Ilhas nasce toda a noz, & massa, que se leva por todas as partes do mundo. A Ilha chamada Bandã he como hum jardim muyto fermoso, em cuja pintura a natureza se quiz esmerar. As arvores que dão a noz, são como pereyras, com a folha como de nogueyra. O fruyto vem se fazer da cor dos nossos pecegos, do tamanho, & feyção da noz, calvos, com differetes cores muyto fermosas, que se parecẽ com o arco do ceo chamado

chamado Iris. Quando este fruyto começa a madurecer, acodem da terra muytos passáros de diferentes cores, como papagayos, & outros a comer deste fruyto. Terá esta Ilha de comprimento tres legoas, & de largurá huma. He terra muyto fermoda, á qual concorrê todas as cousas das outras Ilhas postas ao redor, por terem alli bom expediente por causa dos mercadores que alli concorrem. A gente desta Ilha são Mouros da leyta de Mafamede. Não tem Rey, mas governase por velhos da terra. O fruyto destas arvores da noz não he propria, mas cômum de todos, descoutale a seu tempo, como cá entre nós a bolota, & landre de carralco: & quem mais apanha mayor proveyto faz.

Olha tambem Borneo. He huma Ilha muyto grãde, & muyto fertil, & abundante de todas as cousas, principalmente de Camfora, da qual a levão para outras partes. Tem esta Ilha Borneo huma Cidade do mesmo nome, que tem vinte mil casas. Os moradores desta grande Ilha são todos Gentios, os quaes adorão o Sol, & a Lua: he gente muyto cōtraria de guerra, pelo que quando o seu Rey a faz, o matão, pelo que todos os Reys procurão ter pacificos. E esta tem pela mayor honra, & gloria do mundo. Não há entre estes ladrões, nem homicidas antes vivem em grande concordia, & paz. São estes os mayores inimigos de Castelhanos, que se sabem naquellas partes. Estas, & outras cousas dos moradores desta Ilha conta Maximiliano Transylvano, Secretario do Emperador Carlos Quinto, em huma epistola que escreveo ao Cardeal Salteburgense, sobre a navegação, q̄ fizerão os Hespanhoes ás Malucas no anno de mil, quinhentos & dezanne: na armada em que Fernão de Magalhães descobrio o estreyto de seu nome.

134

A Ly tambem Timor, que o lenho manda Sanaalo salutifero, & cheyroso.

Olha a Sunda tão larga, que huma banda Esconde para o Sul difficultoso.

A gente do sertão, que as terras anda, Hum rio diz que tem miraculoso, Que por onde elle só sem outro vae Couverte em pedra o pao que nelle cae.

Alli tambem Timor. Esta Ilha Timor está tambem neste archipelago, aõde estão as Malucas, Borneo, & outras de q̄ se trata nestas oytavas. Esta he tambem muyto grande do Levãte ao Poente. O principal fruto desta Ilha he o sandalo brãco. He morada de Gentios, & o seu Rey he Gentio. Tambem tem gingivre, arroz, & muytas frutas, & animaes da terra. Tem muyto ouro, com o qual fazem commercio cõ os mercadores, que alli aportaão. O sandalo se colhe a certo tempo da Lua, porque de outra maneyra não he bom. He muyto prezado entre elles, porque costumão moer o pao, & com os pões untar a cabeça. E dizem que lhe tira a dor.

Olha a Sunda. Esta Ilha Sunda está alem de Samatra cõtra a Jaoa mayor. Há nella muyta pimenta, & muyto boa. Contase desta Ilha huma coula maravilhosa, & he, que tem hum rio, que não sofre sobre si coula alguma, por muyto leve que seja, o q̄ quiz aqui mostrar o Poeta em dizer, q̄ os paos que se lanção no rio se convertião em pedra. Outros querem que realmente se converta em pedra: & que no nosso Alentejo junto a Aviz há hum rio que tem a mesma qualidade.

135

V E naquella que o tempo tornou ilha Que tambem flammaz tremulas vapora A fonte que oleo mana, & maravilha Do cheyroso licor, que o tronco chora. Cheyroso, mais que quanto estila a filha De Cyniras, na Arabia onde ella mora E vê que tendo quanto as outras tem Branda seda, & fino ouro dà tambem.

Venaquella. Entende a Ilha Samatra, a qual como atrás trattey, querem alguns que fosse antigamente huma mesma coula com a nossa Malaca, mas que o tempo as dividio huma da outra, & as poz no estado em, que agora estão. Esta Ilha he muyto grande, como atrás dissemos, & tem muytos Reynos, entre os quaes hum he o Reyno de Peder: no qual dizem os naturaes, que está huma fonte de oleo, chamado pelos Mouros Napta, que serve para muytas enfermidades, principalmente para frialdades. Há tambem nesta Ilha beyjoim, que o Poeta entende aqui pelo licor, que o tronco chora, porq̄ nasce como a refina nas ameyxeyras. E diz que he mais cheyroso que a mirra, o que entende pela filha de Cyniras. E sendo esta Ilha tão abundante como as outras em tudo diz, que em ouro, & seda faz ventagem a todas as outras.

136

O Lha em Ceylão, que o monte se alevãta Tãto, q̄ as nuvões passa, ou a vista engana Os naturaes tem por cousa sancta, Por a pedra em que está a pégada humana. Nas illhas de Maldiva nace a pranta No profundo das agoas soberana, Cuyo pomo contra o veneno urgente He tido por antidoto excellente.

Olha em Ceylão. Esta Ilha de Ceylão está hoje toda sogeyta aos Reys de Portugal, de modo que podem nella constituir hum grande Imperio, & tão pacifico, como esta terra que habitamos, & he tão nomeada, & conhecida dos nossos, está situada de frente do cabo Comory, que he a parte mais austral de toda a India, q̄ já, entre aquelles dous rios tão celebrados Indo, & Gange, terá de comprimento de Norte a Sul settenta & oyto legoas, & de lar-

go quarenta & quatro. O qual pedaço de mar entre terra, & terra he tão temido dos que navegação por aquellas partes, por ter muytos bayxos, & restingas, que se diz deste mar o que os Poetas contão de Scylla, & Caribdis como fica dito. Está nesta Ilha hum monte muyto alto, no cume do qual está hum pedra, que tem hum pegada de homem, que dizem os naturaes ser de nollo primeyro Pay Adam, pelo que lhe chamão o monte Santo. He esta Ilha de muyto bons ares, ladia, fertil, & vigorosa, & tem muyta canella a melhor de todo o Oriente. Outras coulas desta Ilha se veião em João de Barros na 3. Decada, liv. 2. c. 1. E as nossas annotações, canto 1. oytava 1. canto 10. oytava 51. & agora copiosamente Diogo do Couto.

Nas Ilhas de Maldiva. Estas Ilhas de Maldiva estão defronte da costa da India, as mais chegadas a ella estarão da costa do Malavar quarenta legoas em altura de 12. graos & meyo da parte do Norte. As derradeyras destas Ilhas distarão 300. legoas da terra, & em sete graos da parte do Sul. No meyo desta faxa de Ilhas está a principal dellas chamada Maldiva aonde reside o Rey, que se intitula por tenhor de todas ellas. E posto que este nome Maldiva seja nome proprio desta principal, a Ethymologia da palavra quer dizer mil Ilhas, porque tantas dizem haver em hum corda dellas. Começão estas Ilhas nos bayxos de Padua, na paragem do monte Dely, & vão entestar na terra Jaoa, & costa da Súdada. O Rey destas Ilhas he Gentio, & os moradores Gentios, ainda que os Governadores da terra são Mouros. A situação destas Ilhas he estarem pela mayor parte muyto juntas humas com outras, pelo que a terra he toda retalhada com regueyros de agoa, que os naturaes passão a salto. E os canaes, q se podem navegar são tão estreytos, que as entenas das naos vão dando nas palmeyras, de que os canaes são cercados, os quaes debayxo da agoa tem as arvores, que dão os cocos, q chamamos de Maldiva.

Antidoto. He remedio muyto proveyto oso opposto ao veneno, como diz aqui o Poeta. E bem se mostra em estar tão juntas humas com outras, ser verdadeyra opinião, que os Malavares tem destas Ilhas que o mar mudou seu curso da terra do Malavar, por donde antes corria, para estas partes, deyxando a terra do Malavar descuberta, & cuberta estoura, que se chama agora de Maldiva.

137

V Erás defronte estar do roxo estreyto
 Socotorá co' o amaro Aloe famosa
 Outras ilhas no mar também sogeto
 A vos na costa de Africa arenosa:
 Onde sae do cheyro mais perfeyto
 A massa ao mundo occulta, & preciosa:
 De Sam Lourenço ve a ilha afamada,
 Que Madagascar he de alguns chamada.

Socotorá. Esta Ilha está entre o cabo de Fartaque, & o de Guardafú: he terra de muytas montanhas, & a gente della se chama Christã, mas heo no nome sómente, porque lhe falta o Baptismo, & Doutrina Christã. Disse que nesta Ilha morarão aquellas molheres a que chamamos cõmummente Amazonas, o que se mostra em algumas coulas, porque os homens não prestaõ para nada, & as molheres trabalhaõ, & negoceaõ a vida. Nesta Ilha se dá o pao Aloe, que he como pao de Aguilã muyto prezado, & não pôde ninguem tratar nelle senão El-Rey, & he pena de morte trazelo.

Outras Ilhas no mar. Diz que em muytas Ilhas da costa de Africa de que fica tratado largamente, se acha muyto ambar, ao qual o Poeta aqui chama massa ao mundo occulta, & preciosa, por se não saber a certeza de q se gere o ambar, porque se acha pelas prayas do mar, como coufa lançada delle: donde alguns querem que seja o lixo da balea, outros, que nasce no fundo do mar, como lattro delle, como o coral: outros de humas grandes aves, que andão nestas Ilhas, & nas de Maldiva: outros dão outras razões. O mais certo disto he, ser do fundo do mar.

De S. Lourenço a Ilha. Ao travez da costa de Africa ao mar defronte de Moçambique está a grande Ilha de S. Lourenço, chamada por alguns Madagascar. Chamalhe o Poeta aqui afamada, por ser muyto grande, & ter em si muytos Reynos, não são tenhores della os Reys de Portugal, nem fazem della caso, porque he de pouco proveyto, como o fouberaõ os Portuguezes, que a forão descobrir. Posto q já agora se tem penetrado o interior della em que se achão muy grandes proveytos, que o descuydo tem alli sepultados nesta terra.

138

E Ts aqui as novas partes do Oriente,
 Que vós outros agora ao mundo days,
 Abrindo a porta ao vasto mar patente
 Que com tão forte peyto navegayis.
 Mas he também razão, que no Ponete
 De hum Lusitano hum seyto inda vejais,
 Que de seu Rey mostrando se agravado
 Caminho ha de fazer nunca cuydado.

Eys aqui as novas partes do Oriente. Despois que o Poeta trattou das terras, & mares do Oriente, entra a tratar de passagem as do Poente, aonde estão às Indias Occidentaes de Castella: se lhe pôde dar este nome de Indias, porque lá as nossas o merecê, pois este nome lhe vem do rio Indo, que as rega. Este Lusitano de que o Poeta aqui falla, he hum Fernão de Magalhães Portuguez, o qual aggravado d'El-R Dom Manoel. por lhe não accrecentar o foro, & moradia, se recolheo a Castella, & persuadio ao Emperador Dom Carlos o mandañe às Ilhas do Maluco, dizendo que lhe pertenciaõ a elle, & não a Portugal. Do caminho que este Magalhães

lhães fez, & do estreyto que descobrio nesta viagem, trattey atrás, canto 2, oytava 55.

de pouca lealdade. De Fernão de Magalhães, te veja o que fica tratado atrás.

139

Vedes a grande terra que continua
Vay de Calisto ao seu contrario polo,
Que soberba fara a luzente mina
Do metal, que acor tem do louro Apolo:
Castella vossa amiga serà dina
De lançarthe o colar ao rudo colo,
Varias provincias tem de varias gentes
Em ritos, & costumes diferentes.

Vedes a grande terra. Esta terra grande que corre de Norte a Sul, que entende aqui por estas palavras: de Calisto ao seu contrario Polo, como já por vezes declarámos, he a terra em que se comprehendem as Indias de Castella, possuydas pelos Reys della: na qual há grãdes Reynos, & Provincias de tão estranhas gentes, & de costumes, & ceremonias tão diferentes, que havia mister muyto tempo para tratar, não digo eu de tudo, mas de alguma parte dellas. Porque he este novo Imperio tão grande, que por este respeyto se chama novo mundo, como etcrevemos no canto primeyro, oytava 2. Tem grandes minas de ouro, & prata, como aqui diz o Poeta, & sabemos por informações certas, & de experiencia: pois vemos todos os annos vir a estes reynos, & aos de Castella tantas naos carregadas, que he cousa de admiração. *O metal, que tem a cor do louro Apolo.* He o ouro.

140

Mas ca onde mays se alarga, aly tereys:
Parte tambem c'o opao vermelho nota
De sancta Cruz o nome lhe poreys,
Descubrihã a primeyra nossa frota:
Ao longo desta costa que tereys,
Irã buscando a parte mays remota
O Magalhães, no feyto com verdade
Portuguez porẽm não na lealdade.

Mas cá onde mais se alarga. Na demarcação que se fez do mundo para o descobrimento, entre os Reys de Portugal, & Castella, cahio os de Portugal em sorte a costa do Brazil, que será de mil & cincoenta legoas, pouco mais, ou menos a qual descobrio Pedro Alvarez Cabral, indo para a India com huma armada de treze velas, no anno de mil & quinhentos, & pozlhe nome Santa Cruz.

Ao longo desta costa. Isto diz, porque Fernão de Magalhães foy ao longo da costa do Brazil a descobrir novos mares, & climas: & com intento de hir às Ilhas do Maluco, para se vingar d'El-Rey Dom Manoel de Portugal. O qual diz que no feyto foy Portuguez, mas não na lealdade, porque o que fez, foy de grande animo, & em se lançar com El-Rey de Castella, & ser contra os Reys de Portugal, foy

141

Des que passar a via mays que mea
Que ao Antartico polo vay da linba,
D'huma estatura quasi Gigantea
Homens vera da terra aly vezinha.
E mais avante o estreyto, que se arrea
C, o nome delle agora o qual caminha
Para outro mar, & terra que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

Des que passar. Seguindo Fernão de Magalhães teu descobrimento, passada a costa do Brazil, chegou a hum rio a que poz nome de S. Juliaõ, que está em 50. graos, na qual paragem havia tantas tormentas, & frios, que os marinheyros não podiaõ menear as vellas, porque naquellas o frio he mayor, que nas partes do Norte. Pelo que determinou invernar alli os quatro mezes do inverno daquellas partes, que são Mayo, Junho, Julho, & Agosto. Estando neste lugar mandou alguns dos seus pela terra dentro descobrir, & tentar se havia alguma cousa digna de se saber, se houviaõ da outra parte algum tom do mar, fazendo grandes promessas a quem lhe trouxesse algũa boa nova. Nesta ida entrãõ os descubridores vinte legoas por terra dentro, & trouxerãõ consigo huns homens da terra, cujos corpos passavaõ de doze palmos, q̄ he o que o Poeta aqui diz, que acharãõ homẽs como Gigantes.

E mais avante. Partido Fernão de Magalhães deste lugar donde invernou, foy costeando a terra até dar em o estreyto que chamou de seu nome: o qual está em altura de 52. graos, & 56. minutos. Este estreyto tem de comprimento 110. legoas, & o mais largo de duas. O qual estreyto descobrio Fernão de Magalhães para passar do mar do Poente, para o de Sul, o que diz aqui o Poeta por termos que já ficãõ declarados muytas vezes:

142

A Te aqui Portugueses Concedido
Vos he saberdes os futuros feytos
Que pelo mar que já deyxays sabido,
Virãõ fazer Barões de fortes peytos.
Agora, pois, que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser aceytos
A as eternas esposas, & fermosas.
Que coroas vos tecem gloriosas.

Ate aqui Portuguezes. As cousas atrás escritas disse Thetis aos Portuguezes, mostrandolhe como pela ordem que naquelle principio do descobrimento da India tiverãõ, segundo os perigos, & trabalhos que succediaõ, virãõ a alcançar grande nome, & ser conhecidos por todo o mundo, como hoje ve-

143

POdeyvos embarcar, que tendes vento
E mar trãquilo para a patria amada,
Assim lhe dice: Elogo movimento,
Fazem da ilha alegre, & namorada.
Levão refresco, & nobre mantimento,
Levaõ a companhia desejada
Dos Nymphas, que hãde ter eternamente
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

Levão a companhia desejada. Das Nymphas. Esta companhia das Nymphas que levavaõ, era a honra, & gloria que alcançãraõ no descobrimento da India, a qual nunca perderãõ em quanto o mundo durar, o qual diz por estes termos, *por mais tempo que o Solo mundo aquente*, que quer dizer, por mais que o mundo dure, que he bom encarcimento.

144

ASsi foraõ cortando o mar sereno
Com vento sèpre manso, & nunca irado,
Ate que ouverãõ vista do terreno
Em que nacerãõ sempre desejado.
Entrarãõ pela foz do Tejo ameno
Ea sua patria, & Rey temido, & amado
O premio, & gloria daõ, porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

Atè que bouveraõ vista do terreno. Este terreno he a terra de Portugal, a qual chama sempre desejada, porque he cousa natural ter sempre as pessoas aonde quer que estãõ, & em qualquer estado, lembrança de sua patria. *Donde disse Ovidio liv. 1. de Ponto, Elegia 4:*

*Nescio qua Natale solum dulcedine cantos
Alicit immemores nec finit esse sui.*

145

Não mais Musã ao mais, que a lyra tenho
Destemperada, & a voz enrouquecida,
E não do Canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, & endurecida:
O favor com que mais se acende o engenho
Não o dà a patria não, que estãmetida
No gosto da cubiça, & na dureza
D'humã austera, apagada, & vil tristeza.

Não o dà a patria não. Queyxase o Poeta cõ muyta razão dos nossos naturaes, cuja inclinação não he dada ao exercicio das letras, nem a favorecer os homens que as sabem, doença trabalhõla, & que faz mal à sua nação taõ excellente em todas as cousas: desta maneyra trattey em outra parte deste livro.

146

ENão sey porque influxo de destino
Não tẽ hum ledo orgulho, & geral gesto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto
Por isso vòs, ó Rey, que por divino
Conselho estays no Regio solio posto
Olhay que soys (& vede as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes.

A ter para os trabalhos ledo o rosto. Nota o Poeta nesta oytava os Portuguezes, de gente dada ao ocio, & inimiga do trabalho. O que não era assim nos principios desta Monarchia de Portugal, quando nenhuma cousa lembrava mais aos Portuguezes, que o serviço de Deos, & de seu Rey, pelo qual não temiaõ nenhum genero de perigo, nem trabalho.

147

OLhay que ledos vãõ, por varias vias
Quaes rompentes liões, bravos touros,
Dando os corpos a fomes, & avigias,
A ferro, a fogo, a setas, & a pelouros.
Aquentes Regiões, plagas frias;
A golpes de iaolatrã, & de Mouros;
A perigos incognitos do mundo;
A naufragios, apyxes, ao profundo.

Olhay que ledos vãõ por varias vias. Mostra o Poeta o gosto, & alegria com que os Portuguezes se vem ao leu Rey oppondõse por amor delle a todos os perigos, & trabalhos. *Quentes regioens.* Saõ estas partes de Africa, & outras debayxo da linha, por donde os nossos Portuguezes passãõ. *Plagas frias,* taõ as do Sul, por donde ordinariamente navegãõ:

148

POr vos servir a tudo aparelhados,
De vòs taõ lenge sempre obedientes
A quaequer vossos asperos mandados
Sem dar repõsta prontos, & contentes:
Sò com saber que saõ de vòs olhados
Demonios infernaes, negros, & ardentes
Cometterãõ com vosco, & não duvido
Que vencedor vos façãõ, não vencido.

De vòs taõ longe sempre obedientes. He materia de consideração, ver que estando os Portuguezes tantas mil legoas do seu Rey, & tendo tantas occasiões para lhe desobedecer, nunca atè hoje tem acontecido, o que em outras nações he muy diferente, nas quaes ordinariamente há treydores levantados:

149

F Avoreceyos, logo, & alegrayos
Com apresença, & leda humanidade,
De rigurosas leys desalivayos,
Que assi se abre o caminho à santidade:
Os mais experimentados levantayos,
De com experiencia tem bondade,
Para vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, & onde as cousas cabem.

Com a prezença, & leda humanidade. Todas as nações do mundo são muy affeyçoados ao interesse. A Portugueza não quer outro, senão que o seu Rey a favoreça, & ame, como o Poeta diz muy elegantemente nestas oytavas: em as quaes lembra a El Rey esta condiçãõ natural dos Portuguezes: contentaremte mais dos favores do seu Rey, que de grandes interesses. E tambem, como o Poeta era homem tão douto, & tão experimentado, & El Rey Dom Sebastião, que Deos tem, com quem vay falando neste Poema, era inda moço, & havia pouco que tomãra o governo, & Septro: tratta de o aconselhar, & advertir o que mais lhe convinha para ser senhor dos corações de seus vassallos, & tambem para começar o seu governo, com as mais louvadas virtudes que os grandes Principes tiveram, que he o melhor fundamento que se pôde dar ao principio de grandes Imperios, como todos de-sejavão neste seu Rey.

150

T Odos favocerey em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento,
Tenhão Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento:
Com jejuns, disciplinas pellos vicios
Comus, toda ambição terãõ por vento;
Que o bom religioso verdadeyro.
Gloria vãã não pertende, nem dinheyro.

151

O SCavalleyros tende em muyta estima
Pois com seu sãgue entrepido, & fervête
Estendem não somente a ley de suma,
Mas ainda vosso imperio pre eminente:
Pois aquelles, que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo deligente,
Dous inimigos vencem, huns os vivos
E o que he mais os trabalhos excessivos.

Dous inimigos vencem, huns os vivos. E o que he mais os trabalhos excessivos. Por vivos entende os homens com que andão em guerra, como são esses Mouros da costa de Africa, & outros das partes da India. Por trabalhos excessivos, ás fomes, frios, sedes, & perigos que passaõ.

152

F Azey senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos, & Ingleses
Possão dizer, que são para mandados
Mais que para mandar os Portugueses,
Tomay conselho só de experimentados,
Que virão largos annos, largos meses,
Que posto que em scientes muyto cabe,
Mais em particular o experto sabe.

Possão dizer, que são para mandados, mais, que para mandar os Portuguezes. Para encarecimento do valor dos Portuguezes, diz que são mais para mandar, & ser senhores dos Alemães, & mais nações, que no principio da oytava aponta do que elles são para ser mandados, que he hum grande louvor, & assim se ha de entender, esta letra, que está escura.

153

D E Phormião Philosopho elegante
Vereys como Anibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz trattava, & lia.
A disciplina militar prestante,
Não se aprende senhor na fantasia.
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Se não vendo trattando, & pelejando.

De Formião Philosopho elegante. Foy Phormião Philotopho da feyta dos Peripateticos: do qual conta Cicero, que estando Annibal em Epheso, ao qual lugar se recolhera desterrado de Carthago, como fosse grande a fama deste Philosopho, determinou hilo ouvir hum dia. Como Phormião vio Annibal na sua escola, fez huma larga oração, em que tratou do officio do bom Capitão, & outras cousas tocantes ao uso, & exercicio da guerra. Todos os circumstantes ficãrão admirados da eloquência do Philotopho, dos quaes alguns se chegarão a Annibal, & lhe perguntãrão que lhe parecia aquella lição; elle respondeu. Já vi muytos velhos doudos, mas nenhum mais que este. Outros tachão a Annibal de alpero, & cruel em tratar tão mal com esta resposta a hum homem, que só por agazalhar, & festejar na sua escola, deyxada a sua lição de Philotophia, quiz trattar de cousas de guerra, quem nunca se achãra nella, & com tudo vemos, que seus livros são muyto estimados. E assim se pinta Cesar com hum livro em huva mão, & com a espada na outra, com huma letra que diz. *Ex utroque*, que quer dizer de ambos: como se dissera, que suas vittorias, & boas fortunas na guerra lhe havião procedido da lição dos livros, & da destreza de sua espada. Ao que se pôde tambem alludir o que escreve Homero na Iliada, que para Menelao, & Agamenão mandar espias ao campo dos Troyanos, consultãvãõ primeyro Nestor varão de grande experiencia, & conselho.

conselho. E da mesma maneyra todas as vezes que Ulysses fazia alguma coisa finalada, levava em sua companhia Diomedes, varão muyto esforçado. Vejase Alciato no Emblema 41.

Mas em q' falla humilde, baixo, & rudo. De vos nao compeçido, nem louçados. Da boca dos pequenos lex com tudo. Que o louvor sae ás vezes acabado. Nem me falta na vida honesto estudo.

Com longa experiencia misturada. Nem engenho, que agni verrey presente. Cozas que juntas se achão raramente.

Nem me falta na vida honesto estudo. O nosso Poeta toy no vyto deffra nas letras hu manas, como estas, & outras obras suas, o mostra. E ainda que se humilhe tanto, nem por isso deyx a de acreditar os côtelhos que tem dado ao seu Rey: dizendo que nelle concorrem todas as partes, de que pôde sahir hum bom conselho, como he estudo honesto, longa experiencia, & bom engenho, & sobre tudo a vontade de servir o seu Rey, com o melhor do seu entendimento.

Para servir vos bnyros as armas feytas. Para cantard vos mere as Musas dadas. Sò me fallet ser a vos accyto.

De quem virtude deve ser prezada. Se isto o Ceo me concede, & vossa peyto. Digna em presta tomar de ser cantada. Como apressugamente vaticina.

Quando a vossa inclinação divina. Para servir vos brago. Isto diz, porque toy muyto compellido da Índia. E dizem pedras de credito que o conbeeçerã das quacs ainda hoje vixam milhytas, que soy homem de espiritu, & que em todas as occasiões de guerra, que se achou, deu de si muyto boa conta. E por esta via vay confirmando o credito que de seja o seu Rey, de a effes seus côtelhos, dizendo que para o servir, sem valor militar, & fundia poetica, qualidades dignas de serem accytas de qualquer grande Principa, qua a grandas Monarchias aspira, como o Poeta lhe vay anu-

ciando: mayormente quando considerava a inclinação excellente do El Rey, a que chama divina, assim por modo de encapecimento, como tãhem por em sua peitba concorrerem as mais altas virtudes, que por todos os grandes Principes se virão palhadas.

OUzando que mais que a de Medusa. A vista vossa temo o monte Atante. Ou rompendo nos campos de Ampella. Os montes de Maridoes, & Pirrautes.

Aminha jã estimada, & lede Musas. Piro que em tudo o mando de vobz ante. De sorte que Alexandre em vos se veja. Sem a alta de Achilles ter enveja.

Ou fazendo que mais a de Medusa. De Medulla seja, o q' se refere em os no. Canto 3. & 5. Campos de Ampella, são aquies campos de Africa: e o lugar Apellula hum lugar particular della, como se enota no no. 3. Canto, v. 76. Marrocos, & Tandante são lugares de hãta parte de Africa, chamada Berberia, são ambos cabega de Reynos, de cujos nomes se intitula. No. Canto, onde trataey de Africa, não sez menção deste lugar. Trudante, poss' ser annexo ao Rayno de Suz, & huma mesma coula com elle. He hoje Trudante huma muyto populosa cidade, a qual de hum pequeno lugar fizeram os Xarifes, a que agora dia, com desenhio de se apoderar de toda Berberia, como fizeram. De sorte que, Alexandre a dita de Achilles toy ter a Homero por pregoeyro de suas obras: ao qual por esse respeyto tinha Alexandre Magnoi choyejado, como he escrito no Canto 1. O que o Poeta diz nesta oya, he, que vista topo em que El Rey Dom Sebastiam seria senhor de Africa, & que para se creyeyr seus feytos, & cavalerias, só elle seria necessario, & lhe creveria sua historia, com aquella graça, & elegancia, com que Homero creveria a de Achilles: & nella se plaudeceriaõ suas obras excellentes, quacs foram as de Alexandre, sem lem necessario Homero, que não tãsse. Isto que o Poeta aqui diz de Africa: he pelo que na terra corria da jornada do El Rey Dom Sebastiam. O nosso Poeta ao tempo, em que succedeo aquelle infellicimo caso, inda era vivo, mas muyto enfermo: pelo que viveo muyto tempo. Nosso Senhor lhe tenha alma na gloria. Amen.

F I M

...da lizaõ dos livros, & da destreza de sua elpaba. Ao que se pôde tãhem alludir o que escreve Homero na Iliada, que para Menelao, & Agamenão mandar elpias ao campo dos Troanos, & contritãõ primexro Nestor varão de grande experiencia, & conselha

...dos inimigos, & os vovos. E o que de mais os trabalhos excellentes, como são estes Monros da costa de Africa, & outros das partes da India. Por trabalhos excellentes, & fomes, & sedes, & de mais os trabalhos excellentes.

R I M A S

DO GRANDE

L U I S D E C A M O E S

PRIMEYRA PARTE.

SONETO I.

EM quanto quiz Fortuna, que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de hum suave pensamento,
Me fez, que seus effeytos escrevesse,

Porém temendo Amor, que aviso dêsse
Minha escritura a algum juizo izento,
Escureceome o engenho co tormento,
para que seus enganos nam dicesse.

O vós, qu' Amor obriga a ser fugeyτος
A diversas vontades, quando lerdes
Num breve livro casos tam diversos;

Verdades puras saõ, & não defeytos,
E sabey, que segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

SONETO II.

EU cantarey d'amor tam docemente,
Por hús termos em si tam concertados,
Que dous mil accidentes namorados,
Faça sentir ao peyto, que não sente.

Farey qu'amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa outadia, & pena ausente.

Tambem, Senhora; do desprezo honesto
De vossa vista branda, & rigurosa,
Contentarm'hey dizendo a menos parte.

Porém para cantar de vosso gesto,
A composição alta, & milagrosa,
Aqui falta saber, engenho, & arte.

I. Part.

SONETO III.

COm grandes esperanças já cantey,
Cõ q' os Deoses no Olimpo cõquistára
Depois vim a chorar, porque cantára,
E agora choro já, porque chorey.

Se cuydo nas passadas, que já dey,
Custame esta lembrança só tam cara,
Qu'a dor de ver as magoas, que passára,
Tenho pela mór magoa, que passsey.

Pois logo, está claro, que hum tormento,
Dá causa que outro n'alma se acrecente,
Já nunca posso ter contentamento.

Mas esta fantasia se me mente?
Oh ocioso, & cego pensamento,
Ainda eu imagino em ser contente?

SONETO IV.

Despois que quis Amor, q' eu só passasse
Quanto mal já por muytos repartio,
Entregoume á fortuna, porque vio,
Que não tinha mais mal, q' em mi mostrasse,

Ella porque do amor se avantejasse
No tormento, que o Ceo me permitio,
O que para ninguem se consentio,
Para mi só mandou que se inventasse.

Eisme aqui vou com vario som gritando
Copioso exemplario para a gente,
Que destes dous tyranos he lugeyta:

Delvarios em versos concertando,
Triste, quem seu delcanço tanto estreyta,
Que deste tam pequeno está contente.

A

SO-

SONETO V.

EM prisoões bayxas fuy hū tempo atado,
Vergonhoso castigo de meus erros,
Inda agora arrojando levo os ferros,
Que amor á meu pefar tem já quebrado.

Sacrifiquay a vida á meu cuydado,
Que amor não quer cordeyros, nē bezerros:
Vi magoas, vi milerias, vi delterros,
Pareceme que estava allí ordenado.

Contenteyme com pouco, conhecendo,
Que era o contentamento ver gonhoso,
Só por ver, que coufa era viver ledo,

Mas minha estrella, q̄ eu já agora entêdo,
A morte cega, & caso duvidoso,
Me fizerão de gottos haver medo.

SONETO VI.

ILlustre, & dino ramo dos Meneſes,
Aos quaes o prudente, & largo Ceo,
(Que errar não sabe) em dote concedeo
Rompeſe os Mahometricos arneſes.

Deſprefando á Fortuna, & ſeus reveſes,
Ide para onde o Fado vos moveo,
Erguey flamas no mar alto Erithreo;
E ſereis nova luz aos Portugueſes.

Oprimi com tam firme, & forte peyto
O pirata insolente, que ſe eſpante,
E trema Taprobana, & Gedrolia,

Day nova cauſa á cor do Arabio eſtrêyto,
Aſſi, que o roxo mar daqui em diante
O ſeja, ſó co ſangue de Turquia.

SONETO VII.

NO tempo, que de amor viver ſohia,
Né ſépre andava ao remo ferrolhado,
Antes agora livre, agora atado
Em varias flamas variamente ardia

Que ardeſſe num ſó fogo não queria,
O Ceo, porque tiweſſe experimentado,
Que nem mudar as cauſas ao cuydado,
Mundança na ventura me faria.

E ſe algum pouco tempo andava izento,
Fuy como quem co peſo deſcanſou,
Por tornar a canſar com mais alento.

Louvado ſeja amor em meu tormento,
Pois para paſſatempo ſeu tomou
Eſte meu tam canſado loſrimento.

SONETO VIII.

AMor, q̄ o geſto humano n'alma eſereve
Vivas faſcas me moſtrou hum dia,
Donde hum puro cristal ſe derretia
Por entre vivas roſas, & alva neve.

A viſta que em ſi meſma não ſe atreve,
Por ſe certificar do que allí via,
Foy convertida em fonte, que fazia
A dor ao ſofrimento doce, & leve,

Jura amor, que brandura de vontade,
Cauſa o primeyro eſſeyto, o pensamento
Endoucece, ſe cuida que he verdade:

Olhay como amor géra num momento,
De lagrimas de honeſta piedade,
Lagrimas de immortal contentamento.

SONETO IX.

TAnto de meu eſtado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremêdo eſtou d'frio,
Sem cauſa juntamente choro, & rio,
O mundo todo abarco, & nada aperto,

He tudo quanto ſinto hum deſconcerto,
D'alma hum fogo me ſae, da viſta hum rio,
Agora eſpero, agora deſconfio,
Agora deſvario, agora acerto.

Eſtando em terra chego ao Ceo voando,
Num'hora acho mil annos, & de geyto.
Que em mil annos não poſſo achar hū hora.

Se me pergunta alguém porque aſſi ando?
Reſpondo, que não ſey, porêm ſuſpeyto,
Que ſó porque vos vi, minha ſenhora.

SONETO X.

TRásformafe o amador na coufa amada,
Por virtude do muyto imaginar,
Não tenho logo mais, que deſejar,
Pois em mi tenho a parte deſejada.

Se nella eſtã minha alma transformada,
Que mais deſeja o corpo de alcançar?
Em ſi ſómente pôde deſcanſar,
Pois conſigo tal alma eſtã liada.

Mas eſta linda, & pura ſemidéa,
Que como o accidente em ſeu ſugeyto,
Aſſi com a alma minha ſe conforma:

Eſtã no pensamento como idéa,
E o vivo, & puro amor, de que ſou feyto,
Como materia ſimples busca a fórma.

SONETO XI.

PAssô por meus trabalhos tão izento,
De sentimento grande, nem pequeno,
Que só pola vontade, com que peno,
Me fica amor devendo mais tormento,
Mas vayme amor matando tão atento,
Temperando a triaga, co veneno,
Que do penar a ordem desornedo,
Porque não mo consente o sofrimento.
Porém se esta fineza o amor sente,
E pagarme meu mal com mal pretende,
Torne-me cõ prazer como ao Sol neve;
Mas se me vè cos males tão contente,
Faz-se aváro da pena, porque entende,
Que quanto mais me paga, mais me deve.

SONETO XII.

EM flor vos arrancou, de entaõ crescida,
Ah senhor Dom Antonio, a dura sorte,
Donde fazendo andava o braço forte,
A fama dos antigos esquecida.
Hũa só razaõ tenho conhecida,
Com que tamanha magoa se conforte,
Que pois no mundo havia honrada morte,
Que não podieis ter mais larga vida.
Se meus humildes versos pòdem tanto,
Que co desejo meu se iguale a arte,
Especial materia me fereis,
E celebrado em triste, & longo canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes vivireis.

SONETO XIII.

NUm jardim adornado de verdura,
A que esmaltaõ por cima varias flores
Entrou hum dia a Deosa dos amores
Com a Deosa da caça, & da espessura,
Diana tomou logo hũa Rosa pura,
Venus hum roxo Lirio dos melhores,
Mas excediaõ muyto ás outras flores,
As Violas na graça, & fermosura,
Perguntaõ a Cupido, que alli estava,
Qual d'aquellas tres flores tomaria,
Por mais suave, pura, & mais fermosa?
Sorrindose o minino lhes tornava,
Todas fermosas são, mas eu queria
Viola antes, que Lirio, nem que Rosa.

I. Part.

SONETO XIV.

TOdo animal da calma repoufava,
Sò Lifo o ardor della não sentia,
Que o repouso do fogo, em que elle ardia,
Consistia na Ninfa, que buscava.
Os montes parecia, que abalava
O triste som das magoas, que dizia,
Mas nada o duro peyto commovia,
Que na vontade d'outrem posto estava.
Cansado já de andar pola espessura,
No tronco de hũa faya, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza,
Nunqua ponha ninguem sua esperança,
Em peyto feminil, que de natura
Sõmente em ser mudavel tem firmeza.

SONETO XV.

BUsq̃ Amor novas artes, & novo engenho
Para matarme, & novas esquivanças,
Que não pôde tirarme, as esperanças,
Pois mal me tirará, o que eu não tenho.
Olhay de que esperanças me mantenho,
Vede que perigofas seguranças,
Que não temo constrastes, nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.
Mas cõ quanto não pôde haver desgosto,
Onde esperança falta, lá mo esconde
Amor num mal, que mata, & não se vé,
Que dias ha que n'alma me tem posto,
Hum não sey que, que nasce, não sey donde,
Vem, não sey como, & doe, não sey porque,

SONETO XVI.

Quem vé, senhora, claro, & manifesto
O lindo ser de vossos olhos bellos,
Senaõ perde avista só em vellos,
Já não paga, o que deve a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto,
Mas eu por de ventagem merecellos,
Dey mais a vida, & alma por querellos,
Donde já me fica mais de resto.
Assi que a vida, & alma, & esperança,
E tudo quanto tenho, tudo he vosso,
E o proveyto disso eu só o levo:
Porque he tamanha bemaventurança,
O darvos quanto tenho, & quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

A ij

SO.

SONETO XVII.

QUando da bella vista, & doce riso
Tomado estaõ meus olhos mátimeto,
Tão enlevado finto o pensamento,
Que me faz ver na terra o paraizo.

Tanto do bem humano estou diviso,
Que quaquer outro bem julgo por vento,
Assi que em caso tal, segundo sento,
Assaz de pouco faz, quem perde o lizo.

Em vos louvar senhora, não me fundo,
Porque quem vossas cousas claro sente,
Sentirá que não pôde conhecellas.

Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não he de estranhar, dama excelête,
Que, quem vos fez, fizesse Ceo, & Estrellas.

SONETO XVIII.

DOces lembranças da passada gloria,
Que me tirou Fortuna roubadora,
Deyxayme repouzar em paz húa hora
Que comigo ganhais pouca vitoria.

Impressa tenho n'alma larga historia
Desse passado bem, que nunca fora,
Ou fora, & não passára mas já agora
Em mi não pôde haver mais que a memoria.

Vivo em lembranças, morro de esquecido,
De quem sempre devera ser lembrado,
Se lhe lembrára estado tão contente.

Oh quem tornar pudéra a ser nascido
Souberame lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

SONETO XIX.

Alma minha gentil, que te partiste
Tam cedo desta vida descontente,
Repoula lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no affento ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires, que pôde merecête
Algũa cousa a dor, que me ficou
Da magoa sem remedio de perderte;

Roga a Deos, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a verte,
Quam cedo de meus olhos te levou.

SONETO XX.

NUm bosque, q das Ninfas se habitava,
Sybilla Ninfa linda andava hum dia,
E sobida n'uma arvore lombria,
As amarellas flores apanhava.

Cupido, que alli sempre costumava
A vir passar a festa à sombra fria,
Num ramo o arco, & setas, que trazia,
Antes, que adormecesse pendurava.

A Ninfa, como idoneo tempo vira,
Para tamanha empreza, não dilata,
Mas com as armas foge ao moço esquivo.

As setas traz nos olhos, com que tira,
Oh pastores fugi, que a todos mata,
Senão a mi, que de matarme vivo.

SONETO XXI.

OS Reynos, & os Imperios poderosos,
Que em grãdesa no mudo mais crescêraõ,
Ou por valor de esforço florecêraõ,
Ou por varões nas letras elpantosos.

Teve Grecia Themiltocles famosos,
Os Scipiões a Roma engrandecêraõ,
Doze pares a França gloria deraõ,
Cides a Espanha, & Laras bellicosos.

Ao nosso Portugal (que agora vemos
Tam diferente de seu ser primeyro)
Os voitos deraõ honra, & liberdade.

E em vós graõ suceflor, & novo erdeyro,
Do Braganção estado ha mil extremos,
Iguais ao sangue, & môres, que a idade.

SONETO XXII.

DE vós me aparto, ó vida, & em tal mu-
Sinto vivo da morte o sentimento,
Não ley para que he ter contentamento,
Se mais ha de perder, quem mais alcança.

Mas douvos esta firme segurança,
Que posto que me mate meu tormento,
Polas agoas de eterno esquecimento,
Segura passará minha lembrança.

Antes sem vós meus olhos se entristeção,
Que com qualquer cousa outra se cõtentem,
Antes os esqueçais, que vos esqueção,

Antes nesta lembrança se atormentem,
Que com esquecimento desmereção
A gloria, que em sofrer tal pena sentem.

SONETO XXIII

CAra minha inimiga em cuja mão
 Poz meus contentamentos a ventura,
 Faltoute a ti na terra sepultura,
 Porque me falte a mi consolação.

Eternamente as agoas lôgrarão,
 A tua peregrina formosura.

Mas em quanto me a mi a vida dura,
 Sempre viva em minh'alma te acharão,

E se meus rudos versos pôdem tanto,
 Que possaõ prometer-te longa historia,
 Daquelle amor tão puro, & verdadeyro :

Celebrada serás sempre em meu canto,
 Porq̃ em quanto no mundo ouver memoria,
 Será minha escriptura teu letreyro.

SONETO XXIV.

A Quella triste, & leda madrugada,
 Chea toda de magoa, & de piedade,
 Em quanto ouver no mundo saudade
 Quero que seja sempre celebrada,

Ella só quando amena, & marchetada
 Sahia dando ao mundo claridade,
 Vio apartar-te de hũa outra vontade,
 Que nunca poderá ver-se apartada.

Ella só vio as lagrimas em fio,
 Que de huns, & de outros olhos dirivadas,
 Se acrescentaõ em grande, & largo rio,

Ella vio as palavras magoadas,
 Que puderaõ tornar o fogo frio,
 E dar descanso ás almas condenadas.

SONETO XXV.

SE quando vos perdi minha esperança,
 SA memoria perdera juntamente,
 Do doce bem passado, & mal presente,
 Pouco sentira a dor, de tal mudança :

Mas amor, em quem tinha confiança,
 Me representa muy miudamente,
 Quantas vezes me vi ledo, & contente,
 Por me tirar a vida esta lembrança.

De cousas, de que não havia final,
 Por as ter postas já em esquecimento,
 Destas me vejo agora perseguido,

Ah dura estrella minha! ah gram tormêto!
 Que mal pôde ser môr, que no meu mal
 Ter lembrança do bem, que he já perdido?

SONETO XXVI.

EM fermosa Lethea se confia,
 Por onde a vaidade tanto alcança,
 Que tornada em soberba a confiança,
 Com os Deoses celestes competia.

Porque não fosse avante a ousadia,
 (Que nascem muytos erros da tardança),
 Em effeyto puzeraõ a vingança,
 Que tamanha doudice merecia.

Mas Oleno perdido por Lethea,
 Não lhe sofrendo amor, que suportasse
 Castigo duro tanta fermosura,

Quiz padecer em si a pena alhea,
 Mas porque a morte o amor não apartasse,
 Ambos tornados saõ em pedra dura.

SONETO XXVII.

MAles, que contra mi vos conjurastes,
 Quanto ha de durar tão duro intêto?
 Se dura porque dura meu tormento?
 Bastevos quanto já me atormentastes.

Mas se alli porfiais, porque cuydastes
 Derrubar meu tão alto pensamento,
 Mais pôde a causa delle, em que o sustento,
 Que vós, que della mesma o ser tomastes.

E pois vossa tenção com minha morte,
 Ha de acabar o mal destes amores,
 Day já fim a tormento tão comprido :

Porque de ambos contente seja a sorte,
 Vós, porque me acabastes, vencedores,
 E eu, porque acabey de vós vencido.

SONETO XXVIII.

EStasse a Primavera trasladando
 Em vossa vista deleytosa, & honesta,
 Nas lindas faces, & olhos, boca, & testa,
 Boninas, Lirios, Rosas dibuxando.

De sorte vosso gesto matizando,
 Natura quanto pôde manifesta,
 Que o monte, o campo, o rio, & a floresta,
 Se estaõ de vós, senhora namerando.

Se agora não quereis, que quem vos ama,
 Possa colher o fruyto destas flores,
 Perderão toda a graça vossos olhos:

Porque pouco aproveyta, linda dama,
 Que semcasse amor em vós amores,
 Se vossa condição produz abrolhos.

SONETO XXIX.

SEte annos de Pastor Jacob servia,
 Labão, pay de Rachel, serrana bella,
 Mas não servia ao pay, servia a ella,
 que a ella só por premio pretendia,
 Os dias na esperança de hum só dia
 Passava, contentandose com vella;
 Porém o pay usando de cautella,
 Em lugar de Rachel, lhe dava Lya.
 Vendo o triste Pastor, que com enganos
 Lhe fora assi negada sua Pastora,
 Como se a não tivera merecida:
 Começa de servir outros sete annos,
 Dizendo, mais servira, senão fora
 Para tão longo amor tão curta a vida.

SONETO XXX.

EStà o lascivo, & doce Passarinho,
 Com o biquinho as penas ordenando,
 Overso sem medida, alegre, & brando
 Expedindo no rustico raminho.
 O cruel caçador, que do caminho
 Se vem calado, & manso, desviando,
 Na pronta vista a seta endereytando.
 Em morte lhe converte o caro ninho.
 Desta arte o coração, que livre andava
 (Posto que já de longé destinado)
 Onde menos temia, foy ferido.
 Porque o frecheyro cego me esperava,
 Para que me tomasse descuydado,
 Em vossos claros olhos escondido.

SONETO XXXI.

PEde o desejo, dama, que vos veja,
 Não entende, o q̄ pede, está enganado,
 He este amor tam fino, & tão delgado,
 Que quem o tem, não sabe, o que deseja.
 Não ha ahi cousa, a qual natural seja,
 Que não queyra perpetuo seu estado,
 Não quer logo o desejo o desejado,
 Porque não falte nunca onde sobeja.
 Mas este puro affecto em mi se dana,
 Que como a grave pedra tem por arte,
 O centro delejar da natureza,
 Assi o pensamento pela parte,
 Que vay tomar de mi terrestre, & humana,
 Foy, senhora, pedir esta bayxeza.

SONETO XXXII.

PORque quereis, senhora, que offereça
 A vida a tanto mal, como padeço?
 Se vos nasce do pouco, que mereço,
 Bem por nascer está, quem vos mereça,
 Sabey em fim, por muyto, que vos peça,
 Que posso merecer, quanto vos peço,
 Que não consente amor, q̄ em bayxo preço,
 Tam alto pensamento se conheça.
 Assi que a paga igual de minhas dores,
 Com nada se restaura, mas deveis ma,
 Por ser capaz de tantos disfavores.
 E se o valor de vossos servidores,
 Houver de ser igual com vosco mesma,
 Vos só com vosco mesma anday de amores.

SONETO XXXIII.

SE tanta pena tenho merecida,
 Sem pago de soffrer tantas durezas,
 Provay, senhora, em mi vossas cruezas,
 Que aqui tendes hũa alma offerecida,
 Nella experimentay, se sois servida,
 Desprezos, disfavores, & asperezas,
 Que morés soffrimentos, & firmezas
 Sustentarey na guerra desta vida.
 Mas contra vossos olhos, quaes serão?
 He forçado, que tudo se lhe renda,
 Mas porey por escudo o coração:
 Porque em tão dura, & aspera contenda,
 He bem, que pois não acho defençaõ,
 Com me meter nas lanças me defenda.

SONETO XXXIV.

QUando o Sol encuberto vay mostrádo,
 Ao mundo a luz quieta, & duvidosa,
 Ao longo de hũa praya deleytosa,
 Vou na minha inimiga imaginando.
 Aqui avi os cabellos concertando,
 Alli co a mão na face tão fermosa,
 Aqui fallando alegre, alli cuydosa,
 Agora estando queda, agora andando,
 Aqui esteve assentada, alli me vio,
 Erguendo aquelles olhos tam izentos,
 Aqui movida hum pouco, alli segura,
 Aqui se entristeceo, alli se rio,
 Em fim nestes cansados pensamentos,
 Passo esta vida vam, que sempre dura.

SONETO XXXV.

HUm mover de olhos brádo, & piedoso
Sem ver de q̄, hũ riso brádo, & honesto,
Quasi forçado, hum doce, & humilde gesto
De qualquer alegria duvidoso.

Hum despejo quieto, & vergonhoso,
Hum repouso gravissimo, & modesto,
Hũa pura bondade, manifesto
Indicio d' alma, limpo, & gracioso.

Hum encolhido oular, hũa brandura,
Hum medo sem ter culpa, hum ar sereno,
Hum longo, & obediente sofrimento:

Esta foy a celette fermosura
Da minha Circe, & o magico veneno,
Que póde transformar meu pensamento.

SONETO XXXVI.

TOmoume vossa vista soberana,
Adonde tinha as armas mais à mão,
Por mostrar, que quem bulca defença
Contra esses bellos olhos, que se engana.

Por ficar da vitoria mais ufana,
Deyxoume armar primeyro da razaõ:
Cuydey de me salvar, mas foy em vaõ,
Que contra o Ceo não val defença humana.

Mas porèm se vos tinha prometido
O vosso alto destino esta vitoria,
Servos tudo bem pouco està sabido:

Que posto que estivesse apercebido,
Não levais de vencerme grande gloria,
Mayor a levo eu de ser vencido.

SONETO XXXVII.

Não passés caminhâte, qué me chama?
Hũa memoria nova, & nunca ouvida,
De hum, que trocou finita, & humana vida
Por divina, infinita, & clara Fama.

Quem he, que taõ gentil louvor derrama?
Quem derramar seu sangue não duvida,
Por seguir a bandeyra esclarecida
De hum capitão de Christo, que mais ama.

Ditoso fim, ditoso sacrificio,
Que a Deos se fez, & ao mundo juntamente,
Apregoando direy taõ alta sorte.

Mais poderás contar a toda a gente,
Que sempre deo sua vida claro indicio,
De vir a merecer taõ santa morte.

SONETO XXXVIII.

Fermosos olhos, que na idade nossa
Mostrais do Ceo certissimos sinais,
Se quereis conhecer quanto possais,
Olhayme a mi, que sou feytura vossa.

Vereis, que de viver me desapossa
Aquelle riso, com que a vida dais,
Vereis, como de amor não quero mais,
Por mais que o tempo corra, & o dano possa.

E se dentro nesta alma ver quizerdes,
Como num claro espelho, alli vereis:
Tambem a vossa angelica, & serena:

Mas eu cuydo, que só por não me verdes,
Vervos em mi, senhora, não quereis,
Tanto gosto levais de minha pena.

SONETO XXXIX

OFogo, que na branda cera ardia,
Vendo o rosto gentil, q̄ eu na alma vejo
Se acendeo de outro fogo do desejo,
Por alcançar a luz, que vence o dia.

Como de dous ardores se encendia,
Da grande impaciencia fez despejo,
E remetendo com furor sobejo,
Vos foy beyjar na parte onde se via.

Ditosa aquella flama, que se atreve
Apagar seus ardores, & tormentos,
Na vista, de que o mundo temer deve,

Namoraõse, senhora, os elementos,
De vós, & queyma o fogo aquella neve,
Que queyma coraçõs, & pensamentos.

SONETO XL.

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claros, & frescas agoas de cristal,
Que em vós os dibuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos.

Silvestres montes, asperos penedos,
Compostos em concerto desigual,
Sabey, que sem licença de meu mal,
Jã não podeis fazer meus olhos ledos.

E pois me já não vedes como vistes,
Não me alegrem verduras deleytosas,
Nem agoas, que correndo alegres vem.

Semearey em vós lembranças tristes,
Regandovos com lagrimas faudosas,
E nascerão faudades de meu bem.

SONETO XLI.

Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana banhado o lindo teyo,
Tantas vezes de hum aspero receyo,
Salteado Laurenio a cor perdia.

Ella, que a Silvio, mais que a si queria,
Para podelo ver não tinha meyo:
Ora como curará o mal alheyo,
Quem o seu mal taõ mal curar sabia?

Elle, que vio taõ claro esta verdade,
Com soluços dizia (que a espessura
Como via de magoa a piedade)

Como pôde a desordem da natura
Fazer taõ differentes na vontade,
A quem fez taõ conformes na ventura?

SONETO XLII.

Lindo futil trançado, que ficaste
Em penhor do remedio, que mereço,
Se só contigo, vendote, endoudeço,
Que fora cos cabellos, que apertaste?

Aquellas tranças de ouro, que ligaste,
Que os rayos do Sol tem em pouco preço,
Não sey, se para engano, do que peço,
Se só para me atar os desfaraste.

Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por satisfação de minhas dores,
Como quem não tem outra, hey de tomarte,

E se não for contente meu desejo,
Dirlhehey, que nesta regra dos amores,
Pelo todo tambem se toma a parte.

SONETO XLIII.

OCisne quando fente ser chegada
A hora, que poem termo a tua vida,
Musica com voz alta, & muy subida
Levanta pela praya inhabitada.

Deseja ter a vida prolongada,
Chorando do viver a despedida,
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.

Assi, minha senhora, quando via
O triste fim, que davaõ meus amores,
Estando posto já no estremo fio.

Com mais suave canto, & harmonia
Descantey pelos vossos disfavores,
La vuestra falsa fé, y el amor mio.

SONETO XLIV.

Pelos extremos raros, que mostrou
Em saber Pallas, Venus em fermosa,
Diana em casta, Juno em animosa;
Africa, Europa, & Asia, as adorou.

Aquelle saber grande, que ajuntou
Esprito, & corpo em liga generosa,
Esta mundana machina lustrosa,
De só quatro Elementos fabricou.

Mas mór milagre fez a natureza
Em vós, senhoras, pondo em cada hũa,
O que por todas quatro repartio.

A vós seu resplendor deu Sol, & Lua,
A vós com viva luz, graça, & pureza,
Ar, Fogo, Terra, & Agoa vos servio.

SONETO XLV.

TOmava Deliana por vingança
Da culpa do pastor, que tanto amava,
Casar com Gil vaqueyro, & em si vingava
O erro alheyo, & perfida esquivança.

A discrição segura, a confiança,
As rosas, que seu rosto dibuxava,
O descontentamento lhas secava,
Que tudo muda hũa aspera mudança.

Gentil planta disposta em seca terra,
Lindo fruyto de dura mam colhido,
Lembranças d'outro amor, & se perjura:

Tornáraõ verde prado em dura terra,
Interesse enganoso, amor fingido,
Fizerão desditosa a fermosura.

SONETO XLVI.

GRam tempo ha já q̄ soube da ventura,
A vida, que me tinha destinada,
Que a longa experiencia da passada,
Me dava claro indicio da futura.

Amor fero, cruel, Fortuna escura,
Bem tendes vossa força exprimentada,
Assolay, destruy, não fique nada,
Vingayvos desta vida, que inda dura.

Soube amor da ventura, que a não tinha;
E por que mais sentisse a falta della.
De imagês impossiveis me mantinha.

Mas vós, senhora, pois q̄ minha estrella
Não foy melhor, vivey nesta alma minha,
Que não tem a Fortuna poder nella.

SONETO XLVII.

SE algũa hora em vòs apiedade,
De tão longo tormento se sentirá;
Naõ consentira amor, que me partira
De vossos olhos, minha faudade.

Apartey-me de vòs, mas a vontade,
Que pelo natural n' alma vòs tira,
Me faz crer, que esta ausencia he de mentira,
Mas ainda mal porèm, porque he verdade.

Irmehey, fenhora, & neste apartamento,
Tomarão tristes lagrimas vingança
Nos olhos, de quem fostes mantimento:

E assi darey vida a meu tormento,
Que em fim me acharà minha lembrança
sepultado no vosso esquecimento.

SONETO XLVIII.

O Como se me alonga de anno em anno
A peregrinação cansada minha!
Como se encurta, & como ao fim caminha
Este meu breve, & vaõ discurso humano!

Vayse gastando a idade; & cresce o dano,
Perdeseme hum remedio, que inda tinhã,
Se por experiencia se adivinhã,
Qualquer grãde esperãça he grande engano.

Corro a poz este bem, que naõ se alcança,
No meyo do caminho me fallece,
Mil vezes cayo, & perco a confiança:

Quando elle foge, eu tardo, & na tardãça
Se os olhos ergo a ver, se inda apparece,
Da vista se me perde, & da esperança:

SONETO XLIX.

TEmpo he já que minha confiança
Se deça de hũa falsa opiniaõ,
Mas se amor naõ se rege por razaõ,
Naõ posso perder logo a esperança:

A vida si, que hũa aspera mudança
Naõ deyxã vivêr tanto hum coraçãõ,
E eu na morte tenho a salvaçãõ?
Si, mas quem a deseja naõ a alcança.

Forçado he logo, que eu espere, & viva,
Ah dura ley de amor, que naõ consente,
Quietaçãõ n' hũa alma, que he cativa,

Se hey de viver em fim forçadamente,
Para que quero a gloria fugitiva,
D' hũa esperança vãa, que me atormenta

I. Part.

SONETO L.

AMor, co a esperança já perdida,
Teu soberano templo visitey,
Por final do naufragio, que passey,
Em lugar dos vestidos puz a vida.

Que queres mais de mi, que destruhida
Me tens a gloria toda, que alcancey?
Naõ cuydes de forçarme, que naõ sey
Tornar a entrar onde naõ ha sahida.

Vés aqui alma, vida, & esperança,
Despojos doces de meu bem passado,
Em quanto quiz aquella, em quem eu mòro,

Nella pòdes tomar de mi vingança,
E se inda naõ estás de mi vingado,
Contentate co as lagrimas, que choro.

SONETO LI.

APollo, & as nove Musas descantando,
Com a dourada lyra me influyam
Na suave harmonia, que faziaõ,

Quando tomey a pena, começando:

Ditoso seja o dia, & hora quando
Tam delicados olhos me feriaõ,
Ditosos os sentidos, que sentiaõ,
Estar-se em seu desejo traspassando;

Assi cantava, quando amor virou
A roda á esperança, que corria,
Tam ligeyra, que quasi era invisivel.

Converteoseme em hoyte o clarõ dia,
E se algũa esperança me ficou,
Serà de mayor mal, se for possivel.

SONETO LII.

Lembranças saudosas, se cuydais
De acabar a vida neste estado,
Naõ vivo com meu mal tam enganado,
Que naõ espere delle muyto mais.

De muyto longe já me costumais
A viver de algum bem desesperado,
Jã tenho co a Fortuna conceitado
De sofrer os trabalhos, que me dais,

Atada ao remo tenho a paciencia,
Para quantos desgostos dêr a vida.
Cuyde em quanto quizer o pensamentõ,

Que pois naõ ha ahi outra resistencia,
Para tam certa quèda de subida,
Aparalhehey debayxo o sofrimento.

B

SO.

SONETO LIII.

A Partavase Nise de Montano,
 Em cuja alma partindose ficava,
 Que o pastor na memória a dibuxava,
 Por poder sustentarse deste engano.
 Pelas prayas do Indico Oceano,
 Sobre o curvo cajado se encostava,
 E os olhos pelas agoas alongava,
 Que pouco se dohiaõ de seu dano.
 Pois com tamanha magoa, & saudade
 (Dizia) quiz deyxarme a em que eu móro,
 Por testemunhas tomo Ceo, & Estrellas:
 Mas se em vós ondas mora piedade,
 Levay tambem as lagrimas, que choro,
 Pois allí me levais a causa dellas.

SONETO LIV.

QUando vejo, que meu destino ordena,
 Que por me exprimêtar d'vós m'aparte,
 Deyxando de meu bem taõ grande parte,
 Que a mesma culpa fica grave pena.
 O duro disfavor, que me condena,
 Quando pela memoria se reparte,
 Endurece os sentidos de tal arte,
 Que a dor d'ausencia fica mais pequena.
 Pois como pôde ser, que na mudança
 D'aquillo, que mais quero, esté taõ fóra,
 De me não apartar tambem da vida,
 Eu refrearey taõ aspera esquivança,
 Porque mais sentirey partir, senhora,
 Sem sentir muyto a pena da partida.

SONETO LV.

DEpois de tantos dias mal gastados,
 Depois de tãtas noytes mal dormidas,
 Depois de tantas lagrimas vertidas,
 Tantos suspiros vãos vãmente dados.
 Como não fois vós já defenganados,
 Desejos, que de coufas esquecidas
 Quereis remediar mortaes feridas,
 Que amor fez sem remedio, o tẽpo, os Fados?
 Se não tiveris já experiencia
 Das sem razões de amor, a quem servistes,
 Fraqueza fora em vós a resistencia,
 Mas pois por vosso mal seus males vistes,
 Que tempo não curou, nem longa ausencia,
 Que bem delle esperais desejos tristes?

SONETO LVI.

NAyades vós, que os rios habitais,
 Que os saudolos campos vãõ regando,
 De meus olhos vereis estar manando
 Outros, que quasi aos vossos são iguais:
 Driades, vós que as setas atirais,
 Os fugitivos cervos derribando,
 Outros olhos vereis, que triunfando,
 Derribaõ corações, que valem mais,
 Deyxay logo as aljayas, & agoas frias,
 E vinde Ninfas minhas, se quereis
 Saber como de hús olhos nascem magoas,
 Vereis como se passaõ em vaõ, os dias
 Mas não vireis em vaõ, que càachareis,
 Nos seus as setas, & nos meus as agoas.

SONETO LVII. 6

MUDAõse os tẽpos, mudaõse as vótades
 Mudaõse o ler, mudaõse a confiança,
 Todo mundo he composto de mudança,
 Tomando sempre noyas qualidades.
 Continuamente vemos novidades,
 Diferentes em tudo da esperança
 Do mal, ficaõ as magoas da lembrança,
 E do bem (se algum houve) as saudades.
 O tempo cobre o chaõ de verde manto,
 Que já cuberto foy de neve fria,
 E em mi converte em choro o doce canto,
 E a fóra este mudar se cada dia,
 Outra mudança faz de mór espanto,
 Que não se muda já como sohia.

SONETO LVIII.

SE as penas, cõ q' amor taõ mal me trata,
 Quizer, que tanto tempo viva dellas,
 Que veja escuro o lume das estrellas,
 Em cuja vista o meu se acende, & mata.
 E se o tempo, que tudo desbarata,
 Secar as frescas rosas sem colhellas,
 Mostrando a linda cor das tranças bellas,
 Mudada de ouro fino em branca prata.
 Vereis, senhora, entãõ tambem mudado
 O pensamento, & aspereza vossa,
 Quando não sirva já sua mudança,
 Suspirareis entãõ pelo passado,
 Em tempo, quando executar se possa,
 Em vosso arrepende minha vingança.

SONETO LIX. 7

Quem jaz no gram sepulcro, q̄ descreve
 Tam illustres finais no forte escudo?
 Ninguem, que nisto em fim se torna tudo,
 Mas foy, quem tudo pode, & tudo teve.

Foy Rey, fez tudo quanto a Rey le deve,
 Poz na guerra, & na paz devido el tudo,
 Mas quaõ pelado foy ao Mouro rudo,
 Tanto lhe seja agora a terra leve.

Alexandre lerã, ninguem se engane,
 Que sustentar, mais que adquirir se estima;
 Será Adriano gram senhor do mundo?

Mais observante foy da ley de cima.
 He Numa? Numa não, mas he Joanne,
 De Portugal Terceyro, sem segundo.

SONETO LX.

Quem póde livre ter, gentil senhora,
 Vendevos com juiço soffegado,
 Se o minino, que de olhos he privado,
 Nas mininas dos vossos olhos mora?

Alli manda, alli reyna, alli namora,
 Alli vive das gentes venerado,
 Que o vivo lume, & o rosto delicado,
 Imagês são de amor em tod'a hora.

Quem vé, q̄ em brãca neve nace[m] rosas,
 Que fios crespos de ouro vão cercando,
 Se por entre esta luz a vista passa,

Hũs rayos de ouro vé, que as duvidosas
 Almas estaõ no peyto traspassando,
 Assi como hum cristal o Sol traspassa,

SONETO LXI.

Como fizeste, Porcia, tal ferida,
 Foy voluntaria, ou foy por innocẽcia?
 Mas foy fazer amor experiencia,
 Se podia soffrer tirarme a vida.

E com teu proprio sangue te convida
 A não pores à vida resistencia?
 Andome costumando á paciencia,
 Porque o temor a morte não impida.

Pois porque comes logo fogo ardente,
 Se a ferro te costumaste por que ordena
 Amor, que morra, & pene juntamente.

E tens a dor do ferro por pequena?
 Si, que a dor costumada não se sente,
 E eu não quero a morte sem a pena.

I. Part.

SONETO LXII.]

De tão divino acento, & voz humana,
 De tão doces palayras peregrinas,
 Bem sey, que minhas obras não são dinas
 Que o rudo engenho meu me defengana.

Mas de vossos escritos corte, & mana
 Licor, que vence as agoas Cabalinas,
 E con vosco do Tejo as flores finas,
 Farãõ enveja à copia Mantuana.

E pois a vòs, de si não sendo aváras,
 As filhas de Muemofine formola,
 Partes dadas vos tem ao mundo cãras:

A minha Musa, & a vossa tão famosa,
 Ambas posso chamar ao mundo raras,
 A vossa de alta, a minha de envejota.

SONETO LXIII. 3

De bayxõ desta pedra está metido,
 Das sanguinosas armas descantado,
 O Capitaõ illustre assinalado,
 Dom Fernando de Castro esclarecido.

Por todo o Oriente tão temido,
 E da enveja da Fama tão cantado,
 Este pois só agora sepultado,
 Está aqui já em terra convertido,

Alegrate, ó guerreyra Lusitania,
 Por este Viriato, que criaste,
 E chora o perdido eternamente,

Exemplo toma nisto de Dardania,
 Que sea Roma com elle aniquilaste,
 Nem por isto Cartago está contente.

SONETO LXIV:

Que vençais no oriente tantos Reys,
 Que de novo nos deis da India o estado,
 Que escureçais a Fama, que ganhado
 Tinhaõ, os que a ganhãrãõ a infieis:

Que do tempo tenhais vencido as leys,
 Que em tudo em fim vçais, co tẽpo armado,
 Mais he vencer na patria desarmado,
 Os monstros, & as chimeras, que venceis:

E assi sobre vencerdes tanto imigo,
 E por armas fazer, que sem segundo
 Vosso nome no mundo ouvido seja:

O que vos dà mais nome inda no mundo,
 He vencerdes, senhor, no Reyno amigo,
 Tantas ingratiõẽs, tão grande inveja.

B ij

SO.

SONETO LXV.

Vossos olhos, senhora, que competem
Co Sol em fermosura, & claridade,
Enchem os meus de tal suavidade,
Que em lagrimas de velos se derrem.

Meus sentidos vencidos se sometem,
Assi cegos a tanta magestade,
E da triste prisaõ da escuridade,
Cheyos de medo por fugir remetem.

Mas se nisto me vedes por acerto
O aspero desprezo, com que olhais,
Torna a espertar a alma enfraquecida.

Oh gentil cura, & estranho desconcerto,
Que fará o favor, que vos não dais,
Quando o vosso desprezo torna a vida?

SONETO LXVI.

Formosura do Ceo, a nós descida,
Que nenhum coração deyxas izento,
Satisfazendo a todo pensamento,
Sem seres de nenhum bem entendida.

Que lingua pôde haver taõ atrevida,
Que tenha de louvar-te atrevimento,
Pois a parte mayor do entendimento,
No menos, que em ti ha, se vé perdida.

Se teu valor contemplo, a melhor parte
Vendo, que abre na terra hum parailo,
O engenho me falta, o espirito mingua:

Mas o que mais me tolhe inda louvar-te
He, que quando te vejo, perco a lingua,
E quando te não vejo, perco o siso.

SONETO LXVII.

Pois meus olhos não cansaõ de chorar
Tristezas, que não cansaõ de cansarme:
Pois não abranda o fogo, em que abrasarme
Pòde; quem eu já mais pude abrandar.

Não canse o cego amor de me guiar,
A parte donde não sayba tornarme,
Nem deyxes o mundo todo de escutarme,
Em quanto me a voz fraca não deyxar.

E se nos montes, rios, ou em vales,
Piedade móra, ou dentro móra amor,
Em feras aves prantas, pedras, agoas,

Ouçãõ a longa historia de meus males
Escutem sua dor, com minha dor,
Que grandes magoas pòdem curar magoas.

SONETO LXVIII.

DAyme hũa ley, Senhora, de querervos,
Que aguarde sopena de enojar vos,
Que a fé, que me obriga a tanto amarvos,
Fará, que fique em ley de obedecervos.

Tudo me defendey, senão só vervos,
E dentro na minh'alma contemplarvos,
Que se assi não chegar a contentarvos,
Ao menos que chegue aborrecervos.

E se essa condiçãõ cruel, & esquiva,
Que me deis ley de vida não consente,
Dayma, senhora já, seja de morte:

Se nem essa me dais, he bem que viva,
Sem saber como vivo, tristemente,
Mas contente porém de minha forte.

SONETO LXIX.

Ferido sem ter cura parecia
O forte, & duro Telepho temido,
Por aquelle, que na agoa foy metido,
A quem ferro nenhum cortar podia.

Ao Apollineo oraculo pedia,
Conselho para ser restituído,
Respondeo, que tornasse a ser ferido,
Por quem o já ferira, & fararia.

Assi, senhora, quer minha ventura,
Que ferido de yervos claramente,
Com vos tornar a ver, amor me cura:

Mas he taõ doce vossa fermosura,
Que fico como hidropico doente,
Que co beber lhe cresce mòr secura.

SONETO LXX.

NA metade do Ceo subido ardia,
O claroAlmo pastor, quãdo deyxavãõ
O verde pasto as cabras, & buscavãõ
A frescura suave da agoa fria.

Com a folha das arvores sombria,
Do rayo ardente as aves se amparayaõ,
O modulo cantar, de que cessavaõ,
Sò nas roucas Cigarras se sentia.

Quando Liso pastor, num campo verde,
Natercia crua Ninfa só buscava,
Còm mil suspiros tristes, que derrama,

Porque te vas, de quem por ti se perde,
Para quem pouco te ama? (suspirava)
O Eco lhe responde, pouco te ama.

SONETO LXXI.

IA a laudosa Aurora destoucava
Os seus cabellos de ouro delicados,
E as flores nos campos esmaltados,
Do cristalino orvalho borrifava:

Quando o fermoso gado se espalhava
De Silvio, & Laurente pelos prados,
Pastores ambos, & ambos apartados,
De quem o mesmo amor não se apartava.

Com verdadeyras lagrimas Laurente,
Não ley (dizia) ò Ninfa delicada,
Porque não morre já, quem vive ausente,

Pois a vida sem tí, não presta nada?
Responde Silvio, amor não o consente,
Que offende as esperanças da tornada.

SONETO LXXII.

QUando de minhas magoas a comprida
Maginação, os olhos me adormece,
Em tonhos aquella alma me aparece
Que para mi foy sonho nesta vida,

Lá n'uma soledade, onde estendida
A vista pelo campo desfalece,
Corro para ella, & ella então parece,
Que mais de mi se alonga compelida.

Brado, não me fujais sombra benina,
Ella (os olhos em mi com brando pejo,
Como quem diz; que já não pôde ser)

Torna a fugirmé, & eu gritando, Dina,
Antes que diga Mene, acórdó, & vejo,
Que nem hum breve engano posso ter.

SONETO LXXIII.

SUspiros inflamados, que cantais
A tristeza, com que eu vivi tão ledo,
Eu morro, & não vos levo, porque ey medo
Que ao passar do Lethes vos percais.

Escritos para sempre já ficais,
Onde vos mostrarão todos co dedo,
Como exemplo de males, que eu concedo,
Que para aviso de outros estejais,

Em quem pois virdes falsas esperanças,
De Amor, & da Fortuna, cujos danos
Algũsterão por bemaventuranças;

Dizeylhe, que os ser vistes muytos annos,
E que em Fortuna tudo são mudanças,
E que em Amor, não ha senão enganos.

SONETO LXXIV.

A Quella féra humana, que enriquece
Sua presunptuosa tyrania,
Destas minhas entranhas, onde cria
Amor hum mal, que faltá quando crece.

Se nella o Ceo mostrou (omo parece)
Quanto mostrar ao mundo pretendia,
Porque de minha vida se injuria?
Porque de minha morte se ennobrece?

Hora em fim sublimay vossa vitoria,
Senhora, com vencerme, & cativarme,
Fazey disto no mundo larga historia:

Que por mais que vos veja maltratarme,
Já me fico logrando desta gloria
De ver, que tendes tanta de matarme.

SONETO LXXV.

Ditoso seja aquelle, que sómente
Se queyxa de amorosas esquivanças
Pois por ellas não perde as esperanças
De poder algum tempo ser contente:

Ditoso seja, quem estando ausente,
Não sente mais, que a pena das lembranças,
Porque iada que se tema de mudanças.
Menos se teme a dor, quando se sente.

Ditoso seja em fim qualquer estado,
Onde enganos, desprezos, & izenção,
Trazem o coração atormentado:

Mas triste, quem se sente magoado,
De erros, em que não pôde haver perdaõ,
Sem ficar n'alma a magoa do peccado.

SONETO LXXVI.

Quem fosse acompanhando juntamente,
Por esses verdes campos a avefinha,
Que despois de perder hum bem, que tinha,
Não sabe mais, que cousa he ser contente.

E Quem fosse apartandose da gente,
Ella por companheyra, & por vizinha,
Me ajudasse a chorar a pena minha,
Eu a ella o pezar, que tanto sente.

Ditosa ave, que ao menos se a natura
A seu primeyro bem não dà segundo,
Dalhe o ser triste a seu contentamento.

Mas triste, quem de longe quiz ventura,
Que para respirar lhe falte o vento
E para tudo, em fim, lhe falte o mundo.

SONETO LXXVII.

O Culto diuinal se celebrava
No templo, donde toda a creatura,
Louva o Feitor divino, que a feytura,
Com seu sagrado sangue restaurava.

Alli amor, que a tempo me aguardava,
Onde a vontade tinha mais segura
Nũa celeste, & angelica figura
A vista da razão me saltava.

Eu crendo, que o lugar me defendia
E seu livre costume não sabendo,
Que nenhum confiado lhe fugia.

Deyxeyme cativar, mas já que entendo,
Senhora, que por vósso me queria,
Do tempo, que fuy livre, me arrependo.

SONETO LXXVIII.

Leda serenidade deleytosa,
Que representa em terra hum parayso,
Entre rubis, & perlas doce riso,
Debayxo de ouro, & neve, cor de rosa.

Presença moderada, & graciosa,
Onde ensinando estão despejo, & siso,
Que se pôde por arte, & por aviso,
Como por natureza ser fermosa.

Fala, de quem a morte, & vida pende,
Rara, suave, em fim, senhora, vossa,
Repouso nella alegre, & comedido,

Estas armas são, com que me rende,
E me cativa Amor, mas não que possa
Despojar-me da gloria de rendido.

SONETO LXXIX.

Bem sey Amor, q̄ he certo, o que receo,
Mas tu porque cõ isso mais te apuras,
De manhoso mo negas, & mo juras,
Em teu dourado arco, & eu to creio,

A mão tenho metida no teu seo,
E não vejo meus danos ás escuras,
E tu com tudo tanto me asseguras,
Que me digo, que minto, & que me enleo,

Não sómente confinto neste engano,
Mas inda to agradeço, & a mi me nego
Tudo, o que vejo, & finto de meu dano,

Oh poderolo mal, a que me entrego,
Que no meyo do justo delengano,
Me possa inda cegar hum moço cego.

SONETO LXXX.

Como quando do mar tempestuoso,
O marinheyro lasso, & trabalhado,
D'hum naufragio cruel já salvo anado,
Sò ouvir falar nelle o faz medroso.

Ejura, que em que veja bonançoso
O violento mar, & tósegado,
Não entré nelle mais, mas vay forçado,
Pelo muyto interresse cubiçoso.

Assi, senhora eu que da tormenta
De vossa vista fujo, por salvarme,
Jurando de não mais em outra verme:

Minh'alma, que de vós nunca se ausenta,
Dame por preço vervos, faz tornarme,
Donde fugi tam perto de perderme.

SONETO LXXXI.

Amor he hum fogo, que arde sem se ver,
He ferida, que doe, & não se sente,
He hum contentamento descontente,
He dor, que desatina sem doer.

He hum não querer mais, que bem queter,
He hum andar solitario entre a gente,
He nunca contentar-se de contente,
He hum cuydar, que ganha em se perder.

He querer estar preso por vontade,
He servir a quem vence o vencedor,
He ter, com quem nos mata, lealdade.

Mas como caufar pôde seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tam contrario a si he o mesmo amor?

SONETO LXXXII.

Se pena por amavros se merece,
Quem della livre está, ou quem izento?
Que alma, que razão, que entendimento
Em vervos senão rende, & obedece?

Que mór gloria na vida se offerece,
Que occupar-se em vós o pensamento?
Toda a pena cruel, todo o tormento,
Em vervos senão sente, mas esquece.

Mas se merece pena, quem amando
Contino vos está, se vos offende,
O mundo matarey, que todo he vósso.

Em mi podeis, senhora, ir começando,
Que claro se conhece, & bem se entende,
Amarvos quanto devo, & quanto posso.

SONETO LXXXIII.

Que levas cruel morte? hum claro dia,
A que horas o tomaste? amanhecendo,
Entendes o que levas? não o entendo,
Pois quem to faz levar? quem o entendia.

Seu corpo quem o goza? a terra fria,
Como ficou sua luz? anoytcendo:
Lusitania, que diz? fica dizendo,
Em fim, não mereci dona Maria.

Mataste quem a vio já morta estava,
Que diz o cruel a mor? falar não ousa,
E quem o faz calar? minha vontade.

Na corte, que ficou? faudade brava:
Que fica là que ver? nenhũa cousa,
Mas fica, que chorar sua beldade.

SONETO LXXXIV.

Ondados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos
Agora sobre as rosas estendidos,
Fazeis que sua belleza se acrescente.

Olhos, que vos moveis tão docemente,
Em mil divinos rayos acendidos,
Se de cá me levais alma, & sentidos,
Que fora, se de vós não fora ausente?

Honesto riso, que entre a mór fineza,
De perlas, & coraes nasce, & perece,
Se n' alma em doces eccos não o ouviſſe?

Se imaginando só tanta belleza,
De si, em nova gloria a alma se esquece,
Que será quando a vir? ah quem a viſſe.

SONETO LXXXV.

Foy já num tempo doce cousa amar,
Em quanto me enganava a esperança,
O coração com esta confiança,
Todo se desfazia em desejar;

Oh vão, caduco, & debil esperar,
Como se defengana hũa mudança!
Que quanto he mór a bemaventurança,
Tanto menos se crè, que ha de durar.

Quem já se vio contente, & prosperado,
Vendose em breve tempo em pena tanta,
Razão tem de viver bem magoadado.

Porèm quem tem o mundo exprimétado,
Não o magoa a pena, nem o espanta,
Que mal se estranhará o costumado.

SONETO LXXXVI.

DOs illustres antigos, que deyxaraõ.
Tal nome, q̃ igualou Fama á memoria,
Ficou por luz do tempo a larga historia
Dos feytos, em que mais se assinaláraõ.

Se se com cousas destes cotejáraõ
Mil vossas, cada hũa taõ notoria,
Vencerá a menor dellas a mór gloria,
Que elles em tantos annos alcançáraõ.

A gloria sua foy, ninguem lha tome,
Seguindo cada hum varios caminhos,
Estatuas levantando no seu templo.

Vós honra Portugueza, & dos Coutinhos,
Illustre Dom João, com melhor nome,
A vós encheis de gloria, & a nós de exemplo.

SONETO LXXXVII.

Converſação domestica affeyção,
Hora em forma de boa, & sã vontade,
Hora de hũa amorosa piedade,
Sem olhar qualidade de pessoa.

Se despois por ventura vos magoa
Com defamor, & pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando amor, que tudo em si perdoa.

Não são isto, que fallo, conjeturas,
Que o pensamento julga na apparencia,
Por fazer delicadas escrituras,

Metido tenho a mão na consciencia,
E não fallo senão verdades puras,
Que me ensinou a viva experiencia.

SONETO LXXXVIII.

Esforço grande igual ao pensamento,
Pensamentos em obras divulgados,
E não em peyto timido encerrados,
E desfeytos despois em chuva, & vento;

Animo de cobiça bayxa izento,
Dino porisso só de altos estados,
Fero açoute dos nunca bem domados
Povos do Malabar sanguinolento;

Gentileza de membros corporaes,
Ornados de pudica continencia,
Obra por certo rara de natura.

Estas virtudes, & outras muytas mais,
Dinas todas da Homérica eloquencia,
Jazem debayxo desta sepultura.

SONETO LXXXIX.

NO mundo quiz hū tempo, q̄ se achasse
 O bem, q̄ por acerto, ou forte vinha,
 E por exprimentar, que dita tinha,
 Quiz pue a Fortuna em mi se exprimētaſſe.

Mas porque meu destino me moſtraſſe,
 Que nem ter eſperanças me conuinha,
 Nunca neſta taõ longa vida minha,
 Couſa me deyxou ver; que deſejaſſe,

Mudando andey coſtume, terra, & eſtado,
 Por ver ſe ſe mudava a forte dura,
 A vida puz nas mãos de hum leve lenho,

Mas ſegundo o q̄ o Ceo me tem moſtrado,
 Já ſey, que deſte meu buscar ventura,
 Achado tenho já, que não a tenho.

SONETO XC.

A Perfeçãõ, a graça, o doce geyto,
 A Primavera chea de freſcura,
 Que ſempre em vós florece, a que a ventura,
 E a raziã entregãrãõ eſte peyto:

Aquelle criſtallino, & puro aſpeyto,
 Que em ſi comprende toda a fermofura,
 O reſplendor dos olhos, & abrandura,
 De que amor a ninguem quiz ter reſpeyto:

Se iſto, que em vós ſe vê, ver deſejais,
 Como dino de verſe claramente,
 Por mais, que vós de amor vos izentais.

Traduzido o vereis taõ bellamente,
 No meyo deſte eſpirito, onde eſtais,
 Que vendovos ſintais, o que elle ſente.

SONETO XCI.

VOs, que de olhos ſuaves, & ſerenos,
 Com juſta cauſa a vida cativais,
 E que os outros cuydados condenais,
 Por inuſfos, por bayxos, & pequenos.

Se inda do amor domesticos venenos,
 Nunca porvattes, quero ſaybais,
 Que he tanto mais o amor deſpois que amais,
 Quanto ſãõ mais as cauſas de ſer menos.

E não cuyde ninguem, q̄ algum deſeyto,
 Quando na cauſa amada ſe apreſenta,
 Poſſa diminuir o amor perfeyto;

Antes o dobra mais, & ſe atormenta,
 Pouco, & pouco deſculpa o brandõ peyto,
 Que amor com ſeus contrarios ſe acrescenta.

SONETO XCII.

Que poderey do mundo já querer,
 Que naquillo, em q̄ puz tamanho amor,
 Não vi ſenaõ deſgoſto, deſamor,
 E morte em fim, que mais não pôde ſer.

Pois vida me não farta de viver,
 Pois já ſey, que não mata grande dor,
 Se couſa ha hi, que magoa de mayor,
 Eu a verey, que tudo poſſo ver.

A morte a meu peſar me aſſegurou,
 De quanto mal me yinha, já perdi,
 O que perder o medo me enſinou:

Na vida, deſamor fõmente yi,
 Na morte, a grande dor, que me ficou,
 Parece, que para iſſo ſó naſci.

SONETO XCIII.

Penſamentos, que agora novamente
 Cuydados vãos em mi reſuscitais,
 Dizeyme, ainda não vos contentais,
 De terdes, quem vos tem taõ deſcontente?

Que fantasia he eſta, que preſente
 Cada hora ante meus olhos me moſtrais?
 Com ſonhos, & com ſombras atentais,
 Quem nem por ſonhos pôde ſer contente?

Vejovos penſamentos alterados,
 E não quereis de eſquivos declararme,
 Que he iſto, que vos traz taõ enleados.

Não me negueis, ſe andais para negarme,
 Que ſe contra mi eſtais alevantados,
 Eu vos ajudarey meſmo a matarme.

SONETO XCIV.

Se tomar minha pena em penitencia,
 Do erro, em que cahio o penſamento,
 Não abranda, mas dobra meu tormento,
 A iſto, & a mais obriga a paciencia.

E ſe hũa cor de morto na apparencia,
 Hum eſpalhar ſuſpiros vãos ao vento,
 Em vós não faz, ſenhora, movimento,
 Fique meu mal em voſſa conſciencia.

E ſe de qualquer aſpera mudança,
 Toda a vontade izenta amor caſtiga,
 (Como eu vi bem no mal, q̄ me condena,)

E ſe em vós não ſe entende aver vingança,
 Será forçado (pois amor me obriga)
 Que eu ſó de voſſa culpa pague a pena.

SONETO XCV.

A Quella, que de pura castidade,
De si mesma tomou cruel vingança,
Por hũa breve, & subita mudança,
Contraria à sua honra, & qualidade:
Venceo a fermosura a honestidade,
Venceo no fim da vida a esperança,
Porque ficasse viva tal lembrança,
Tal amor, tanta fé, tanta verdade.
De si, da gente, & do mundo esquecida,
Ferio com duro ferro o brando peyto,
Banhâdo em sangue a força do tyrano.
Oh estranha ousadia, estranho feyto,
Que dando morte breve ao corpo humano,
Tenha sua memoria larga vida!

SONETO XCVI.

O S vestidos Elisa revolvia,
Que lhe Eneas deyxára por memoria,
Doces despojos da passada gloria,
Doces, quando o seu Fado o consentia.
Entre elles a fermosa espada via,
Que o instrumento foy da triste historia,
E co no quem de si tinha a vitoria,
Com ella assi falando, lhe dizia:
Fermosa, & nova espada, se ficaste,
Sò para executares os enganos,
De quem te quiz deyxar em minha vida:
Sabe, que tu comigo te enganaste,
Que para me tirar de tantos danos,
Sobejame a tristeza da partida.

SONETO XCVII.

O Quão caro me custa o entenderte,
Molesto Amor, que só por alcançarte
De dor em dor me tês trazido a parte,
Onde em ti, odio, & ira se converte;
Cuydey, que para em tudo conhecerte,
Me não faltasse experiencia, & arte,
Agora vejo n'alma acrescentarte
Aquillo, que era causa de perderte.
Estavas tão secreto, no meu peyto,
Que eu mesmo, que te tinha, não sabia,
Que me senhoreavas deste geyto:
Descubristete agora, & foy por via,
Que teu descobrimento, & meu defeyto,
Hum me envergonha, & outro me injuria.

I. Part.

SONETO XCVIII.

SE depois de esperança tão perdida,
Amor pola ventura consentisse,
Que ainda algũa hora alegre visse,
De quantas tristes vio tão longa vida:
Hũa alma já tão fraca, & tão cahida,
Por mais alto, que a sorte me subisse,
Não tenho para mi, que consentisse
Alegria tão tarde consentida.
Não tão sómente Amor, me não mostrou
Hum hora, em que vivesse alegremente,
De quantas nesta vida me negou:
Mas inda tanta pena me consente,
Que co contentamento me tirou
O gozto d'algum hora ser contente.

SONETO XCIX.

O Rayo cristalino se estendia
Pelo mundo, da Aurora marchetada,
Quando Nise pastora delicada,
Donde a vida deyxava se parria
Dos olhos, com que o Sol escurecia,
Levando a vista em lagrimas banhada,
De si, do Fado, & tempo magoada,
Pondo os olhos no Ceo, alli dizia:
Nasce sereno Sol, puro, & luzente,
Resplandece Fermosa, & roxa Aurora,
Qualquer alma alegrando descontente:
Que a minha, sabe tu, que desde agora,
Já mais na vida a podes ver contente,
Nem tão triste nenhũa outra pastora.

SONETO C.

NO mundo poucos annos, & cansados
Vivi, cheos de vil miseria dura,
Foy me tão cedo a luz do dia escura,
Que não vi sinco lustros acabados,
Corri terras, & mares apartados,
Buscando à vida algum remedio, ou cura,
Mas aquillo, que em fim não quer ventura,
Não no alcanção trabalhos arriscados.
Crioume Portugal na verde, & cara
Patria minha Alam-quer, mas ar corruto,
Que neste meu terreno vaso tinha,
Me fez manjar de peyxes, em ti bruto
Mar, que bates na Abasia fera, & avara,
Tam longe da ditosa patria minha.

C

SO:

SONETO CI.

Que me quereis perpetuas saudades,
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo, que se vay, não torna mais,
E se torna, não tornaõ as idades:

Razaõ he já o annos, que vos vades,
Porque estês taõ ligeyros, que passais,
Nem todos para hum gosto são iguais,
Nem sempre são conformes as vontades:

Aquillo, a que já quiz, he tão mudado,
Que quasi he outra cousa, porque os dias
Tem o primeyto gosto já danado.

Esperanças de novas alegrias.
Naõ mas deýxa a Fortuna, & o tẽpo errado,
Que do contentamento são espias.

SONETO CII.

Verdade, amor, razaõ, merecimento,
Qualquer alma farão segura, & forte,
Porẽm Fortuna, caso, tempo, & forte,
Tem do confuso mundo o regimento.

Effeytos mil revolve o pensamento,
E não sabe, a que causa se reporte,
Mas sabe, que o que he mais, q' vida, & morte,
Que não o alcança humano entendimento.

Doutos varões darão razões subidas,
Mas são experiencias mais provadas,
E por isto he melhor ter muyto visto,

Cousa ha hi, que passaõ sem ser cridas,
E cousas cridas ha, sem ser passadas,
Mas o melhor de tudo he crer em Christo,

SONETO CIII.

Fouse o coração de muyto izento,
De si, cuydando mal, que tomaria
Taõ illicito amor, tal ousadia,
Tal modo nunca visto de tormento,

Mas os olhos pintáraõ tão atento,
Outros, que visto tem na fantasia,
Que a razaõ temerosa, do que via,
Fugio, deyxando o campo ao pensamento.

O Hypolito casto, que de geyto
De Fedra, tua madrastra foste amado,
Que não sabia ter nenhum respeyto:

Em mi vingou o Amor teu casto peyto,
Mas está desse agravo tão vingado,
Que se arrepende já, do que tem feyto.

SONETO CIV.

Que quizer ver d'Amor hũa excellẽcia,
Onde sua fineza mais seapura,
Atente onde me poem minha ventura,
Por ter de minha fé experiencia.

Onde lembranças matão a lõga ausencia,
Em temeroso mar, em guerra dura,
Alli a saudade está segura,
Quando mór risco corre a paciencia.

Mas ponhame a Fortuna, & o duro Fado
Em nojo, morte, dano, & perdição,
Ou em sublime, & prospera ventura: (do)

Ponhame em fim, em bayxo, ou alto esta,
Que até na dura morte me acharão,
Na lingua o nome, n'alma a vista pura.

SONETO CV.

Vos Ninfas da Gangetica espessura,
Cantay suavemente em vos sonora,
Hum grande Capitão, que a roxa Aurora
Dos filhos defendeo da noyte escura.

Ajuntouse a caterva negra, & dura,
Que na Aurea Chersoneso affouta móra,
Para lançar do caro ninho fóra
Aquelles, que mais pôdem, que a ventura.

Mas hum forte Leão com pouca gente,
A multidaõ taõ fera, como necia,
Destruindo castiga, & torna fraca.

Pois, o Ninfas, cantay, que claramente,
Mais do que Leonidas fez em Grecia,
O nobre Leonis fez em Malaca.

SONETO CVI.

Doce contentamento já passado,
Em que todo meu bem só consistia,
Quem vos levou de minha companhia,
E me deyxou de vós taõ apartado?

Quem cuydou, que se visse neste estado,
Naquellas breves horas d'alegria,
Quando minha ventura consentia,
Que de enganos vivesse meu cuydado?

Fortuna minha foy cruel, & dura,
Aquella, que causou meu perdimento,
Com a qual ninguem pôde ter cautela,

Nem se engane nenhũa creatura,
Que não pôde nenhum impedimento,
Fugir do que lhe ordena sua estrella.

SONETO CVII.

VOs, q̄ escutais em Rimas derramado
 Dos suspiros o som, que me alentava
 Na juvenil idade, quando andava
 Em outro em parte do que sou mudado:
 Sabey, que busca só do já cantado,
 No tempo, em que ou temia, ou esperava
 De quem o mal provou, q̄ eu tanto amava,
 Piedade, & não perdaõ, o meu cuydado:
 Pois vejo que tamanho sentimento
 Sò me rendeo fer fabula da gente
 (Do que comigo mesmo me envergonho)
 Sirva de exemplo claro meu tormento,
 Com que todos conheção claramente,
 Que quanto ao múdo apras he breve sonho.

SONETO CVIII. 10

DE amor escrevo, de amor trato, & vivo,
 De amor me nasce amar, sê fer amado:
 De tudo se descuyda o meu cuydado,
 Quanto não seja fer de Amor cativo.
 De Amor, que a lugar alto voe ativo,
 E funde a gloria sua em fer oufado;
 Que se veja melior purificado
 No immenso resplendor de hũ rayo esquivo.
 Mas ay, que tanto Amor só pena alcança!
 Mais constante ella, & elle mais constante,
 De feu triunto cada qual só trata.
 Nada enfim, me aproveyta; q̄ a esperança,
 Se anima algũa vez a hum triste amante,
 Ao perto vivifica, ao longe mata.

SONETO CIX. 11

SE da celebre Laura a fermosura
 Hum numerofo Cisne ufano escreve,
 Huma Angelica pena se te deve,
 Pois o Ceo em formarte mais se apura.
 E se voz menos alta te procura
 Celebrar, (ó Natercia!) em vaõ se atreve;
 De verte já a Ventura Lifo teve,
 Mas de cantarte faltalhe a ventura,
 No Ceo naceste, certo, & não na terra:
 Para gloria do mundo cá deceste;
 Quem mais isto negar, muyto mais erra.
 E eu imagino que de là vistes
 Para enmendar os vicios que elle encerra,
 Coos divinos poderes que trouxeſte.
 I. Parte.

SONETO CX.

ESses cabellos louros, & escolhidos,
 Que o ser ao aureo Sol estaõ tirando:
 Elle ar immenso, aõnde naufragando
 Estaõ continuamente os meus sentidos;
 Esses furtados olhos taõ fingidos,
 Que minha vida, & morte, estaõ causando:
 Essa divina graça, que em falando,
 Finge os meus pensamentos não ser cridos:
 Esse compasso certo, essa medida
 Que faz dobrar no corpo a gentileza:
 A divindade em terra, taõ lubida:
 Mostrem já piedade, & não crueza;
 Que saõ laços que Amor tece na vida,
 Sendo em mi sofrimento, em vòs dureza.

SONETO CXI.

Quem pudera julgar de vòs, Senhora,
 Que hũa tal fé pudesse assi perdervos?
 Se por amavros chego a aborreervos,
 Deyxar não posso o amavros algum hora.
 Deyxais a quem vos ama, ou vos adora,
 Por ver a quem quiçá não sabe vervos?
 Mas eu sou quem não soube mereervos,
 E esta minha ignorancia entendo agora.
 Nunca soube entender vossa vontade,
 Nem a minha mostrarvos verdadeyra,
 Inda que clara estava esta verdade.
 Esta, em quanto eu vos vir, vereis inteyra;
 E se em vaõ meu querer vos persuade,
 Mais vosso não querer faz que vos queyra.

SONETO CXII.

Quem, Senhora, presume de louvarvos
 Com discurso que baxe de divino,
 De tanto mayor pena será dino,
 Quanto vòs sois mayor ao contemplarvos.
 Não aspire algum canto a celebrarvos,
 Por mais que seja raro, ou peregrino;
 Pois de vossa belleza eu imagino
 Que só com voſco o Ceo quiz compararvos.
 Ditosa esta alma vossa a que quizeſtes
 Pór em posse de prenda taõ subida,
 Qual esta que begnina, enfim, me deſtes.
 Sempre será anteposta á mesma vida:
 Esta estimar em menos me fizeſtes,
 Se antes que effoutra a quero vér perdida.
 Cij SO

SONETO CXIII.

MOradoras gentis, & delicadas,
Do claro, & áureo Tejo, que metidas
Estais em suas grutas escondidas
E com docé repoulo fofegadas,
Agora esteis de amores inflamadas,
Nós cristalinos Paços entretidas,
Agora no exercicio embevecidas
Das telas de ouro puro matizadas.
Movey dos lindos rostos a luz pura
De vossos olhos bellos, consentindo
Que lagrimas derramem de tristura.
E assi com dor mais propria ireis ouvindo
As queyxas que derramo da Ventura
Que com penas de Amor me vay teguindo.

SONETO CXIV.

BRandas agoas do Tejo, que passando
Por estes verdes campos, que regais,
Plantas, ervas, & flores, & animais,
Pastores, Ninfas, ides alegrando:
Naõ sey (ah doces agoas!) naõ sey quão
Vos tornarey a ver; que magoas tais,
Vendo como vos deyxo, me causais,
Que de tornar já vou desconfiado.
Ordenou o Destino, desejo
De converter meus gostos em pesares,
Partida que me vay custando tanto.
Saudoso de vós, d'elle queyxofo,
Encherey de suspiros outros ares,
Turbarey outras agoas com meu pranto.

SONETO CXV.

NOvos casos de Amor, novos enganos,
Envoltos em lisonjas conhecidas;
Do bem promessas falsas, & escondidas,
Onde do mal se cumprem grandes danos.
Como não tomais já por defenganos,
Tantos ays, tantas lagrimas perdidas,
Pois que a vida não basta, nem mil vidas,
A tantos dias tristes, tantos annos?
Hum novo coração mister avia,
Com outros olhos menos agravados,
Para tornar á crer o que eu vós cria.
Andais comigo, Enganos, enganados;
E se o quizerdes ver, cuyday hum dia
O que se diz dos bem acutilados.

SONETO CXVI.

ONde porey meus olhos que não veja
A causa de que nasce o meu tormento?
A qual parte me irey co' o pensamento,
Que para descansar parte me seja?
Já sey como se engana quem deseja
Em vão amor fiel contentamento,
De que nos gostos seus, que são de vento,
Sempre falta seu bem, seu mal sobeja.
Mas inda, sobre o claro defengano,
Assi me tras esta alma sojugada,
Que d'elle está pendendo o meu desejo.
E vou de dia em dia, de anno em anno,
A pos hum não sey que, apos hum nada,
Que quanto mais me chego menos vejo.

SONETO CXVII.

JA do Mondego as agoas aparecem
A meus olhos, não meus, antes alheos,
Que de outras diferentes vindo cheos,
Na sua branda vista ainda mais crecem.
Parece que tambem forçadas decem,
Segundo se detem em seus rodeos,
Triste! Por quantos modos, quantos meos,
As minhas saudades me entristecem!
Vida de tantos males falteada,
Amor a poem em termos que duvida
De conseguir o fim desta jornada.
Antes se dá de todo por perdida,
Vendo que não vay da Alma acompanhada;
Que se deyxou ficar onde tem vida.

SONETO CXVIII.

Que doudo pensamento he o que figo?
Apos que vão cuydando vou correndo?
Sem ventura de mi! que não me entendo,
Nem o que callo sey, nem o que digo.
Pelejo com quem trata paz comigo;
De quem guerra me faz não me defendo.
De falsas esperanças que pretendó?
Quem do meu proprio mal me faz amigo?
Porque, se nasci livre, me cativo?
E pois o quero ser, porque o não quero?
Como me engano mais com defenganos?
Se já desesperey, que mais espero?
E se inda espero mais, porque não vivo?
E se vivo, que acuso mortaes danos?

SONETO CXIX.

HUm firme coração posto em ventura,
 Hum desejar honesto, que se engeyte
 Devossa condição, sem que respeyte
 A meu tão puro amor, a fé tão pura:

Hum vervos, de piedade, & de brandura,
 Sempre enemiga, fazme que sospeyte
 Se alguma Hircana fera vos deu leyte,
 Ou se nacestes de hũa pedra dura.

Ando buscando causa que desculpe illa
 Cruexa tão estranha; porém quanto
 Nisso trabalho mais, mais mal me trata.

Donde vêm, q̄ não ha quem nos não culpe
 A vós porque matais quem vos quer tanto,
 A mim por querer tanto a quem me mata.

SONETO CXX.

AR, que de meus suspiros vejo cheyo;
 Terra, cansada já com meu tormento;
 Agoa, que com mil lagrimas sustento;
 Fogo, que mais acendo no meu seyo.

Em paz estais em mim; & assi o creyo,
 Sem elle ser o vosso proprio intento;
 Pois em dor, onde falta o sofrimento,
 A vida se festeja por vosso meyo.

Ay imiga Fortuna! Ay vingativo
 Amor! A que discursos por vós venho,
 Sem nunca vos mover com minha magoa!

Se me quereis matar, para que vivo?
 E como vivo, se contrarias tenho
 Fogo, Fortuna, Amor, Ar, Terra, & Agoa?

SONETO CXXI.

JA claro vejo bem, já bem conheço
 Quanto aumentando vou o meu tormêto,
 Pois sey q̄ fũdo em agoa, escrevo em vêto,
 E que o cordeyro manso ao lobo peço.

Que Aracne sou, pois já com Palas teço;
 Que a Tigris em meus males me lamento;
 Que reduzir o mar a hũ vaso intento,
 Aspirando a esse Ceo que não mereço.

Quero achar paz em hum confuso inferno;
 Na noyte do Sol puro a claridade;
 E o suave Verao no duro Inverno.

Busco em luzente Olimpo escuridade;
 E o desejado bem no mal eterno
 Buscando Amor em vossa crueldade.

SONETO CXXII.

DE cá, donde sómente o imaginarvos
 A rigurosa ausencia me consente,
 Sobre as azas de Amor, ousadamente,
 O mal sofrido espirito vay buscarvos.

E senão receára de abraçarvos
 Nas chammas, que por vossa causa sente,
 Là ficàra com vosco, & vós presente
 Aprendera de vós a contentarvos.

Mas pois que estar ausente lhe he forçado,
 Por Senhora, de cá, vos reconhece,
 Aos pés de imagens vossas inclinado.

E pois vedes a fé que vos offrece,
 Ponde os olhos, de là, no seu cuydado,
 E darlheys inda mais do que merece.

SONETO CXXIII.

Não ha louvor que arribes à menor parte
 De quanto em vós se vé, bella Senhora;
 Vós sois vosso louvor; quem vos adora
 Reduz sómente a este o engenho, & arte.

Quanto por muytas Damas se reparte
 De bello, & de fermoso, em vós agora
 Se junta em modo tal, que pouco fora
 Dizer que sois o todo, ellas a parte.

Culpa, logo, não he, se vou louvarvos,
 Ver incapazes todos os louvores,
 Pois tanto quiz o Ceo aventearvos:

Seja a culpa de vossos resplandores,
 E a que elles tem vos dou, só para darvos
 O mòr louvor de todos os mayores.

SONETO CXXIV.

Não vãs ao Monte, Nise, com teu gado,
 Que là vi que Cupido te buscava:
 Por ti sómente a todos preguntava,
 No gesto menos placido que irado.

Elle publica, enfim, que lhe has roubado
 Os melhores sarpoens da sua aljava;
 E com hum dardo ardente assegurava
 Traspassar esse peyto delicado.

Fuge de verte, là nesta aventura,
 Porque se contra ti o tens iroso,
 Pode ser que te alcance com mão dura.

Mas ay! que em vão te advirto temeroso,
 Se à tua incomparavel fermosura
 Serende o dardo seu mais poderoso!

SONETO CXXV.

A Violeta mais bella que amanhece
No valle por esmalte da verdura,
Com seu palido lustre, & fermosura,
Por mais bella, Violante, te obedece.

Preguntafme, porque? Porque aparece
Em ti seu nome, & sua cor mais pura;
E estudar em teu rosto só procura
Tudo quanto em beldade mais florece.

O luminosa Flor! ò Sol mais claro!
Unico roubador de meu sentido,
Naõ permitas que Amor me seja avaro.

O penetrante Seta de Cupido!
Que queres? Que te peça por reparo
Ser neste Vale Eneas desta Dido?

SONETO CXXVI.

TOrnay essa brancura á alva açuçena,
E essa purpurea cor às puras rosas:
Tornay ao Sol as chamas luminosas
De essa vista que aroubos vós condena.

Tornay à suavissima, Sirena
Deessa voz as cadencias deleytosas;
Tornay a graça às Graças, que queyxosas
Estaõ de a ter por vós menos serena.

Tornay á bella Venus a belleza,
A Minerva o faber, o engenho, & a arte;
E a pureza à castissima Diana.

Despojayvos de toda essa grandeza
De doens; & ficareis em toda parte
Com vosco só, que he só ser inhumana.

SONETO CXXVII.

DE mil sospeytas vãs se me levantaõ
Trabalhos, & desgostos verdadeyros,
Ay! Que estes bens de Amor saõ feyticeyros,
Que com hũ naõ sey q̃ toda Alma encantaõ!

Como Sereas docemente cantaõ,
Para enganar os tristes marinheyros:
Os meus assi me atrahem lisongeyros,
E despois com horrores mil me espantaõ.

Quando cuydo que tomo porto, ou terra,
Tal vento selevanta em hum instante,
Que subito da vida desconfio.

Mas eu sou quem me faz a mayor guerra,
Pois conhecendo os riscos de hum Amante
Fiado a ondas de Amor, dellas me fio.

SONETO CXXVIII.

MIl vezes determino naõ vos ver,
Por ver se abranda mais o meu penar:
E se cuydo de assi me magoar,
Cuyday o que serà, se ouver de ser.

Pouco me importa já muyto soffrer,
Despois que Amor me pos em tal lugar;
E o que inda me doe mais he só cuydar,
Que mal sem esta dor posso viver.

Assi naõ busco eu cura contra a dor,
Porque buscando alguma entendo bem
Que nesse mesmo ponto me perdi.

Quereis que viva, enfim, neste rigor,
Sò mente o querer vosso me conyem
Assi quereis que seja? Seja assi.

SONETO CXXIX.

A Chaga que, Senhora, me fizestes,
Naõ foy para curarse em hum so dia;
Porque crescendo vay com tal porfia
Que bem descobre o intento que tivestes?

De causar tanta dor vos não doestes?
Mas a doervos, dor me naõ seria,
Pois já com esperança me veria
Do que vós que em mi visse naõ quiseistes.

Os olhos com que todo me roubastes
Foraõ causa do mal que vou passando,
E vós estais fingindo o naõ causastes.

Mas eu me vingarey. E sabeis quando?
Quando vos vir queyxar porque deyxastes
Irse a minha Alma nelles abraçando.

SONETO CXXX.

SE com desprezos, Ninfa, te parece
Que podes delviar do seu cuydado,
Hum coração constante que se ofrece
A ter por gloria o ser atormentado.

Deyxa a tua porfia, & reconhece
Que mal sabes de amor desenganado,
Pois naõ sentes, nem vés q̃ em teu mal crece
Crescendo em mi de ti mais desamado.

O esquivo desamor com que me tratas,
Converte em piedade, senaõ queres
Que creça o meu querer, & o teu desgosto.

Vencerme com cruezas nunca esperes:
Bem me podes matar, & bem me matas,
Mas sempre hade viver meu profuposto.

SONETO CXXXI.

Senhora minha, se eu de vòs ausente
Me defendera de hum penar severo,
Sospeyto que ofendera o que vos quero,
Esquecido do bem de estar presente.

Tras este logo sinto outro accidente,
E he ver que se da vida delespero,
Perco a gloria que vendo vos espero,
E assi estou em meus males diferente.

E nesta differença meus sentidos
Combatem com taò aspera porfia
Que julgo este meu mal por deshumano.

Entre li sempre os vejo divididos,
E se a caso concordão algum dia,
He só conjuraçãõ para meu dano.

SONETO CXXXII.

NO regaço da Mãy Amor estava
Dormindo taò fermoso que movia
O coraçãõ que mais isento o via,
E a sua propria Mãy de amor matava.

Ella co' os olhos nelle contemplava
A quanto estrago o Mundo reduzia:
Elle, porém, sonhando lhe dizia
Que todo aquelle mal ella o causava.

Solito, que graduado em seus amores,
De saber de ambos mais teve a ventura,
Assi soltou a duvida aos pastores:

Se bem me fere, n sempre sem ter cura
Do Minino os ardentes passadores
Mais me fere da Mãy a fermosura.

SONETO CXXXIII.

Este terrestre Caos com seus vapores
Naõ pode condensar as nuvens tanto,
Que o claro Sol naõ rompa o negro manto
Com suas bellas, & luzentes cores.

A ingrata daõ esquiva de rigores
Oposta nuvem he, que dura em quanto
Nos naõ converte o Ceo em triste pranto
Suas vans esperanças, seus favores.

Pòde-se contrapor ao Ceo a Terra,
E estar o Sol por horas eclipsado,
Mas naõ pode ficar escurecido.

Pode prevalecer a vossa guerra,
Mas a pesar das nuvens, declarado
Ha de ser vosso Sol, & obedecido.

SONETO CXXXIV.

HUma admiravel erva se conhece
Que vay ao Sol seguindo de hora em hora
Logo que elle do Eufrates se vê fora,
E quando estã mais alto, entã florece.

Mas quando ao Oceano o carro dece
Toda a sua belleza perde Flora.

Porque ella se emmurchece, & se descora,
Tanto co' a Luz ausente se entristece.

Meu Sol, quando alegrais esta Alma vossa,
Mostrandolhe esserosto que dà vida,
Cria flores em seu contentamento.

Mas logo, em naõ vos vendo, entristecida
Se murcha, & se consume em graõ tormêto
Nem ha quem vossa ausencia sofrer possa.

SONETO CXXXV.

CRecey, desejo meu, pois que a Ventura
Jã vos tem nos seus braços levantado;
Que a bella causa de que sois gerado,
O mais ditoso fim vos assegura.

Se aspirais por ousado a tanta altura,
Naõ vos espante aver ao Sol chegado:
Porque he Aguia Real vosso cuydado,
Que quanto mais o sofre mais seapura.

Animo, Coraçãõ, que o pensamento
Te pode inda fazer mais glorioso,
Sem que respeyte a teu merecimento.

Que creças inda mais he jã forçoso;
Porque se foy de ousado o teu intento,
Agora de atreyido he venturoso.

SONETO CXXXVI.

Heo gozado bem em agua escrito;
Vive no desejar, morre no effeyto:
O desejado sempre, he mais perfeyto,
Porque tem parte algũa de infinito.

Dar a hũa Alma immortal gozo prescrito,
Em verdadeyro amor fora defeyto:
Por modo superior, naõ imperfeyto,
Sois exceyçãõ de quanto aqui limito.

De hũa esperança nunca conhecida,
Da fé do desejar naõ alcançada,
Sereis mais desejada possuida.

Naõ podeis da esperança ser amada:
Vista podereis ser, & entã mais crida:
Porẽm, naõ sem agravo comparada.

SONETO CXXXVII.

DE quantas graças tinha a Natureza
Fez hum bello, & riquíssimo tesouro;
E com rubis, & rosas, neve, & ouro,
Formou sublime, & Angelica Belleza.

Pos na boca os rubis, & na pureza
Do bello rosto as rosas, por quem morro;
No cabello o valor do metal louro;
No peyto a neve, em q' a alma tenho acesa.

Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez delles hum Sol, onde se apura
A luz mais clara que a do claro dia.

Enfim, Senhora, em vossa compostura,
Ella a apurar chegou quanto sabia
De ouro, Rosas, Rubis, neve, & luz pura.

SONETO CXXXVIII.

Nunca em Amor danou o atrevimento;
Favorece a Fortuna á ousadia:
Porque sempre a encolhida covardia
De pedra serve ao livre pensamento.

Quem se eleva ao sublime Firmamento,
A estrellâ nelle encontra que lhe he guia:
Que obem que encerra em si a Fantasia,
São humas ilusões que leva o vento.

Abrir se devem passos à ventura:
Sem si proprio ninguem ferà ditoso:

Os principios sómente a Sorte os move.
Atrever se hê valor, & não loucura.

Perderá por covarde o venturoso
Que vos vé, se os temores não remove.

SONETO CXXXIX.

Doces, & claras agoas do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida, & perfida esperança
Longo tempo apos si me trouxe cego.

Dê vòs me aparto, si; porêm não nego
Que inda a longa memoria, q' me alcança,
Me não deyxá de vòs fazer mudança,
Mas quáto mais me alongo mais me achego.

Bem poderá a Fortuna este instrumento
Da Alma levar por terra nova, & estranha,
Offerecida ao mar remoto, ao vento.

Mas a Alma, que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeyro pensamento
Para vòs, Agoas, voa, & em vòs se banha.

SONETO CXL.

Senhor João Lopes, o meu baxo estado
Shontem vi posto em grao taõ excellente;
Que sendo vòs enveja a toda a gente,
Sò por mi vos quizeris ver trocado.

O Gesto vi suave, & delicado,
Que já vos fez contentê, & descontente,
Lançar ao vento a vòz taõ docemente
Que fez o ar sereno, & sossegado.

Vilhe em poucas palavras dizer quanto
Ninguem diria em muytas: mas eu chego
A espirar só de ouvir a doce fala.

O' mal aja a Fortuna, & o moço Cego;
Elle, que os corações obriga a tanto;
Ella, porque os Estados desfiguala.

SONETO CXLI.

A Morte que da vida o nò desfata,
Os nòs que dá o Amor cortar quisera
Co' a ausencia que he sobri' elle espada fera
E co' o tempo que tudo desbarata.

Duas contrarias, que húa a outra mata,
A morte contra Amor junta, & altera;
Húa, Razaõ contra a Fortuna austera;
Outra, contra a Razaõ Fortuna ingrata.

Mas mostre a sua Imperial potencia
A Morte em apartar de hum corpo a Alma;
O Amor num corpo duas almas una.

Para que assi triunfante leve a palma
Da Morte Amor a graõ pesar da ausencia,
Do Tempo, da Razaõ, & da Fortuna.

SONETO CXLII.

ARvore, cujo pomo bello, & brando,
Natureza de leyte, & fangue pinta,
Onde a pureza, de vergonha tinta,
Está virgineas faces imitando.

Nunca do vento, & ira, que arrancando
Ostroncos vaõ, o teu injuria sinta;
Nem por malicia de ar te seja extinta
A cor que está teu fruto debuxando.

E pois emprestas doce, & idoneo abrigo
A meu contentamento, & favoreces
Com teu suave cheyro a minha gloria.

Se eu não te celebrar como mereces,
Cantandote, se quer farey contigo
Doce nos calos tristes a memoria.

SONETO CXLIII.

O Filho de Latona esclarecido,
Que cõ seu rayo alegre a humana gête,
Matar pôde a Phitonica serpente
Que mortes mil avia produzido.

Ferio com arco, & de arco foy ferido.
Com ponta aguda de ouro reluzente:
Nas Thefalicas prayas docemente
Por a Ninfa Penea andou perdido.

Naõ lhe pode valer contra seu dano,
Saber, nem diligencias, nem respeyto
De quanto era celeste, & soberano.

Pois se hũ Deos nunca vio nem hũ engano
De quem era taõ pouco em seu relpeyto,
Eu que espero de hũ ser q̃ he mais q̃ humano.

SONETO CXLIV.

Presença bella, Angelica figura,
Em que quãto o Ceo tinha nos té dado;
Gesto alegre de rosas semeado,
Entre as quaes se està rindo a Fermosura:

Olhos, onde tem feyto tal mistura
Em cristal puro o negro marchetado,
Que vemos já no verde delicado,
Naõ esperança, mas enveja escura.

Brandura, aviso, & graça, que aumentãdo
A natural Belleza, cum desprezo,
Com que mais desprezada mais se aumenta
Saõ as prisões de hum coração, que preso,
Seu mal ao som dos ferros vay cantando,
Como faz a Serea na tormenta.

SONETO CXLV.

POr cima destas agoas forte, & firme
Irey adonde os Fados o ordenãrãõ
Pois por cima de quantas derramaraõ
Aquelles claros olhos pude virme.

Jã chegado era o fim de despedirme;
Jã mil impedimentos se acabãrãõ,
Quando rios de Amor se atravessãrãõ
A me impedir o passo de partirme.

Passayos eu com animo obstinado,
Com que a morte forçada, & gloriosa,
Faz o vencido já desesperado.

Em qual figura, ou gesto defusado,
Pode já fazer medo a morte irosa,
A quem tem a seus pès rendido, & atado?

1. Part.

SONETO CXLVI.

TAl môstra de si dà vossa figura,
Sibela, clara luz da redondeza,
Que as forças, & o poder da Natureza,
Com sua claridade mais apura.

Quem confiança ha visto taõ segura,
Taõ singular esmalte da belleza
Que naõ padeça mal de mais graveza,
Se resistir a seu amor procura.

Eu, Pois, por escusar tal esquivaça,
A razãõ fogeytey ao pensamento,
A quem logo os sentidos se entregãrãõ.

Se vos offende o meu atrevimento,
Inda podeis tomar nova vingança
Nas reliquias da vida que ficãrãõ.

SONETO CXLVII.

NA desesperaçãõ já repousava
O peyto longamente magoadõ;
E com seu dano eterno concertado,
Jã naõ temia, já naõ desejava.

Quando huma sombra vãa me assegurava,
Que algum bem me podia estar guardado
Em taõ fermosa Imagem, que o traslado
Na Alma ficou, que nella se elevava.

Que credito que dà taõ facilmente
O coração a aquillo que deseja,
Quando lhe esquece o fero seu destino!

Ah! deyxem me enganar; q̃ eu sou contéte;
Pois posto que mayor meu dano seja,
Ficame a gloria já do que imagino.

SONETO CXLVIII.

Diversos dões reparte o Ceo benino;
E quer q̃ cada hũa Alma hũ só possua;
Por isso ornou de casto peyto a Lua,
Que o primeyro orbe illustra, cristalino.

De graça a Mãy fermosa do Minino,
Que nessa vista tem perdido a sua;
Pallas de ciencia naõ mayor que a tua;
Tem Juno da Nobreza o Imperio dino.

Mas junto agõra o largo Ceo derrama
Em ti o mais que tinha, & foy o menos,
Em respeyto do Autor da Natureza.

Que a seu pelar te daõ, fermosa Dama,
Seu peyto a Lua, sua graça Venos,
Sua ciencia Pallas, Juno sua nobreza.

D

SO.

SONETO CXLIX.

GEntil Senhora, se a fortuna imiga,
Que contra mi cõ todo o Ceo conspira,
Os olhos meus de ver os vossos tira,
Porque em mais graves casos me perfiga.

Comigo levo esta alma, que se obriga
Na mór pressa de mar, de fogo, & d'ira
A dar vos a memoria, que suspira,
Sò por fazer com vosco eterna liga.

Nesta alma, onde a Fortuna pode pouco,
Taó viva vos teréy, que frio, & fome,
Vos não possaõ tirar, nem mais perigos.

Antes com som de voz trêmulo, & rouco,
Por vòs chamando, fô com vosso nome
Farey fugir os ventos, & os imigos.

SONETO CL.

Que modo taó futil da natureza
Para fugir ao Mundo, & seus enganos!
Permitte que se esconda em tenrros, annos,
Debaxo de hum burel tanta belleza.

Mas não pode esconderse aquella alteza,
E gravidade de olhos soberanos,
A cujo resplandor entre os humanos,
Resistencia não fiato, ou fortaleza.

Quem quer livre ficar de dor, & pena,
Venhoa já, já trazendoa na memoria,
Na mesma razaõ sua se condena.

Porque quem mereceo ver tanta gloria
Cativo ha de ficar, que Amor ordena,
Que de juro tenh'ella esta vitoria.

SONETO CLII.

Quando se vir com agoa o fogo arder,
Juntarse ao claro dia a noyte escura,
E a terra colocada lá na altura
Em que se vemos Ceos prevalecer.

Quando Amor à Razaõ obedecer,
E em todos for igual huma ventura
Deyxarey eu de ver tal Fermosura,
E de a amar deyxarey depois de aver.

Porém não tendo vista esta mudança
No mundo, porque, enfim, não pode verse
Ninguem mudar me queyra de querêvos.

Que basta estar em vos minha esperança,
E o ganharse a minha alma, ou o perderse,
Para dos olhos meus nunca perdervos.

SONETO CLII.

Quãdo a suprema dor muyto me aperta,
Se digo que desejo esquecimento,
He torça que se faz ao pensamento,
De que a vontade livre desconcerta.

Alli de erro taó grave me desperta
A luz do bem regido entendimento,
Que mostra ser engano, ou fingimento,
Dizer que em tal descanso mais se acerta.

Porque essa propria imagem, q̃ na mente
Me representa o bem de que careço,
Fazmo de hum certo modo ser presente,
Ditosa he, logo, a pena que padeço,
Pois que da causa della em mi se sente
Hum bem que inda sem veryos reconheço.

SONETO CLIII.

NA margem de hum ribeyro que fendia
Com liquido cristal hum verde prado,
O triste Pastor Liso debruçado
Sobre o tronco de hum freyxo alli dizia.

Ah! Natércia cruel! Quem te desvia
Esse cuydado teu do meu cuydado?
Se tanto hey de penar de enganado,
Enganado de ti viver quera.

Que foy de aquella fé que tu me deste?
De aquella puro amor que me mostraste?
Quem tudo trocar pode taó asinha?

Quando esses olhos teus noutrò puseste,
Como te não lembrou que me juraste
Por toda a sua luz, que erés só minha?

SONETO CLIV.

SE me vem tanta gloria só de olharte,
He pena desigual deyxar de verte
Se prefumo com obras merecete,
Graõ paga de hum engano he desejarte.

Se alpiro por quem és a celebrarte,
Sey certo por quem sou q̃ hey de offenderte
Se mal me quero a mi por bem quererte,
Que premio querer posso mais que amarte?

Porque hũ taó raro amor não me socorre?
Oh, humano tesouro! ò doce gloria!
Ditoso quem à morte por ti corre!

Sempre escrita estarás nesta memoria;
E esta alma vivirá, pois por ti morre;
Porque ao fim da batalha he a vitoria.

SONETO CLV.

Sempre a Razaõ vencida foy de Amor ;
 Mas porque alli o pedia o coração,
 Quis Amor ser vencido da Razaõ,
 Ora que caso pôde aver mayor !

Novo modo de morte, & nova dor !
 Estranheza de grande admiração,
 Pois enfim, seu vigor perde a afeção,
 Porque não perca a pena o seu vigor.

Fraqueza nunca a ouve no querer,
 Mas antes muyto mais se esforça aillim
 Hum contratio com outro por vencer,

Mas a Razaõ que a luta vence, enfim,
 Não creio que he Razaõ, mas deve ser
 Inclinação que eu tenho contra mim.

SONETO CLVI.

Coytado, q̄ em hum tempo choro & rio;
 Espero, & temo, quero, & aborreço;
 Juntamente me alegre, & me entristeço;
 Confio de huma cousa, & desconfio.

Voo sem azas; estou cego & guio;
 Alcanço menos no que mais mereço;
 Entaõ falo melhor quando em mudeço;
 Sem ter contradicção sempre porfio.

Possivel se me faz todo o impossivel;
 Intento com mudar me estar me quedo;
 Usar de liberdade, & ser cativo.

Queria visito ser, ser invisivel;
 Verme desenredado a mando o enredo,
 Taes os estremos saõ com que hoje vivo.

SONETO CLVII.

Julgame a gente toda por perdido,
 Vendome, taõ entregue a meu cuydado,
 Andar sempre dos homens apartado,
 E de humanos comercios esquecido.

Mas eu que tenho o Mundo conhecido,
 E quasi que sobre elle ando dobrado,
 Tenho por baxo, rustico, & enganado,
 Quem não he cõ meu mal engrandecido.

Vã revolvendo a terra, o mar, & o vento,
 Honras busque, & riquezas, & a outra gente,
 Vencendo ferro, fogo, frio, & calma.

Que eu por Amor sõmente me contento
 De trazer esculpido, eternamente,
 Vosso fermoso gesto dentro da alma.

CL Part.

SONETO CLVIII.

Olhos, a donde o Ceo cõ luz mais pura
 Quis dar de seu poder claros finais,
 Se quizerdes ver bem quanto possais,
 Vedeme a mi que sou vossa feytura.

Em mi viva vereis vossa figura
 Mais propria q̄ em purissimos cristais,
 Porque nesta alma he certo que vejais
 Melhor que num cristal tal fermosura.

De meu não quero mais que o meu desejo,
 Se acaso por quereiros mais mereço,
 Porque o vosso poder em mi se asselle.

Do mundo outra memoria em mi não vejo;
 Com lembrarme de vòs, delle me esqueço
 Com triunfardes de mi, triunfarey delle.

SONETO CLIX.

Criou a Natureza Damas bellas
 Que foraõ de altos plectros celebradas;
 Dellas tomou as partes mais prezadas,
 Ea vòs, Senhora, fez do melhor dellas.

Ellas diante vòs saõ as Estrellas,
 Que ficaõ com vos ver logo eclipsadas:
 Mas se ellas tem por Sol effas rosadas
 Luzes de Sol mayor, felices ellas!

Em perfeção, em graça, & gentileza,
 Por hum modo entre humanos peregrino,
 A todo bello excede essa Belleza.

Oh, quem tivera partes de divino
 Para vos merecer ! Mas se pureza
 De Amor val ante vòs, de vòs sou dino.

SONETO CLX.

Que esperais, Esperança ? Desespero.
 Quem disse a causa foy ? Hũa mudança.
 Vòs, Vida, como estais ? Sem esperança.
 Que dizeis, coração ? Que muyto quero.

Que sentis, Alma, vòs ? Que Amor he fero.
 E, enfim, como viveis ? Sem confiança.
 Quem vos sustenta, logo ? Huma lembrança.
 E só nella esperais ? So nella espero.

Em que podeis parar ? Nisto em q̄ estou.
 E em que estais vòs ? Em acabar a vida.
 E tendelo por bem ? Amor o quer.

Quem vos obriga assi ? Saber quem sou.
 E quem sois ? Quem de todo està rendida.
 A quem rendida estais ? A hum só querer.

Dij

SO

SONETO CLXI.

SE como em tudo o mais fostes perfeyta
 Foreis de condiçãõ menos elquiva,
 Fora a minha fortuna mais altiva,
 Fora a sua altiveza mais fogeita.

Mas quando a vida a vossos pés se deyta,
 Porque não a aceytas, não quer que eu viva:
 Ella propria de si já a mi me priva,
 Que porq' me engeytais, também me engeyta
 Se nisso contradiz vossa vontade,
 Mandaylhe vòs, Senhora, que dê fim
 A minha profundissima tristeza.
 Pois ella não mo dà porque piedade
 Tenha deste meu mal, mas porque em mim
 Possais assi faltar vossa cruezã.

SONETO CLXII.

SE algum'hora essa vista mais suave
 A caso a mi volveis, em hum momento
 Mê sinto com hum tal contentamento
 Que não temo que dano algum me agrave.

Mas quãdo com deldem esquivo, & grave,
 O bello rosto me mostrais isento,
 Humador provo tal, hum tal tormento,
 Que muyto vem a ser que não me acabe,
 Assi estã minha vida, ou minha morte,
 No volver de esses olhos; pois podeis
 Dar c'humã volta delles morte, ou vida.

Ditolo; eu, se o Ceo quer, ou minha forte,
 Que ou vida para dar volã me deis,
 Ou morte para aver morte querida.

SONETO CLXIII.

TAnto, se foraõ, Ninfa, costumando
 Meus olhos a chorar tua dureza,

Que vaõ passãdo já por Natureza,
 O que por Accidente hiaõ passãdo.

No que aõ sono, se deve estou velãdo,

E venho a velar só minha tristeza:

O choro não abrandã esta aspereza,

E meus olhos eitaõ sempre chorãdo.

Assi de dor em dor, de mágoa, em mágoa,

Consumindose vaõ inutilmente,

E esta vida também vaõ consumindo.

Sobre o fogo de Amor inutil agoa!

Pois eu em choro estou continuamente,

E do que vou chorãdo te vas rindo.

Assi nova corrente

Levas de choro em furo,

Porque de verte rir, de novo chora.

SONETO CLXIV.

EU me aparto de vòs, Ninfãs do Tejo,
 Quando menos temia esta partida:

E se a minha alma vay enristecida,

Nos olhos o vereis com que vos vejo,

Pequenas esperanças, mal fobejo,

Vontade que razãõ leva vencida,

Presto verãõ o fim á triste vida,

Se vos não torno a ver como desejo.

Nunca a noyte entretanto, nunca o dia,

Verãõ parti de mi vossa lembrança.

Amor, que vay comigo, o certefica.

Por mais que no tornar aja tardança,

Me farãõ sempre triste companhia

Saudades do bem que em vòs me fica.

SONETO CLXV.

Vencido está de Amor Meu pensamento

O mais que pode ser, Vencida a vida,

Sogeyta a vos servir, & Instituida,

Offerecendo tudo A vosso inteto.

Contente deste bem Louva o mometo,

Ou hora em que se vio Tambẽ perdida:

Mil vezes desejãdo Assi ferida,

Outras mil renovar Seu perdimento

Com esta pretençaõ Estã segura

A causa que me guia Nesta empresa

Tãõ sobrenatural, Honrosa, & alta

Jurãdo não querer Outra ventura,

Votãdo só por vòs Rara firmeza.

Ou ser nõ vosso amor Achado em falta

SONETO CLXVI.

DIvinã Companhia que nos prados

Do clato Eurotas, ou no Olimpo môte,

Ou sobre as margens da Castalia fonte

Vossos Estudos tendes mais sagrados:

Pois por destino dos immoveis Fados

Quereis que em vosso numero me conte,

No eterno Templo de Belorofonte

Ponde em bronze estes versos entalhados:

Soliso (porque em seculos futuros

Se veja da Belleza o que merece

Quem de sabia doudice a Mente inflama)

Seus escritos, da Sorte já seguros,

A estas Aras em hũa mãõ offrece,

E a Alma em outra á sua bella Dama.

SONETO CLXVII.

A La margen del Tajo en claro dia,
 Con rayado martil peynando estava
 Natercia sus cabellos, y quitava
 Con sus ojos la luz al Sol que ardia.
 Soliso, que qual Clitic la seguia,
 Lexos de ti, mas cerca della estava:
 Al son de su zampona celebrava
 La causa de su ardor, y assi dezia.
 Si tantas, como tu tienes cabellos,
 Tuviera vidas yo, me las llevaras
 Colgada cada qual del uno dellos.
 De no tenerlas tu me consolâras,
 Si tantas vezes mil como son ellos,
 En ellos la que tengo me enredâras.

SONETO CLXVIII.

P Or gloria tuve un tiempo el ser perdido;
 Perdiame de puro bien ganado:
 Gané quando perdi ser libertado;
 Libre agora me veo más vencido.
 Venci quando de Nise fuy rendido;
 Rendimi por no ser della dexado:
 Dexòme en la memoria el bien passado;
 Passa agora a llorar lo que he servido.
 Servia al premio de la Luz que amava;
 Amandola esperavale por cierto;
 Incierto me saliò quanto esperava.
 La esperança se queda en desconcierto;
 El concierto en el mal que no pensava;
 El pensamiento con un fin incierto.

SONETO CLXIX.

R ebuelvo en la incessable fantasia, (do,
 Quando me he visto en más dichoso esta-
 Si ago. a de Amor vivo inflamado,
 Si quando de su ardor libre vivia.
 Entonces desta llama solo huia
 Delpreciando en mi vida su cuydado:
 Agora, con dolor de lo passado,
 Tengo por gloria aquello que temia.
 Bien veo que era vida deleytosa
 Aquella que lo grava sin temores,
 Quando gultos de Amor tuve por viento.
 Mas viendo oy a Natercia tan hermosa,
 Hallo en esta prision glorias mayores,
 Y en perderlas por libre hallo tormento.

SONETO CLXX.

L As peñas retumbavan al gemido
 Del misero zagal, que lamentava
 El dolor que a su alma lantimava,
 De un obstinado desamor nacido.
 El mar que las batia su bramido
 Con los retumbos dellas ayuntava;
 Confuso son el viento derramava,
 En cavernosos valles repetido.
 Responden a mi llanto duras peñas:
 Ay de mi! (dixo) la mar brama, y gime;
 Los ecos fuenan de triteza llenos.
 Y tu, por quie la muerte en mi se imprime
 De oir las ansias mias te desdenas;
 Y quando lloro más te ablando menos,

SONETO CLXXI.

E N una selva al dispuntar del dia
 Estava Endimion triste, y lloroso,
 Buelto al rayo del Sol, que preturoso
 Por la falda de un monte descendia.
 Mirando al turbador de su alegria,
 Contrario de su bien, y su reposo,
 Tras un suspiro, y otro, congoxoso,
 Razones semejantes le dezia.
 Luz clara, para mi la más escura,
 Que con esse passeio apresurado,
 Mi Sol con tu tiniebla escureciste,
 Si allá pueden moverte en essa altura
 Las queexas de un Pastor enamorado,
 No tardes en bolver a dõ saliste.

SONETO CLXXII.

O rfeo enamorado que tañia
 Por la perdida Ninfa que buscava;
 En el Orco implacable donde estava,
 Con la arpa, y con la voz la enternecia.
 La rueda del xion no se movia,
 Ningun atormentado se quexava;
 Las penas de los otros ablandava,
 Y todas las de todos el sentia.
 El son pudo obligar de tal manera,
 Que en dulce galardón de lo cantado,
 Los Infernales Reyes condolidos.
 Le mandaron bolver su compañera,
 Y bolviola a perder el del dichado,
 Con que fueron entrambos los perdidos.

SONETO CLXXIII.

E U cantey já, & agora vou chorando
O tempo que cantey tão confiado:
Parece que no canto já passado
Se estavaõ minhas lagrimas criando.

Cantey, mas se me algué pergūta, quando?
Naõ sey que tambem fuy nisso enganado.
He taõ triste este meu presente estado,
Que o passado por ledo estou julgando.

Fizeram me cantar mánhosamente
Contentamentos naõ, mãs confianças:
Cantava, mas já era ao som dos ferros.
De quem me queyxcary, se tudo mente?
Porẽm, que culpas ponho às esperanças,
Onde a Fortuna injusta he mais q os erros?

SONETO CLXXIV.

A Y, Amiga cruel! que apartamento
He este que fazeis da patria terra?
Ay! Quem do amado ninho vos desterra,
Gloria dos olhos, bem do pensamento?

His tentar da Fortuna o movimento,
E dos ventos crueis a dura guerra?
Ver brenhas de ondas? Feyto o mar em serra
Levantada de hum vento, & de outro vento?

Mas já que vòs partis, sem vos partirdes,
Parta com vosco o Ceo tanta ventura,
Que se aventaje a aquella que esperardes.

E só desta verdade ide segura,
Que fazeis mais faudades com vos irdes,
Do que levais deléjòs por chegardes.

SONETO CLXXV.

C Ampo nas Syrtes deste mar da vida,
Apos naufragios seus tabpa segura:
Claros honanças em tormenta escura,
Habitacão da paz, de Amor guarida:

A ti fujo; & se vence tal fugida,
E quem mudou lugar mudou ventura,
Cantemos a victoria; & na espeffura
Triunfe a Honra da Ambição vencida.

Em flor, & fruto de Verão, & Outono
Utilmente murmuraõ claras agoas:
Alegre me acha aqui, me deyx a o dia.

Amantes roxinoes rompem me o sono.
Que ata o descanso: aqui sepulto magoas
Que já foraõ sepulcros de alegria.

SONETO CLXXVI.

A H, minha Dinamene, assi deyxaste
Quem nunca deyxar pode de quererte?
Que já, Ninfa gentil, não possa verte?
Que taõ veloz a vida desprezaste?

Como por tempo eterno te apartaste
De quem taõ longe andava de perderte?
Puðeraõ effas agoas defenderte
Que naõ visses quem tanto magoaste?

Nem sómente falarte a dura Morte
Me deyxou, que apressada o negro manto
Lançar sobre os teus olhos consentiste.

Oh mar! ò Ceo! ò minha escura sorte!
Qual vida perderey que valha tanto,
Se inda tenho por pouco o viver triste?

SONETO CLXXVII.

G Uardando em mi a sorte o seu dereyto,
Em verde me cortou minha alegria.

Oh quanto feneceo naquelle dia
Cuja triste lembrança arde em meu peyto:

Quando mais o imagino bem sospeyto
Que a tal bem tal desconto se devia;
Por não dizer o Mundo que podia
Acharse em seus enganos bem perfeyto.

Pois se a Fortuna o fez por descontarme
Esse delgosto em cujo sentimento
A memoria não faz senão matarme,

Que culpas pode dar-me o pensamento,
Se a causa que elle tem de atormentarme,
Tenho eu de sofre mal o seu tormento?

SONETO CLXXVIII.

C Antando estava hum dia bem seguro,
Quando passava Silvio, & me dezia;
(Silvio Pastor antiguo que sabia
Por o canto das aves o futuro.)

Lifo, quando quiser o Fado escuro,
A oprimirte virão em hum só dia
Dous lobos; logo a voz, & a melodia,
Te fugiraõ, & o som suave, & puro.

Bem foy assi; porque hum me degolou
Quanto gado vacum pastava & tinha,
De que grandes soldadas esperava.

E por mais dano o outro me matou
A Cordeyra gentil, que eu tanto amava,
Perpetua faudade da Alma minha.

SONETO CLXXIX.

O Ceo, a terra, o vento foflegado;
 As ondas que se estendem por a area;
 Os peyxes que no mar o sono enfrea;
 O nocturno silencio repoufado:
 O pescador Aonio, que deytado
 Onde co'o vento a agoa se menea,
 Chorando; o Nome amado em vaõ nomea;
 Que não pode ser mais que nomeado.
 Ondas (dizia) antes que Amor me mate,
 Tornayme à minha Ninfa, que taõ cedo
 Me fizestes à morte estar fogeita:
 Ninguem responde: o mar de longe bate;
 Move-se brandamente o arvoredos;
 Levalhe o vento a voz que ao vento deyta.

SONETO CLXXX.

AH, Fortuna cruel! Ah, duros Fados!
 Quão afinha em meu dano vos mudaf-
 Cõ os vossos cuydados me cansastes,
 E agora descansais co'os meus cuydados.
 Fizestes-me provar gostos passados,
 E vossa condição nelles provastes:
 Singelos em hum'hora mos levastes,
 Deyxando em feu lugar males dobrados.
 Quanto melhor me fora que não vira
 Os doces bens de Amor? Ah, bens suaves!
 Quem me deyxar sem vós, porque me deyxar?
 De quey xarte, Alma minha, te retira:
 Alma de alto caida em penas graves,
 Pois tanto mal te em vaõ, em vaõ te queyxa.

SONETO CLXXXI.

Quanto tẽpo, olhos meus, cõ tal lamento
 Vos hey de ver taõ tristes, & agravados?
 Não bastaõ meus suspiros inflamados,
 Que sempre em mi renovaõ feu tormento?
 Não basta consentir meu pensamento
 Em magoas, em tristezas, & em cuydados?
 Senão que aveis de andar taõ maltratados,
 Que lagrimas tendeis por mantimento?
 Não sey porque tomais esta vingança,
 Mostrandovos na ausencia taõ faudosos,
 Se sabeis quanto pode hũa esperança.
 Olhos, não agraveis outros fermolos,
 Tornando hum puro amor em esquivança,
 Pois ficais por esquivos deldeuhosos.

SONETO CLXXXII.

L Embrãças que lembrais o bem passado,
 Para que sinta mais o mal presente;
 Deyxayme, se quereis, viver contente,
 Moirer não me deyxeis em tal estado.
 Se de todo, com tudo, estã do Fado,
 Que eu morra de viver taõ descontente,
 Venhametodo o bem por accidente,
 E todo o mal me venha por cuydado.
 Que muyto melhor he perderse a vida,
 Perdendose as lembranças da memoria,
 Pois fazem tanto dano ao pensamento.
 Porque, enfim, nada perde quem perdida
 A esperança tem já de aquella gloria
 Que fazia suave o feu tormento.

SONETO CLXXXIII.

Quando os olhos emprẽgo no passado,
 De quãto passey me acho arrepedido;
 Vejo que tudo foy tempo perdido;
 Que todo emprego foy mal empregado.
 Sempre no mais danoso mais cuydado;
 Tudo o que mais cumpria mal cumprido
 De delenganos menos advertido
 Fuy, quando de esperanças mais frustrado;
 Os Castellos que erguia o pensamento,
 No ponto que mais altos os erguia,
 Por esse chaõ os via em hum momento.
 Que erradas contas faz a Fantasia!
 Pois tudo pára em morte, tudo em vento,
 Triste o que espera! triste o que confia!

SONETO CLXXXIV. 2

J A cãtey, já chorey a dura guerra
 Por Amor sustentada longos annos;
 Vezes mil me vedou dizer seus danos;
 Por não ver quem o segue o muyto q'erra.
 Ninfas, por qué Castalia se abre, & cerra;
 Vós que fazeis à morte mil enganos,
 Concedeyme já alentos soberanos,
 Para que diga o mal que Amor encerra.
 Para que aquelle, que o leguir ardente,
 Veja em meus puros versos hum exemplo
 De quanto em glorias prometidas mente,
 Que inda q' em triste estado me cõtemplo,
 Se neste assunto me inspirais, contente
 Darey a minha lira ao vosso tempo.

SONETO CLXXXV.

OS meus alegres venturosos dias,
 Passarão, como rayo brevemente,
 Movem-se os tristes mais pesadamente
 Apos das fugitivas alegrias!
 Ah fallas pretensões! Vans fantasias!
 Que me podeis já dar que me contentes?
 Já de meu triste peyto a chama ardente,
 O Tempo reduzio a cinzas frias.
 Nellas revolvo agora erros passados,
 Que outro fruto não deu a mocidade,
 A quem vergonha, & dor minha alma deve.
 Revolvo mais de toda a mais idade,
 Desejos vão, vão choros, vão cuydados,
 Para que leve tudo o Tempo leve.

SONETO CLXXXVI.

AS horas breves de meu contentamento,
 Nunca me pareceo quando vos tinha,
 Que vos visse mudadas tão asinha
 Em tão compridos annos de tormento.
 As altas torres, que fundey no vento,
 Levou, enfim, o vento que as sostinha:
 Do mal que me ficou a culpa he minha,
 Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.
 Amor com brandas mostras apparece,
 Tudo possível faz, tudo assegura;
 Mas logo no melhor desaparece.
 Estranho mal! Estranha desventura!
 Por hum pequeno bem, que desfallece,
 Hum bem aventurar que sempre dura!

SONETO CLXXXVII.

ONde acharey lugar tão apartado,
 E tão isento em tudo da Ventura,
 Que, não digo eu de humana criatura,
 Mas nem de feras seja frequentado?
 Algum bosque medonho, & carregado,
 Ou selva solitaria, triste, & escura,
 Sem fonte clara, ou placida verdura:
 Enfim, lugar conforme a meu cuydado?
 Porque alli nas entranhas dos penedos,
 Em vida morto, sepultado em vida,
 Me queyxe copiosa, & livremente.
 Que pois a minha pena he sem medida,
 Alli não ferey triste em dias ledos;
 E dias tristes me farão contente.

SONETO CLXXXVIII.

A Qui de longos danos breve historia
 Verão os que se jaçtaõ de amadores:
 Reparo pode ser das suas dores
 Não apartar as minhas da memoria.
 Escrevi, não por fama, nem por gloria,
 De que outros versos são merecedores;
 Mas por mostrar seus triunfos, seus rigores,
 A quem de mi logrou tanta vitoria.
 Crecendo foy a dor co'o tempo tanto,
 Que em numero me fez, alheo de arte,
 Dizer do cego Amor que me venceo.
 Se ao câto dey a voz, dey a alma ao prato,
 E dando a pena a mão, esta só parte
 De minhas tristes penas escreveo.

SONETO CLXXXIX.

POr sua Ninfa Céfalo deyxava
 A Aurora, que por elle se perdia,
 Posto que dá principio ao claro dia,
 Posto que as roxas flores imitava.
 Elle, que a bella Procris tanto amava,
 Que só por ella tudo engeytaria,
 Deseja de tentar se lhe acharia
 Tão firme fé como ella nelle achava.
 Mudado o trage, tece hū duro engano:
 Outro se finge; preço poem diante:
 Quebrase a fé mudavel, & contente.
 Oh sutil invenção para seu dano!
 Vede que manhas busca hum cego amante,
 Para que sempre seja descontente!

SONETO CXC.

SEntindose alcançada a bella Esposa
 De Céfalo no crime consentido,
 Para os montes fugia do marido;
 E não sey se de astuta, ou vergonhosa.
 Porque elle, enfim, sofrendo a dor ciofa,
 Da cegueyra obrigado de Cupido,
 Apos ella se vay como perdido,
 Já perdoando a culpa criminosa.
 Deytase aos pés da Ninfa endurecida;
 Que do ciofo engano está agravada;
 Já lhe pede perdaõ, já pede a vida.
 Oh força de affeyção defatinada!
 Que da culpa contr'elle cometida,
 Perdaõ pedia á parte que he culpada!

SONETO CXCI.

SEguia aquelle fogo que o guiava,
 Leandro contra o mar, & contra o vento,
 Quebravaõlhe ondas o animoso alento,
 Por mais & mais q' Amor lho renovava.

Com sentir já que quasi lhe faltava,
 Sem nada elmorecer, no pensamento
 (Não podendo falar) de seu intento
 O fim ao surdo mar encomendava.

Oh mar (dezia o moço sò consigo)
 Já te não peço a vida; sò queria
 Que a de Ero me salvasses: não me veja.

Este defunto corpo lá o desvia
 De aquella torre: seme nisto amigo,
 Pois no meu mayor bem me ouveste enveja.

SONETO CXCI.

OSolhos onde o Casto Amor ardia,
 Ledo de te ver nelles abrasado;
 O rosto onde com lustre defusado
 Purpurea rosa sobre neve ardia.

O cabelle que enveja ao Sol fazia,
 Porque fazia o seu menos dourado;
 A branca mão, o corpo bem talhado,
 Tudo aqui se reduz a terra fria.

Perfeyta fermosura em tenra idade,
 Qual flor que anticipada foy colhida,
 Murchada está da mão da morte dura.

Como não morre Amor de piedade?
 Não della, que se foy á clara vida,
 Mas de si, que ficou em noyte escura.

SONETO CXCI.

Ditosa pena, como a mão que a guia,
 Com tantas perfeções da sutil Arte,
 Que quádo com razão venho a louvarte,
 Em teus louvores perco a fantasia.

Porém Amor, que effeytos varios cria,
 De ti cantar me manda em toda parte,
 Não em plectro belligero de Marte,
 Mas em suave & branda melodia.

Teu nome Emmanuel, de hũ noutro Polo,
 Voando se levanta, & te pregoa,
 Agora que ninguem te le vantava.

E porque immortal tejas; eys Apolo
 Te offrece de flores a Coroa
 Que já de longo tempo te guardava.

I. Part.

SONETO CXCI.

ESpanta crecer tanto o Crocodilo,
 Sò por leu limitado nacimiento;
 Que se mayor nacera, mais isento
 Estivera de espanto o patrio Nilo.

Em vão levantarà meu baxo estilo
 Vosso Pontifical novo ornamento,
 Pois no ventre o immortal merecímto
 Volo talhou para despois vestilo.

Tardou, mas veyo: q' a qué mais merece,
 Vir o premio mais tarde he sempre certo
 Inda que vez alguma venha cedo.

os Ceos que do primeyto estaõ mais perto,
 Mais de vagar se movem. Quem conhece
 Sobre aquelle segredo, este segredo!

SONETO CXCV.

ORnou sublime Esforço a o grãde Atlãte,
 Com que a celeste ma quina sustenta,
 Honrou a Homero o Engenho, cõ q' intèta
 Grecia do quarto Ceo passallo ayante.

Coroou claro Amor de amor constante
 A Orfeo, na paz firme, & na tormenta,
 Inspirou a Fortuna, em tudo isenta,
 A Cesar de quem foy hũ tempo amante.

Exaltaste tu, Fama, a gloria alta
 De Alcides là no monte em que resides, (ma)
 Mas Castro, em qué o Ceo seus dões derra.

Mais orna, honra, coroa, inspira, exalta,
 q' Atlãte Homero, Orfeo, Cesar, & Alcides,
 Esforço, Engenho, Amor, Fortuna, & Fama.

SONETO CXCVI.

Despois q' vio Cibele o corpo humano
 Do fermoso Atys seu verde pinheyro,
 Em piedade o vaõ furor primeyro
 Convertido, chorava o grave dano.

E à sua dor fazendo illustre engano,
 A Jupiter pedio que o verdadeyro
 Preço da nobre Palma, & do Loureyro,
 Ao seu Pinheyro dèsse, soberano.

Mais lhe concede o Filho poderoso,
 Que crescendo as Estrellas tocar possa,
 Vendo os segredos la do Ceo lupremo.

Oh, ditoso Pinheyro! ó mais ditoso
 Quem se vir coroar da rama vossa,
 Cantando á vossa sombra verso eterno!

E

SO.

SONETO CXC VII.

Pois torna por feu Rey, & juntamente
 Por Christo, a governar aquella parte
 Onde se tem mostrado hū Numa, hū Marte,
 O famoso Luis, justo, & valente:
 O Tejo espere ver de todo o Oriente,
 Onde se taõ raros dões o Ceo reparte,
 Render a tanto esforço, aviso, & arte,
 Mil palmas, mil tributos novamente,
 Os que bebem no Gange, os que no Indo,
 A quem pouco valeraõ lança, & escudo,
 O renderse teraõ por bom partido,
 O Eufrates temerá, seu nome ouvindo:
 Que para d'elle ver vencido tudo,
 Ja vio do braço seu tudo vencido.

SONETO CXC VIII.

Agora toma a espada, agora a pena,
 Estacio nosso, em ambas celebrado,
 Sendo, ou no falso mar de Marte amado,
 Ou na agoa doce amante da Camena,
 Cifre Sonoro por Ribeyra amena,
 De mi para cantarte he cobizado,
 Porque naõ podes tu ser bem cantado,
 De ruda frauta, nem de agreste avena:
 Se eu que a pena tomey, tomey a espada,
 Para poder jugar licença tenho,
 Desta alta influença de dous Planetas,
 Com hũa, & outra luz delles, lograda,
 Tu com pujante braço, ardente en genho,
 Serás Fato a Soldados, & a Poetas:

SONETO CXC IX.

ERros, meus, mã Fortuna, Amõr ardete,
 Em minha perdição se conjuraraõ:
 Os erros, & a Fortuna tobejaraõ,
 Que para mi bastava Amor fõmente:
 Tudo passsey, mãs tenho taõ presente
 A grande dor das cousas que passaraõ,
 Que já as frequencias suas me ensinaraõ,
 A deijos deyxar de fer contente:
 Errey todo o discurso de meus annos,
 Dey causa a que Fortuna castigasse,
 As minhas mal fundadas esperanças,
 De Amor naõ vi sentio breves enganos,
 O! quem tanto pudesse que fartasse
 Este meu duro Genio de vinganças!

SONETO CC.

CA nesta Babilonia adonde maia
 Materia a quanto mal o mundo cria:
 Cà dondê o puro Amor naõ tem valia,
 Que a Mãy, q manda mais, tudo profana:
 Cà dondê o mal se afina, o bem se dana,
 E pòde mais que a honra a tirania:
 Cà donde a errada, & cega Monarquia
 Cuyda que hūm nome vaõ a defengana:
 Ca neste laberinto onde a Nobreza,
 O Valor, & o Saber, pedindo vaõ
 As portas da Cobiça, & da Vileza:
 Ca neste escuro Caos de confusaõ,
 Comprindo o curlo estou da Natureza,
 Vê-se me esquecerey de ti, Siaõ!

SONETO CCI.

COrrem turbas as agoas deste rio,
 Que as rapidas enchentes enturbaraõ:
 Os florecidos campos se secaraõ;
 Intrata vel se fez o valle, & frio.
 Passou, como o Veraõ, o ardente Estio;
 Humas cousas por outras se trocaõ:
 Os fementidos Fados já deyxaraõ
 Do Mundo o regimento, ou desvario.
 Já o Tempo a ordem sua tem sabida,
 O Mundo naõ: mas anda taõ confuso,
 Que parece que d'elle Deos se esquece.
 Casos, õpinhões, Natura, & uso,
 Fazem que nos pareça desta vida
 Que naõ ha nella mais do que parece.

SONETO CCII.

VOs outros que buscais repouso certo
 Na vida, com diversos exercicios;
 A quem, vendo do Mundo os beneficios,
 O regimento seu fica encuberto.
 Dedicay, se quereis, ao desconcerto
 Novas honras, & cegos sacrificios;
 Que por castigo igual de antigos vicios,
 Quer Deos que andê as cousas por acerto.
 Naõ cahio neste modo de castigo
 Quê pos culpa á Fortuna; quem fõmente
 Crê que acontecimientos ha no Mundo.
 A grande experiencia he graõ perigo:
 Mas o que a Deos he justo, & evidente,
 Parece injusto aos homens, & profundo.

SONETO CCIII.

Para se namorar do que criou,
Te fez Deos, Sacra Fenix, Virgem pura.
Vede que tal seria esta Feytura
Que para si o seu Feytor guardou!
No seu alto conceyto te formou
Primeyto que a primeyra criatura;
Para que unica fosse a compostura
Que de tão longo tempo se estudou.
Não sey se digo em tudo quanto basta
Para exprimir as raras calidades
Que quis criar em ti quem tu criaste.
Es Filha, Mãe & Esposa: & se alcançaste
Huma só, tres tão altas dignidades,
Foy porq̃ a Tres de Hũ lo tanto agradaste.

SONETO CCIV.

DEce do Ceo immenso Deos benino,
Para encarnar na Virgem Soberana.
Porque dece divino a cousa humana?
Para subir o humano a ser divino.
Pois como vem tão pobre, & tão Minino,
Rendendose ao poder da mão tirana?
Porque vem receber morte inhumana
Para pagar de Adão o delatino.
He possivel que os dous o fruto comem
Que de quem lhes deu tanto, foy vedado?
Si, porque o próprio ser de Deoses tomem.
E por esta razão foy humanado?
Si, porque foy com caula decretado,
Se quiz o homẽ ser Deos, q̃ Deos fosse homẽ.

SONETO CCV.

DOs Ceos à terra dece a mór Belleza;
Unefe a nossa carne, & a faz nobre:
E sendo a humanidade d'antes pobre,
Hoje subida fica à mór riqueza.
Busca o Senhor mais rico a mór pobreza;
Que como ao mudo o seu amor descobre,
De palhas vis o corpo tenro cobre,
E por ellas o mesmo Ceo despreza.
Como? Deos em pobreza á terra dece?
O que he mais pobre tanto lhe contenta,
Que este sómente rico lhe parece.
Pobreza este Presépio representa;
Mas tanto por ser pobre já merece,
Que quanto mais o he, mais lhe contêta.

I. Part.

SONETO CCVI.

Porque a tamanhas penas se offrece
Por o peccado alheo, & erro infano,
O Trino Deos? Porque o logeyto humano
Não pode co' o castigo que merece.
Quem padecerá as penas que padece?
Quem sofrerá deshonna, morte, & dano?
Quem será, se não for o Soberano
Que reyna, & servos manda, & obedece?
Foy a força do homẽ em tão pequena
Que não pode foster tanta aspereza,
Pois não fosteve a Ley que Deos ordena.
Mas sofrea aquella immensa Fortaleza
Por amor puro: que a mortal fraqueza
Foy para o erro, & não já para a pena.

SONETO CCVII.

(tos,
DEpois de aver chorado os meus tormẽ-
Quer Amor q̃ lhe cante as suas glorias,
Canto de huma Belleza os vencimentos,
De hũ longo padecer choro as memorias,
Porẽm se as minhas penas são vitorias,
Por a causa, a meus altos pensamentos,
Dilatemse em larguissimas historias
Estes meus gloriosos rendimentos.
Movase em todo o mundo unico espanto;
De que he; por a Belleza que eu adoro,
Do que cantado tenho premio o pranto.
Contente o freço à Amor tão triste foro:
Que se choro não ha como o meu canto,
Não sey canto melhor q̃ este meu choro.

SONETO CCVIII.

ONde mereci eu tal pensamento,
Nunca de ser humano merecido?
Onde mereci eu ficar vencido
De qué tanto me honrou co' o vencimẽto?
Em gloria se converte o meu tormento,
Quando vendome estou tão bem perdido,
Pois não foy tanto mal ser atervido,
Como foy gloria o mesmo atrevimento.
Vivo, Senhora só de contemplarvos;
E pois esta Alma tenho tão rendida,
Em lagrimas desfeyto acabarey.
Porque não me faraõ deyxar de amarvos,
Receos de perder por vós a vida,
Que por vós vezes mil a perderey.

SONETO CCIX.

DE frescas belvederes rodeadas
Estaõ as puras agoas desta fonte:
Fermosas Ninfas lhe estaõ de fronte,
A vencer, & a matar acostumadas.

Andaõ contra Cupido levantadas:
As suas graças, que não ha quem conte:
De outro valle esquecidas, de outro monte,
A vida passaõ neste fofegadas.

O teu poder juntou, sua valia,
Amor já não sofrendo este desprezo,
Sõmente por se ver dellas vingado:

Mas vendoas, entendo que não podia
De ser morto livrar-se, ou de ser preso,
E ficou-se com ellas desarmado.

SONETO CCX.

NOs braços de hũ Silvano adormecendo
Se estava aquella Ninfa que eu adoro,
Pagando com a boca o doce foro,
Com que os meus olhos foy escurecendo.

O bella Venus! Porque estás sofrendo
Que a mayor fermosura do teu Coro,
Em hum poder tão vil perca o decoro
Que o merito mayor lhe está devendo?

Eu levarey de aqui por presuposto
Desta nova estranheza que fizeste,
Que em ti não pode aver coula segura:

Que pois o claro lumie, o bello rosto
A aquelle monstro tão disforme deste,
Não creio que aja Amor, senão Ventura.

SONETO CCXI.

QUe diz q Amor he falso, ou enganoso,
Ligeyro, ingrato, vaõ, desconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe seja cruel, ou riguroso.

Amor he brando, he doce, & he piadoso;
Quem o contrario diz, não seja crido:
Seja por cego, & apayxonado tido,
E aos homens, & inda aos Deoses odiolo.

Se males faz Amor, em mim se vem,
Em mim mostrando todo o seu rigor,
Ao mundo quis mostrar quanto podia.

Mas todas suas iras são de amor;
Todos estes seus males são hum bem,
Que eu por todo outro bem não trocaria.

SONETO CCXII.

Fermosa Beatriz, tendes taes geytos
Num brando rebover dos olhos bellos,
Que só no contemplallos, senão vellos,
Se inflamaõ corações, & humanos peytos.

Em toda perfeçãõ são tão perfeytos,
Que o desengano daõ de mercellos:
Não pôde haver quem possa conhecellos
Sem nelle Amor fazer grandes effeytos.

Sentiraõ, por meu mal, tão graves danos
Os meus, que com os ver cegos, & tristes
Ficaraõ sem prazer, co'a luz perdida.

Mas já que vós com elles me feristes,
Tornay-me a ver com elles mais humanos,
E deyxareis curada esta ferida.

SONETO CCXIII.

A Legres campos, verdes, deleytosos,
Suaves me feraõ vossas boninas,
Em quanto forem vistos das mininas
Dos olhos de Ines bella tão fermosos.

Dos meus, que vos feraõ sempre envejosos
Por não verem estrellas tão divinas,
Sereis regados de agoas peregrinas,
Soprados de suspiros amorosos.

E vós, douradas flores, por ventura
Se Ines quizer fazer de meus amores
Experiencias na folha derradeyra.

Mostray-lhe, para ver minha fé pura,
O bem que sempre quis, fermosas flores,
Que entãõ não sentirey que mal me queyra.

SONETO CCXIV.

Ondados fios de ouro, onde enlazado
Continuamente tenho o pensamento;
Que quanto mais vos solta o fresco vento,
Mais preso fico entãõ de meu cuydado.

Amor, de hũs bellos olhos sempre armado,
Me combate co'as forças do tormento,
Provando da minha alma o sofrimento
Que à justa ley da Paz trago obrigado.

A ssi que em vosso gesto mais, que humano
Amo a paz juntamente, & o perigo:
E em amar hum & outro não me engano.

Muytas vezes dizendo estou comigo,
Que pois he tal a causa de meu dano,
He justa a Guerra, he justa a Paz que sigo.

SONETO CCXV.

A Mor q̄ em fônho vãos do pensamento
Paga o zelo mayor de seu cuydado,
Em toda condição, em todo estado,
Tributario me fez de seu tormento.

Eu sirvo, eu canço, & o graõ merecimento
De quanto tenho a Amor sacrificado,
Nas mãos da ingratitude despedaçado
Por presa vay do eterno esquecimento.

Mas quãdo muyto, enfim, creça, o perigo
A que perpetuamente me condena
Amor, que Amor não he, mãs enemigo.

Tenho hũ grãde descanso em minha pena,
Que a gloria do querer, que tanto sigo,
Não pode ser co'os males mãs pequena.

SONETO CCXVI.

N Em o tremêdo estrepito da guerra
Com armas, com incendios espantolos
Que despachão pelouros perigosos,
Bastantes a abalar hũa alta ferra,

Podem por medo a quem nenhũ encerra,
Depois que vio os olhos tão fermosos,
Por quem o horror nos casos pavorosos,
De mim todo se aparta, & se desterra.

A vida posso ao fogo & ferro dar,
E perdella em qualquer duro perigo,
E nelle, como Fenix, renovar.

Não pode mal aver para comigo,
De que eu já me não possa bem livrar,
Senão do que me ordena Amor imigo.

SONETO CCXVII.

Fouse o coração, de muyto isento,
De si; cuydando mal que tomaria
Tão illicito amor, tal ousadia,
Tal modo nunca visto de tormento.

Mãs os olhos pintãrãõ tão atento
Cutros que vistos tem na fantasia;
Que a razão temerosa do que via,
Fugio deyxando o campo ao pensamento.

O Hipolito casto, que de geyto
De Fedra tua madrastra foite amado,
Que não sabia ter nenhum respeyto

Em mim vingou Amor teu casto peyto;
Mas está deste agravo tão vingado,
Que se arrepende já do que tem feyto.

SONETO CCXVIII.

QUê quizer ver de Amor hũa excellência
Onde sua fineza mais seapura,
Atente onde me poem minha ventura,
Porque de minha fé faça experiencia.

Onde lembranças mata a larga ausencia
Em temeroso mar, em guera dura,
A saudade allí está mais segura,
Quando risco mayor corre a paciencia.

Mas ponhame a Fortuna, & o duro Fado,
Em morte, ou nojo, ou dano, ou perdição,
Ou em sublime, & prospera ventura.

Ponhame, enfim, em baxo, ou alto estado,
Que atè na dura morte me acharãõ
Na lingua o nome, & na alma avista pura.

SONETO CCXIX.

L Os ojos qué con blando movimiento
Al pailar enternecen la Alma mia,
Si detener pudiera solo un dia,
Pudiera bien librarla de tormento.

Desto tan amoroso sentimiento
El importuno mal se acabaria;
O tambien su accidente creceria
Para acabar la vida en un momento.

O si ya tu esquivaz me permitiesse
Que al ver, ò Ninfa, tu sembrãte hermoso,
A manos de tus ojos yo muriesse.

O si los detuvieras! quan dichoso.
Seria aquel momento en que me viesse
Vida en ellos cobrar, cobrar reposo.

SONETO CCXX.

N O bastava que Amor puro, y ardiente,
Por terminos la vida me buitasse
Mas que la muerte allí se apresurasse
Con un deshumanissimo accidente?

No pretendiò mi Alma, aun que lo siente,
Que el riguroso curso se atajasse
Porque nunca morir se exprimentasse
Desamado el que amò tan dulcemente.

Mas vuestra voluntad tan poderosa
Con essas gracias vuestras ordenaron
Crueldad allí imposible, o nunca oida.

Aquel frio desden, y la amorola
Furia, de un golpe solo me quitaron
Con dós contrarias muertes una vida.

SONETO CCXXI.

A Yudame, Señora, a ser vengança
De tal selvaticuez, de tal rudeza,
Pues de mi poquedad, de mi baxeza,
Osado a ti elevava la esperança.
A essa tu perfeccion, que no se alcança;
A essas sublimes cumbres de belleza,
Donde una vez llegò Naturaleza,
Mas de bolver perdió la confiança.
Aquello que en ti miro contemplando,
Que a penas contemplarlo me consiente,
Contemplandolo más, menos lo espero.
Si gloria de mi pena en ti se siente,
Derrama en mi tus iras, desamando,
Que a lofenderme más yo más te quiero.

SONETO CCXXII.

O Cláras aguas deste blando rio,
Que en vós al natural estais pintando
El frondifero adorno con que alzando
Se va a los Cielos este bosque umbrio.
Assi las llubias, assi el Austro frio
Já más puedan veniros enturbiando,
Que os vais del seco Estio preseryando
Con focorreros deste llanto mio.
Y quando en vós Marfisa se mirare,
Mi figura, qual veis desfallecida,
Ante sus claros ojos puesta sea.
Y si por mi de vós los apartare,
De verme alli mostrandose offendida,
En pena de no verme no se vea.

SONETO CCXXIII.

Mil vezes entre sueños tu figura,
Oh bella Ninfa, claramente veo:
Y quando más la miro, mas deseo
Gozar libre de sueños su hermosura.
En tanto que este dulce engaño dura,
Vivo en la vana gloria que posseo:
Mas quanto allí se eleva mi deseo,
Viene a caer despierto em sombra escura.
Dueleme el despertar por contemplarte;
Que si bien sé te huelgas de no verme,
Huelgome de ser ciego por mirarte.
Mas si quiero de engaños mantenerme,
Y tu quieres me pierda por amarte,
Sin gran ganancia no podré perderme.

SONETO CCXXIV.

Mi Gusto, y tu Beldad se desposaron,
Terceros por mi mal mis ojos fueron:
Su logro ha sido tal, que, alfin, hizieron
Un hijo hermoso a quien Amor llamaron.
Tan fuera de compaz le regalaron,
Que quando más alegres estuvieron,
Sin entender el mal que produxeron,
Perdidos por amores se miraron.
La Beldad desposada deste suelo,
Vino a parir un monstro con dos alas;
La Madre a la soberbia, es nido el zelo.
O Madre que a tu Hijo en todo igualas!
Quien mortal haze al immortal Abuelo,
Y al Padre mortal dà immortales salas?

SONETO CCXXV.

Si el fuego que me enciende, consumido
De algũ más vuelto Aquario ser pudieffe;
Si el alto iuspirar me convertieffe
En ayre por el ayre desparzido.
Si un horrible rumor siendo sentido,
La Alma a dexar el cuerpo reduxesse,
O por estos mis ojos al mar fueffe
Este mi cuerpo en llanto convertido.
Nunca podria la Fortuna ayrada,
Con todos sus horrores, sus espantos,
Derrocar la Alma mia de su gloria
Porq̃ en vuestra Beldad ya transformada,
Ni del Estigio lago eternos llantos
Os podrian quitar de mi memoria.

SONETO CCXXVI.

Que me quereis perpetuas faudades?
Com que esperanças inda me enganais?
O tempo que se vay naõ torna mais,
E se torna naõ tornaõ as idades.
Razaõ he já, ò annos, que vos vades,
Porque estes taõ ligeyros que passais,
Nem todos para hum gosto saõ iguais,
Nem sempre saõ conformes as vontades!
Aquillo a que já quis he taõ mudado
Que quasi he outra cousa; porque os dias
Tem o primeyro gosto já danado.
Esperanças de novas alegrias,
Naõ mas deyx a Fortuna, & o tempo irado;
Que do contentamento saõ espias.

SONETO CCXXVII.

O H rigorosa ausencia desejada
De mim sempre, mas nunca conhecida
Saudade noutrô tempo taõ temida,
Como em meu dano agora exprimentada
Já rigorosamente começada
Tendes vossa esperança em minha vida;
Mas tanto que já temo que oprimida
Sejais com ella cedo, ou acabada.
Os dias mais alegres me entristecem;
As noytes com cuydados as desconto,
Em que sem vòs sem conto me parecem.
E deejando espero, & os annos conto;
Mas com a vida, enfim, elles fallecem;
Né basta à carne enferma espirito pronto.

SONETO CCXXVIII.

A Y! quien dará a mis ojos una fuente
De lagrimas que manen noche, y día?
Respirará si quiera la Alma mia,
Llorando lo pasado, y lo presente.
Quien mediera apartado de la gente,
De mi dolor siguiendo la porfia,
Con la triste memoria, y fantasia,
Del bien por quien mal tanto así se fiète.
Quien me dará palabras con que iguale
El duro agrabio q̄ el Amor me ha hecho,
Donde tan poco el sufrimiento vale.
Quien me abrirá profundamente el pecho?
Do está escrito el secreto que no sale
Con tanto dolor mio a mi despecho?

SONETO CCXXIX.

Con razon os vays, aguas, fatigando
Por llegar do sereis bien recebidas;
Y en aquel mar immense convertidas;
Que ya de tantos dias vays buscando,
Triste de aquel que siempre anda llorando
Las vanas esperanças ya perdidas;
Y con dolor las lagrimas vertidas
Nunca a fin pretendido vin liegando.
Vofotras sin traer derecha via,
Al termino llegays tan deseado,
Por más que os embarace el gran rodeo.
Mas yo siempre afligido noche y dia,
Por un camino, que no llevo errado,
Jamás puedo llegar donde deseo.

SONETO CCXXX.

Cesse ya, Señor, tu dura mano!
Nollegues tanto al cabo con mi vida,
Baste el estar por ti tan consumida,
Que ya no se halla en ella lugar sano.
Ay, estraña Hermosura! Ay, deshumano
Hado a que nunca puedo hallar salida!
Si tu de tu piedad no eres movida,
Roto el hilo vital veras temprano.
Un blando desamor; un amor blando,
Bien bauta para un hombre tan perdido,
Que de tu mal ningun remedio espera.
Y si estimas en poco el ver qualando?
Aqui me tienes ante ti rendido.
Viva tu gusto, mi esperança muera.

SONETO CCXXXI.

D Ulces engaños de mis ojos tristes,
Quan vivo despertais mi pensamiento
Aquello que pudiera dar contento,
En sombra de pintura lo bolvistes.
De blando sobrefalto enternecistes,
Con vista arrebatada el sentimiento;
Mas no le asegurastes un momento
Aqueste vano bien que le ofrecistes.
Veo que la figura era fingida,
Y no aquella que en si mi Alma esconde,
Aunque en esta se llegó al natural.
Asi escucha mi llanto, asi responde;
Asi se condolece de mi vida,
Como si fuera el proprio Original.

SONETO CCXXXII.

Quanto tiempo ha q̄ lloro un dia triste,
Como si alguno alegre yo esperara!
Como, ó Tajo! al passar essa tu clara
Aguá, no la alteraste, y no me hundiste?
El passo me cerraste, el pecho abriste.
O mi Ventura de mi bien avara!
A Dios, montañas, de hermofura rara;
A Dios, mi corazon, que no partiste.
Si a donde quedas en dichosa suerte,
No bevieres las aguas del Olvido,
En tanto bien no quieras olvidarte.
Cantando mi dolor llora mi muerte;
Porque asta el hueco monte sin sentido,
Suelta su ronca vos por consolarme.

SONETO CCXXXIII.

LEvantay, minhas Tagides, a frente,
 Deyxádo o Tejo às lombros nemorosas:
 Douray o valle umbroso, as freças roças,
 E o monte com as arvores frondente.
 Fique de vós hū pouco o Rio ausente;
 Cessem agora as liras numerosas:
 Cesse vosso louvor, Ninfas fer mosas;
 Cesse da fonte vossa a graõ corrente.
 Vinde a ver a Teodolio grande, & claro,
 A quem está ofrecendo mayor canto
 Na cítara dourada o louro Apolo.
 Minerva, do saber dálhe o dom raro;
 Palas lhe dá o valor de mais espanto;
 E a Fama o leya ja de Polo a Polo.

SONETO CCXXXIV.

VOs Ninfas da Gangetica espessura
 Cantay suavemente em voz sonora,
 Hum grande Capitaõ que a roxa Aurora
 Dos filhos defendeo da noyte escura.
 Ajuntouse a caterva negra, & dura,
 Que na aurea Chersoneso afouta mora;
 Para lançar do caro ninho fora
 Aquelles q̃ mais podem que a Ventura.
 Mas hum forte Leão, com pouca gente,
 A multidão taõ fera como necia,
 Destruindo castiga, & torna fraca.
 O Ninfas, cántay, pois, que claramente
 Mais do que Leonidas fez em Grecia,
 O nobre Leonis fez em Malaca.

SONETO CCXXXV.

Alma gentil, que á firme Eternidade
 Subiste clara, & valerosamente
 Cá durará de ti perpetuamente
 A Fama, a Gloria, o Nome, & a Saudade.
 Não sey se he mór espanto em tal idade
 Deyxar de teu valor enveja á gente;
 Se hum peyto de diamante, ou de serpente,
 Fizeres que se mova a piedade.
 Envejosa da tua acho mil sortes,
 E a minha mais que todas envejosa,
 Pois ao teu mal o meu tanto igualaste.
 Oh ditoso morrer! sorte ditosa!
 Pois o que não se alcança com mil mortes,
 Tu com hua só morte o alcançaste.

SONETO CCXXXVI.

DEbaxo desta pedra, sepultada
 Jaz do mūdo a mais nobre Fermofura,
 A quem a Morte, so de enveja pura,
 Sem tempo sua vida tem roubada.
 Sem ter relpeyto a aquella assi estremada
 Gentileza de luz que a noyte escura
 Tornava em claro dia; cuja alvura
 Do Sol a clara luz tinha eclipsada.
 Do Sol peytra da foste, cruel Morte,
 Para o livrar de quem o escurecia;
 E da Lua, que ante ella luz não tinha.
 Como de tal poder tiveste sorte?
 E se a tiveste, comotaõ asinha
 Tornaste a luz do mundo em terra fria?

SONETO CCXXXVII.

IMagens vāas me imprime a Fantasia;
 Discursos novos acha o pensamento;
 Com que daõ á minha Alma graõ tormento
 Cuydados de cem annos num só dia.
 Se fim grande tivessem, bem seria
 Responder a esperanza ao fundamento:
 Mas o Fado não corre taõ atento
 Que reserve à razaõ sua valia.
 Caso, & Fortuna, podem acertar,
 Mas se por accidente dão vitoria,
 Sempre o favor da Fama he falsa historia.
 Excede ao saber, determinar:
 A a constancia se deve toda a gloria:
 O animo livre he digno de memoria.

SONETO CCXXXVIII.

QUanta incerta esperanza, quāto engano!
 Quanto viver de falsos pensamentos!
 Pois todos vam fazer seus fundamentos
 Só no mesmo em q̃ está seu proprio dano.
 Na incerta vida estribam de hū humano,
 Daõ credito a palavras que saõ ventos;
 Choraõ despois as horas, & os momentos
 Que riram cõ mais gosto em todo o anno.
 Não aja em apparencias confianças;
 Entendey que o viver he de emprestado,
 Que o de q̃ vive o mundo sam mudanças.
 Muday, pois, o sentido, & o cuydado,
 Sómente amando aquellas esperanças
 Que duraõ para sempre com o amado.

SONETO CCXXXIX.

MAl, q' de tépo em tempo vãs crecédo,
 Qué te vísse de hũ bem acõpanhado,
 A vida passaria descansado,
 Da morte naõ temera o rosto horrendo.

Se os vãos cuydados fora conuertendo
 Em suspiros que daõ outro cuydado,
 Oh quaõ prudente! ó quaõ afortunado
 A capella de louro irá tecendo!

Tempo he ja de esquecer contentamentos
 Passados, co' a esperança que passou,
 E de que triunfem novos pensamentos.

A fê, que viva na Alma me ficou,
 Dé já fim aos caducos ardimentos
 A que o passado bem se condenou.

SONETO CCXL.

O Quanto melhor he o supremo dia
 Da mansa morte, que o do nascimento!
 O quanto melhor he hum só momento
 Que livra de annos tantos de agonia!

De alcançar outro bem cesse a porfia;
 Cesse todo applicado pensamento,
 De tudo quanto dá contentamento,
 Pois só contenta ao corpo a terra fria.

O que do seu fez Deos seu despenheyro,
 Tem mais estreyta conta que lhe dar:
 Entaõ parece rico o ovelheyro.

Triste de quem no dia derradeyro,
 Tem o suor alheo por pagar,
 Pois a alma hade vender por o dinheyro!

SONETO CCXLI.

Como podes (ò cego Peccador!)
 Estar em teus erros taõ isento,
 Sabendo que esta vida he hum momento,
 Se comparada com a eterna for?

Naõ cuydes tu que o justo Julgador
 Deyxará tuas culpas sem tormento,
 Nem que passando vay o tempo lento
 Do dia de horrendissimo pavor.

Naõ gastes horas, dias, mezes, annos,
 Em seguir de teus danos a amilade
 De que despois resultaõ mores danos.

E pois de teus enganosa verdade
 Conheces, deyxá já tantos enganosa,
 Pedindo a Deos perdaõ com humildade.

I. Part.

SONETO CCXLII.

DE Babel sobre os rios nos sentamos,
 De nossa doce Patria desterrados,
 As mãos na face, os olhos derribados,
 Com saudades de ti, Siaõ, choramos.

Os orgãos nos salgueyros penduramos,
 Em outro tempo bem de nòs tocados:
 Outro era elle, por certo, outros cuydados,
 Mas por deyxar saudades os deyxamos.

Aquelles que cativos nos traziaõ,
 Por cantigas alegres preguntavaõ.
 Cantay (nos dizem) himnos de Siaõ:
 Sobre tal pena, pena tal nos daõ.

Pois tiranicamente pretendiaõ
 Que cantassem aquelles que choravaõ.

SONETO CCXLIII.

Sobre os rios do Reyno escuro, quando
 Tristes, quaes nossas culpas o ordenaraõ,
 Lagrimas nossos olhos derramaraõ,
 Por ti, Siaõ divina, suspirando:

Os que hiaõ nossas almas infestando,
 De continuo em error, as cativaraõ;
 E em yaõ por nossos Salmos preguntaraõ,
 Que tudo era silencio miserando.

Dizendo estamos: Como cantaremos
 As aceytas canções a Deos benigno,
 Quando a contrarios seus obedecemos?

Mas já, Senhor só Santo, determino,
 Deyxando viciosissimos estremos.
 Os cantos prosiguir de Amor Divino!

SONETO CCXLIV.

EM Babilonia sobre os rios, quando
 De ti, Siaõ Sagrada nos, lembramos,
 Alli com graõ saudade nos sentamos,
 O bem perdido, miseros, chorando.

Os instrumentos musicos deyxando,
 Nos estranhos salgueyros penduramos.
 Quando aos cantares, q' já em ti cantamos,
 Nos estavaõ imigos incitando.

As esquadras, dizemos, enemigas,
 Como hemos de cantar em terra alheia,
 As cantigas de Deos, sacras cantigas?

Se a lembrança eu perder que me recrea
 Cà nestas penosissimas fadigas,
Oblivioni detur dextra mea

E

SO-

SONETO CCXLV.

A Ponta a bella Aurora, Luz primeyra,
Que a graõ nova nos deu do claro dia.
Vestivos corações já de alegria,
E recebey da vida a Mensageyra.

Da humana Redempção nace a Terceyra
Alegrate, divina Monarquia;
Da terra terás cedo a Companhia;
Do Ceo verás tambem a nossa Freyra.

De tal obra se espanta a Natureza,
Confuso fica de temor o Inferno,
Vendo a que nace isenta da defeza.

Ley geral era posta desde eterno:
Mas o Senhor dá Ley, toda limpeza
Para o Sacratio seu guardadou, Materno.

SONETO CCXLVIII.

O H! Arma, unicamente sò triunfante,
Propugnaculo sò de nossas vidas!
Por quem foraõ ganhadas as perdidas,
Com q̃ o Tartaro horrendo andava ovante.

Sigafte esta Bandeyra militante,
Por quem saõ taes vitorias conseguidas,
Por quantas Almas, dellas divertidas,
No Ponente erraõ cá, lá no Levante.

O Arvore sublimé, & marchetada
De branco & carmesi, de ouro embutida,
Dos rubis mais preciosos esmaltada!

De Troteos mais claros guarnecida;
A Vida a Morte vimos em ti dada,
Para que em ti se desse a Morte a Vida.

SONETO CCXLVI.

Porque a Terra no Ceo agafalhasse,
O Ceo na Terra Deos agafalhou:
Là não cabendo, cá se acomodou,
Porque là de cá indo se alargasse.

Porqu' o homé a ser Deos por Deos chegaf-
Por o homem a ser Homem Deos chegou:
Seu divino poder tanto humanou,
Porqu' o humano em divino se tornasse.

Vede bem o que deu, & recebeo:
Naõ se perca hũ bẽm tanto da memoria:
De unõs a vida a morte padeceo.

Troçou por nossa pena a sua gloria:
De unõs o triunfo que elle mereceo:
Porque Amor foy Autor desta Vitoria.

SONETO CCXLIX.

A Os homens hũ sò Homem pos espãto,
E o pos a toda a humana Natureza,
Que de homé teve o ser, de Anjo a pureza,
Porque antes que nacesse era ja Santo.

Profeta foy na Mãy; & enfim, foy tanto
Que entre os nacidos ouve a mór alteza;
Que da Luz, sem aver, vio a Grandeza
Tendo por trompa o Verbo Sacrosanto.

Aquella Voz foy elle, sonorosa,
No concavo dos Orbes resonante,
E que a Carne inculpavel bautizou.

Quem do mór Pay ouvio a Voz amante;
Quem a futil pergunta, industriosa,
Com sincera reposta sossegou.

SONETO CCXLVII.

Que estila a Arvore sacra? Hũ licor santo.
Para quem? Para o genero he humano.
Que faz delle? Hum remedio soberano.
Para que? Para a culpa, & triste pranto.

E que obra? Reduzir Luzbel a espanto.
Porque? Porque cũ pomo fez graõ dano.
Que foy? A morte deu com hum engano.
Tanto pôde? Sem falta pôde tanto.

Quem sobe a ella? Quem do Ceo deceo.
A que dece? A subir a Criatura.
Que quiz da terra? Só levalla ao Ceo.

He escada para ir là? E a mais segura.
Quem o obrigou? De Amor só se venceo.
Que amava este Feytor? Sua Feytura.

SONETO CCL.

V Os só podeis, Sagrado Evangelista,
Angelico abrasado Serafim,
E na ciencia mais alto Cherubim,
Do q̃ he mais sabio Amor ser coronista

Divina, & Real Aguia, cuja vista
Vio o q̃ he sem principio, o q̃ he sem fim;
De Jacob mais quẽrido Benjamim,
Quem mais campea de Joseph na lista.

Apostolo, & Profeta, Patriarca,
Ao Principe dos Ceos o mais aceyto,
Que em seu seo dormindo entaõ mais via

A quem o mesmo Deos por Ir mãõ marca;
Quem por Filho da Mãy unica feyto,
Em Corpo & Alma goza o claro Dia.

SONETO CCLI.

Como louvar y eu, Serafim Santo,
Tanta humildade, tanta penitencia,
Castidade, & pobreza, & paciencia,
Com este meu inculto, & rudo canto,

Argumento que às Musas poem espanto,
Que faz muja a grandiloqua eloquencia.
Oh imagem que a Divina Providencia
De si viva em vós fez para bem tanto!

Foltes de Santos hũa rara mina,
Almas de mil a mil ao Ceo mandastes
Do mundo que perdido reformastes.

E não roubaveis só com a doutrina
As vontades mortais, mas adivina,
Pois os seus rubis cinco lhe roubaſtes.

SONETO CCLII.

Ditofas Almas, que ambas juntamente
Ao Ceo de Venus & de Amor vovistes,
Onde hum bem que tão breve cã lograſtes,
Estais logrando agora eternamente.

Aquelle estado voffo tão contente,
Que só por durar pouco triste achastes,
Por outro mais contente já o trocayſtes,
Onde sem sobrefalto o bem se sente.

Triste de quem cã vive tão cercado
Na amorosa fineza, de hum tormento
Que a gloria lhe perturba mais crecida!

Triste, pois me não val o sofrimento,
E Amor para mais dano me tem dado
Para tão duro mal tão larga vida.

SONETO CCLIII.

Contente vivi já, vendome isento
Deste mal de q̃ a muytos queyxaſ via:
Chamaõlhe Amor; mas eu lhe chamaria,
Discordia, & semrazaõ, guerra, & tormento.

Enganoume co' o nome o pensamento.
Quem com tal nome não se enganaria?
Agora tal estou que temo hum dia
Em que venha a faltarme o sofrimento.

Com desesperaçãõ, & com deſejo,
Me paga o que por elle estou passando,
E inda está do meu mal mal fatiseyto.

Pois sobre tantos danos inda vejo
Para dar-me outros mil, hum olhar brando;
E para os não curar, hum duro peyto.

I. Parte.

SONETO CCLIV.

DEyxa Apolo o correr tão apressado,
Não ligas essa Ninfa tao ufano;
Não te leva o Amor, levate o engano
Com sombras de algũ bem a mal dobrado.

E quando seja Amor ferã forçado,
E se forçado for, ferã teu dano:
Hum parecer não queyras mais q̃ humano,
Em hum Silvestre adorno ver tornado.

Não percas por hum vaõ contentamento
A vista que te faz viver contente:
Modera em teu favor o pensamento,

Porque menos mal he tendoa presente,
Sofrer sua crueza, & teu tormento,
Que sentir sua ausencia eternamente.

SONETO CCLV.

Nas Cidades, nos bosques, nas florestas,
Nos valles, & nos mōtes, teus louvores
Sempre te cantem mulicos Pastores
Nas manhãas frias, nas ardentes festas.

E neste Templo donde manifestas,
E repartes agora teus favores,
Com Salmos, hymnos, & com varias flores,
Sejaõ celebres sempre as tuas festas.

Estes te ofreçaõ pès effoutros mãos,
De aquelles pendaõ sobre os teus altares
Monstros do mar, de serviãõ prisoens.

Que eu cuydados, enganos, & affeyções,
Muyto mayores monstros, & milhares
Te deyxõ aqui de pensamentos vaõs.

SONETO CCLVI.

VI queyxosos de Amor mil namorados,
E nenhũs inda vi com seus louvores!
E aquelle q̃ mais chora o mal de amores
Vejo menos fugir de seus cuydados.

Se das dores de Amor sois mal tratados,
Porque tanto buscais de Amor as dores?
E se tambem as tendes por favores,
Porque dellas falais como agravados?

Não queyrais alegria achar algũa
No Amor, porque he cõposto de tristeza;
Na Fortuna que acheis mais agradavel.

Nella, & nelle achey sãpre a mesma Luma,
Em quem nunca se viu outra firmeza
Que não seja a de ser sempre mudavel.

Fij

SO

SONETO CCLVII.

SE lagrimas choradas de verdade
SO marmore abrandar podem mais duro,
 Porque as minhas que nace[m] de amor puro
 Hũ coração não rendem a piedade?
 Por vós perdi, Senhora, a liberdade,
 E nem da própria vida estou seguro,
 Rompey de esse rigor o forte muro,
 Não passe tanto avante a crueldade.
 Ao prezar de desprezos day já fim:
 Não vos chamem cruel, nome devido
 A quem se ri de quem suspira, & ama.
 Abranday este peyto endurecido,
 Por o que toca a vós, já não por mim:
 Que eu aventuro a vida, & vòs a fama.

SONETO CCLVIII.

Já me fundey em vãos contentamentos
 Quando d'elles viyi todo enganado
 De hũ fantastico bem, & de hũ cuydado
 De que so cuydão cegos pensamentos.
 Passava dias, horas, & momentos
 Deste enleo de amores taõ pagado
 Que tinha só por bemaventurado
 Quem só por elles mais bebia os ventos,
 Mas agora, que já cahy na conta,
 Defenganame quanto me enganava:
 Que tudo o tempo dá, tudo descobre.
 O amor mais caudaloso menos monta;
 Que he de gostos mais rico, eu ignorava,
 Aquelle que de amores he mais pobre.

SONETO CCLIX.

EM hũa lapa toda tenebrosa,
 Adonde bate o mar com furia brava,
 Sobre hũa mão o rosto, vi que estava
 Hũa Ninfa gentil, mas cuydadosa.
 Igualmente que linda lastimosa,
 Aljofar dos seus olhos destilava:
 O mar os seus furores aplacava
 Com ver cousa taõ triste, & taõ fermosa.
 Algũa vez na horrivel penedia
 Os bellos olhos punha com brandura
 Bãstante a desfazer sua dureza.
 Com angelica voz, assi dezia,
 Ah! Que falta mais vezes a ventura,
 Donde lobeja mais a Natureza.

SONETO CCLX.

SE em mim (ó Alma!) vive mais lébrãça
SQue aquella só da gloria de querervos,
 Eu perca todo o bê que logrou em vervos,
 E de vervos tambem toda a esperança.
 Vejase em mim taõ rustica esquivaça
 Que possa indigno ser de conhecervos;
 E quãdo em mór empenho de aprazervos,
 Vos offenda, se em mim ouver mudança.
 Confirmado estou já nesta certeza:
 Examineme vossa crueldade;
 Experimente[m] em mim vossa dureza
 Conhecey já de mim tanta verdade
 Pois em penhor, & fé desta pureza
 Tributo vos fiz ser o que he vontade.

SONETO CCLXI.

Lustre Graçia, nombre de una moça
IPrimera malhechora en este casto,
 A Mondoñedo, a Palma, al coxo Trasso,
 Sugeto digno de immortal coroça.
 Si en medio de la Iglesia no reboça
 El manto a vuestro rostro tan devasso,
 Por vós dirán las gentes rezio, y passo,
 Veis quien con el Demonio se retoça.
 Puede mover los montes sin trabajo;
 Con palabras el curso al agua enfrenas
 Por las ondas hará camino enxuto.
 A verguenza su Patria, y rico Tajo,
 Que por ella hombres lleva más que arena
 De que paga al Infierno gran tributo.

SONETO CCLXII.

Qual tem a borboleta por costume,
Que elevada na luz da acesa vella,
 Dando vay voltas mil, atè que nella
 Se queyma agora, agora se consume.
 Tal eu correndo vou ao vivo lume
 De esses olhos gentis, A onia bella;
 E abra tome, por mais que com cautella
 Livrar me a parte racional presume.
 Conheço o muyto a que se atreve a vista;
 O quanto se levanta o pensamento;
 O como vou morrendo claramente.
 Porém não quer Amor que lhe resista,
 Nê a minha alma o quer, q em tal tormêto
 Qual em gloria mayor está contente.

SONETO CCLXIII.

Lembranças de meu bê, doces lembranças,
Que tão vivas estais nesta alma minha,
Não querais mais de mi, se os bês q' tinha
Em poder vedes todos de mudanças.

Ay cego Amor! Ay mortas esperanças,
De que eu em outro tempo me mantinha!
Agora deyxareis quem vos sostinha,
Acabarão co' a vida as confianças.

Co' a vida acabarão, pois a ventura
Me roubou num momento aquêl'a gloria
Que quando tão grande he, tão pouco dura

Oh! se apos o prazer fora a memoria,
Ao menos estivera a alma segura
De ganhar-se com ella mais vitoria.

SONETO CCLXIV.

Fermosos olhos, que cuydado dais
A mesma luz do Sol mais clara, & pura,
Que sua eclarecida fermosura,
Com tanta gloria vossa atrás de yxais.

Se por serdes tão bellos desprezais
A fineza de Amor que vos procura,
Pois tanto vedes, vede que não dura
O vosso resplandor quanto cuydais.

Colhey, colhey do tempo fugitivo,
E de vossa belleza o doce fruto,
Que em vão fora de tempo he desejado.

E a mi, q' por vós morro, & por vós vivo,
Fazey pagar a Amor o seu tributo,
Contente de por vós lho aver pagado.

SONETO CCLXV.

Pues siempre sin cessar, mis ojos tristes,
En lagrimas tratais la noche, el dia,
Mirad si es lagrima esta que os embia
Aquel Sol por quien vós tantas vertistes.

Si vós me assegurais, pues ya lá vistes,
Que es lagrima, terá ventura mia;
Por empleadas bien desde oy tendria
Las muchas que por ella tosa distes.

Mas qualquier cosa mucho deseada,
Aunque viendo se estè nunca es creida,
Y menos esta nunca imaginada.

Pero della asseguro, si es fingida,
Que basta ser por lagrima embiada,
Para que sea por lagrima tenida.

SONETO CCLXVI.

Tem feyto os olhos neste aparramento
Hum mar de saudosa tempestade,
Que pode dar saudade à saudade,
Sentimentos ao proprio sentimento.

Em dor vay convertido o sofrimento,
Em pena convertida a piedade,
A razão tão vencida da vontade,
Que elcravo faz do mal o entendimento.

A lingua não alcança o que a alma sente,
E assi, se alguém quisei em algum hora
Saber que cousa he dor não cõprehendida

Partale do seu bem, porque exprimente,
Que antes de se partir, melhor me fora
L'artir-se do viver para ter vida.

SONETO CCLXVII.

A Peregrinação de hũ pensamento
Que dos males fez habito, & costume,
Tanto da triste vida me consume,
Quanto crece na causa do tormento.

Leva a dor de vencida ao sofrimento;
Mas a alma està de entregue tão sem lume,
Que elevada no bem que a ver presume,
Não faz caso do mal que està de assento.

De longe receey, se me valera,
O perigo que tanto à porta vejo,
Quando não acho em mi cousa segura.

Mas já conheço (ô nunca o conhecera!)
Que entendimentos presos do desejo,
Não tem remedio mais que o da ventura.

SONETO CCLXVIII.

A Chome da Fortuna salteado,
O tempo vay fogindo presuroso,
Deyxandome da vida duvidoso,
E cada instante mais desesperado.

Trocouse o meu descuydo em tal cuydado
Que dõde a gloria he mais, he mais penoso
Nem vivo, de perderme, receoso;
Nem, de poder ganharme, confiado.

Qualquer ave nos montes mais agrestes,
Qualquer fera na coya repousando,
Tem horas de alegria; eu todas tristes.

Vós, saudosos olhos, que o quisestes,
(Pois cõ tormento Amor me està pagado)
Choray, como o que vedes, o que vistes.

SONETO CCLXIX.

SE no que tenho dito vos offendo,
Não he a intenção minha de offendervos,
 Que inja que pretenda merecervos,
 Não vos de smerecer sempre pretendo.

Mas he meu fado tal, segundo entendo,
 Que por quanto ganhava entendervos,
 Não me deyxá a té agora conhecervos,
 Por a mi proprio me ir desconhecendo.

Os dias ajudados da ventura,
 A cada qual de si dão defengãos,
 E outros soe dallo a desventura.

Qual destas sirva a mi, dirão os danos,
 Ou gostos que eu tiver, em quanto dura
 Esta vida, tão larga em poucos annos.

SONETO CCLXX.

Sempre cruel senhora, receey,
 Medindo vossa graõ desconfiança,
 Que desse em de fãvor vossa tardança,
 E que me perdesse eu, pois vos amey:

Percale em fim ja tudo o que esperëy,
 Pois noutro amor já tendes esperança,
 Tãõ potente será vossa mudança,
 Quanto eu encobri sempre o que vos dey:

Deyros a alma, a vida, & o sentido,
 De tudo o que em mim ha vos fiz senhora,
 Prometeis, & negais o mesmo amor:

Agora tal estou, que de perdido
 Não sey por onde vou, mas algum hora
 Vos dará tal lembrança grande dor.

SONETO CCLXXI.

Fortuna em mim guardãdo seu direyto
 Em verde derrubou minha alegria,
 O quanto se acabou naquelle dia,
 Cuja triste lembrança arde em meu peyto:

Quando contemplo tudo, bem solpeyto,
 Que a tal bem, tal descanço se devia,
 Por não dizer o mundo, que podia
 Acharse em seu engano bem perfeyto:

Mas se a Fortuna o fez por descõtarme
 Tãõ grande gosto, em cujo sentimento
 A memoria não faz senão matarme:

Que culpa pôde dar-me o sofrimento,
 Se a causa que elle tem de atormentarme,
 Eu tenho de sofrer o seu tormento.

SONETO CCLXXII.

SE a fortuna inquieta, & mal olhada,
 Que a justa Ley do Ceo consigo infama,
 A vida quieta, que ella mais defama
 Me conced. ra honesta, & r. poufada:

Püdera ser que a mula alevantada
 Com luz de mais ardente, & viva flama
 Fizera ao Tejo la na patria cama
 Adormecer co som da lyra amada:

Porém, pois o destino trãbalhoso,
 Que me escurece a musa fraca, & laça
 Louvor de tanto preço não sustenta:

A voõa de louvarme pouco escaça
 Outro sogeyto busque valeroso,
 Tal qual em vos ao mundo se apresenta.

SONETO CCLXXIII.

Este amor, que vos tenho limpo, & puro
 De pensamento vil nunca tocado,
 Em minha tenra idade começado,
 Telo dentro nesta alma sò procuro:

De haver nelle mudança estou seguro,
 Sem temer nenhum caso, ou duro fado,
 Nem o supremo bem, ou bayxo estado,
 Nem o tempo presente, nem futuro:

A bonina, & a flor asinha passa,
 Tudo por terra o Inverno, & Estio deyta,
 Sò para meu amor he sempre Mayo:

Mas vovos para mim senhora escaça,
 E que esta ingrãtidaõ tudo me engeyta,
 Tras este meu amor sempre em deymayo.

SONETO CCLXXIV.

SE grande gloria me vem tó de olharte,
 He pena desigual deyxar de verte,
 Se presumo com obras merecerte,
 Grande paga do engano he desejarte.

Se quero por quem es tal vez louvarte,
 Sey certo, por quem sou, que he offenderte,
 Se mal me quero a mim por bem quererte,
 Que premio quero eu mais que sò o amarte:

Estremos saõ de amor, os que padeço,
 O humano theouro, o doce gloria,
 E se cuydo que acabo entãõ começo.

A ssi te trago sempre na memoria,
 Nem sey se vivo, ou morro, mas conheço,
 Que ao fim da batalha he a vitoria.

SONETO CCLXXV.

A Ferosura desta fresca serra,
 Ea sombra dos verdes castanheyros,
 O manto caminhar destes ribeyros,
 Donde toda a tristeza se desterra;
 O rouco som do mar, a estranha terra,
 O esconder do Sol pellos outeyros,
 O recolher dos gados derradeyros,
 Das nuvens pello ar a branda guerra:
 Em fim tudo o que a rara natureza
 Com tanta variedade nós ofrece,
 Me está (se não te vejo) magoando:
 sem ti tudo me enoja, & me aborece,
 Sem ti perpetuamente estou passando
 Nas mōres alegrias, mōr tristeza.

SONETO CCLXXVI.

S Ospechas, que en mi triste fãntesia
 Puestras hazeis la guerra a mi sentido,
 Bolviendo, y rebolviendo el aflagido
 Pecho con dura mano noche, y dia:
 Ya se acabó la resistencia mia,
 Y la fuerça del alma ya rendido.
 Vencer de vós me dexo arrepenido
 De averos contrastado en tal porfia:
 Llevadme a aquel lugar tan espantable,
 Que por no ver mi muerte alli esculpido,
 Cerrados hasta aqui tuve los ojos:
 Las armas pongo ya, que concedida
 No es tan larga defenſa al miserable,
 Colgad en vuestro carro mis despojos.

SONETO CCLXXVII.

S Ustenta meu viver hũa esperança
 Dirivada de hum bem taõ desejado,
 Que quando nella estou mais confiado,
 Mōr duvida me poem qualquer mudança:
 E quando inda este bem na mōr pujança
 De seus gostos me tem mais enlevado,
 Me atormenta entãõ ver eu, que alcançado
 Serã, por quem de vós não tem lembrança:
 Assi, que nestas redes enlaçado,
 A penas dou a vida, sustentando
 Hũa nova materia a meu cuydado:
 Suspiros dalma tristes arrancando,
 Dos silvos de hũa pedra acompanhado,
 Estou materias tristes lamentando.

SONETO CCLXXVIII.

J A não sinto, senhora, os delênganos,
 Com q̃ minha affeyção sempre tratastes,
 Nem ver o galardão, que me negastes,
 Merecido por se ha tantos annos:
 A magoa choro só, sò choro os danos
 De ver, por quem, Senhora, me trocastes,
 Mas em tal calo vós sò me vingastes
 De vossa ingraticidãõ, vossos enganos:
 Dobrada gloria dá a qualquer vingança,
 Que o offendido toma do culpado,
 Quando se satisfaz com cousa justa:
 Mas eu de vossos males, & esquivança,
 De que agora me vejo bem vingado,
 Não o quizera eu tanto á vossa custa.

SONETO CCLXXIX.

Q ue póde já fazer minha ventura,
 Que seja para meu contentamento?
 Ou como fazer devo fundamento
 De cousa, que o não tem, nem he segura?
 Que pena póde ser tão certa, & dura,
 Que possa ser mayor, que meu tormento?
 Ou como receará meu pensamento
 Os males, se com elles mais seapura?
 Como quem se costuma de pequeno
 Com peçonha criar por mão sciente,
 Da qual o uso já o tem leguro:
 Mas eu acostumado ao veneno,
 E uso de sofrer meu mal presente
 Me faz não sentir já nada o futuro.

SONETO CCLXXX.

Q Uãdo cuydo no tempo, q̃ contente
 Vi as perolas, neve, rola, & ouro,
 Como quem vé por sonhos hum thesouro,
 Parece tenho tudo aqui presente:
 Mas tanto que se passa este accidente,
 E vejo o quam distante de vós mouro,
 Temo quanto imagino por agouro,
 Porque de imaginar tambem me ausente:
 Já forão dias, em que porventura
 Vos vi, senhora, se assi dizendo posso
 Com o coração seguro estar sem medo:
 Agora em tanto mal não mo assegura
 A propria fantasia, & nojo vosso,
 Eu não posso entender este segredo.

SONETO CCLXXXI.

QUando, senhora, quiz Amor q̄ amasse
Essa gram perfeição, & gentileza,
Logo deu por sentença, que a crueza
Em vosso peyto Amor acrecentasse:

Determinou que nada me apartasse,
Nem desfavor cruel, nem aspereza,
Mas que em minha rarissima firmeza
Vossa izençaõ cruel se executasse:

E pois tendes aqui offerecida
Esta alma vossa a vosso sacrificio,
Acabay de fartar vossa vontade:

Não lhe alargueis senhora mais avida,
Acabarà morrendo em seu officio,
Sua fé defendendo, & lealdade.

SONETO CCLXXXII.

EU vivia de lagrimas izento
Num engano tão doce, & deleytofo,
Que em q̄ outro amante fosse mais ditoso,
Não valiaõ mil glorias hum tormento:

Vendome possuir tal pensamento,
Deenhũa riqueza era inyejoso,
Vivia bem, de nada receoso
Com doce amor, & doce sentimento:

Cobiçosa a fortuna, me tirou
Desto meu tão contente, & alegre estado,
E passouse este bem, que nunca fora:

Em troco do qual bem, só me deyxou
Lembranças, que me mataõ cada hora,
Trazendome a memoria o bem passado.

SONETO CCLXXXIII.

INdo o triste Pastor todo embebido
Na sombra de seu doce pensamento,
Taes queyxas espalhava ao leve vento
Cum brando suspirar da alma fahido:

A quem me queyxarey, cego perdido!
Pois nas pedras não acho sentimento!
Com quem fallo! a qué digo meu tormento!
Que, onde mais chamo, sou menos ouvido:

O bella Ninfa, porque não respondes?
Porque o olharme, tanto me encareces!
Porque queres que sempre me querelle?

Eu quanto mais te vejo, mais te escondes!
Quanto mais mal me ves, mais te endureces?
Assim que, co mal cresce a causa delle.

SONETO CCLXXXIV.

DE hum taõ felice engenho, produzido
De outro, q̄ o claro Sol não vio mayor,
He trazer cousas altas no sentido

Todas dignas de espanto, & de louvor:
Museo foy antiquissimo Escriptor,
Filosofo, & Poeta conhecido,

Discipulo do Musico amador,
Que co som teye o inferno suspendido:
Este pode abalar o monte mudo,

Cantando aquelle mal, que eu já passsey
Do mancebo de Abydo mal sizudo:
Agora contaõ já (segundo achey)
Tasso, & o nosso Bolcam, que disse tudo
Dos segredos, que move o cego Rey.

SONETO CCLXXXV.

DIzey, senhora, da belleza idea
Para fazeres esse aureo crino,
Onde fostes bulcar esse ourc fino,
De que escondida mina, ou de que vea,

Dos vossos olhos essa luz Phebea,
Esse respeyto de hum Imperio digno,
Se o alcançastes com saber divino,
Se com encantamentos de Medea?

De que escondidas conchas escolhestes
As perlas preciosas Orientaes.
Que fallando mostraes no doce riso?

Pois vos formastes tal, como quizestes,
Vigiayvos de vós, não vos vejaes,
Fugi das fontes, lembrevos Narciso,

SONETO CCLXXXVI.

NA ribeyra de Eufrates assentado,
Discorrendo me achey pela memoria
Aquelle breve bem, aquella gloria,
Que em ti doce Syaõ tinha passado:

Da causa de meus males perguntado
Me foy, como não cantas a historia
De teu passado bem, & da victoria,
Que sempre de teu mal has alcançado:

Não sabes, que a qué canta se lhe esquece
O mal, inda que grave, & rigoroso,
Canta pois, & não chores dessa sorte:

Respondi com suspiros: Quando crece
A muyta laudade, o piedoso
Remedio he não cantar, senão a morte.

SONETO CCLXXXVII.

E L vaso reluzente, y cristalino,
De Angeles agua clara, y olorosa,
De blanda seda ornado, y freixa rota,
Ligado con cabellos de oro fino:

Bien claro parecia el don divino.
Labrado por la mano artificiosa
De aquella blanca Ninfa graciosa,
Màs el rubio luzero matutino:

Nel vaso vuestro cuerpo se figura,
Raxado de los blandos miembros bellos,
Y en el agua vuestra anima pura:

La seda es la blancura, y los cabellos
Son las prisiones, y al ligadura
Con que mi libertad fue afida dellos.

SONETO CCLXXXVIII.

C Horay Ninfas os Fados poderosos
Daquella soberana fermosura,
Onde forao parar na sepultura
Aquelles reaes olhos graciosos:

Oh bens do mundo falsos, & enganosos!
Que magoas para ouvir, que figura
Jaza sem resplendor na terra dura
Com tal rosto, & cabellos tão fermosos:

Das outras que ferà! pois poder teve
A morte sobre cousa canto bella,
Que ella eclipsava a luz do claro dia:

Mas o mundo não era digno della,
Por isso mais na terra não esteve,
Ao Ceo sobio, que já se lhe devia.

SONETO CCLXXXIX.

S Enhora já desta alma perdoay
De hum vencido de amor os defatinos,
E sejaõ vossos olhos tão beninos,
Com este puro amor, que d'alma say:

A minha para fee sómente olhay,
E vede meus extremos se são finos,
E se de algũa pena forem dignos,
Em mim, senhora minha, vos vingay:

Não seja a dor, que abraza o triste peyto,
Causa por onde pene o coraçãõ,
Que tanto em firme amor vos he fugeyto:

Guarday vos do que alguns, dama, errãõ,
Que sendo raro em tudo vosso objecto
Possa morar em vòs ingrataçãõ.

I. Part.

SONETO CCXC.

Q Uem vos levou de mim, faudofo estado,
Que tanta semrazam comigo ulastes?
Quem toy por quem: tão presto me negastes
Esquecido de todo o bem passado?

Forcastes me hũ descanço em hũ cuydado
Tão duro, tão cruel, qual me ordenastes,
A fee, que tinheis dado, me negastes,
Quando mais nella estava contrado:

Vivia sem recco deste mal,
Fortuna, que tem tudo a sua merce,
Amor, com desamor me revolueo:

Bem sey que neste caso nada val,
Que quem nasceo chorando justo he,
Que pague com chorar o que perdeo.

SONETO CCXCI.

D iverfos casos, varios pensamentos
Me trazem tão confuso o entendimêto,
Que em nada vejo já contentamento,
Senão quando se vão contentamentos:

Em varios casos varios sentimentos
Sucedem, por mostrar ao fundamento,
Que he, o que se deseja tudo vento,
Pois pinta haver descanço em vaos intentos:

Vese em grandes discursos o desejo,
Quando as occasiões os tempos mudão,
Não ha cousa impossivel a hum cuydado:

O injusto co justo he já trocado:
Os duros montes seus allentos mudaõ,
Eu só não posso ver meu mal mudado.

SONETO CCXCII.

D Oce sonho, suave, & soberano,
Se por mais longo tempo me durãra,
Ah quem de sonho, tal nunca atoadãra,
Pois havia de ver tal desengano:

Ah deleytofo bem, ah doce engano,
Se por mais largo espaço me enganãra,
Se entãõ a vida misera acabãra,
De alegria, & prazer moirãra ufano:

Ditolo, não estando em mim, pois tive
Dormindo o que acordado ter quizera,
Olhay com que me paga meu destino!

Em fim fora de mim ditolo este,
Em mentiras ter dita razao era,
Pois sempre nas verdades fuy mefino.

G

SO:

SONETO CCCXCIII.

Diana prateada esclarecia
Com a luz, que do claro Phebo ardête,
Por ser de natureza transparente,
Em si, como em espelho reluzia:

Cem mil milhões de graças lhe influia,
Quando me appareceo o excellente
Rayo de vosso aspecto, differenre
Em graça, & em amor do que sohia:

Eu vendome tão cheyo de favores,
E tão propinquo a ser de todo vosso,
Louvey a hora clara, & a noyte escura:

Pois nella destes cor a meus amores,
Donde colijo claro que não posso
De dia para vòs já ter ventura.

SONETO CCXCIV.

Em lingua Gallega.

Alã en Monte Rey, en Bal de Leça,
A Biolante bi beyra de hum rio,
Tam fermosa em berdã, que quedè frio
De ber alma immortal em mortal maça:

De hum alto, & lindo copo a seda laça
A Pastora sacaba fio a fio,
Quando lhe disse, morto, corta o fio,
Bolveo, não cortarey, seguro passa:

E como passarey, se eu a cá quedo,
Se passar, respondi, não bou seguro,
Que este corpo sem alma morta cedo:

Com a minha, que lebas, te asseguro
Que não morras Pastor; Pastora ei medo,
O quedár me parece mais seguro.

SONETO CCCXCV.

Porque me faz Amor inda acã torto,
O mal, te faga Deos desbergonçado,
Rapaz bil, descortez, que me has guiado
A ber a Biolante, que me ha morto:

Bila, por mãs non berme tomar porto
En repoulo ningun desbenturado,
Mas para chorar sempre que abado
As agoas dos meus olhos tom conforto:

Bem vir ser tua madre Cypriana
Una mundana astrola, deshonestã,
Cruel, falsa, sem ley, dura, & tirana:

Que a bõs ella ser outra, & não ser esta,
Não tiberas bontã tão deshumana,
Nem fora contra mim tão cruda besta.

SONETO CCXCVI.

EM quanto Phebo os montes a cendia
Do Ceo com luminosa claridade,
Por evitar do ocio a castidade,
Na caça o tempo Delia despendia:

Venus, que entã do furto descendia,
Por cativar de Anchises a vontade,
Vendo Diana em tanta honestidade,
Quasi zombando della, lhe dizia:

Tu vãs com tuas redes na espessura
Os fugitivos cervos enredando,
Mas as minhas enredã o sentido:

Melhor he (respondia a Deosa pura)
Nas redes leves cervos ir tomando,
Que tomarte alli nelles teu marido.

SONETO CCXCVII.

SE de vosso fermoso, & lindo gesto
Naceraõ lindas flores para os olhos,
Que para o peyto saõ duros abrolhos,
Em mim se vê muy claro, & manifesto:

Pois vossa fermosura, & vulto honesto
Em os ver, de boninas vi mil mólhos,
Mas se meu coração tivera antolhos,
Não vira em vòs seu dano o mal funesto:

Hũ mal visto por bem, hũ bem tristonho,
Que me traz elevado o pensamento
Em mil, porèm divertas fantasias:

Nas quaes eu sépre ando, & sempre sonho;
E vòs não cuydaes mais q̃ em meu tormêto,
Em que fundaes as vossas alegrias.

SONETO CCXCVIII.

NUm raõ alto lugar de tanto preço
Este meu pensamento posto vejo,
Que desfallece nelle inda o desejo,
Vendo quanto por mim o desmereço:

Quãdo esta tal bayxeza em mim conheço,
Acho que cuydar nelle he gram despejo,
E que morrer por elle me he sobejo,
E mòr bem para mim do que mereço:

O mais que natural merecimento
De qué me causa hum mal tão duro, & forte
Ofaz que vá crescendo de hora em hora:

Mas eu não deyxarey meu pensamento,
Porque inda que este mal me causa a morte
Un bel morix tutta la vita honora.

SONETO CCXCIX.

Quantas penas Amor, quantos cuydados,
Quantas lagrimas tristes sem preveyto,
De que mil vezes olhos, rosto, & peyto
Por ti cego, me viste já banhados:

Quantos mōrtāes suspiros derramados
Do coração, por tanto a ti logeyto,
Quantos males em fim tu me tens feyto,
Todos foraõ em mim bem empregados:

A tudo satisfaz [confessote isto]
Hũa sō vista branda, & amorosa,
De quem me cativou minha ventura:

O sempre para mim hora ditosa,
Que posso temer já, pois tenho visto
Com tanto gosto meu, tanta brandura?

SONETO CCC. 2

O Tempo acaba, o Anno, o Mez, & a Hora,
A Força, a Arte, a Manha, a Fortaleza;

O Tempo acaba a Fama, & a Riqueza,
O Tempo o mesmo Tempo de si chora:

O Tempo busca, & acaba o onde mora
Qualquer ingratição, qualquer dureza,
Mas não pôde acabar minha tristeza,

Em quanto não quizerdes vós senhora:
O Tempo o claro dia torna escuro,

E o mais ledo prazer em choro triste,

O Tempo a tempestade em graõ bonança:

Mas de abrandar o tempo estou seguro,

O Peyto de diamante, onde consiste

A pena, & o prazer desta esperança,

SONETO CCCI.

Pōsto me tem Fortuna em tal estado,
É tanto a seus pés me tem rēdido,
Nãõ tenho que perder já de perdido,
Nem tenho que mudar já de mudado:

Todo bem para mim he acabado,
De aqui dou o viver já por vivido,
Que aonde o mal he tão conhecido,
Tambem o viver mais será escusado:

Se me bastá querer, a morte quero,
Que bem outra esperança não convem,
E curarey hum mal com eutro mal:

E pois do bem tão pouco bem espero,
Jã que o mal este só remedio tem,
Nãõ me culpem em querer remedio tal.

SONETO CCCII.

Jã nãõ fere o Amor com arco forte,
As settas tem lançadas já por terra,
Como sohia já nãõ nos faz guerra,

Porque a que nos faz he de outra sorte:
Com olhos pellos olhos nos dá morte,

E para acertar o que nãõ erra,
Os vossos escolheo em quem se encerra
Mais bem do que ha do Sul ao Norte:

Concedevos o Amortão graõ poder,
Que vos sejaes do feu livre, & izenta:

Apagouse a candeia no mejo da consoante,

Por isto Feliza te vós nãõ contenta,

Nãõ vades com o soneto por diante,

Que he sonho o que a fantasia representa,



CANTO I.

Da creação, & composição do Homem.

NA mais fresca, & aprazível parte do
 A Venus dos antigos dedicada,
 Venus amor de Marte, & de Vulcano,
 Clara estrella do mar, & terra amada:
 Por cujo influxo amigo, doce, & humano,
 Se mostra a Primavera namorada,
 Guiando a destra mão da natureza,
 O fumo Creador da redondeza.

Quando a liberal terra guarneçada
 Com a humidade do Ceo, & temperança,
 De verde, & vario esmalte revestida
 Mostra dos doces fructos a esperança;
 Em toda a planta, & arvore florida;
 Com corôa, & odorifera abundança,
 Então parece mais fermosa, & bella,
 Co rigor brando da amorosa estrella.

Quando em sua liberdade as vagas aves,
 Com ledo canto o ar sereno enchendo,
 As manhãas graciosas mais suaves,
 E apraziveis do fresco Abril fazendo;
 Convidão a doce somno os corpos graves,
 Em leves somnos vão os entretendo,
 Ajuda o rouco tom da clara fonte,
 Que ao verde prado dece do alto monte.

Em hũa manhã destas prompto, & esperto,
 Me detinha hũ profundo, & graõ cuydado
 Da estranha providencia, & alto concerto
 Do Creador de tudo, o que he creado:
 Como depois de dar numero certo,
 E ordem ao mundo espherico formado,
 Formou logo com seu saber profundo,
 Do alto artificio outro pequeno mundo.

Que assi como fez sô pela virtude
 Da sua alta palavra là decima,
 Não do fingido chaos disforme, & rude,
 Nem da vazia, & vã materia prima,
 Com ordem certa, & tal, que não se mude,
 Os Ceos de graõ vigor, virtude, & estima,

E os Elementos varios corruptivos,
 Em suas qualidades compassivos.

E assi como delles num momento
 Formou diversos corpos de mistura,
 Varios na creação, & nascimento,
 No ser, composição, & na figura:
 As aves dando o ar por quasi assento,
 Aos peyxes agua, aos brutos terra dura,
 E das quatro compostas qualidades,
 Tantas fez de animaes diversidades.

Como depois de tudo ultimamente
 Num lugar deleytoso, fresco ameno,
 Quis formar, & crear distinctamente,
 Deste graõ mudo estoutrô mais pequeno;
 Assi em tudo nas partes diferente,
 Numa dellas caduco, vaõ, terreno,
 Noutra immortal espirito, alto, & divino,
 Derazaõ, & do Ceo capaz, & digno.

Que como no Ceo quarto o illustre Pharo,
 Aquelle olho do mundo luminoso,
 De toda a luz visível fonte, & emparo,
 Corre como Gigante, & alegre esposo,
 Assi o entendimêto outro Sol claro,
 Anda de hũa a outra parte presuroso,
 Lustra na parte delle mais superna,
 Discorre com sua luz, tudo governa

E quis que os animaes inferiores,
 Seu appetite só brutal romando,
 Da rerra bayxa, & vil habitadores:
 Só os pastos attentos vaõ buscando,
 E que os homês seus superiores,
 A razaõ seus sentidos vaõ mandando;
 Razaõ, que diffirir os faz da fera,
 Que de espiritual em bruto degenera.

Porque em queo fes do mais bayxo elemêto,
 Deolhe mil perfeçoês em abastança,
 Deolhe alma racional, entendimento,
 E selo emfim á sua semelhança;

De todo outro animal de bayxo assento
Lhe deo o senhorio, & governança,
Tudo lhe sujeitou de bayxo os pés,
Deyxando só sujeyto, a quem o fez.

11

Como este breve mundo, homem chamado,
Prevaricando nesta obediencia,
Do Parayso foy por Deos lançado,
Perdendo o bom estado da innocencia;
Mas da bondade immensa acompanhado,
De seu peccado fez sam penitencia,
Conhecendo o estado, que perdera,
E quam differente fora do que era.

12

Fazendose homem Deos omnipotente,
Immortal, infinito, & sem medida,
Amando o homem assi taõ altamente,
Que a tua vida deo por darlhe vida;
Humilde em fim mortal, pobre, paciente,
Sofreo pregado ser na Cruz erguida,
Com mil dores, tormentos, & deshonras,
Por dar comsigo ao homẽ eternas honras.

13

Mas dentre os mortos logo refurgindo,
Com glorioso corpo triunfante,
E ao Impyrio cos Santos seus subindo,
Na uniaõ da Igreja militante;
Deyxa o homem com seu sangue remido,
De suaves remedios abundante.
Com que vencendo sempre com victoria,
Podesse entrar na pura, & eterna Gloria.

14

Nesta imaginaçãõ assi passando
Estava eu a manhã de hum fresco dia,
Quando me em liquor humido banhando,
O lento somno, já me adormecia:
E daquillo, que estava imaginando,
As especies tomando a fantasia,
Sonhava hũ sonho assaz estranho, & doce,
Dado que verdadeyro, & certo fosse.

15

Porque quanto os sentidos inferiores,
Em sua figura assi me apresentavaõ,
Me parecia ser, que os exteriores
Em tudo claramente alli o tratavaõ,
Cousas maravilhosas, & mayores,
Que humano entendimẽto me mostravaõ,
Como aqui mostrarey, se copia tanta,
Me conceder, cantando, a Muta sancta.

16

Jã todos meus spiritos sensitivos,
Dos humidos vapores congelados,

No frio cerebro donde estavaõ vivos,
Pareciaõ de todo sepultados,
Impedindome as obras aos cativos
Membros, que todos tinha já postrados
O somno vindo da cymeria cova,
Por me mostrar visãõ taõ doce, & nova.

17

Quando de hum alto spirito poderoso,
Arreatado ser me parecia,
Elevado a hum graõ campo, & espaçoso,
Onde o seu corno a Copia diffundia,
Porque era fresco, verde, deleytoso,
De fruto, & flores cheo, & de alegria,
E assi o Ceo benigno o temperava,
Que hũ perpetuo Veraõ sempre mostrava

18

Quatro rios fermosos, & caudaes,
Regavaõ este campo taõ florido,
De arvores, ervas, plantas, & animaes,
De toda especie ornado, & bastecido:
Pastava o manso gado sem curraes,
Do Lobõ, ou do Leaõ pouco timido,
Viaõse as feras de mayor braveza,
Aqui com mansidaõ, domestiqueza.

19

Em tamanha abundancia, & variedade,
De individuos em perfeçãõ creados,
Tudo era paz, amor, tranquillidade,
Huns não sendo dos outros agravados,
Em conservaçãõ util, & amizade
Syncera, & pura, todos conformados,
Na terra, na agua, no ar, bruto, peyxe, ave,
Tinha vida pacifica, & suave.

20

Por este fresco, & bom jardim do mundo,
A vista dextramando alegremente,
Hum edificio vi nobre, & jucundo,
De alta composiçãõ, & obra excellente,
E tal architectura, que segundo
O que se via de fóra, & mais presente,
O de dentro seria mais perfeyto,
E muyto mais para, quem fora feyto.

21

Mostrava ser no sitio, & bom assento,
Inexpugnavel, claro, alto, & puro,
Com justa proporçãõ, arte, & ornamento
Cercado de lustroso, & forte muro,
Parecia com todo o pavimento
Por dentro, & fóra estar firme, & seguro,
E tudo vi, que a vista se estendia,
Em competente objecto, que a servia.

Alevantar-se ao modo de hum Castello.
 Sobre este campo, quasi senhor nelle,
 Dó qual vi, q' outro mais fermoso, & bello
 Parecia nacer das costas delle,
 E por poder melhor notalo, & vello,
 Querendome eu entao chegar para elle,
 Muy prestes não sey como parecia;
 Que em chaó subitamente ambos cahião.
 Desta infelice queda, triste forte,
 E subita mudança a mim me vinha,
 Hum sentimento intrinsecó, & tao forte,
 Como que neste mal graó parte tinha;
 Cria, que me caulava a mesma morte
 Esta desaventura tanto minha,
 E com grandê pellar, que me cercava,
 O fresco campo em lagrimas banhava.
 Entao mais miseravel, dura, & estranha,
 Me pareceo a nova fortaleza,
 Daquella quando ao perto a vi tamanha,
 Tão bem feyta, com tanta arte, & destreza,
 E logo que por grande engano & manha,
 E por trayção mais que por natureza,
 Cair a este edificio húa tal ruina,
 Que erguello só podia a mão Divina.
 Este assento já tam verde & tao ameno,
 Com prãto, & dór de tudo eu já deyxãdo,
 Já me não parecendo o ar sereno,
 Mas triste, escuro, & gravido aspirando;
 Quando não terás tu quinhaõ pequeno
 Nesta perda tao grande (ouvi brádando)
 Que o mal, que a todos toca geralmente,
 Intensivel he bem, quem o não sente?
 E verás, que o divino entendimento
 Tem de longe remedio a percebido,
 Que tudo vem de seu supremo assento,
 Suavemente tudo tem provido:
 E apos o erro o arrependimento,
 He ter o mal em parre soccorrido,
 Que o bem se galardão, & o mal se pena,
 Não deyxã ao fim do bê, que tudo ordena.
 O Castello, que viste em gloria tanta,
 Que com prosperidade & graó potencia,
 Senhoraava tanta terra, quanta
 Ver não podes: a summa providencia
 Ordenou, & dispôs com ordem sancta,
 Que estivesse a sua obediencia,

E della em qualquer tempo se saindo,
 Perdesse, o que estivesse possuindo.

28

Que o Senhor a que tem dado ao menagem
 Deste Castello os dous Alcaydes mōres,
 Pelos com grande amor a sua imagem,
 De perfeções dotados, & primores;
 Por o fructo comerem de hum pomagem
 Vedado, ficando elle transgressores,
 E offendendo o Senhor, pagaraõ o erro,
 Com penas, & trabalhos, & em desterro.

29

Mas porque vejas, que ama piedade
 Mais, que o rigor, este Senhor, que digo,
 Como quem he toda a suma bondade,
 Não quis ao fim chegar neste castigo:
 Porque elle mesmo intenta aduersidade,
 Soccorrendo ao vassallo como amigo;
 O remedio lhe deo, que não pudera
 Outrê alguê dar lho tal, se elle o não dera.

30

Consolate, que a bom Senhor servimos,
 Que sempre quis, & quer q' o homem viva,
 O bem do summo bem vir sempre vimos
 Da sua perfeção, & gloria altiva:
 O mal, a quem o passa atribuimos,
 E de sua mesma culpa se deriva,
 E já tem por não ser o homem desfeyto,
 Por elle o Senhor delle satisfeyto.

31

Olha o novo edificio reformado,
 Capaz de outra mayor, & eterna gloria,
 Que aquella em que já o viste situado,
 Que em fim, pois teve fim, foy transitoria:
 Mil vezes soccorrido, & visitado
 Pelo Senhor, que lhe alcançou victoria
 Do mao que com enganos conquistando
 Se andava, em sua pena vangloriando.

32

Foy este em nossa etherea hierarchia
 Dos principaes, mas ensoberbecendo,
 Trocava gloria em pena, em noyte o dia;
 E em seu mao zello não permanecendo,
 Com isto a este edificio combatia,
 Até que enganosamente o foy vencendo;
 Foge a soberba, segue a humildade,
 Com firme fé, esperanza, & charidade.

33

Entao como eu já claramente viffe,
 Ser este o espirito bom, que me guiara,
 O creatura Angelica, lhe disse,
 Se tua luz me não acompanhara

Em

Em tanta escuridaõ, que não cahisse,
Nenhúa humana industria me livrara,
Pois para ver agora esta tamanha
Obra, & maravilhosa, me acompanha.

34

As bellas mostras vejo, & boa figura,
Da fortaleza, que antes vi fermosa,
Mas quero notar bem sua compoltura,
Seu fundamento, & traça artificiosa:
E especular por dentro obra taõ pura,
Taõ polida, excellente, & sumptuosa,
Que mostra, sendo a obra em tâto estremo,
Ser della o Architector, alto, & supremo.

35

E como vires tudo, porque estejas
Mais prompto no que vires, & notares,
Me respondeo o spirito, pois desejas
Ver deste assento as mais particulares
Peças, conyem que sem ninguem te vejas,
Mas se em parte sem mim algũa an lares,
Tornar meàs ver despois que o correres
Por dentro, & fóra, se o entender quiseres.

36

Isto disse, & de mim já se apartava,
Deyxandome entre confusaõ, & medo,
Mas como sobre tudo me apertava,
Desejo de saber este segredo;
Do Castello, que se me apresentava
Com quanto me pezou irse taõ cedo
O bom espirito, que me alli guiara,
Movi o passo a ver couza taõ rara.

37

E como já me achasse mais ao perto,
E do que viße me certificasse;
Maravilhou me o sitio, arte, & concerto
Destte forte, & que alli se reformasse:
Estava posto em hum graõ campo aberto,
Como que dalli tudo senhoreasse;
Alto, grande, & fermoso, era em tal modo,
Que em duas columnas sobre estava todo.

38

Mais que d'alvo alabastró, & obra prima,
Eraõ lisas, pollidas, torneadas,
De facil artificio, & grande estima,
Sobre dous pedestais bem assentadas;
Mais delgadas embayxo do que emsima,
Por artificio raro bem lavradas;
E os dous pedestais, quando se moviaõ,
Todo o pezo consigo em si traziaõ.

39

Era tudo taõ primo, & taõ perfeyto,
Que alegremente a vista descansava,

No alto, bayxo, largo, & mais estreyto
Proporção ordenada se mostrava:
No chapitel tinha hum dourado teyto,
Que a todo este edificio mais ornavá,
Do qual huns rayos de ouro dependiaõ,
Que ao longe mais q' o Sol resplandeciaõ.

40

Nunca acabara affaz de obra taõ clara
Especular o engenho, arte, & bondade,
Se a vista então dalli me não cegara
Minha importuna, & vã curiosidade:
Porque senti, que então se começara,
Destte edificio, quasi na metade
Dos seus materiaes, húa fortaleza,
Da mesma compoltura, & natureza.

41

Como nas linhas entendi, & traça,
Ser este semelhante ao outro assento,
E que viria a ter a mesma graça,
E forma, nelle os olhos puz atento;
E vi que da materia, & propria maça,
De que era feyto o primeyro aposento,
De tres grandes sobrados, que em si tinha,
No mais bayxo a fazer outro alli vinha.

42

Neste sobrado bayxo húa casa avia,
De grande engenho, & artificio feyta,
Na qual com espantosa geometria,
A húa parte quali á mão direyta,
Hum sutil Mestre de obra esta fazia,
Muy regalada, certa, & muy perfeyta,
Sendo o Mestre para isso ardido, & quete,
Esperto, viço, & muyto deligente.

43

O qual, antes que nada começasse
De pôr em perfeyaõ, & sua figura,
Os materiaes tomou, com que cerrasse
Húa abobada affaz húmida, & escura,
E deyxou só por onde respirasse,
Hum pequeno buraco, & abertura,
E por onde viesse o mantimento,
A toda a obra, & seu sustentamento.

44

E como que não estava inda seguro,
Porque ficasse bem certificada,
Fez dous panos na abobada do muro,
Que alli de fóra a tinhaõ mais guardada,
E recolher o mais sobejo, & impuro,
Da immúdicia de toda a obra lançada,
E tudo o que para ella era contrario,
Admitindo sómente o necessario.

Despois de isto alli ter nesta ordem posto,
 O forte começou perseyçoarte,
 Tudo porral saber, & arte composto,
 Que pôde encarecerle, & não contarte;
 Estando edificadô, & já disposto,
 Para poder de novo povoarte,
 Com seus quatro retretes, & aposentos,
 Janelas, atalayas, guarda ventos.

Em parte parecia inda com tudo
 Faltar algũa cousa á fortaleza,
 Como quem vé a statua de hũ membrudo
 Corpo, a que falta o elperito, & a viveza;
 Ou ve hum campo solitario, & mudo,
 Sem cousa viva mais, que sua rudeza;
 Era emfim este forte alli acabado,
 Como hum corpo sem Alma afigurado,

E desejando eu ver, em que parava
 Esta obra tão estranha, & peregrina,
 Hũa Donzela vi, que nella entrava,
 Fermosa, clara pura, & emfim divina;
 De improviso ella delle se apossava,
 Como senhora mais, que delle digna,
 Aque logo no forte quanto avia,
 Seryndo alegremente, obedecia.

Tão bem feyta vinha esta alta senhora
 A fortaleza, & armava tambem nella,
 Como que feyta nella então fô fora:
 Para ornamento ser, & forma della;
 Logo as partes de dentro, & as de fóra,
 Se começaraõ a moyer com ella,
 E se vivificaraõ de tal forte,
 Que o forte se fez muyto mais forte.

Via se tudo ir já de dia, em dia,
 Com tão nova senhora em crescimento,
 A fortaleza em perseyção crecia,
 Em boa ordem, concerto, & regimento;
 E já que não coubesse parecia
 Naquelle bayxo, & humido aposento,
 Ondẽ fora composta, & bem traçada,
 Pola mão de seu Mestre delicada.

A grande fortaleza, que em si tinha,
 Estoutra já tambem se carregava
 Com tanto impedimento, & mal soffinha
 O grande peso, & pejo, que lhe dava;
 Bem que quanto de fóra bom lhe vinha,
 Para a fabrica della desejava,

E deste modo já de dia, em dia,
 Soportava este pejo, & agonia.

Atẽ que vindo tempo conveniente,
 E conjunção para o effeyto disto,
 Com força & com industria sufficiente,
 E saber deste artifice previsto;
 O forte quasi milagrosamente
 Lançado fóra dali foy visto,
 Ajudado porẽm, & loccorrido
 Da fortaleza, de que foy nacido.

E como do aposento fóra esteve,
 Donde fundando foy delido começo,
 Logo outro parecer crecendo teve,
 Outro ser, E figura de mais preço:
 A fermosa Donzella, a que se deve,
 Deste alto crescimento o bom successo,
 E louvor muyto, estava satisfeyta,
 De ter o mando em cousa tão perseyra,

Era de todos muyto obedecida,
 Era em tudo servida, & venerada,
 E com quanto em prisãõ quasi metida,
 Estava em parte aqui nesta morada:
 Não era erro por não ser entãõ tida
 Por sua casa propria em quanto amada,
 Mas porque nesta asua origem vira,
 Daquella antiga torre, que caira.

Porque as achegas, & materiaes,
 De que era feyto este novo artificio,
 Tinhaõ nas mesmas parcẽs integraes
 Do outro primeyro o rasto ainda do vicio:
 Não só na geraçãõ, & maleficio,
 Mas tambem na affeyçãõ, & tudo o mais,
 E deste mal deyxaraõ por herança,
 Em a terra a semente, & semelhança.

Daqui vinha que no discurso, & augmento
 Da torre, que crecia sem detença,
 A real Donzella em teu proprio apozento
 Por vezes teve algũa dezavença:
 Foy logo no principio o regimento
 Sem algũa discordia, & differença,
 Mas desque a torre em forças foy crecẽdo,
 Mal foy a gente della obedecendo.

Com tudo a bella dama amava tanto,
 Em que o o riginal mal aborreçia,
 Que vezes mil dissimulava quanto,
 Esta liberal gente lhe fazia:

Outra hora ameaçava com espanto,
Que a governança della deyxaria,
E que como ella della emfim se fosse,
Perderiaõ seu ser, figura, & posse:

57

Mas já pella uniaõ, & licença estreyta,
Que em casa tinha, consentia outra hora,
E da culpa em seu damno mesmo feyta,
Parecia ser della a causadora:
Porque os descobridores da sospeyta
Do mal, ou bem, que sentiaõ de fora,
Muytas vezes o mal por bem traziaõ.
E a senhora, & os criados contentiaõ.

58

Outra hora resistia com prudencia,
Por ser de alto, & real entendimento,
E convinha a sua alta preminencia,
Naõ ter no mal nenhum consentimento:
Que para tudo tinha sufficiencia,
E do bem, & do mal conhecimento,

Mas já da fortaleza parecia,
Que imperfeyções sofrer mais não podia.

9

Com toda a policia edificada,
De todos os primores abundante,
Em tudo parecia consumada,
E que em nada podia ir mais avante:
Toda de fóra se mostrava ornada
De hũa viveza, & graça triunfante,
Forte, nova, alta, fresca florecente,
Rica, servida bem, leda, contente.

60

E como por de fóra alli estivesse,
Com tanto lustro, graça, & fermosura,
Dejeje ver se a isto respondesse
A fabrica de dentro, & compostura:
E porque nisto me satisfizesse,
Me pareceo com vista clara, & pura,
Que avia por de dentro, & com espanto,
Tudo como direy nestoutro Canto.

CANTO II.

Altas obras soberbas, & arrogantes,
D'espantosa, & sutil Architectura,
Ouve em tempo passado, outras galantes
De pincel, perspectiva, & de esculptura:
Mil illustres Varões, como Tymantes,
Prothogenes, Polides, na pintura, (les,
Hũ Plydias, & hũ Chrusipo, & hũ Praxité-
Zeulis, Parrasio, & o celebrado Apelles.

Dedalo o laberintho embaraçado,
E Symiramis fez muro espantoso;
Fezse em Epheso o Templo celebrado,
E em Rhodes o colosso ao sol grandioso.
Fez ao marido seu Mausolo amado,
Arthimisa sepulchro, alto, & honroso,
E outras torres, & altos edificios,
E de maravilhosos artificios,

Mas como feytos saõ por maõ humana,
Naõ podem dilatarse em infinito,
Por terra jaz o Templo de Diana,
E jazem as pyramides de Egypto:
Mil columnas de antiga obra Romana,
Arcos, statuas de alto, & vivo spirito,
O tempo duro, que de tudo aferra,
Os tem desfeytos, & postos por terra.

Porém a cimetria compassada,
E sobrenatural proporção viva,
Em que não pode o tempo ter alçada,
Do corpo humano, & Architectura altiva;
De idade a idade a vemos propagada,
Para a fazer perpetua, & que reviva
A quella maõ Divina là de cima,
Que a fez de nada, & o ter lhe deo, & esti-

Os Philosophos grandes com sciencia
De incançavel industria, que alcançaraõ
Das cousas naturaes a propria essencia,
Etodos altamente especularaõ;
Nenhũa de mais alta arte, & excellencia,
Entre todas, q o corpo humano acharaõ.
De forma, & de materia hum só supposto,
Com tamanho primor feyto, & composto,

Mas tornando a meu sonho, que contente
Me tinha, desejando eu ver de perto
O mais da Fortaleza, alta & excellente,
Que por d'etro me estava ainda encuberto:
Naõ sey como assi logo estranhamente
Me foy tudo mostrado, & tudo aberto,
Como parte por parte aqui contara,
Se me a fraca memoria não faltara.

Estava a Fortaleza repartida,
 Assim toda por dentro, em tres sobrados,
 Ou tres principaes quartos, & cingida
 Por de fóra de muros bem layrados:
 Corriaõse estes com certa medida,
 E justa proporção bem compassados,
 E tinha cada hum delles seu mórdomo,
 Ou Vedor de grande cargo, & tomo.

E querendo olhar eu para o do meo,
 Por lhe ver mais estado, ricamente
 De tudo ataviado, ornado & cheo,
 Parecendo mancebo inda valente:
 Maravilhoume ver hum bom meneo,
 E moyoimento seu continuamente,
 Com muyto ar sem força, nem defeyto,
 Mas de seu natural hum dom perfeyto.

Davalhe grande authoridade, & brio
 Hum tabardo de mangas, que vestia,
 Com que mostrava mando, & senhorio
 Em toda a gente, que na terra avia:
 E por seu aposento ser de estio,
 E muyto caluroso, se servia
 De muytos pagés seus, que o banhavaõ,
 E de ar sereno, & frio o refrescavaõ,

Por estar nãa estufa muyto quente,
 Movendose continuo, & assi convinha,
 Para o qual, como mestre diligente,
 Hús dous abanos junto de si tinha:
 Aos quais hum ar frio incessantemente
 Para seu refrigerio lhe vinha,
 Por hús canos de fóra admittindo,
 O mais, & mais fumoço despedindo.

Desa estufa era sempre bem provida,
 E sustentada toda a Fortaleza,
 Por seus canos lhe dando spirito, & vida,
 E de seu vivo fogo a tendo aceza:
 Para este fim hũa casa alli escondida
 Com promptidaõ estava, & com viveza,
 O sotil mestre da obra, que servia
 De acender este fogo, & o partia.

E como esta graõ fabrica, & estranha obra,
 Toda em tres regiões se devidia
 Em partes principaes o mestre da obra
 Em todo o edeficio, & companhia
 Se via deligente a toda a hora,
 Porque em estas mais vivo residia,

E em que neste aposento mais morava,
 Nos outros dous mudado o nome andava.

Porém como o moverse he com graõ calma,
 O mórdomo, que dice valeroso,
 Sujeyto estava aos accidentes d'alma,
 Hora ledo, hora triste, hora medroso:
 Outra hora a ira, q' está sempre em calma,
 Dominava, & outro hora vergonhoso,
 Com esperanças, sem as ter outra hora,
 Se alterava. & mudava-se cada hora.

E com conhecimento falso, ou certo,
 As cousas, que de fóra procediaõ,
 Ao mestre da obra sempre vivo, & esperto,
 Desse seu aposento como viaõ,
 Fazendo estar as tristes encuberto,
 Por toda a torre as ledas o traziaõ,
 Com tanta variação, que de tal verse,
 Estava a risco às vezes de perderse,

15

Mas tinha mais, a fim de recrearse
 Este rico mórdomo os dous abanos,
 Em que bem delles foy aproveytarse
 Noutros serviços seus por outros canos,
 Porque no meyo delles vi formar-se
 Hũa fruta cuberta de dous panos,
 E atè o centro da torte hia direyta,
 Fazendo varia musica, & perfeyta.

Com hũa sotil porta estava obrada,
 No cabo della hũa cabeça, ou chave,
 Que dos pagés, & outros bem tocada,
 Causava esta harmonia taõ suave;
 No tom, que elles queriaõ temperada,
 Soava, ou alto, ou bayxo, agudo, ou grave,
 Com que gosto, & proveyto recebia
 O veador, & toda a companhia.

Tinha fortificado este aposento,
 E repayrado em roda hum forte muro,
 E da parte de fóra hum bom assento,
 Duas fontes num quasi contra muro,
 Que trazendo de dentro o nacimiento,
 O faziaõ de dentro mais seguro;
 Mas estas duas fontes pareciaõ,
 Estar secas entaõ, & naõ corriaõ.

Depois de eu ter visto parte, por parte,
 Desta casa do meyo, & forma della
 A fabrica, concerto, a ordem, & arte,
 A providencia, & bom serviço della;

Como

Como se ali montava cada parte,
De toda a fortaleza, assi por ella
Repartindo com grande provimento,
Seu liquido, & aparado mantimento:

19

Daqui ao aposento mais de cima,
Me passsey logo, ao mais alto sobrado,
E se o do meyo tive em muyta estima,
Desto inda fiquey mais maravillado;
Por sua perfeçãõ, sua obra prima,
E o lugar, em que estava situado;
Sobre a entrada da Torre com fermosa,
E aprazivel vista, & espaçoza.

20

Procedia com muyta authoridade,
Desto quarto o mórdomo nobre, & antigo,
De hũa abobada forte, & na metade,
Por ser lugar muyt aluo; & de perigo;
De hum siso era maduro, & gravidade,
Velho, branco, & dãs letras muyto amigo,
E assi gastar philosophando o tempo,
Avia por mór gosto, & passa tempo.

21

Vestida tinha hũa opa roçagante,
Que por todas as partes o cobria;
Nũa casa d' abobada galante,
E armada de gentil tapeçaria;
Atada por detraz, & por diante,
Por juntas, que a abobada fazia,
Noutro pano de fóra, que aguardava,
E para o mais servisso ali estava.

22

Alem deste graõ pano, que a cercava,
Por de fóra tinha outros dous em roda,
Com que provida, & mais fortificada,
E parecia estar cerrada toda; (nava,
Tambem de hũ musgo, & hervas se ador-
De fóra a superficie, & toda a roda,
Que estando alta assi, & do Sol lustrada,
Mostrava hũa fermosa cor dourada.

23

Em oyto partes era dividida,
Bem que continua, & junta na figura,
Esta abobada taõ cerrada, & unida,
Que não se devisava ter costura;
Mas pellas, em que estava repartida,
Servindose exhalava de mistura,
Todo o fumo sobejo, que lhe vinha
Dos sobrados de bayxo da cozinha.

24

Mas o Sabio ansiaõ, & bom mórdomo,
: Que neste alto aposento residia,

I. Part.

Com graõ cuydado, & diligencia como
Esperto, & prompto, estava noyte, & dia,
Em sua esphera, como em celeste tomo,
Hora do mundo a grande Monarchia,
Comtemplava com grãde, & vario estudo,
Hora o desfazer dellas, & de tudo.

25

Para isto livraria de diversos
Authores tinha grande, & muy polida,
De varios casos, prosperos, & adversos,
Em tres camaras juntas repartida;
A primeyra, ou em prosa, ou doces versos,
Continha alegre fabula fingida,
Leys a segunda, & a Philosophia antiga,
A terceyra historia grave tinha.

26

E desta livraria de maneyra,
Compassadas estavaõ as estantes;
Que a camara segunda, & a primeyra
Tinhaõ livros mudaveis, & inconstantes;
Mas os outros da camara terceyra
Estavaõ fixos quasi, & mais constantes,
E assi os que dos dous mais lhe aprazia,
Nesta terceyra sempre os recolhia.

27

Da sua condiçaõ, & natureza,
Apar de si o labio outro tinha,
Que a fabrica de toda a Fortaleza
Quasi em lugar do velho pay lostinha:
E a torre hora inclinada, outra hora teza
Fazia estar, segundo lhe convinha,
Por meyo de hum esteyo de artificio,
A que encostado estava este edificio.

28

E por detras da abobada decia
Esta coluna até o fim dos sobrados,
Pela parte de dentro oca, & vasia,
Mas com trinta canudos bêm ligados;
E em que de dentro vãos, de cantaria
Eraõ firmes, direytos, torneados:
Ficando assi columna desta sorte,
Cuberta de dous pannos, & muy forte.

29

Por dentro da columna discorrendo,
Do velho a filha andava diligente,
Ella, & o pay nas mãos atadas tendo
Setenta, & finco cordas longamente:
As quais por toda a torre se estendendo,
Dispertavaõ para o serviço a gente,
Dando força, & vigor ao movimento,
Que necessario era, & ao sentimento.

Hij

Destas

30
 Destas nervozas cordas sete partes,
 O velho estuudio governando,
 Com cinco pares dellas os lugares,
 Mais secretos da abobada; & esperando
 Os mais criados, & familiares
 Da casa, & os dous mais hião liando;
 E os trinta pares repartidos tinha,
 Por toda a torre a filha, onde convinha.

31
 Mas porque dos trabalhos excessivos
 Da torre os fervidores, & exercicio,
 Se pudesse fazer, & andar mais vivos,
 E esforcados cada hum com seu officio:
 Foy dado aos spirtos sensitivos,
 E aos motivos, por grande beneficio,
 Hum repouzo, & descanso conveniente,
 A que chamamos somnios vulgarmente.

32
 Delle era causa immediata, & certa,
 O sotil mestre da obra, que habitava
 No apozeno do meyo, & tinha esperta
 Da Fortaleza a gente, & alimentava;
 E quando ainda mais tinha encuberta
 Sua virtude, & o fogo, a conservava,
 Repousava da torre a companhia,
 O velho, & a filha as cordas naõ movia,

33
 Ajudava tambem, que as humildades,
 E fumos, que exhalavaõ, & sobiaõ
 Da cozinha, & das mais concavidades,
 A esta virtude o caminho impediaõ
 E adormecendo os velhos, & os Alcaydes
 Da Torre, os servidores naõ boliaõ,
 Do movimento a causa assi cessando,
 O sentimento entaõ nada operando.

34
 Pela parte de fóra do officio,
 No sobrado mais alto, & luminoso,
 Junto do chapitel, & frontespicio,
 Hum molde de janellas vi fermofo:
 Eraõ tres pares, cada par officio
 Diverfo tinha, & muyto proveytofo,
 As mais altas de estranha fermosura,
 Varios no sitio, officio, & na figura.

35
 Tinha cada hũa dellas sua espia,
 E atalaya de grande vigilancia,
 Que ao longe, & perto d'alto deseubria
 Tudo, o que parecia de importancia:
 Apresentando logo, o que sentia,
 A hũa atalaya mór, que noutra estancia

36
 Desta abobada estava apozentada,
 Para este cargo dentro deputada.

37
 Assentados estavaõ sobre fino
 Marfim, duas janellas alterosas,
 Com vidraças de hum puro cristalino,
 Que as fazia mais claras, & lustrosas:
 E para defenderle do ar maligno,
 Ou doutra cousa mã hũas fermosas
 Cortinas de cadilhos se cerravaõ,
 E quando era necessario abrir tornavaõ.

38
 Por cima da cortina, & corridiças,
 Cada janella tinha sua cimalha,
 Para reparo, arcadas, & maciças,
 Cubertas de hũa curta, & seca palha:
 Eraõ como convinha movediças, (Iha,
 Ambas de hũ lavor mesmo, & de hũa igua-
 E alem de reparar da chuva, & vento,
 Davaõ graça as janellas, & vento,

39
 Logo em direyto estavaõ, & alem destas,
 Duas de outro feytio, & de outra arte,
 Discubertas ao vento, & manifestas,
 Cada hũa a cada mão do baluarte:
 E em caraçol, & em voltas duas frestas
 Tinhaõ feytas na mais ultima parte,
 Das quais duas escuras de vigia,
 Cada hũa dava aviso, do que ouvia.

40
 Abayxo destas quatro inda outras duas
 Por cima do portal da Torre estavaõ,
 Com grande engenho feytas, & com suas
 Espias, que do cheyro só avisavaõ:
 Dos dous sobrados altos duas ruas,
 Aqui vinhaõ, por onde se purgavaõ
 As superfluidades, que deciaõ,
 E dentro o fresco alento recolhiaõ.

41
 Destas janellas logo abayxo estava
 O graõ portal da Torre, & serventia,
 Nesta mais alta parte, em que mostrava
 Estranha Architectura, & geometria:
 Por aqui todo o necessario entrava,
 De tudo quanto a Torre se servia,
 E para isto poder ser sem trabalho,
 Hũ graõ remedio se ordenou, & trabalho.

42
 Que sobre os dous sobrados derradeyros,
 E mais bayxos cada hum a sua parte,
 Estavaõ dous robustos carreteyros,
 De muy grande serviço, engenho, & arte:

Que além de grandes serem, eraõ ligeyros,
Que chegavaõ corrédo a qualquer parte,
Acarretando tudo com presteza
Para conservaçãõ da Fortaleza.

42

Estes dous carreyros sustentados
Eraõ por seu serviço, & provimento,
Da mesma Torre, em que foraõ criados,
Com todo necessario mantimento:
Tendo delles cada hum sinco criados,
Que a tudo davaõ grande aviamento,
E porque em seu trabalho sepre andavaõ,
As cabeças de bons casos armavaõ.

43

Serviaõ com cuydado, & diligencia,
Estes criados dez continuamente,
Sendo o principal toque, & experiencia,
Do humido, do seco, frio, ou quente
Em qualquer mechanica arte, ou sciencia,
Alem de obrarem necessariamente,
Com armas resistião á toda offensa,
Da Torre, della sendo a mór defensa.

44

E defóra da entrada, & serventia
Da Torre, dous porteyros sempre estavaõ
Lustrosos, & vestidos de alegria,
Que as portas cõ cuydado bem guardavaõ:
Tambem o som da frauta, & armonia,
Com movimento seu perfeçoavaõ,
E assi dos tres mórdomos dos sobrados,
Eraõ por isto em tudo alimentados.

45

Das portas para dentro logo entrando,
De grande fabrica hum moinho tinha,
O qual moendo estava, & preparando
Tudo, o que avia de ir para a cozinha:
Moido & brando dentro assi mandando
O mantimento, que de fóra vinha,
Com esta proporção conveniente,
Sé repartia, & hia a toda a gente:

46

Neste moinho junto os dous porteyros,
Estando juntamente em seu officio,
Duros, & rijos trinta & dous moleyros,
De grande força, & util exercicio:
Daqui tirados fóra outros primeyros,
Foraõ por graõ fraqueza sua, & vicio,
E os que agora mohiaõ com destreza,
Todos branco vestiaõ por limpeza.

47

Tinha cada hum delles sua morada,
Em dous lanços de penedo, que avia,

Enre elles hũa dona experimentada,
Esperta andava & prompta noytes & dia:
E della era aprovada, ou reprovada
A farinha de quanto le mohia,
Provando se era saborosa, & alva,
Porque era ella gentil meitra de salva.

48

Em toda a Fortaleza era importante:
O cargo desta dona reverenda,
Sendo frauta, & interprete elegante
Em tudo, além do mando, & da moenda:
Dava tambem ao som doce, & galante,
Da frauta, o ar, compasso, graça, emmêda,
Toda a fabrica emfim desta taõ clara
Torre, sem esta dona mal passara.

49

Mas por ser ella femea, hum quasi freo,
Por não hir longe, a tinha preza, & atada,
Bem que em nove criados de hum arreo,
E de hũa librè andava ella encoitada:
Que por ser de tal graça, & bom meneo,
Servida era de todos, & acatada,
E por julgar os gostos na verdade,
Cercada sempre andava de humildade.

50

Mas porque quando em casa repousava,
Esta humidade muyta a não enojasse,
Duas esponjas tinha, em que tomava,
E recolhia o mais, que sobejasse:
E tambem porque lá dentro importava
Todo o humido sobejo, ou ar, que entrasse,
Tinha logo alem mais hũa anteporta,
Que resistia ao sobejo ar da porta.

51

Alem desta anteporta pareciaõ
Os dous principaes cannos desta Torre,
Por hum delles os frescos ares hiaõ,
Com que o Veador do meyo se soccorre:
Por outro canno tudo, o que mohiaõ
Os moleyros, & o que à cozinha corre,
E nella do primeyro cozimento,
Se preparava todo o mantimento.

Mas ao quarto do meyo esta cozinha,
Huma grossa parede dividia,
Porque aqui perto sua morada tinha
O mórdomo, que nelle presidia:
O fogo, & fumo della, que lhe vinha,
Todo tomado tem por esta via,
E cõ a parede salvo, & defendido,
Fica seu a, ozento dividido.

53
 Cos tres cannos por dade era provida
 Toda a fabrica, & gente, que aqui estava,
 Estando esta parede interrompida,
 Nella o quarto do meyo se acabava:
 Em hũa graõ cozinha, & bem servida,
 Onde o quarto de bayxo começava,
 Ou tambem logo nella começando,
 Tudo o que nella avia fuy notando.

54
 Capaz era a cozinha, & suficiente
 Para cozerse nella o mantimento,
 Que pudesse bastar a toda a gente,
 E de muyto artificio, & provimento:
 Com vivo fogo estava sempre quente,
 Para todo o serviço, & cozimento,
 Num vaso deduas bocas, bem o brado,
 Sendo tudo cozido, & preparado.

55
 Pella boca mais alta se metia
 O que vinha a cozerse, & digerirse,
 Pella outra bayxa o mais se despedia,
 Do que menos aviaõ de servirse:
 E junto desta boca bayxa avia
 Hús quatro cannos para repatirse
 Hum certo manjar branco, & imperfeyto,
 Neste primeyro cozimento feyto.

56
 E assi desta mesma obra outros mayores
 Seis cannos juntamente procediaõ,
 Por onde da cozinha os servidores
 As fezes, & superfluo despediaõ:
 Destes cannos tambem outros mayores,
 Por mais apurar tudo, inda naciaõ,
 Por hũa tea grossa derramados,
 Com proveyto, & limpeza assi ordenados.

57
 Destes seis em o bayxo taõ semente
 Hús tres moços avia de serviço,
 Que por estar entre elles mais corrente,
 Estavaõ nelle postos já para isso:
 E no remate delle ultimamente
 Estavaõ outros quatro tambem nisso,
 Promptos em alimpar, cerrádo, & abrin-
 E cõ outros na Torre bem servindo. (do,

58
 Presidindo neste ultimo sobrado,
 E quarto, inda outrõ principal mórdomo,
 De graõ negociamento, venerado,
 Muyto importante, & bem servindo como
 Cada hum dos outros dous, alcatruzado
 Hú pouco, muyto grave, & homem de to-
 [mo,

Tiste no parecer, mas no suposto,
 Alegre no albernoz de grã bem posto.

59
 Junto à cozinha tendo o apozeno,
 Mandava della vir por ordenança,
 Sò da primeyra estancia, & cozimento,
 De todo o manjar branco em abastança:
 Fazia entaõ todo este mantimento
 Outra vez recozer com temperança,
 Que mais puro, & cada hum por sua via,
 Entre todos na Torre se prazia.

60
 E assi despois de já ser bem cozido
 Este manjar, que a todos sustentava,
 Sendo em quatro licores convertido,
 Diverso ser hum só na cor mostrava:
 Mas destes, mal conforme, ou desmedido
 Se algum muyto mingoava, ou sobejava,
 Fora de proporção, & saã concordia,
 Em toda a Fortaleza avia discordia.

61
 Pello contrario em justa cantidade,
 Em liquido vermelho misturado,
 Se este manjar se dà com suavidade,
 Todo este assento está delle abastado:
 Daqui deste apozeno, por metade
 Da Torre corre inda hũ, & outro sobrado,
 E por cubertõs cannos vay mandando,
 A toda a gente della alimentando.

62
 E com quanto assi leva sua mistura,
 Por mais bastar a todos, em chegando
 Ao apozeno do meyo, ali se apura
 Summamente, & se vay adelgassando:
 E daqui o mórdomo com mão pura,
 Despois que bem o atina está mandando,
 Purificando a toda a Fortaleza,
 Por outros sotis cannos com destreza.

63
 Mas tinha este mais bayxo em sua estancia
 Apar de si, por grande beneficio
 Da torre, dous criados de importancia,
 Providos cada qual com seu officio:
 O primeyro com sua vigilancia,
 Sentindo aver segura no edificio,
 Por certos cannos, que para isso tinha,
 Espertava graõ sede na cozinha.

64
 Vestia-se de hum verde sempre escuro,
 Por extremo colerico, & agastado,
 E taõ azedo, que por todo o muro
 Se via andar às vezes de enojado:

Tambem causava ser manjar impuro,
Da cozinha o superfluo seu lançado
Por seis humidos cannos dalli fóra,
Quando para isso avia tempo, & hora.

65

O segundo criado era tristonho
No corpo, & no vestido, hũ homem bafso,
Menenconizadissimo, & enfadonho,
De mã conversação, & pouco passo:
Era medroso, & em si muyto medonho,
Morto de fome sempre, & muyto escasso,
Mas o comer pedia para a gente,
Nilto bem apurado, & diligente.

66

Abayxo logo destes, dous estavaõ
No apurado comer tambem servindo,
No corpo, traça, & idade conformavaõ,
Num mesmo officio não se dezavindo:
Toda a superflua agoa a si chamava,
Por seus cannos dos outros iguaes vindo,
Tendo na mão huns vasos coadores,
Que coavaõ esta agoa, & outros humores.

67

Em si retendo só a potagem boa,
Toda a outra agoa coada se metia
Por dous cannos sotis nũa alagoa,
Que de grande artificio dentro avia:
Esta agoa que he salgada, & aqui se coa,
Da Torre fóra emfim se despedia,
Por outro canno em voltas, & deste mo lo,
Vinha assim a sair fóra de todo.

68

Este apozeno abayxo se cercava
Com paredes tambem, & com seu muro,
Com que emparado, & quente assi ficava
Aos perigos de fóra, & mais seguro:
Onde era necessario brando estava
Em parte, em outras partes firme, & duro,

Finalmente de tudo muy provido,
De gente de serviço bem servido.

69

E porque esta taõ bella Fortaleza
Nunca o tempo de todo a desfizesse,
Ordenou da obra o mestre com destreza,
Que de fóra da Torre sempre ouvesse
Dous naturaes Irmãos, cuja viveza,
Outros materiaes spiritos desse,
Para se fazer o novo edificio,
Por delicados meyo, & artificio.

70

Todos tres apozentos, & sobrados,
Sobre duas columnas se assentavaõ,
E ao pè dellas entre elles gazalhados
Estes dous naturaes Irmãos estavaõ:
As columnas seus pedestraes pegados
Nas mais delgadas partes ter mostravão,
E o mais grotto para cima tinha,
A outra Torre, de que esta nãscer vinha.

71

Sendo pois como dice taõ fermoso
Este novo edificio, & taõ pollido,
Dentro, & fóra em estremo artificiozo,
E tudo já por mim visto, & corrido:
No Artifice cuydando poderoso,
Que de tudo o fizera taõ provido,
Estava eu contentando a vista nelle,
Sem de todo a poder apartar delle.

72

Quando enlevado assi me parecia,
Que com triste mudança estranha, & dura,
Este grande edificio descahia
De sua graça alegre, & fermosura:
A maquina total se desfazia,
Vindo abayxo de sua mòr altura,
The de todo cair por derradeyro,
Como no Canto cantarey terceyro.

CANTO III.

I

O Vida humana taõ caduca, & breve,
O falsa gloria della, & imperfeyta
A que mais dura fica a hum somno leve,
Ao tempo, ao fado, á morte emfim sujeita:
Que mais cõta fez della, & em mais a teve,
Com mòr dor, & tristeza a vio desfeyta,
Passa, & seu fim remata em prãto, & magoa,
Enchendo como fumo os olhos de agoa.

Em que parou da terra o mòr Tirano,
Com prospera fortuna, ou com adversa
Em que parou o graõ ceptro Romano,
Em que o Grego, o Medo, o Cyro, o Persa?
De hũa hora incerta hũ certo dezengano,
Daquella hora final, dura, & per veria,
Triste odiosa a todes, tudo em terra,
Em muyto esquecimento, & pouca terra.

Na antiga idade douro, em que abundança
 Saudavel da terra florescia,
 Em que a saúde, & util temperança,
 Nos homés, & Elementos mais avia;
 Dos innumerados annos a abastança,
 A muytos pouca, & breve parecia,
 Que o calado ladrao a todos furta,
 A longa vida, & faz parecer curta.

Quem vive por viver só nesta vida,
 Docemente, no fim chorosa, & amarga,
 Em que do Ceo lhe seja concedida,
 Que a de Mathusalem muyto mais larga:
 Que mais he que na misera partida,
 Em q ha de ir ter, levar muyta mais carga;
 Mas que somete aspira à eterna, & sancta,
 Para ella alegre, & leve se levanta.

Levantase a alma leve à mór altura,
 Do seu charo inimigo desatada,
 Ou das obras levada clara, & pura,
 Ou à prisaõ perpetua condemnada:
 Toda inferior, cousa, & creatura,
 De materia, & de forma fabricada,
 Por mais, que viva, em fim seu fim aspera,
 Que assi o quis, quem fez a grande sphaera.

Mas nunca a ninguem basta esta certeza,
 Para que a dura parca inexoravel,
 Espanto lhe não cause, dor tristeza,
 Com seu golpe cruel, & irreparavel:
 Assi vendo o da bella Fortaleza,
 A miseravel queda em que duravel,
 Sabia nacer nada: entristiceome,
 E cousa estranha, & grave pareceome:

Naõ sonhava eu que avia desfazerse,
 Com subita ruina, este edificio,
 Mas que por tempo avia envelhecerse,
 Cada parte cessando em seu officio:
 E o governo, & economia perderse,
 Com sua ordem certa, & exercicio,
 Naõ servindo os vassallos à senhora,
 Te que ella triste se sahia fóra.

Triste se hia, por mal obedecido,
 Para quey xarse, na lusida etphera,
 Ao senhor, que a esta envelhecida
 Casa sua a mandara, & vir fizera;
 Triste se hia confusa, & arrependida
 Do mau viver; mas mais viver quifera

Na sua antiga, & tão chara morada,
 Que só por terra jaz defemparrada.

Fazendo mal os grandes, & os menores,
 Cada qual seu devido regimento,
 Naõ mãdado os mórdomos, & Veadores,
 E naõ avendo em nada certo assento:
 Veo o commum manjar com seos licores,
 Todos quatro a hum tal corrompimento,
 Que as partes principaes, & as outras logo,
 Enfraquecião, & se esfriou o fogo.

Porque daqui naceo, que consumindo
 Se foy o mestre da obra diligente,
 E com elle de mal em peor indo,
 Os Capitães da Torre, & outra gente:
 E os servidores todos mal servindo,
 Os de dentro, & os de fóra juntamente,
 Em todos se enxergava hua frieza,
 De estranha forma, & misera fraqueza.

Os mais dos trinta & dous brácos moleiros,
 Que estavaõ no moinho, se faziaõ
 Debilitados já, como os primeyros,
 E sem poder moer fóra cahiaõ:
 Outros, que em seu vigor, ainda q inteyros
 Ficavaõ, por fraqueza não serviaõ,
 E por estarem ali mais arreygados
 Ficavaõ com o velho apozentados.

Envelhecendo assi tanto o edificio,
 De fóra a graça, & lustre hia mudando,
 Atè no chapitel, & frontispicio,
 Murchando as flores se hiaõ, & arracão;
 Porque já não lhes sendo tão propicio
 O calor, & alimento, como quando
 Em seu vigor, & perfeição estavaõ,
 Em fria, & branca a cor d'ouro tornavaõ.

Aquelles dous robustos, & valentes
 Carreteyros cansadamente andavaõ,
 E já mais floxamente, & negligentes,
 O necessario à Torre acarretavaõ:
 Tambem os dez criados diligentes,
 Como tolhidõs mal se meneavaõ,
 E já as columnas grossas, que traziaõ
 O pezo sobre si, fracas tremiaõ,

Com tal fraqueza, & continuos temores,
 Torre ameaçavaõ á final queda:
 Estavaõ sem repouso os Veadores,
 E toda a gente fraca, & pouco leda:

Da salva a mestra já deyxá os fadores,
E cada hum de seu cargo já se arreda;
Arruando por mil partes o muro,
Abalado se mostra, & mal seguro.

15

Atonito com grande dor, & espanto,
Que alli ficava entãõ me parecia,
Por tam fero spectaculo, & com tanto
Estrondo lachrymoso, como avia:
Porque de fóra estar em alto pranto
Muyta gente funesta, & triste via,
A mortifera queda desta sorte,
Carpindo, & da sua gente a fera morte:

16

E o que mais me espanta, sobre tudo,
Da machina lançada assi por terra,
Que o material todo, & o campo mudo,
Hum vil panno de lenço dentro encerra,
E a quem estando em pè foy pouco tudo,
A cobria cahindo hũa pouca terra,
Estando eu nisto cuydado, & afficto,
Tornava a parecerme aquelle spirito.

17

Aquelle spirito bom, fermoso, & puro,
Que ao entrar da Torre me deyxara,
Em cuja companhia eu muy seguro
Por arriscados passos já passara:
Tornouseme com elle o triste, & escuro
Tempo puro, & sereno, & a noyte clara,
E pondo eu leve, & ledo os olhos nelle,
Assi me começou de fallar elle.

18

Que fazes, fraco, aqui? que cuydas triste,
Mortal, terreno, cego, & descuydado?
Porque não te aproveyras, do que viste,
No mal doutrem por teu bê doutrinado?
Não he vaõ sonho não, o em que consiste
Perdereste, ou salvarestes coytdo;
Os olhos abre já esperto, & pronto,
Regula a vida só por este ponto.

19

Quem te criou, & quem te fez de nada,
Dandote o ser, a forma intellectiva,
Te meteo nesta Torre encarcerada,
Não foy, para que nella sempre viva:
Mas para merecer nesta jornada,
Com suas obras a outra eterna, & altiva,
Com suas obras tingidas no purissimo
Sangue do bõ Cordeyro innocentissimo.

20

Para isto vive só, para isto estima
Qualquer bê téporal, q' este he seu preço;
I. Part.

O que não for para isso desestima,
E no fim o despreza, & no começo:
O bem perfeyto & firme là está em cima,
Sem falta là seguro, & sem excessõ,
Dasse immenso a cada hũ no claro assento,
Mas medido por seu merecimento.

21

Dasse penna a quem isto desmerece,
Tambem sem nenhum fim, & sem medida,
As quais por sua culpa só padece,
Propondo á vida eterna a breve vida:
Esta, que em torpes vicios envelhece,
Até lhe ser de todo consumida,
Da alma a satisfação lho verifica,
E o que da terra he na terra fica.

22

Isto he, o que tens visto, & o que notaste
No processo, & discurso deste forte,
Que não he mais, se o bem consideraste,
Que hũ vivo homé sujeyto á cõmũ morte:
Tu por dentro, & por fóra especulaste,
E viste cada parte, de tal sorte,
Que ser hum corpo humano organizado,
Declaraste a verey por escusado.

23

Fello Deos como a ty mortal, terreno;
Mas fello racional capaz do Ceo,
Fez o graõ mundo, & fez este pequeno,
E nelle por salvo em fim deceo
A homem se fazer: com hum aceno,
E quem o ser ao Ceo, & á terra deo,
Em hũa Cruz quiz ser alevantado,
Para trazer a si todo o criado.

24

Remirte, ò homem, quiz Deos sempiterno,
Com resgate de amor maravilhoso,
Dando por si seu filho igual Coeterno,
O qual fazendose homem piedozo,
Por te livrar da morte, & escuro Inferno,
Deo sua vida, & sangue precioso;
Pois com que vidas tu pagarlhe entendes
Se com a que te deo tanto o offende?

25

Será razaõ que deça de sua altura
A bayxa terra, só por darte vida,
A sua offerecendo santa, & pura,
Com tanto excessõ, & tanta dor crecida,
Na Cruz á tanta injuria, á morte dura,
E que seja taõ mal agradecida,
Que elle mórra só para tu viveres,
E tu que vivas só para o offenderes?

Enganado, perdido, ingrato, & cego,
 Como dormir, como viver, te atreves?
 Como afogarte no profundo pègo
 Não temes, carregado do que deves?
 Em menda a vida não có o mau emprego,
 Em quanto tempo tês, que as horas leves
 Se vão; sem esperar, como a figura,
 Para isso a derradeyra, triste, & escura.

27

No diluvio cruel, & mar contrario,
 De teus vicios, em que andas engolfado,
 Buscar do bom Noé te he necessario
 A santa arca, que em terra tem lavrado:
 Não no monte de Armenia, mas Clavario,
 No graõ Clavario monte, celebrado,
 Do Adão segundo busca a arvore sancta,
 Que elle por te salvar no mundo pranta.

28

Colhe pois sem receo, & confiado,
 Della o fructo dividido, & tão jucundo,
 Não o que a Adão primeyro foy vedado,
 Mas o que deo a todos o segundo:
 Do Ceo vindo, & na terra foy plantado,
 Para que nella viva o morto mundo,
 De um puro Lirio nasce hũa flor tão pura,
 Novalle por subir tudo a altura.

29

Olha na sagrada arvore pendendo,
 Do ventre virginal o fructo suave,
 Para dar bês os braços estendendo,
 Como posta lhe foy coroa grave;
 Por te esperar se a vista o vas perdendo,
 Pregados pès, & mãos tem na alta trave,
 E para recolherte no deserto,
 Perdida ovelha, o lado tem aberto.

30

O lado, fonte viva, donde mãna,
 Com sangue, & agua affaz graça infinita,
 Que gostandote bem a gente humana,
 Que vive vida morta, resuscita:
 Gloria fica da morte soberana,
 Consola, & apura em fogo a alma afficta,
 Tu purifica fonte tudo regas,
 E a quem te quer gostar nunca te negas.

31

De tua perenal clara corrente,
 Nacem divinos Rios sem discordia,
 Que essa Cidade regaõ refulgente,
 De Deos, q̄ tem a terra em sua concordia:
 Quatro Rios de graça sufficiente,
 De justiça, de amor, misericordia,

E todo o bom, que a seu Deos comunica,
 Em ti, ó fonte santa purifica.

32

A ti, os que da vida sede trazem,
 Tua agua salutifera buscando,
 Quanto mais della em ti se satisfazem,
 Tanto com gosto a estão mais dezejando:
 De terrena já pura ser a fazem,
 Seu bem estado em graça renovando,
 Os que te bebem, & teus Rios habitão,
 E bayxo do guiaõ da Cruz mil taõ.

33

Ataõ liquida vea, & fresca fonte,
 Corre pois, peccador, lavarte nella,
 Bayxos olhós levanta ao alto monte,
 Aquelle monte sancto donde nasce ella:
 E vella ensangoentada não te afronte,
 Que he mais fermosa assi, q̄ toda a Estrella,
 Esse divino sangue, em que tingida
 Vez a sancta agua, te he saude, & vida:

34

Faze tua morada nesta viva
 Singular pedra onde a doce agua nasce,
 E donde mel, & leyte se deriva,
 Que o Ceo, & a terra alegremente pace:
 Por esta escada sobe á estranha altura,
 Que o grãde Jacob vio, q̄ ao Ceo chegasse,
 Por ella Anjos do Ceo à terra decem,
 Sobem ladroës ao Ceo, que a reconhecem.

35

Vay banhartê doente, & tão leproso,
 Neste divino, & sacro Rio Jordão,
 Pásse o da lepra já saõ, & fermoso,
 Para na terra entrar de promissaõ:
 Foge, & sayte do Egypto trabalho,
 Donde te tem teus erros em prizaõ,
 Pásse do sangue & agua o mar vermelho,
 Livre do captiveyro antigo & velho.

36

Olha a sagrada letra, que Ezechias,
 Em Hierusalem vio impressa & escripta
 Nas testas dos, que estavaõ de agonias,
 E a alma tinhaõ triste, & muy afficta;
 Enche os corações esta de alegrias
 Perpetuas: & lhes dà graça infinita,
 Agora cū final nellas impresso,
 Escripta bem com sangue alto sem preço:

37

De metal no deserto em Cruz erguida
 Olha a medicinal mortal serpente,
 Que só co a vista da saude, & vida,
 Aos que feria co venenoso dente:

Representava ser serpe esculpida,
 Serpe era no metal, serpe aparente,
 Assi posto na Cruz como culpado,
 Quem nunca o pode ter, terá o peccado.

38

Esta Arpa de David tão branda, & sancta,
 Com vozes tão divinas, & acordadas,
 Se tocaõ na Cruz postas com dor tanta,
 Os nervos seus, & cordas delicadas:
 Afugenta o Demonio mau, & espanta,
 Destfaz, & desbarata suas ciladas;
 Toca pois a sancta Arpa, adora, & ama,
 Mil lagrimas d'amor nella derrama.

39

Com esperança, amor, & firme fé,
 A teus tão cegos olhos lava, & cura,
 Na clarissima fonte Syloé,
 Sahitas da cegueyra triste, & elcura:
 Verás por onde pões o enfermo pé,
 Ser tudo engano, & má dezaventurá,
 Da vil carne do mundo vem Pobrezas,
 Do mau sempre malicias, & torpezas.

40

Gozate desta certa medicina,
 Bastante a estima á toda enfermidade,
 Que o bom & universal Medico ensina,
 Com tão sincero amor, & boa vontade:
 Entra nesta probatica piscina,
 E a tua paralitica maldade,
 Convertida verás pela virtude,
 Desta agua efficacissima em laude.

41

De Deos com puro amor olha o Cordeyro,
 Cujos sangue purissimo innocente,
 Derramado co amor tão verdadeyro,
 Do lobo te livrou percuciente:
 Sangue tanto sem preço, & por dinheyro,
 Por vil preço vendido injustamente,
 Mas assi ás más culpas livramento,
 E ás obras boas deo merecimento.

42

As obras, que assi nelle resplandecem,
 Como num tão capaz, & claro espelho:
 E todas perfeições sem fim parecem,
 E os santos Dões do spirito, & são côselho:
 As virtudes que mais aqui florem,
 Tinha no fino esmalte, & bom vermelho,
 Vete bem neste espelho, & o tempo goza,
 Verás toda a virtude aqui fermoza.

43

Se a sempre igual justiça firme & forte,
 Ver queres, vé que o homem condenado

I. Part.

Por sua mesma culpa à eterna morte,
 Pagando Deos por elle, he perdoado:
 Deos fesse homẽ mortal, & mata a morte,
 Morre innocente, & mata ao mau peccado,
 Com suas chagas tira a antiga chaga,
 Como Deos pôde, & quer, como homẽ pa-
 ga.

44

Essa misericordia branda, & amiga,
 Que mais se pôde ver, que a piedade
 Com que ao filho do Eterno pay castiga,
 Per perdoar do mau servo amaldade:
 Olha a que estado dece, & a que se obriga,
 Se queres ver a altrissima humildade,
 Se a tam modestia vé, com que estreyteza
 Naceo, & viveo sempre com pobreza.

45

Vé, com que mansidaõ, com que innocencia
 O Redemptor do mundo se offerece
 Ao summo Sacrificio, & obediencia,
 Até morte tão crua, que padece:
 Em tanta injuria, tanta paciencia,
 Que por seus homicidios não se esquece,
 Por inimigos rogar assi os amando,
 Tudo com alto amor bem rematando.

46

Amor lhe fez que á terra do Ceo deça,
 Amor da terra ser em Cruz subido,
 Amor nos pés, & mãos, corpo, & cabeça,
 Com cravos, lança, espinhas, ser ferido:
 Amor, que com tormentos mil pereça
 Ser hũa chaga, & por leproso avido,
 Amor, que amasse o ingrato mundo tanro,
 Que nelle fiq em carne, & em corpo santo.

47

Deos sendo amor purissimo perfeyto,
 Quis pelo mesmo amor communicarse,
 Fazendose de hũa alma, & humano seyto,
 E nelle Deos, & homem agazalhar-se:
 E em lugar tão estreyto, mais se alegra,
 Que no espaçoso, & largo impitio achar-se,
 Que este he só corporal morada nua
 Dalma, & espirito, & outro imagem sua.

48

Para esta uniaõ santa, & amorosa,
 A divina Eucharistia instituindo,
 Com discreta invenção maravilhosa,
 Dos Discipulos seus se despedindo:
 Naquella final Cea lachrymofa,
 Debayxo das especies se encobrimdo,
 De paõ, & vinho, em doce mantimento,
 Se dá a comer neste alto Sacramento.

49
Que como trasformado, & convertido,
Em quem o come o mantimento fica,
Assi a alma do homem a Deos unida,
Por amor se sustenta, & vivifica:
Que este manjar divino recebido
Vida divina dà, & glorifica
A quem sua carne come, & sangue bebe,
E morre, indignamente quem o recebe.

50
Quem bê o come em Deos, fica, & Deos nelle,
Fica em Deos como proprio mēbro vivo,
E o summo Deos, como cabeça delle,
Hum ser spiritual lhe dando altivo:
Fasse assi hum corpo mistico por elle,
Por este amor seu puro, & unitivo,
E o filho assi de Adão, & filho de ira,
Fica filho de Deos, & a Deos aspira:

51
Contente vive amando, & persevera,
Na fonte d'amor puro, alma embebida,
Abraça aquella amiga, & fiel hera,
Da laudavel Cruz arvore erguida:
Come o bom paõ da vida, & a vida fera
Perdendo iras, ganhando eterna vida,
Paõ sobre substancial come, & de graça,
Que de terreno Angelico te faça.

52
Esperta já Christão dormente, esperta,
Para este paõ, que tanto te convida,
Que a satisfação tés tão boa, & certa,
Cavando do Senhor sempre na vinha:
Ao peccado, & chaga na alma aberta,
Applica esta suave, & san mezinha,
Os bês do mundo tem por sonho & rizo,
E o que me ouviste em sonhos por avizo.

53
Assi me estava o bom Anjo fallando,
Que ao doce som de sua voz divina,
Dormia muy quieto repousando,
Na visão deleytosa, & matutina:
E não crendo eu que fosse isto sonhado,
Cua vara de inspiração divina,
No coração tocarme parecia,
E despertar do somno me fazia.

54
Tão confuso fiquey, tão affombrado,
Jà de todo acordado, & só em meu leyto,
Daquelle espirito bom dezemparedo,
De seu colloquio santo, & brãdo aspeyto:
E do que ouvira, & vira inda lembrado,
Que impresso me ficou dêtro em meu peyto,

Comecey a fazer contas comigo,
Quaes todo homem fazer deve consigo:

55
Miserô peccador, mortal, terreno,
De pô, de cinza, & terra hum triste caso,
Quero abarcar hum bicho tão pequeno,
A terra, & o Ceo, como outro Zodiaco,
Eu me engano, eu me perco, eu me cõdeno,
Culpado vou perdido, cego, & fraco,
Nacido em dor, em prãto, & em peccado,
E nelle em mil misérias enterrado.

56
Que espero mais, que não me dezengano,
Com tanta inspiração, tanta doutrina?
Que vou de dia em dia, de anno em anno?
A cura dilatando a esta alma indigna?
Ah cruel a mim mesmo, & deshumano,
Que tão prezente, & santa medicina,
Qual se me offerecendo esta tão certa,
Deyxo de pôr na mortal chaga aberta!

57
A viva fonte vejo permanente,
Sempre manancial, nunca escorrida,
De que manando está perpetuamente,
E sem cessar, saude, & luz de vida:
Vejome a mim mortal, cego, & doente,
Chegar não quero á cura offerecida;
Deyxome ir obstinado sempre, & duro,
Traz o tempo a beber no lago escuro,

58
A Fortaleza, que eu sonhando via,
Florente edificarte em tanto terse,
Té que por tempo em fim me parecia,
Cahir por terra, & nella desfazerse:
Donde a immortal senhora se sahia,
E sem para onde fosse entã saberse,
Era o meu triste, & fragil corpo humano,
E que de todo não me dezengano?

59
Ah não seja assi, não, não dure tanto,
Minha vida no grave, & mau letargo,
Que esquecido da eterna com espanto
A perca, & se fim morra em prãto amargo:
Daquelle santa fonte, & Rio santo,
Sempre alto, copioso, doce, & largo,
Là quero o paõ gostar, & agua da vida,
Para que fique lá comigo unida.

60
Por ti quero viver o paõ divino,
Que dà a vida, & es vida por essencia;
Por ti com tua graça eu fraco & indigo,
Quero, & posso fazer san penitencia:

E com ella mais limpo de contínuo
Quero amarte & goftar cõ mais frequêcia,
A ti, que es amor puro, & bem supremo,
Por ti suspiro eu já, & por ti gemo.

61

Inda que eu merecer tanto não possa,
Nem por mim, ao que devo, fatisfaça,
Teu purissimo amor a tudo adoça,
E tua misericordia a tudo abraça:
Tu queres sempre a conversação nossa
Amiga, se a tua graça nos dà graça; (de
Se o rico, ou pobre, ou alto, ou bayxo pô-
Chamarte, o teu poder logo lhe acode.

62

Tu usas só Senhor de tal piedade,
Só o remedio nos pòdes dar seguro,
Tu altissimo Deos tanta humildade,
Que o servo cõmunicas bayxo escuro:
Tu que vestindo a nossa humanidade
No ventre virginal, & sangue puro,
Tu que por nós na Cruz o teu derramas,
E te dar em comer, tanto nos amas.

63

Em tal extremo vendo a Fortaleza,
Vigilante, & solícita accodia
A todas partes a immortal princeza,
Sempre animando a toda a companhia;
Com quanto via já sua defeza,
Ser tão fraça deyxala não queria,
Todo o remedio exquisito, & raro,
Busca em finar seu proveyto sem emparo.

64

Nesta ultima agonía assi estãdo,
A desconfortadissima senhora,
Ea também triste affaz via sonhando,
Disforme hum velho feo vir de fora:
Sumida a carne os olhos só mostrando,
De corçomido rosto os olhos fora,
De espantosa, & terribel catadura,
Fracã voz, mas soberba, & con soltura.

65

O qual as mãos lançando descarnadas,
E torpes sobre este edificio enfermo,

Deolhe hum medonho abalo, & alteradas,
Tremendo as partes nelle, fez graõ termo:
Traz isto com palavras muy pezadas,
A princeza fallando disse, o termo
Final, & triste, a tua hora he chegada,
Sayte já da cadaça, & van morada,

66

Ficou sobressaltada, & temerosa
A princeza com voz tam grave, & horrêda,
Mas ainda assi lhe respondeo chorosa,
Esperame algum tempo para emmenda
Minha: & desta morada perigosa,
E o prazo final mais se me estenda,
Darey ordem, que em tão triste partida,
Não deyx a casa toda destruida.

67

Graõ tempo ha já lhe replicou o velho,
Que nesta Torre vives, & o tiveste,
Para tudo ordenar com graõ conselho,
Sabias isto bem, mal o fizeste:
Se a casa tem remedio outrem delho,
Ea ti o que nella estando mereceste;
Não posso esperar mais, & vemte comigo,
Mais tenho que fazer, que aqui contigo.

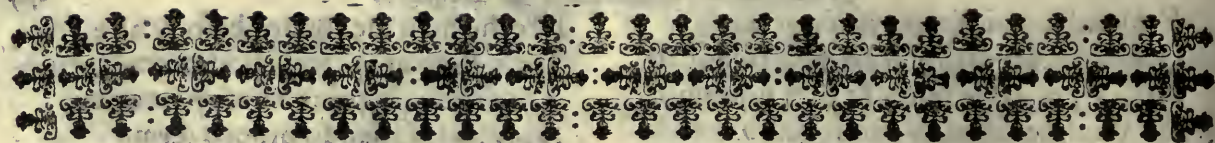
68

Isto disse, & pegando rijamente
Outra vez com mão dura, & com crueza,
Cahio toda por terra finalmente,
Com grande terremoto a Fortaleza,
Cahio com ella morta toda a gente,
E a graõ regente della, & alta princeza,
Desaparecco com o velho a essa hora,
Sem saber mais ninguém certo onde fora,

69

Pois se ha de aver desagradoimento,
De mercede a mim, & a todos feyta,
Se nisto não se achar merecimento,
Dentro em minha alma seja sempre aceyta:
E se eu della tiver esquecimento,
De mim se esqueça a minha mão direyta,
E a lingua se me apegue na garganta,
Se eu não louvar & amar merce tão santa:





R I M A S

D O G R A N D E

L U I S D E C A M O E S

S E G U N D A P A R T E .

C A N C , A M I .

Aqui decanta o P. o que lhe manda o grande amor da Formosura de sua Senhora.

M Andame amor, que cante docemête,
 O q' elle já em minh'alma té impresso,
 Com presuposto de desabafarme,
 E porque com meu mal seja contente,
 Diz, que ser de tam lindos olhos preso,
 Contallo bastaria a contentarme:
 Este excellente modo de enganarme,
 Tomara eu só de amor por interesse,
 Senam se arrependesse
 Com a pena o engenho escurecendo:
 Porém a mais me atrevo,
 Em virtude do gesto, de que escrevo,
 E se he mais, o que canto, que o que entendo,
 Invoco o lindo aspeyto,
 Que pôde mais, que amor, em meu defeyto,
 Sem conhecer amor viver sohia,
 Seu arco, & seus enganos desprezando,
 Quando vivendo delles me mantinha:
 O amor enganoso, que fingia
 Mil vontades alheas, enganando,
 Me fazia zombar de quem o tinha,
 No touro entraya Febo, & Porgne vinha,
 O corno de Acheloo Flora entornava,
 Quando o amor soltava
 O fios de ouro, as tranças encrespadas,
 Ao doce vento esquivas,
 Os fios rutilando chamas vivas,
 E as rosas entre a neve semeadas,
 Co riso tam galante,

Que hum peyto desfizera de diamante,
 Hum nam sey que suave respirando,
 Causava hum admirado, & novo espanto
 Que as cousas insensiveis o sentiaõ:
 E as garrulas aves levantando
 Vozes desordenadas em seu canto,
 Como no meu desejo se encendiaõ,
 As fontes cristalinas nam corriaõ,
 Inflamadas da linda vista pura,
 Florescia a verdura,
 Que andando, cos divinos pés tocava,
 Os ramos se abaxavaõ,
 Ou de inveja das hervas, que pisavaõ,
 Ou porque tudo ante ella se abaxava.
 Naõ houve cousa em fim,
 Que naõ pasmasse della, & eu de mim.

Porque quando vi dar entendimento
 As cousas, que o naõ tinhaõ, o temor
 Me fez cuydar, que effeyto em mi faria;
 Conheçime naõ ter conhecimento,
 E nisto só o tive, por amor
 Mo deyxou, porque visse o que podia:
 Tanta vingança amor de mi queria,
 Que mudava a humana natureza,
 Nos montes, & a dureza
 Delles em mi por troca traspassava;
 Oh que gentil partido,
 Trocar o ser do monte sem sentido,
 Pello que num juizo humano estava:
 Olhay que doce engano,
 Tirar comum proveyto de meu dano.

Assi que indo perdendo o sentimento,
 A parte racional me entristecia:
 Vella a hum appetite fometida,

Mas dentro na alma o fim do pensamento,
 Por tão sublime causa me dizia,
 Que era razão ser a razão vencida:
 A mesma perdição a restaurava
 E em mansa paz estava,
 Cada hum com seu contrario num fugeyto:
 Oh grande concerto este!
 Quem sera, que não julgue, por celeste,
 A causa, donde vem tamanho effeyto,
 Que faz num coração,
 Que venha o appetite a ser razão?
 Aqui senti de amor a mór fineza,
 Como foy ver sentir o intensivel,
 E o ver a mi de mi mesmo perderme,
 Em fim senti negarse a natureza,
 Por onde cri, que tudo era possivel,
 Aos lindos olhos seus, se não quererme,
 Depois, que já senti desfallecerme,
 Em lugar do sentido, que perdia,
 Não sey quem me escrevia,
 Dentro n'alma co as letras da memoria,
 O mais deste processo,
 Co claro gesto juntamente impresso,
 Que foy a causa de tam longa historia,
 Se bem a declarey,
 Eu não a crevo, d'alma atra sladey.
 Cançam, te quem te ler,
 Não crer dos olhos lindos, o que dizes,
 Pello que em si se esconde:
 Os sentidos humanos lhe responde,
 Não podem dos divinos ser juizes,
 Se não de hum pensamento,
 Que a falta supra a fé do entendimento.

C A N C, A M II.

*Parece fala o P. em a auzencia que elle fez
 de Coimbra ficando he nella sua que-
 rida. Senhora.*

V Aõ as serenãs agoas,
 Do Mondego descendo,
 Tam mansamente, que atè o mar não paraõ,
 Por onde minhas magoas,
 Pouco a pouco crescendo,
 Para nunca acabar se começaraõ,
 Alli se me ajuntaraõ,
 Neste lugar ameno,
 Aonde agora mouro,
 Testa de neve, & ouro,
 Riso brando, & suave, olhar sereno,
 Hum gesto delicado,

Que sempre na alma me estará pintado,
 Nesta florida terra,
 Leda, fresca, & serena.
 Ledo, & contente para mi vivia:
 Em paz com minha guerra,
 Contento com a pena,
 Que de tam bellos olhos procedia,
 Hum dia no outro dia,
 O esperar me enganava.
 Longo tempo passey,
 Com a vida folguey,
 Só porque em bem tamanho me empregava:
 Mas que me presta já,
 Que tam fermosos olhos não os ha?
 Oh quem me alli dissera,
 Que de amor tam profundo,
 O fim pudesse ver inda algum hora!
 Oh quem cuydar pudera,
 Que houvesse ahi no mundo,
 Apartarme eu de vòs, minha senhora,
 Para que desde agora,
 Perdesse a esperança,
 E o vaõ pensamento,
 Desfeyto em hum momento,
 Sem me poder ficar mais, que a lembrança
 Que sempre estará fir me
 Até o derradeyro despedirme!

Mas a mór alegria,
 Que daqui levar posso,
 Com a qual defenderme triste espero,
 He, que nunca sentia,
 No tempo, que fuy vòso,
 Quereresme vòs, quanto vos eu quero,
 Porque o tormento fero,
 De vòso apartamento,
 Não vos darà tal pena,
 Como à que me condena,
 Que mais sentirey vòso sentimento,
 Que o que minha alma sente:
 Moura eu, senhora, & vòs ficay contente,

Cançam, tu estarás
 Aqui acompanhado,
 E ites campos, & estas claras agoas,
 E por mi ficarás,
 Chorando, & suspirando,
 E ao mundo mostrando tantas magoas,
 Que de tam larga historia,
 Minhas lagrimas fiquem por memoria.

C A N C, A M III.

Fala o P. Na faudosa auzenzia de hũa Senhora, que buscava, & sempre della se achava auzente.

S Este meu pensamento
 Como he doce, & suave,
 Da alma pudesse vir gritando fóra,
 Mostrando seu tormento,
 Cruel, aspero, & grave,
 Diante de vós só, minha senhora,
 Pudera ser, que agora
 O vosso peyto duro,
 Tornara manso, & brando,
 E eu que sempre ando
 Passaro solitario, humilde, obscuro.
 Tornado hum Cisne puro,
 Brando, & sonôro pelo ar voando,
 Com canto manifesto,
 Pintára meu tormento, & vosso gesto.
 Pintára os olhos bellos,
 Que trazem nas mininas
 O minino, que os seus nelle cegou:
 E os dourados cabellos,
 Em tranças de ouro finos,
 A quem o Sol seus rayos abayxou:
 A testa, que ordenou
 Natura tam fermosa,
 O bem proporcionado
 Nariz lindo, afilado,
 Que cada parte tem da fresca rosa,
 A boca graciosa,
 Que querella louvar he escusado.
 Em fim he hum thesouro,
 Perolas dentes, & palavras curo.
 Virafe claramente,
 O dama delicada,
 Que em vós se esmerou mais a natureza,
 E eu de gente, em gente
 Trouxera trasladada
 Em meu tormento vossa gentileza;
 Sómente a aspereza
 De vossa condiçaõ,
 Senhora, não dissera,
 Porque senão soubera
 Que em vós podia haver algum senão:
 E se alguém com razaõ,
 Porque morres, dissesse, respondera,
 Mouro, porque he tam bella,
 Que inda não sou para morrer por ella.

E se pela ventura,
 Dama, vos offendesse
 Escrevendo de vós, o que não sento?
 E vossa formosura
 Tanto à terra descesse,
 Que a alcançasse humilde entendimento,
 Seria o fundamento
 Daquillo, que cantasse,
 Todo de puro amor
 Porque vosso louvor
 Em figura de magoas se mostrasse;
 E onde se julgasse
 A causa pelo effeyto, minha dor
 Diria alli, sem medo,
 Quem me sentir verâ, de quem procedo,
 Entaõ a mostraria,
 Os olhos faudosos,
 E o suspirar, que traz a alma consigo:
 A fingida alegria,
 Os paslos vagarolos,
 O fallar, & esquecerme do que digo,
 Hum pelejar comigo,
 E logo disculparme
 Hum recear oulando,
 Andar meu bem buscando,
 E de poder achallo acovardarme,
 Em fim averiguarme,
 Que o fim de tudo quanto estou fallando,
 Saõ lagrimas, & amores,
 Saõ vossas izenções, & minhas dores.
 Mas quem terá, senhora,
 Palavras, com que iguale
 Com vossa fermosura minha pena,
 Que em doce voz de fóra
 Aquella gloria falle,
 Que dentro na minh'alma amor ordena,
 Não pôde tam pequena
 Força de engenho humano,
 Com carga tam pesada,
 Senão for ajudada,
 De hũ piedoso olhar, de hum doce engano,
 Que fazendome o dano
 Taõ deleytoso, & a dor taõ moderada,
 Em fim se convertesse
 Nos gostos dos louvores, que escrevesse.
 Cançam, não digas mais, & se teus versos
 A a pena vem pequenos,
 Não queyrão de ti mais, que diras menos.

C A N C, A M IV.

Toma o P. a penna, ou seja de escrever; ou de sentir o disfavor da Dama que pertendia.

Tomey a triste pena,
 Já de desesperado,
 De vos lembrar as muytas, que padeço,
 Vendo, que me condena
 A ficar eu culpado,
 O mal, que me tratais, & o que eu mereço,
 Confesso, que conheço,
 Que em parte a causa dey
 Ao mal, em que me vejo,
 Pois sempre meu desejo,
 A tam largas promessas entreguey:
 Mas não tive suspeyta,
 Que leguísseis tenção tam imperfeyta.

Se em vosso esquecimento,
 Tam condenado estou,
 Como os sinais demonstraõ, que mostrais,
 Vivo neste tormento,
 Lembranças mais não dou,
 Que as que de esta razaõ tomar queyrais:
 Olhay que me tratais,
 Assi de dia, em dia,
 Com vossas esquivanças,
 E as vossas esperanças,
 De que vanmente eu já me enriquecia,
 Renovaõ a memoria,
 Pois com tella de vós só tenho gloria.

E se isto conhecesses
 Ser a verdade pura,
 Mais que de Arabia o ouro reluzente,
 Inda que não quisesseis,
 A condição taõ dura,
 Mudareis noutra muyto differente;
 E eu como innocente,
 Que estou em este calo,
 Isto em as mãos pusera,
 De quem sentença, dera,
 Que ficasse o direyto justo, & razo,
 Quando não receára,
 Que a vós por mi, & a mi por vós matára.

Em vós escrita vi
 Vossa grande dureza,
 E na alma escrita está, que de vós vive;
 Não que acabasse alli
 Sua grande firmeza
 O triste desengano, que entaõ tive;

II. Part.

Porque antes que a dor prive
 De todo meus sentidos,
 Ao grande tormento
 Acode o entendimento,
 Com dous fortes soldados, guarnecidos
 De rica pedraria,
 Que ficaõ sendo minha luz, & guia.

Destes acompanhado,
 Estou posto sem medo
 A tudo, o que o fatal destino ordene,
 Pòde ser que cansado,
 Ou seja tarde, ou cedo.
 Com pena de penarme me despene?
 E quando me condene
 (Que isto he que mais espero)
 Inda a mayores dores,
 Perdidos os temores;
 Por mais, que venha, não direy não quero:
 Com tudo estou taõ forte,
 Que nem mudar-me pòde a mesma morte.

Cançam, se já não queres
 Ver tanta crueldade,
 Là vay onde veras minha verdade.

C A N C, A M IV.

Descreve o P. o crepusculo da manhã.

JA a roxa manhã clara,
 Do Oriente as portas vinha abrindo,
 Dos montes descubrindo
 A negra escuridaõ da luz avara:
 O Sol, que nunca para,
 De sua alegre vista faudoso,
 Tras ella pressuroso,
 Nos cavallos cansados do trabalho,
 Que respiraõ nas ervas fresco orvalho,
 Se estende claro, alegre, & luminoso:
 Os passaros voando,
 De raminho, em raminho, vão saltando,
 E com suave, & doce melodia,
 O claro dia estaõ manifestando.

A manhã bella, & amena,
 Seu rosto descubrindo, a espessura
 Se cobre de verdura,
 Clara, suave, angelica, serena:
 Oh deleytosa pena!
 Oh effeyto de amor, alto, & potente!
 Que permite, & consente,
 Que onde quer, que me ache, & onde esteja,
 Sempre o Serafim veja,
 Por quem de viver triste sou contente:

K

Mas

Mas tu Aurora pura,
De tanto bem dá graças à ventura,
Pois afoy pôr em ti tão excellente,
Que representes tanta fermosura.

A luz suave, & leda,
A meus olhos me mostra, por quem mouro,
E nos cabellos de ouro,
Não iguala os que vi, mas arremeda,
Esta he a luz, que arreda,
A negra escuridão do sentimento,
Ao doce pensamento:
O orvalho das flores delicadas,
São nos meus olhos lagrimas cansadas,
Que eu choro co prazer de meu tormento:
Os passaros, que captão,
Meus espiritos são, que a voz levantaõ,
Manifestando o gesto peregrino,
Com tão divino som, que o mundo espantaõ.

Alli como acontece,
A quem a cara vida está perdendo,
Que em quanto vay morrendo,
Algũa vistaõ fãta lhe apparece:
A mi, em quem fallece
A vida, que sois vòs, minha senhora,
A esta alma, que em vòs m'õra
(Em quanto da prisaõ se está apartando)
Vos estais juntamente apresentando,
Em fõrma da fermosa, & roxa Aurora;
Oh ditosa partida,
Oh glõria soberana, alta, & subida!
Se mo não impedir o meu desejo,
Porque o que vejo em fim, me torna a vida.

Porèm a natureza
Que nesta vista pura se mantinha,
Me falta tão afinha,
Quão afinha o Sol falta á redondeza:
Se ou virdes, que he fraqueza,
Morrer em tão penoso, & triste estado,
Amor ferà culpado,
Ou vòs, onde elle vive tão izento,
Que causastes tão largo apartamento,
Porque perdesse a vida co cuydado,
Que se viver não posso,
Homem formado sou de carne, & osso,
Esta vida, que perco, amor ma deo,
Que não sou meu, se morro, o dano he vosso.

Cançam de Cisne, feyta em hora extrema,
Na dura pedra fria
Da memoria, te deyxo em companhia
Do letreyro de minha sepultura,
Que a sombra escura já me impede o dia.

C A N C, A M VI.

Contempla o P. em hum extaze a fermosura
de huma Dama, que dezeja.

Fermosa, & gentil dama, quando vejo
A testa d'ouro, & neve, o lindo aspeyto,
A boca graciosa, o riso honesto!
O colo de cristal, o branco peyto,
De meu não quero mais, que meu desejo;
Nem mais de vòs, que ver tam lindo gesto
Alli me manifestou:
Por vosso a Deos, & ao mudo; alli m' inflamo
Nas lagrimas, que choro,
E de mi, que vos amo,
Em ver, que soube amarvos; me namoro:
E fico por mi só perdido de arte,
Que ey ciumes de mi por vossa parte.

Se por ventura vivo descontente,
Por fraqueza de espirito padecendo
A doce pena, que entender não sey;
Fujo de mi, & acolhome correndo
A vossa vista, & fico tão contentê;
Que zombo dos tormentos, que passêy,
De quem me quey xarey,
Se vòs me dais a vida deste geyto,
Nos males, que padeço,
Senaõ de meu logeyto,
Que não cabe com bem de tanto preço?
Mas inda isso de mi cuydar não posso,
De estar muyto soberbo com ser vosso.

Se por algum acerto amor vòs erra,
Por parte do desejo cometendo
Algum nefando, & torpe desatino:
Se ainda mais, que ver em fim pretendo,
Fraquezas são do corpo, que he da terra,
Mas não do pensamento, que he divino:
Se tão alto imagino,
Que de vista me perco, ou pecco nisto,
Desculpame o que vejo,
Porque se em fim resisto,
Contra tão atrevido, & vaõ desejo,
Façome forte em vossa vista pura,
E armome de vossa fermosura.

Das delicadas sobrançelhas pretas
Os arcos, com que tira, amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos:
E porque de vòs tudo lhe quadrou,
Dos rayos desses olhos fez as fetas,
Com que fere, quem alça os feus a vellos,
Olhos, que são tam bellos,

Daõ armas de ventagem ao amor,
Com que as almas destrue;
Porém se he grande a dor,
Com a alteza do mal a restitue,
E as armas, com que mata faõ de sorte,
Que ainda lhe ficais de vendo a morte.

Lagrimas, & suspiros, pensamentos,
Quem delles se queyxar, fermosa dama,
Mimoio está do mal, que por vós sente:
Que mayor bem deseja, quem vos ama,
Que estar desabafando seus tormentos,
Chorando, & imaginando docemente?
Quem vive descontente,
Naõ hade dar alivio a seu desgosto,
Porque se lhe agradeça:

Mas com alegre rosto,
Solta seus males, para que os mereça:
Que quem do mal se queyxa, que padece,
Fallo, porque esta gloria, naõ conhece.

De modo, que se cae o pensamento,
Em algũa fraqueza de contente,
He porque este segredo naõ conheço:
Assi que com razões, naõ taõ sõmente
Desculpo ao amor de meu tormento,
Mas inda a culpa sua lhe agradeço:

Por esta fé mereço,
Agraça, que effes olhos acompanha,
O bem do doce riso;
Mas porèm naõ se ganha,
Com hum paraíso, outro paraíso,
E assi de enleada a esperança,
Se satisfaz co bem, que naõ alcança.

Se com razões esculo meu remedio,
Sabe cançam, que he porque naõ vejo,
Engano com palavras o desejo.

C A N C, A M VII.

*Aqui se lamenta o P. de zenganado do pouco
fruto, que tira dos seus desvellos.*

A Instabilidade da Fortuna,
Os enganos suaves de amor cego,
(Suaves se durãrãõ longamente
Direy, por dar á vida algum sossego:
Que pois a grave pena me importuna,
Importune meu canto a toda a gente,
E se o passado bem co mal presente,
Me endurecer a voz no peyto frio,
O grande desvario,
Darà da minha pena final certo,
Que hum erro em tantos erros he concerto:

E pois nesta verdade me confio
(Se verdade se achar no mal, que digo)
Sayba o mundo de amor o desconcerto,
Que já com a razão se fez amigo,
Sõ por naõ deyxar culpa sem castigo.

Jà amor fez leys, sem ter comigo algũa,
Jà se tornou de cego arrazoado,
Sõ por usar comigo sem razões,
E se em algũa cousa o tenho errado,
Com siso grande dor naõ vi nenhũa,
Nem elle deo sem erros affeyções,
Mas por ular de suas izenções,
Buscou fingidas causas por matarme,
Que para derrubarme
Em o abismo infernal de meu tormento,
Naõ foy soberbo nunca o pensamento,
Nem pertende mais alto levantar-me
Daquillo, que elle quiz, & se elle ordena,
Que eu pague seu ousado atrevimento,
Sayba, que o mesmo amor, que me condena,
Me fez cahir na culpa, & mais na pena.

Os olhos, que eu adoro, aquelle dia,
Que descêrãõ ao bayxo pensamento,
N'alma os aposentey suavemente:
E pertendendo mais, como avaro,
O coração lhe dey por iguaria,
Que a meu mandado tinha obediente:
Porém como ante si lhe foy presente,
Que entenderãõ o fim de meu desejo,
Ou por outro despejo,
Que a lingua descubrio por delvario:
De sede morto estou posto num rio,
Onde de meu serviço o fruyto vejo,
Mas logo se alça, se a colhella venho,
E fogeme a agoa, se beber por fio,
Assi, que em fome, & sede me mantenho,
Naõ tem Tantalos a pena, que eu soltenho.

Despois q' aquella, em que minh'alma vive
Quiz alcançar o bayxo atrevimento,
De bayxo deste engano a alcancey:
A nuvem do contino pensamento,
Ma afigurou nos braços, & assi tive,
Sonhando, o que acordado desejey,
E porque a meu desejo me gabey,
De alcançar hum bem de tanto preço,
Além do que padeço,
Atado em huma roda estou penando,
Que em mil mudanças me anda rodeando,
Onde se a algum bem subo, logo deço,
E assi ganho, & perco a confiança:
E assi de mi fugindo, tras mi ando,
E assi me tem atado huma vingança,

73
Como Ixiam, tam firme na mudança.

Quando a vista suave, & inhumana,
Meu humano desejo de atrevido,
Cometeo, sem saber, o que fazia,
Que de sua fermolura foy nascido.
O cego moço, que co a seta infana,
O peccado vingou desta ousadia:
E a fóra este mal, que eu merecia,
Me deo outra maneyra de tormento,
Que nunca o pensamento,
Que sempre voa de huma a outra parte,
Destas entranhas tristes bem se farte,
Imaginando, como o famulento,
Que come mais, & a fome vay crescendo,
Porque de atormentar me não se aparte,
Assi que para a pena estou vivendo;
Sou outro novo Ticio, & não me entendo.

De vontades alheas, que eu roubava,
E que enganosamente recolhia,
Em meu fingido peyto me mantinha.
De maneyra o engano lhe fingia,
Que despois que a meu mando as fugigava,
Com amor as matava, que eu não tinha;
Porém logo o castigo, que convinha,
O vingativo amor me fez sentir,
Fazendome subir
Ao monte de aspereza, que em vós vejo,
Co pesado penedo do desejo,
Que do cume do bem me vay cahir,
Torno a subilo ao desejado assento,
Torna a cahir me, em balde em fim pelejo,
Sifiso, não te espantes deste alento,
Que às costas o subido sufrimento.

Destá arte o summo bem se me offerece
Ao faminto desejo, porque sinta
A perda de perdello mais penosa,
Como o avaro, a quem o sonho pinta,
Achar thesouro grande, onde enriquece,
E farta sua sede cobigosa;
E acordando com furia presurosa,
Vay cavar o lugar, onde sonhava.
Mas tudo, o que buscava,
Lhe conyerte em carvão a desyentura,
Alli sua cobiga mais se apura,
Por lhe faltar aquillo, que esperava;
Destá arte amor me faz perder o siso,
Porque aquelles, que estão na noyte escura,
Nunqua sentirão tanto o triste abito,
Se ignorarem o bem do paraíso.

Cançam, não mais, que já não sey, q̄ digo,
Mas porque a dor me seja menos forte,
Diga o pregação a causa desta morte.

C A N C, A M. VIII.

Mais que de uenbuna melhor flor se agrada
aqui o P. de huma formozura, que
exaggera.

N Em roxa flor de Abril,
Pintor do campo ameno, & da verdura
Colhida entre outras mil
Foy nunca assi agradavel à donzella
Cortez, alegre, & bella,
De sua mão cuydado, & gloria pura,
Como a my foy a inculta fermolura
Natural, que pudera
A Saturno render na sua esfera.

Natural fonte agreste,
Não lavrada de artifice excellente,
Nem por arte celeste
Derivada de rustico penedo,
Não fez já mais tão ledo
Cançado caçador por sêsta ardente,
Quanto o cuydado ami me faz contente
De ver tão descuydado,
Que faz sereno a Jupiter irado.

Fruyta, que sem concerto
Naturalmente em ramos se pendura,
Achada por acerto,
A quem pintada a vê de sangue, & leyte,
Não lhe dara o deleyte,
Que essa graça me dá sem compostura,
Ornamento da mesma fermolura,
E o toucado sem arte,
Que tornará Pastor ao bravo Marte.

A menhã graciosa,
Que derramando sae dentre os cabellos
A Flor, o Lyrio, a Rosa,
Sem ajudá de ornato, ou de artificio,
Não faz o beneficio,
Que faz a luz de vossos olhos bellos
A quem os vê tão puros, & singellos,
E esse innocente riso,
Por quem Apollo o Tejo torna Amphryso.

Outeyros coroados
Das arvores, que fazem a espessura
Com os ramos copados,
Alegre, que mão destra os não cultiva,
Graça tão excessiva
Não tem na sua natural verdura,
Quanta na desses olhos clara, & pura
Deposita a esperança,
Com q̄ Amor gosto, a máy tormento alcãça.

Dos simples passarinhos
 A musica sem arte concertada,
 De entre os verdes raminhos
 Taõ suave não he, taõ deleytosa,
 A quem na selva umbrosa
 Com mente, ouvindo a està toda elevada,
 Quanto a mim essa falla doce agrada,
 E o natural aviso,
 Que roubaõ a Mercurio cetro, & siso.
 De frescos rios agoa,
 Que clara entre arvoredos se deriva,
 Caindo de alta fragoa,
 Esmaltando de perolas no prado
 O verde delicado,
 Com brando som aos olhos fugitiva,
 Não nos alegra quanto a graça esquivada
 De essa luz soberana,
 Que faz cortez a rustica Diana.
 Atal luz (ò Cançam, que oufaste vella)
 Vendo estás já poltrado
 Saturno triste, Jupiter irado,
 Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,
 E Mercurio, & Diana, & toda Estrella.

C A N C, A M IX.

*Encarece o P. o ameno, & agradavel de hum
 florido, & fructuozo Pomar.*

O Pomar venturoso,
 Onde com a natureza
 A subtil arte tem demanda incerta
 Que em sitio taõ fermofo
 A mayor subelleza
 De engenho, em ti nos mostra descuberta!
 Nenhum juizo acerta
 De cego, & de enlevado,
 Se tem em ti mais parte
 A natureza, ou a arte;
 Se terra, ou Ceo de ti tem mais cuydado,
 Pois em feliz terreno
 Gozas de hum ar mais puro, & mais sereno,
 De teu fermofo peso
 Se mostra o monte ledado,
 E o caudeloso Zazere te estranha,
 Porque olhas com despreso
 Seu cristal puro, & quedo,
 Que com Pera os teus pès rodea, & banha.
 Em ti pintura estranha,
 A que Apelles cedera,
 Enigmas intricados,
 E mirtos animados,

Vemos, que o proprio Escopas não fizera:
 Em ti co a paz interna
 Tem o santo Prazer morada eterna.
 Os jardins da famosa
 Babel taõ nomeados,
 Por maravilha o mundo não levante,
 Inda que com gloriosa
 Voz, que estão pendurados
 Do intavel ar a Fama antiga cante?
 Nem haja quem se espante
 Dos famosos de Alcino,
 Nem as mais doutas penas
 Cantem os de Mecenas,
 Cultor de todo engenho peregrino,
 Mas onde quer que voe,
 De ti so falle a Fama, & te pregoe.
 Que se era antigamente
 De pomos de ouro bellos
 O jardim das Hesperidas ornado,
 E a petar da serpente,
 Que os guardou so colhellos
 Pode o famoso Alcides de esforçado;
 Tu mais avantejado,
 Mostras a huma alma casta
 Seguir o que dezeja,
 Fugir da torpe inveja
 [Pomos de ouro, que o tempo não cõtrasta]
 Em fim cõ a charidade,
 Vencer o Inferno, abrir a Eternidade,
 Por tanto da ventura,
 Para ti reservada,
 Te deyx a Ceo gozar perpetuamente,
 Porque sejas figura
 Da gloria avantejada
 Delle mesmo, & que em si se represente,
 Porque em quanto sustente
 O Ceo, o Mar, & a Terra
 Seus feytos milagrosos,
 Mysterios mais gloriosos,
 Com que a morte das almas nos desterra,
 Por onde em nossas almas
 Cõ mais pompas triunfa, & cõ mais palmas.
 Goza pois longamente
 Teu venturoso Fado,
 Da may do teu Author hem possuido,
 Que em ti sempre contente
 De teu sublime estado
 A alma dos seus alegra, & o sentido,
 Cada qual preferido
 Nas grandes qualidades
 Ao labio Nestor seja.
 Para que o mundo os veja

Exceder as longuissimas idades,
 E com a longa vida
 Seja sua memoria ennobrecida,
 Cançam, pois mais famosa
 Por ti não podeni ser
 Deste monte as estancias deleytosas,
 Bem pôde succeder,
 Que aquelle que os teus numeros governa
 Por querellas cantar te faça eterna.

C A N C, A M X.

*Mostra o P. que mais lhe ensinou a experien-
 cia de amar que nenhuma Filosofia, ou
 Siencia de Athenas.*

Quem com solido intento
 Os segredos buscar da natureza,
 Quanto de Athenas preza,
 Entregue ao mar irado, ao leve vento ;
 Em forjar meu tormento
 Nova Philofofia
 De experiencias feyta Amor me ensina.
 Das leys do antigo tempo bem declina,
 Que Amor, & a natureza em mim varia,
 Donde escolas de sabios nunca vio
 Em natural fogeyto,
 Quanto Amor em meu peyto descobrio.
 As aves no ar sereno,
 Ogado de Protheo nas agoas pace,
 Vive o homem, & nasce
 Neste mundo, qual mundo mais pequeno ;
 Eu tudo desordeno
 Em todos dividido,
 Na boça o ar, na terra o entendimento :
 Dame esse Amor, dame esta o pensamento,
 O coração no fogo he consumido :
 Mas a agoa, que dos olhos sempre desce
 Tem effeyto tão vario,
 Que em hum humor contrario o fogo cresce.
 Da vista Amor sohia
 Abrir ao coração segura entrada ;
 Ley he já profanada,
 Que quando a luz de huns olhos me feria,
 Amando o que não via,
 Qual de escopeta o lume,
 Primeyro o querer vi, que a causa visse,
 Quem o desejo com a esperança unisse
 Cego iria apoz cego, & vil costume,
 Que eu desta alma das leys do mundo izeto,
 Morta a esperança vejo,
 Onde sempre o desejo se sustenta,

Em vão se considera
 Que hum semelhante a outro busca, & ama,
 E que foge, & defama
 Todo mortal a morte esquiua, & fera,
 Seja huma linda fera
 Que esconde em vista humana
 Coração de diamante, & peyto de aço,
 De meu sangue faminta, & satisfação
 Com cruel morte a lede deshumana:
 Assi que sendo em tudo diferente
 Corro apoz minha sorte,
 E se me entrego á morte estou contente.
 Cae em mayor deffeyto
 Quem cuyda ser sciencia clara, & certa,
 Que a causa descuberta
 Sempre produz assi conforme o effeyto :
 Rendeome hum lindo objecto,
 Que sendo neve pura
 Vivo me abraça, & o fogo interno aviva ;
 Que esta fermola fera fugitiva,
 Com ser neve de fogo se assegura :
 Donde infiro por certo (& cesse a fama
 Vãa, mentiroza, & leve)
 Que não desfaz a neve ardente chama.
 Bem no effeyto se sente
 Cessar, cessando a causa donde pende ;
 Que o fogo mais se acende,
 Estando à vista donde mais ausente ;
 Mas na alma vivamente
 A trazem dibuxada,
 De noyte Amor de dia o pensamêto,
 E quando Apollo deyxá o claro assento,
 Por entre sombras vejo a Nimpha amada.
 Pois se sem luz Amor os olhos ceva,
 Cego, se não concede,
 Que em nada Amor impede a escura treva.
 Erra quem atrevido
 Pregoa ser mayor que aparte o todo :
 Amor me tem de modo,
 Que estou numa alma minha convertido ;
 Desta gloria ha nacido
 O temor de perdella,
 E posto que o receo a muytos finge
 Lá na imaginação Chymera, & Esfinge,
 De mal futuro, que urde imiga estrella,
 Vejo em mim, por incognito segredo,
 Quando estou mais contente,
 Que só do bem presente nasce o medo.
 Temse por manifesto
 Parecerse ao fogeyto o accidente,
 Mas inda em mim se sente
 O pensamento, a cor, o riso, o gesto,

Da vida já perdido
Neste tormento meu tão duro, & esquivo,
E sendo morto já vive o sentido,
Porque sente que na alma despedida,
Póde em meu mal unir-se
O ficar, & o partir-se, a morte, & a vida.

Destas razões, cançam, infiro, & creio,
Que ou se mudou em tudo a fôrma usada
Da natural firmeza,
Ou tenho a natureza em mi mudada.

C A N C, A M XI.

Aqui descreve o P. a fermosura de hũa Dama não vista senão em sonhos.

Que he isto? sonho? ou vejo a Ninfa pu-
Que sempre na alma vejo! (ra,
Ou me pinta o desejo
Obem, que em vão cada hora me assegurada
Mal póde a noyte escura
Amando a sombra fria,
Mandarme em sonho a luz fermosa, & bella,
Que senão torne em dia
De seus luzentes rayos inflamada,
O vista desejada

De graciosa Nimpha, & viva estrella!
Que ha tanto que por este mar navego,
(Sem ver meu claro Polo) escuro, & cego.
Nesses fermosos olhos de enlevado
Minha alma se escondeo,
Quando ordenava o Ceo,
Que vivesse comigo desterrado.
Vós a mais certa estrada

De ver a Summa Alteza,
Do effeyto a causa abris a esta alma minha,
Assi mortal belleza
Sò della nasce, & della se resume,
Assi celeste lume

Là dos Ceos se deriva, & là caminha,
Pois Como a Deos unirme a vista possa,
Porque a negaes, meu Sol, a esta alma vossa
Se me quereis prender a parte a parte
Cabello ondado, & louro,
Teceyme a rede de ouro,
Em que prèdeo Vulcano a Cypria, & Marte,
Def que com gentil arte
Vestis de flores bellas

A terra, em que tocaes com abella planta,
Quantas vezes com vellas,
Quiz numas dessas flores rtanformarme
Porque vendo pisarme

De esse candido pé, que a neve espanta
Póde ser que na flor mudado fora,
Que deu a Iuno irada a linda Flora:

Mas onde te acolheste (ó doce vida)
Mais leve, & presurosa,
Do que na selva umbrosa,
Cerva de aguda setta vay ferida
Se para tal partida
Meus olhos vos abristes,
Cerraravos o somno eternamente,
Antes que vervos tristes,
Perdendo tão suave, & doce engano:
Agora, com meu dano,
Vedès, para mòr magoa, claramente,
Neste bem fugitivo, & somno leve,
Que mal não ha mais lógò, q̄ hũ bẽ breve?

Ditolo Endimião, que a Deosa cara,
Que a noyte vay guiando,
Teve em braços ionhando
Ah, quem de sonho tal nunca acordara!
Tu só, Aurora avara,
Quando os olhos feriste,
Me mataste, cruel, de inveja pura:
Mas se desta alma triste
A negra escuridaõ vencer quizeste,
Sabe, que em vão nasceste,
Que para deffazer-se a nevoa escura
De meus olhos, importa estar presente
Outro Sol, outra Aurora, outro Oriente.

Se a luz de meu Planeta
Não me aviva, Cançam, branda, & quieta,
Qual flor de chuya em breve contumida
Veràs desfeyta em lagrimas a vida.

C A N C, A M XII.

Louva o P. a frescura de hũa Ribeyra que corre entre os rochedos de Buina, que não sabemos aonde he.

Por meyo de humas ferras muy fragosas,
Cercadas de sylvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm perennes agoas deleytofas:
Na ribeyra de Buina, assi chamada,
Celebrada,
Porque em prados
Esmaltados
Com frescura
De verdura,
Assi se mostra amena, assi graciosa,
Que excede a qualquer outra mais fermosa.

As correntes se vêm, que aceleradas,
 As aves regalando, & as boninas,
 Se vão a entrar nas agoas Neptuninas,
 Por diversas ribeyras derivadas :
 Com mil brancas conchinhas a aurea área,
 Bem se arrea,
 Voão aves,
 Mil suaves
 Passarinhos
 Nos raminhos
 Acordemente estão sempre cantando
 Com doce accento os ares abrandando.

O doce Royxinol num ramo canta,
 E do outro o Pintafirgo lhe responde,
 A Perdiz, de entre a mata, em q se esconde,
 O caçador sentindo, se levanta :
 Voando vay ligeyra mais que o vento,
 Outro assento
 Vay buscando,
 Porém quando
 Vay fugindo
 Retinindo,
 Tras ella mais yeloz a setta corre,
 De que ferida logo cae, & morre.

Aqui Progne de hū ramo em outro ramo,
 Com o peyto eufanguentado anda voando,
 Cibato para o ninho anda buscando,
 A leda Codorniz vem ao reclamo
 Do sagaz caçador, que a rede estende,
 E pretende
 Com engano
 Fazer dano
 Aa coytada,
 Que enganada
 De huns esparzidos grãos do louro trigo,
 Nas mãos vay a cair de seu imigo.

Aqui soa a Calhandra na parreyra,
 A Rola geme, palra o Estórmino,
 Sae a candida Pomba de seu ninho,
 O Tordo poufa em cima da oliveyra :
 Vaõ as doces a belhas sussurrando,
 E apanhando
 O rocio
 Fresco, & frio,
 Por o prado
 De erva ornado,
 Com que o bravo licor fazem, que deu
 A a humana gentea industria de Aristeu.

Aqui as uvas luzidas penduradas
 Das pampinosas vides resplandecem,
 As frodiferas arvores se ofrecem,
 Com diferentes fruytos carregadas :

Os peyxes na agoa clara andão saltando,
 Levantando
 As pedrinhas,
 E as conchinhas
 Rubicundas,
 Que as jocundas
 Ondas consigo trazem, crepitando
 Por a praya alva com ruido brando.

Aqui por entre as selvas se levantaõ
 Animaes calidonios, & os Veados
 Na fugida inda mal assegurados,
 Porque do som dos proprios pès se espantaõ :
 Sae o Coelho, a Lebre sae manhosa,
 Da frondosa
 Breve mata,
 Onde a cata
 Caõ ligeyro,
 Mas primeyro,
 Que ella ao contrario fervido se entregue,
 A vezes deyx a em branco a quem a segue.

Luzem as brancas, & purpleas flores,
 Com que o brando Favonio a terra esmalta,
 O fermoso Jazinto alli naõ falta,
 Lembrado dos antigos seus amores :
 Inda na flor se mostraõ esculpidos

Os gemidos,
 Aqui Flora
 Sempre mora,
 E com Rosas
 Mais fermosas,
 Com lirios, & boninas mil fragrantes
 Alegra os seus amores inconstantes.

Aqui Narciso em liquido cristal
 Se namora de sua fermosura,
 Nelle os pendentos ramos da espessura,
 Dibuxandose estão ao natural,
 Adonis, com que a linda Cytherea
 Se recrea,
 Bem florido,
 Convertido
 Na bonina,
 Que Ericina
 Por imagem deyxou de qual seria
 Aquelle, por quem ella se perdia.

Lugar alegre, fresco, a comodado,
 Para se deleytar qualquer amante,
 A quem com sua ponta penetrante
 O cego Amor tivesse derribado :
 E para memorar ao som das agoas
 Suas magoas
 A morosas,
 As cheyrosas

Flores vendo,
E escolhendo,
Para fazer preciosas mil capellas,
E dar por grao penhor a Nymphas bellas.

Eu dellas, por penhor de meus amores,
Huma capella a a minha Deosa dava:
Que lhe queria bem, bem lhe mostrava
O bem me queres entre tantas flores:
Porém como se fora mal me queres,
Os poderes
Da crueldade
Na beldade
Bem mostrou;
Desprezou
A dadiya de flores; não por minha,
Mas porque muytas mais ella em si tinha.

C A N C, A M. XIII.

Conta o P. em Goa as desgraças que lhe succederão na Arabia Feliz secca, & inhabitavel vindo do mar Roxo.

I Unto de hum seco, duro, esteril monte,
Inutil, & despido, calvo, & informe,
Da natureza em tudo aborrecido,
Onde nem aye voa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido,
Cujos nome, do vulgo introduzido,
He feliz, por antiphraza infelice,
O qual a natureza
Situou junto a a parte
Adonde hum braço de alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em q fundada já foy Berenice,
Ficando a a parte donde
O Sol, que nella ferve, se lhe esconde.

O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Aromata chamado:
Aromata outro tempo, que volvendõ
A roda, a ru-la lingua mal composta
Dos proprios, outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar, que quer apresurado
Entrar por a garganta deste braço,
Me trouxe hum tempo, & teve,
Minha fera ventura,
Aqui nesta remota, aspera, & dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deyxasse hum breve espaço:
Porque ficasse a vida

II. Part.

Por o mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando huns tristes dias,
Tristes, torçadõs, maos, & solitarios,
De trabalho, de dor, & de ira cheos:
N. m tendo, não, sómente por contrarios
A vida, o Sol ardente, as agoas frias,
Os ares grossos, feryidos, & feos,
Mas os meus pensamentos, que são meyos
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendome à memoria
Alguna já passada, & breve gloria
Que eu já no mundo vi quando vivi,
Por me dobrar dos males a aspereza,
Por mostrarme que havia
No mundo muytas horas de alegria.

Aqui estive eu com estes pensamentos
Gastão tempo, & vida, os quaes tão alto
Me subiaõ nas azas, que cahia
(O, vede se seria leve o salto!)
De sonhos, & vãos contentamentos,
Em desesperaçãõ de ver hum dia,
O imaginar, aqui se convertia
E em provisos choros, & em suspiros
Que rompiaõ os ares.
Aqui a alma cativa,
Chagada toda estava em carne viva,
De dores rødeada, & de pesares,
Delamparada, & descuberta aos tiros
Da soberba Fortuna,
Soberba, inexoravel, & importuna.

Nam tinha parte donde se deytasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Hum pouco reclinasse, por descanso:
Tudo dor lhe era, & causa que padeça,
Mas que pereça não; porque passasse
O que quiz o destino nunca manfo.
O! que este irado mar gemendo amanso,
Estes ventos da voz importunados
Parece que se enfreaõ:
Sómente o Ceo severo,
As estrellas, & o Fado sempre fero,
Com meu perpetuo dano se recreaõ:
Mostrandose potentes, & indignados
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil, & tam pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algum hora
Lembrava a huns claros olhos que já vi;
E se esta triste voz rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocasse
De aquella em cuja vista já vivi;

L

A qual

A qual tornado hum pouco sobre si,
 Révolvendo na mente presurosa
 Os tempos já passados
 De meus doces erros,
 De meus suaves males, & furores,
 Por ella padecidos, & buscados;
 E [posto que já tarde] piedosa,
 Hú pouco lhe peçasse,
 E lá entre si por dura se julgasse.
 Isto só que soubesse me seria
 Descanso para a vida que me fica;
 Com isto afagaria o sofrimento,
 Ah, senhora! Ah senhora! & que tam rica
 Estais, que cá tam longe de alegria
 Me sustentais cum doce fingimento
 Logo que vos figura o pensamento,
 Foge todo o trabalho, & toda a pena,
 Só com vossas lembranças,
 Me acho seguro, & forte
 Contra o rosto feroz da fera morte;
 E logo se me juntaõ esperanças
 Com que a fronte, tornada mais serena,
 Torna os tormentos graves
 Em saudades brandas, & suaves.
 Aqui com ellas fico perguntando
 Aos ventos amorosos, que respiraõ
 Da parte donde estais, por vós, senhora:
 A as aves que alli voaõ, se vos viraõ,
 Que fazieis, & que estaveis praticando;
 Onde, como, cõ quem, que dia, & qu' hora.
 Alli a vida cansada se melhora,
 Toma espiritos novos, com que vença
 A Fortuna, & trabalho,
 Sò por tornar a vovos,
 Sò por ir a servirvos, & querervos:
 Dizme o tempo que a tudo darã talho:
 Mas o desejo ardente, que detença
 Nunca sofreo, sem tento
 Me abre as chagas de novo ao sofrimento.

Assi vivo, & se alguém te preguntasse,
 Cançam, porque não mouro;
 Podeshe responder, que porque mouro.

C A N Ç, A M XIV.

Em Goa sente o P. a ausencia, & esquivèza
 de sua querida.

Com força desusada
 Aqueita o fogo eterno
 Húa Ilha lá nas partes do Oriente,
 De estranhos habitada,

Aonde o duro Inverno
 Os campos reverdece alegremente.
 A Lusitana gente
 Por armas sanguinosas
 Tem della o senhorio.
 Cercada está de hum rio
 De maritimas agoas faudosas.
 Das ervas que aqui nascem,
 Os gados juntamente, & os olhos pascem.
 Aqui minha ventura
 Quiz que huma grande parte
 Da vida que não tinha se passasse,
 Para que a sepultura
 Nas mãos do fero Marte
 De sangue, & de lembranças matizasse.
 Se amor determinasse
 Que a troco desta vida,
 De mi qualquet memoria
 Ficasse, como historia,
 Que de huns fermosos olhos fosse lida,
 A vida, & alegria,
 Por tam doce memoria trocacia.

Mas este fingimento,
 Por minha dura forte,
 Com fallas esperanças me convida.
 Nam cuyde o pensamento
 Que pôde achar na morte;
 O que não pôde achar tam longa vida.
 Está já tam perdida
 A minha confiança,
 Que de desesperado,
 Em ver meu triste estado,
 Tambem da morte perco a esperança.
 Mas ó, que se algum dia
 Desesperar pudesse, viviria!

De quanto tenho visto,
 Já agora não me espanto,
 Que até desesperar se me defende.
 Outrem foy causa disto,
 Pois eu nunca fuy tanto
 Que caulasse este fogo que me encende.
 Se cuydaõ que me offende
 Temor de esquecimento,
 O xalã meu perigo
 Me fora taõ, amigo
 Que algum temor deyxara ao pensamento.
 Quem vio tamanho enleo?
 Que houvesse ahi esperãça sem receo!
 Quem tem que perder possa
 Se pôde recear.
 Mas triste quem não pôde já perder!
 Senhora, a culpa he vossa,

C A N C, A M XV.

Desereve o P. as queyxas de sua adversa fortuna entregandoas ao seu fiel secretario, que he o papel.

VInde cà meu tam certo secretario,
 Dos queyxumes, q̄ sépre ando fazêdo,
 Papel, com quem a pena desafogo:
 As lemrazões digamos, que vivendo
 Me faz o inexoravel, & contrario
 Destino, furdo a lagrimas, & a rogo:
 Deytemos agoa pouca em muyto fogo,
 Acendase com gritos hum tormento,
 Que a todas as memorias seja estranho;
 Digamos mal tamanho
 A Deos, ao mundo, à gēte, & en fim ao vento,
 A quem já muytas vezes o contey,
 Tanto de balde, como o conto agora:
 Mas já que para errores fuy nascido,
 Vir este a ser hum delles não duvido,
 Que pois já de acertar estou tam fóra,
 Não me culpem tambem se nisto errey:
 Se quer este refugio só terey,
 Fallar, & errar sem culpa livremente,
 Triste quem de tão pouco está contente.

Já me defenganey, que de queyxarme,
 Não se alcança remedio, mas quem pena,
 Forçado lhe he gritar, se ador he grande:
 Gritarey, mas he debil, & pequena
 A voz para poder desabafarme,
 Porque nem com gritar a dor se abrande:
 Quem me darà se quer, que fóra mande,
 Lagrimas, & suspiros infinitos,
 Iguais ao mal, que dentro n'alma móra?
 Mas quem pôde algum hora,
 Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
 Em fim direy aquillo, que me enfim o
 A ira, a magoa, & dellas a lembrança,
 Que he outra dor por si mais dura, & firme,
 Chegay desesperados para ouvirem,
 E fujaõ os que vivem de esperança,
 Ou aquelles, que nella se imaginaõ,
 Porque Amor, & Fortuna determinãõ
 De lhe darem poder para entenderem,
 A medida dos males, que tiverem.

Quando vim da materna sepultura
 De novo ao mundo, logo me fizeraõ
 Estrellas infelices obrigado:
 Com ter livre alvedrio mo não deraõ,

Que para me matar,
 Bastára hum, hera só de vos não ver.
 Potesteme em poder
 De tantas esperanças,
 É do que mais me espanto,
 Que nunca valli tanto,
 Que visse tanto bem como esquivanças;
 Valia tam pequena,
 Nam pode merecer tam doce pena,

Ouve-se amor comigo
 Tam brando, & pouco irado,
 Quanto agora em meus males se conhece,
 Que não ha mór castigo,
 Pera quem tem errado,
 Que negalhe o castigo, que merece,
 É bem como acontece,
 Que assi como ao doente,
 Da cura despedido,
 O medico sabido,
 Tudo quanto deseja lhe consente,
 Assi me consentia,
 Esperança, desejo, & ousadia.

E agora venho a dar
 Conta do bem passado,
 A esta triste vida, & longa ausencias
 Quem pôde imaginar,
 Que houvesse em mi peccado,
 Que mereça tão grãv e penitencia?
 Olhay, que he consciencia,
 Por hum tam pequeno erro,
 Senhora, tanta pena:
 Não vedes, que he onzena?
 Mas se tam longo, & misero desterro,
 Vos dà contentamento,
 Nunca me acabe nelle meu tormento,

Rio fermoso, & claro,
 E vô, ô arvoredos,
 Que os justos vencedores coroais,
 E ao cul tor aváro,
 Continuamente ledos,
 De hum tronco só diversos frutos dias:
 Assi nunca sintais,
 Do tempo injuria alguma,
 Que em vôs achem abrigo
 As magoas, que aqui digo,
 Em quanto deõ o Sol virtude à Lua,
 Porque de gente, em gente,
 Saybaõ, que já não mata a vida ausente.

Cançam, neste desterro vivirás
 Voz nua, & descuberta,
 Até que o tempo em eccõ te converta.

Que eu conheci mil vezes na ventura
 O melhor, & o peor segui forçado,
 E para que o tormento conformado
 Me deffem com a idade, quando abrisse,
 Inda minino os olhos brandamente,
 Mandaõ que diligente
 Hum minino sem olhos me ferisse:
 As lagrimas da infancia já manavaõ,
 Com huma laudade namorada:
 O som dos gritos, que no berço dava,
 Já como de suspiros me loava,
 Com a idade, & fado concertado,
 Porque quando por caso me embalavaõ,
 Se versos de amor tristes me cantavaõ,
 Logo me adormecia a natureza,
 Que tam conforme estava co a tristeza.

Foy minha ama hua fera, que o destino
 Não quiz, que mulher fosse, a que tivesse
 Tal nome para mi, nem a haveria,
 Assi criado fuy, porque bebesse
 O veneno amoroso de minino,
 Que na mayor idade beberia,
 E por costume não me mataria:
 Logo entaõ vi a imagem, & semelhança,
 D'aquella humana fera tam fermosa,
 Suave, & venenosa,
 Que me criou aos peytos da esperança,
 De quem eu vi despois o original,
 Que de todos os grandes delatinos,
 Fasa culpa sobe ba, & loberana:
 Parece-me que tinha forma humana,
 Mas cintillava espiritos divinos,
 Hum meneo, & presença tinha tal,
 Que se vangloriava todo o mal
 Na vista della: a sombra, co a viveza,
 Excedia o poder da natureza.

Que genero tam novo de tormento
 Teve amor, que não fosse, não semente
 Provado em mi, mas todo executado?
 Implacaveis durezas, que o fervente
 Desejo, que dá força ao pensamento,
 Tinhaõ de seu proposito aballado;
 E de se ver corrido, & injuriado,
 Aqui sombras fantasticas, trazidas
 De algũas temerarias esperanças,
 As bemaventuranças,
 Nellas tambem pintadas, & fingidas,
 Mas a dor do desprezo recebido,
 Que a fantasia me deslatinava,
 Eltes enganos punha em desconcerto:
 Aqui o adivinhar, & ter por certo,
 Que era verdade quanto adivinhava,

E logo o destdizerme de corrido,
 Dar às cousas, que via, outro sentido:
 E para tudo em fim buscar razões,
 Mas eraõ muytas mais as semrazões.

Não sey como sayba estar roubando
 Cos rayos as entranhas, que fugiaõ
 Por ella, pellos olhos sutilmente:
 Pouco a pouco invenciveis me sabiaõ,
 Bem como do vèo o humido exalando
 Està o sutil humor o Sol ardente,
 Em fim o gesto puro, & transparente,
 Para quem fica bayxo, & sem valia
 Deste nome de bello, & de fermoso:
 O doce, & piedoso,
 Mover de olhos, que as almas suspendia,
 Foraõ as hervas magicas, que o Ceo
 Me fez beber, as quaes por longos annos,
 Noutro ser me tiveraõ transformado:
 E tam contente de me ver trocado,
 Que as magoas enganava cos enganos,
 E diante dos olhos punha o vèo,
 Que me encobrisse o mal, que alli creceo,
 Como quem com afagos se criava,
 Daquelle, para quem crecido estava.

Pois quem pôde pintar a vida ausente,
 Com hum descontentarme quanto via
 E aquelle estar tam longe donde estava
 O fallar, sem sabor, o que dizia,
 Andar, sem ver por onde, & juntamente,
 Suspirar, sem saber, que suspirava,
 Pois quando aquelle mal me atormentava,
 E aquella dor, que das Tartareas agoas,
 Sahio ao mundo, & mais que todas doas,
 Que tantas vezes foe,
 Duras iras tornar em brandas magoas,
 Agora co furor da magoa irado,
 Querere, & não querere deyxar de amar,
 E mudar noutra parte por vingança
 O desejo privado de esperanças,
 Que tam mal se podia já mudar,
 Agora a laudade do passado
 Tormento puro, doce, & magoado,
 Fazia converter estes furoros
 Em magoadas lagrimas de amores,
 Que desculpas comigo só buscava,
 Quando o suave amor me não sofriava
 Culpa na cousa amada, & tam amada
 Em fim eraõ remedios, que fingia
 O medo do tormento, que ensinava
 A vida sustentar-se de enganada:
 Nisto huma parte della foy passada,
 Na qual se tiye algum contentamento,

Breve, imperfeyto, tímido, indecente,
 Não foy fenaõ lemente,
 De hum cumprimento, & amariſſimo tormento,
 Elle curſo continuo de triſteza,
 Eſtes paſſos tam vanmente eſpalhados,
 Me forão a pagando o ardente goſto,
 Que tam de fiſo, n'alma tinha poſto,
 De aquelles penſamentos namorados,
 Em que eu criei a terra natureza,
 Que do longo coſtume da aſpereza,
 Contra quem força humana não reſiſte,
 Se converteo no goſto de ſer triſte.

Deſta arte a vida noutra fuy trocando,
 Eu não, mas o deſtino fero irado,
 Que eu inda aſſi por outra a não trocára:
 Felme dey xar o patrio ninho amado,
 Paſſando o longo mar, que ameaçando
 Tantas vezes me eſteve a vida cara,
 Agora experimentando a furia rara
 De Matte, que cos olhos quiz que logo
 Viſſe, & tocasse o a cerbo fruto ſeu,
 E neſte eſcudo meu,
 A pintura veraõ do infeſto fogo,
 Agora peregrino, vago, & errante,
 Vendo nações linguagés, & coſtumes,
 Ceos varios, qualidades diferentes,
 Só por ſeguir com paſſos diligentes,
 A ti Fortuna injuſta, que conſumes
 As idades, levando-lhe diante
 Hũa eſperança em viſta de diamante,
 Mas quando das mãos cae ſe conhece,
 Que he fragil vidro aquillo, que parece,

A piedade humana me falava,
 A gente amiga já contraria via,
 No primeyro perigo, & no legundo:
 Terra, em que põnos pés nie falécia,
 Ar para respirante me negava,
 E faltayame em fim o tempo, & o mundo,
 Que ſegredo tam arduo, & tam profundo,
 Nascer para viver, & para ayida,
 Faltarme quanto o mundo tem para cilla,
 E não poder perdella,
 Eſtando tantas vezes já perdida,
 Em fim não houve rance da Fortuna,
 Nem perigos, nem caſos duvidoſos,
 Injuſtiças daquelles, que o conſulor
 Regimento do mundo antigo abuſo
 Faz sobre os outros homés poderoſos,
 Que eu não paſſaſſe atado á fiel columna
 Do ſofrimento meu, que a importuna
 Perſeguição de males em pedaços
 Mil vezes fez à força de ſeus braços.

Naõ conto tantos males, como aquelle,
 Que deſpois, dá tormenta procelloſa,
 Os caſos della conta em tempo ledo,
 Que inda agora a Fortuna fluctuſa,
 A tamanhas miſerias me compelle,
 Que de dar hum ſó paſſo tenho medo,
 Já de mal, que me venha, não me aſredo,
 Nem bem, que me falleça, já pretendo,
 Que para mi não val aſtúcia humana,
 De força ſoberana,
 Da providencia em fim divina pendo,
 Iſto que cuido, & vejo às vezes tomo,
 Para conſolação de tantos danos,
 Mas a fraqueza humana quando lança
 Os olhos na que corre, & não alcança,
 Se não memoria dos paſſados annos,
 As agoas que entaõ bebo, & o pão que como,
 Lagrimas triſtes ſaõ, que eu nunca domo,
 Senaõ com fabricar na fantaſia,
 Fantaſticas pinturas de alegria.

Que ſe poſſivel foſſe, que tornasse
 O tempo para tras, como a memoria,
 Pellos veſtigios da primeyra idade,
 E de novo tecendo a antiga hiſtoria,
 De meus errores me levasse
 Pellas flores, que vida mocidade
 E a lembrança da longa ſaidade,
 Entaõ foſſe mayor contentamento,
 Vendo a converſação leda, & ſuave,
 Onde hũa, & outra chave,
 Eſteve de meu novo pensamento,
 Os campos, as paſſadas, os finais,
 A ferro ſua, os olhos, a brandura,
 A graça, a manſidaõ, a cortezia,
 A ſingella amizade, que deſvia
 Toda a bayxa tenção, terrena impura,
 Como a qual outra alguma não vi mais,
 Ah vãs memorias onde me levais

O fraco coraçõ, que inda não poſſo
 Do mar eſte tam vãõ deſejo voſſo?
 Não mais Cação não mais, q irey fallado,
 Sem o ſentir mil annos, & te acãſon
 Te culparem de larga, & de pedada,
 Não póde ſer [lhe dize] ilimitada
 A agoa do mar em tam pequeno vaſo,
 Nem eu delicadezas vou cantando,
 Co goſto do louvor, mas explicando
 Puras verdades já por mi paſſadas,
 Oxalã foraõ fabulas ſonhiadas.

CANÇAM XVI.

*Ainda que esta Cançam pareça repetida não
he assim, porque esta faz o P. ditado do
que alma sente privada do gozo de hũa
Deysaa a que elle aspirava.*

M Amdame Amor, q̄ cãte, o q̄ alma sête,
Caso, que nunca em verso foy cãtado,
Nem d'antes entre gente acontecido;
Pagame assi em parte o meu cuydado;
Pois que quer, que me louve, & represente
Quão bem soube no mundo ser perdido.

Sou parte, & não serey da gente crido,
Mas he tamanho o gosto de louvarme,
E de manifestarme,
Por cativo de gesto tão fermoso,
Que todo impedimento
Rompe, & desfaz a gloria do tormento:
Peregrino, suave, & deleytoso,
Que bem sey que, o que canto,
Hã d'achar menos credito, que espanto.

Eu vivia do cego Amor izento
Porém tam inclinado a viver preso,
Que medava delgosto a liberdade:
Hum natural desejo tinha acceso
D'algum ditoso, & doce pensamento,
Que me illustrasse a infãna mocidade:

Tornava do anno já a primeyra idade,
A revestida terra se alegrava,
Quando Amor me mostrava
Em fios d'ouro humas tranças defatadas
Ao doce vento estivo,
Os olhos rutilando em lume vivo,
As rosas entre a neve semeadas,
O gosto grave, & ledo,
Que juntos move em mim desejo, & medo.

Este ramo está quasi todo, na q̄ está impressa.

Hum não sey que suave respirando,
Causava hum defulado, & novó espanto,
Que as cousas insensiveis o lentiaõ;
Porque, as garrulas aves entre tanto,
Vozes desordenadas levantando,
Como eu em meu desejo se acendiaõ.

As fontes cristalinas não corriaõ,
Inflamadas na vista clara, & pura,
Florecia a verdura,
Que andando cos ditosos pés tocava.
Os ramos se abayxavaõ,

Ou denveja das hervas, que pizavaõ,
Ou porque tudo ante elles se abayxava;
Oar, o vento, o dia
Elspiritos continuos influhia.

E quando vi, que dava entendimento
A cousas fora delle, imaginey,
Que milagres faria em mim, que o tinha
Vi, que me desatou da minha ley,
Privandome de todo sentimento,
E n'outras transformando a vida minha.

Com tamanhos poderes do Amor vinha
Que o uso dos sentidos me tirava,
E não sey como o dava
Contra o poder, & ordem de Natura
As arvores, aos montes,
A rudeza das hervas, & das fontes,
Que conheceraõ logo a vista pura,
Fiquey eu só toirnado,
Quasi n'um rudo tronco de admirado.

Despois de ter perdido o sentimento
De humano, hum só desejo me ficava,
Em que toda a razaõ se convertia;
Mas não sey quem nõ peyto me bradava,
Que por tão alto, & doce pensamento,
Com razaõ a razaõ se me perdia:

Assi que quando mais perdida a via
Na sua mesma perda se ganhava;
Em doce paz estava
Com seu contrario proprio num sogeyto,
O caso estranho, & novo,
Por alta certamente, & grande approvo
A causa, donde vem tamanho effeyto,
Que faz num coraçãõ
Que hum desejo sem ser, seja razaõ.

Depois de já entregue a meu desejo,
Ou quasi todo nelle convertido,
Solitario, silvestre, & inhumano,
Tãõ contente fiquey de ser perdido,
Que me parece tudo, quanto vejo,
Escusado, se não meu proprio dano;
Bebendo esteve suave, & doce engano,
A troco do sentido, que perdia,

Vi, que Amor me inculpia
Dentro palma a figura honesta, & bella,
A gravidade, o siso,
A mansidaõ, a graça, o doce riso,
E porque não cabia dentro nella,
De bês tamanhos tanto,
Sae pela boca, convertido em canto,

Cançam, se te não crerem
Daquelle claro gesto quanto dizes,
Pelo que em si lhe esconde:

Os sentidos humanos [lhe responde]

Não podem do divino ser juizes,

Se não hum pensamento,

Que a falta supra a fé do entendimento.

ODE I.

Descreve o P. a fermosura do objecto de seus desvelos debaixo da metaphora de Lua, por se acharem ambos em Cintra, ou Cinthea, que em latim significa a Lua.

D Etem hũ pouco, Musa, o largo pranto,
Que amor te abre do peyto,
E vestida de rico, & ledo manto,
Demos honra, & respeyto,
Aaquella, cujo objecto,
Todo o mundo alumia
Trocando a noyte escura em claro dia,

Oh Delia, que a pesar da nevoa grossa,
Cos teus rayos de prata,
A noyte escura fazes, que não possa
Encontrar, o que trata,
E o que n'alma retrata,
A mor, por teu divino
Rayo, porque endoudeço, & desatino.

Tu, que de fermosissimas estrellas,
Coroas, & rodeas
Tua candida fronte, & faces bellas,
E os campos fermoseas
Co'as rosas que semeas,
Co'as boninas que gera
O teu celeste humor na primavera:

Pois, Delia, do teu ceo vendo estàs quãtos
Furtos de puridades,
Suspiros, magoas, ays, musicas, prantos,
As conformes vontades,
Humas por saudades,
Outras por crus indicios
Fazem das propias vidas sacrificios:

Jã veo Endimiao por estes montes
O Ceo suspenso olhando,
E teu nome, co'os olhos feytos fontes,
Em vão sempre chamando,
Pedindo (suspirando)
Mercès a a tua beldade,
Sem que ache em ti hum' hora piedade.

Por ti feyto pastor de branco gado
Nas selvas solitarias,
Sò de seu pensamento acompanhado,
Conversa as alimarias
De todo amor contrarias,
Mas não como ti duras,
Onde lamenta, & chora desventuras.

Para ti guarda o fitio fresco d'Ilio,
Suas sombras fermosas:
Para ti no Erimanto o lindo Epilio
As mais purpureas rosas,
E as drogas mais cheyrosas
De este nosso Oriente
Guarda a felice Arabia mais contente.

De qual panthera, ou tigre, ou leopardo,
As asperas entranhas
Não temeraõ teu fero, & agudo dardo,
Quando por as montanhas
Mais remotas, & estranhas,
Ligeyra atravessavas,
Tam fermosa que a Amor de amor matavas.

Das castas virgès sempre os altos gritos,
Clara Lucina, ouviste,
Renovandolhe as forças, & os espiritos:
Mas os de aquelle triste,
Jã nunca consentiste
Ouvi-los hum momento,
Para ser menos grave o seu tormetõ.

Não fujas, não, de mim; ah! Não te escõdas
De hum tam fiel amante!
Olha como suspiraõ estas ondas,
E como o velho Atlante
O seu collo arrogante
Move piedosamente
Ouvindo a minha voz fraca, & doente.

Triste de mim! Que alcãço por queyxar-
Pois minhas queyxas digo (me,
A quem já ergueo a mão para matarme
Como a cruel imigo?
Mas eu, meu Fado digo,
Que a isto me destina,
E que isto só pertende, & só me ensina.

Oh! quãto ha já que o Ceo me desengana,
Mas eu sempre porlio
Cada vez mais, na minha teyma insana,
Tendo livre alvedrio
Não fujo o delvario,
Porque este em que me vejo
Engana co'a esperança o meu desejo,

Oh quanto melhor fora que dormissem
 Hum sono perenal
 Estes meus olhos tristes, & não vissem
 A causa de seu mal
 Fugir, a hum tempo tal,
 Mais, que de antes proterva,
 Mais cruel, que Urfa, mais fugaz, que Cerva,
 Ay de mi, que me abraço em fogo vivo,
 Com mil mortes ao lado,
 E quando morro mais, então mais vivo:
 Porque tem ordenado
 Meu infelice estado,
 Que quando me convida
 A morte para a morte tenha vida.
 Secreta noyte amiga, a que obedeço,
 Estas rosas (por quanto
 Meus queyxumes me ouviste) te offereço;
 E este fresco amaranto
 Humido inda do pranto,
 E lagrimas da Esposa
 Do cioso Titaõ branca, & fermosa,

O D E II.

Aqui descreve o P. a fermosura de sua amada, & se queyxa de que se mostra muyto esquivada para elle.

TAm suave, tam fresca, & tam fermosa
 Nunca no Ceo sahio
 A Aurora no principio do veraõ,
 A as flores dando a graça costumada,
 Como a fermosa mania fera, quando
 Hum pensamento vivo me inspirou,
 Por quem me desconheço.

Bonina pudibunda, ou fresca rosa
 Nunca no campo abrio,
 Quando os rayos do Sol no Touro estaõ,
 De cores diferentes esmaltada,
 Como esta flor, que os olhos inclinando,
 O sofrimento triste costumou
 A a pena que padeço.

Ligeyra, bella Ninfa, linda, irosa,
 Não creio, que seguio
 Satyro, cujo brando coração
 De amores commoyesse fera irada,
 Que assi fosse fugindo, & desprezando
 Este tormento, donde amor mostrou
 Tam prospero começo.

Nunca em fim cousa bella, & rigurosa
 Natura produzio,
 Que iguale aquella forma, & condiçãõ,

Que as dores, em que vivo, estima em nada:
 Mas com tam doce gesto, irado, & brando,
 O sentimento, & a vida me elevou,
 Que a pena lhe agradeço.

Bem cudey de exaltar em verso, ou prosa
 Aquillo, que a alma vio,
 Entre a doce dureza, & mansidaõ,
 Primores de belleza desulada,
 Mas quando quiz voar ao Ceo cantando,
 Entendimento, & engenho me cegou,
 Luz de taõ alto preço.

Naquelle alta pureza deleytosa,
 Que ao mundo se encubrio,
 E nos olhos angelicos, que saõ
 Senhores desta vida destinada,
 E naquelles cabellos, que soltando
 Ao manso vento, a vida me enredou,
 Me alegre, & me entristeço.

Saudade, & suspeyta perigosa,
 Que amor constituhio,
 Por castigo de aquelles, que se vaõ:
 Temores, penas da alma desprezada,
 Fera esquivança, que me vay tirando
 O mantimento, que me sustentou,
 A tudo me offereço.

Amor ilento a huns olhos me entregou,
 Nos quays a Deos conheço.

O D E III.

Esta fez o P. depois das experiencias de amor, & fortuna, que sendo contrarios o tinhaõ reduzido a não poder cantar com a suavidade costumada.

SE de meu pensamento,
 Tanta razaõ tivera de alegrarme,
 Quanto de meu tormento
 A tenho de queyxarme,
 Poderas triste Lyra consolar-me.

E minha voz cantada,
 Que em outro tempo foy alegre, & pura,
 Nam fora assi tornada,
 Com tanta delventura,
 Tam rouca, taõ pesada, nem tam dura.

A ser como sohia,
 Pudera levantar vossos louvores,
 Vòs minha Hierarchia
 Ouvireis meus amores,
 Que exemplo saõ ao mundo já de dores.
 Alegres meus cuydados,
 Contentes dias, horas, & momentos,

Oh quanto bem lembrados
Sois de meus pensamentos,
Reynando agora em mi duros tormentos!

Ay, gostos fugitivos!

Ay, gloria já acabada, & consumida!

Ay, males tão esquivos!

Qual me dêxais a vida!

Quam chea de pesar! Quão destruida!

Mas como não he morta

Já esta vida! Como tanto dura?

Como não abre a porta

A tanta desventura,

Que em vão cõ seu poder o tempo cura?

Mas para padereila,

Se esforça o meu fugeyto, & convalece,

Que só para dizella,

A força me falece,

E de to lo me cansa, & me enfraquece.

Oh! bem afortunado,

Tu, que alcançaste com lira toante,

Orfeo, ser escutado

Do fero Rhadamante,

E co' os teus olhos ver a doce amante!

As infernaes figuras

Moveste co n teu canto docemente:

As tres furias escuras,

Implicaveis a gente,

Aplacadas te viraõ de repente.

Ficou como pasmado

Todo o Stygio Reyno co' o teu canto;

E quasi descanfado,

De seu eterno pranto,

Cessou de alçar Sifiso o grave canto.

A ordem se mudava

Das penas, que regendo està Plutaõ;

Em descanso se achava

A roda de Ixião;

E em gloria quantas penas alli são.

De todo já admirada

A Rainha infernal, & commovida,

Te deo a desejada

Esposa, que, perdida,

De tantos dias já tivera a vida.

Pois minha desventurã

Como já não abranda hũa alma humana,

Que he contra mi mais dura,

E ainda mais deshumana

Que o furor de Calitroe profana?

Oh! crua, esquivã, & fera,

Duro peyto, cruel, & empedernido,

De alguma tigre fera

Lã na Hyrcania nascido,

II. Part.

Ou de entre as duras rochas produzido!

Mas que digo coytrado,

E de quem fio em vaõ minhas querellas?

Sõ vòs (ò do sagaldo

Humido Reyno!) bellas

E claras Ninfas, condoeyvos dellas,

E de ouro guarneçidas

Voilas louras cabeças levantando,

Sobre as ondas erguidas

As tranças gotejando

Sahindo todas vinde a ver qual ando.

Sahi em companhia,

E cantando, & colhendo las lindas flores,

Vereis minha agonã;

Ouvireis meus amores:

Affentareis meus prantos, meus clamores.

Vereis o mais perdido,

E mais infeliz corpo, que hã gerado,

Que està já convertido

Em choro, & neste estado.

Sõmente vive nelle o seu cuydado.

O D E IV.

*Abuma, Dama de Lisboa por quem parece
se desvelou algum tempo o P.*

Fermosa fera humana,

Em cujo coração soberbo, & rudo,

A força soberana

Do vingativo Amor, que vence tudo,

As pontas amoladas

De quantas fetas tinha tem quebradas:

Amada Circe minha,

Posto que minha naõ, com tudo amada,

A quem hum bem que tinha de amada

Da doce liberdade desejada,

Pouco a pouco entreguey,

E se mais tenho mais entregarey.

Pois natureza irosã,

Dã razã te deu partes tão contrarias,

Que sendo tam fermosa,

Folgues de te queymar em flamas varias;

Sem arder em nenhuma

Mais que, em quantõ alumia o mundo a Lua:

Pois triunfando vãs

Com diversos despojos de perdidos,

Que tu privando estás

Derazã, de juizo, & de sentidos;

E quasi a todos dando

Aquelle bem, que a todos vãs negando:

Pois tanto te contenta

M

Ve

Ver o nocturno moço em ferro enyolto,
 Debayxo da tormenta
 De Jupiter em agoa, & vento solto,
 A a porta, que impedido
 Lhe tem seu bem, de magoa adormecido.

Porque não tens receo
 Que tantas insolências, & esquivanças,
 A Deosa que poem freo
 A soberbas, & doudas esperanças,
 Castigue com rigor,
 E contra ti se atenda o fero Amor!

Olha a fermola Flora
 De despojos de mil suspiros rica,
 Por o Capitaõ chora,
 Que lá em Tefalia, enfim, vencido fica:
 E foy sublime tanto
 Que altares lhe deu Roma, & nome santo.

Olha em Lesbos aquella
 No feu Salteyro insigne conhecida;
 Dos muytos que por ella
 Se perdéraõ, perdeu a cara vida
 Na rocha que se infama
 Com ser remedio extremo de quem ama.

Por o moço escolhido,
 Onde mais se mostráraõ as tres Graças;
 Que Venus escondido
 Para si teve hum tempo entre as alfaças,
 Pagou co'a morte fria
 A má vida, que a muytos já daria.

E vendose deyxada
 De aquelle por quem tantos já dexara,
 Se foy, desesperada,
 Precipitar da infame rocha cara:
 Que o mal de mal querida
 Sabe que vida lhe he perder a vida.

Tomayme, bravos mares,
 Vós me tomay, pois outrem me deyxou,
 Disse: & dos altos ares
 Pendendo, com furor se arremeçou.
 Acude tu, suave,
 Acude, poderosa, & divina Ave.

Toma-a nas azaz tuas,
 Menino pio, ileta, & sem perigo;
 Antes que nestas cruas
 Agoas caindo apague o fogo antigo.
 He digno amor tamanho
 Deviver, & sercido por estranho.

Não: que he razaõ que seja
 Para as Lobas izentas, que Amor vendem,
 Exemplo, onde se veja
 Que também ficão prezas as que prendem.
 Assi o deu por sentença

Nemefis, que Amor quiz que tudo vença,

O D E V.

*Obriga o P. a huma Dama discreta para
 ficar delle prenaada.*

Nunca manhã suave
 Elten tendo seus rayos por o mundo,
 Despois de noyte grave,
 Tempestuosa, negra, em mar profundo,
 Alegrou tanto nao, que já no fundo
 Se viu em mares grossos,
 Como a luz clara à mi dos olhos vossos
 Aquella fermosura,

Que só no virar delles resplandece;
 E com que a sombra escura
 Clara se faz, & o campo reverdece;
 Quando o meu pensamento se entristece,
 Ella, & sua viveza,
 Me desfazem a nuvem da tristeza.

O meu peyto, onde estais,
 He para tanto bem pequeno vaso:
 Quando a calo virais
 Os olhos que de mi não fazem caso,
 Todo, gentil senhora, entao me abraço
 Na luz que me consume,
 Bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almas tivera
 Que a am fermosos olhos entregára,
 Todas quantas pudera
 Por as pestanas delles pendurára;
 E elevadas na vista pura, & clara,
 (Posto que disso indinas)
 Se andáraõ sempre vendo nas meninas.

E vós, que descuydada
 Agora vivireis de tais querellas,
 De almas minhas cercada
 Não pudesseis tirar os olhos dellas,
 Não pôde ser que vendo a vossa entr'ellas,
 A dor que lhe mostrassem
 Tantas, huma alma só não abrandassem.

Mas pois o peyto ardente
 Huma só pôde ter, fermosa Dama,
 Basta que esta sómente,
 Como se fossem mil & mil vos ama;
 Para que a dor de sua ardente flama
 Com vosco tanto passa
 Que não queyrais ver cinza hum'alma vossa.

O D E VI.

*Em huma ausencia, em que o P. teve grandes
desejos de ver a sua querida senhora, &
as imaginações amorosas lhe repre-
sentárao em figuras quasi divinas,*

Pò de hum desejo immenso
Arder no peyto tanto,
Que a bráda, & a viva alma, o fogo intêso,
Lhe gaste as nodoas do terreno manto,
Epurifique em tanta alteza o espirito
Com olhos immortais,
Que faz que lea mais do que vé escrito,
Que a flama que se acende
Alto, tanto alumia
Que se o nobre desejo ao bem se estende
Que nunca vio o sente claro dia,
E lá vé do que busca o natural,
Agrça, a viva cor,
Noutra especie melhor que a corporal.
Pois vós, ò claro exemplo
De viva fermosura,
Que de taõ longe cà noto, & contemplo
Na alma, que este desejo sobe, & apura,
Naõ creais que naõ vejo aquella imagem,
Que as gentes nunca vem,
Se de humanos naõ tem muyta ventagem,
Que se os olhos ausentes
Naõ vem a compaffada
Proporção, que das cores excellentes
De pureza, & vergonha he variada,
Da qual a Poesia que cantou
Atè aqui só pinturas
Com mortais fermosuras igualou;
Se naõ vem os cabellos
Que o vulgo chama de ouro;
E se naõ vem os claros olhos bellos,
De quem cantaõ, que saõ do Sol tesouro;
E se naõ vem do rosto as excellencias,
A quem diraõ, que deve
Rosa, & cristal, & neve as aparencias:
Vem logo a graça pura,
A luz alta, & severa,
Que he rayo da divina Fermosura,
Que na alma imprime, & fora reverbera;
Alli como cristal do Sol ferido,
Que por fora derrama
A recebida flama esclarecido.
E vem a gravidade
Com a viva alegria
II. Parr.

Que misturada tem de qualidade
Que huma da outra nunca se desvia;
Nem deya de ser huma receada
Por leda, & por suave,
Nem outra por ser grave muyto amada.
E vem do honesto siso
Os altos resplandores
Temperados co' o doce, & ledo riso,
A cujo abrir abrem no campo as flores;
As palavras discretas, & suaves,
Das quais o movimento
Fará deter o vento, & as altas aves.
Dos olhos o virar,
Que torna tudo rafo,
Do qual naõ sabe o engenho divisar,
Se foy por artificio, ou feyto a caso:
Da presença os mecos, & a postura,
O andar, & o moverse,
Donde pôde aprenderse fermosura.
Aquelle naõ sey que,
Que aspira naõ sey como;
Que invisivel saindo, a vista o vé,
Mas para o cõpreder naõ lhe acha tomo;
E que toda a Toscana Poesia,
Que mais Febo restaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via;
Em vós a nossa idade,
Senhora; o pôde ver,
Se engenho, se ciencia, & habilidade,
Iguais a vossa Fermosura der,
Quala vio meu longo apartamento;
Qual em ausencia a vejo.
Tais asas dà o Desejo ao Pensamento;
Pois se o desejo a fina
Hum' alma acesa tanto
Que por vós use as partes da divina;
Por vós levantarey naõ visto canto,
Que o Betis me ouça, & o Tibre me levante;
Que o nosso claro Tejo,
Envolto hum pouco o vejo, & dissonante;
O campo naõ o esmaltaõ
Flores, mas só abrolhos
O fazem fco; & cuydo que lhe faltaõ.
Ouidos para mi, para vós olhos:
Mas faça o que quizer o vil costume,
Que o Sol que em vós está,
Na escuridaõ darà mais claro lume;

O D E VII.

*AD. Manoel de Portugal, a quem louva as
partes de excelente P. real sangue; &
Mecenas seu muyto amado.*

A quem darão de Pindo as Moradoras,
Tão douras como bellas,
Florentes capellas,
Do triunfante louro, ou mirto verde,
Da gloriosa palma, que não perde
A presunção subilme,
Nem por força de peso algum se oprime;
A quem traráo nas faldas delicadas,
Rosas a roxa Cloris,
Conchas a branca Doris;
Estas, flores do mar; da terra aquellas,
Argenteas, ruyvas, brancas, & amarellas,
Com danças, & coreas
De fermosas Nereydas, & Napeas

A quem foraõ os Himnos, Odes, Cantos,
Enã Thebas Amphiom,
Em Lebos Ariom,
Senaõ á Vos, por quem restituída
Se vê da Poesia já perdida
A honra, & gloria igual,
Senhor Dom Manoel de Portugal

Imitando os espiritos já passados,
Gentis, altos, Reais,
Honra benigna dais
A meu tão bayxo, quam zeloso Engenho.
Por Mecenas a Vos celebro; & tenho;
E sacro o Nome vosso
Farey, se alguma cousa em verso posso.

O rudo canto meu, que refucita
As honras sepultadas,
As palmas já passadas
Dos belicosos nossos Lusitanos,
Para tesouro dos futuros annos,
Com vosco se defende
Da Léy Letea, à a qual tudo se rende.

Na vossa Arvore ornada de honra, & glo-
Achou Tronco excelente
A Hera florecente,
Para a minha até aqui de baxa estima.
Nella para trepar, se encosta, & atrima;
E nella subireis
Tão alto quanto os ramos estendeis.

Sempre foraõ Eengenhos peregrinos
Da Fortuna envejados;
Que quanto levantados

Por hum braço nas afas saõ da Fama;
Tanto por outro aquella que os defama,
Co' o peso, & gravidade,
Os oprime, da vil necessidade.

Mas altos corações dignos de Impetio,
Que vencem a Fortuna,
Foraõ sempre Coluna

Da Ciencia gentil: Otaviano,
Scipiam, Alexandre, & Graciano,
Que vemos immortais;
E Vós que o nosso Seculo dourais.

Pois, logo, em quanto a citara so norã
Se estimar por o mundo,
Com som douto, & jocundo;
E em quanto produzir o Tejo, & o Douro;
Peytos de Marte & Febo, crespo, & louto,
Tereis gloria immortal
Senhor Dom Manoel de Portugal.

O D E VIII.

*Pede o P. ao Conde de Redondo, entã Vice-
Rey da India o privilegio para a impres-
saõ do livro de Garcia de Horta.*

A quelle unico Exemplo
De Fortaleza heroyca, & Oufadia,
Que mereceo no templo
Da Fama eterna ter perpetuo dia;
O gram Filho de Thetis, que dez annos
Flagelo foy dos miseros Troianos:
Não menos ensinado
Foy nas ervas, & medica policia,
Que destro, & costumado
No soberbo exercicio da milicia:
Assi que as mãos que a tantos morte deraõ,
Tambem a muytos vida dar puderaõ.

E naõ se desprezou
Aquelle ferõ, & indomito Mancebo,
Das artes, que ensinou
Para o languido corpo o intonso Febo;
Que se o remedio Heytor matar podia,
Tambem chagas mortais curar sabia.

Tais artes aprendeo
Do semiviro Mestre, & douto velho,
Onde tanto creceo
Em virtude, & em ciencia, & em conselho,
Que Telefo por elle vulnerado,
Só delle pode ser despois curado.

Pois vos, õ excellente,
E illustrissimo Conde, do Ceo dado,
Para fazer presente

De altos Herores o Seculo passado ;
 E em quê bem traslada da está a memoria
 De vossos Ascendentes, a honra, & gloria :
 Posto que o pensamento
 Ocupado tenhais na guerra infesta,
 Ou co' o sanguinolento
 Tapobrano, ou Achem, q' o mar molesta ;
 Ou co' o Gambayco oculto imigo nosso ;
 Que qualquer delles teme o Nome vosso :

Favorecey a antigua
 Ciencia, que já Aquilles estimou :
 Olhay que vos obriga
 O ver, que em vosso tempo rebentou
 O furto de aquell' Orta onde florem
 Plântas novas, q' os doutos não conhecê :

Olhay que em vossos annos
 Huma Orta produz varias ervas
 Nos campos Indianos,
 As quais aquellas doutas, & portervas
 Medea, & Circe, nunca conhecêrao,
 Posto que a ley da magica excedêrao.

E vede carregado
 De annos, & tras a varia experiencia,
 Hum velho, que eninado
 Das Gangeticas Musas na ciencia,
 Podaliria sutil, & arte silvestre,
 Vence ao velho Chiron, d' Aquilles Mestre,

O qual está pedindo
 Vosso favor, & amparo, ao grão volume,
 Que impresso à luz saindo
 Dará da medicina hum vivo lume ;
 E descubrirnos ha segredos certos,
 A todos os antigos encubertos.

Assi que não podeis
 Negar a que vos pede benigna aura :
 Que se muyto valeis
 Na sanguinosa guerra Turca, & Maura,
 Ajuda quem ajuda contra a morte,
 E lereis semelhante ao Grego forte.

O D E IX.

Continua o P. pedindo a D. Francisco Coutinho o mesmo patrocínio para o Medico Horta.

Fogem as neves frias
 Dos altos montes quando reverdecem
 As arvores sombrias ;
 As verdes ervas crecem,
 E o prado ameno de mil cores tecem.
 Zefiro brando espira ;

Suas setas Amor afia agora ;
 Progne triste suspira,
 E Filomela chora ;
 O Ceo da fresca terra se namora.
 Já a linda Cithera
 Vem, do Coro das Ninfas rodeada ;
 A branca Pasitea
 Despida, & delicada,
 Com as duas irmãs acompanhada.

Em quanto as Officinas
 Dos Ciclopas Vulcano está queymando,
 Vaõ colhendo boninas
 As Ninfas, & cantando ;
 A terra com o ligeyro pé tocando.

Dece do aspero monte
 Diana já cansada da espessura,
 Buscando a clara fonte,
 Onde por sorte dura
 Perdeo Actéo a natural figura.

Assi se vay passando
 A verde Primavera, & o secco Estio ;
 O Outono vem entrando,
 E logo o Inverno frio,
 Que também passará por certo fio ;

Irseha embranquecendo
 Com a frigida neve o seco monte ;
 E Jupiter chovendo
 Turbará a clara fonte,
 Temerá o marinheyro a Oriente.

Porque, enfim, tudo passa ;
 Não sabe o Tempo ter firmeza em nada ;
 E a nossa vida escassa
 Foge tam apressada,
 Que quando se começa he acabada.

Que se fez dos Troyanos
 Heytor remedio, Eneas piadoso ?
 Consumiramte os annos,
 O Cresso tam famoso,
 Sem te valet teu ouro precioso.

Todo o contentamento
 Crias que estava em ter tesouro ufano !
 O falso pensamento,
 Que à a custa de teu dano
 Do Sabio Solon creste o defengano !

O bem que aqui se alcança,
 Não dura por possante, nem por forte ;
 Que a bemaventurança
 Duravel, de outra sorte
 Se ha de alcançar na vida para a morte.

Porque, enfim, nada basta
 Contra o terrivel fim da noyte eterna ;
 Nem póde a Deosa casta

97
Tornará a luz lupérna
Hipolito da escura sombra Averna:
Nem Teseo esforçado,
Ou com manha, ou com força valerosa,
Livrar pode o ousado
Peritoo da espantosa
Prisam Letea escura, & tenebrosa.

O D E X.

O assumpto desta Ode, he estar o P. enamorado de hũa sua escrava, & negra desculpando sua fraqueza; porque emfim o P. era homem.

Aquelle Moço fero
Nas Peletronias covas doutrinado
Do Centauro severo;
Cujo peyto esforçado
Com tutanos de tigres foy criado:
Na agoa fatal, menino
O lava a mãy, presaga do futuro;
Para que ferro fino
Naõ passe o peyto duro
Que de si mesmo a si se tem por muro.
A carne lhe endurece,
Porque não seja de armas ofendida,
Cega! pois não conhece
Que pôde aver ferida
Na alma, & que menos doe perder a vida.
Que donde o braço irado,
Dos Troyanos passava arnes, & escudo,
Alli se vio passado
De aquelle ferro agudo
Do menino, que em todos pôde tudo!
Alli se vio cativo
Da cativa gentil que serve, & adora;
Alli se vio que vivo
Em vivo fogo mora,
Porque de seu Senhor avé Senhora!
Já toma a branda lira
Na mão que a dura Pelias meneára;
Alli canta, & suspira,
Naõ como lhe ensinára
O Velho, mas o Moço que o cegára,
Pois, logo, quem culpado
Será, se de pequeno offerecido
Foy todo a seu cuydado;
No berço instituido
A não poder deyxar de ter ferido
Quem logo fraco infante,
De outro mais poderio foy foygeyto;

E para cego amante
Desde o principio feyto,
Com lagrimas banhando o tenro peyto;
Se agora foy ferido
Da penetrante ponta, & força de crya;
E se Amor he servido
Que sirva á alinda serva,
Para quem minha Estrella me reserva;
O gesto bem talhado;
O ayrolo meneo, & a postura;
O rosto delicado,
Que na vista figura
Que se ensina por arte a Ferosura:
Como pôde deyxar
De render a quem tenha entendimento
Que quem não penetrar
Hum doce gesto atento,
Naõ lhe he nenhum louvor viver isento;
Aquelles cujos peytos
Ornou de altas ciencias o Destino
Se viram mais foygeytos
Ao cego, & vaõ Menino,
Arrebatados do furor divino.
O Rey famoso Hebreo,
Que mais que todos soube, mais amou;
Tanto, que a Deos alheo
Falso sacrificou.
Se muyto soube, & teve, muyto errou!
E o gram sabio, que ensina,
Passêando, os segredos da Sophia,
A a bayxa concubina
Do vil Eunuco Hermia,
Aras ergueo, que aos Deoses só devia!
Aras ergue a quem ama
O Filosofo insigne namorado
Dõese a perpetua Fama,
E grita que culpado
Da lesa divindade he acusado!
Já fuge donde habita;
Já paga a culpa enorme com desterro!
Mas, ô grande desdita!
Bem mostra tamanho erro.
Que doutos coraçõs não são de ferro!
Antes na altiva mente,
No sutil sâgue, & engenho mais perfeitto,
Ha mais conveniente,
E conforme foygeyto,
Onde se imprima o brádo, & doce effeyto!

O D E XI.

*O argumento desta ; são os amores de Peleo
com Thetys, & como ella se lhe rendeo,
& tiverão o forte Achilles.*

Naquelle tempo brando
Em que te vè do mundo a fermosura,
Que Thetis descansando
De seu trabalho està, fermosa, & pura,
Cansava Amor o peyto
Do mancebo Peleo, de hum duro aifeyto.
Com impeto forçoso
Lhe avia já fugido a bella Ninfa,
Quando no tempo aquoso
Noto irado rebolve a clara linfa,
Serras no mar erguendo
Que os cumes das da terra vaõ lambendo.
Elperava o mancebo,
Com a profunda dor que na alma sente,
Hum dia, em que já Febo
Começava a moltrarse ao mundo ardente,
Soltando as tranças de ouro
Em que Clicie de amor faz seu tesouro,
Era no mez, que Apolo
Entre os irmãos celettes passa o tempo:
O vento enfrea Eolo,
Para que o deleytoso passatempo
Seja quieto, & mudo;
Que a tudo Amor obriga, & vence tudo.
O luminoso dia
Os amorosos corpos despertava
A a cega idolatria
Que ao peyto mais contenta, & mais agrava;
Onde o cego Menino
Faz que os humanos cream que he divino:
Quando a fermosa Ninfa,
Com todo o ajuntamento venerando,
Na cristalina linfa
O corpo cristalino està lavando;
O qual nas agoas vendo,
Nelle, alegre de o ver se està revendo.
O peyto diamantino
Em cuja branca teta Amor se cria;
O gesto peregrino,
Cuja presença torna a noyte em dia;
A graciosa bocca
Que a Amor com seus amores mais provoca.
Os rubis graciosos;
As perolas que escondem vivas rosas
Dos jardins deleytosos

Que o Ceo plantou em faces taõ fermosas;
O transparente collo;
Que ciumes a Daphne faz de Apolo.
O sutil movimento
Dos olhos, cuja vista a Amor cegou;
A Amor, que com tormento
Glorioso, nunca delles se apartou,
Pois elles de continuo
Nas meninas o trazem por menino.
Os fios derramados
De aquelle ouro, q o peyto mais cobiça,
Donde Amor encedados
Os coraçõs humanos traz, & atica;
E donde com desejo
Mais ardente começa a fer sobejo.
O Mancebo Peleo,
Que de Neptuno estava aconselhado,
Vendo na Terra o Ceo
Em tam bella figura trasladado,
Mudo hum pouco ficou,
Porque Amor logo afalla lhe tirou.
Enfim querendo ver
Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A vista foy perder,
Porque de puro amor amor naõ via:
Viose alli cego, & mudo,
Por a força de Amor, que pòde tudo,
Agora se aparelha
Para a batalha, agora remetendo;
Agora se aconselha,
Agora vay, agora està tremendo,
Quando já de Cupido
Com nova seta o peyto vio ferido,
Remete o moço logo
Para onde estava a chaga sem sossego:
E co' o sobejo fogo
Quanto mais perto estava, entaõ mais cego;
E cego, & c' hum suspiro,
Na fermosa Donzella emprega o tiro.
Vingado assi Peleo,
Naceo deste amoroso ajuntamento
O forte Larisseo,
Destruicão do Frigio pensamento,
Que por naõ ser ferido
Foy nas agoas Estigias sommergido.

O D E XII.

Queyxa-se o P. de que havendo variedade nos tempos, não via nenhuma no disfavor, que sempre experimentava de sua querida

JA a calma nos deyxou
Sem flores as ribeyras deleytofas;
Já de todo secou
Candidos lirios, rubicundas rosas;
Fogem do grave ardor os passarinhos
Para o sombrio amparo de seus ninhos:
Menea os altos freyxos
A branda viração, de quando em quando;
E de entre varios feyxos
O liquido cristal fae murmurando:
As gotas que das alvas pedras saltam,
O prado, como perolas, esmaltao.
Da caça já cançada
Busca a casta Titanica a espessura;
Onde á a sombra inclinada
Logre o doce repouso da verdura:
E sobre o seu cabello ondado, & lo iro,
Deyxe cair o bosque o seu tesouro.
O Ceo desempedido
Mostrava o Lume eterno das Estrellas;
E de flores vestido
O campo, brancas, roxas, & amarellas.
Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
O prado, o arvoredado, o rio, a fonte.
Porém como o menino
Que a Jupiter por a Aguia foy levado,
No cerco cristalino
For do Amante de Clície visitado,
O bosque chorará, chorará a fonte,
O rio, o arvoredado, o prado, o monte,
O mar, que agora brando
He das Nereydas candidas cortado,
Logo se irá mostrando
Todo em crespas escumas empolado:
O soberbo furor do negro vento

Fará por toda parte movimento.
Ley he da Natureza
Mudarle detta forte o tempo leve:
Suceder á a belleza
Da Primavera o fruto; a elle a neve;
E tornar outra vez por certo fio
Outono, Inverno, Primavera, Estio.
Tudo, enfim, faz mudança,
Quanto o claro Sol vê, quanto alumia;
Nao se acha segurança
Em tudo, quanto alegre o bello dia:
Mudamse as condições, mudamse a idade,
Abonança, os estados, & a vontade.
Sòmente a minha imiga
A dura condicão nunca mudou;
Para que o mundo diga
Que nella ley tam certa se quebrou:
Em não verme ella só sempre está firme,
Ou por fugir de Amor, ou por fugirme.
Mas já sofrivel fora
Que em matarme ella só mostre firmeza,
Senão achára agora
Tambem em mi mudada a natureza:
Pois se npre o coração tenho turbado,
Sempre de escuras nuvens rodeado.
Sempre exprimento os fios
Que em continuo receo Amor me manda;
Sempre os dous caudais rios
Que em meus olhos abrio que nos seus ar
Correm, sem chegar nunca o Verao brã
Que tamanha aspereza vã mudando,
O Sol sereno, & puro,
Que no fermoso rosto resplandece,
Envolto em manto escuro
Do triste esquecimento, não parece;
Deyxando em triste noyte a triste vida,
Que nunca de luz nova he focorida.
Porém, seja o que for;
Mudese por meu dano a natureza;
Perca a inconstancia Amor;
A Fortuna inconstante ache firmeza:
Tudo mudavel seja contra mi,
Mas eu firme estarey no que emprendi.



SEXTINA I.

Posto já o P. no ultimo de sua vida, desenganado canta a sua desgraça, lembrado ainda de não ver aquelles olhos, de que sempre desejava ser visto.

Fogeme pouco a pouco a curta vida,
Se por caso he verd. de que inda vivo.
Vayfeme o breve tempo d'ante os olhos;
Choro por o passado; & em quanto fallo
Se me passam os dias passo a passo.
Vayfeme, enfim, aidade, & fica apena.

Que maneyra tam aspera de pena!
Pois nunca hum' hora vio tam longa vida
Em que do mal mover se visse hum passo.
Que mais me monta ser morto que vivo?
Para que choro, enfim? Para que fallo,
Se lograr-me não pude de meus olhos?

O! fermosos, gentis, & claros olhos,
Cuja ausencia me move a tanta pena,
Quanta senaõ cõprende em quãto fallo!
Se no fim de tam longa, & curta vida,
De vós me inflamasse inda o rayo vivo,
Por bem teria todo o mal, que passo.

Mas bê sey que primeyro o estremo passo
Me hade vir a cerrar os tristes olhos,
Que Amor me mostre aquelles por quẽ vivo.
Testemunhas seraõ a tinta, & pena,
Que escrevéram de taõ molesta vida
O menos que passsey, & o mais que fallo.

O! que não sey que escrevo, nem q̃ fallo!
Pois se de hũ pensamẽto em outro passo,
Vejo tam triste genero de vida,
Que se lhe não valerem tantos olhos,
Naõ posso imaginar qual seja a pena
Que esta pena traslade com que vivo.

Na alma tenho continuo hum fogo vivo,
Que senaõ respirasse no que fallo,
Estaria já feyta cinza a pena.
Mas sobre a mayor dor q̃ soffro, & passo;
O tempéram com lagrimas os olhos,
Comque, se foge, não se acaba a vida.

Morrêdo estou na vida, & em morte vivo;
Vejo sem olhos, & sem lingua fallo;
E juntamente passo gloria, & pena.

SEXTINA II.

Queyxa-se o P. do agrado dos olhos de sua querida, que forão a causa de elle perder a vista, ou inteyresa dos seus.

A culpa de meu mal só tem meus olhos,
Pois q̃ deraõ à Amor entrada na alma,
Para que perdesse eu a liberdade.
Mas quem pôde fugir a huma brandura,
Que despois de vos pôem tantos males
Dã por bens o perder por ella a vida?

Assaz de pouco faz quem perde a vida;
Por condiçãõ taõ dura, & brandos olhos.
Pois de tal calidade sam meus males
Que o mais pequeno delles toca na alma,
Nam se engane com mostras de brandura
Quem quizer conservar a liberdade.

Roubadora he de toda a liberdade,
(E oxalã perdoasse á a triste vida!)
Esta que o falso Amor chama brandura.
Ay, meus antes imigos, que meus olhos
Que mal vos tinha feyto esta vossa alma,
Para vòs lhe fazerdes tantos males?

Creçaõ de dia em dia embora os males;
Perca se embora a antigua liberdade;
Transformese em Amor esta triste alma;
Padeça embora esta innocente vida;
Que bê me pagão tudo estes meus olhos
Quando de outros, se os vê, vem a brandura.

Mas como nelles pôde aver brandura,
Se causadores saõ de tantos males?
Engano foy de Amor, porque meus olhos
Dessem por bem perdida a liberdade;
Jã não tenho quẽ dar senaõ a vida,
Se a vida já não deu, quem já deu a alma!

Que Põde já esperar quem a sua alma
Catiya eterna fez de huma brandura
Que quando vos dà morte diz q̃ he vida?
Forçado me he gritar nestes meus males,
Olhos meus: pois por vòs a liberdade
Perdi, de vòs me queyxaey, meus olhos.

Chora'y, meus olhos, sêpre os danos da al-
Pois dais a liberdade a tal brandura [ma
Que para dar mais males dà mais vida.

S E X T I N A III.

Lamenta o P. a duração de sua vida, sem
a vista de sua querida.

O ! triste, ó tenebroso, ò cruel dia,
Amanhecido só para meu dano!
Dejste-me apartar de aquella vista
Por quem vivia com meu mal contente?
Ah! te o supremo foras desta vida!
Que em ti se começara a minha gloria.
Mas como eu não naci para ter gloria,
Se não pena que creça cada dia,
O Ceo me está negando o fim da vida,
Por que não tenha fim com ella o dano;
Para que nunca possa ser contente
Da vista me tirou aquella vista.
Suave, deleytosa, alegre vista.
Donde pendia toda a minha gloria,
Por quem na mór tristeza fuy contente,
Quando serà que veja aquelle dia
E me que deyxer de ver tão grave dano;
E em que me deyxer tão penosa vida?
Como desejarer humana vida
Ausente de huma mais que humana vista,
Que tão gloriolo me fazia o dano!
Vejo o meu dano sem a sua gloria,
A a minha noyte falta já seu dia:
Triste tudo se vé, nada contente.
Pois sem ti já não posso ser contente,
Mal posso desejar sem ti a vida:
Sem ti ja ver não posso claro dia:
Não posso sem te ver desejar vista:
Na tua vista só se via a gloria:
Não ver a gloria tua he ver meu dano.
Nam via mayor gloria que meu dano
Quando do dano meu eras contente:
Agora me he tormento a mayor gloria
Que póde pormeterme Amor na vida,
Pois tornarte não póde à a minha vista,
Que só na tua achava aluz do dia.
E pois de dia em dia crece o dano,
Não posso sem tal vista ser contente,
E sem perder a vida acharey gloria.

S E X T I N A IV.

Queixa-se o P. de que a vida tanto lhe dure,
em esta penosa ausencia da vista do obje-
cto de seu amor.

Sempre me queyxarey desta crueza
Que Amor usou comigo quando o tempo,
A pejar de meu duro, & triste Fado,
A meus males queria dar remedio,
Em a partar de mim aquella vista
Por quem me contentava a triste vida.
Levatame, oxalá; tras ella a vida,
Para que não sentira esta crueza
De me ver apartado de tal vista.
E praza á Deos não veja o proprio tempo
Em mi, sem esperanza de remedio,
A desesperação de hum triste Fado.
Porém já acabe o triste, & duro Fado,
Acabe o tempo já tão triste vida
Que em sua morte só tem seu remedio.
O deyxarme viver he mór crueza
Pois desespero já de em algum tempo
Tornar a ver aquella doce vista.
Duro Amor, se pagava só tal vista
Todo o mal que por ti me fez meu Fado,
Porque quizeste que a levasse o tempo?
E tambem se o quizeste, porque a vida
Me deyxas para ver tanta crueza,
Quando em não vella so vejo o remedio?
Tu só de minha dor eras remedio,
Suave, deleytosa, & bella vista.
Sem ti, que posso eu ver senão crueza?
Sem ti, qual beni me póde dar o fado
Se não he consentir que acabe a vida?
Mas elle della me dilata o tempo.
Asas para voar vejo no Tempo
Que com voar a muytos foy remedio,
E só não voa para a minha vida.
Para que a quero eu sem tua vista?
Para que quer tambem o triste Fado
Que não acabe o Tempo tal crueza?
Não poderão fazer crueza, ou tempo,
Força de Fado, ou falta de remedio,
Que essa vista me sequeça em toda a vida.

ELEGIA I.

Compara aqui o P. a sua fortuna à de Ovidio; porque ambos foram desterrados por causa de duas Senhoras Palacianas.

O Sulmonense Ovidio desterrado
Na asperesa do Ponto, imaginando
Ver-se de seus Penates apartado:
Sua cara mulher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
De sua Patria os olhos apartando:
Não podendo encubrir o sentimento,
Aos montes já, já aos rios se queyxava
De seu escuro, & triste nascimento.
O curso das Estrellas contemplava,
Ea quella ordem com que discurria
O Ceo, & o Ar, & a terra donde estava.
Os peyxes por o mar nadando via,
As feras por o monte, procedendo
Como o seu natural lhes permitia.
De suas fontes via estar nascendo
Os laudosos rios de cristal,
A a sua natureza obedecendo.
Assi só de seu proprio natural
Apartado se via em terra estranha,
A cuja triste dor não acha igual.
Sò sua doce Musa o acompanha,
Nos soydosos versos que escrevia,
E nos lamentos com que o campo banha.
Desta arte me figura a fantasia,
A vida com que morro, desterrado
Do bem que em outro tempo possuia.
Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente dibuxado.
Aqui vejo a caduca, & debil gloria
Defenganar meu erro co' amudança,
Que faz a fragil vida transitoria.
Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho, & me enstristece
Ver sem razão a pena que me alcança.
Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento della;
Mas muyto doe a que se não merece.
Quando a roxa manhã, dourada, & bella,
Abre as portas ao Sol, & cae o orvalho,
E torna a seus queyxumes Filomela,
Este cuydado que co' o sono atalho,
Em sonhos me parece, que o que a gente

Por seu descanso tem me dá trabalho.
E depois de acordado cegamente,
(Ou, por melhor dizer, desacordado,
Que pouco acordo logra hũ descontente]
De aqui me vou, com passo carregado,
A hũ outeyro erguido, & alli me affento,
Soltando toda a redea a meu cuydado.
Depois de farto já de meu tormento,
Estendo estes meus olhos saudosos
A a parte donde tinha o pensamento.
Não vejo senão montes pedregosos,
E sem graça, & sem flor, os campos vejo,
Que já floridos vira, & graciosos.
Vejo o puro, suave, & rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeyto o seu desejo.
Humas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As cristalinas aguas apartando.
De alli fallo com a agua que não sente,
Com cujo sentimento esta alma sayo
Em lagrimas desfeyta claramente.
O! fugitivas ondas, esperay!
Que pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levay.
Arè que venha aquelle alegre dia,
Que eu vâ onde vòs ides, livre & ledo.
Mas tanto tempo, quem o passaria
Não pôde tanto bem chegar tão cedo:
Porque primeyro a vida acabará,
Que se acaba taõ aspero degredo.
Mas essa triste morte que virá,
Se em taõ contrario estado me acabasse,
Esta alma assi impaciente a donde irá
Que se á as portas Trataricas chegasse,
Temò que tanto mal por a memoria
Nem ao passar do Lete lhe passasse.
Que se a Tantalò, & Ticio for notoria
A pena com que vay, & que a atormenta,
A pena que lá tem teraõ por gloria.
Esta imaginação, enfim, me aumenta
Mil magoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta.
Que Pois de todo vive consumida,

Porque o mal que possui se reluma,
 Imagina na gloria possuida,
 Até que a noyte eterna me consuma,
 Ou veja aquelle dia desejado.
 Em que a Fortuna faça o que costuma :
 Se nella ha hi mudarse hum triste estado.

ELEGIA II.

*AD. Antonio de Noronha estando o P. de-
 terrado em Ceuta, escreve as tristezas
 que no dito desterro experimentava.*

Aquella que de amor descomedido
 Por o fermoso moço se perdeu,
 Que só por si de amores foy perdido :
 Depois que a Deosa em pedra a converteo
 De seu humano gesto verdadeyro,
 A ultima voz só lhe concedeo.
 Assi meu mal do proprio ser primeyro,
 Outra cousa nenhuma me consente,
 Que este canto, que escreveo derradeyro.
 E se huma pouca vida estando ausente
 Me deyxá Amor, he porque o pensamento
 Sipta a perda do bem de estar presente.
 Senhor, se vos espanta o sofrimento,
 Que tenho em tanto mal para escrevelo,
 Fulto este breve espaço a meu tormento.
 Porque quem tem poder para soffrelo,
 Sem se acabar a vida, com o cuydado,
 Tambem terá poder para dizelo.
 Nem eu escrevo hum mal já acostumado,
 Mas na alma minha triste, & saudosa,
 A saudade escreve, & eu traslado.
 Ando galtando a vida trabalhosa,
 E elparzindo a continua soidade
 Ao longo de huma praya soidosa.
 Vejo do mar a instabilidade,
 Como com seu ruido impetuoso
 Retumba na mayor concavidade.
 De furibundas ondas poderoso,
 Na terra, a seu pesar, está tomando
 Lugar em que se estenda cavernoso.
 Ella, como mais fraca, lhe está dando
 As concavas entranhas onde esteja
 Sempre com som profundo suspirando.
 A todas estas cousas tenho enveja
 Tamanha, que não sey determinarme,
 Por mais determinado que me veja.
 Se quero em tanto mal desesprarme,
 Não posso, porque Amor, & saudade,
 Nem licença me dão para matare.

A vezes cuydo em mi, se a novidade,
 E estranheza das cousas, com a mudança,
 Poderião mudar huma vontade.
 E com isto figuro na lembrança
 A nova terra, o novo trato humano,
 A estrangeyra progenie, a estranha usança.
 Subome ao monte, que Hercules Tebano
 Do altissimo Calpe dividedio,
 Dando caminho ao mar Mediterraneo.
 De alli estou tanteando adonde vio
 O pomar das Hesperidas matando
 A Serpe, que a seu passo resistio.
 Estou me em ovtra parte figurando
 O poderoso Anteo, que derribado
 Mais força se lhe vinha acrecentando.
 Porém do Hercules braço sojugado,
 No ar deyxando a vida, não podendo
 Dos socorros da mãy ser ajudado.
 Mas nem com isto, enfim, q̄ estou dizêdo,
 Nem com as armas tão continuadas,
 De amorosas lembranças me defendo.
 Todas as cousas vejo demudadas,
 Porque o tempo ligeyro não consente
 Que estejaõ de firmeza acompanhadas.
 Vi já que a Primavera de contente,
 Em variadas cores reveestia
 O monte, o campo, o valle, alegremente.
 Vi já das altas aves a harmonia
 Que até duros penedos convidava
 A algum suave modo de alegria,
 Vi já, que tudo, enfim, me contentava.
 E que, de muyto cheo de firmeza,
 Hum mal por mil prazeres não trocava.
 Tal me tem a mudança, & estranheza,
 Que se vou por os prados, a verdura
 Parece que se seca, de tristeza.
 Mas isto he já costume da ventura;
 Porque aos olhos que vivem descontentes,
 Descontente o prazer se lhe figura.
 O! graves, & infosfriveys accidentes
 De Fortuna, & de Amor! Que penitencia
 Tão grave dais aos peytos innocentes!
 Não basta examinar-me a paciencia
 Com temores, & falsas esperanças,
 Sem que também me tente o mal de ausencia?
 Trazeyz hũ brando espirito em mudanças,
 Para que nunca possa ser mudado
 De lagrimas, suspiros, & lembranças.
 E se estiyer ao mal acostumado,
 Tambem no mal não consentis firmeza,
 Para que nunca viva descansado.
 Já quieto me achava com a tristeza,
 E alli

E a lli não me faltava hum brando engano;
Que tirasse desejos da fraqueza.
Mas vendome enganado estar ufano,
Deu à a roda a Fortuna, & deu commigo
Onde de novo choro o novo dano.

Jà deve de bastar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que callo,
A quem já vio tão aspero perigo,
E se nos brandos peytos faz aballo.

Hum peyto magoado, & descontente,
Que obriga a quem o ouve a consolallo;
Não quero mais senão que largamente,
Senhor me mandeys novas dessa terra,
Que alguma dellas me fará contente.

Porque se o duro Fado me desterra,
Tanto tempo do bem, que o fraco espirito
Desampare a prifam onde se encerra,
Ao som das negras aguas de Cocito,

Ao pè dos carregados arvoredos,
Cantarey o que na alma tenho escrito

E por entre esles horridos penèdos,
A quem negou natura o claro dia,
Entre tormentos asperos, & medos,

Com a tremula voz, cansada, & fria,
Celebrarey o gesto claro, & puro,
Que nunca perderey da fantasia,

O Músico de Tracia já seguro
De perder sua Euridice, tangendo
Me ajudará ferindo o ar escuro,
As namoradas sombras revolvendo

Memorias do passado, me ouvirão;
E com seu choro o rio irá crescendo,
Em Salmonèo as penas faltarão,
E das filhas de Belo juntamente

De lagrimas os vasos se encherão,
Que se Amor não se perde em vida aulète,
Menos se perderá por morte escura;

Porque, enfim, a alma vive eternamente;
E Amor he effeyto da alma, & sempre dura.

E L E I G I A III.

Em Goa escreveo o Poeta Elegia, contando
nella os sentimentos da partida de Portugal,
& seu viage, & de huma tormenta
que lhe sobreveyo no mar.

O Poeta Simonides fallando
Cõ o Capitaõ Temistocles hum dia,
Em occas de ciencia praticando;

Hum arte singular lhe prometia,
Que então compunha, com que lhe ensinasse

A lembrar-se de tudo o que fazia.

Onde tão sutis regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passassem da memoria,
Em nenhum tempo as cousas que passasse.

Bem merecia, certo, fama, & gloria,
Quem dava regra contra o esquecimento
Que sepulta qualquer antiga historia.

Mas o Capitaõ claro, cujo intento
Bem diferente estava, porque avia,
Do passado as lembranças, por tormento;

O illustre Simonides [dezia].
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que mostras á a memoria nova via;

Se me desses hum arte, que em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,
O quanto melhor obra me farias!

Se este excellente dito ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado;

O como bradaria justamente,
Simonides inventa novas artes,
Naõ midas o passado co' o presente;

Que se he forçado andar por varias partes
Buscando a ayida algũ descanso honesto,
Que tu, Fortuna injusta, mal repartes;

E se o duro trabalho, he manifesto
Que por grave que seja há de passar-se,
Com animoso espirito, & ledo gesto;

De que serve á as pessoas o lembrar-se
Do que se passou já, pois tudo passa,
Senão de entristecer-se, & magoar-se?

Se em outro corpo hum alma se traspassa,
Naõ como quiz Pitagoras na morte,
Mas como o quer Amor na vida escassa;

E se este amor no mundo está de sorte,
Que na virtude só de hum lindo objecto
Tem hum corpo sem alma vivo, & forte;

Onde este objecto falta, que he defecto
Tamanho para a vida que já nella
Me está chamando á a pena a dura Alecto;

Porque me não criara a minha Estrella
Selvático no mundo, & habitante
Na dura Scitia, & no mais duro della;

Ou no Cáucaso horrendo fraco Infante,
Criado ao peyto de huma tigre Hircana,
Homem fora formado de diamante.

Porque acerviz ferina, & inhumana
Naõ fometera ao jugo, & dura ley
De a quelle que dá vida quando engana;

Ou em pago das aguas que estiley,
As que passley do mar, foraõ do Lete,
Para que me esqueçera o que passley.

Porque o bê que a esperança vã promete,
Ou a morte o estrova, ou a mudança,
Que he mal q̄ hum'alma em larimas derrete.)

Já, Senhor, cairá como a lembrança
No mal do bem passado he triste; & dura,
Pois nace adonde morre a esperança.

E se quizer saber como se apura
Em almas faudosas, não se enfade
De ler tão longa, & mísera escritura.

Soltava Eolo a redea, & liberdade
Ao manso Favonio brandamente,
E eu a tinha já solta à a faudade.

Neptuno tinha polto o seu Tridente;
A proa a branca escuma dividia,
Com a gente marítima contente.

O Coro das Nereidas nos seguia;
Os Ventos, namorada Galatea
Configo fofegados os movia:

Das argenteas conchinhas Panopea
Andava por o mar fazendo molhos,
Melanto, Dinamene, com Ligea.

Eu trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos na agua fofegada,
Ea agua sem fofego nos meus olhos.

Abemaventurança já passada,
Diante de mi tinha tão presente,
Como senão mudasse o tempo nada.

E com o gesto immoto, & descontente,
C'hum suspiro profundo, & mal ouvido,
Por não mostrar meu mal a toda a gente;

Dezia: ó claras Ninfas! se o sentido
Em puro amor tivestes, & inda agora
Da memoria o não tendes esquecido;

Se por ventura fordes algum'hora
Adonde entra o grao Tejo adar tributo
A Thetys, que vós tendes por Senhora;

Ou já por ver o verde prado enxuto,
Ou já por colher outro rutilante,
Das Tagicas areas rico fruto;

Nellas, em verso eroico, & elegante,
Escreyey com huma cõcha o q̄ em mi vistes;
Põde ser que alguma peyto se quebrante.

E contando de mi memorias tristes,
Os Pastores do Tejo, que me ouviaõ,
Ouçaõ de vós as magoas que me ouyistes.

Ellas, que já no gesto me entendiaõ,
Nos meneos das ondas me mostravaõ
Que em quanto lhes pedia consentiaõ.

Eitas lembranças que me acompanhavaõ
Por a tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta triste me deyxavaõ.

Porque chegando ao Cabo da Esperança,

Começo da faudade que renova,
Lembrando a longa; & aspera mudança:

De bayxo estando já da Estrella nova,
Que no novo Hemisferio resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;

Eisa noyte com nuyens se escurece;
Do Ar subitamente fuge o dia;
Etodo o largo Oceano se embravece.

A maquina do mundo parecia
Que em tormentas se vinha desfazendo;
Em ferrás todo o mar se convertia.

Lutando Boreas fero, & Noto horrendo
Sonoras tempesta des levantavaõ,
Das naos as vellas concavas rompendo.

As cordas co'o ruído affluviaõ;
Os marinheyros, já desesperados,
Com gritos para o Ceo o ar qualhavaõ.

Os rayos por Vulcano fabricados,
Vibrava o fero, & aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de affombrados.

Amor alli, mostrandose possante,
E que por algum medo não fugia,
Mas quãto mais trabalho mais constante;

Vendo a morte presente, em mi dezia;
Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse,
Nada do que passsey me lembraria.

Enfim, nunca ouve cousa que mudasse
O firme amor intrinseco de aquelle
Em quem alguma vez de si se entrasse.

Huma cousa, Senhor, por certa asselle,
Que nunca Amor se afina, nem se apura
Em quanto está presente a causa delle.

Destá arte me chegou minha ventura
A esta desejada; & longa terra,
De todo pobre honrado sepultura.

Vi quãta vaidade em nós se encerra
E nos propios quam pouca; contra quem
Foy logo necessario termos guerra.

Huma ilha que o Rey de Porcã tem,
E que o Rey da Pimenta lhe tomãra,
Fomos tomãrlha, & succedeõnos bem.

Com huma grossa armada, que juntãra
O Vifo-Rey, de Goa nos partimos
Com toda a gente de armas que se achãra.

E com pouco trabalho destruímos
A gente no curvo arco exercitada;
Com mortes, com incendios os punimos.

Era a Ilha com aguas alagada,
De modo que se andava em almadias;
Enfim, outra Veneza trasladada.

Nella nos detivemos fõs dous dias,
Que foraõ para alguns os derradeyros,

Pois passaráo de de Estige as ondas frias.

Que estes são os remédios verdadeyros

Que para a vida estão a parelhados

Aos que a querem ter por cavalleyros.

O! lavradores bemaventurados,

Se conhecem seu contentamento;

Como vivem no campo sossegados!

Dálhes a justa terra o mantimento;

Dálhes a fonte clara da agua pura,

Mungem suas ovelhas cento a cento.

Naõ vem o mar irado a noyte escura,

Por ir buscar a pedra do Oriente;

Naõ temem o furor da guerra dura.

Vive hum com suas arvores contente,

Sem lhe quebrar o sono repousado

A gram cobiga de ouro reluzente.

Se lhe falta o vestido perfumado,

E da fermosa cor de Assiria tinto,

E dos torçays Atalicos lavrado:

Senão tem as delicias de Corinto,

E se de Pario os marmores lhe faltaõ,

O piropo, a esmeralda, & o jacinto:

Se suas casas de ouro não se esmaltaõ,

Esmaltafelhe o campo de mil flores,

Onde os cabritos seus comendo faltaõ.

Alli lhe mostra o campo varias cores;

Vêse os ramos pèder com co' o fruto ameno;

Alli se afina o canto dos Pastores.

Alli cantàra Titiro, & Sileno:

Enfim, por estas partes caminhou

Afãa justiça para o Ceo sereno.

Ditolo seja aquelle que alcançou

Poder viver na doce companhia

Das mansas ovelhinhas, que criou.

Este, bem facilmente alcançaria

As causas naturays de toda cousa;

Como segerã a chuva, & neve fria

Os trabalhos do Sol, que não repousa;

E porque nos dà a Lua a luz alhea

Se tolhernos de Febõ os rayõs oufa.

E como taõ depressa o Ceo rodea;

E como hum só os outros traz consigo;

E se he benigna, ou dura Citèrea.

Bem mal pôde entender isto que digo,

Quê ha de andar seguindo o fero Marte;

Que sempre os olhos traz em seu perigo.

Porém seja, Senhor, de qualquer arte,

Pois posto que a Fortuna possa tanto

Que taõ longe de todo o bem me aparte;

Naõ poderá apartar meu duro canto

Destta obrigação sua, em quanto a Morte

Me não entrega ao duro Radainanto;

Sê para tristes ha taõ leda forte.

E L E G I A IV.

AD. Leonis Pereyra Governador de Malaca,

pertende o P. que aceyte hum livro, que

Pedro de Magalhães Gandábo lhe

dearia de historia do Brasil.

DE pois que Magalhães teve tecida

A breve Historia sua, que illustrasse

A terra Santa Cruz, pouco sabida:

Imaginando a quem a dedicasse,

Ou com cujo favor defenderia

Seu Livro de algum Zoylo que ladrasse:

Tendo nisto occupada a fantasia,

Lhe sobrevêyo hum sono repousado,

Antes que o Sol abrisse o claro dia.

Em sonhos lhe apparece todo armado

Marte, brandindo a lança furiosa,

Com que fez quem o vio todo enfiado,

Dizendo, em voz pelada, & temerosa;

Naõ he justo que a outrem se ofereça

Obra alguma que possa ser famosa,

Senão a quem por armas respandea

No largo mundo com tal nome, & fama,

Que louvor immortal sempre mereça.

Disse assi; quando Apolo, que dá flamma

Celéste guia os carros, de outra parte

Selhe presenta, & por seu nome o chama,

Dizendo: Magalhães, posto que Marte

Com seu terror te espante, todavia

Comigo devês só de aconselharte.

Hum Varaõ sapiente, em quem Thalia

Poz seus tesouros, & eu minhã ciencia,

Defender tuas obras poderia.

He justo que a Escritura na Purdencia

Ache só defensão; porquê a dureza

Das armas he contraria da eloquencia.

Alli disse: & tocando com destreza

A citara dourada, começou

A mitigar de Marte a fortaleza.

Mas Mercurio, que sempre costumou

Pacificar porfias duvidosas,

Com o Coduço na mão, que sempre usou,

Determina com por as perigosas

Opiniões dos Deos inimigos

Com suaves razões, & ponderosas.

E disse: Bem sabemos dos antigos

Heroes, & dos modernos, que provãraõ

De Belona os gravissimos perigos;

Como tambem mil vezes concordãraõ

As armas com as letras, porque as Mulas
 A muytos na milicia acompanhárao
 Nunca Alexandre, ou Cesar nas confusas
 Guerras o estudo deyxão grande espaço;
 Que as armas já mais delle são escusas.
 Numa mão livros, noutra ferro, & aço;
 Aquella rege, & ensina; estoutra fete;
 Mais co' o saber se vence, que co' o braço.
 Pois, logo, hum Varaõ grande se requiere,
 Que com teus doens (Apolo) illustre seja;
 E deti [Marte] palma, & gloria esperc.
 Este vos darey eu, em quem se veja
 Saber, & esforço, no sereno peyto:
 Que he hum Leonis que faz ao múdo enveja.
 Deste as irmãas em vendo o bom fogeyto,
 Todas nove nos braços o tomárao,
 Criando-o com o seu leyte no seu leyto.
 As artes, & as ciencias lhe ensinárao,
 Inclinaçãõ divina lhe influiraõ
 A as virtudes morais que logo o ornárao.
 De aqui nos exercicios o seguitaõ
 Das armas no Oriente, onde primeyro
 Hum soldado gentil instituirãõ.
 Alli tays provas fez de cavaleyro,
 Que, de Christo magnaimo, & seguro,
 Alli mesmo venceu por derradeyro.
 Despois, já Capitaõ forte, & maduro,
 Governando toda a Aurea Chersoneso
 Lhe defendeo com o braço o debil muro
 Porque vindo acercala todo o peso
 Do poder dos Achens, que se sustenta
 De alheo sangue, em furia todo aceso;
 Este só que a ti, Marte, representa,
 O castigou de sorte, que vencido,
 De ter quem vivo fique se contenta.
 E logo que este Reyno defendido
 Deyxou; segunda vez, com mayor gloria,
 Para ir governar foy elegido.
 Mas não perdendo ainda da memoria,
 Os amigos o seu governo brando,
 Os inimigos o dano da vitoria.
 Huns com amor intrinseco esperando
 Estaõ por elle; & os outros congelados
 O estaõ com frio medo receando.
 Vede, pois, se seriaõ debelados
 Por seu claro valor, se lá tornasse,
 E dos Indicos mares degradados.
 Porque he justo que nunca lhe negasse
 O concelho do Olimpico alto, & subido,
 Favor, & ajuda com que pelejasse.
 Aqui só pôde ser bem dirigido
 De Magalhães o estudo; este só deve

Ser de vos claros Deoses, escolhido,
 Assi Mercurio disse, & em termo breve
 Conformados se vem Apolo, & Marte;
 E voou juntamente o sono leve.
 Acorda Magalhães, & já te parte
 A offrecervos, lenhor claro, & famoso,
 Tudo o que nelle poz ciencia, & arte.
 Tem claro estilo, & en genho curioso,
 Para poder de vos ser recebido
 Com mão benigna de animo amoroso.
 Pois se só de não ser favorecido
 Hum alto espirito, fica baxo, & escuro
 Este seja com vosco defendido;
 Como o foy de Malaca o debil muro.

E L E G I A V.

*Suspira aqui o P. pela vista de sua querida;
 ainda com todos os desdens, que ella
 fazia delle.*

A Quelle mover de olhos excellente,
 Aquelle vivo espirito inflammado
 Do cristalino rosto transparente:
 Aquelle gesto immoto, & repousado,
 Que estando na alma propriamente escrito,
 Não pôde ser em verso trasladado:
 Aquelle parecer, que he infinito
 Para se comprehender de engenho humano,
 O qual offende em quanto tenho dito:
 Tanto a inflamarme vê de hũ doce engano,
 E tanto a eugrandecerme a fantasia,
 Que não vi mayor gloria que meu dano.
 O! bemaventurado seja o dia
 Em que tomey taõ doce pensamento,
 Que de todos os outros me desvia
 E bemaventurado o sofrimento
 Que soube ser capaz de tanta pena,
 Vendo que o foy da causa o contendimento.
 Façame quem me mata, o mal que ordena
 Trateme com enganãos, desamores;
 Que entãõ me salva quando me condena.
 E se de taõ suaves disfavores,
 Penando vive huma alma consumida,
 O que doce penar! que doces dores!
 E se huma condiçãõ endirecida,
 Tambem me nega a morte por meu dano,
 O que doce morrer! que doce vida!
 E se me mostra hum gesto lindo humano,
 Como que de meu mal culpada se acha,
 O que doce mentir! que doce engano!
 E se em quererlhe tanto ponho tacha,

Mostrando refrear o pensamento,
 O que doce fingir ! que doce cacha !
 Assim que ponho já no sofrimento
 A parte principal de minha gloria,
 Tomando por melhor todo tormento.
 Se sinto tanto bem só co' a memoria
 De vovos, linda Dama, vencedora ;
 Que quero eu mais que ser vossa victoria ?
 Se tanto a vossa vista mais namora,
 Quanto eu sou menos para merecervos ;
 Que quero eu mais q' tervos por senhora ?
 Se procede este bem de conhecervos,
 E consiste o vencer em ser vencido,
 Que quero eu mais, senhora, q' querervos
 Se em meu proveyto faz qualquer partido,
 Sô na vista de huns olhos tão serenos,
 Que quero eu mais ganhar que ser perdido ?
 Se, enfim, os meus espiritos, de pequenos,
 A merecer não chegaõ seu tormento,
 Que quero eu mais, q' o mais não seja menos ?
 A causa, pois, me esforça o sofrimento ;
 Porque, a pesar do mal que me resiste,
 De todos os trabalhos me contento.
 Que a razão faz a pena alegre, ou triste.

ELEGIA VI.

*Descreve o P. o fresco, & agradavel bosque
 aonde vive o Amor, & conclue com a fa-
 bulo de Narciso.*

Entre rusticas terras, & fragosas,
 Compostas de asperissimos rochedos,
 De salitradas lapas cavernosas ;
 Onde gritando os humidos penedos
 Orvalhados de neve branca, & fria,
 Brotando estam de si mil arvoredos ;
 Huma floresta fez verde, & sombria
 A Natureza experta, que rodea
 Como elevado muro a ferrania.
 Neste fermoso sitio se recrea
 O lascivo Cupido entre as boninas,
 Que sempre hũ brando Zephиро menea.
 Da candida cecem, das clavellinas,
 Da salva, manjerona, & das mosqueitas,
 Das rubicundas flores Jacintinas ;
 Muytas capelas tece, que de fetas
 Lhe servem contra peytos de donzellas
 A quem de enveja traz sempre inquietas.
 Não são de huma só cor as flores bellas,
 Que humas esmalta verde, outras rosado,
 Entre as azues crescendo as amarellas.

II. Part.

Dos agrestes loureyros rodeado
 Faz o Valle huma sombra deleytosa,
 Quando aparece o Sol mais levantado,
 E por cima da relva bem graciola
 As gotas de cristal quasi imitando
 Estam do aljofar puro a luz fermosa.
 As cristalinas fontes, que brotando
 Por entre alvos seyxinhos se derivam,
 Das arvores os troncos vam banhando.
 Entre as limpidas aguas, q' inda esquivam
 O fermoso Pastor, que se perdeo
 Preso das falsas mostras que o cativaõ,
 Crece a por cuja causa se esqueceo
 A linda Citherea de Vulcano,
 Quando presa de amor se lhe rendeo.
 Na brancura do rosto soberano,
 Inda as crueis feridas aparecem
 Do javali cerdoso, & desh humano.
 As rosas que de sangue resplandecem
 Nas candidas boninas marchetadas,
 Qual roxo esmalte à a vista bẽ se offrecem,
 Do matutino orvalho rociadas
 As flores rutilantes, & cheyrosas,
 Estam como por cima prateadas.
 Os humedos botoens abrindo as rosas,
 Que os agudos espinhos vam cercando,
 No prado se vem rindo deliciosas.
 A melifera Abelha susurrando
 Por cima das boninas, que rodea,
 Está co' o som das aguas concertando,
 Do trémulo regato abranda areia
 De jacintos se cobre, & de vieyras
 Que encrespaõ da corrente a branca vea,
 Os alamos se abraçam co' as videyras
 De sorte, que se enxerga escassamente
 Se sam os cachos seus, se das parreyras.
 E pendendo por cima da corrente,
 Outro fermoso bosque dibuxando
 Estam no fundo della brandamente.
 Ouve-se o Roxinol aqui lembrando
 Do perfido cunhado a crueldade,
 Magoas em melodias transformando,
 A solitaria Rola com soidade
 Desfaz o rouco peyto já cantada
 De que nam move a morte a piedade.
 A domestica Progne anda banhada
 No sangue de seus filhos, em vingança
 Da triste Filomena profanada.
 De competir co' o Merlo não descansa
 O gárrulo Calhandro, que enroquece
 Por nam perder callado a confiança,
 Em quanto o pobre ninho ajunta, & tece

O

O lo-

O sonoro Canario, modulando
 Engana a grave pena, que padece
 Alguns versos se escuta derramando
 O vario Pintafirgo, tão faudaveis,
 Que produzê memorias de amor brando.
 Por os direytos troncos ha notaveis
 Epigramas; alguns de antiqua historia,
 Que contra o duro tempo são duraveis.
 Huns de cruel tormento, outros de gloria
 Conforme à a liberdade do que escreve,
 Estranhos casos mostraõ á a memoria.
 O que neste lugar contente esteve,
 Contento declarou seu pensamento,
 E os prazeres tambem que nelle teve.
 Mas outros declarando o sentimento
 Que dos olhos destila tristes aguas,
 Déyxaraõ mil lembranças de tormento.
 Abrasandose alguns en vivas fraguas,
 E creverãõ, do bosque em muytas partes,
 Gostos de amor agora, agora magoas.
 Porque, cruel Menino, o premio partes,
 A quem serás Tirano se lho negas;
 E injusto, & desigual, se lho repartes?
 Porque enganas as almas que tão cegas
 Arrastras a pos ti, de error cativas
 Porque a crueis rigores as entregas?
 Para que cótra hum peyto assi te esquivas,
 Que humilde se fogeyta a teu cuydado,
 Com enganos de sombras fugitivas
 Levas como a menino hum pobre a nado,
 Numa apparencia falsa embevecido,
 Quando co' os braços corta o mar inchado.
 Querendo-se tornar, vese perdido,
 Já grita que se afoga, & tu zombandõ
 Da praya entre os penedos escondido.
 O triste, que conhece irse afogando,
 No meyo da arriscada zombaria,
 Por divino soccorro está clamando.
 Mas eu de que me espanto, se dezia
 Hum sabio, que de enganos se temesse
 O que tomasse a hum cego tal por guia.
 Nunca nelle a firmeza permanece;
 Se nos dá gosto algum, muda-se logo;
 Já chora, já se ri, já se enfurece.
 Anda co' os coraçõs sempre em hũ jogo,
 Humas vezes os faz de pedra fria,
 Outras os faz de neve, outras de fogo.
 Tornando ao bosque meu, que descrevia,
 Depois de ter contado da frescura
 Que nelle tão pomposa apparecia;
 Referir quero agora huma aventura
 Que nelle ao vaõ Narciso acontecco,

Digna de se chorar com magoa pura,
 Castigo foy que o moço mereceo
 Por se mostrar esquivo com aquella
 Que em viva pedra Juno converteo.
 Ardia em fogo da alma a yã donzella,
 Sofrendo hum duro peyto; que a Narciso
 Quando ella mais se abraza, mais cógella.
 E quando a fraca Ninfa mais de siso
 Mostrava hum final certo de firmeza,
 Entãõ se provocava o moço a riso.
 Já de huma profundissima tristeza
 A descora o rigor que a consumia.
 Como diz disfavor mal com belleza!
 O gelado Pastor folgava, & ria;
 Mas vendoa de seu gosto andar contente,
 Por não a contentar se entristecia.
 He tal o seu rigor que não consente
 Que seja o gosto proprio festejado,
 Antes disso se mostra descontente.
 Mas o cego Cupido, de afrontado,
 Em vingança da fé, que desprezou,
 Fez que fosse de si mesmo enganado.
 Casualmente hum dia se chegou
 A heber numa fonte cristalina,
 Que de si nova fede lhe caulou.
 Vendoa sua figura peregrina,
 Que a fonte dentro em si representava,
 Se perdeu por imagem tão divina.
 Como já, de elevado, não cuydava
 Nos enganos que a sombra lhe fazia,
 Vendo o fermo o rosto, suspirava.
 Por as avaras aguas se metia,
 E quanto mais molhava os tenros braços,
 Entãõ mais vivamente o fogo ardia.
 Vendose assi prender em duros laços,
 Ao sentimento obriga a paciencia,
 Dando fora de si ao vento abraços.
 Embevecido todo na apparencia,
 Sem saber do cuydado o que sentia,
 Não fez ao doce engano resistencia.
 Ao verse longe mais, mais perto via
 O peregrino gesto; & se chegava,
 Entãõ para mais longe lhe fugia.
 Vendo, enfim, como em tudo o remedava,
 Cahio no torpe engano que tivera,
 A tempo que de si já preso estava.
 A Belleza, que a tantas morte dera,
 De si mesma se abraza, & se cativa.
 Quam longe entãõ de si verse quizera!
 Ella se abranda propria: ella se esquiva;
 E sendo ella fõmente a que se amava;
 Ella se chama ingrata, & fugitiva.

A fermosura, pois, que namorava,
Com tal difficuldade era seguida,
Que estando dentro em si muy longe estava.

A solitaria Ninfa, que escondida
Já nas cavernas concavas se via,
Dos males que lhe ouvio foy cômovida.

Das namoradas magoas, que dizia
O namorado moço, ella somente
Os ultimos acentos repetia.

Elle vendose estar alli presente,
As cristalinas águas accusava,
De que ellas o faziaõ descontente.

Outras vezes à afonte quando olhava
Já cego, & sem juizo, agradecia
A figura que dentro lhe mostrava.

Mas vendo que ella em nada se doia
De seu grave tormento, grita, & chora.
Quanto erra quem de sombras se confia!

Já lhe pede que faya para fóra,
Ignorando que sempre fóra esteve
A belleza que nelle proprio mora.

Depois que longo espaço se deteve
Nestes queyxumes seus taõ lastimosos,
Que com taõ lôgo ser julgou por breve;

Com os olhos, bellos si, mas lagrimosos,
Do valle se despede, & da espessura,
Dando soluços da alma vagarosos.

Entregue na vontade da Ventura,
Ou, por melhor dizer, de seus enganos,
Ao centro se arrojou da fonte pura.

Destá arte feneceo em tenros annos
Narciso, dando exemplo à a Fermosura;
De que tema, se he tal, tambem seus danos.

Sentimento mostrou da sorte dura
O Namorado Jupiter, mudando
Ao moço em flor purpurea, que inda dura.

Aquellas claras aguas rodeando,
Onde por seus amores se perdeu,
Está depois da morte acompanhando

Tanto no seu engano procedeo,
Que não sabe na morte inda apartarse
Dos erros que na vida cometeo.

Bem pôde o coração defenganarse,
Que o fogo de hũ querer na alma inflamado,
Não cosiuma na morte resfriarse.

Porque depois do corpo sepultado,
Prisaõ onde se encerra o fraco espirito,
Eternamente chora o seu cuydado.

E das escuras aguas de Cocito
A rapida corrente refreando,
Celebra o lindo gesto na alma escrito.

Lá se está co' os favores recreando;

E se foy desprezado, lá padece,
As duras esquivanças lamentando.

Nem dos avaros olhos lá se esquece,
Que de fermoso verde a terra esmaltão,
Por não ver os do triste que endoudece.

Assi que os disfavores nunca faltaõ
A tè depois da morte perseguindo
Hum triste coração que desbarataõ.

Triste de quem em vão lhe vay fuguindo;

E L E G I A VII.

*Elegantemente pinta aqui o P. o Jardim do
Amor com a descripção das arvores que
o fazem deleytoso.*

A Opè de huma alta faya vi tentado,
Num valle de leytoso, & bem florido,
A Almeno Pastor triste, & namorado,

Outro nõ mundo pôde aver nacido
Taõ queyxoso de Amor; poré não tanto
Como este Amante por amar perdido.

Já Venus hia recolhendo o manto
Escuro, com que a terra se mostrava,
Para ajudar de Almeno o triste pranto

A polo sobre os montes derramava
Seus dourados cabellos, que faziaõ
Ao triste inda mais triste do que estava.

As flores por o prado se estendiaõ,
E das que finas mais eraõ as cores.
As brancas roxas Ninfas mais colhiaõ

Já guiavaõ seus gados os pastores,
Que deyxando-os no campo deleytoso,
Com ellas praticavaõ lô de amores.

Mas era esta alegria hum perigoso
Estado para Almeno entristecido,
E por isso a deyxava presuroso.

Buscando outro lugar, contra Cupido
Claramente exclamava, & o arguia
De contrario, de altuto, & fementido.

De quando em quando a frauta que tangia
Numeros dava ao ar taõ docemente,
Que as aves provoca a melodia.

Cego assi desta dor, deste accidente,
Com os olhos em lagrimas banhados
Postos no Ceo, dizia tristemente:

Se, Amor, eu te offendi có meus cuydados,
Porque mos deste tu para offenderte,
Quando livre vivia nestes prados?

Não ves quanto me negas merecete
O bem que me mostravas, se deyxasse
Ferir meu coração para soffrerte?

Qual bẽ me has dado, Amor, q̃ me durasse?
 Ou qual me has prometido q̃ hajas dado?
 Ou qual deste que muyto não custasse?
 Mostra-me quem puzeste em tal estado,
 Que pudesse viver de ti contente,
 Ou quem de ti não fosse lastimado?
 Inimigo etuel de toda a gente,
 Já não quero teu bem, só meu mal quero,
 Se de ti nem meu mal se me consente.
 Inda que de teus bens já desespero,
 Não desprezo dos males o tormento,
 Antes o prézo mais quando he mais fero.
 A rebatado deste pensamento
 Hia o triste Pastor com hum contino
 Pranto que lhe avivava o sentimento,
 Quando entrou nũ Vergel de esmalte fino,
 Que era de Amor plantado; & parecendo
 Lhe esta menos humano, que divino.
 Nelle a dor sua esteve suspendendo:
 Porém não como cervo está ferido,
 Reparo ao mal, que leva pertendendo.
 Aparecia o sitio tão florido
 Que provocava a não vulgar espanto,
 Entre huns altos ulmeyros escondido.
 De hum cristalino orvalho tinha o manto,
 Quando entrou nelle o misero Pastor,
 E as tençoens explicou neste seu canto.
 O! bellas Rosas, vòs que soys Amor!
 He, por dita humildade, ou he bayxeza
 O ter apar de vòs Murta que he dor?
 Papoulas conversais, que são tristeza?
 Não desprezais o cardo, q̃ he tormento?
 Admitis a Ortelãa, sendo crueza?
 Dos goyvos longe vejo o sentimento;
 Dos jasmims perto estou vendo o perigo;
 Do malmequeres vejo o sofrimento.
 Deste me temerey como enemigo;
 Mas traz por armas salva; que he razaõ:
 Com ella acabará tambem comigo.
 As minhas vem a ser huma affeyçãõ,
 Que são os puros cravos misturados.
 Co'a vontade fogeyta, que he limaõ.
 Ay! molquetas, q̃ soys de Amor cuydados!
 Ay! crespa maojerona, que es prazer!
 Vòs sós deveis adornar os prados.
 Não podem dos opostos juntos ser,
 Onde se opoem giesta, que he lembrança?
 Junto do rosmãinho, que he crescer.
 Bem pela do leve alamo a mudança;
 Do roxo goyvo anima o pensamento;
 Do cipreste odorifero a esperança.
 O trevo, que he sentido apartamento.

Cerca o mangericaõ, que se interpreta
 Memoria a quem offende o esquecimeõ.
 Mays importuna que o jardim de Certa,
 A ameyxieyra a flor está soltando:
 A segurelha vejo, que he discreta.
 As ervas que de aqui irey romando,
 São a pura cecem, que he faudade;
 Cravos, medo de ver qual de amorando.
 E, de ter muy perdida a liberdade;
 Tomarey madreilva entendimento;
 Legacaõ tomarey, porque he verdade.
 Marmeleyro me dá arrependimento;
 Por a salva, que he gosto, tomarey
 Coentro oposto ao meu contentamento.
 Conhecimento firme nunca achey,
 Que violetas são; & quando o ouvera,
 Qual meu dano entãõ fora bem o ley.
 O! quem, ervacideyra to quem pudera
 Vervos aqui menor, pois soys victoria.
 Que de mim alcançou chama fevra.
 Mas se quereys que tenha alguma gloria,
 Por galardãõ de amar, & ser fogeyto,
 Perderey de tormentos a memoria.
 Porém, pois mo negais, de todo engeyto
 A palma, que he ventura; & na parreyra,
 Que he esperanza perdida, me deleyto.
 Entretanto co'a flor da lorangeyra,
 Que he desafio duro, & arrefeado,
 Posso arguir da hora derradeyra.
 Já não se quer de ter o meu cuydado
 Com a romãa descãto; a brevidade
 Das maravilhas sótem defejado.
 E vòs, ovelhas minhas, sem piedade
 Vos apartay de mim, se algum desejo
 Tendes de ter do pasto mais vontade.
 Se muyta de me verdes em vò vejo,
 Toda a minha de vervos hey perdido
 A a força do poder de amor fobejo.
 Logray do Tejo o placido ruido;
 Sòs logray estas veygas florecidas,
 Pois se perde o Pastor vosso querido:
 Não gosteys de com elle ser perdidas.

E L E G I A VIII.

Contrapõem o P. o fino do seu Amor ao duro
 da esquivança de sua querida; cuja pena
 deseja acabar com a morte.

B Elisa, unico bem desta alma triste,
 Descãto singular de minha vida;
 Trono donde o poder de Amor consiste:

Fermosa fero, a quem está rendida,
 De amor a que he mais livre liberdade,
 Ganhada mais, se mais por ti perdida:
 Quam contratio parece na beldade,
 Que os corações cativa com brandura
 Alguma nodoa aver de crueldade!
 Quam contratio parece em fermosura,
 Que deyxá muyto atraz quanto he humano,
 E quiva condiçãõ, ou alma dura!
 Quam mal parece, em que só e hũ engano
 Põde dar vida ao coraçãõ logeyto,
 Darlhe em lugar de vida hũ mortal dano!
 Quam mal parece que hum amor perfeyto
 Não seja de outro igual remunerado,
 Inda que seja, acafo, contrafeyto!
 Quam mal parece estar desesperado
 Quem tanto por ti sofre, & tem sofrido,
 Devendo estar de penas aliviado!
 Porém peor parece quem rendido
 Não for a hum parecer que tudorende,
 Por mais q̃ em seu rigor viva offendido,
 E inda peor parece quem defende
 O ser essa belleza sempre amada,
 Por mais que em vão se canse o q̃ a pertende.
 Se quem te mostra amor te desagrada,
 Sò podes pertender o não ser vista,
 Mas não despois de vista o ser deyxada.
 Quam mal sabe o valor de tua vista
 Quem cuyda que o q̃ della acafo alcança
 Põde achar coraçãõ que lhe resista!
 Quam bem pareceria huma esperança
 Já concedida a meu amor ardente
 Não sempre hũa mortal desconfiança!
 Se hum padecer por ti constantemente
 Pudesse ser reparo a quem mais te ama,
 Inda esperar pudeta o ser contente.
 Mas eu temo que aquella immensa chama
 Com que a teu bello imperio me levaste,
 Te enfria tanto ati quanto me inflama.
 Se a Olimpica Belleza allí imitaste,
 Que brandamente move hũ amor puro,
 Porque taõ dura condiçãõ tomaste?
 Qual elevado? qual soberbo muro,
 Este mal, que me ocupa o pensamento
 Contado, não tornãta menos duro?
 Tu, que es acausa só de meu tormento,
 Tu, que sòmente podes gloriarme,
 Queres q̃ as minhas queyxas leve o vento?
 Tu, que me pagarias com matarme,
 Inda amorte me negas vezes tantas?
 Ay, que me deras vida a morte dar-me!
 Usa piedade, tu, que o mundo espantas

Co' os bellos olhos com q̃ o dourastanto,
 Se acafo a velo brandos os levantas:
 Estendese na terra o negro manto,
 E à noyte dá alegria a luz alhea,
 Mas nos meus olhos trífte dura o prãto.
 Torna a manhã despois alegre, & ehea
 Da luz q̃ o choro enxuga a bella Aurora,
 Mas do meu choro nunca enxuga a vea.
 Lagrimas já não saõ, que esta alma choras,
 Mas Amor he vital que dentro arde,
 E por aluz dos olhos saltã fora.
 Como inda a morte quer q̃ mais aguarde?
 Não tarde já, mas corra a mal taõ fero,
 Mas já por mais que corra virã tarde.
 Nem no supremo transe de ti espero
 Que inda cõ ver o estado em q̃ me has posto
 Queyras, crua, entender quanto te quero.
 Ay! se volvestes esse bello rosto
 Ao lugar triste em que morrei me vives
 Não por desgosto teu, mas por teu gosto!
 Não quero de ti, não, que allí suspires,
 Nem que de dar-me a morte te arrepedas,
 Mas que os olhos de verme entãõ não tires.
 Allí nunca Pastorã quem te rendas,
 Te fiqua conhecer o que me fazes,
 Para que com teu mal meu mal entendas.
 Comõ já agora não te satisfazes
 Das penas deste amor, que por queres,
 De teu merecimen to saõ capazes.
 Pois quem com outro merito rendeste:
 Presume (o raro monstro de belleza!)
 Muyto mais longe está de merecete.
 Este si, que merecẽ agradã crueza a luz
 Com que tu de acabar-me ayida tratas,
 Pois diante de ti, de si se preza.
 Se cuydas que com isto disbaratas
 O meu constante amor, porque não viva,
 Elle mais vive quando mais me matas.
 Se o dar-me morte tens por gloria a viva:
 Eu me inclino a que mates: tu te inclina
 A matar mais de brandã, que de elquiva.
 Se esta alma tua julgas por indignã
 De aquella grande bem q̃ em ti se escõde,
 Do descuberto mal a fazẽ dignã.
 Onde [ay!] vez acharey q̃ baste (ay!) on:
 A poder reduzirte a ser piedosa
 Ou me acaba de todo, ou me responde.
 Mas por mais que te mostres rigorosa,
 Deyxar meu pensamento me he impossivel,
 Igualmentẽ que a ti não ser fermola.
 E por mais que esta dor seja terrivel,
 Sòmente o contemplar a causa della,
 Indã

Inda que a faz mayor, a faz sofrivel.

Porém chegando a não poder soffrela

Perdendo a vida, quando a morte chame,

Não perderey o gosto de perdela.

He justo que eu por ti mil mortes ame:

Mas vé tu te illustra, quando offensa

Minha mortal o teu valor se chame,

Bem ves que huma beldade tão immensa

De vencer me tem gloria bem pequena,

Pois só render me tomo por defença.

Mas já que amor tão puro me condena,

Contente fico assaz desta vitoria.

Que não me daõ meus males tanta pena.

Quanto o serem por ti me dà de gloria.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

Haõ de ver as mudanças da ventura.)

A vida tenho posta na balança,

Da gloria singular do dano elquivo:

Que o perdela por vós he mór bonança.

Se vos o fendercydo que não vivo:

Olhay se muyto mais, que de offendervos,

Das esperanças do viver me privo.

O que temo sómente he só perdervos;

O que quero sómente he só adoravros;

O que sómente adoro he só querervos.

Querervos sem deyxar de veneravros;

Dejarvros sómente por servivros;

Por servir a amor vil não dejarvros.

Sómente vervos, & sómente ouvivros

Pertendo, & pois sómente isto pertendo,

Deveis a estes sentidos permitirvos.

Isto sómente, d'ego testou dizendo,

Como se fora pouco, isto sómente?

Que mais q'ouvirvos ha? q'aitavros védo?

Se o não merece o meu amor decente;

Se morte por amarvos se merece,

Morra eu, Senhora; & vós ficay contente.

Se vos agrava quem por vós pádece;

Se vos vé a offender quem vos quer ráto;

Quem desta sorte errou não delmerece.

Que quando os olhos da razão levanto

Ao Ceo de essa rarissima Belleza,

De não morrer por ella só me espanto.

Deyxayme contentar desta tristeza;

E fazer de meus olhos largo fio,

Se algum pôde abrandar vossa dureza.

Correndo sempre as lagrimas em fio,

Farey crescer as ervas por os prados,

Pois já de outra alegria desconfio.

No monte darey pasto a meus cüydados,

E seraõ de mi sempre entre Pastores

Esses divinos olhos celebrados.

Aprenderão de mim os Amadores

Aquillo que se chama Amor sublime,

Ouvindo o rigor vosso, & minhas dores.

E nenhum averá que a pena estime

Mais soberana por a causa della,

Que a que teve a réntão não desestime

E que enyeja não mostre à a minha estrella.

A Vida me aborece, a morte quero;

Será eterno o meu mal, segúdo entendo,

Pois na mór esperanza desespero.

Sem viver vivo por morrer vivendo;

Por não verdes, Senhora, como eu vejo.

Quãto de mi por vós me ando esquecendo.

Sejame agradecido este desejo!

Ingrata não sejais a quem vos ama

Com puro, & honestissimo despejo.

A culpa, que me pondes, ponde à a Fama

Que pregoa de vós celeste vida

Que os corações de amor divino inflama.

Humana, quando não agradecida;

Vos mostray ao mal meu q' me faz vosso,

Antes que alma do corpo se despida.

Mas que posso eu fazer pois já não posso

Hum tormento do mar tão forte, & duro,

Homem formado só de carne, & de osso?

Em minha fé segura me asseguro;

Porq' esta, quando he grande, já mais erra,

Se resulta de Amor sincero, & puro.

Essa Beldade santa me faz guerra;

Por ella hey de morrer, inda que veja

Tornar o brando rio em dura serra.

Que cousa tenho eu já que minha seja?

Quem não deseja a vossa fermosura;

Não pôde assegurar que o Ceo deseja.

De que eu sempre o deseje estay segura:

Neste desejo meu nunca mudança.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

oioq 22. E L E G I A IX.

ELEGIA X.

Esta Elegia fez o P. à morte de D. Miguel de Menezes na India filho de D. Henrique de Menezes VI. Governador da India em tempo del Rey D. João o III.

Que tristes novas, ou que novo dano,
Que inopinado mal incerto soa,
Tingindo de temor o vulto humano?
Que vejo as prayas humidas de Goa
Ferver com gente atonita, & turbada,
Do rumor, que de boca em boca voa?
He morto D. Miguel, [ah crua espada!]
E parte da lustrosa Companhia
Que alegre se embarcou na triste Armada.
E deespingarda ardente, & lança fria,
Passado por o torpe, & iniquo braço,
Que nossas altas Famas injuria.
Não lhe valeo estudo, ou peyto de aço,
Não animo de Avòs claros herdado,
Com que temer se fez por longo espaço.
Não verle em derredor todo cercado
De irados Inimigos que exalavaõ
A negra alma do corpo traspassado.
Não as fortes palavras que voavaõ
A animar os incertos companheyros,
Que timidos as costas lhe mostravaõ.
Mas já postos nos termos derradeyros
Rotos por partes mil, traspassados
Os membros, no valor sómente inteeyros;
Os olhos (de furor acompanhados,
Que inda na morte as vidas amedrentaõ.
Dos duros inimigos espantados,]
Postos no Ceo, parece que presentaõ
A Alma pura á a Suprema Eternidade
Por quem os Ceos, & a Terra se sustentaõ.
E pedindo, dos erros que na idade
Immatura, & inocente, já fizera,
Perdaõ á a pia, & justa Magestade;
As rosas apartou da neve fria;
E como debil flama a quem fallece
O radical humor, de que vivia;
Nas mãos do Coro Angelico, que dece,
Se entrega, & vay lograr a vida eterna,
Que com morte taõ justa se merece.
Vayte, Alma em paz á a gloria sempiterna:
Vay: que quem por a Ley sacra, & divina,
A solta, a aquelle a dá, que o Ceo governa.
Mas se de tal valor foy morte digna,
A ausencia que do gosto nos saltea,

Aperpetua faudade nos inclina,
Deyxa, pois, tu feroza Cithera,
Do gentil filho, & neto de Ciniras,
O pranto por a morte horrida, & fea!
E tu, dourado Apolo, que suspiras
Por o crespo Jacinto, moço caro,
Por quem a clara luz ao mundo tiras;
Vinde, & choray hum moço em tudo raro,
Não de ferino dente vulnerado,
Nem de risco fogeyto á algum reparo:
Mas só de ferro amigo traspassado,
Que sem duvida incerta, ou frio medo,
A vida poz nas mãos de Marte irado.
Tambem tu, Moço Idalio, assiste quedo,
Deyxa de dar o venenoso mel
A beber por es olhos, triste, & ledos:
Poistos fermosos olhos de Miguel,
Já cubertos se vem do escuro manto
Da ley geral, a todos mais cruel.
E vós, filhas de Thespis, que com canto
Podeis bem mitigar a dor immensa
Dos Irmãos generosos, & alto pranto;
Não consentais que fação larga offensa
A a grande integridade, a que se devem
Aguas não só, do dano a recompensa.
Que já diante os olhos me delcrevem
Quando as bocas da Fama voadora,
Ao patrio, & claro Tejo as novás levem;
A profunda tristeza que em hum'hora,
Tal posse tomará dos altos peytos,
Que delles o discurso lance fóra.
Alli de dor os corações fogeytos
Haõ de lançar de si toda a memoria
De exemplos claros, sólidos respeytos.
Mas, porém, se igualais a vida á a gloria,
O claro Dom Felipe, & pertendeis
Deyxarnos de acções vossas larga historia;
Eu não vos persuado a que estreyteis
O coração na Estoica disciplina,
Onde livré de affectos vos mostreis.
Que mal a Natureza determina
Medo, esperanças, dores, & alegria,
Como o Cynico velho nos ensina.
Immanidade estúpida (dizia
O Sulmonense canto) & vil rudeza,
He não sentir affectos que alma cria.
Porém se o sentir bada for bruteza,
E se payxaõ devida se consente,
Tambem o sentir muyto he já fraqueza!
Em vós hum sofrer alto se exprimente,
Qual nos tortes Varoens foy conhecido,
Como em estranha, em Lulitana gente.

Bem cõheço que o corpo alli perdido,
Como de illustre Tumulo carece,
Será de brutas feras confumido.

Mas consolame, enfim, que se parece
Ao grand. Bisavô, que por a vida
Real a lua à a Maura lança offrece.

Em pedaços a gente enfurecida
O corpo alli lhe deyxá ; & com mão dura
Lhe nega a sepultura merecida.

Facil he a perda aqui da sepultura,
Diogenes prudente, & Teodoro,
Pouco sentem do corpo essa jactura.

Assi fermoso, & inteyro ; assi decoro
Adora quem o tem, como o tomou
Quando se ou vir o extremo som canoro.

Mas ay ! Qual temor subito ocupou
O vosso claro peyto ? ò Portuguezes !
Qual pavidô temor vos congelou ?

Que lançadas, que golpes, que reyézes
Vos fizeraõ fazer tamanha injuria.
Aos fortes Lusitanios arneses ?

Ou já de Capiraõ sobeja incuria,
Ou fraqueza ? Não : que elle sustentava
Com seu peyto, dos Barbaros a furia.

Ou já do ferreo cano a força brava
Com estrondos que atroaõ mar, & terra,
E os coraçõs ardentes congelava ?

Ah ! Quem vos fez q' os impetus da guerra
Não sustentasseis com valor ousado,
Desprezando o furor, que a vida encerra ?

Avida por a Patria, & por o Estado,
Pondo vossos Avôs, a nós deyxáraõ
Em terra, & mar exemplo sublimado.

Elles a desprezar nos ensináraõ
Todo temor. Pois, como agora os Netos
Subitamente assi degeneráraõ ?

Naõ pòdem, certo, naõ, viver quietos,
Com fea infamia Peytos generosos,
Já em publicos lugares, já em secretos.

Mortos de Esparta os Heroes valerosos,
Da fera multidaõ, fazendo extremos,
Tais Epitafios tinhaõ gloriosos :

*Diràs. Hospede, tu ; que aqui jazemos
Passados do inimigo ferro, em quanto
Aas santas leys da Patria obedecemos.*

Fogindo os Persas vaõ com frio espanto,
Mas achaõ as mulheres no caminho
Mostrandolhes o ventre em terror tanto.

Pois do dano fugis, vendo o vesinho
Fracos, vinde a escondevos (lhes diziaõ)
Outra vez no materno, & escuro ninho.

Vede quais com mais gloria ficariaõ,

Se aquelles que morrerãõ por o Estado,
Se estes a quem molheres injuriaõ ?

Mas tu, claro Miguel, que já acordado
Destê Ionho taõ brevê, estàs naquella
Torre do Ceo, seguro, & repousado ;

Onde com Deos unida a sorte, & bella
Alma, com teus Mayores, reluzindo
Trocaste cada chaga em clara Estrella :

Co' os pés o cristallino Ceo medindo,
Nada de essas altrissimas Esferas,
Nem da terrestre : os olhos encubriendo ;

Agora hum curso, & outro consideras,
Agora a vaidade dos Mortais,
Que tu tambem passáras se viveras, &c.

E L E G I A XI.

*Aqui devoto o P. sacrafica esta Elegia à
Payxaõ de Christo N. S. seguindo a Sa-
nazario Departu Virginis.*

SE quando contemplamos as secretas
Causas porque este mundo se sustenta,
E o revolver dos Ceos, & dos Planetas,
E se quando á a memoria se presenta
Este curso do Sol, taõ bem medido
Que hũ ponto só naõ mingua, nem se auméta ;
Aquelle effeyto tarde conhecido
Da Lua na mudança taõ costante,
Que mingoar, & crecer he seu partido ;

Aquella natureza taõ possante
Dos Ceos, q' taõ conformes, & contrarios,
Caminhaõ sem parar hum breve instante ;
Aquelles movimentos ordinarios
A que respõde o Tempo, que naõ mente,
Co' os effeytos da Terra necessarios ;

Se quando, enfim, revolve sutilmente
Tantas cousas a leve Fantasia
Sagaz escrutadora, & diligente ;

Bem vê, se da razaõ se naõ desvia,
Aquelle unico Ser, alto, & divino,
Que tudo pode, manda, móve, & cria.

Sem fim, & sem principio hum ser cõtino,
Hũ Padre grande a quẽ tud' he possivel,
Por mais que o difficile humano atino.

Hum saber infinito, incomprehensivel ;
Huma verdade, que nas cousas anda,
Que mora no visivel, & invisivel.

Esta potencia, enfim, que tudo manda,
Esta Causa das causas, revestida
Foy desta nossa carne miseranda.

Do Amor, & da Justiça, compellido

Por os erros da gente, em mãos da gente
(Como se Deos não fosse) deyx a vida.

O! Christão descuydado, & negligente!
Pondera-o com discurto repoulado;
E vertehas advertido facilmente.

Olha aquelle Deos alto, & increado
Senhor das cousas todas, que fundou
O Ceo, a Terra, o Fogo, o Mar irado:

Naõ do confuso Caos, como cuydou
A falsa Theologia, & povo escuro
Que nesta só verdade tanto errou.

Naõ dos atomos leves de Epicuro;
Naõ do fundo Oceano, como Thales,
Mas só do pensamento casto, & puro.

Olha, animal humano, quanto yales,
Pois este immenso Deos por ti padece
Novo estylo de morte, novos males.

Olha que o Sol no Olimpo se escurece,
Naõ por opposiçãõ de outro Planeta,
Mas só porque virtude lhe falece.

Naõ vés que a grande máquina inquieta
Do mundo se desfaz toda em tristeza,
E naõ por causa natural secreta?

Naõ vés como se perde a Natureza?
O Ar se turba; o Mar batendo geme,
Desfazendo das pedras a dureza.

Naõ vés que cae o monte, a terra treme:
E que lá na remota, & grande Athenas,
O douto Arcopagita exclama, & teme?

O! Summo Deos, tu mesmo te condenas,
Por o mal em que eu só sou o culpado,
A tamanhas afrontas, tantas penas?

Por mi, Senhor, no mundo reputado
Por falso, & violador da Sacra Ley,
A fama a ti se poem do meu pecado?

Eu, Senhor, sou ladraõ, tu justo Rey.
Pois como entre ladrões eu naõ padeço?
A pena a ti se dá do que eu errey?

Eu servo sem valor, tu immenso preço
Em preço vil te poens, por me tirares
Do cativeyro eterno que mereço?

Eu por perderte, & tu por me ganhares
Te dás aos soltos homens, que te vendem,
Só para os homens presos resgatares?

A ti, que as almas soltas, a ti prendem?
A ti summo Juiz, ante Juizes
Te acusaõ por o error dos que te offendem?

Chamamte malfeytor, naõ contradizes,
Sendo tu dos Profetas a certeza,
Dizem que quem te fere profetizes.

Rimse de ti, tu choras a crueza
Que sobre elles virá: a gente dura
II. Part.

Por quem tu vens ao mundo te despreza.

O teu rosto, de cuja fermosura
Se veste o Ceo, & o Sol resplandecente,
Diante quem pãsmada está a Natura;

Com crúas bofetadas da vil gente,
De precioso sangue está banhado,
Cuspido, atropellado cruelmente.

Aquelle corpo tenro, & delicado,
Sobre todos os Santos Sacrosanto,
A açoutes rigurosos desangrado.

Despois cuberto mal de hum pobre mão;
Que se pegava á as carnes magoadas
Para dobrarlhe as dores outro tanto.

Magoavamno as chagas naõ curadas,
Hum tormento caulandolhe excessivo,
Ao despir por as mãos crueis, & iradas.

As venerandas barbas de Deos vivo,
De resplandor ornadas, se arrancavaõ
Para desempenhar Adam cativo.

Com cordas por as tuas o levavaõ,
Levando sobre os hombros o Trofeo
Da vitoria que as almas alcançavaõ.

O! tu, que passas, homem Cyreneo,
Ajuda hũ pouco a este homem verdadeyro,
Que agora, como humano enfraqueceo.

Olha que o corpo afflictõ do martyro,
E dos longos jejuns debilitado,
Naõ pôde já co' o peso do Madeyro.

O! nam enfraqueçais, Deos Encarnado;
Essas quedas, que tanto vos magoam,
Soportay, Cavalleyro sublimado.

Aquellas altas vozes que lá soam,
Dos Padres saõ que o Limbo tem, escuro,
E já de louvor, & palma vos coroam.

Todos vos bradaõ que subays o muro
Da cidade infernal, & que arvoreys
Encima essa Vandeyra muy seguro.

O! Santos Padres, naõ vos apresseis;
Pois muyto mais a Deos q' a vós custáraõ
Essas duras prisões em que jazeis!

Aquellas mãos que o mundo edificáraõ,
Aquelles pés que pisaõ as estréllas,
Com durissimos pregos se encravaõ.

Mas qual será o humano que as querelas
Da angustiada Virgem contemplançe,
Sem se mover a dor, & magoa dellas?

E que dos olhos seus naõ destilasse
Tanta copia de lagrimas ardentes,
Que carreyras no rosto finalasse?

O! quem lhe vira os olhos refulgentes
Convertendo-se em fontes, & regando
Aquellas faces bellas, & excellentes!

Quem a ouvira com vozes ir tocando
 As Estrelas, a quem responde o Ceo
 Co' os agentos dos Anjos retumbando!
 Quem vira quando o puro rosto ergueo
 A ver o Filho que na Cruz pendia,
 Donde a nossa laude descendto!
 Que magoas tão chorosas, que diria?
 Que palayras, tão miſeras, & tristes,
 Para o Ceo, para a gente espalharia?
 Pois, que feria, Virgem, quando viſtes
 Com fel nojoſo, & com vinagre amaro,
 Matar a fede ao Filho que parilles?
 Não era eſte o licor ſuave, & claro,
 Que para o confortar entã darieys
 A quem vos era, mais que a vida, caro.
 Como, Virgem Senhora, não corrieis
 A dar as puras teras ao Cordeyro
 Que padecer na Cruz com fede vieys?
 Não era ſó, não, eſſe o verdadeyro
 Poſto, que voſſo Filho deſejava,
 Morrendo por o Mundo em hum madeyro.
 Mas era a ſalvaçõ, que alli ganhava
 Para o miſero Adam, que alli bebia
 Na fonte que do peyto lhe manava.
 Pois, ò pura, & Santiſſima Maria,
 Que, enſim, ſentiſtes eſta magoa quanto
 A grave cauſa della o requeria;
 De eſſa Fonte ſagrada, & peyto ſanto,
 Me alcançay huma gota, com que lave
 A culpa que me agrava, & peſa tanto.
 Do licor ſalutifero, & ſuave,
 Me abrangey, com que mate a fede dura
 Deſte mundo tão cego, torpe, & grave.
 Aſſi, Senhora, toda criatura
 Que vive, & vivirá, & que não conhece
 A Ley de voſſo Filho a abraçe pura.
 O falſiſſimo herege que carece
 Da graça, & com danado, & falſo eſprito
 Perturba a Santa Igreja, que florece.
 O povo pertinaz no antigo rito,
 Que lô o deſterro ſeu, que tanto dura
 Lhe diz que he pena igual ao ſeu delito.
 O torpe Iſmaelita, que miſtura
 As Leys, & com preceyros tão vicioſos
 Na terra eſtende a ceyta falſa, & impura.
 Os Idolatras mãos, ſuperſticioſos,
 Varios de opiniões, & de coſtumes,
 Levados de conceyros fabuloſos.
 As mais remotas gentes onde o lume
 Da noſſa Fé não chega, nem que tenham
 Religiam alguma ſe preſume.
 Aſſi todos, enſim, Senhora, venhão

A confeſſar hum Deos crucificado,
 E por nenhum reſpeyto ſe detenhão.
 E de hum, & de outro vicio já deyxado,
 O ſeu Nome, co' o voſſo neste dia,
 Seja por todo o mundo celebrado:
 E reſpondaõ os Ceos JESUS MARIA.

EPILOGIA. XII.

*Traduz o R. os verſos da Sybilla Eritrea em
 o vaticinio tocante a Chriſto no juizo fi-
 nal eſcritos com a ley de Acroſticon.*

Juizo extremo, horriſtico, & tremendo,
 E Juiz ſempiterno, alto, & celeſte,
 Significará a Terra hum edecendo.
 Verſeſha nella hum ſuor que manifeſte
 Como em carne vem Deos, para que o veja
 Homem toda eſta maquina terreſte.
 Rey juſto, que dos corpos, & almas ſeja
 Juiz; & quando o mundo cego, & inculto
 Sobre eſpinhos crueis deytado ſeja;
 Todo vaõ ſimulacro, & gentil culto
 Oulará engeytã a gente; & guerra
 Farã co' o mar o fogo, & crũ tumulto.
 Immenſa Luz, que as carnes deſenterra
 Lançará fóra as partas vans do Averno,
 Hum juſto, & outro, alçando á a ſanta Terra.
 Outros, que ſão os mãos, no fogo eterno
 Deytará; deſcobrindoſe os ſegredos,
 E ſendo clarõ todo feyto interno.
 Deſfeytos ſeraõ montes, & penedos;
 E ſerã tudo pranto, & eſtridor duro;
 Obras de grande dor, & tristes medos.
 Serã tornado o Sol de todo eſcuro;
 E deſtruida a maquina do mundo;
 Sem luz as luzes todas do Orbe puro.
 Altos ſeraõ os valles, & em profundo
 Lugar ſe abaterãõ os altos montes,
 Vibrará mares Vento furibundo.
 Averã lô de chamas vivas fontes:
 De trombeta tremenda ſom terrivel
 Ouvidõ, fará palidas as fronteſ.
 Reſponderã dos maos gemido horriſvel.

E L E G I A XIII.

Louva o P. a singular fermozura de D. Maria de Figueyrola filha do D. Mestre Belchior a quem offerece este Poema, na India em Damão.

Se obrigações de fama podem tanto,
Que inda de Helena vive hoje a memoria,
Fazendo cada vez mayor espanto;

Se tambem de Lucrecia a Livia historia,
Inda que já passada, cá florece,
E por fama; & triumpho hoje tem gloria;

Se a perfeçãõ de Laura nunca esquece,
Tambem he que por fama laureada,
Nos ficou por Petrarca, & hoje crece;

E se aquella cruel Troyana espada,
Deu com a morte vida à fermosura
De Dido, por Virgilio celebrada;

E se Venus fermosa, hoje segura
Se apresenta em mil versos, & Diana
Com as nove Irmãs d' Apollo tem ventura,

Que fará a fermosura soberana,
De Figueyrola illustre, de quem quero
Cantar com doce Lira, & Mantuana?

Mas se me ella não falta, della espero
Cantar, não destas já, que já acabaraõ;
Destas cante Virgilio, cante Homero:

Que se outras com seus versos celebraraõ,
Foy, que por sua idade, a desta dama
(Por inda estar no Ceo) não na alcançaraõ.

Mas tinhalhe a ventura Oriental cama,
Guardada là em Damão, porque nascendo,
Perder fizesse às outras gloria, & fama;

E em quanto alegre declarar pertendo,
Vos Pay de tal thesouro, daine ouvidos,
Para delle dizer, mais do que entendo.

Não reproveis meus versos d'atrevidos,
Antes daylhe louvor, para que sejaõ
De tal dama, & de vós favorecidos:

Que milagres d'amor; farey que vejaõ?
Direy os olhos bellos, boca, & rizo,
Mil partes, que outras damaster desejaõ.

Cabellos d'ouro, em fim seu grande avizo,
Sua arte, perfeçãõ, & fermosura,
Que na terra nos mostra hum Parayso?

Que mais; o grave aspeyto, & a brandura,
A boca de Rubis, chea de perlas,
Das christalinas mãos a neve pura?

Senhora Dona Maria, entre as mais bellas,
Vós fois, quem nossa idade hoje enriquece,
Il. Part.

E entre ellas fois, qual Sol entré as Estrellas,

Por vós Damão, Senhora, hoje florece,
Por vós as Musas já do sacro monte,
Donde continuo o Louro verde crece,

Vos vem apresentar, da clara fonte,
De pallidas violas coroadas,
As pegafestas flores de Eliconte.

A vós se vem cantando rodeadas
Das Nymphas, que o dourado Tejo cria,
Com suas doces Liras temperadas.

E com seu suave canto, & melodia,
Chegadas a vós já dizem cantando,
Esta he por quem Apollo emmudecia.

Esta he, por quem Veturno desprezando
Pomona, de continuo se abraçava,
Na menos parte sua imaginando.

Esta he por quem em fonte se tornava
O avô de Phaetonte, & porque Orpheo
As furias infernais aquebrantava;

Esta he, por quem só Troya se perdeu,
Esta he, a quem Paris deo a maçãa d'ouro,
Esta por quem Orlando endoudeceu.

Esta he, quem desdo Ganges até o Douro,
Sõ sem falta compoz a natureza,
Do Indico Oriental todo o thesouro;

Esta he, quem trouxe a luz toda a nobreza
Dos de Liaõ Fajardos, que descende
Do Real tronco Ingrez, na môr alteza.

Esta he a flor do Lago, que se estende,
E em quem de novo nace a Real pranta,
Esta he, a quem o mesmo Amor se rende;

Esta he, por quem a Aurora se levanta,
Na parte Oriental mais clara, & pura,
Esta he, por quem morrendo o Cisne canta;

Esta he, por quem nos dotou só a ventura
De mil primores chea colocada,
Em rara perfeçãõ de fermosura.

Esta será de nós sempre cantada,
E dos novos Poetas mil louvores
Terá com fama eterna, & soblimada.

Na festa de Deos Pam cem mil pastores
Desta felice terra a ti cantando,
Mil ramos levarãõ cheos de flores.

Ati às tuas lutas dedicando,
Seus jogos pastoris de cem mil partes,
Com versos te estaraõ sempre louvando.

E tu, que de teu ser nunca te partes
Com fermosura, & graça de continuo,
Com que por fama ao mundo te repartes,

Com rosto branco, alegre, & peregrino
Aceytará seus versos, coroada
De rosas, & de louro a ti só dino.

Dali do nosso choro venerada saluareis
 Teras cargo da selva de Diana,
 E entre nós tu serás, mais estimada,
 Dali, ó alta Dea, & soberana
 Governarás o Indico Oriente,
 E todo estado além da Taprobana.
 Dali correndo irá de gente em gente
 Tua fama, fazendo esquecida
 A das antigas Dâmas do Occidente,
 Ganhando teu louvor immortal vida.

E O L I E G I A XIV.

*Desesperado o P. de conseguir o objecto dos
 seus desejos dezejá acabar com amorte
 o seu tormento.*

Não porque de algũ bẽ tenha esperança
 Vos escrevo meu mal em tal estado,
 Que sey, que em vós fará pouca mudança,
 Mas já perdido, triste, & magoado
 Para remédio tomo escrever dores,
 Esperar de vós outro he escusado.

O que não faz Amor em meus amores,
 O que lagrimas tristes não fizeraõ,
 Bem menos o faraõ causas menores.

Pois onde as mais agora se perdéraõ,
 Percaõ se estas palavras de meu fer,
 Que pouco me doem já, já me doeraõ.

Sempre deste meu mal tive sospeyta,
 Não que de todo em todo mo faltasse,
 Hã esperança vãa em fim desfeyta.

Fazia me o desejo que esperasse,
 A razão doutra parte, que temesse,
 E de esperanças vãs não confiasse.

Que olhasse, que por ellas não perdesse,
 A doce liberdade, o riso, o canto,
 De que depois em vão me arrependesse,

Amor, que tudo pôde, pode tanto,
 Que para ver o mal, em que me vejo,
 Menãõ deu olhos mais que para pranto.

Não curey a razão, segui o desejo,
 Outras cousas segui, de qualidade,
 Que choro, & callo, por não ser sobejo.

Pela vossa neguey minha vontade,
 Logo como vos vi, no mesmo ponto
 Vos entregou a vida a liberdade.

O que passou depois, não vo lo conto,
 De que seve contar cousas sobejas,
 A quem lhẽ soube dar hum tal desconto.

Ah esperanças minhas, já perdidas,
 Agora, para mais ter que contar,

Soube que fostes vãs, fostes fingidas.

Em que posso, ou que de vo hoje esperar,
 Ondẽ acharey de novo outros enganõs,
 Que possaõ de enganõs enganar.

Mas he vento cuydar enganar danõs,
 O triste, que nem na alma tem alento,
 Tem seu remedio só no fim dos annõs.

Jã não espero ver contentamento,
 Perdi quanto esperey numã só hora,
 E não perdi em muytas o tormento.

E sobre tantas perdas, indã agora,
 Que esperava de vós a vós quey xarme,
 Não mo consente Amor, que na alma mora.

Poemte diante, a fim só de estorvarme,
 Que vos offenderey, mostrando aqui,
 Que tanta fé pagaes com maltratarme.

E entãõ este temor deyxame alli,
 Além de magoado, frio, & mudo,
 Arrependido de quanto escrevi.

Cousas de vosso gosto ainda cudo,
 Como senãõ cuydasse, o que não creõ,
 Não perder isto, como perdi tudo.

Mas vasse o medo já, pois que já veõ
 O desengano, sem se ter sabida,
 Que a certeza podia ter receõ.

Agora não me dà perder a vida,
 Nem a deve recear quem a despreza,
 Matayme, se de mim fois offendida.

Senãõ mateme já minha tristeza,
 Que este lô hem me fica, este me val,
 Se mo não estorvar vossa ctueza.

Quem se não espantará, vendome tal,
 Tcmer, que o triste fim, que me ordenastes,
 Mo negueis por remedio de meu mal.

Entre silvestres feras vos criastes,
 Pois daís por galardãõ do que esperava
 Cruezas defuzadas do que usãstes.

Quantas lagrimas triste derramava,
 Quantos suspiros dava noyte, & dia,
 Se vós não via, & em quanto vos olhaya.

Tremia diante vós, ausente ardia,
 Abãndava este mal ter para mim,
 Que sentia meu fogo essa alma fria.

Mas muyto diferente foy o fim
 De tudo o que cuydava no começo,
 Por onde de hum mal noutro, a tantos vim.

Vida para tal vida não vos peço,
 Morte para tal morte qual me mata
 Me podeis dar, que bem vo lo mereço.

Porque com a dor a lingua se desata,
 E com gritos vos chama, & com razam
 Sem fé, desamoravel, cruẽl, ingrata.

Por isso acabay já vossa tenção,
 Fartay, senhora, já vossas cruezas
 No sangue desse triste coração,
 Acabay de acabar tantas tristezas,
 Pois acabastes já vãs esperanças,
 Acabem já também minhas firmezas.
 Acabe a vida, acabarão lembranças,
 Mas tudo está por vós tão acabado,
 Como muytas em mim as confianças,
 Que tanto me trouxeraõ enganado.

E L E G I A XV.

*Queyxa-se o P. da sua fortuna em lhe conce-
 der a dita de ver huma fermozura, de
 quem sempre ficou captivo sem
 resgate.*

FOyme alegre o viver, já me he pezado,
 Que do contentamento que sentia
 A minha custa ellou defenganado,
 Ao regaço da morte a dor me guia,
 Porém, porque com vida mais me mata,
 Dilatandoma vay de dia em dia,
 Mandame Amor fugir da morte ingrata,
 Pois não soffre limite em vós amor,
 Que elle os laços ordena, elle os defata.
 Lancey contentamentos a voar,
 Tarde os espero ver, que he seu costume
 Ter azas ao fugir, freyo ao tornar.
 O pensamento posto em alto cume,
 Para sacrificar se à vossa vista,
 No coração me guarda eterno lume.
 Com o pensamento os olhos té conquista,
 Pois sempre em vós está, porque os não leva,
 Que elle muro não tem, que lhe resista.
 Ainda que minha alma em vós se enleva,
 Em todo tempo não deyx a arder,
 Quando o môte arde em calma, ou quando neva.
 Vivey cuydados em quanto eu viver,
 Ou porque em sombras vossas sempre viva,
 Ou porque me apresseis para morrer.
 Vontade minha, sempre sois cativa,
 Meu pensamento, nunca sois mudado,
 Flamma de amor, sereis sempre em mi viva.
 Suave cativeyro, doce estado,
 Brandofogo de Amor, que em vós guardaes
 A fim de meu desejo retratado,
 Nunca nesta alma minha, aonde estaes,
 Faltéis, porque entao falta a esperanza,
 Sem quem me falta a vida muyto mais,
 Senhora, em cujo peyto odio, & mudança

Lançaõ fora o Amor, & sua firmeza,
 Que dais esquecimento por lembrança.
 Armada dos espinhos da crueza,
 Trazeis por apparencias a brandura
 No rosto, a qual o peyto pouco preza.
 Mostroume hum leve bem minha ventura,
 Pagueyo logo com longo tormento,
 Que o gosto foge sempre, & a pena dura.
 A tanta dor hum leve sentimento,
 Nunca em vós pude ver, quanto em vaõ digo,
 Mais mudavel que o vento o dais ao vento.
 No principio meu fado me foy amigo,
 Naveguey pelo mar deste desejo,
 Que leva de hum perigo a outro perigo.
 Em vós he pouco o amor, em mim sobejo,
 Cresce em mim, falta em vós, & de maneyra,
 Que de quanto em vós vi, já nada vejo.
 Mostrouseme o tormento na primeyra
 Com rosto alegre, para que o seguisse,
 E lancey me ao seguir nesta cegueyra,
 Fortuna, porque quiz, que eu o sentisse,
 Mostrale, por mostrar qual dentro era,
 Eu choro meu engano, & ella risse.
 Quem em contentamentos vãos espera,
 Espere cedo defenganarse,
 Querem breves limites sua espera.
 Porém quem ha, que mais queyra livrar se
 De tão doce prisaõ, ou quem deseja
 Dos nós desses cabellos defatar se.
 Os olhos, a quem as luzes tem inveja,
 Que em vós o Amor de amor tendes vencido,
 Quem há que vos não ame, & vos não veja,
 Rosto fermoso, em quem está esculpido
 O mór bem, que se pôde ver na terra,
 Quem ha não queyra ser por vós perdido.
 Olhay, senhora, as horas apressadas,
 Que vem cobrindo o ouro dos cabellos
 De neve, & torna as rosas descóradas.
 Ireis ver ao cristal os olhos bellos,
 E já os não vereis quais dantes eraõ,
 Pois quaes entao seraõ, não queyraes vellos.
 Usay dos bens, que vaõ como nasceraõ,
 Olhay, que tudo delce de alto estado,
 Que também os prazeres meus deceram,
 Mas não descerá nunca meu cuydado.

ELEGIA XVI.

Esta Elegia parece feyta em o desterro do P. & nella se queyxa da desigualdade do amor, muyto da sua parte, & nenhun della.

Nunca hum appetite mostra o dano
 Antes de fer de todo effeytuado,
 Mas no fim vem mostrar o defengano
 Dureza a causa, & eu desesperado,
 Pello que imaginou o pensamento,
 Ando por esta ferra desterrado,
 Espalhando a voz ao leve vento,
 Delle só consolado, delle ouvido,
 O faço sabedor de meu tormento.
 Que monte ha, que não tenha já movido,
 Que aspera montanha, ou roca dura,
 A força de meu mal não merecido,
 Nas duras pedras achafe brandura,
 Falta nesse cruel humano peyto,
 Quem vio nunca mayor desaventura,
 Pouco pôde em ti amor perfeyto,
 Quando de hum movimento vive indigno,
 Que já mais se negou a hum sogeyto,
 Da ventura, de vós, de meu destino,
 Pois todos contra mim são conjurados,
 Este valle farey de meu mal digno.
 Co elle a noyte, & o dia meus cuydados
 Passarey em acerba, & longa vida
 Em queyxas, & em suspiros delusados,
 Porque sey que ferás disso servida,
 Não deyxarey dos montes a dureza,
 Até tua vontade ser movida.
 Aqui me sobirey na môr alteza,
 Da ferra, onde logo contemplado
 Será tua perfeçãõ, tua crueza.
 A alma em ti só prompta, & occupada
 Estando de tormento esquivo, & duro,
 Oprimida será de ti levada,
 Discorrendo hum passo, & outro escuro,
 De mal em mal, de hum em outro dano,
 A paga tal verá de hum Amor puro.
 E vendo aqui tão claro o defengano,
 Cos olhos feytos fontes mudará
 Lugar tão infelice, & deshumano.
 E o que môr tormento lhe dará
 A lembrança de alguu contentamento,
 Que inda que pequeno, magoará,
 Fará por divertir o pensamento
 Desta parte tristissima mudando

Huma lembrança chea de tormento,
 Alli algum elpaço porfiando,
 Tendo por impossivel esquecerte,
 Ficarã ao vento vozes dando.
 Alli se queyxrã de conhecerte,
 Alli dura, cruel despiedosa
 Dirã : Dize, que podes já moverte,
 Mais que Venus [dirã] dize, fermosa,
 Quando nessa belleza pura, & rara
 Se verá huma hora piedosa.
 Alli dirã, cruel, & quem cuydã
 De hum espirito tão resplandcente
 Tãõ fera condiçãõ, & tãõ avara.
 Alli viverã triste, alli ausente,
 O costumado mal por si sofrendo,
 De o queres tu tanto contente,
 Como o mundo estã já conhecendo.

ELEGIA XVII.

Representa o P. os vagarosos passos, em que se intertinha alvianao-se com a representaçãõ imaginãria de sua querida Senhora.

La sierra fatigando de continuo
 Los passos vagarosos voy movendo,
 Perdiendo de la vida todo el tino,
 De mis suspiros tristes no pudiendo
 El alma apartar, y el pensamiento
 De aquella por quien yo estoy muriendo:
 Que aunque la ausencia es grave tormento
 Que te olvidé en ello es imposible,
 Que con amor nõ puede apartamiento.
 Veote con spirito invisible
 En el muy vivo tengo aquel meneo
 Tãõ fiero para mi, y tãõ terrible.
 Todo lo mãs alegre triste veo,
 El fresco valle, el monte, la espessura,
 La clara fuente enoja aun el deseõ.
 El dia se me buelve en noche el cura,
 No puede amanecer de dõ ausente
 Tus claros ojos son, de tu hermosura.
 Permitté ya, seõora, que presente,
 Dõ quiera que tu luz es detenida,
 Sean el alma, y vida juntamente.
 En tu servicio alli prompta la vida
 Porné en alma sola en contemplarte,
 Aunque me seas siempre endurecida.
 El mal que hazes dulce en toda parte,
 Sabroso es el tormento, yo lo quierõ,
 Pues es tu voluntad no ablandarte.

Que quando una hora véga, que no el pero,
Piedosa, y blanda más que las passadas,
Y me quieras oír, viendo que muero.

Las tristes no seran de mi dexadas,
Que no sabré vivir sin el estado
De penas, tanto tiempo ya provadas.

Hablo como furioso, y transportado,
Pido lo que me es más enojoso,
Holgando de me ver tan olvidado.

Quien fatigado es, no dá reposo,
Que sufras con paciéncia te conviene,
Las quejas del, que a si se es odioso.

Al tiempo que bolando ya más viene,
Mis desusadas bozes encomienda,
Que assi la triste voz en ti detiene.

La fuerça del dolor ninguna emienda,
Puede tomar en mi, que satisfaga
Lo menos que la queja en mi te ofienda.

Incurable, parece una gala,
Y lo es, que reciba de tu mano,
No quiera Amor, que yo jamás deshaga

Su voluntad en esto, que es en vano.
E L E G I A XVIII.

Continua o P. a saudade, & representação
da fermosura, a que está prendado.

DE peña en peña muevo las passadas,
La tristissima voz al ayre dando
Voy cantando mis quejas desusadas

Incierto en el camino, que pisando
De un monte equivo; al otro me encamina,
En medio del estoy en ti pensando,

O rigoroso passo y quam indigna
El alma veo aqui de sola una hora
Poder en ti pensar cosa tan digna

Si el alma aun no es merecedora
Purissima, y perfecta, y que me puede
De esperanza quedar en ti señora?

Mas que puedo querer, Fortuna rueda,
Llevandome de un triste en otro estado,
Y si es tu voluntad un bien no queda

En mi no vive ya, es transformado
En ti, el triste esprito, que tenia
De ti sola se quiere ver mirado.

Que aunque en fatigas passe noche, y dia
De tu mano se viesse, ó en passo estrecho
La firme voluntad no mudaria.

Y si por realéza un blando pecho,
Que tanto tiempo fue endurecido
Quisiese ya mostrar un nuevo hecho.

Adó me llegaria aquel fonido
De tu nueva mudança, y mi ventura,
Al eco, al valle; al monte empedernido.

Dó no se cantaria tu blandura,
En que region eltraña, ó nueva parte
Quedara por loar a tu hermosura.

Quien no puliera estudio, ingenio, y arte,
Y quando todo nó, mucho dixiera,
Mostrando que cupiera en ti ablandarte.

Que roble, que leon, que tigre huviera,
Que aspera montaña intratada,
Que mis mudadas vozes no oyera.

Mas no quiere Amor, que la usada
Queja, en estas fieras esparzida
De tanto tiempo ya sea dexada.

Ni tu querrás que yo dexé la vida
Para me dar tormento aun más fiero,
Ni contán longa usança interrumpida.

Cada hora más aspera te espero,
Que vengas pido; el mal sea más duro,
Que el que puedo sufrir, ya no lo quiero.

Pruévase este amor perfecto, y puro
En fatigas mayores en cruéza,
Quanto fuere mayor, es más seguro.

Excedes a las fieras en dureza,
Quando se ha visto en esta pura, y rara
Gracia; del duro monte la aspereza.

De los bienes que puedes dar avata,
Al que puedes dar vida, y por ti pena,
Pues niegas lo que el mundo no pensara,

Haze en tu voluntad, como ella ordena,
E L E G I A XIX.

Panegyrico do P. da Pedro da Sylva descendente
dos Sylvios, & de Aneas Syl-
vio, que mossos fundarão o Imperio

Romano.

Illustre, & noble Sylva descendido
Do gram filho de Anchises valeroso,
Por armas, & por sangue esclarecido.

Que como forte; oufado, & piedoso
A as costas salvou o pay de longos annos,
E o filho pela mão tenro, & mimoso

Eos Penares, que tinhaõ os Troyanos,
Tirou no môr conflicto da Cidade,
Em que Gregos fizeraõ tantos danos.

Crescendo foy de hũa em outra idade
Esta illustre progenie generosa
Em virtude, valor, honra, & bondade.

Até chegar a nossa tam ditosa,
Pois

Pois nelle o Céo a ti Sylva nos deu, e o Ba
 Que a fazes com tuas obras mais fermosas. **D**
 Aonde o inclito Rey de morte seus, **U**
 Movido pello Spirito, que o guia, **U**
 A mayores proelas, que a Theseo, **U**
 Pellas partes, que em ti já conhecia, **U**
 Ou decreto de cima te escolheo, **U**
 Por começo do fim que pertendia. **U**
 De Capitão de Tanger te proveo, **U**
 Em tempo que o Maluco affaz valente **U**
 O grande Imperio de Africa venceo, **U**
 E sendo esta eleyção do Rey valente, **U**
 Da cega inveja folte murmurado, **U**
 Porque ninguem escapou ao maldizente. **U**
 Não te negaraõ feres esforçado, **U**
 Mas diziaõ, que á guerra em tal idade **U**
 Servia Capitão experimentado. **U**
 E que em tempo de tal necessidade **U**
 Convinha velho amparo, & forte escudo, **U**
 Em quem não possa haver temeridade. **U**
 Mas bem aõ contrariõ se vio tudo, **U**
 Pois prudencia, & esforço juntamente **U**
 Em ti experimentou o Mouro rudo. **U**
 Quando cõ graõ conselho, & pouca gente **U**
 Atravessaste os campos Africanos, **U**
 Como gram Capitão, velho, valente. **U**
 E foste a parte onde os mauritanos **U**
 Não tinham visto lança de Christãos. **U**
 Havia longos tempos, longos annos, **U**
 Tomaste descuydado hum Capitão **U**
 No tempo, & assi na guerra experimentado, **U**
 Em quem se confiava Tetuaõ.
 Alafe, irmão de Alafe, nomeado, **U**
 Que não só o seu campo defendia, **U**
 Mas entrava no nosso confiado. **U**
 Este, que toda a grande Berberia **U**
 Tinha, por muy prudente, & animoso, **U**
 Agora o tens na tua estrebaria.
 Que pôde aqui dizer pois o envejofo, **U**
 Onde tão claro vê, que nessa idade **U**
 Supre o nobre sangue generoso. **U**
 Não te dirá, que foy temeridade **U**
 Para feyto como este tão valente, **U**
 Com ter teguro o campo, & a cidade. **U**
 Nem te pôde negar feres prudente, **U**
 Pois tempo, & conjunção foste escolher **U**
 Em que não arriscaste a tua gente. **U**
 Mas assi te soubeste recolher **U**
 Com gram despojo feyto, denso dano. **U**
 Sem hum dos que levaste se perder. **U**
 O felice Varaõ, Sylva Troyaõ, **U**
 Quem te pôde louvar, como venceste.

Pois no dia menor, que tinha o ohnop **U**
 O mayor feyto em Africa fizeste, **U**
 E L E G I A XX.

O argumento desta Elegia he o mais proprio
 do Metro, de quantas o P. compoz: cho-
 ra a morte de D. Tello, a quem
 matáraõ na India.

S Ayaõ desta alma triste, & magoada **U**
 Palavras magoadas de tristeza, **U**
 E seja ao mundo a causa declarada. **U**
 Saya do peyto a voz, com que a graveza **U**
 Sogiga, doma, & as gentes move tanto, **U**
 Por mais, & mais que tenhaõ de dureza. **U**
 E vós meus olhos tristes entre tanto **U**
 Em lágrimas esta alma derretida **U**
 Choray, que amargo choro he, o meu canto. **U**
 Quanto de mim a causa foy sentida, **U**
 Seja de vós chorada, & junta mente **U**
 Choremos huma morte, & huma vida. **U**
 Abondade choremos innocente, **U**
 Cortada em flor, que pela acerba morte **U**
 Nos foy arrebatada dentre a gente. **U**
 E aquella immensa dor, & dura sorte **U**
 Da magoada mãy, cuja alma triste **U**
 Tambem cortada foy com agudo corte. **U**
 O espirito gentil, que ao Céo subiste, **U**
 Porque engeytaste á minha companhia, **U**
 E acompanharte eu não consentiste. **U**
 Este he o canto heroyco, & de alegria, **U**
 Que eu já em teu louvor aparelhava, **U**
 Como o tornou a morte em Elegia. **U**
 Esta he a esperanza, que nos dava **U**
 De ti, tua tenra, & alegre mocidade, **U**
 De quem tão grandes cousas se esperava. **U**
 O Hymineo, que em maes perfeyta idade **U**
 Com honras mil te andava aparelhando **U**
 A mãy, de quem não ouveste piedade. **U**
 Que agora, como Hecuba, anda bramado, **U**
 Bulçando em vama casa em toda a parte, **U**
 Amado Filho meu, por ti libradando. **U**
 Quem me vedou os olhos teus ferrante, **U**
 Que em tam amarga, & triste despedida **U**
 Pudera esta alma minha acompanharte. **U**
 Quem te privou da chara, & doce vida, **U**
 Meu filho tão fermoso, & mal logrado **U**
 Dous corações passou huma só ferida. **U**
 Em terra de deserto, ay filho amado, **U**
 Deyxandome sem ti desemparrada, **U**
 Quizeste ser de estranhos sepultado.

Se hias para fazer tão graõ jornada,
 Não levarás em tua companhia
 Esta misera mãy desconsolada.

Quiaes que algum foccorro te seria,
 Que vendo vir a espada em alto erguida,
 Filho, com hum grito meu te avisaria.

Ou recebêra o golpe nesta vida,
 Metendome no meyo, & tu viveras,
 Fartàra de meu sangue esse homicida.

Ay filho, meu amor, que tu só eras
 Quem com tua vida alegre algum descanço
 A meu viver cançado dar puderas.

E tu seràs tambem quem manço a manço
 Me acabaràs a vida, que eu queria
 Sem ti ver acabada de hum só lanço.

E vòs tambem mulheres, que paristes
 Ajudayme a chorar, porque em mal tanto
 Não satisfazem só meus olhos tristes.

Affi com grave dor de canto a canto
 Atè nos corações de mór dureza
 Soa huma voz confusa, hum amargo pranto.

O tu, honra, & primor da natureza,
 Illustre, & fermosissima Maria,
 Não trates mal, senhora, tal belleza.

Pois só custodia es, donde alegria
 Defunta, & tal chorada em dia amargo
 Refurgirà em outro alegre dia.

Que a ti deu o movedor do mundo o cargo
 De alegres a mãy chorosa, & triste,
 Que alegre vivirà por tempo largo.

Polto que a dor do irmão muyto sentiste
 Não destruas as lindas tranças bellas,
 Pois o remedio nisso não consiste.

Não trates mal as niditas estrellas
 Dos olhos tens com lagrimas ardentes,
 Pois tem mais resplendor que todas ellas.

Não offendas as faces refulgentes,
 Obra de Deos, com mão despiadosa,
 Da patria honra, se louvor das gentes.

Mas vay com doce voz, bráda, & amorosa
 Consola a triste mãy desconsolada
 Com tua vista alegre, & tão fermosa.

Prometelhe, que em si resuscitada
 Verá sua alegria já perdida,
 De todos tão lentida, & tão chorada.

Pois teu remedio está só em sua vida,
 Que haja de ti materna piedade,
 Não dè tanto lugar à dor crecida.

Bem se permite a fraca humanidade
 Por filho tal, & tanto tempo ausente
 Hum moderado pranto, huma saudade.

Mas tão continua dor, que espátea gente,

E poem em tal estremo a vida amada,
 Não o mudo o quer, nem Deos não o cófente.

Não foy a morte de Heytor sèpre chorada
 Da triste mãy, que alem de filho amado,
 Era por elle só Troya amparada.

Mas já despois de morto, & arrastado
 Com Grego applauso, vozes, & alarido,
 O corpo houve às mãos desconjuntado.

Perdida a cor, o collo recaydo,
 Não parecia Heytor, que dantes era,
 De pó, de sangue, & de suor tingido.

Com seus olhòs lavoulhe a chaga fêra,
 Com suas mãos o rosto lhe alimpava
 Sem alma, & sangue, já de cor de cera.

Mas védo em fim quão pouco aproveytava
 Seu choro, & né por mais q em vão bradado
 Chamava Heytor, Heytor resuscitaya.

De lagrimas os olhos enxugando
 Defenganada já do Filho amado
 Se foy com a amada filha consolando.

Nem sempre o fero Achilles foy chorado
 De Thetis sua mãy, do branco coro,
 Principe Grego tão assinalado.

Tambem pagou à morte o antigo foro,
 E à Deosa não valeo ser prevenida,
 Nem suspiros valêraõ, nem seu choro.

Tambem a este acabou mortal ferida,
 Sendo meyo immortal, & filho amado
 Da Deosa de Nereo tão querida.

Nas agoas de Acheronte foy banhado,
 Porque em batalhas, como o fero Marte,
 Do ferro não pudeffe ser cortado.

Mas a agua não chegou áquella parte,
 Que esquadrinhou a setta aguda, & forte,
 Que contra ella não val engenho, & arte.

Choraráõ as Gregas gentes sua morte,
 Os Phocas, & Delphins tambem choraráõ,
 Chorou do gram Nereo toda a corte.

Tantas lagrimas tristes derramáraõ,
 Tanto chorou a mãy, que muyto o amava,
 Que a Xanto, & o Simois acrescentaráõ.

Mas vendo que o chorar não aproveytava,
 E que era dor perdida, & defatino,
 Os seus fermosos olhos alimpava.

E com alegre rosto de ar benino
 O Ceo, a Terra, o Mar, tudo alegrando,
 E os cidadãos do Reyno cristalino.

Os seus verdes cabellos espalhando
 Ao vento, de mil Ninfas rodeada,
 Tornando a vista atraz de quádo em quando.

De Pausilipe, & Oricia acompanhada,
 De Doris, Menalipe, & de Melento,

Se foy para Nereo consolada.
 Deyxay pois já, senhora, o amargo pranto,
 A pena, a dor, o mal, que tanto crece,
 E day lugar ao meu inculto canto.
 Com graõ difficuldade se offerece,
 A grandes desventuras taes como esta,
 A darlhe iguaes palavras, quaes merece.
 Por tanto eu senhora, agora nesta
 Naõ as hey de buscar por consolarte,
 Que aos tristes conõolar só a razaõ presta.
 Tambem seraõ perdidas nesta parte
 Consolações, que em choro de amargura
 Força não tem, por mais que tenhaõ d'arte.
 Se as lagrimas não vence a razaõ pura,
 Fortuna sempre a outras acrescenta,
 Guardete Deos de mór desventura.
 Naõ digo, que a alma esté de magoa izeta,
 Porque humano he sentir, mas he fraqueza,
 Naõ soffrer o que Deos nos apresenta.
 Naõ heeste mundo a nossa natureza,
 Estrada si, por onde caminhamos,
 Pretendendo chegar à Summa Alteza.
 Neste caminho hũ passo estreito achamos,
 Morte se chama horrenda, & desabrida,
 Divida, que Adam fez, & nós pagamos.
 A todos he comum esta partida,
 Quem morre, não morreo, partio primeyro,
 E o que ha depois da morte he eterna vida.
 Todo animal, que nasce está foreyro
 A passar este passo estreito tanto,
 Todos là havemos de ir por derradeyro.
 Deyxa, senhora, deyxay o amargo pranto,
 Teu filho está no Ceo resplandecente,
 Já entre os Cidadãos do Coro santo,
 Nossas memorias tristes não as lente,
 Já livre, & de theatro está olhando
 Com olhos immortaes a immortal gente.
 Da Visão Beatifica gozando,
 Sem medo, ou sobresalto de perdella
 O mundo, & seus afagos desprezando.
 Dalli contépla de nũa, & de outra estrella,
 Ou fixa, & errante, o curso, & movimento,
 Tendo, sem se mover, os pès sobre ella.
 Veloz, qual o ligeyro pensamento,
 Passa de pólo a pólo, & o Ceo conhece
 Que seu caminho faz com passo lento.
 E porq. o mar continuo mingoa, & crece,
 Comprêde, & a quinta essencia pura, & neta,
 Elcom que luz a Lua resplandece.
 Nem nos espanta no ar qualquer cometa,
 Os pontos sabe de hum, & de outro signo,
 Por onde faz seu curso o graõ Planeta.

Hum Anjo novo tens, santo, & benino,
 Vive senhora alegre, & consolada,
 Que por ti roga ao Padre de contino.
 O alma pura em alto alevantada,
 Que là estás nesse Ceo luzente, & claro,
 Desta mortal prisaõ já desatada.
 O senhor meu Dom Telo, amigo charo,
 Que do terreno Sol, onde viveste,
 Te arrebatou sem tempo o tempo avaro.
 Se ao passar do Lethe não perdeste
 A memoria de mim, que tanto te amo,
 E por intimo amigo me tiveste.
 Com attenção escuta o meu reclamo,
 Não despreses de ouvir là dessa altura
 A bayxa, & rouca voz, com que te chamo.
 Que quando concedido da ventura
 Me for o que eu por ti agora peço,
 Não borrarà o teu nome a fama escura.
 Em tanto as bayxas Rimas te offereço
 Em penhor da vontade, & amor profundo,
 Até cumprir o que hora aqui profereço.
 Que entaõ te cantarà por todo o mundo,
 Com linguas mil a fama soberana,
 E occuparà teu nome sem legundo
 Do patrio Tejo alem da Taprobana.

ELEGIA XXI.

*Pede o P. encarecidamente a huma Senhora,
 que supponho foy todo o objecto de seus dis-
 vellos, que se compadessa do tormen-
 to, em que o tem posto sua vista.*

Não me julgueis, senhora a atrevimêto
 O que me faz fazer hũ mal tão forte,
 Que não me basta nelle o sofrimento.
 Que tal me traz já agora minha forte,
 Que me faz buscar vossa crueldade,
 Donde só por remedio espero a morte.
 Não vos pude callar esta verdade,
 Porque força não tem poder humano
 Contra outro, que não tem humanidade.
 Amor, que tudo faz para mór d'ano
 Me deu o mal, leyoume o sofrimento,
 Ah duro Amor, cruel, & deshumano.
 Não vos lembre, senhora, meu tormento,
 Que este bem o merece a ousadia
 De eu empregar em vòs meu pensamento.
 Lembrovos hum amor, que cadadia
 Em mim taõ verdadeyro, & firme crece,
 Que alheo me traz do que sohia.
 Não peço que o pagueis, como merece,
 Que

Que não mereço eu tanto, mas só peço,
Que por mim não cuydeis, que desmerece.
Porque se só por si he de tal preço,
Que a suprir basta seu merecimento
Quanto eu de minha parte desmereço.

Bem vejo que em tomar o sofrimento
Para viver, melhor remedio fora,
Que hum taõ desordenado atrevimento.

Mas eu, que do viver menos, já agora
Que de todo a livro, pois crecendo
Vão com a vida os males cada hora.

Vos quiz manifestar meu mal, sabendo
A quanta desventura se aventura,
Quem pertende fazer o que eu pertendo.

Quizesse, ó oxalá, minha ventura,
Que castigasseis vós esta ousadia
Com huma cruel morte triste, & dura.

Que não seria morte, mas seria
Hum suave remedio doce, & brando
Desto mal, que me mata cada dia.

Até quando, senhora, & até quando
Terá lugar em vós vossa crueza,
E a morte não em mim, q' a estou chamado?

Abrande meu amor vossa dureza,
Que esta alma em si trásforma com tal cura,
Que já não he amor, mas natureza.

Abrande já huma vida, em que só dura
A alma, porque veja, & exprimente,
Que não tem fim a graõ desventura.

Abrande já huma dor, que juntamente
A vida penetrou, & a alma triste,
E lhe roubou o estado seu contente.

Mostray vos poderosa em quem resiste
Em desobedecer, ou enojarvos,
E não já contra quem vos não resiste.

Em quem cuydar, q' digno foy de amarvos,
Mostray vosso poder, pois o merece,
Em mim não, q' o não sou taõ só de olharvos.

Attentay por huma alma, que se esquece
De si, por que em vós poz sua lembrança,
E tal, que em nenhum tempo desfalece.

Nem, loscopyto que possa aver mudança,
Num coração, que mais que a si vos ama,
Daylhe já morte, ou vida, ou esperança,

Que tudo será gloria por tal dama.



OCTAVA I.

Esta Oytava fez o P. estando desterrado em Ceuta em vinte & dous, ou vinte & tres annos de sua idade, & a dedicou a D. Antonio de Noronha. O argumento todo he sobre o desconcerto do mundo.

Quem pôde ser no mundo taõ quieto?
Ou quem terá taõ livre o pensamento?
Quem taõ exprimétado, ou taõ discreto?
Taõ fóra, enfim, de humano entédimento,
Que ou com publico effeyto, ou có secreto,
Lhe não revolva, & espante o sentimento,
Deyxandolhe o juizo quasi incerto,
Ver, & notar do mundo o desconcerto?

Quem he que veja aquelle que vivia
De latrocinios, mortes, & adulterios;
Que ao juizo das gentes merecia
Perpetua pena, immensos vituperios;
Se a Fortuna em contrario o leva, & guia,
Mostrando, enfim, que tudo são misterios
Em alteza de Estados triunfante,
Que por livre que seja não se espante?

Quem ha, que veja aquelle que tam clara
Teve a vida, que em tudo por perfeyto
O proprio Momo às gentes o julgára,
Inda quando lhe visse aberto o peyto;
Sea má Fortuna ao bem tómente avaro,
O reprime, & lhe nega seu direyto,
Que lhe não fique o peyto congelado,
Por mais, & mais, que seja exprimétado?

Democrito dos deoses proferia
Que eraõ sós dous; a Pena, & Beneficio.
Segredo algum terá da Fantasia,
De que eu achar não posso claro indicio.
Que se ambos vem por não cuydada via
Aquem os não merece, he grande vicio.
Em Deoses sem justiça, & sem razaõ
Mas Demócrito o disse, & Paulo nam.

Dirmeheis, que se este estranho descõcerto
Novamente no mundo se mostrasse,
Que por livre, que fosse, & muy experto,
Não era de espantar se me espantasse,
Mas que seja de Socrates foy certo,
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto; (ou de prudente, ou de cóstante)
Exemplo tome d'elle, & não me espante.

Parece a razaõ boa; mas eu digo
Desto uso da Fortuna taõ danado,
Que quanto he mais usado, & mais antigo,

Tanto he mais estranhado, & blasfemado.
Por que se o Ceo, das gentes taõ amigo,
Não dà à Fortuna tempo limitado,
Bem he para causar hum grande espanto,
Que miltam mal olhado dure tanto.

Outro espanto mayor aqui me enlea;
Que com quanto Fortuna tam profana
Com estes desconcertos senhorea,
A nenhuma pessoa desengana.
Não ha ninguem que assente, nem que crea
Este discurso váo da vida humana,
Por mais q̃ filosofe, nem que entenda,
Que algũ pouco do mudo não pertenda.

Diogenes pisava de Plataõ
Com seus sórdidos pés o rico estrado;
Mostrando outra mais alta presunção
Em desprezar o fausto tam prezado.
Diogenes, não ves, que estremos lam
Esles que segues de mais alto estado?
Pois se de desprezar te prezas muyto,
Já pertendes do mundo fama, & fruto.

Deyxo agora Reys grandes, cujo e tudo
He fatar esta sede cobigosa.

De querer dominar, & mandar tudo
Com fama larga, & pompa suntuosa.
Deyxo aquelles que tomaõ por escudo
De seus vicios, & vida vergonhosa,
A nobreza de seus antecessores,
E não cuydaõ de si que são peores.

Aquelle deyxo a quem do son o esperta
O graõ favor do Rey q̃ serve, & a dora,
E se mantem desta aura falsa, & incerta,
Que de coraçõs tantos he senhora.

Deyxo aquelles q̃ estaõ co' a boca aberta
Por se encher de tesouros de hora em hora,
Doentes desta falsa hidropesia,
Que quanto mais alcança, mais queria.

Deyxo outras obras vans do vulgo errado,
A que já não ha alguem que contradiga;
Nem de outra cousa alguma he governado
Que de huma opiniaõ, & usança antiga.
Mas pergunto ora a Cesar esforçado,
Ora a Plataõ divino, que me diga,

Este das muytas terras em que andou,
Aquelle de vencelas, que alcançou?

Cesar dirá; Sou digno de memória,
Vencendo povos varios, & esforços:
Fuy Monarca do mundo, & larga historia
Ficará de meus feytos sublimados.

He verdade: mas esse mando, & gloria
Lograste-o muyto tempo? Os conjurados
Bruto, & Cassio dirão, que te venceste,
Enfim, enfim a mãos dos teus morreste,

Dirá Platao: Por ver o Etna, & o Nilo,
Fuy a Cecilia, a Egipto, & outras partes,
Sò por ver, & escrever em alto estilo

Da natural ciencia em muytas artes,
O tempo he breve, & queres consumilo,
Platao; todo em trabalhos; & repartes
Taõ mal de teu estudo as breves horas,
Que, enfim, do falso Febo o filho adoras?

Pois, quando des que vive já apartada
A Alma desta prisão terrestre, & escura,
Està em tamanhas cousas ocupada,
Que da fama que fica nada cura.
E se o corpo terreno sinta nada
O Cinico dirá se por ventura.

No campo onde lançado morto estava
De si os caens, ou as aves enxotava.

Quem taõ bayxa tivesse a fantasia,
Que nunca em mores cousas a merece
Que em só levar seu gado á a fonte fria,
E mungirlhe do leyte que bebesse!

Quam bem aventurado que seria:
Que por mais que a Fortuna revolveffe,
Nunca em si sentiria mayor pena,
Que pesarlhe de a vida ser pequena.

Veria erguer do Sol a roxa face;
Veria correr sempre a clara fonte;
Sem imaginar a agua donde nasce,
Nem quem a luz oculta no Orizante:
Tangendo a frauta donde o gado paze,
Conheceria as ervas do alto monte:
Em Deos creria simples, & quieto,
Sem mays especular algum secreto.

De hum certo Trafalho se lè, & escreve,
Entre as cousas da velha Antiguidade,
Que perdido gram tempo o siso teve
Por causa de huma grave enfermidade:
E em quanto de si fora doudo esteve,
Tinha por teyma, & cria por verdade,
Que eraõ suas, das naos que navegavaõ,
Quantas no porto Pireo ancoravaõ.

Por hum senhor muy grande se teria
(Alem da vida alegre que passava)

Pois nas que se perdiaõ não perdia,
E das que vinhaõ salvas se alegrava.
Naõ tardou muyto tempo, quando hum dia
Huncrito, seu irmão, que ausente estava,
Chegado, à a patria, quando o vio perdido,
Do fraternal amor foy commovido.

Aos medicos o entrega, & com aviso
O faz estar á cura recusada.
Triste! que por tornarlhe o antigo siso
Lhe tira a doce vida descansada!

As ervas Apolineas de improviso
O tornaõ à a saude já passada,
Sefudo Trafalho, ao caro irmão
Agradece a vontade, a obra naõ

Porque despois de verse no perigo
Do trabalho a que o siso o obrigava,
E despois de naõ ver o estado antigo,
Que a louca presunção lhe presentava:

O inimigo irmão, com cor de amigo!
Para que me tiraste [suspirava]
Da mais quieta vida, & livre em tudo,
Que nunca pode ter algum sefudo?

Por qual Senhor algum eu me trocára,
Ou por qual algum Rey de mais grandeza?
Que me dava, que o mundo se acabára,
Ou que a ordem mudasse a Natureza?

Agora me he penosa a vida chara:
Sey que cousa he trabalho, & que tristeza,
Torne me a meu estado; que eu te aviso
Que na doudice só consisto o siso.

Vedes aqui, Senhor, bem claramente
Como a Fortuna em todos tem poder,
Senaõ só no que menos iabe, & sente,
Em quem nenhum desejo pòde aver:

Este se pòde rir da cega gente;
Neste naõ pòde nada acontecer;
Nem estará suspenso na balança
Do temor mau da perfida esperança.

Mas se o sereno Ceo me concedera
Qualquer quieto, humilde, & doce estado
Onde com minhas Musas só vivera,
Sem verme em terra alhea degradado;
E alli outrem ninguem me conhecera,
Nem conhecera eu outro mais honrado,
Senaõ a vòs, também, como eu, contente,
Que bem sey que o serieis facilmente:

E ao longo de huma clara, & pura fonte,
Que em borbulhas nacendo convidasse
Ao doce passarinho que nos conte
Quem da cara consorte o apartasse:
Despois, cubrindo a neve o verde monte,
Ao agasalhado o frio nos levasse,

Avivando o juizo ao doce estudo,
Mays certo májar da alma, enfim, q' tudo:

Cântáranos aquelle que taõ claro

O fez o fogo da Aurore Febea,

A qual eile em estilo grande, & raro,

Louvando, o critalina Sorga enfrea.

Tangerános na fruta Sanazaro,

Ora nos montes, ora por a area.

Passára celebrando o Tejo ufano

O brando, & doce Lasso Castelhanho.

E comnosco tambem se achára aquella

Cuja Lembrança, & cujo cláro gesto

Na alma sómente vejo, porque nella

Está em essencia puro, & manifesto;

Por alta influença de minha estrella

Mitigando o rigor do peyto honesto,

Entretecendo rosas nos cabellos,

De que tomasse a luz o Sol em vellos.

E em quanto por Veraõ flores colheffe,

Ou por Inverno a fogo acomodado,

O que de mi sentira nos disseffe,

De puro amor o peyto falteado,

Naõ pedira entaõ eu, que Amor me desse

Do infano Trafilao o doudo estado,

Mas que alli me dobrasse o entendimento,

Por ter de tanto bem conhecimento.

Mas por onde me leva a fantasia

Porque imagino em bemaventuranças,

Se taõ longe a Fortuna me desvia,

Que inda me naõ consente as esperanças

Se hum novo pensamento Amor me cria,

Onde o lugar, o tempo, as esquivanças

Do bem, me fazem taõ desamparado,

Que naõ pôde ser mais que imaginado.

Fortuna, enfim, co' Amor se conjurou

Contra mi, porque mais me magoase;

Amor a hum vaõ desejo me obrigou,

Sò para que a Fortuna mo negasse:

O Tempo a tal estado me chegou,

E nelle quiz, que a vida se acabasse:

Se ha em mi acabarfe, o que eu naõ creio;

Que atè da muyta vida me receo.

O C I T A V A II.

Consóla aqui o P. a D. Costantino Vice-Rey

da India animando o contra a inveja, &

o murmuração dos Portuguezes.

Como nos vossos ombros taõ constantes

[Príncipe illustre, & raro] sustenteis

Tantos negocios arduos, & importantes,

Dignos do largo Imperio que regeys;

Como sempre nas armas rutilantes

Vestido, o mar, & a terra segureis

Do Pirata insolente, & do tirano

Jugo do potentissimo Otomano:

E como com virtude necessaria,

Mal entendida do juizo alheo,

A a desordem do vulgo temeraria;

Na santa paz ponhays o duro freo;

Se com minha escriptura longa, & varia,

Vos occupasse o tempo, certo o creio

Que, com vagante, & ociosa fantasia

Contra o commum proveyto pecaria

E naõ menos seria reputado

Por doce adulador, sagaz, & agudo,

Que contra meu taõ bayxo, & triste estado

Busco favor em vòs, que podeys tudo;

Se contra a opiniaõ do vulgo errado

Vos celebrasse em verso humilde, & rudo

Diraõ, que com lisonja ajuda peço

Contra a miseria injusta que padeço.

Porém, porque a verdade pôde tanto

No livre arbitrio (como disse bem

Ao gram Dario, o moço fabio, & santo,

Que foy reedificar Hierusalem)

Esta me obriga a qu'em humilde canto,

Contra a tençaõ que aplebè ignara tem,

Vos faça claro a quem vos naõ alcança;

E naõ de premio algum vil esperança

Romulo, Bacco, & outros que alcançáraõ;

Nomes de Semideoses soberanos,

Em quanto por o mundo exercitáraõ

Altos feytos, & quasi mais que humanos;

Com justissima causa se queyxáraõ

Que naõ lhes respondéraõ os mundanos

Favores do rumor justos, & iguais,

A seus merecimentos immortais.

Aquelle que nos braços poderosos

Tirou a vida ao Tingitano Antéo,

E a quem os seus trabalhos taõ famosos

Fizerão Cidadão do cláro Ceo;

Achou, que a mã tençaõ dos envejosos

Naõ se doma senaõ despois que o vêo

Ser rompe corporal: porque na vida

Ninguem alcança a gloria merecida

Com tudo, se varões taõ excellentes

Foraõ do bayxo vulgo molestados,

O vituperio vil das rudas gentes,

He louvor dos Reays, & sublimados,

Quem no lume dos vossos Ascendentes

Podera pôr os olhos, que abalados

Lhes naõ fiquem da luz, vendo os mayores

Vossos Passados, Reys, & Emperadores

Quem

Quem verà a quelle Pay da Patria sua,
 Açoute do soberbo Castelhana,
 Que o duro jugo só, co' a espada nua
 Removeo do pescoço Lusitano,
 Que não diga: ò gram Nuno! a eterna tua
 Memoria causará, senão me engano,
 Que qualquer teu menor tanto se estime,
 Que nunca possa ser senão sublime.

Nisto não fallo mais, porque conheço
 Que da materia se me bayxa o engenho:
 Mas pois adizer tudo me offereço,
 (E dias ha que no desejo o tenho)
 Sendo vòs de tão alto, & illustre preço,
 A vida foltes pòr num fraco lenho,
 Por largo mar, & undosa tempestade,
 Sò por servir à Regia Magestade,

E despois de tomar a rédea dura
 Na mão, do povo imdomito, que estava
 Costumado à largueza, & á a soltura
 Do pesado governo que acabava;
 Quem não terá por santa, & justa cura,
 Qual de vosso conceyto se esperava,
 A tão defrenhada enfermidade
 Applicarlhe contraria qualidade?

Não he muyto, Senhor, se o moderado
 Governo se blasfema, & se delama
 Porque o povo a larguezas costumado,
 A a ley serena, & justa dura chama.
 Poiso zelo em vittude só fundado
 De salvar Almas da Tartarea flamma,
 Com a agoa salutifera de Christo,
 Poderà por ventura ser malquisto?

Quem quizeffe negar tam gram verdade,
 Qual heo seu effeyto santo, & pio;
 Negue tambem ao Sol a claridade,
 E certifique mais que o fogo he frio:
 Se o sucesso he contrario da vontade
 A as obras que são boas, & o desvio;
 Està nas mãos dos homens cometelas,
 E nas de Deos està o sucesso dellas,

Sey eu, & sabem todos, que os futuros
 Veràm por Vòs o Estado acrecentado:
 Serão memoria vossa os fortes muros
 Do Cambayco Damaõ bem sustentado:
 Da ruina mortal feràm seguros
 Tendo todo o licerce seu fundado
 Sobre Orfans amparadas com maridos;
 E pagos os serviços bem devidos.

Quãto de infamia ao Principe he perder se
 Pouco do Estado seu que inteyro herdou,
 Tanto por glória grande pòde ter se
 Se acrecentado, & prospero o deyxou.

Nunca consentio Roma ennobrecer se
 Com triunfos alguem, senão ganhou
 Provincia com q' o Imperio se augmentasse,
 Por mayores victorias que alcançasse.

Pòde tornar o vosso Nome digno
 Damaõ, por honra sua clara, & pura,
 Como já do primeyro Constantino
 Tomou Bizancio aquelle que inda dura.
 E tu, Rey, que no Reyno Neptunino,
 Lá no seyo Gangetico a Natura

Te aposentou; de ser tam inimigo
 Deste Estado, não ficas sem castigo.

Bem viste contra ti nadantes aves
 Cortar a espumosa agoa nevegando;
 Ouvite o som das tubas não luaves,
 Mas com temor horrifero soando:
 Sentiste os golpes asperos, & graves
 Do Lusitano braço nunca brando;
 Não sofreste o gram brado penetrante
 Que os torvoens imitava do Tonante.

Mas antes dando as costas, & a vitoria
 A a Bragancès ventura não corrido,
 Deste bem, a entender quam grande gloria
 He de tal Vencedor o ser vencido.
 Quem faz obras tam dignas de memoria
 Sempre será famoso, & conhecido
 Onde os altos juizos se estimarem:
 Que estes só tem poder de fama darem.

Não vos temais, Senhor, do povo ignaro,
 Tam ingrato a quem tanto faz por elle:
 Mas sabey que he final de serdes claro,
 O ser agora tam malquisto delle.
 Temistocles da Patria sua amparo,
 O forte, & liberal Cimon; & aquelle
 Que leys ao povo deu de Esparta antigo,
 Testemunhas seràm de quanto digo.

Pois ao justo Aristides, hum robusto
 Votando no Ostracismo costumado,
 Lhe disse claro assi; porque era justo
 Desejava que fosse desterrado.
 Pachitas por fugir do povo injusto
 Calumniolo, dando no Senado
 Conta de Lesbos, que elle já mandara,
 Se tirou co' o seu ferro a vida chara.

Demosthenes lançado das tormentas,
 Populares, a Pallas foy dizendo,
 Que de tres monstros grandes te contentas,
 Do Drago, & Moucho, & do vil Povo horrêdo?
 Que glorias immortais houve que izentas
 Do veneno vulgar fossen vivendo?
 Pois mil exemplos deyxou de Romanos;
 E vòs tambem sois hum dos Lusitanos.

O C T A V A III.

Esta oitava escreveu o P. sobre a setta, que o Papa Gregorio XIII. da Igreja de Deos

mandou por occasião deste Reynas. ser em dia de S. Sebastião a 20.

de Janeiro anno 1575.

Muy alto Rey, a que os Ceos em forte
Derao o nome Augusto, & sublimado,
De aquelle Cavalleyro que na morte,
Por Christo, foy de setas mil passado;
Pois delle o fiel peyto, casto, & forte,
Co' o Nome Imperial tendes tomado,
Tomay tambem a Setta veneranda,
Que a Vòs o Sucessor de Pedro mandada.
Já por ordem do Ceo, que o consentio,
Tendes o braço seu, reliquia chara,
Defensor contra o gladio que ferio
O Povo que David contar mandara.
E pois que tudo em Vòs se permittio,
Prelagio temos, & esperança clara,
Que fereis braço forte, & soberano,
Contra o soberbo gladio Mauritano.

E o que hum prelagio tal agora encerra,
Nos faz ter por mais certo, & verdadeyro
A Setta, que vos dà quem he na terra
Dos celestes Tesouros Dispenseyro.
Que as vossas settas sam na justa guerra
Agudas, & entrarã por derradeyro,
Caindo a vossos pés povo sem leys,
Nos peytos, que inimigos são do Rey.

Quando vossas bandeyras despregava
Albuquerque fortissimo, com gloria,
Por as prayas de Persia, & alcançava
De Naçoens tam remotas a vitoria;

As settas embebidas, que tirava
O arco Armusiano, he larga historia,
Nos ares, Deos querendo, se viravam,
Pregando se nos peytos que as tiravam.

O! querido Deos, por quem pelega
O ar tambem, & o vento conjurado
Ao tambor acode, porque veja
Que o q'ra Deos ama, he de Deos amado.

Os contrarios reveis à a Madre Igreja
Atroaram co' o tom do Ceo irado,
Que assi deu já favor mayor que humano,
A Josué Hebreo, a Teodosio Hispano.

Pois se as settas tiradas da inimiga
Corda, contra si só nocivas sam,
Que farã, Rey, as vossas que tem liga

Com a que já tocou Sebastiam?
Tinta vem do seu fangue, com que obriga
A levantar a Deos o coraçam,
Crendo bem que as que vòs despidereis
No fangue Sarraceno as tingireis.

Ascanio (se trazer me he concedido
Entre santos exemplos hum profano)
Rey do Imperio, despois tam conhecido,
De Roma, & só reliquia do Troyano;
Vingou com setta, & animo atrevido,
As soberbas palavras de Numano;
E logo foy de alli remunerado,
Com louvores de Apollo celebrado.

Assi vòs, Rey, que fostes segurança
De nossa liberdade, & que nos daís
De grandes bens certissima esperança,
Nos costumes, & aspecto que mostrais;
Concebemos segura confiança,
Que Deos a quem feryis, & venerais,
Vos fará vingador dos seus reveis,
E os premios vos dará que merecis.

Estes humildes versos, que pregaõ
Sam destes vossos Reynos com verdade,
Recebey com benigna, & Real mão,
Pois he devido a Reys benignidade.
Tenham (senão merecem galardão)
Favor se quer da Regia Magestade:
Assi tenhais de quem já tendes tanto,
Com o Nome, & Reliquia, favor santo.

O C T A V A IV.

*Estas oitavas, & as que se seguem se achã
raõ em alguns manuscritos. Nesta glosa
o P. hum Soneto seu XIV. que co-
meça Todo o animal da cal-
ma repousava.*

Despois q' a clara Aurora a noyte escura
Com novo resplendor foy desfazendo;
E Febo por os montes, & espessura,
Os seus dourados rayos estendendo;
Se buscava nos valles a verdura
O manso gado a luz serena veudo;
Quando a fervida festa já abrafava,
Todo animal da calma repousava.

Já por fugir do Sol o fogo ardente,
As sombras os rebanhos vam buscando:
Os tenros cabritinhos juntamente
A poz as manças mãys hiam saltando:
Tangendo as suas frautas docemente
Os Pastores, estavam enganando.

A gram chama solar que entam ardia;
Sô Liso o ardor della nam sentia.

Tristes lembranças tanto ô traspassavam,
 Que a dura festa nellas sô passava:

O tempo que em prazer outros gastavam;
 Em celebrar feu mal elle o gostava:

As festas que com jogos celebravam,
 Elle com suspirar as celebrava:

Nada buscava mays, mays nam queria
Que o repouso do fogo em que elle ardia.

Os repetidos jogos dos pastores,
 As lutas entre a rama repetidas,

Mas antes na alegria as vê crecidas.
 Em nada lhe divertem suas dores,

Como o repouso roubam os amores
 A as almas que para elles sam nacidas,

Delle, todo o repouso que esperava,
Consistia na Ninfa que buscava.

Com o choro, que já corria em fio
 Por o palido rosto aumenta as fontes.

Que levam agua estranha ao claro rio
 Que os valles vay regando entre altos môtes.

Com suspiros a quem o Eco pio
 Responde de apartados Orizontes,

Os ventos parecia que en freava,
Os montes parecia que abalava.

Que as queyxas de seus doces pêsamêtos
 Se movessem os montes mays constantes,

Se parassem os mays veloces ventos,
 Que estavao, que corrião circunstantes,

Bem se devia a dor de seus tromentos,
 E inda que fosse em peyto de diamantes;

Que hum peyto de diamante abrandaria
O triste som das magoas que dizia.

Porém elle as dizia a outro peyto.
 Mays, que diamante inexpugnavel, duro

A fe lhe encarecia, a que sogeyto
 O tinha em pena eterna o amor puro:

Mostravalhe este na alma mays per feyto,
 Quanto mays offendido mais leguro

A Ninfa mais legura tudo ouvia,
Mas nada o duro peyto commovia.

As laltimas aqui tanto crecêram
 Que se em montes de Hircania se escutaram

Tigres nos seyos seus mover pudêram,
 E pedras nos seus cumes abrandaram.

Mas se no peyto as tristes vozes dêram
 De aquella Fera humana que buscaram,

Elle de as admitir se retirava;
Que na vontade de outro posto estava.

Delenganado já da triste sorte,
 De que mal fino amot se delengana,

II. Part.

Com a espe ança sô de sua morte
 Aquellas penas ultimas engana.

Deyxando na espessura o claro Norte,
 Para elle de outra luz mays soberana,

A hum valle aberto então sair procura,
Cansado já de andar por a espessura.

Deyxando as suas cabras que pacessem
 Na quelle verde prado as frescas flores;

Porque os Satiros leves o soubessem,
 Ou os silvestres Faunos amadores;

Tambem porq os Pastores o entendessem,
 Todo o processo, & fim de seus amores

Escreveo (sem em nada aver mudança)
No tronco de huma faya por lem brança.

Por lembrança no tronco de huma faya
 Que vay saindo ao Ceo de pura altiva,

Na verde, prateada, & aurea praya,
 Por donde o claro Tejo se deriva;

Porque tambem ao Ceo sua dor saya,
 Sobre aquella corrente fugitiva,

Escrita no papel da Natureza,
Escreve estas palavras de tristeza.

Na tertia Ninfa bella por quem vivo
 Em tal tormento, tempo algum me olhou;

Mas des que em mi sentio que era cativo
 De aquelle brando olhar que me enganou,

O amor tornava em defamor esquivo,
 E de hum tormento tal a outro passou.

Em coulas tam logeytas a mudança
Nunca ponha ninguem sua esperança.

Para dar proveytosos delenganos
 Dos enganos que sam de amor effeytos,

E dos dous sexos publicar humanos,
 A origem das mudanças de seus peytos;

Estas letras aqui por longos annos
 Digam, (a coraçõens a amar sogeytos)

Em peyto varonil, que de Ventura;
Em peyto feminil, que de Natura.

Faltoulhe aqui o alento, & já cançado
 Cahio ao pé da faya em que escrevia,

Nam podendo seguir o começado,
 Porque a alma já do corpo lhe saia.

Tres vezes, com acento mal formado,
 Para exemplo futuro repetia;

Amantes, entendey que a mór Belleza
Sõmente em ser mudavel tem firmeza.

Cà nesta Babilonia adonde mana
 Hipocresia, engano, & falsidade;

Cá donde oufada toda carne humana
 A todo arbitrio vive de vontade;

Cá donde enrouqueceo da lusitana
 Musa o furor heroico, & suavidade;

R

Cá donde se produz, or cega via
Materia a quanto mal o mundo cria:
 Cá donde o puro Amor nam tem valia,
 Porque Bacco o tem hoje deterrado;
 Cá donde a frecha de ouro nam feria
 Senam cabello preto, & alfenado:
 Cá donde a loura trança nam servia,
 Nem o rosto de fangue matizado,
 Cá donde nada val a agloria humana
Que a Mays, que manda mays, tudo profana.
 Cá donde o mal se afina, o bem se dana,
 Se algum a terra em si quer produzir;
 Cá donde a falsa gente Mahometana
 A gloria toda funda em adquerir:
 Cá donde multiplica a mão tirana
 Professa em mays crescer, matar, mentir
 Cá donde o fazer bem he villania,
E pôde mays que a honra a tirania:
 Cá donde a errada, & cega Monarquia
 De fabulosas leys está vivendo,
 E a aforça de hum amor engrandecia
 O nefando Alcoram, em que está crendo:
 Cá donde nada val a Poesia,
 E se está da ley della escarnecendo,
 Cá donde a fidalguia Maometana
Cuyda com nome vão que a Deos engana.
 Cá nesta Babilonia onde a Nobreza
 Da Lusitana gente se perdeo,
 E do gram Sabastiam toda a grandeza
 Irreparavelmente se abateo:
 Cá donde algum mentir nam he bayxeza,
 E os meritos esmola (assi creceo)
 Da cobiça mortal a semrazão)
Com esforço, & saber, pedindo vam:
 Aas portas da cobiça, & da vilieza
 Estes netos de Agar estão sentados,
 Em bancos de torpissima riqueza,
 Todos de tirania marchetados,
 He do feo Alcoram summa a largueza
 Que tem para que sejam perdoados
 De quantos erros cometendo estão
 Cá neste escuro Caos de confusam.
 Cumprindo o curso estou da Natureza,
 Illustre Dama, neste laberinto;
 Mas quem usa comigo mays crueza,
 He tua condiçãõ, que na alma sinto
 Acabase algum dia tal tristeza,
 E este sentido mal, que em verlos pinto:
 E poys na alma he sentido, & coraçam,
Vê se me esquecerey de ti, Siam!

Senhora, se encubrir por algum arte
 Pudera esta occasião de meu tormento,

Não creas que chegara a declararte
 Este meu perigoso pensamento:
 Mas por mays, que te offenda, não sou parte
 No crime de tamanho atrevimento
 Elle he de Amor, & delle foy forçado
 A que te declarasse o meu cuydado.
 Se merece castigo a confiança,
 Com que descubro agora o que padeço,
 Aqui pronto me tens, toma a vingança
 Que por tão grave culpa te mereço,
 Bem me podes negar toda esperança,
 Mas eu não desfistir deste começo;
 Porque Tempo, & Fortuna, não são parte
 Para deyxar hum' hora sò de amarte.

Ja que verte os meus olhos alcançaráo
 Descansem neste bem com alegria,
 Poys já Com ver os teus, tanto ganharam,
 Quanto estando sem velos, se perdia
 Que gloria querem mays, se a ver chegaram,
 Aquella pura luz, que vence ao dia?
 Qual mor bem ha no mundo que quererte,
 Senão ha mays que ver despoys de verte?
 Minhas dores mortays, bella senhora,
 Tirarão a virtude ao sofrimento;
 E fazendose mays em qualquer hora,
 Levando vão trãs ti meu pensamento:
 Porém soberbos vejo desde agora,
 Por a causa gentil de seu tormento,
 Minha alma, meu desejo, meu sentido,
 Porque á tua belleza se haõ rendido.

Apar de tua rara Ferosura
 Se desconhece o mór Merecimento:
 A tua claridade torna escura
 Do Sol a clara luz em hum momento.
 Se Zeufis ao formar bella figura,
 A vista em ti pudera por atento,
 Mays alto original ouvera achado
 Para admirar o mundo co' o traslado.
 Aquelles, que escreverão mil louvores
 De fermosura, graça, & gentilleza,
 Todos forão, Senhora, huñs borradores
 De tua perfeytissima belleza.
 Agora se vê claro em teus primores
 Que em ti se esmerou mais a Natureza;
 E que craõ os seus cantos profecias
 Do que avias de ser em nossos dias.

Vé, poys, se vinha a ser culpavel falta
 Em mim o não renderte amante a vida,
 E se a deyxar de amar gloria tão alta
 Era digno da pena mais crecida.
 Enfim, eu te amarey: que Amor me exalta
 Co' o castigo de culpa assi atrevida:

E quando della caya, mayor gloria
Terà o Tejo que o Pò com sua historia.

O Y T A V A S VII.

Do Grande Luis de Camões feytas a Santa
Ursula, & suas Companheyras as quaes
Bernardes falsamente attri-
bue a si.

DE huma fermosa Virgem desposada,
Que de outras onze mil, tãbé fermosas,
Entrou no claro Olympo acompanhada,
Com coroas de lirios, & de rosas,
De Christo Esposo seu tão namorada,
Que delle as quiz fazer todas Esposas,
Amor, Vida, & Martyrio cantar quero,
Fiado no favor, que della espero.

Alcança, Ursula bella, (que diante
De tão bello esquadrão foste por guia)
Do teu suave Amor, que de ti cante
O seu amor que no teu peyto ardia,
Meu verso para ti mays se levante,
O Christiferató Heroica companhia!
Tanto se mostrê aqui mays soberano,
Quanto o divino Amor excede o humano.

E Vós, unica Mãy, & Virgem puã,
Poys soys das que tal Ordem escolherão,
Que fostes, soys, sereys Guarda segura
Da Pureza que a Deos offereceraõ,
Neste canto me day melhor ventura
Do que atêgora as Musas vãs me deraõ;
Vossas servas ferão de mim servidas,
Cantadas suas mortes, suas vidas.

Serenissima Infante, produzida
Do gram Tronco Real, sublimê Planta;
No Titulo, nas Obras, & na Vida,
Retrato natural de Ursula Santa;
Desta Virgem tambem de Reys nacida,
Ouvi com ledo rostô o que se canta:
Day o sentido hum pouco a tal Sogeyto,
Nam lhe tire seu preço o meu defeyto.

No tempo que Ciriaco se sentava
Na Cadeyra de Pedro Pescador,
De que com sã doutrina apacentava
As Ovelhas de Christo Bom Pastor;
Teve Bretanha hum Rey, que professava
A Ley que deu no mundo o Redentor,
Justo, & temente ao Ceo, pio, & devoto,
Chamado Mauro de huns, & de outros Noto.

De virtudes, hum novo exêmplo, & raro,
Em idade, & belleza; florecia

Ursula, por quem Noto era mais claro
Que por todo o poder que possuia;
Com quem em nada o Ceo quiz ser avaro,
Com quem todas as graças repartia;
Prudente, honesta, & douta, a maravilha;
De tão ditoso Pay ditosa Filha.

Aquella que por o ar com ligeyreza
As penas de mil azas abre, & cerra;
E que com velocissima presteza
Com outros tantos pès corre por terra;
Aquella, que de sua natureza
Não cuyda em quanto diz se acerta, ou erra;
E de huma em outra boca se derrama:

Aquella, enfim, a quem chamamos Fama:
Hia por todo o mundo divulgando
Estremos desta Virgem soberana,
Aquella fermosura celebrando
Com que Amor cego a tanta vista engana:
Mays hia a da alma súa publicando,
Porque era mays divina do que humana;
Jã de huma, & de outra já, dizia tanto,

Que em huns criava amor, noutros espantos,
Ouidos seus louvores, muytas vezes
Desejou desta Virgem fazer Nora
Hum Rey que o Cetro tinha dos Inglezes,
Idolatrás então, cegos agora,
O! Povo cego, & leve as torpes fezes
Aparta do ouro puro, & lança fora
Tornate ao teu Pastor perdido Gado,

Olha que vas sem elle mal guiado.
Hum filho deste Rey (de quem dizia
Que ser de Ursula sogro desejava)
Movido do rumor que della ouvia,
Jã dentro, nõ seu peyto a namorava
Alli seu amor, delle, lhe offrecia;
Alli por amor, della, suspirava,
Suspira elle por ella; ella suspira

Tambem por outro amor que nunca vira,
Mandou o Rey Inglez Embayxadores,
Com pompa Regia, & lustre suntuoso
(Do grande Reyno seu grandes Senhores)
A Noto, Rey não tanto poderoso,
Pediolhe a bella Filha [que em amores
Ardia toda do celestê Esposo]
Para Esposa do Filho, que sãbia

Que já de amores della todo ardia,
O Rey Bretam se achava descontente
Com a nova Embayxada de Inglaterra;
Recea que se nella não consente,
O Genticlhe movã cruel guerra:
Porque sendo mays rico, & mais potente,
Assi no largo mar, como na terra,

Quando desprezos visse de seu rogo, qual uo
 Pedia por Bretanha a ferro, & fogo, & rogo su
 Sobre este não errado peniamento up mo
 Do medo de perder seu Senhorio, meup mo
 Novo discurso tinha, & novo intento nobre
 Com que se achava mais medroso, & frion
 Estranhava o fazer ajuntamento
 Da Catholica Filha c'hum Gêtio, & anq
 Pois nem a Ley de Christo o permitia, sup
 Nem Ursula fiel o admitiria: ma rouso mo
 Estando o Pay em tal angustia posto, sup
 Divinamente a Filha já inspirada, abyn
 Lhe assegurava com sereno rosto, amud ob
 Que consentir podia na Embayxada: silup
 Dizendo, que se o Inglês levava gosto q
 De ella com seu Herdeyro ser casada, ment
 Primeyro lhe mandasse dez donzellas, llup
 Do Reyno as mais illustres, as mayz bellas.
 Que mil daria a cada Virgem dellas, ay
 E que a ella outras mil tambem daria, sup
 Todas de claro sangue, & em vida honestas:
 Desta arte a conta de onze milifazia.
 Que por tres annos dilacão nas festas, b
 Além do já pedido, lhe pedia, r
 E naos, & mantimentos, porque todas
 Fossem com ella a Roma antes das bodas.
 Alli sua pureza, & virgindade, appo ovo
 Queria com solene, & sacro voto ob
 Consagrar á a divina Potestade, r
 Que o Ceo, & a terra fez de proprio moto.
 E que deyxasse a vã Gentilidade
 Seu Filho, para genro ser de Notó,
 Para que neste espaço doutrinado
 Fosse na Fé de Christo, & bautizado,
 Com estas condiçõens Ursula disse
 Ao charo Pay, que a ser dellas contente,
 Podia responder, & despidi se
 A proposta de aquelle Rey potente:
 Ou porque ouvindoas elle desistisse,
 Podendose aceytar difficilmente,
 Ou porque quando as Virgens concedesse,
 Configo a seu Senhor onze mil desse.
 O! divino saber, quam soberano
 Conselho he sempre o teu! quam remontado
 O! quanto o môr saber te cede, humano
 Por mayz que de razões vã mayz ornado
 Já dos Idolos deyxas o cego engano
 O Principe da Virgêminamorado: von
 Já tento pede ao Pay quanto ella pede,
 Já o Pay quanto lheroga lhe concede
 Já para Ti, ô Virgem bella, & brânda,
 Com huma singular velocidade,

Juntar se via de huma, & de outra banda,
 De feminil nobreza tenra idade,
 As naos aparelhar o Rey já manda,
 Já nellas se recolhe a Virgindade:
 Já dão para Bretanha ao vento vellas:
 O coração do Noyvo vay com ellas.
 Já vem a tomar porto onde esperava
 Ursula alvoroçada em gram maneyra,
 Que para as receber alli se achava,
 Como Senhora não, mas companheyra.
 Quão falsa era a ley dellas lhes mostrava,
 A de Christo quão pura, & verdadeyra.
 Já se bautiza huma, & outra Dama;
 Damas Ursula já, do Ceo, lhes chama.
 A Fama, que não sabe repoufar,
 Voou de Reyno em Reyno d'Ilha em Ilha,
 A gente, que concorre não tem par,
 Por ver a nunca vista maravilha.
 Outros vem por servir, & acompanhar
 A Virgem de Rey Nora, de Rey Filha.
 Movem se muytos Bispos de Bretanha;
 Pantolo em vida, & morte os acompanha.
 Por Ti, deyxando o Reyno co'a familia,
 E quatro filhas suas, se embarcou
 [Juliana, Vitoria, Aurea, Babilias;
 Hum filho tinha mayz que mais levou]
 Gerafina Raynha de Sicilia,
 E com devido amor te acompañou:
 Que he justo, que contigo vão Raynhas
 Quando tu para o Rey dos Reys caminhas.
 Já se partem as bellas Peregrinas
 As mãos ao claro Empyrio levantadas:
 Já rompem, já, por ondas cristalinas
 As naos da Fermosura carregadas
 Quando, dizem, (ô Aguas Neptuninas!)
 Fostes de tal belleza navegadas?
 Nunca, despois que a terra descobristes,
 A tal Frota por vós caminho abristes.
 Com vento sempre igual, cõ mar bonança,
 Sem perigos alguns, sem algum pejo,
 Cicla forão tomar porto de França,
 Onde pouca demora fazer vejo
 O coração da Virgem não descança,
 Saudosa do fim de seu desejo:
 Manda que levem ferro, soltem linho
 Que leve por omar o negro pinho.
 O vento nova posse vay tomando
 Das Virgens que lhe são encomendadas;
 Com tal prosperidade vão voando,
 Que já deyxão atraz ondas salgadas:
 Já nas doces do Reno estão entrando,
 Onde tem suas vidas limitadas:

Huma cidade vem à a lingua da agoa,
Que de velas morrer não teve magoa.

Ah! Colonia cruel, que não te encobres
A tão fermosos olhos, que seguros
As altas torres viaõ, que descobres,
Lustrosos edificios, fortes muros!
Permite o largo Ceo que fama cobres
De ser tão dura may de peytos duros?
Duros peytos, que a tantos, limpos de erro,
Viraõ abrir sem dor com impio ferro.

Estando neste porto a bella Armada,
Tomando o necessario mantimento,
Para poder seguir sua jornada,
E dar terceyra vez o treu ao vento,
Sendo parte da noyte já passada,
A Virgem la no seu retraimento,
Quando estava dormindo toda a Frota,
A Christo orou alli, branda, & devota.

Amor, divino Amor, Amor suave,
Amor, que amando vou toda rendida,
Com quem não há na vida pena grave,
Sem quem gloria real não há na vida:
Amor, que do meu peyto tens a chave,
Amor, de cujo Amor ando ferida,
Quando verey, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Amor, que de amor cheo, & de brandura,
De amor enches esta Alma saudosa:
Amor, sem cujo amor, & fermosura,
Não pôde nunca aver cousa fermosa:
Amor, com cujo amor anda segura
Humã vida tão fraca, & duvidosa,
Quando verey, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Amor, que por amor te dispuzeste
A restaurar o mundo errado, & triste:
Amor, que por amor do Ceo desceste,
Amor, que por amor a Cruz subiste:
Amor, que por amor a vida deste,
Amor, que por amor a gloria abriste;
Quando verey, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Amor, que mais, & mais sempre te aumetas
No coração, que la contigo trazes:
Amor, que de amor puro te sustentas
No fogo em que tu mesmo arder me fazes:
Amor, que sem amor não te contentas,
De tudo com amor te satisfazes;
Quando verey, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Amor, que com amor me cativaste,
[Se livre pôde ser quem não cativas]

Amor, que em rays prisoens me affeguraste
As esperanças de antes fugitivas:
Amor, que suspirando me ensinaste
A derramar por ti lagrimas vivas;
Quando verey, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Quando verey hum dia em que offereça
Por Ti ao cruel ferro o peyto forte,
E cercada de Virgens appareça
Na tua soberana, & eterna Corte?
Onde lá cada huma te mereça,
Cà passando comigo a propria morte,
E todas dando o sangue juntas, todas
Celebraremos contigo eternas bodas.

Fazeme já, Senhor, esta vontade
Que tenho de te ver, que sempre vive,
Des que me deu lugar a tenra idade,
E lume de razão nesta alma vive.
Não queyras, meu Amor, que a laudade
Sem tal bem a mim só da vida prive;
Que se muyto se alarga este desterro,
Por ella irey a Ti, não por o ferro.

Desfata o meu espirito saudoso
Do nó mortal, em que se vay detendo,
Primeyro que tres vezes presurolo
O Sol os doze Signos vá correndo.
Espaço he, que tomey, meu doce Esposo,
Para outro Esposo meu ir entretendo:
Mas a meu amor crendo, de Ti creio
Que acabes com a vida o meu receo.

Inda neste servente, & justo rogo
Ursula suspirando procedia,
Quando de hum resplendor como de fogo,
Divina voz ouvio, que alli dizia:
O! Virgem, que soubeste fazer jogo
Do que no mundo tem mayor valia!
Entende que da volta que fizestes,
Aqui quero que seja o que tu queres.

Tanto que tal resposta do Ceo teve,
Não quiz do que esperava perder hora:
Já lhe parece larga a noyte breve,
E que já tarda muyto a bella Aurora,
Em descobrindo Apolo o carro leve,
Do porto de Colonia sahio fora:
Já Basilea em breve tempo toma:
E a pé de alli partirão para Roma.

O Pastor summo, Cirriaco santo,
As sae a receber, & as acompanha
Com gozo espiritual, com grande espanto
De ver em tal idade se tamanha.
Dizer se pôde mal, mal cuydar quanto
Se goza o Real sangue de Bretanha,

Os veneraveis Templos visitando
De Aquelles que tambem foy imitando.

Na propria noyte deste proprio dia
Que Roma ver as Virgens mereceo,
A quem de Pedro a Barca então regia,
Revelou o que rege a Terra, & Ceo;
Que martyrio tambem receberia
Onde Ursula co'as mais o recebeo:
Deyxa contente o gram Pontificado,
Desejoso de ser martyrizado.

Por mays que todo o Clero sofre mal
Moverse por aquellas Estrangeyras,
Movido da vontade divinal
O bom Pastor se vay com as Cordeyras.
Hum Arcebispo leva, hum Cardeal:
Tres Bispos deyxão vagas tres Cadeyras,
De Luca, Ravicana, & de Ravena:
Mauricio me ficava já na pena.

Despois de na agua entrar donde sahirão,
Com tão fermoso Sol tantas Estrellas,
Já as ancoras debayxo acima tirão,
E de cima já abayxo soltaõ velas.
Estas naos lá adiante outras naos virão
Que fazendose vem na volta dellas:
Conheceraõ se logo as duas Frotas:
Ambas de hum Reyno saõ, ambas devotas.

Alli (já Rey erguido de Inglaterra)
Vinha de Ursula bella o bello Esposo,
Que reynar não queria já naterra,
Do Ceo já namorado, & saudoso.
Do seu primeyro amor venceo a guerra,
A força de outro Amor mays poderoso:
Amando já em seu Deos a Esposa bella,
Para o poder achar buscava a ella.

A mãy, já convertida, traz consigo,
O pay já christão feyto fallecera,
Com que soube evitar o grão castigo
Que morrendo Gentio não loubera.
Amor celeste, como aqui não digo
O teu sublime obrar? Ah! quem pudera!
Por meyo de huma Virgem fosse meyo
Com que gente copiosa a Christo veyo.

Vinha mais nesta nova Companhia
Florençia, irmãa do Rey, da mãy cuydado;
Florençia, que em belezza florescia,
Como flor em jardim bem cultivado
Tambem a Frota Bispos dous trazia,
Hum Marcelo, Clemente outro chamado:
O primeyro já em Grecia bago teve,
Do segundo o Bispado não se elcreye

Outra Virgem viuva alli mays vinha,
Que desposada sendo em tanta idade,

Antes das bodas inviuvada tinha
E prometida a Christo a castidade.
Esta do mesmo Rey era sobrinha,
Filha da Emperatriz da gram cidade,
Onde por culpa nossa, ou pouca dita
Seu Trono agora tem o fero Scita.

Estes que advertem repetida Historia
Deyxaraõ só por Deos altos estados,
Com outros de que he mênos a memoria,
Forão divinamente a moestados;
Que todos [para entrar juntos na gloria]
Ao Coro Virginal fossem juntados,
Com quem na terra Martyres serião,
E no Ceo para sempre reynarião.

Seria estranho o gozo que sentirão
Aquellas bem nacidas Almas santas,
Quando juntas alli todas se virão
De partes tão remotas, & de tantas.
Sem estorvos, que de antes o impediraõ,
As duas mays que todas bellas Plantas,
Alli abraços se daõ sem algum pejo,
Ambas conformes já num só desejo.

Alli faria o Rey acatamento
A quem deyxou da Barca o Graõ governo,
E Elle, contorme a seu merecimento,
Responderia com amor paterno.
Não faltaria em tal recebimento
Prazer exterior, pra ser interno;
Inda que nos Estados diferentes,
Todos serião huns em ser contentes,

O vento as brancas vellas nam enchia
Corria o frio Reno entam mays quedo;
Antes para Colonia nam corria,
Porque as Virgens nam fossem lá tão cedo.
Parece que já claro conhecia
(o Coro Virginal, sereno, & ledo)
Que lá vos elperava a impia Morte.
Agora, o Mula conta de que sorte.

Aquelle que na forma de Serpente
Deyxou aos dous primeyros enganados,
Envejoso de ver que tanta gente,
Se convertia a Ley dos Baptifados.
No coraçao entrou manhosamente
De dous Gentios Principes danados,
Da soberba Roma a Cavallaria,
Por encurtar a Fe que se estendia.

A Fama os assegura com certela
Que a Virgem a Colonia já voltava,
Com toda a casta juvenil Belleza
Que por amor do Ceo peregrinava.
Fizeraõ a visar com grão presteza
A hum parente que Juliaõ se chamava,

Soberbo Capitaõ dos Hunos feros;
Que todos para todos foraõ Neros.

Eys logo o cego Princepe gentio,
Com gente innumeravel de seu mando,
A praya a tomar vem do mesmo rio
Por onde as Virgens vinhaõ navegando
Já descobre aquelle, este navio,
Os que estaõ do mays alto atalayando:
A as armas veloz corre o bruto povo,
Por de novo as tingir no sangue novo.

Vindo a Frota a furgir junto do muro
Onde lhe parecia estar segura,
(ó Virgens que bulcays lugar seguro
Adonde vos espera a sepultura!)
Entra com maõ armado o povo duro,
Por esta peregrina fermosura:

Já começa a provar os aços fortes;
Eys tudo sangue já, já eys tudo mortes!

Já nú todas as Virgens offerenciaõ
O delicado collo, o tenro peyto:
Era para caber quantas cahiao,
Todo largo lugar lugar estreyto.
Do puro sangue os rios, que corriaõ,
Outro vermelho mar já tinhaõ feyto.
Tu só, Còrdula, á a morte te escondeste;
Mas despoys a buscaste, & recebeste.

Ciriaco o primeyro, bem cõstante,
A vida ao ferro offrece sem espanto:
O moço Rey Ingles cahio diante,
De aquelles castos olhos, que amou tanto
Espera, brando Esposo hum breve instante;
Espera a tua doce Esposa em tanto
Que outro Amor outro golpe lhe perpara;
E juntos entr areys na Patria chara.

Em qual terra, oh crueys! em qual cidade?
Entre quaes gentes mays a furor dadas,
Se não usou de amor, & de piedade
Com fermosas Donzellas desfarmadas?
Como Belleza tanta, & tal idade
Vos deyxou arrancar vossas espadas?
Ah! lobos carniceyros, tigres bravos,
Filhos de crueldade, de ira escravos!

De quantos animaes sustenta a terra,
Nunca tanta crueza foy usada;
Inda que tenham huns com outros guerra,
Nunca do macho a femea he lastimada:
Anda a cerva co' o cervo por a ferra,
A novilha do touro acompanhada
A aleonesa o Leaõ defender preza
Vós sóis quebrays as leys da Natureza
Puderaõ outros olhos por ventura
De lagrimas divinas escusarse,

Vendo, cuberta já de nevoa escura
A luz de tantos bellos apagar se?
Vendo a pùrpurea rosa, á cecem pura,
Em taõ fermosas faces descorar se?
As tranças de ouro vendo, espedeçadas,
Por debayxo dos pès andar pisads;
Na força desta furia acesa, & brava,
O Tirano cruel a vista ergueo
A a Virgem, que invencivel animava
As Almas que juntára para o Ceo
A si já envolta em sangue como andava
Da sua fermosura se venceo;
E com doces razoens, que Amor ensina,
A vencela de amor se determina.

Fingindose arrepende do passado,
(E de fingillo se arrepende a zinha)
Sua vida lhe offrece, & seu estado
Sem ver que Estado, & vida a perder vinha.
O seu amor lhe pede confiado;
O seu amor, que dado a seu Deos tinha:
Pedelhe o seu amor, antes não leu,
Porque já dado o avia a quem lho deu.

Usa de mil lisonjas, mil enganos,
Por coneguir o seu desejo bruto.
A flor logra (dizia) de teus annos;
Colhe de essa Belleza o doce fruto;
Não dés materia nova anovos danos,
Não pagues verde á morte o seu tributo:
Olha que tens em mim (naõ sam cautelas)
Outro Reyno, outro Esposo, outras donzellas

Naõ faças mentiroza a Natureza,
Que dá de amor em ti grande esperança.
Que só pode alcançar d'essa Belleza,
Se já piedade della não se alcança?
Aos Tigres, aos Leões, deyxaa braveza,
E deyxaa aos meus soldados a vingança,
Se por verme cruel queres ser crua,
Já te vingas de mim em coula tua.

Volve esses olhos já com mays branduras;
Esses olhos, de Amor doce morada:
Delles não faça em mim a fermosura,
O que em tanto ja fez a minha espada.
Se queres derribar minha ventura
Que delles estar vejo pendurada,
Acabarey de ver quam pouca tenho
Poys donde a matar vim a morrer venho.

Como do rogo meu não te aproveytas,
Quando o teu risco a me rogar te obriga?
Ou não conheces bem a quem engeytas,
Ou me engeytas, por mays que seja, & diga.
Em quem cuydas, Senhora? ou que sospeytas?
Mays proprio era chamarte dura imiga.

Mas não consente Amor nome tão duro,
 Em parecer tão brando, & tam seguro.
 Os rayos desses olhos já terenos
 Enxuguem desse rosto as puras rosas.
 O triste suspirar já foé menos
 Nestas concavidades saudosas.
 Não façam grande mal males pequenos;
 Que não sofre esperanças vagarosas.
 Quem anda costumado em teus amores
 A medir por seu gosto seus favores.
 Que gosto podés ter de maltratarme,
 Vendome do passado arrependido.
 Atenta que mays ganhas em ganharme,
 Do que neste destroço tens perdido.
 Se queres insistir em desprezarme,
 Vermehas, sobre amoroso, enfurecido.
 Não me declaro mays, porque não quero
 Que o medo faça o que de amor espero.
 Ah! perfido amator! deyx a teu erro.
 Não ves quanto enganado, & cego andas?
 Aquella a quem não vence o duro ferro,
 Como a podem vencer palavras brandas.
 Manda a sua alma já deste desterro,
 Com essas que a seu doce Espozo mandas.
 Não a detenhas mays em teus amores,

Se dobrar lhe não queres suas dores,
 Vendo o cruel, enfim, que o que dizia,
 Tomava a bella Virgem por afronta;
 E que quanto de amor mays se acendia,
 Ella delle fazia menos conta;
 No concavo arco que na mão trazia,
 Huma leta embebeo de aguda ponta,
 E o peyto lhe passou de banda a banda.
 Assi rendeo o Espírito a Virgem branda.
 Vayte, Espírito Gentil, desta bayxeza;
 As alas abre já, já a luz derrama:
 Voa com desufada ligeireza,
 Onde o teu bem te espera, onde te chama.
 Verás bayxado o mundo á mór alteza:
 Verás que engana mays a quem mays ama:
 E lá do teu Amor, cá suspirado,
 O fruto colherás tão defejado.
 Em paz te vay, ó Alma pura, & bella,
 Mays bella inda no sangue que verteste;
 Vayte alegre a gozar, vay, já de aquella
 Ferosa Região, alta, & celeste.
 Coroada de Gloria, immortal nella
 Com Christo lograrás, a quem te deste.
 Com tantas, & tambem nacidas Almas,
 [Fermosura do Ceo] Onze mil Palmas.



E G L O G A I.

INTERLOCUTORES

VMBRANO, FRONDELIO, AONIA.

Nesta Egloga primeyra lamenta o P. a morte de D. Antonio de Noronha, que morreo pe-
jando em Africa, & a do Principe D. Ioaõ filho de El-Rey, D. Ioaõ o III. Pay de El-Rey
D. Sebastião. Debayxo da pessoa de Frondelio se deve entender o Poeta.

Que grande variedade vão fazendo,
Frondelio amigo, as horas apressadas!
Como se vão as cousas conuertendo
Em outras cousas varias, & insperadas!
Hum dia a outro dia vay trazendo
Por suas mesmas horas já ordenadas:
Mas quam conformes são na quantidade,
Tão differentes são na calidade.

Eu vi já deste campo as varias flores
A as Estrellas do Ceo fazendo enveja:
Adornados andar vi os Pastores
De quanto por o mundo se deseja:
E vi co'o campo competir nas cores
Os trajes de obra tanta, & tão sobeja,
Que se a rica materia não faltava,
A obra de mays rica sobejava.

E vi perder seu preço á as brancas rosas,
E quasi escurecerse o claro dia
Diante de humas mostras perigosas
Que Venus mays que nunca engrandecia.
As Pastoras, enfim, vi tão fermolas
Que o Amor de si mesmo se temia:
Mas mays temia o pensamento falto
De não ser para ter temor tão alto.

Agora tudo está tão differente,
Que move os corações a grande espanto;
E parece que Jupiter potente
Se enfada já de o mundo durar tanto.
O Tejo corre turvo, & descontente,
As aves deyxão seu suave canto:
E o gado, inda que a erva lhe fallece,
Mais que da falta della se emmagrece.

FRONDELIO.

Umbrano irmão, decreto he da Natura,
Inviolavel, fixo, & sempiterno,
II. Part.

Que a todo o bem succeda desventura,
E não haja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noyte escura,
Ao suave Verão o duro Inverno:
E se hã cousa que sayba ter firmeza,
He sómente a ley da Natureza.

Toda alegria grande, & luntuosa,
A porta abrindo vem ao triste estado:
Se hum hora vejo alegre, & deleytosa,
Temendo a estou do mal aparelhado.
Não ves que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco, & verde prado?
Ah! não te engane algum contentamento,
Que mays instavel he que o pensamento!

E praza a Deos que o triste, & duro Fado
De tamanhos defaltres se contente;
Que sempre hum grande mal inopinado
He mays do que o espéra a incauta gente.
Que vejo este Carvalho que queymado
Tão gravemente foy do rayo ardente:
Não seja ora prodigio que declare
Que o barbaro Cultor meus campos are!

U M B R A N O.

Em quanto do seguro Azambugeyro
Nos Pastores de Luso ouver cajados,
Com o valor antigo, que primeyro
Os fez no mundo tão assinalados;
Não temas tu, Frondelio companheyro,
Que em algum tempo sejam sojugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer que se lhe offreça.

E posto que a soberba se levante
De inimigos a torto, & a direyto,
Não creas tu que a força repugnante
Do fero, & nunca já vencido peyto;

Que desde quem possui o monte Atlante,
Adonde bebe o Hidalpe tem fogeyto,
O possa nunca ser de força alhea,
Em quanto o Sol a Terra, & o Ceo rodea.

FRONDELIO.

Umbrano a temeraria segurança
Que em força, ou em razão não se assegura,
He falsa, & vã, que a grande confiança
Não he sempre ajudada da Ventura.
Que lá junto das aras da Esperança,
Nemesis namorada, justa, & dura,
Hum freo lhe está pondo, & ley terrivel,
Que os limites não passe do possível.

E se atentaes bem os grandes danos
Que se nos vão mostrando cada dia,
Porás freo tambem a esses enganos
Que te está figurando a ouladia.
Tu não ves como os Lobos Tingitanos,
Apartados de toda cobardia,
Matão os caens do gado guardadores,
E não sòmente os caens, mas os Pastores?

Poys o grande curral, seguro, & forte,
Do alto monte Atlas, não ouviste,
Que com sanguinolenta, & fera morte,
Despovoado foy por caso triste?
O! triste caso! ò desastrada sorte!
Contra quem força humana não resiste;
Que alli tambem da vida foy privado
O meu Tionio, ainda em flor cortado!

UMBRANO.

Em lagrimas me banha rosto, & peyto
De esse caso terrivel a memoria,
Quando vejo quam sabio, & quam perfeyto,
E quam merecedor de longa historia
Era esse teu Pastor, que sem direyto
Deu á as Parcas a vida transitoria:
Mas não ha'hi quem de erva o gado farte,
Nem de juvenil sangue o fero Marte.

Porém, se te não for muyto pesado
[Já que esta triste morte me lembra]ste
Cantame desse caso desterrado
Aquelles brandos versos que cantaste,
Quando hontem recolhendo o manso gado,
De nos outros Pastores te apartaste:
Que eu tambem que as ovelhas recolhia,
Não te podia ouvir comò queria.

FRONDELIO.

Como queres renove ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desventura?
Porque espalhar suspiros vãos ao vento,
Para os que tristes laõ he falsa cura,
Mas pois te move tanto o sentimento
Da morte de Tionio triste, & escura,
Eu porey teu desejo em doce effeyto,
Se a dor me não congela a voz no peyto.

UMBRANO.

Canta agora, Pastor, que o gado paze
Entre as humidas ervas sossegado,
E lá nas altas ferras onde nasce
O sacro Tejo à atombra recostado,
Co' os seus olhos no chão, amaõ na face,
Esta para te ouvir aparelhado;
E com silencio triste estaõ as Ninfas
Dos olhos destilando claras linfas.

O prado as flores brancas, & vermelhas
Està suavemente presentando,
As doces, & solicitas abelhas
Com susurro agradavel vão voando:
As candidas, pacificas ovelhas,
Das ervas esquecidas, inclinando
As cabeças estaõ ao som divino
Que faz passando o Tejo cristalino.

O vento de entre as arvores respira,
Fazendo companhia ao claro rio:
Nas sombras a ave garrula suspira,
Sua magoa espalhando ao vento frio.
Toca, Frondelio, toca a doce lira,
Que de aquelle verde alamo sombrio
A branda Filomela intristecida
Ao mays faudoso canto te convida.

FRONDELIO.

Aquelle dia as aguas não gostâram
As mimosas ovelhas, & os cordeyros
O campo enchêraõ de amorosos gritos.
Enão se penduraraõ dos falgueyros
As cabras de tristeza, mas negarão
O pasto a si, & o leyte aos cabritos.
Prodigios infinitos
Mostraya aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste,
E tu tambem [ó corvo!] o descubriste

Quando

Quando da mão direyta em voz escura,
Voando, repetiste
A tiranica ley da morte dura.

Tionio meu, o Tejo cristalino,
E as arvores que já deseparaste,
Chorão o mal de tua ausencia eterna.
Não sey porque tão cedo nos deyxaste?
Mas foy consentimento do Destino,
Por quem o mar, & a terra se governa.

A noyte sempiterna,
Que tu tão cedo viste
Cruel, acerba, & triste,
Se quer de tua idade não te dera
Que logrãras a fresca primavera?
Não ufãra comnosco tal cruzã,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.

Os Faunos, certa guarda dos Pastores,
Jã não seguem as Ninfas na espessura
Nem as Ninfas aos cervos dão trabalho.
Tudo, qual ves, he cheo de tristura:
A as abelhas o campo nega as flores,
Como as flores a Aurora nega o orvalho
Eu que cantando espalho
Tristezas todo o dia?

A fruta que soia
Mover as altas arvores tangendo,
Se me vay de tristeza enrouquecendo?
Que tudo vejo triste neste monte:
E tu tambem correndo,
Manas envolta, & triste (ó clara Fonte!)

As Tagidas nõ rio, & nõ asperẽza
Do monte as Oreadas, conhecendo
Quem te obrigou ao duro, & fero Marte?
Como em gèral sentença vão dizendo,
Que não pôde no mundo aver tristeza
Em cuja causa Amor não tenha parte.
Porque elle, enfim, desta arte,
Nos olhos laudosos,
Nos passos vagarosos,
E no rosto que Amor com fantasia
Da pallida viola lhe tingia,
A todos de si dava final certo
Do fogo que trazia.

Que nunca soube Amor ser encuberto.
Jã diante dos olhos lhe voavão
Imagens, & fantasticas pinturas,
Exercicios do falso pensamento.
Jã por as solitarias espessuras,
Entre os penedos sós, que não fallavão,
Fallava, & descubria seu tormento
Em longo esquecimento

De si todo embebido
Andava tão perdido
Que quando algum Pastor lhe perguntava
A causa da tristeza que mostrava?
Como quem para penas só vivia,
Sorrindo, lhe tornava;
Se não vivesse triste, morreria.

Mas como este tormento o finalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendendo o já bem o Pay sedudo,
Porque do pensamento lho tirasse,
Longe da causa delle o apartou,
Porque, enfim longa ausencia acaba tudo.

O! falso Marte rudo,
Das vidas cobiçoso!
Que donde o generoso
Peyto refucitava em tanta gloria
De seus antecessores a memoria,
Alli, fero & cruel, lhe destruiu-te,
Por injusta victoria,
Primeyro que o cuydado a vida triste.

Pareceme, Tionio, que te vejo,
Por tingires a lança cobiçoso
Na quelle infido sangue Mauritano,
No Hispanico ginete belicoso,
Que ardendo tambem vinha no desejo
De atropelar por terra ao Tingitano
O! confiado engano!

O! encurrada vida
Que a virtude oprimida
Da multidão forçosa do inimigo
Não pôde defenderse do perigo:
Porque assi o Destino o primitio;
E assi levou consigo

O mays gentil Pastor que o Tejo vio.
Qual o mancebo Eurialo enredado
Entre o poder dos Rutulos, fartando
As iras da soberba, & dura guerra,
Do cristalino rosto acor mudando,
Cujo purpureo sangue, dextramado
Por as alvas espaldas tinge a terra,
Que como flor, que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo avarento
Tambem o largo humor lhe tem negado,
O collo inclina languido, & cansado,
Tal te pintò o Tionio! dando o espirito
A quem, to tinha dodo,
Que este he sómente eterno, & infinito.

Da congelada boca a alma pura,
Co' o nonie juntamente da inimiga,
E excellente Marfida, derramava.

E tu gentil Senhora, não te obriga
 A pranto sempiterno a morte dura,
 De quem por ti fomenté a vida amara,
 Por ti aos Ecos dava
 Acentos numerosos:
 Por ti aos bellicosos
 Exercícios se deu do fero Marte.
 E tu ingrata o amor já noutra parte
 Porás, como acontece ao fraco intento:
 Que, enfim enfim, desta arte
 Se muda o femenino pensamento.

Pastores deste Vale ameno & frio,
 Que de Tionio o caso defaistrado
 Quereys nas altas ferras que se conte,
 Hum tumulo de flores adornado
 Lhe edificay ao longo deste rio,
 Que a vela enfrea, ao duro navegante:
 Eo lasso caminhante,
 Vendo tamanhá magoa,
 Arrafe os olhos de agua,
 Lendo na pedra dura o verso escrito,
 Que diga allí *Memoria sou, que grito:*
 Para dar testemunho em toda parte
 Do mays gentil *Esprito*
 Que tirará do mundo *Amor, & Marte.*

U M B R A N O.

Qual o quieto sono aos cansados
 Debaxo de algum'arvore sombria,
 Ou qual aos sequiosos encalmados
 O vento respirante, & a fonte fria,
 Tays me foraõ teus versos delicados,
 Teu numerofo canto, & melodia:
 E ainda, agora o tom suave, & brando,
 Os ouvidos me fica adormentando.

Em quanto os peyxes humidos tiverem
 As areofas covas deste rio;
 E correndo, estas aguas conhecerem
 Do largo mar o autiguo Senhorio,
 E em quanto estas ervinhas pasto derem
 A as petulantes cabras, eu te fio
 Que em virtude dos versos que cantaste
 Sempre viva o Pastor que tanto amaste.

Mas já que pouco a pouco o Sol nos falta
 E dos montes as sombras se acriccentão,
 De flores mil o claro Ceo se esmalta,
 Que tão ledas aos olhos se presentão,
 Levemos por o pé desta ferra alta
 Os gados, que já agora se contão
 Do que comido tem, Frondelio amigo;
 Anda, que até o outeyro irey contigo.

F R O N D E L I O.

Antes por este valle, amigo Umbrano,
 Se te aprouver, levemos as ovelhas:
 Porque se eu por acerto não me engano,
 De lá me toa hum Eco nas orelhas.
 O doce acento não parece humano:
 E, se em contrario tu não me aconselhas,
 Eu quero descobrir que cousa seja;
 Que o tom me espáta, & a voz ma faz enveja.

U M B R A N O.

Contigo vou, que quanto mays me chego
 Mays gentil me parece a voz que ouviste,
 Peregrina, excellente, & não te nego
 Que me faz cá no peyto a alma rrite
 Ves como tem os ventos em sossego:
 Nenhum rumor da ferra lhe resiste:
 Nenhum passaro voa, mas parece
 Que do canto vencido lhe obebece.

Porém, irmão, melhor me parecia
 Que não fossemos lá, que estrovaremos:
 Mas subidos nesta arvore sombria,
 Todo o valle de aqui descobriremos.
 Os curroens, & cajados, todavia,
 Neste comprido tronco penduremos:
 Para subir fica homem mays ligeyro.
 Dey xame tu, Frondelio ir primeyro.

F R O N D E L I O.

Espera allí, datt'hey de pé, se queres;
 Subirás sem trabalho, & sem ruido,
 E despois que subido là estiveres,
 Darm'hes a mão de cima, que he partido
 Mas primeyro me dize, se opuderes
 Ver, donde nace o canto nunca ouvido:
 Quem lança o doce acento delicado.
 Falla, que já, te vejo estar pasmado.

U M B R A N O.

Cousas não costumadas na espessura,
 Que nunca vi, Frondelio, vejo agora,
 Fermotas Ninfas vejo na verdura,
 Cujo divino gesto o Ceo namora.
 Huma de defusada fermosura,
 Que das outras parece ser senhora,
 Sobre hum triste sepulcro, não cessando,
 Está perlas dos olhos destilando.

De todas estas altas Semideas
 Que em turno estaõ do corpo sepultado,
 Humas, regando as humidas areas,
 De flores tem o Tumulo adornado:
 Outras, que ymando lagrimas Sabeas,
 Enchem o ar de cheyro sublimado:
 Outras em ricos panos, mais avante,
 Envovel brandamente hum novo Infante.

Huma, que de entre as outras se apartou,
 Com gritos, que a montanha entristeceram,
 Diz, que delpouys que a Morte a Flor cortou
 Que as Estrellas sòmente mereceraõ;
 Este penhor charissimo ficou
 De aquelle, a cujo Imperio obedeceram
 Douro, Mondego, Tejó, & Guadiana,
 Até o remoto mar da Taprobana.

Diz mais; que se encontrar este Menino
 A noyte imtempetiva, amanhecendo,
 O Tejo agora claro, & cristalino.
 Tornará a fera Alecto em vulto horrendo:
 Mas que a ser conservado do Destino,
 As benignas Estrellas prometendo
 Lhe estam o largo pasto de Ampelusa,
 Co'o Monte, que em maõ ponto vio Medusa

Este prodigio grande a Ninfa bella
 Com abundantes lagrimas recita.
 Porém, qual a eclipsada clara estrella,
 Que entre as outras o ceo primeyro habita
 Tal cuberta de negro vejo aquella,
 A quem sò na alma toca a gram desdita,
 Dá cá frondelio, a mão; & sobe a ver
 Tudo o, mays que eu de dor não sey dizer

FRONDELIO

O triste Morte; esquivã, & mal olhada
 Que a tantas Ferosuras injurias.
 A aquella Déosa bella, & delicada,
 Sequer algum respeyto ter divias.
 Esta he, por certo, Aonia filha amada
 De aquelle gram Pastor, que em nossos dias
 Danubio enfrea; manda o claro Ibero;
 É espanta o Morador do Euxino fero.

Morreonos ó excellente, & poderoso
 (Que a isto está fogeyta a vida humana)
 Doce Aonio, de Aonia cháro Eposo.
 Ah! ley dos Fados, aspera, & tirãna!
 Mas o som peregrino, & piadoso,
 Com que a fermosa Ninfa a dor engana,
 Escuta hum pouço Nota, & vé, Umbrãno,
 Quam bem que soa o verso Castelhano.

A O N I A.

Alma, y primero amor del alma mia,
 Espiritu dichoso, en cuja vida
 La mia ostuvo en quanto; Dios queria
 Sombra gentil de su prision salida,
 Que del mundo a la Patria te bolviste,
 Donde fuiste engendrada y procedida!
 Recibe allà este sacrificio truite,
 Que te ofrecen los ojos que ti vieron
 Si la memoria dellos no perdiste.

Que pues los altos cielos permitieron,
 Que no te acompañasse en tal jornada,
 Y para ornarse solo a ti quisieron;
 Nunca permitirán, que acompañada
 De mi no sea esta Memoria tuya,
 Que está de teus despojos adornada.
 Ni dexarán, por mas que el tiempo huja,
 De estar en mi con sempiterno llanto,
 Asta que vida, y alma se destruya.

Mas tu, gentil Espiritu, entretanto
 Que otros campos, y flores vãn pisando,
 Y otras zampoñas oyes, y outro canto;
 Agora embevecido estés mirando
 Allá en el Empyreo aquella Idea,
 Que el múdo enfrena, y rige con su mado:

Agora te possuya Citherea
 En el tercero assiento, o porque amaste,
 O porque nueva amante allà te sea;
 Agora el Sol tẽ admire, si miraste,
 Como vã por los Signos encendido
 Las tierras alumbrando, que deyxaste:

Si en ver estos milagros no has perdido
 La memoria de mi, o fue en tu jmano
 No passár por las aguas del Olvido
 Buelye un poco los ojos a este llano,
 Verás una. Que a ti con triste lloro
 Sobre este marmol sordo llama en vano.

Pero si entraren en los Signos de oro,
 Legrimas, y gemidos amorosos,
 Que muevan el supremo, y santo Coro,
 La lumbrẽ de teus ojos tan hermosos
 Yo la veré muy presto; y poder verte
 Que a pesar de los Hados enojosos
 Tambien para los tristes ubo muerte.

E G L O G A II.

INTERLOCUTORES,

ALMENO, Y AGRARIO.

*Em esta Egloga debayxo do nome de Almeno
se consola o P. com o Pastor Agrario se-
melhante no susseço de seus amores.*

A O longo do sereno
Tejo suave, & brando,
Num valle de altas arvores sombrio;
Estava o triste Almeno,
Suspiros espalhando
Ao vento, & doces lagrimas ao rio,
No derradeyro fio
O tinha a esperança,
Que com doces enganos
Lhe sustentara vida tantos annos
Numa amorosa, & branda confiança,
Que quem tanto queria,
Parece, que nam erra, se confia.
A noyte escura dava
Repouso aos cansados,
Animaes esquecidos da verdura:
O valle triste estava
C'huns ramos carregados,
Que inda a noyte faziam mays escura.
Offrecia a espessura
Hum temeroso espanto:
As roucas rans soavam
Num choro de agoa negra, & ajudavam
Do passaro nocturno o triste canto:
O Tejo com som grave
Corria mays medonho que suave.
Como toda atristeza
No silencio consiste,
Parecia que o valle estava mudo:
E com esta grayeza
Estava tudo triste,
Porém o triste Almeno mais que tudo:
Tomando por escudo
De sua doce pena,
Para poder sofrella,
Estar imaginando a causa della:
Que em tanto mal he cura bem pequena:
Mayor o he o tormento,
Que toma por alivio hum pensamento.
Ao rio se queyxa

Com lagrimas em fio,
Com que as ondas creciam outro tanto:
Seu doce canto dava
Tristes agoas ao rio,
E o rio triste som ao doce canto
Ao sonoro pranto,
Que as agoas enfreava
Responde o valle umbroso:
De tanta voz o acento temeroso
Na outra parte do rio retumbava
Quando da fantasia
O silencio rompendo, affi dizia,
Corre suave, & brando
Com tuas claras agoas,
Saidas de meus olhos, doce Tejo;
Fè de meus males dando,
Para que minhas magoas
Sejam castigo igual de meu desejo:
Que poys em mi nam vejo
Remedio, nem o espero;
E a Morte se despreza
De me matar, deyxandome á crueza
De aquella por quem meu tormento quero;
Sayba o mundo meu dano,
Porque se defengane em meu engano
Jà que minha ventura,
Ou a causa que a ordena,
Quer que em pago da dor tome o sofrella
Serà mays certa cura
Para tamanha pena
Desesperar de aver já cura nella:
Porque se minha estrella;
Caulou tal esquiva nça,
Consinta meu cuydado,
Que me farte de ser desesperado
Para defenganar minha esperança:
Poys sòmente naci
Para viver na morte, & ellá em mi.
Nam cesse meu tormento
De fazer seu officio,
Poys aqui tem hum alma ao jugo atada:
Nem falte o sofrimento,
Porque parece vicio
Para tam doce mal faltarme nada.
O! Ninfa delicada!
Honra da Natureza!
Como pôde isto ser
Que de tam peregrino parecer
Pudesse proceder tanta crueza?
Nam vem de nenhum geyto,
De causa divinal contrario effeyto.
Poys Como pena tanta

He contra a causa della?
 Fora he de natural minha taisteza.
 Mas a mi que me espanta?
 Nam basta (ó Ninfa bella!)
 Que podes preverter a Naturæza?
 Nam he gentileza
 De teu gesto celeste
 Fora do natural?
 Nam pôde a Natureza fazer tal.
 Tu mesma (ó bella Ninfa) te fizeste.
 Porém, porque tomaste
 Tam dura cundiçam, se teformaste?
 Por ti o alegre prado
 Me he penoso, & duro;
 A brolhos me parecem suas flores,
 Por ti do manso gado,
 Como de mim nam curo,
 Por nam fazer offensa a teus amoree.
 Os jogos dos pastores,
 As lutas entre a rama,
 Nada me faz contente:
 E tou já do que fuy tam differente,
 Que quãdo por meu nome algué me chama
 Palmo, porque conheço,
 Que inda comigo proprio me pareço.
 O gado, que apacento,
 Sam na alma os meus cuydados;
 As flores, que no campo sempre vejo,
 Sam no meu pensamento
 Teus olhos dibuxados,
 Com que estou enganando o meu desejo.
 Do frio, & doce Tejo
 As agoas se tornãram
 Ardentes, & salgadas,
 Despoys que minhas lagrimas cansadas
 Com teu puro licor se misturãram,
 Como quando mistura
 Hyppanis co' o Exampéo su' agoa pura.
 Seahi no mundo ouvesse
 Ouvirelme algum, hora
 Assentados na praya deste rio;
 E de arte te dissesse
 O mal que passo agora,
 Que pudeste moverte o peyto frio.
 O quanto desvario,
 Que estou imaginando!
 Já agora, meu tormento
 Nam pôde pedir mais ao pensamento,
 Que este fantisiar, donde penando
 A vida me reserva.
 Querer mais de meu mal ferà soberba.
 Mas já a esmaltada Aurora

Descobre o negro manto
 Da sombra, que as montanhas encubria,
 Descansa, frauta, agora,
 Poys meu escuro canto
 Nam merece, que veja o clato dia.
 Nam canse a fantasia
 De estar em si pintando
 O gesto delicado,
 Em quanto tras ao pasto o manso gado,
 Esse pastor, que là só vem falando.
 Calar meey sómente,
 Que o meu mal nem ouvirse me cósente

A G R A R I O.

Fermosa manhaã clara, & deleytosa,
 Que como fresca rosa na verdura
 Te mostras bella, & pura marchetando;
 As Ninfas espalhando seus cabellos
 Nos verdes montes bellos; tu sò fazes
 Quando a sombra desfazes triste, & escura,
 Fermosa a espessura, & a clara fonte,
 Fermofo o alto monte, & o rochedo,
 Fermofo o arvoredado, & deleytoso,
 E, enfim tudo fermofo co' o teu rosto
 De ouro, & rosas composto, & claridade.
 Trazes a laudade ao pensamento,
 Mostrando em hum momento o roxo dia,
 Com a doce harmonia nos cantares
 Dos passaros a pares, que voando
 Seu pasto andam buscando nos raminhos
 Para os amados ninhos, que mantem
 O! grande, & summo bem da Natureza!
 Estranha futiliza de pintora,
 Que matiza em hum' hora de mil cores
 O Ceo, a terra, as flores, monte, & prado.
 O! tempo já passado! quam presente
 Te vejo abertamente na vontade!
 Quam grande laudade tenho agora
 Do tempo, que a pastora minha amava,
 E de quanto prezava a minha dor!
 Entam tinha o Amor mayor poder,
 Quando em hum só querer nos igualava:
 Porque quando hum amava a quem queria
 Logo Eco respondia de affeyçam
 No brando coraçam da doce imiga.
 Nesta amorosa liga concertavam
 Os tempos, que passavam com prazeres
 Mostrava a flava Ceres por as cyras
 Das brancas sementeyras ledo fruto,
 Pagando seu tributo aos lavradores:
 E enchia aos Pastores todo o prado,

Pales do manfo gado guardadora
 Hiã Zéfiro, & Flora passeando,
 Os campos esmaltando de boninas.

Nas fontes cristalinas triste estava
 Narciso, que indã olhava na agoa pura
 Sua linda figura, & delicada:
 Mas Eco namorada de tal gesto,
 Com pranto manifesto, seu tormento
 No derradeyro acento lamentava.
 Alli tambem se achava o sangue tinto
 Do purpureo Jacinto; & o destroço
 De Adonis bello moço; morte fea,
 Da bella Citherea tam chorada.
 Toda a terra esmaltada destas rofas.

Hiam Ninfas fermosas por os prados;
 E os faunos namorados apöz ellas,
 Mostrandolhes capellas de mil cores,
 Ordenadas das flores, que colhiam:
 As Ninfas lhes fugiam espantadas,
 As faldas levantadas por os montes.
 Vriase a agoa das fontes espalharfe;
 Vertuno transformarfe alli se via;
 Pomona, que trazia os doces frutos:
 Alli Pastores muytos, que tangiam
 Gaytas, que bem se ouviam, & cantando
 Estavam enganando as suas penas,
 Tomando das Sirenas o exercicio.

Ouviafe Salicio lamentarfe,
 Da mudança quey xarse crua, & fea,
 Da dura Galatea, tam fermosa:
 E da morte envejosa Nemoroso
 Ao monte cavernoso, se querella
 Que a sua Elisa bella em pouço espaço
 Cortou indã em agraçõ Ah dura sorte!
 O immatura Morte! que a ninguem
 De quantos vida tem ja mais perdoas!
 Mas tu Tempo, que voas a pressado
 Hum deleytoso estado! quam asinha
 Nesta vida mezquinã transfiguras
 Em mil desaventuras, & a lembrança
 Nos deyxas por herança do que levast!
 Assi que se nos cõvas com prazeres,
 He para nos comerẽs no melhor.

Cada vez em peor te vas mudando:
 Quanto venis inventando, que hoje aprovas
 Logo a amenhãã reprovã com instãcia.
 O! perversa incostancia, & tam profana
 De toda causa humana, inferior
 A quem o cego error sempre anda annexo!
 Mas eu de que me queyxo? ou eu, que digo?
 Vive o tempo comigo? ou elle tem
 Culpa no mal, que vem da cega gente?

Por ventura elle sente, ou elle entende
 Aquillo, que defende o ser divino?

Elle usa de conçino seu officio,
 Que já por exercicio lhe he dividido
 Dãnos fruto colhido na fazãõ
 Do fermoso Veraõ; & no Inverno,
 Com seu humor eterno cõgelado
 Do vapor levantado co'a quentura
 Do Sol, a terra dura lhe dà alento,
 Para que o mantimento produziado
 Este sempre comprindo seu costume:
 Assi que nam consume de si nada,
 Nem muda da passada vida hum dedo:
 Antes sempre estã que do no devido,
 Porque este he seu partido; & sua usança
 E nelle esta mudança he mais firmeza.

Mas quem a ley despreza, & pouco estima
 De quem de là de cima estã movendo
 O Ceo sublime, & horrendo, o mundo puro
 Este muda o seguro, & firme estado
 Do Tempo nam mudado da verdade
 Nam foy naquella idade de ouro claro,
 O firme tempo chato, & excellente:
 Vivia entã a gente moderada;
 Sem ser a terra arada dava paõ
 Sem ser cavado o chaõ as frutas dava;
 Nem agoas desejava, nem quentura;
 Supria entã Natura o necessario.
 Poys, quem foy tam contrario a esta vida,
 Saturno, que perdida a luz serena,
 Causou, que em dura pena desterrado,
 Fosse do Ceo lançado, onde vivia;
 Porque os filhos comia, que gerava
 Por isso se mudava o tempo igual
 Em mais baxo metal: & assi decendo
 Nos veyo, em fim trazendo a este estado.

Mas eu, defatinado, adonde vòu?
 Para onde me levou a fantasia?
 Que estou gastando o dia em vãs palayras?
 Quero ora minhas cabras ir levando
 Ao Tejo claro, & brando; porque achar
 No mundo que emendar, nam he de agora.
 Basta que a vida fóra delle tenho;
 Com meu gado me avenho, & estou contente
 Porém, se me nam mente a vista, eu vejo
 Nesta praya do Tejo estar deytado
 Almeno, que elevado em pensamentos,
 Ashoras, & os momentos vay gastando:
 Voume a elle chegando, só por ver
 Se poderey fazer, que o mal, que sente
 Hum pouco, se lhe ausente da memoria

A L M E N O

O doce pensamento! ò doce gloria!
 Sam estes, por ventura, os olhos bellos,
 Que tem de meus sentidos a vitoria?

Sam estas (Ninfa) as tranças dos cabellos
 Que fazem de seu preço o ouro alheo,
 Como a mi de mi mesmo só com vellos

He esta a alva coluna, o lindo esteo,
 Sustentador das obras mais que humanas
 Que eu nestes braços tenho, & nam o creio?

Ah! falso pensamento, que me enganas!
 Fazes-me pôr a boca, onde não devo,
 Com palavras de doudo, ou quasi infanas?

Como a alçarte tão alto assí me atrevo?
 Taes afas doutras eu, ou tu mas dás?
 Levas-me tu a mim, ou eu te levo?

Naõ poderey eu ir, onde tu vas?
 Porém, pois ir não posso, onde tu fores,
 Quando fores, não tornes ondè estas.

A G R A R I O.

O! que triste successo foy de amores,
 O que a este Pastor aconteceo,
 Segundo ouvi contar a outros Pastores!

Tanto, enfim, por seu danno se perdeo,
 Que o longo imaginar em seu tromento,
 Em desatino Amor lho converteo

O! forçoso vigor do pensamento
 Que pôde em outra cousa estar mudando
 A fórma, a vida o siso, o entendimento

Està se un triste amante transformando
 Na vontade de aquella, que tanto ama,
 De si a propia essencia transportando.

E nenhuma outra cousa mais defama
 Que a si, se vé, que em si ha algum sentido,
 Que deste fogo infano nam se inflama.

Almeno, que a qui está tam influido
 No fantastico sonho, que o cuydado
 Lhe tras sempre ante os olhos esculpido.

Està lhe pintando de elevado,
 Que tem já da fantastica Pastora,
 O peyto diamantino mitigado.

Em este doce engano estava agora
 Fallando como em sonho, mas achando
 Ser vento, o que sonhava, grita, & chora.

Desta arte andavam sonhos enganando
 O Pastor somnolento, que a Diana

II. Part.

Andava entre as ovelhas celebrando.

Desta arte a nuvé fallava em fôrma humana
 O vão Pay dos Centauros enganava.

Que Amor quando contenta, sempre engana
 Como este, que comfigo só fallava

Cuidando que fallava, de enleado,
 Com quem lhe o pensamento figurava.

Nam pôde quem quer muyto ser culpado
 Em nenhum erro, quando vem a ser
 Este amor em doudice transformado

Amor nam será Amor, se nam vier
 Com doudices, deshonnas, discençoens
 Pazes, guerras, prazer, & desprazer,

Perigos, linguas más, murmuraçõens
 Ciumes, arroidos, compitencias,
 Temores, nojos, mortes, perdiçoens.

Estas sã verdadeyras penitencias,
 De quem poem o desejo, onde nam deve
 De quem engana alheas innocencias.

Mas isto tem o Amor, que nam se escreve
 Senam donde he illicito, & custoso
 E donde he mais o risco mais se atreve

Passava o tempo alegre, & deleitoso,
 O Troyano Pastor, em quanto andava
 Sem ter alto desejo, & perigoso

Seus furiosos touros coroava,
 Enos alamos altos escrevia
 Teu nome (Enone) quando a ti só amava.

Os alamos creciam, & crecia
 O amor, que elle te tinha: sem perigo
 E sem temor, contente te servia.

Mas despoys que deyxou entrar consigo
 Illicito desejo, & pensamento,
 De sua quietaçam tam inimigo,

A todã a Patria poz em detrimento,
 Com mortes de parentes, & de irmãos;
 Com cru incendio, & grande perdimento

Niõto fenezem pensamentos vãos;
 Tristes serviços mal galardoados,
 Cuja gloria se passa de entre as mãos

Lgrimas, & suspiros arrancados
 Da alma, todos se pagam com enganos:
 E oxalã foram muitos enganados

Andam com seu tromento tam ufanos:
 Que gastam na doçura de hum cuydado;
 Apoz huma esperança muitos annos.

E tal ha tam perdido namorado
 Tam contente co' o pouco, que daria
 Por hum só volver de olhos todo o gado.

Em todo povoado, & companhia
 Sendo ausentes de si se vem presentes

T Com

Com quem lhes pinta sempre a fantasia
 Chũ certo nam sey que andam contentes;
 E logo hum nada os torna ao contrario;
 De todo ser humano diferentes.

O tiranico Amor! o caso vario!
 Que obrigas a hum querer, que sempre seja
 De si continuo, & aspero adversario!

E que outr' hora nenhuma alegre esteja,
 Senam quando do seu despojo amado
 Sua inimiga estar triunfando veja.

Quero fallar com este, que enredado
 Nesta cegueyra està sem nienhum tento.
 Acorda já, Pastor defacordado.

A L M E N O

O! Porque me tiraste hum pensamento,
 Que agora estava os olhos dibuxando,
 De quem aos meus foy doce mantimento?

A G R A R I O

Nesta imaginação estás gastando
 O tempo, & vida, Almeno? Perda grande!
 Nam ves quam mal os dias vas passando?

A L M E N O

Fermosos olhos, ande a gente, & ande,
 Que nunca vos ireys desta alma minha,
 Por mais que o tempo corra, amorte o máde.

A G R A R I O

Quem poderá cuydar, que tam afinha
 Se perca o curso assi do sifo humano,
 Que corre por direyta, & justa linha?

Que sejas tam perdido por teu dano,
 Almeno meu, nam he, por certo, aviso,
 He só doudice grande, grande engano.

A L M E N O

O Agrario meu: que vendo o doce riso,
 E o rosto tam fermoso, como esquivo,
 O menos que perdi foy todo o sifo.

E nam entendo, desque sou cativo,
 Outra cousa de mi, senam que morro:
 Nem isto entende bẽm poys inda vivo

A asombra deste umbroso, & verde louro,
 Passo a vida, ora em lagrimas cançadas
 Ora em louvores dos cabellos de ouro.

Se preguntares porque sam choradas
 Ou porque tanta pena me consume,
 Revolvendo memorias magoadas;

Desque perdi da vista o claro lume,
 E perdi a esperanza, & causa della
 Não choro por razam, mas por costume

Já mais pude co' o fado ter cautella,
 Nem ouve nunca en mi contentamento,
 Que nam fosse tocado em dura estrella.

Que hem livre vivia, & bem isento,
 Sem que ao jugo me vise lometido
 Denenhum amoroso pensamento.

Lembrete, amigo Agrario, que o sentido
 Tam fora de Amor tinha, que me ria
 De quem por elle via andar perdido.

De varias cores sempre me vestia,
 De boninas a fonte coroava,
 Nenhum pastor cantando me vencia.

A barba entam nas faces me apontava,
 Na luta na carreyra, em qualquer manha
 Sempre a palma entre todos alcançava.

Da minha idade tenra, em tudo estranha,
 Vendo (como a contece) a feyçoada
 Muytas Ninfas do Rio, & da Montanha:

Com palavras mimosas, & forjadas
 Da solta liberdade, & livre peyto,
 As trezia contentes, & engadas

Mas nam querendo Amor, que deste geyto
 Dos coraçõens andasse triunfando,
 Em quem elle criou tam puro effeyto;

Pouco a pouco me foy de mi levando
 Dissimuladamente as mãos, de quem
 Toda esta injuria agora està vingando.

A G R A R I O

Desto teu caso Almeno, eu sey muy bem
 O principio, & o fim, que Nemoroso
 Contado tudo isso, & mais, me tem

Mas (quer ote dizer) le este enganoso
 Amor he tam usado a desconcertos,
 Que nunca amando fez pastor ditoso:

Já que nelles estes casos sam tam certos
 Porque os estranhas tanto, que de magoa
 Te choram valles, montes, & desertos:

Vejote estar gastando em viva fragoa,
 E juntamente em lagrimas, vencendo
 Agram Sicilia em fogo, o Nilo em agoa

Vejo, que as tuas cabras, nam querendo
 Gostar as verdes ervas, se emmagrecem,
 As tetas aos cabritos encolhendo.

Os campos, que co' o tempo reverdecem

Os olhos alegrando descontentes,
Em te vendo, parece, te entristecem.

De todos teus amigos, & parentes,
Que lá da serra vem por consolarte
Sentindo na alma a pena, que tu sentes;

Se querem de teus males apartarte,
Deyxando a choça, & gado, vas fugiudo,
Como cervo ferido, a outra patte.

Nam vés que Amor, as vidas consumido
Vive só de vontades elevadas
No falso parecer de hum gesto lindo?

Nem as ervas das agoas desejudas
Sé fartam, nem de flores as abelhas;
Nem este amor de lagrimas cañsadas.

Quantas vezes, perdido entre as ovelhas,
Chorou Febo de Daphne as esquivanças,
Regando as flores brancas, & vermelhas?

Quantas vezes as asperas mudanças
Ou amorado Gallo tem chorado,
De quem o tinha envolto em esperança

Estava o triste amante recoitado,
Chorádo ao pé de hum freyxo o triste caso
Que o falso Amor lhe tinha destinado.

Por elle o sacro Pindo, & o gram Parnaso
Na fonte de Aganipe destinando
Se faziam de lagrimas hum vaso.

O intonso Apollo o vinha alli culpando,
Afobeja tristeza perigosa

Com asperas palavras reprovando,
Gallo, por que endoudece? que a fermosa

Ninfa, que tanto amaste descobrindo
Por falsa a fé, que dava, & mentiroza;

Por as Alpinas neves vay seguindo,
Outro bem outro amor, outro desejo,
Como enemiga, enfim de ti fugindo.

Mas o misero Amante, que o sobejo
Mal empregado amor lhe defendia
Ter de tamanha fé vergonha, ou pejo;

Da falsifica Ninfa nam sentia,
Senam que o frio do gelado Reno
Os delicados pés lhe offendéria.

Ora se tu ves claro, amigo Almeno,
Que de Amor os desastres sam de sorte,
Que para matar basta o mais pequeno;

Porque nam poens hũ freo a mal tão forte
Que em estado te poem, que sendo vivo,
Já nam se estende em ti, vida, nem morte?

A L M E N O.

Agrario; se do gesto fugitivo,
Por caso de Fortuna desastrado,
Algum' hora deyxar de ser cativo;

Ou sendo para as Urtas degradado,

Adonde Borreas tem o Oceano
Co'os frios Hyperboreos congelado:

Ou donde o Filho de Climene infano,
Mudando acor das gentes totalmente,
As terras a partou do trato humano;

Ou se já por qualquer outro accidente,
Deyxar este cuydado tam ditoso,
Por quem sou de ser triste tam contente;

Este rio, que passa deleytoso,
Tornando para trás, irá negando
A a Natureza o curso presuroso.

As cabras por o mar iram buscando
Seu pasto; & andarseãm por a espessura
Das ervas os Delfins apacentando.

Ora se tu ves, na alma quam segura
Desto amor tenho a fé, para que insistes
Nesse conselho, & pratica tam dura?

Se de tua porfia nam desistes,
Vay repastar teu gado a outra parte,
Que he dura a companhia para os tristes.

Huma só couza quero encomendarte,
Para repouso algum de meu engano,
Antes que o tempo, em fim, de mi te apatte

Que se esta fera, q' anda em traje humano
Por a montanha vires ir vagando,
De meu despojo rica, & de meu dano,

Com os vivos espiritos inflamando
O ar, o monte, & a serra, que comigo
Continuamente leva namorando.

Se queres contentarme, como amigo,
Passando, lhe dirás: Gentil Pastora,
Nam ha no mundo vicio tem castigo.

Tornada em duro marmore nam fora
A fera Anexarete, se amoroso
Mostrara o rosto Angelico algum' hora

Foy bem justo o castigo riguroso:
Porém quem te ama (Ninfa) nam queria
Nodoa tam fea em gesto tam fermoso.

Tudo farey, Almeno, & mais faria,
Por algum dia verte descansado,
Se se acabam trabalhos algum dia.

Mas bem vés, como Febo já empinado
Me manda, que da calma iniqua, & crua,
Recolha em algum valle o manso gado.

Tu nessa fantasia falsa, & nua,
Para engano mayor de teu perigo,
Nam queres mais que a sua.

Voume de aqui, & fique Deos contigo
E ficarás melhor acompanhado.

A L M E N O.

Elle contigo va, como comigo
Me fica acompanhando o meu cuydado.

E G L O G A III.

INTERLOCUTORES,

ALMENO, E BELISA.

*Debaxo da pessoa de Almeno descreve o P
a huma Dónzela, ou Ninfa, que por não
offender a Castidade se converteo
em arvore como de Daphne*

Ovidio Metham.

P Assado já algum tempo, que os amores
De Almeno por seu mal eram passados,
Porque nunca Amor cumpre, o que promete
Entre huns verdes ulmeyros apartado,
Regando por o campo as brancas flores,
Em lagrimas cansadas se derrete:
Quando a linda Pastora, que compete
Co' o monte em aspereza,
Com oprado em gentileza,
Por quem o Pastor triste endoudecia,
Por a praya do Tejo discurria
A lavar a beatilha, & o trançado:
O Sol já consentia,
Que fuisse da sombra o manso gado.

Já acordado de aquelle pensamento,
Que tam defacordado sempre o teve,
Vio por acerto o bem, que incerto tinha.
E porque donde Amor a mais se atreve,
Alli mais enfraquece o entendimento,
Nam lhe soube dizer, o que convinha.
Como homem que a aprazada briga vinha,
A quem de fora engana
A confiança humana,
E delpoyz vendo o rosto, aquem resiste,
Treme, & teme o perigo, & nam insiste;
Já se arrepende, a audacia lhe falece,
Desta arte o Pastor triste
Oufa, recea, esforça, & enfraquece.

E tendo assi já atonito o sentido,
Cometeo com furor defatinado,
E tirou da fraqueza coraçam.
Cometimento foy desesperado:
Que huma só salvação tem hum perdido
Perder toda a esperança à salvação
As magoas, que passaram, se diram:
Mas as que Ella dizia,
Lembrandolhe, que via
As agoas murmurar do Tejo amenas,

Remeto a vòs, ò Tagides Camenas;
Que eu, demagoa, nam posso dizer tanto:
Porque em tamanhas penas
Me canfa a pena, & a dor me impede o canto

B E L I S A.

Que alegre campo, & praya deleytosa!
Quam saudola faz esta espessura
A fermosura angelica, & serena
Da tarde amena! Quam saudosamente
A festa ardente abranda, suspirando
De quando em quâdo o vento alegre, & frio
No fundo rio os mudos peyxes saltam;
Os Ceos se esmaltam todos de ouro, & verde
E Febo perde a força da quentura.

Por a espessura levam passeando
O gado brando ao tom das zanfônicas,
Pisando as finas, & fermosas flores
Os guardadores, que cantando o gesto
Fermoso, & honesto, das Pastoras que amam.
Por o ar derramam mil suspiros vãos
Hũ iouva as mãos, louva outro os rayos belos
Outro os cabellos de ouro, em som suave
E amorosa ave leva o contraponto.

Mas ó que conto, & saudosa historia,
Que na memoria aqui, se me afferece!
Se nam me esquece já, deste lugar
Ouvi soar os valles algum dia
E respondia o Eco o nome em vão
Num coraçam; Belisa retumbando.
Estou cuidando, como o tempo passa
E quam escassa he toda alegre vida:
E quam cemprida, quando he triste, & dura

Nesta espessura longo tempo amey;
Se me enganey com quem do peyto amava
Nam me pelava de ser enganada.
Fuy salteada, em fim, de hum pensamento,
Que hum movimento tinha casto, & são:
Conversaçam foy fonte deste engano,
Que por meu dano entrou com atalla cor
Porque o amor na Ninfa, que he segura
Entra em figura de vontade honesta.

Mas que me presta agora dar desculpa?
Poys se ouve culpa, foy do firme Amor
Sò num Pastor, que nunca Sol, nem Lua
Ou serra alguma, desde o Ibero ao Indo,
Outro tam lindo viram, tam manhoso.
Neste amoroso estado, & fé que tinha
Nesta alma minha tam secretamente,
Vive contente, amando, & encubriendo
Elle fingindo mentirosos danos,

Que

Que sam enganos, que nam custam nada;
Tendo alcançada já no entendimento
A fe, & intento, meu sò nelle posto;
(Que logo o rosto mostra os coraçoes
E as affeyçoens co'os olhos se praticam,
Que mais publicam muyto, que palavras)
Com tuas cabras sempre à parte vinha,
Onde eu mantinha os olhos do desejo.

Tu manso Tejo, & tu florido prado
Dò mais passado, enfim, que aqui nam digo,
Sereys, me obrigo, testemunho certo
Poys descuberto vos foy tudo, & claro.
O tempo avaro! ò sorte nunca igual
Quam grande mal quereys à humana gente
Porque hum contente estado assi trocaste,
Vòs me tiraste do meu peyto isento
O pensamento honesto, & repousado
Ja dedicado ao Coro de Diana:
Vòs numa ufana vida me pusestes,
E alli quiseite, que gozasse o dano
Do doce engano, que se chama Amor,
Com cujo error passava o tempo ledo:
E vòs tam cedo me tiraes hum bem
Que Amor já tem impresso na alma minha
Despoys que a tinha envolta em esperanças
E com lembranças tristes me deyxays.
Mal me pagays afé, que sempre tive
Mas assi vive quem sem dita nasce.

Mas já a face alegre o Sol esconde,
E nam responde a quem a tantas magoas,
Senam as agoas, que dos olhos saem:
As sombras caem; vamse as alimarias,
Fartas das varias ervas, seu caminho;
Buscam seu ninho os passaros sem dono;
Já por o sono esquecem o comer;
Quero esquecer tambem tam doce historia
Poys he memoria, que tras mor cuydado.
Isto he passado, & se me deu payxam,
Os dias vam gastando o mal, & obem;
E nam convem quierme magoar

Doque emendar nam posso já com magoas
Nas claras agoas deste rio brando,
Que vam regando o valle matizado,
Este traçado lavar quero, enfim
Que já de mim me esqueço co'a lembrança
Desta mudança, que esquecer nam sey:
Bem que eu verey mudar a opinião,
Poys homens sam a quem o esquecimento
Depressa faz mudar o pensamento

A L M E N O.

Se a vista nam me engana a fantasia
Como já me enganou mil vezes, quando
Minha ventura enganos me sofria;

Pareceme, que vejo, estar lavando
Huma Ninfa algum vèo no claro Tejo,
Que se me está Belisa figurando.

Nam pòde ser verdade isto, que vejo:
Que facilmente aos olhos se figura
Aquillo, que se pinta no desejo.

O! acontecimento! que a ventura
Me dá para mór dano! Esta he, certo:
Que nam he de outrem tanta fermosura.

Se poderey falarlhe de mais perto?
Mas fugirme ha. Nam pòde ser? que orio
Para acolà nam tem caminho aberto.

O! temor grande! ò grande desvario!
Que a voz me impede, & a lingua negligente
Assi me está tornando o peyto frio!

De quanto me lobeja estando ausente,
Que para lhe falar sempre imagino,
Tudo me falta, quando estou presente.

O! aspeyto suave, & peregrino!
Poys como? Tam afinha assi se esquece
Huma fé verdadeyra, hum amor fino?

B E L I S A.

O altas Semideas! Poys padece
Em vosso rio a honra delicada

De quem tamanha força nam merece

Ou seja por vòs, Ninfas, reservada;

Ou em arvore alguma, ou pedra dura;

Me deyxay velozmente transformada.

A L M E N O.

Ah! Ninfa, nam te mudes a figura:
Nem vòs, Deofas queyrays, que eu seja parte
De se mudar tam rara Fermosura.

Porque a quem falta a vòs para falarte,

E a quem falta o despejo da ousadia,

Tambem faltarã mãos para tocarte

Que me queres, Almeno? ou que porfia

Foy a tua tam aspera comigo?

Minha vontade nam; to' merecia

Secom amor o fazes, eu te digo,

Que amor, que tanto mal me faz em tudo

Nam pòde ser amor, mas inimigo.

Nam es tu de saber tam falto, & rudo,
Que tam sem siso amasses, como a maste

A L M E N O.

Onde viste tu, Ninfa amor fefudo?

Porque já nam te lembra, que folgaste

Com meus tormentos tristes, & alguma hora

Com teus fermosos olhos já me olhaste?

Como te esquece já) gentil Pastora)

Que folgavas de ler nos freyxos verdes,

O que de ti escrevia cada hora?

Por que a memoria tam á pressa perdes

Do amor, que mostrayas, que eu nam digo,

Se vós, ó altos montes, nam differdes?

E como te nam lembrás do perigo,

A que so por me ouvir te aventuravas,

Buscando horas de festa, horas de abrigo?

Co'a maçã da discordia me tirava?

Que a venus, que a ganhou por fermosura,

Tu, como mais fermosa, lhã ganhavas.

E escondendote logo na espessura,

Hias fugindo, como vergonhosa,

Da namorada, & doce travessura

Nam era esta a maçã de ouro fermosa

Com que encuberta assi de astucia tanta

Cedipe se enganou por cubicosa

Nem a que o curio teve de Atalanta

Mas era aquella com que Galatea

O pastor cativou, como elle canta

Se más tençoens puseram nodoa fea

Em nosso firme amor de enveja pura

Porque pagarey eu a culpa alhea

Quem desta fé, quem deste amor nam cura

Nunca teve logeyto. o coração:

Que o firme amor com a alma eterna dura

B E L I S A

Mal conheces, Almeno, huma afeçam,

Que se eu desse amor tenho esquecimento

Meus olhos magoados to diram

Mas teu sobejo, & livre atrevimento,

E teu pouco segredo, descuidando,

Foy causa deste longo apartamento,

Vés as Ninfas do Tejo, que mudando

Me vão já pouco a pouco, o claro gesto

Noutra mais dura fôrma traspassando.

Hum só segredo meu te manifesto,

Que te quis muyto emquanto Deos queria;

Mas de pura effeçam, de amor honesto

E Poys de tens descuidos, & ousadia,

Naceo tam dura, & aspera mudança

Folgo que muytas vezes to dezias

Ficcate embora, & perde a confiança

De verme nunca mais, como já viste:

Que assi se defengana hum' esperança

A L M E N O.

O! duro apartamento! o vida triste!

O! nunca acontecida desventura!

Poys, como? Ninfa, assi te despediste?

Assi se ha de ir tornando [ah! sorte dura!]

Nesta silvestre, & aspera rudeza

Tam branda, & excellente Fermosura?

Tua nunca entendida Gentileza,

E teus membros assi se transformaram

Negando felhe a propria natureza?

Desta arte os teus cabellos se tornaram?

[Deyxando já leu preço ao ouro fino]

Em folhas, que acor tem do que ne gárao?

Se este consentimento foy divino,

Consintame tambem, que perca a vida,

Antes que a mais me obrigue o defatino.

Poys se a fortuna sempte embravecida

Em meu tormento tanto se desmede,

Nam viva mais huma alma tam perdida.

E vós feras do monte, poys vos pede

Minha pena o remedio derradeyro,

Fartay já de meu sangue vossa sede

E vós, Pastores deste rudo outeyro,

Porque a todos, enfim, se manifeste,

Que cousa he amor puro, & verdadeyro

Aa sombra deste funebre cipreste

Me fareys hum Sepulcro tem arreo

De boninas, que o prado ameno veste,

As desufadas musicas de Orfeo

Aqui me cantareys; & desta sorte

Nam averey enveja ao Mausoleo.

E porque a minha cinza se conforte,

Em vossos metros doces, & suaves,

Asexequias direys de minha morte.

Alli responderám as altas aves,

Nam módulos no canto, nem lascivas

Mas, de dor, ora roucas, ora graves.

Nam correrám as agoas fugitivas,

Alegres por aqui mas saudosas

Que pareça que vem dos olhos vivas

Nacerám por as prayas deleytosas

Os asperos abrolhos em lugar

Dos roxos linios, das pudicas rosas.

Nam trarám as ovelhas a pastar

Derredor do sepulcro os guardadores;

Poys nada comeriam de pesar

Virám os Faunos, guarda dos Pastores,

Se morri por amores perguntando;
 Responderam os Ecos: Por amores.
 Dos que por aqui forem caminhando,
 Hum ã pitafio triste se lerã,
 Que esteja minha morte declarando,
 No tronco de alguma arvore estarã,
 Numa rude cortiça, pendurado,
 Eserico c' huma fouce, & alli dirã.

Almeno fuy, Pastor de manfo gado,
 Em quanto o consentio minha ventura,
 De Ninfas, & Pastores celebrado.

Se algum dia, por caso na espessura
 Se perder o Amor, & affeyção,
 Tirem a pedra desta Sepultura,
 E em figura de cinza os acharã.

E G L O G A IV.

INTERLOCUTORES,

FRONDOSO, E DURIANO.

*Nesta Egloga 4. escrita em os primeyros annos
 do P. invoca à sua querida como unica
 Muzza para sair bem deste Poema.*

CAntando por hum valle docemente
 Desciam dous Pastores, quando Febo
 No Reyno Neptunino se escondia:
 De idade cada qual era mancebo,
 Mas velho no cuydado, & decontente
 Do que lhe elle causava parecia.
 O que cada hum dizia,
 Lamentando seu mal, seu duro fado,
 Nam seu eu tam ousado,
 Que o pertenda cantar sem vossa ajuda:
 Porque se á minha ruda
 Frauta, deste favor vosso for dina
 Posso escufar a fonte Caballina.

Em vòs tenho Helicon, tenho Pegafo;
 Em vòs tenho Caliope, & Thalia,
 E as outras sete irmaãs do fero Marte:
 Em vòs deyxou Minerva o que valia;
 Em vòs estam os sonhos de Parnaso;
 Das Pieridas em vòs se encerra a arte
 Com qualquer pouca parte,
 Senhora, que me deys da ajuda vosso
 Podeys fazer que eu possa
 Escurecer ao Sol resplandecente:
 Podes fazer, que agente
 Em mi do gram poder vosso se espantes

E que vossos louvores sempre cante.
 Podeys fazer, que creça de hora em hora
 O nome Lusitano, & faça enveja
 A Esmirna, q de Homero se engrandece,
 Podeys fazer tambẽ, que o mundo veja
 Soar na ruda frauta, o que a sonora
 Citara Mantuana só merece.

Jã agora me parcece,
 Que podem começar os meus Pastores
 A cantar seus amores,
 Porque inda que presentes nam estejam
 As que elles ver desejam
 Mudança do lugar menos de estado
 Nam muda hum coraçam do seu cuydado

Jã deyxava dos montes a altura,
 E nas salgadas ondas se escondia
 O Sol, quando Frondoso, & Duriano
 Ao longo de hum ribeyro, que corria
 Por a mais fresca parte da verdura,
 Claro, suave, & manfo, todo o anno,
 Lamentando seu dano,
 Vinham jã recolhendo o manfo gado:

Hum estava callado,
 Emquanto hum pouco o outro se queyxava
 Apoz elle tornava
 Adizer de seu mal o que sentia;
 E em quanto este falava, aquelle ouyia.

Vinhamse alli queyxando aos penedos
 Aos silvestres montes, & á aspereza,
 Que quasi de seus malès se doiam
 Alli as pedras perdiam a dureza;
 Alli correntes rios estar quedos,
 Prontos ás suas queyxas pareciam.
 Sòmente ás que podiam
 Estes malles curar, poys os causavam,
 O ouvido lhes negavam,
 Por perderem de todo a esperança:
 Mas elles, que mudança
 De amor com tantos danos nam faziam.
 Com ellas falando inda, alli diziam,

FRONDOSO.

Isto he o que aquella verdadeyra
 Fé, com que te amey sempre, merecia,
 Sem nunca te deyxar hum só momento,
 Como (cruel Belisa) te esquecia
 Hum mal, cuja esperança derradeyra
 Em ti só tinha posto o seu assento,
 Nam vias meu tormento?
 Nam vias tu afẽ, com que te amava?
 Porque nam te abrandava

Este

Este amor, que, me tu tam mal pagaste?
 Mas poys já me deyxaste
 Co'a esperança de ti toda perdida
 Perca quem te perdeo, tambem a vida.

D U R I A N O.

Se os males, que por ti tenho soffrido
 [ó Silvana, em meus males tam constante!]
 Quisesses, que algum' hora te dissera,
 Inda que qual durissimo diamante
 Fora o teu cruel peyto endurecido,
 Creio, que a piedade te movera.
 Já agora em branda fera,
 Os montes sam tornados, & os penedos,
 E os rios, que estam quedos,
 Sentiram meus suspiros, minhas queyxas.
 Tu só, cruel, me deyxas,
 Que es mais que montes, & penedos, dura
 E fugitiva mais, que a fonte pura.

F R O N D O S O

Onde está aquella fala, que foia
 Sò com feu doce tom, que me chegava,
 Avivar-me os espiritos cansados,
 Onde está o olhar brando, que cegava
 O Sol resplandecente ao meyo dia?
 Onde estam os cabellos delicados
 Que ao vento espalhados
 Escureciam o ouro, ami matavam
 E a quantos os olhavam,
 Causavam tambem novos accidentes?
 Porque, cruel, consentes,
 Que outro goze da gloria a mi dividas?
 Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

D U R I A N O.

Nenhum bem vejo, que a meu mal espere,
 Se nam fosse esperar, que morte dura,
 Me venha, enfim, a dar a saúdade.
 Vejo faltarme a tua fermosura,
 A vontade me diz, que desespero
 Contradiz-me a razam esta vontade
 Diz, que em huma beldade,
 Em quem mostrou o cabo a Natureza,
 Nam ha tanta crueza,
 Que hũ tam constante amor desprezar queira
 E se tam verdadeyra:
 Mas tu que de razam já mais curaste,
 Porque era dar-me a vida ma tiraste.

F R O N D O S O.

A quem, Belisa ingrata, te entregaste?
 A quem deste, cruel, a fermosura
 Que a meu tormento só, só se devia?
 Porque huma fê deyxastes, firme, & pura?
 Porque tam sem respeyro me trocaste,
 Por quem só nem olharte merecia?
 O bem, que te eu quera,
 E que nam perderey, te nam por morte
 Nam he de mayor forte,
 Que quanto a cega gente estima & preza?
 Só a tua crueza
 Foy nisto contra mi endurecida.
 Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

D U R I A N O.

Levasteme o meu bem num só momento
 Levasteme com elle juntamente
 De cobrallo já mais a confiança:
 Deyxasteme em lugar delle tamente
 Huma continua dor, hum gram tormento,
 Hum mal, de que nam póde a ver mudança
 Tu, que eras a esperança
 Dos males, que, cruel, tu me causaste
 De todo te trocaste
 Com amor conjurada em minha morte.
 Porém se a minha sorte
 Consente, que por ti seja causada,
 Morte nam foy mais bemaventurada.

F R O N D O S O.

Nam naceste de alguma pedra dura,
 Nam te gerou alguma Tigre Hircana,
 Nam te criaste, nam, entre a rudeza
 A quem, cruel, faiste deshumana?
 No Ceo formada foy tal fermosura
 Onde a mesma brandura he natureza.
 Poys, logo, essa dureza
 Donde teve principio, ou a tomaste?
 Porque, dura engeytaste
 De hum verdadeyro amor, que tu bem vias,
 A fê, que conhecias,
 Por outra de ti nunca conhecida?
 Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

D U R I A N O.

Vayse co'o seu pastor o manso gado,
 Porque, de amor entende aquella parte,

Que

Que a natureza irrational lhe ensina:
 O rustico leam sem algum' arte,
 Do natural instinto sò ensinado
 A donde sente amor, logo se enclina:
 E tu, que de divina
 Nam tens menos que Venus, & Cupido,
 Porque se quer co' o ouvidor
 Hum amor verdadeyro nam socorres
 Ah! porque te nam corres
 De que o leam te vença em piedade,
 Se nam te vence Venus na beldade?

FRONDOSO.

Ami nam me faltava, que se prezava
 Entré os celestes Deoses, que formáram
 A tu a mais que humana fermosura.
 Em mim os voluntarios ceos faltáram;
 Em mi se perverteo a Natureza
 De huma cruel fermosa criatura
 Mas, poys, Belisa dura,
 Que do mais alto ceo a nós viesse
 Em teu peyto celeste
 Hum tal contrario pode a posentarse,
 Nam he contrario acharse
 Tamanha fé, tam mal agradecida.
 Perca, quem, te perdeo tambem a vida.

DURIANO.

Por ti a noyte escura me contenta;
 Por ti o claro dia me aborrece;
 Abrolhos me parecem frescas flores;
 A doce Filomela me entristece,
 Todo contentamento me atormenta
 Com a contemplaçam de teus amores;
 As festas dos Pastores,
 Que podem alegrar toda a tristeza.
 Em mi tua crueza
 Faz, que o mal cada hora vá dobrando.
 O, cruel! até quando
 Ha de durar em ti tal pensamento,
 E avida em mi, que soíre tal tormento?

FRONDOSO.

Fugiste de hum amor tam conhecido;
 Fugiste de huma fé tem clara, & firme;
 E seguiste a quem nunca conheceste;
 Nam por fugir de amor, mas por fugirme:
 Poys bem vés quanto eu tinha merecido
 Esse amor, que tu a outro concedeste.

II. Part.

A mi nam me fizeste
 Alguma femrazam; que bem conheço,
 Que tanto nam mereço:
 Fizeste a aquelle bem firme, & sincero
 Que sabes, que te quero,
 Em lhe tirar a gloria merecida.
 Perca, quem te perdeo, tambem a vida

DURIANO.

Crece cad' hora em mi mais o cuydado
 E vejo, que em ti crece juntamente
 Cad' hora mais de mi o esquecimento;
 O! Silvana cruel! porque consente
 Esse peyto fermoso, & dilicado,
 Que te esqueça hum tam aspero tormento?
 Tal aborrecimento
 Merece hum capital teu inimigo,
 Nam eu, que sò comigo
 Estou contente, & nada mais desejo;
 Se algum' hora te vejo.
 Tu es hum sò meu bem, huma sò gloria;
 Que nunca se me aparta da memoria.

FRONDOSO.

Olhos, que viram tua fermosuta;
 Vida, que só de verte se sustinha,
 Vontade, que em ti estava transformada;
 Alma, que essa alma tua em si só tinha,
 Tam unida comsigo, quanto a pura
 Alma co' o debil corpo est à liada;
 E que agora apartada
 Te vé desi com tal apartamento,
 Qual será leu tormento?
 Qual será aquelle mal, que tem presente?
 Mayor he, que o que sente
 O triste corpo em ultima partida.
 perca quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Regendo em outro tempo o manso gado;
 Tangendo a minha fructa nestes vales,
 Passava adoce vida alegremente:
 Nam sentia o tormento destes males,
 Menos sentia o mal deste cuydado;
 Que tudo entam em mim era contente!
 Agora nam sòmente
 Desta vida suave me apartaste,
 Mas outra me deyxaste,
 Que ao duro mal, que sinto cá no peyto

V

Me

Me tem já tam affeyto
Que sinto já por gloria a minha pena
Por natureza o mal, que me condena.

F R O N D O S O .

Juntamente viver compridos annos,
Os Fados te concedam, que quizeram
Ajuntarte com tal contentamento.
Poys os bens para ti todos naceram,
Naceram para mi todos os danos,
Logra tu tua gloria, eu meu tormento.
Nenhum apartamento,
Belisa, me farà deyxar de amarte;
Porque em nenhuma parte
Poderás nunca estar sem mi hum' hora,
Consente, poys agora,
Que empago desta fê tam conhecida,
Perca quem te perdeu, tambem a vida.

D U R I A N O .

Vejate eu, crua, amar quem te defama
Porque saybas, o que he ler amada
De quem tanto aborreces, & desprezas
Vejate eu ser inda desprezada
De quem tu mais desejas que te ame,
Porque sintas em ti tuas crupezas:
Sintas tuas durezas,
E quanto pôde o seu cruel effeyto
Num coração logeyto;
Porque em sentindo o mal, que sinto agora
Espéro, que algum' hora
Faça o teu proprio mal de mi lembrarte,
Já que nam pode o meu nunca abrandarte.

F R O N D O S O .

Mil annos de tormento me parece
Cad' hora, que sem ti, sem esperança
Vivo de poder miis tarnar a verte.
A vida só me dá tua lembrança;
A vida, sobre tudo me entristece;
A vida antes perdera, que perderes
Mas eu se por, quererte,
Hum bem, que em ti só tem seu firme assento,
Padeço tal tormento,
Que esperarà de ti, quem te defama,
Ou quem ao menoste ama,
Com algum falso amor, ou fê fingida;
Perca, quem te perdeu tambem a vida.

D U R I A N O .

Entam, cruel, veràs, se te merece
Com tamanho delprezo ser tratada
Hum'alma, que de amarte só se preza
Mas como poderàs ser desprezada
Se o menos que em ti for se aparece,
Pòde abrandar dos montes a aspereza
Porque sea Natureza
Em ti o remate poz da farmosura
Qual será a pedra dura;
Que a teu valor resista brandamente?
Que fará a fraca gente,
Sea humano parecer não se defende;
E a mesma Venus Deosa ao teu se rende?

F R O N D O S O .

E poys fé verdadeyra, amor' perfeyto,
Tormento desigual, & vida triste,
Junta com hum continuo sofrimento,
E hum mal, em que o mal todo, en fim cõsiste
Nam puderam mover teu duro peyto,
Amostra se quer contentamento
De ver o meu tormento,
Antes tudo, soberba, desprezaste
E a outrem te entregaste,
Por nada me ficar, em que esperace,
Senam quando acabasse
A vida a pesar meu já tam comprida,
Perca, quem te perdeu, tambem a vida.

D U R I A N O .

Longo curso de tempo, & apartado
Lugar, a hum coração, que vive entregue,
Nam podem apartar de seu intento.
Porque foges, cruel, a quem te segue?
Porque segues em vaõ esse cuydado,
Poys nunca estás sem mim algum momento.
Nenhum apartamento,
Inda que a alma do corpo se me aparte,
Poderàs já alevantarte
Desta alma triste, que continuamente
Em si te, tem presente.
Torna, cruel; nam fujas a quem te ama;
Vem a dar vida, ou morte, a quem te chama
A noyte escura, triste, & tenebrosa,
Que já tinha estendido o negro manto
De escuridade a terra toda enchendo,
Fez pôr a estes Pastores fim ao canto,

Que ao longo da ribeyra deleytosa,
 Vinham seu manso gado recolhendo.
 Se aquillo, que eu pertendo
 D. se trabalho aver, que he todo vosso,
 Senhora, alcançar posso;
 Nam será muyto aver tambem a gloria,
 E o louro de vitoria,
 Que Virgilio procura, & aver pertende,
 Poys o mesmo Virgilio a vós se rende.

E G L O G A V.

PASTOR SOLO.]

*Nesta Egloga, ou Soliloquio entreduz o P.
 hum Pastor só namorado, & queyxoza
 dos rigores de sua amada.*

A Quem darey queyxumes namorados
 Do meu Pastor queyxofo, & namorado?
 Abranda voz, suspiros mogoados,
 A causa porque na alma he magoado,
 De quem serám seus males contolados?
 Quem lhe fará devido gasalhado?
 Sò vos, Senhor famoso, & excellente,
 Especial em graças entre a gente.

Por partes mil lançando a fantasia,
 Busquey na terra Estrella, que guiasse
 Meu rudo verso, em cuja companhia
 A fanta piedade sempre andasse
 Luzente, & clara, como a luz do dia,
 Que o rudo engenho meu me alumiasse,
 E em vossas perfeçoens, gram Senhor, vejo
 Ainda à lem comprido o meu desejo.

A vós se dam a quem, junto se ha dado
 Brandura, mansidam, engenho, & arte
 De hum espirito divino acompanhado,
 Dos sobrehumanos hum em toda parte.
 Em vós as Graças todas se ham juntado;
 De vós em outras partes se reparte.
 Soy: claro rayo, foy ardente chãma;
 Gloria, & louvor do Tempo: as da Fama

Em quanto eu aparelho hum novo espirito
 E voz de Cisne tal o mundo espante,
 Com que de vós, Senhor, em alto grito
 Louvores mil em toda parte cante:
 Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
 Entre vacas, & gado petulante:
 Que quando tempo for em melhor modo
 Ha de me ouvir por vós o mundo todo.

As vaãs querellas, brandas, & amorosas,
 II. Part.

Sejam de vós tratadas brandamente:
 Verdades da alma pouco venturosas,
 Saidas com suspiros vivo, & ardente.
 Em vossas mãos se entreguam, valerosas,
 Porque ao futuro vivam entre a gente,
 Chorando sempre a antigua crueldade
 Para mover as almas a piedade.

Já declinava o Sol contra o Oriente,
 E o mais do roxo dia era passado.
 Quando o Pastor co' o grave mal, que sente
 Por dar alivio em parte a seu cuydado;
 Se queyxa da Pastora docemente,
 Cuydando de ninguem ser escutado:
 Eu, que escutey, num' arvore escrevia
 As mogoas, que cantou; & assi dizia,
 Ou tu do monte Pindaso es nacida,
 Ou marmor te pario fermosa, & dura:
 Nam póde ser, que fosse concebida
 Dureza tal de humana criatura:
 Ou quiça, que es em pedra convertida;
 Ou tens da natureza tal ventura:
 Porém nam fez em ti boa impressam
 Só de mamor tornarte o coraçam.

Já, já com minha vos rouca, & chorosa
 A gente mais austera moveria;
 E com esta corrente lagrimosa
 Os tigres em Hircania amansaria.
 Se nam fosses cruel, quanto fermosa,
 Meu longo suspirar te abrandaria
 Mas suspirar por ti, mas bem quererre,
 Que farám Mais, q' mais endurecerte;
 Se deyxâras vencer a crueldade
 De tua tam perfeyta fermosura,
 Hum pouco viras bem minha vontade,
 E viras a fé minha, limpa, & pura.
 Por ventura, que ouveras já piedade
 E tivera eu quiça melhor ventura
 Mas nunca achou igual tua belleza
 Senam se foy em ti tua dureza.

Hum bronze já abrandára, que nam sente,
 Este meu grave mal, segundo he forte
 Se decera do Inferno ao Polo aodente,
 A piedade movera a propia Morte.
 Poys, se huma gota de agoa brandamente
 Torna brando hum penedo, duro, & forte,
 Tantas lagrimas minhas nam farám
 Hum pequeno sinal num coraçam?

Na testa fonte viva tenho de agua,
 Que por meus olhos tristes se derrama:
 E no peyto de fogo viva fragoa,
 Que tudo em si converte, tudo inflama:
 Amor em derrader, por mayor magoa,

Voando mais acende a ardente chama,
Se queres ver, se ardentes lam seus tirós,
Olha, se lam ardentes meus suspiros.

Quando grita, & rumor grande se sente
Porque fogo se arca em casa, ou torre,
De pura compayxam vay toda a gente,
Agua ao fogo gritando, & cada hum corre.
Desta arte anda o meu peyto é chama ardête
E com a agua dos olhos se focorre:
Que quem me abraça, outra agua me defêde
Porque com esta o fogo mais se acende,
Quando vemos, que sae là no Oriente,
O Sol, seu curso antiguo começando,
Fermoso, intenso, puro, refulgente,
O monte, o campo, o mar, tudo alegrando,
Quando de nós se esconde no Ponente,
E em outras terras sae alumando,
Sêpre, em quanto vay dâdo ao mundo giro
Choram por ti meus olhos, & eu suspiro.

Caminha o dia todo o caminhante,
E, enfim, lhe chega a noyte, em que descança:
Taobalhá na tormenta o navegante,
Traz lhe a clara manhaá feliz bonança,
Recobra o fruto fertil, & abundante,
Da terra o lavrador, se nella cança:
Mas eu de meu cuydado, & mal tam forte,
Tormento espero só, só crua morte.
De ouvir meu danno as rosas matutinas,
Condoidas se cerram se em urchecem:
Com meu suspiro ardente as cores finas
Perdem o cravo, o linio, & nam florecem,
Co'a roxa Aurora as pallidas boninas,
Em lugar de alegrarse, se entristecem:
Deyxam seu canto Progne, & Filomena,
Que mais lhes doe, que a sua, já minha pena.

Responde o monre concavo a meus ays,
E tu, como aspid, cerras lhe o ouvido:
Os indomitos feros animays,
Sem humano sentir, mostram sentido:
Mas em ti minhas dores desiguaes
Nunca moyem o peyto endurecido:
Por muyto que te chame, nam respondes
E quanto mais te busco, mais te escondes

Naquella parte donde costumavas
Apacenter meus olhos, & teu gado
Alli donde mil vezes me mostravas
Que era o Pastor deti mais desejado,
Veze mil te busquey, por ver se davas
Algun breve descanso, a meu cuydado:
Buscote em vão no valle em vão no monte;
Qual o ferido cervo busca a fonte,
Este lugar de ti desamparado.

Com cujas sombras frias já folgaste,
Agora triste, escuro, he já tornado,
Que todo o bem com tigo nos levaste
Eras tu nosso Sol mais dessejado:
Nam temos luz, despoys, que nos deyxaste
Torna, meu claro Sol; torna meu bem!
Qual he o Jesué, que te detem?

Despoys que deste vallete apartaste,
Nam pacejá algum gado com segura
Secouse o campo des que lhe negaste
Dos teus fermosos olhos a luz pura,
Secouse a fonte, donde já te olhaste,
Quando menos, que agora aspera, & dura:
Nega sem ti a terra, ouvindo gritos,
A as cabras pasto, & leyte aos cabritos.
Sem ti doce cruel minha enemiga,
A clara luz escura me parece:
Este ribeyro, quando a dor me obriga,
Com meu chorar por ti continuo crece.
Nam ha fera, a que a fome nam persiga,
Algun prado sem ti já nam florece:
Cegos estam meus olhos, nada vem,
Porque nam podem ver seu claro bem.

O campo como de antes nam se esmalta
De boninas azues, branças, vermelhas:
Falta agua ao pasto, & sentem da agua a falta
As candidas pacificas ovelhas:
Bem conhecem tambem, que o ceo lhes falta
As doces, & sollicitas abelhas:
Com lagrimas, que manam dos meus olhos
A terra nos produz duros abrolhos.

Torna, poys, já Pastora, ao nosso prado
Se restituir lhe queres a alegria:
Alegrará o valle, o campo, o gado,
E aquelle espelho teu da fonte fria.
Torna, torna, meu Sol tam desejado
Farás a noyte escura claro dia;
E alegre já esta vida mogoada,
Em que só tua ausencia he Parca irada.

Vem como quando o rayo transparente
Deste nosso Orizonte que escondido
Deyxa hum certo temor à mortal gente
Cautado de ver o Orbe elcurecido:
E quando tornà a vir claro, & luzente,
Alegra o mundo todo entristecido:
Que assi he para mi tua luz pura
Claro Sol, como a ausencia noyte escura.

Mas tu esquecida já do bem passado,
E do primeyro amor, que me mostrate,
Teu coraçam de mim tens apartado,
Nam menos que do valle te apartaste!
Nam te quero eu a ti mais, que a meu gado:

Nam

Nam sou eu mesmo aquelle, que tu amaste?
 Onde o meu erro viste, ou delvario,
 Que pôde merecerte hum tal delvrio?
 Bem vés, que por Amor se move tudo,
 E que delle nam ha quem seja isento;
 O mais simples animal, mais baxo, & rudo,
 O de mais levantado pensamento:
 Debaxo da agua fria o peyxe mudo
 Tambem lá tem de ardor seu movimento:
 Poys as aves, que no ar cantando voam,
 Nam menos humas de outras se affeyçoam.
 A musica do leve passarinho,
 Que sem concerto algum solta, & derrama
 De hum raminho saltando a outro raminho,
 Mostra, que por amor suspira, & chama:
 Em quanto no secreto amado ninho
 Nam acha aquelle, q̄ só busca, & ama;
 No canto a nós alegre triste chora,
 Porque teme perder a quem namora.
 A fera, que mais fera, & o leam,
 Sempre acha outro leam, sempre outra fera,
 Em quem possa empregar huma affeyção;
 Que o conversar no peyto seu lhe gera.
 Tambem sabe sentir sua payxam,
 Tambem suspira, morre, desespera,
 Acena, salta, bradá, ferve, & geme;
 E nam temendo a nada, a Amor só teme.
 O cervo, que escondido, & emboçado,
 Temendo o cobiçoso caçador,
 Está na selva, monte, bosque, ou prado
 Alli donde anda, & vive, vive Amor:
 De temor, & de amor acompanhado,
 Com justa causa amor tem, & temor:
 Temor a quem para ferillo vinha,
 Amor a quem já, já, ferido o tinha.
 Poys, te afera insensivel, que nam sente
 Tambem sente de amor afrecha dura,
 Porque a ti nam te abranda hum fogo ardête
 Que procede da tua fermosura?
 Porque escondes a luz do Sol à gente
 Que, nesses olhos trazes bella, & pura?
 Mais pura, mais suave, mais fermoza,
 Que lirio, que jazmim, que cravo, & rosa.
 Pôde ser, se me visses, que sentiras
 Ver liquidar hum peyto em triste pranto,
 E bem pouco fizeras, se me viras,
 Poys eu só por te ver suspiro tanto:
 As magoas, os suspiros, que me ouviras
 Te puderam mover a grande espanto,
 A dor, a piedade, a sentimento,
 Ea mais, que para mais he meu tormento.
 Os pensamentos vaôs, que o vento leve,

O suspirar, em vaõ tambem ao vento;
 Hum esperar á calma, á chuva, á neve,
 E nunca poder verte hum só momento
 Tormento he, que sòmente a ti se deve:
 Ese pôde inda a ver mayor tormento,
 Quem te vio, & se vé de tiausent,
 Muyto mais passará mais levemente.
 Faz môsa apedra dura em sua dureza,
 Com a agua, que lhe toca brandamento:
 Abranda o ferro forte a fortaleza,
 Se lhe toca tambem o fogo ardente
 Em ti só desconheço a Natureza,
 Que a fer de pedra, ou ferro totalmente,
 Já teu peyto cruel fora desfeyto
 Das agoas, & das chamas do meu peyto?
 Quando a fermosa Aurora mostra a fronte
 Alegria toda a terra vendo o dia:
 Quando Febo aparece no Orizonte,
 Manifesta tambem grande alegria:
 Contente pace ogado ao pé do monte,
 Contente a beber vay na fonte fria:
 Está tudo contente, alegre tudo,
 Eu só, só pensativo, triste, & mudo.
 Se já da alma, & do corpo tens a palma;
 E do corpo sem alma nam teys dó,
 Ha dò do corpo só, que esta sem alma,
 Poys sem alma nam vive o corpo só.
 Nas chamas, & no ardor, no fogo, & calma;
 Na affeyçam, no querer, eu sou hum só:
 Nam acharás vontade tam cativa;
 Nem outra como a tua tam esquiva.
 Se te apartas por nam ouvir meu rogo,
 Onde estiveres t'hey de impertunar,
 Posto que vãs por agua, ferro, ou fogo,
 Comtigo em toda parte me has de achar:
 Que o fogo, é q̄ ardo, & a agua em q̄ me afogo
 Em quanto eu vivo for, ham de durar
 Poys o nó, que me enlaça, he de tal sorte,
 Que nam se ha de soltar em vida, ou morte.
 Neste meu coraçam sempre estarás,
 Em quanto a alma estiver com elle unida:
 Tambem o meu esprito possuirás,
 Despoys q̄ a alma do corpo for partida:
 Por mais, & mais que faças, não farás,
 Que deyxes o amarte nesta, & effoutra vida
 Impossivel será, que eternamente
 Ausente estés de mim estando ausente,
 Cà me acompanhará vossa memoria
 Se o rio, que se diz do esquecimento,
 Daminha não borrar tam longa historia:
 Tam grave mal, tam duro apartamento.
 Até quando vos veja entrar na gloria

Vivirey num continuo sentimento
E ainda entãõ véreys [se isto ser possa].
Esta minha alma lá servia a vossa.

Aqui com grave dor, com triste acento
Deu o triste Pastor fim a seu canto:
Com rosto baixo, & alto pensamento,
Seus olhos começaraõ novo pranto.
Mil vezes parar fez no ar o vento,
E apidou no Ceo o Coro santo:
As circumstantes silvas se inclináraõ,
Condoidas das magoas que escutáraõ
Com huma maõ na face, reclinado,
Tam elevado em sua dor estava,
Que como em grave sono sepultado
Nam via, que já o Sol no mar entrava.
Berrando andava em roda o manso gado,
Que o seguro curral já desejava:
Nas covas as raposas, & em seus ninhos
Se recolhem os simples passarinhos.

Já sobre hum seco ramo estava posto
O moucho com funesto, & triste canto:
Ao som delle o Pastor ergueo o rosto,
E vio a terra envolta em negro manto.
Quebrando entãõ o fio de seu gofsto,
E ofio não quebrando de seu pranto,
Por não se esquecer de seu cuydado,
Levou para os curraes o manso gado.

E G L O G A VI.

AGRARIO PASTOR, ALICUTO
Pescador.

*Nesta Egloga chamada contenda introduz o
P. a hum Pastor, & a hum Pescador ar-
gumentando qual seja a milhor
muzica se a dos Pastores, ou
a dos Pescadores.*

A Rustica contenda defusada
Entré as Musas dos bosques das areas,
De seus rudos cultores modulada:
A cujo som atonita, & alneas.
Do monte as brancas vacas estiveram,
E do rio as faxatiles lampreas:
Desejo de cantar que se moveram
Os troncos às avenas das Pastores,
E já silvestres brutos suspenderaõ,
Não menos o cantar dos Pescadores
As ondas amansou do fundo pégo,
E fez ouvir os mudos nadadores.

E se Por sustentarse o moço cego
Nos trabalhos agrestes a alma inflama
O que he mais proprio no ocio, & no sossego,
Mais maravilhas donde avoz da Fama,
No mesmo mar undoso, & vento frio,
Brasas roxas acende a roxa flama.

Vós, ó Ramo de hum tronco alto, & sóbrio
Cuja froudente coma já cubrio
De Lusó todo o gado, & Senhorio;

E cujo saõ madeyro já faio
A lançar a forçosa, & larga rede,
No mais remoto mar, que o mundo vio;
E vós, cujo valor em tanto excede,
Qua a cantalo com voz alta, & divina
A fonte do Parnaso move a fede.

Ouvi da minha humilde çanfonina;
A harmonia, que Vós já levantays
Tanto, que de Vós mesmo a fazeys dina!

Mas se agora, que atãbil me escutays,
Nam ouvirdes cantar com alta tuba,
O que vós deve o mundo, que dourays,

E se os Reys Avós vossos, que de Juba
Os Reynos debellaram, naõ ouvis
Que nas afas do excelso verfo suba;

Se não sabem às frautas postoris
Pintar de toro os campos semeados
De armas, & corpos, fortes, & gentis;

Por hum moço animoso sustentados,
Contra o indomito Pay, de toda Espanha,
Contra a Fortuna vaã, & injustos Fados;

Hũ moço, cujo esforço, brio, & manha
Do Olimpo fez decer o duro Matte,
E darlhe a quinta Esfera, que acompanha

Se não sabem cantar a menor parte
Do sapiente peyto, & graõ conselho.
Que pôde (ó Reyno illustre!) descansar;

Peito, que ao duro Apollo faz vermelho
Deyxar o sacro Monte, & as nove Irmaas,
Porque a elle se affeytê como a espelho;

Saberãẽ bem cantar, en nada vaãs
De Alicuto as contendas, & de Agrario;
Hum de escamas cuberto, outro de laãs

Véreys (Duque Sereno) o estilo vario
A nós novo, mas noutro mar cantando
De hum, q' s'õ foy das Musas Secretario.

O Pescador Sincero, que amansado
Tem o pégo de Prochita co' o canto,
Por as sonoras ondas compassado.

Desto seguindo o som, que pôde tanto,
E misturando o antiguo Mautuano,
Façamos novo estilo novo espanto.

Partirale do mote Agrario infano,

Para onde a força só do pensamento
 Lhe encaminhava o laço peso humano
 Embebido em hum longo esquecimento
 De si, já não já só de pobre fato,
 Apos hum doce sonho, & fingimento
 Rempendo as silvas horridas do mato,
 Vay por cima de outeyros, & penedos,
 Fugindo, enfim, de todo humano trato.
 Ante os seus olhos leva os olhos ledos
 Da branca Dinamene, que enverdece,
 Só co' o meneo valles, & rochedos.
 Ora se ri comfigo, quando tece
 Na fantasia algum prazer fingido,
 Ora falla, ora mudo se entristece.
 Qual a terra novilha, que corrido
 Tem montanhas fragoas, & espessuras,
 Por buscar o conigero marido,
 E cansada nas humidas verduras
 Cair se deyx a ao longo do ribeyro,
 Já quando as sombras vê caindo escuras,
 E nem co' a noyte ao valle seu primeyro
 Se lembra de tornar como soia,
 Perdida por obruto companheyro,
 Tal Agrario chegado, en fim, se via
 Onde o gram pégo horrifono suspira.
 Numa praya arenosa, humida, & fria,
 Tanto que ao mar estranho os olhos vira,
 Tornando em si, de longe ouvio tocar-se
 De dóta mão, nam vista & nova lira.
 Fez lhe o som defusado desviar-se,
 Para onde mais soava, desejando
 De ouvir, & conversar, & de provar-se.
 Muyto não tinha proteguido, quando
 Em a concavidade de hum penedo,
 Que pouco a pouco fora o mar cavado,
 Topou hum Pescador, q' pronto, & quedo
 Numa pedra assentado, brandamente
 Tangendo, fez o mar sereno, & ledo.
 Mancebo cia de idade florecente
 Pescador grande do alto, conhecido
 Por onome de toda humida gente.
 Alicuto se chama, que perdido
 Era por atémofa Lemnoria,
 Ninfa que tem o mar ennobrecido.
 Por ella as redes lança noyte, & dia
 Por ella as ondas tumidas detreza,
 Por ella sofre o Sol & achuva fria.
 Co' o seu nome mil vezes a braveza
 De irados ventos amansou co' o verso
 Que remove das rochas a dureza.
 E agora em som de voz suave, & terso
 Está seu nome a os Ecos ensinando

Por estilo do Agreste som diverso
 Ouvindo Agrario a tonito, afroyxando
 Da fantasia hum pouco seu cuydado,
 Suspenso teve os numeros notando,
 Mas Alicuto vendose estorvado
 Por hum Pastor, da musica divina,
 O rosto levantou bem sossegado.
 E disse assim: Vaqueyro da campina,
 Que vem buscar as arenosas prayas,
 Onde abella Amphitrite só domina?
 Que razám ha Pastor, para que sayas
 A este nosso escamoso, & vil terreno,
 Dos teus flóridos mirthos, & altas fayas?
 Poys se agora o mar ves brando, & sereno
 E estenderse estas ondas por a área
 Amanzadas das magoas com que peno,
 Logo verás o como defenfrea
 Eolo o vento por omar undoso,
 De forte que Neptuno se recea.
 Responde Agrario: O musico, & amoroso
 Pescador! Eu não venho a ver olago
 Bravo, & quieto, ou vento brando, & iroso
 Mas o meu pensamento, com que apago
 As flamas ao desejo, me trazia
 Sem ouvir, & sem ver, suspenso, & vago
 Até que atua angelica armonia
 Me acordou, vendo o som, com q' aqui cantas
 A tua perigosa Lemnoria.
 Mas se de verme cá no mar te espanras,
 Eu me espanto tan bem do estilo novo,
 Com que as ondas horrifonas quebrantas.
 Potém se com verdade o louvo, & aprovo
 Desejo de o aprovar contra o silvestre
 Antigo pastoril, que eu mal renovo
 E tu, que no tocar pareces mesire,
 Bem julgarás, se ha clara differença
 Entre o canto maritimo, & o compestre.
 Não ha (disse Alicuto) em mi detença,
 Alvorço antes ha, por mais que veja,
 Que a tua confiança só me vença.
 Mas porque saybas, que nenhuma enveja
 Os Pescadores temos aos Pastores,
 Do sem, que no parnaso se deseja,
 Toma a lira na mão, que os meradores
 Do virte o fundo vedo estou juntarte
 Para ouvir nos os rusticos amores.
 Bem ves por essa praya presentarse
 Nas centhas varia cor a vista humana;
 E o mar vir por entre ellas, & tornarse.
 Sossegada do vento a furia insana,
 Encrespa brandamente o ameno rio,
 Que seu licor aqui mistura, & dana.

Este penedo concavo, & sombrio,
 Que de cangrejos vês estar cuberto,
 Nos dá abrigo do Sol, quieto, & frio.
 Tudo nos mostra, enfim, repouso certo.
 E nos convida ao canto, com que os mudos
 Peyxes faem ouvindo ao ar aberto.
 Assim se defaíam estes rudos,
 Poetas, nos officios discrepantes,
 Nos engenhos, porém, sutis, & agudos.
 Eys já mil companheyros circunstantes
 Estavam para ouvir, & aparelhavam
 Ao Vencedor os primeyros semelhantes.
 As bem sonantes lyras se tocavam:
 Agrario começava, & de harmonia
 Os Pescadores todos se admiravam:
 E desta arte Alicuto respondia.

A G R A R I O.

Vós semicapros Deoses do alto monte,
 Faunos longevos, Satiros, Si vanos;
 E vós Deosas do bosque, & clara Fonte,
 E dos troncos, que vivem largos annos:
 Se tendes pronta hum pouca a sacra fonte
 A nossos veros rusticos, & humanos,
 Ou me day já a capella de loureyro,
 Ou penda a minha lira de hum pinheyro

A L I C U T O.

Vós humidas Deydades deste pégo,
 Tritoeus ceruleos, Protéo, com Palemo
 Vós Néreydas do sal, em que na vego,
 Por quem do vento as furias pouco temo:
 Se às vossas sacras Aras nunca nego
 O congro nadador na pã do remo,
 Nam consintays, que a musica marinha
 Vencida seja aqui na lira minha.

A G R A R I O.

Pastor se fez hum tempo o moço louro,
 Que do Sol as carreras move, & guia:
 Ouvio o rio Amphrifo a lira de ouro,
 Que o seu claro inventor allitangia
 Io foy vaca; Jupiter foy touro
 Manfas ovelhas junto da agua fria
 Guardou fermoso Adonis; & tornado
 Em bezerro Nepruno foy já achado

A L I C U T O.

Pescador já foy Glauco, & Deos agora
 He do mar, & Protéo Focas guarda.
 Naceo no pégo a Deosa, que he Senhora
 Do amoroso prazer, que sempre tarda.
 Se foy bezerro o Deos, que cá se adora
 Tambem já foy Delfim. Se se resguarda,
 Vnese, que os moços pescadores eram
 Que o escuro enigma ao primo Vate deram.

A G R A R I O.

Fermosa Dinamente, se dos ninhos
 Os implumes penhores já furtey
 Aa doce Filomela, & dos murtinhos
 Para ti (fera) as flores apanhey:
 E se os crespos madronhos nos raminhos
 Com tanto gosto já te presentey
 Porque nam dás a Agrario desaitoso
 Hum só revolver de olhos piadoso?

A L I C U T O.

Para quem trago de agua em vaso cavo
 Os curvos camaroeus vivos saltando
 Para quem as conchinhas ruyvas cavo,
 Na praya os brancos buzios apanhando
 Para quem de margulho no mar bravo
 Os ramos de coral vou arrancando,
 Sanaõ para a fermosa Lemnoria,
 Que c'hum só riso a vida me daria?

A G R A R I O.

Quem vio desgrenhado, & crespo Inverco
 De altas nuves vestido, horrido, & fœo,
 En negrecendo a vista o Ceo supreno
 Quando os troncos arranca o rio cheo
 Rayos, chuvas, rroyoens, hum triste Inverno,
 Que ao mundo mostra hum pallido receo;
 Tal o Amor he ciota, a quem suspira
 Que outrem de seus trabalhos se a provcyta

A L I C U T O.

Se alguem vé, se alguem ouve, o sibilante
 Furor, lançando flamas, & bramidos,
 Quando as pasmosas serras traz diante
 Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos,
 A braços derribando o já nutante

Mundo, co'os Elementos destruidos:

Alli me representa a Fantasia

A desesparaçam de ver hum dia

A G R A R I O.

Minha alva Dinamente, a Primavera,
Que os deleytosos campos pinta, & veste,
E rindose huma cor aos olhos gera,
Que em terra lhes faz ver o Arco Celeste
As aves, as boninas, a verde hera,
E toda a fermosura amena agreste,
Naõ he para os meus olhos tam fermosa
Como a tua, que abate o lirio, & rosa

A L I C U T O.

As conchinhas da praya, que presentaõ
A cor das nuvens, quando nasce o dia;
O canto das Sitenas, que adormentaõ:
A tinta, que no Murice se cria:
O navegar por ondas, que se assentaõ
Co' o brando bafso, com que o Sol se enfria
Naõ podé, Ninfa minha, alli aprazerme,
Como o verte, se em tanto chego a vreme.

A G R A R I O.

A Deola, que na Libica lagoa
Em fórma virginal appareço,
Cujo nome tomou, que tanto soa
Os olhos bellos tem da cor do Ceo:
Garços os tem: mas huma, que a coroa
Das fermosas do campo mereço,
Da cor do campo os mostras graciosos;
Quem diz, que naõ saõ estes os fermosos?

A L I C U T O.

Perdoem me as Deydades, mas tu Diva,
Que no liquido mar more es gerada,
A luz dos olhos teus celeste, & viva,
Tens por vicio amoroso atravessada
Nós petos lhes chamamos; mas quem priva
De luz o dia baixa, & fofsegada,
Traz à dos seus nos meus, que eu o naõ nego
E com toda esta luz sempre estou ceho.

Alli cantavam ambos cultores
Do monte, & praya; quando os talháram
A hum Pastor es, a outro Pescadores.

E quaesquer a seu Vate coroáram
De capellas idoneas, & fermosas,
Que as Ninfas lhes tecéram, & ordenáram
A Agrario de murinhos, & de rosas,

II. Part.

A Alicuto de hum fio de torcidos
Buzios, & conchas ruyvas, & lustrosas.

E stavam na agua os peyxes embebidos
Com as cabeças fóra, & quasi em terra
Os musicoe delhins estam perdidos.

Julgavam os Pastores, que na terra
O cumé, & preço está do antigo canto;
Que quem o nega contra as Musas erra.
Dizem os Pescadores, que outro tanto
Tem da sònora fruta, quanto teve
O monte pastoril da antiqua Manto.

Mas já o Pastor de Adméto o carro leve
Molhaya na agua amara, & compelia
A recolher a roxa tarde, & breve.
E foy fim da contenda o fim do dia.

E G L O G A VII.

INTERLOCUTORES

SATIRO I. SATIRO II.

*Nesta Egloga chamada Faunos offerece o P.
a Dona Antonia de Noronha, em que
conta os amores delles com as Ninfas
fugitivas.*

AS doces cantilenas, que cantavam
Os semicapros Deos amadores
Das Napéas, que os montes habitavam;
Cantando escreverey: que se os a. a. ores
A silvestres Deydades maltratáram
Já ficam desculpados oa Pastores.
Vós, Senhor Dom Antonio, em que acharaõ
O claro Apolo, & marte, hum ser preseyto
E suas altas montes assinaram;

Seo meu engenho he rudo, ou imperfeyto
Bem sabe onde se salva, poys pertende
Levantar com acausa o baxo effeyto.

Em vòs minha fraqueza se de fende,
Em vòs instilla a Fonte de Pegasol
O que meu canto por o mundo estende.

Vedes, que as altas Musas do Parnaso
Cantando vos estam na doce lira,
Tomandome das mãos taõ alto calo,

Vedes o louro Apollo, que me tira
De louvar vossa estripte, & escurece,
O que a vosso louvor meu canto aspira.

Ou por me aver enveja me falece,
Ou por naõ ver loar na fruta ruda,
O que a sònora citara merece.

X

Pois

Poys sey dizer, Senhor, que a lingua muda
 Em quanto Progne triste o sentimento
 Da corrompida irmaã co' o pranto ajuda
 E emquanto Galatêa ao manso vento
 Solta os cabellos louros da cabeça,
 E Titiro nas lombros faz assento;
 E emquanto flor aos campos não faleça,
 (Se não recebeys isto por a fronta)
 Fará, que o Douro, & o Ganges vos conheça.
 E já que a lingua nisto fica pronta.
 Consentí, que a minha Egloga se conte,
 Em quanto Apollo as vossas causas conta.
 No cume do Parnaso, duro monte
 De silvestre arvoredos rodeado,
 Nace huma cristalina, & clara fonte
 Onde hum manso Ribeyro derivado
 por cima de alvas pedras mansamente
 Vay correndo suave, & fozsegado.
 O murmurar das ondas excellente,
 Os passaros incita, que cantando
 Fazem o verde monte mais contente.
 Tam claras vam as aguas caminhando.
 Que no fundo as pedrinhas delicadas
 Se podem, huma, & huma estar contando.
 Não se veram em derredor pisadas
 De fera, ou de pastor, que alli chegasse,
 Porque do espesso monte são vedadas
 Herva se não verá, que alli criasse
 O monte ameno, triste, ou venenoso,
 Senão que lá no centro as igualasse.
 O roxo lirio a par da branca rosa,
 A cécem pura a flor, que dos amantes
 A cor tem magoada, & faudosa.
 Alli se vem os mirtos circunstantes,
 Que a cristalina Venus en cubriam,
 Escondendoa dos Faunos petulantes.
 Hortalaã, mangerona, alli respiram.
 Onde nem frio Inverno, ou quente Estio
 As murcharam já mais, ou secas viram.
 Desta arte vay seguindo o curso o rio
 O monte inhabitado, & o deserto,
 Sempre com verdes arvores sombrio.
 Aqui huma linda Ninfa, por acerto
 Perdida da fragueyra companhia,
 A quem este lugar era encuberto:
 Cansada já da caça vindo hum dia
 Quiz descansar à sombra da espessura
 E tirar nas mãos alvas da agua fria.
 A novidade vendo manifesta
 Do sitio, & como as arvores com o vento
 As calmas defendiam da alta festa;
 Das ayes o lasciyo movimento

Que em seus módulos versos ocupadas
 As afas dam ao doce pensamento
 Tendo notado tudo, já passadas
 As horas da graã festa, se torvou
 A buscar as irmaãs no centro amadas
 Despoys que largamente lhes contou
 Do não visto lugar, que perto estava,
 E tanto por estremo a namorou;
 Que ao outro dia fossem, lhes rogava
 Alavar se em aquelle fonte amena
 Que tam fermosas aguas destilava
 Já tinha dado hum giro a luz serena
 Do gram Pastor de Adméro, & já nacia
 Aos ditos amantes nova pena:
 Quando as fermosas Ninfas em profia
 Para o lugar do monte caminhavam
 Rompendo a manhaã roxa, alegre, & fria
 Dehuma os louros cabellos se espalhavaõ
 Por o fermoso collo sem concerto,
 E com mil nös suaves se enlaçavam.
 Outra levando o collo descuberto,
 Por mais despejo em tranças os atára,
 Avendo porpejado o desconcerto.
 Dinamente, Efire, a quem topára
 Nuas Febo em hum rio, & encubriram
 Seus delicados corpos na agua clara.
 Sirene, & Nise, que das mãos fugiram
 Do Têgeo Pan, Aman, a, & mais Elisa
 Destras nos arcos mais q' quantai tiram,
 Alinda Daliana, com Belisa
 Ambas vindas do Tejo, que como ellas
 Nenhuma tam fermosa as ervas pisa
 Todas estas Angehas Donzellas
 Por o vicoso monte alegres hiam,
 Quaes no Ceo largo as nitidas Estrellas.
 Mas dous silvestres Deoses, que traziaõ
 O pensamento em duas ocupado,
 A quem de longe mais que ali queriam:
 Nam lhes ficava monte, valle, ou prado,
 Nem arvore, por onde quer q' andavam
 Que não foubesse delles seu cuydado.
 Quantas vezes os rios, que passavam,
 Deciveraõ seu curso, ouvindo os dannos,
 Que aos propios duros montes magoavam!
 Quantas vezes Amor de tantos annos
 Abrandára qualque vontade isenta,
 Se em Ninfas coraçoes ouvesse humanos!
 Mas quem defeu cuydado se contenta,
 Offereça de longe a paciencia
 Que Amor de alegres magoas se sustenta.
 Que o moço Idalio quiz nesta ciencia,
 Que se compadescem dou contrarios.

Digao quem tiver delle experiencia.

Indo os Deoses, enfim, por montes varios
Exercitando os olhos saudosos,
Ao cristelino rio tributarios:

Topárao dos pés alvos, & mimosos,
As pisadas na terra conhecidas,
As quaes foraõ seguindo presurofos.

Mas encontrando as Ninfas, que despidas
Na clara fonte estavaõ, naõ cuydando,
Que de alguem fossem vistas, ou sentidas;

Deyxaraõse estar quedos, comtemplando
As feyçoens nunca vistas, demancyra,
Que vissem sem ser vistos; espreytando.

Porém a aspeffura mata manfageyra
Dacilada dos dous, com o rugido
Dos raminhos de hum a serra a valeyra;

Manifestando claro o escõdido,
Todas hum a tal grita levantaraõ,
Que o monte parecõ ser destruido.

Assi despidas logo se lançaraõ
Por a aspeffura tam ligureymente
Que mais que o proprio vento entam voaraõ

Qual o bando das pombas quando sente
Arapida Aguia, cuja vista pura
Naõ obedeceõ ao Sol resplandecente;

Em prestalhe o temor da morte dura
Nas alas novo alento, naõ parando,
Veloz rompendo o ar fugir procura;

Destas artes Deosas timidias, deyxando
De seu despojo os ramos carregados,
Nuas por antre as silvas vam voando.

Mas os amantes já desesperados,
Que para as alcançar, enfim, se viam
Nada dos pés caprinos ajudados;

Com amorosos brados as seguiam
Hum sô [que o outro ainda naõ tomava
Folego algum da pressa, que traziaõ]

Destas sorte tentido se queyxava.

SATIRO PRIMEYRO.

A! Ninfas fugitivas,
Que só por naõ ufar humanidade,
Os perigos dos matos naõ temeys!

Para que soys esquivas?
Que inda de nós naõ peço piedade,
Mas dessas alvas carnes, que offendeys,

A! Ninfas; naõ vereys,
Que Euridice fugindo dessa sorte
Fugio do amante, & naõ da fera morte?

Tambem assi Epirie foy mordida
Dabivora escõdida.

Olhay a serpe oculta na herva verde.
Quem o rigor naõ perde, perde a vida.

Que tigre, ou que leam,
Que peçonhenta fera venenosa
Ou que enemigo, em fim, vos vay seguindo?

De hum brando coraçam,
Que prelo dessa vista rigurosa
De si para vòs, foge andays fugindo?

Olhay, que em gesto lindo
Naõ se consente peyto taõ disforme,
Se naõ quereys, que tudo se conforme.

Posto que bellas na agua vos vejays,
A a fonte naõ creays,
Que vos traz enganadas por vingança

Desta nossa esperanza, que enganays.
Mas ah! que naõ confinto,
Que nem pelavra minha vos offende.

Posto que me desculpe a magoa pura
Digo, Ninfas, que minto:
Poys mal pôde aver nunca, qué pertenda

Negar vos essa rara fermosura.
Se amor de tanta dura
Por tanto mal tam pouco bem merece;

Nam estranheys, minha alma se endoudece:
Que se doudices falla de improvilo,
Sem tento, & sem aviso,

Queyra Deoe, que dureza tam crecida
Me naõ prive da vida além do siso.

Cousas grandes, & estranhas
Por o mundo tem feyto, & faz Natura,
Que a qué vos naõ vio, Ninfas, muyto espãtaõ

Nas Libicas montanhas
As Scitales sam feras de pintura
Tam singular, q' só co' a vista encantam.

As Hienas levantam
A voz tam natural à voz humana,
Que a quem as ouve, facilmente engana.

E vós (ó gentis feras!) cujo alpeyto
O mundo tem fogeyto,
Tendes de natureza juntamente

A vista, & voz de gente, & fero o peyto
Das amorosas leys,
Com que liga Natura os caraçoens;

Andays fugindo (ò Ninfas!) na aspeffura
Como? E nam vos correys
De aver em vòs tam duras condiçoens

Que possam mais que a provida Natura?
Se vossa fermosura
He sobrenatural, nam he forçado

Que assi tenha tambem o peyto irado:
Antes ao puro Amor, em cuja maõ,
Os coraçõens estaõ,

Por vossa gentileza tão fermosa,
Lhes de vey's amorosa condição.

Amor he hum brando affecto,

Que Deos no mundo poz, & a Natureza

Para aumentar as causas, que criou,

De Amor está sujeyto,

Tudo quanto possue a redondeza:

Nada sem este affecto se gerou,

Por elle conservou

Acausa principal o mundo amado,

Donde o Pay famulento foy deytado,

As causas elle as ata, & as conforma

Com o mundo, & reforma

A materia: Quem ha, que não o veja?

Quanto meu mal deseja sempre forma

Entre as plantas do prado

Não ha machos, & femeas conhecidas,

Que junto huma da outra permaneca:

Não estão carregados

Os ulmeyros das vides retorcidas,

Onde o cacho enforcado amadurece,

Não vedes, que padecem

Tanta tristeza a róla por a morte

Da sua amada, & unica consorte?

Poys lá no Olimpo, ja quantos cativou

Cupido, & maltratou?

Melhor, que eu o dirá a sutil Donzella,

Que já na sua tella o dibujou.

Ahi cafo grande, & grave!

Ahi peytos de diamante fabricados

E das leys, absolutas, naturays!

Aquelle Amor suave;

Aquelle poder alto, que forçados

Os Deoses obedecem, desprezais

Poys quero, que saybays,

Qua contra o fero Amor nunca ouve escudo.

Costume he seu tomar vingança em tudo.

Eu vos verey lançar em hum momento

Suspiros mil ao vento,

Lágrimas, triste pranto, & nova dor,

Por quem tenha outro amor no pensamento.

Mais quisera dizer

O delitoso Amante, que ajuda to

Se via então da mágoa, & da tristeza:

Mas foy lho defender

O outro companheyro, como tra

Com tão disforme, & a spera dureza.

Aquillo, que arudeza

De huma ciencia agreste, lhe ensinára,

Disse, qual se em tal ponto despertára:

De horrendo sonho com pesado grito:

O mais que alli foy dito,

Vós Montes, o direys, & vós, Penedos,
Que em vossos arvoredos anda elcrito.

SATIRO SEGUNDO.

Nem vós nascidas soys de gente humana,

Nem foy humano o leyte, que mamastes,

Mas de alguma disformie fera Hircana;

Lá no Cauçaso horrendo vos criastes:

De aqui trouxeites a aspereza insana;

De aqui os calidos peytos congelastes.

Soys Esphinges nos gestos naturays,

Que de humanas os rostos sò mostrays.

Se vós fostes criadas na espessura,

Onde não ouve cousa, que se achasse,

Agua, pedra, arbor flor, ave, alma dura,

Que em seu passado tempo não amasse;

Nem a quem a affeyçam suave, & pura,

Nessa perfente forma não mudasse;

Potque não deyxareys tambem memoria

De vós em namorada, & longa historia?

Olhay, como na Arcadia soterrando

O namorado Alphêo sua agua clara;

Lá na ardente Sicilia vay bulcando

Por de baxo do mar a Ninfa chara.

Affi tambem vereys passar nadando

Acis, que Galatêa tanto amara,

Por onde do Ciclope a grande magua

Converteo do mancebo o sangue em agua.

Viray os olhos, Ninfas, à Ericina

Espessura; vereys alli mudar se

Egeria, & em fonte clara, & cristalina

Por a morte de Numa destilar se.

Olhay, que a triste Biblis vos ensina,

Com perder se de todo, & transformar se

Em lagrimas, que enfim, puderam tanto,

Que acrecentaram sempre o verde máto.

E se entre as claras aguas ouve amores,

Os pendos tambem foraõ perdidos.

O lhay os dous conformes amadores

Lá no Monte Ida em pedra convertidos.

Letêa, por cair em vaos errores

De sua fermosura procedidos;

Oleno, por que a culpa em si tomava,

Por escusar a pena a quem amava.

Tomay exêplo, & vede em Cipro aquella

Por quem Iphis no laço poz a vida.

Tambem vereys em pedra a Ninfa bella;

Cuja voz foy por Juno consumida;

E se quevxar se quer de sua estrella

A voz extrema sò lhe he concedida

E tu tambem [ô Diaphnis] que trouxeste

Primeyro ao monte o doce verso agreste.

Tamanho amor lhe tinha a branda amiga
 Que em inimiga, enfim, se foy tornando:
 Porque outra Ninfa estranha já o sogiga,
 O Suas magicas hervas vay buscando,
 Olhay a quanto a crua dor obriga!
 Por vingarle allí irada, transformando
 O foy em pedra Oh dura consulaõ!
 Despoys lhe pefaria, mas em vaõ

Olhay (Ninfas) as arvores alçadas,
 A cuja lombra andays colhendo flores,
 Como em seu tempo foram namoradas,
 Do que inda agora o tronco sente as dores,
 Vereys entre as de fruto matizadas:
 Como a cor das amoras he de amores:
 O sangue dos amantes na verdura
 Testimunha de Tisbe a sepultura,

E ja por ao dorifera Sabéa,
 Nam vedes, que de lagrimas de aquella,
 Que com seu Pay se junta, & se recrea,
 Arabia se enriquece, & vive della?
 Lembray vos da verde arvore Penea,
 Que foy já noutro tempo Ninfa bella:
 E Cipariso angelico mancebo,
 Ambos verdes com lagrimas de Febo,

De Frigia vede o moço delicado,
 No mais alto arvoredado convertido,
 Que tantas vezes fere o vento irado,
 Galardam de seus erros merecido:
 Poys da alta Bircintia sendo amado
 Por huma Ninfa baxa foy perdido:

E a Deosa, a quem perdeo do pensamento,
 Quiz, que tambem perdesse o entendimento.
 O subito furor lhe figurava,
 Que as arvores, & os montes se cahiam:
 Já dos pudicos membros se privava,
 Que os horrores a tanto o conflagriam.
 Já no indignado monte se lançava:
 De sua morte as feras se doiam.
 Desta arte perdéo Atiys na espeffura,
 Despoys de tantas perdas, a figura.

Lembrevos, quando as gentes celebravaõ
 Em Grecia as grandes festas de Licéo,
 Onde as fermosas Ninfas se juntavam,
 E os sacros moradores do Licéo,
 Todos em doce sono se occupavam
 Por o monte, despoys que anoyteceo:
 Mas o Deos do Helespoto nam dormia,
 Que hum novo amor o sono lhe impedia

Mas ella, enfim os braços estendendo,
 Em ramos se lhe foram transformando;
 Em raizes os pés se vam torcendo,
 E o nome Loto só lhe vay ficando.

Vede, Napéas, este caso horrendo,
 Que vos está de longe ameaçando.
 Allí rambem de aquella, a quem seguia
 O Sacro Pan, a forma se perdia.

Que vos direy de Felis, poys perdida
 Dá saudosa dor, com que vivia,
 A desesperaçam, enfim, trazida
 Do comprido esperar de dia em dia?
 Por desatar do corpo a triste vida,
 Atava ao collo a cinta, que trazia:
 Mas o tronco sem folha, por o monte
 Ródope, abraça o lento Demofonte.

Nas boninas tambem vereys Jacinto,
 Porque Febo de si se queyxa em vaõ:
 Vereys o Monte Idalio em sangue tinto
 Do nero de seu Pay, da Mãy Irmaõ.
 Chora Venus a dor do moço extinto;
 Maldiz o Ceo, & a terra, com razão:
 A terra, porque logo nam se abrio;
 O Ceo, porque tal morte permitio.

E tu, constante Clicie, a quem fallece
 A fé de teus amores enganofos,
 No louro amante, que de ti se esquece
 Se esquecem os teus olhos saudofos.
 Nenhum alegre estado permanece,
 Que sam do mundo os gostos mentirofos;
 E à tua clara luz, por quem suspiras,
 Ainda agora em herva a folha viras.

Tragovos estas cousas á lembrança,
 Porque se estranhe mais vossa crueza,
 Com ver, que a criaçam, & longa usança
 Vos não perverte, & muda a natureza.
 Dou as lagrimas minhas em fiança,
 Que em tudo quanto está na redondeza,
 Coufa de Amor isenta, se atentays,
 Em quanto vos nam virdes, nam vejais.

Já disse, que de Amor sempre tiveram
 As cousas intensiveys pena, & gloria:
 Vede as sensiveys como se perderam
 E dirvoshey das aves larga historia.
 As penas, que em sua alma se sofreram,
 Nas azas lhes ficaram por memoria:
 E aquelle altivo, & leve movimento,
 Lhes ficou do vcar do pensamento.

O doce roxincl, & a andorinha,
 Donde lhes veyo o ir se transformando,
 Se não do puro emor, q. o Tracio tinha,
 Que em Poupa ainda a amada vay chamãdo;
 Clama sem culpa a misera a vezinha,
 Que na area de Phasis habitando,
 Dorio toma o nome; & quando clama,
 Cruel à Mãy, ao Pay injusto chama.

Vede

Vede a que engeytou Pallas por fallar,
 Que dos amores he mayor defeyto;
 E aquella, que succede em feu lugar,
 Ambas aves de Amor usado effeyto.
 Huma, porque fugi ao Deos do mar;
 Outra, porque tentara o patrio leyto:
 E Scylla, que o feu Pay poz em perigo,
 Só por ser muyto amiga do inimigo.

E Pico, a quem ficaram inda as cores
 Da purpura Real, que antes vestia.
 Etáco, que o seguir de seus amores
 O trouxe a ver taõ cedo o estremo dia.
 Ou vede os dous tam firmes amadores:
 Que Amor aves tornou na praya fria:
 Do Rey dos ventos era genro o triste:
 Mas contra o Fado, em fim, nada resiste.

Estava a triste Alcione esperando
 Com longos olhos o marido ausente;
 Mas os ventos indomitos soprando,
 Nas aguas o afogaram tristemente
 Em sonhos se lhe está representando;
 Que o coraçam presago nunca mente:
 Sò do bem as suspeytas mentirám,
 Mas as do mal futuro certas sam.

Ao pranto os olhos seus a triste ensaya,
 Buscando o mar com elles hia, & vinha,
 Quando o corpo sem alma achou na praya.
 Sem alma o corpo achou que na alma tinha
 O Nereydas do egeo, contiolaya,
 Poys este pio officio vos convinha.
 Confolaya; fahi das vossas aguas,
 Se consolaçam ha em grandes magoas.

Mas, ò necio de mi! Que estou fallando
 Das avizinhas manfas, & amorosas,
 Poys tambem teve Amor natural mando
 Entre as feras montes venenosas!
 O leam, & a Leoa, como, ou quando
 Taes formas alcançaram temerosas?
 Sabeo da Deosa Dindimene o Templo;
 E a que a Adonis o dava por exemplo.

Quem foffe a manfa vaca dilohia,
 Mas o gram Nilo o diga, poys a adora
 Que forma teve a Uta, saberse hia
 Do Pòlo Boreal, onde ella mora.
 O caso de Acteon tambem diria
 Em cervo transformado; & melhor fora
 Se dos olhos perdèra a vista pura
 Que em feu galgos achar a seplutura.

Tudo isto A eteon vio na fonte clara
 Onde a si de improviso em cervo vio:
 Que quem alli desta arte alli o topàra,
 Que se mudasse em cervo permitio.

Mas como o triste Princepem si achára
 A desulada fôrma, le partio
 Os seus, desconhecendo, o vam chamando,
 E rondoo alli presente, o vam buscando.

Co'os olhos, & co'o gesto lhes fallava;
 Que a voz humana já perdida tinha.
 Qualquer d'elles porelle entam chamava,
 E amultidaõ dos caens contra elle vinha.
 Hum cervo acude a ver (qualquer gritava)
 A eteon, donde estàs? Acude a finha.
 Que tardar tanto he este? (repetia)
 He este; he este; o Ecco respòdia.

Quantas cousas em vaõ estou fallando
 (Oh Napeas esquivás!) sem que veja
 O peyto de diamante hum pouco brando,
 De quem meu danno tanto só defeja.
 Poys pormais que de mi meandey's tirando
 E pormais longa, enfim, que a vida seja,
 Nunca em mi se verà tamanha dor,
 Que Amor a nam converta em mais amor.

Aqui (fermosas Ninfas) vos pinteý
 Todo de amores hum jardim suave,
 De aguas, de pedras, de arvores conteý
 De flores, de almas feras, de huma, outra ave.
 Se este amor, que no peyto aposentey,
 Que dos contentamentos tem achave,
 Por dita em tempo algum determinasse,
 Que de tam longos dannos vos pesasse:
 Quanto mais de vagar vos contaria
 De minha larga historia, & nam alhea;
 E com quanta mais agua regaria,
 Que o rio, de contente, a branca area
 Novo contentamento me seria,
 Formar de meu cuydado a nova idéa
 E vós gostando deste estado ufano,
 Zombarieys entam de vosso engano.

Mas com quem fallo já Que estou gritado
 Pois nam ha nos penedos sentimento?
 Ao vento estou palavras etpallhando;
 A quem as digo, corre mais que o vento,
 A voz, & avida, a dor me está tirando
 E o tempo nam me tira o pentamento.
 Direy, em fim, ás duras esquivanças,
 Que sò na morte tenho as esperanças.

Aqui sentido o Satiro, acabou
 Com huns soluços, que a alma lhe arrancavaõ
 Os montes insensiveys, que aballou,
 Nas ultimas respostas o ajudavam
 Entam Febo nas aguas se encerrou
 Co'os animaes, q' o mundo alumia vam,
 E co'o luzente gado appareceo
 A candida Pastora por o Ceo.

E G L O G A VIII.

PISCATORIA.

S E R E N O S O L O.

Nesta Egloga descreve o ardente affecto com que aora, & dezeja ver a Ninfa Galathea.

ARde por Galathea branca, & loura,
Serenos Pescador pobre, forçado
De huma estrella, que quer a mingoa moura.

Os outros Pescadores tem lançado
No Tejo as redes; elle só fazia
Este queyxume ao vento descuydado.

Quando virá (fermosa Ninfa) hum dia,
Em que te possa dar a conta estreyta
Desta doudice triste, & vaá porfia?

Não ves, q̄ me foga a alma, & q̄ me enjeyta
Buscando em hum sô riso de essa boca,
Nos teus olhos azues manfa colheyta?

Se ao teu espirito alguma magoa toca,
Se de amor fica nelle huma pégada,
Que te vay, Galathea, nesta troca?

Dartehey minha alma: lá me tens roubada
Nam ta demandarey: dáme por ella
Huma sô volta de olhos descuydada.

Se muyto te parece, & minha estrella
Nam consentir ventura tam ditosa,
Doute as alas do Amor perdidas nella.

Que mais te posso dar, Ninfa fermosa,
Inda que o mar de aljófar me cubrira;
Toda esta praya leda, & graciota.

Amanfame ondas, quebra o vento aita;
Minha tormenta so nunca so flega:

O meu peyto arde em vam, em vam suspira.

Anda no romper da alva a ne voa cega
Sobre os montes d' Arrabida viçosos

Em quanto o Solar rayo lhes não chega

Eu vendo aparacer outros termofos
Rayos, q̄ a graça, & cor ao Ceo roubáraõ
Se os olhos cegos vi, vejo faudosos.

Quantas vezes as ondas se en crespáram
Com meus suspiros! Quantas com meu prâto
As fiiz parar de magoa, & me escutáram!

Se na força dador a voz levanto
E ao som do remo, q̄ agua vay ferindo
Porante a Lua meu cuydado canto;

Os maviosos delhins me estam ouvindo;
A noyte sossegada; o mar callado:
Tu lo foges de ouvirme, & te vâs rindo.

Eltranhas, por ventura, o mar cercado
Da fraca rede; a barca ao vento solta;
E hum pobre Pescador aqui lançado.

Antes que o Sol no Ceo cerre huma volta,
Se pôde melhorar minha ventura,
Como a outros succede na agoa envolta.

Igual preço nam he da fermosura
De ouro o area; que o rico Tejo espraya,
Mas hum Amor, que para sempre dura.

Vejam teus olhos (bella Ninfa) a praya;
Verás teu Nome na mimota area.
Nunca lobre elle o mor com furia say!

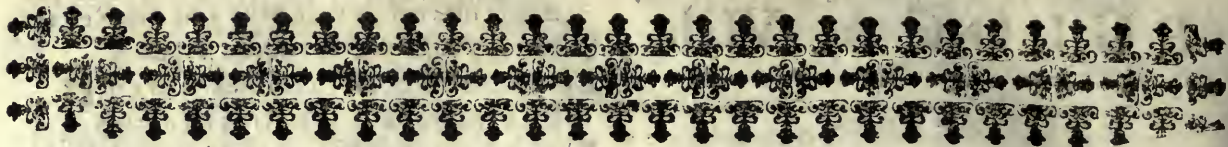
Vento algum até agora o nam saltea:
Tres dias ha, que escrito aqui o deyxou
Amor, & o veda a toda torça alhea.

Elle com tuas maõs proprio ajudou
A escolher estas conchas, affirmando,
Que o Sol para ti só as matizou

Hum ramo te colhi de coral brando,
Antes que o ar lhe desse, parecia
O que de tua boca estou cuydando.

Ditolo se o foubesse inda algum dia!





RIMAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES

TERCEYRA PARTE.

Tercetos a El-Rey Dom Sebastiam.

REY bemaventurado, em quem parece
 Aquella alta esperança já comprida,
 De quanto o Ceo, & a terra te offerece,
 De Deos fermola planta, concedida
 A lagrimas de Amor, & lealdade,
 Bem nosso sò, de nossa vida, vida.
 Em quanto esta innocente, & brãda idade
 Por Deos crescendo vay felicemente,
 Té o mundo encher de nova claridade,
 Em quanto este teu Povo, & do Oriente
 Novo acrescentamento por ti esperaõ,
 De outros Reys, doutras terras, doutra gente.
 Taes promessas os Ceos de ti nos deraõ.
 No teu taõ milagroso nascimento,
 E espirito igual em ti a ellas puzeraõ.
 Eu levado de amor, de santo intento
 (Quem ante esta brandura temeria)
 Deterte com meu verso hum pouco espero
 De pois virá hum taõ dltoso dia,
 Que as tuas Reaes Quintas despregadas
 Na multidaõ de toda a Berberia,
 As vitoriosas frotas carregadas
 Das cativas Coroas, & bandeyras,
 De outro espirito mayor sejaõ cantadas,
 Agora ouve, Senhor, as verdadeyras
 Musas, que leuaõ os Reys a esta alta gloria,
 Tendo por armas sò vélas ligeyras.
 Quantas armadas conta a antigua historia,
 Quentos grandes exercitos perdidos,
 Deyxáraõ aos mais pequenos a victoria!

Esses tanto no muudo conhecidos,
 Cujos nomes yencéraõ tantos annos,
 Não foraõ só por força obedecidos,
 Não se subjigaõ coraçoes humanos
 De boa vontade, a força hum peyto aberto
 Os vence de bom amor, sem arte, & enganos
 Nesta sombra, onde tudo anda encuberto,
 Quem da verdade vê mais que a figura
 Quem seu passo direyto leva, & certo!
 Huns falsos longes de huma vãa pintura
 Com lua cor, ao parecer lustrosa,
 Quantos detem com falsa fermosura!
 Não tem cores, nem dobras a fermosa
 Verdade; que buscaes, ó gente cega,
 Humilde, & nua está, não taõ custosa:
 Não he hum sò Cnpido, que almas cega, e
 Mais ha no mundo que huns sós vãos amor.
 Que he tudo o que à vontade mal se entrega
 Aquelles, que do Amor foraõ pintores,
 Que os olhos lhe tirarão, & o descubrirão,
 Pintarão para Reys, & Emperadores.
 Altos engenhos, que em figura viraõ
 As forças deste proprio amor imigo,
 Que moco, & cego, & nu, & cruel fingiraõ.
 Cada hum traz em si mesmo seu perigo,
 Herdado desta natural fraqueza,
 Que tanto fazem homem de si amigo.
 Iguaes somos, Senhor, na natureza,
 Assi entramos na vida, assi sahimos,
 O entendimento he nossa fortaleza.

Igualment.

Iguamente de hum só principio vimos,
 Iguamente a hum fim todos corremos,
 E huma estrada commum igual seguimos,
 Na terra a morte, a vida nos Ceos temos,
 Quanto esta terra mais que os Ceos olhamos,
 Tanto caminho do bom fim perdemos.
 Cegos de nós, que nos taõ mal trocamos,
 Que a parte vil, & bayxa senhorea,
 E o mais alto ao mais bayxo cativamos,
 Força cruel, que dentro em nós guerra,
 Vemos a cega vontade, a razão clara,
 E leva assí de nós victoria fea.
 Aquelle lume, que a alma illustra, & aclara
 Apagado por nós, nelle he perdido,
 Como mortos nos deyxá, & desampara,
 Deu o remedio Deos, eis hum erguido
 Por elle em poder alto, do que o povo
 He já por bem levado, ou constrangido.
 Não he nome de Rey titulo novo,
 Co elle começou o mundo, & dura,
 Por fabulas antigas não me movo.
 Depois que da quella alta fermosura
 Veyo o primeyro homem, & a triste sorte
 O envolveo nesta sombra grossa, & escura,
 Fugio a luz, entrou armada, a morte,
 Cumprío nõ va vigia, & guarda, & ley,
 Que o cego mostre a luz, & o brigue o forte.
 Elego Deos Pastor a sua Grey,
 Vio tambem a razão necessidade,
 Eis aqui eleyto hum Rey, eis outro Rey.
 Conforme, & junto o povo numa vontade
 Num só por bem commum todos poderes,
 Prometendo obediencia, & fielidade,
 Obrigarão suas vidas, seus averes,
 Prometeo o bom Rey justiça, & paz,
 E remedio, & soccorro a seus misteres.
 Dalli fogeyto ao Rey o povo jáz,
 Dalli fogeyto o Rey à boa razão,
 Da mesma luz, que em si esta força traz,
 A quem todos seus bens, & vidas daõ
 Por oslyrar da injuria, & violencia,
 Se lhaselle fizer, a quem se iraõ?
 Sera juiz a justa consciencia
 E aquelle santo, & natural preceyte
 Deve á ley o que a fez obediencia.
 Quem o caminho ha de mostrar direyto,
 Se troce delle, & segue a falsa estrada,
 Como terá, seu povo á ley fogeyto?
 Poz Deos na mão do Rey a vara alçada
 Para guia do povo errado, & cego,
 Mas não foy só ao seu desejo dada.
 Como destro Piloto no alto pego

Co leme guia a nao, hora a huma parte,
 Hora a outra a desvia do vao cego.
 Não valem alli forças, vâl só arte,
 Arte vence do mar a ira espantosa,
 Arte sem ferro vence o fero Marté
 Hydra de mil cabeças enganosa,
 Pégo de tantos ventos revolvido,
 Não se vence, senhor, com mão forçosa.
 Em duas iguaes partes repartido
 Te deu Deos teu poder em premio, em pena
 Desse a cada hum o que lhe for devido.
 Aquelle que à sua vontade ordena
 Todas as cousas, olha com que amor
 Paga o bem logo, & de vagar condena.
 Não se acha alli respeyto, nem favor,
 Tanto val cada hum, quanto merece,
 Iguaes ante elle sã o servo, & senhor
 Olhate bem, gram Rey, & a ti conhece,
 Nacido só para reger a tantos,
 E dessa grande Alteza o teu fim dece.
 Vertheas igual na humanidade a quantos
 Mandas, verás o fim taõ duvidoso,
 Como quem tãbem morre, & nasce em prãtos
 Que presta ser na terra poderoso,
 Se o alto fim do Ceo se poem em forte,
 Que até ao Filho de Deos foy taõ custoso.
 Corte o bom Rey primeyro por si, corte,
 Mais vence o exemplo bõ, q̃ o ferro, & o fogo
 Não pode errar quem contra si he forte
 Nem a propria affeyção, nem brandorogo
 Tire a força à razão, ou à igualdade,
 Nem se lhe faça sempre falso jogo,
 Sómente em Deos razão he a vontade,
 Absoluto poder não o ha na terra
 Antes fora injustiça, & crueldade,
 Que vontade mortal, senhor não erra,
 Se a justa ley, & razão a não enfrea,
 De que nasce a injustiça, & cruel guerra
 Cada hum pinta em seu peyto aquella idea
 A qual ou mal, ou bem, se se affeyçoa,
 Assí lhe sae fermosa, ou lhe sae fea.
 A boa guia he a inclinação boa,
 A qual nasce do claro entendimento,
 E com facil discurso ao melhor voa.
 Tanto val, tanto pôde o santo intento,
 Que só por si a honra, & louvor crece
 E a obra que val dez, faz valer cento.
 E quando humanamente erro acontece,
 (Quem pôde acertar sempre) a culpa he leve
 E todo o bem juizo a compadece.
 Que injustiça será, que não releve
 Não sahir á vontade a obra igual,

Pois pelo intento só julgar se deve.

No livre peyto, & coração real

Está o bém commum sempre fundado

Não pôde de tal fonte manar mal.

Ama o povo o bõ Rey, & he delle amado,

Ledo, & facil em crer, & julgar bem,

Imigo de todo o animo dobrado.

Sempre a mão larga, sempre aberto tem

O generoso peyto ao premio justo,

E triste, & vagaroso à pena vem.

Este he chamado Bõ, & Grande, Augusto

Da Patria Pay, Prazer, & Amor do mundo

Mortal imigo do tyrano injusto.

Este lago de hum alto, & de hum fecundo

Engenho até as Estrellas bem cantado,

Voando vay na terra sem segundo

Tal nos crece, gram Rey, por Deos já dado

Inda mayor que as nossas esperanças,

Mayor que sua Estrella, & alto Fado.

Cedo teu espirito vencerá as tardanças

Do tempo, & idade, & cedo renovando

Irás dos santos Reys altas lembranças.

Comegate já agora ir costumando

A pôr em nos teus olhos Reaes serenos,

O mansissimo Avô teu imitando

Inteyro, & humano aos grâdes, & aos peque-

tos.

Petição feyta ao Regedor de huma nobre mo-

ça, presa no limoeyro da Cidade de Lisboa,

por se dizer, que fizera adulterio a seu

marido que era na India; feyta

por Luis de Camões.

em Lisboa, no anno de 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

em 1574.

Faça meu rude verso algum proveyto:

Que cobrindome vós com vosso manto,

A eu ser nobre tendo algum respeyto,

Sey que posso ganhar, o que não tenho,

Pois me não faltaõ forças, nem engenho.

Porem isto, senhor, deyxando a parte,

Que razão he de vida, a que me guia,

A vós venho com força, engenho, & arte,

Por influxo do Ceo que a vós me envia:

A vós a quem tem dado Apolo, & Marte,

De sens thesouros parte, & melhoria,

Venho cantar com voz rouca, & chorosa,

Por huma encarcerada desditosa.

A vós venho, senhor, na confiança

Do vosso nome pondo meu sentido.

Que quem em vós confia, tudo alcança,

Sendo cousa, de que Deos he servido;

E pois elle vos deo justa balança,

Para pezar justiça, & dar ouvido,

Ouvi a petição da miseravel,

Com quem Fortuna foy tão pouco affavel.

Ouvi da pobre Dona Catherina

O grande desemparo inopinado,

A quem nenhum remedio determina,

Ou permite seu duro, & cruel fado;

Que se na tenra idade foy mo fina

Sua vida entregando ao vaõ cuydado,

Aja nosso castigo com brandura,

Porque o medo a fará viver segura.

Aja, senhor cuydar, que he moça pobre

Que pobreza não tem nenhum respeyto,

E mais não tendo idade, que lhe sobre,

Para saber fugir do que he mal feyto:

Aja tambem euydar, que he sangue nobre,

E ao jugo da Igreja inda fugeyto.

E que pôdem nascer de tal processo

Hum grande, & cruelissimo successo.

Certo, que com razão urgente, & clara

Tem alguma razão a infelice,

Que se ninguem recolhe, nem ampara

A triste ornaã na flor da meninice;

A Fortuna cruel, em tudo avara,

Para lhe acarretar triste velhice

Lhe entrega a honra, & pure castidade

Nas mãos de huma vital necessidade.

Bem sey, que de ter culpa não carece,

Só por não ser do sangue seu lembrada,

Mas delhe o castigo, que mercede,

E não para tão longe desterrada:

Que se para là for, bem se conhece,

Quão vilmente será vituperada,

Dando motiyo ao rude martinheyro,

Que se ja incotinente carniceyro,
 Vede, senhor, o risco, a que se obriga
 A del ditosa, & fragil mocidade,
 Senhora não vay buscar, ou parte imiga,
 Que lhe defendá sua honestidade
 Não queyrais não senhor, que o mundo diga
 Ah, que grande rigor, & crueldade!
 Como já vay dizendo, & murmurando,
 Sua grande ignorancia disculpando.

Eu certo não duvido, que o Piloto,
 O Mestre, o Marinheyto, Capitão
 Usem do costumado vicio roto
 Com todas, as que em seus poderes vão:
 Dayme vós, senhor, hum, que esté remoto
 De tal dilicia, nesta occasião;
 E eu direy falto, o que vos digo,
 Tomando sobre mim todo o castigo.

Já não ha hi João posto em deserto,
 Que seja ao Ceo, por castor, tão aceyto
 Nem ha, quem não cometa de sconcerto,
 Nesta torpeza bruta, & vil fugeyto:
 Já não ha hi Hieronymo tão certo,
 Que, com pedra na mão ferindo o peyto,
 Da carne estimulado, assi lhe diga,
 Não te chegues a mim, carne inimiga,

A culpa he dos parentes descuydados,
 Que vendoa sem amparo, & sem abrigo
 Em tempo, que os mais ricos, & esforçados
 Temendo a Deos, fugião seu castigo:
 Huns para seus jardins determinados
 Outros por onde o Ceo lhes fosse amigo,
 A dey xarão tão, só nesta Cidade,
 Batalhando co a vil necessidade.

Pois, quem ouvera ahi, que não cahira
 Vendose em tal estremo, em tal miséria,
 Qual Arthemisa aqui não consentira
 Qual Romana Sofaronia, ou qual Valeria?
 E qual Lucrecia fora, que isto vira,
 Que não rendera o jugo à vil materia?
 Qual Thebana Thimochia, ou linda Sara,
 Cu qual mulher de Ulisses se negara?

Qual tora, a que se vira em tão infesta
 Batalha, turbulenta, & espantosa,
 Exercitando a morte rija, & mesta,
 Seu duro officio, brava, & rigurosa.
 Que Nympha ouvera ahi, que Deosa Vesta
 Em virginal estado poderosa,
 Que não rendera a tudo o casto nome,
 Pornão morrer nas mãos da dura fome?

Ah valeroso espirito, caso he isto,
 Para se dar perdão à fraca ovelha,
 Não seja o perdão seu, seja de Christo,

Pois elle a perdoar nos aconselha:
 Assi nos altos Ceos seiais bem quisto,
 E vos incline Deos attenra orelha,
 Que vos lembre, senhor, seu desemparo,
 Pois sois dos póbres pay & amigo claro.
 Por isso olhay, senhor, o quanto importa
 Cortar occasiões com fio agudo,
 Porque não se cortando, abre se porta
 Do lascivo desejo ao Nauta rudo.
 E, se, como vos digó, esta se corta,
 Olhando bem as leys do claro estudo,
 Será grandeza vossa muy sobida,
 Dessa real profapia produzida.

Olhay, que tem, senhor, huma minina
 Do ausente consorte, & filha sua,
 Muyto desemparada, & pequenina,
 Fóra do natural, despida, & nuã.
 Sede vós, senhor, agoa da Piscina
 A vosso zelo tudo se attribua,
 Que, mo vendovos elle, não duvido,
 Que tudo a ella seja concedido.

Epistola de Luis de Camões.

DUVIDOSA esperança, certo medo
 Senhora: de me não ouvir meus danos,
 Fizerão que não fiz isto mais cedo.

Mil remedios busquey busquey enganos.
 Por incobrir o mal que me caulais,
 Temendo outra mór dor dos defenganos
 Mas tudo quanto fiz, fiz pordemais
 Amor que como quer de mim ordena,
 Não sofre que tal dor encubra mais.

A ser vosso, senhora me condena
 Nisto merce me faz se a vós offende
 A culpa ao amor day, amim a pena;
 Não cuydeis, que minha alma se defende
 De coufa, de que vós fordes contente
 Porque só isso busca, & isso pretende.

Ditosa dor, a que por vós se sente,
 Ditoso, pois conheço esta verdade,
 Pera não ter das minhas des contente.

Com tudo, a não poder huma vontade
 Tam pura, & tanto a medo offerecida,
 Movervos de meu mal a piedade:

Não quero mais viver, não quero vida,
 Milhor me será morte, que desgosto,
 A quem tanto desejo ver ser vida.

Banhem pois minhas lagrimas meu rosto,
 Sospire o coração, que treme, & arde,
 Chorar, & suspirar seja o meu gosto.
 Não queyirão os meus fados, que me guarde

De sentir nova dor, novo tormento,
 Que sinto muyto mais sentillo tarde,
 Quisera des que tive entendimento,
 Por ver, se com firmeza vos movia,
 Não ter em outra coula o pensamento,
 Em vós cuydar a noyte, em vós o dia,
 Por vós sentir prazer, por vós tristeza,
 Sem vós, ter para mim, que não vivia.

Mas nem por isso haja inda em vós crueza,
 Sofrese mal num peyto delicado,
 Parece cousa contra a natureza.

O lhay, que em vivas chamas abraçado,
 Por remedio, tenhora, a re vós venho,
 Buscalo noutra parte he escufado.

Porque não val labor, força, ou engenho,
 Pedras, palavras, e rvas de virtude,
 Contra o golpe d'amor, que n'alma tenho.

Se vossos olhos podem dar saude,
 Se neste grave mal me não soccorrem,
 Dexmeme morrer já, ninguem me ajude.

Ditofos são os tristes, quando morrem
 No começo dos dannos, que não sentem,
 Quão vagarosas as tristezas correm.

Porem se as esperanças me não mentem,
 Espero deste conto inda ser fóra,
 Que cruezas em vós nao se consentem.

Em fim a fim de tudo isto he, senhora,
 Que se me não valeis, tinhais percerto,
 Que cedo virey a derradeyra hora.

Jaque meu mal vos tenho descuberto,
 Avey de mim dó não seja isto em fim
 (Como dizem) dar vozes em deferro
 Valeyme, que por vós me perco a mim,

R E D O N D I L H A S.

S Obolos rios, que vão
 Por Babylonia me achey
 Onde sentado chorey
 As lembranças de Syão,
 E quanto nellá passsey.
 Alli o rio corrente
 De meus olhos foy manado,
 E tudo bem comparado,
 Babylonia ao mal presente,
 Syão ao tempo passado.

Alli lembranças contentes,
 N'alma se representarão,
 E winhas coufas ausentes,
 Se fizerão tam presentes,
 Como se nunca passarão.
 Alli de pois de acordado,

Co rosto banhado em agoa,
 Deste sonho imaginando,
 Vi que todo o bem passado,
 Nam he gosto, mas he magoa.

E vi, que todos os danos
 Se caulavão das mudanças,
 E as mudanças dês annos,
 Onde vi quantos enganos
 Faz o tempo ás esperanças.
 Alli vi o mayor bem,
 Quão pouco espaço, que dura,
 O mal quão depressa vem,
 E quão triste estado tem,
 Quem se fia da ventura.

Vi aquillo, que mais val,
 Que então se entende melhor,
 Quando mais perdido for;
 Vi o bem succeder mal,
 E o mal muyto peor.
 E vi com muyto trabalho,
 Comprar arrependimento:
 Vi nenhum contentamento,
 E vejome ami, que espalho
 Tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas agoas,
 Com que banho este papel,
 Bem parece ser cruel,
 Variedade de magoas,
 E confusão de Babel,
 Como homem, que por exemplo
 Dos trances; em que se achou,
 Despois que a guerra deyxou,
 Pelas paredes do templo
 Suas armas pendurou:

Alli despois que assentey,
 Que tudo o tempo gastava
 Da tristeza, que tomey,
 Nos salgueyros pendurey
 Os orgãos, com que cantava,
 Aquelle instramento lèdo,
 Deyxey da vida passada,
 Dizendo, mu fica amada,
 Deyxovos neste ar voredado
 Aa memoria consagrada.

Fruta minha, que tangendo
 Os montes fazeis vir,
 Para onde estaveis, correndo,
 E as agoas, que hião decendo
 Tornavão logo a subir,
 Já mais vos não ouvirão
 Os tigres, que se amansavão,
 E as ovelhas, que pastavão,

Das ervas se fartarão,
 Que por vos ouvir deyxarão.
 Já nem fareis docemente
 Em rosas tornar abrolhos,
 Na ribeyra florecente,
 Nem poreis freo á corrente,
 E mais se for dos meus olhos.
 Não movereis a espessura,
 Nem podereis já trazer
 Atraz vós a fonte pura,
 Pois nam pudeste mover
 Delconcertos da ventura.

Ficareis offerecida.

Aa fama, que sempre vella,
 Frauta de mim tam querida,
 Porque mudandose a vida,
 Se mudão os gostos della,
 Acha atena mocidade
 Prazeres acontodados,
 E logo a mayor idade
 Já lente por pouquidade
 Aquelles gostos passados.

Hum gosto, que hoje se alcança,

Aa manhãa já o nam vejo,
 Assi nos traz a mudança
 De esperança em esperança,
 E de desejo em desejo,
 Mas em vida tam escassa,
 Que esperança será forte?
 Fraqueza de humana sorte,
 Que quanto da vida passa,
 Está recitando a morte,

Mas deyxar nesta espessura

O canto da mocidade,
 Não cuyde a gente futura
 Que será obra da idade,
 O que he força da ventura.
 Que a idade, tempo, & espanto
 De ver quão ligeyro passe,
 Nunca em mi pudérão tanto,
 Que posto que deyxo o canto,
 A causa delle deyxasse.

Mas em tristezas, & nojos

Em gosto, & contentamento,
 Por Sol por neve, por vento,
 Terã presentemente a los ojos,
 Por quien muero tan contento
 Orgãos, & frauta deyxava,
 Despojo meu tam querido,
 No salgueyro, que alli estava,
 Que para trofeo ficava,
 De quem me tinha vencido.

Mas lembranças da affecção,

Que alli cativo me tinha,
 Me perguntarão então,
 Que era da musica minha
 Que eu cantava em Syão:
 Que foy daquelle cantar,
 Das gentes tam celebrado,
 Porque o deyxava de usar,
 Pois sempre ajuda a passar,
 Qualquer trabalho passado?

Canta o caminhante lédo,
 No caminho trabalhoso,
 Por entre o espeço arvoredo,
 E de noyte temeroso
 Cantando refrea o medo.
 Canta o prezo docemente,
 Os duros grilhões tocando,
 Canta o legador contente,
 E o trabalhador cantando,
 O trabalho menos sente.

Eu que estas coulas senti

N'alms de magoas tam chea,
 Como dirá, respondi,
 Quem tam alheo está desy,
 Doce canto em terra alhea?
 Como poderá cantar
 Quem em choro banha o peyto?
 Porque se quem trabalhar,
 Canta por menos cansar,
 Eu so descansos engeyto,

Que nam parece razão,

Nem seria coula idonia,
 Por abrandar a payxaõ,
 Que cantasse em Babylonia
 As cantigas de Syaõ.
 Que quando a muyta graveza
 De laudade quebrante
 Esta vital fortaleza,
 Antes morta de tristeza,
 Que por abrandala cante.

Que se o fino pensamento,

Sò na tristeza consiste,
 Não tenho medo ao tormento,
 Que morrer de puro triste,
 Que mayor contentamento?
 Nem na frauta cantarey
 O que passo, & passay já,
 Nem menos o escreverey,
 Porque a pena cantará,
 E eu nam descansarey.

Que se vida tam pequena,
 Se acrecenta em terra estranha,

E se amor assi ordena,
 Razaõ he que canse a pena,
 De escrever pena tamanha:
 Porém se para assentar,
 O que sente o coração,
 A pena já me cançar,
 Nam canse para voar
 A memoria em Syaõ.

Terra bemaventurada,
 Se por algum movimento
 Da alma me fores tirada,
 Minha pena seja dada
 A perpetuo esquecimento
 Apenas deste destero,
 Que eu mais desejo esculpida,
 Em pedra, ou em duro ferro,
 Essa nunca seja ouvida,
 Em castigo de meu erro.

E se eu cantar quizer,
 Em Babylonia sugeyto,
 Hierusalem sem tever.
 A voz quando a mover
 Se me congele no peyto:
 A minha lingua se apegue
 A as fauces pois te perdi
 Se enquanto tiver assi
 Houver tempo, em que te negue,
 Ou que me esqueça deti,

Mas ó tu terra de gloria,
 Se eu nunca vi tua essencia,
 Como me lembras na ausencia,
 Não me lembras na memoria,
 Se nem na reminiscencia:
 Que a alma he taboa razaõ
 Que com a escrita doutrina
 Celeste, tanto imagina,
 Que voa da propria casa,
 E sobe à patria divina.

Nam he logo a faudade
 Das terras, onde nacco,
 A carne, mas he do Ceo
 Daquella santa cidade,
 Donde esta alma descendeo:
 E aquella humana figura,
 Que cá me pode alterar,
 Nam, he quem se ha de buscar,
 He rayo da fermosura,
 Que só se deve de amar.

Que os ólhos, & aluz, que atea
 O fogo, que cá sugeyta
 Nam do Sol, mas da candeia,
 He sombra da quella idéa,

Que em Deos está mais perfeyta:
 E os que cá me cativaram,
 São poderosos effeytos,
 Que os corações tem sugeytos,
 Sofistas, que ma ensináraõ
 Maos caminhos por direyos.

Destes o mundo tyrano,
 Me obriga com delatino,
 A cantar ao som do dano,
 Cantares de amor profano,
 Por versos de amor divino:
 Mas eu lustrado co santo
 Rayo na terra de dor,
 De confusões, & de cipanto,
 Como hey de cantar o canto,
 Que só se deve ao Senhor?

Tanto póde o beneficio
 Da graça, que dá laude,
 Que ordena, que a vida mude,
 E oque eu tomey por vicio,
 Me faz grao para a virtude,
 E faz, que este natural
 Amor, que tanto se preza,
 Suba da sombra ao real,
 Da particular belleza,
 Para a beleza geral.

Fique logo pendurada
 A fruta, com que tangi
 Oh Hierusalem sa grada,
 E tome a lyra dourada,
 Para só cantar de ti,
 Nam cativo, & ferrolhado
 Na Babylonia infernal,
 Mas dos vicios desatado,
 E cá desta a ti levado,
 Patria minha natural.

E se eu mais déra cerviz
 A mundanos accidentes,
 Duros, tyranos, & urgentes,
 Risqueie quanto já fez.
 Do grão livro dos viventes,
 E tomando já na mão
 A lyra santa, & capaz.
 Doutra mais alta invenção,
 Calese esta confusão,
 Cantese a visaõ de paz.

Ouçame o pastor, & o Rey,
 Retumbe este acento santo,
 Movale no mundo espanto,
 Que dó que já mal cantey,
 A Palinodia já canto.
 A vós só me quero ir,

Senhor, & grão Capitão
Da alta torre de Syaõ,
Aa qual nam posso subir,
Se me vós nam dais a mão.

No grão dia singular,
Que na lira o douto som,
Hierusalem celebrar,
Lembrayvos de castigar
Os ruins filhos de Edom,
Aquelles, que tintos vão
No pobre fangue innocente,
Soberbos co poder vaõ,
Arrazalos igualmente.

Conheçaõ, que humanos são
Ea quelle poder tam duro
Dos affeytos, com que venho,
Que encendem alma, & engenho
Que já me entrãrão o muro
Do livre arbitrio que tenho;
Estes, que tem furiosos
Gritando vem a escalar-me,
Maos espiritos danosos,
Que querem como forçosos,
Do alicerse derribarme.

Derribayos, fiqueim sòs,
De forças fracos, imbelles,
Porque nam podemos nós,
Nem com elles ir a vós,
Nem sem vós tiranos delles;
Nam basta minha fraqueza,
Para medar defenção;
Se vós santo Capitão,
Nesta minha fortaleza,
Nam puzerdes guarnição

E tu ócarne, que encantas
Filha de Babel tam fea,
Toda de miseria chea
Que mil vezes te levantas.

Contra quem te senhiorea:
Beato so póde ler,
Quem com a ajuda celeste
Que contra ti pervalecer,
E te vier a fazer

O mal, que lhe tu fizeste.

Quem com disciplina crua
Se fere mais, que hũa vez,
Cuja alma de vicios nua,
Faz nodas na carne sua,
Que já a carne nalma fez.

E beato quem tomar
Seus pensamentos rezentes,
E em nascendo os afogar,

Por nam virém a parar
Em vicios graves, & urgentes,
Quem com elles logo der
Na pedra do furor tanto,
E batendo os desfizer
Na pedra, que veo a fer.
Em fim cabeça do canto:
Quem logo quando imagina
Nos vicios da carne mã,
Os pensamentos declina,
A aquella carne divina,
Que na Cruz esteve já.

Quem do vil contentamento
Cá deste mundo visível,
Quanto ao homem for possível,
Passar logo o entendimento
Para o mundo intelligível;
Alli achará alegria
Em tudo perfeyta, & chea
De tam suave harmonia,
Que nem por pouca recrea,
Nem por sobeja en fastia,

Alli verà tam profundo
Misterio na summa alteza;
Que, vencida a natureza,
Os móres faustos do mundo
Julgue por mayor bayxeza:
Oh tu divino a posenro,
Minha patria singular,
Se sò com te imaginar,
Tanto sobe o entendimento,
Que fará se em ti se achar?

Ditolo quem se parti
Para ti, terra excellente,
Tam justo, & tam penitente,
Que despois de ati subir
Lá descante eternamente.

Carta a huma Dama.

Querendo escrever hum dia
O mal, que tanto estimey,
Cuydando, no que poria,
Vi Amor, que me dizia,
Escreve, que eu notarey.
E como para seler
Nam hera historia pequena,
A que de mi quiz fazer,
Das afas tirou a pena
Com que me fez escrever,

E logo como a tirou,
Me disse, aviva os espiritos;

Que pois em teu favor sou, a morte me dá
Esta pena, que te dou, a morte me dá
Fará voar teus escritos, a morte me dá
E dandome a padecer, a morte me dá
Tudo, o que quiz, que puzesse, a morte me dá
Pude em fim delle dizer, a morte me dá
Que me deo com que escrevêsse, a morte me dá
O que me deo a escrever, a morte me dá

Eu que este engano entendi
Disselhe, que escreverey?
Respondeo, dizendo assi:
Altos effeytos de ti,
E da que lia a quem te dey,
E já que te manifestou
Todas minhas estranhezas,
Escreve, pois que te prezas,
Milagre de hum claro gesto,
E de quem ouvio tristezas.

Ah senhora, em quem se apnra,
A fé de meu pensamento,
Escutay, & estay atento,
Que com vossa fermosura,
Igual a amor meu tormento,
E posto que tam remota
Estejais de me escutar,
Por me nam remédial,
Ouvi, que pois Amor nota,
Milagres são de notar.

Escrevem varios authores,
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheyro das flores,
Que nace naquelle monte,
Se os sentidos podem dar
Mantimento ao viver,
Nam he logo de espantar,
Se estes vivem de cheyrar,
Que viva eu só de vos ver.

Huma a vore se conhece,
Que na geral alegria,
E lla tanto se entristecey,
Que como he noyte florecey,
E perde as flores de dia,
Eu que em vevos sinto o preço,
Que em vossa vista consiste,
Em avendome entristeço,
Porque sey, que nam mereço
A gloria de verme triste.

Hum Rey de grande poder,
Com veneno foy creado,
Porque sendo costumado,
Nam lhe pudesse em pecer,

Se despois lhe fosse dado.
Eu, que crie de pequena
A vista a quanto padece,
Destá sorre me acontece,
Que nam me faz mal, a pena,
Senam quando me fallece,

Quem da doença Real,
De longe enfermo se sente,
Por tegredo natural,
Fica saõ vendo sòmente
Hum volatil animal,
Do mal, que Amor em mi cria,
Quando aquella Finix veyo,
Saõ de todo ficaria,
Mas ficame hydropesia,
Que quanto mais, mais desejo,

Dabibora he verdadeyro,
Se a conforte vay buscar,
Que em se querendo juntar,
Deyxa a peçonha primeyro,
Porque lhe impede o gerar:
Assi quando me apresento
A vossa vista inhumana,
A peçonha do tormento,
Deyxo a parte, porque dana
Tamanho contentamento.

Querendo amor sustentar-se,
Fez huma vontade esquiva,
De huma estatua namorar-se,
Despois por manifestar-se,
Converteo a em mulher viva.
De quem me irey quey xando
Ou quem direy, que me engana,
Se vou sigindo, & buscando
Huma imagem, que de humana
Em pedra se vay tornando?

De huma fonte se sabia,
Da qual certo se provava,
Que quem sobre ella jurava,
Se falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava.
Vós que minha liberdade,
Senhora tyranizais,
Injustamente mandais,
Quando vos fallo verdade,
Que vos nam possa ver mais.

Da palma se escreve, & canta
Ser tam dura, & tam forçosa,
Que peso nam a quebranta,
Mas antes de presunçosa,
Com ella mais se levanta,
Co pezo do mal, que dais,

A constancia, que em mi vejo,
 Nam sómente ma dobrais,
 Mas dobra se meu desejo,
 Com que entam vos quero mais.

Se alguem os olhos quizer
 As andorinhas quebrar,
 Logo em may, sem se deter,
 Huma erva lhe vay buscar,
 Que lhes faz outros nacer,
 Eu que os olhos tenho atento
 Nos vossos, que estrellas são,
 Cegaõ se os do entendimento,
 Mas nace me os da razão,
 De folgar com meu tormento.

Lá para onde o Sol fac,
 Descubrimos navegando
 Hum novo rio admirando,
 Que o lenho que nelle cae,
 Em pedra se vay tor nando,
 Nam se espantem disto as gentes:
 Mais razão será, que espante
 Hum coração tam possante,
 Que com lagrimas ardentes,
 Se converte em diamante.

Pôde hum mudo nadador
 Na linha, & cana influir
 Tam venenoso vigor,
 Que faz mais nam se bulir
 O braço do pescador.
 Se começão de beber
 Deste veneno excellente,
 Meus olhos sem se deter
 Não se sabem mais mover
 A nada que se apresente,

Isto são claros finais
 Do muyto que em mi podeis;
 Nem podeis desejar mais,
 Que se veyos desejas,
 Em mi claro vos vereis,
 E quereis ver, a que fim,
 Em mi tanto bem se poz,
 Porque quiz amor assim,
 Que por vos verdes a vós
 Tambem me visseis a mim.

Dos males, que me ordenais,
 Que inda tenho por pequénos,
 Sabey se mos escutais,
 Que já não sey dizer mais,
 Nem vós podeis saber menos,
 Mas já que a tanto tormento,
 Não se acha, quem resista
 Eu senhora me contento,

III. Part.

Deterdes meu sofrimento,
 Por alvo de vossa vista.

Quantos contrarios consente
 Amor por mais padecer,
 Que aquella vista excelente,
 Que me faz viver contente,
 Me faça tam triste ser.
 Mas dou este entendimeno
 Ao mal, que tanto me offende,
 Como na vella se entende,
 Que se se apaga co vento,
 Co mesmo vento se accende.

Experimentouse algum hora,
 D'ave, que chamão Camão,
 Que se da casa, onde móra,
 Vê adultera a senhora,
 Morre de pura payxão.
 A dor he tam sem medida,
 Que remedio lhe não val,
 Mas ó ditoso animal,
 Que pôde perder a vida,
 Quando vê tamanho mal!

Nos gostos de vos querer
 Estava agora enlevado,
 Senam fora salteado
 Das lembranças de temer;
 Ser por outrem desamado.
 Estas suspeytas tam frias,
 Com que o pensamento sonha,
 São assi como as Harpias,
 Que as mais doces iguarias
 Vão converter em peçonha,
 Fazme este mal infinito,
 Nam poder já mais dizer,
 Por não vir a corromper
 Os gostos, que tenho escrito,
 Cos males que hey de escrever,
 Não quero, que se apregoe
 Mal tanto para encubrir,
 Porque em quanto aqui se ouvir,
 Nenhuma outra cousa soe,
 Que a gloria de vos servir

Outras.

Dama de estranho primor,
 Se vos for
 Pesada minha firmeza,
 Olhay não me deis tristeza,
 Porque a converto em amor,
 E se cuydais,
 De me matar, quando usais!

Z

De

De esquivança,
Irey tomar por vingança
Amarvos cada vez mais.

Porém vosso pensamento
Como izento,
Seguirà sua tenção
Crendo, que em tanta a ffeycão
Naõ aja acrecentamento.
Nãõ creais,
Que desta arte vos façais
Invencivel,
Que amor sobre o impossivel,
Amostra, que pòde mais.

Mas já da tenção, que sigo,
Me desdigo,
Que se ha tanto poder, nelle
Tambem vòs podeis mais que elle,
Neste mal, que usais comigo,
Mas se for
O vosso poder mayor,
Antre nós,
Quem poderà mais que vòs,
Se vòs podeis mais que Amor.

Despois que dama vos vi,
Entendi,
Que perdera Amor seu preço,
Pois o favor, que lhe eu peço,
Vos pede elle para si.
Nem duvido,
Que não pòde de sentido
Resistir,
Pois em vez de vos ferir,
Ficou de vos ver ferido.

Mas pois vossa vista he tal,
Em meu mal,
Que posso de vòs querer
Que mal poderey valer,
Onde o mesmo mal Amor não val
Se atentar,
Nenhum bem posso esperar,
E oxalá,
Que vos lembrasse já,
Se quer para me matar.

Mas nem com isto creais,
Que façais
Meus serviços mais pequenos,
Porque eu quando espero menos,
Sabey, que entam quero mais
Nada espero,
Mas de mi, crede este fero,
Que em ser vosso,
Vos quero tudo, o que posso,

E não posso quanto quero.
Só por esta fantasia
Merecia
De meus males algum fruto,
E não era certo muyto
Para o muyto, que queria
De maneyra,
Que nam he na derradeyra
Grande espanto,
Que quem, dama vos quer tanto,
Que outro tanto de vòs queria.

A humas suspeytas.

Suspeytas, que me quereis
Que eu vos quero dar lugar,
Que de certas memateis,
Se acausa, de que nasceis,
Vos quizeisse confessar.
Que de nam lhe achar desculpa,
A grande magoa passada,
Me tem a alma tam cansada
Que se me confessa a culpa,
Telahey por desculpada,
Ora vede que perigos
Tem cercado o coração,
Que no meyo da opressão,
A seus proprios inimigos
Vay pedir a de fensão.
Que suspeytas eu bem sey,
Como se claro vos visse,
Que he certo, o que já cuydey,
Que nunca mal suspeytey,
Que certo me nam sahisse
Mas queria esta certeza

Daquella, que me atormenta,
Porque em tamanha estreyteza
Ver que disso se contenta,
He descanso da tristeza.
Porque se esta só verdade
Me confessa limpa, & nua,
De cautela, & falsidade,
Nam pode a minha vontade
Disconforme ser da sua.

Por segredo namorado
He certo estar conhecido,
Que o mal de ser engeytado,
Mais atormenta sabido,
Mil vezes, que suspeytado.
Mas eu só, em quem se ordena
Novo modo de querella
De modo da dor pequena,

Venho a achar na mayor pena

O refrigerio para ella.

Já nas iras me inflamey,

Nas vinganças, nos furores.

Que já doudo imaginey,

Eja mais deudo jurey

De arrancar, d'alma os amores,

Já determiney mudar-me

Para outra parte com ira,

Despois vim a concertarme,

Que era bom certificar-me,

No que mostrava a mentira.

Mas despois já de cantadas

As furias do imaginar,

Vinha em fim arebentar

Em lagrimas magoadas,

E bem para magoar, o

E deyxandose vencer

Os meus fingidós enganos,

De tam claros defenganos,

Nam posso menos fazer,

Que contentarme cos danos,

E pedir, que me tirassem,

Este mal de suspeytar,

Que me vejo atormentar,

Inda que me confessassem,

Quanto me pôde matar.

Olhay bem se me trazeis,

Senhora posto no fim

Pois neste estado, a que vim,

Para que vós confesseis,

Se daõ os tratos a mim,

Mas para que tudo possa

Amor, que tudo encaminha,

Tal justiça lhe convinha,

Porque da culpa, que he vossa

Venha a ser a morte minha.

Justiça tão mal olhada,

Olhay, com que cor se doura,

Que quero ao fim da jornada,

Que vós sejais confessada,

Para que eu seja, o que moura,

Pois confessarvos já agora,

Inda que tenho temor,

Que nem nesta ultima hora

Me ha de perdoar Amor,

Vossos pecados, senhora.

E assi vou desesperado,

Porque estes são os costumes

D'amor, que he mal empregado

Do qual vou já condenado

Ao inferno de ciumes.

Laberinto queyxandose do mundo.

Corre sem vella, & sem leme

O tempo desordenado,

De hum grandê ventô levado,

O que perigo não teme,

He de pouco experimentado,

As redeas trazem na mão,

Os que redeas nam tiverão,

Vendo quanto mal fizerão

A cobiça, & ambição,

Disfraçados se acolherão.

A nao, que se vay perder,

Destruê mil esperanças,

Vejo o mau, que vem a ter,

Vejo perigos correr,

Quem não cuyda, que ha mudanças.

Os que nunca em sella andarão,

Na sella pôstos se vem,

De fazer mal não deyxarão,

De demonio habito tem,

Os que o justo profanarão:

Que poderá vir a ser,

O mal nunca refreado,

Anda por certo, enganado

Aquelle, que quer valer,

Levando o caminho errado.

He para os bons confusão,

Ver que os maos pervalecêraõ,

Que posto se detiverão

Com esta simulação,

Sempre castigos tiverão.

Não porque governe o leme

Em mar envolto, & turbado,

Que tem seu rumo mudado,

Se perece grita, & geme

Em tempo desordenado,

Terem justo galardão,

E dor dos que merecerão,

Sempre castigos tiverão

Sem nenhuma redempção,

Posto que se detiverão.

Na tormenta se vier

Desespere na bonança,

Quem manhas nam sabe ter,

Sem que lhe valha gemer,

Verá fallar a balança.

Os que nunca trabalhãrão,

Tendo o que lhe não convem,

Se ao innocente enganãrão,

Perdêrão o eterno bem

Se domal não se aparrãrão,

CONVITE QUE FEZ NA INDIA
a certos Fidalgos.

*A primeyra iguaria foy posta a Vasco de
Ataide, & dizia.*

Se nam quereis padecer,
Huma, ou duas horas tristes
Sabeis que haveis de fazer?
Bolveros por dovenistes,
Que aqui nam ha que comer
E posto que aqui leais,
Trovinha, que vos enlea
Corrido nam estejais,
Porque porque mais, corrais,
Não eis de alcançar a cea.

A segunda a D. Francisco d'Almeyda.

Heliogabalo zombava
Das pelloas convidadas,
E de sorte as enganava,
Que as iguarias, que dava
Vinhão nos pratos pintadas
Não temais tal travessura,
Pois já não pôde ser nova,
Porque a cea está segura
De vos nam vir empintura,
Mas hade vir toda em troya.

Aterceyra a Eyt or da Silveyra.

Cea, não a papareis,
Com tudo, porque nam minta,
Para beber achareis,
Não Caparica, mas tinta.
E mil coufis, que papeis,
E vòs torceis ofocinho
Com esta amfibologia?
Pois sabey, que a poesia
Vos dà aqui tinta po vinho,
E papeis por iguaria.

*A quarta a João Lopes Leytão, a quem o Au-
tor fez hum mote, que vay adiante, sobre
huma peça de cacha, que deo a hu-
ma Dama.*

Porque os que vos convidarão
Vosso estamago não danem,
Por justa causa ordenarão,

Se trovas vos enganarão,
Que trovas vos defenganem.
Vòs tereis isto por tacha,
Converter tudo em trovar,
Pois le me virdes zombar,
Nam cuydeis, senhor, que he cacha,
Que aqui nam ha que cachar.

Responde Jaão Lopes.

Pelar ora nam de sam,
Eu juro pelo Ceo bento,
Se de de comer nam me daõ,
Que eu nam sou Cameleão?
Que me hey de manter no vento,

Responde o Autor.

Senhor, nam vos agasteis,
Porque Deos vos proverá,
E se mais saber quereis,
Nas costas deste lereis,
As iguarias, que ha.

Vira o papel, que dizia assi.

Tendes nem migalha assada,
Cousa nenhuma de molho,
E nada feyto em empada,
E vento de tigelada,
Picar no dente em remolho:
De fumo tendes tassalhos,
Ave da pena, que sente
Quem da fome anda doente
Bocejar de vinho, & dalhos,
Manjar em branco excellente.

A derradeyra a Francisco de Mello.

De hum homem, que teve o cetro
Da vea maravilhosa,
Não foy cousa duvidosa,
Que se lhe tornava em metro,
O que hia a dizer em prola.
De mi vos quero afirmar
Que faça coufas mais novas,
De quanto podeis cuydar,
E esta cea, que he manjar,
Vos faça na boca em trovas.

Na India ao Visorrey, com o mote adiante.

Mote, que lhe mandou o Visorrey, para lhe fazer humas Voltas.

Conde, cujo illustre peyto
Merece nome de Rey,
Do qual muyto certo sey,
Que lhe fica sendo estreyto
O cargo de Visorrey.
Servirdevos de ocupar-me
Tanto contra meu planeta,
Não foy fenaõ azas dar-me,
Com as quaes vou a queymarme,
Como o faz a borboleta.
Ese eu appena tomar,
Que tam mal cortada tenho,
Serà para celebrar
Vosso valor singular,
Dino de mais alto engenho,
Que se o meu vos celebrasse
Necessario me feria,
Que os olhos d'Aguiã tomasse,
Sò para que nam cegasse
No sol de vossa valia.

Vossos fey tos sublimados,
Nas armas dignos de gloria,
São no mundo tam soados,
Que em vós de vossos passados,
Se refulecita a memoria.

Pois aquelle animo estranho,
Pronto para todo effeyto,
Espanta todo o conceyto,
Como coração tamanho
Vos pòde caber no peyto.

A clemencia, que asserena
Coração tam singular,
Se eu nisso puzesse a pena,
Seria encerrar o mar
Em cova muyto pequena.

Bem basta, senhor, que agora
Vos sirvais de me ocupar,
Que assi fareis aparar
A pena, com que algum hora,
Vós vereis ao Céu voar.

Assi vos irey louvando,
Vòs a mi do chaõ erguendo,
Ambos o mundo espantando,
Vòs com aespada cortando,
Eu com appena escrevendo.

Muyto sou meu inimigo,
Pois que não tiro de mi
Cuydados, com que naci,
Que poem a vida em perigo,
Oxalá, que fora assi.

O Autor.

Viver eu sendo mortal,
De cuydados rodeado,
Parece meu natural,
Que a peçonha nam faz mal,
A quem foy nella criado,
Tanto sou meu inimigo,
Que por não tirar de mi
Cuydados com que naci
Porey a vida em perigo,
Oxalá que fora assi.

Tanto vim acresentar
Cuydados, que nunca amansaõ,
Em quanto a vida durar,
Que canso já de cuydar,
Como cuydados nam cansaõ.
Se estes cuydados, que digõ,
Déssem fim ami, & assi,
Farião pazes comigo,
Que pòr a vida em perigo,
O bom fora para mi.

A huma dama, que lhe mandou pedir algumas obras suas.

Senhora, se eu alcançasse
No tempo, que ler quereis,
Que a dita dos meus papeis,
Pela minha se trocasse,
E por ver
Tudo o que posso escrever,
Em mais breve telação,
Indo eu zonde elles vão,
Pormi só quizeis ler.

Despois de ver hum cuydado
Tam contente de seu mal,
Vereis o natural,
Do que aqui vedes pintado,
Que o prefeyto
Amor, de que sou sogeyto,
Vereis aspero, & cruel,

Aqui

Aqui com tinta, & papel,
Em mi com sangue no peyto.

Que hum continuo imaginar
Naquillo, que Amor ordena,
He pena, que em fim por pena
Senam pôde declarar;
Que se eu levoa sup moa, ababyu
Dentro na alma quanto devo
De tresladar em papeis,
Vede, que melhor lereis,
Se ami, se aquillo, que escrevo?

*A huma senhora, a quem derão hum pedaço
de sitim amarello.*

Se derivais da verdade
Esta palavra, *Sitim*,
Achareis sem falsidade,
Que apos o sim tem o tim
Que tine em toda a cidade.
Bem vejo, que me entendeis,
Mas porque nam falle em vão,
Sabey, que a esta nação,
Tanto que o si concedeis,
O tim logo está na mão.

E quem da Fama se arreda,
Que tudo vay descobrir,
Deve sempre de fugir
De sitins, porque da seda
Seu natural he rugir.
Mas pano fino, & delgado,
Qual araxa, & outros assi,
Dura, aquenta, & he callado,
Amoroso, & dà de si,
Mais que sitim, nem brocado.

Mas estes, que sedas saõ,
Com que se enganão mil damas,
Mais usa tomaõ, do que dão,
Prometem, mas nam darão,
Senam nodas para as Famas.
E se nam me quereis crer,
Ou tomais outro caminho,
Por exemplo o podeis ver,
Quando lá virdes arder
A casa d'algum vizinho.

Oh feminina simpreza,
Donde estão culpas a pares,
Que por hum dom de nobreza,
Deyxão dôes da nátureza,
Mais altos, & singulares:
Hum dom, que anda enxertado
No nome, & nas obras nam,

Fallo como experimentado,
Quê sitim desta feyção,
Eu tenho muyto cortado.

Dizeymme, que era amarelo,
E quem assi o quiz dar,
Só para me Deos vingár,
Se vem á maõ amarelo,
O que eu nam posso cuydar,
Porque quem sabe viver
Por estas artes manhosas,
Isto bem pôde nam ser
Dà a mininas fermosas,
Sómente pelas fazer.

Quem vos isto diz, senhora,
Servio nas vossas armadas
Muyto, mas anda já fora,
E pôde ser que inda agora
Tras abertas as frechadas,
E posto que disfavores
O tirão de servidor,
Quervos ventura melhor,
Que dos antigos amores,
Inda lhe fica este amor.

A hũa senhora rezando por humas contas.

Peçovos, que me digais
As orações, que rezastes,
Se são pelos, que matastes,
Se por vós, que essi matais?
Se saõ por vos, saõ perdidas,
Que qual será ao ração,
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?

Que se vedes quanto vem
A só vida vos pedir
Como vos hà Deos de ouvir,
Se vós nam ouvis ninguém?
Nam podeis ser perdoada
Com mãos a matar tam prontas,
Que se numa trazeis contas,
Na outra trazeis espada.

Se dezeis, que encomendando
Os que matastes andais,
Se rezais, por quem matais,
Para que matais rezando?
Que se na força do orar
Levantais as mãos aos Ceos,
Nam as ergueis para Deos,
Ergueylas para matar,
E quando os olhos cerrais,
Toda enlevada na fé,

Cerraõse os de quem vosve,
Para nunca verem mais
Pois se alli forem tratados
Os que vos vem quando orais,
Essas horas, que rezais,
Saõ as horas dos finados.

Pois logo se fois fervida,
Que tantos mortos nam seãõ,
Nam rezeis onde vos veãõ,
Ou vede para dar vida.
Ou se quereis escusar
Estes males, que causastes,
Re fucitay, quem matastes
Nam tereis, por quem rezar,

A huma Dama que lhe deo humna pena.

Se n'alma, & no pensamento
Por vosso me manifesto,
Nam me pela do que sento,
Que senam soffrer tormento,
Faço offensa a vosso gesto,
E pois quanto Amor ordena,
E quanto esta alma deseja,
Tudo á morte me condena,
Nam quero senam que seja
Tudo pena, pena, pena.

*A huma Dama, que lhe chamou cara sem
olhos.*

Sem olhos vio mal claro,
Que dos olhos se seguiu:
Pois cara sem olhos vio
Olhos, que lhe custão caro,
De olhos, nam faço menção,
Pois quereis que olhos nam seãõ,
Vendovos olhos sobejão,
Nam vos vendo olhos nam seãõ

Disparates na India.

Este mundo es el camino,
A doay duzientos vãos,
O por onde bõs, & nãos,
Todos somos del merino,
Mas os maos saõ de teor,
Que, desque mudaõ a cor,
Chamaõ logo a El Rey compadre,
E em fim dexaldos mi madre,
Que sempre tem hum fabor,
De quem torto nace, tarde se endireyta

Deyxay a hum, que se abone,
Diz logo de muyto fengo,
Villas, y castillos tengo,
Todos a mi mandar sene,
Entaõ eu, que estou de molho
Com alagrime no olho,
Pelo virar do envès
Digolhe, tu ex illises,
E porisso nam te olho,
Pois honra, & proveyto não cabem num sacco

Vereis huns, que no seu feyo,
Cuydaõ, que trazem Paris,
E querem comdous ceytis,
Vender anca pelomeyo,
Vereis mancebinho de arte
Com espada em talabarte,
Nam hamais Italiano:
A este direis, meu mano,
Vós loís galante, que farte,
Mas pan, y vino anda el camino, que
no moço garrido.

Outros em cada teatro,
Por officio lhe ouvireis,
Que se matarã con tres,
Y lo mismo haran con quatro:
Prezaõse de dar repostas,
Com palavras bem compostas,
Mas se lhe meteis a mão,
Na paz mostraõ coraçãõ,
Na guerra mostraõ as costas,
Porque aqui torce a porca o rabo.

Outros vejo por ahi,
A que se acha mal o fundo,
Que andaõ em mendoando o mundo,
E nam se em mendoaõ asi;
Estes respondem a quem
Delles nam entende bem,
El dolor, que està secreto,
Mas porèm quem for discreto,
Responderlheha muyto bem,
Assi entrou o mundo, assi hade sahir

Achareis ra feyro velho,
Que se quer vender por galgo,
Diz que o dinheyro he fidalgo,
Que o sangue todo he vermelho,
Se elle mais alto o disleray,
Este pelote puzera,
Que o seu echo lhe responda,
Que su padre era de Ronda,
Y su madre de Antequera,
E quer cubrir o Ceo cum a joeyra.

Fraldas largas, grave a speyto:

Para senador Romano,
 Oh que grandissimo engano,
 Que Momo lhe abrisse o peyto.
 Conciencia, que sobeja,
 Siso, com que o mundo reja
 Mansido outro que si
 Mas que lobo està em ti,
 Metido em pele de ovejã,
 E sabemno poucos.

Guardayvos de huns meus senhores.
 Que ainda comprão, & vendem,
 Huns, que he certo, qua descendem
 Da geração de pastores:
 Mostraõ fevos bõs amigos
 Mas se vos vem em perigos,
 Escarrãovos nas paredes,
 Que de fóra dormiredes,
 Irmão, que he tempo de figos,
 Porque de rabo de porco uunqua bõ virote

Que direis de huns, que as entranhas
 Lhe estaõ ardendo em cobiza,
 E se tem mando, a justiça
 Fazem de teas de aranhas:
 Com suas hypocresias,
 Que saõ de vossas espias:
 Para os pequenos huns Neros,
 Para os grandes tudo feros:
 Pois tu, parvo, nam sabias,
 Que là vaõ leys onde querem cruzados?

Mas tornando ahuns enfadonhos,
 Cujas cousas saõ notorias,
 Huns, que contaõ mil historias,
 Mais desmanchadas, que sonhos,
 Huns mais parvos, que zamboas,
 Que estudaõ palayras boas,
 A que ignorancia os atica,
 Estes paguem por justiça,
 Que tem morto mil pessoas,
 Por vida de quanto quero.

Aonde tienem las mentes
 Huns secretos trovadores,
 Que fazem cartas de amores,
 De que ficaõ muyto contentes,
 Nam querem saber a praça
 Trazem troya por negaça,
 E selhe gabais, que he boa,
 Diz, que he de certa pessoa:
 Hora que quereis que faça,
 Se nam ir me por esse mundo?

O tu, como me atarracas,
 Escudeyro de Solia,
 Com bocais de fidalguia,

Trazido quasi com vacas,
 Importuno a importunar,
 Morto por defenterrar
 Parentes, que cheyraõ já,
 Voto a tal, que me farà
 Hum destes nunqua fallar
 Mais com viva alma.

Huns, que fallaõ, muyto vi,
 De que quizera fugir,
 Huns, que enfim sem se sentir,
 Andaõ fallando entre si:
 Porfiolos sem razãõ,
 E desque tomaõ amaõ,
 Fallaõ sem necessidade,
 E se algum hora he verdade,
 Deve ser na confissãõ,
 Porque quem nam mente,
 Já me entendeis.

Oh vós, quem quer, que me lerdas
 Que haveis de ser avifado,
 Que dizeis ao namorado,
 Que caça vento com redes?
 Jura por vida da dama,
 Falla consigo na cama,
 Passa de noyte, & escarra,
 Por falsete na guitarra
 Poem sempre, viva quem ama,
 Porque calça a seu proposito.

Mas deyxemos, se quizerdes,
 Por hum pouco as travessuras,
 Porque entre quatro maduras
 Leveis tambem cinco verdes.
 Deytemonos mais ao mar,
 E se algum se recear,
 Passe tres, ou quatro trovas,
 E vós tomais cores nõvas?
 Mas nam he para espantar,
 Que quem porcos ha menos,
 Em cada mouta lhe ronçaõ.

Oh vós, que sois secretarios
 Das conciencias Reais,
 Que entre os homens estais
 Por senhores ordinarios:
 Porque nam pondeis hum freo
 Ao roubar, que vay sem meo,
 Debayxo de bom governo?
 Pois hum pedaço de inferno,
 Por pouco dinheyro alheo,
 Se vende a Mouro, & a Judeu

Porque amante affeyçoada
 Sempre à Real dinidade,
 Vos faz julgar por bondade.

A malicia desculpada?
 Move a preferença Real
 Huma affeição natural,
 Que logo inclina ao Juiz
 A teu favor, & nam diz
 Hum rifaõ muyto géral,
 Que o Abbade donde canta, dahi janta.
 E vós baylais a esse tom,
 Por isso gentis pastores,
 Vos chama a vós mercadores,
 Hum, que só foy pastor bom.

A João Lopes Leytão, sobre huma peça de cacha, que mandou a huma Dama, que se lhe fazia donzella.

Mote.

Se vossa dama vos dá,
 Tudo quanto vós quizestes,
 Dizey, para que lhe déstes,
 O que vos ella fez já?
 Sendo os restos envidados,
 E vós de cachas nul contos,
 Sabeis com quaõ poucos pontos,
 Que olhos achastis quebrados:
 Se o que tem isso vos dá,
 Vós muy bem lho merecestes,
 Porque se a cacha lhe déstes,
 Tinha vola feyta já.

A Dona Francisca de Aragão, que lhe mandou glosar esta regra.

Mas porém a que cuydados.
 Tanto mayores tormentos
 Foraõ sempre, os que sofri,
 Daquillo, que cabe em mi,
 Que nam ley, que pensamentos,
 São os para que naci.
 Quando vejo este meu peyto
 A perigos arriscados,
 Inclinado, bem suspeyto,
 Que a cuydados sou fugeyto.
 Mas porém a que cuydados?

Ao mesmo.

Que vindes em mim buscar,
 Cuydados, que sou cativo?
 Eu nam tenho, que vos dar,
 Se vindis a me matar,
 Já ha muyto, que nam vivo:

Se vindes, porque me dais
 Tormentos desesperados,
 Eu, que sempre sofri mais,
 Nam digo, que nam venhais,
 Mas porém a que cuydados?

Ao mesmo.

Se as penas, que amor me deu,
 Vem por tam suaves meos,
 Nam ha que temer receos,
 Que val hum cuydado meu,
 Por mil descansos alheos.
 Ter nús olhos tam fermosos
 Os sentidos enlevados,
 Bem sey que em bayxos estados,
 São cuydados perigosos,
 Mas porém a que cuydados.

Carta com a glosa acima.

Deyxe-me enterrar no esquecimento de v. m. crendo me seria assi mais seguro: mas agora que he servida de me tornar a resuscitar, por mostrar seus poderes, lembrolhe, que huma vida trabalhosa, he menos de agradecer, que huma morte descansada. Mas se esta vida, que agora de novo me dà, for para ma tornar a tomar, servindose della, nam me fica mais, que desejar, que poder acertar com este mote de v. m. ao qual dey tres entendimentos, segundo as palavras delle puderaõ sotrer, se forem bons, he mote de v. m. se maos, saõ as glosas minhas.

Mote alheo.

Campos bemaventurados
 Tornayvos agora tristes,
 Que os dias, em que me vistes
 Alegres, já saõ passados

Glosa.

Campos cheos de prazer
 Vós, que estais reverdecendo,
 Já me alegrey com vos ver,
 Agora venho a temer,
 Que entristeçais em me vendo,
 E pois a vista alegrais
 Dos olhos desesperados,
 Nam quero, que me vejais,

Para que sempre sejais,
Campos bemaventurados.
Porém se por accidente
Vos pellar de meu tormento,
Sabereis, que amor consente,
Que tudo me descontente,
Senam descontentamento.
Por isso vós, arvoredos
Que já nos meus olhos vistes
Mais alegrias, que medos,
Se mos quereis fazer ledos,
Tornayvos agora tristes,
Já me vistes lédo ser,
Mas despois que o falso Amor
Tam triste me fez viver,
Lédos folgo de vós ver,
Porque me drobeis a dor,
E se este gosto sobejo
De minha dor me sentistes,
Julgay quanto mais defejo
As horas, que vos não vejo,
Que os dias, em que me vistes.
O tempo, que he desigual,
De secos, verdes vos tem,
Porque em vosso natural,
Se muda o mal para o bem,
Mas o meu para mór mal,
Se perguntais, verdes prados,
Pelos tempos diferentes,
Que de amor me forão dados
Tristes, aqui laõ presentes,
Alegres, já são passados.

Mote alheo.

Trabalhos descansariaõ,
Se para vós trabalhasse
Tempos tristes passariaõ,
Se alguma hora vos lembrasse.

Glosa.

Nunqua o prazer se conhece,
Senam despois da tormenta,
Tam pouco o bem permanece,
Que se o descanso florece,
Logo o trabalho arrebenta.
Sempre os bens se lograriaõ,
Mas os males tudo atalhãõ,
Porém já que alli porfiãõ,
Onde descansos trabalhãõ,
Trabalhos descansariaõ.

Qualquer trabalho me fora
Por vós graõ contentamento,
Nada sentira, senhorá,
Se vira disto algum hora,
Em vós hum conhecimento,
Por mal, que o mal me tratasse
Tudo por bem tomaria,
Poito que o corpo cançasse,
A alma descansaria,
Se para vós trabalhasse.
Quem vossas cruezas já
Sofreo, a tudo se poz,
Costumado ficará
E muyto melhor ferá,
Se trabalhar para vós,
Tristezas esqueceriaõ,
Posto que mal me trataraõ,
Annos nam me lembrariaõ,
Que como estoutros passaraõ,
Tempos tristes passariaõ.
Se fosse galardoado
Este trabalho tam duro,
Nam vivera magoados,
Mas nam ofoy o passado,
Como o ferá o futuro?
De cansar nam cansaria,
Se quizeréis, que cansasse,
Cavar, morrer, falohia,
Tudo, em fim esqueceria
Se algum hora vos lembrasse.

Mote alheo.

Triste vida se me ordena,
Pois quer vossa condiçãõ,
Que os males, que dais por pena,
Me fiquem por galardãõ.

Glosa.

Despois de sempre sofrer
Senhora, vossas cruezas,
A pellar de meu querer,
Me quereis satisfazer
Meus serviços com tristezas,
Mas pois em balde resiste,
Quem vossa vista condena,
Prestes estou para a pena,
Que de galardãõ tam triste,
Triste vida se me ordena
De contente do mal meu,
A tam grande extremo vim,

Que

Que consintò em minha fim,
 Assim que vós, & mais eu,
 Ambos somos contra mim.
 Mas que sofra meu tormento,
 Sem querer mais galardão,
 Nam he fôra de razaõ,
 Que queira meu so frimento
 Pois quer vossa condiçãõ,
 O mal, que vós dais por bem,
 Esse, senhora, he mortal,
 Que o mal, que dais como mal
 Em muyto menos se tem,
 Por costume natural,
 Mas porém nesta vitoria,
 Que comigo he bem pequena
 A mayor dor me condena,
 A pena, que dais por gloria,
 Que os males, que dais por pena,
 Que mór bem me possa vir,
 Que servir vos nam o sey,
 Pois que mais quero eu pedir,
 Se quanto mais vos servir;
 Tanto mais vos deverey?
 Se vossos merecimentos
 De tam alta estima saõ,
 Assaz de favor me daõ,
 Em querer, que meus tormentos
 Me fiquem por galardão.

Mote alheo.

Já nam poiso ser contente,
 Tenho a esperança perdida.
 Ando perdido entre a gente
 Nem morro, nem tenho vida.

Glosa.

Despois que meu cruel Fado
 Destruio huma esperança,
 Em que me vi levantado,
 No mal fiquei sem mudança,
 E do bem desesperado:
 O coração, que isto sente,
 A sua dor nam resiste,
 Porque vé muy claramente,
 Que pois naci para triste,
 Já nam posso ser contente.
 Por isso contentamentos
 Fugi de quem vos despreza,
 Já fiz outros fundamentos,
 Já fiz senhora a tristeza

III. Part.

De todos meus pensamentos
 O menos, que lho entreguey,
 Foy esta cansada vida,
 Cuydo, que nisto acertei,
 Porque de quanto esperey,
 Tenho a esperança perdida.
 Acabar de me perder
 Forá já muyto melhor,
 Tivera fim esta dor
 Que nam podendo mór ser,
 Cada vez a sinto mór:
 De vós desejo esconderme,
 E de mi principalmente,
 Onde ninguem possa verme,
 Que pois me ganho em perderme
 Ando perdido entre a gente.
 Gostos de mudanças cheos
 Nam me busqueis, nam vos quero,
 Tenhvos portam alheos,
 Que do bem, que não espero,
 Inda me ficão receos.
 Em pena tam sem medida,
 Em tormento tam esquivo,
 Que moura, ninguem duvida,
 Mas eu se morro, ou se viyo,
 Nem morro, nem tenho vida.

Mote a huma Dama.

A morte, pois que sou vosso,
 Nam na quero, mas se vem,
 Hade ser todo meu bem.

Glosa.

Amor, que em meu pensamento
 Com tanta fé se fundou,
 Me tem dado hum regimento,
 Que quando vir meu tormento,
 Me salve com cujo sou,
 E com esta de fensão,
 Com que tudo vencer posso,
 Diz a causa ao coração,
 Nam tem em mi jurdição,
 A morte, pois que sou vosso.
 Por exprimentar hum dia
 Amor, se me achava forte,
 Nesta fé, como dizia,
 Meconvidou com a morte,
 Sò por ver se a tomaria.
 E com ella seja a cousa,
 Onde está todo meu bem,

Aa 2

Respondilhe

Respon dihe, como quem
 Quer dizer mais, & nam oufa,
 Nam a quero, mas se vem.
 Nam disse mais, porque então
 Entendeo quanto me toca,
 E se tinha dito o nam,
 Muytas vezes diz a boca,
 O que nega o coração,
 Toda a cousa defen tida,
 Em mais estima se tem,
 Por isso he couza sabida,
 Que perder por vòs a vida,
 Ha de ser todo meu bem.

Mote a huma Dama que se chamava Anna.

Vejo, na alma pintada,
 Quando me pede o desejo,
 A natural, que nam vejo,

Glofa.

Se só de ver puramente,
 Me transformey no que vi,
 De vista tam excellente,
 Mal poderey ser ausente,
 Em quanto o nam for de mi.

Porque a alma namorada
 A traz tambem debuxada,
 E a memoria tanto voa,
 Que se a nam vejo em pessoa,
 Vejoa na alma pintada.

O desejo, que se estende
 Ao que menos se concede,
 Sobre vòs pede, & pertende
 Como o doente, que pede,
 O que mais se lhe defende,
 Eu, que em ausencia nam vejo,
 Tenho piedade, & pejo,
 De me ver tam pobre estar,
 Que então nam tenho, que dar,
 Quando me pede o desejo.

Como aquelle, que cegou,
 He cousa vista, & notoria,
 Que a natureza ordenou,
 Que se lhe dobre em memoria,
 O que em vista lhe faltou,
 Assi a mim, que nam vejo
 Os olhos, ao que desejo,
 Na memoria, & na firmeza
 Me concede a natureza
 A natural, que nam vejo.

Mote alheo.

Sem, vòs, & com meu cuydado,
 Olhay com quem, & sem quem

Glofa.

Vendo amor, que com vos ver
 Mais levemente sofria
 Os males, que me fazia,
 Nam me pode isto sofrer:
 Conjurouse com meu Fado,
 Hum novo mal me ordenou,
 Ambos me levão forçado,
 Nam sey onde, pois, que vou
 Sem vòs, & com meu cuydado.

Nam sey qual he mais estranho,
 Destes dous males, que sigo,
 Se nam vos ver, se comigo
 Levay imigo tamanho.
 O que fica, & o que vem,
 Hum me mata, outro desejo
 Com tal mal, & sem tal bem,
 Em tais estremos me vejo,
 Olhay com quem, & sem quem?

Ao mesmo.

Amor, cuja providencia
 Foy sempre, que nam errasse
 Porque n'alma vos levasse
 Respeytando o mal de ausencia,
 Quiz que em vòs me transformasse
 E vendome ir maltratado,
 Eu, & meu cuydado tòs
 Proveo nisso de attentado,
 Por nam me ausentar de vòs,
 Sem vos, & com meu cuydado.

Mas est'alma, que eu trazia,
 Porque vòs nella morais,
 Dey xame cego, & sem guia,
 Que ha por melhor companhia,
 Ficar onde vòs ficais.
 Assi me vou de meu bem,
 Onde quer a forte estrella,
 Sem alma, que em si vos tem,
 Co mal de viver sem ella,
 Olhay com quem, & sem quem?

Mote albeo.

Sem ventura he por demais

Glofa.

Todo o' trabalhado bem,
Promete gostoso fruto:
Mas os trabalhos, que vem,
Para quem dita nam tem,
Valem pouco, & custão muyto.
Rompe em toda a pedra dura,
Faz os homens immortais
O trabalho quando a tura
Mas querer achar ventura
Sem ventura, he por demais.

Mote albeo.

Minh'alma lembrayvos della.

Glofa.

Pois o vervos tenho em mais,
Que mil vidas, que medeis,
Assi como, a que me dais,
Meu bem, já que mo negais
Meus olhos, nam mo negueis.
E le a tal estado vim,
Guiado de minha estrella,
Quando houverdes dó de mim,
Minha vida, daylhe a fim,
Minh'alma lembrayvos della.

Mote albeo.

Tudo pôde huma affeyção.

Glofa.

Tem tal jurdição amor,
N'alma donde se'apofenta,
E de que se faz senhor,
Que a liberta, & izenta
De todo humano temor,
E com muy justa razão,
Como senhor soberano,
E pois me sofre tenção,
Gritarey por defengão,
Tudo pôde huma affeyção.

Trovas de Boscão.

Justa fue mi perdicion,
De mis males foi contento
Ya no espero galardón,
Pues vuestro merecimiento
Satisfizo a mi passion,

Glofa.

Delpues que amor meformó
Todo de mor, qual me veo,
En las leyes, que medió,
El mirar me consintió
Y de fendiome el desso.
Mas el alma como injusta,
En viendo tal perfeccion,
Diò al desso o casion,
Y pues quebrè ley tan justa,
Justa fue mi perdicion.
Mostrandose me el amor,
Más benigno, que cruel,
Sobre tyrano traydo,
Dezelos de mi dolor,
Quiso tomar parte en él.
Yo, que tan dulce tormento
No quiero dallo, aunque peço
Resisto, y no lo consintio,
Mas si me lotoma a trucco,
De mis males soy contento.
Señora, ved lo que ordena
Este amor tan falso nuestro,
Por pagar a costa agena,
Manda que de un mirar vuestro
Haga el premio de mi pena.
Mas vós, para que veáis
Tan enganosa intencion,
Aunque muerto me sintais,
No mireis, que si mirais,
Yá no espero galardón.
Pues que premio, me direis,
Esperas, que será bueno?
Sabed, si no lo sabeis,
Que es lo más de lo que peno
Lo menos, que merecis.
Quien haze al mal tan ufano,
Y tan libre al sentimiento,
El desso? No, que es vano,
El amor? No, que es tyranno,
Pues? Vuestro merecimiento
No pudiendo amor robarme

De mis tan caros despojos.
 Aunque fue por más honrarme
 Vòs sola para matarme
 Le prestastes vueitros ojos.
 Mataranme ambos a dos,
 Mas a vòs con más razon
 Deve élla satisfacion,
 Que a mi por él, & por vòs,
 Satisfizo mi passion.

Mose.

Menina fermosa, & crua,
 Bem sey eu,
 Quem deyxará de ser seu,
 Se vòs quizercis ser sua.

Volta.

Menina mais que naidade,
 Se, para me querer bem,
 Vos nam vejo ter vontade,
 He, porque outrem vola tem,
 Tem vola, & faz vola, crua
 Porém eu

Já tomara nam ser meu,
 Se vòs nam foreis tam sua.

Nos olhos, & na affeyção
 Vos vi, quando vos olhava,
 Tanta graça, que vos dava
 De graça este coração:
 Nam no quizestes de crua,
 Por ser meu,
 Se outrem vos dera o seu,
 Pòde ser foreis mais sua.

Menina tende maneyra,
 Que ainda nam venha a ser,
 Pois nam quereis, quem vos quer,
 Que queyrais, quem vos não queyra
 Olhay nam me se jais crua,
 Que pois eu
 Quero ser voffo, & nam meu,
 Sede vòs minha, & nam sua.

A huma Dama doente.

Da doença, em que hora ardeis
 Eu fora vossa mézinha
 Só com vòs serdes a minha
 He muyto para notar,
 Cura tambem acertada,
 Que podereis, ser curada

Sómente com me curar.
 Se quereis, dama trocar,
 Ambos temos a mézinha,
 Eu a vossa, & vòs a minha
 Olhay, que nem quer Amor,
 Porque fiquemos iguaes,
 Pois meu ardor não curais,
 Que se cure voffo ardor:
 Eu cá sinto vossa dor,
 E se vòs sentis a minha,
 Day, & tomay a mézinha.

Outro.

Deo, senhora, por sentença
 Amor, que fosseis doente,
 Para fazerdes á gente
 Doce, & fermosa, a doença.

Não sabendo amor curar,
 Foy a doença fazer
 Fermosa pera se ver,
 Doce para se passar

Então vendo a differença,
 Que ha de vòs a toda a gente
 Mandou, que fosseis doente,
 Para gloria da doença.

E digovos de verdade,
 Que a faude anda envejosa,
 Por ver estar tam fermosa
 Em vòs esta enfermidade,
 Não façais logo detença
 Senhora, em estar doente,
 Porque adoecerá a gente,
 Com desejos da doença.

Que eu por ter, fermosa dama
 A doença, que em vòs vejo
 Vos confesso, que desejo
 De cahir com vosco em cama,
 Se consentis, que me vença
 Deste mal, não houve gente
 Da faude taó contente
 Como eu sefrey da doença.

Ao me(mo).

Olhay, que dura sentença
 Foy amor dar contra mi,
 Que porque em vòs me perdi,
 Em vòs me busque a doença.
 Claro está,
 Que em vòs sò me achará,
 Que em mi se me vem buscar,
 Nam poderá mais achar,

Que a fôrma, do que foy já.

Que se em vós Amor se poz,
Senhora, he forçado assi
Que o mal, que me busca ami,
Que vos faça mal avós,
Sem mentir,
Amor me quiz destruir,
Por modo nunca cuydado,
Pois ha de ser já forçado,
Pel'vros de vos servir

Mas foy tam desconhecida,
E são meus males de sorte,
Que vos ameaça a morte,
Porque me negais avida,
Se por boa

Tal justiça, se pregoa,
Quando deita sorte for,
Havey vós perdao de amor,
Que a parte já vos perdoa,
Mas, o que mais temo em fim,
He que nesta differença,
Que se não torne a doença
Se me não tornais a mim.
De verdade,

Que já vossa humanida
De que se queyxe não tem,
Pois para as almas tambem
Fez Amor enfermidade.

Mote a huma Damá vestida de dó

De atormentado, & perdido,
Já vos não peço, senão,
Que tenhais no coração
O que tendes no vestido.

Volta.

Se de dó vistida andais,
Por quem já vida não tem,
Porque nam no haveis, de quem
Vós tantas vezes matais.
Que brado sem ser ouvido,
E nunca vejo, senão
Cruzas no coração,
E grande dó no vestido.

*A Dona Guiomar de Blasfê, queymando se
Com huma vella no rosto.*

Mote.

Amor, que todos offende
Teve, senhora, por gosto,

Que sentisse o vosso rosto,
O que nas almas acende.

Volta.

Aquelle rosto, que traz
O mundo todo abrazado,
Se foy de flamma tocado,
Foy porque sinta, o que faz.

Bem sey que amor se vos rende,
Porèm o seu presuposto,
Foy sentir o vosso rosto
O que nas almas acende.

*A huma mulher acontada por hum homem, que
chamavão Corefma.*

Naõ estejais agravada,
Senão se for de vós mesma,
Porque a mulher, que he errada,
Com razão pola Corefma,
Deve ser disciplinada,

Volta.

Quererdes profano Amor
Em Corefma, he consciencia,
Açoutes, & penitencia
Vos està muyto melhor.
Naõ fiqueis disto afrontada,
Pois aculpa he vossa mesma,
Que mulher, que he taõ malvada,
He bem, que pela Corefma
Seja bem disciplinada.
Se a penitencia vos val,
Muy bem acontada estais,
Pois por Corefma pagais,
Vossos vicios do carnal.
Naõ torneis a ser errada,
Nem condencis a vós mesma,
Pois estais já enmendada,
E naõ fereis por Corefma
Outra vez disciplinada.

*A hum fidalgo, que lhe tardava com huma
camiza, que lhe prometeo.*

Quem no mundo quizer ser
Hayido por singular,
Para mais se engrandecer,
Hade trazer sempre odat
Nas ancas do prometer.

E já que vossa mercê, o mundo sou,
Largueza tem por diviza,
Como o mundo todo vê,
Ha mister, que tanto dé,
Que venha a dar a camiza.

*A huma Dama, que lhe chamou diabo, por
nome Adam dos Anjos.*

Senhora, pois me chama ismo,
Tam sem razão tam mau nome,
Inda o diabo vos tome.

Quem quer que vio, ou que leo,
Terá por novo, & moderno,
Ter quem vive no inferno,
O pensamento no Ceo.
Mas se avós vos pareceo,
Que me estava bem tal nome,
Este diabo vos tome,
Perdido mais, que ninguem.

Confesso, senhora, ser,
Mas o diabo não quer,
Aos Anjos tamanho bem,
Pois logo não me convem,
Ou se me convem tal nome,
Será para que vos tome.

Se vos benzeis com cautela,
Como de Anjo, & não de luz,
Mal pode fugir da Cruz,
Quem vóstendes posto nella,
Mas já que foy minha estrella,
Ser diabo, & ter tal nome,
Guarday vos, que vos não tome.

Já que chegais tanto ao cabo,
Com as mãos póstas aos Ceos,
Vou sempre pedindo a Deos,
Que vos leve este diabo.
Eu, senhora, não me gabo,
Mas pois que me dais tal nome,
Tomoo para que vos tome.

A hum amigo, que não podia encontrar.

Qualiterá culpa de nós
Neste mal, que todo he meu?

Quando vindes não vou eu
Quando vou não vindes vós
Reynando amor em dous peytos,
Tece tantas falsidades,
Que de conformes vontades
Faz desconformes effeytos.
Igualmente vive em nós,
Mas por desconcerto seu
Vos leva se venho eu,
Meleva se vindes vós.

Mote seu.

Delcal'a vay pela neve,
Assi faz, quem amor serve.

Volta.

Os privilegios, que os Reys
Não podem dar, pôde Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leys,
Mortes, & guerras crueis,
Ferro, frio, fogo, & neve
Tudo sofre, quem o serve

Moça fermosa despreza
Todo o frio, & toda a dor,
O hay quanto pôde Amor,
Mais que a propria natureza,
Medo, nem delicadeza
Lhe impede, que passe a neve,
Assi faz, quem amor serve.

Por mais trabalhos, que leve,
A tudo se offerceria
Passa pela neve fria,
Mais alva, que a propria neve,
Com todo frio se atreve
Vede em que fogo serve
O triste, quem amor serve.

Outro alho.

Ador, que a minha alma sente
Nam na sabe toda a gente,

Volta.

Que estranho caso de amor,
Que desejado tormento,
Que venho a ser avarento
Das dores de minha dor,
Por me, nam tratar peor,

Se se sabe, ou se sente,
 Não na digo a toda a gente.
 Minha dor, & causa della,
 De ninguem ouso fiar,
 Que seria aventurar
 A perderme, ou a perdela;
 E pois sò com padecela,
 A minha alma está contente,
 Não quero, que o sayba a gente,
 Ande no peyto escondida
 Dentro n'alma sepultada
 Demi só seja chorada
 De ninguem seja sentida,
 Ou me mate, ou medé vida,
 Ou viva triste, ou contente
 Não ma sayba toda a gente

Outro seu.

D'alma, & de quanto tiver
 Quero, que me despojeis,
 Com tanto, que medeyxeis
 Os olhos para vos ver.

Volta.

Coufa este corpo não tem,
 Que já não tenhais rendida,
 Despois de tirarlhe a vida,
 Tiraylhe a morte tambem:
 Se maistenho, que perder,
 Mais quero, que me leveis,
 Com tanto, que me deyxéis
 Os olhos para vos ver,

[Mote alheo.]

A mores de huma casada,
 Que eu vi pelo meu mal

Volta.

Numa casada fui pór
 Os olhos desi senhores,
 Cuydey, que fossem amores,
 Elles fizerãose amor.
 Fazse o desejo mayor
 Donde o remedio nam val,
 Em perigo de meu mal.
 Nam me pareceo, que Amor
 Pudesse tanto comigo,
 Que donde entra por amigo

III. Part.

Se levante por senhor;
 Levame de dor em dor,
 E definal em final,
 Cada vez para mór mal.

Outro seu.

Enforquey minha esperança,
 Mas Amor foy tão madraço,
 Que lhe cortou o baraço.

Volta.

Foy a esperança julgada
 Por sentença da ventura,
 Que pois me teve á pendura,
 Que fosse de pendurada;
 Vem Cupido com a espada,
 Cortalhe cerce o baraço.
 Cupido, foste madraço.

Outro seu.

Puz o coração nos olhos,
 E os olhos puz no chão,
 Por vingar o coração

Volta.

O coração envejoso
 Como dos olhos andava,
 Sempre remouques me dava,
 Que não era o meu mimoso,
 Venho eu de piedoso,
 Do senhor meu coração,
 E boto os olhos no chão,

Outro seu.

Puz meus olhos numa funda,
 E fiz hum tiro com ella
 Aas grades de huma janella

Volta.

Huma dama de malvada,
 Tomou seus olhos na mão,
 E tiroume huma pedrada
 Com elles ao coração.
 Armey minha funda então,
 E puz os meus olhos nella,
 Trape, quebreylhe a janella.

Bb

Alheo.

Albo.

De pequena tomey amor,
 Porque o nam entendi,
 Agora, que o conheci,
 Matame com disfavor.

Volta.

Vio moço, & pequenino,
 E a mesma idade enfiã,
 Que se incline huma minina,
 Aas amostras de hum minino:
 Ouvia chamar Amor,
 Pelo nome me venci,
 Nunca tal engano vi,
 Nem tamanho desamor.

Crece me de dia em dia,
 Com a idade a affeição,
 Porque amor de criação,
 Nalma, & navida se cria,
 Crioute em mi este amor,
 E senhoreouse de mi,
 Agora que o conheci,
 Matame com disfavor.

As flores me torna abrolhos,
 A morte me determina,
 Quem eu trouxe de minina,
 Nas mininas de meus olhos,
 Desta magoa, & destador,
 Tenho sabido, que em fim
 Por amor me peço a mim,
 Por quem de mi perde amor.

Parece ser caso estranho,
 O que a amor em mim ordena,
 Que em idade tão pequena
 Haja tormento tamanho:
 Sejaõ milagres de amor,
 Heyos, de soffrer assim,
 Até que haja dô de mi,
 Quem entender esta dôr.

Cantiga velha.

Apartarãose os meus olhos,
 De mi tão longe,
 Falsos amores,
 Falsos maos enganadores.

Volta.

Volta.

Trataraõme com cautella,
 Por me enganar mais azinha,
 Deylhe posse d'alma minha,
 Foraõme fugir com ella,
 Nem ha vellos, nem ha vella
 De mi tão longe,
 Falsos amores,
 Falsos maos enganadores.
 Entregueylhe a liberdade,
 E em fim da vida o melhor,
 Foraõse, & do desamor,
 Fizeraõ necessidade,
 Quem teve a sua vontade,
 De mi tam longe,
 Falsos amores,
 E oxalá enganadores.

Volta.

Outra.
 Falso cavaleyro ingrato,
 Enganaisme,
 Vós dizeis, que eu vos mato,
 E vós mataisme.

Volta.

Costumadas artes são
 Para enganar innocencias,
 Piedosas apparencias,
 Sobre izento coração:
 Eu vos amo, & vós ingrato
 Magoaisme,
 Dizendo, que eu vos mato,
 Evós mataisme.

Vede agora qual de nós,
 Anda mais perto do fim,
 Que a justiça fazse em mim,
 E o perdão diz, que sois vós.
 Quando mais verdade trato
 Levantaisme,
 Que vos desamo, & vos mato,
 E vós mataisme.

Proprio.

Se de meu mal me contento,
 He porque para vós vejo
 Em todo o mundo desejo,
 E em ninguem merccimento.

Volta.

Voltas.

Para quem vos soube olhar
 Tam impossivel foy fer,
 O poder vos merecer,
 Como o não vos desejar.
 Pois logo a meu pensamento
 Nenhum remedio lhe vejo,
 Se não te dér o desejo,
 Azas ao merecimento.

A albeo.

Vós senhora tudo tendes.
 Senão que tendes os olhos verdes.

Voltas.

Do tou em vós natureza
 O summo da perfeição,
 Que o que em vós he senam,
 He em outras gentileza:
 O verde nam se despreza,
 Que agora que vós o tendes,
 São bellos os olhos verdes.
 Ouro, & azul he a melhor
 Cor, porque a gente se perde,
 Mas agraca desse verde,
 Tira a graca a toda cor.
 Fica agora sendo a flor
 A cor, que nos olhos tendes,
 Porque são vossos, & verdes.

Albeo.

Para que me dan tormento,
 Aprovechando tan pouco,
 Perdido, mas no tan loco,
 Que descubra lo que siento.

Voltas.

Tiempo perdido es aquel,
 Que se passa en darme a fan,
 Pues quanto más melo dan,
 Tanto menos siento dél.
 Que descubra lo que siento?
 No lo haré, que no es tan poco,
 Que no puede ser tan loco,
 Quien tiene tal pensamiento,
 Se pan que memanda Amor,

III. Part.

Que de tan dulce querella,
 A nadie dé parte della,
 Porque la sienta mayor.
 Es tan dulce mi tormento,
 Que aun se me antoja poco,
 Y li es mucho quede loco
 De gusto de lo que siento.

Albeo.

De vuestros ojos centellas,
 Quien encienden pechos de yelo,
 Suben por el ayre al cielo,
 Y en llegando son estrellas

Voltas.

Falsos loores os dan,
 Que essas centellas tan raras,
 No son nel cielo más claras,
 Que en los ojos donde estan.
 Porque quando miro en ellas
 El como alumbran al suelo,
 No sé que seran nel cielo
 Mas se que acá son estrellas.
 Ni se puede presumir,
 Que al cielo suban, señora,
 Que la lumbre, que en vós móra
 No tiene más, que subir,
 Mas pienso, que dan querellas
 A Dios nel octavo cielo,
 Porque son acá en el suelo
 Dos tan hermolas estrellas.

Albeo.

De dentro tengo mi mal,
 Que de fuera no ay señal.

Voltas.

Mi nueva, y duce querella
 Es invisible ala gente,
 El alma solo la siente,
 Que el cuerpo no es dino della,
 Como la viva centella
 Se encubre en el pedernal,
 De dentro tengo mi mal.

Albeo.

Amor loco, amor loco,
 Yo por vós, y vós por otro.

Bb 2

Voltas.

Para contento me hazer,
 Voltas. Todo es poco lo possible.

Diome Amor tormentos dos,
 Para que pene dobrado,
 Uno es verme defamado,
 Otro es manzilla de vós,
 Ved que ordena Amor en nós?
 Porque, vós hazeis-me loco,
 Que feais loca por otro.

Tratais amor de manera,
 Que porque assi me tratais,
 Quiere que pues no me amais,
 Que ameis outro, que no es quiera,
 Mas con todo fino os viera
 De todo loca por otro,
 Con más razon fuera loco.

Y tan contrario viviendo,
 Al fin, al fin, conformamos,
 Pues ambos a dos buscamos,
 Lo que más nos vá huyendo.
 Voy tras vós siemp're figuendo,
 Y vós huyendo por otro,
 Andais loca, y me hazeis loco.

Alceo.

Todo es poco possible.

Glosa.
 Ved, que engaño señorea,
 Nuestro juizo tan loco,
 Que por mucho que se crea,
 Todo el bien, que se desea,
 Alcançado, queda poco.
 Un bien de qualquiera grado,
 Si de averle es imposible,
 Queda mucho de seado?
 Mas para mucho alcançado?
 Todo es poco lo possible.

Outra.

Possible es a mi ciudado,
 Poderme hazer satisfecho,
 Si fuera possible al hado,
 Hazer no hecho lo hecho
 Y futuro lo passado.
 Si olvido pudiera haver,
 Fuera remedio suficiente,
 Mas ya que no puede ser,

Alcea.

Vede bem se nos meus dias
 Os des gostos vi sobejos,
 Pois tenho medo a defejos,
 E quero mal a alegrias.

Voltas.

Se defejos fuy já ter,
 Servirão de atormentarme,
 Se algum bem pode alegrarme,
 Quizme antes entristecer.
 Passey annos, passey dias,
 Em desgostos tam sobejos,
 Que só por nam ter defejos,
 Perderey mil alegrias.

Proprio.

Pois he mais vosso, que meu,
 Senhora, meu coração,
 Eu vosso captivo sam,
 Meus olhos, lembrevos eu.

Volta.

Lembrevos minha tristeza,
 Que já mais nunquã me deyxã,
 Lembrevos com quanta queyxã,
 Se queyxã minha firmeza:
 Lembrevos que nam he meu
 Este triste coração,
 E pois ha tanta razão,
 Meus olhos, lembrevos eu.

Outro.

Senhora, pois minha vida
 Tendes em vosso poder,
 Porferdes della servida,
 Nam queyrãis, que destruida
 Possa ser.

Voltas.

Isto nam por me pesar
 De morrer, se vós quizerdes,
 Que melhor me he acabar

Mil vezes, que suportar
Os males, que me fizerdes,
Mas só por serdes servida
De mim, em quanto viver,
Vos peço que minha vida,
Nam queyrais, que destruida
Possa ser.

Outro.

Pois dano me faz olharvos,
Nam quero, por nam queervos,
Que ninguem me veja, vervos

Volta.

De vervos a nam vos ver,
Ha dous estremos mortaes,
E são elles em si taes,
Que num por hum me faz morrer:
Mas antes quero escolher,
Que possa viver sem vervos,
Minh'alma por nam perdervos.

Deste tamanho perigo,
Que remedio posso ter,
Se vivo sô com vos ver,
Se vos nam vejo, perigo,
Mas quero acabar comigo,
Que ninguem me veja vervos,
Senhora, por nam perdervos.

A tres Damas, que lhe dizião, que o amavam.

Nam sey se me engana Helena,
Se Maria, se Joanna,
Nam sey, qual dellas me engana

Volta.

Huma diz, que me quer bem,
Outra jura, que mô quer,
Mas em jura de mulher,
Quem cferà se ellas nam crêm?
Nam psso nam crer a Helena,
A Maria, nem Joanna,
Mas não sey, qual mais me engana.

Huma fazme juramentos,
Que sô meu amor estima,
A outra diz, que se fina,
Joanna, que bebe os ventos.
Se cuydo, que mente Helena,

Tambem mentirá Joana,
Mas quem mente não me engana.

A huma Dama mal empregada.

Minina, não sey dizer,
Vendovos tão acabada,
Quão triste estou por vos ver,
Fermosa, & mal empregada.

Volta:

Quem tão mal vos empregou,
Pouco de mim se dohia,
Pois não vio o quanto me hia,
Em tirarme, o que tirou;
Obriga o primor, que tem
Lindeza tão estremada,
Que digaõ quantos a vem,
Fermosa, & mal empregada,
Tomastes da fermolura,
Quanto della delejastes,
E com ella me guardastes
Para tam triste ventura.
Ma taveis sendo solteyra,
Matais agora em calada,
Matais de toda a maneira,
Fermosa, & mal empregada.

A huma Foã Gonçalves.

Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora, cativo tendes,
Este meu coração Mendes.

Volta:

Eu sou boa teste munha,
Que amor tem por cousa mã,
Que olhos, que são homens já,
Se nomeem sem alcunha,
Pois o coração apunha,
E diz olhos pois vos tendes,
Chamayme coração Mendes.

Outro.

De que me serve fugir
De morte, dor, & perigo,
Se me eu lévo comigo?

Volta:

Volta.

Tenhme persuadido,
 Por razão conveniente,
 Que não posso ser contente,
 Pois que pudé ser nacido.
 Anda sempre tão unido
 O meu tormento comigo,
 Que eu mesmo sou meu perigo,
 E se de mi me livrasse,
 Nenhum gosto me seria:
 Quem senão eu nam teria
 Mal, que esse bem me tirasse
 Força he logo que assi passe,
 Ou com desgosto comigo,
 Ou sem gosto, & sem perigo.

*A humna Dama, que jurava pelos seus
 olhos.*

Quando me quer enganar,
 A minha bella perjura,
 Para mais me confirmar,
 O que quer certificar
 Pelos seus olhos me jura.
 Como meu contentamento
 Todo se rege por elles,
 Imagina o pensamento,
 Que se faz agravo a elles,
 Não crer tão grao juramento.

Porém como em calos taes
 Anda já visto, & corrente
 Sem outros certos sinais,
 Quanto me ella jura mais,
 Tanto mais cuydo, que mente.

Então vendolhe offender
 Huns taes olhos como aquelles,
 Deyxome antes tudo crer
 Só pela não constrianger,
 A jurar falso por elles.

Alheo.

Vós teneis mi coração,

Glosa.

Mi coração me han robado,
 Y Amor viendo mis enojos
 Me dixo, fue te llevado
 Por los más hermosos ojos,

Que desque vivo he mirado,
 Gracias sobrenaturales
 Te lo tienen en prision,
 Y si amor tiene razon,
 Señora, por las señales,
 Vosteneis mi corazón.

Alheo.

Ha hum bem, que chega, & foge,
 E chamase este bem tal,
 Ter bem para sentir mal.

Volta.

Quem viveo sempre num ser
 Iada que seja em pobreza
 Não vio o bem da riqueza
 Nem o mal de em pobrecer,
 Nam ganhou para perder,
 Mas ganhou com vida igual,
 Não ter bem, nem sentir mal.

A humna Dama, que lhe virou o rosto

Olhos nam vos mereci,
 Que tenhais tal condição
 Tam liberais para o chão,
 Tam irosos para mi.

Volta.

Bayxos, & honestos andais,
 Por vos negardes, a quem
 Nam quer mais, que aquelle bem,
 Que vós no chão espalhais,
 Se pouco vos mereci,
 Nam me estimeis mais que o chão
 A quem vós o galardão,
 Dais, & mo negais ami,

Proprio.

Venceome amor, nam o nego,
 Tem mais força que eu aflag,
 Que como he cego, & rapaz,
 Dame porrada de cego.

Volta.

Só porque he rapaz ruim,
 Deylhe hum bofete zombandò,
 Dizme,

Dizme, ómao, estais me dando,
Porque fois mayor que mim.
Pois se eu vos descarrego,
E em dizendo isto chaz,
Torne me outra, tã rapaz,
Que dás porrada de cego.

Ao desconcerto do mundo.

Os bós vi sempre passar,
No mundo graves tormentos,
E para mais me espantar,
Os maos vi sempre andar,
Em mar de contentamentos.
Cuydando alcançar assi,
O bem tão mal ordenado,
Fuy mau, mas fuy castigado;
Assi, que só para mi,
Anda o mundo concertado.

*A huma Dama, perguntando lhe quem
o amava.*

Mote.

Perguntais me, quem me mata,
Nam quero responder nada,
Por vos não fazer culpada.

Volta.

E se a pena não me atija,
A dizer pena tão forte,
Querome entregar à morto,
Antes que avòs á justiça,
Porém se tendes cobiça
De vos verdes tam culpada,
Dizey, que não sinto nada.

Mote.

Elconjurote Domingas,
Pois me dás tanto cuydado,
Que me digas se te vingas,
Vivircy menos penado.

Volta.

Juravais me, que outras cabras
Folgavas de apcentar,
Eu por não me magoar,
Fingia, que eraõ palavras.

Agora de arte te vingas,
De algum meu doudo pecado
Que inda que queira Domingas,
Não posso ser enganado.
Qualquer cousa busca o seu,
A fonte vay para o Tejo,
E tu para o teu desejo,
Por te vingardes do meu,
De mi te elqueces Domingas,
Como eu faço do meu gado:
Praza a Deos, que se te vingas,
Que morra de desesperado.

Na fantasia te pinto,

Falote, responde o monte,
Busco o rio, busco a fonte,
Endoudeço, & nam o sinto:
Domingas no valle brádo,
Responde o ecco, Domingas,
E tu inda te não vingas,
De me ver doudo tornado.

Alteo.

Se a alma ver se não pôde
Onde pensamentos ferem,
Que farey para me crerem?

Volta.

Se n'alma huma só ferida
Faz na vida mil finais,
Tanto se descobre mais,
Quanto he mais escondida:
Se esta dor tão conhecida
Me nam vem, por que não querem
Que farey para ma crerem?

Se se pudesse bem ver,
Quanto callo, & quanto sento
Despois de tanto tormento
Cuydaria alegre ser:
Mas senão me querem crer
Olhos, que tão mal me ferem,
Que farey para me crerem?

Alteo.

Vosso bem quer, senhora,
Vosso mal melhor me fora,

Volta.

Jã agora certo conheço,
Ser melhor todo o tormento,

Onde

Onde o arrependimento,
Se compra por justo preço;
Enganou me hum bom começo
Mas o fim me diz, agora,
Que o mal melhor me fora.

Quando hum bem he tão danoso,
Que sendo bem dá cuydadão,
O dano fica obrigado
A ser menos perigoso,
Mas se amim por desditoso,
Co bem me foy mal senhora,
Co vosso mal bem me fora.

Alheo.

Se medesta terra for,
Eu vos levarey Amor,

Volta.

Se me for, & vos deyxar,
(Ponho por caso, que possa)
Est'alme minha, que he vossa,
Com vosco me há de ficar:
Affi que tã porlevar
Aminh'alma se me for
Vos levarey meu amor.

Que mal póde maltratarme
Que com vosco seja mal,
Ou que bem póde ferital,
Que sem vós possa alegrarme?
O mal não pode enojarme,
O bem me será mayor
Se vos levar meu amor.

Alheo.

Pequenos contentamentos,
Hi buscar, quem conteteis,
Que a mim, não me conheceis.

Volta.

Os gostos, que tantas dores
Fizeraõ já valer menõs,
Nam os aceyta pequenos,
Quem nãqua teve mayores:
Bem parecem vãos favores,
Pois tam tarde me quereis.
Que inda me nam conheceis.

O fereceime alegria,
Tendome já cego, & meuco,

He bayxeza aceytar pouco,
Quem tanto vos merecia:
Idevos por outra via,
Pois o bem, que me deveis,
Nunca no fatisfareis.

Alheo.

Perdigão perdeu a pena,
Nam ha mal, que lhe nam venha

Volta.

Perdigão, que o pensamento
Subio em alto lugar,
Perde a pena do voar,
Ganha a pena do tormento:
Nam tem no ar, nem no vento,
Azas, com que se sostenha,
Nã ha mal, que lhe nã venha.

Quiz voar a huma alta torre,
Mas achouse defazado,
E vendose despenado,
De puro penado morre.
Se aqueyxumes se socorre,
Lança no fogo mais lenha,
Nam ha mal, que lhe nam venha.

Abumas senhoras, que havião de ser terceyras para com huma Dama.

Pois a tantas perdições,
Senhoras, quereis dar vida,
Ditosa seja a ferida,
Que tem tais cirurgiões,
Pois ventura
Me subio a tanta altura,
Que me sejais valedoras,
Ditosa seja a tristura,
Que se cura
Por vossos rogos, senhora,
Ser minha pena mortal,
Jã que entendeis, que he affi,
Nam quero fallar por mi,
Que por mi falla meu mal,
Sois fermosas,
Haveis de ser piedosas,
Por ser tudo de huma cor:
Que pois Amor vos fez rosas
Milagrosas,
Fazey milagres de amor.
Pedia quem vós sabeis,

Que sayba de meu trabalho,
 Não pelo, que eu nisso valho,
 Mas pelo, que vós valeis,
 Que o valer
 De vosso alto merecer,
 Com lho pedir de geolhos,
 Fará, que em meu padecer
 Possa ver
 O poder, que tem seus olhos.
 Vossa muyta fermosura
 Com asua tanto val,
 Que me rio de meu mal,
 Quando cuydo, em quem, me cura,
 Ameus ays
 Peçovos, que lhe valhais,
 Damas de Amor tam validas,
 Que nunca tal dor sintais,
 Que queyrais,
 Onde não sejas queridas.

[Endechas a Barbora escrava.

A Quella cativa,
 Que me tem cativo,
 Porque nella viyo,
 Já nam quer, que viva,
 Eu nunca vi rosa
 Em suaves molhos,
 Que para meus olhos,
 Fosse mais fermosa.
 Nem no campo flores
 Nem no Ceo estrellas
 Meparecem bellas,
 Como os meus amores.
 Rosto singular,
 Olhos sossegados,
 Pretos, & cansados,
 Mas nam de matar.
 Huma graça viva,
 Que nelles lhe mòra
 Para ser senhora
 De quem he cativa.
 Pretos os cabellos,
 Onde o povo vão,
 Perde opinião,
 Que louros são bellos.
 Pretidaõ de amor,
 Tam doce a figura,
 Que a neve lhe jura
 Que trocàra a cor
 Léda mansidão,
 Que o si so acompanha

III. Part.

Bem parece estranha,
 Mas Barbara não,
 Presença serena,
 Que atormenta amansa
 Nella em fim descança
 Toda minha pena,
 Esta he a cativa
 Que me tem cativo,
 E pois nella vivo,
 He força, que viva.

Outra.

Quem ora soubesse,
 Onde o amor nace,
 Que o semeasse,

Voltas.

D'amor, & seus danos
 Mefiz lavrador,
 Semeava amor,
 Ecolhia enganoso:
 Não vi em meus annos
 Homem, que apanhasse,
 O que semeasse.
 Vi terra florida
 De lindos abrolhos,
 Lindos para os olhos
 Duros para a vida,
 Mas ares perdida,
 Que tal herva nasce
 Em forte hora nace.
 Com quanto perdi
 Trabalhava am vão
 Se semeey graõ,
 Grande dor colhi.
 Amor nunca vi,
 Que muyto durasse,
 Que não magoasse.

Alba.

Se melevão agoas,
 Nos olhos as levo.

Proprias.

Se de saudade
 Morrerey, ou não,
 Meus olhos dirão,
 De mim a verdade.

Por elles me atrevo
 A lançar as agoas,
 Que mostrem as magoas,
 Que nesta alma levo.
 As agoas, que em vão
 Me fazem chorar,
 Se ellas são domar
 Estas de amar são,
 Por ellas relevo
 Todas minhas magoas
 Que se força de agoas,
 Me leva, eu as levo.
 Todas me entristecem
 Todas são falgadas,
 Porém as choradas,
 Doces me parecem.
 Correy doces agoas
 Que seem vós me enlevo
 Não doem as magoas,
 Que no peyto levo.

Albeo.

Minina dos olhos verdes
 Porque me não vedes.

Voltas proprias.

Elles verdes são,
 E tem por usança,
 Na cor esperança,
 E nas obras nam:
 Vossa condição
 Não he d'olhos verdes
 Porque me não vedes.
 Ifenções a molhos,
 Que elles dizem terdes,
 Não são d'olhos verdes,
 Nem de verdes olhos.
 Sirvo de gíolhos,
 E vós não me crêdes,
 Porque me não vedes.
 Haviaõ deser,
 Porque possa vellos,
 Que huns olhos tão bellos
 Não se hão de esconder,
 Mas fazeyfme crer,
 Que já nam são verdes,
 Porque me não vedes.
 Verdes nam o são,
 No que alcanço delles,
 Verdes são aquelles

Que esperança daõ.
 Se na condição
 Está serem verdes,
 Porque me não vedes?

Albeo.

Trocay o cuydado,
 Senhora comigo,
 Vereis o perigo,
 Que he ser defamado.

Voltas proprias.

Se trocar delejo
 O amor entre nós,
 He para que em vós
 Vejais, o que vejo.
 E sendo trocado,
 Este amor comigo,
 Servosha castigo,
 Terdes meu cuydado
 Tendes o sentido
 D'amor livre, & izento,
 E cuydais, que he vento,
 Ser tão mal querido.
 Nam seja o cuydado,
 Tam voslo inimigo,
 Que queyra o perigo
 De ser defamado
 Mas nunca foy tal
 Este meu querer,
 Que quem tanto quer,
 Queyra tanto mal.
 Seja eu maltratado,
 E nunca o castigo
 Vos mostre o perigo,
 Que he ser defamado.

Atenção de Miraguarda.

Ver, & mais guardar
 Dever outro dia,
 Quem o acabaria?

Voltas.

A lindeza vossa,
 Dama, quem a vé,
 Impossivel he,
 Que guardar se possa.
 Se faz tanta moísa,

Vervos

Vervos hum só dia
Quem se guardaria?
Melhor deve ser
Neste aventurar,
Ver, & não guardar,
Que guardar, & ver,
Ver, & defender
Muyto bem seria,
Mas quem poderia?

Mote.

Irme quiero madre
A aquella galera,
Conel marinero,
A ser marinera.

Volts proprias.

Madre si me fuere,
Do quiera que vó,
No lo quiero yo,
Que el amor lo quiere:
Aquel niño fiero,
Haze que me mueva
Por un marinero
A ser marinera,
El que todo puede
Madre, no podrá,
Pues el alma vá,
Que el cuerpo se quede,
Con él porque muere
Voy, porque no muera,
Que si es marinero,
Seré marinera.
Es tyрана ley,
Del niño señor,
Que por un amor
Se defeche un Rey,
Quiere, irme quiero
Por un marinero
A ser marinera.
Dizid ondas, quando
Vistes vòs donzella,
Siendo tierna, y bella
Andar navegando?
Mas que no se espera,
De aquel niño fiero,
Vea yo quien quiero,
Sea marinera.

Outra.

Saudade minha,
Quando vos veria?

Volts proprias.

Este tempo vaõ,
Esta vida escaffa,
Para todos passa,
Sò para mim nam.
Os dias se vaõ
Sem ver este dia,
Quando vos veria?
Vede esta mudança
Se està bem perdida,
Em tam curta vida,
Tam longa esperança.
Se este bem se alcança,
Tudo sofreria,
Quando vos veria.
Saudosa dor,
Eu bem vos entendo:
Mas naõ me defendo,
Porque ofendo Amor.
Se fosseis mayor,
Em mayor valia.
Vos estimaria.
Minha saudade,
Caro penhor meu,
A quem direy eu?
Tamanha verdade?
Na minha vontade
De noyte, & de dia,
Sempre vos teria.

Outra.

Vida da minha alma
Naõ vos posso ver,
Isto naõ he vida
Para se sofrer,

Volts proprias.

Quando vos eu via,
Esse bem lograva,
A vida estimava
Mas então vivia.
Porque vos servia
Sò para vos ver,

Rimas do grande Luis de Camões.

204
Ja que vos não vejo
Para que he viver?

Vivo sem razão,
Porque em minha dor,
Nam a poz amor,
Que inimigos são
Muy grande treyção
M ob iga a fazer,
Que viva senhora,
Sem vos poder ver.

Nam me atrevo já,
Minha tam querida,
A chamarvos vida,
Porque a tenho mã.
Ninguem cuydarã,
Que isto póde ser,
Sendome vós vida,
Naõ poder viver.

Outra.

Coyfa de beyrame,
Namorou Joanne.

Volta próprias.

Por cousa tam pouca
Andas namorado?
Amas o toucado,
E nam, quem o touca?
Ando cega, & louca
Porti meu Joanne,
Tu pelo beyrame.
Amas o vestido,
Es falso amator,
Tu nam vés, que amor
Se pinta despido?
Cego, & muy perdido
Andas por beyrame,
E eu por ti Joanne.
Atodos encanta
Tua parvoice,
De tua doudice
Gonfalo se espanta,
E zombando canta,
Coyfa de beyrame,
Namorou Joanne.

Eu nam sey, que viste
Neste meu toucado,
Que taõ namorado
Delle te sentiste,
Nam teveja triste

Amame Joanne,
E deyxa o beyrame?

Joanne gemia
Maria chorava,
Assi lamentava
O mal que sentia,
Os olhos feria,
E nam o beyrame,
Que matou Joanne:
Nam sey do que vem

Amores vestido,
Que o melmo Cupido,
Vettido nam tem,
Sabes, de que vem
Amores beyrame,
Vem de ser Joanne.

Mate.

Se Helena apartar,
Do campo seus olhos,
Nascerão abrolhos.

Volta.

A verdura amena,
Gados, que pazeis,
Sabey, que adeveis
Aos olhos de Helena,
Os ventos serena,
Faz flores d'abrolhos
O ar de seus olhos,
Faz ferras floridas,
Faz claras as fontes
S'isto faz nos montes
Que fará nas vidas:
Tralas suspendidas,
Como ervas em molhos.
Na luz de seus olhos
Os corações prende
Com graça inhumana,
De cada pestana
Huma alma lhe prende,
Amor se lhe rende,
E posto em giolhos,
Pasma nos seus olhos.

Alteo.

Verdes são os campos
De cor de limão,
Assi são os olhos
Domeu coração.

Volta.

Volta.

Campo, que te estendes,
Com verdura bella
Ovelhas, que nella
Vosso pasto tendes:
De ervas vos mantennendes
Que traz o veraõ,
E eu das lembranças
Do meu coração.

Gados, que pazeis,
Com contentamento,
Vosso mantimento
Nam no entendeis.
Iffo, que comeis,
Nam são ervas, nam
São graça dos olhos
Do meu coração.

Alho.

Verdes são as ortas
Com rosas, & flores
Moças, que as regão
Mataõme d'amores.

Volta suas.

Entre estes penedos
Que daqui parecem
Verdes ervas crecem,
Altos arvoredos,
Vay destes rochedos
Agoa, com que as flores,
Doutras são regadas,
Que matão de amores.

Com agoa, que cae
Daquella espessura
Outra se mestura,
Que dos olhos fae:
Toda junta vay
Regar brancas flores
Onde ha outros olhos,
Que matão de amores,
Celestes jardins,

As flores estrellas,
Horteloas dellas,
São huns serafins:
Rosas, & jasmims
De diverfas cores,
Anjos, que as regão
Mataõme d'amores.

Alho.

Minina fermosa,
Dizey, de que vem,
Serdes rigurosa,
A quem vos quer bem?

Volta suas.

Nam sey quem affella,
Vossa fermosura,
Que quem he tam dura
Nam pode ser bella,
Vós fereis fermosa,
Mas a razão tem,
Que quem he irosa,
Nam parece bem.

Amostra he de bella,
As obras são cruas:
Pois qual destas duas
Ficará na sella?
Se ficar irosa,
Nam vos está bem,
Fique antes fermosa
Que mais força tem,

O amor fermoso
Se pinta, & se chama
Se he amor ama,
Se ama he piedoso?
Diz agora a glosa,
Que este texto tem,
Que quem he fermosa
Ha de querer bem.

Havey dó minina,
Dessa fermosura,
Que se aterra he dura
Secafe a bonina,
Se de piedola,
Nam veja ninguem
Que por rigurosa
Percais tanto bem.

Alho.

Tendeme mão nelle,
Que hum real me deve,

Volta suas.

Cum real de amor
Dous de confiança,

E tres de esperança
 Me fuge o trédor,
 Falto defamor,
 Se encerra naquelle
 Que hum real me deve.
 Pediome em prestado
 Nam lhe quiz penhor,
 He mau pagador,
 Tendomo a fierrado
 Cum cordel atado,
 Ao tronco se leve,
 Que hnm real me deve.
 Por esta travessa
 Se vay acolhendo,
 Eylo vay correndo
 Fugindo agrão pressa.
 Nesta maõ,& nessa
 O falso se atreve,
 Que hum real me deve.

Com proume o amor,
 Sem lhe fazer preço,
 Eu nam lhe mereço
 Dar-me disfavor.
 Dame tanta dor,
 Que ando apos elle,
 Pelo que me deve.
 Eu de cá bradando,
 Elle vay fugindo,
 Elle sempre rindo
 Eu sempre chorando.
 E de quando em quando
 No amor se atreve,
 Como que não deve.
 Afallar verdade
 Elle já pagou,
 Mas ainda ficou
 Devendo amcrade.
 Minha liberdade
 Hea que me deve
 Só nella se atreve.

REDONDILHAS DO MESMO.

Cantigas alheas.

NA fonte está Leonor
 Layando atálhas,& chorando
 As amigas perguntando,
 Vistes lá o meu amor?

Posto o pensamento nellé,
 Porque a tudo o Amor a obriga
 Cantava, mas a cantiga
 Eraõ suspiros por elle.
 Nisto estava Leonor
 O seu desejo enganando
 As amigas perguntando
 Vistes lá o meu amor?

O rosto sobre huma mão,
 Os olhos nochaõ pregados,
 Que do chorar já cantados,
 Algum descanso lhe dão.
 Desta sorte Leonor
 Suspende de quando em quando,
 Sua dor, em si tornando,
 Mais pesada sente ador.

Naõ deyta dos olhos agua,
 Que não quer que a dor se abra
 Amor, porque em magua grande
 Seca as lagrimas a magua.
 Que depois de seu amor
 Soubé novas perguntando,
 Dem porvifo, a vi chorando,
 Olhay, que estremos de dor?

Estas trovas mandou o Author da cadea, em que o tinha embargado por huã divida, Miguel Roiz, Fios Secos d'Alcunha, que se embarcava para s'ra, ao Conde do Reino do D. Francisco Continho Viso-Rey, pedindo-lhe o fizesse desembargar.

Que diabo he taõ danado,
 Que não tema a cutilada
 Dos fios secos da espada
 Do fero Miguel armado?

Pois se tanto hum golpe seu
 Soa na infernal cadea,
 Do que o demonio arrecea,
 Como não fugirey eu?
 Com razão lhe fugiria,

Se cont' elle, & contra tudo,
 Não tivesse hum forte escudo
 Sò em vossa senhoria.

Portanto senhor porveja,
 Pois me tem ao remo atado,
 Que antes que seja embarcado,
 Eu desembargado seja.

Estas

Estas trovas mandou Heytor da Silveyra ao
mesmo Conde, enverando em a Goa.

Vossa senhoria crea
Que não apura o engenho
Fome, se he como, a que tenho,
Mas afraca & corta a vea.

E quem o contrario sente
Esta farto em toda agora,
Como estou faminto, agora,
Mas Marta se está contente

Dalhe pouco de quem chora.
Depois vossa senhoria
Em géral a tudo acode,
Acuda amim, que só pôde

Darme no engenho valia,
Esperte esta musa minha,
Que o tempo traz sonorenta,
Valhalhe nesta tormenta,
Com essa doce mezinha,
Que só dá vida, & contenta.

Acuda com provisão
Não de papel mas provida
D'ouro, & prata: que esta vida
Não sustentaõ papeis, não.

Defeytor a thesoureyro
Sermehia trabalho grande,
Vossa Senhoria mande
Algum remedio, primeyro
Com que a morte o ferro abrande.

Ajuda de Luis de Camões.

Nos livros doutos se trata,
Que o grande Achilles infano
Deu a morte a Heytor Troyano.
Mas agora a fome mata
O nosso Heytor Lusitano.

Só ella o pôde acabar,
Se essa vossa condição
Liberal, & singular,
Não mete entre elles bastão,
Bastante para o faltar.

A HUMA SENHORA, QUE LHE
chamou diabo.

Esparfa.

N Aó posso chegar ao cabo
De tamanho defarranjo,

Que sendo vós Senhora, Anjo,
Vos queyra tanto o diabo.
Dais manifesto sinal,
De minha muyta firmeza,
Que os diabos querem mal
Aos Anjos, por natureza.

*Em primeyra Parte fica hum Mote com suas
voltas à mesma Senhora.*

Cantiga

Vy chorar huns claros olhos,
Quando d'hes me partia,
O que magoa, ò que alegria!

Voltas.

Polo meu apartamento
Se arrazarão todos d'agoa,
Quem cuydou, que em tanta magoa
Achasse contentamento?
Julgue todo entendimento
Qual mais sentir se devia
Se esta dór, se est'alegria.

Quando mais perdido estive,
Então deo a est'alma minha
O mayor gosto, que tive.
Assi se minh' alma vive
Foy, porque me defendia
D'esta dor, esta alegria.

Obem, que Amor me não deu
No tempo, que desejey,
Quando d'elle me apartey
Me confessou, que era meu,
Se a fortuna me desvia,
De lograr esta alegria?

Não sey se foy enganado,
Pois me tinha defendido
Das iras de mal querido,
No mal de ser apartado
Agora peno do rado,
Achando no fim do dia
O principio d'alegria.

Mote al Rey.

Dó la my ventura
Que no ver alguna

Volta.

Sepa, quien padece,
Que en la sepultura

Se esconde ventura,
 De quien la merecê.
 Allà me parece,
 Que quiere Fortuna,
 Que yo halle alguna.
 Naciendo mesquino,
 Dolor fué mi cama,
 Tristeza fué el ama,
 Cuydado el padrino,
 Vestiofe el destino
 Negra vestidura,
 Huyò la ventura.
 No se halló tormento,
 Que ally no se hallasse,
 Ni bien, que passasse,
 Sino como viento.
 Oh que nacimiento,
 Que luego en la cuna
 Me siguió Fortuna!
 esta dicha mia,
 Que siempre busqué,
 Buscandola, hallé,
 Que no la hallaria,
 Que quien nace en dia
 D'estrella tan dura,
 Nunca halla ventura.
 No pufo mi estrella
 Más ventura em mim,
 Ansi vive em fim
 Quien nace sin ella:
 Nome queixo della,
 Quexome, que atura,
 Vida tan escura.

Vilancete pastoril.

Deos te salve Vasco amigo,
 Não me fallas? como assi?
 Bofe Gil, não estava aqui.

Volta.

Pois onde te hão de fallar,
 Se não estás onde apareces?
 S Madanela conhêces,
 Nella me pòdes achar.
 E como te hão d'ir buscar,
 Aonde fogem de ti?
 Pois nem eu estou em mim.
 Porque tenão acharey?
 Em ti, como Em Madanela
 Porque me fuy perder nella

O dia, que me ganhey.
 Quem tão, bem falla, não sey
 Como anda fóra de si?
 Ella falla dentro em mi.
 Como estás aqui presente,
 Se lá tens a alma, & a vida?
 Porque he d'huma alma perdida
 Aparecer sempre à gente.
 Se es morto, bem se consente
 Que todos fujão de ti?
 Eu tambem fujo de mi.

Outro pastoril.

Porque no miras Giraldo
 Misampona con o suena?
 Porque no me mira Elena.

Volta.

Buelve a cá, no estés pasmado,
 Mira, que gentil sonar?
 Como te podrá mirar
 Quien no puede ler mirado?
 Y que bueno enamorado?
 No dirás, si es mala ó buena?
 No, que me hizo mudo Elena.
 Mira tan dulce armonia,
 Dexate d'essos enojos;
 Tengo clavado los ojos,
 Con que mirar te podia.
 Ansi Dios te dé alegria,
 No ves quan dulce que suena?
 No, porque no veo Elena.

Outro pastoril.

Crece Camilla os abrolhos
 De chorares por Cincero:
 Não he muyto, que lhe quero,
 Belisa, mais, que meus olhos.

Volta.

Sempre os teus olhos estão
 Camilla, d'agoas banhados:
 De se verem desamados,
 Pòde fer, que chorarão;
 Si, mas crecem os abrolhos,
 E tu cegas por Cincero,
 Se eu não vejo, quem mais quero,
 Para que quero mais olhos?

Se se foy ha mais de hum mes,
Teus olhos não cansarão
Não, que apoz elle se vão
Estas lagrimas, que ves.
Fazem logo estes abrolhos,
O mato espinhoso, & fero:
Pois eu não vejo a Cincero,
Isto só verão meus olhos.

Chorando queres morrer?
Mais quero viver chorando:
Tu não ves, que vãs cegando
Se cego, como, ey de ver?
Poem na vista outros antolhos:
Não posso nem menos quero
Outra para outro Cincero,
Antes não quero ter olhos.

*A huma mulher, que se chamava Gracia
de Morais.*

Olhos, em que estão mil flores,
E com tanta graça olhais,
Que parece, que os amores,
Morão, onde vós morais.

Volta.

Vemse rosas, & boninas
Olhos nesse vosso ver,
Vemte mil almas arder
No fogo d'essas mininas.
E dilohão minhas dores,
Meus suspiros, & meus ais.
E dirão mais, que os amores
Morão, onde vos morais,

Do Mote,

Vida de minh' alma.

Volta.

Dous tormentos vejo
Grandes por estremo:
Se vos vejo, temo
E se não, desejo.
Quando me despejo,
E venho a escolher,
Temendo o desejo,
Desejo temer.

Cantiga alba.

Pastora da ferra,
Da ferra da estrella,
Percome por ella.

Volta.

Nos seus elhos bellos
Tanto Amor se atreve,
Que abraza entre a nieve
Quantos ouso velos:
Não solta os cabellos
Aurora mais bella,
Percome por ella.

Não teve esta ferra
No meyo d'altura,
Mais que a fermolura,
Que nella se encerra.
Bem ceo fica a terra,
Que tem tal estrella,
Percome por ella.

Sendo entre Pastores
Causa de mil males,
Não se ouvem nos valles
Se não seus louvores.
Eu só por amores
Não sey fallar nella,
Sey morrer por ella.

De alguns, que sentindo
Seu mal vão mostrando,
Se rim, não cuydando,
Que inda paga rindo.
Eu triste encobrinndo
Só meus males della,
Percome por ella.

Se flores deseja
Por ventura bellas,
Das que colhe dellas,
Mil morrem de enveja:
Não ha quem não veja
Todo o melhor nella;
Percome por ella

Se na agoa corrente
Seus olhos inclina,
Faz a luz divina
Parar a corrente.
Tal se vé, que sente
Por verse a agoa nella;
Percome por ella.

Mote.

Que veré, que me contente?

Glofa de Luis de Camões.

Desque una vez yo miré
 Senhora vuestra beldad
 Iamas por mi voluntad
 Los ojos de vós quire.
 Pues si en vós prazer no sienten
 Mi vida, ni lo dessea,
 Si no quereis, que yo os vea,
 Que veré, que me contente?

Mote.

De Luis de Camões.

Quem se confia em huns olhos
 Nas mininas delles vé,
 Que mininas não tem fé

Voltas suas.

Quem poem suas confianças
 Em mininas sem assento,
 Offereça o sofrimento
 A duzentas mil mudanças:
 Mostrão no ar esperanças
 Mas em seus olhos se vé
 Como não tem nalma fé.
 Enganao ao parecer,
 Porque no caso d'amar,
 São mulheres no matar,
 E mininas no querer,
 Quem em seus olhos se creer
 Cem mil graças nelles vé,
 Vellas sim, mas não ter fé.
 Amostraovos num momento
 Favores assi a molhos,
 Mas na mudança dos olhos
 Se lhe muda o pensamento,
 Em nada já tem assento,
 Eo que mais nelles le vé
 He fermosura sem fé.

Cantiga velha.

Sois fermosa, & tudo tendes
 Se não que tendes os olhos verdes

Ninguem vos pôde tirar
 Serdes tam bem affombrada
 Mas eisme de perdoar,
 Que os olhos não valem nada:
 Fortes mal aconselhada
 Em querer, que fossem verdes,
 Trabalhay de os esconderdes.

A vossa testa he jardim,
 Aonde amor se defendada
 He tam branca, & bem talhada,
 Que parece de Marfim.
 Assi he, & quanto a mim,
 Isso vos nasce de a terdes
 Tão perto dos olhos verdes.

Os cabellos delatados
 O mesmo Sol escurecem,
 Se não, que por serem ondados,
 Algum tanto desmerecem:

Mas afê, que se parecem
 A furto dos olhos verdes
 Não vos peles não de os terdes.
 As pestanas tem mostrado
 Ser rayos, que abrazaõ vidas,
 Se não foram tam campridas
 Tudo o mais era pintado,
 Ellas me tinhamo levado

A alma sem o vós saberdes,
 Se não foraõ os olhos verdes.

O mimo desse caraõ
 Nem porlhe os olhos consente,
 E ser liso, & transparente,
 Rouba todo o coração:
 Inda assim achareys nação,
 Que lhe não pese de os verdes.
 Mas não seja cos olhos verdes.

Esse riso que he composto
 De quantas graças nacerão,
 Se não que alguns me disserão
 Vos faz coyinhas no rosto:

Na vontade tenho posto
 Dar vos a alma, se quizerdes,
 A troco dos olhos verdes.
 Nunca se vio, nem se escreve
 Boca euma graça igual,
 Se não fora de coral,
 E os dentes da cor da neve.
 Doume eu a Deos, que me leve,
 Sofrerey quanto te verdes,
 Não me tenhais õlhos verdes

Essa garganta merece
 Outras palayras não minhas,
 Se não que feyta em rosquinha

Dalfenin, o que parece,
 Eu sey bem quem se offerece
 A tomar tudo o que tendes,
 E tambem os olhos verdes
 Ellas mãos são ferropças,
 Sò o vellas enfeytiça,
 Se não que são alvas cheas,
 E tem afeição roliça:
 Com que apellais por justiça,
 Pera com ellas prenderdes
 Os que vem vossos olhos verdes.
 A vossa galantaria
 Matará a quem falardeis,
 Tendes huns deldês, & tardes,
 Que eu logo vos roubaria?
 Oh doume a Santa Maria,
 Sou cujo, de quanto tendes,
 E tambem desses olhos verdes.

Outro Mote semelhante está na primeyra
 Parte, com Suas voltas.

Outras suas ao mesmo.

Tudo tendes singular,
 Com que os corações rendeis
 Se não que rindo, fazeis
 Covinhas para enterrar;
 E para resuscitar
 Tem força a graça, que tendes
 Se não que tendes os olhos verdes.
 Tudo senhora alcançais
 Quanto o ser fermosa alcança,
 Se não, que dais esperança
 Cos olhos, com que matais:
 Se acalo os alevantais,
 He para as almas renderdes,
 Se não, que tendes os olhos verdes.

DOM ANTONIO, SENHOR
 de Casquais, prometeo a Luis de Camões
 seis galinhas recheadas por húa Co-
 pla, que lhe fizera, & mādandolhe
 por principio da pagua
 meá galinha recheada.

Elle lhe mandou esta Copla.

Sinco galinhas & mea
 Deve o senhor de Casquais,
 E a mea vinha chea
 De appetite para as mais.

A. B. C. Feyto em mottes.

A Nna quizestes que fosse
 O vosso nome da pia
 Para mòr minha agonia,
 Apelles se fora vivo,
 E avervos alcancàra,
 Por vòs retratos tiràra.
 Achilles morreo no templo
 Contemplando de giolhos
 Eu quando vejo estes olhos.

Artemisa sepultou
 A feu irmão, & marido,
 Vòs a mim, & a meu fentido.

B Em vejo que sois (senhora
 Estremo da fermolura)
 Para minha sepultura.

C. C.

C Leopatra se matou,
 Vendo morto a feu amante,
 E eu por vòs em ser constante,
 Cassandra disse de Tròya,
 Que havia ser destruida,
 E eu por vòs d'alma, & da vida.

D. D.

D ido morreo por Eneas
 E vòs matais quem vos ama,
 Julgay se sois cruel dama,
 Dianira innocente,
 Da má morte causadora,
 Vòs da minha sabedora.

E.

E uridice foy a causa
 De orpheo hir ao inferno,
 Vòs de ser meu mal eterno.

F. F.

F edra só de puro amor!
 Morreo por feu enteado,
 Eu morro de defamado,
 Febo vay escureccendo.

Ante vossa claridade,
E eu sem ter liberdade

G. G.

GAlatea foy senhora,
Da fermolura extremo,
E eu perdido Polyphemo.
Genebra, que foy Rainha
Se perdeo por Lançarote,
E vos por medar a morte,

H. H.

Hercules, huma camisa
De chamas, o consumio,
Minha alma delque vos vio
Hebis, & Dido morrêrão
Com origor da mudança,
Eu vendo vossa esquivança.

I. I.

Iudith, que o duro Holofernes
Degolou, se viva fora,
Mate lhe dereis senhora.
Julio Cesar conquistou
O mundo com fortaleza,
Vós amim com gentileza.

L. L.

Leandro se afogou,
E foy sua causa Hero,
E amim o que vos quero.
Leandro se afogou
No mar de sua bonança,
Eu no devossa esperança,

M. M.

Minerva dizem que foy,
E pellas Deosas da guerra,
E vós, senhora, da terra.
Medéa foy muy cruel,
Mas não chegou a metade
De vossa gram crueldade.

N. N.

Narciso o siso perdeo
Em vendo a sua figura,

Eu por vossa fermosura,
Nimphas enganão mil Faunos
Com seu ar, & fermosura,
E amim vossa figura.

O. O.

Os olhos chorão o dano,
Que em vos verem sentirão,
Maseu pago o que elles viraõ.
Orpho com adoce Arpa
Venceo o reyno de Pultão,
Vós amim com perfeçãõ.

P. P.

Parisa Helena roubou,
Porque Troya foy perdida,
E vós a anim alma, & vida.
Pyrho matou Policena
Perfeyta em todos sinaes,
E vós amim me mataes.

Q. Q.

Qvanto mais desejo vervos,
Menos vos vejo senhora,
Não vos ver melhor me fora.
Querendo ver a Diana,
Acteon perdeo avida,
Que eu por vós trago perdida.

R. R.

Remedio nenhum não vejo,
Que remedee meu mal;
Nem crueza á vossa igual.
Roma o mundo logeyta
Com armas, saber, temor,
Vós a mim só por amor.

S.

Serena na mór Fortuna
Com enganõs vay cantando
E vós sempre amim matando.

T. T.

Thisbe morreo por Pyramo,
A ambos matou o Amor,
A mim vosso disfavor,

Thisbe

Thisbe pello seu amante
Morreo com amor sobejo,
Mas eu mais morto me vejo,

V. V.

Venus, que por mais fermosa,
Lhe deu Paris a maçã,
Naõ foy quanto vós louçãa.
Venus levou a maçã,
Por vós naõ serdes fenhora
Nacida na quella hora.

X. X.

Xpõ vos acabe em graça,
E vos faça piedosa,
Tanto, quanto sois fermosa.
Xantopea tornou atraz
Por Aponio a invocar,
E vós naõ a meu chamar.

J. J.

Julio Cesar se livrou
Dos inimigos com abrolhos,
Eu naõ posso desses olhos.
Jaziasse o Minotauro
Preso no seu laberinto,
Mas eu mais preso me sinto.

ESTANCA S.

*Na medida antiga, que tem duas contrarie-
dades, louvando, & deslouvando huma
Dama.*

Sois huma dama
Das feas do mundo
De toda amã fama
Sois cabo profundo,
A vossa figura
Naõ he para ver
Em vosso poder
Naõ ha fermosura,
Fostes dotada
De toda a maldade,
Perfeyta beldade
De vós he tirada
Sois muyto acabada
De tacha, & de glofa
Pois quanto a fermosa

Em vós naõ ha na ja
De graõ merecer,
Sois bem a partada
Andaes alongada
Do bem parecer.
Bem claro mostrais
Em vós fealdade,
Naõ ha hi maldade,
Que naõ precedaes,
De fresco caraõ,
Vos vejo ausente,
Em vós he presente
Amã condiçãõ.
Em ter perfeçãõ
Muy alhea estaes,
Muy muyto alcançaes
De pouca razãõ.

M O T T E.

*Catherina bem promete,
Ora mã, como ella mente.*

- 1 **C**atherina he mais fermosa
Para mi, que a luz do dia,
Mas mais fermosa seria
Se naõ fosse mentirofa:
Heje a vejo piedosa,
A menhã taõ diferente,
Que sempre cuydo que mente,
- 2 Prometeome ontem de vir,
Nunca mais appareceo
Creo que naõ prometo,
Senaõ tã por me mentir:
Fazme em fim chorar, & rir,
Rio, quando me promete,
Mas choro quando me mente.
- 3 Juroume aquella cadella
De vir pela alma, que tinha,
Enganoume, & tinha a minha,
Deulhe pouco de perdella:
A vida gasto apoz ella,
Porque ma dà, se promete,
Mas tirama, quando mente.
- 4 Mã, mentirofa, malvada,
Dizey, porque me mentis,
Prometeis, & entãõ fugis,
Pois sem tornar, tudo he nada:
Naõ sois bem aconselhada,
Que quem promete, se mente,
O que perde naõ o sente.
- 5 Tudo vos consentiria

Quanto

Quanto quizeis fazer,
 Se este vosso prometer,
 Fosse por meter hum dia,
 Todo então me desfaria
 Com gosto, & vós de contente,
 Zombarieis de quem mente

6 Mas pois folgaes dementir
 Prometendo de me ver,
 Eu vos deixo o prometer,
 Deyxame vós o servir,
 Haveis então de seniir
 Quanto a minha vida sente
 O servir a quem lhe mente.

7 Catherina me mintio
 Muytas vezes, sem ter ley,
 E todas lhe perdoeyas,
 Por huma só que cumprio:
 Se como me consentio
 Fallarlhe, o mais me consente,
 Nunca mais direy que mente.

M O T T E.

Sem vós, & com meu cuydado.

G L O S A.

Querendo Amor escondervos,
 Em parte que vos não vísse,
 Com estremo, de querervos,
 Cegou-me os olhos com vervos
 Levouos, sem que os vísse.
 Eu cego, mas atinado,
 Quando vi que vos nam via,
 Do mesmo Amor indignado,
 Já vedes qual ficaria
 Sem vós, & com meu cuydado,

M O T T E.

*A alma, que está ofrecida
 A tudo, nada lhe he forte,
 Assi passa o bem da vida,
 Como passa o mal da morte.*

G L O S A.

Demaneyra me succede,
 O que temo, & o que defejo,
 Que sempre o, que temo, vejo
 Nunca o que a vontade pede.
 Tenho tam ofrecida

Alma, & vida á toda a sorte,
 Que isso me dera da morte,
 Como já me dá da vida.

M O T T E.

*Ferro, fogo, frio, & calma,
 Todo o mundo acabarão,
 Mas nunca vos tirarão
 Alma minha da minha alma.*

G L O S A.

Não vos guardey quando vinha
 Em torre, força, ou engenho
 Que mais guardada vos tentio
 Em vós, que sois alma minha.
 A lli nem frio, nem calma,
 Nam podem ter jurdição,
 Na vida sim, perém não
 Em vós, que tenho por alma

M O T T E.

*Esperey, já não espero
 De mais vós servir senhora,
 Pois me fazeis cada hora
 Tanto mal, que de espero*

G L O S A.

Pois sey certo que folgaes,
 Quando mais mal me fazeis,
 E que nunca descançaes,
 Se não quando me mostraes
 Quão pouco bem me quereis.
 Servirvos mais não espero,
 Pois meu viver empeora,
 Com me fazerdes, senhora,
 Tanto mal, que de espero.

M O T T E.

*Descalça vay para a fonte.
 Leonor pela verdura,
 Vay fermosa, & não segura.*

V O L T A.

LEva na cabeça o pote,
 O testro nas mãos de prata,
 Cinta de fina escarlata,

Sainho de chamalote:
Traz a vesquinha de cote,
Mais branca que a neve pura,
Vay fermosa, & não segura.

Descobre a touça a garganta,
Cabellos de ouro o trançado,
Fita de cor de encarnado,
Tão linda, que o mundo espanta:
Chove nella graça tanta,
Que dà graça à fermosura,
Vay fermosa, & não segura

M O T T E.

*Quem disser que a barca pende,
Dir lhehey mana que mente.*

V O L T A.

SE vos quereis embarcar,
E para isso estaes no caes,
Entray logo; que tardaes?
Olhay que está preamar:
E se outrem, por vos fretar,
Vos disser que esta que pende,
Dir lhehey, mana, que mente.

Esta barca he de carreya,
Tem seus aparelhos novos,
Não ha como ella outra em Povos,
Boa de leme, & velleyra:
Mas se por ler a ptimeyra,
Vos disser alguém que pende,
Dir lhehey, mana, que mente;

M O T T E.

*Com razão quey xarme posso
De vós, que mal vos quey xais,
Pois, senhora, vos sangrais,
Que seja num corpo vosso.*

V O L T A S.

EU para levar a palma,
Com que ser vosso mereça,
Quero que o corpo padeça
Por vós, que delle sois alma:
Vos do corpo vos quey xais,
Eu quey xarme de vós posso,
Porque tendo hum corpo vosso,
Na minha alma vos sangrais.
E sem fazer differença,

No que de mim possuis,
Pello pouco, que sentis,
Dais á minha alma doença.
Pois que dons aventuraes,
Oh não seja o dano nosso,
Sangrese este corpo vosso,
Porque minha alma vivaes.

E inda, se atentardes bem,
Seguis medicina errada,
Porque para ser sangrada
Huma alma sangue não tem:

E pois em mim sarar posso
Males, que á minha alma dais,
Se inda outra vez vos sangrais
Seja neste corpo vosso.

M O T T E.

*Retrato vós não sois meu
Retratarão vos muy mal,
Que a fereis meu natural
Fereis mofo como eu.*

Inda que em vós a arte vença,
O que o natural têm dado,
Não fostes bem retratado,
Que ha em vós mais differença,
Que no vivo do pintado:
Se olugar se considera
Do alto estado, que vos deu
A forte, que eu mais quizerá,
Se he que eu sou quem dantes era,
Fetrato vós não sois meu.

Vós na minha gloria posto,
Eu na vossa sepultura,
Vós com bens, eu com desgosto,
Pareceis vos ao meu rosto,
E nãaja á minha ventura.
E pois nella, & vós errarão,
O que em mim he principal,
Muyto em ambos se enganarão,
Se por mim vos retratão,
Retratarão vos muy mal

Mas se esse rosto fingido,
Quizereis reprelentar,
Ouvera por bom partido,
Darlho a alma do sentido,
Para a gloria do lugar.

Vireis posta nessa alteza,
Que vós não ha couza igual,
E que nem a mayor mal
Podeis vir, nem mór bayxeza,

Que serdes meu natural,
 Por isso não confesseis
 Serdes, meu, que he de fatino,
 Com que o lugar perdereis,
 Se conservarvos quereis,
 Blasonay, que seis divino.
 Que se nesta occasião
 Conhecessem que ereis meu,
 Por meu vos dérao de mão,
 Foreis mo fino, como eu.

M O T T E.

*Foyse gastando a esperança,
 Fuy entendendo os enganos,
 Do mal ficárao meus danos,
 E do bem só alembração.*

G L O S A.

Nunca em prazeres passados
 Tive firmeza legura,
 Antes tão arrebatados,
 Que inda não erao chegados,
 Quando mos levou ventura,
 E como quem desconfia,
 Ter em tal sorte mudança,
 No meyo desta porfia,
 De quanto bem pertendia,
 Foyse gastando a esperança
 Não tive por desatino
 A occasião de perdella,
 Mas foy culpa do destino,
 Que ninguem como mais dino
 Amor pudera sostella.

Deylhe tudo o que era seu,
 Não receando taes danos
 Deste, a quem alma lhe deu,
 Quando já não era meu,
 Fuy entendendo os enganos.
 Fiquy deste mal sobejo,
 A quem a causa com pete,
 Dizerlhe tudo o que vejo;

Que Amor aceyta o desejo,
 Mas mente no que promete.

Que se amim se me obrigou
 A dar-me bens soberanos,
 Foy engano, que ordenou,
 Que do bem tudo levou,
 Do mal ficárao meus danos.
 E se dor tão desigual
 Sofro em mim com padecellos,
 Quero de novo sofrellos,
 Que por a causa ser tal,
 Não determino offendellos.
 Dobrese o mal, falte a vida,
 Creça a fé, falte a esperança,
 Pois toy mal agradecida,
 Fique a dor nalma imprimida,
 E do bem só a lembrança.

M O T T E.

*Ojos, herido me haveis,
 Acabad ya de matarme,
 Mas muerto bolvê a mirarme,
 Porque me refusciteis.*

V O L T A.

Pues me distes tal herida,
 Con gana de dar-me muerte,
 El morir me es dulce suerte,
 Pues con morir me dais vida.

Ojos, que os deteneis?
 Acabad ya de matarme,
 Mas muerto, bolvê a mirarme,
 Porque me refusciteis.

La llaga cierto ya es mia,
 Aunque, ojos, vòs no querrais,
 Mas si la muerte me dais,
 El morir me es alegria.

Y asli digo, que acabeis,
 Ojos, de refucitarme,
 Mas muerto, bolvê a mirarme,
 Porque me refusciteis

C A R T A I.

Escrita da India a hum amigo.

Desejey huma vossa, cuydo, que pela de-
sejara nam vi; porque este he o mais
certo costume da Fortuna, consentir, que
mais se deseje, o que mais presto se ha de negar
Mas porque outras Naos me nam fação
tamanha offensa, como he fazerem me sus-
peytar, que vos nam lembro: determiney de
vos obrigar agora com esta, na qual pouco
mais, ou menos vereis, o que quero, que me
escrevais desta terra; em pago do qual dante
mão vos pago com nōvas desta, que nam
feraō mās no fundo de huma arca, para aviso
de alguns aventureyros, que cuydão, que
todo o mato he ouregãos, & nam sabem, que
cá, & là, más fadas ha.

Despois que dessa terra parti, como quem
ofazia para o outro mundo, mandey enfor-
car a quantas esperanças dera de comer até
entaō, com pregaō publico, por falsificadoras
de moeda. E desenganey esses pensamentos,
que por casa trazia, porque em mim nam fi-
casse pedra sobre pedra. E assi posto em estado
que me nam via, se nam por entre lusco, &
fusco, as derradeyras palavras, que na Nao
disse, foraō as de Scipião A fricano. *Ingrata
patria, Non possidebis ossa mea.* Porque quan-
do cuydo, que sem peccado, me obriguasse a
tres dias de Purgatorio, passsey tres mil de
mās lingoas, peores tenções danadas vōtades,
& nascidas de pura enveja, de verem su amada
yedra de si arrancada, y en otro muro asida,
da qual tambem amizades mais brandas,
que cera, se acendiaō em odios, que
desesperavão, & lume, que me deytava
mais pingos na Fama, que nos couros de hum
leytaō. Entaō ajuntouse a isto acharem me
sempre na pelle a virtude de Achilles, q̄ nam
podia ser cortado senaō pelas sollas dos pés,
as quaes de mas nam verem nunca, me fez
ver as de muytos, & nam engeytar conversa-
ções da mesma impressaō, a quem fracos pu-
nhaō mao nome, vingando com a lingua, o
que nam podiam cum obraço. Em fim senhor,
eu nam sey com que me pague saber tambem

fugir a quantos laços nessa terra me armávão
os acontecimentos, se nam com mevir para
esta onde vivo mais venerado, que os touros
de Merciana, & mais quieto, que a cella de
hum frade prègador. Da terra vos sey dizer,
que he mãy dos vilões ruins, & madrastra de
homens honrados. Porque os que se ca lançaō
a buscar dinheyro, sempre se sustentaō sobre
agoa como bexigas, mas os que sua o piniaō
deyta a las armas Mouriscote, como maré
corpos mortos à praya, sabey que antes que
amadureção, se secão. Já estes, que tomãvo
esta opiniaō de valentes ás costas, crede, que
nunquã riberas de Duero arriba cavalgaron
C'amoranos, que roncas de tal soberbia entre
si fueffen hablando; & quando vem ao effey-
to da obra, salvãose com dizer, que se nam
põdem fazer tamanhas duas cousas como he
prometer, & dar. Informado disto veyo a esta
terra João Toscano, que como se achava
em algum magusto de rufiões verdadeyra-
mente, que alli era comer las carnes crudas,
su beber la viva sangre. Calisto de Siqueira se
veyo cà mais humanamente, porque assi o
prometeo em huma tormenta grande, em que
se vio Mas hum Manoel Serraō, que sicut
& nos, manqueyja de hum olho, se tem cà
provado arrezoadamente, porque fuy toma-
do por juiz de certas palavras, de que elle fez
desdizer a hum soldado, o qual pela postura
de sua pessoa era cà tido em boa conta. Se das
damas da terra quereis novas, as quaes saō
obrigatorias a huma carta, como marinhey-
ros a festa de Sam Frey Pero Gonçalves sa-
bey, que os Portuguezas todas caem de ma-
duras, que nam he cabo que lhe tenha os
pontos, se lhe quizerem lançar pedaço. Pois
as que a terra dà, alem de serem de rala, fazey-
me merecé, que lhe falleis alguns amores
de Petrarca, ou de Boicão, respondem vos
huma linguagem meada de ervilhaca, que
trava na garganta do entendimento, a qual
vos lança agoa na fervura da mór quentura
do mundo. Hora julgay, senhor, o que sentirá
hum

hum estamago costumado a resistir às falsidades de hum rostinho de tauxia de huma dama Li bonense, q̄ chia como pucarinho novo com agoa, vendose agora entre esta carne de felé, que nenhum amor dà desi, como nam chorarâlas memorias de in illo tempore? por amor de mim, que às mulheres dessa terra digais da minha parte, que se querem absolutamente ter alçada com barão & pergaõ, que não receem seis meses dem à vida por mar, que eu as espero com procição, & paleo, revestido em pontifical, adonde estoutras senhoras lhe irão entregar as chaves da cidade, & reconheceram toda a obediência, a que por sua muyta idade são já obrigadas. Por agora nam mais, senão, que este Soneto, q̄ aqui vay, que fiz à morte de Dom Antonio de Noronha, vos mando em final de quanto della me pesou. Huma Egloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata alguma cousa da morte do Principe, que me parece melhor, que quantas fiz. Tambem vola mandára para a mostrardes là a Miguel Dias, que pela muyta amizade de Dom Antonio, folgaria de aver, mas, occupação de escrever muytas cartas para o Reyno, me nam deo lugar. Tambem lá escrevo a Luis de Lemos, em resposta doutra, que vi sua, se lhe nam derão sayba, que he culpa da viagem, na qual tudo se perde.

O Seneto que aqui diz, fica entre os outros,

É he o 12.

C A R T A II.

E Sta vay com a candeia na mão, morer nas de v.m. & se dahi passar seja em cinza, porque nam quero, que do meu pouco comaõ muytos. E se todavia quizer meter mais mãos na escudella, mandelhe lavar o nome, & valha lem cunhos.

La mar en medio, y tierras he dexado,

Y quanto bien coytdo yo tenia:

Quão vano imaginar, quão claro engano,

Es dar-me yo a entender, que con-partirme

De mi se ha de partir un mal tamaño.

Quão mal está no caso, quem cuyda, que

à mudança do lugar muda a dor do senti-

mento. E senão digão quien dixo, que lá ausencia causa olvido. Porque em fim en la tierra queda, & o mais a alma acompanha. Ao alvo destes cuydados, jogaõ meus pensamentos à barreira, tendome já pelo costume tam contente de triste, que triste me faria ser contente, porque o longo uso dos annos se converte em natureza. Pois o que he para mór mal, tenho eu para mór bem. Ainda que para viver no mundo, me debruo doutro pano, por nam parecer curuja entre pardais, fazendome hum para ser outro, sen do outro para ser hum, mas a dor dissimulada darã seu fruyto, que a tristeza no coração, he como a traça no pano, & por tam triste me tenho, que se sentisse alegria de triste nam viviria,

Porque a tal sorte vim,

Que nam vejo bem algum

Em quanto vejo,

Que nam nasceo para mi

E por nam sentir nenhum,

Nenhum desejo.

Porque cousas impossiveis, he melhor esquecer, cellas que desejas. E por isso

Só tristeza ver quera

Pois minha ventura quer,

Que só ella

Conheça por alegria:

E que se outra quiser

Morra por ella.

Pouco sabe da tristeza quem (sem remedio para ella) diz ao triste que se alegre. Pois nam vem, que alheos contentamentos a hum coração descontente, nam lhe remediando o que sente, lhe drobão, o que padece. Vós, se bem à mão esperais de mim palavrinhas jueyradas, enforcadas de bons propositos, pois defenganayvos, que desque professay tristeza, nunca mais soube jogar a outro fito. E porque nam digais, que nam sou gente fora do meu bayro, vedes vay huma volta feyta a este mote, que escolhi na manada dos engeytados, & cuido, que nam he tam dedo queymado, que nam seja dos que El-Rey mandou chamar, o qual falla assi.

Nam quero, nam quero

Jubão amarelo.

Se de negro for,
 Também me parece,
 Quanto me aborece
 Toda a alegre cor:
 Cor que mostra dor,
 Quero, & nam quero
 Jubão amarelo.

Parecévos que se pôde dizer mais, nam me respondais, quem gabará a noyva? porque assentay, que foy comendo, & fazendo, ou assoprando, que nam hetam pequena habilitade. E porque vos nam pareça, que foy mais acertar, que querelo fazer, vedes vay outra do mesmo jaez, com tanto que se nam vá a pafmar.

Perdigaõ perdeo a pena,
 Nam ha mal, que lhe nam venha,
 Em hum mal outro comessa
 Que nunca vem sò nenhum;
 É o triste, que tem hum
 A sofrer outro se ofrega:
 É só pelo ver conheça,
 Que basta hum só que tenha,
 Para que outro lhe venha

Que graça será esperardes de mim'propofito em cousas que os nam tem para comigo? pois ainda que queyra, nam posso o que quero, que hum sentido remontado de nam pór pé em ramo verde, tudo lhe sucede assi, & cada hum acode, ao que lhe mais doe, & mais eu, que o que mais me entristece he ter contentamento, pois fujo delle, que minha alma o aborrece; porque lhe lembra que he virtude viver sem elle. Que já sebeis que magoa he, velohas, & nam o paparás. Por fugi destes inconeuientes.

Toda a cousa descontente,
 Contentarme só convinha
 De meu gosto,
 Que o mal, de que sou doente,
 Sua mais certa mèsinha,
 He delgosto.

Já ouvireis dizer, Mouro, o que nam podes haver dão pola tua alma. O mal sem remedio, o mais certo que tem, he fazer da necessidade virtude: quanto mais, se tudo tão pouco dura, como o passado prazer, porque em fim

III. Part.

Allegados son igales, los que vienen por sus manos, & c. A este propofito, pouco mais, ou menos, se fizerão hmas voltas a hum more denchemão, que diz por sua arte zambando, mais que nam de fizo (que toda a galantaria he tirala donde se nam espera) o qual crede, que tem mais que roer do que hum praguento. Por tanto recuerde el alma adormida, & mande escumar o entendimento, que doutra maneyra, Defuera dormiredes pastrozico. E o meu senhor diz assi

Davalhe o vento no chapeyraõ

Quer lhe dé quer nam.

Bem o pode revolver,

Que o vento nam traz mais fruyto,

E mais vento he sentir muyto,

O que em fim fim ha de ter;

O melhor, he melhor ser,

Que o vento no chapeyraõ,

Quer lhe dé quer nam.

Huma cousa sabey de mim, que queria antes o bem do mal, q̄ o mal do bem, porq̄ muyto mais se sente o por vir, q̄ o passado, & a morte até matar mata. Nam sey se fereis marca de voar tam alto, porque para tomar a palha a esta materia, saõ necessarias azas de Nebir? Mas vós sois homem de prol, & desculpame a conta, em que vos tenho. E a que de mi vos sey dar he,

Que esperança me despede,

Tristeza nam me falece,

E tudo mais me aborrece,

Já que mais nam mereceo

Minha estrella,

Só a tristeza conheço,

Pois que pera mim nasceo;

E eu para ella.

No mundo nam tem boa sorte, se nam, quem tem por boa a que tem. E da qui me vem contentarme de triste, mas olhay de que maneyra:

Vivo assi ao revés,

Tomando por certa vida

Certa morte,

Com que folgo em que me pés,

Pois minha forte he servida,

De tal sorte.

Ec

Huma

Huma cousa sabey, que o mal inda que às vezes
o vejais louvar, nam ha quem o louve
com aboca, que, o nam tache com o coração.

Ajudame a sofrer

Vida tam sem sofrimento,

E tam sem vida:

Ver que em fim, fim haõ de ter

De gosto, & contentamento

Huma medida.

Atentay que nam saõ maos confeytos de en-
forcado, para, os que estaõ com o barão na
garganta, cuydar, que o bem, & o mal, ainda
que sejaõ diferentes na vida, saõ conformes
na morte, porque vemos.

Que nam ha tam alta sorte,

Nem ventura tam subida,

Ou desestrada,

A quem nam assopre a morte,

Nam sopre o fogo da vida,

A seu fim todas cousas vão correndo, nem ha
cousa, que o tempo nam consuma, nem vida,
que de si tanto presume,

Que se nam veja nada, em se vendo,

Que o mais certo, que temos,

He nam termos nada certo,

Cà na terra

Pois para seus nam nascemos,

Se o seu nos dà inceto

Nada erra.

Querovos dar conta de hum Soneto sem per-
nas, que se fez a hum certo recontro, que se
teve com este destruidor de propositos, &
naõ se acabou, porque se teve por mal em
pregada a obra: cujo teor he o seguinte.

Forçoume amor hum dia, que jugasse,

Deo as cartas, & de ouros levantou:

E sem respeytar maõ, logo triunfou,

Cuydando, q o metal, q me enganasse.

Dizendo, pois triunfou, que triunfasse

A huma Sota de ouros, que jugou:

Eu entaõ por burlar, quem me burlou,

Tres paos juguey, & dice, que ganhasse.

Princeses de condição, ainda que o sejaõ de
sangue, saõ mais enfadonhos que a pobreza,

fazem com sua fidalguia, com q lhe ca vemos
fidalguias de seus avós: onde nam ha trigo raõ
joeyrado, que naõ tenha alguma ervilhaca.
Já sabeis, que basta hum frade ruim, para dar
que fallar a hum Convento. Tres cousas naõ
sofrem sem discordia; companhia, namorar
mandar vilão ruim, sobre cousa de seu inte-
resse. Naõ se pòde ter paciencia, com quem
quer, q lhe fação, o q nam faz. Desagradeci-
mentos de boas obras destruem a vótade para
naõ fazellas a amigo, que tem mais cõta com
o interesse, que com amizade, rezay delle, que
he dos cá nomeados.

Grande trabalho he querer fazer alegre
rosto, quando o coração está triste, pano he,
que nam toma nunca bem esta tinta, que
a Lúa recebe a claridade do Sol, & o rosto do
coração. Nada dá quem naõ dá honra, no que
dá. Não tem, que agradecer, quem, no que
recebe, a nam recebe, porque bem comprado
vay, o que com ella se compra. Nada se dá
de graça, o que se pede muyto. Está certo, que
quem nam tem huma vida, tem muytas.
Onde a razão se governa pela vontade, ha
muyto que praguejar, & pouco, que louvar.
Nenhuma cousa homezia os homens tanto
configo, como males, de que se naõ guar-
daráõ podendo. Não ha alma sem corpo, que
tantos corpos faça sem almas, como este pur-
gatorio, a que chamais honra, donde muytas
vezes os homens cuydão, que ganhão, ahí
a perdem. Onde ha inveja, naõ ha amizade
nem a pòde haver em desigual conversação.
Bem mereço o engano, que cré mais, o que
lhe dizem, que o que vê. Agora, ou se ha de
viver no mundo sem verdade, ou com ver-
dade sem mundo. E para muyto pontual, per-
guntaylhe donde vem? Que algo tiene en el
cuerpo, que le duele. Hora temperayme lá
esta gayta, que nem allí, nem allí achareis
meyo real de descanso nestavida, ella nos
trata sómente, como elleos de si, & com
razão.

Pois sómente nos he dada,

Para que ganhemos nella

O que sabemos,

Se se gasta mal gastada,

Junta mente com perdella,

Nos perdemos.

Em fim esta minha senhora, sendo a cousa
porque

porque mais fazemos, he a mais fraca alfa-
ya, de que nos servimos. E se queremos ver
quão breve he,

Ponderemos, & vejamos
Que ganhamos em viver
Os que nacemos:
Veremos, que não ganhamos,
Se não algum bem fazer
Se o fazemos.

Nunqua vi cousa mais para lembrar, &
menos lembrada, que a morte, sendo mais
aborrecida, que a verdade, temse em me-
nos conta; que a virtude. Mas com tudo
com seu pensamento, quando lhe vem à
vontade acarrêta mil pensamentos vãos, que
tudo para com ella he hum lume de palhas.
Nenhuma cousa me enche tanto as medidas
para com estes, que vivem na mór bo-
nança, como ella; porque quando lhe
menos lembra, então lhes arranca as amarras,
dando com os corpos a costa, & se vem à
mão, com as almas no inferno, que he bem
ruim gafalhado.

E pois todos isto temos,
Nam nos engane a riqueza,
Porque tanto esmorecemos,
Tras que vamos,
Já que temos por certeza,
Que quando mais a queremos,
A deyxamos.

Gastamos em alcançalla
A vida & quando queremos
Ufar della,
Nos tira a morte lograla,
Assi que a Deos perdemos,
E a clla.

Porque já ouvireis dizer, Ninho feyto, Pega
morta. Que me dizeis ao contentamento do
mundo, que toda a dura delle está em quanto
se alcançou. Porque acabado de passar, aca-
bado de esquecer. E com razão, porque
acabado de alcançar he passado, & mayor
faudade deyxá, do que he o contentamento,
que deo. Esperay por me fazer mercê, que
lhe quero dar humas palavrinhas de pro-
posito.

Mundo se te conhecemos,
Porque tanto delejamos,
Teus enganos?
E se assi te requeremos,
Muy fem causa nos queyxamos
Deteus danos.

Tu nam enganas ninguem
Pois a quem te delejar,
Vemos, que danas,
Se te querem qual te vem,
Se se querem enganar,
Ninguem enganas.

Vejão se os bens que tiverão,
Os que mais em alcançarte
Se esmetarão.
Que huns vivendo, não viverão,
E outros só com deyxarte
Descansarão.

Se esta tam clara fé
Ao mndo de teus enganos,
Defengana,
Sobejamente mal vê,
Que com tantos defenganos
Se engana.

Mas como tu te acomodes
No engano, em que andamos,
E que vemos,
Não crémos, o que tu pódcs,
Senão, o que desejas,
E queremos.

Nada te pôde estimar,
Quem bem quizer
Resguardarte,
E conhecerte,
Que em te perder, ou ganhar:
O mais se guro ganharte
He o perderte.

E quem em ti determina
Descanço poder achar,
Sayba, que erra
Que sendo a alma divina,
Não a pôde descansar
Nada da terra.

Nascemos para morrer,
Morremos para ter vida,
Em ti morrendo,
O mais certo he merecer
A vida mal conhecida
Cá vivendo.

Em fim mundo, es estalagem,
Em que poução nossas vidas

De corrida.
De ti levão de passagem
Ser bem, ou mal recebidas
Na outra vida.

A fuera, a fuera Rodrigo, que eu se muyto for por este caminho, darey enfadonho, de que me parece me não livrará, nem ainda privilegio de cidadão do Porto. E pois me vendo a vós, sofrey-me com meus encargos, & porque não digais, que sou herege do amor, & que lhe não sey orações, vedes vay huma: Di Juan, de que murió Blas? Com hum pé á Portugueza, & outro á Castelhana; & não vos espanteis da librè, que eu em qualquer palmo desta materia perco o norte, & os suplicantes dizem assi?

Di Juan de que murió Blas,
Tan niño, y tan mal logrado?
Gil, murió de desamado.
Dime, Juan, quien le engañó,
Que con amor se enganasse?
Pensando, que el bien hallasse,
Adonde el mal cierto halló
Después que el engaño vio,
Que hizo de engañado?
Gil, murió de desamado.
Travou com elle pendenza,
Em ter razão confiado,
Mas Amor, como he letrado
Houve contra elle a sentença:
E co aquella differença,
Disse entre si o coytado,
Gil, morreo de desamado.
Quem tem razão tam cerrada,
Que nam sayba sendo rudo,
E sem respeyto,
Que sem Deos he tudo nada,
E nada com elle tudo,
Sem defeyto.
E sendo isto assi tam certo,
Como todos confessamos,
E sabemos,
Nam troquemos pelo incerto,
O em que tam certo estamos,
Pois o vemos.

A tudo isto podeis responder, que todos morremos do mal de Phaetam, porque del dicho al hecho, vá gran trecho. E de saber as cousas, & passar porellas, ha mais diffe-

rença, que de consolar a ler consolado: mas assi entrou o mundo, & assi ha de sahir; muytos a reprehendo, & poucos a emendalo. E com isso amaino, beijando essas poderofas mãos huma quatrinqa de vezes, cuja vida, & reverendissima pessoa nosso Senhor, &c.

Finge que em Goa nas festas, que se fizerão à successão de hum Governador, sairão a jogar canas certos homens, a que nam sabia mal o vinho, & outros notados de alguns vicios, com divisas nas bandeyras, & letras conformes ás suas tenções, & inclinações.

DUM que bebia excessivamente tirou por divisa hum Morcego, ave em que foý convertida Alcithoe com as irmáas, por desprezarem os sacrificios de Bacco. E como aquelle, que se em tal erro cahisse, nam queria ser convertido em taõ bayxo animal, & tam nojoso, dizia a sua letra assi em castelhaño:

Si yo desobedeciere
A tu deydad santa, y pura,
En almudes mi figura.

Alguns praguentos quizerão dizer, que esta letra era maliciosa, & que não queria dizer tanto desejar este galante de ser mudadado em al, como desejava jalmudes deste licor. Mas he muyto grande falsidade que sendo a letra assim feyta acaso, acertou de sahir aquella palavra, com que molhava as suas, quem tirava a divisa. Do que o innocente autor despois ficou para se enforçar. Mas outro galante, que de fino bebado já passava os limites de bom, & costumado beber, tirou por divisa huma palmeyra, arvore, que entre os antigos significava vitoria, & ao pé della alguns ramos de vides, & de parreyras pisadas, & dizia a letra assi.

Ficay vencidas sem gloria
Vós vides, & vós parreyras,
Porque os ramos das palmeyras
São, os que tem a vitoria.

Tambem aqui não faltarão praguentos, que quizerão dizer, que este devoto deyxando

já atraz Portugal , cometia com valeroso
animo Orraças, & Fullas, tendo em pouco
Caparicas , & Seixaes. Mas quem ha que
fuja de mãs linguas , ou de mal costumadas
gargantas?

Outro galante , a quem fazia mal ao
estamago beber o vinho agoado , tirou
por divisa huma peça de chamalote sem
agoas, que lhe apresentava Bacco, & dizia
a letra como por parte do mesmo Bacco.

Sem agoas senhor levayo
Se for bom,
Que las agoas de Moncayo
Frias son.

Aqui não tiverão praguentos , que dizer,
por ser o pinião de sílica , serem melhores
os mantimentos simples, que os compostos.

Outro , que no beber lançava a barra inda
mais além que os assima escritos , tirou por
divisa huma Salamandra, passeando por cima
de humas brasas de fogo, & a letra dizia.

En el fuego vivo yo.

Mas o pintor errando as letras acertou de
pôr: De fuego la bebo yo. Donde os pra-
guentos quizerão adivinhar, que este galante
bebia Orraca de fogo. O demonio foy fa-
zer tal erro, para delle sahir tamanho acerto.

Outro devoto , que desque estava quen-
te , dizia dos companheyros , quaelquer
que fossem , o que de cada hum sabia , sem
respeyto : tirou por divisa hum demoninha-
do , lançando os olhos em alvo , escu-
mando , & apontando com odedo para
hum frasco de vinho, & dizia a letra.

Se fallar demasiado,
Nam mo tachem, porque em fim
Aquella alma falla em mi.

Sendo atèqui introduzidos os religiosos
de Bacco , pedirão dous doutra religião,
que tambem os deyxassem jogar as canas, &
que elles tirarião tal divisa , com que se
tirasse alimpo sua habilidade , & sendo en-
trados ambos juntos por certa confor-
midade , que havia entre ambos , trou-
xerão pintados nas bandeyras cada hum
seu par de pombas, & dizia a letra:

Se como vòs hà ahi par,
Vòs o podereis julgar.

Certo , que atèqui chegou a malicia
dos homens , porque tão futilmente qui-
zerão interpretar a innocencia desta letra,
que tomarão a derradeyra syllaba da pri-
meyra regta , & juntaraõna com a pri-
meyra da derradeyra , que vem dizer par-
vos , & differão que juntos significavão
isso aquelles dous innocentes. Mal pecado,
tão errada anda a maldade humana , que
logo tem por parvos aos que sabem pouco.

Outro homem entrou tambem por ade-
rencia nas canas, o qual dizem , que tinha
partes maravilhosas; porque era tão perfeyto
em suas cousas , que o seu comer havia
de ser o melhor temperado , & mais suave
do mundo , & os seus vestidos erão sempre
dos mais finos panos , & sitins , que se
pudessem descobrir, & esta perfeçãp atè
nos amores , & amizades se lhe estendia;
porque com os amigos sempre tinha futili-
zas de conversação , & com as amigas hum
fingir , que queria , o que não queria. E
em fim atè no jogar usava da quellas mãhas
todas , as que para ganhar erão necessarias.
E tinha mais hum revés da Fortuna re-
cebido , que se lhe estendia desde a ponta
donariz , até huma orelha. Este senhor
tirou por divisa huma camiza toda lavrada de
pontinhos, lavor antigo , & a letradizia assi.

Pontos de honrado, & sendo
Sempre na vida quiz ter,
Apontado no viver,
Apontado mais que tudo
Em meu vestir, & comer;
Pontos sutis no meu gosto,
Meis sutis no conversar,
Tanto me vim a apontar,
Que apontado trago o rosto
E as cartas para jogar.

Muytos outros homen illustres quizerão
ser admitidos nestas festas, & canas, & que se
fizera memoria delles, conforme, suas calida-
des , mas infinita elcriptura fora , segundo
todos os homens da India são a finalados,
& por isto estes bastem para servirem de
amostra do que ha nos mais.

COMEDIA

D'EL-REY SELEVC O.

Composta por Luis de Camões.

Diz logo o Mordomo, ou dono da casa.

E Is, senhores, o Autor, por me honrar nesta festi-
vel noyte, me quiz reprezentar huma farga,
& diz, que por não se encontrar com outras já
feytas, buscou huns novos fundamentos para a
quem tiver hum juizo assi arzeoado satisfazer. E
diz que quem le della não contentar, querendo
outros novos acontecimentos, que le vâ aos soa-
lheyros dos Escudeyros da Castanheyra, ou de
Alhos Vedros, & Barreyro, ou converte na rua
nova em casa do Boticario, & não lhe faltará que
comer: Porém diz o Autor, que usou nesta obra
da maneyra de Ilopete. Hora quanto a obra se não
Parece bam a todos: o Autor diz, que entende della
menos que todos, os que lha puderem emmendar.
Todavia isto he para pragueutos, aos quaes diz,
que responde com hum dito de hum Philosopho,
que diz, Vós outros estudante para praguejar, &
eu para delprelar pragueutos, & com tudo quero
saber da farga, em que ponto vay.

Moço, Lançarote.

Moç. Senhor.

Escud. São já chegadas as figuras?

Moç. Chegadas são ellas quasi ao fim de sua vida.

Escud. Como assi?

Moç. Porque foy a gente tanta, que nam ficou ca-
pa com friza, nem talão de çapato, que nam sahisse
fôra do couce. Hora vierão huns embuçadetes, &
quizerão entrar por força, eylo arrancamento na
mão: derão huma pedrada na cabeça ao Anjo, &
ralgárão huma meya calça ao Ermitão, & agora
diz o Anjo, que nam ha de entrar, atè lhe não da-
rem huma cabeça nova, nem o Ermitão até lhe
não porem huma estopada na calça. Este pantoso
se perdeo alli, mandeo v. m. Domingo apregoar
nos pulpitos, que não quero nada do alheo

Escud. Se ella fora outra pega de mais valia, tu
botáras a consciencia pela porta fóra, para o meteres
em tua casa.

Moç. O se o elle fora, mais consciencia seria tornalo
a feu dono, quem o havia mitter para si

Escud. Hora vem cá, vay da qui a casa de Martim
Chinchorro, & dizelhe, que temos cá auto, com
grande fogueyra, que se venha tua mercê para cá,
& que traga consigo o senhor Romaão de Alvaren-
ga, para que sobre o canto cham botemos nosso
contraponto de zombaria. Ouves Lançarote?

irlhehas abrir a porta do quintal, porque mudemos
o vinte aos que cuydaão de entrar por força.

Indose o Moço diz.

Chichello de Judeu, assi como foste pantuto, que
te custava ser huma bolça com hum par de re-
ales, que são bons para hum escudeyro hipocrita
que são muyto, & valem pouco.

Escud. Moço, que estás fazendo que nam vâs?
Moç. Senhor estou tardando, & porèm estou cuy-
dando, que se agora fora aquelle tempo, em que
corrião as moedas dos sambarcos, sempre deste ti-
ria para humas palmilhas. Mas já que assi he, diga-
me v. m. que farey deste?

Escud. O fideputa bragante, elperay, que estoutro
vo lo dirá.

*Faz quelhe tira com outro pantuso, vayse o Moço, &
diz o Escudeyro.*

Não ha mais mau conselho, que ter hum villão
destes mimólo, porque logo passão opé alem da
mao, zombaão assi da gravidade de feu amo. Mas
tornâdo ao que importa, vossas mercês he necessa-
rio, que se cheguem huns para os outros, para da-
rem lugar aos outros senhores, que haõ de vir, que
doutra maneyra, se todo o corro se hade gastar em
palanques, será bom mandar fazer outro alvalade,
& mais, que me hão de fazer mercê, que se hão de
desembuçar, porque eu não ley qué me quer bem,
nem quem me quer mal: este sò delgosto tem hum
auto, que he como officio de Alcayde, ou haveis
deyxar entrar a todos, ou vos haõ de ter por villaõ
ruim.

*Entra Martim Cineborro, fallando com outro Escudeyro
por nome Ambrosio, & diz Martim
Chinchorro.*

Entre v. m.

Ambros. Dias ha, senhor, que ando de quebras com
cortefias, & por isso vou diante. Beijo as mãos de
v. m. A verdade he esta, passear com casa juncada,
fogueyra com castanhas, mesa pósta com alcatifa,
& cartas; alem disto auto para elgaravatar os den-
tes, esta he a vida, de que se hade fazer consciencia.

Escud. Senhor, o delcanfo dizem la, que se hade
ter em quanto homem puder, porque os trabalhos

sem os chamarem de seu se vem por seu pè, que seu nome he.

Mart. Hora pois, tenhor, o auto dizem, que he tal? porque hum auto enfadonho traz mais sono configo que huma prégagaõ comprida.

Escud. Senhor, por bom mo vendéaõ, & eu o to-mey à calla de tua boa fama, & te tal he, eu acho, q por outra parte, nam ha tal vida, como ouvir hum villão, que arranca a falla da garganta, mais sem fabor, que huma pera pão, & huma donzella, que vem mais podre de amor, fallando como Apóstolo, mais piedosa que huma lamentação.

Mart. Para estes taes he grande peça rapaz traves to com molho de junco, porque não andem mais ao coscorraõ, mais roucos, que huma cigarra, trazendo de si enfadamento.

Moç. Oulã, senhores, pedem as figuras alfinetes para toucarem hum escudeyro, hora sus ahi quem dé mais? que ainda vos veja todas a mim às rebatinhas; ora sus venhão de mano em mano, ou de mana em mana.

Escud. Moço falla bem ensinado.

Moç. Senhor, não taz a o caso, que os erros por amores tem privilegio de moedeyro.

Ambros. Oh rapaz, não me entendes, perguntote se tardarão muyto por entrar?

Moç. Parece-me, tenhor, que antes que amanheça começarão.

Ambros. Oh que salgado moço, zombas de mim? Vem cá, donde es natural?

Moç. Donde quer, que meacho.

Ambros. Perguntote onde nasceste?

Moç. Nas mãos das parteyras.

Ambros. Em que terra?

Moç. Toda a terra he huma, & mais eu nasci em cata asfobradada, barrida daquella hora, que não havia palmo de terra nella.

Mart. Bem birrido de vergonha, que metu parece, Dize, cujõ filho es? He paraver com que disparate respondes.

Moç. A fallar verdade, parece-me a mim, que eu sou filho de hum meu tio.

Mart. Vem cá, de teu tio, & isso como?

Moç. Como isto tenhor he adivinhação, que vossas mercês não entendem. Meu pay era Clerigo, & os Clerigos sempre chamaõ aos filhos sobrinhos, & daqui me ficou a mim ter filho de meu tio.

Mart. Hora te digo que es gracioso. Senhor donde houvestes este?

Escud. Aqui me veyo às mãos sem piõs, nem nada, & eu por gracioso o to-mey, & mais tem outra coula que huma trova falla tambem como vós, sou como eu, ou como o Chiado.

Ambros. Não quantã disso nós havemos he de ver fazer alguma coula, em quanto se vestem as figuras, ainda que para que mais auto, que vermos a este.

Escud. Vem cá moço, dize aquella trova, que fizeste á moça Briolanja, por amor de mim.

Moç. Senhor, si direy, mas a quella troya, não he

se não para quem entender.

Mart. Como, tão escura he ella?

Moç. Senhor assi a ley eu escrever, & a fiz na memoria, porque eu não sey escrever, se nam com carvão, & porem diz assi.

Por amor de vós Briolanja,
Ando eu morto.

Pesar de meu avõ torto.

Mart. Oh como he galante, que descuydo tam graciolo, mais vem cá, que culpa te tem teu avõ nos disfavores, que te tua dama dá?

Moç. Pois senhor, se eu houve de pesar de alguém, não pesarey eu antes dos meus parentes, que dos alheos;

Escud. Pois oução vossas mercês a volta, que he mais chea de gavetas, que trombeta de serenissimo de laValla.

Moç. A volta senhores, he muy funda, & parece-me, senhores, que nem de mergulho a entenderão, & porisso mandem asoar os engenhos, & metão mais huma sardinha no entendimêto, & póde ser q com esta servilha lhe calçará melhor, & todavia palrar assi.

Vossos olhos tam daninhos,

Me tratãrão de feyçao,

Que não ha em meu coração;

Em que atem dous reis de cominhos,

Meu bem anda sem fucinhos

Por vós morto

Pesar de meu avõ torto

Mart. Hora bem, que de ver os cominhos com o teu coração?

Moç. Pois, senhores, coração; bofes. baço, & toda a outra mais cabedella, não se pódem comer senão com cominhos; & mais senhores, tuinha dama era tindeyra, & este he o verdadeyro entendimento.

Mart. Eaquella regra, que diz, meu bem anda sem fucinhos, me dá tu a entender, que ella não dá nada de si.

Moç. Nunca vossas mercês ouviraõ dizer, meu bem, & meu mal lutãrão hum dia, meu bem era tal que meo mal o vencia, pois desta luta foy tamanha a quèda, que meu bem deu entre huma pedra, que quebrou os focinhos, & por ficarem tão esfarrapados, porque lhe não podiaõ deytar pedaço, por contelho dos físicos lhoõ cortãrão por lhe nelles nam saltarem erpes, & da qui ficou meu bem anda sem fucinhos, como diz o texto.

Ambros. Tu fazes já melhores argumentos, que moços de estudo por dia de S. Nicalao.

Mart. Senhor, aquillo tudo he bom engenho este moço he natural para logico.

Moç. Que, senhor, natural para logea? si mas nam tam taia como vossas mercês.

Escud. Parece-me, senhor, que entra a primeyra figura, Moço, metete aqui por bayxo desta mesa, & ouçamos este Representador, que vem mais

amartotados dos encontros, que hum capuz roxo de piloto, que sae em terra, & o tira da arca de cedro.

Mart. Senhor elle parece que aprende a cirurgiaão.

Ambros. Mais parece ourinol capado, que anda de amores com aminina dos olhos verdes.

Escud. Emfim parece figura de auto em verdade

Entra o Representador.

He ley de direyto affaz verdadeyra, julgar por si mesmo aquillo, que vem porque eu cuydo, que eu zombo de alguem, & cuydo, que zombo da mesma maneyra, & se aqualquer parece que está mais dobrado, sem nenhum conhecer seu proprio engano, por grande que seja. Hora, senhores, amim me esquece o dito todo de ponto claro, mas não tou de culpar, porque não ha mais que tres dias, que moderao, mas em breves palavras direy a vossas mercês a summa da obra, ella he toda de rir do cabo até a ponta. Entrará o logo primeyramente quinze donzellas, que vão fugidas de casa de seus pays, & vão com cabazes apanhar azeytona, & traz ellas vem logo oyto mundanos, metidos em hum covão cantando, quem os amores tem em Sintra, & despois de cantarem farão huma dança de espadas: coula muyto para ver, entra mais El-Rey Dom Sancho baylando os machatins, & entra logo Caterina Real com huns poucos de parvos numa joyeyra, & semealoha pela casa, de que nascerá muyto mantimento ao riso, & nitto fenecerá o auto, com musica de chocalho, & bôfinas, que Cupido vem dar a huma alfeloeyra a quem quer bem, & ir se hão vossas mercês cada hum para suas pouzadas. ou consoarão cá conosco disso, que ahí houver. Parece me que nenhum diz, que nam: Hora pois ficareis em vano laboraverunt, porque atêgora zombey de vós, por me forrar do erro da representação como quem diz, digoto antes que mo digas.

Ambros. Hora vós digo senhores, que se as figuras são todas taes, que acertarião em errar os ditos, ainda que me parece que este o não fez, senão a ser mais galante. Mas se assi he ella he a melhor invenção, que eu vi: porque já agora representações, todas he darem por praguentos, & são tam certas que he melhor errallas, que acertallas.

Escud. Parece me que entrão as figuras de siso, vejamos se são tam galantes na prática, como nos vestidos.

Entra El-Rey Seleuco, com a Rainha Estratonica.

Rey. Senhora, delque a ventura
Me quiz darvos por mulher,
Me sinto emmeninecer,
Porque em vossa fermosura,
Perde a velhice seu ser.
Hum homem velho, cansado,
Não tem força nem vigor,
Para em si sentir amor,

Senão he, que estou mudado,

Com ser vosso noutra cor.

Muyto grande dita tem

A mulher, que he fermosa.

Rainha. Senhor grande, mas porém

Se a tal he virtuosa,

Querlhe a ventura mór bem.

Rey. Si, mas porém nunca vemos

Anatureza esmerar,

Donde haja, que tachar,

Que quando ella faz estremos,

Em tudo quer se estremar.

Eu fallo como quem sente

Em vós esta calidade,

Pelo que vejo pretente,

E se me esta mostra mente,

Menteme a mesma verdade.

Huma só tristeza tenho

Que não tem a menenice,

Que no mór contentamento

O trabalho da velhice

Me em barça o sentimento.

Rainha. Senhor, novidades taes

Farmchaõ crer de verdade,

Rey. Novidades lhe chamais

Folgo, senhora, que achais

Na velhice novidades.

Rainha. Senhor, dias ha que sento

Em o Principe Antiocho

Certo descontentamento,

Dêra alguma coula a troco

Por saber teu sentimento.

Vejolhe amarelo o rosto,

Ou de triste ou de doente,

Ou elle anda mal disposto,

Ou lá tem certo desgosto

Que o não deyx a ser contente:

Mande tenhor vossa alteza

Achamallo por alguem,

Saberemos que mal tem,

Se he doença de tristeza,

De que nasce, ou de que vem:

Rey. Certo que eu me maravilho

Do que vós ouço dizer,

Que mal pode nelle haver?

Idê dizer a meu filho,

Que me venha logo ver,

Rainha. Se curar não se procura

Huma coula destes taes,

Vem despois a crescer mais:

Quando se não acha cura,

Toda a cura he por demais:

Entra o Principe Antiocho, com seu pagem por nome Leocadeo

Princ. Leocadeo se es avisado,

E não te falta saber,

Sabermehas dar a entender

Quem ama delesperado,

Que fim elpera de a ver?

Pag. Senhor, não,

Mas porém porque razão

Lhe avem la bello, ou de que?

Princ. Perguntotê a conclusão,

Não me pergantes porque,

Porque he minha pena tal,

E de tão estranho ser,

Que me eyde deyxar morrer,

E por não cuydar no mal

O não ouzo inda dizer.

Que maneyra de tormento

Tam estranho, & evidente,

Que nem cuydar se contente,

Porque o mesmo pensamento

Ha medo do mal que sente!

Pag. Não entendo a vossa Alteza:

Princ. Assi importa a minha dor.

Pag. E porque razão, senhor?

Princ. Para que seja a tristeza

Castigo de meu temor,

Porque ordena

O amor, que me condena;

Que seajão de sentir

E sem dizer, nem ouvir

Bemaventurada a pena

Que se pôde descobrir,

O caso grande, & medonho,

O duro tormento fero,

Verdade he isto, que eu quero?

Não he verdade, mas honho

De que acordar não espero.

Querome chegar a el-Rey

Meu, pay, que já me está vendo,

Mas onde vou? não entendo

Com que olhos eu olharey

Hum pay, a quem tanto ofendo?

Que novo modo de antolhos,

Porque neste etrevimento

Devera meu sentimento,

Para elle não ter olhos,

Nem para ella pensamento.

Chega aonde está el-Rey, & diz El-Rey.

Rey. Filho, como andais assi

Que tanto delgosto tomo

De vos ver como vos vi?

Princ. Não sey eu tanto demim,

Que possã saber o como.

Dias ha já, senhor, que ando

Mal disposto, sem saber

Este mal, que possã ser,

Que te nelle estou cuydando,

Quasi me vejo morrer.

Rey. Pois filho terá razão,

Que meus físicos vos vejão,

Princ. Os físicos, senhor, não,

Que os males, que em mim estão,

São curas, que me sobejão.

III. Part.

Rainha. Deytese, que na verdade

Hum corpo deytado, & manso

Descansa á sua vontade.

Princ. Senhora, esta enfermidade,

Não se cura com detcanto.

Rainha. Todavia bom fera

Que lhe fação huma cama.

Princ. Hum coxim abastará,

Que assi não descantará

O repouso de quem ama.

Rey. Vamos filho, para dentro,

Em quanto a cama se faz,

Repouley como capaz,

Que a mim me dê cá no centro

A pena, que assi vos traz.

Vãose, & vem huma moça a fazer a cama, & diz.

Mimos de grandes senhores,

E suas estremidades

Me hão de matar de amores,

Porque de meros dulçores

Adoecem.

Então logo lhes parecem

Aos outros que são mamados,

E os que são mais privados,

Sobre elles estremecem.

Certo, & assi Deos me ajude

Que são muyto graciosos,

Porque de meros vigosos,

Não podem com a laude.

Mas deyxalos,

Porque elles darão nos vallos;

Donde mais não se erguerão,

Inda que lhe dem a mão

Os seus privados vassallos.

Entra hum Porteyro de cana, & bate primeyro, & diz.

Port. Traz, traz, traz?

Moç. Jelu, quem está ahie?

Port. Já vós, mana, creis mamada?

Para vos levar furtada:

Nunca tal enfejo vi

E vós estais descuydada,

Moç. E meus descuydos, que fazem?

Port. Vossos descuydos, cadella:

A minha alma, sois tão bella,

Que esses descuydos me trazem

Dous mil cuydados à vella.

Pois sou vosso ha tantos annos,

Mana, tiray os antolhos,

E vereis meus tristes dannos.

Moça. Não tendais estes enganos.

Port. Nem vós tendais estes olhos;

Que de vossos olhos vem

Esta minha pena fera.

Moça. Demeus olhos, assim era.

Port. Moça, que taes olhos tem

Nenhuns o lhos ver devera.

Mog. E porque?

Port. Porque cegais
A quantos olhos olhais,
P'isso que por vós padecem:
Olhos, que tambem parecem,
Porque não nos castigais?

Mog. Deos dê sifo, pois de vós
Tirou ao que aos outros deu.

Port. Detatayme lá effes nós,
E que mais sifo quero eu,
Que não ter sifo por vós?

Mog. Fallais darte, eu vós prometo
Que a reposta vem á vella,
Iffo he olho de panella:
Quanto ha já que sois discreto?

Port. Quanto ha já que vós sois bella?

Mog. Dáyme logò a entender
Que eu lou fea a meu ver:

Port. E isso porque, o entendeis?

Mog. Porque, porque me dizeis,
Que só de meu parecer
Vos procede o que sabeis.

Port. He verdade.

Mog. Pois infero,
Que o vosso saber he vento.
Fica a coufa declarada,
Meu parecer não ser nada.

Port. Olhay aquelle argumento:
Alem de bella avifada:
Oh nem tanto, nem tão pouco,
Vede vós o que fallais?

Mog. Cego no saber andais.

Port. No sifo, mas não tão louco
Como vós, mana, cuydais:
Hora-dizey duma má,
Que não amais, quem vós ania?

Mog. Ouvistes vós cantar já,
Velho malo, em minha cama,
Já me entendereis:

Port. Ha, ha
Senhora, estais enganada,
Que com hum capuz, e c'pada,
E com este capuz fóra,

Mog. Hora bem, tiray hora,
E fazey huma levada.

Port. Não, se me curhoje alvoroço
- Acharmeis doutra feyção:

Aqui tira o capuz, & diz

Port. Tenho má disposição?
Estas obras são de moço,
Se as mostras de velho são.

Mog. Tendes muy gentis meneos?

Port. Não senhora, faço estremos?

Mog. Passay hora, verem os
Se tendes tão bons passeos:

Port. Tudo senhora, farenos:

Mog. Viray hora a effa ntra

Port. Esta disposição veda,

Que tenho gentil feyção:
Mog. Tendes vós muy boa redea,
Sofreis ancas?

Port. Isso não,

Mog. Por certo, que tendes graça:
Em tudo quanto fizerdes,
Fazey mais, o que louberdes.

Port. Não sey coufa, que não faça,
Senhora, por me, quererdes.

Mog. Tendes vós muyto bom ar.

Port. Mais que isso faz, quem quer bem,

Mog. Hivos afinha, que vem
O Principe a te deytar.

Port. Nunca huma pessoa tem
Huma hora para fallar.

Entram o Principe com o seu Pagem, Leocadeo, & diz.

Princ. Seja a morte abercebida,
Porque ja o amor ordena
A dar a meu mal sahida,
Porque o fim da minha vida
O seja da minha penar.
Não tarde para tomar
Vingança de meu querer,
Pois não se póde dizer,
Que não tem já que esperar,
Nem com que satisfazer,
Os fíficos, vem, & vão,
Sem saberem minhas magoas,
Nem o pulso me acharão,
E te o querem ver nas lagoas,
As dos olhos lho dirão,
Se com langrias tambem
Procurão verme curados
O temor de meu cuydado
O mais do sangue me teimado
Nas veas todo coallhado.
Querome aqui encostar,
Que já o esprito me cay,
Leocadeo, vayme chamar,
Os musicos de meu pay,
Folgarey de ouvir cantar.

Aqui se deyta, como que repousa, & falla dizendo assim.

Princ. Senhora, qual de fatino
Me trouxe a tanta tristura,
Foy, senhora, por ventura
A torça, de meu destino
Como vossa fermosura
Bem conheço, que não posso
Ter tão alto pensamento,
Mas disto só me contento,
Que se paga com ser vossó
O mór mal de meu tormento:

Entram os musicos, & diz Alexandrê da Fonseca

Alex. Senhor, de que se acha mal

O Principe, ou que mal sente,
 Pag. Senhor, sei que está doente; e o castigo
 Mas tua doença he tal,
 Que entender se não consente;
 Os filicos vem, & vão,
 Huns, & outros a meude,
 Sem o poderem darão.
 Quanto mais cura lhe dão
 Então tem meos saudes.
 O pay anda em sacrificios
 Aos Deotes, que lhe dem
 A laude, que convem:
 Dizendo, que por teus vicios
 O mal a teu filho vem.
 Eu suspeyto que isto são
 Alguns novos amorinhos,
 Que terá no coração.

Alex. Amores, com quem seráo,
 Que lha não dem de fucinhos?

Port. Senhores, que lhe parece
 Da doença de Antiocho?

Alex. Digalha, que a lha conhece;

Pag. Que toma morrer a troço
 De calar, o que padecê;

Port. Isto he estar empeñado
 Na doença, que he peor;

Alex. Oh que de mal del amor,
 No ha teñor sanador;

Port. Fallais como experimentado;
 Que eu cuydo, que está fatigado;

Que o faz com que desespero,
 Y por más tormento quiere;

Que se lienta, y nõ se digar;

Alex. Pois, senhor meuziſto affelle,
 Porque a pena, que fabeis;

Que eu cuydo, que está nelle,
 Darlhehá penas crueis;

Pues no ay quien lá consuelo,
 Por que meo ay quem meo;

Port. Folgo porque me entendeis;

Pag. Hemonos senhores de hir,
 Porque nos está esperando;

Port. Pois eu tambem hey de hir,
 Que não me posso despedir;

Princ. Cantay por amor de mi
 Alguma cantiga triste,

Que todo meo mal confite
 Na tristeza em que me vi.

Port. Mandelhe cantar hum chiste:

Alex. Chiste não, que he delonesteio,
 E não tem eses estremos;

Outro canto mais modesto,
 Porém não sei que diremos;

Pag. Gãoleo o dirá preſto,
 Por que meo ay quem meo;

Port. Dá licença a Alteza,
 Que diga minhã tenção;

Princ. Dizey, seja em canto chado,
 Por que meo ay quem meo;

Port. Pois crede, que he sutileza,
 Que os Anjos a comerão;

Digaõ esta.
 Enforquey minha esperança,
 E o amor toy taõ madraço,
 Que lhe cortou o baraçõ.

Alex. Não me parece esta boa.

Port. Haja eu perdão,
 Porque não a entenderáo,

Entender, bofa, que he boa,
 Não lhe cahis na feyçãõ.

Alex. Dizey hora outra melhor
 Com que nos atarraqueis;

Port. Hora esperay, & ouvireis,
 Se a esta não dais louvor;

Quero que me degoleis.

Cantiga.

Com vossos olhos Gonçalves,
 Senhora, cativo tendes
 Este meu coração Mendes.

Alex. Esta parece muy taibo,
 Porque mostra bom indicio.

Port. Vós cuydareis, que eu que rayvo;

Alex. Toda via tem maõ taibo,
 Hora mal lhe corre o officio.

Princ. Tá naõ vã mais por diante,
 A zombaria, que he mã;

Cantay qualquer dellas já,
 Que este porteyro he galante;

Ninguem o contentará,
 Aquy cantam, & em acabando diz o Pagem.

Pag. Parece que adormecido
 Port. Pois terá boai, que nos vamos;

Alex. Senhor, quer que nos vejamos?

Port. Senhor, virmehá do Ceo,
 Relevame que o façamos.

Entra a Raynha com huma sua criada por nome Frolal-
 ta, & diz a Raynha,

Raynha Frolalta, como ficava
 Antiocho em te tu vindo?

Moç. Ficavale despédindo
 Da vida, que entrão levava;

E assi seus dias cumprindo.

Raynha. Oh grave caso de amor,
 Deleſperada affeyção,

Oh amor sem redempção,
 Que alli te fazes mayor;

No mais alto, & fundo pégo
 Alli tens mayor porfia;

Razão de ti não se fia,
 Quem te a ti chamou de go;

Muy bem soube o que dizia,
 Por ventura hia chorando?

Frol. Chorando hia, & chamando
 Ao amor, amor crucl,

E em, tenhora, se deytando.

Lhe cahio este papel:

Rayn. Que papel?

Frol. Este, senhora.

Rayn. Amostra, que quero lello,

Agora acabo de crello,

Que ao que mostra por fóra

Aqui lhe lançou o felló.

Aqui lê o papel, & diz:

Raynb. Oh estranha pena fera,

Delditola vida cara,

Oh quem nunquá cárviera,

E com feu pay não casára,

Ou em casando morrera.

Frol. Ainda que eu pesaão,

Senhora tudo bem vejo,

Atente, que na eleyção

O que lhe pede o desejo

Não consente o coração:

Raynb. Frolalta, pois que es discreta

Nada te posso encobrir,

Porque se queres sentir,

A huma mulher discreta

Tudo se ha de descubrir:

O dia, que entrey aqui,

Que a Seleucó recebi,

Logo nesse mesmo dia

No Príncipe filho vi

Os olhos, com que me via:

Este principio fo'filho,

Para yér se se mudava,

Antes mais te acrescentava,

Eu amavao como filhó,

E elle d'outra arte me amavao

Agora vejo, que não fim

Por se me não declarar,

Pois que ja a isso vim,

A morte, que o levar

Mã leve também a mim

Porque já que minha sorte

Foy tao crua, & defabrida,

Que me não quer dar vida,

Sejamos juntos na morte,

Pois o não fomos na vida,

Oh quem me mandou cazar

Para ver tal crueldade,

Ninguem venda a liberdade,

Pois não póde resgatar,

Onde não tem a vontade,

Que não ha mór delvario,

Que o forçado casamento

Por alcançar alto assento.

Que em fim todo o senhório

Está no contentamento.

Não sey le o vá ver agora

Se será tempo conforme,

Ou se himos a dëshora.

Moç. Depois iremos senhora,

Que agora dizem, que dorme:

Entra o fisico a tomar lhe o pulso, & tomando diz:

Fif. Su madrafta oy nombrar,

Y el pulito te le alteró,

Esto no entiendo yo,

Porque para le alterar

El coraçon le obligó:

Pues que el coraçon se altere,

Y porque en un momento

Algun nuevo vencimiento

De afficion terrible le hierre,

Que causa tal moximiento:

Pues que afficion cabe assi,

Con madrafta? digo yo,

Dos razones ay aqul,

La una dize, que si,

La otra dize, que no.

Empero yo determino

De exprimentar la verdad:

Y hazer una habilidad,

Que declare es agúa, ó vino,

Ella su enfermedad.

Porque toda esta mañana

Tengo estudiado su mal,

Sin ver causa effetual,

De su dolencia inhumana,

Ni otra de su metal.

Llamar quiero este afneion,

Mas aun deve de dormir

Segun que es dormilon:

Sancho, ó Sancho?

San. A leñor, á leñor,

Fif. Ea aun estás dormiendo?

San. Estoy me, leñor, veyliendo.

Fif. Pues vellaco, & sin labor

No me respondes dormiendo?

Vestios presto ladron:

Oh que moço, y que ventura,

San. Mas que amo, y cararon;

Embieme el ropon,

Que no allo mi vestidura.

Fif. Que embie el ropon acá,

Parece, que os desmandais.

San. Que vaya, senhor, ha, ha,

Que buenos dias ayais.

Entra o moço embrulhado em huma manta, & diz:

o Fifico.

Fif. Di como vienes assi,

Con la manta, y para que?

San. Yo senhor se lo diré:

Por venir presto vesti

Lo que más presto me allé,

Porque viendo, que el me llama,

Dormiendo yo sin afan,

Salté presto de la cama,

Que pareço un gavilan

Hermoso como una dama.

Fif. Mas es tu bovedad tanta,
Que vienes desta fecion.
San. De mi vestido se espanta,
De noche sirve de manta,
Y de dia de ropon.
Fif. Embidme el Rey a llamar
Otra vez.
San. Y a mi.
Fif. Y a ti.
San. Y él que presta allá sin mi?
Fif. Que puedes tu aprovechar?
San. Yo se lo diré de aqui,
Si por la ventura quiere
Para que le dê consejo
Quando doliente estuviere,
Digo, coma, si pudiere,
Y beba buen vino anejo,
Porque este es el licor
Que dá fuerça, y es sabroso,
Que segun dizen, señor,
Vino letificat cor
Hominis, & le es provechoso.
Fif. Ya sabes la medicina,
Que Avicena nos refiere.
San. Pues señor, porque es divina,
Pero el Rey que le quiere,
Que manda, ó que determina.
Fif. El Principe está doliente.
San. Oh melquino, & que mal ha?
Fif. Y a ti necio, que te vá.
San. Oh señor, que es mi pariente.
Fif. Gracioso el bovo está,
Y pu es dime por tu fé,
Llorarás si se muriere?
San. No lloraré,
Empero, señor, haré
La peor cara, que pudiere.
Fif. Ea bovo vé corriendo,
Y enfilla la mula ayna.
San. Vengala enfillar mejor.
Fif. Oh vellaco, y sin sabor.
San. Yo por cierto no lo entiendo,
Pero una melecina
Le ede pedir, Dios queriendo,
Porque ando atribulado,
Y no se parte de mi
Com este nuvevo cuydado,
Para un layo esfarrapado,
Que me dizen ay alli.
Fif. Hora enfilla, y nunca biva,
Pues sufro tus desatinos.
San. Señor passion no reciva,
Ya cavalga Calaynos
A la sombra de una oliva.

Aqui sae bolindo com a almofaca, & acorda o Principe,

& diz.

Princ. Oh bella vista, & humana
Por quem tanto mal tostenho,

Oh Princeza toberana
Como nos braços vos tenho,
Ou este sonho me engana:
Pois como sonho tambem
Me queres vir magoar,
E para me atormentar
Mostratme a sombra do bem
Para assi mais me enganar,
Assi que com quanto canso
Já não posso achar atalho,
Pois que o sono quisto, & manso,
Que os outros tem por descanso
Me vem a mim por trabalho:
Pois ha hi tantos enganoso,
Que condenão minha sorte,
Não o tenho já por forte,
Se á volta de tantos danos
Viesse tambem a morte.

Aqui entra El-Rey com o Fifico, diz El-Rey.

Rey: Anday, & vede se achais
O rasto deste tegredo,
Que me dizem, que alcançais,
Ainda que tenho medo,
Que lhe seja por demais.
Fif. Plega a Dios que a queste sea,
Para salud, y remedio
Desta dolencia tan fea:
Yo buscaré todq el medio,
Que presto sano se vea.

Aqui lbe toma o Fifico o pulso, & diz.

Fif. Afloxa, señor, sus ays,
Como se alla en tu penar?
Princ. Como me acho perguntais?
E como se pôde achar
Quem sempre te perde mais?
Fif. La respuesta abre el camino,
Imagina de continuo.
Princ. Não tenho outro mantimento,
Nem outro contentamento
Se não o em que imagino.

Aqui entra a Raynha, & diz.

Raynh. Como se sente, señor,
Tem a febre mais pequena?
Princ. Respondalhe minha pena?
Fif. Conocido es su dolor,
Hora sea en ora buena,
Tomada está la tristeza
A las manos, que sentió:
Uzaré de futiliza:

Diz contra El-Rey.

Cumpleme que solo yo
Platique con vuestra Alteza:

Rey!

Rey. Cheguemonos para cá.
Raynb. Não deve desèlperar,
 Que em fim se bem atentar,
 Para tudo o tempo dá
 Tempo para se curar.
Princ. Que cura poderà ter,
 Quem tem a cura, senhora,
 No impossivel haver.
Raynb. Ficay vos, señor, embora,
 Que vos não sey responder.

Vayse a Raynha, & diz El-Rey.

Rey. Neste mal, que não comprehendo,
 Que meyo dais de consèlho?
Fif. Señor, nada entiendo dello,
 Y tupuesto que lo entiendo,
 Yo quiziera no entendello.
Rey. Porque?
Fif. Porque he entendido
 Lo más malo de entender,
 Para lo que puede ter,
 Porque anda, señor, perdido
 De amores por mi muger.
Rey. Santo Deos, que tal amor
 Lhe dá doença tam fera!
 Que remedio achais melhor?
Fif. Forçado terá, que muera,
 Porque no muera mi honor.
Rey. Pois como a hum só herdeyro
 Deste Reyno, não dareis
 Vossa mulher, pois podeis,
 Que tudo faz o dinheyro,
 Pois este não o engeyteis,
 Daylha, porque eu eipero
 De vos dar dinheyro, & honra,
 Quanto eu para elle quero.
Fif. No tira el mucho dinero
 La mancha de la deshonra.
Rey. Ora bem pouco defeyto
 He pequice conhecida,
 Quando deyxa de ser feyto,
 Porque com elle dais vida
 A quem vos darà proveyto.
Fif. Quan facilmente aporfia
 Quien en tal nunca se viu
 Del conlejo, que me dió,
 Vuestra Alteza, que haria
 Si agora fuesse yo?
Rey. A mulher, que eu tiveisse
 Darlhabia, oxalâ,
 Que elle a Raynha quizesse.
Fif. Pues dela, si le parece,
 Que por ella muerto está.
Rey. Que me dizeis:
Fif. La vérdad:
Rey. Sem duvida ral sentistes?
Fif. Sin duda, sin falledad,
 Pues, señor, aora tomad
 Los consejos, que me distes.

Rey. Certamente, que eu o via
 Em tudo quanto fallava,
 Como o viltes? porque via?
Fif. Nel pulso, que se alterava
 Si la via, ó si la oia.
Rey. Que maneyra ha de haver,
 Que en certo me maravilho,
 Possa mais o amor do filho,
 Do que póde o da mulher:
 Finalmente cilha de dar,
 Que a ambos conhèco o centro,
 Queroo ir levantar,
 E iremos para dentro
 Neste caso praticar.

Diz contra o Principe:

Levantay vos filho d'hi
 O melhor, que vós puderdes,
 E virdevos para aqui,
 Porque em fim, o que quizerdes
 Tudo haveis de mi.
Pag. Ha tenhores, ou lá, ou?
Port. Viestes em conjunção
 A melhor, que pôde ter.
 Haveis aqui de fazer
 A troiquia a hum rifaõ.
Pag. Deyxayme, señor, dizer,
 Haveis isto de acabar,
 Coração hi bugiar,
 No esteis preso en cadenas,
 Que pois o amor vos deu penas,
 Que vos lanceis a voar:
Port. Por certo, que bem comprou.
Pag. Hora sabeis o que vay,
 Antioco, que catou
 Com a molher de teu pay,
 E o mesmo pay o ordenou?
Port. Isto como?
Pag. Não o sey,
 Porque dizem, que a amava,
 E que só por ella andava
 Para morrer, & El-Rey
 Deo a quem a desejava.
Port. Se o caza por querer bem
 Com a moça, a quem elle ama,
 Direy que a mim me inflama,
 O amor mais que a ninguem.
Pag. Pois pedilhe a nosa dama:
Port. Por Sam Gil, que cilos cá vem,
 Elle pela mão com ella.

Entra El-Rey, & Antioco com a Raynha pela mão, & diz El-Rey.

Rey. Que mais ha, que esperar
 Olhay, que estranheza vay
 O muyto amor ordenar,
 Hirse o filho namorar
 De huma mulher de seu pay,

Querer

Querer bem foy sua dor,
 Negar-lha será crueldade,
 Assim que já foy bondade
 Usar eu de tal amor,
 E de tal humanidade.
 Ella deyxou de reynar
 Como fazia primeyro
 Por se com elle casar,
 E por amor verdadeyro
 Tudo se pôde deyxar.
 Eu que nella tinha posto
 Todo o bem de meu cuydado;
 Deyxey mais, que ella há deyxado,
 Que mais se deyxou no gosto,
 Que no poderozo estado:
 Mas já que tudo isto vemos,
 Hajam festas de prazer,
 As que melhor possião ler,
 Porque em tão grandes estremos,
 Estremos se haõ de fazer.
 Hajão cantos para ouvir,
 Jogos, prazeres tem fundo,

Porque se quereis sentir
 Deste modo entrou o mundo,
 E assim ha de fahir,

Aqui vem os musicos, & cantam, & depois de cantarem saemse todas as figuras, & diz Martim Chinchorro.

Hora, senhor, tomemos tambem nosso pandeyro,
 & vamos festejar os noyvos, ou vamos confoar
 com as figuras, porque me parece, que esta he a
 mór festa, que pôde ler. Mas espere v. m. ouvire-
 mos cantar, & na volta das figuras nos acolhere-
 mos. Moço acende esse mólho de cavacos, por-
 que faz elcuro, não vamos dar com nosco em al-
 gum atoleyro, onde nos fique o ruço, & as canaf-
 tras.

Estacio da Fonseca. Não tenhor, mas o meu Pilarte
 irá com elles com hum par de tições na mão, &
 perdoem o maõ agalhadado, mas daqui em diante
 sirvaõle desta poutada, & não tenham isto por pa-
 lavras, porque estas, & plumas o vento as leva.



COMEDIA

DOS ANFITRIÕES.

Composta por Luis de Camões.

EM A QUAL ENTRAM AS FIGURAS SEGUINTEs.

Anfitrião.

Almena sua mulher.

Sosea seu moço.

Bromia sua criada.

Entra logo Almena saudosa do marido, que he na guerra.

& diz.

Belferrão Patrao.

Aurelio primo della com seu moço.

Jupiter.

Mercurio.

Isto vos dou por officio,
Dalguma nova saber,
Em quanto eu vou fazer
Aos deoses o sacrificio.

Vayse Almena, & diz Bromia

Almena. **H**A Señor Anfitrião,
Onde está todo meu bem,

Pois meus olhos vos não vem,

Falarey com coraçã o

Que dentro nalma vos tem,

Ausentes duas vontades,

Qual corre mores perigos,

Qual sofre mais crueldades,

Se vós entre os inimigos.

Se eu entre as faudades.

Que a ventura, que vos traz

Tam longe de vossa terra,

Tantos desconcertos faz,

Que se vos levou à guerra.

Nam me quis leyxar em paz;

Bromia, quem com vida ter

Da vida já desespera.

Que lhe poderàs dizer?

Brom. Que nunca te vio prazer.

Se nam quando nam se espera.

E por tanto nam devia

De ter triste a fantasia,

Por que vossa merce crea.

Que o prazer sempre saltea;

Quem delle mais desconfia

En tenho no coraçã o,

Do señor Anfitrião

Venha hoje alguma nova;

Naõ receba alteraçã o,

Que a verdadeyra affeyçã o

Na longa ausencia se prova.

Alm. Dizey logo a Feliseo,

Que chegue muyto apressado

Ao cais, & busque meyo

De saber se algum recado

Do porto Persico veyo,

& mais lhe aveis de dizer,

Brom. Saudades de minha ama,

Chorinhos, & devações,

Sacrificios, & orações

Me haõ de lançar numa cama;

Certamente

Nós molheres de semente

Somos ledenho tam toscõ,

Que com qualquer vento, que ventõ

Queremos forçadamente,

Que os deotes vivaõ com nosco.

Quero Feliseo chamar,

E dizerlhe aonde hade ir

Mas elle como me vir

Logo hade querer rinchar;

de travesõ

Eu que de zombar nam cesso

Por ficar com elle em salvo.

Lançolhe, hum, & outro remesso;

Aos seus furtolhe o alvo,

E antã o elle fica avessõ:

Porque o melhor destas danças

Com huns vindicos assi,

He trazelos por aqui

O cheyro das esperanças,

Por viver

Ha os homens de trazer

Nos amores assi mornos,

Sõ para ter que fazer, &

E depois ao remeter

Lançalhe a capa nos cornos;

Feliseo, se estais à mão,

Chegay câ; vem como hum gamo;

Bem sey, que naõ chamo em vão.

Vem Feliseo:

Fel. Chamaisme tambem vos chamo,
 Porém eu ouço, & vós não,
 Senhora, que me matais,
 Se vós já nunca me ouvis,
 Ou me ouvis, & vós falais,
 Dizey porque me chamaís
 Se me vós a mim fogis?

Brom. Eu vos fujo?

Fel. Fogis digo
 De dar a meus males cabo.

Brom. Sabey que desse perigo
 Não fujo como de imigo,
 Fujo como do diabo.

Fel. Day ao demo esta tenção,
 Ulay antes de cortês,
 Cay vós nesta razaõ.

Brom. Do perigo fogem os pés,
 Do diabo o coração.

Fel. Dizey sme, que nessa briga
 Do meu coração fogis?

Brom. Ainda, que eu isto diga,

Fel. A minha doce inimiga,
 Bem sinto, que me sintis,
 Mas para que me chamaís?

Brom. Mandavos minha seõora

Que chegueis daqui ao cais,
 E algumas novas saybais

D'Anfitriaõ nessa ora.

Fel. Quem as não sabe de si:
 Doutrem como as saberá?

Brom. Não nas sabeis vós de mi?

Fel. Mã trama venha por ti,
 Duna feyticeyra má,
 Porque não me olhas direyto,

Cadela, que assi me cortas.

Brom. Porque vos quero dar portas,
 Que i'eu olhar doutro geyto,
 Trarey cem mil vidas mortas.

Fel. E e pois para que me andais
 Enganando ha cem mil annos?

Brom. Douvos vida com enganõs.

Fel. Nestes enganinhos taes
 Acho crueis defenganõs.

Brom. Quanta elles vos quero eu dar,
 Vós cuydais, que estais na sela,

Pois podeis vos deçer della,
 Queu nunca vos pude olhar,

Fel. Jugais comigo á panela?

Tendesme ha tanto cativo,
 E defenganaysme agora?

Tudo isso he o que privõ
 Assi, que he isto senhora,

Do chelo morto, do chelo vivo?

Se me vós defenganais
 No cabo de tantos annos,

Direy, le licença dais,
 Dai-me vida com enganõs,

III. Part.

Defenganos já chegais

Mas se isto havia de ser

Dizey, má desconhecida,

Deferro de meu viver,

Que vos custava dizer

Amor busca tua vida?

Brom. Zombais falaitme coprinhas?

Fel. Rivoseis se vem á maõ:

Copras não, mas isto taõ

Anfias, y passiones minhas

Dos botes, & coração.

Brom. Hvos fazendo duns lengos?

Fel. Perdoneme Dios si peço.

Brom. Nestes dentinhos framengos

Conheço, que sois hum peço,

De todos quatro avoengos.

Fel. Tudo vos levo em capelo,

Já qu'estais tanto em abraço,

Porém falando singelo,

A furto dessa maõ zelo,

Quereisme dar hum abraço?

Brom. Ora digo que não posso

Usar com voico de fero,

Tomayo.

Fel. Já o não quero,

Porque esse abraço vosso

Sabey, que he engano mero.

Brom. O vós sois duns senfabores

Abraço pedis affim

S'eu remangõ dum chapim?

Fel. Tudo isso taõ favores

Zombay, vingayvos de mim?

Brom. Vós de furioso touro

As garrochas não sentis.

Fel. Vedes com isto só mouro,

Quando cuydo que sois ouro,

Achovos toda ceytys.

Brom. Em fim sanha de vilão

Vos fez perder hum bom dia?

Fel. Já agora o eu tomaria,

Quereitmo dar.

Brom. Hora não,

Coceyvos eu toda via?

Fel. Pois, seõora, a quem vos ama,

Sois tam delarrazoada,

Quero tomar outra dama,

Que nam digam os d' Alfama,

Que nam tenho namorada.

Brom. Deyxayme.

Fel. Vòs me deyxais?

Brom. Deyxayme.

Fel. Zombais de mi?

Brom. Deyxayme, pois me engeytais

Eu me aulentarey daqui,

Onde me mais não vejais:

Fel. Boa-estã a zombaria.

Brom. Não taõ effas minhas manhas?

Fel. Porém isvos todavia?

Brom. Voyme a las tierras estrañas;

A do ventura me guia.

Vayse Bromia, & diz Feliseo.

Fel. Fantefias de donzellas,
 Não ha, quem como eu as quebre;
 Porque certo cuydam ellas;
 Que com palávrinhas bellas
 Vos vendem gato por lebre.
 Esta tem là para si
 Qu'eu fou por ella finado,
 E cre que zomba de mi,
 E eu digolhe, que si,
 Sou por ella esperdiçado.
 Prezate de humas figuras,
 E eu não quero mais Frandes,
 Doulhe trela ás travessuras,
 Porque destas cossaduras
 Se fazem as chagas grandes.
 Qu'estas, que andam sempre á vela,
 Eitãs vos digo eu, que cossô,
 Porque de firmes na sella,
 Crem, que falsão a costella,
 E ficão pelo pescosso,
 Que quando estas damas tais
 Me cachão então recacho,
 Mas disto agora no mais,
 Querome ir daqui ao cais,
 Ver se algumas novas acho.

Vayse Feliseo, & vem Iupiter, & Mercurio, & diz!

Iupiter.

Iup. O grande, & alto destino,
 O potencia tam profana,
 Que a seta d'um minino
 Faça, que meu ser divino
 Se perca por causa humana!
 Que me aproveytam os ceos,
 Onde minha essencia móra,
 Com tanto poder, se agora,
 A quem me adora por Deos,
 Sirvo eu como a senhora?
 O que estranha a feyçãõ
 Quem em bayxã couza vay pôr,
 A vontade, & o coração,
 Sabe tam pouco d'amor,
 Quão pouco amor de razão,
 Mas que remedio ey de ter,
 Contra molher tam terribel,
 Que senão pôde vencer?

Merc. Alto senhor teu poder,
 O defecil faz possivel.

Iup. Tu nam ves qu'esta molher,
 Se preza de virtuosa?

Merc. Senhor, tudo pôde ser
 Que para quem muyto quer,
 Sempre a feyçãõ he manhosa,
 Seu marido está ausente
 Na guerra longe d'aqui,
 Tu, que es Jupiter potente,

Tomarás sua forma em ti,
 Que o farás muy facilmente.
 E eu me transformarey
 Na de Sotea criado teu,
 E ao arrayal me irey,
 Onde logo saberey
 Como se a batalha deu,
 E assi poderás entrar,
 Em lugar de feu marido,
 E para que sejas crido,
 Poderás tambem contar,
 Quanto eu là tiver sabido.

Iup. Quem arde em tamãho fogo
 Tiralhe a virtude a cor,
 De sotil, & sabedor,
 E quem fóra está do jogo
 Enxerga o lanço melhor,
 Mas tu, que dos sabedores
 Tanto avante sempre estás,
 Se Deos es dos mercadores,
 Seloãs dos amadores,
 Pois tal remedio me dás.
 Ponhase logo em effeyto,
 Que não sofre dilaçãõ,
 Quem o fogo tem no peyto,
 E tu vay logo direyto
 Aonde anda Anfitrião,

Vãose, & vem Feliseo, & Calisto, & diz Feliseo.

Fel. A do bueno por aqui,
 Tam longe do costumado.

Cal. Mais longe vou eu de mi,
 D'ir perto de meu cuydado.

Fel. No andar vos conheci,
 E vós onde vós lançais,

Cal. Com vossa contemplaçãõ,
 Com vossa contemplaçãõ.

Fel. Eu chego daqui ao cais
 A feber de Anfitrião,
 Nam sey se vou pôr demais.

Cal. Porque, por demais dizeis?
 Porque nada alli he certo.

Fel. Porque nada alli he certo,
 Cal. Novas là nam nas busqueis,
 Porque aqui as tendes mais perto.

Fel. Pois daymas já, le as sabeis,
 Cal. Hum navio he já chegado,
 A barra, que vem de là,
 Traz de Anfitrião recado,
 Diz, que o deyxã embarcado,
 Para se vir para cáã.
 Tem vencido aquellé Rey,
 E diz, segundo lhe ouvi,
 Que esta noyte será aqui.

Fel. Estas novas levarey
 A Almena, que torne em si,
 Porque ella tem mayor guerra,
 Cos temores de perdelo,
 Que elle co Rey dessa terra.

Cal. Onde amor lançar o selo,
 Nenhuma cousa o desterra.

Porque inda que o pensamento
Vos fique, señor, em calma,
Por morte, ou apartamento,
Sempre vos lá ficaõ nalma
As pègadas do tormento.

Fel. Isto he hum segredo mero
A que o amor nos obriga,

Por isso em calo tam fero,
Señor, nunca ninguém diga,
Já lho quis, & nam lho quero
Eu quiz bem a huma molher
Que vds conheceste bem,
E com muyto lhe querer,
Casoute.

Cal. O, & com quem,
Que inda o nam posso crer?

Fel. Com hum mercador, que veyo
Agora do Egypto rico.

Cal. Isto traz agoa no bico
Esse homeni he parvo, ou feyo.

Fel. Pos vedes? dislo me pico,
E em pago desta treyção
A fõra outro mil descontos,
Que tras consigo a afeycão,
Sempre os sinacs destes pontos
Trarey no meu coração.

Cal. Vistela mais?
Fel. Señor vi,

Na janelinha da grade,
Passey, & disselhe assi;
Casada tem piedade,
Porque não na aveis de mim?

Cal. Que vos disse?
Fel. Lá no centro

Lhe enxerguey pouca alegria,
E como quem lhe doya,
Metendote para dentro
disselhe já passo, lolia

Caliso. Ah má sem conhecimento,
Quem lhe desse mil chõfradas!

Fel. Señor, como são casadas
Casãose co esquecimento

Das cousas, que tão passadas
Cal. Lembranças de vosdeyxar

Picarvoshão como tojos.
Fel. Señor aveis de assentar,

Que onde amor vosquer matar,
Sempre alha miran ojos.
Hum motete lhe mandey
Hum dia estando com febre,
Só da payxão, que toiney.

Cal. Pois vejamos, quem tem lebre
Fel. Señor eu volo direy

Note.

Vós por outrem eu por vós,
Vós contente, & eu penado,
Vós casada, e eu casado
Polos tantos de minha dona.

Cal. Señor vós só o fizeste?

Fel. Si, ninguém me ajudou.

Cal. Se vós só o compufeste
Crede, que estremo distestes,

Nunca Orlando tal talou,
Señor, fizestelhe pé?

Fel. Señor, si todo hum anno
Vós zombais se não m'engano.

Cal. Não, mas douvos minha fé
Que nunca vi tam bom pano.

Fel. Ora olhe vossa merce.

Volta.

O lhay em quaõ fundos vaos
Por vossa causa me afogo,
Que outro me ganha o jogo,
E eu triste pago os paos,
Olhos travessos, & maos,
Inda eu veja o meuc uydado
Por esse vossio trocado.

Cal. No mais, que isso me degola,
Señor, eu aja perdaõ:

Fizestes esse rifão
Em algum jogo de bola,
E foylhe elle ter á mão?

Fel. Digovos que o vio; & lho leõ
Hum moçozinho de eteola.

Cal. Está isso offi do Ceo:
Sabe ella jogar abola

Fel. Não.
Cal. Pois não vos entendeo

Ora eu já cheguey a ler
Petrarca, & crede de mim

Que nunca tal cousa vi
Onde mora o bom saber,
Logo dá final de fityobater
Onde casada posestes,

Dizey porque não distestes,
Lá que yo vi por mi mal?

Fel. Renunciava, o metal,
Que em rifões zinhos como estes,

Hafede pór tal com tal.
Que a trova trigo tremes

Hade ser toda dum pano,
Que parece muyto Ingres

Num pelote Portugues
Todo hum quartõ castelhanao.

Ouvi outra tambem minha,
Que fiz a certa tenção.

Clara, leve bonitinha
de feycão, que esta trovinha,

He trovinha de feycão.
Como eu hum dia me visse

Morto, & amaõ na candeia,
E ella não me acodisse,

Fizlhe esta, porque sentisse
Que dava os fios á tea:

E o proposito he
Andar eu hum dia só

E para que ouvesse do
 De mim, & de minha fé
 Lamenteylhe como já
Cal. Andastes, senhor, muy bem
Fel. Ora senhor, atentay,
 E vede o sabio, que tem,
 Se he para a ver algum,
Cal. Ora dizey,
Fel. Eyla vay

Trova

Coração de carne crua,
 Velo teu amor aquy,
 Que esmorecido porti
 Jaz no meyo desta rua;
Cal. Na rua senhor jazia,
 E era em tempo de lama?
Fel. Señor quem fala a quem ama
 De si mesmo se não fia,
 Aveis de mentir à dama
Cal. Volta disso?
Fel. Singular,
 Se não que he muyto sentidã,
 Farvosha, senhor chorar.
Cal. O diga por sua vida
Fel. Farey, o que me mandarã

Kolia

Porque não ás d'elle magoa
 O dura mais que ninguem,
 Que anda o triste, que não tem,
 Quem lhe dé huma vez de agoa;
 Nam lhe negues teu querer
 Pois te não custa dinheyro,
 Que em fim por derradeyro
 A terra te hade comer.
Cal. Tal trova nunca se vio
 Agorentastela já?
Fel. Señor nam, ainda está
 Como a sua mãy pario
 E não está muyto ma.
Cal. He trova, que tempo seis
 Não na poslo mais gabar;
 Mas pois tal couza fazeis,
 Señor, nam me ensinareis
 Donde vêm tambem trovar?
Fel. Não he a cousa tão pequena
 Como, senhor, afizestes,
 Esta, que agora dissestes,
 Mas porem vou dar a Almena,
 Estas novas, que me destes
 Depois, senhor, nos veremos
 ficay já roendo este osso.
Cal. O roer, senhor, he vello
Fel. Pois eu por mais, ózobemos
 Ey de ser vosso, & revosso,
Cal. Oh escufay vos d'estremos
 Que isto, senhor, me atarraca,

Mas nós nos encontraremos,
 E sobre isto envidaremos
 Dous reales mais de saca.
 Vão se ambos, & vem Iupiter, & Mercurio transforma-
 dos, Iupiter na forma de Anfitrião, Mercurio na
 de Sosea escravo, & diz Iupiter.
Iup. Mercurio pois sou mudado
 Nesta forma natural,
 Olha, & nota com cuydado,
 Se está em mim o pintado
 A parente co real?
Mer. Quem tam proprio se transforma,
 Tenho por opiniaõ,
 Que na tal transformação
 Lhe prestou natura a forma,
 Com que fez Anfitrião.
Iup. Pois tu no gesto, & na cor
 Estás Sosea escravo seu
Merc. Munto mais farás, senhor.
Iup. Nam no faz tenão o amor,
 Que nisto póde mais que eu
Merc. Já, senhor, te fiz menção
 Como deo Anfitrião
 A el-Rey Terela a morte,
 Que na guerrra igual a forte
 Póde mais, que o coração
 E de pois de ter tomada
 Toda a Cidade com gloria
 D'Anfitrião bem ganhada,
 Como em final de victoria.
 Esta copa lhe foy dada.
 Porella bebia el-Rey
 Em quanto a vida queria,
 E eu porque te compria,
 A seu escravo a furto,
 Que numa caixa a trazia.
 Esta poderás levar
 A Almena, por lhe mostrar
 Verdadeyro, o que he fingido,
 E desta arte terás crido,
 Sem mais outro ardil buscar.
Iup. Pois tudo tens ordenado
 Por tam nova, & sotil arte,
 Como me vires entrado
 Irás dar este recado
 A Febo de minha parte.
 Que faça mais de vagar
 Seu curlo neste Emispherio,
 Que o que soe acostumar,
 Que esta noyte ey de ordenar
 Hum caso de alto mysterio,
 E à Espera mais alta
 Mandaras, que fixa esteja,
 Porque a noyte mayor seja
 Por que sempre o tempo falta
 Onde alegria he lobeja.
 E teras tamanho tento,
 Que como isto se ordenar

Venhas a qui vigiar,
 Porque meu contentamento,
 Ninguem mo possa estrovar
Merc. Seja feyto sem de bate
 Tudo como te convem.
Iup. Pois nam parece ninguem
 Como homem de casa bate,
 E muda a falla tambem.

Bate Mercurio à porta.

Merc. O de la casa, en buena hora
 Dar mean de cenar aqui?
Brom. Sosea parece, que ouvi,
 Alviçaras, minha señora,
 Que na fala o cónheci.

Entra Almena, & Bromia.

Al. Zombais Bromia, por ventura?
Brom. Señora, nam zombo, nam.
Alm. Vejo eu Anfitrião,
 Ou a vista me afigura,
 O que está no coração?
Iup. Olhes di ante dos quais
 Desejey mais este dia,
 Que nenhuma outra alegria
 Señora, nunca creais
 Que lhe minta afentefia.

Alm. Oh presença mais querida
 Que quantas formou amor,
 Isto he verdade, señor?
 A cabese aqui a vida,
 Por nam ver prazer mayor

Iup. Pois esta ora de vos ver
 Alcançar, señora, pude,
 Para mais contente ser,
 Conforme co este prazer
 Novas de vossa saúde.

Alm. Vida foy petada, & crua
 A saúde que eu tinhha
 Que em quanto, señor, a tinha,
 Temer perigo na sua
 me fez descuydar da minha.

Merc. Y pues mi señora Almena
 Pesia al demonio malvado,
 No dirá aun fu criado,
 Vengaes Sosea nora buena?

Alm. Se jais, Sosea, bem chegado.
Brom. Bem mal cri eu, que pudeffe
 Verte, Sosea, hoje aqui.

Merc. Pues tambien yo no crey,
 Que en mi vida te viesse,
 Segun las muertes, que vi

Alm. Muyto señor folgarey
 Com novas de vencimiento

Iup. De tudo quanto passley
 Por vos dar contentamento,
 Em suma vos contarey,
 Trago, señora, a victoria
 Da quelle Rey tão tímido,
 Com fama clara & notoria;

Porem mayor foy a gloria
 De me ver de vós vencido.
 Sem me terem resistencia,
 Os grandes me obedecerão
 Como El-Rey morto viveão,
 Em final de obediencia
 Esta copa me trouxerão
 El-Rey por ella bebia,
 Ella, & tudo o mais he nosso
 Por onde claro te via,
 Que tudo me obedecia,
 Puis tinha nome de vosso.

Merc. Si, mas luego de rondon
 Là Fortuna dió la buelta.

Alm. Cómo?

Merc. Fue gran perdicion:
 Porque en aquella rebuelta,
 Me hurtaron mi jubon
 Pero bien melo pagaron,
 Quando comigo riñeron
 Que aunque me despojaron,
 Si uno de teda llevaron
 Otro de açotes me dieron.

Alm. Sañor, nam posso goftar
 De gosto, que he tam immento,
 Senão muyto de vagar,
 Façame merce d'entrar,
 E contarmoa por estengo

Vãose & fica Mercurio.

Merc. Yo tambien te contaria,
 Bromia, se quedas atras,
 Que una noche, enojarteas?

Brom. Que?

Merc. Soñava, que te tinia;

Brom. Dize.

Merc. Par dies no dirè,
 Soñava.

Brom. Bem que sonhavas?

Merc. Que quando en la cama estavas
 Que yo en fin recordé.

Brom. Pois tudo isso receavas?

Merc. Sabe Dios, que yo acà sientio,
 Sola una alma vive en dos,
 La qual anda dentro en vós

Brom. E que quer ella cà dentro?

Merc. Tambien esso sabe Dros.

Vayse Bromia, & diz Mercurio.

Merc. Bem te poderá enganar
 Bromia, segundo ora estou
 Como Almena se enganou,
 Mas cumpreme ir ordenar,
 O que meu pay me mandou
 E porque seja guardada,
 Esta porta, & vigiada
 De toda a gente nacida,
 Me será coufa forçada,
 Ser tam depressa a tornada,
 Quão prestes faço a partida

Vayse Mercurio, & vem Sofea co' recado de Anfitrião

Sof. Anfitrião esforcado,
Bravo vâ por la batalla
Siete cabeças llevava
De las mejores, que hã hallado

Fal. Quien viene de tierra aena,
y de la muerte escapó,
La razon le permitio,
Que cante como sirena,
Como aora hago yo,
Y pues canto tan gentil,
Fuera llanto si muriera
Quiero cantar como quiera,
una, y outra, y más de mil,
Que digan desta manera.

Cant. Don golondron com Don golondrera,
Por el camino de otera
Rosas coge en la rosera
Don golondron con don golondrera.

Fal. Quando yo vengo a pensar
Que uno matarme quisiera,
No hago sino temblar
Porque creo si muriera,
No pudiera más cantar,
Porque estando a un rincón
De la cata, a do quedé,
Senti muy grande ronron
Y mirando que, miré
Vi que era un gran raton,
Empero yo nunca figo
Sino confejós muy sanos,
Que en estos casos livianos,
Quien detprecia el inimigo,
mil vezes muere a sus manos;
Pero mi señor alli
Mató al Rey de los gilpazos
Yo como muerto le vi
Iuro ami fé, que le di
Más de dós mil cuchilazos.
Y por melibrar de afan,
Me voy siempre a cosa hecha,
Provar mi mano derecha,
Que aquel es buen capitán,
Que del tiempo se aprovecha;
Que quien hade pelear,
Hade buscar tiempo, y ora,
Pero quiero caminar,
Que me muero por cantar
Todo aquesto ami señora.

Vem Mercurio, & diz:

Mil vezes comigo vejo.
Paraque meu pay se afoute,
Pois em tam pequeno enfejo
Lhe mandey talhar a noute,
A medida do defejo,
Epois que como possante,
A mi tado se reporta,

Chego agora neste instantê
A ritrovar, que este bargante
Me nam chegue a esta porta:

Sof. No te que miedo, ó lucura
Neste pecho se me cria,
Por Dios, que seme afigura
Que ha mucho, que es noche escura
Sin que venga el claro dia:
Mas sabed, que piento yo
Que el Sol, que no te acordó
De con el dia venir
Que a noche quando cenó
Algun buen vino bebió,
Que le haze tanto dormir.

Merc. Já sintes comprida a noute
Que eu assi mandey fazer
Pois mais te quero dizer,
Que sintiras muyto açoute,
Se cà quiferes vir, ter.
Porem pois este bargante
Tem medroso coração,
Querome fingir ladrão,
Ou fantasma, & pordiante
Nam irã, se vem á maó.
E com tudo te passar,
A fallã quero mudar,
Na sua de tal feyçãõ,
Que couces, & perfiar,
Lhe façãõ hoje assentar,
Que eu sou Sofea, elle nam.

Fala Castelbano.

No veo passar ninguno,
En quien yo me pueda hartar.

Sof. A quien oygo aqui hablar?
Mande Dios no sea alguno
Que me quiera aporrear.

Merc. La carne de algun humano
Me seria muy sabrosa.

Sof. Oh que boz tam temerosa!
Hombres comes, ó mi hermano,
No esmejor otra cosa?
Carne humana es muy mezquina
O no comas de esto no,
Antes carne de gallina;
Pero se más se avezina,
Que más gallina, que yó?

Merc. Una boz de hombre aora
Ala oreja me boló.

Sof. Peñate quien me parió
La boz traygo boladora?
Ella quisiera ser yo,
Pues mi boz pudo bolar,
Do la pudiefles oyr,
Por contigo no reñir,
Me divieras de prestar
Las alas para huir.

Merc. Que bulças cabe esta puertã,
Homhre? se queres ladrõn.

Sof. Ay que el alma tengo muerta

O Jupiter me convierta

Las tripas en coraçon.

Merc. Quiem eres? quieres hablar?

Sof. Soy quien mi voluntad quiere?

Merc. Pienças, que puedes burlar?

Sof. E tu puedes me quitar,

Que yo sea quien quisiere?

Mercurio.

Osas hablar tan ofado,

D^o un velhaco bovarron?

Di quien eres.

Sof. Hum criado

Del señor Anfitrión

Por nombre Sotea llamado.

Mercurio.

Pienso qu^e el seso perdiste;

Como te llamas mal hombre?

Sof. Sotea foy, sino me oyte.

Mercurio.

Como en preloña tan triste,

Osas dençuziar mi nombre?

Estos puños llevarás

Pues tener mi nombre quieres?

Quieresme dizer quien eres?

Sof. Oh señor nome des más,

Que yo feré, quien tu quisiere;

Merc. Con tan nueva falsidad

Andais por esta ciudad,

Delante de quien os mira?

Pues si sois Sosea, tomad.

Sof. Si me dás por laverdad,

Que me harás por la mentira?

Mercurio.

Y que verdad es la ruya?

Que te quiero dar castigo

Sof. Sino foy Sosea, que digo

Que Jupiter me destruya

Merc. Mirad el falso inimigo,

Tomad este bofeton,

Que yo foy Sosea y no vos;

Sof. Tu Sosea?

Merc. Sosea por Dios,

Escravo d^o Anfitrión

Sof. De modo que tiene dos?

Merc. No tendrá, aunque tu quieres

Que ami solo conoció.

Sof. Pues luego de quien foy yo?

Merc. Si tu no sabes, quien eres?

Quieres que yo lo sepa?

Sof. En fin as me de hazer creer

Que yo no soy, quien ter solia?

Merc. Quien solias tu de ser?

Sof. Tregoas me as de prometer

Dirte lo he sin porfia

Merc. Prometo.

Sof. No me darás?

Merc. No sino fuere razon;

Sof. Pues hermano, tu labrás

Que mi amó Anfitrión

Merc. Tu amó? púes llevarás:

Mi amo es, que tuyo nó.

Sof. Ay que un braço me quebró!

Merc. Mas que luego te mataste

Sof. Oxalá Dios ordenasse

Que tu aora fuesles yo:

Y yo que te desmembrasse:

Merc. Esta tu tema tan loca

Puños te la han de quitar,

Dime di verguença poca,

Que hablas?

Sof. Que puedo hablar.

Si me as quebrado la boca?

Merc. Diquien eres, sin fatiga.

Sof. Soy un hombre, em quien tudás;

Merc. Dime pues, que nombre as.

Sof. Como quieres tu, que diga,

Para que no me des más,

Mercurio.

No me as de hablar contrahecho

Sof. Toda mi vida passada

Sosea fuy, y con despecho

Aora foy que? no nada,

Que tus manos me an defecho;

Merc. Cuyo eres, pues las sientes,

Dexando consejos vanos:

La verdad, que si me mientes,

Dás con la lengua en los diantes,

Y yo doyte con las manos.

Sof. No conoces Anfitrión?

Merc. Hombre sin seso te llamo;

Tan suera estás de razon:

Pienças de mi, bovarron,

Que no conozco ami amo?

Sof. En su casa conociste

Uno que es Sotea, llamado;

Hombre despreciado y triste?

Merc. Desta fuerte lo dixiste

Yo foy triste y despiciado?

Pues sabe que te allegó

A la muerte tu Fortuna.

Sof. Pues luego si yo no foy yo

A unque nadie me mató,

Soy luego cola ninguna,

O dioses, que desconcierto

Yo por ventura foy muerto,

O muriome la razon?

Yo no foy de Anfitrión?

El no me mandó del puerto?

Yo no se que no estoy loco,

De mi madre no nací
 No ando, no hablo aquí
Merc. Pues flossiega a ora un poco
 Que yo tambien diré de mi;
 Yo no se que yo soy yo
 Yo no te di con mis manos
 Mi señor no me lleuó,
 A la guerra a do mató,
 A quel Rey de los Thebanos?
Sof. Yo estío muy bien lo se,
 Empero tu, que hazias
 Quando la batallá vias?
Merc. Escucha yo lo diré,
 Y cessaran tus porfias;
 Quando mi señor andava
 Peleando, y derramava
 La sangre de algun melquino,
 Con una bota de vino
 Yo el mio acrescentava.
Sof. Dize lo que yo hazia:
 Con todo saber quería
 Sola una cosa, si puedo,
 Tu pecho Aniton, que sentia
Merc. Del beber grándé alegría,
 Y del pelear gran miedo.
Sof. Y despues.
Merc. Muy repozado
 A dormir me eche de gordo
 Del del Sol hasta la Luna
Sof. Todo lo tiene contádo,
 En su tengo averiguado
 Que yo no soy cosa ninguna,
 Pues de todo en un instante,
 Me as echado de mi fuera,
 A contejame si quiera,
 Quien seré da qui adelante
 Pues no soy quien d'antes erado.
Merc. Quando yo no ter quisiere
 Esse, que tu ter desicás,
 Despues, que ya Sofea no fuere,
 Darte he, si te pluguiere,
 Licencia, que todo feas
 Y acogete luego amigo
 A buscar tu nombre digo
 Pues Dios vida te dexó,
 Que el Sofea queda conmigo.
Sof. Pues contigo quedo yo,
 Dios quede hermano contigo,
 Agora quiero yr allá,
 A do mi señora está,
 Contarte, como es venido
 Mi señor, mas ò perdido,
 Si otro yo tiene allá
 Todo lo tendrá sabido.
Merc. A hombre.
Sof. Mi voz sonò.
Merc. Aonde buelues aora
Sof. Por Dios no sé ondé vò,
 Porque si yo no soy yo
 Ni Almena es mi señora.

Merc. Adonde vás
Sof. Con mensaje
 Del señor Anfitrion,
 Para Almena.
Merc. A do salváje,
 Pues quebraste la omenaje,
 Ahi verás tu perdicion,
 Yo doyte consejos sanos,
 Y porfias otra vez?
Sof. Altos Dioses soberanos,
 Pues me no valen las manos
Poge A qui me valgan los piés
Merc. Desta arte enseñan aqui,
 Ahurtar el nombre ageno.

Vayse, & torna Sofea, & diz.

Sof. Ay Dios como me acogi
 O Jupiter alto, y bueno,
 Que cerca la muerte vi?
 Quierome yr a mi señor,
 Contarle quanto he pasado,
 Y el me dirá de grado,
 Si yo soy su servidor,
 En que cola me he tornado.

Vayse Sofea, & vem Jupiter, & Almena, & diz.
 Jupiter.

Jup. Toda a pessoa discreta
 Terá, señora, assentado,
 Que hum bem muyto desejado
 Se hade alcançar por dieta,
 Para ser sempre estimado.
 E quem alcançado tem
 Tamanho contentamento,
 Por conservalo convem,
 Que tome por mantimento
 A fome de tanto bem,
 E por isso ey de tomar
 Este tempo tam ditoso,
 Para a frota visitar
 E depois, quando tornar,
 Tornarey mais desejoso.
 Que pois taò bom cativeyro
 Me tem presta a liberdade,
 Eu lhe prometo em verdade,
 Que torne ainda primeyro,
 Que mo peça a saudade.
Alm. Ainda que se possa ir
 Mais afinha do que creyo
 Como ey de eu consintir,
 Que se aja de partir
 Na melma noyte, que veyo?
Jup. Forçada he minha tornada
 Mas muyto cedó virey
 Porque desque foy chegada
 A este porto a armada
 Ainda a nam visitrey
Al. Pois, señor, taò pouco estais

Com quem vistes inda agora,

Façale como mandais.

Inp. Vós me vereis cà senhora

Primeyro do que cuydais.

Vãose, & vem Anfitrião, & Sosea, & diz Anfitrião.

Anf. Em fim tu, que estás aqui,

Ettavas já lá primeyro

Sof. Señor, crea que es anfi

Anf. Eu nunca entendi de ti

Que eras tambem chocarreyro.

Sof. Señor yo que estoy presente,

No soy Sosea su criado?

Anf. Creo que nam certamente,

Porque Sosea era avisado,

E tu es muy diferente.

Sof. Pues señor en mi se ve,

Que no soy quien d'antes era

Buelvome

Anf. Y para que?

Sof. Verse a dicha me quedé

Durmiendo por la galera

Anf. Pois me queres fazer crer

Huma doudice tam raza,

Mais quero de ti saber,

Como nam entraste em casa

DeAlmena minha molher?

Sof. Aunque Sosea quisieste

Lá verdad no negará;

Aquel yo que allá está

No quilo, que a casa fuesse

Estotro yo, que iba allá;

Y con furia tan crecida

A mi se vino aquel hombre,

Que yo me puse en huyda,

Y ansi le dexé mi nombre,

Por me dexar el la vida.

Anf. Quem seria tam ousado,

Que tanto mal te fizesse?

Sof. Yo mismo Sosea llamado

Que a casa era ya llegado,

Antes que de acá partiesse.

Anf. Tu chegaste antes de ti?

Este he gentil desbarate.

Sof. Pues más le digo de aquí

Que vengo huyendo de mi

Porquo yo mismo no me mate

Anf. Erão dous, ou era hum só,

Quem te fez assi fogir?

Sof. Pesete quien me parió;

Digo, que era un solo yo,

Mil vezes lo he de dezir?

Puede ser, que naceria

Daquel hombre otro alguno,

Como aquel de mi nacia,

Porque aunque fuesse el uno,

Por más de quatro tenia.

El tenia mi aparenia

Empero yo nunca vi

III. Part.

Tal fuerça ni tal potencia

Esta sola diferencia

Le tengo hallado de mi.

Anf. Pudeste delle saber

Cujo era?

Sof. Quien aquel yo?

Tuyo señor dixo ser.

Anf. Nunca eu tive mais, que hum só

E esse nam quitera ter.

Sof. Pues señor si el bien doblado

Te lo muesa agora Dios,

Deve ser de ti alabado,

Pues de un solo criado

Te ha hecho agora dos

Anf. Antes para que conheças,

Que cousa he mao servidor,

Me pesará le assi for

Que de tam ruins cabeças

Quantas mais tanto pior.

E já que são tam incertos

Teus ditos para se crer,

Muyto melhor deve ser,

Que deyxes teus desconcertos,

E vá ver minha molher.

Vãose, & entra Almena, & diz.

Alm. Que fado que nacimiento

De gente humana nacida,

Que d'escatio, & avarento

Nunca consentio na vida

Perfeyto contentamento,

Anfitrião, q ue mostrou

hum prazer tam de sejado,

A quem tanto o defejou

Na noyte, que foy chegado,

Nesta mesma se tornou?

De se tornar tam asinha

Sinto tanto entristecer

O tentido, & alma minha,

Que certo, que me adivinha

Algum novo desprazer

Mas parece este que vem,

Se nam estou enganada:

Se elle he, venha com bem

Pois que com sua tornada

Tão tras tornada me tem

Entra Anfitrião, & Sosea, & diz Anfitrião

Anf. Com que palavras, senhora

Podereis engrandecer.

Tam soblimado prazer

Como he ver chegada a hora

Em que vos pudeste ver.

Certo grao contentamento

Tive de meu vencimento,

Mas máyor o ey de mim

De me ver posto no fim

De tam longo apartamento.

Alm. Já eu disse o que sentia
De vinda tam desejada
Mas digame todavia,
Como nam toy ver á armada,
Que me disse oje este dia?

Anf. Della venho eu inda agora
Desejolo de vosver
Muyto mais, que de vencer
Mas que me dezeis tenora,
Que oje me ouvistes dizer?

Alm. Senam estava remota
Certamente, que lhe ouvi,
Quando oje partio daqui,
Que tornava a ver a frota,
Porque era forçado alli.

Anf. Socea.

Sof. Señor, a qui estoy yo

Anf. Tu ouvés tal detconcerto?

Sof. Grandes orejas ganó,
Pues estando en caía oyo,
Quien estava allà nel puerto.

Anf. Quando dizeis, que me ouvistes?

Alm. Oje quando vos partistes,

Anf. Donde?

Alm. Da qui de mever.

Anf. Nunca vi grande prazer,
Que nam tenha os cabos tristes.
Quantos males d'improvisó,
Que caulaó grandes mudanças,
Que molher de taño a viso,
Agora minhas lembranças
A tem sôra de juizo

Alm. Quereisme fazer cuydar,
Que poderia sonhar,
O que pellos olhos vi
Nunca vos eu mereci
Quererdisme experimentar.

Anf. Posto que he para palmar
Ver hum caso tam estranho,
Todavia ey de atentar
Se poderey concertar
Hum desconcerto tamanho
Quando dizeis que vim cá?

Alm. Esta noyte, que passou

An. Day me alguem, que a qui seachou
Que me visse.

Alm. Este, que ahi está
Sofea, que com vosco andou.

Anf. Sofea podeste lembrar,
Que ontem me viste aqui?

Sof. Nunca yo supe de mi,
Que me pudieste acordar
Daquelle, que nunca vi

Alm. Ora eu creo, & he assi
Que ambos vindes conjurados,
Para zombardes de mim
Mas eu darey hoje aqui,
Sinais que seirão provados.

Alm. Que sinais póde ahi aver
De mentira tam notoria,

Que nem foy, nem póde ser?

Alm. Donde vim eu a saber
Novas de vossa victoria?

Anf. Que novas?

Alm. Dirvolasey,
Assi como nas contastes,
Que na batalha matastes
Aquelle soberbo Rey,
E tudo desbarastés.
Nam fazendo resistencia
N'uma batalha tam crua,
Dandovos obediencia
Vos derão huma copa sua
Lavrada por excelencia.

Anf. Sofea he culpado, só
Nestes acontecimentos.

Sof. Son encantamientos
Porque aquel hombre, que es yo
Le contaria estos cuentos.

Anf. Quem he esse, que vos deu
Tais novas saber queria.

Alm. Quem mo pergunta?

Anf. Quem? eu.
Quereisme fazer sandeu?

Alm. Mas vós me fazeis sandia?

Anf. Ora quero perguntar,
Que fiz sendo aqui chegado?

Alm. Pusemonos acear,

Anf. E depois de ter ceado?

Alm. Fomonos ambos deytar.

Anf. Nuuca queyra Deos, que possa
Acharse na minha honra
Nenhuma falta, nem moísta,
Seja isto doudice vossa,
Antes que minha deshonra.

Sof. Bienlo supe yo entender,
Que era esto encantaciones,
Ya ora me aurá de creer,
Que dos Sofeas puede aver,
Pues ay dos Anfitriones.

Alm. Com me queredes tentar
Tam trovada me fizestes,
Que me nam póde lembrar
Que vos mandasse mostrar
A copa, que me ontem déstes.

Anf. Eu copa? se isso ahi ha
Que estou doudo cuydarey.

Sof. Señor, bien guardada está

Alm. Bromea.

Brom. Señora,

Alm. Day cá
A copa, que ontem vos dey?

Sof. Pues yo pari otro yo,
Y vos otro Anfitrion,
No es mucha admiracion,
Si la copa otra parió,
Nia un fuera de razon.

Entra Bromia com a copa, & diz.

Eis aqui a copa vem, si como cupa, ou
Tettemunho da verdade.

Anf. O estranha novidade!

Alm. Podermeá dezir alguém
Que o que digo he falsidade?

Anf. Sotea, quando ontem cá vinhas;

Podermeas negar, ladraão

Que lhe deste as novas minhas,

E mais a copa, que tinhas

Guardada na tua mão?

Sof. Señor, que no pude no,

Ver a mi señora Almena,

Si aquel eslo acá ordenó

No lleve este yo la pena

Del mal, que hizo el otro yo!

Anf. O ra eu não sey entender

Tal cato, nem lhe acho fundo,

Com tudo venho a dizer,

Que ha tantas coufas no mundo

Que tudo se pôde crer,

Se vos trouxer, quem vos diga,

Como esta noy te dormi;

Na nao crereis, que he assi?

Alm. Nenhuma couta me obriga

A que não crea, o que vi,

Anf. Se o patrião aqui vier,

Que he homem de autoridade,

Crereis, o que vos disser?

Alm. Sim, que ninguem pôde aver

Que me negue esta verdade;

Anf. Eu estou em conculção

D'oje defembaraçar

Tam enleada questaõ,

Anão me quero tornar

A trazer cá Belferraõ.

Sosea, até minha tornada

Fica nesta casa em vela,

Que eu armarey tal filada,

A quem ma mim tem armada,

Que venha hoje a cair nella.

Vayse, & diz Almena.

Alm. Oh mulher triste, & suspena

Da mais alta confusão,

Que nunca vio coração

Em que mereces a offensa,

Que te faz Anfitrião?

Sempre de mim foy amado,

Tanto quanto em mi se fente;

Co coração tam liado,

Que te de mim era ausente,

Nelle o via figurado,

E pois molher que comprisse

Milhor que eu fidelidade,

Nam na vi, nem quem me viffe,

Que dos limites sabisse.

Hum pouco da honestidade
Pois porque he tam maltratada
Innocencia tam singela
Que a pena mais apertada
He a culpa levantada
Ao coração livre della?
Mas já que minha alma está
Sem culpa, do que padeco,
Sejá o que for, que eu conheço,
Que a verdade me porá
No que eu pola ter mereço.

Bromia.

Brom. Señora!

Alm. Hi mandar

A Feliceo, que vá

Meu primo Aurelio chamar,

Que lhe quero perguntar,

Que conselho ma dará

E pois que Anfitrião

Vay bulcar lamente, quem

Lhe ajude a tua tenção,

Quero eu ter aqui tambem;

Quem me de fenda a razaõ.

Vayse Bromia, & vem Iupiter, & diz lu

Iup. Grão desconcerto tem feyto

Anfitrião com Almena,

Qualquer dellés tem direyto,

Eu sou o que venço o preyto,

E ambos pagão a pena,

Querome ir lá desfazer

Tam trabalhola demanda,

Por nos tornarmos a ver,

Porque em fim, quem muyto quer,

Com qualquer desculpa abranda,

E pois que a afeção

Hade mudar tam asinha,

Quero ir alcançar perdaõ

Da culpa, que sendo minha,

Parece de Anfitrião.

Alm. Parece que torna cá

Anfitrião, que já se hia;

Nam sey a que tornará,

Senam selhe peza já

Dos enganos, que tecia.

Iup. Señora nam aja error

Que tantos males me faça,

Porque te o contrariq for,

Pequeno será o amor,

Que manencoria desfaça,

E pois com tanta alegria

De tantos perigos vim,

Pesarme a achar no fim,

Que huma leve zombaria

Vos possa agravar de mim.

Alm. Com palavras de deshonra

Nam se hade tratar quem ama,
 Nem zombaria se chamagat;
 Por exprimentar a honra
 Pór em tal perigo a fama,
 Bem-tive eu para mim
 Que era aquillo experiencia
Sup. Errey, no que cometi,
 Bem me basta a penitencia,
 De quanto me arrependi
 E se fiz algum error.
 Com que vosso amor se mude,
 De quem volotem mayor,
 Nam exprementey virtude,
 Mas exprementey amor.
 Que se com calo tam vario
 Folguey de vos agastar,
 Foy amor acrelcentar
 Por que ás vezes hum contrario
 Faz feu contrario avilar,
 Da qui vem, que a leve magoa
 Firmeza, & afeçoes augmenta,
 Como bem se vê na fragoa,
 Onde o fogo se acrelcenta,
 Borrifandoo com pouca ogoa,
 Se hum mal grande se levanta
 Num coração, que maltrata,
 A afeção desbarata
 Porque onde a agoa he tanta
 O fogo d' amor se mata.
 E pois tive tal tenção
 Perdoay, senhora, a culpa
 Deste vosso coração.
Alm. Nam se alcança assi perdão
 D' erro, que nam tem desculpa.
Sup. Ora pois assi tratais,
 Quem em tanto risco pos
 O amor, que vds negais,
 Eu m' autentarey de vds,
 Onde mais me nam vejais.
 Que pois desculpa nam tem
 Coração que tanto quer,
 Voume, que não terá bem
 Que quem vós nam podeis ver,
 Que possa mais ver ninguem.
 Se alguma ora meu cuydado
 Vos der dor, em que pequena,
 Peçovos pois fuy culpado,
 Que vos nam pese da pena,
 De quem vos foy tam pesado.
 E de pois, que a desventura
 Puser neste coração
 Debayxo da se pultura,
 As letras na pedra dura
 Vossa dureza dirão,
 Isto vos ey dizer,
 Que me ensinou minha dor,
 Se quiserdes leda ser
 Nunca expirementeis amor,
 Em quem volo nam tiver,
 Deyxayme ir nam me ten

Alm. Anfitrião nam choreis,
 Anfitrião.
Sup. Que quereis,
 Ou para que nomeais
 homem, que ver nam podeis?
Alm. Anfitrião se eu caufey
 Commanencoria pequena
 Coufa, com que omagoey,
 Eu quero cair na pena
 Desta culpa que lhe dey.
Sup. Sempre terey magoado,
 Se vossa má condição
 Me nam perdoa o passado
Alm. Perdooy, & peço perdão
 De the não ter perdoado:
Sof. Noleperdone, señora,
 Hasta que condevocion
 Tambien me piça perdon,
 Que bien le meacuerda a ora
 Que me ha llamado ladrón.
Sup. Sofca.
Sof. Señor.
Sup. Vay bulcar
 O Piloto Belferrão
 Dirilhas se desembarcar,
 Que me parece razão,
 Que venha hoje cá ceat
Sof. Si señor, voy a la ora
Sup. De nenhuma calidade
 Cures de fazer demora;
 E nós vamonos, senhora,
 Confirmar nossa amizade.

Vãose, & vem Mercurio, & diz.

Grandes revoltas vão lá,
 Grandes acontecimentos,
 Cumpreme, que esteja cá
 Em quanto meu pay está
 Em seus desenfadamentos;
 Porque vio Anfitrião
 Vir da nao muy apressado,
 E tendo corrido, & andado
 Nam pode achar Belferrão
 Que lhe era bem escufado
 Parece-me, que virá
 Ver se lhe abre a qui alguem;
 Mas porem se chega cá,
 já pode ser que se vá
 Mais confulo, do que vem.

Entra Anfitrião, & diz.

Ans. Quisnos nossa natureza
 Com tal condição fazer
 Que já temós por certeza
 Nam aver grande prazer,
 Sem mestura de tristeza.
 Este decreto espantoso,
 Que instituyo nossa sorte,

He tal, & tam riguroso
 Que ninguem antes da morte
 Se pôde chamar ditoso,
 Com esta justa balança.
 O fado grande, & profundo
 Nos refrea a esperança,
 Porque ninguem neste mundo
 Busque bemaventurança.
 Eu que cuydey de viver
 Sempre contente de mi
 Com tamanho Rey vencer
 Venho achar minha mulher,
 De todo fóra de si,
 Mas doutra parte, que digo,
 Que se verdade, o que vi,
 E o que ella diz he assi,
 Virey a cuydar comigo,
 Que eu lou a fóra de mi
 Quero ver se acho já
 Fóra de tam secos nós
 Ou de casa

Merc. O de alla
 Quien fois?

Anf. Abre.

Merc. Santo Dios
 Pues no os conocen a cá?

Anf. O que gentil desvario,
 Abrime ora se quiserdes!

Merc. No harè, que en mi confio,
 Que da fuera dormiredes,
 Que no comigo amor mio.
 Que cancion para oyr.

Anf. A Sosea zombas de mi?
 Ora querome fingir.
 Que inda o nam conheci,
 Por ver seme quer abrir;
 A seño, nam abrireis?

Merc. Que quereis hombre por Dios?

Anf. Duas palavras de vós.

Merc. Tengo dicho más de seis,
 E aora me pedis dos?
 De fuera podeis dormir,
 Que entrar no podeis acá.

Anf. Ora acabay abri là.

Merc. Digo, que no quiero abrir;
 Dixe dos palabras ya.

Anf. Ora sus bargante abri

Merc. Si note buelves de aqui,
 A gran peligro te otreces.

Anf. Velhaco, nam me conheces,
 Ou estás fóra deti?

Merc. Bonico venis amor
 Quien fois, que hablais tanolado?

Anf. Abre que lou teu seño.

Merc. Buelvate deslotro lado,
 Y conocerlee mejor.

Anf. Sosea moço,

Merc. Assi me llamo
 Huelgome que lo sepais,
 Empero digo, que os vays,

Que Anfitrión es mi amo,
 Vós hi bulcar, quien seays.
Anf. Pois quero saber de ti
 Eu quem lou.

Merc. Y quiten fois vós?
 Como os llaman?

Anf. Abri.

Merc. A vós os llaman abri?
 Pues abri, andad con Dios.

Anf. Quem ha, que possa tofrer
 Em lua honra tal destróço,
 Que para me endouecer
 Me tem nagado a mulher,
 E agora me nega omoço?

Merc. Mira el encantador
 Como se lastima y llora
 Y fuesse tomar aora

La forma de mi seño,
 Para enganar mi seño,
 Pues elperá y no os vays,
 Per un espacio pequeno

Verna, quien repreñtais,
 Y el os hará, qua bolvais
 El fallo gesto aludueño.

Anf. Vay velhaco, & chama cá
 Esse fallo feyticeyro,
 Que se elle dentro está
 Esta espada júlgará
 Qual de nós he o verdadoyro?

Vayse Mercurio, & vem sosea, & Belferrão, & diz Belferrão.

Belf. Ora ninguem presumira,
 Que tinhas tam ponco sítio,
 Pois vas achar d'emproyito
 Tambem forjada mentira,
 Que me faz cair de rito,
 Hum moço, que alevantou
 Tal graça nunca naceo,
 Porque vos jura, que achou,
 Que ou elle em dous se perdeo,
 Ou de hum dous tornou.

Sof. Patron, que no burlo no;
 En uno son dos unidos,
 Y en dos cieipós repartido,
 Yo soy el, y eles yo
 De un padre, y madre nacidos?

Bel. E se tu que la estás
 Tam velhaco he como ti.

Sof. Mas aun pienlo, que es más,
 Por delante, y por detras
 Todo se parece ami.

Y fue grán merced de Dios
 Aiuntar a mi más uno
 Que peor fuera de nós,
 Si Dios me hiziera ninguno,
 Que node uno hazer dos.

Bel. Assi que se te perdeste
 Vieste a cobrar mais hum,

Muy gentil conta fizeste,
 Pois que perdido soubestes
 Que eras dous, tendo nenhum;
Sof. Pues tensis por abusio
 Verdad tan clara, y tan rãsa
 Aunque pone admiracion,
 Quiera Dios, que allã en casa
 No halleis otro patron?
Ans. O patrão, que fuy buscar
 Parece que vejo yrir
 Nam sey quem o foy chamar;
 Mas que me áde aproveytar
 Nam me quererem abrir

A Belferrão.

Belf. A seño
 Já sinto, que fuy culpado,
 Porque quem he convidado;
 Se tam vagarozo for
 Merece nam ser chamado.

Ans. A vds, que vos convidou?

Belf. Solea, pormandado seu.

Ans. Dissõ Patrão nam sey eu,
 Que Solea já me negou,
 E já senam dá porme.
 E se algum vos foy dizer,
 Que eu vos chamo a minha mesa,
 Mal vos darã de comer,
 Quem de toda lhe he defesa
 A casa, & mais a molher.

Belf. Quem he este taõ outado,
 Que vos isto fez seño?

Ans. Solea creyo, que enganado,
 Por algum encantador,
 Que a honra me tem roubado;

Belferrão.

Se elle aqui comigo vem,
 Isto como pode ser?

Ans. Ha, que ira que vou ter
 Tam cega a vista me tem
 Que mo nam deyxava ver,
 Porque razão, cavaleyro,
 Não me abris quando vos mando?
 Vós fazeisvos chocarreyro?

Sof. Yo seño, y como, y quando?

Ans. Quereislo saber primeyro,
 Esperay dirvoloha,
 Mas terã por outro som.

Sof. Ah seño Anfitriõ,
 Porque matandome estã,
 Sin delito y sin razõ?

Ans. A gora, que vos eu dou:
 Me chamais Anfirião,
 E para me abrires nam?

Belf. Este moço, em que pecou
 Porque pena tem razão
 No mais por amor demi,

Ans. Não, que não tou teu seño
 Eu tou hum encantador,
 Nam no dizeis vós affi,
 Ladraõ, perro, enganador?

Sof. Porque fuy prestõ a llamar,
 Por su mandado al Patron,
 Me quiere aora matar?

Ans. Quem volo mandou bulcar,

Sof. Sino ay otro Anfitriõ,
 Vuestra merce sin dudar.

Ans. Eu te mandey?

Sof. Si seño,
 Si otro no.

Ans. Otro à qui,
 Por quem tu zombas de mi?

Pois só dese encantador
 Me quero vingar de ti.

Sof. Oh lupiter a quien bramo
 Por su bondad que me vala,
 Pues porque Solea mellamo,
 Yo mismo, y despues miamo
 Me dieron venida mala:

Entra lupiter, & diz

Lup. Quem he o tam atervido,
 Que a qui oufa de fazer

Tam revoltoso arroydo,
 Com meus moços sem temer,

Que fuy sempre tam temido?
 Quem aqui faz uniaõ

Toma muy grande despejo;
Bel. Oh que grande admiracão!

Vejo eu outro Anfirião,
 Ou he sonho isto, que vejo?

Sof. No mirais la encantacion,
 Que aquel hizo a mi seño?

El que tale, Belferron,
 Es el cierto Anfitriõ,

Que estotro es encantador;
Lup. Solea.

Sof. Mi seño ya vò.

Imp. Patrão só por vós espero!

Sof. No os lo dizia yo,
 Que este era el verdadeyro,
 Y este que allã queda no?

Anfirião.

Bargante adonde te vãs?
 Fazes teu seño sandeo?

Pois espera, & levarás.
Lup. Oulã tornay por detrás?

Nam deis no moço, que he meu?

Ans. Volio?

Lup. Meu.

Ans. Pode isto aver,
 Que outrem minhas coufas tome?
 Vós galante aveis de ser,
 O que me tomeis o nome,

Casa moços, & mulher
 Eu vos farey conhecer,
 Com quem tendes esse trato.
Iup. Soze.
Sof. Señor.
Iup. Vay dizer,
 Que aparelhem de comer,
 Em quanto este doudo matao.
Belf. Oh señor, nam seja assim,
 Haja em vds concerto algum,
 E tenam, pois aqui vim,
 Farey que lô tome em mim
 Os golpes de cada hum.

Iup. Patrão vossa boa estrela
 Me fara deyxar com vida,
 Quem me nam merece tella.

Anf. Não na tenho eu merecida
 Pois que vos deyxo com ella.

Belf. O homem que for sofudo
 N'uma tam grande questáo,
 Hade tomar por escudo
 A justiça, & arazáo,
 Que estas armas vencem tudo;
 E pois esta natureza
 Muytos komens faz iguais
 Dé qualquer de vós finais
 De quem he para certeza
 Da forma, que ambos mostrais;

Iup. Sou contente de mostrar
 Pelos finais, que vos dou
 Que são estes tem falçar

Anf. Que finais podeis vós dar,
 Para que seiais quem sou?

Iup. estes, que logo vereis
 Se são váos, le de rais:
 Patrão vós lede juiz,
 Que vós logo enxergareis
 Qual mais verdade vos diz.

Belf. Eu nam sinto onde consista
 A cura desta doença,
 Que ha tam pouca differença,
 Que aquelle em que ponho avista
 Por esse dou a sentença.
 Mas señor vós, que ordenastes,
 Que o juiz disto fosse eu,
 Quando se abatalha deu
 Dizey que me encomendastes,
 Que ficasse a cargo meu.

Iup. Deyvos cargo que estiveis
 Toda armada a bom recado,
 E te mal vos succedeste,
 Que para os vivos ouvesse
 O refugio aparelhado.

Belf. Ora vós quantos dobrões
 Este dia m'entregastes?

Anf. Tres mil, & vós os contastes,
Belferrão.

Ambos lois Anfitriões
 Pelos finais, que mostrastes;

Iup. Para ser mais conhecida
 A tenção deste sandeu,
 Vede estoutro final meu,
 Que neste brago a ferida,
 Que me el-Rey Terela deu

Belf. Mostray vós seónr. tambem
Anf. Aqui o podeis olhar.

Belf. Oh coula para espantar!
 Que ambos a ferida tem
 Dum tamanho, em hum lugar!

Vem Soze.

Sof. Dize mi seónra Almena,
 Que no seha de assi d'estar,
 Con un bovo a razonar,
 Que se le enfria la cena.

Iup. Belfarrão vamos cear.
Anf. Belferrão não me deyxeis
 Como tambem me negais?

Iup. Anday nam vos detenhais,
 Vamos comer se quereis,
 Nam ouçais hum doudo mais;

Anf. Ah maos assi me ordenais
 O ffensa tam mal olhada,
 Eu farey se me esperays
 Com que todos conheçais
 Os fios da minha espada;

Iup. As portas preites fechemos,
 Nam entre este doudo cá,

Sof. De fuera se dormirá
 Entretanto, que cenemos,
 Puede passear te allá.

Vão se dentro, & fican Anfitrião só, & diz.

Anf. Oh ira para se não crer
 Em que minh'alma se abraça,
 Que me faz endoudecer,
 E nam me ajuda a romper
 As paredes desta casa,
 E porque? nam tenho eu
 Forças que tudo destrua,
 Pois que tanto a salvo ten,
 Outrem acho que possuua
 A melhor parte do meu?
 Eu irey ôje bulcar,
 Quem me ajude a vir queymar
 Toda esta casa sem pena,
 Donde veja ardet Almena
 Com quem a vejo enganar.

Sae Anfitriam por huma porta, & entra por outra, vem Aurelio, & hum seu moço, & diz.

Aur. No hallo a mis males culpa
 Para que merezca pena
 La causa que me condena.

Moç. Esta está gentil desculpa,
 Para oje dar a Almena

Temno mandado chamar,
E elle está tam descuydado,

Aurelio.

Moço, queres me matar?

Que desculpa posso dar

Melhor que este meu cuydado?

Mog. E não ha mais, que fazer,

Com isso a boca me tapa

Para mais nada dizer?

Aur. Ora dame cá essa capa,

E vamos ver, o que quer.

Nam trates de mais razão,

Pois nam ha quem te resiste,

Que veyo outra noção.

Mog. Que he?

Aur. Ou memento a vista

Ou eu vejo Anfitriam,

Mogo. Eu ouvi a Felileo,

Quando cá trouxe o recado,

Como elle era chegado,

E quis me dizer, que veyo

Dofito delconcertado.

Aur. Isto quero eu ri saber,

Pois que tal cousa se foa,

Señor podese dizer

Que a vinda seja muy boa.

Anf. Etia nam póde ella ser,

Aur. Porque nam?

Anf. Porque he roubada

Minha honra sem temor,

E minha caia tomada,

E vossa prima enganada

Por hum grande encantador.

Aur. Isso he certo?

Anf. E manifesto,

E tudo tem já por seu

Adultero, & deshonesto,

Tem me tomado o meu gesto,

E fazhe crer, que são eu

Aur. Contais hum caso de espanto,

E pois nam podes entrar,

Defendeyme por em tanto,

Que ey de là de chegar

Para ver, quem póde tanto.

Vayse Aurelio dentro, & diz Anfitrião.

Anf. Se ver deshonra tão clara

Me nam tivera o sentido,

Totalmente endoudecido,

Que gravemente chorara.

Ver tam grande amor perdido?

E quando vejo a verdade

Donosso amor, & amizade

Desfeyto com tanta magoa,

Enchemse me os olhos de agoa,

E a alma de saudade,

A ffit que quis minha estrella

Para nunca ser contente,

Que agora estando presente

Viva mais saudoso della,

Que quando della era ausente,

Esta porta vejo abrir

Com impeto de masiado,

Que podereis presumir?

Que vejo Aurelio tair,

Como homem delatinado.

Vem Aurelio, & Belferrão, & Sofsea, & diz Aurelio.

Aur. Oh estranha novidade,

O causa para nam crer,

Belf. venho cego de verdade,

Que não podêrão lotrer

Meus olhos a claridade

Sof. Oh triste que vengo ciego

Con rayos, y con visiones,

Y destas encantaciones

Si nuestra casa arde en fuego,

Han se de arder mis colchones.

Aurelio.

Vamos a Anfitrião

Contarlhe coulas tamanhas.

Anf. Que vay là que coulas vão?

Aur. Maravilhas tam estranhas

Que me treme o coração,

Porque aquelle homem, que assa

Tantos enganos teceo,

Como era coufa do Ceo

Tanto que eu apareci

Logo desapareceo.

E em desaparecendo

Com ruydo grande, & horrendo

Toda a casa alumiou,

E de arte nos inflamou,

Que nos viemos acolhendo,

Do rayo que nos cegou,

estesa contecimentos

Nam sam de humana pessoa,

Vos ouvis a voz que foa

Escutay, estay atento

Vejamos, o que pregou.

Voz de Iupiter de dentro.

Anfitrião, que em teus dias

Ves tamanhas estranhezas,

Nam te espantem fantasias.

Que ás vezes grandes tristezas

Parem grandes alegrias.

Iupiter são manifesto

Nas obras de admiração,

Que por mi cauladas são

Quisme vestir em teu gesto,

Por honrar tua geração.

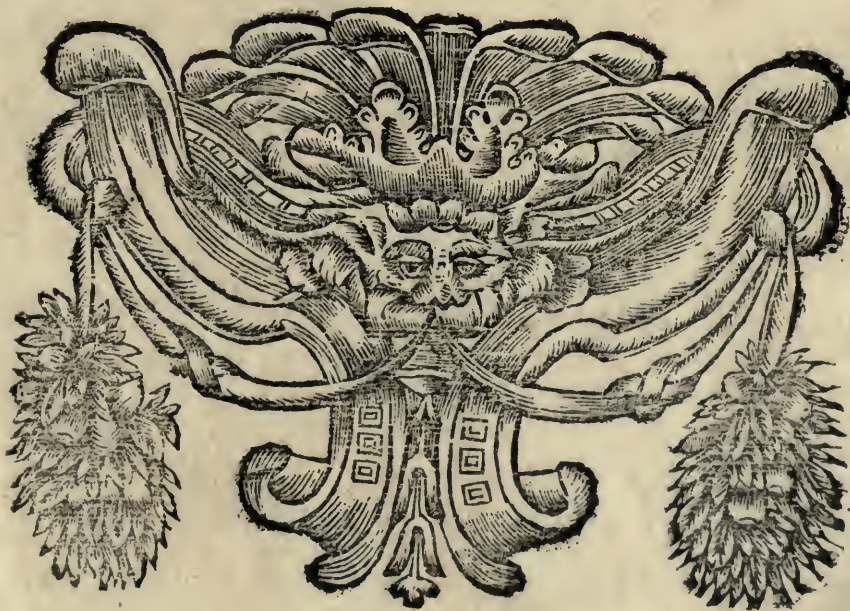
Tua molher parirá
 Hum filho de mim gerado,
 Que Hercules se chamará,
 O mais valente, & esforçado,
 Que no mundo se achará
 Com este teus successores
 Se honrarão de serem teus,
 E darlheão os ecriptores

Por doze trabalhos seus,
 Doze milhões de louvores.
 E desta illustre fadiga
 Colherás muy rico fruyto,
 Em fim a razão me obriga,
 Que tam pouca della diga,
 Porque o tempo dirá muyto,

PROTESTACAM DA FE:

A *Aquella sancta barca, que se emprega
 Segura no alto mar com bom governo,
 Que ao pobre pescador firme se entrega,
 Por mão do universal Senhor Eterno:
 Que pois vê claro o porto, a que navega,
 Sempre ondas vencerà do escuro Inferno,
 A Catholica Mãe Romana Igreja,
 Quanto digo, & disser, sugeyto seja.*

LAVS DEO!



E. C.

OBR.

VOL.

==

